

# FIRE RELATION

TRILOGIA FIRE DOIS

EDUARDA BRITS

# FIRE RELATION

DOIS


CAUTION
nutella


CAUTION
CAUTION
CAUTION
CAUTION
CAUTION
CAUTION
CAUTION
CAUTION

**COPYRIGHT © 2023 EDUARDA BRITS**

*Todos os direitos desta edição reservados para a autora.*

**REVISÃO DE TEXTO**
Andréia Idalgo Cardia

**LEITURA CRÍTICA**
Ruth Feola

**CAPA**
Senara Sousa

**DIAGRAMAÇÃO**
Genevieve @gbdesigneditorial

**ILUSTRAÇÃO TREMIA HALLOWEEN | TREMIA ESTÁDIO | SCOTTER HALLOWEEN**
Gabriela Gois
@olhosdtinta

**ILUSTRAÇÕES CAPÍTULOS**
@misolace_

**BETAGEM**
Carol Moreira
Juliana Otelo

**LEITURA SENSÍVEL**
Laura Cavalcante

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

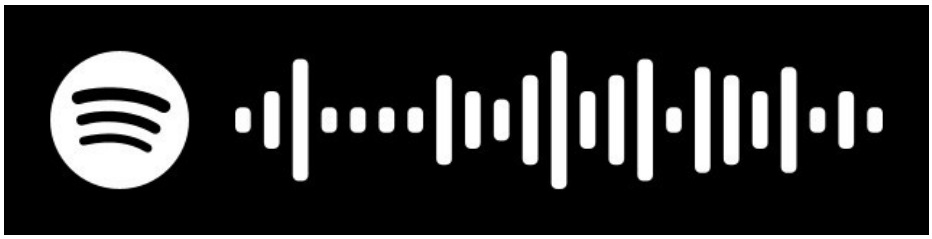
# SUMÁRIO

SUMÁRIO
PLAYLIST
DEDICATÓRIA
EPÍGRAFE
SINOPSE
AVISO DE GATILHOS
NOTA DA AUTORA
CAPÍTULO 1 - Ampulheta Branca
CAPÍTULO 2 – Lustre de Giz
CAPÍTULO 3 – Toalha de Canela
CAPÍTULO 4 – Monalisa Italiana
CAPÍTULO 5 – Cólica Turbo
CAPÍTULO 6 – Pantufa Bacalhau – PARTE 1
CAPÍTULO 7 – Pantufa Bacalhau – PARTE 2
CAPÍTULO 8 – Pantufa Bacalhau – PARTE 3
CAPÍTULO 9 – Neblina Refém
CAPÍTULO 10 – Garotas Ross
CAPÍTULO 11 – Picollé de Quatro Folhas
CAPÍTULO 12 – Lobo Branco
CAPÍTULO 13 – Manequim Avelã
CAPÍTULO 14 – Espelho Bufante
CAPÍTULO 15 – Código White
CAPÍTULO 16 – Berloque Herói
CAPÍTULO 17 – Cafeína Militar
CAPÍTULO 18 – Catálogo Misto
CAPÍTULO 19 – Andar Adoçante
CAPÍTULO 20 – Bacon Desinfetante
CAPÍTULO 21 – Círculo de Poder
CAPÍTULO 22 – Show de Patinha

CAPÍTULO 23 – Cisne Dourado
CAPÍTULO 24 – Chocolate Quente
CAPÍTULO 25 – Boneca Cítrica
CAPÍTULO 26 – Surra de Sal
CAPÍTULO 27 – Corrida de Vidro
CAPÍTULO 28 – Ninho Castanho
CAPÍTULO 29 – Escorpião de Madeira
CAPÍTULO 30 – Assadura de Manteiga
CAPÍTULO 31 – Melado Trovão
CAPÍTULO 32 – Ponteiro Chuvoso
CAPÍTULO 33 – Programa Londrino
CAPÍTULO 34 – Cafeteria Financeira
CAPÍTULO 35 – Bodytella
CAPÍTULO 36 – Lareira de Groselha
CAPÍTULO 37 – Tigre Alcoólico
CAPÍTULO 38 – Cavaleiro Espelhado
CAPÍTULO 39 – Pluma Avelã
CAPÍTULO 40 – Rosas Alcoólicas Estampadas
CAPÍTULO 41 – Nuvem Avelã
CAPÍTULO 42 – Trevorsseiro
CAPÍTULO 43 – Gelatina Memorial
CAPÍTULO 44 – Batom Scott
CAPÍTULO 45 – Nutella Porfica
CAPÍTULO 46 – Fogueira Sublime
CAPÍTULO 47 – Acasalamento Polar
AGRADECIMENTOS

# PLAYLIST

Acompanhe a playlist de **“Fire Relation”** no Spotify.



# DEDICATÓRIA

*Para todos aqueles que sentem medo de serem autênticos, eu garanto, o sucesso supera as críticas.*

# EPÍGRAFE

*O futuro é assustador, mas você não pode apenas correr para o passado por ser familiar, é tentador, mas é um erro.*

***Robin Scherbatsky, How I Met Your Mother.***

# SINOPSE

Por interesses românticos revelados após incontáveis tempestades, o mais novo casal está vivendo a famosa calmaria promíscua.

Embora tenham se conhecido entre o dilema do prazer extremo e dores antigas, os desafios do passado não acabaram e vão vir à tona bem mais fortes desta vez.

Trevor é o dono de um rancor sem limites quando se trata de sua família, mas agora não é apenas ele que controla suas escolhas.

Mia conseguirá vencer as barreiras de um relacionamento com o diretor criativo mais cobiçado de Portugal? E se tudo fosse passado?

Máquinas do tempo são dramáticas e não tem cheiro de Limão e Mel.

# AVISO DE GATILHO

Homicídio e tentativa de homicídio, assédio sexual, abuso sexual, uso de substâncias lícitas e ilícitas, citação e indícios de transtornos psicológicos: compulsão sexual e alimentar, cenas de sexo explícito, práticas de BDSM explícitas, uso de fogo derivando queimaduras no ato sexual, traumas em decorrência ao luto, depressão, ansiedade e suas vertentes, sonofilia violência doméstica, relacionamento abusivo, tóxico e obsessivo, surtos, dependência emocional, insônia.

# NOTA DA AUTORA

*Satisfação, porque prazer é só na cama.*

Me chame como desejar, Eduarda Brits é apenas um enfeite que minhas leitoras ignoram e preferem me nomear com palavras relacionadas a: insensível, dramática, promíscua, portadora de um péssimo humor e amante de gastronoMIA.

Me responda mentalmente, *por que está aqui?* Seria por falta de amor a própria saúde mental ou ninguém te avisou o quão esse calhamaço é dramático e veio pelas cenas quentes de tirar o chapéu (e a camisa branca)? Bom, não me importa muito como chegou até aqui e sim se vai ser capaz de terminar. Esse livro é extremamente mais intenso do que o primeiro, fato esse que eu demorei a querer admitir por favoritismo ao primogênito, mas é a verdade. São traumas e mais traumas que te lambuzam sem parar ou dar uma única folga quando se iniciam, a verdadeira bola de neve feita de açúcar muito impiedosa.

## Juramentos da Autora

Prometo te fazer rir com piadas de gosto duvidoso recheadas de avelã.

Prometo te fazer sentir raiva com surras de sal e brigas súbitas.

Prometo te fazer chorar com programas londrinos e famílias desprezíveis.

Prometo te fazer sentir fogo extremo com seringas de groselha e o famoso *Bodytella*.

Mas o que eu realmente prometo, e nunca deixarei de prometer, é dramatizar cada letra de cada sílaba, de cada palavra desses parágrafos.

A essa altura do campeonato gastronômico você já deve estar acostumada com diversos ingredientes feitos de analogias e palavras destacadas. Dessa vez,

te amassarei com um rolo de madeira dramática, mas não tirarei do forno até queimar groselha o suficiente. Não espere uma receita comum e sim autêntica lambuzada de emoções, talvez assim sofra menos (ou não).

P.S.: É normal não conseguir mais encarar lousas de giz, toalhas brancas, canela, banheiros de metrô, iPad's, bacalhau, vibradores de cozinha, lobos brancos, provadores, número vinte e cinco, desinfetante, patinhas, bonecas cítricas, assaduras, avelã, limão, mel, morango, baunilha, vermelho, camisas brancas, mangas bufantes, máquinas de sorvete, abelhinhas, ursos, Benfica, Porto, relógios, batons, seringas, gelatinas, lareiras, franguinhos, vidro, tinta e Londres sem lembrar deste livro, acostume-se.

*Dramaticamente,*

**BRITS.**

# 1




# Ampulheta Branca

*Eu chamei sua atenção?*

*Não fique aí encarando, querido*

*Tente mover seus pés*

*Se você acha que eles estão te olhando*

*Eles estão me olhando*

***Looking At Me – Sabrina Carpenter***

## TREVOR WHITE

Compromisso. Obrigação assumida por uma ou diversas partes, comprometimento. Confesso que essa palavra já me assustou muito, mas agora parece ser mais simples sentir-me preso a Limão e Mel. Gosta de me ver confessar? Então, também confesso que sempre odiei compromisso quando se trata dos White.

*Sabe aquelas lousas escolares?*

Odiava ter que copiar palavras dos malditos professores, por que não poderiam ser minhas palavras? O tédio não era para escrever, e sim para copiar.

*Porque, sinceramente, tudo que eu escrevo é bom.*

Exceto quando escrevi que seria um ótimo namorado.

*Ah, sim. Eu não escrevi isso.*

Não é por mal, eu juro, mas vamos colocar os papéis azuis cheios de planos na mesa. Gosto da lousa Limão e o giz Mel, mas preciso que ela ame mais o giz branco, o que não é difícil, contrasta mais mesmo.

*A cada dia meus pensamentos ficam mais bizarros.*

Resumindo não é por mal, a questão é, como ficar perto dela? As paranoias de Mel devem estar a mil, eu conheço essa mulher, deve estar muito estressada.

**Porque eu não consigo transar com ela.**

*Modéstia à parte, a vida dela deve estar um tédio sem as minhas estripulias promíscuas.*

**Igual a minha vida!**

Não consigo chegar um milímetro perto dela sem imaginá-la despencando em mim! E não pense que não sei o quanto todo esse drama parece ridículo, mas isso se tornou uma espécie de mini trauma. Ela chega perto de mim, eu a beijo, mas quando desce, invento qualquer motivo para me afastar.

*É bizarro.*

— Bom dia, Sr. White. — A voz de Mia sussurra ao meu lado ainda sonolenta, embora cheia de energia. Sabe que quando me chama assim fico mais excitado.

— Bom dia, Srta. Ross — respondo fixo ao gesso do teto me esforçando para não encará-la, porque é de fato uma tortura querer e não conseguir fazer.

— H-humm… por que já está vestido? — *Por quê?*

Em todas as manhãs que Mia passou enrolada nos meus lençóis, assim que acordava sussurrando meu nome era o convite perfeito para nos esfregarmos como loucos mais uma vez.

*Mas não posso fazer isso.*

— Vou sair mais cedo, esperei você acordar só para... — Puxo sua boca para um selinho rápido e antes que eu possa fugir, ela segura minha camisa e traz para si. Eram selinhos, troca e dança de lábios dopados de

sensualidade na matina. Eu amo. Amava, beijos levam a amassos. *Ah, Miranda, por favor, não me faça te amassar nesse colchão.*

As coxas dela se encaixam no meu colo com simetria mais perfeita do que peças de um quebra-cabeça. Minhas mãos automáticas eram bem eficientes, ela resmunga, eu a aperto. Apertava. Porque agora permaneço imóvel. Mesmo sentindo esse cheiro dela me invadir, o gosto da sua boca, o ar ofegante que ela solta. Esperei meses por isso, eu batalhei por isso.

*Então por que não consigo aproveitar?*

— Estou com saudade — Mia geme baixinho travando seu quadril sobre o volume da minha calça. *Eu sei que está, Princesa*.

Suas mãos estão ferventes e esse fogo iniciou bem antes que ela acordasse, você sonha comigo, Miranda? Dedos singelos e impuros que brincam com o meu cinto enquanto a sua língua palpita o meu pescoço. Beijos que fazem os pelos dos meus braços erguerem mais que *motocross*. Pelos. Por que os pelos erguem? Só os pelos?

— Ah… T-Trevor, por que está parado?

*Não me pergunte!*

— Hum? — Não resmungue para mim, por favor, eu imploro. — Isso. — Ela lambe o meu pescoço e molha os lábios como se não fosse essa parte do corpo cheia de impureza e sim o que luta abaixo do meu quadril. — Isso… não está bom?

— Está… você está perfeita. — Fecho os olhos e franzo o cenho forçando meu corpo a fazer o que lhe agrada.

— Obrigada — ela sussurra mordendo o lábio. Segura, puxa, traz o meu rosto para a sua boca mais uma vez e agora me enrosca do jeito que eu sempre amei. Aquela intensidade que não me deixa respirar, por que, quem precisa respirar quando se pode beijar por mais alguns segundos?

*E ela roça.*

Roça o quadril na minha ereção, tal volume que não sei como existe. É sair do dilema de Lealdade e Amor e entrar no de cérebro e corpo. O meu organismo suspira por ela, sente tesão infinito, mas a minha mente sente tensão. Eu consigo fazer. É só não pensar, já não é tão bom nisso, Trevor? Impulsividade bruta, por que não faz o mesmo agora?

Forço sua cintura para baixo e ela sorri, um sorriso enorme como se soubesse que está prestes a molhar o meu pau com a chuva da sua calcinha. *Porra, é tão molhada.* Eu amo cheiro de chuva, mas esse cheiro de sexo? Ultrapassa qualquer nível. Seguro o seu pescoço envolvendo e apertando cada curva, sua clavícula, nuca e até mesmo o início do seu busto que não para de subir e descer. É bomba industrial, comigo esse corpo de Mel sempre foi uma máquina bem calibrada que o fim do expediente nunca chega.

— Miranda. — Ofego, pedindo a Deus que eu não a decepcione na hora H.

— Shh… — Me cala com o dedo indicador. — Poderia falar menos e fazer mais.

*Não! Não! Não! Essa frase não!*



— Se eu sou Eros, você é a Afrodite... só que muito mais safada — balbucio promíscuo.

— Poderia... — ela interrompe a própria frase respirando fundo enquanto aperta os olhos —, falar menos... e fazer mais.



Meu maxilar trava, minhas mãos que a envolviam desprezam qualquer movimento, os meus pelos eriçados estão mais lisos que tecido de cetim. Eu paro. Todo o corpo obedece meu cérebro. Ela ainda não percebeu, focada na

minha boca, a única que não cedeu a lembrança traumática ridícula. E que agora perdeu.

— Tudo bem, chega, não é? — firmo minhas mãos em suas coxas e a jogo de volta no colchão. Levantando na velocidade da luz com o único objetivo de tentar normalizar minha respiração.

— O quê? Por quê? Como assim? — Mia esbugalha os olhos boquiaberta, esparramada nos travesseiros. Três perguntas, Senhor?

— Vou chegar atrasado — cuspo a primeira frase que meu cérebro consegue computar.

— Você não ia sair mais cedo? — questiona erguendo a sobrancelha.

— Atrasado pra chegar mais cedo! — Sorrio sem jeito e quando pisco já estou na sala.

— Trevor! — ela grita do quarto.

— Te vejo na empresa, Princesa — grito de volta. Lanço a Pasta Diabética no banco do carona e engato o carro mais rápido do que corrida de fórmula 1.

Isso vai passar.

*Eu vou conseguir transar com ela normalmente depois, certo?*

# MIA ROSS

Compromisso. Nunca tive medo dessa palavra que é pavor em meio milhão de clichês, mesmo meu último não sendo dos melhores, o atual é o Trevor. Um Príncipe que me faz sentir uma Princesa. Vai dar certo dessa vez, ele pode ser parte da minha família.

*Eu sou uma mulher calma.*

Não me estresso com coisas sem sentido, não crio paranoias e não sinto nenhum tipo de ciúme por nenhum homem diabético.

*Caramba, esse foi o pensamento mais hipócrita que já tive.*

Em nome de Deus, o que está acontecendo com ele? Trevor White não quer transar? Ele deve estar com algum tumor no cérebro e não me contou.

Não é possível. Ele estava duro, eu senti, por que parou?

Deixo de aproveitar o conforto da sua cama, caminho com passos cambaleantes até o espelho e olho meu reflexo para ver se era eu que estava parecendo uma bruxa.

- Mechas mel

- Pele corada

- Lábios rosados

- Cheiro de Limão e Mel

Tudo que ele gosta.

O que está acontecendo?!

— Mia! — pulo e quase escorrego no tapetinho do banheiro quando ouço a voz de Ted seguido de várias batidas na porta.

Conto até dez pelo baita susto que levei e me enrolo no roupão branco do meu namorado exibido indo em direção a porta.

— Bom dia, seja bem-vindo à Fortaleza White — a Marta Robô dá um oi no maior som assim que destranco a fechadura e Ted estremece assustado.

*Sério, Trevor, Fortaleza White?*

*Por que será que isso não me surpreende?*

— Bom dia, Sumida Mia, parece que tem companhia. — Ele ri com a própria piada, mas quando nem mexo os lábios ele fecha a cara. — Já faz um tempinho que não te vejo, senti saudade, podemos tomar um café antes do trabalho? Enviei mensagem. — O homem estampado sorri com a ideia enquanto permaneço imóvel pensando no problema do meu chefe. — Mia? — chama mais uma vez. — Mia, você está bem?

*Não! Não estou bem.* Caminho de um lado para o outro sentindo meus dedos em contato com o tapete de pelinhos e seguro forte minhas próprias mãos criando mais algumas paranoias bizarras para a coleção.

— Mia, fale comigo, está histérica! — Toca meus ombros e eu o encaro.

— Teodoro.

— Só minha mãe me chama assim. — Sorri. — Quer saber, por que não senta um pouco? — Obedeço sua sugestão sentindo a almofada quente da sala. A sala mais fria do mundo nesse momento, terrivelmente atacada pelo frio europeu, cores sóbrias como cinza e preto com madeira rústica. Será que se eu me *fantasiar de madeira*[1] que ele gosta me aceitaria pra transar de novo?

— Eu acho que deve estar chovendo lá fora — ironizo para sair dos pensamentos loucos.

— Está sim, mas por quê? — Toca minha testa. — Está ficando quente de nov…

— Trevor não quer transar! — Ergo a cabeça, extremamente séria, como se estivesse dando a notícia de que Ted tem um câncer fatal e que não há mais nenhuma esperança para sua vida. Fecho os lábios, a feição de meu rosto e aperto suas mãos da forma mais dramática que consigo. Ele me encara tentando entender o porquê da minha encenação e se aproxima dos meus ouvidos.

— Mia — sussurra e aperta minhas mãos com força, me dando a última lasca de carinho e conforto que poderia sentir nesse momento.

— Oi — sussurro de volta com o suspense.

— Trevor mais transa do que vive. — Sua boca treme e solta uma longa risada da minha atuação. Tento com força permanecer na pose de atriz, mas acabo o acompanhando. Rimos por mais alguns minutos até que o som alegre se acaba e voltamos a nos olhar.

— Pois é, Cortesia Cortez, mas Trevor não quer transar — brinco com o apelido novo que me deu.

— Explique isso direito.

— E se ele não gostar mais de mim? — questiono com os olhinhos que poderiam estar lacrimejados.

— Mia! — Mais uma pergunta minha que o faz se esbaldar. — Ele literalmente contratou dançarinas pra você não faz nem uma semana. Trevor gosta de você.

— Tá, mas e se ele gostar de mim, mas não de mim... meu corpo? — Aponto para meus seios.

Meus peitos são ridiculamente pequenos, posso compará-los com pequenas frutinhas ao lado dos de qualquer mulher daquela empresa.

— Você sabe que a primeira relação de vocês foi obsessiva só pelo físico, não é?

É verídico e também ele sempre gostou dos meus peitos mirins.

— Olha aqui, eu estou confusa! Tem uma hipótese melhor?!

— Estou vendo — afirma, achando tudo um circo em que eu sou a palhaça.

— Não ri, Ted! É sério, isso nunca aconteceu.

— Tipo nunca? Ele não, sei lá… — Se inclina para bem pertinho de mim. — Broxou?

— Não, nunca! — Não que tivesse problema se acontecesse, faz parte do corpo humano, mas não imagino Trevor tendo dificuldade com isso.

— Descartamos então, e fique feliz porque esse problema não é nada divertido.

— Você? — Fico boquiaberta.

— Não, meu ex tinha, era muito ruim. — Ele engole em seco desviando o olhar de mim. Algo que claramente deve tê-lo magoado, o que me faz pensar, quem, em sã consciência, poderia magoar alguém como Teodoro Cortez?

Ele é tão gentil, genuíno e engraçado, deve arrasar corações. Ou pelo menos deveria, se não fosse tão tímido.

— Nunca falamos dos seus ex — ressalto.

— Não tem necessidade. — O olhar dele vai de mim para o chão. *Como foi seu último relacionamento, Ted?* — Voltando ao Trevor... esse nome é bom de falar, não é? — Pode até ter mudado de assunto para algo que eu amo, mas não pense que vou esquecer dessa conversa de relacionamentos.

— É muito gostoso de berrar. — Mordo o lábio com um murmuro.

— Mia! Minha vida sexual é quase nula, vamos ter piedade? — Ele ri, agora de pena de si mesmo, amassando a camisa verde estampada.

Tal camisa com estampa de Havaí que me traz a mesma paz da praia paradisíaca. Por mais turbulenta que minha mente esteja, ele sempre age como as palmeiras e a água lenta cristalina que só pode ser definida com uma palavra: conforto.

*Ele me deixa confortável.*

— Ele nunca disse não ao sexo?

— Ah, sim, quando estávamos separados, mas mesmo assim ele me levou no banheiro e...

— Eu sei, eu ouvi.

A revelação dele me faz tremer a boca inteirinha, tentando ao máximo não rir por respeito ao meu amigo, mas está claro que sou exatamente como ele. Uma brincalhona.

— Sério? Ouviu tudo? — Eu estava tão louca de tesão daquele dia que devo ter feito um escândalo só de sentir as mãos de Trevor apertarem a minha bunda mais uma vez.

— No caso, a Morgan acordou com um gemido, aí ela me cutucou, depois você começou a gritar e qualquer um acorda.

— Eu não faço tanto barulho assim. — Pelo menos eu não percebo.

— A Mor disse que você é a mulher mais escandalosa que o Trevor já transou. — Não se acanha em ressaltar. — E olha que ela já ouviu de tudo!

— Não sei se isso é bom. — *Talvez seja isso que o incomode?*

— Pelo visto, Trevor gosta que você fique berrando o nome dele por aí. — É… do jeito que ele é territorialista e exibido, deve gostar sim. — Voltando, vocês não transaram depois da surpresa musical?

— ENTÃO! — Pego uma almofada e enfio minha cara no tecido gritando de raiva pelo o que esse homem fez comigo. Respiro fundo e junto minhas mãos para explicar o ocorrido. — Ele falou de Menta Brilhante me provocando até lembrar da transa incrível que tivemos no elevador, achei que fôssemos fazer, mas do nada ele mudou de assunto e disse que poderíamos ter tempo em casa.

— Tá, e em casa?

— Aí ele começou a ver filmes, cozinhar, até ler, mas não me tocava, quando eu tocava, ele ia andar pela casa. Andar! Ele ia andar, Ted!

— Meu Deus, ele deve estar doente, Mia, já mediu a temperatura? — Se tivesse medido estaria tudo frio, porque não há nenhum clima quente entre nós. — E hoje de manhã?

— Eu acordei, depois de ter sonhado com as festas da Sarah e chamei ele de Sr. White, porque ele fica mais excitado sendo chefe, sabe?

— Opa, sei sim. — A ironia corre em suas palavras.

— Mas então ele só me chamou de Srta. Ross, sem nenhuma investida.

— Plausível, ele respondeu o apelido.

— Teodoro, de que lado você está? — Uso seu nome completo por pura raiva e ele revira os olhos rindo.

— Seu, Mia!

— Aí ele disse que ia sair mais cedo, outra desculpa com certeza, então me deu um selinho, depois nos beijamos, aquela coisa básica.

— Básica? — questiona ao erguer a sobrancelha.

— Beijar, gemer e roçar — explico com os gestos mais íntimos do que mãos ágeis cabeleireiras. Ou pelo menos as minhas tocavam no meu rosto, cabelo e até tapinha já recebi na bunda.

— Ah tá, claro… você fala como se isso fosse óbvio!

— Mas é!

— Continue — ele pede se aproximando de mim como se eu fosse lhe contar o fim da novela das nove, *mas… ei, essa almofada é meu saco de pancadas!* Assim que ele a toca, a puxo de volta e o fito até que ri novamente do meu ciúme.

— Ele até me retribuiu um pouco, até que eu disse pra falar menos e fazer mais, porque ele costuma ser bem mais agressivo e eu gosto disso. Estava me segurando bem fraco.

— Segurando? — Assinto e aperto sua coxa com a mesma, ou talvez perto, da força que me apalpa.

— Ele me aperta inteira, eu fico marcada toda vez, só que estava quase parado como se estivesse forçando algo. — Ted põe a mão no queixo pensativo.

— E depois? — pergunta como um detetive.

— Disse que ia chegar atrasado e me jogou pro outro lado da cama, acredita nisso?

— Mas ele não ia sair mais cedo? — *Então!*

— Ele disse chegar atrasado pra sair mais cedo! — Entreabro os lábios mostrando o absurdo que imaginei.

— Nossa, o homem devia estar desesperado. — Ele continua o show de risadas.

— Ted... será que eu peguei o Trevor ruim? Tipo, será que ele tinha uma quantidade de sexo na vida e ele gastou tudo quando chegou a minha vez?

— Uma espécie de ampulheta?

— Ampulheta?

— A areia branca de cima é o sexo e ela caiu inteira.

— Talvez seja verdade, a areia caiu inteirinha e eu fiquei com o vidro vazio, frio e sozinho. — Enfio minha cabeça na almofada novamente com a certeza que de que essa ampulheta é real.

*Ampulheta Branca.*

— Relaxa, deve ter um motivo. — Meu amigo acaricia meu cabelo e puxa almofada para o seu colo. — Por que não força? — *Forçar?* — Sei lá! Chegue pelada na sala dele, deixe bilhetes promíscuos pelo andar ou até calcinhas!

— Acho que faria isso em última opção, humm… e se for como ele?

— Piadas promíscuas?

— Isso, várias dessas, um montão dessas. — Ele pode se atrair pelo o que ele faz para me atrair, não é?

— Me conte depois. Estou com fome, o que você come aqui? — Ele coloca com cuidado a almofada que estou deitada sobre o sofá e levanta

indo em direção a cozinha.

— Doce. — Sorrio sem graça.

— Nada salgado? Deixe eu ver. — Abre a geladeira escura de aço inox.

Essa geladeira é mais bonita do que eu, tem até um bebedouro automático na porta, o freezer é no andar inferior, tem duas portas e umas quinze divisórias. Tem cheirinho de tecnologia gastronômica pura.

— Mia — ele me chama, tomando um gole do copo que acaba de ser cheio pelo bebedouro *master plus* White.

— Oi — digo com a respiração já acelerada pelo suspense.

— É melhor você cuidar dele, porque se não Trevor vai morrer cedo de diabetes. — Às vezes na madrugada eu penso nisso, mas não é carinho o que estou fazendo? Prezar pela nossa saúde sexual, é querer que ele esteja bem também. — Caramba, tudo isso é Fini? — Logo ele esquece o que disse e se encanta pelos tipos variados.

— São caixas metálicas, cada uma tem um sabor, mas a favorita dele são os ursinhos de gelatina.

— Como sabe disso?

— Na Pasta Diabética é a única bala que ele leva, fora que tem na gaveta do quarto, num pote no banheiro e três das dez caixas metálicas são de ursinhos.

— Que bom que você nem é obcecada — ironiza.

— São conhecimentos necessários! — Ele ri comigo.

— Sem bala, vamos de Nutella. — Ele tira um pote da caixa fria.

— Melhor não. — Ergo o indicador em alerta.

— Por que? Ele tem *trocentas* dessa.

— Ele guarda por temperatura, a gelada é a pior, é como se fosse um sorvete só de creme. Tem a mais quente que é para colocar sobremesas variadas e bolos e a melhor é na temperatura ambiente, humm... ele guarda aqui. — Abro um dos armários de vidro.

*Nossa, Trevor. Você realmente tem uma pirâmide de potes de Nutella do tamanho médio?*

— Você disse conhecimentos necessários? — brinca.

— Não me pergunte como eu sei disso. — Cubro o rosto em negação.

*Quanto espaço teria no meu cérebro para aprender outras coisas se eu não soubesse as frescuras do Trevor?*

— As loucuras que Miranda Ross aprende por amor.

Amor Sublime, é verdade, eu o amo demais para aceitar todas as suas coisinhas.

— Daria um bom livro: todas as manias de Trevor White. Outro dia peguei ele acordado na madrugada abotoando a blusa que eu joguei no chão, dobrou e colocou em cima da camisa dele, depois voltou a dormir.

— Sabia que isso pode ser TOC[2], não é?

*Eu não tinha pensado nisso.*

— Acho que ele teria me contado se tivesse, ele é perfeccionista só isso — digo para acalmar a mim mesma.

— Não deixe de reparar. Já são quase oito horas, vamos?

— Sim, vou me arrumar.

— Coloque a melhor lingerie que tiver! — Rio da ajuda sexual que está me dando.

# TREVOR WHITE

A voz de Sabrina Carpenter é tão atrativa, como uma dança de tango, ela me leva para todos os lados com poucas notas musicais. E, claro que tem o falsete premiado, arrepio todas as vezes, talentosa demais. Meu vício atual é *Looking At Me*, trompetes e até violão.

Passei na Fábrica para gastar tempo até iniciar o expediente, sinceramente não sei por que estou evitando a minha Princesa. Passei tanto tempo querendo ficar com ela.

*E então ela desmaia e me traumatiza.*

Empurro a porta de vidro e dou passos cambaleantes enquanto guardo meus óculos de leitura. Caminho até o balcão da Rose, a gerente de secretárias mais azeda e ruiva de todas, mas gentil. Ela sempre foi gentil comigo. As mãos com dedos delicados repletos de tatuagens minimalistas colocam um café sobre o material azeviche. Toco o copo quando me sinto agarrado por seus olhos verdes que me fazem franzir o cenho.

— Srta. Braga. — Desconfio.

— Sr. White. — Ela retribui com um biquinho.

— Preciso saber de algo? — questiono. Ela já estava alterada na *Primavera Mel*.

— Não — ela ronrona enrolando as mechas ruivas nos dedos. — Como está? Deve estar radiante — ironiza.

Rose nunca foi a mulher que acreditou no amor e muito menos o admirou. Ou talvez admire *secretamente*.

— Sabe que pode conversar comigo, mesmo tendo a Sarah, não sabe? — Bizarro dizer isso, mas é a verdade, não fico sozinho com ela já faz muitos anos.

— Ela já basta. — *Aham, quer que eu continue, Ruiva?*

— Se ela basta, por que insistiu em chamar a minha atenção? — ataco.

— Qualquer secretária com a bundinha empinada chama sua atenção — rebate e me ofendo abrindo um pouco os lábios.

*Como ela ousa?*

— E qualquer romance proibido chama a *sua* atenção.

— Não acho isso. — Ela dá de ombros.

— Você sabia desde que me conheceu nesse balcão o quanto eu era hipnotizado pela Sarah e mesmo assim achou uma boa ideia ficar comigo.

*Caramba, Trevor, o que foi isso?* Acho que essa foi a frase mais profunda de referência ao nosso passado que fiz em anos.

— Podemos mudar de assunto? — *Sim, por favor.*

— Desculpe — peço e aperto seus dedos no copo de café. — Sobre a sua chamada de atenção… Lauden fez algo? — questiono o que queria

desde o início. Sempre penso no pior.

— Não, nada! Por que pensou nele? Já disse que está criando paranoias.

— Já me viu errar em questão de hipótese? Se não está ainda, vai estar, mesmo eu não querendo isso. — Lhe encaro, tentando competir com seu olhar penetrante. Sarah te ensinou isso, não foi? — Mas estamos falando de você?

— Estamos falando de você, agora. — Ela sorri e fico sem entender até sentir uma mão desconhecida apertar meu braço.

— Sr. White... Parabéns pelo seu compromisso ou namoro com a Ross — uma voz feminina balbucia e me viro imediatamente para ver um cabelo liso com ferro de passar bem platinado. Vestido curto e maquiagem meio borrada.

*Quem é essa mulher?*

Antes que eu pense em algo para dizer, Rose me passa um papelzinho com um nome escrito.

Lisa

*Lisa é o nome dela? Já transei com ela?*

— Obrigado, Lisa. — Ela sorri aparentemente por achar que eu lembrei seu nome e sai em direção ao elevador.

Rose escapa um riso nasalado.1

— Ela é de qual andar? — Seguro com mais força sua mão enroscada no copo de café.

— Terceiro, setor de investimentos, essa aí já faz uns três anos, tudo bem não lembrar. — Ela ri.

— Sempre me salva com nomes, obrigado.

— Está tudo bem? — pergunta novamente e me torno livre de seus dedos para tomar um gole de cafeína.

— Tudo bem. Tudo incrível. Tudo ótimo.

— Mesmo?

— Tudo às mil maravilhas. — Sorrio falsamente.

— Nossa, está tão mal assim? — Sutil.

— Tchau, Rose. — Não vou descontar meu trauma nela.

— Odeia tanto assim compromisso?

— De Limão e Mel? Não, mas os brancos…

Apenas a faço ficar mais intrigada e a deixo para entrar na caixa metálica. Aperto o botão de número oito torcendo para que Chopin me acalme, mas sabemos que nessas circunstâncias nem ele vai conseguir.

Passo reto no balcão da secretária quando uma voz me faz parar a caminhada.

— Bom dia pra você também. — É claro que teria que ser alcoolismo e extravagância. Dessa vez um vestido bem azul cristalino, *olá, Morgan.*

— Bom dia pra quem? — Me viro para ela batendo forte na madeira da superfície. Meu humor está ficando péssimo. — O que está fazendo no lugar da Jane? Eu te dei uma sala.

— Ih! Tá estressado? Pode ir embora, não quero isso aqui não. — Dramatiza e gesticula com as mãos como se estivesse me varrendo do andar.

— Ótimo, não quero te ver também. — Bufo.

— Já brigaram? Eu apostei com Ted na primeira semana, ele disse um mês. Coitado, tão inocente. — Ela ri se recostando na cadeira.

— Vocês apostaram no fracasso do meu relacionamento? — Franzo o cenho chocado.

— Ah, para, não diga isso. Falando assim até parece ruim, o que aconteceu? Vai solta tudo! — *Ela acabou de dizer solta tudo? Quem fala assim?*

— Não, obrigado. — Sorrio falsamente.

— Vai, Trevor, nem deu o horário ainda.

Eu poderia ignorar, mas a grande verdade é que eu preciso desabafar sobre isso com alguém e já que ela quer saber…

— Não consigo transar com a Mia — admito erguendo as mãos como se ela tivesse acabado de me apunhalar.

— O quê?! — Ela solta uma longa risada que me faz arrepender imediatamente de ter dito qualquer coisa. Mor se aproxima de mim ao se empinar na cadeira e chego mais perto. — Você broxou? — sussurra.

*Ah, mas que atrevida!*

— Não, Morgan, eu só não consigo porque imagino… ela desmaiando em mim — confesso.

— Trevor, mas isso não vai acontecer de novo. — Sua feição risonha se transforma em pena.

— Diz isso para o meu cérebro que teve que vesti-la inconsciente. Ela estava literalmente apagada e eu… eu ainda estava dentro dela, aquilo foi traumatizante — digo mais baixo, relembrando a sensação que me fez suar frio.

— Eu sei que sim, mas ela te deu consentimento, você não a violou, além do mais. Sabe que ela vai surtar com isso, não sabe?

— Por isso desenvolvi uma tática! — Me animo e ergo o indicador para explicar. — Quando ela me provoca, eu apenas saio do recinto. — Sorrio de canto com a solução majestática.

— E isso até quando, oh inteligência rara?

— Até quando eu achar necessário, bom trabalho, Morgan.

— Bom trabalho pra quem? — ironiza.

— Engraçada, você é engraçada, Mor — admito.



*Ideias, se é que se pode chamar disso as falas daqueles redatores medrosos. Eu sinto que a cada dia essa geração se torna mais medrosa para ousar na mídia. Atenção, alerta de spoiler, a criatividade pede ousadia. O medo te priva de inovar. Volto de mais uma das reuniões solo e agora estou nervoso por duas razões. Falta de sexo e inovação. Antes de*

*me recostar na cadeira o cheiro de café me enfeitiça, um copo branco da Fábrica com um bilhete que só poderia ser da minha redatora chefe.*

*Pelo menos agora podemos sofrer por abstinência juntos.*

**De:** Alcoólatra Extravagante.

**Para:** Tigrão.



*Pelo menos ela admite que é alcoólatra.*

O bilhete perde minha atenção quando ouço pequenas batidas na porta da minha sala. E na fresta aberta as mechas da minha Princesa me fascinam e assustam.

— Sr. White? — A voz de Mel me cativa com o desenrolar das sílabas na sua boca.

Encaro seus olhos por milésimos permitindo sua entrada e volto a algumas anotações da reunião, mas sou fisgado. Nem meio segundo depois meus olhos ficam vidrados na saia curtíssima que Mia está usando. A camisa mais transparente que me deixa vulnerável a receber um sutiã de renda em minha moradia chamada calça apertada.

— Ah... — Ofego sem raciocínio e aperto os olhos buscando foco. Tome cuidado com o que vai dizer. — Nunca te vi com essa saia.

— Ah, isso aqui? — Ela desliza os dedos pelo tecido preto o colando ainda mais entre suas pernas. — Ocasiões e ocasiões.

*Eu escolhi uma mulher muito safada, tenho que admitir.*

— *Aham* — ironizo com um resmungo. Seu desespero chegou a isso?

— Está trabalhando? — A pergunta é simples, mas a ação em conjunto dela… Miranda crava as mãos na minha mesa com a força que até amassa alguns papéis. Se inclinando para frente o suficiente para que os botões abertos da camisa preta me deixem ver um pouco dos seus seios. Se eu não estivesse te privando de sexo, pode ter certeza que eu ia surrar tanto

essa sua bunda e rasgar cada fio desses trapos que está usando. *Você se acha uma mulherzinha atrevida demais, não é?* Mas agora tudo isso que quer mostrar é meu, você disse sim, disse sim para ser minha.

*Deus, respire, White.*

— Vou te vestir como uma freira — sussurro bem baixo, mas o suficiente para que ela escute e sorria.

— Algo está te incomodando, Sr. White? — balbucia mordendo o lábio inferior.

— De forma alguma, Srta. Ross, estou bem confortável. Estou fazendo o que um chefe faz, trabalhar, respondendo sua pergunta — digo ao respirar bem fundo, usufruindo os restos de paciência que ainda existem no meu corpo.

*Eu deixei a minha Princesa maluca?*

— Uhum… — *Ah, não jogue sujo assim.* — Mas não trabalhávamos apenas.

— Tem razão, também conversávamos. — Mudo a direção do assunto e acho que funcionou.

— Eu gostava mais quando... você me fodia nessa mesa. — *Caralho.* Ela ofega e puxa para si a gola da minha camisa me deixando à sua mercê. *Deus, de onde ela tirou essa voz tão sexy?*

— Concordo… mas, poderíamos pensar nisso depois do expediente? — Ótima saída.

— Então estou com sorte, porque agora são 17h30.

O QUÊ?

COMO ASSIM?

*Diga algo, qualquer coisa.*

— Talvez esteja... — Mia contorna a mesa e joga as mãos com firmeza nos braços da minha cadeira. Eu amaria esse atrevimento se eu conseguisse… eu não consigo. — Por que não vai se arrumar e podemos ver essa sorte em casa?

— Eu gosto tanto dessa mesa... — Pense em algo, rápido, às pressas, de imediato.

*Respire. Respire. Respire.*

— Branquinho, está ocup… Ah, desculpa, posso voltar depois.

SARAH, MEU ANJO!

— Não! Acha, que isso! Pode falar, tempo é o que eu mais tenho hoje! — Afasto minha cadeira da bolsista e esquivo seus desejos para me aproximar da Dama Vermelha.

A feição que ela está fazendo, a pele mais fervente e avermelhada, as narinas dilatadas e as sobrancelhas franzidas. Essa é cara de muito brava da minha namorada. É, já é bom eu começar a aprender.

— Eu vou ter que sair na semana que vem para encontrar um representante de outra empresa e preciso que tome conta de tudo. É simples, deixei tudo certo com a Rose, mas é sempre bom avisar.

— Esse representante é do Clube Foster? — Provoco e mesmo com raiva, minha Princesa abre um sorriso de curiosidade, ama fofoca igual a mim.

— Não! Não vou ver o Tomy... Tom... Thomas, não vou ver o Sr. Foster! — Os traços tranquilos vermelhos que entraram na minha sala, agora são raivosos e sem um pingo de controle. Eu amo te ver assim desnorteada, Sarah, porque é raro. Você raramente perde a fala por alguém, e é por isso que eu acho que deveria investir.

— Um passarinho de mel me contou que ele andou te ligando, está feliz com isso?

— Isso pode até ser verídico, mas não atendi, então não significa nada.

— Claro! — respondemos ironicamente juntos. *Nossa, Princesa, estamos assim?* Trocamos olhares e escapamos uma risada que irrita a Sarah.

— Que fique claro que eu odeio vocês, e ninguém vai ver... ou melhor, se aproximar do Clube Foster. — A boca vermelha dança agora a música raivosa.

— Claro! — *Juntos de novo? Eu te amo, Miranda.*

— Querem saber? Boa noite. — Ela caminha com os saltos vermelhos para fora da sala.

*Espera, não, ela não pode ir!*

— Quer que eu te acompanhe? — Poderia ter feito melhor que essa pergunta, Trevor.

— Até a minha sala? — Os olhos azuis me penetram sem entender.

— Isso, caminhar, andar, sair e conversar! — *Aceite, por favor.*

— Quer dizer os dois minutos de elevador? — ironiza com um sorriso ao ver meu desespero.

— Eu amo elevador.

— É, eu também amo, por que não vamos até lá? — Mia sugere promíscua.

*Tinha, não é? Você tinha que transformar o elevador em um altar sexual.*

— Acho que a Sarah quer conversar comigo sozinha, entende, Miranda?

— Eu quero? — a loira questiona e eu lhe encaro forçadamente.

— Quer sim, ela quer e não posso negar. Fez tantos sacrifícios por mim todos esses anos, quem seria eu para negar uma conversa tão necessária? — Deus, estou tão nervoso que já sinto o aperto no peito.

— Tudo bem, então. — Sarah aceita.

*Isso, Loirinha, faça assim.*

— Trevor? — Mia chama desapontada com os olhos quase marejados.

— Vai ser rápido — digo fechando a porta.

— Trev…

— Eu te amo! — saio da sala com a Sarah e invento algum assunto do mais alto além.

*Se safou dessa... sério? Esse verbo? Safadeza é o que eu menos penso agora.*

2




# Lustre de Giz

*Dizem que ele gosta de curtir*
*Ele ganha vida à meia-noite*
*Minha mãe não confia nele*
*Juro pela minha vida que*
*tenho sido uma boa garota*
*Hoje à noite, eu não quero ser*
***My Oh My – Camila Cabello, Dababy***

## TREVOR WHITE

Professor. Requer-se qualificações acadêmicas e pedagógicas, para ser capaz do prazer de ensinar. Nunca foi apenas uma profissão, é digna de milhares de adjetivos, mas tão pouco reconhecida. Admito, gosto de ensinar, é gratificante... mas uma professora de mechas Mel? Bem mais atrativa, não?

Sempre amei arquitetura, é de fato uma arte admirável, ver como a luz dos *Lustres* contrasta bem com tapetes de pelinhos, é a arte da organização visual. Porém, nem sempre tem que ser organizada, pode ser, digamos assim, uma *bagunça organizada*.

*Ou todos entenderam de cara a baderna angelical que era o teto da Capela Sistina?*

Certo, normalmente a arquitetura não costuma dominar meus pensamentos, e sim o cheiro de Limão e Mel. Mas agora tenho tempo para pensar em outros assuntos, já que não consigo em sã consciência tocá-la da forma que eu queria... pelo menos não sem imaginar seu corpo literalmente desmaiar sobre o meu.

De bruços respiro o cheiro do lençol cinza escuro de avelã, acordando aos poucos com os olhos quase pregados. Estico o braço e deslizo os dedos pelo colchão. Apenas colchão. Sem encontrá-la.

*Princesa?*

*Onde ela está?*

*Não poderia ter se despedido antes de sair?*

Ainda sonolento dou meu jeito de levantar da cama e cambalear até a sala em busca do seu cheirinho matinal. *Pia de mármore*? Escapo um sorriso, não. *Cozinha de Brigadeiro*? Outro sorriso? Não. Vou até a sala principal e tenho que abraçar meu próprio corpo me protegendo de um frio exagerado.

— Bom dia, Sr. Perfeito White. — A voz vingativa de mel chama minha atenção e avisto Miranda virar na poltrona giratória com as mãos entrelaçadas. Perversa e dramática como uma vilã de novela. Não lhe cai bem esse papel, Mia, eu já namorei uma vilã das suas novelas brasileiras.

— Bom dia, Princesa de Limão e Mel. — Tento me aproximar, mas ela levanta o dedo indicador em forma de aviso.

— Está sentindo esse frio? — Franzo o cenho sem entender.

— Exageradamente, sim.

— Esse é o frio na barriga que você me faz sentir quando nega os meus desejos!

*O quê?!*

Não contenho a risada que vem forte pela elaboração desse plano vingativo.

— Pensou nessa frase por muito tempo? — brinco.

— Só o suficiente para decidir que eu vou embora — afirma convicta, e a última palavra trava todos os membros do meu corpo.

— Como? Por quê? — Ela não pode me deixar aqui sozinho assim.

— Como assim, por quê? Sua inteligência baixou junto com as suas ereções? — *Ai... não precisava dessa.* Ela está com o humor péssimo e a culpa é minha.

— A sua boceta de mel sabe muito bem que o Trovão não tem problemas desse tipo. — Quando eu fiquei tão promíscuo e fofo assim? Culpa sua, Mia.

— Ultimamente a minha boceta não sabe de nada. — Se eu discordasse seria mentira.

— Defina o seu problema. — Dou alguns passos em sua direção apenas pensando em me enroscar na sua blusinha branca de pijama. Tem até umas estrelinhas desenhadas, tão fofinha.

— O meu? Defina o seu. — Não dá para levá-la a sério com esse pijama.

— O que você quer fazer? Dê um nome.

— Isso é ridículo, você sabe o que é! — Sim, mas eu quero ouvir da sua boquinha.

— Diga — ordeno.

— Definição... União Ursinho Abelhinha.

— Tudo bem, por essa eu não esperava. — Sorrio descaradamente o que a faz se estressar ainda mais.

— Agora vai rir de mim? Pediu a definição fofinha está aí, porra. — Ela é fofa e logo depois usa um palavrão, vá entender, Miranda Ross.

— Está certo, essa eu pedi.

— Trevor, nós aprendemos com nosso primeiro relacionamento que deu merda, que a conversa é a base de tudo. — Verídico.

— Eu não diria merda, o sexo era muito bom.

— Exatamente! — Ela sorri e eu me arrependo.

— Eu não devia ter dito isso. — Bufo.

— Chega, você não quer conversar. — Como se minha frase fosse a última gota para transbordar o copo, ela enfia umas roupas na bolsa de

couro que trouxe para passar uns dias aqui e se aproxima da porta.

— Vai embora de pijama de estrelinhas?

— Duvida?

— Não, claro que não. — Enrolo meus dedos na cordinha do seu short a impedindo de ir quando me encara com Raiva Súbita. — Estamos conversando, Mia. Tecnicamente uma conversa é uma junção de frases que fazem sentido ditas por duas ou mais pessoas.

— Ótimo, Dicionário Branco, veja se também define a palavra *embora*.

— Não, espera... o que quer que eu diga? — Decido parar de ficar criando desculpas e dizer o que estou sentindo.

— Por que não quer transar comigo?! — ela grita com o rosto inteirinho vermelho.

*Mas é muito fofinha irritada, dá vontade de espremer essas bochechas coradas.*

— Trevor?! — *Oi, estou aqui.*

— Eu quero. — *Quero?*

— Tá, então vamos transar agora. — Ela é muito engraçada. Mia ameaça tirar a blusa de estrelinhas e eu rio.

— Agora? — Brinco com um sorriso.

— Não, na verdade daqui a quinze minutos quando eu estiver com menos raiva de você. — Ela cruza os braços.

— Ótimo, em quinze minutos eu me troco e vamos para a empresa. Então começa o expediente e no almoço podemos ver isso. — *Perfeita escapatória, White.*

— Trevor! — Merda, ela percebeu, bom demais para ser verdade.

— Princesa de Limão e Mel do meu coração?

— Você disse que vamos conversar no almoço? — A sua voz sai em formato de hipótese como se estivesse cogitando me dar uma folga.

— Foram as palavras que eu usei.

— Sobre esse assunto? — afunila.

— Afirmativo.

— Hum… tudo bem — resmunga e eu tenho vontade de agradecer aos céus.

— Você vai ficar? — ronrono.

*Fique, amor, por favor.*

Um biquinho se forma em seus lábios furiosa, mas em milésimos de segundo se transforma em um sorriso poderoso por me ver implorar.

— Não sei se devo. — Dá de ombros.

— Não sabe?

*Eu vou te fazer saber, Miranda.*

Meus dedos que puxavam a cordinha do pijama agora envolvem o seu pescoço, quente, tudo é sempre quente com ela. Acha que pode me desafiar assim? Me ameaçar assim? Acha que tem esse poder? Eu te faço pensar que tem, quando na verdade… brinco com as alcinhas da sua blusa até que uma delas caia e me deixe beijar seu ombro. E ela geme baixinho. *Está vendo?* Você acha que tem o poder, mas é apenas o tempo que eu demoro para te seduzir mais uma vez. Colo a sua cintura na minha e consigo sentir os seus mamilos endurecerem sobre o meu peitoral, é tão satisfatório, tão gostoso senti-la se excitando por uma ação tão simples minha. Mia desliza os dedos por meu corpo arrastando até a minha calça de moletom perto da minha virilha.

— Trevor... eu não entendo, você está...

— Eu sei que sim, mas vamos conversar no almoço, não? — digo com carinho, mas quando limito suas mãos ela se estressa.

— Espero que esse almoço seja produtivo. — Bufa e sai com os pezinhos de chumbo até a cozinha.

*Mulherzinha difícil.*

Sutileza.

Eu sou sutil.

Talvez não seja, mas gostaria de ser. Para não me importar com o incômodo que estou causando a ela. Me apoio no balcão de Morgan, aparentemente virou dela porque a Jane está sempre por aí, esperando que ela volte apenas para me dar um oi. Fiquei a manhã inteira sem ver suas estripulias alcoólicas, eu sinto saudade da minha melhor amiga. E além disso já está quase na hora do almoço.

*O almoço.*

O qual eu vou ter que contar meus problemas de homem traumatizado.

O barulho dos chaveiros me fisga como um ímã a encarar Mia caminhar bem devagar fixa ao iPad, enquanto abre a porta da sua sala. Tão tranquila como uma monge budista, apenas para quem a observa sem conhecê-la bem o suficiente para saber que poderia matar alguém. Raiva mascarada de tranquilidade. E agora, quando me vê, me encarando profundamente, não há mais máscaras e a raiva prevalece.

*O que ela está fazendo?*

Seus olhos parecem até estar quentes de raiva, ela quase os fecha, me fitando. Faço o mesmo, me deixo capaz de franzir o cenho para encará-la transmitindo a mesma raiva fervente como fornalha. Não sei de onde surgiu essa fúria, mas comecei a sentir também.

— Você vai cagar? — Mor me encara com a sobrancelha elevada.

— O quê? Não, óbvio que não — respondo ofendido, mas continuo o olhar fixo.

— Parece, está fazendo força... Ih! A Mia está com raiva de você?

— Você está atrapalhando a troca de olhares sublime. E respondendo sua pergunta, eu não sei. — Sei, mas quero acreditar que ela não me ama apenas pelo sexo.

— Está mais para Raiva Súbita, ela deve estar com raiva mesmo, já que não quer dar o seu... como você chama mesmo?

— Como é que é?

— O dela é Mel, o seu é o que?

*Ela está me perguntando isso mesmo?*

— Eu não tenho que responder isso. — Bufo, encarando com mais força a minha abelhinha.

— Ah, virou a menininha inocente agora? — zomba.

— Não tenho um nome ainda, pode ser leite. — *O que eu estou falando?*

— Muito comum. — Realmente.

— Leite Branco?

— Faz sentido, mas ainda comum. — A própria recusa a faz colocar os dedos no queixo pensativa.

— Leite de Avelã? O dela é Leite de Canela.

— Gostei é bom de falar.

— Tem razão.

— O que estou fazendo da minha vida? — Fica boquiaberta com a perda de tempo.

— Nem eu sei, estamos falando de apelidos pro meu... Você não tem redações para revisar, não?

— Tenho, tchau, Tigrão. E se ficar assim por muito tempo terá rugas, dizem que você é bonito, então melhor parar.

— Dizem? Tchau, Alcoólatra.

Deixo de encarar a minha Princesa como se a atacasse em meio às guerras do século passado e dou um sorriso, Mia não se aguenta e solta outro sorriso. Não fica com raiva de mim por muito tempo, pode estar chateada com a falta de sensualidade, mas sei que me ama mesmo assim. Ela caminha lindamente até o balcão e coloca os cotovelos apoiados sobre a superfície.

— Vamos conversar? — pergunta piscando os olhinhos de pedinte. *Está tão difícil a abstinência?*

— Achei que fôssemos almoçar — relembro.

— Isso aí — confirma mordendo o lábio. *Ah, se eu não tivesse te privando… morderia essa boquinha.*

— Gosta de peixe? — murmuro.

— Eu gosto de qualquer coisa se formos resolver esse seu maldito problema.

Sutil.

Assinto e retiro o grande pacote de papel *kraft* recheado de peixes mergulhados em muito óleo da gaveta do balcão. Pequenas iscas fartas de sabor.

Eu amo esses peixinhos oleosos, mas admito que estou louco para me apaixonar ainda mais por ela quando vê-los contrastarem na boca rosada de mel.

# MIA ROSS

Professor. Sempre admirei professores, carregam o peso de ser inspiração todos os dias, querendo ou não, eles são como guias para a vida. No caso, eu era guiada para algo muito mais promíscuo... no entanto me vem a questão, seria tão ruim, parar de ser aluna?

Não é que eu esteja ficando maluca. Não estou. Talvez esteja, mas quem liga? Ele não sabe como é olhar para ele... *Mia, deve saber sim do jeito que é exibido.*

Mas não sabe o que é sentir atração por ele.

*Ou saiba também...*

Quer saber? Chega.

Ele sabe que está me torturando, continua, e por enquanto não estou vendo nenhum motivo aparente para estar me fazendo sentir tamanha dor.

*Minha raiva dele sobe no gráfico de linhas cada vez mais.*

Talvez seja o fato de não poder vê-lo completamente sem roupas, eu nunca pude decidir qual versão dele amo mais. Seria a do chefe gostoso? A camisa branca que o exala sempre com a confiança extrema. Ou a do namorado cozinheiro que me enrola na cama.

Ficamos meses sem nos tocar e agora que pensei ser o paraíso ele… *o que está fazendo?* Trevor retira um grande pacote gastronômico da gaveta do balcão. Ele quer comer mesmo, eu quero que você me coma, cretino.

Estende a mão para mim e esbanja o lindo sorriso que me faz suar. Você me machuca de uma forma tão gostosa, Trevor.

*Por que o maldito tem que ser tão lindo?*

Me entrego a sua persistência e junto minha mão a dele para caminharmos dez passos até a minha sala. Entro e me jogo no sofazinho quando ouço o barulho da tranca da porta.

Estampo meu rosto com um sorriso ansioso que ele percebe e ri.

— Eu tranquei por precaução.

— Claro. — Meu sorriso morre.

Se junta a mim no sofá e abre os pacotes, não é como se vê-lo fazer um *Unboxing de Instagram* culinário fosse tão atrativo, mas nesse momento apenas encaro todas as suas ações na tentativa de ficar um pouquinho mais perto dele. Meu corpo sente tanta saudade... ainda não foi suficiente para saciar os quatro meses que fiquei longe dessa camisa de avelã.

— Quer ficar no meu colo? — questiona com um pequeno sorriso de canto. Não tem nada no mundo que eu queira mais agora.

— Uhum — resmungo e me aconchego no seu peito. Um dos meus lugares favoritos com toda a certeza, é tão acolhedor como me enrolar em um cobertor quentinho. Só que com cheiro de homem e lavanda.

— Sei que está ansiosa para iniciar seja lá a conversa que quer ter, mas primeiro, quero te ver alimentada. — O sorrisinho fofo se transforma em sobrancelhas franzidas de ordem. Eu nunca disse que não comeria… agora por que está dando tanta importância para isso?

Tiro as fitinhas que cobrem o pacote e sujo meus dedos com a isca de peixe, levo até a minha boca me lambuzando toda de tanto óleo. Não é proposital, eu juro, mas comida é tão escorregadia… na verdade, a comida que ele me traz é escorregadia, e acho que isso pode ser de propósito.

Seus olhinhos de ordem se transformam em brilho e o deixam bobo como um palhacinho que ele morre de medo. Sim, é proposital. É fofo vê-lo me encarar assim.

— Humm… é realmente muito gostoso, mas agora você tem que conver... — Antes que eu possa terminar a frase, Trevor agarra meu pescoço e cola meus lábios aos seus. Não me deixa respirar, nem ele respira, como

se tirasse todas as bolhas de ar e óleo metafóricas. Mas limita, encerra, finaliza. Por que? Não, por favor, só falta eu choramingar por cima mesmo.

— Desculpa... não tem noção de como seus lábios são atrativos. — Ofega no meu rosto como se estivesse martirizando por ter que colocar um ponto final na pura afeição sublime.

— Trevor, mas por que desculpa? — murmuro ainda quase colada em seus lábios.

— Por interromper sua dança atrativa com comida.

— Você é… — Arfo acariciando sua barba. — Bem louco, às vezes.

— Sempre por você.

— Trevor, pode por favor responder a minha pergunta? — ronrono.

Ele me tira do seu colo escorregando pelas almofadas, levanta e fica de costas para mim. Coça a nuca de forma dramática e a cada segundo de demora fico mais imperativa esperando uma resposta dos seus lábios de avelã.

— Não é que eu tenha vergonha de não conseguir, é só que eu odeio te torturar com algo tão bizarro na minha mente. Você sabe que eu amo transar, principalmente com você, eu só não consigo... agora.

*O que é bizarro? Nada que te incomode é bizarro.*

— Sim, sim, sim, isso eu entendi. Eu quero saber o porquê não consegue.

— Por que o motivo é importante se não vai mudar? — *Mas... o quê?*

— Trevor. — Respiro fundo e junto as mãos. — Para mim faz diferença, então para o bem do meu psicológico, me diga de uma vez.

— A questão é o motivo realmente ser...

— POR QUE NÃO QUER TRANSAR COMIGO, PORRA? — grito esvaindo toda a paciência e resto de sanidade mostrando ao andar meu descontentamento.

— PORQUE VOCÊ DESMAIOU EM MIM! — ele berra de volta me deixando boquiaberta.

— Ah! — tampo minha boca na tentativa de segurar a risada.

*Isso?*

*É isso que não deixa a minha vida sexual continuar no paraíso?*

*Sério?*

— Trevor...

— Não, não, não vem com essa de "Trevor", não! Isso está sim fazendo minha cabeça pirar, então não é algo pequeno. Talvez para você que desmaie por aí o tempo todo seja, mas a minha cabeça não aceita, entende?

— Não sei, você disse muitos nãos. — Ele se aproxima e ergue o meu queixo me deixando fixa aos seus olhos.

— Miranda, eu ainda estava te penetrando, tem noção disso? Você estava inconsciente e eu…

— Eu consenti, Trevor. Mais do que isso, te implorei para fazer o que estava fazendo, você não fez nada que eu não quisesse.

— Eu tive que te vestir até os paramédicos chegarem e sair… você estava lambuzada.

— Você não está me ouvindo.

— Estou ouvindo cada palavra, você que não entende a procedência disso.

— Quer que eu peça desculpas?

— Eu quero que você se alimente, tome os remédios e cuide da sua pressão para que eu não tenha que duvidar se realmente quer me ter dentro de você.

— Eu nunca recusaria isso, vou me cuidar, prometo. Mas agora o que pretende fazer? — admito levando minha mão para acariciar seu pescoço.

— Esperar passar.

**Es-pe-rar pas-sar?**

— Trevor! — Morgan bate na porta várias vezes como se ele estivesse dormindo. — Reunião em dois minutos.

— Estou indo. — Ele assente ignorando nossa resolução de problemas.

— Você não pode me deixar aqui sem uma solução plausível!

— Não só posso como vou. — Ele me arranca do sofá, crava os dedos no meu cabelo e bate meu corpo contra o seu, me fazendo ficar na ponta dos saltos para acompanhar seus estímulos. Ele me eleva ainda mais segurando meu pescoço e cola meus lábios aos seus. Um beijo de segundos, mas tão intenso quanto qualquer tempo. Me larga de uma vez e segura minha boca. — E você vai esperar quietinha — sussurra e abandona a sala.

— Não vai ficar assim, Trevor White! — grito boquiaberta com o quanto ele está abusado.



**18h15m**

O tempo passa, mas a minha raiva não. E não dá nem para dizer que a culpa é completamente dele, talvez eu tenha me animado demais para um relacionamento que não era lá tudo isso… Mia, é tudo isso sim. Ouço batidas na porta de vidro e assinto a entrada.

— Mia? Vai pra casa comigo hoje? — Ted me faz levantar o olhar para sua camisa estampada e acompanhar sua ida ao sofazinho da minha sala.

— Não sei... estou confusa ainda, pense comigo, isso não é normal. — Deixo de treinar a caligrafia no iPad e divago minha mente.

— Já pensou que pode ter criado expectativas altas demais para esse relacionamento?

Pensamos por um segundo e nos encaramos.

— Esquece o que eu falei, é o Trevor. — Ele treme os lábios até lançar uma longa risada junto a mim.

— É pedir demais que ele me deseje mais uma vez?

— Você fala como se ele tivesse o poder de controlar tudo e acho que isso aconteceu porque passou tempo demais sendo a aluna.

— Aluna? — questiono.

— Sim, com você ele sempre ditou as regras na questão sexual, por que você não faz isso agora?

*Ele tem total razão.*

Eu nunca o joguei nas paredes e o fiz implorar por algo, ele sempre foi o *professor*.

— E quando eu digo que você é um gênio, não acredita. Vou fazer isso, quem liga?

— Eu não! — Ele ri animado com um sorriso debochado.

— Ótimo — Dou a volta na mesa e sorrio com carinho para ele. — Eu vou tentar ir para casa essa semana.

— Sinto sua falta. — A frase dita como um cachorrinho abandonado me faz inclinar e lhe dar um abraço.

— Você não odeia cuidar de uma criança?

— Eu acho que entendo quando as mães sentem saudade da bagunça dos filhos. — Ele cria a analogia que me faz rir. — Está tudo tão limpo sem você, não que eu queira minha casa suja, mas entendeu, não é?

— Em breve vou estar pronta para sujar sua cozinha.

— *Nossa* cozinha. — Ele me abraça com mais força e assim que nos soltamos arruma um pouco meu cabelo. — Seja a professora, ele vai gostar — sussurra.

— Uhum — resmungo com a aprovação que me afasta dele e me coloca em frente à porta de Trevor em segundos.

Vamos, Mia.

Seja mais como ele.

Obsessivo Promíscuo.

# TREVOR WHITE

Estou mais leve por ter contado a ela... *Céus, para que tanto drama?* Até parece que alguém morreu. *Tecnicamente, morreu*. Ela está de luto pela

vida sexual, fazer o que? Quem manda desmaiar.

**Seu imbecil, não foi culpa dela.**

*Tecnicamente foi... ela deveria ter comido e tomado a merda do remédio.*

Sério, vai ficar procurando culpa? Não deveria estar pensando numa forma de afastar esse pensamento ridículo de repulsa?

Eu até poderia pensar, ou estava pensando até que escuto um estrondo na porta. Gostaria de dizer para aumentar meu ego masculino que não me assustei, mas dei um pulinho sim. Nossa, Miranda, por que todo esse escân… *ela está?* Ela não está. Mia está tirando os saltos, não apenas saltos, a bolsa e com a bolsa a blusa… se enroscou um pouco, fofa. Espera, ela não pode fazer isso, está quase nua, ela ficou maluca?

*E por que caralho estou sorrindo com isso?*

— Tem que ser assim, não é? — a voz é de autoridade como se estivesse me dando uma bronca, mas não seria minha mãe.

*Ela está sexy demais para ser uma bronca materna.*

— Assim como? — Dou-lhe um sorriso de canto ansioso pelo seu desespero. Ela ignora minha pergunta e tira o rabo de cavalo deixando as mechas bagunçadas governarem os seus ombros. — Você fez esse rabo de cavalo só para entrar aqui e dar mais impacto quando tirasse?

— Chega de perguntas. — *Sim, ela fez.* — Você está pedindo por isso, não está? — Eu sinceramente não tenho a mínima ideia do que está acontecendo, mas estaria mentindo se dissesse que não estou gostando. Mia dá a volta em minha mesa e crava as mãos nos braços da minha cadeira.

Eu a encaro. O seu olhar de selvageria mel, é como uma selva em que os animais, clima, vegetação, tudo é dourado como mel. Não é amarelo inocente como desenhos de jardim de infância. É amarelo ouro desafiador e esse olhar vale mais do que mil palavras. As írises que me fisgam só até eu ter tempo de descer para a sua boca entreaberta, ela ofega… ah, eu te chamo de gazela por essa boquinha, você só sabe gemer alto ofegante, e me provoca assim, não é? Tão rosada como a sua pele que também está corada, eu te puni demais até que ficasse nesse estado. Eu juro que não foi por mal, mas se eu soubesse que ficaria nesse estado tão primitivo…

— Você erra todos os meus exercícios e acha que vai se safar dessa? — *Puta que pariu,* isso é algum tipo de fantasia professora e aluno? *E por que eu não sou o professor?*

— Não lhe cai bem o papel das ordens, Mia — provoco e logo me surpreendo ao senti-la separar meus joelhos e ficar cada vez mais perto da minha virilha.

— Para você é Professora Miranda. — *Caralho, isso foi estranhamente sexy demais.* — Eu sinto muito, mas essa é a detenção.

*Eu poderia acabar com isso… ah, que se dane, meu pau está duro demais com essa professora seminua.*

Eu vou entrar no seu jogo.

— E quais são as regras dessa detenção, Professora Miranda? — Ela contém um sorrisinho quando respondo que me faz copiar sua reação. Eu acho que nunca tinha brincado de fantasias assim.

— Humm… um trabalho manual — resmunga se comunicando com todo o meu corpo. Trabalho manual?

— Seriam colagens?

— Você começa colando as mãos em mim. — A sua voz séria me faz soltar uma pequena risada.

— Mia, pode parar com a pos…

— Eu dei permissão de falar?! — Ela tampa minha boca quase batendo a mão contra o meu rosto.

Quando foi que ela começou a ordenar as coisas assim? Seus lábios esperam uma resposta do meu corpo que entrou em uma espécie de colapso sexual. Toda aquela maldita repulsa apenas se esvaiu de todo o meu subconsciente com as suas palavras mais agressivas do que a própria ditadura.

Sentir a sua mão quente e macia contra a minha barba é ridiculamente gratificante. Ela dá as ordens, mas é fofa como um unicórnio, é contraditório demais para o meu cérebro de homem chefe entender. Eu poderia dizer que ela nunca havia passado tal sensação de autoridade e não estaria passando agora se… *que tipo de lingerie é essa?* Aperta tanto os seus seios que se igualam a espartilhos da idade média e como se não

bastasse os dois quase saltando para fora ainda não canso de admirar as suas pernas longas e brilhantes se contorcendo. Ela acha que não estou vendo? Que por trás dessas ordens, ela apenas me quer demais?

*E por que não dá isso a ela, Trevor?*

— Não deu, Professora Miranda — assinto, e ela retira a mão totalmente do meu rosto.

— Então permaneça assim.

— Posso apenas fazer mais uma pergunta? — Ela assente se inclinando ainda mais para perto de mim. — A senhorita se alimentou bem?

— Uhum e estou medicada. — A pergunta a faz abaixar um pouco a guarda tendo empatia por mim. — Desculpe mais uma vez…

— Shh. — Coloco meu indicador em seus lábios. — Não tem como nos recuperarmos de algo sem tentar mais uma vez, mas é o seguinte. — Puxo o elástico da sua calcinha para o meu encontro e forço sua cintura contra a minha ereção ocasionada pela sua agressividade. — Eu não vou fazer nada se você não mandar.

— Quer que eu dite as regras?

— Eu fui professor por muito tempo, não que eu vá abandonar meu posto... mas essas suas ordens me excitaram para um caralho.

— Hum. — Ela contém um sorrisinho.

— Então eu quero que continue.

Ela não coloca os dedos no queixo, mas está mais pensativa do que a própria estátua do pensador. Eu nunca te dei a chance de poder mandar e acredito que em parte isso seja algum vestígio do meu relacionamento vermelho, em que eu era mais aluno do que qualquer cargo de chefia. E mesmo quando a loira era submissa, eu sabia que estava fazendo aquilo por ordens dela. Ser o professor com a Mia é uma das liberdades que me fazem amá-la mais ainda. Só que… isso não significa que ela não deva saber como isso é bom.

*Pense, Princesa.*

— Eu... eu quero que me marque. — E as ordens parecem ser mais atrativas do que ela imaginava.

*Marcar? Vou amar deixar claro para todos que você é minha... namorada.*

Tomo suas coxas e a encaixo de forma simétrica no meu colo, isso, é esse sorriso que eu queria demais ver. Sentir a sua pele macia em minhas mãos prontas para amassá-la, apertá-la, estraçalhá-la. Afasto seu cabelo e prenso meus lábios contra o seu pescoço sentindo a fervura que fica em cada célula e atiro minha língua, espremendo cada pequeno pedaço dessa região para dentro da força que uso. É mais simples do que qualquer um poderia imaginar, eu apenas tenho um foco. *Ela*. Satisfazê-la, sugando mais a cada segundo até que chegue ao limite, a própria linha de chegada. Largo sua pele e vejo a marca vermelha com tons pequenos de roxo, você nunca tinha me dito a cor que gostaria, não é, Mia? Ela se inclina para baixo tentando ver a marca, mas não consegue me fitando com os lábios entreabertos.

— Tem que me dizer. — Ofego e instruo.

— Eu quero mais. — Arqueja baixinho.

*Assim, Princesa.*

Desço para o meio do seu busto e arrojo outra marca ao meio dos seus peitos. Visível para qualquer um se ela usar qualquer blusa um pouco decotada, não que eu queira qualquer imbecil secando a minha mulher, mas… *ah, é excitante sim esse sentimento de posse.* Seus olhos vão para baixo e seu rosto é estampado por um pequeno sorriso malicioso.

*Eu posso fazer quantas marcas dessa quiser.*

— E agora? — digo, ainda buscando ar por toda a fervura que ela exala, quando seus olhos percorrem seu corpo parando fixamente ao seu busto.

*Você precisa dizer, Princesa.*

— Eu quero que diga.

— Eu quero que chupe os meus seios — balbucia com os olhos brilhantes.

Estão brilhantes demais, é puro Amor Sublime, mas é óbvio que com a mistura prazerosa. Tiro um dos seios do conforto do sutiã de renda me deliciando com cada pequeno segundo dessa cena. Já queria ter feito isso

quando entrou, na verdade essa manhã, na maior e mais verdadeira verdade já queria ter fodido ela umas trinta vezes desde aquele desmaio. Brinco com a língua passando por cada centímetro do seu peito, apertando a massa de pele sentindo aos pouquinhos seu prazer encontrar os mamilos. *Você não vê que eu me importo, Mia?* Eu me importo com o seu bem estar, ter a sensação de que te causei algum mal é… mais sufocante do que eu poderia aguentar.

*Mas eu ainda posso ser o homem que te faz gemer nos sonhos, garanto que posso.*

Se tem algo em você que me chamou atenção de imediato foram os seus peitos, Miranda. Você não tem ideia do quanto é atrativo te ver sem sutiã naquelas reuniões, e eu suspeito que não usava de propósito para chamar minha atenção. Não é como se fosse uma regra, mas mulheres com seios menores tem um passe livre para não usar nada para cobri-los e estaria mentindo se dissesse que isso não me excita. Acredite, Mia, eu já vi todos os tipos de seios da face da Terra e os seus são únicos e meus favoritos. *Sério, Trevor?* Me lembro da época que conseguia apenas transar com ela sem ao menos pensar em declarações… *ah é, isso nunca aconteceu.*

— Durinhos como pedra — arquejo.

— Aah… não pare, por favor. — Seu desejo sempre foi ordem.

Tiro o outro seio da renda e apalpo com potência, sua respiração se acelera e seu busto sobe e desce em questão de um ciclo temporal curtíssimo. A cada vez que sobe deixo que sinta a minha língua e a cada vez que desce, aguardo subir. Mia cobre meu rosto com as mãos atiçadas e me puxa para os seus lábios me prendendo em um beijo quente e apaixonado. *Eu também estava com saudade, Princesa.* Eu estava ansioso para te retribuir assim, não é uma dança desgovernada como fazemos quando loucos promíscuos. É mais singelo transbordando paixão, enroscando para lá e para cá com a temperatura carinhosa de um bule de chá.

*Eu poderia te beijar assim por horas, Miranda.*

Para minha decepção ela larga a minha boca e traz a excitação para os dedos que mergulham no meu cabelo. Sempre amou bagunçar todo o meu cabelo, eu me lembro de cada pequeno detalhe do nosso primeiro beijo em

sua sala e é claro que seu primeiro ato seguido da minha boca, foi atacar o meu cabelo.

— Eu quero guiar você.

— Executando qual ato? — Ah, vamos, Mia. Eu quero que seja promíscua.

— Eu quero sentir a sua língua na minha boceta e guiar você.

— Perfeito, Miranda — sorrio, sussurrando a frase.

Levanto da cadeira com suas pernas enroscadas no meu quadril e ela se apega ao meu corpo como ninho complementa Nutella. Seguro suas pernas e arremesso contra o almofadado do sofá. Mia sorri enquanto ajoelho no chão para obedecê-la e eu não resisto em sorrir também de canto, confesso, deve ser mesmo gratificante me encarar ajoelhando. Nesse momento eu estaria a despindo aos poucos, mas esse trabalho ela praticamente se encarregou de fazer inteiro, o que me restou é a curta massagem na renda da sua calcinha que arrasto para o lado esquerdo.

Trago seu quadril para mais perto e seu cabelo esparrama no aveludado, com a ponta dos dedos toco os lábios molhados da sua boceta de mel usufruindo cada pequena sensação deslizante. Está muito excitada, demais mesmo.

*Ficou assim o dia todo, Princesa?*

— Eu amo te lubrificar — murmuro.

Quase tanto quanto te amo. Me imponho para cada vez mais perto, mas não deixo de encará-la sentindo a sua ansiedade para todo e qualquer movimento que eu decidir fazer. Eu quero demais ver suas reações, Mia. Alcanço com a ponta da língua e assim que a toco sinto a sua repulsa assustada, abro seus lábios e os mantenho fixos enquanto devoro cada milímetro. Eu queria realmente saber se isso é mais prazeroso para ela ou para mim. Eu sei, estou provocando cada fibra sensual do seu corpo, mas saber que sou responsável por isso…

*Ah, Miranda, você não tem ideia do quanto é gostoso te lambuzar inteirinha.*

Ela se remexe por todo o sofá apertando as almofadas indicando com toda a certeza do mundo que estou no lugar certo. Seu corpo se transforma

em uma onda ao movimentar-se contra a minha língua, aperto sua bunda com os meus dedos que a deslizavam e aumento a velocidade. A mão macia que arregaçava a almofada com força, agora quase arranca o meu cabelo esbanjando puro prazer.

— Aaah, Trevor… é sério… — *E alguma vez não foi?* — Não pare, por favor…

Penetro de uma vez dois dedos e ela pula para trás sem mais soltar um único som. *Foi o suficiente, não foi?* Para toda essa sua excitação guardada, se fosse eu gozando tão rápido assim você faria muitas piadas. Já eu por outro lado, levo como elogio. Consigo sentir o leite de canela jorrar por cada parte da sua boceta encharcada. Seria desfeita recusar, provo seu gosto e ela sorri ao me ver limpando o seu prazer. Puxa os meus ombros para cima e enquanto me beija provando sua própria mistura, desabotoa aos poucos os botões da minha camisa. Sem conseguir se limitar, enfiando as mãos por dentro do tecido para deslizar no meu abdômen.

— Eu gosto tanto do seu peitoral… — Ela tenta com todas as forças formular uma frase com sentido, mas apenas arfa o elogio em um gemido atrativo.

— Eu gosto tanto quando geme assim. — Ofego e mordisco seus lábios molhados. — E agora?

— Humm… Patente Moderna?

Sorrio ao lembrar da vez que levou a redação sobre arquitetura até a minha sala... caramba, como eu era louco por ela, tanto que não aguentei esperar dez minutos para estraçalhar aquela bunda na minha mesa.

— Você tem a *Patente* do meu desejo, Miranda — declaro e faço carinho com as costas dos dedos em sua bochecha quente e mais rosada do que nunca. — Quer que eu te coloque naquela mesa?

— Eu quero que me foda naquela mesa. — Ela sorri safada me encarando com os olhos que brilham pedintes.

*Ah… era isso que o meu pau queria ouvir.*

— Seja a minha professora, Miranda.

Junto seu corpo ao meu colo e carrego até que estendo sua barriga contra a madeira fria, deixando-a de bruços e de quatro para mim. Visão

mais atrativa do que essa impossível. Uma sensação de poder indescritível, suas pernas entreabertas, suas costas nuas, o cabelo esparramado para todos os lados e as suas mãos que nunca largam a madeira. *Ah, então você já sabe como é.* Já sabe como uso força contra essa mesa, é trauma dessa madeira fria, Mia? E como eu te fiz gemer até que a Morgan ouvisse tudo naquele dia? É, eu não esqueço também, assim como você.

Com a ponta dos sapatos de couro afasto ainda mais suas pernas, tiro o cinto mais rápido do que carro premiado de fórmula um, deslizo o zíper e libero o meu pau do sofrimento que estava naquela calça. A cabeça rosa bate levemente na sua nádega e ouço-a soltar um gemido brincalhão.

*Vá brincando… eu sei brincar também.*

Passeio uma das mãos forçando a pele lisa das suas costas avermelhando-as a cada centímetro. Puxo seu quadril para a minha virilha e é claro que eu poderia ser o homem gentil que a destila aos poucos, mas convenhamos, Princesa, você já teve o que desejava uma vez e a agora é a minha partida. Jogo meu pau para dentro da sua boceta lubrificada de pura ansiedade em me ter dentro dela e deslizo. Era disso… era só disso que eu precisava, isso é melhor do que qualquer terapia. Para frente… e para trás e mais uma vez, *ah… faça de novo*, para frente e para trás.

— Puta que pariu, é só disso…

Os meus gemidos ofegantes a fazem rir de soberba entre os seus próprios gritinhos, eu não sei o que me excita mais, essa dança que sobe e desce ou os seus pulos para frente a cada vez que penetro mais fundo. Inicio o movimento bem mais veloz e ela agarra a borda da mesa, enrolo seu cabelo nas mãos e apenas consigo sentir alívio por me pegar admirando sua bunda gostosa bater no meu pau repleto de abstinência. Sim, é isso o mais excitante, a *porra* do barulho carnal.

*Preciso de mais do que isso.*

Apoio minha mão em seu pescoço e resvalo minha mão por sua nádega, ah… cacete é tão macia, tão atrativa, tão gostosa, meto um tapa fortíssimo na sua bunda e a faço pular tanto para frente que a mesa range para os lados.

— Eu não mandei fazer isso! — ela grita e ofega nervosa.

— Eu não perguntei — rosno, e ela ri com a minha ousadia, mas logo para ao sentir outro tapa encontrar a sua pele. Se acostume, vamos, eu sei que você gosta se sentir a minha mão… *ah, está vendo?* Eu gosto assim, quando se empina para mim, para me obedecer, para seguir todas as minhas regras.

*Já estou me perdendo no personagem de aluno.*

Me preparo para continuar o movimento, mas assim que tento segurar suas mãos para trás, ela me limita. Não me deixa segurá-la como amo fazer, por quê, *caralho*?

— Pare — ela sussurra e por mais que eu esteja odiando essa ideia, sei que tenho de obedecer. — Para! — A segunda vez me faz tirar o meu pau completamente duro de dentro da sua boceta encharcada e esperar seja lá o que ela queira fazer.

— Mas que porra… — sussurro e ela deixa de ficar debruçada sobre a mesa e se vira para mim. — Está gostando, caralho? — Ela sorri e eleva os pés até se aproximar o suficiente da minha boca. — Está gostando demais — murmuro e ela puxa o meu lábio inferior.

— Coloque-se no seu lugar — ela ordena e eu a fito mais puto do que nunca pela interrupção.

Ela acha que é assim? Que pode simplesmente me deixar exposto como um otário apenas para reafirmar sua autoridade? Não estamos mais nos primeiros dias em que brincávamos um com outro, Miranda. Você aceitou ser minha, entre dançarinas e girassóis que te causam alergia, *você aceitou ser minha*. E eu sinto em lhe dizer que ter me dado esse poder, me faz ter o passe-livre para fazer isso.

Cravo minhas mãos em seu cabelo e choco sua boca na minha, sem beijos apaixonados como ela estava fazendo no início. A brincadeirinha cheia de fantasias de ordem, você não sabe o que é ordenar, mas eu sei. Desço meus dedos e arranco o fecho do seu sutiã mais rápido do que qualquer sinônimo da palavra veloz. *Estava com saudade disso, vamos confesse que sim.* Não de carícias e declarações, mas disso aqui. Empurro seu corpo contra a mesa e a coloco sentada e completamente aberta. Não a deixo respirar, nem mesmo por um segundo, você pediu por isso, me limitando, se atrevendo a me privar de prazer.

Maluquice não foi tirar a roupa na minha sala, isso eu sempre fiz muito bem, mas foi loucura se quer pensar em me tirar uma gota de excitação.

— Hum… — O resmungo vem em forma de pedido de arrego e eu cedo envolvendo seu pescoço com força bruta. Ela ofega, ofega demais, sem parar. — D-desculpa…

— Só abra essa boca se for para gemer — rosno e puxo sua boca para a minha mais uma vez, mas agora ela obedece.

*Sim, eu senti falta disso.*

Eu sei, é gostoso a pouca liberdade que te dei, mas não fomos feitos para essa fantasia. Você sabe bem disso, Mia. Você ainda é a bolsista que ama receber ordens do chefe no trabalho e no sexo.

Arranco seu quadril para trás e soterro bem fundo. Bem mais do que estaria disposto antes dela me limitar, entrando dentro dessa bocetinha de mel, louco por cada movimento. E não apenas o carnal, é, esse me atrai muito, mas a *porra* da mesa. A cada vez… para frente e a madeira range… para trás e a madeira está riscando o meu mármore negro. Esse barulho desgovernado que acompanha cada vez que a penetro, uma bela sinfonia eu diria. *E o que me excita mais?* É a mesa quase se quebrando rangendo como gangorra velha de parque infantil? São os seus gemidos que mais se igualam a uma *stripper*? Não, é a *porra* do meu pau batendo forte, cada vez mais forte dentro dela.

*Ah, caralho… faça assim, não me limite agora, não de novo, era só disso…*

— Porra, Princesa… — solto o gemido abafado de puro alívio liberando leite avelã por toda a sua boceta de mel.

Eu ofego, arfo, arquejo mais do que nunca tentando ao máximo me controlar, mas é impossível, estou completamente dopado dessa sensação sexual. Nem mesmo abro os olhos e é por isso que apenas sinto Mia beijar cada pequeno pedaço do meu rosto. São beijos mergulhados em carinho e açúcar como se estivesse aprovando o meu tempo e isso acalma mais rápido meu sistema nervoso. Consigo abrir os olhos devagar e ela me encara mordendo o lábio.

— Eu te amo — murmura tão baixo que se não estivesse tão perto não escutaria. Lhe dou um sorriso de canto e um selinho demorado. — Trevor — ela me chama e eu imponho meu nariz ao seu.

— Miranda. — Ofego.

— Eu acho que gosto mais quando você é o professor. — Escapo um sorriso malicioso quando declara.

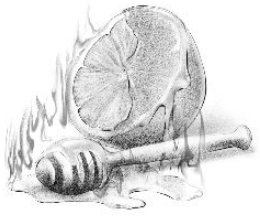
— Não vou mais te torturar, estou aqui, sou seu. — Arfo e agora é ela quem sorri.

Confesso, não era muito fã do giz que eu era obrigado a copiar, prefiro mais a arquitetura dos lustres, mas quando ela é quem dita as regras...

*Siga a minha luz, Princesa, ou me faça seguir a sua.*

*Lustre de Giz.*

# 3



# Toalha de Canela

*Não parecemos perfeitos, querida?*
*Vamos levar isso adiante, amor*
*Se eu fosse seu namorado*
*Eu te daria todo o meu tempo*
*Não apenas um pouquinho*
*A noite toda*
***Girlfriend – Charlie Puth***

## MIA ROSS

Culinária. Arte de cozinhar que evoluiu ao longo da história para tornar-se parte da cultura de cada povo. Comida é algo tão gratificante, serve como comemoração, lamentação e até mesmo indecência. É um misto cheio de criações humanas e da indústria natural.

*Comida é emocional.*

Amorosa. Serve para demonstrar carinho.

Angústia. Serve para dramatizar melancolia.

Fúria. Serve para intensificar braveza.

*Comida é sensacional.*

Doce. Traz açúcar para aqueles que já sofreram.

Amarga. Traz cafeína para aqueles que vão lutar.

Salgada. Traz sal para aqueles que ainda são inocentes.

*Comida é institucional.*

Dureza. Cabe aos amantes da força.

Indiferente. Cabe aos amantes do comum.

Majestático. Cabe aos amantes do divino.

Mas o que todos escondem dos seus olhos amaldiçoados pela sede gastronômica, é que não importa a emoção, sensação ou até mesmo a instituição: A culinária serve tudo e para todos.

**9h**

Confesso que hoje estou sentindo mais fome do que o normal, fico imaginando um prato mais gorduroso do que o outro. O dia está mais calmo, é começo de mês, tudo ainda está em planejamento. O que não me anima muito, gosto mais da parte da ação.

Já estou há uma hora trabalhando e ainda estou esperando para usar a sala de cópias. Aí deve estar se perguntando.

***"Mas você não tem impressora? Por que esperar para imprimir numa salinha chata?"***

Porque a copiadora faz infinitamente mais rápido do que eu ter que virar o papel quinze vezes. *Trevor é tão rico, por que não investe em impressoras boas para os funcionários?* Quer saber? Já estou quase indo virar as quinze vezes porque minha paciência está indo para o espaço.

Peço a assistente em minha frente para guardar meu lugar na fila e vou tomar um café no canto da salinha. Seleciono a cafeína com três adicionais de açúcar e essa cafeteira sempre me surpreende pelo trabalho veloz, seguro o copinho e experimento um gole.

— Bom dia, Princesa — Trevor sussurra as palavras que ressoam em meus ouvidos causando arrepios.

— AI, QUE MERDA! — grito ao derrubar o café inteiro na blusa e só tenho vontade de enfiar minha cabeça em um buraco desse chão de

mármore por todos da salinha de cópias estarem olhando para mim.

Sorrio descaradamente tentando demonstrar normalidade e Trevor escapa uma risada que me faz ferver de raiva. O homem que sempre acorda com o melhor humor de manhã, ainda não compreendi o porquê, que não para de me encarar com um sorriso estampado no belo e ridículo rosto.

— Não sabia que estava com raiva — continua sussurrando mostrando total indiferença pela merda que acaba de fazer.

— Não estou, talvez, você pode não sussurrar coisas no meu ouvido no trabalho?

— Por que? — sussurra.

*Cretino.*

— Porque eu assusto e jogo as coisas em mim, cacete! — Ele sorri ainda mais com minha fúria e me forço a tentar falar mais baixo para não chamar ainda mais atenção.

— Quer que eu limpe você? — Franze o cenho fixo a minha blusa encharcada.

— Tem papel na... ah, você foi promíscuo. — Assim que percebo o duplo sentido reviro os olhos.

— Sabe onde poderia descarregar toda essa raiva?

— Trevor, eu vou socar você se não...

— Agressão nem sempre é algo ruim... parei! — Ergue as mãos em defesa. — Eu sei que a fila de cópias é um saco, assistentes servem para isso, não deveria estar aqui.

— Mor me pediu para fazer cópias e a impressora é péssima. — Ele ri e me limpo com os guardanapos.

— Morgan está passando as tarefas que eu passo pra ela pra você. — Ele ergue o queixo galante como se fosse o chefe de tudo e bem… ele é.

— Eu vou voltar para as tarefas que foram deixadas de herança para mim. —Caminho de volta para fila e ele me segue como um cachorrinho.

Antes que eu possa me acomodar o vejo não apenas encarando a assinante atrás de mim, mas lançando o olhar mais mortal da face da Terra

para que ela se mova e adivinhe? Ela deu o lugar a ele. O que esse homem quer?

— Sabe uma coisa que eu reparei? — ele pergunta de costas para mim enquanto brinca com as mechas do meu cabelo.

— Hum.

— O que casais fazem antes de serem casais mesmo?

— Conversam? Casais normais conversam.

— Exato e eles conversam em…?

— Encontros? Acho que nunca tivemos um encontro.

— Bingo, Srta. Ross! — Ah, é isso que está deixando ele com esse humor de musiquinha de bom dia infantil?

— Nós almoçamos no Mercato Páteo, isso não conta?

— Contaria se não tivéssemos pulado para a sobremesa antes. — Sorrio. *Isso é verdade.*

— Faz sentido, Sr. White. — Assim que concordo quase sem fazer força alguma, ele vira o meu corpo para si e toca os meus ombros.

— Quer jantar comigo? — a pergunta sai com a dramatização de ator de Hollywood.

— Você quer fazer tipo uma reserva? Com toalhas de mesa brancas e chiques?

— Acha coisas brancas chiques? — Ele ri. — Sim, eu quero.

— Tudo bem, hoje?

— Te pego às oito.

— Tá bom, isso pareceu muito...

— Coisa de filme, não é? “Te pego às oito”? — Ergue o queixo orgulhoso de si mesmo.

— Isso, agora eu digo o quê? Humm... estou ansiosa! — Sorrio enrolando meu cabelo nos dedos como as adolescentes de séries.

— Bem cinematográfico! Mas sabemos que está ansiosa de verdade, porque todos os encontros comigo são majestosos.

— Ah é? Por que, hein, exibido?

— Porque, lembrando das cinzas, sou um romântico incurável — diz, enquanto se distancia aos poucos de mim.

— Não discordo — digo voltando o olhar para a fila.

— Fernanda — a voz dele sai em tom de restrição.

— Sim, Sr. White — a moça da administração da sala o responde de imediato.

— A menos que alguma cópia na frente seja para a CEO, deixe a minha bolsista passar, lembre-se que todo o trabalho dela é meu.

— Claro, Sr. White — a resposta dela me faz ficar boquiaberta e consigo vê-lo sorrir de canto pela minha reação.

*Eu passei mesmo na fila? Tudo bem, agora meu dia acabou de ficar um milhão de vezes melhor!*

Não que isso seja certo... se bem que de verdade o diretor criativo tem prioridade, ele cuida de todas as operações da empresa.

*Operação.*

Imagino Trevor no uniforme de cirurgião.

Nossa, com certeza ele entraria para o elenco masculino de Grey's Anatomy. Seria um daqueles cirurgiões que não deixa de comer e escuta música na sala.

Será que ele já assistiu essa série?

*Mia, guarde as perguntas para o encontro!*



**19h30m**

Destravo a porta de casa, entro e jogo a bolsa no sofá. Claro que não apenas a bolsa, eu fui junto também, estou tão cansada que nesse momento

eu só queria abrir minhas pernas e massagear o cabelo do meu chefe. Enquanto meus pensamentos são promíscuos, Ted está ainda fixo no *notebook* com as roupas estampadas de trabalho, só até por alguma obra do destino desviar o olhar e se chocar com minha roupa.

— Ei, o que aconteceu com a blusa? Parece que pulou na lama. — Assim que pergunta me lembro que estou suja, até mesmo tinha me esquecido depois de tanto trabalho.

— Ah… camisas e sussurros.

— Faz tempo que Trevor não vem aqui me fazer de ouvinte.

— Quando foi que essas indiretas começaram? — Sorrio e ele ainda continua fixo a tela. *O que tem de tão interessante nessa telinha?*

— É saudade. — Sabia que Ted gostava do Trevor, mas não de sentir saudade, chego até mesmo a rir por esse carinho.

— O que está te hipnotizando nesse computador? — Pulo para perto do sofá quando meus olhos encontram o *Instagram* aberto.

— É o Léo?! — Cacete, eu me lembro dele, um cara gostoso do trabalho, segundo ele mesmo, não faz meu tipo, mas é bonito. Ele me lembra o Harry Styles.

— Óbvio que não! — Ele fecha o aparelho imediatamente. — Cliquei no perfil sem querer só isso, não tem que limpar essa blusa, não?

— Sem querer, aham! Pode me contar as coisas, sabia?

— Quando tiver algo para contar eu conto, mas não tem.

— Claro — ironizo, revirando os olhos com um sorriso.

— Mia! — Ele não se aguenta e ri.

— Trevor me chamou para um encontro. — Resolvi mudar de assunto e faço aspas com as mãos.

— Faz sentido, vocês não tiveram passos normais de um casal comum... mas é sempre mais emocionante o que não é comum.

— Concordo, pode me ajudar no que vestir?

— É um jantar chique ou mais simples? — Gosto de pedir sempre ajuda dele para tudo e todas as coisas, Ted se sente útil e amado quando

peço sua opinião.

— Vindo dele eu acho que chique.

— Vá com o verde escuro.

— Com as mangas bufantes longas?

— Acho que ele não te viu com esse ainda. Ah! Se for comer algo doce, traz pra mim?

Assinto e ele sorri como se tivesse ganhado na loteria e na verdade eu também estaria assim levando em conta o gosto do Trevor.

*Vamos ao "primeiro encontro".*

# TREVOR WHITE

Culinária. Arte de cozinhar que evoluiu ao longo da história para tornar-se parte da cultura de cada povo. Comida tem tantos significados. Sempre achei ridículo aqueles que dizem que supervalorizar a comida é errado. Realmente merece valor, independentemente da quantidade, localidade ou variedade que foi imposta.

*Comida é histórica.*

Marca presença em todos os tipos de contos, causa veracidade e acompanha jornadas com tipos e tipos de misturas em panelas.

*Comida é cultural.*

Todos os povos tem seu estilo gastronômico e esse fato é fascinante, trazem e passam por gerações deixando sempre receitas em um livro de páginas amareladas.

*Comida é artística.*

Pintores, escultores e, por que não, chefes de cozinha não seriam artistas? Criar, pensar e aprimorar pratos sempre inovadores. É uma arte que poucos apreciam, a comida é a arte das sensações.

Mas o que todos escondem dos seus olhos amaldiçoados pela sede gastronômica, é que comida é união. Não importa a cor, classe, gênero, nacionalidade ou religião.

*Seja caviar ou sopas de repolho no frio das fábricas de chocolate.*

A comida une as pessoas de todas as classificações. E vou te escrever o porquê. A culinária serve tudo e para todos.

**19h59m**

Talvez eu esteja com aquela ansiedade boba de primeiro encontro, acordei sem conseguir pensar em outra imagem senão a dela se lambuzando gastronomicamente, tinha que vê-la e dar um jeito de convencê-la a jantar comigo.

Talvez eu esteja dando muita atenção para tudo isso, mas eu quero fazer as coisas mais bobinhas que casais fazem. Porque tudo está bem. Sem tempestades.

Consegui que, *Simão, o porteiro,* nossa esse pensamento ficou no estilo bárbaro.

*Pepino, o breve.*

Chego a rir com a comparação.

Simão me deixou subir e estou apenas ansioso demais para levá-la em um dos restaurantes mais chiques de Portugal.

*Eu disse que estava levando esse negócio de primeiro encontro a sério.*

Viro o relógio de pulso e os ponteiros marcam oito horas em ponto. Minhas mãos estão suando como as de um adolescente idiota e terrivelmente juvenil que nunca viu uma boceta, está vendo, Mia? É nisso que você me transforma, nas minhas versões mais absurdas.

Bato na porta branca que destranca no mesmo instante da minha ação.

— Tchau, Ted — ela se despede gentil enquanto abre a fechadura.

— Boa noite, Srta. Ross. — Sorrio de canto ao encontrar seus olhos de mel.

— Boa noite, Sr. White. — Ela sorri assim que escuta minha voz.

*E nossa…*

Mergulho meu olhar no seu cabelo de mel enroladinho nas pontas, fios que caem sobre os ombros dela como uma cascata macia, eu poderia não apenas observar, mas sentir esse cheiro tão atrativo mais de perto. O vestido verde escuro, majestoso, essa seria a única palavra para descrever de forma adequada. É cativante das mangas longas de tecido grosso até a saia lisa um pouco acima de seus joelhos. *Ah, caralho você faz isso de propósito, não faz, Miranda?* Que pernas são essas? Por que não me deixa ficar entre elas enquanto mergulha os dedos no meu cabelo?

*Prazer e não satisfação, seria te apalpar inteirinha.*

— Mulher... não erra não? — murmuro meus pensamentos.

— Hum? — Ela sorri ainda mais quando me encara desconcertado.

Eu pensei sinceramente, que apenas ficaria desse jeito no início, mas percebi que vou me chocar com a beleza dela pelo resto da minha vida.

— Vou te convidar para mais encontros se for ficar linda assim — provoco.

— Você diz que estou linda sempre. — Mia joga o olhar para o chão.

— Ah, minha Princesa, são apenas verdades, por isso me assusta quando quebra recordes. — Me aproximo e ergo seu queixo agradecendo aos céus por ter a chance de tocá-la como eu já queria há meses.

— Recordes de beleza? E esse blazer cinza que eu nunca vi? — Ela se ergue um pouco e cola meus lábios aos dela com um selinho enquanto apalpa o tecido.

— Ocasiões e ocasiões — sussurro e mantenho seus lábios súditos dos seus desejos.

*E o que caralho está me limitando?*

Jogo seu corpo na parede e envolvo seu pescoço ardente nas mãos como a barra de ferro que brinco quando malho na matina. Eu aperto e ter, uma dupla infinita porque eu estou apertando e testando a força com que quero rasgar esse tecido verde. Provo seus lábios até sentir a sua língua dançar com a minha e ofego, ofego demais por querer senti-la tão perto já faz horas. E ela me retribui perfeitamente gemendo baixinho quando não resisto em apertar seus seios, visivelmente endurecidos pelo tecido de lã do vestido.

Ela só pode fazer de propósito, ainda sabendo que vamos a um restaurante onde não posso jogar a mesa para cima e atacá-la. Tenho certeza que vou ficar vidrado nesses peitos 80, 90… ou 100% de todo o jantar.

— Ui!... Desculpa. — Uma adolescente passa pelo corredor com compras e um fone de ouvido.

Miranda me empurra para o lado de imediato envergonhada e acena para a garota.

— O-oi, Amanda. — Ela pigarreia e ajeita o cabelo sem graça.

— Oi, Mia. — O silêncio constrangedor nos invade e eu mantenho minha mão em sua cintura. — É… você não grita à toa. — A adolescente brinca e torna o rosto da minha namorada o próprio pimentão.

— Obrigado. — Solto e Mia me dá um tapa no peito em restrição que me faz segurar uma risada.

— Amanda, pelo amor de Deus, não tem que guardar essas compras?

— Tenho. — Ela ri. — Está muito bonita — elogia, e quase entra no apartamento, mas antes de fechar a porta solta. — Ele também.

*Que atrevida.*

— Não sabia que tinha vizinhos — sussurro sorrindo com a situação.

— É um prédio, tem vizinhos.

— Sim, mas você conversa com eles, eu não.

— Você é antissocial — ataca e fico boquiaberto.

— Como ousa, eu? Não mesmo. — Ela ri como se estivesse certa.

Eu tenho muitos amigos!

Amigas.

Duas amigas na verdade, Mor e Rose.

E a Sarah… é, não é categorizada como amiga.

Mas eu não sou antissocial, converso muito, se não conversasse não transaria tanto e… se bem que no início não conversávamos muito.

**Eu não sou antissocial!**

— Não íamos jantar?

— Íamos e vamos, Princesa — corrijo. É melhor que eu esqueça tudo isso mesmo.

*Eu apenas limito meu círculo social, isso não me torna antissocial.*

Abro a passagem para o elevador e me coloco atrás do seu corpo enquanto ela olha para cima contando os andares.

— Mais um local gastronômico para o nosso Tour. — Ofego, afastando seu cabelo na tentativa de sentir seu cheiro. — Escolhi com carinho — adiciono e ela vira a cabeça me dando mais acesso para beijar seu pescoço. — Espero que goste — sussurro e ela arrepia.

— Uhumm — resmunga me atraindo para a trilha sensual que a sua temperatura está criando.

Deixo que ela entre primeiro no carro, lhe entrego meu iPad e aguardo a escolha da música entre todas da minha playlist favorita.

*Girlfriend – Charlie Puth*

— Ótima escolha MIA namorada. — Ergo e abaixo as sobrancelhas com um sorriso para que perceba a piada e ganho um sorriso junto a olhos revirados. Não tive a chance de chamá-la assim ainda.

— Só poderia ser meu namorado para amar Charlie Puth mais do que eu.

— Eu já disse, você compartilha e participa do meu bom gosto.



Tranco o carro e ela se enrosca no meu braço me deixando vangloriar da sensação sublime que é senti-la ser totalmente minha. Sentir que a conforto e asseguro de tudo e todas as coisas que poderiam machucá-la.

*Eu gostaria que apenas me visse como um super-herói e que isso nunca mudasse.*

Admiro as enormes janelas arredondadas de um dos restaurantes mais bem comentados de Lisboa. Não apenas dessa cidade, ficou na lista entre os cinquenta melhores restaurantes do mundo.

*O famoso Belcanto.*

Ela disse que gostaria de mesas com toalhas brancas para ser mais cinematográfico, pois eu encontrei.

Informo a reserva ao atendente e assim que liberam, acompanho Mia até a mesa massageando com lentidão a pele nua das suas costas. Eu não quero pressa, estou aqui para sentir todas as sensações que pode me proporcionar. Todas aquelas que pulamos e trocamos por sexo desgovernado. Não me entenda mal, Mia, eu amei cada segundo com você, mas sou ambicioso, sempre vou querer ainda mais.

Percorro até encontrar a mesa mais aconchegante e afastada de todo o salão. Não quero garçons passando milhares de vezes, nem pessoas conversando mais alto do que a sua voz de mel. Único ponto negativo é o cheiro da comida que fica mais difícil de sentir, porém é o preço a se pagar para estar mais fixo a ela.

— Trevor — ela me chama assim que puxo sua cadeira.

— Princesa.

— Isso é chique... bem mais chique do que o Mercato Páteo. — Ela quase que ronrona pertinho do meu pescoço.

— É o primeiro encontro, merece valor — respondo, acariciando seu queixo enquanto abaixo seus ombros para sentar na cadeira.

— Sabe que não vou entender nenhum prato nesse cardápio, não é?

*Não esperava algo diferente disso.*

— Já não entendia no Mercato Patéo — brinco e ela revira os olhos.

Um garçom se aproxima com gentileza trazendo o cardápio e após a saída dele, me coloco para traduzir o papel cheio de divindades.

— Esse tem batata? — Ela se anima com a diversidade de pratos e aponta para um dos itens.

— Também.

— Pelo menos isso eu entendi. — Sempre vou me divertir em ver sua porcentagem zerada de conhecimento por gastronomia requintada.

*Eu também não entendia esses cardápios monstruosos, Princesa.*

Apenas tive uma mentora fissurada pelo valor da comida. Me ensinou com excelência, Hills.

— Gosta de abóbora? — questiono e Mia faz uma careta. — Lombo? — Sua feição é de mais ou menos, na verdade mais para menos. — Quer saber? Quem liga pra essa realeza toda? Bife ao molho de trufas e as suas batatas, gostou assim?

— Sim! — Seu sorriso me faz largar o cardápio.

Essa minha mudança é tão intensa por assim dizer. Desde que coloquei os pés na Thompson Mídia, eu venho mudando minha personalidade, aprimorando e aprendendo as mais variadas lições chiques. Me distanciando dos chocolates que grudam no céu da boca, certo, esses eram ruins mesmo.

Mas eu amava.

Até conhecer as chocolaterias famosas.

*É a famigerada lista de prós e contras de Ted Mosby.*

Chocolate com gordura traz conforto.

Chocolate supremo traz obsessão.

**O poder é obsessivo.**

Você começa indo em uma loja cheia de pilhas e roletas de bombons de essências com cheiro atrativo. E quando percebe, já está gastando milhares de euros com caixas e caixas de cacau. É um vício. Você vicia no novo e continua se obrigando a continuar comprando pela possibilidade de talvez sentir aquela supremacia mais uma vez.

*Mas e se for a hora de voltar às origens?*

Em que não haviam mulheres altas mandonas, camisas sociais, pasta carbonara ou mármore? Você faz isso comigo, Miranda. Lembrar que eu fui alguém antes dessa herança. Antes da Hillary. Antes da Sarah.

*E eu sei, que você ama todas as minhas versões.*

Balanço um pouco a cabeça saindo da reflexão e explico ao garçom o que gostaríamos de comer ignorando o sorriso de deboche.

— Branco ou tinto?

— Tinto. — Isso ela sabe escolher, ótimo.

O funcionário anota e sai com o uniforme bem cortado que cobre o seu corpo. Sem dúvida, uma das coisas que eu amo em restaurantes são esses uniformes chiques e as decorações requintadas.

— Seguinte. — Puxo seus dedos e os massageio com carinho. — Não quis te trazer aqui apenas por ser nosso primeiro encontro. — Faço aspas com as mãos. — Mas porque preciso urgentemente conhecer alguns detalhes sobre você.

— Tipo as flores? — Ela ri.

*Tipo as flores, Mia.*

— Ótimo, vamos começar por aí. Flores que você é alérgica.

— Hum... as que têm mais pólen, acho que meu nariz é sensível a esse pozinho.

— Pozinho — repito a palavra. Caramba, mas que mulher fofa. É tão gostoso ouvir palavras no diminutivo saindo da sua boca.

— Eu gosto de orquídeas.

— Porque elas não tem pozinho — concluo. — Temos mais esse gosto em comum.

— Minha vez, filme favorito?

— Interessante a pergunta, Srta. Ross. Diabo Veste Prada. — Não é preciso pensar para essa resposta.

— Ah, faz sentido. Por isso gosta do meu nome?

— Por isso e também porque é possível fazer milhares de piadas.

— Você seria a Andrea?

— Em uma versão muito mais sexy. — Mia sorri com malícia. Feliz que está se divertindo, Princesa. — E seu filme favorito?

— Histórias Cruzadas.

*Nossa, perfeita escolha!*

— Não sabia que gostava de filmes históricos, Octávia é uma das minhas atrizes favoritas.

— Gosto de filmes que retratam preconceito, sempre aprendo muito... é triste, mas é também inspirador ver o arco de cada personagem.

— Fora que retrata escrita também, Emma Stone nunca decepciona.

— Gosto mais da torta de chocolate! — Ela ri em referência a cena hilária de vingança.

Mimi, uma das empregadas, fez uma torta de chocolate com as próprias fezes para a sua patroa por tratá-la muito mal. A melhor vingança de todos os tempos.

— Opa! Como eu vou comer chocolate agora, Mia? — brinco e o som da sua risada alta me faz sorrir.

— Vamos para o inevitável. Qual seu tipo sanguíneo? — Me perguntaram isso no dia em que desmaiou e eu não fazia ideia.

— Sou O Negativo.

— Nossa, desculpe garota do sangue universal! — humorizo.

— Trevor! Alergia?

— Nenhuma, mas odeio menta.

— Nenhuma também, mas odeio banana.

— Sério? Não parece. — Não poderia perder a piada.

— Você não presta. — Ela se irrita e revira os olhos.

— Não é o que costuma gritar na madrugada.

— Trevor White! — Ela se surpreende e me repreende apertando minhas mãos.

— Continuando, Miranda Ross.



Um dos maiores prazeres de namorar essa mulher é poder admirá-la comendo. É uma dança tão bem coordenada, os lábios mergulhados no temperos, o óleo deixando tudo bem deslizante e claro, a provocação mais clássica de todas, limpar a boca com a língua. Sim, isso me deixa louco.

Mas nesse momento, outra ação está me deixando louco.

Ela está me encarando. Não há mais conversa ou degustação, apenas está me encarando. Seus olhos estão tão fixos aos meus que poderia… espera. Ela não está olhando nos meus olhos, está mais baixa. É a minha boca?

*O que está pensando, Princesa?*

As luzes se apagam como um estalo sem qualquer aviso e apenas uma vela em um bolo enorme na mesa afastada prevalece. Aniversário? Sempre achei divertido comemorar em restaurantes, não sabia que o Belcanto permitia essa política. Os garçons se juntam à mesa para a cantoria e tudo se transforma em um enorme breu.

Miranda enrosca os saltos na minha perna, me puxando para si, passa a língua entre os lábios e brinca com uma mecha das mechas do seu cabelo.

Mulher.

Aqui? Meu Deus.

— Não acredito que está cogitando essa possibilidade. — Finjo não estar amando essa malícia.

— Ninguém liga… — ela murmura com o olhar indo até a mesa de aniversário e voltando para a minha boca.

— Eu ligo — minto.

— Vamos... Ursinho. — *Cacete*, de onde ela tirou essa voz tão atrativa?

— Ursinho?

— Não é um ursinho diabético? Ursos gostam de mel.

*Pensamento com sentido e desejo impróprio.*

— Não vai me manipular com esses apelidos de Fofura Prazerosa.

— Por favor. — Mia enche os seus olhinhos de brilho ao me implorar.

É, eu realmente achei que conseguiríamos sair como casais normais, mas eu te perverti, não foi?

— Se formos presos, você vai ligar para a Sam. — Imponho e ela dá um sorriso tão gigante que pode ser visto a quilômetros.

Levanto a toalha branca e me enfio debaixo da mesa redonda. *Rápido e ágil, Sr. White*. Deslizo a ponta dos dedos por suas pernas e acompanho os arrepios, desde as panturrilhas até brincar com seus joelhos e dividir suas coxas. A única desvantagem dessa posição é que não consigo vê-la, e *caralho* eu amo admirar as reações dela enquanto lhe dou prazer. Antes que eu possa continuar me paraliso ao ver a toalha da mesa se mexer até que ela tira o tecido de cima da minha cabeça. Franzo o cenho a encarando morder o lábio com força quando se inclina para mais perto de mim.

— Eu sei que gosta de me ver — sussurra a frase que me faz dar um sorriso de canto. — E eu gosto disso aqui…

Seus dedos mergulham no meu cabelo que ela brinca para todos os lados. Mia acaricia meu rosto todo e eu apenas me imponho ainda mais aproveitando cada toque dela. Ela está me… conhecendo? Isso é novo e muito excitante. E pode ter certeza que vou te retribuir.

Empurro seu vestido para cima para afastar a sua calci… onde? *Ah, mas é muito safada.*

— Onde estão seus limites, Miranda? — sussurro baixinho ao encontrar a sua boceta inteira brilhando de tanto líquido.

Ela estava sem calcinha todo esse tempo? Se soubesse disso teria a feito gozar enquanto dirigia até aqui.

— Esqueci naquela dispensa de cafeteria — murmura baixinho, rindo um pouco.

*Vai ver o que vou te fazer esquecer.*

Eu poderia muito bem começar com as preliminares, mas quem disse que ela se importa com elas? Estamos em um jantar, era apenas um jantar inocente e romântico e olhe no que ela conseguiu transformar. Não adianta tentar, a nossa relação, sempre vai ser assim. Totalmente imprevisível. Essa atração… você se sente tão atraída por mim quanto eu por você, Miranda.

Não é excitante? Arranco seu quadril para mim e meto a boca na sua boceta. Não chega a ser obsessivo? Te sentir se contraindo na minha boca. Te sentir liberando lubrificante na minha língua a cada vez que provoco demais para um lado ou outro. Te sentir me apertando com as próprias pernas. Não é satisfatório ter esse poder? Esses gemidos que você se esforça ao máximo para não soltar, eu vejo, eu olho, eu enxergo você, Miranda.

Eu te enxerguei muito bem desde o dia em que te conheci, aquele seu vestidinho curto de mangas bufantes, a voz doce, ofegante, seu cheiro viciante e o seu olhar.

*Os seus olhos me imploravam atitude.*

Ninguém nunca tinha te dado a liberdade que você merece, quantas vezes você abaixou a cabeça para o seu pai ou aquele canalha?

Quantas vezes você se limitou de algo que queria fazer por se importar com a opinião dos outros?

Quantas vezes você chorou por não poder ser você mesma com seus resmungos?

Nós somos assim, diferentes e criticados por isso. Mas eu prefiro mil vezes ser criticado pela sociedade do que criticado por mim mesmo por ser algo que eu não sou.

Tira.

Tire a calcinha.

Provoca.

Me provoque até não aguentar mais.

Saiba você que tudo que desejar fazer, eu vou te apoiar.

— A-ah… não para, é sério, por favor…

Não que seja um sacrifício para mim te obedecer. Mergulho ainda mais minha língua chupando a sua boceta a dopando de todos os estímulos

que nunca fiz. Foram poucas as vezes eu estive a mercê dela assim, e eu juro que vou mudar isso. Sentindo seu clitóris pulsar cada vez mais e suas pernas tremerem… tremendo? Caramba, Miranda, a mesa está tremendo. Eu deveria parar.

*Ela disse para não parar.*

Vamos ser presos…

Ah, que se foda!

Seguro com uma das mãos os pés da mesa para baixo com a mesma força que soquei o ex-namorado dela no tribunal. Enfio dois dedos dentro da mulher que chega a arranhar minhas costas de tanto tesão e a faço pular um pouquinho para trás. *Porra, Mia, a cadeira tremendo vai ficar difícil controlar.* Aumento a velocidade e mordisco os lábios mergulhados em lubrificante até que suas coxas apertem o meu rosto contraindo bem mais do que metro por segundo. A única física que eu entendo.

*Goze pra mim, Princesa.*

Vamos, eu sei que você quer. Não estaria me arranhando, contraindo as pernas, mordendo os próprios dedos para não gemer e fazendo essa mesa tremer se não quisesse.

Deixo dos movimentos coordenados e mantenho seus lábios bem abertos. E passo, eu passo a língua inteira por cada parte da sua boceta até que ela me obedece. Está gozando e derramando leite de canela na minha boca sendo que eu nem ao menos terminei de lamber. *Caramba… isso é muito bom.* Não pare, sou eu agora que te imploro, não pare de gozar na minha boca, Princesa. Isso é gostoso demais, me diga que sou só eu que te faço tremer assim.

Eu a encaro. Seus seios subindo e descendo mais rápido do que canhão atira, sua boca ofegante de milhares de respirações por segundo. *Caralho*, Miranda, como queria beijar essa boquinha agora. Tinha mesmo que decidir fazer isso aqui, não é? Um sorriso… é, valeu a pena. Se te deixou feliz, valeu demais a pena.

Saio debaixo da toalha e volto para a minha cadeira na velocidade da luz assim que as luzes se acendem. Até mesmo rio como ela pode aparentar estar tão calma para quem a vê. O público e os garçons não imaginam, não é, Mia? Eles não imaginam o quanto você gozou na minha boca.

Arrumo o cabelo ainda regulando minha respiração, não apenas pelos movimentos, mas pelo medo de levar mais um item na minha ficha criminal. Jogo um sorriso indicando o quanto ela é louca às vezes, me faz fazer loucuras sem nem ao menos pensar.

Você queria um restaurante de toalhas brancas cinematográficas? Eu trouxe e você o perverteu com seu leite de canela.

*Toalha de Canela.*

— Quer sobremesa? — quebro o silêncio.

— Acho que já te dei a minha. — Rio com sua promiscuidade.

— Então é minha vez.



Depois de pedir a conta e agarrá-la num beco do centro de Lisboa, porque afinal, estou no meu direito como namorado já que ela teve a ideia de caminhar pelas ruas. O que na minha opinião foi ótimo, eu amo todo esse conjunto de avenidas. Lhe estendo a mão e Mia segura com força deitando a cabeça no meu ombro enquanto lhe guio pela calçada.

— Essas ruas sempre foram assim, limpinhas? — murmura a pergunta e eu sorrio pelo interesse na minha cidade.

— Desde que eu moro aqui sim, bem histórico, não? Portugal prevalece em diversos detalhes antigos.

— No Brasil é um pouco diferente — compara. — É um pouco mais sujo com artes coloridas para todos os lados, poucos lugares mais sofisticados assim, pelo menos a parte em que eu estudava.

— Fala de pichações?

— Sim, mas lá também tem umas bem bonitas, artísticas de verdade. Só gostaria que tivesse mais árvores, não que eu seja viciada em natureza, mas São Paulo é muito poluída.

— Desigual também.

— Exatamente, a mesma proporção de riqueza também há de pobreza.

— Não é algo que você possa mudar, infelizmente.

— Posso visitar os lugares que gosto, pelo menos. Depois das minhas aulas na Unesp eu ia muito na Paulista caminhar ao lado dos grandes prédios.

— Comerciais?

— Sim, sonhava em trabalhar em uma empresa grande um dia e me vestir bem como eles.

— Se me permite, Srta. Ross, você se veste de forma executiva bem atrativa — brinco e ela sorri com o elogio. — Eu gostaria de conhecer esses prédios com você.

— Quem sabe se viajar comigo eu te mostre...

— Talvez ano que vem — corto e ela revira os olhos.

Eu não saio de Portugal já faz dez anos, fora o meu pavor com aeroportos. Estou muito bem no meu país, posso conhecer esses prédios por fotos.

Caminhamos até o final do quarteirão e Mia me chama ao avistar um carrinho de *porras*[3].

*Eu amo essa massa de canela e açúcar.*

— Chocolate? — pergunto me aproximando do carrinho.

— Acho que devido às circunstâncias da cena da torta… — Ela ri. — Estou brincando, pode ser.

— Prefere espanhol ou normal?

— Divide comigo o espanhol? — questiona e eu assinto quando ela se coloca atrás de mim, toca o nariz nas minhas costas e abraça o meu corpo.

*Caramba… isso é muito reconfortante.*

— Uma porção grande do espanhol de chocolate — peço e já pago para podermos caminhar mais.

— Saindo! — O atendente sorri.

Viro e abraço seu corpo de volta, beijo sua cabeça e sinto o cheirinho de Limão e Mel. Ainda estou me acostumando a realmente tê-la nos meus braços... depois de tanto *sacrifício*.

Assim que fica pronto, agradeço e lhe entrego a caixinha cheia de massas finas com a cobertura de avelã. Ela faz um "O" com os lábios e prova um pedaço se sujando inteirinha de açúcar.

*Ah, Princesa… já disse que te amo hoje?*

Ela molha a massa no doce e traz para a minha boca, rosno e ela ri com a brincadeira.

— Ainda posso ROSSnar pra você.

— Pode ser mais gentil, eu deixo... agora.

Só por agora, não é? Só até implorar para que eu rasgue suas roupas mais uma vez ou chupe sua boceta no meio do restaurante.

— Trevor — ela me chama e eu dou um sorriso de canto. — Como… espera... — Ela ri e fico sem entender. — É que o nome disso aqui... — Ela solta uma longa risada e franzo o cenho. — Como se chama?

— Isso? — Aponto para o doce em suas mãos. — Porras.

Assim que digo ela ri tão alto que acredito que a rua ao lado pôde ouvir. Qual é a graça?

— Ah, desculpa! — Ela enxuga uma pequena lágrima que caiu em sua bochecha. — No Brasil, zoamos demais vocês por essas palavras.

— Mas o que porras… ah, porra? É isso? Caramba, mas que ridículo, são coisas muito diferentes.

— Meu amor, eu te amo, mas só muda o S e eu nem vou começar a falar de como chamam vacina.

— Tá certo, vacina ser pica é realmente bem promíscuo, mas até parece que não há nada na sua língua que seja engraçado!

— Acho que não.

— E como você fala porras? — Me irrito e ela ri ainda mais quando repito a palavra.

— Nós chamamos de churros — ela murmura a palavra de forma tão sexy que minha raiva some. Se aproxima e puxa a gola da minha camisa para si. — Churros.

— Churros — repito e ela sorri.

— É fofo ver você fazendo biquinho. — Reviro os olhos e ela me rouba um selinho. — Eu te amo muito, sabia? Mesmo com as suas palavras engraçadas. — Colo sua cintura na minha e prendo seus lábios em um beijo demorado e adocicado pelo chocolate, Mia junta as mãos ao meu pescoço e ofega.

— Eu também te amo.

Sinto uma palpitação perto do chão, algo se movendo e ela sai do beijo olhando para baixo maravilhada.

— Olha, Trevor! — ela exclama com os olhos brilhando e agacha para brincar com um cãozinho.

*Beagle*.

Essas orelhas são muito fofas, pena que o Monarca criou uma experiência e um receio meu contra animais de estimação.

— O-oi, cãozinho, você é muito fofinho, sabia? Sabia? — ela brinca e acaricia o cachorro branco, marrom e com algumas manchas pretas. Eu gosto dessas cores, me lembra ela mesma com suas coisas todas douradas.

Limpo, não é um cachorro de rua, deve estar perdido. Também parece bem brincalhão e com fome, já que está cheirando o churros da Mia e ela traz para cima.

— Esse acho que você não pode, pode? — Olha para mim como se eu soubesse a resposta.

— Eu não sou especialista em animais, mas sei quem deve saber algo sobre.

Tiro o celular do bolso e procuro na busca a letra “L”, a minha Loirinha que ama mais o próprio gato do que eu.

— Scott — ela atende no terceiro toque e a voz que recebo é mais grossa do que estou acostumado.

— White.

— Do que precisa, Trevor?

— Oi, tudo bem, como vai meu diretor criativo favorito? — ironizo.

— Finja que eu disse o que gostaria de ouvir. — Consegui tirar um sorriso, pelo menos, eu acredito que sim.

— Animais podem comer chur… porras? Sei que não poderia o recheio apenas.

— Qualquer açúcar faz mal, tem como ficar só massa e canela?

— Canela pode? Dessa eu não sabia.

— Não tem nenhum estudo que diga não, mas também não é bom dar com tanta frequência... vai adotar algum animal e não me contou?

— Se eu adotasse, você seria a primeira a saber.

— Espero que sim.

— Boa noite, Loirinha, esse seu tom não me cheira bem, depois quero conversar.

— Boa noite, Branquinho — ignora minha imposição e desliga.

*Sarah, não esconda coisas de mim.*

— Mia, massa e canela podemos dar — informo, ela se anima e volta a brincar com o cachorrinho.

Peço ao atendente que faça a versão sem recheio e foi mais fácil do que imaginei, ele já tem pronto e apenas passa de leve na canela. Seguro e entrego para Mia.

— Você quer isso aqui? — Balança e os olhinhos caninos brilham. — Toma! — Ela coloca devagar perto do focinho dele, e logo o cão abocanha inteiro. Agacho e ele se aproxima sentindo o cheiro da minha mão enquanto se lambuza de canela. Dura pouco, pois ele já se enfia perto do carrinho terminando o resto.

— Ah, ele é muito fofinho, não é? — questiona com um sorrisinho genuíno.

— Não mais que você, Princesa — elogio.

4




# Monalisa Italiana

*Eu quero ficar burro*

*Tonto das drogas*

*Perco minhas inibições*

*Mas eu não confio em ninguém*

***Get Stüpid – bülow***

## TREVOR WHITE

Nação. Conjunto de características culturais, tradições, língua, costumes, entre outros fatores que formam uma identidade. Se tem algo que me cativa mais do que a Lealdade, é de fato, uma nação. Eu amo ser Português. É o que me define. É o que eu sou. Independentemente de onde estiver.

*O que são cinzas?*

Podem ser mórbidas quando colocadas em urnas bem decoradas.

Podem ser sensuais quando colocadas em forma de mangas bufantes.

Podem ser chamativas quando colocadas ao fim de uma tragédia queimada.

Mas sinceramente, eu nem sei se o que estou olhando é mesmo cinza. É sim, Trevor. Será? É um quadro cinza. Fazia tempo que não madrugava na empresa, sempre fiz isso buscando tranquilidade no dia seguinte, mas algo que não levei em conta é...

*Eu não tenho mais 18 anos.*

Isso me derruba, mas vai valer a pena.

Por que fiz isso?

Simples.

Ou ridículo... infantil, não, talvez bobo.

Minha mente está martelando atrações para que ela possa se sentir feliz... *acho que estou ficando insuportável*, eu só quero passar o tempo todo ao lado dela, crime? Cada segundo, eu penso nela em todo momento, penso se dormiu bem, se ela riu hoje ou até mesmo o que comeu.

TREVOR!

OBSESSÃO DE NOVO NÃO!

*Pode ser chamada de saudade também...*

Por que ela tem que morar com o Teodoro?

Se morasse comigo eu estaria vendo como ela acorda, quando ri e eu cozinharia.

Ted você é legal, não me leve a mal, mas nesse momento eu queria que você perdesse o apartamento e não tivesse para onde ir até que ela viesse a mim.

*Cara? Deve ser a falta de sono para estar com esses pensamentos ridículos.*

É só perguntar se a mulher quer morar com você.

Não.

Sim.

Jogue um verde e veja como ela responde.

Pode até recusar essa, mas não me chamo Trevor White se ela não aceitar conhecer mais um pedacinho de Portugal comigo hoje.

— Sr. White? — Pensando em Limão e Mel e o cheiro aparece. Fiscalização? Não, coincidência.

— Princesa. — Minha voz sai um pouco arrastada, quase rouca me avisando que preciso de um café.

— Posso te fazer uma... algumas perguntas? — *Pessoais ou profissionais?* Eu tenho uma *pessoal* para você.

— Claro.

— Perguntas como...

— Chefe. Sim, sente-se, Srta. Ross — sugiro e coloco os óculos de leitura até perceber que ela não se moveu desde a minha frase. — Na cadeira de preferência — brinco e ela obedece aliviada. — Ou não também. — Mia revira os olhos com um sorriso.

— Qual a hierarquia de cargos da empresa?

— Ótima pergunta. Cada empresa cria sua hierarquia, mas aqui se inicia como estagiário ou bolsista pelo processo seletivo, logo redator júnior, sênior, chefe, depois diretor criativo e acima disso, presidente. Isso na nossa área criativa.

— Não tem outros?

— Sim, editores, executivos de contas, a área de propaganda televisiva, artística, roteirista, analistas e os diretores de cada departamento. Mas isso não deve te interessar já que vai seguir a mim, Sarah e Morgan.

— Eu vou? — Merda, eu deduzi isso, não é? O que mais ela gostaria de ser? Não me diga que vai se render aos executivos ou a fumaça artística, você merece a grandeza criativa e liderar as campanhas.

Não posso obrigá-la a isso, se ela quiser trabalhar com a parte chat… a parte mais monótona de planejamento, é escolha dela, estando feliz, eu também estou feliz. Não é assim que é estar em um relacionamento saudável? Não sei, nunca estive em um.

— Trevor, eu estou brincando, pode parar de suar frio! — Ela ri alto e solto o ar que nem reparei que estava prendendo.

— Eu aceitaria qualquer decisão sua.

— Admita, você odeia todas as outras áreas.

— Eu?

— Você xinga os executivos de contas e rouba a luz de palco deles todas as vezes que algum cliente aparece, mesmo sabendo que é a função deles. Você faz piada com a corporação de autoajuda, não segue os analistas

de planejamento, segue apenas os seus roteiros e nenhum feito pelos roteiristas e trata todas as redatoras como patinhas. Você usou essa palavra, “patinhas”.

— Sutil. — Dou-lhe um sorriso sem graça e sua risada permanece.

— Acho que você não teria durado muito tempo sem a Hillary. — E agora sou eu que estou rindo.

— Acha que ela me protegia? — Me recosto na cadeira com ar de superioridade.

— Eu tenho certeza.

— Péssima conclusão, Mirandinha.

— Esse aí é novo. — Gostei do novo apelido.

— Eu sofri demais nos meus anos de redator, principalmente por não poder fazer essas coisas todas que você disse. Tinha pena da Sarah, por ter que ouvir as minhas reclamações todos os dias.

— Ela ouvia mesmo?

— Não, eu suspeito que ela entrava em modo *stand-by* — brinco e ela se diverte trazendo a cadeira para mais perto. — A questão é que quando for chefe, terá algumas liberdades, ou você gosta mesmo de ser subordinada àquelas redatoras chatinhas?

— Disse chatinhas.

— Como quiser, patinhas, então. Você gosta?

— Trevor.

— Sr. White para você, agora. Você gosta? — restrinjo.

— Eu acho que faz parte do serviço.

— Você gosta? Ou não se acha extremamente mais inteligente do que todas elas? Sente que se tivesse poder poderia fazer mais do que o máximo de cada uma com metade do seu esforço? Eu conheço você, Mia, é meu reflexo. Você as odeia, assim como eu odeio os executivos de contas.

— Quando ficou tão persuasivo assim?

— Eu sempre fui, mas ultimamente tenho cedido mais aos seus estímulos, Professora Miranda. — Faço a referência e um sorriso escapa

dos seus lábios.

— Talvez eu odeie um pouquinho — confessa, juntando o polegar ao indicador.

— Então é bom ter um namorado na chefia — ironizo.

— Eu nunca usaria do seu poder para me favorecer. — Ela franze o cenho como se eu a estivesse ofendendo.

— E eu nunca te favoreceria sem muito esforço. — Assim que digo ela me fita com os olhos quase tão fechados que tenho dificuldade de ver suas pupilas.

— Sério mesmo?

— Claro. — O olhar se transforma em guerra, mas guerra fria, pois não há ataque direcionado e sim apenas silêncio. Caramba, mas por que estou suando? É só um olhar… que está me deixando nervoso, mas que merda. — Talvez — cedo, como se estivesse me livrando de uma corda em meu pescoço.

— Hum, foi o que pensei. — Reviro os olhos. — Acha que eu daria uma boa chefe?

— Não sei, não conheço suficiente seu trabalho ainda para te dar essa resposta. — Nossa, essa resposta foi bem profissional, estou orgulhoso, Trevor.

— Sabia que a Sarah seria uma boa chefe?

— Sim, claro. — Opa… era essa resposta que ela queria?

— Quando descobriu isso?

— Eu havia tido uma grande ideia para um de nossos clientes, passei dias madrugando para terminar a apresentação, mas quando levei ao conselho, eles recusaram por graça novamente. Eu sabia que era bom e também não queria contar a ela para não se chatear, só não durou muito, Sarah fareja problemas. Foi então que ela criou uma espécie de recorrência para as decisões do conselho, fez um abaixo assinado com os outros diretores para que aceitassem a minha ideia, mais um símbolo de lealdade. Isso me fez perceber que a criatividade dela também servia muito bem para resolução de problemas, sempre foi uma ótima líder, qualidade chave em uma CEO.

— Ela fez um abaixo assinado? — Seus lábios de mel se entreabrem surpresa.

— Ela sempre foi de criar as regras e eu de burlar as regras. — Escapo um sorriso ao mergulhar na nostalgia de bolsista. — No fim, eu vi que ela seria capaz de criar tudo para que algo em que ela acredita se tornasse realidade.

— Quer dizer que foi uma ação? Humm… — Mulher, não resmungue para mim, se não quiser que eu te deite nessa mesa.

*Trevor? Agora você é o chefe.*

— Eu sei que eu falhei um pouco sendo seu chefe — confesso. Ninguém é de ferro, estava mais preocupado em torná-la *minha*.

— Eu aprendo muito nas reuniões, você não...

— Eu sei disso, mas você não costuma vir me fazer perguntas. Eu sei muito, muito mesmo e eu posso te ajudar se deixar.

— Tudo bem. — Ela aceita mordendo o lábio com um sorriso bobo.

— Está rindo por quê?

— É que quando você fala sério, fica… tão sexy. — Ergo minhas sobrancelhas e meus lábios em um sorriso não planejado.

— Ah, Miranda. — Lá se vai minha pose de chefe alfa.

— Desculpe — pede e caminha com as lindas pernas expostas até se encaixar no meu colo. É… não fui apenas eu que falhei como chefe, ela também falhou como funcionária. Esse negócio de profissionalismo não é com a gente.

*Usou verbo no plural? Olha, estou com orgulho de mim.*

Agora é a hora de pedir, Trevor.

— Sua agenda está muito cheia?

— Hum... planilhas, anotações do criativo e uma reunião com a Mor até o almoço. — As palavras deslizam da sua boca como se estivesse chupando um sorvete. Ou sou eu que estou fantasiando esses lábios em outro lugar? Mia brinca com a gola da minha camisa e faço o mesmo com as mechas do seu cabelo que exalam o cheirinho de limão e mel.

— Quer vir almoçar comigo? — Almoçar e uma vírgula, seria mesmo uma tarde inteira, mas ela não precisa saber disso ainda.

— Seus olhinhos estão brilhando. — Ela aponta para o meu rosto. — O que quer fazer?

— É Amor Sublime. — Dou-lhe um sorriso de canto e ela retribui com o mesmo. — Eu vi um panfleto do Parque das Nações — digo. Na verdade, vi faz mais de um mês.

— E o que é esse lugar? — As mãos que brincavam com a minha camisa, agora percorrem minha barba e meu cabelo.

— Bom… poderíamos ir até lá, eu te conto as histórias, vejo você se lambuzar de comida e depois eu te como em um beco.

— Trevor! — Ela limita boquiaberta.

*Ah, me leve para o inferno!*

Puxo seus lábios para um beijo intenso, talvez seja o sono que me deixe com mais preguiça de ficar brincando, aquelas preliminares, sabe? Não oral, mas os olhares, carícias, palavras, passamos desse ponto, não foi? Você é minha. Eu te beijo quando quiser e te fodo quando quiser. Vamos, Mia, deixe correr mais rápido para a ação. Não respiro e não deixo que ela respire, forço seu queixo para mais perto e levanto um pouco seu vestido de tubinho. É apenas isso que quero sentir, a sua língua envolvendo a minha enquanto não há nenhuma fresta de ar.

— Ah… — lhe dou um trégua rápida e ela volta a respirar ofegando demais no meu rosto. — Você... é...

— Eu sou o quê? — Arfo nos seus lábios entreabertos.

— Esquece. — Bufa e puxa a gola da minha camisa.

*Eu sou inapropriado?* Prova a minha boca com alguns selinhos e devagar seus dedos passeiam e retiram alguns botões da minha camisa. *Eu sou promíscuo demais?* Leva uma das mãos ferventes ao meu peitoral e brinca como se passasse chocolate até o abdômen. *Eu sou muito pervertido para ser seu chefe?* Marco sua pele novamente com um aperto, mas ela segura o meu braço me proibindo.

*O que você quer, Princesa?*

— Não seja escandaloso como eu, por favor — ela murmura baixinho mordendo meu lábio inferior.

— Miranda.

— Shh. — Me limita com o indicador em meus lábios. Assinto e não consigo esconder o sorriso, estou obedecendo mais uma vez aos seus estímulos. Não era eu quem mandava em tudo?

Seu corpo está descendo… mais para baixo, está no chão? Ah, *porra*, vai me fazer o namorado mais feliz do mundo hoje?

Ela ajoelha no chão e tira minha camisa de dentro da calça, entrelaço os dedos no seu cabelo e minha ereção pulsa ao ver seus olhinhos determinados brilharem. Meu corpo todo perde o raciocínio todas as poucas vezes em que ela se agachou assim para mim. Aperto seus lábios com o polegar até deixar uma marquinha vermelha, é meu jeito de não dar na cara dela com o meu pau, uma medida alternativa eu diria. Ela arranca o meu cinto e libera o meu membro dolorido da prisão de tecido. É leve, porém quente e excitante, a maneira como ela o massageia para cima e depois para baixo. Eu não sei o que me faz ficar tão duro, é o seu olhar de safada? É o jeito que os seus lábios se abrem como se estivesse engolindo uma garrafa? Ou… Miranda passa a língua em câmera lenta pelo membro todo, sim, é isso.

*Deus, eu estou hipnotizado por essa visão.*

— Trevor? Preciso de você no andar da contabilidade. — A porta da minha sala se abre sem qualquer aviso e a gerente de secretárias ruiva caminha no meu tapete.

— ROSE! — exclamo exasperado e empurro Mia para debaixo da mesa ignorando seu pequeno grunhido de negação.

— Oi, então, pode vir comigo? Aqueles caras só pensam em lucros... tudo bem que eles são da contabilidade, mas enfim você me entendeu.

— Sim, claro, entendi — cuspo as palavras torcendo para que ela não repare no poço de suor que estou.

— Você viu a Ross? Normalmente ela traz as planilhas às nove, mas a Morgan não recebeu.

— Eu dou o recado a ela — informo e Mia solta um riso nasalado.

— Sabe, eu não trabalho nesse andar. — Ouço com atenção até que me arrepio ao sentir a massagem voltar para cima e para baixo. Puta. Que. Pariu. Miranda, pelo amor de Deus. — Mas sério, achei que você e a Mia ficassem se pegando o tempo todo. — Mordo meu lábio com força buscando controle. — Pelo visto não é assim, está evoluindo. — Ela mete a boca e engole meu pau inteiro.

— Evolução é tu… ah, caralho — gemo, e Mia se remexe embaixo da mesa.

— Trevor, está tudo bem?

— Está. — Molho minha boca com a língua e fecho os olhos por um segundo.

— Tenho quase certeza que te ouvi gemer — acusa.

— O quê? É o clima — murmuro.

— Clima? — desculpa mais antiga do mundo. Suas sobrancelhas ruivas já estão franzidas, ela não vai cair nessa.

— Eu madruguei na empresa e deixei o ar-condicionado ligado, agora minha garganta está péssima, é isso.

— Ah, sim, faz sentido.

— Me espere no andar, cinco minutos estou lá, Ruiva — peço em desespero.

— Certo, te espero, Branco. — Agradeço aos deuses por me obedecer e aguardo até que a porta se feche.

Afasto a cadeira com um empurrão e puxo seu corpo de volta para o meu apertando forte seu rosto com um beijo que fervilha intensidade, talvez pela angústia de não poder foder essa boquinha de mel, mas também por saudade.

— Você perdeu o juízo? — Arfo na sua boca surpreso pela ousadia.

— Você é o juiz? — questiona lambendo o meu pescoço.

— O quê? — Ofego.

— Por que não enfia o martelo em mim? — Sorri mordendo o lábio mais safada do que nunca.

— Miranda, eu só não te faço gozar agora por essa frase porque tenho que ir ao andar da contabilidade. — Restrinjo, me despedindo da última lasca de profissionalismo.

# MIA ROSS

Nação. Nunca achei que a nação individual fosse algo realmente importante, acredito que se possa ter várias, quanto mais se viaja, mais se pode apaixonar culturalmente.

Eu devo estar na TPM não é possível, meu apetite sexual está absurdo, mas o homem também pede. Na verdade, nem sei se pediu, eu fiquei com vontade e sou a favor da seguinte teoria:

*"Melhor se arrepender do que passar vontade"*

Como disse a filosofia de Pablo Vittar.

Como tudo que é bom dura pouco, estou encostada na sala da Mor para entregar as anotações. Preciso voltar aos meus afazeres, já que acabei me distraindo na sala do meu chefe.

***"Evolução é tu… ah, caralho"***

*Trevor, você tem ideia do quanto é sexy te ouvir gemendo palavrões?*

Eu fiz de propósito, eu sei, foi errado provocá-lo na frente da Rose e arriscar a pouca credibilidade que lhe resta, mas… o pau dele estava latejando para mim! É como uma daquelas fatias de bolo de casamento, você não consegue recusar.

Saber que eu sou a única mulher que pode fazê-lo ofegar xingamentos assim, é muito excitante.

— MIA! — Morgan berra com uma roupa estranha fazendo com que eu pule como um canguru e derrubo o iPad no chão.

M-E-R-D-A

**Não!**

**Meu Deus!**

— Ai… caramba! — Mor deixa sumir o sorriso dos lábios quando me encara boquiaberta com o iPad de tela para baixo no chão. — Miranda, desculpe, me desculpa, eu não achei que fosse…

— Morgan, que roupa é essa?! — Me irrito elevando o tom e ela lacrimeja os olhos claros. Ainda estou com medo de pegar o aparelho do chão.

— Minha fantasia de Halloween... é daqui três semanas, estava procurando ideias. — A voz prepotente se torna de uma gatinha assustada.

— Acho que não quebrou. — Agacho no chão e viro a tela. — Ah, caralho. — E dessa vez não é gemido.

*Só pode estar de brincadeira.*

— Mia, me desculpe sério, eu não quis...

Eu não posso ouvi-la agora.

— Tudo bem, Morgan, relaxa. Eu posso usar o celular, se acalme — digo com um sorriso de pena, mas por dentro…

**Não posso, não!**

EU AMO MEU IPAD!

**Paguei um rim e metade do fígado nele!**

— Tem certeza?

— TENHO! — *Mia? Não grite, se acalme, acidentes acontecem*. — Tenho. — Respiro fundo.

— Quem tem certeza do quê? — Ouço a voz de Trevor vindo do corredor.

Entrego às pressas o iPad para a Morgan e ela esconde na roupa extravagante de pavão sombrio.

— Nada, amor! — Quase pulo em seu corpo o virando de costas para que nem sonhe com a imagem de que precise me dar algo. — A Mor só estava mostrando a fantasia de Halloween.

— Achei que não gostasse desses apelidos clichês como amor. — Ergue uma sobrancelha, desconfiado.

*É verdade, eu acho esses apelidos bem… comuns.*

— Isso... mudei de ideia, já não está na hora do almoço? — Meu desespero toma posse de minhas palavras.

— Sim, ia te chamar agora, só tenho que pegar minha pasta e vamos, tudo bem? — questiona ainda sem se virar, porque não deixo.

— Sim, claro, tudo ótimo, perfeito inclusive. — Lhe dou um selinho rápido e ele assente indo até a sala.

Sorrio como estátua até que ele some da minha vista e o pavão sombrio se aproxima.

— Por que não quer contar pra ele? — sussurra.

— Ele vai querer me dar um novo, não quero que faça isso, se começar não vai parar e não quero isso de aceitar presentes... enfim! Está tudo bem, eu vou comprar um novo, relaxa!

— Está falando meio rápido — pontua.

— É pressão! Mas está linda, esqueci de mencionar — elogio coçando a nuca.

— Ah, sério? Que bom que gostou, do que você vai? — Um sorriso lindo realça sua pele perfeita.

— Fantasia? Não pensei ainda.

— Trevor adora essa data, ele gosta de fantasias comestíveis... dica pra você. — Ela sorri de forma sensual e vai até o banheiro trocar a roupa.

*Fantasias comestíveis?*

Verdade, a maioria das festas da Sarah são temáticas e cheias de doce, mas também não quero pensar em como ele começou a gostar de fantasias comestíveis.

— Vamos, Princesa? — O diretor criativo toma minha mão com um meio sorriso.

— Sim, vamos voltar rápido? Só para saber se levo minha bolsa.

— Não sei, melhor levar. — Não sabe? Então isso é um sim.

Corro na velocidade da luz para a minha salinha e pego minha bolsa encarando rapidamente o espelhinho de maquiagem.

*Mia, é só comprar um novo, você tem suas economias.*

Respire fundo.

Vou até seu encontro e volto a segurar sua mão que espero não soltar mais por um tempo, ele retribui apertando e entramos no elevador. Fico em sua frente como sempre, encarcerada no famoso elevador que me traz tantas nostalgias. Como a primeira vez que me disse uma frase promíscua.

*"Eu conheço um lugar melhor para você se aliviar."*

E ele continua me encarando com a grande missão de decifrar minhas feições, não consigo esconder, ainda estou passada que quebrei meu iPad.

Seus dedos se aproximam do meu cabelo que ele enrola e quando percebo já estou respirando o mesmo ar que ele, quase tocando seus lábios. Sentindo o cheirinho de lavanda e avelã com as mãos ferventes que envolvem meu pescoço com o objetivo claro e único de me encostar na parede do elevador.

— Algo está te incomodando? — murmura baixinho.

— N-não… — Arfo e Trevor me dá um selinho acompanhado de mais outro e outro que retribuo.

— Pode me contar as coisas. — Ofega e beija a minha cabeça ao colocar uma mecha atrás de minha orelha.

— Eu sei, eu conto. — Ou vou contar quando estiver com um novo.

— Confio que vá contar. — *Ai, homem, assim vou me sentir mal!*

Toma meu queixo com a mão direita e me puxa para os seus lábios que dão um ingresso vip para o espetáculo que sua língua dança com a minha. É de fato, um show, tem ritmo, emoção e o som entre nossos toques e respirações que combinam com o piano de Chopin. Mas um show precisa de um figurino adequado, ele se encarrega muito bem dessa parte levantando meu vestido. E a minha parte? Bem… é agarrar o diretor. Coloco minhas mãos em torno dele e o puxo ainda mais para beijar minha boca.

— Você é tão quente — ofega.

— Sou? — gemo baixinho.

— Sabe que sim... fiquei com raiva da Rose — confessa e prova os meus lábios com mais força.

— Por quê? — A pergunta óbvia o irrita ainda mais por agora estar chupando meu pescoço em busca de uma marca vermelha. *Ah, Deus, fui provocar também...*

— Estava ansioso para ver seus lábios de mel no meu pau — afunila.

Um sorriso é solto da minha boca sem qualquer aviso, *ele quer isso de mim… ele se sente atraído por mim.* Isso não é um sonho, Mia, você realmente é namorada desse homem. Um homem que ama me apertar até o limite, suas mãos encarceram meu rosto com fúria me prendendo aos seus estímulos. E por que apenas ele pode brincar? Desço meus dedos por seu abdômen que eu tanto venero até chegar perto de algo que amo ver tão endurecido.

— Isso aqui está duro demais — brinco umedecendo minha boca.

— Culpa sua.

— Quem sabe eu não brinque com ele mais tarde. — Trevor abre um sorriso sensual e seus olhos brilham como grandes estrelinhas no céu. Não me aguento e rio com a sua excitação, parece um garoto com o primeiro carrinho de controle remoto.

*Eu prometo te fazer sentir a mesma adrenalina desse carrinho e nem vai precisar de pilhas.*

Lhe dou um beijo de satisfação por ter me deixado melhor depois de quebrar meu objeto favorito no mundo.

— Não sei de onde saiu esse apetite sexual, mas eu não sou louco de não aproveitar — ofega as palavras assim que as portas do elevador se abrem.

Segura com força a minha mão e marcha pela entrada da empresa com tanto orgulho que aparenta ter ganhado a corrida da copa pistão.

*Eu sou um prêmio para você, Trevor?*



*“O show deve continuar”*

E continuou pela maravilhosa seleção de músicas com o destino que não reconheço. Não que eu conheça muita coisa aqui em Portugal, sei apenas o raio do mercadinho e da farmácia perto de casa, já ele conhece tudo como um guia turístico.

Trevor estaciona o carro e tira uma listinha no porta-luvas. Está ansioso demais, posso perceber por seu sorriso exultante e as mãos que suam mesmo com o ar-condicionado. Ele sempre se esforça demais para me fazer gostar dos seus lugares favoritos.

— Infelizmente não vai dar tempo de ver tudo… Ah! Eu te comprei um tênis na semana passada, esqueci de dizer. — Espera, o quê? — Pode colocar, está no banco de trás, vamos andar um pouquinho. — Nem começamos o namoro direito e ele já está me comprando presentes? — Pensei de começarmos pelo Homem Sol...

— Espera, calma, tênis?

— Sim, é igual ao meu! — os lábios já sorridentes triplicam o tamanho e olho para os dois lados ainda tentando raciocinar a animação do homem por estar em um relacionamento sério.

*Miranda, está namorando um romântico, não esqueça.*

Antes que ele diminua a felicidade, sorrio também para satisfazê-lo.

— Você vai trocar de roupa então? — Mudo de assunto por vê-lo engomadinho de empresa.

— Sim, e achei que seu vestido está bom, é aberto, não vai sentir calor.

— Acho que você já tinha planejado isso antes de eu aceitar, não é?

— Não... talvez, sim, eu planejei. — Uma risada se solta da minha boca.

— Eu já te disse que amo seus planos. — Puxo seu queixo para um selinho rápido.

— Me lembro de achar que ia dizer que me ama nesse dia.

— E iria retribuir? — Gelo meu corpo à espera.

— Você se declarou e eu disse que te amava, não está lembrada? — Ele ergue uma sobrancelha.

— Como poderia esquecer você abrindo minhas pernas da cadeira da Jane? — ele responde com um meio sorriso e traz a caixa azul que eu abro com rapidez.

— Eu odeio a Nike, para mim é tudo Adidas, mas não sei do que você gosta. Enfim, escolhi um que eu achei bonit… — Interrompo sua fala com outro selinho. Tadinho, está tão nervoso.

— Obrigada, eu gostei muito. — Cubro seu rosto com beijinhos.

— Gostou?

— Ah, é dourado! — Retiro um dos tênis e sinto o cheirinho de novo até que ele me encara confuso. — Gosto de cheirar coisas — explico, na tentativa de que ele não me ache maluca. — Livros, por exemplo.

— Eu gosto de cheirar você.

*Muito bem, Sr. White.*



Conto meus dedos esperando ele terminar de se trocar no banheiro dos homens. Trevor é bem vaidoso, deve estar arrumando o cabelo no espelho.

— Vamos então? — Antes que eu possa reclamar mais um pouco da espera, ele me chama.

*Nossa.*

Nunca o vi desse jeito. Está sempre de social, camisa branca, blazer e às vezes um sobretudo. Sofisticado e nunca tão… *despojado*. É essa a vantagem de me aproximar dele? Poder vê-lo de todas as maneiras? Estou curtindo isso. Uma calça jeans domina seu corpo junto a uma camiseta

simples branca, os tênis iguais aos meus que o levam até meu encontro com um selinho.

— E esse aqui é pra você — Ele coloca um boné branco na minha cabeça e sorri. — Você fica linda de boné.

Tiro o outro de sua mão e coloco sobre sua cabeça.

— Você também, Trevor. — Sorrio.

— Aqui está a listinha do que podemos tentar fazer hoje — informa e me entrega.

- Homem Sol

- Expo 98

- Aquíferos

- L'Origine

- Berasategui

— Podemos começar pela comida? Estou morrendo de fome.

— Podemos, claro, Princesa. — Ele ri. — Tem vários restaurantes, mas acho que vai amar a pizza do L'Origine. É um lugar mais simples, mas não tem no mundo pizza melhor, eu juro.

— Eu amo pizza!

— E eu amo você, mas antes de irmos… — Trevor me vira.

Meus olhos se encantam e encontram uma estação de metrô gigantesca. Repleta, inteira, cheia de detalhes de ferro, círculos e barras de metal que formam uma linda entrada para o chamado... como é mesmo? *Parque das Nações.*

— Sei que vai pensar: é apenas uma estação, mas é a porta de entrada para toda essa maravilha. E, curiosidade — ele ergue o indicador —, o arquiteto é o mesmo que projetou um museu no seu país.

— Onde?

— Rio de Janeiro. A propósito, não estranhe, esse bairro é muito sofisticado, bem diferente de todo o resto por aqui. — Rio longamente e ele ergue uma sobrancelha.

— Eu já acho que tudo aqui é sofisticado.

— Quando fala assim tenho medo do seu país.

— Não fique... somos bem receptivos, até demais, digo, historicamente.

— Engraçado, Mia, mas é verdade a cultura indígena é muito receptiva. — Reviro os olhos brincando. — Ah, só não vamos conseguir ir na telecabine, tentei conseguir ingresso, mas só tinha para daqui um mês.

— Está falando do teleférico?

— Vai começar, mais uma palavra diferente, são várias.

— Ei, esquentadinho, não vou te gozar por isso! — Abro um sorriso pela piada com a palavra e ele fecha a cara. Fica possesso quando brinco com seus costumes.

— Vai ver o que eu vou fazer gozar.

— Hum, eu espero que sim, Sr. White… mas se são várias, você não entendia algo que eu falava?

— Eu pesquisava muita coisa no Google quando não entendia — confessa.

— Trevor! Por que não me perguntava?

— Eu não conversava tanto com você, estava mais preocupado em te conquistar de volta. — Ah, mas que… como não amar? Lhe dou um selinho de satisfação.

— Me diga algo que eu falo diferente.

— Sonho de creme.

— O quê?! Como você chama? — Entreabro os lábios em choque.

— Bolas de Berlim. — Nossa, eu ia morrer sem saber disso.

— Prefiro o jeito que eu chamo. — Dou de ombros.

— Eu também, prefiro tudo com você.

*Eu ganhei, não foi? Ganhei na loteria.*



*Eu sou sedentária.*

A única atividade física que eu pratico são as transas com meu namorado, não estou acostumada a andar quilômetros com tênis de caminhada.

Depois de longos passos sem fim, canso de vez, inteira, suada, resolvo prender o cabelo.

— Está chegando? — pergunto fazendo um rabo de cavalo.

— Sim, é aqui, conheça L'Origine! — Trevor se anima e estende os braços para a apresentação.

Uma bela pizzaria decorada em preto e madeira clara com um letreiro de luz branca bem chamativo. Não é gótica, não mesmo, ou seria se todos os pratos coloridos não fizessem parte de toda a beleza do local.

— Esse lugar é bem criativo, gostei das cores em evidência.

— A comida é ainda melhor — murmura enquanto peço para que encaixe meu rabo de cavalo no boné, ele arruma e beija a minha cabeça.

Enquanto Trevor vai até a recepção, admiro o local por dentro. Traz uma boa sensação, tem objetos diferenciados como luminárias e um grande círculo com uma espécie de postes amarelos. Tudo é lindo, de fato como qualquer lugar que já me trouxe, mas essa escada marrom e dourada com nomes de países desenhados supera qualquer coisa, é sensacional.

— A escada é bem legal, não é? Gosto também. — Assinto e ele me leva para uma mesa. — Vermelho ou verde? — questiona com os pratinhos na mão.

— Verde. — Ainda não me tornei a Srta. Scott, digo e ele arruma sobre o jogo americano.



Trevor realmente não mentiu, a pizza é maravilhosa, é de comer rezando como diria a minha avó. Mistura de sabores como naquele filme do ratinho cozinheiro.

*Eu gosto muito da Disney.*

Ele está tão tranquilo, simplório e mais despojado do que nunca. Gostaria de tirar uma foto dessa visão tão comum de Trevor White. Sempre foi o mais autêntico e original possível, chega a ser estranho vê-lo assim.

— Já vamos, só quero pedir uma coisa.

*Aposto minha vida que é doce.*

Um garçom coloca sobre nossa mesa um cubinho branco com morangos e Nutella.

*Tinha que ser Nutella!*

— Humm… desculpe copiar seus resmungos, Princesa, mas está espetacular. — Ele abocanha quase inteiro e corta o restante para mim. Ergue e eleva a colher até meus lábios e provo. É uma espécie de pudim recheado, gostoso demais.

Limpo os lábios e ele me encara hipnotizado. Você não deve saber disso, Trevor, mas eu poderia comer te olhando pelo resto da minha vida… me envergonho fácil quando ele faz isso.

— Onde vamos agora?

— Homem Sol, vamos tirar mais uma foto, quero colocar ao lado da Abelha plástica na minha mesa.

— E por que *só você* tem essa foto? Eu quero também. — Faço um biquinho e ele ri.

— Eu te dou um porta-retratos.



— Miranda, lhe apresento o Homem Sol! — elevo um pouco o boné para encarar o que ele tanto se anima, mas antes que eu possa ver direito, me puxa para uma selfie na qual só tenho tempo de sorrir cansada.

Após a foto, ergo meu olhar e encaro… espera, o quê?

— Trevor, é isso aí? — Franzo as sobrancelhas e seu sorriso morre.

— Sim, essa belíssima estátua. — Venera.

— Não é não! Para mim isso é apenas um monte de madeira grudada uma na outra — debocho, porque é verdade.

*Só deve ser chamado de Homem Sol porque está ao ar livre, não é possível.*

— É arte, Miranda Ross. — Ele revira tanto os olhos que acredito que podem saltar de seu rosto.

— Monalisa é arte, isso aí não! — critico tentando irritá-lo, mas a reação é contrária à qual estava esperando. — Por que está rindo?

— É que sabe, Monalisa é arte... fomos comer pizza que é italiana e italianos falam "Mama Mia" que é o que você vai fazer daqui algumas horas.

— Trevor! Você… você não disse isso. — Cubro meu rosto com a mão em completa decepção.

*Essa passou dos limites.*

— Foi muito boa, vai, foi sim! Tive que pensar bastante. — Ele se autoelogia e faço uma carinha de emburrada para que ele se comova. — Tudo bem... essa foi promíscua demais? — *Ei, funcionou!*

— Não, é que agora eu também vou dizer "Mama Trevor". — Começo a rir também e ele não sorri nem um pouco.

— Só tem graça porque tem Mia, você sabe.

— Não gosta das minhas piadas, Sr. White?

— Eu gosto de você, então sim. — Ele coça a nuca e começa a andar para o outro lado.

— Não estou sentindo verdade nisso.

— Eu amo **quase** tudo em você. — Agora ele está sorrindo e sou eu que emburro.



Caminhamos mais e então ainda mais, até que meus pés se transformam em pãezinhos quentes implorando por um descanso. O lugar da vez é decorado com uma sequência de enormes retângulos, uns aos lados dos outros formando espécies de portais e um… aquilo é um bonequinho azul de camiseta branca? Cômico.

— O que é esse bonequinho?

— O nome dele é Gil, mascote da exposição. — Me observa pelo canto dos olhos fazendo mistério para que eu pergunte.

— Que exposição? — cedo.

— Expo 98! Essa região do parque era uma antiga área industrial que foi revitalizada para abrigar a sede da Expo Mundial de 1998.

*Humm… eu poderia escutar essa voz por horas, deveria ser a voz da minha Alexa de tão gostosa de ouvir.*

— Se foi revitalizada, então o que foi construído? — Eu faço a pergunta apenas por querer ouvir mais da sua voz histórica atrativa.

— Prédios e instalações artísticas foram reaproveitados como museus e centros culturais. Na verdade, nossa próxima parada é um desses centros — ele explica, acariciando minhas costas.

*Trevor, se você tivesse sido meu professor, eu não tiraria uma única nota baixa.*

— Deixa eu entender, isso tudo aqui era uma exposição?

— Gosta da Marvel? — Assinto com certeza absoluta. — Se lembra da Expo Stark? É como isso, só que bem maior, era cheia de experiências e atrações.

Enquanto ele me lembra um dos motivos pelos quais me apaixonei, passamos por debaixo dos grandes retângulos os quais até eu mesma me obrigo a admirar.

*Não sabia que ele gostava de filmes de Super-heróis, e você seria qual deles? Tony Stark?*



Estou muito suada, mas amando cada pedacinho, nem sei o que dizer a Morgan por causa das reuniões que estou perdendo. Ainda bem que estou com um crédito extra por ela ter quebrado meu filho, tenho certeza que vai me perdoar pelo sumiço. Agacho no chão jogando meu cabelo para frente cheia de cansaço e Trevor coloca uma garrafa de água gelada no meu pescoço.

— Ah, nossa… eu precisava muito disso, obrigada. — Abro e tomo quase metade do gelo líquido.

— Tem que me dizer quando precisa das coisas, Mia — ordena com as sobrancelhas franzidas.

— Vou dizer. — Só não do iPad.

— Esses são a minha parte favorita, o Aquífero Nacional! — Sorri mais uma vez quando nos aproximamos de um local de vidro… ah, mas está longe ainda, talvez até um quilômetro.

— Estou cansada, ursinho, pode esper… — antes que eu termine a frase ele me tira do chão como se eu fosse uma pena de ave me carregando. — Trevor, isso nã… obrigada. — Envolvo seu pescoço com meus braços e beijo sua bochecha.

— Aqui é mais geladinho, vai poder secar todo esse líquido — ele me informa e sinto o alívio imediato com um frio que alegra meu corpo de forma automática.

É um lugar claro, repleto de luz solar e cheio de chafarizes rodeando uma escultura de um enorme barco de papel. Ou pelo menos deveria ser luz solar, antes do dia escurecer como agora.

— Isso é um museu?

— Sim, um museu interativo de ciência tecnológica — explica enquanto me guia para perto dos aquíferos.

— Esse barco de papel é muito bonitinho!

— Não é apenas decoração, simboliza a aproximação do mar com Portugal.

Jogo um pouco de água nele brincando e Trevor me fita com raiva, me ataca com mais líquido dos aquíferos e eu retribuo mais uma vez. Um segurança nos encara com uma feição de limitação e ele me abraça.

— Não pode brincar em museus. — Nossa, essa frase soa mal. — Saiu meio papai, não é? Estranho. — Ele lê minha mente? — Quem é seu papai, Mia? — ele brinca e eu rio sem me aguentar com a cara *sexy* que se força a fazer.

— Fiquei sabendo que gosta de fantasias — brinco.

— Morgan tem que aprender a ficar mais quieta, mas eu não gosto **desse** tipo de fantasia, gosto mais daquela real. Como as de Halloween que são bem *atrativas*. — ele se desespera ao explicar.

— Mor comentou do Halloween.

— Sarah vai dar uma festa gigantesca como sempre, vai comigo? — Sorri com o convite e resolvo brincar com ele.

— Não, eu já tenho outro cara que eu estou conversando faz uns meses e… — Trevor revira os olhos e me puxa para um beijo.

— Engraçado, Mia. — Ofega nos meus lábios.

— Óbvio que eu vou com você! — Ele sorri envergonhado pela insegurança.

— Está tarde, quer jantar? Berasategui é um ótimo restaurante.

Caramba, o dia foi embora mesmo. Viro o relógio de pulso que marca sete e meia.

— Quero sim. — Assinto.

— Vamos até o carro trocar de roupa então, esse lugar é mais sofisticado.



O homem despojado durou pouco, pois ele pega as roupas no carro, me entrega meu salto e guarda os dois bonés na busca do banheiro para se tornar o executivo mais uma vez. Me encosto na parede para esperar até que me lembro de outro banheiro ao encarar este aqui.

Trevor sempre me venera quando quero lhe dar prazer… mais do que o normal, e eu cheguei à conclusão de que é porque não faço com tanta frequência. No tribunal, ele me fez gozar três, não uma, não duas, mas três vezes e o que eu já fiz por ele? Poderia fazer mais, como aqu…

Não.

*Mia.*

**Não.**

Não faça isso.

*Isso é coisa do Trevor.*

Você não é promíscua assim.

**Não.**

Mas e se?

*Ah, Miranda, a vida é só uma.*

Discretamente entro no banheiro masculino despistando os seguranças e como um chamariz, a camisa branca por fora da cabine chama minha

atenção. Antes que Trevor feche a porta enfio a mão para impedir e entro na cabine.

# TREVOR WHITE

O dia está correndo esplendidamente bem, muito melhor do que eu imaginei que seria. Contei muitas histórias, vi minha namorada se lambuzar de comida, ficar suada sem ser por minha causa e o gelo dos aquíferos me secou um pouco. Fazia meses que não tínhamos um dia completamente juntos assim. E a melhor parte de tudo: Criei uma nova piada!

**Mama Mia**

Essa foi muito boa, tão boa que acho que eu literalmente poderia ganhar dinheiro com isso de humor.

*Pena que eu gosto mais de publicidade.*

Achei que fosse mais adequado levá-la a um lugar mais sofisticado à noite, já que se cansou tanto ao ar livre, coisa que eu deveria ter avisado antes.

Caminho até o banheiro para trocar de roupa, já que obviamente não posso ficar com essas vestimentas simplórias por muito tempo. Estendo minha camisa até que vejo uma mão familiar adiar o fechamento da porta. Miranda? Espera, ela está entrando e se está entrando significa que… *ah, meu Deus.*

**Obrigado, oh céus, como eu sou um namorado feliz!**

— Oi — Mia murmura molhando os lábios.

— Miranda, esse é o banheiro masculino — sussurro tentando disfarçar minha felicidade extrema por ela ter entrado aqui. Eu amo essa mulher.

— Também era a dispensa de uma cafeteria. — *Touché, Ross.* — Deixa? — Se eu deixo? Meu Deus. — Me deixa ajoelhar pra você?

— Princesa... — Toco seus ombros. — O dia em que eu disser não a isso, eu quero que você pegue uma arma e atire em mim.

— Por quê? — Ela ri baixinho.

— Porque se eu for tão louco a ponto de negar isso, eu não mereço viver. — Minha frase a faz erguer um sorriso nos lábios que agora brilham lambuzados de saliva.

*Caralho, mas ela já veio pronta?*

Ela dá um passo, um único passo que já me faz estremecer inteiro e eu me forço — ou tento — a permanecer imóvel para que não veja o quanto eu me transformo em um adolescente vendo-a com essa cara de safada.

*Miranda, você é melhor que pornô.*

Seus dedos de mel deslizam por minha camisa, tão calmos que se igualam a uma câmera antiga, mas são agressivos. Poderiam muito bem se quisessem, destoar cada centímetro desse tecido. Hipnotizo. Eu me hipnotizo por ela com tamanha facilidade todas as vezes.

Eu não sei o que seria mais atrativo, é o suor que umedece as mechas na sua testa? Líquido esse, criado por tamanha tensão. São seus lábios molhados que brilham? Ah, eu sei o que eles querem abocanhar. Ou é esse maldito olhar fixo que não se quebra nem por um instante? Pode não ser apenas isso, mas com certeza esse olhar deixa tudo mais excitante.

Os dedos que apenas deslizavam, agora retiram a minha camiseta, ou tentam. Eu ajudo erguendo os braços e lanço no chão com a boca entreaberta de ansiedade pelo seu sorrisinho ridículo devido a minha falta de paciência. Ela faz círculos com a ponta do indicador no meu peitoral, mas parece que o resto do seu corpo quer chegar mais perto, não é? Com inveja do dedo indicador, sua boca trilha selinhos por meu peito inteiro.

Os pequenos beijos provocam a sua língua, ela lambe o meu abdômen inteiro como se fosse uma paleta mexicana. *E caramba…* continue assim e logo vai sentir o recheio dessa paleta. Eu xingo e chamo santos em meu pensamento, mesmo sabendo que essa visão não é nada religiosa. E nem as ações, ela passa os dedos em torno da minha calça jeans e brinca com o elástico da cueca, como essas merecem que eu chame figuras celestiais.

Desabotoa o botão da calça e o estalo é como um perfeito sinal de sincronia para que ela ajoelhe no chão para mim aos poucos, sem tirar os olhos dos meus, sem quebrar essa conexão hipnótica. É óbvio que minha ereção pulsa, desesperada para abandonar a prisão desses tecidos e se aproximar do seu rosto de mel.

— Faça, Mia. — Ofego… na verdade, estou mais implorando.

— Você quer que eu toque você, Trevor? — *Onde ela aprendeu a falar essas coisas?*

— Eu quero. — Mais do que tudo no mundo eu quero.

— Quer sentir a minha língua? — Minha frase do tribunal, isso te afeta, Trevor? Tomar do próprio veneno, essa realmente é culpa minha.

— É só no que eu penso desde que ela saiu daqui. — Aponto para o meu abdômen.

— Humm. — Agora você pode resmungar quantas vezes quiser, só me excita ainda mais.

Mia puxa a calça para baixo e toca o tecido úmido da minha cueca. Ah, mulher faça logo isso, é tortura, das mais maldosas que já fez comigo, essa espera é a pior. Abaixa minha cueca e meu pau pula para fora a fazendo sorrir. Um sorriso promíscuo. *Puta que pariu.*

Ela passa a língua nas mãos e massageia o membro inteiro. Sim, eu sei que está excitada e bem sensual agora, mas eu mentiria se dissesse que não amo como faz tudo comigo com carinho. Miranda beija a cabeça rosada como uma forma de entrada, passa a língua de baixo para cima por todo o meu pau e meu corpo treme de alívio. Era disso que eu precisava hoje de manhã, estava tão estressado, com sono e excitado. Seus joelhos estavam no meu tapete, estava embaixo da minha mesa pronta para me fazer gozar logo de manhã até que a gerente de secretárias nos interrompeu.

*Como eu quis te matar, Rose.*

Mas agora… pode ter certeza que qualquer raiva some em um estalar de dedos com esses olhinhos de mel me enfeitiçando nessa visão impura dela me lambendo. Essa boquinha que me chupa devagar, eu te amo, mas preciso de mais. Entrelaço minhas mãos no seu cabelo e seguro com força buscando controle, embora goste de ver ela fazer as coisas... também gosto de comandar. E ela parece perceber isso, pois se apoia na parede da cabine e chupa com mais intensidade, me engolindo para frente… e para trás, sem tirar os olhos de mim.

*Eu quero mais, Princesa.*

Envolvo sua cabeça com as duas mãos e empurro até sentir sua garganta, seguro, mantenho e permaneço até que ela reclame não uma, não duas, mas três vezes e solto. Foi pouco, ouvi pouco da sua garganta cantando para mim os barulhos que eu me excito de ouvir. Mia respira, ela respira fundo limpando os lábios me encarando pronta para mais uma rodada.

— De novo — ordeno.

— Uhum.

Ela resmunga baixinho e empurro mais uma vez, ela ameaça se desequilibrar, mas seguro sua cabeça para frente e para trás até sentir o fundo da sua garganta. Aguente, Princesa. Seus olhos se fecham, posso sentir seu desespero por segundos buscando respiração. Mais um pouco, aguente mais um pouco. Para frente e para trás… movimento infinito, é como enfiar a *porra* de uma garrafa na sua boca, a ouvindo grunhir e gemer totalmente preenchida até que desiste. Ela tosse uma, duas e eu largo.

*Eu juro, esse som, me excita para um caralho.*

Deixo que respire por pouquíssimos segundos e agarro sua cabeça a encostando na parede. Você pediu por isso. Me disse se eu deixaria me chupar, não foi? Não, você não disse essa palavra, disse ajoelhar. Eu decido o que fazer com seus joelhos no chão e eu decido enrolar seu cabelo na minha mão e foder sua boca de mel tão atrativa. Desliza uma das mãos no meu abdômen procurando apoio e abaixa os olhos.

— Em mim, olhos em mim, Miranda — afunilo.

Ela obedece como uma prostituta… e seria uma prostituta de luxo. Você me obedece, então eu cedo, puxo seu cabelo para cima, colo minha boca na dela e sinto a sua língua quente por todo o trabalho. Todo o esforço que a faz ficar fervente, tão quente que me deixa louco para apertar esse seu pescoço. Aperto, calco e amasso seu pescoço até que ela não aguente e se mergulhe no verbo ofegar. Solto e deixo que respire um pouco.

— Ah… — Mia pisca os olhos e engole em seco. — Por que parou? — Mulher? Achei que precisasse disso.

— Respiração.

Ela me encara com fúria nos olhos como se eu a estivesse limitando e me empurra na parede. Agacha no chão e engole o meu pau na boca me chupando com mais força, sem tirar os olhos de mim, como eu mandei. Sinto como se uma corrente elétrica passasse por todo o meu corpo e me energizasse. É pura energia sensual. Seguro e empurro sua cabeça até sentir o ápice, ela tosse uma, duas, três. Mais uma, *caralho*. Quatro e cinco. Engasgue, cacete, eu quero te ouvir não aguentando o meu pau na boca. Seis vezes que sua garganta implora para largar, sete e ela engasga, mas seguro e seguro um pouco mais. Mantenho o olhar fixo com ela e franzo o cenho.

— Engula — afunilo.

Miranda segura a borda da minha calça jeans em resposta e empurro mais fundo, ela engasga de novo e o som de senti-la aos prantos me faz gozar na sua boca. Estou liberando mais e então mais um pouco, deixando com que o líquido se esvaia de mim em alívio puro. Seus olhos lacrimejam e liberto-a do ato, deixando a respirar por alguns segundos até que ela me surpreende mais uma vez. A mulher volta a passar a língua por meu pau inteiro e o limpa engolindo e provando o leite de avelã.

*Eu amo quando ela faz isso.*

Agacho no chão em que ela se dispôs para mim e toco meu nariz ao seu. A respiração acelerada dela no meu rosto me invade como uma flecha, mostrando o quanto fui rude, mas um pequeno sorriso de satisfação em seus lábios me faz amar toda essa loucura. Lhe dou um beijo de leve e ela retribui.

— Um dia desses você vai me fazer apaixonar tanto que vou usar uma coleira com seu nome.

— Eu acho que gostaria disso. — Ela ri ofegante.

— Gostaria, é?

— Uhum.

O resmungo me hipnotiza e eu a beijo mais uma vez ainda no chão do banheiro, mas agora me esquivo de sua boca por um segundo.

— O que foi? — Seus olhos e lábios sedentos pela minha boca questionam a interrupção.

— Então… — Solto um sorriso.

— Trevor, não. —Ela já me limita sabendo o que pretendo dizer.

— Você mamou, Mia?

*Mama Mia, mamou, Mia? Espetacular, Trevor, a cada dia você se supera ainda mais!*

— Você é muito idiota às vezes, sabia? — Por mais que ela esteja com raiva nas palavras, vejo seu sorriso que ela até mesmo tampa tentando esconder.

— Sou um idiota que te ama.

— Um idiota muito gostoso. — Ela me elogia e ergo uma sobrancelha junto ao meu ego.

Mia me puxa para outro beijo, o que é um sinal claro que me avisa que o jantar foi para o espaço. É uma pena, eu amo aquele restaurante, mas amo mais a minha *Monalisa Italiana.*

5




# Cólica Turbo

*Eu quero me amar*

*Do jeito que você me ama*

*Eu adoraria me ver do seu ponto de vista*

*Eu quero confiar em mim*

*Do jeito que você confia em mim*

*Porque ninguém nunca*

*Me amou como você ama*

***Pov – Ariana Grande.***

## TREVOR WHITE

Abnegação. Renúncia, desistir de algo, altruísmo, desapego completo de suas próprias vontades em função de uma outra pessoa. A maioria dos filhotes tem dificuldade de se afastar da figura materna por ser o único símbolo de conforto que os mesmos foram capazes de conhecer. E a renúncia à comodidade pode ser muito parecida com a abstinência.

Há pedras no caminho quando resolvemos colocar as coisas em uma trouxinha e pôr o pé na estrada da individualidade e, para mim, liberdade.

A casa é um conforto quase eterno ou foi por muitíssimo tempo, tem cheirinho de bolo vermelho, chão de mármore branco e pelos de felino por todos os lados.

*Mas e se o conforto não fosse uma casa?*

Pois o meu cheira cítrico.

Me sinto culpado por estar tão feliz e o meu conforto tão… indiferente? Mas também o que eu queria, que ela fosse gemer de alegria? Não preciso disso, apenas saber se ela está bem.

Trevor, a quem quer enganar? Não é isso. Você já tem certeza de que ela não está bem. É uma espécie de conexão ridícula, um ar diferente, jeito de falar...

E por que eu não posso ir direto na sala dela e perguntar? Porque eu me sinto fazendo algo errado.

*Mas não é errado...*

Um bocejo longo me faz chegar a uma conclusão. Tenho que parar de trabalhar de madrugada para não ficar no expediente pensando nesse tipo de coisa.

*Vá criar alguma coisa, talvez isso te anime.*



Por que a palavra *húmido* se escreve com U no português brasileiro? Acho *húmido com H* mais chique.

— Sr. White, as anotações, imprimi, coloquei na cor que gosta, tchau. — Na velocidade de um carrinho turbo, Miranda entra na minha sala, cospe as palavras, colore minha mesa com papéis e dirige os pneus premiados até a porta.

— Srta. Ross — chamo e ela bufa virando apenas metade de sua cabeça para trás.

— Sim…?

— Está tudo bem? — questiono, pois ela parece ter corrido uma maratona.

— Claro, ou toda vez que eu venho a sua sala tenho que massagear seu ego?

SUTIL

— Não, eu...

— Ótimo, tchau. — Despede e fecha a porta com a grosseria que nem mesmo a Dama Vermelha me trata.

O que foi isso?

*Ontem ela estava tão pacífica e agora é uma metralhadora?*

Saio da minha sala ainda martelando o que acaba de acontecer e me encosto no balcão de Jane enquanto ela troca papéis com Morgan.

— Ouviram isso? — Jogo meu olhar para a sala de Mia.

— As pessoas acordam em dias ruins — diz a minha redatora chefe, vestida em um extravagante vestido amarelo.

— Mais anotações da Mia. — Jane arrasta os papéis até mim.

— Isso não é da Mia — informo.

— Foi o que ela trouxe para nós. — Morgan me penetra com um olhar indiferente em primeiro momento, mas em segundos posso ver uma gota de suor escorrer pela sua testa. Mudando totalmente de feição. Por que essa troca?

— Mor, Miranda Ross não usa papel, ela sempre entregou tudo pelo iPad — desconfio.

— As pessoas mudam, você não mudou, não? — Ela coça a nuca nervosa.

— Eu voltei a ser quem era, é diferente, e nem por isso deixei de usar camisa branca — pontuo.

— Pois então, deveria variar, sabe...

— Morgan, o que aconteceu? — interrompo antes que ela me ofenda e Jane lhe passa um post-it escrito “reunião”.

— Olha só! — Ela encara o relógio do nada. — Reunião agora, sinto muito, Chefinho White. — Que apelido é esse? Ela agarra uma pasta e corre para o elevador.

— Tinha que ajudá-la a mentir para mim, Janete? — Reviro os olhos. — Sou eu que pago seu salário.

— Na verdade, é a Srta. Scott — sussurra e eu entreabro meus lábios pelas ousadia.

— A mesma Scott que pode te demitir com uma ligação minha — afunilo.

— O senhor e a Srta. Scott não estão um pouco afastados? — A secretária ergue uma sobrancelha com um sorriso brincalhão.

— Quer saber, chega, aproveite seu trabalho enquanto pode — assevero e ela ri baixinho. Atrevida demais.

*O que está acontecendo com as mulheres hoje?*

Espero que a Sarah não esteja tão disposta a me maltratar hoje também.

Entro no elevador, depois de Morgan que estava extremamente apressada por um motivo que desconheço, respiro um pouco com *Waltz in A minor – Chopin*. Música essa que sempre me relaxa. O nono andar, me traz tantas lembranças quando se era tudo decorado em dourado e cinza, onde a cadeira era sobrecarregada com casacos peludos e o cheiro de *whisky* era puramente forte.

Agora, o mármore branco contrasta com os muitos detalhes vermelhos, a cadeira é de morango e o cheiro é cítrico. No entanto, ainda uma coisa permanece a mesma, além da arquitetura, claro.

*O relógio branco de quartzo.*

Parado sempre no mesmo horário e se chegar bem pertinho, ainda com muita imaginação é possível sentir o cheiro da Exibição Azeviche repleta de poder.

Nunca entendi o motivo de ter um relógio que não funciona, talvez por ser enorme? Parece uma caixa de quartzo branco com detalhes opacos negros, bem inútil. Porém, tenho que admitir, gosto do relógio por ser uma das coisas que restou dela.

E onde ele está? Sempre no fundo esquerdo da sala, agora ao lado do cabelo loiro.

*Não vou dizer que não gosto quando essa nostalgia me ataca.*

Bato três vezes na enorme porta branca e seguro a maçaneta para baixo até encontrar a, tenho que admitir, belíssima CEO da empresa em que trabalho. O vestido vermelho quase enforca seus seios e os óculos de leitura marsala marcam um pouco seu nariz albino. Desculpe encarar tanto, Loirinha, é por estar com saudade.

— White, resolveu trabalhar hoje?

*Agora é sério, onde eu joguei minhas pedras no passado?*

— Sempre, Loirinha. — Resolvo ignorar totalmente a patada que acabo de levar na tentativa de acalmá-la. Uma coisa é a Mia nervosa, Morgan com raiva e a Jane ousada. Outra é Sarah Scott furiosa, prefiro evitar sempre que possível.

— Ultimamente você tem saído e ainda levando funcionários em horário não informado e sem permissão — os lábios vermelhos me acusam.

— Está falando de uma única funcionária, a Mia — corrijo mesmo que ela esteja certa, eu deveria ter avisado.

— Não me interessa com quem você sai, Sr. White, não me informou e você responde a mim.

*Srta. Thompson, é você?*

— Acabou? — Bufo já perdendo a paciência. Ela ama descontar estresse em mim.

— NÃO! — Sarah grita com a minha ousadia, crava as unhas vermelhas afiadas na mesa e me invade com os olhos azuis repletos de ódio por um total de dez segundos. — Agora acabei.

*Deveria atuar como Marilyn Monroe, Loirinha.*

— Vai me dizer o que aconteceu? — Franzo o cenho a encarando de volta.

— Você não está ocupado demais? — ironiza dando de ombros.

*Sabia que deveria ter vindo antes.*

— Sabia que a conversa com a Mia não tinha sido unicórnios de chantilly, ainda não lida bem com isso.

— Eu lido bem com o que eu quiser! — exclama e empina o nariz com puro ego.

— Doce como uma flor — sussurro.

— O que disse? — Ela ergue a sobrancelha.

— Não sou Teodoro para abaixar a cabeça quando é autoritária comigo — afronto, escondendo o sorrisinho que gostaria de soltar por amar vê-la nervosa.

— SE EU QUISER SER...

— AH, SARAH, CHEGA! — Cedo aos seus berros e quase que atravesso a mesa arrancando-a da cadeira para chocar contra o meu corpo.

A mulher loira lança tapas fortes no meu peitoral, outro tapa, mais um e então mais outro. Bate os saltos vermelhos no chão e forço sua cabeça para o meu ombro segurando seus braços. Mergulho nas suas mechas loiras e controlo seu pescoço me tornando refém da sua respiração acelerada. Essa conexão maldita, você me faz respirar como uma hiena ansiosa também, por você.

*Caramba, Sarah, como está nervosa.*

— Isso é por eu ter saído sem te avisar? Eu trabalhei antes de...

— Eu não duvido, nunca duvidei e não pretendo duvidar do seu trabalho — ela ronrona mais mansa agarrada ao meu corpo.

— Ciúme? — murmuro.

— Nunca vou deixar de ter isso — sussurra agora com os lábios colados no meu ombro.

*Me diga que esse batom é mate, por favor.*

— Mas se não é isso… ah, claro, terno de baunilha. — Decifro até que suas unhas vermelhas envolvam o meu pescoço e normalizem sua respiração. Eu sei, nossa linguagem do amor sempre foi o contato físico. — Ele fez algo que te magoou?

Ela fica em silêncio. Um silêncio que domina a sala inteira, deixando apenas o barulho quase nulo do ar-condicionado e os meus suspiros, pois ela não emite nenhum som.

Em qualquer mulher do mundo o silêncio significaria consentimento, mas para Sarah Scott, o silêncio é *culpa*.

— Mia me disse que ele te ligou, você atendeu?

— Não. — Bufa.

*Ah, mas eu não falei?*

— Então está estressada por que você não atende as ligações? E quer que ele tenha bola de cristal para saber o que você quer?

— Está defendendo ele? — ataca.

— Nunca, eu não disse isso. — Eu amo as mulheres, mas às vezes elas me confundem tanto e olha que essa aqui me confunde há dez anos. — O que quer que ele faça?

— Que seja assim. — Aponta para mim com o dedo indicador.

— Que seja presente? Sarah, Thomas não é assim, sabe disso.

— Aham. — Ela revira os olhos.

— Tem que dizer o que você quer para ele. Loirinha, ele não sou eu, não sabe as coisas que você pensa.

— Eu não queria ter que dizer.

— Quer que ele pense sozinho, é isso?

Entendo, as mulheres gostam quando os caras planejam, pensam e decifram os desejos femininos. E se elas nos dizem o que desejam, já não é mais a mesma coisa.

— Não precisava ser totalmente sozinho...

*Se não é totalmente sozinho, ela quer que ele tenha ajuda de alguém.*

**Espera… NÃO!**

— Quer que eu vá falar com ele? Sarah, eu aind...

— Eu falei com a Mia. — Ela se solta do meu aperto e empina o nariz.

— Isso foi diferente, não posso ir até Porto simplesmente porque...

— Trevor. — Ela limita e pisca os olhinhos azuis que brilham pedintes.

— Sarah! — Bufo com ódio por estar me comovendo por isso. — Você foi arrogante para que eu ficasse manso e viesse pedir o que você quer, não é?

— Você me conhece mesmo! — Ela me dá um sorriso enorme na boca vermelha. — Pode fazer?

Eu a fito, ela me fita, nós nos fitamos bem fixos. Ela lutando para me convencer e eu dando minha vida para não mimá-la mais do que já mimo. *Mas, porra… eu já não a magoei demais?*

— Posso, mas vai ficar me devendo uma.

— Ah, obrigada! — Ela sorri mais ainda e me abraça. — E… tem mais uma coisa.

— Hum.

— Desde quando você resmunga? — Sarah ergue a sobrancelha.

— Tempo demais com a Mia, continue — peço, ainda sentindo o mesmo ar que ela respira.

— Vou fazer bacalhau amanhã, você quer vir?

— Eu, você e a Rose?

— Morgan — ela balbucia o nome da minha redatora chefe e por mais que a ideia me agrade, acho que poderia melhorar. — Teodoro e a Miranda.

Como se uma varinha de condão batesse em meu rosto, solto um sorriso bobo por ela estar pensando em incluir a Mia nos nossos passatempos.

— Eu vou perguntar se ela gostaria de ir, quer que eu chegue mais cedo? — eu pergunto, mas me arrependo após falar. Sempre chegava mais cedo nos jantares para estendê-la sobre a bancada e fodê-la antes dos convidados chegarem.

— Não sei se seria uma boa ideia — murmura.

— Péssima ideia — concordo assentindo com a cabeça.

— Chapéus de mestre cuca. — Referência à nossas brincadeiras promíscuas culinárias.

— Aventais apertados — retribuo.

— Será que se eu der dez mil euros para a Mia, ela deixa você transar comigo?

— Sarah! — exclamo chocado com a risada que vem forte.

— Não? Tá bom. — Ela ri. — É, brincadeira... mas atração não some de um dia para o outro.

*Verídico.*

— Por que não brinca com seu cachorrinho? — ironizo pela baunilha que ela rejeita.

— Qual deles? — Ela ri com ar de superioridade.

— Por que eu ainda faço coisas por você? — questiono-me.

— Porque você me ama. — Um sorriso vermelho de vitória estampa seus lábios.

— Não abuse disso — restrinjo. — Chego às oito — informo me distanciando do seu corpo.

— Sete — pede.

— Sete — cedo. — Sarah — chamo.

— Trevor — retribui, e volta a sentar firmemente em seu trono vermelho me encarando por cima dos óculos de leitura.

— Não vá para Porto sem me avisar.

Por mais que eu queira que ela siga em frente, também não quero que se distancie tanto assim de mim.

— Nem você vá para o Brasil sem me avisar. — Dou-lhe um sorriso de canto e fecho a porta.

*Thomas Foster, melhor ter culhões para essa mulher.*

Agora, eu vou tentar agradar a minha.

# MIA ROSS

Abnegação. Às vezes nos aproximamos de algo sem ter a ciência exata do que estamos nos aproximando. Tal ciência que nos afasta dos amigos, da liberdade e da própria força. Ele me afastou de tudo, até que eu apenas conseguisse correr para ele nos piores momentos que ele mesmo causava. Um ciclo vicioso, mas que a abnegação com cheiro de avelã me libertou.

EU.
ODEIO.
A VIDA.
SEM.

O MEU.

IPAD.

Como as pessoas conseguem escrever hoje em dia no papel? Isso é arcaico, mas também vou fazer o quê? Quando vou poder comprar um novo? Daqui uns meses.

Melhor isso do que ele achar que sou interesseira.

*Mia, pelo amor de Deus, ele não acha isso.*

Mesmo assim, e se no outro dia ele vier querendo me dar um carro como Christian Grey[4]?

Trevor é bem diferente do Grey.

*Embora eu goste de levar as suas palmadas, Sr. White.*

— Mia, as anotações da reunião com os executivos estão prontas? — Rose atrapalha meus pensamentos batendo levemente na porta.

*Ela vem atrapalhando muita coisa ultimamente.*

— Ainda não, me desculpe, eu entrego hoje. É que estou sem meu iPad, mas vou procurar outro meio de...

— Trevor não vai te dar um novo? — Ela ergue a sobrancelha.

— Eu não contei para ele ainda. — *Por que estou falando isso para a Ruiva?*

— Mia, Trevor não é daqueles ricos mimados. — Ela ri. Estranho, eu geralmente não a vejo rir, na verdade é que não a vejo. — Ele gasta a fortuna com pasta carbonara. — Isso é verdade.

— Mas o dinheiro é dele — insisto.

— Sim, a parte que ele não investe eu digo, ele ama dar presente, acho que só não sabe o que te dar no seu aniversário. — Assim que ela diz a última palavra ergo minha sobrancelha.

— Como sabe que meu aniversário está chegando?

— Eu que trouxe sua ficha para Sarah, enfim, com ou sem iPad preciso disso até o fim do expediente. — Rose balança um pouco a cabeça e volta a me cobrar.

— Estará entregue — prometo, ela assente, mas antes de sair seus saltos param por algum motivo que desconheço. O nariz pequeno repleto de sardas respira fundo e ela vira a cabeça para mim escorrendo o ruivo por seus ombros. — Rose? — chamo erguendo a sobrancelha.

— Você ainda fala com aquele policial? — morde a boca pintada de um batom alaranjado.

— Chris? — digo e ela pisca os olhos esverdeados assentindo. — Nos falamos a última vez no tribunal quando me ajudou.

— Ele é sempre gentil assim ou é só fachada? — A pergunta dela me faz franzir o cenho confusa pelo interesse.

— Tivemos um desentendimento, mas ele sempre foi extremamente gentil comigo. O tipo de homem honrado e certinh…

— Foi gostoso transar com ele? — A ruiva me interrompe atrevida e eu entreabro minha boca surpresa pelo ataque, escapando um sorriso sem graça.

O silêncio domina meus lábios porque a verdade é que eu nem sei a resposta, estava tão nervosa, chateada e vulnerável que nem prestei atenção nisso.

— A resposta é não. Entendi — conclui sem que eu diga uma palavra e ameaça sair da sala.

— Rose! — chamo levantando da cadeira e ela se vira. — Eu pensei no Trevor todos os segundos de cada minuto que estive com o Chris, eu estava… eu sou muito apaixonada por ele, não pode levar minha experiência em consideração — explico e a faço assentir em concordância. — Mas… — Rio um pouco. — Eu me lembro de ter babado um pouquinho no peitoral e ele faz um ótimo trabalho lá embaixo — respondo a fazendo erguer a sobrancelha ruiva como se estivesse cogitando uma hipótese.

— Tá — murmura e eu vou contra todos os meus estímulos, sem conseguir entender o motivo pelo qual uma mulher como ela estaria com um homem como ele.

Christopher é gentil.

Rose é grosseira.

Mas isso não me impede de me divertir com isso.

— Você quer o número dele? — ofereço, e de primeiro momento ela faz uma feição de absurdo, mas logo morde a boca com força batendo os saltos no meu tapete se aproximando. — A casa dele é uma bagunça, então eu acho que ele deve passar muito tempo na delegacia — informo, retirando o cartão do fim da minha segunda gaveta junto de outros com restaurantes. — Aqui tem o número, apartamento e a delegacia onde trabalha. — Entrego para a mão coberta por uma tatuagem de cobra minimalista.

— Ele te deu isso porque queria transar com você? — Ela tem uma facilidade de falar assim na lata, não é?

— Não, Rose. — Rio coçando a nuca. — Como eu disse, ele é muito certinho, nem sacanagem falou quando fizemos, me deu o cartão porque queria meu depoimento — explico e um sorriso domina seus lábios.

Eu disse algo certo?

— Eu pensei que ele não me achasse atraente por não ter me dado o cartão — admite baixinho alisando com o dedo o nome escrito.

— Tiveram um momento juntos? — questiono sorrindo de surpresa e curiosidade.

— Obrigada, Ross. — Me ignora e sai da sala sem nem dar atenção a minha pergunta.

Isso foi muito estranho.



Minhas mãos estão doloridas demais, mas escrevi tudo a mão depois de pegar os *slides* da reunião. Poderia usar o celular, se a tela não fosse pequenininha e nem vou comentar da minha cólica extrema que joga carros turbo na minha barriga.

*Cólica Turbo.*

Eu. Preciso. Urgente. De. Um. Calmante.

Eu poderia atirar flechas em pessoas com a raiva que essa maldita dor me faz sentir, uma vez por mês essa desgraçada chega para me importunar. E eu posso lutar contra ela? Não, meus recursos são bem limitados.

— Miranda? — Trevor coloca a cabeça dentro do vão da porta e eu respiro fundo para não xingá-lo.

— Trevor, estou cansada, sério, podemos nos ver amanhã? — Melhor isso do que tratá-lo mal, não quero que pense que sou uma namorada maluca, acabamos de começar o relacionamento.

— Gostei das suas anotações, normalmente não entrega no papel. — Analisa dando passos bem firmes sobre meu tapete.

*Merda, ele está desconfiado.*

— É, então eu... comecei a usar papel, cadernos bonitos, sabe? Dá um charme. — Mentira! Eu nunca menti tanto na vida, eu odeio cadernos de

todos os tipos.

— Você nunca usa papel, o armazenamento do iPad lotou? — Eu estou sempre comprando mais.

— Não... é só que papel é legal. — Legal? Nossa, Miranda, agora entregou tudo mesmo.

O homem de camisa branca me lança um olhar tão penetrante que poderia fazer coisas flutuarem como "A Força", do *Star Wars*. Ele franze o cenho, me encarando com essas sobrancelhas raivosas que até me excitam um pouco. Não adianta esconder, não é? Não, Mia, ele não vai descobrir.

— Quebrou o iPad? — Droga.

— Não…! Sim, eu quebrei. — Bufo ao desistir da mentira esfarrapada e assim que confirmo ele se alivia por ser algo menos importante do que imaginava. Achou o quê?

— Eu compro um novo. — Temos um total de zero surpresas.

— Não, obrigada, eu tenho minhas economias e vou comprar sozinha. — Sorrio forçadamente e ele revira os olhos.

— Faz quanto tempo?

— Por que isso importa? — rebato.

— Quanto tempo? — questiona mais uma vez com o olhar tão sério que poderia me derreter.

— Humm... não sei.

— Miranda, responda a pergunta — ordena.

— Três dias. — *E lá vem o sermão.*

— Porra, Miranda, faz três dias?! Por que não me contou? Ficou sofrendo para trabalhar, sendo que eu poderia ter resolvido em questão de segundos.

— Eu não disse justamente porque você iria querer comprar um novo.

— Miranda — balbucia o meu nome com raiva em seu tom, mergulhando os dedos em seu cabelo em busca de paciência.

Trevor se aproxima da minha mesa aos poucos, estende a mão para mim na espera de que eu aceite e cedo. Eu sempre cedo quando é para ele. Seguro seus dedos e ele me leva para o sofazinho, o tal sofá que tem muita história.

*Já chorei com ele aqui, almocei com ele aqui e já o beijei inúmeras vezes aqui.*

Me recosto nas almofadas envolvendo os meus joelhos com os braços para melhorar a cólica. Ele chega mais perto de mim até começar o clássico,

Trevor sempre amou brincar com meu cabelo. Eu tenho um palpite para a razão disso, Sarah está com o cabelo impecável todas as vezes que a vejo, tenho a sensação de que ela nunca o deixou brincar assim como eu deixo. Isso não é um esforço para mim, amo senti-lo me tocando.

— Vamos lá. — O quê? Nossa, eu realmente achei que tinha escapado do sermão. — Eu já fui como você, já comprei pastas executivas caríssimas e fiquei doze prestações no sufoco, era um saco. É mesmo. — Às vezes eu esqueço que ele já foi pobre. — Eu tenho dinheiro, Mia, muito dinheiro, tanto dinheiro sobrando que poderia comprar um hotel. Não, eu poderia comprar dois hotéis e fazer com que brigassem por concorrência! — Por mais que eu não goste de falar de financeiro com ele, me divirto com o exemplo.

— Eu gosto de hotéis, nunca me hospedei em um, você já?

— Sim, em algumas conferências.

— Tem chocolate nos travesseiros e sabonetes pequenos?

— Alguns. — Ele ri. — Posso te levar para se hospedar em um dos meus favoritos… é estranho pagar uma diária tendo casa.

— Hum… é mesmo — resmungo e isso o atrai como uma corrente elétrica.

Trevor agora franze o cenho, mas não de raiva, apenas de concentração. Os dedos que massageavam as minhas mechas e seu ego agora brincam com minha bochecha, queixo e lábios. Toque fervente, eu diria, como se seus dedos estivessem mergulhados em lava vulcânica, pois me queimam. Essa é a verdade, desde a primeira vez que o vi, minha temperatura se elevou como nunca antes. Então eu retribuo, retribuo apertando seu braço grande e forte na tentativa de mostrar o quanto estou gostando dos toques.

Eu quero que continue, por que não me faz esse favor? Estou tão estressada ultimamente, seja a minha *folga*. As mãos envolvem meu pescoço que ele puxa para si chocando nossas bocas para criar um beijo intenso. Eu fecho meus olhos com força sentindo, eu sinto cada pequena sensação que meu corpo produz ao encostar meus lábios nos seus. *Como é gostoso, Trevor… você é gostoso demais.* Eu não quero ter que parar, mas é humanamente impossível para que eu possa sobreviver a mais um pouco desse ataque fervente. Eu paro. Paro para respirar, devagar, ofego e ele junta as mãos ao meu rosto comprimindo meu cabelo. Ele enfia uma das mãos

por baixo da minha blusa e puxo sua camisa querendo tudo que posso ter dele.

— Me deixe te mimar — ele pede entre os beijos molhados e acaricia meu rosto.

— Só… — murmuro respirando fundo, minha respiração está tão acelerada que correr uma maratona não me deixaria tão vibrante. — Não exagere, por favor. — Arfo o pedido tentando manter meu coração batendo dentro do meu peito e não pulando para fora como deseja.

— Eu decido o que é exagero ou não — ordena controlando minha boca. — Por que não janta comigo hoje?

— Estou muito cansada... tive que ficar indo em impressoras e copiando slides o dia todo — digo ao esfregar os olhos.

— Com essas mãozinhas aqui? — Trevor beija cada um dos meus dedos.

— Essas mãozinhas estão mortas.

— Elas conseguem gostar do meu cabelo?

— Hum? — questiono e ele sorri.

Ele deixa de lambuzar minhas mãos e traz para o seu cabelo castanho, de imediato massageio por amar a sensação macia e com cheirinho de lavanda.

— Parece que consegue — conclui baixinho.

— Mas por...

Trevor ajoelha no chão aos poucos apertando minhas coxas, joelhos e panturrilhas até chegar aos meus pés. Meus pés que imploram para um alív… ele está? Senhor, ele está tirando os meus saltos e massageando meus pés, não posso acreditar que um homem possa ser tão gentil assim.

*É assim que é ter um namorado decente?*

— Sério... está doendo tanto — gemo de puro alívio pela massagem.

— Você é uma mulher trabalhadora, Miranda, merece um descanso. — Sim, eu mereço e por que ao som dos meus ouvidos isso parece tão absurdo?

Eu trabalho demais, sempre a mais da conta e eu nunca tive alguém que me entendesse assim como ele. Victor nunca nem perguntava do meu dia, raramente me elogiava, quem dirá massagear meus pés. Será que foi *karma*? Eu já sofri muito e agora estou sendo recompensada? É assim que eu me sinto com você, Trevor. Como se tivesse ganhado na loteria.

Ele coloca um dos meus pés sobre o ombro e trilha beijos pela minha perna arranhando minha coxa com os pelinhos da sua barba mal feita. *Caramba… isso é delicioso*, poderia degustar essa sensação como os jurados do MasterChef[5]. Apalpa, aperta, espreme todo o meu corpo e arranca meu quadril para mais perto me fazendo escapar um pequeno gemido dos lábios.

Junto as pernas ao seu pescoço e puxo para cima, preciso dele aqui, agarro sua camisa e o empurro para um beijo agressivo em que eu mordo seu lábio e ele retribui com meu inferior. Mergulho os dedos nos fios do seu cabelo e Trevor sorri.

— Não pare de massagear — ordena.

Assinto como uma súdita apaixonada pelo rei e ele volta a agachar no chão o que me faz ficar na dúvida de quem é realmente o súdito. Com movimento certeiro e veloz ele abre minhas pernas, mas antes de fazer qualquer coisa dá outro sorriso e não entendo o motivo.

— Armadura preta. — Analisa e me encara com os olhos brilhantes de Amor Sublime.

— Estou usando seu presente. — O meu murmuro serve de combustível para que ele aja.

Trevor começa brincalhão, eu amo essa versão mais carinhosa dele e é por essas e outras que chamá-lo de Ursinho faz tanto sentido. Ele se enfia debaixo da minha saia massageando um pouco o tecido da minha calcinha, ação pouca que já me faz relaxar e pedir por mais. É a preliminar das preliminares, ele beija, dá pequenos beijos sobre a renda até que resolve jogá-la para escanteio tendo total visão da minha boceta. E não apenas encara, ele faz mais, ele sempre faz mais do que isso, nunca foi um homem que eu precisasse dizer o que desejo.

*Ele decifra com muita facilidade.*

E sabe, ele sabe o quanto preciso relaxar e não de algo desgovernado agressivo. Sinto a ponta da língua passear por meus lábios e arrepio de ansiedade com a majestática provocação. É tão delicioso… está vendo isso, Victor? Isso é um homem de verdade, que sabe satisfazer uma mulher. Trevor desliza a língua devagar para um lado, então para o outro e eu acompanho com gemidos roucos, enquanto ele mescla meu clitóris já aguçado com a saliva excitante. É um lubrificante natural e se nasceu conosco, por que não usar? Minha boceta se encharca tão facilmente com

esses movimentos sensuais que mordo minha boca com força, apertando a saia para baixo.

— Está cansada, Princesa? — Arfa e mordisca um de meus lábios.

— A-ah! — escapo um gemido e tampo a boca.

— Hum… — Ele prova mais de mim se deliciando como eu fiz com seu pau naquele banheiro de metrô. — O expediente acabou, pode fazer barulho. — A frase sugestiva sai em tom de ordem quando ele me deita sobre o sofá.

Suas mãos robustas apertam a minha bunda com fúria, enquanto ele se concentra em mordiscar levemente cada pedacinho meu. Retiro a saia de cima da sua cabeça e mergulho meus dedos no cabelo castanho de lavanda como havia ordenado. E ele demonstra o quanto gostou trazendo os movimentos para cima, sobre o meu clitóris fazendo meu corpo repulsar de prazer e uma pequena dor pelo contato tão forte.

— A-ahh, Trevor... T-Trevor! — eu gemo alto como das primeiras vezes em que transamos. Tão louca por ter um sexo digno que não conseguia me conter de forma alguma.

Você diz que eu sou uma gazela? Realmente eu sou… uma gazela louca por você.

Remexo o corpo inteiro, ele acelera os movimentos e mantém o olhar fixo em mim, observando cada reação escandalosa minha. Queria poder ser mais contida, eu juro, mas senhor… ou eu só transei com homens ridículos na vida ou Trevor é um Deus de preliminares.

Ele arranca minha blusa de dentro da saia, enfia a mão por debaixo do tecido bufante e aperta, comprime, calca meus seios com força… com certeza suas mãos vão ficar *marcadas* na minha pele. Meus mamilos doem bêbados de prazer e libido.

— Qual a cor do iPad? — afunila a pergunta e penetra um dedo na minha boceta, pulo para frente e empurro sua cabeça para fazer mais rápido.

— Dourado... aah, eu quero dourado, Trevor, d-dourado, por favor! — ele penetra o segundo dedo e rebolo para cima querendo usufruir tudo dele.

— Considere seu, Princesa. — Enfia o terceiro dedo, provoca com força e rapidez o meu clitóris e não posso aguentar mais, posso tentar me convencer de que posso, mas sabemos que sou fraca, jorro na sua boca.

— Aaah… ah. — Ofego de alívio liberando todo líquido na sua língua enquanto me contorço.

Trevor tira as mechas do cabelo grudadas no meu rosto pelo suor e aperta com força o polegar contra a minha boca, sem abandonar nem por um segundo a água que libero. Ele passa a língua inteira pela minha boceta limpando e traz o olhar brilhante para mim, inteirinho lambuzado de leite de canela.

— Te relaxei? — ironiza com um sorrisinho de canto voltando minha armadura no lugar.

Puxo seu rosto para um beijo desesperado de agradecimento, me obrigando a pegar o máximo de ar que consigo. Ele levanta aos poucos e envolve meu pescoço com força me trazendo para mais perto dele.

Escapo e ofego.

— Sim... me deixou mais cansada, mas esse tipo de cansaço... — Pego um pouquinho mais de ar. — Pode fazer mais vezes... Trevor?

— Sim, Princesa. — Ele sorri com a minha satisfação ofegando também pelo esforço.

— Eu estou com um pouco... com muita cólica, pode me levar pra casa? — imploro puxando a gola da sua camisa.

— Está com fome? Eu tenho uma manta térmica no carro e tem a Pasta Diabética! Se for pra casa comigo eu tenho bolsa de água quente...

— Ei — o interrompo e faço uma conchinha em volta de seu rosto lhe dando selinhos emocionada pela preocupação. — Eu vou. — Minha resposta o faz sorrir ainda mais.



Trevor desliza as chaves na fechadura da porta e puxa a minha mão para que entre na sua sala.

— Bem-vindo de volta, Sr. White — Marta o recebe com a voz robótica.

— Marta, a Miranda está aqui. — Ele bufa e revira os olhos.

— Olá, Miranda, está linda hoje!

— Eu gravei essa frase. — Ele sorri radiante, se exibindo pelo ato romântico.

*Ele gravou para a Marta Robô me chamar de linda todas as vezes?*

Meu rosto arde forte demais e minha garganta pega fogo me implorando para que eu ceda aos estímulos chorosos, *mas que… mas que droga!* Vai chorar na casa dele? Eu sempre fico chorona assim.

Ele volta caminhando da sala quando vê que eu não saí do lugar.

— Ei, o que foi? Não queria vir aqui? — Não, amor, eu quero sim. — Eu posso te levar para a sua casa se sentir mais conforto, precisa que eu trag…

— Ai, é… — murmuro e ele franze o cenho preocupado. — Não ligue para mim não, volte a fazer o que estava fazendo, por favor.

— Como eu vou fazer qualquer outra coisa com você chorando?

— É isso aí… da frase. — Fungo o nariz e ele limpa minha bochecha. — Que eu sou linda, sabe? Você é muito romântico e fofo, que ódio…

— Sente ódio da minha fofura? — Ele me encara com pena pelo meu choro.

— Aí, você não entende! — Dou um tapa em seu braço e o encaro, mas em questão de segundos desisto da raiva e volto a abraçá-lo.

*Eu odeio TPM.*

Trevor se enrosca em mim e me leva junto de si para caminhar até a cozinha, enquanto esquenta a bolsa de água quente laranja. Estende a manta térmica sobre o ombro e assim que o micro-ondas apita, me leva para o quarto.

— Acende a luz não — imploro.

— Tudo bem — sussurra pertinho dos meus ouvidos.

Ergue o meu corpo em seu colo e me deita na cama tirando os meus saltos mais uma vez e os guardando em uma gaveta. Trevor enrola a manta térmica na minha barriga e com muito cuidado coloca a bolsa de água quente próxima a minha virilha.

— Está muito quente? Posso pegar um pano a mais.

— Está bom assim, Ursinho, obrigada — agradeço e esfrego os olhos.

Ele deita na cama comigo, se enrosca no meu corpo e envolve o braço forte na minha barriga. O sinto mergulhar em meu cabelo sabendo que com certeza está cheirando as mechas como tanto ama fazer e o carinho vem em forma de um selinho.

— Quando quiser comer me fale e o chuveiro fica na esquerda se quiser tomar banho — sugere, acariciando meu corpo.

— Uhum, obrigada — falo baixinho e ele beija meu rosto.

Após uns longos vinte minutos consigo me virar totalmente retirando a bolsa. Ele está apoiado no cotovelo quase dormindo, não tinha reparado, ele está cansado também, mas sempre me coloca em primeiro lugar.

— Oi — sussurra. — Está melhor? — Ele força os olhos e toca a minha bochecha.

— Estou sim, bem melhor.

— Fico feliz, minha Princesa… eu fui ver a Sarah hoje — conta e leva minhas mãos aos seus lábios beijando cada um.

— Ela está bem?

*Caramba, eu realmente me importo? Sim… isso é surpreendente, mudar tanto assim.*

— Estava estressada, ela quer que o Tom seja vidente. — Ele ri.

— Ela não atendeu nenhuma chamada dele, não é? Pelo menos eu só presenciei rejeições — digo, massageando sua barba enquanto conversamos.

— É o jeito dela de dizer que quer ele aqui em Lisboa, mas ela tem que falar com palavras e não manipulações.

— Mas então...

— Ela me pediu para falar com ele. — *Como assim?*

— Ela quer que você vá para Porto? — *Longe de mim?*

*Mia, nossa, deixe de ser carente!*

— É apenas uma hora de jatinho, pode vir comigo se quiser.

— Eu nunca fui a essa cidade.

— Isso. — Ele se aproxima um pouco mais da minha parte do colchão. — É. — Beija minha testa. — Muito bom. — E desce para os meus lábios. — Vou te apresentar a Avenida dos Aliados e lá em Porto tem uma Fábrica também.

— Eu li sobre a Avenida na minha matéria sobre Portugal, parece ter muitas construções históricas.

— Isso mesmo, podemos passar a tarde lá, depois você vem comigo jantar na Sarah. — Lança o convite do além e faz uma careta para que eu aceite.

— Espera, eu, você e a Sarah? Jantando? Os três juntinhos? Numa boa? — Chego a rir e ele copia.

— Não, ainda não. Eu, você, Ted, Mor, Rose e a Sarah — explica, como se enumerasse uma lista de compras.

— Ah, assim é melhor. — Se o Ted vai, caso ele for conversar com a Sarah não vou ficar sozinha.

— Sobre o iPad podemos comprar na quinta, pode ser?

— Hum. — Reviro os olhos e ele me fita agora mais sério.

— Você concordou e até gemeu a cor dele, achei que já tivéssemos resolvido isso — assevera.

— Uhum, resolvemos, tá? — Contra a minha vontade, mas sei que ele faz por carinho.

Ele dá um sorriso de orelha a orelha.

*Viu? Carinho ou…*

— Por que esse sorriso enorme?

— Viu o que fizemos? Conversamos sobre o dia, sobre a Sarah, e marcamos saídas! — Trevor se anima e eu copio sua alegria.

— Nós somos muito bons em compromisso!

— Certamente, MIA namorada! — exclama e se coloca por cima de mim.

Puxo a gola da sua camisa, beijo seus lábios masculinos e me prendo ao seu corpo.

*É Ursinho Diabético, fez minha Cólica Turbo passar.*

6




# Pantufa Bacalhau | Parte I

*Eu ainda consigo sentir seu perfume*
*Não é difícil de notar*
*Que eu estou na dela*
*Hipnotizado pelo jeito que ela se move*
***Confident – Justin Bieber***

## TREVOR WHITE

Bacalhau. Termo usado para o peixe que passou pelo processo de salga com o intuito de conservá-lo próprio para o consumo por mais tempo. É real. Estou mesmo conceituando um dos meus pratos favoritos, mas como tudo que digo sempre tem um sentido, dessa vez não será diferente. Esse prato, esse processo é histórico.

Conserva-se sentimento quando se adia momentos de emoção.
Conserva-se sentimento quando se cede ao distanciamento.
Conserva-se sentimento quando se restringe às vontades promíscuas.

É a única definição que me vem à cabeça quando me lembro do maldito CEO de baunilha. É difícil e admirável de ver como ele conservou sentimentos. Viveu sua própria vida por cinco anos, mas quando teve uma única chance de voltar para a Dama Vermelha foi mais cachorrinho do que eu.

*Conserva "distancial" sentimentalista inabalável.*

A casa está escura, tímida e sóbria. Fria… na verdade fria demais, meus pés estão congelando. Eu amo dias frios, mas esse está demais. Mia ainda está dormindo como um anjinho, mas um anjo com muita dor, acordou algumas vezes a noite pela cólica forte. Eu nem imagino como deve ser ter isso todo mês.

*Odeio colocar meus olhos nela com tanta dor.*

Faz umas três horas que ela dorme profundamente, o que me conforta e inspira. Fiz a estreia da panificadora que comprei faz mais de um ano, usei os cortadores para ficar igual um sonho de creme comum. E já está pronto, passei um pouco de uma mistura de ovos e óleo por cima e deixei dourar.

O creme simples de baunilha e ninho, recheei o meio e cobri com açúcar de confeiteiro, pedi o leite de canela da Fábrica mas estava fechando, então improvisei o meu próprio com a cafeteira.

Sim, eu fiz o café da manhã que ela gosta porque as lojas estavam fechadas.

*Ou porque também queria ver seu sorriso sonolento quando dissesse que fui eu quem fiz.*

Coloco o sonho e o leite numa bandeja e desvio dos móveis até chegar no meu quarto.

Meu*?*

Poderia ser.

*Nosso.*

Ela está encolhida no meio da cama com uma mantinha preta cheia de pontos brancos desenhados. Sento ao seu lado e massageio seu cabelo na tentativa de acordá-la com carinho. Mia força os olhos e tira uma das mãos que apertam com força sua barriga para se apoiar na cama e levantar.

— Bom dia, Princesa — sussurro, ela acaricia o meu rosto e me dá um selinho.

— Isso. — Ela aponta para a bandeja com a voz rouca de sono. — É pra mim?

— É sim, amor. — Lhe entrego o copo de vidro e ela toma um longo gole sujando os lábios.

Puxo meu moletom que a obriguei a trocar por aquele vestido apertado, seu nariz toca o meu e deslizo para os lados brincando. Beijo sua boca quente pelo leite e me derreto na sua língua tranquila e atrativa.

— Acordou melhor?

— U-uhum — resmunga tomando mais um gole. — Melhor com o seu kit TPM.

— São muitas mulheres, preciso de um. — Provoco e ela revira os olhos.

— Hum.

*Mas é uma mulherzinha muito ciumenta.*

— Falo da Morgan que sempre está aqui — explico.

— Sim, claro — ironiza.

— Mas eu posso fazer um exclusivo para você. — Seria divertido montar.

— Um o quê?

— Um kit TPM Abelhinha! — Dou o nome mais fantástico e ela ri com a voz falhada.

— Não precisa. — *Isso me estressa.*

— Mia, eu quero que comece a aceitar meus presentes e consequentemente meu dinheiro. — Deixo meu rosto sério e seguro sua coxa.

— Eu aceito que você tem dinheiro.

— Não foi isso que eu disse.

— Trevor, eu estou feliz assim, gosto de comprar as minhas coisas.

*Caralho, mas que mulher difícil.*

— Tá bom, se for te deixar feliz eu pago apenas uma parte.

— Qual parte? — questiona.

— Tudo e você um euro. — Esbanjo um sorriso brincalhão e ela não acha graça nenhuma. — É a verdade, Miranda, eu não te dei nada até agora.

— Me deu sim, e também se fosse mais que isso não aceitaria — retruca molhando os lábios com o leite.

— Mia, eu gasto meu dinheiro com restaurante e Nutella, o restante é tudo investimento.

— O que está dizendo?

— Gaste o meu dinheiro! — exclamo.

*Simples, mas complicada demais.*

Ela ri como se fosse uma brincadeira, mas mantenho o olhar sério e isso a faz me respeitar.

— O que eu compraria?

—- Comece com compras fáceis — sugiro.

— Em shopping? — assinto. Adoraria levá-la para comprar em lojas bonitas. — Você viria comigo segurar as milhares de sacolas de roupas que eu vou comprar com o seu dinheiro? — Ela ri como se fosse impossível.

— Sim e ainda faria inveja nas outras mulheres que os namorados odeiam compras. — Dou de ombros a fazendo rir.

— Mas você não odeia compras? — Com você não.

— Eu odeio esperar — corrijo. — E o fato de não poder entrar no provador com você.

— Isso... nós podemos ver. — Sorri com malícia.

Plenas cinco da manhã e ela já quer me provocar.

*Pode, eu deixo.*

— Em Porto tem muitas lojas legais, vi uma vitrine da última vez que fui, com um vestido bufante e lembrei de você.

*Na verdade, na época tudo me lembrava ela.*

— Ah, sério? — Mia me puxa para um beijo sensível, seguro seu pescoço e sinto sua respiração ofegante.

— Poderia ir comprar e vestir para mim.

— Hum, então tecnicamente está gastando o dinheiro com você mesmo? — *Touché, Ross.*

— Se contar que eu sempre fico babando por qualquer roupa que você veste, então sim.

— Ai, Trevor. — Ela sorri envergonhada.

— Princesa, gostaria de ir mais cedo para Porto, não sei quanto tempo o Thomas vai encher meu saco.

— Mas não é você que vai lá encher o saco dele? — Morde o lábio já sabendo o quão atrevida sua frase soa.

— Sutil. — Bufo e ela lança outra risada. — Mas se ele não mudou nada provavelmente vai ficar jogando conversa fora fugindo do assunto real.

— Eu vou ficar na sala de espera? — Não pensei nisso.

— Poderia ficar na Sam, o que acha?

— Ela não comanda uma firma de advocacia, vai ter tempo para mim?

— Diga que eu pedi, quer saber, eu mesmo peço.

— Ou eu posso ficar quietinha na recepção do Tom — sugere piscando os olhinhos de pedinte, mas algo me chama mais atenção.

— Tom?

**Desde quando ela tem *apelidinhos* com ele?**

— Quer um apelido também? Acho que já tem vários.

— Não quero você se poluindo com excesso de baunilha e as secretárias submissas dele. — Franzo meu cenho com todas as forças de todas as guerras já batalhadas na história do mundo.

— Tá bom, tá bom! — Ela revira os olhos e levanta da cama.

— Onde vai?

— No banheiro ou vai querer me proteger da privada de baunilha também? — ironiza com as mãos na cintura.

— Outra sutileza. — Mia faz uma careta para mim.

— Meu Deus, esse chão está muito gelado! — Assim que seus pés tocam o piso, ela se cobre com os braços.

— Europa, Miranda. — *Ela usaria pantufas?*

Ligo para o piloto do jatinho e aviso que estamos indo.



**6h**

Mia está agarrada no meu braço e deixa o cabelo cair sobre seu rosto. Tão fofa quanto as princesas dos contos de fadas. O tecido fino das mangas bufantes brancas se esmagam no meu blazer. Aperto e puxo seu corpo para mais perto sentindo o cheirinho de Limão e Mel, beijo sua cabeça e ela levanta levemente o olhar brilhante.

— Pode dormir, quando chegarmos te acordo — informo, acariciando seu pescoço.

— Onde está a sua mão? — Tiro de dentro do blazer e lhe entrego.

— Hum. — Ela entrelaça nossas mãos e traz para perto do seu queixo como se protegesse a união. Funga o nariz e dá um beijo rápido no meu ombro.

*O carinho que eu senti falta todos os dias durante aquele maldito Tempo de Creme.*



**7h30m**

— Sr. White. — Abro os olhos do pequeno cochilo que ela me induziu. — Chegamos, já temos um carro para o senhor e sua esposa.

*Esposa?*

— Ela é *Mia*... minha, ela é minha namorada!

— Ah, mil perdões! Parece muito. — Ele se atrapalha e sai.

*Parece? Por que parece? Ela acha que parece?*

Nossa senhora, Trevor, que paranoia.

— Miranda… — Arrumo as mechas caídas sobre seu rosto. — Princesa — sussurro perto dos seus ouvidos. — Chegamos, acorde, amor.

— Humm... acordada — resmunga de forma fofa e sorri.



Ligo para Sam e deixo Mia na recepção com uma trilha de beijos, não queria deixá-la, mas é por apenas algumas horinhas, depois vai estar comigo de novo.

Estaciono em frente à empresa de letreiro chamativo também como a Sam, os dois são cópias.

CLUBE FOSTER

O prédio é inteiro trabalhado em tons de preto sóbrio e cinza claro. Cheio de plantas escuras, musgos e muros ingleses. É como se as cinzas de queimada vivessem aqui, sem cor alguma ou alegria.

Saio do carro, arrumo a camisa branca e endireito as ombreiras do blazer preto. Abro a porta de vidro e clico para trancar o carro. Sinto um frio a mais pelo ar-condicionado sempre em poucos graus que me faz arrepiar de imediato e caminho até um dos balcões da recepção.

É sempre confuso, na nossa empresa é mais fácil, Rose tem o maior balcão, é óbvio que ela comanda as outras secretárias, já aqui são várias com o mesmo cargo.

Me aproximo da secretária central de cabelo enrolado loiro escuro, coloco o braço sobre o balcão e cravo uma mão dentro do bolso da calça.

— Bom dia. Preciso ver o Foster, sou o diretor criativo da Scott Media, Ter...

— White. Trevor White, que trabalha para a loira, isso, certo? — Tento não esbanjar minha surpresa com um sorriso de choque. — Desculpe... há muitos boatos sobre vocês dois.

— Admiro vício em pesquisa, satisfação em conhecê-la, Srta...

— Emi! Emilly, mas pode me chamar de Emi. — Ela se atrapalha e arruma o cabelo. Olho para seu rosto na espera que perceba sua distração e é até engraçado. — Ah, claro, o senhor quer vê-lo.

— Sim, eu quero — afirmo e quase escapo uma risada. Ela disca com rapidez o número.

— Sr. Foster, bom dia, o Sr. White está aqui para vê-lo, posso... sim, Trevor... tenho certeza… — Puxo o telefone de sua mão que treme de imediato ao sentir meu toque.

— Quer me deixar subir, Fada Baunilha?

— Último andar, Fada Branca — zomba e desligo.

Entrego o telefone de volta para a secretária e ela me encara surpresa.

— Só para deixar claro sobre os boatos, o errado foi ele. — Ela assente e a abandono entrando no elevador.

Elevador sem música.

Triste.

Ridículo.

Tediante.

Caminho pelo *hall* enorme de piso liso branco decorado no cinza até encontrar uma porta enorme da mesma cor. Eu não tinha muito tempo de vir aqui quando redator, já a Sarah deve ter gabaritado até os números das salas. Empurro a maçaneta e antes que perceba minha presença, me encosto na parede o encarando de braços cruzados.

Sempre vestido com terno e gravata, dificilmente não sendo cinza, cabelo loiro escuro e olhos azuis, mas não tão vibrantes como os da Sarah, é mais escuro. Solta um sorriso de canto com a barba mal feita e ergue a sobrancelha.

*Fada ridícula de Baunilha*

— A que devo essa honra legítima de ter a presença de um dos primogênitos Thompson no meu local de trabalho sem aviso prévio?

*Idiota, palavras de idiota, posso ser também.*

— Prefiro Trevor, mas também atendo por publicitário supremo bem melhor que você e nos melhores dias Deus do Sexo.

— E pensar que ainda dizem que o tempo muda as pessoas.

*Eu apenas me perdi de quem era até a minha Princesa aparecer.*

Sento na cadeira almofadada em sua frente, deito um pouco e franzo o cenho para encará-lo.

Eu o fito com a mesma fúria extrema que olhava para o felino branco gordo e ele parece comprar a ideia, pois me imita. Um minuto. Dois minutos. Vamos ficar assim quanto tempo? Ergo minha cabeça passando mais superioridade e ele imita também, até que cansa.

— Toda vez que falo com vocês dois, eu me sinto falando com uma parede — reclama.

— Você que fala demais — rebato.

— Eu sou o sério aqui, não você.

*Isso é verídico.*

— Dadas as circunstâncias do nosso último encontro de longa data...

— Eu socando sua cara de baunilha. — Aperto meus punhos.

— Não veio aqui por sua vontade, acredito — conclui ao juntar as mãos.

— Já pensou em virar detetive? — ironizo.

— Está diferente. — Analisa, inclinando um pouco a cabeça.

— Chefia faz isso.

— Tenho visto seus trabalhos. — Sorri de canto.

— Como se isso fosse honra para mim.

— Tem razão, não sou mais o CEO majestático, não é? — Não mesmo.

Houve uma época em que o via como Deus, hoje é só o dominador de uma empresa e de outras coisas.

— A campanha de maio ficou boa — confesso.

— Com luz solar?

— Eu não acompanho mais o Clube Foster, a Miranda que leu e me contou. — Acabo com a pequena lasca de felicidade por achar que eu me importo a ponto de acompanhar seu trabalho.

— A Garota de Mel pelo o que ouvi, imagino que a Sarah não deve ter aceitado isso muito bem. — *Ele se acha tão sabe tudo sobre ela, não é?*

— Lidamos muito bem — minto descaradamente.

— Claro, com certeza — ironiza e percebo que gostaria de saber mais sobre o assunto, mas também percebe meu desconforto. — Ainda fica nos papéis antigos, não sente falta de ser jornalista?

— Dominar o jornal da faculdade, quer dizer? Era bom sim, eu… espera, o que estamos fazendo? — Balanço a cabeça em negação.

— Não sei, você apareceu aqui, estou só tentando puxar assunto. — Ele solta um riso nasalado.

*Conversa extremamente constrangedora, está vendo as coisas que faço por você, Loirinha?*

— Eu vou direto ao ponto, vim pela Sarah. Por que parou de ligar? — indago.

— Por que ela não para de me rejeitar? Eu estou tentando.

— Ah, não me diga isso, Thomas! Está tentando? Tentar é ficar lá por horas esperando ela cogitar a possibilidade de te dar uma chance. **Tentar** é sair do seu conforto aqui em Porto e mostrar a ela que você a quer.

*O mínimo do mínimo.*

— Eu não consigo mais entendê-la, quando acho que acerto, vejo que errei mais uma vez.

— Ela não ter atendido não significa que você errou, se ela aperta o botão de recusa, quer dizer que está te vendo. E poderia te receber se fosse até ela pessoalmente, por exemplo.

— Como sabe essas coisas das mulheres?

— Você costuma procurar uma que atenda às suas necessidades, eu admiro isso tanto que agora tenho uma pessoa que me faz feliz, mas antes eu amava conhecer todo tipo de mulher.

— Então isso é...

— Prática, covardes não domam, esteja disposto a errar que provavelmente vai acertar.

— É de algum filósofo?

— Hillary Thompson.

— A própria venerada mentora.

*E a melhor de todos os tempos.*

— Resumindo, ela quer que vá para Lisboa.

— Claro que quer. — Ele revira os olhos cinza e eu franzo o cenho confuso.

*Já te dei a resposta, o que mais precisa?*

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que ela é mimada ao ponto de não atender às minhas ligações, mimada ao ponto de te mandar aqui, mimada ao ponto de dar ordens como um general longe daqui... mas também mimada ao ponto de me deixar *louco*.

— Sutil. — Não tem outra palavra.

— Eu vou ver se apareço na semana que vem.

— Eu juro, não sei o que ela vê em você. — Bufo.

— Ah, sabe sim. Te resumir em uma palavra, algo que você não faz. Ordens, você não ordena.

— Te resumir porque ela terminou com você em uma palavra, algo que você não faz. Presença, você não é presente.

— Não foi por isso e você sabe muito bem. — Suas sobrancelhas se franzem com a raiva que o domina, confesso, sei como esse assunto o tira do sério.

— Minta para si mesmo, sim, ela foi leal a mim como sempre vai ser, mas se quisesse mesmo continuar ela teria voltado. Não valia a pena se esforçar por alguém que não era presente.

— Essa é a porra da sua visão.

— Pergunte a ela se tiver coragem, vai ouvir a mesma resposta.

— Eu não vou voltar, não vou sair da minha cidade e não vou ceder se ela não cede também. — Sorrio. Vamos ver até quando essa pose dura.

— Veremos. — Levanto e me aproximo da porta.

— Espera! É isso, veio aqui apenas para isso? — Ele se levanta da cadeira aveludada também quase que em um pequeno desespero.

*Ele queria que eu viesse para quê?*

— Teria algo mais importante?

— Achei que talvez quisesse se desculpar.

*Ah, mas você só pode estar de brincadeira.*

— Pelo quê, exatamente? Por ter te socado por você ter deixado minha... a Sarah com hematomas?

— Por ter deixado de ser meu amigo.

Entreabro meus lábios surpreso com a declaração e meus lábios tremem para sorrir por ele ter sentido a minha falta.

— Ah, esqueça, não faça graça. — Thomas revira os olhos.

— Sentiu minha falta, Fadinha Baunilha? — Solto uma longa risada e volto meus passos para perto dele.

— Eu apenas expressei uma preocupação ridícula, já que você não a tem. — Bufa.

— Fale mais bonito, por favor? Está passando muito tempo com a Sam.

— Assim como passa com a Sarah.

— No momento, eu passo tempo com a *Mia*... minha namorada.

*Cara, isso não sai da minha boca.*

— Mia, minha, Miranda, foi uma ótima piada.

*Ele reconheceu!*

— Não é? Tenho melhores que essa ainda.

— Gostaria de ouvir.

Hum, como resmungaria a Mia, isso não parece uma ideia tão ruim. Ter alguém para rir e apreciar de verdade a criatividade das minhas piadas.

— Se você vier para Lisboa e deixar de ser a fada mimadinha, podemos tomar um *drink*.

— Então, quem sabe...

Antes que Tom possa terminar a frase a porta é esmurrada por socos fortes que confesso até me fizeram dar um pulinho de susto. *Que caralho é esse?*

— TREVOR! ABRE A PORTA, POR FAVOR! — A voz estridente de Miranda me grita.

*O que está acontecendo?*

# MIA ROSS

Bacalhau. Na minha terra natal, pelo menos eu não comia muito peixe, era mais a terra do churrasco, mas dizem que esse é o prato português histórico.

Ainda estou sentindo dor por estar no segundo dia, normalmente a cólica não vem tão intensa assim, mas é a vida. Fiquei chateada por ele ter me deixado na Sam, eu gosto dela, na verdade nem sei, não tive uma

conversa com ela. Mas pelo o que Trevor me contou, eram melhores amigos, então, não deve ser tão ruim.

Estou ainda sentada na sala de espera de uma firma gigantesca, pessoas trabalhando para todo lado, muito bem vestidas, astutas e que aparentam ser arrogantes. O prédio é trabalhado em tons de preto e marrom claro, é frio como gelo e cheio de móveis de luxo.

Um segurança está me encarando desde que cheguei, talvez pelo fato de não ter tido ainda coragem de subir. Não que eu tenha muita escolha após esses olhares súbitos.

Respiro fundo e tomo vergonha para levantar do conforto da almofadinha da recepção me aproximando do segurança.

— Oi, eu sou a...

— É a garota do Trevor, não é? — Olho para os dois lados rapidamente surpresa por me conhecer. O homem tem uma pele negra bem reluzente sem uma única espinha, como pode isso? Deve ser bem vaidoso, já que também seu uniforme grande para cobrir sua barriguinha, está bem passado e com cheirinho de coco.

— Atendo por Mia, você é bom em pesquisa, não é? — questiono percebendo agora que era por isso o olhar penetrante enquanto estava sentada na cadeira.

— Desculpe encarar, são muitas histórias... vem cá, aquilo do projetor foi verdade? Ele ligou enquanto vocês transavam?

MEU DEUS!

— Nossa... é… o quê? Não! Foi só um beijo mais intenso. — Me atrapalho na fala pela vergonha que preenche meu rosto inteirinho como uma pimenta.

— Ei, é aquela garota do Trevor? — Um outro homem bem vestido de cores pastéis se aproxima e faz minha vergonha triplicar.

*Todos souberam do projetor?*

— E-eu sou a Mia.

— Satisfação, Eric e esse é o Breno. Sou sócio júnior e na maioria do tempo, secretário da Srta. Brits. — Ele estende a mão para mim e seguro cumprimentando-o.

— Eu sou bolsista criativa e na minoria do tempo, admiradora do Sr. White. — Resolvo brincar com a situação, porque convenhamos, já devem achar que sou bem promíscua.

— Quem não admira? Já vi várias campanhas dele, amei aquela sobre fontes históricas. Falando nisso, já conheceu a Avenida dos Aliados?

— Trevor quer me levar hoje.

Termino a frase até que vejo os funcionários que estavam bem tranquilos, travarem um pouco à frente de um afrontamento. Viro-me um pouco para esquerda e vejo Sam caminhando enquanto encara papéis. Seus saltos pretos são lindíssimos e um sobretudo bege a cobre como uma rainha, cabelo castanho médio muito bem arrumado e não poderia faltar o clássico óculos de leitura iguais aos do Trevor.

*Tenho a sensação de que ela se estressa muito fácil e está sempre nervosa.*

— Eric, vai voltar para sua mesa ou ficar de papinho, eu não te pago bem para...

— Sam, a Mia está aqui. — Ele a interrompe fazendo com que desvie o olhar por alguns segundos.

— Ah — me encara de cima a baixo abandonando os papéis. — Trevor me avisou que viria, mas achei que tivesse mudado de ideia.

— É que eu demorei um pouquinho para chegar, o trânsito estava péssimo.

— Deve saber, Srta. Ross, que sou uma *detectora* de mentiras profissional.

— Brits, deixe a menina! — Breno a restringe e ela revira os olhos com um pequeno sorrisinho.

— Desculpe — pede e eleva os óculos até o topo de sua cabeça. — Trevor foi ver o Tom?

— Sim — murmuro.

— Ai! E por que isso, hein? Eles não se veem faz tanto tempo, tipo para conversar, sabe? — Éric sorri e brilha os olhos.

— Deixe de ser fofoqueiro — o segurança o limita por alguns segundos, mas logo se inclina para mais perto de mim querendo saber mais.

— Então. — Rio um pouco pela boa energia do local, adorei essa firma. — A Sarah pediu para que ele viesse.

— Imagino, mimada do jeito que é. — Samantha bufa.

— Achei que gostasse dela — questiono, a própria imagem que minha mente projetou.

— Não é muito gratificante ver uma mulher destruir a pessoa que eu mais amo no mundo.

*É, realmente.*

— Mas então não aceita a decisão dele? — deduzo e ela ri.

— Thomas faz o que quiser, prefiro a outra, mas a opinião é minha, enfim.

*Outra?*

— Essa outra é enjoada demais, Sam — Eric acrescenta e revira os olhos.

— Ele ama mulheres assim. Mimadas, enjoadas, poderosas.

— Ele gosta de filhinhas de papai? — escapo e acabo rindo.

— Isso! — Sam concorda e me acompanha no riso. — Não que a Sarah seja, é como se fosse, mas o pai é o Trevor.

— Isso não soa bem, Sam — Breno opina. *Não mesmo.*

— Enfim, tenho uns minutos para o café, gostaria de ir comigo? Depois te deixo no Tom.

— Não vejo porque não.

*Só não sei sobre o que iremos conversar.*

— Ótimo. Eric, deixei as anotações do caso Vilani na minha mesa, vou acabar com isso quando voltar.

— Sim, Srta. Brits. — Ela deixa os papéis com sócio e me guia para fora da empresa.

Seus saltos ecoam um barulho poderoso, já as minhas botinhas, desastre.

O carro dela é como um iglu branco enorme, lindo e majestoso. Ocupa a primeira e maior vaga e por que não ocuparia? Ela é extremamente importante aqui e sua postura elegante e determinada mostra muito bem isso. Parece capaz de fazer tudo com uma só palavra, advogados passam esse ar.

Entro no veículo me ajeitando com o cinto e meus ouvidos agradecem a boa escolha no Spotify. *This Love – Maroon 5.*

*Será que todas as pessoas que Trevor se aproximou tem gosto musical incrível?*

— Você dirige? — pergunta e acelera com o carro.

— Ah, sim, adoro dirigir. E você é dona da firma há muito tempo?

— Pouco, fui sócia sênior por anos até que meu ex-chefe cometeu fraude e peguei o cargo.

— É como na série Suits[6]? — lanço na conversa minha única referência de advogados e ela ri.

— Bem parecido, sim. Eu seria a Jéssica, sócia majoritária nominal. E você, o que faz da vida?

— Trabalho como bolsista criativa, por enquanto.

— Bom cargo por ser nova, vinte e quatro anos, certo?

— Nossa, como sabe? — questiono surpresa.

— Nós, advogados, também às vezes somos detetives, estudei tudo sobre a vida do seu pai. Consequentemente também a sua e de Victor Ferreira, soldado dele.

— E-eu o conheço — travo nas palavras com a voz baixa, que é involuntária. Não é como se eu fosse fácil de ler, mas ela me encara como se me visse por inteira.

— Os arquivos policiais diziam que ele era agressivo. No tribunal, quando foi preso, eu estava ocupada, ele estava com você, não foi? Era seu ex? Faz sentido, mas se foi abusivo, veio para cá por fuga? Ou… — suas palavras se esvaem depois de olhar para mim um pouco alterada, pelo retrovisor central do veículo. — Perdão, às vezes falo demais, gosto desse tipo de caso.

— Sim, ele me agrediu. Namoramos por seis anos e vir para cá, também em parte, foi para fugir dele.

— Como Trevor lida com isso?

— Nós estamos bem… na verdade, não conversamos sobre essas coisas, ainda, estamos tentando dialogar mais.

— A falta de diálogo é algo que ele adquiriu pela Sarah, quando se conhece muito uma pessoa, não é necessário falar tanto — ela fala com propriedade, acredito, já que Thomas aparenta ser o Amor Leal dela. — Tente ir com calma sobre assuntos mais sérios. Me lembro de comentar algo sobre o tempo que passou em Londres e ele virou uma pessoa que não reconheci.

— Trevor não fala muito disso para mim também. Eu quero saber, quero que me conte, mas já foi difícil sobre a Hillary, imagine então sobre isso — explico, e ela ergue o indicador me interrompendo, pois chegamos à cafeteria.

— Gosta do quê?

— Leite de canela e uma bola de 1berlim se tiver, por favor — peço e tiro a carteira da bolsa.

— Guarde isso — ordena e fecha a porta do carro antes que possa retrucar.

*Ficar rodeada de pessoas ricas é assim?*

Gostaria de ter conhecido todos eles quando eram como eu. Me vem à cabeça como seria vê-los fazendo coisas de humanos trabalhadores comuns, como Trevor limpando a casa. Sorrio porque provavelmente deveria sofrer na mão da Sarah, ele devia fazer tudo.

— Aqui. — Sam volta após alguns minutos e me entrega a bandeja de papelão com alguns pacotes. — Pode pegar empada se quiser, Trevor me indicou as empadinhas da Fábrica que são realmente maravilhosas — elogia, abocanhando uma e sujo meus lábios com o sonho.

*É, não consigo chamar sempre de bolas de 1berlim.*

— Onde paramos? Hillary. Ah sim, a mulher era Diabo e Deus. Personalidade do Diabo e fazia tudo com a perfeição de Deus, chegava a ser inspirador. Trevor a amava demais, era coisa de louco a relação dos dois.

— Eles saíam juntos?

— Nas festas da Sarah, eram muitas como um conforto supremo. Me lembro de admirar o corredor de fotos na Mansão Scott… sem dúvida, aquilo é uma máquina do tempo.

— Ela tem um corredor de fotos, como lembranças?

— Sim — confirma mordendo o lábio. — Mas não acho que vá querer ver, a maioria são de Scott White.

— Acho que estou me acostumando.

— Imagino, mas também não iria querer ver o homem que amo enroscado com outra.

— Você namora? — pergunto e ela solta uma longa risada.

— Eu? Não mesmo. Já faz anos que não tenho um relacionamento, sou casada com o trabalho.

— Não deu certo o último?

— Eu e o Tom somos leais, nos amamos muito, mas não romanticamente.

— Ele ama a Sarah romanticamente.

— Sim, ama, não que eu concorde muito com isso. Ele faz essa pose ridícula de sério, mas se derrete inteiro apenas se ela piscar demais os olhos. — Revira os olhos e eu rio.

*Parece o Trevor quando fico suja de comida.*

— Pronto, está entregue. — Samantha estaciona em uma vaga com a placa intitulada:

BRITS

*Ela tem uma vaga na empresa? Isso é incrível!*

Poderia ter uma, odeio estacionar na rua.

*Mia, ela é dona de firma.*

— Foi ótimo conversar com você.

— Igualmente. — Sorrio saindo do carro e caminho até a porta de uma empresa repleta de cinza e preto, mas antes que eu entre, seu iglu acelera o motor e desce o vidro.

— Miranda — chama e eu me viro. — Ferreira foi preso por te agredir uma vez, a polícia não sabe que sofreu pelo triplo disso, se contar a sentença dele dobra... e eu ficaria feliz de pegar seu caso. Só para que saiba — oferece com um pequeno sorriso de canto.

— Eu agradeço, Sam, isso significa muito — digo e ela pisa fundo no acelerador.

*Talvez seja bom denunciar, posso conversar com Trevor sobre o assunto, já que agora ele pode me proteger.*

Caminho pelo piso com minhas botinhas que fazem barulho na empresa escura e muito rebuscada. Pouco iluminada e tão fria que precisaria de uma pantufa rechonchuda para andar aqui.

Avisto a secretária loira escura e me aproximo.

— Oi, meu namorado está lá em cima com o Tom, qual é o andar? — falo gentil com um sorriso.

— Seu namorado? — ela questiona e fico sem entender.

— Sim — confirmo e ela me encara de cima a baixo mais íntima do que toque retal.

— Trevor White é seu namorado? — Eu não estou acreditando que está realmente me perguntando isso.

— Sim, eu já disse que sim. Qual é o andar? — peço mais uma vez já erguendo a sobrancelha prestes a ficar com raiva.

— Olha só, você é uma daquelas admiradoras loucas? Porque se for não é a primeira vez, então só vá embora por favor.

**Como é que é?**

— Escuta aqui, se eu estou dizendo que sou namorada dele é porque sou, não viria aqui me humilhar desse jeito, agora me diga, por favor, qual o andar?

— Você tem alguma prova? — entreabro os lábios surpresa com a ousadia.

— O quê?!

— Você nem usa aliança.

— Porque não usamos! Deus, olha, esquece eu acho sozinha. — Bufo me dirigindo ao elevador.

— Receio que isso não vá ser possível. — Me restringe e faz um sinal para o segurança.

**Só pode estar de brincadeira, isso não está realmente acontecendo.**

Finjo obedecê-la por alguns segundos até que se ajeite na cadeira, mas assim que se distrai corro até o elevador, aperto e entro na caixa de metal.

— Ei! Você não pode… ai, cacete, segurança! — a secretária grita e deixo de ouvir subindo os andares.

Qual seria o andar?

Pense, Mia.

Seria o último?

Sarah é no último.

Ela é a CEO.

Deve ser.

Tamborilo meus dedos no metal do elevador impaciente para que chegue rápido. Quando as portas se abrem, a secretária e dois seguranças me encaram do outro lado do andar, prontos para me prender como uma criminosa.

**Subiram pela escada, desgraçados!**

Fico parada e os encaro, fito tanto que poderia derretê-los apenas com a ousadia de me acharem tão sem amor próprio. A secretária me penetra de volta com Raiva Súbita do outro lado, os seguranças abrem as mãos e tentam se aproximar como se eu fosse um bicho.

*Segundos, segundos, segundos.*

Corro até a porta central do andar e eles me seguem.

— TREVOR! ABRE A PORTA, POR FAVOR! — berro e esmurro tanto a porta que poderia quebrá-la.

— Miranda? — Ouço sua voz e ele abre a porta.

— ELA ESTÁ ALI! — A mulher maluca grita e aponta para mim.

Me escondo atrás dele e os seguranças se aproximam ainda mais.

— Princesa, o que está acontecendo?

— TREVOR, DIZ PRA ESSA LOUCA QUE EU SOU SUA NAMORADA, POR FAVOR! — grito alto o suficiente para que ela escute o quão sem noção está sendo.

— É sim — ele confirma sem entender para os seguranças e acaricia o meu cabelo na tentativa de me acalmar.

— Emi, o que nós já conversamos sobre os seguranças? — Tom se aproxima e abre os braços segurando a risada.

— Acharam que ela era o que? Uma fã louca? Ela me admira, mas não tanto assim. — Trevor solta uma longa risada, lhe dou um tapa forte por brincar com a situação que me assustou para um *caralho* e ele beija minha cabeça.

— Desculpe, Sr. White. Nossa, não sabia que estava em um relacionamento, o senhor não usa aliança. — A voz já está mansinha, não é? Também é assanhada.

**Ridícula.**

— Você quer uma aliança? — Trevor me encara com um sorriso.

— Não, já basta o iPad. — limito, e abraço seu corpo.

— Vem cá, isso já aconteceu antes? — ele questiona o Thomas também surpreso.

— Sim, na verdade, algumas vezes — confessa, coçando a nuca.

— Cara, que tipo de mulheres você sai? — zomba.

— Ah, agora você vai me julgar? — Eles estão conversando, até que bem, estou chocada.

— Trevor — chamo e ele me admira. — Pode pedir para ela ir embora? — peço até que ele assinta.

— Já deu para perceber que é minha namorada ou preciso fodê-la aqui na frente de vocês? Vão trabalhar! — ele intimida os seguranças junto a secretária, e lanço um sorrisinho de vitória.

— Desculpe, Sr. White — os três pedem.

*Isso aí, quem ela pensa que é?*

— Foi uma boa conversa, White — Tom confessa e aperta sua mão.

— Espero que sirva de algo, Foster.

Eles se despedem rapidamente e dou um tchauzinho até que se enrosca em mim.

— Trevor, que mulher louca. — Minha respiração ainda está acelerada com toda a situação.

— Ela não parecia louca quando a conheci hoje de manhã.

— Está defendendo ela?!

— Não, Princesa! — Ele ri e levanta os braços em defesa. — Você está certa, tá bom? Ela é louca.

— Hum — resmungo e cruzo os braços

Ele se aproxima de mim por alguns instantes e olha para os lados como se fiscalizasse o local. Puxa minha mão e empurra em uma das paredes do corredor.

— Trevor, o que está… — Ele interrompe minha frase quando crava as mãos entre os quadros pendurados me prendendo.

— Tem ideia de como fica sexy gritando? — elogia com um sorriso de olhos brilhantes.

— Ah... — Sorrio envergonhada. — Não tenho…

Ele segura, puxa e calca meu pescoço para si com força, cola minha boca na sua e me prende em um beijo intenso com a língua afiada. Retribuo e puxo sua calça para mim por alguns segundos, mas recuo dando um tapa no seu peito. Ele me larga relutante, louco de tesão.

Saio da prisão dos seus braços e empurro seu corpo na parede do corredor fazendo com que erga um sorriso malicioso nos lábios. Mergulho meus dedos no seu cabelo e vou descendo para sua barba controlando seus estímulos. Por pouco tempo, não é? Ele puxa minha cintura para si e agarra o meu pescoço.

— Você é minha fã? — Arfa entre meus lábios.

— Sua eu sou, pode ter certeza, mas prefiro ser sua primeira dama que faz inveja nas outras do que uma fã emocionada ridícula. — Dou de ombros ainda irritada com o que acaba de acontecer.

— Minha primeira dama então, soa melhor, Princesa. — Quase cola nossos lábios mas o interrompo com o indicador que impede a união.

— Vem — ordeno e o puxo para o elevador.

— Miranda? Mas eu nem...

— Anda! — Apresso e aperto o botão do elevador.

— Eu estou excitado, sabia? Quando for me deixar assim, avise que...

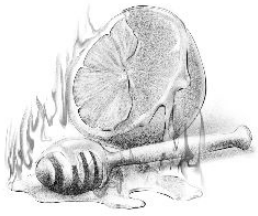
— Podemos transar no carro, eu quero fazer uma coisa — digo e a surpresa estampada em seu rosto até me faz soltar um riso nasalado.

Chegamos ao térreo e me enrosco nele caminhando para fora da empresa. Viro minha cabeça para o lado e encaro a secretária com fúria, lhe dou um sorriso, coloco minha mão dentro no bolso da calça de Trevor e aperto sua bunda.

Ela revira os olhos furiosa.

**Ele é meu, sua ridícula.**

7



# Pantufa Bacalhau | Parte II

*Quem vai orar por mim?*
*Tomar a minha dor por mim?*
*Salvar a minha alma por mim?*
*Porque estou sozinho, você vê*
*Se eu vou morrer por você*
*Se eu vou matar por você*
*Então derramarei esse sangue por você*
***Pray For Me – Kendrick Lamar,The Weeknd***

## MIA ROSS

Era pequeno.
O espaço era pequeno demais
Mas quem disse,
Que para as aventuras de Trevor e Mia.
O tamanho importava?
Dessa vez desafiou as leis policiais.
É crime.
*É crime transar em público.*
Mas não é isso que deixa as coisas mais excitantes?
Ah, me perdoe... é sim.

Plena luz do dia.

No meio da rua.

**Trevor White quis transar no carro!**

Não posso nem colocar a culpa totalmente nele, porque por lógica a ideia foi minha, só não imaginei que ele fosse estacionar o carro em uma rua movimentada.

— A-aah… não, não para — choramingo de prazer cavalgando no seu colo no banco de trás.

— Não ousaria. — Ele arfa e controla a minha cintura. Coloco as mãos sobre o seu peito inclinado na porta e me apoio para aumentar a velocidade do movimento.

A culpa realmente não é apenas dele. Confesso que fiquei me sentindo muito superior depois de deixar bem claro para aquela *secretariazinha* de quinta categoria, quem é a mulher dele. E isso me excita demais, eu tenho pura consciência de que muitas mulheres se derretem por ele. Eu fui uma delas, sabia como seria difícil um relacionamento assim, mas até que essa superioridade estou curtindo.

— Aah... ahh...

— Vamos, Princesa. — Ele desliza com as mãos até os meus seios e os aperta mais do que brinquedo de antiestresse, traz os dedos até os meus lábios e força tanto até que sinto um desconforto se formando na minha boca.

*Você também ama essa superioridade, não é?*

— T-Trevor…! — Jogo a cabeça para trás e gozo ao me aliviar daquele medo prazeroso de ser presa.

Ele massageia e apalpa o meu corpo enquanto respiro e me recupero do baque que ele me causou. Despenco no seu peito e ofego. Ofego demais como se tivesse corrido a mesma maratona do Barney em *How I Met Your Mother*[7], eu facilmente perderia o movimento das pernas como ele. Ele beija a minha cabeça e sorri vendo o meu grande esforço para satisfazê-lo.

— Isso não é crime? — questiono, ofegando na sua boca.

— Número um, não seria a primeira vez, número dois, os vidros têm *insulfilm* e número três, eu pago a multa. — O sorriso despreocupado estampado na sua cara me faz até ficar com raiva.

*Ele realmente não se importa.*

— Você não muda, não é? — Rio balançando a cabeça em negação. — Como foi a conversa com o Tom?

— Normal. — *Como assim?*

Trevor quase matou Thomas com inúmeros socos, o homem ama a ex-namorada e Amor Leal dele, não seriam arqui-inimigos?

— Normal? Você quase deu a louca quando ele foi na empresa!

— Eu não dei a louca. — Bufa e faz uma carinha de bravo. Ele fica tão fofinho bravo.

— Ah, não?

Ele se cala e olha para o teto do carro emburrado como uma criança de cinco anos.

— Parecia que você achava que ele ia me sequestrar.

— Estava protegendo o que é meu.

*Nossa, mas abusado!*

— Ah, e quando cresceu esse nível de possessividade?

— Eu faço o que eu quiser. — *Desculpa aí*.

— Hum, não assinei nenhum contrato dizendo que sou sua.

— Ainda. — *Olha isso!*

— Trevor, você não merece nenhum pouco, mas… eu assinaria.

*Não sou de ferro.*

Ele sorri e deixa de encarar o teto abaixando minha blusa para cobrir meus seios.

— Como foi a conversa com o Tom, fale de uma vez!

— Eu dizendo para ele voltar, se tocar que a Sarah quer isso, se ele voltasse tudo se resolveria.

— Mas acha que é só isso? Eu não acho, o que ela falava dele para você?

Não deve ser tão fácil quanto o homem voltar e tudo se resolver, estão separados há cinco anos. Isso tudo não pode ser apenas orgul… *Mia, estamos falando de Sarah Scott, é, talvez.*

— Não muita coisa, na época ela não me contava para não me chatear e as merdas também não contava, porque eu não o perdoaria.

— Então a Rose que sabe? — É a melhor amiga dela, deve servir para algo.

— Então a Rose que sabe — confirma. — E... como foi lá com a Sam?

— Ah, o segurança é legal e fofoqueiro.

— Breno? Sim, o sócio dela também é.

— Parece que todo mundo aqui nessa cidade adora uma boa fofoca. — Menos essas secretárias ridículas.

— Eu sou também, então não julgo.

*Ainda não conhecia esse lado do Trevor Maria fifi.*

É engraçado como achamos que conhecemos as pessoas por ver apenas uma parte de um dado de seis lados.

— Breno perguntou se era verdade que o projetor ligou enquanto… transávamos.

— Foi só um beijinho. — *Está vendo? Eu falei que era isso.*

— Foi o que eu disse! Um beijinho com pegada... ótima pegada, enfim, foi só isso.

Enquanto tento especificar o teor do ato do projetor me distraindo, ele desliza as mãos até que dá um tapa tão forte na minha bunda que pulo para frente com o som estridente.

— Trevor, isso dói! — grito, franzindo as sobrancelhas.

— Não ouvi você reclamar há uns dez minutos.

— Você sabe muito bem que é diferente. — Reviro os olhos e ele me puxa para encher meu rosto de selinhos.

— Sem tapas, melhor beijinhos assim? — murmura.

— Uhum — resmungo ao tocar seu nariz no meu. — Então, a Sam parece não gostar muito da Sarah.

— Se o Ted começasse a ficar com um cara e esse não fosse como você imaginasse, depois esse cara destrói ele, você gostaria dele?

Sutil, como diria o Trevor.

— Não. — Com certeza não, Ted é meu melhor amigo.

— É a mesma coisa.

— Tem essa empatia por todo mundo?

— Com quem eu gosto sim.

— Foi por isso que ficou de boa quando eu transei com Chris?

— Ah, Miranda. — Ele cobre o rosto todo com a mão cheio de desgosto. — Logo cedo isso, imaginar esse pesadelo!

— Trevor! — restrinjo.

*Foi ruim, mas nem tanto.*

— Eu não fiquei "de boa", mas não poderia te culpar nem mesmo brigar com você com a intimidade que tínhamos.

— Que bom, teve o mínimo de senso.

— Fora que naquele tempo toda vez que eu aparecia, você chorava. Eu seria um monstro se tivesse ligado para àquilo.

— Hum, é… eu estava triste. — O assunto me deixa cabisbaixa e resolvo me distrair fazendo círculos no seu peitoral.

— Eu sei e odeio ver você assim. Acho que foi essa empatia que me fez ficar tão mal no nosso término, eu me coloquei no seu lugar com tanta força que me odiei demais.

— Por isso a crise de ansiedade? — Eu fiquei péssima por ter feito isso com ele.

— O clima está tão mórbido, não é? Vamos mudar de assunto? Nossa relação está viva, términos são mórbidos.

— Tem razão. — Dou um sorriso simples e beijo seus lábios de avelã.

Eu devo perguntar? *Fale, Mia.* Você quer, então fale, ele pediu para que falasse tudo o que desejar ter.

— Trevor.

— Princesa — retribui e brinca, enrolando os dedos nas mechas do meu cabelo.

— Eu, assim, você perguntou se eu queria uma alian...

— Eu ficarei honrado em te dar uma aliança, Miranda. Podemos escolher juntos, vai ser uma enorme satisfação te ver usando algo meu. — Ele sorri brilhando os olhinhos.

— Vai? — questiono sem acreditar no homem que está na minha frente. Foi tão brusca a mudança entre Victor e Trevor, que às vezes tenho dificuldade de acreditar.

— Sim, e uma bem grossa para que todos vejam que você é minha de longe. — Ele empina o nariz possessivo e eu rio.

— Uma bem grossa para que todas as secretárias parem de dar em cima de você!

— Eu acho que não vai ser uma aliança que vai mudar isso, mas podemos tentar — brinca e rolo os olhos ao lembrar do perrengue que passei há uma hora.

— Miranda, você confia em mim?

— Confio.

Ele me prometeu que podia fazer melhor, que faria uma relação saudável e aqui estamos nós. *Sim, eu confio.*

— Então acredite que você é a única mulher que eu quero sentir algo, dito isso, essas secretárias? Não chegam nem aos seus pés.

— Humm... pode parar — peço sem jeito, levando a mão até a nuca.

— Eu amo quando fica vermelhinha, sabia? — Droga, estou corando de novo.

— Você percebeu que é muito frio aqui? — Me recordo do ar súbito da firma.

— O dia está frio mesmo, mas a firma e a empresa são um gelo naturalmente, Sam e o Tom são as próprias geleiras.

— Precisaria de uma pantufa para sobreviver aqui.

— Ah. — Seus olhos brilham e seus lábios erguem um sorrisinho animado até demais.

— O quê?

— Eu pensei em você usando uma pantufa hoje de manhã e então você fala de pantufa.

— Conexão!

— Eu acho que nós somos o melhor casal do mundo — afirma convicto.

— Pelas suas pesquisas? — brinco.

— Minhas pesquisas apontam esse resultado, Dra. Ross.

— Suas pesquisas também calcularam os dados de que não brigamos ainda, Dr. White? — acrescento um fato importantíssimo.

— Devo ter pulado essa parte. — Ele esquece e eu rio.

— Estamos namorando faz uma semana!

— E já foi melhor do que qualquer relacionamento que tive na vida. Já disse, tempo não importa e sim, conexão.

*Nossa, homem, hoje você está arrasando.*

— Ah, Trevor, pode parar de dizer essas coisas?

— Não, eu gosto quando fica com vergonha.

— Hum, eu também, eu sinto a mesma coisa que você... você me faz muito feliz — confesso, mordendo o lábio inferior.

— Ah, fala de novo? — implora, apertando um pouco minhas bochechas.

— Trevor!

— Vamos conhecer a avenida?

— A tal famosa Avenida dos Aliado, você diz?

— Essa mesma, para que eu possa te contar a história inteirinha.

— Com a sua voz de professor de história *sexy*? — provoco e ele franze o cenho com um sorriso de canto.

— Essa mesma — repete a resposta. — E depois, podemos comprar a sua pantufa.

— Eu nunca tive uma, eu quero sim.

— Ótimo e depois que voltarmos para Lisboa, quem sabe não transamos de novo. — Mas é viciado como eu mesmo. — E então você se arruma, me faz ficar louco com qualquer coisa que vestir e vamos para o jantar.

— Ótima programação, Sr. Perfeito White.

— Só porque você está nela, Princesa de Limão e Mel. — Acaricio seu rosto e lhe dou um selinho.

*Amo esse apelido.*



**Avenida dos Aliados**

Parece mesmo fazer sentido com o nome, são vários tipos de comércios, construções, estátuas, sendo todos aliados da avenida. É uma extensa rua, muito bem cuidada e mesmo cedo, várias pessoas apressadas, outras calmas apenas apreciando cada centímetro desse lugar tão belo.

*Oficialmente preciso de fotos aqui.*

Trevor está vasculhando o porta-malas do carro mergulhado em uma bolsa que trouxe. Está animado, ele ama me levar nesses lugares e eu também amo conhecer... *com ele.*

— Achei! — Ele levanta ao alto uma câmera quadrada rosa.

— Você tem uma câmera rosa? — zombo.

— Algum problema, madame? Era a cor mais bonita que tinha na loja e eu gostei, então quieta.

— Ah! — Me calo, assentindo sua decisão cor-de-rosa. — Ela faz algo de diferente?

— Revela as fotos na hora, eu achei caro, mas tudo bem. A qualidade é até boa, mas vamos tirar com o celular também para garantir.

— Pagou caro em uma câmera que a qualidade não é boa? — Trevor revira os olhos e se aproxima de mim.

— Você não entendeu o negócio da coisa, não é assim que falam no seu país?

— Qual é o negócio da coisa, Sr. White? Aproveite e me diga o que faz esse treco naquele coisinho em cima do negócio — brinco.

— Tudo bem, eu já entendi. — Bufa. — O negócio da coisa é que ela revela na hora, entendeu? Isso é muito massa, enfim, você só tem que ficar parada ao meu lado para tirar a foto, consegue?

— Consigo essa proeza. — Ele brinca com uma careta e me abraça.

— Câmera nas mãos, certo, história na mente, certo, restaurante bom, certo. — Ele olha para mim. — Namorada linda, muito certo. — Reviro os olhos, sorrio e ele ri. — Tudo certo.

Me enrosco no seu corpo e ele me guia para caminharmos na avenida.

— A Avenida dos Aliados foi construída em 1916, era, e continua sendo uma representação de poder para Porto. Na época, ficavam as sedes de bancos, jornais, associações políticas e era onde aconteciam os grandes eventos da cidade.

— É importante como a Lx Factory?

— A *Aldeia Criativa* é mais cultural, a Avenida é mais... conceitual.

— O nome veio de onde, é por ficar tudo juntinho?

— Juntinho? — Ele repete sorrindo pelo diminutivo. — Poderia ser, mas na verdade a avenida é um símbolo da burguesia do século XIX e sendo uma homenagem aos países aliados da Primeira Guerra Mundial.

— Então é como uma homenagem à aliança desses países?

— Isso, contexto histórico já foi. — Parece riscar um item na lista mental. — O que me deixa um pouco chateado é que antes, de acordo com as pesquisas, a Avenida era mais cheia de flores, jardins românticos, depois eles foram tomados pelo concreto.

— Por causa dos turistas, não é?

— Exatamente, para festas, apresentações culturais e a passagem para o metrô.

— Ah! — exclamo apontando para uma linda estátua que centraliza toda a avenida. — Parece um cavaleiro.

— Já estamos na Praça da Liberdade, aquela é a estátua de D. Pedro IV, mas acho que para você é D. Pedro I… tenho que confirmar isso — explica pensativo.

— Faria sentido, a linhagem aqui já estava mais avançada ou algo assim?

— Acho que por aí, quer tirar uma foto? — Trevor sorri animado.

— Si… — antes que eu termine de responder ele me puxa e arruma a câmera.

— Certo, essa aqui não dá para nos ver, então só… sorria!

Obedeço com um sorriso engraçado exposto na pequena luz da câmera rosa, e em questão de segundos a foto sai em papel mais grosso. Ele abana várias vezes no ar e segura.

— Ficou ótima — diz, alegre. — Não acha? — me entrega.

— Sim, ficou, amor. — Traz seus olhos para mim feliz com o modo que chamei, me dá um selinho de cortesia pelo elogio e tira outra foto com o celular.

Junto os braços depois que uma brisa passa forte por nós dois. Após meses ainda não consegui me acostumar com a friagem nesse país.

— Frio? Já vamos entrar no restaurante. — Ele tira o blazer e coloca sobre os meus ombros. — Melhor, Princesa?

— Uhum, obrigada, você vem muito aqui?

— Não, devo ter vindo umas cinco ou seis vezes na vida. Eu não ia muito antes quando era redator, era caro. Depois virei chefe com mais afazeres e sempre prolongava.

— O que as pessoas costumam fazer aqui?

— Passar a virada do ano, Natal, esses eventos. Aqui fica lindo demais no Natal, tem um pavão de luzes lindíssimo.

— Pavão de luzes?

— Um dia podemos vir ver. — Ele puxa a minha mão para perto de uma calçada e nos aproximamos de um restaurante familiar.

— Trevor! É um Mc Donald's?

Reconheço pelo letreiro parecido com a marca, mas o estabelecimento é completamente diferente dos outros.

— Sim. — Sorri com a minha animação. — O mais bonito deles, na verdade tem outros temáticos, mas esse tem uma decoração rústica, estilo Art Decó.

— É muito antigo? Eu iria morrer sem saber da existência desse lugar.

— Tem uns trinta anos, comparado a Avenida que tem cem, não é nada. E agora, como é *mia* namorada, vai conhecer todos os lugares que eu conheço.

— Mia? — Trevor assente com um sorriso, acho que nem é mais uma piada e sim um jeito carinhoso de falar. — Eu gosto de conhecer seu mundinho.

— E eu de mostrá-lo a você.



Almoçamos diversos itens do cardápio do *Mc*, ele me apontava um prato, eu balbuciava sim e então ele pedia um, então mais outro e outro.

Tudo bem.

Talvez.

Quando se trata de comida.

Eu vá querer gastar o dinheiro dele...

**Eu não sou de ferro!**

*O homem pergunta se eu quero um x-tudo triplo e eu vou dizer que não?*

Eu estou tão empanturrada que nem tenho mais certeza se essa comida toda vai descer até o jantar, mas tudo bem.

— Mia! Tem um balde de batata maior, quer pedir? Podemos caminhar depois.

*Como digo não? Sério, diga, como?*

— Sim, tem cheddar? — Agora já estou abusando.

— Vou pedir junto, gosto mais da maionese temperada. — Trevor entra na fila pela enésima vez e espero na porta.

Continuo a admirar a avenida me distraindo com as construções históricas até que avisto um homem com roupa preta. Parece estar olhando para mim, mas deve ser impressão.

*Mia... os dois estão presos.*

Victor e Ross, presos. Não tem como sair da prisão, eles tem que cumprir uma pena.

*Chega de paranoia, por favor.*

— Oi, grande, não é? Essa maionese é ótima. — Ele enche os lábios de sal e molho com um sorriso.

*Está muito fofo.*

Lhe dou um selinho e provo a bagunça salgada em seus lábios.

— Tudo bem? — Ergue a sobrancelha.

— Sim. — *Mia? Fale. Ele quer que conte.* — Eu... só vi um homem estranho. — Procuro com os olhos para mostrá-lo, mas ele sumiu. — Esquece, ele já foi, eu devo estar imaginando coisas.

— Ele estava olhando para você? — Questiona, me entrega o balde e puxa o celular do bolso.

— Trevor! Estamos nos divertindo, não deixe isso estragar. — Seguro a mesma mão dele com o celular.

— Só porque estamos na avenida, não me deixe esquecer de ligar para a Sam.

— Não esqueço, vamos mudar de assunto? O que fez da última vez que veio aqui? — digo e lambuzo meus dedos com algumas batatas do balde.

— Ah, sério, esse assunto? — questiona se fechando mais do que cadeado.

— Por que, não se divertiu?

— A última vez foi naquela conferência — murmura mais baixo.

— Conferência, mas que conf… ah. — Quando aconteceu aquela confusão toda.

— Não gosto muito de lembrar daqueles dias.

— Posso fazer uma pergunta? — peço.

— Tem certeza de que quer continuar nesse assunto? — Assinto. — Pergunte então.

— Por que você fez? — Algo que eu sempre quis saber, ele poderia ter feito antes e não fez, esperou e esperou sendo que até hoje não sei o motivo.

— Miranda...

— É simples, só dizer eu senti isso ou fiz por aquilo, ou...

— Eu estava com raiva de você. — Me encara mergulhando os olhos castanhos bem fundo no meu rosto.

— Por que, exatamente? — Puxo seu braço interrompendo a caminhada, aponto uma mesinha na rua e sentamos.

— Eu queria você de volta, queria muito. Estava me esforçando mesmo sabendo que você estava chateada, eu estava tentando. Ser gentil, ter empatia pelo o que você sentiu no elevador, queria mostrar que poderia ser melhor. — As palavras saem como um desabafo de um só ofego. —

Acampei no seu apartamento aquela noite, porque queria que percebesse que eu estava falando sério. Então brigamos de novo e eu já estava criando outra estratégia para te reconquistar, mas quando voltei para empresa...

— Eu estava beijando o Chris — concluo.

— Na minha visão, sim.

Não é que eu não soubesse as emoções que poderia ter sentido vendo aquilo, mas não pensei que uma delas fosse o sentimento de insuficiência.

— Eu quis te odiar com todas as minhas forças, porque naquele momento eu me senti um otário fazendo e fazendo, sendo que você estava com outro cara. — Trevor deixa de comer e faz o contorno dos detalhes da mesa com o dedo. — Eu não sabia que a transa com ele tinha sido ruim, você só me contou isso na festa do pijama.

— Eu sei, não tínhamos muita comunicação — murmuro mordendo o lábio com raiva de toda aquela confusão.

— Se tivesse me dado qualquer sinal que não gostava dele de alguma forma, eu teria ido até lá tirar satisfação, como um machista, e mesmo assim teria ido. Mas eu não estava na posição de confrontar as suas escolhas.

— Porque se eu quisesse ficar com ele... não tínhamos um relacionamento, então eu poderia — concluo.

— Isso. Eu não poderia ir até lá e te arrastar para a minha casa como se fosse minha, não era.

— E mais a Sarah pulando em cima de você…

— Ela sabia que eu estava com raiva de você, sabia que tinha acontecido algo e esse foi o alvo dela. — Ele bufa as palavras.

— Eu gosto dela, só que...

— Ela aprendeu isso com a Hillary, as duas adoravam brincar com isso, manipulação. Faziam isso com investidores e clientes, mas depois que percebeu que isso funcionava comigo também, começou a fazer.

— E por que você aguentava? — Eu sempre me questionei do porquê ele se deixava levar por essas artimanhas.

— Porque eu amo as duas... amava — sussurra o verbo no passado.

Merda, Miranda, foi logo dar corda no assunto de luto?

— Então foi um alívio com a Sarah? — Tento, desesperadamente trocar de assunto.

— Quem me dera tivesse sido isso. Eu pensei em você, mesmo te odiando... você consegue ver? Me diga que consegue ver o quanto eu te amo. — Seus olhos amargurados pela conversa me encaram e eu lhe cedo um sorriso para alegrá-lo.

— Você pensou em mim? — questiono com os lábios tremendo.

— Você não está rindo, está? Miranda! — Ele me restringe e não aguento soltando a risada.

*Caramba, eu achei que só eu tivesse sofrido transando com outro, mas estava errada!*

— Ah, Trevor, não acredito!

— Está aí porque não conversamos, você ri da minha cara.

— Eu fiquei mal pensando que você amava ela, que poderia querer de volta um relacionamento com ela, quando na verdade estava pensando em mim.

— Não tem graça. — Bufa, balançando a cabeça em negação.

— Não mesmo, amor, mas entende? Se eu soubesse que não sentia nada romântico por ela, não teria sofrido tanto. A risada é por pensar o quão cega fui, agora, por que não me contou isso?

— Não sei, talvez porque eu fui um otário?

— Eu fui otária também. Transei com Chris porque você foi até uma delegacia, você ainda tinha tudo isso de explicação. E eu?

— Eu não vejo assim — alivia para mim e puxa a minha cadeira de ferro para mais perto dele fazendo um barulho estridente. — Eu. — Envolve meu pescoço com as mãos. — Te. — Leva o seu nariz ao meu e massageia o meu cabelo. — Amo — finaliza beijando os meus lábios devagar.

— Eu. — Mergulho meus dedos no seu cabelo. — Também. — Acaricio seu rosto. — Te. — Brinco com a gola da sua camisa. — Amo. — Lhe dou um beijo.

— Eu já sabia dessa. — Lhe dou um tapa no ombro e ele ri. — Vamos logo? Quero passar na loja de pantufas.

— Uhum, vamos sim — resmungo e lhe dou mais um selinho. — Está tudo bem entre nós? — questiono por insegurança sem sentido e ele franze o cenho.

— Mais do que nunca, Princesa, todas aquelas tempestades passaram.

# TREVOR WHITE

Era pequena.

O espaço era pequeno.

Mas quem disse,

Que para as aventuras de Trevor e Mia,

O tamanho importava?

Aparentemente o tamanho importa, cor, estilo e mais o que essa loja inventar para tirá-la dos meus braços.

*Minha paciência está no zero.*

Achei que seria divertido comprar as pantufas, mas ela fez amizade com a atendente e começaram a conversar sobre filmes. Eu só queria comprar pantufas com a minha namorada, era para ser um passatempo legal.

O resto do dia foi ótimo ou talvez bem equilibrado.

A conversa com Tom foi... sutil.

Mia quase foi escoltada da empresa.

Transamos no carro.

Conhecemos a Avenida.

Ela quis conversar sobre aquela confusão.

Pantufas.

*Quanta coisa... e ainda tem o jantar.*

Se eu fosse colocar tudo isso no papel demoraria um século, embora eu escreva rápido. Então, acho que conseguiria escrever cinco mil palavras em sete horas? Conseguiria.

Não sei sinceramente o que esperar do jantar. Se fosse apenas eu, Rose e a Sarah, seria comum, mas com a Mia junto? Rose ama falar de notícias comigo. Sarah costuma falar de boas maneiras. Eu costumo puxar assuntos aleatórios com humor.

*E o que a Mia faz quando janta?*

Estou pensando demais.

Mia se aproxima de mim com uma caixa preta com o símbolo da loja.

— Já escolhi a minha. — Ela balança a cabeça animada.

— Deixe eu ver. — Tento tocar na tampa da caixa, mas ela toca com o indicador os meus lábios.

— É surpresa — limita com um sussurro.

*Ah, mas que ridículo, eu quero ver.*

— Por que isso, e a parte da minha curiosidade, como fica? — imploro.

— Guarda ela aí, você pode escolher a sua também e deixar surpresa — sugere, erguendo e abaixando as sobrancelhas.

— Parece admissível — cedo e logo me enfureço por voltar a conversar com a atendente.

Quer saber? Eu também posso ter longas conversas com atendentes, como… aquela ali!

— Oi, como eu poss… — A mulher de cabelos claros se vira e me encara de cima a baixo mordendo o lábio. — Como, como posso ajudá-lo?

— Vocês têm pantufas de urso?

— Sim, temos... só não sei se para o tamanho do seu pé a pantufa seria capaz de aguentar — provoca atirada e até me surpreendo.

— Acredito que aguente sim, procure melhor — afirmo e corto sua atração.

— Vou trazer para o senhor...? — Logo a animação promíscua some quando não retribuo.

— White — limito ao meu sobrenome.

— Meu nome é Rafa. — Assinto.

*Não vou lembrar disso.*

Ouço o som de *Lost in Japan* vindo do meu celular, puxo o aparelho do bolso e atendo no segundo toque.

— White.

— Scott! — Veja só a animação dessa Loira Vermelha. — Quando vai chegar? Está tarde, já está em Lisboa?

— Ainda estamos no Porto, em uma loja, para ser mais específico. Terminando aqui vamos para o jatinho, acho que chegamos umas sete horas.

— Certo. — Um silêncio se instala por segundos.

— Que foi o horário que te disse que chegaria — acrescento.

— É o tédio, pode me culpar? Eu perdi meu, o quê, melhor amigo? — define pensativa.

— Isso não soa bem.

— Não mesmo, esquece o que eu disse. A minha melhor amiga está mais avoada do que pássaros no céu.

— Rose? Eu percebi mesmo, perguntou o porquê?

— Ela não responde. — A perda de fala me faz pensar no pior cenário possível. E eu sei, que Sarah está pensando o mesmo que eu como sempre. — Acha que ela voltou a usar?

— Não, ela prometeu que não usaria mais.

*Me prometeu, desidratada naquela maca, que nunca mais usaria.*

— Mas não é assim que o vício funciona — a loira murmura.

— Sarah, eu confio em você, vamos tentar confiar nela? Se acontecer, tudo bem pensarmos nisso.

— Às vezes ela só conheceu alguém — sugere positiva.

— Sr. White, aqui estão suas pantufas, foi um prazer atendê-lo. — A atendente me chama, pego a caixa de suas mãos suadas e ignoro seu sorrisinho.

— Voz atrativa. — Sarah analisa, e caminho até o caixa.

*Mas gosta de se intrometer na minha vida.*

— Não sabe o que ela me disse. — Sorrio lisonjeado e Mia me olha sem entender do outro lado da fila. Faço o contorno de um "S" com o dedo no ar, ela assente e volta a conversar.

— Foi uma boa cantada pelo menos?

— Ou às vezes eu estou imaginando coisas.

— Ah, Trevor! Talvez se você fosse judiado por Deus poderia estar errado, mas sendo você com a sua cara qualquer coisa que parece ter um pingo de malícia. É malícia!

— Sutil, Scott. Sua cara também não é nada mal. Eu perguntei se tinha pantufas de urso e ela disse que não sabia se tinha para o tamanho do m…

— Do seu pé? — Ela lança uma longa gargalhada. — Essa foi mais direta que as minhas! Não que eu esteja cantando muito ultimamente.

— Aposto que o Tom ia adorar que voltasse a cantar ele.

— Claro que adoraria — ironiza e posso prever que está revirando os olhos. — Falando nisso...

— Te conto como foi quando chegar — informo.

— Tchau, Branquinho.

— Até daqui três horas, Loirinha.

Me aproximo e enrosco meu braço na cintura de Mia marcando o território que já me foi roubado por tempo demais. Junto as pantufas dela com as minhas e entrego no caixa.

— Ah! — ela puxa o meu braço. — Esse é o Trevor, meu namorado. — Caramba, acho que essa foi a primeira vez que ela me apresentou assim. É bom.

— Satisfação, sou a Ema — apresenta com um sorriso.

Uma mulher de pele bem branca, cabelos escuros e olhos muito verdes com uniforme da loja.

— Satisfação, Trevor. — Aperto sua mão e não há nenhuma tremedeira. Inédito.

— Então. — Mia ergue e abaixa as sobrancelhas para mim. — Ela vai em umas baladas de vez em quando em Lisboa, pensei que talvez pudesse apresentar a Morgan. O que acha?

— Claro, ela adoraria te conhecer — simpatizo.

*Morgan tem uma lábia de dar inveja.*

Às vezes ela era até mais rápida do que eu, uma ótima parceira sem dúvidas.

Mas não preciso mais dela... não para isso. Já encontrei a mulher que realmente importa.

— Quando for para Lisboa, por favor, me procure — Mia pede e lhe dá um abraço.

— Pode deixar, podemos ir ao cinema juntas! — *Ela não foi nem comigo.*

— Com certeza! — *Assim fácil?*

Pago as pantufas e seguro as sacolas encostado em frente a porta da loja. Depois de ainda alguns minutos, Miranda se despede e se chateia ao deixar a garota.

— Que bom que fez amizade — tento ao máximo mostrar simpatia.

— Você já tem muitas no feminino, eu posso ter também, certo?

— Claro — afirmo.

*Pode, mas quero meu tempo também.*

— Além disso, é divertido te ver com ciúmes — provoca, mordendo o lábio. Então ela percebeu que me incomodei.

— Gosta, não é, Miranda? Você gosta.

— Eu gosto de quê? — Ergue uma sobrancelha brincalhona.

— Você gosta de me provocar.

— Ah, mas não é por isso que namoramos? Porque você gosta das minhas provocações? — Verídico.

— E porque você é sexy quando come — acrescento promíscuo.



A simplicidade desse dia me assusta na mesma proporção que encanta. Como é possível estar tão derrotado um dia e tão grato no outro? Acho que essa é a magia de delegar emoções.

Não me entenda mal, eu ainda sinto Raiva Súbita daquele policialzinho de quinta categoria, mas se eu for ficar revivendo esse sentimento toda vez que visitar a Avenida Vermelha, a magia vai se perder.

*Tal magia tão frágil e majestática simultaneamente.*

Como ouvir pela primeira vez sua música favorita, você não esquece a sensação e implora para que a sinta mais vezes. Só até perceber que se tentar demais, a *magia* some.

Some por um dia chuvoso ou mal humor inesperado. Algo simples que não te faz achar que a magia sumiria por isso, mas some.

*A não ser que você delegue.*

Controle o que deseja sentir, porque afinal, as emoções são nossas e podemos controlá-las.

Eu tenho me esforçado demais para que esse relacionamento dê certo. Fazendo jus a frase “o amor é cego” ao pé da letra, porque talvez assim, não vendo os possíveis motivos para nossas brigas, nós não briguemos.

Tem razão, Dra. Ross, eu não calculei a parte das brigas quando disse que somos o melhor casal do mundo e nem pretendo.

Miranda está vasculhando o porta-malas há alguns minutos e todos esses minutos estou a observando. Como o seu corpo se inclina para frente como um ângulo reto em que o ápice do número zero é a sua bela bunda

empinada. As mechas do seu cabelo caem sobre seu rosto e posso ver o quanto sua pele ameaça corar de raiva por não encontrar o que deseja.

Eu a admirei inúmeras vezes no *Tempo de Creme,* entre reuniões, palestras, nos corredores e até mesmo quando se despedia da minha secretária. Os meus olhos imploravam para que ela decidisse me ter de volta, porque eu poderia fazê-la feliz, mesmo tendo falhado obsessivamente da primeira vez.

Com você a *magia* nunca se perdeu, Mia. Não importa quantas vezes eu me dope de admiração por você, todas parecem ser como a primeira vez. Exceto por um detalhe, naquela vez eu pensava apenas em te *foder* e ouvir meu nome ofegante nos seus lábios e agora, além disso, eu também sinto Amor Sublime.

*Embora nesse momento a promiscuidade, fale mais alto.*

— Precisa de ajuda, Srta. Ross? — ofereço, inclinando minha cabeça para esquerda com as mãos nos bolsos.

— Não — a voz séria toma seus lábios, está irritada demais por não encontrar.

— Eu já te disse como fica sexy vasculhando coisas no carro? — provoco com um sorriso de canto.

A minha frase lhe atira uma flecha de afrontamento e a sua bunda, que remexia para todos os lados enquanto ela se enfiava dentro do veículo, parou. Seu corpo está completamente paralisado com as minhas palavras. Aos poucos ela desiste da procura, inclina a cabeça para mim me encarando e ergue a sobrancelha.

Dou passos demorados, porém convictos no chão, tomo seu queixo e ergo até que eu respire o mesmo ar que ela a poucos milímetros dos seus lábios.

— E então, eu já te disse, Miranda? — afronto.

Ela morde a boca com força extrema, posso até ver a diferença entre o lábio inferior pedindo socorro e o superior bem tranquilo. *Isso é ansiedade, Princesa?* Seus dedos de mel passeiam pelo meu pulso e então por todo o meu antebraço, ombros, até que brinca com a gola da minha camisa branca. É uma vingança pelas frases provocativas que lancei, eu uso o poder da voz

e ela o poder do toque que a cada segundo me deixa ainda mais ansioso. O que está me impedindo? É por estar gostando dessa tensão sensual ou por realmente estar faltando algo?

— Humm…

*É, era isso que faltava.*

— Vem aqui — rosno entre dentes, puxo seu pescoço e prendo sua boca na minha. Ela pula, encaixo suas pernas no meu corpo e a carrego até a entrada ignorando todos os possíveis obstáculos que pudessem nos interromper.

Empurro seu corpo contra a porta e sorrio ao ver a força que usei para o seu cabelo cair sobre o rosto, tal rosto que eu seguro e aperto com toda a fúria que desejo despi-la. Mia desce as mãos para minha camisa e tenta abrir um dos botões, falha, mais um vez e falha de novo por estar concentrada demais em se enrolar na minha língua do que para ter coordenação motora.

— Ai, Trevor, que porra de camisa é essa?! — A voz alta raivosa é liberada ainda com os lábios colados nos meus.

— Eu posso tirar, só preciso achar a chave — murmuro, beijando sua boca.

— Ache… a-ache isso logo — ordena, amassando o meu rosto com as duas mãos, me puxando com todos os recursos que tem para mais do beijo atrativo.

Mergulho as mãos nos bolsos procurando, mas confesso que não está sendo uma tarefa fácil levando em conta que se eu deixar de beijá-la tenho medo que perfure o meu abdômen com a chave.

*Cacete, onde está?*

— Droga de chave — xingo baixinho.

— T-Trevor, mas que merda… — ela geme o meu nome furiosa, embora mergulhada em tesão.

— Achei. — Penetro a chave na fechadura quase mais forte do que eu a quero penetrar. Bato a porta na parede e a jogo de volta para trancar com tanta força que um dos quadros da minha sala se move.

Lanço seu corpo na parede e não me preocupo em acender as luzes, porque eu garanto que o fogo que estou sentindo ilumina muito mais do qualquer lâmpada. Levanto seu vestido até a altura da cintura, cravo os dedos no seu cabelo de mel e controlo sua cabeça para ser escrava sexual dos meus desejos. Eu queria isso naquele carro hoje, foi algo tão singelo e romântico, por mais que ela estivesse cavalgando como uma égua no meu colo, não era isso que eu queria. Nós sabemos que não vivemos muito tempo sem nos jogar em paredes, marcar e rasgar tudo como animais selvagens.

Era disso que eu estava sentindo falta, esse estrago deixado a cada lugar que passamos. Eram brincadeiras de Professora e Aluno, preliminares debaixo de mesas, banheiros e sofás, mas ainda não como eu queria.

*Eu sempre quis essa selvageria.*

— Aaah... T-Trevor! — ela geme tão alto que minha mão coça e aperto a sua coxa com força até conseguir ver minha mão marcada. — Trevor. — Eu poderia destilar essa pele fervente macia dos músculos dela se deixasse. — Me escute. — Controlando, beijando, arfando, mas ainda não é suficiente. Eu quero mais. Estou com saudade de mais, *você me vê? Me sente? Me exerga?* — Trevor!

— Caralho, Miranda, o quê? — Largo sua boca ofegando mais do que operário de construção em fim de expediente. Arfando tanto em seu rosto, a encarando com Fúria Extrema em meus olhos aguardando o que poderia ser tão importante para interromper meus estímulos agora.

**O quê, Miranda, me diga, o que poderi…**

— Pode rasgar.

Ela murmura, me infiltrando os olhos que brilham e toda a raiva que senti pela interrupção some, evapora, desaparece como mágica.

— Eu posso? — Franzo o cenho com a boca entreaberta.

— Pode rasgar tudo. — *Cacete*, isso é música para os meus ouvidos.

— Eu posso te rasgar inteira?

— Inteirinha — ela geme, se erguendo na ponta dos saltos enquanto desliza a mão por todas as suas curvas mostrando todo o território que posso tocar.

— Inteirinha, é? — murmuro meus pensamentos promíscuos sem perceber que minha voz saiu.

— Uhum.

*Lembre-se de que resmungou essa resposta.*

— Vem — ordena e lhe desço do meu colo puxando sua mão até o quarto.

Ligo o ar-condicionado no mais frio possível, tiro a camisa com tanta rapidez que os botões que a irritaram na entrada parecem estar bem obedientes para mim, arranco meu cinto da calça e deixo sobre a cama. Enrosco minha mão na sua cintura e a puxo para mim emitindo o som delicioso de impacto. Era só isso que eu queria sentir, o contato do meu peito com seus seios sobre esse tecido por alguns segundos, pois nunca mais vou ver esse vestido, pelo menos não inteiro.

Jogo seu corpo na cama e seguro seus pulsos no alto. Trago meus lábios até o seu pescoço fervente, tampo sua boca com uma das mãos e chupo com força a sua pele.

Branco.

Eu não quero branco.

Roxo.

Eu quero roxo.

Chupo com mais força, com toda a fúria, raiva e tesão que meu corpo quer liberar desde o dia em que ela me deixou. A nossa última transa antes de tudo aquilo, em que eu a penetrei tão fundo que posso ainda ouvir seus sons na mente. Foi naquela dispensa de cafeteria, um dos meus lugares favoritos que ela tornou ainda mais especial. O dia que não pude conter meus desejos e fodi aquela bolsista safada entre as sacas de café, e o seu cheiro de leite de canela me fez ficar completamente obcecado por ela. Eu desejei te rasgar assim desde aquele dia, te admirand… admirar? Eu estava te despindo com os olhos todas as vezes que vinha com aqueles vestidinhos para as reuniões.

Você pode ter sido uma freira antes de me conhecer, mas já era completamente safada, que mulher no mundo usa aquelas saias provocativas e trabalha sem sutiã mordendo o lábio resmungando para o

chefe que não deseja provocá-lo? Você fazia isso comigo, mesmo dizendo e repetindo que não me queria e eu aceitei. Aceitei por tempo demais. Seu tempo de me dominar acabou, Princesa de Limão e Mel. Agora eu vou te fazer lembrar porque me chama de Urso Diabético. Nunca foi por carinho e sim por eu ser completamente louco pelo seu mel.

Todas essas emoções, pensamentos e sentimentos que não pude liberar até agora, no seu pescoço, solto sua pele encarando com um sorriso uma marca avermelhada com tons de roxo. Majestático. Tiro minha mão da sua boca libertando e ela ofega demais apertando o meu braço na tentativa de buscar alívio pela dor prazerosa que lhe causei.

— Trevor, isso… isso…

— Fique quieta — afunilo e ela fecha os lábios com rapidez e um sorrisinho.

*Está gostando disso como eu, não é?*

Seguro o busto do seu vestido deixando apenas os polegares para o lado de fora. Posicionado para fazer o que na minha mente já fiz muitas vezes há muito tempo. Encaro seus olhos de mel mais uma vez confirmando a permissão e ela assente uma, duas e três vezes balançando a cabeça bem devagar mordendo o lábio para mim.

Eu posso, eu devo e vou fazer. Meus dedos forçam o tecido e o primeiro som que sinaliza conflito faz a minha ereção quase estourar a calça. Mais, eu preciso de mais. Destilo, resvalo e rasgo o vestido, encarando hipnotizado cada pequena linha se esvaindo e dilacerando. Era só disso, *caralho*, mas era só disso. Rasgo o vestido inteiro até que se torna cortado como com um sabre de luz, mas sem o corte perfeito, é um corte totalmente desgovernado e selvagem.

*Como se sente, Srta. Ross?*

Estando completamente rasgada, do pescoço marcado pela minha língua até a sua boceta encharcada? É gostoso demais, não? Me diga que não sou eu apenas o louco selvagem, você também é devota a essa prática.

Não é nenhuma surpresa encontrá-la com os seios livres sem nenhum único sinal de sutiã. Eu sei, as mulheres com seios enormes são atrativas, mas *caralho*, peitos pequenos marcados nos vestidos? É muito mais. Dispara no mais.

Aperto e quase abocanho um dos seus peitos na minha boca, eu os elogio na mente e minhas ações apenas querem senti-los não apenas nas mãos, essa é a verdade. Eu meto a boca em um de seus mamilos e faço movimentos circulares com o pau mais duro do que pedra enquanto ela arranha as minhas costas.

*Ela pede por mais, eu vejo, eu olho e eu te enxergo, Miranda.*

— Aaah, a-ah… — A minha bolsista geme mais a cada vez que eu a aperto, calco e mergulho minha língua. Vamos, eu quero ouvir. Faça mais.

Muito.

Eu.

Quero.

Muito.

Mais.

Mia se desespera para tirar os saltos com a ajuda mútua dos pés, mas tem dificuldade, abandono seus seios e agacho no chão. Quase arranco as fivelas deixando seus pés livres e a encaro de baixo para cima completamente aberta para mim com os olhos brilhantes de Amor Sublime ou… seria *Atração Carnal*, Srta. Ross?

— Não quer usar essa força em outro lugar? — provoca com a voz sexy e atrativa me desafiando.

— Você não faz ideia do quanto.

*Nos trouxe ao Veludo Musical, novamente.*

Dou um sorriso de canto, tiro o resto do seu vestido arremessando na *puta que pariu*, abro suas pernas e encontro uma das minhas armaduras.

*Está usando a **minha** armadura.*

— Está gostando do que vê? — ela pergunta promíscua, sentando mais na cama.

— Gosto mais do que tem por baixo.

— Ela também gosta muito de você… — brinca, sorrindo com malícia.

Seguro o tecido de renda preta nas mãos, o mesmo que escolhi a dedo para dar a ela na nossa reconciliação, rasgo-a no meio e libero a sua boceta molhada. Mergulho minha língua no seu prazer e sinto o sabor do seu lubrificante. É a preliminar do meu gosto favorito, onde está o meu leite de canela? Por que não o libera para mim? Eu vou te fazer gozar, vai ver. Brinco com o seu clitóris já sensível pelo jeito que Mia se remexe na cama como uma gazela excitada. Faço movimentos rápidos pressionando sobre a bolinha rosa e tenho certeza de que seus gemidos podem ser ouvidos por todos os vizinhos.

— Aaahh… T-Trevor, eu quero, p-por favor.

*Eu amo não entender nada do que seus gemidos desesperados dizem.*

Tiro minha língua da sua boceta, me levanto do chão e pressiono minha ereção sobre o seu lubrificante. Tomo seu queixo nas mãos e aperto com força as suas bochechas.

— O que você quer? — afunilo.

Miranda aponta para baixo localizando o meu pau extremamente duro que quase salta para fora. Seus olhos estão mais brilhantes do que a *porra* da sua vagina. Você quer o que eu mais quero, mas você vai dizer.

— Eu quero que diga o que você quer — ordeno.

— Eu... quero o trovão. — Ela morde o lábio com força e lança um sorriso cheio de malícia humorizada.

*É assim que é fazer amor?*

Rio ao mesmo tempo que quero dilacerá-la? Isso nunca me ocorreu com mulher nenhuma, chegar a rir quando estou prestes a penetrá-la.

A cada segundo que eu passo do seu lado, Miranda, eu te amo incondicionalmente muito mais.

— Hum… e então, eu tenho que implorar, Sr. White? — Ela cria um biquinho nos lábios.

— É todo seu, liberte ele — cedo com um sorriso de canto completamente apaixonado por essa mulher.

Mia puxa a minha calça para baixo totalmente desgovernada que até mesmo erra os botões. Assim que consegue acabar com as trancas, enfia a

mão por dentro da minha cueca e massageia, lambuzando seus dedos do meu líquido. Úmido... as suas mãos tocam úmido, você vê? Como se torna uma espada apontando para você? Se o meu pau fosse a *porra* da bússola do *Piratas do Caribe*, estaria apontando sempre para você. Miranda se encolhe um pouco até que estende a língua lambendo toda a cabeça rosa me fazendo tremer de alívio.

— Ah… caralho, Miranda — escapo o gemido ofegante dos lábios.

Ela puxa meu corpo para mais perto e se apoia no meu peito chupando o meu membro de cima a baixo. Enrosco minhas mãos no seu cabelo e controlo sua cabeça para baixo. *Eu quero sentir a garganta dela.* Mia bate no meu peito e aperto mais para baixo. Ela engasga, puxo sua cabeça para cima e vejo seu rosto borrado pelo delineado que estava.

— Era isso que você queria? — questiono, agarrando sua boca enquanto ela tosse cuspindo saliva.

— Uhumm — resmunga, passando a língua nos lábios.

— Pois então é minha vez de fazer o que eu quero — rosno e viro seu corpo na cama deixando-a de quatro para mim.

Forço e empino seu quadril para mim, abaixo sua cabeça e entrelaço meus dedos no seu cabelo. Seguro e deslizo meu pau nos lábios da sua boceta molhada sentindo cada pequena sensação que essa transa pode me causar. Enfiando a cabeça, ela geme e eu tiro. Faço o mesmo. De novo. Vamos, Mia, mais uma vez. Enfio e tiro diversas vezes ouvindo o som excitante do contato carnal.

**Chega.**

Arranco seu quadril para trás e a penetro bem fundo por completo. Trago sua bunda para mais perto e a cada vez que minha virilha encontra sua pele…

— Espera… ah, Ter… TREVOR!

É assim que eu gosto.

Grite o meu nome bem alto, Miranda.

Se eu pudesse ser viciado em algo além de Nutella seria esse barulho carnal de cada batida, alto e alto. Eu quero mais que isso, mas eu ainda

quero mais. Dou um tapa forte na sua bunda que chega a estralar minha mão. Outro tapa. Mais rápido. Mais forte. Mais. Eu quero mais.

Deixo de segurar seu cabelo e coloco minhas mãos para massagear com rapidez a sua boceta, eu sei que está perto. Vamos, Princesa. Goze para mim. Eu quero sentir o seu leite de canela me lambuzando.

— Goze para mim, Miranda — sussurro em seu ouvido.

— Aaah, eu… eu gozo. — *Eu sei que me obedece, Princesa.*

Ela estoura o líquido escorrendo pelos meus dedos. O mesmo líquido que agora se liberta do meu pau viciado no leite de canela dela. Essa mistura tão cheirosa e atrativa. É cheiro puro de sexo.

*Caralho, Miranda, como você é deliciosa.*

Viro seu corpo e jogo na cama impondo meu nariz ao seu, fecho meus olhos apenas sentindo os seus ofegos no meu rosto na tentativa de normalizar meu sistema nervoso.

— Olhe para mim — peço e ela respira bem fundo abrindo os olhos de mel brilhantes e cansados dopados de êxtase. — Eu te amo — balbucio ofegante e ela chega bem devagar sentindo o mesmo ar que eu até me retribuir com um selinho demorado.



Enquanto Mia termina de se arrumar, coloco um jogo de futebol na televisão da sala. Não são os campeões Benfica e Porto, mas se o Porto joga, eu vejo. Resolvi ir de camisa preta dessa vez, quase nunca uso, mas quero fazer coisas diferentes hoje.

*Sarah cedeu me deixando levar a Mia, então eu também cedo ao preto.*

— Oi! — Mia aparece na sala com um sorriso de orelha a orelha que não entendo.

Jogo meu olhar para o seu corpo e entreabro meus lábios. Não que seja uma grande surpresa eu estar completamente hipnotizado por todas as suas roupas. *Mas nossa… dessa vez se superou, Princesa.* Um lindo vestido azul celeste de decote coração com alcinhas finíssimas, não devia ter vestido isso, está me desafiando a tirá-las antes do jantar. Prendeu algumas mechas para trás do seu cabelo criando uma digna tiara sobre sua cabeça. Fez um delineado fino que destaca seus olhos e seus lábios estão da cor da sua pele. Ela está magnífica. E o azul vai contrastar muito bem com a minha camisa preta. Desço o olhar para baixo e...

**Ah, meu Deus do céu!**

— É uma pantufa de abelhinha?! — grito e pulo do sofá com um sorriso.

— Você gostou? — Empina o nariz bem feliz com a escolha.

— Sim, Miranda, é perfeita porque…

Dou passos até o balcão da cozinha e abro minha caixa da loja que fomos, coloco nos pés e caminho até ela.

— É uma pantufa de ursinho?! — Mia me copia e vibra de emoção.

— Pensamos igual, está vendo? — Pantufas combinando no mesmo dia de um jantar... jantar com bacalhau.

*Pantufa Bacalhau.*

— Podemos colar uns desenhos de Nutella nela ou lambuzar de chocolate. — sugere com uma mão em seu queixo.

— É podemos… — Agacho um pouco e dou passos como uma espécie de predador até ela.

— O que está fazendo, Trevor? — Ela ri.

— O urso tem que comer a abelhinha, é sua presa. — Agarro seu corpo e prendo sua boca na minha.

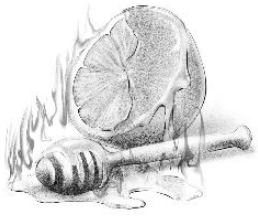
Eu amo essa mulher.

Ela me completa.

São seis e quarenta.

*O que esperar de um jantar com a Loirinha e a Princesa de Limão e Mel?*

# 8



# Pantufa Bacalhau | Parte III

*Você é um fantasma para mim*
*Desejo-lhe boa sorte sendo solitário*
*Vou desligar toda vez que me ligar*
*Você está prestes a ser*
*Uma memória*
***She Don't – Ella Mai, Ty Dolla $ign***

MIA ROSS

Bolinhas de espuma.

Tecidos fofinhos.

Palmilhas macias

Amarelo. Preto. Azul.

*Minha pantufa de abelhinha.*

Não quis tirar a pantufa tão cedo, porque além de representar a nossa união são extremamente viciantes, então resolvemos usar no caminho. Trevor está dirigindo atento a cada acontecimento no trânsito e as mãos robustas giram e manobram o volante com maestria.

*Não importa quantas vezes eu veja isso, sempre vou achar sexy demais.*

Faz tempo que não ouvia a *playlist* dele tocar. No nosso *Tempo de Creme*, como ele chama, fiquei em abstinência dessas músicas incríveis.

*She Don't – Ella Mai, Ty Dolla $ign*

Uma voz tão doce e envolvente simultaneamente, as notas me lembram a Raiche, o piano me cativa e a trilha de sons abafados é excitante.

Jogo meu olhar para os seus pés de ursinho que brincam com o acelerador e rio comigo mesma.

— Algo de engraçado, Srta. Ross? — questiona mexendo os pés.

— Não mesmo, Sr. White. — Mexo os pés também com um sorriso.

Trevor balbucia a letra da música baixinho enquanto manobra o carro na portaria para a famosa *Mansão Scott*. Ele já deve ter vindo aqui umas *trocentas* vezes e eu nunca coloquei meus pés aqui de forma tão *casual* assim. Sempre a casa estava muitíssimo decorada para as festas sensuais dela, repletas de convidados, luzes, seguranças, vermelho e muita, mas muita promiscuidade. E agora, é como um encontro amigável bem natural.

— Rafael. — Trevor faz um sinal para o porteiro e ele se aproxima.

— Trevor. — Ele quase se enfia dentro da janela do carro ao me ver. — Suponho que essa seja a mulher que tirou meu sono pelos surtos Scott.

— Não exagere e ela tem nome.

— Satisfação, Miranda Ross. — Lhe entrego minha mão e ele dá um aperto rápido.

— Bom jantar para vocês dois. — Assente e libera o portão.

Trevor engata o carro e faz a curva na fonte com luzes coloridas que refletem de forma encantadora na água cristalina.

— Acho que ele não gostou muito de mim — murmuro baixinho, contando os dedos.

— Ele é um dos Cachorrinhos Scott, releve — sugere na tentativa de me acalmar e estaciona o veículo em frente ao jardim.

*Por que não na frente?*

— Mas se ela tem esses cachorrinhos… e o Tom? — pergunto curiosa, erguendo uma sobrancelha e ele dá uma boa risada.

— Enquanto ele fica como um idiota em Porto, ela aumenta o exército de cachorrinhos.

*Rindo com muita felicidade, ama zoar o Tom, não é?*

— Eu acho que você ama o Tom para falar assim dele o tempo todo — provoco, abaixando o espelhinho do carro e pego o batom nude na bolsa.

— Isso é ridículo, óbvio que não. Mudando de assunto… — Encaro seu rosto pelo canto dos olhos e vejo que está completamente hipnotizado pelo meu busto. — Não poderia ter usado um vestido mais fechado?

*O quê?!*

Estou escutando Victor Ferreira falando?

— Você é daqueles que não curte roupa decotada? — pergunto prendendo a respiração.

Ele poderia ter interpretado um personagem no nosso relacionamento não sério anteriormente e na verdade ser um namorado ciumento que odeia roupa curta.

*Não, Senhor, de novo não.*

— Eu sou daqueles que fica olhando pros seus peitos a cada cinco minutos. — Me lança um sorriso de canto.

*Trevor não é o Victor, pare de pensar nisso.*

— Não sei o que você vê aqui. — Aponto para o decote.

— Como assim, Miranda? — Franze o cenho irritado com a pergunta.

— Sei lá... eles não são grandes como os peitos da Sarah. — Aquilo é enorme, pelo menos perto dos meus são enormes.

— Tamanho não é documento.

— Talvez...

— Miranda — limita.

— Eles têm uma vantagem natural, não acha? — Penso.

— Por que estamos falando dos peitos da Sarah? — Começo a rir, mas ele está tenso.

— Não sei.

— Por que é tão insegura assim? — A pergunta sai em um tom sério que me faz murchar a risada.

— Eu estou tentando diminuir isso — confesso.

— Eu gosto dos seus peitos exatamente do jeitinho que eles são. — Os aponta.

*Não sei como ainda poderia me sentir insegura depois dessa.*

— Gosta? — questiono encarando-os.

— Sim, e é por isso que vai ser uma tortura para mim não poder mergulhar neles, enquanto estivermos no jantar. — Bufa.

— Mergulhar... é uma palavra tão cativante — provoco.

— Miranda — restringe.

— Por que nós somos assim? Por que queremos transar o tempo todo?

— Espere aí, agora foi você que deu a ideia… podemos transar quando chegarmos em casa. — Sorri promíscuo.

A irritabilidade com o assunto dos seios some mais rápido do que fórmula um quando cogito a possibilidade de sexo.

— Vou estar acabada.

— Não seja por isso, amanhã de manhã. — Dá de ombros despreocupado.

— Mas amanhã não vou estar com você.

— O quê? — Seu tom de voz muda da água para o vinho como se eu tivesse tirado seu brinquedo predileto, seus olhos que brilhavam agora estão apagados e as sobrancelhas preocupadas.

*Ah, meu Deus…*

— Eu fiquei praticamente a semana toda com você e nem parei em casa, preciso ter um temp…

— Um compromisso é assim — afirma convicto de cara totalmente fechada.

— Eu não odeio compromisso, mas não moro com você, então eu tenho que cuidar da minha casa também. — Assim que explico seu olhar

vai direto para o volante como se estivesse levando uma boa bronca.

— Trevor — chamo, puxando seu queixo.

— Miranda — murmura.

— Eu quero que prometa, que quando eu disser que vou para a minha casa você não vai insistir para que eu fique. — Odeio ter que dizer não para ele, imagine então mais de uma vez.

— Tenho que prometer?

— Sim — confirmo.

— E se eu estiver com saudade... ou pior, excitado? — Ele realmente se transforma em um cãozinho o que me faz até sorrir de pena.

— Se for extremo podemos discutir sobre — cedo, acariciando sua barba.

— Então tem uma exceção? — Seus lábios formam um pouco de felicidade.

— Sim, Ursinho, claro.

— Então eu prometo — garante e junta as mãos as olhando fixamente.

*O que está pensando?*

Tiro o cinto de segurança, passo uma das pernas por cima dele e pulo no seu colo. Trevor me encara surpreso por minha atitude e segura a minha cintura. Junto as mãos ao seu rosto como uma pequena concha de carinho e mantenho o olhar firme.

— Está se sentindo sozinho? — Junto toda a coragem do meu ser para perguntar.

— É… — *Como não percebi isso?* — Morgan está no último ano de redatora, ela quer fazer tudo bem feito para o currículo e deveria, eu fiz isso quando era meu último ano, mas sinto a falta dela em casa. — Realmente, quando o conheci eles sempre estavam saindo. — Não posso mais sair com a Sarah como antes, não consigo ficar perto da Rose sozinho e além de tudo isso... eu gosto mais de ficar com você.

— Sabia que existe telefone? — cuspo a frase e assim que digo me arrependo pela insensibilidade.

— Miranda, não é a mesma coisa.

— Qual foi a última ligação que fizemos? Acho que nunca nem te enviei uma mensagem.

Se aconteceu foi algo do tipo:

***"Você está vindo?"***

— Isso é bom, quer dizer que estávamos sempre juntos. A última ligação eu recusei, foi no dia em que te pedi em namoro.

— Humm, eu lembro desse dia, mas podemos fazer ligações, enviar mensagem e, ah… chamadas de vídeo. — Transfiro um olhar malicioso e lhe arranco um sorrisinho.

— Não gosto do que não posso tocar — sussurra enquanto deixa seu dedo indicador brincar com o decote do meu vestido.

— Mas é uma alternativa quando não estiver com você — sugiro, mas percebo que estou falando sozinha já que ele fica em silêncio por alguns minutos.

*Eu, olhos em mim!*

— Uhum, é sim… — Nem deve ter escutado o que eu disse.

Trevor ergue o olhar brilhante com uma mistura de três sabores, tristeza por não ficar com ele amanhã, carência por estar ultimamente sozinho e claro, a malícia.

*Quer permissão? Eu te dou.*

Assinto com a cabeça.

Os dedos que apenas puxavam e mexiam inocentemente, agora brincam e deslizam pelas alças fininhas do vestido celeste. Raiva, eu sinto raiva de mim por não poder me ver como ele me enxerga. Cada pequena parte de mim que me torna insegura, ele ama. A minha altura, a qual ficava envergonhada de ficar mais alta do que todas as minhas amigas, ele se encanta e diz que sou uma modelo profissional quando de salto altíssimo. As minhas longas pernas, as quais na escola me xingavam do coelhinho do desenho, ele fica hipnotizado e sempre que pode beija cada milímetro das minhas panturrilhas e coxas. E os meus peitos pequenos, os quais já cheguei a usar enchimento pela droga da sociedade, ele venera.

*Trevor ama todas as qualidades e falhas do meu corpo… embora para ele não existam falhas.*

Um homem tão vidrado no meu cheiro que aparenta ser um cachorrinho, ou pelo menos agora, eu chamo de cão por estar quase babando no meu busto com olhinhos de vira-lata. Alguns fios do seu cabelo caem sobre o rosto um pouco suado pela tensão e eu arrumo para cima, enquanto ele beija meu pulso.

— Você me deixa louco — admite com a voz rouca, puxando e soltando as alças finas do meu vestido com o objetivo claro de se vangloriar pelas marcas vermelhas que me deixa. — Me faz perder todo e qualquer raciocínio quando usa esses vestidinhos. — Arranca as fitas para baixo e me encaixa para roçar na sua ereção. — Me diga como eu poderia ter boas maneiras à mesa, se o que eu quero comer não tem no cardápio?

— Trevor, por favor… eu já estou molhada — murmuro baixinho.

Traz as mãos robustas ao meu pescoço que acaricia e sente a minha temperatura com apertos como se estivesse medindo minha excitação. Eu já te disse quase gemendo na sua boca, o quanto estou excitada, isso não basta? Ele quer mais, sentir mais da minha temperatura, quente, eu sei que é quente. Ele crava as mãos no meu cabelo, puxa a minha cabeça para si e junta meu rosto ao seu me obrigando a sentir a pura promiscuidade que está sentindo com o meu decote.

Meus seios devem estar doloridos por ainda não sentirem o alívio que ele quer me dar, tento recuperar a respiração que vai sempre para o espaço quando ele me toca desse jeito e meu corpo reage em um arrepio extremo.

— Quando ofega assim no meu rosto… — sussurra e segura com mais força o meu cabelo. — Me lembra a sua decepção quando te deixei na sala no nosso segundo beijo, lembra? Eu lembro de cada segundo daquela *porra*.

— Humm... eu me lembro que a sua decepção foi maior no nosso primeiro beijo.

— Uma digna *Traficante de Emoções*.

Trevor quase arranca o zíper do vestido e libera os meus seios que chegam a encostar no seu rosto. Enche uma das mãos com um deles, massageia e aperta. Dispersa os lábios no meu busto e marca a pele de vermelho com a pressão sub-humana que chupa meu peito. Encaro seus

movimentos encantada pelo contraste da sua saliva com a minha pele, é tão brilhante, você deixa a minha pele brilhante. Desce a trilha de prazer até meus mamilos e os consome ao sugar cada pedaço de mim como um canudo de bebida alcoólica. É um vício.

Massageio seu cabelo castanho buscando uma forma de segurar os gritos que gostaria de estar dando como antes de chegarmos. *Nossa, como eu virei uma prostituta gemendo na cama dele.* Jogo minha cabeça para trás usufruindo todas as sensações que sua língua me causa, mas volto rapidamente quando ele, ao mesmo tempo que me suga, apalpa o meu corpo inteiro, aperta, calca as minhas curvas com tamanha força. Trago o olhar fixo ao seu, brilhante, sempre brilha, entreabro os lábios e ele adia o meu prazer por segundos.

— Está vendo — ofega. — Isso não funciona com a Sarah.

— O qu...

Trevor enche a mão e coloca meu seio quase inteirinho na boca como se estivesse literalmente pronto para comê-lo como item do cardápio. *Eu ficaria honrada de ser seu prato principal, Sr. White.* Ele dança e manobra a língua como um profissional trilhando estímulos por meus mamilos. Pura hipnose, não é mais ele que está hipnotizado… *sou eu.* Por essa maldita visão, ele achou um meio de me deixar única.

— Só com os seus...

Cravo meus dedos no seu cabelo e o arranco do meu busto para se encontrar com a minha boca aguçada com seu gesto. Desço minhas mãos para a sua barba que me espeta de forma prazerosa, sinto suas mãos levantarem meu vestido para a cintura e tento encontrar a alavanca que desce o banco. Mas meu coração bate forte demais e a grande porcentagem é para dizer o que eu sinto. Quase nunca digo a ele o que realmente me faz sentir com suas ações, apenas o beijo e agradeço. Vai ser diferente agora.

— V-você me faz sentir segura — confesso enquanto ele enrola os dedos no meu cabelo e passa a língua entre os lábios.

Dou um pulo e me arrepio de susto com as batidas estridentes no vidro.

— Há quanto tempo estão parad... nossa! — Rose se assusta ao nos ver prestes a transar em sua frente e Trevor sobe o busto do meu vestido

para cima com rapidez.

— Dá um tempo, Rose, já vou! — ele berra, louco de raiva.

— Acha que isso, sem pressa… aí, foi mal. — Ela ri, muito envergonhada e volta para a grande mansão.

Abraço seu corpo e caio na risada com o quanto está bravo, fica tão fofinho com essa cara. Coloco as alcinhas do vestido de volta e fecho o zíper devagar.

— Já é a segunda vez, Rose está prejudicando minha vida sexual. — Bufa.

— Tadinho, muito prejudicado, Sr. White — debocho e ele revira os olhos, lhe dou um, dois, três, quatro selinhos e consigo tirar um pequeno sorriso do seu rosto. — Jantar?

— Infelizmente.

Volto para o conforto do meu banco e ele sai do carro, dá a volta para abrir a porta e estende a mão como um cavalheiro para que eu saia. Pego minha bolsa, me enrosco no seu braço e ergo meu olhar.

*Caramba… é enorme.*

Eu nunca prestei tanta atenção assim no tamanho da casa nas festas, estava mais preocupada com o meu chefe. Agora eu posso ver o quanto é extraordinária e digna da Loira Vermelha. E o mais incrível é que apenas a Sarah mora na mansão, bom, talvez não tão sozinha com os milhares de empregados e os cachorrinhos dela. As colunas jônicas são impecáveis, parece até um museu, lembra a Havan, uma loja que tem no Brasil com uma estátua da liberdade. Plantas enormes em vasos brancos de cerâmica e um jardim excepcional cheio de rosas bem vermelhas.

*Essa mansão é magnífica.*

— É grande, não é? — falo baixinho e ele lança um riso nasalado.

— Já veio aqui várias vezes, Mia.

— É, mas não assim, sem decoração parece que fica até maior, ela mora aqui sozinha?

— Agora sim, antes eu passava muito tempo aqui, mas ela também trabalha muito, então não é como se ligasse para essa solidão.

— Isso foi o que ela te disse? — Ergo uma sobrancelha.

— Prefiro acreditar, porque não posso mais ficar aqui com ela. — Verídico, não mesmo.

— Sr. White. — Trevor faz um gesto para me apresentar, mas o mordomo se adianta. — Srta. Ross, certo? Sejam bem-vindos.

— Obrigado, Álvaro.

Portas enormes se abrem e a casa não abrange mais o tema promíscuo e sim, mais aconchegante, casual e também majestático. Uma escada gigantesca toma quase a sala ou a entrada inteira, puro mármore branco e quase todos os móveis são vermelhos. Me chama ainda atenção um lustre enorme com pequenas luzinhas de luxo. A casa é bem iluminada, diferente das sombras de todo o ambiente White.

Pequenas gotas que batiam no carro dele, agora se adensam e a chuva começa a cair forte. Ainda bem que entramos antes de tudo isso começar, penso comigo após ver as plantas quase voarem dos vasos através de uma janela.

Caminhamos até um outro cômodo com uma lareira e Rose está jogada no sofá com um macacão vinho de veludo e um coque despojado que realça as mechas ruivas. Morgan ofusca todas as lâmpadas e fisga tudo para si com o estonteante vestido cintilante. Não que seja uma surpresa, mas já está se engraçando com uma funcionária da casa. Ted deixa uma camisa social esverdeada cobrir seu peito e aparenta estar sufocado, mas também fechou todos os botões, sorrio de pena.

— Boa noite, Sestras! —Trevor exclama e ergue os braços. — Morgan deixe a moça em paz, ela tem muito trabalho. Cortez, sua admiradora chegou e Rose, já é a segunda vez que corta minha tensão sexual, te fiz algo?

— Eu estou sem tempo para nada e você sab... espera aí, Selena! — Mor fica com raiva por Trevor tê-la atrapalhado quando a moça deixa de lhe dar atenção. — Eu te odeio. — Ela o fita com ódio e rio.

— Você me ama. — Dá de ombros.

— Algo verídico, Sr. White. — Ouço a voz de Sarah se aproximar com um vestido vermelho, mechas soltas loiras e um avental branco bem

decotado sem amarrar.

Ela me cumprimenta com um beijo simbólico no rosto e resolvo deixá-la falar com Trevor, enquanto me aconchego com Ted.

— Oi — ele sussurra se inclinando para esquerda. — Estava com medo de você não vir.

— Só me atrasei um pouquinho. — Junto o indicador ao polegar.

— Trevor te atrasou, imagino.

— Isso. — Rio um pouco ao lembrar.

— Me ajuda na cozinha? — Sarah pergunta ao Trevor, meu corpo gela e descongela na mesma fração de segundo que ele olha para mim.

— Quer vir?

*Ah, obrigada, senhor!*

Eu assinto de imediato.

## TREVOR WHITE

SEM PÂNICO.

Sem.

Pânico.

Isso, bom menino.

É só a droga da cozinha.

Quem eu quero enganar?

Essa cozinha é o local que mais transei na vida.

*A Mia vai estar lá comigo, e isso deveria ser bom? Não é bom, caramba, Trevor, aquiete!*

Termino o longo abraço que dei na Loirinha e me enrosco na minha namorada caminhando até a cozinha. O famoso cômodo de culinária tomado quase que por inteiro por uma mesa de mármore branco e milhares de equipamentos e gavetas vermelhas.

— Amarra para mim?

*Porra, Sarah, se comporte.*

— Amarro. — Ela se vira, faço um nó forte apertando sua cintura, ato esse que a faz sorrir pela força enquanto prende o cabelo.

— Não queria tirar do forno antes de chegarem — explica, checando o temporizador.

— Achei que tinha funcionários para fazer tudo isso — Mia opina e aponta para a bagunça organizada vermelha.

— Sim, eu tenho, mas às vezes gosto de cozinhar. — *Justo, ela cozinha esplendidamente bem.* — Como foi em Porto, Mia, a Avenida te cativou? — Sarah se empina nos saltos para retirar uma enorme bandeja metálica vermelha do armário e coloca sobre o balcão.

— Sim, é belíssima. Inclusive, não sabia que existia um Mc Donald's rústico daquele jeito.

— Realmente, isso me surpreendeu na primeira vez. Na minha terra natal era mais chocolate quente e chá de boldo do que refrigerantes, sabe?

*Elas estão conversando tão bem…*

Bem demais, isso ainda me assusta muito, mas tento ao máximo não demonstrar meu desconforto. Me aproximo da parede e cruzo os braços para admirar com mais concentração a conversa.

— Canadá, não é?

— A terra dos trenós, como diria o homem de camisa branca que hoje está de preto.

— A terra dos empurrões — escapo a frase sem pensar e chego a rir com Sarah mesmo que Mia não esteja entendendo nada.



***— No meu país usávamos mais trenós. — Ela ri com a ironia e me encanto com o seu sorriso. Eu não a tinha visto rir até esse momento, ela tem um sorriso tão lindo, deveria tirar essa carranca que sempre faz com todos.***

***— Gostaria de empurrar suas costas — penso alto.***

***— O quê?!***

***— No trenó! — Corrijo em desespero pelo deslize.***



— Pensei em mudar o tecido, mas quem disse que você liga? Ultimamente seu interesse é cinza — brinco para desestabilizá-la com a referência ao Tom e ela se paralisa.

— Touché, White... Mia, pode pegar as luvas na terceira gaveta? — pede e ela se desgruda do meu braço para começar a saga da busca pela gaveta correta.

— Do lado — Sarah instrui distraída e Mia aponta para outro armário. — Embaixo. — Ela toca a segunda gaveta e abre. — Não, a terceira, Miranda, a terceira!

— Ai, cacete. — Ela se assusta entreabrindo os lábios. — Isso, isso é um...

**Ah, mas você só pode estar de brincadeira.**

Desencosto da parede às pressas, fecho a gaveta dos vibradores vermelhos culinários com tanta força que os armários tremem e Mia dá um pequeno pulo assustada.

— Princesa, pode esperar lá na sala enquanto eu termino de ajudar a Sarah? — Sorrio falsamente falando bem gentil.

— Uhum, é… claro. — Ela se envergonha e espero até que se afaste o bastante para que eu possa…

— COMO DEIXOU ELA ACHAR ISSO? — grito puxando a corda do seu avental.

— ACHA QUE FUI EU? EU DISSE TERCEIRA! — ela berra de volta franzindo o cenho, mas ainda sim vejo um pequeno sorrisinho pelo caos.

— ESSAS GAVETAS SÃO TODAS IGUAIS!

— TALVEZ, MAS É BONITO! — ela bate contra uma das gavetas.

— Sarah. — Bufo, limitando-a.

— Eu não fiz de propósito, eu disse terceira. — Me fita com os olhos azuis vibrantes.

— Por que ainda não tirou essas merdas daqui? — questiono e seus lábios vermelhos ameaçam rir, só ameaçam, pois quando vê minha seriedade morde a boca.

Eu não pediria isso se soubesse que ela usa com outros homens, mas sei que essa cozinha era apenas nossa. Não é saudável nem para mim e muito menos para ela ficar revivendo essas lembranças toda vez que cozinha.

— Trevor, não tem como eu tirar todas as nossas coisas promíscuas da casa inteira em um dia.

— Suas, são *suas* coisas promíscuas! — Cubro meu rosto fervilhando raiva até que ela resolva ceder e ter empatia.

— Eu vou tentar tirar, tudo bem? Não precisa se estressar tanto… se bem que vai levar uns anos para encontrar tudo.

— Comece pela cozinha — afunilo, lhe dando meu olhar mais sério.

— Entendido, Sr. White. — Ergue os braços em defesa. — Se acalme, é a primeira vez que ela vê um? Óbvio que não.

— Acredito que em uma cozinha sim — acrescento e ela assente concordando. — Eu também não uso muito, uma vez na minha sala e... enfim.

— Enfim, o quê? Eu sou grandinha, pode me dizer. — Cria um biquinho com a boca.

— Não tem necessidade — insisto.

— Pode falar quando é no seu ambiente de trabalho, mas não pode... ah, não, você não usou a sala de espelhos, usou? — Sarah me encara com toda a fúria de todas as guerras internacionais.

— Não vamos brigar por algo que aconteceu há meses, não vamos não...

— MESES? TREVOR, AQUELA SALA NÃO! — ela berra irritada.

— Eu tinha a senha, quis usar! — Me defendo começando a ficar assustado com seu temperamento.

— Eu não te dei a senha para usar com outras... que seja a Mia ou… — Ela se atrapalha na dicção geralmente perfeita e se irrita por isso. — Quer saber? Esquece.

— Eu não usei quase nada, pode acalmar os estrógenos.

— Vamos mudar de assunto, vamos? — pede ou quase ordena, fixando o olhar azul em mim.

— Vamos.

— Pode pegar as luvas para mim? Na **terceira** gaveta, por favor — evidencia.

— Na **terceira**, sim — evidencio de volta, pego as luvas de forno vermelhas e lhe entrego.

Sarah enfia as garras vermelhas no tecido que as cobre e tira dentro do forno uma enorme assadeira com bacalhau de cheiro… realmente incrível. Me encanta demais. Típico da minha terra natal.

— Cheiro Português, sim? — provoca, sentindo o odor delicioso.

— Salgado como sempre.

Retira a parte de debaixo removível e coloca sobre a bandeja um lindo peixe ao molho em formato de tirinhas com milhares de temperos coloridos. Especiarias portuguesas, esse prato não é só uma delícia, também é histórico.

— Quer colocar as verdinhas? — Eu odiava decorar os nomes de folhas então nós chamamos todas de verdinhas, manjericão, salsinha, todas.

— Quero. — A loira me entrega um potinho de cerâmica vermelho e com uma pitada apenas passo por cima de tudo. — Essa chuva está forte, a Mia tem medo de trovões, vamos logo com isso?

— Sim, eu já coloquei a mesa, só está faltando o prato principal e… medo de trovão? Se iguala ao seu medo de palhaços! — Ela solta uma longa risada.

— Não tem graça.

— Eu sei que não, respeitei seu medo, lembra?

— Você sabe bem que eu nunca esqueceria um gesto como aquele.

Uma das festas temáticas em que Sarah deveria estar linda naquela fantasia, mas não tive tempo nem de admirar, não imaginei que viria de palhaço e muito menos que ia surtar quando a visse. Não que fosse uma surpresa, ela não me decepcionou. A minha Dama Vermelha trocou a fantasia por mim, tirou toda a maquiagem elaboradíssima e colocou a roupa de bailarina, um dos seus gestos mais leais.

***"Se o meu par não pode me admirar, do que adianta me vestir?"***

— Então... já decidiu o que vai dar de aniversário pra Mia?

— O QUÊ? QUANDO É ANIVERSÁR… — Sarah tapa minha boca na velocidade da luz.

— Shhh! Quer que ela escute o que você esqueceu? — sussurra e assim que assinto com a cabeça ela me larga.

— Sarah, como assim? Ela nunca me disse a droga da data — digo baixinho.

— Eu também não diria, com certeza ia querer que você soubesse sozinho, mas acho que ela não sabe que é péssimo com datas especiais. — Ela ri sem som.

— Sarah! — limito. — Quando é? Deus, eu não acredito nisso.

— No domingo, dia dez de outubro.

— Cacete — grito em um sussurro, por mais contraditório que seja. — Hoje já é quarta, o que eu vou fazer até lá? Eu não sei nem o que ela gostaria de ganhar de presente.

— Eu achei que fosse esquecer, então planejei uma festinha, pode acalmar a testosterona — brinca, me aliviando.

— Eu te amo, obrigado. — Puxo sua cintura e lhe dou um abraço, mas tremi o corpo todo junto com ela assim ouvi um barulho estridente que faz todas as luzes da casa se apagarem.

*Merda, trovões.*

— TREVOR! — A voz de mel sai em um grito desesperado.

— MIRANDA, VOU ACHAR UMA VELA! — grito de volta para que me escute da sala.

— Ficam no armário com compartimento de festas, é o quinto ali em cima do... enfim.

— Acha que eu estou vendo todos os seus armários vermelhos iguais?

— Eu disse enfim, imbecil.

— Vai me xingar agora? — desafio e ela me lança um tapa no braço.

— Seu celular está aí? Deixei o meu na sala. — Vasculho o bolso e não encontro. — Não está aqui também?

— Deixei no carro — resmungo baixinho.

— Como?

— Eu estava ocupado, esqueci! — Reviro os olhos como se ela pudesse ver.

— Ah, claro, ocupado, sei — debocha.

— Dirigindo, conversando... enfim.

— Enfim! — Ela ri e acompanho pelo desespero.

A loira caminha para o outro lado da cozinha tocando todos os armários na tentativa de sentir o correto, abro a janela e chega um pouco de luz para ajudá-la.

— Acho que é esse aqui. — Tira algumas velas e as coloca sobre a mesa.

— Sarah, são velas temáticas. — Não resisto e rio de uma com formato de golfinho azul.

— São as velas dos seus aniversários, as minhas guardei em outro armário, está reclamando do que? — Ergue a sobrancelha.

Ela puxa uma caixa de fósforos do mesmo armário e acende uma vela de quatro pinos, na cabeça, duas nadadeiras e... sei lá como chama a boca do golfinho. E caramba, até que iluminou mesmo, parece o Lumière de *A Bela e a Fera*. Sarah segura o castiçal marinho e leva até a sala, acompanho até que ilumina o suficiente para encontrar Mia furando as mãos do Cortez com as unhas assustadas.

— É uma vela de golfinho? — Mia murmura baixinho quando me aproximo e a abraço com força.

— É sim, Princesa, desculpe não estar aqui quando aconteceu — peço.

— Não tem problema, Ted me ajudou.

*Ele é um bom homem.*

— Essa não é da festa de vinte e sete anos do Trevor? — Rose aperta os olhos reconhecendo.

— Pois é, era essa ou o carro de fórmula um Azul Royal. — A loira ri.

*Foram festas esplêndidas.*

— Onde está a Morgan? — questiono, acariciando o cabelo da minha namorada.

— Então… — Cortez olha de um lado para o outro e não a vê. — Ela estava aqui agora pouco.

— MORGAN, ONDE QUER QUE ESTEJA, ERA UM JANTAR DE FAMÍLIA! — grito raivoso pela sua ausência.

— EU VOU COMER, SÓ NÃO BACALHAU! — ela berra, mas escuto pouco pela distância.

— Filha da mãe — falo baixinho.

— Qual é a surpresa, Trevor? Você fazia o mesmo nas palestras — os lábios vermelhos ironizam.

— Sarah, eu fiz uma vez e eu voltei para ver a palestra da Hills — rebato.

— Porque senão ela teria te demitido.

— Talvez.

— Hills? Gostei do apelido — Mia sussurra contra o meu peito.

— Ela nos dava uns mil apelidos, então criamos um para ela.

— A casa tem gerador, não sei porque não voltou ainda, mas também a noite não tem como virem consertar...

— Podemos pegar outras velas e comer aqui, não precisa ser na sala de jantar — Mia sugere e sorrio pela tentativa de auxílio mesmo sabendo que Sarah não vai gostar disso.

— Ah, eu planejei uma entrada e os guardanapos estavam tão...

— Sarah — chamo e ela interrompe a fala murchando a animação. — Vamos ficar aqui.

— Como quiser, Sr. White... enfim. — Revira os olhos com um sorriso e volta à cozinha.

— É a segunda vez que ouço essa frase, o que tem ela? — Mia questiona e prendo a respiração.

— A frase é um comand...

— Rose — limito com o maxilar cerrado.

— A frase é um jeito de assentir algo só isso, bem tranquilinho, existem várias frases no mundo, não é mesmo? — *Se enrolou inteira, Ruiva.*

Tomo uma atitude para esquecer o assunto de vez e puxo Mia para o sofá, ela senta com um pulinho e se enrosca no meu braço.

*Não quer se soltar caso haja outro trovão.*

— Rose, me disseram que está um pouco avoada — acuso e seus olhos verdes me encaram como eu tivesse acabado de lhe dar um tiro.

— Claro que disseram, eu estou bem, Branco. Apenas distraída.

— Eu acredito em você, eu só estou preoc...

— Estou saindo ou tentando sair com uma pessoa, só isso. — Ela se entregou? Caramba, isso não é do seu feitio.

— Isso é muito bom, Ruiva. Pessoas… bom, se não for quem eu penso que seja, estou muito feliz.

*Não posso ter mais uma mulher da minha vida sendo vítima de atração pelo policial.*

— Voltei. — Sarah traz uma bandeja enorme com vários potes de vidro cristalino cheios de bacalhau.

Ela arruma com maestria no centro da mesa junto a outras velas vermelhas e toma a poltrona vinho ao lado de Rose.

# MIA ROSS

Sinceramente, achei que não teríamos assunto, mas fluiu de forma simples depois que sugeri a ideia de comer na sala. Embora saiba muito bem que pela feição de Sarah, ela não gostou da ideia, porém nunca deixaria de fazer a vontade do Trevor.

*Não sei se isso é bom ou ruim.*

Agora…

**Ela tem vibradores na cozinha?**

Eu não posso ou também não quero nem imaginar o que eles fizeram com isso na cozinha... confesso que me chateei por um momento, não é fácil ver tudo isso, essa relação o tempo todo. Pelo menos me consola que Trevor tenha agido com raiva, porque significa que se importa com o que eu sinto.

Estou há uns quinze minutos procurando o banheiro e a cada segundo me arrependo de não ter me informado melhor com a Sarah. Encontro um corredor enorme bem decorado no veludo vermelho e abro a porta na esperança de encontrar logo, não quero ficar muito longe do Trevor com esses trovões por aí. E falando em tempestade, é outro motivo por eu não

estar tão animada assim, Sarah planejou bem esse jantar pelo visto e foi arruinado.

A porta range um pouco para abrir o cômodo escuro, ergo meu braço para iluminar e para a minha infelicidade não é um banheiro, na verdade nem um quarto, sala ou dispensa. Não aparenta ser nada do que eu poderia ter conhecido, é apenas um longo corredor com um quilométrico tapete vermelho e nas paredes…

*Ah, meu Deus, as paredes.*

O corredor é repleto de fotos em molduras gigantescas de extremo requinte, acompanhadas de pilares como colunas de mármore abaixo do retrato contendo um item dentro de uma caixa de vidro.

*Isso… isso parece até coisa de castelo com pinturas de reis antigos de cada geração.*

Minha curiosidade fala mais alto e aproximo o golfinho de uma das fotos. Sarah está bem mais nova, belíssima em um vestido pomposo e Trevor está lhe acompanhando com um smoking de gravata borboleta bem chique. Seu rosto é mais angelical como se fosse de um adolescente mesmo, mas ser jovem não o limita de levantá-la ao alto e deixar um sorriso exultante em seus lábios.

— Acho que aqui não é o banheiro — a voz vermelha me faz gelar.

Me assusto arrepiando o corpo inteiro e tenho certeza de que minha alma saiu para fora e entrou para dentro em uma fração de segundo absurda. Quase derrubo o golfinho no chão ao ouvir a voz de Sarah na porta do corredor e ergo mais para iluminá-la.

— Eu não achei, desculpe, eu não devia...

— Tudo bem, sem problemas, são apenas fotos. — Seu tom sai mais doce, como se realmente não se importasse e sentisse orgulho do local.

— O que são? Tradições ou datas especiais?

*Mia, que intimidade é essa? Pergunte ao Trevor!*

— Sim. As da esquerda são das dez festas de comemoração da empresa, as da direita festas minhas temáticas, eventos esportivos ou de investidores e campeonatos — explica tomando a vela de minha mão mostrando e guiando meu olhar. — As caixas abaixo das molduras são itens

que algum de nós estava usando como recordação mesmo. — Aponta e me encara com um meio sorriso, mas quando não demonstro a mesma feição sua sobrancelha se ergue. — Eu sei, parece um altar, não é? Eu também fiquei assim da primeira vez que entrei aqui, mas a Hillary demonstrava amor dessa forma. Não gostava muito de falar, guardava para ela.

— E depois que ela…

— Depois que ela se foi eu e Trevor continuamos e fizemos as caixas de vidro que de início não faziam parte do corredor.

— O cheiro é forte — reparo.

— É *whisky*, o cheiro dela — ressalta e eu caminho aos poucos explorando as grandes molduras. Há fotos sérias, engraçadas e até mesmo sensuais. Entendo a fascinação por essa espécie de altar, não é assustador, é reconfortante. — Você fica mais quieta assim mesmo ou está com muito medo? — Seus olhos mostram preocupação.

— Ah, é meu jeito de absorver. Não estou com medo, na verdade achei muito lindo, é que…

— O quê?

— Quando eu acho que sei muito, acabo me surpreendendo ainda mais — confesso.

— Ah. — Sarah morde um dos lábios vermelhos. — Se Trevor surtou com um vibrador realmente não deve te contar muita coisa para não te magoar.

— Eu estou tentando conversar com ele sobre isso e tudo que eu puder, sendo bem sincera.

— Não force, Miranda. Se forçar ele a te contar, aí mesmo que ele vai se fechar — aconselha.

— Queria saber dessas coisas.

— São dez anos, Mia. Daqui outros dez anos você também vai saber dessas coisas, tempo é algo precioso quando bem gasto.

Enquanto ela fala, a vela em sua mão ilumina outra foto que me esforço para ver. Hillary está segurando os dois pelas bochechas com uma risada diabólica. Uma mulher com ar poderoso e lindíssima.

— Essa foi a primeira festa que dei. A Hills me apoiou e pagou todas as despesas, comecei com apresentações de dança para conquistar o bolso dos investidores.

— Pelo visto funcionou. — Sorrio.

— Sim, embora Trevor tivesse um charme natural maior que o meu para dinheiro ou as donas jurássicas amavam demais ver um pequeno empresário... gosto de pensar mais que foi a segunda opção.

— Ele era bom com investidores e clientes?

— Demais, o carisma é algo dele, eu sofria muito para alcançá-lo, se bem que depois Tom me ajudou com isso.

— Você ama ele? — cuspo a frase e me arrependo logo em seguida.

*Miranda, você tem que aprender a calar a boca!*

— Thomas? Com certeza amei, mas não é uma história fácil e nem que valha seu tempo — corta e caminha no saltos vermelho para fora do altar.

— Trevor me contou da briga — digo e ela vira apenas a cabeça para trás como se eu tivesse quebrado sua porcelana favorita.

— Eu fiquei nervosa naquele dia, mas a questão não era muito essa.

— Ele parece te amar muito, conversamos pouquíssimo no elevador e já deu um jeito de citar que ama seu cheiro. — Sorrio e conto esperando que se anime.

— Ele não tem problemas de elogios, sim de presença e você nunca vai entender o que isso significa — afunila e eu me silencio. — Trevor é o homem mais presente do universo.

— Trevor não é igual ao Thomas.

— Acha que o meu subconsciente não me lembra disso todos os dias? — a pergunta de ataque vem acompanhada de um olhar azul penetrante que poderia até mesmo sugar minha alma. Mas ela balança a cabeça para os lados e respira fundo. — Desculpe, a culpa disso nunca foi sua.

— Isso não significa que eu não possa querer ajudar a resolver — afirmo e consigo tirar um pequeno e quase imperceptível sorriso de seu rosto.

*Ela gostou do que eu disse.*

— Ei, Mia! Achei uns potes de sorvete e a Morgan resolveu dar as caras, ah… desculpe, estou atrapalhando? — Ted se envergonha com potes gelados nas mãos.

— Não, já estávamos de saída, certo? — olhos azuis intensos me perguntam.

— Sim, estávamos — cedo.

Me junto ao meu amigo voltando para a sala, mas viro minha cabeça um pouco entre os passos vendo-a fechar as portas enormes do corredor e olhar fixamente para a maçaneta.

*É uma história e tanto que gostaria de saber pelo menos a metade.*

— Princesa, achou o banheiro? — Trevor segura uma de minhas mãos e pergunta.

— É... perdi a vontade, o que é isso? — questiono ao ver um jogo espalhado na mesa.

— Pois é, Morgan trouxe essa coisa lá de cima, o mínimo, depois de ter perdido o jantar inteiro. — Ele bufa revirando os olhos.

— Parece até minha mãe! — Ela revira os olhos de volta para ele provocando com as mechas todas bagunçadas. E nós sabemos porque seu cabelo está assim, não é, Srta. Johnson?

*Morgan gosta de funcionárias domésticas.*

— Todos sentados, vamos, vamos, vamos! — Mor levanta e pega as cartas do jogo.

Sarah chega retirando o avental e senta perto de Rose, Trevor me puxa para o sofá e Ted ajuda a mulher cintilante com as cartas.

— Esse é o jogo… — Ela tenta ler o nome no manual. — Tá, não dá para ler o nome do jogo, mas é algo com mímica e já que estamos no escuro achei legal.

— Você escolheu um jogo de mímica no escuro? Ótimo pensamento.

*Mas Trevor gosta de provocá-la, hein.*

— Tem uma ideia melhor, Tigrão? Vai jogar pôquer no escuro? — ironiza com os braços na cintura.

— Mímica então — cede.

— Eu vou com o Teodoro, Rose com a Sarah e Trevor com a Mia. E, óbvio, que eu começo.

— Sou péssima com mímicas — sussurro no ouvido de Trevor.

— Discordo, Srta. Ross, eu sempre entendi bem todos os seus gestos. Principalmente aqueles em que você sobe e desce várias vezes no meu colo — murmura no meu ouvido me fazendo arrepiar inteira.

— Ted, pegue uma carta e por favor faça bem. — Ele assente, procura uma no monte, lê e ri.

— Mor, isso é impossível.

— A ampulheta, Teodoro.

— Tá bom, tá bom. — Ele dá passos gigantescos pela sala e finge colocar algo no chão.

— O que é isso?

— A ideia do jogo é adivinhação.

— Trevor! — gritamos todos.

— Desculpe. — Ele ergue os braços em defesa. — Continue.

Ele finge colocar algo na cabeça, algo redondo, dá passos e mais passos largos no chão como se tivesse dificuldade de andar normalmente.

— Explorador? Não... é... aqueles caras... mergulhadores?

— Nossa. — Meu namorado bufa e eu me aproximo do seu rosto.

— Quer parar de ser chato? — sussurro.

— O que eu ganho com isso? — questiona com sorriso de canto desafiador passando o braço ao redor do meu corpo.

— Se acertar minha mímica, terá direito a algo inusitado aí na sua mente.

— Qualquer coisa? — confirma com os olhos brilhantes.

— Uhum.

— Fechado.

— Droga, Ted, eu quero dica. — Ela está levando o jogo tão a sério que bebe um pouco da taça de vinho como se tomasse um suplemento de força.

— É uma profissão, Mor. — Ele volta a fazer os passos no chão e aponta para o Trevor.

— Eu estou no jogo!

— Trevor, o que tem ele? É um imbecil. — O sorriso da animação do meu Ursinho se fecha e ele revira os olhos. — Português, é isso? — Ted assente e coloca de novo algo no chão. — Bandeira? Bandeira de um país? Explorador não é... ASTRONAUTA! — Ela pula com a resposta.

— Realmente essa foi tãoooo difícil. — Com essa desisto de fazer meu chefe se comportar.

— Quero ver você acertar — provoca, me entregando o monte.

Seguro as cartas e escolho uma, viro e vejo a dica junto ao nome.

**Categoria:** Comida.

TOBLERONE

Cacete, como vou fazer uma mímica disso? O chocolate de triângulo?

*Pirâmides, pense nisso.*

— Tá, é… — assinto já rindo de mim mesma antes de começar e faço uma dancinha egípcia.

— Dança? Passos? Bailarina? — Trevor começa com a série de perguntas.

Continuo a enfatizar os braços, pois é a única coisa que sei do Egito.

— Dança do Egito? — Sorrio e ele me copia entendendo que estamos na mesma sintonia. Faço uma pirâmide com as mãos. — Pirâmide egípcia? Gráfico de pirâmide? — Faço de novo o triângulo e ele ri com minhas tentativas. — Triângulo? — Assinto e faço uma mímica de comida apontando para ele. — Comer? Eu? O que eu gosto de comer? — Balanço a cabeça.

*Isso, isso, isso, está chegando lá.*

— Você! — reviro os olhos, Rose solta uma longa risada e Sarah lhe acompanha com um pequeno riso. — Doce… Nutella? Triângulo de avelã? — Faço um sinal de mais ou menos. — Triângulo de chocolate, ah, caramba, é toblerone.

— ACABOU O TEMPO! — Morgan grita saltando do sofazinho com a ampulheta na mão.

— Eu acertei, Morgan, no tempo. — Ele empina o nariz vitorioso.

— Foi puríssima sorte. Sarah é sua vez. — O vestido cintilante cambaleia já nocauteado pelo vinho e entrega o monte.

A Loira Vermelha levanta e retira uma das cartas analisando com atenção chegando a bufar quando descobre o que terá que imitar. Não perde tempo e balança os braços para cima e para baixo.

— Nossa — Rose coça a nuca em desespero. — Asas? Pássaro? — ela sorri e a Ruiva se anima. As unhas vermelhas apontam para a vela de golfinho e seus braços continuam batendo — Pássaro golfinho?

— Isso mesmo, Rose, pássaro golfinho. — Trevor lança a provocação e lhe dou um tapa que o faz até me encarar surpreso.

— Eu nunca joguei o jogo. — Sarah se estressa e dá pulinhos de raiva sem poder gritar apenas entreabrindo os lábios. Chego até a rir da situação toda, ela aponta de novo para a vela e balança os braços. — Pássaro de fogo? Sei lá, aquela música da Paula Fernandes.

— É uma fênix — a voz cinza robusta exala todo o ambiente.

Nós todos nos calamos de imediato e tenho certeza que nossos olhares são reflexos por estarem todos chocados e silenciados.

Trevor lança um contato visual com os olhos azuis de Sarah, mas ela não se vira, nem mesmo o encara, completamente paralisada como se o seu silêncio pudesse fazer toda a situação sumir.

Aos poucos vejo que Rose puxa Morgan e Ted para fora da sala com pequenos passos bem discretos, mas Trevor permanece preocupado com ela. Ele se levanta e aproxima do seu corpo abaixando seus braços erguidos como asas.

— Você quer vê-lo? — ele murmura e só consigo ouvir pela falta total de sons na sala.

Ela não o responde, apenas ergue o queixo e o olhar penetrante, o admirando por completo. Algo que eu não tenho a mínima ideia do que significa, apenas sei que já não deveria estar aqui.

— Mia, acho que podemos terminar o jogo depois — ele sugere e acaricia de leve as costas das mãos albinas dela.

— Eu também acho, já estava cansada mesmo — digo e o acompanho para fora da sala.

*Por favor, Sarah, não o rejeite mais uma vez.*

# SARAH SCOTT

*Quais são as posições do Ballet?*

**Primeira posição:** Meu ex...

Ah, quem eu quero enganar? Estou ainda paralisada, sem mexer um músculo e nem vou comentar sobre as águas que me dominaram assim que a voz dele penetrou meus ouvidos. E é claro que poderia estar penetrando outra coisa.

***"É uma fênix"***

Consegue fazer uma voz mais atrativa?

Não, não existe voz mais atrativa do que essa.

O meu dia começou tão bem, tão comum, tão normal. Os preparativos para o belo jantar estavam a todo vapor e é óbvio que eu me esforcei um pouco mais para agradar a Garota de Mel. Confesso que talvez isso tenha me distraído para não ter pensado nessa manobra estúpida do Foster.

*Ele queria me pegar de surpresa.*

Sempre amou me ver em estado de desespero e não é isso que todo dominador mais venera? A sensação pura de controle.

Odeio. Eu odeio esse sentimento de insuficiência, não é a minha mente, pois essa é muito forte e bem treinada. O problema sempre foi o meu corpo que cede aos seus estímulos muito mais rápido do que eu gostaria.

É incrível como consegui negar o Trevor diversas vezes quando o conheci, mas com Thomas durou menos de uma semana para o primeiro beijo.

Sarah. Alice. Scott.

*Por que está pensando em beijo agora?*

Você não vai dar o que ele deseja, problema é dele se resolveu aparecer assim quase na madrugada e não em horário de gente comum. Vai fazer uma boa viagem de volta para Porto em alguns minutos.

O meu tempo de pensamento solitária some, esvai, evapora quando ele se aproxima com passos firmes até perto da mesinha de centro, até perto dos sofás, até perto do *meu corpo*. Eu poderia virar e lhe dar um tapa fortíssimo contra o seu rosto. *Você não entende, Thomas?* Eu não preciso que você venha até mim quando estiver livre e sim quando estiver ocupado, como eu sempre fiz por você. *Sempre?* Foi apenas um relacionamento fracassado de um ano.

Tomy trilha os dedos pelo meu pescoço e tira o elástico do meu rabo de cavalo com um movimento certeiro que me faz arrepiar o corpo inteiro. Todas as minhas partes com certeza se moveram em algum momento dessa retirada. Balanço as mechas para trás jogando em seu rosto meu cheiro cítrico, mas permaneço fixa no local em que meus saltos cravaram.

— Por que não se vira para mim? — A voz grossa ressoa perto dos meus ouvidos.

— Não tenho ideia do porquê achou que eu te receberia a essa hora.

— Atravessei meio mundo para te ver, não tinha que estar no mínimo um pouco lisonjeada? — questiona convencido e invade meu ombro esquerdo com a sua barba rala que roça na minha pele.

— Meio mundo, Foster? Foi uma hora de jatinho. — Reviro os olhos.

— Prefiro Tomy. E você não se satisfaz com nada? É muito mimada mesmo — acusa e entreabro meus lábios surpresa.

— Você veio aqui por vontade própria.

— Mandou Trevor viajar até Porto só para falar comigo e venho aqui para ser expulso? — se ele não fosse abençoado com uma voz bem grossa, essa frase pareceria um choramingo de criança.

— Eu não disse que gostaria da sua presença hoje.

— Sarah, eu não vou embora — afirma convicto, como se tivesse poder para algo, enche as mãos com o meu cabelo loiro e puxa com força para trás.

— Thomas, você vem, expulsa meus convidados e arruína o meu jantar. Por que em sã consciência eu deixaria você ficar? — o ataco com a questão e viro meu corpo arrancando suas mãos das mechas do meu cabelo.

— Que jantar? Sem luz? Já estava arruinado bem antes de eu chegar, embora… sua dança de fênix no escuro tenha dado efeitos no meu corpo.

*Como ele tem essa ousadia?*

— Controle os efeitos no seu corpo — limito.

— Por que recusou minhas chamadas? — rebate o ataque com outra pergunta e quando acho que me livrei da sua prisão, ele crava a mão no meu cabelo loiro e puxa minha cabeça para o encontro da sua. Tão perto que posso respirar o ar que expira no meu rosto.

*Singelo, com certeza não, é ofegante, excitante, quente.*

— Não é da sua conta. — Abro os lábios e ele me aproxima mais deixando-me a sua mercê e quase celada com a sua boca.

*Maldita força atrativa.*

Por que eu deixo ele fazer isso comigo? Poderia virar o tapa que tanto gostaria, xingá-lo e fazê-lo lembrar de tudo que perdeu com palavras más. Poderia fazer muito mais do que isso, mas meu corpo continua paralisado, minto, meu corpo reage sim. Na verdade implora e apenas pensa:

*Me puxe mais, me force mais, me prenda mais.*

— A partir do momento em que você tirou aquela calcinha quando eu mandei no tribunal, passou a ser da minha conta — afunila.

— Não sabe o que é uma transa casual? — provoco, puxando a gravata cinza para perto do meu busto.

— Se fosse casual seu diretor criativo não teria ido até a minha cidade — rebate e perde o olhar em meus seios por alguns instantes. Percebo.

— Talvez eu queira só isso de você, algo casual. — Lhe invado com meu olhar mais atrativo possível.

— Eu não quero isso — balbucia rouco.

*Baixou a guarda, Chefe de Baunilha?*

— Eu não te perguntei — respondo aguçada.

— Não quer isso, mas também não age como se quisesse apenas isso.

— Se criou expectativas o problema seu. — Quase selo os lábios aos seus provocando o ato que eu desejo.

— Eu transferi minha reserva fixa do Velez Cacau Hotel para um quarto aqui em Lisboa, por causa de uma conferência. Saiba que a minha vinda é completamente casual. — Assim que ele termina de esbanjar as palavras sobre meu rosto, meus lábios que até então estavam prestes a dar um sorriso por vê-lo, desanimam por completo.

— Então veio por isso? — acuso e bato contra o seu peito o afastando de mim.

*Ele não veio por mim?*

— Quer ser casual, não quer?

*Cretino.*

— EXATO, EU FAÇO O QUE BEM ENTENDER. AGORA SAIA DA MINHA CASA! — grito com a voz mais sombria e alta que consigo e aponto para fora da sala.

— Sabe que esses seus gritinhos não me incentivam a sair de maneira alguma. Eu poderia ter vindo na sexta, mas quis vir no seu maldito jantar, feliz?

— Você não me faz feliz — assevero.

— Disso eu duvido — testifica e puxa minha cintura para si causando um impacto na junção de nossos corpos.

Eu quero largar, quero lhe dar mais um empurrão e dessa vez jogá-lo nessa mesa de vidro e perfurar cada bolha de sangue que existe em seu organismo. Ele me magoa e ainda me obriga a senti-lo mais perto.

— Eu quero que vá embora. — Junto minha lasca sanidade para afirmar.

*Ele veio pela conferência, não por mim.*

— Quer que eu vá, eu vou, mas não saio daqui sem um beijo — comunica, como se tivesse uma gota de poder sobre mim.

*Como ele pode ser tão atrevido?*

— Então continue onde está, porque isso não vai acontecer — declaro e puxo ainda mais sua gravata para se aproximar bem do meu rosto.

— Eu quero que venha me visitar no hotel.

*Senhor, quem ele pensa que é?*

— E se eu, hum, não quiser?

— Se não aparecer até domingo, eu venho até aqui como o cachorrinho que quer que eu seja, mas não vou nem ouvir uma resposta sua. Vou te arrastar por esse cabelo loiro, arrancar qualquer peça decotada vermelha que amassar seus peitos e fazer o que eu quiser com você, sendo sua recusa ou não. — afunila e quase consegue fisgar o meu lábio pelos arrepios que sua ameaça causou.

— Isso é crime — murmuro e ele ri sarcástico.

— Eu tenho uma ótima advogada. — Reviro os olhos com a referência ao tribunal.

— Vou te mostrar a porta. — Empurro seu corpo para trás e caminho até a saída da minha casa sobre os saltos vermelhos que ecoam sons pelo mármore branco.

Abro a porta e estendo meu braço para fora.

Thomas abomina a ideia de me obedecer e lança seus passos até se aproximar pertíssimo do meu rosto mesmo que não me toque. Não há contato, mas ele quase cola sua pele na minha me obrigando a sentir o cheiro de baunilha excitante. Ele me torna uma *escrava* do seus desejos louca para ouvir sua voz.

— Eu vim por você — admite com o olhar cinza que me invade. — Poderia ter enviado qualquer funcionário para essa maldita conferência,

sabe disso. Mas não vou deixar que faça esse jogo comigo, porque eu também sei jogar e sei te magoar — assevera no meu rosto.

— Tchau, Thomas.

Contra todas as minhas expectativas ele caminha para fora da casa e me aproximo para trancar... *Sarah, tranque a porta.* Ele saiu, você tem que trancar nesse momento, agora, imediato, por que não tranca? Meu corpo é viciado em baunilha não é possível. Ele se vira. Não, não, não. O cabelo loiro escuro se vira. O meu ex-namorado se vira. Eu quis mesmo que fosse ex ou fui obrigada a abandoná-lo? Ele percebe, repara, encara a falta do meu atracamento e me lança um olhar predatório.

*Sim, ah, caralho… era isso que eu queria.*

Ele lança os pés como chumbo no chão em passos firmes e convictos entrando de volta na casa. Empurra a porta com força fazendo um barulho alto energizar meu corpo. Não sei ao certo se isso está realmente acontecendo ou se ainda estou sonhando com nossos momentos antigos.

Thomas crava os dedos no meu cabelo e puxa, obriga, lança minha boca para encontrar a sua nos encaixando com uma facilidade absurda. *Sim, isso é real.* Me prende junto ao seu corpo, eu pulo, enrosco minhas pernas em torno do seu quadril e ele sorri mais vitorioso do que nunca. Tenho vontade de dar um tapa nesse rosto tão ridículo e lindo ao mesmo tempo. Aperta o meu queixo com domínio extremo limitando a minha língua de contrastar com a sua e calca meus lábios com força bruta me obrigando a sentir o vermelho escorrer na pele e não é o meu batom.

Eu sei que é agressivo, afrontoso e depreciativo e eu ainda sim senti falta demais disso.

Lanço meu olhar azul para os seus olhos acinzentados frios quando molho meus dedos com sangue. Ele sorri. Você se excita com isso assim como eu, como pode? *Como você pôde sumir por tanto tempo?* Thomas acaba com meus pensamentos, me prende na sua boca mais uma vez e me controla pelo pescoço que arranha. Por um momento, mesmo que rápido, consigo apreciar a dança que a sua língua me faz querer dançar de pura excitação.

Ele larga o meu corpo e rosto sem qualquer aviso e ergue os dedos à altura dos meus olhos para que eu veja o sangue vermelho em sua mão.

Estou ofegante, minha respiração não para, meu rímel escorreu e ainda continuo admirando os seus olhos tão intensos que me dopam da cor cinza.

— É isso que eu quero, Sarah. Ter você a minha mercê novamente e não se engane, eu vou ter isso — declara.

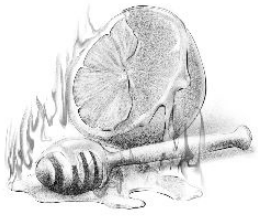
— Boa sorte, Tomy — sussurro, esbanjando um sorriso provocativo e ele se despede com um beijo na minha bochecha albina.

Eu não me divertia assim desde o ano passado com Trevor.

Escapo um sorriso dos lábios.

*Eu te odeio, Tomy.*

9



# Neblina Refém

*E se eu não conseguir*
*Te tirar dos meus pensamentos?*
*E se minhas estações não mudarem?*
*E se você for bem-me-quer*
*E depois mal-me-quer*
*E nós desaparecermos?*
***Flower – Johnny Stimson***

## MIA ROSS

Umidificador. Chamado também de nebulizador é basicamente um aparelho eletrônico que transforma água líquida em vapor e o libera no ambiente. Esses aparelhos são como pessoas das trevas, aquelas que você conversa e seu dia triplica a porcentagem de pessimismo. Transmitem uma energia ruim. Deixa todos com uma falsa neblina, mas eu fui capaz de transformar o pessimismo umidificador Avelã em vapor de Mel.

**Quinta**

*Pessoas têm folgas?*

Eu poderia ter. Sou uma ótima funcionária, nessa linha de pensamento, eu mereço ter alguns dias com a minha presença para fazer o que bem entender. Pois é. Estou de frente para a enorme porta branca com detalhes de mármore. Batendo a ponta de minhas botinhas no chão admirando o

andar repleto de vermelho com cheiro cítrico... até parece que saíram *Tortas de Morango* do forno.

*Vamos, Mia. Qual é a dificuldade? Ontem mesmo estava na casa dela!*

Inclusive, tenho que contar ao Trevor que vi o Tom sair com o carro cinza da empresa hoje. Minha curiosidade bate mais forte que meu próprio coração para saber mais sobre esses dois, parece até novela mexicana.

Abro um pouquinho a porta, fina, a entrada é finíssima apenas para caber minha cabeça. Observo-a concentrada nos documentos com os óculos de leitura vermelhos de lentes retangulares. Nem percebe minha presença... também, não estou dentro da sala.

*Será que um dia ela já foi como eu?*

Abra logo a porta de uma vez!

Caminho para dentro da sala com passos firmes e me aproximo de sua mesa. Sarah abaixa o óculos até ficar pertinho da ponta do seu nariz albino e me lança os olhos azuis enormes e hipnotizantes.

*Agora é a hora que você diz algo, Mia.*

— Bom dia, Srta. Scott. — Sorrio e espero alguns segundos para que responda, mas não há resposta o que me deixa ainda mais nervosa. — Sabe, eu sou uma boa funcionária e… — Sério? E se ela me achar uma fracassada? — E não tive férias trabalhando no campeonato que foi imposto, que se a senhorita se recorda, eu venci — me gabo um pouco e ela inclina a cabeça. *A loira está me ouvindo!* — Então... eu acho... eu acredito, na verdade, que seria plausível...

— Miranda, você quer uma folga? — os lábios vermelhos afrontam diretos.

— Sim! Eu quero, na verdade, gostaria muito se possível. — *Caramba, Mia, respire.* — É meu aniversário.

— Eu sei. Fique até segunda, Trevor não vai querer te soltar na manhã seguinte.

— Ah. — Sorrio com o comentário. — Obrigada! — exclamo mais feliz do que nunca.

— Mas deixe que ele me peça a folga, já desafia minha autoridade demais. — Ela franze o cenho com a ordem mais ordenada do que apresentação de *ballet*.

— Uhum... quer dizer, com certeza, Srta. Scott.

Sarah quase solta um sorrisinho ao ver meu nervosismo, mas desiste e volta a se concentrar nos documentos.

*Foi até que fácil!*

Eu fui a mulher forte, destemida e determinada que Trevor diz que sou e pedi três dias de folga para a minha chefe. Isso mesmo. Sarah Scott me deu três dias de folga pelo meu aniversário. Considerando o fato de que a única pessoa que desafia a autoridade dela é o diretor criativo... *eu estou bem, não é?*

Minha cabeça ainda está assimilando, juro que não pensei que ela fosse mesmo me conceder esse benefício. Vá para casa, Mia pense na decoração... ah, o bolo, eu amo bolo! Apenas preciso contar ao Trevor antes de sair, fica preocupado quando eu saio sem avisar. Como quando me atrasei vinte minutos e ele queria chamar a polícia.

*Ele tem muito trauma de perda.*

Escuto Chopin por alguns segundos e estou de volta ao meu andar de origem. A porta que eu mais gosto de bater e entrar me recebe sem que eu precise me esconder em frestas. Eu caminho com todos os passos até a mesa do meu chefe, mesmo que ele ainda não tenha concentrado os olhos em mim.

Trevor está, como sempre, de camisa branca.  O tecido que quase não aguenta a força do seu braço robusto quando se contrai, ele está fixo com os óculos de leitura de lentes quadradas, observando, seus olhos vão de um lado para o outro... *atraente demais, Sr. White.*

*Eles são muito parecidos.*

*Sarah Scott, Trevor White e seus mistérios.*

*Sem surpresas, pois tiveram a mesma criação.*

— Miranda, vai se expressar ou me deixar mais ansioso para descobrir o que te trouxe até mim? — alega ao me encarar retirando o óculos.

**Eu amo quando ele tenta ser profissional.**

*Mia, entre no personagem de funcionária!*

— Sr. White… — Me inclino um pouco sobre sua mesa. — Eu gostaria de lhe informar sobre meu paradeiro futuro. — Molho meus lábios.

— Se for sair do recinto por alguma razão, sugiro que avise seu namorado para que ele não ache que foi sequestrada — sugere em tom de ordem e meus lábios tremem para rir.

Tente se conter, personagem, é só um personagem... não consigo, caio na risada, não aguento essa encenação.

— Se fosse atriz com certeza não ia conseguir se bancar. — Ele ri negando com a cabeça. — Bom dia, Princesa — murmura com o sotaque de Portugal que eu sou completamente apaixonada.

— Bom dia, Português — digo e o vejo afastar os documentos de sua vista, mas sem deixar de tocá-los. Quer me dar atenção mesmo com muito trabalho.

*Mia, seja rápida.*

— Eu sei que trabalha bastante de manhã, eu só queri...

— Eu sempre vou ter tempo para você — declara e estende a mão. Eu sei que sempre vai ter, mas nem por isso eu deveria abusar. Apenas é… é impossível não agradá-lo, sua mão está brilhando para mim como um troféu que eu deveria vencer. Sorrio, dou a volta na mesa, toco sua palma e ele me puxa para o seu colo.

Brinco com a gola da sua camisa e vou subindo até chegar na sua barba por fazer que me espeta de forma sutil. Admiro cada detalhe do seu rosto percebendo que ele faz o mesmo ao mexer no meu cabelo. Acho tão necessário esse contato diário, minha família nunca foi das mais carinhosas com toque, talvez se fossem, seriam mais unidos. Me entrego a ele em forma de três selinhos e seus olhos brilham quando termino.

— Trevor, eu pedi alguns dias de folga para a Sarah e ela aceitou, porque domingo é...

— Seu aniversário que você vai passar feliz com seu namorado — diz completamente exibido.

*Olha como é convencido!*

— Meu aniversário que eu vou *decidir* com quem passar feliz — corrijo e ele revira os olhos. — Mas eu gostaria da sua companhia. — Dou de ombros.

— Sua folga começa hoje? — questiona verificando o horário.

— Sarah me deu até segunda, terça já tenho que estar aqui recuperando tudo — informo, tocando a ponta do seu nariz.

— Se me der duas horas podemos sair, eu te levo para comprar o iPad, depois vamos para casa, pode ser?

*Eu ainda me incomodo com o fato dele me dar algo tão caro, mas tudo bem.*

— Eu ia procurar algumas ideias de festa, Ted ia gostar de me ajudar com iss…

Antes que eu possa terminar a frase, Trevor crava as mãos no meu cabelo e me puxa para tão perto do seu rosto que consigo sentir a temperatura da sua pele. Me invade com os olhos castanhos de autoridade e envolve o meu pescoço.

— Você vai comigo para casa — afunila.

— Uhum. — **O que eu acabei de dizer?** — Sequestrador.

— O quê? — Ele solta um riso nasalado e desfaz a pose de macho alfa.

*Nossa, ele é um ótimo ator.*

— Eu estou em outro relacionamento abusivo, com um sequestrador ainda, estou perdida! — Dramatizo, fingindo chorar fungando o nariz.

— Aaah, mas eu sou tão abusivo! Realmente está certa, eu não deixo você fazer o que quer, não te deixei quase me colocar na cadeia, nunca te satisfaço e nunca pedi compromisso com dançarinas no térreo de uma empresa... ah, eu também nunca fiquei quatro meses **sem transar** por você. Realmente, é um relacionamento abusivo.

Nossa.

Ele tinha essa resposta na ponta da língua?

— Uhum, eu sou refém — brinco e ele ri sozinho com algum pensamento. — Do que está rindo?

— Reféns são amarradas. — Solta e ergue uma das sobrancelhas com um sorriso de canto.

— Quer saber? Vou te esperar lá fora, sequestrador — limito por sua promiscuidade.

— Não, não, espere. — Segura meu corpo no seu colo apertando minhas coxas como massa de pão. — Mas... já vai? — É… nunca isso seria abusivo, é capaz de eu ser por não dar atenção.

— Vou sim. — Mergulho meus dedos no seu cabelo, encho seu rosto de beijinhos e ele fecha os olhos para sentir meu toque. — Mas eu vou estar te esperando.

— Prometa que vai passar seu aniversário comigo? — sussurra pedinte.

*Com quem mais eu passaria?*

— Sim, prometo — digo e me satisfaço ao ver o sorriso gigantesco.

— Ótimo, tenho umas ideias.

— Estou ansiosa, Sr. White — afirmo e mordo seu lábio.

— No shopping tem uma loja de sorvete em que eles colocam a massa em pote de marmita, é bem legal, vendem por litro — fala com a animação de uma criança por um brinquedo novo.

— Eu gosto de sorvete — contribuo.

— Podemos comprar uma tamanho grande, enquanto você me conta no meu sofá o que gostaria de ganhar de presente — manipula.

*Humm… então por isso falou da sorveteria.*

— Trevor, eu não...

— Eu não vou te deixar terminar essa frase, eu vou te dar um presente decente. Queira você ou não... nossa.

— O quê? — questiono.

— Eu mimo muito minha refém — brinca.

— Realmente, essa refém tem que começar a limitar o sequestrador. — Cruzo os braços atuando estar emburrada.

— O sequestrador que manda, pelo menos na parte de presentes — declara, enfiando os dedos no meu cabelo. Amo quando ele faz isso… me arrepio inteirinha.

— Nisso podemos conversar, agora vou te deixar trabalhar. Caso contrário não vamos a lugar nenhum.

— Duas horas apenas, Mia.

— Eu vou almoçar com Ted, depois sou toda sua — evidencio, pois sei o quanto ama pronomes.

— Ansioso para que seja minha. — Beijo sua boca quente e sinto o leve gosto de avelã que me cativa. Deixo com dificuldade os lábios diabéticos, levanto e me aproximo da porta.



Depois de longas conversas com meu colega de quarto sobre decoração e balões laminados de gás hélio, estou sentada esperando Trevor acabar seu trabalho de diretor criativo. Parece ser um cargo muito atrativo, não cuida de responsabilidades de grande porte como o Presidente e pode comandar todas as campanhas. Claro, ele é muito bom no que faz, se a criatividade não fosse algo natural seria péssimo. Às vezes me pego pensando como seria ter esse cargo.

Meu corpo arrepia ao sentir suas mãos fortes tocarem o meu pescoço, me viro e ele traz meu rosto para si me enroscando na sua língua atrevida. Retribuo largando minha bolsa para puxar sua camisa branca e vejo pelo canto dos olhos uma funcionária boquiaberta.

*Eu amo a pouca vergonha dele.*

— Vamos comprar seu caderno dourado? — indaga, acariciando meu queixo.

Está muito feliz hoje por algum motivo, será porque disse que tinha ideias para o meu aniversário, ele está planejando algo?

— É um iPad dourado — corrijo. — Merece respeito pelo seu preço.

— Claro, claro — concorda em voz alta. — É um caderno dourado — e discorda em voz baixa.



Eu sempre gostei de shoppings, são lugares cheios de vida, cheiros mistos de roupas, comidas, perfumes e televisões enormes. Entendo porque o consumismo é um dos maiores problemas mundiais atualmente, a face que o consumo tem é muito... *atrativa*.

Pessoas que passam para lá e para cá, umas despreocupadas com picolés ou hambúrgueres nas mãos, outras apressadas apenas com café de marca para voltar ao trabalho.

Trevor segura minha mão mais firme do que as montanhas do grande norte branco. No entanto, não há gelo, embora o conforto que me passe, a segurança em si é quente. A emoção que sinto de ser muito sortuda por ele querer me proteger.

— Está aí seu paraíso. — Aponta para a loja inteirinha branca com a marca de maçã acinzentada.

Sim, é realmente meu paraíso, essa loja e tudo dessa marca. É um vício, mesmo às vezes me dando raiva pelo preço e por terem tirado o fone e o carregador das caixas.

— Eu prefiro Samsung, não consigo me adaptar sem aquela setinha de voltar. — Tira o celular do bolso e aponta.

— Ah, mas tem o *Xzinho*, não precisa de seta — argumento.

— Precisa sim, aquele *Xchinho* serve para tudo. — A forma como repete minha palavra chega a ser fofa no sotaque português.

— Sabe que isso fortalece a marca, não é? — A ideia é que sirva para tudo mesmo.

— Que seja, eu gosto da setinha. — Rio do seu rosto emburrado e uma moça nos interrompe.

— Olá, em que posso ajudá-los? — A atendente se aproxima ainda mais com um rabo de cavalo impecável.

— Pode sim — respondo, mas ela nem dirige o olhar para mim.

*Andar com Trevor tem suas pedras.*

— A *mia*, desculpe, a minha namorada gostaria de ver a linha de iPad's. — Aperta um pouco mais meus dedos e os entrelaça nos seus.

*Isso mesmo,* ***eu*** *quero ver.*

— Ah, sim, claro. — *Agora ela ouve.* — Temos as linhas de iPad Pro, Air, mini e o original. — Ela aponta cada aparelho assim que diz o nome, nos fazendo um *tour* pelos *tablets* bem luminosos.

*O iPad Pro...* Deus, é um sonho, só de sentir o cheiro da caixa disso, deve ser um efeito milenar com certeza, mas o bichinho é caro demais. No Brasil deve ser uns quinze mil... é muito dinheiro.

— Qual era o seu antigo? — Trevor me dirige a pergunta com um olhar de desafio como se quisesse vencer uma corrida.

— O meu antigo? Era o Air. — Foi caro demais também, mas tinha pouca diferença do original, então paguei em umas trezentas prestações.

— Então pode separar o Pro. — A atendente sorri animada provavelmente pela grande venda.

O QUÊ? NÃO!

— O quê? Espera… — quase grito, mas me recordo que estou em público. — Pode nos dar um segundo por favor? — A moça se afasta alguns metros e mantenho o sorriso até ver que ela se afasta o suficiente.

Desmancho a cara de simpática e lhe encaro ainda mais raivosa pelo sorriso de vitória de Trevor White.

— Não vou levar o Pro — digo baixinho.

— Tem razão, eu vou levar para você. — Ele está se divertindo com isso.

— Sabe quanto custa isso? É quase o dobro do Air sem contar aquelas tralhas todas — cochicho.

— Vou levar o Pro com todas com as tralhas todas. — Faz aspas com mãos.

— Trevor, está agindo como criança — assevero.

— Eu? Você que não quer aceitar um iPad Pro, *sabe quanto custa isso? É quase o dobro do Air, sem cont…* — ele me imita com a voz mais fina e faz meu sangue ferver.

— Eu vou ficar feliz com o Air — repito.

— Eu não levo nenhum que não seja o Pro. — Dá de ombros me desafiando ao extremo.

*Ah, mas o quê?*

— Eu te odeio. — Bufo.

— Você me ama, aceite a droga do iPad meu Deus, usa isso todo santo dia, tem que ser o melhor. — Ele sorri ao pensar em outro argumento erguendo o indicador. — Melhora seu desempenho no trabalho e eu como seu chefe quero que tenha os melhores recursos.

O argumento ainda é válido.

Droga!

— Tá bom! — Canso de discutir e ele solta um sorriso quilométrico. — Mas não vai me dar nada de aniversário, isso já é um presente para uns três anos.

— Não. — Nega balançando a cabeça.

— Trevor! — ergo meu tom sem perceber e a atendente nos encara pelo canto dos olhos. — A coisa que vai me dar custa menos que essa maravilha de iPad Pro com chip M1, o mais veloz… — Me calo e agito meu corpo percebendo que divaguei sobre meu sonho em ter um.

— Sabia, você realmente quer. — Se exibe pela certeza cruzando os braços.

— Custa menos? — repito o fitando.

— Sim. — Ele fecha o sorriso e o transfere para mim. — A parcela. — *Ah, homem!* — Calma, não fique vermelha. — Ele ri. — Estou brincando, talvez não, mas quem liga? Eu te dou o que quiser e podemos discutir essa sua militância em casa.

— Não é militância, mas eu vou esquecer isso por agora, porque eu quero muito cheirar o meu presente novo.

— E eu vou cheirar você. — Sorri e faz um gesto para chamar a atendente.

— Decidiram? — pergunta, segurando uma prancheta.

— Sim, o iPad Pro, pode ser 1TB de memória, o maior que tiver em polegada e esse tem Wi-fi com celular?

A atendente fica surpresa e Trevor se junta a ela.

*Meu Deus, eu gosto da marca, só isso.*

— Sim, temos.

— Na cor dourada. — Escolho e mordo o lábio ao lembrar de Trevor me perguntando a cor enquanto eu gemia para o andar inteiro ouvir.

— Vai querer os acessórios, caneta?

— Não precisa, eu já tenho do antigo que...

— Ela vai querer a caneta, obrigado. — Só não retruco porque minha caneta está acabada.

— Tem alguns papéis para assinar. — Ela os empurra para mim. — Quantas vezes o parcelamento?

— Faça o mais rápido possível, estamos com pressa e pode passar direto — pede e lhe entrega o cartão preto.

*Tudo no débito? Quem tem um limite de cartão tão alto?*

Meu telefone toca o som de *Done for me – Charlie Puth* e lanço o olhar para ele.

— Pode atender, eu termino aqui. — Trevor toca minhas mechas, beija minha cabeça e me animo, enquanto a atendente olha impaciente.

Vasculho o celular na bolsa e deslizo para atender.

— Mia.

— Oi, querida, como está? — Ouço a voz de meu avô e meus lábios sorriem por isso, já que faz um bom tempo que não conversamos, estava ocupada com… julgamentos, campeonatos e claro, o meu chefe.

— Oi, vovô, estou bem e o senhor?

— Bem melhor agora que atendeu, está ocupada? Sei que a essa hora deve estar trabalhando. — Ouço um tumulto pelo telefone pela casa sempre ter sido barulhenta e ele pede silêncio.

— Eu estou de folga, não tirei férias no meio do ano, mesmo aqui sendo diferente a minha chefe permitiu.

— Fico feliz. Querida, então… seu aniversário é no domingo. — Hum, isso está vindo em tom de pedido. — Preparamos uma festinha para você, já faz seis meses que está longe, sentimos sua falta.

— Vovô, eu fico grata, mas está tão repentino e a viagem dura...

— Eu sei que não é perto, mas tenho certeza que está com saudade, seus amigos todos vão, só não sei onde está o Victor. Depois que sumiu com a decepção familiar do seu pai, não soube dele.

— Vovô, ele não precisa estar aí, nós terminamos — digo mais uma vez junto as milhares que avisei sobre o término. Minhas mãos suam ao lembrar do tempo terrível que passei ao lado dele e eu me forço a respirar fundo para afastar as lembranças.

Nunca consegui contar ao meu avô sobre as coisas que Vic fazia comigo. Eu sei que ele teria feito algo, mas Robert teria me afastado dele assim que soubesse que o escolhi para contar ao invés do meu próprio pai. Não poderia correr esse risco, meus avós são tudo que eu tenho.

*Eram tudo que eu tinha, agora eu tenho Trevor.*

— Querida, está tudo bem? Você sempre gostou de viajar.

Eu não sei se Trevor concordaria, eu prometi que passaria meu aniversário com ele.

*Mas é a minha família... ele tem que entender.*

— Eu vou sim, vovô, eu não sei quando vou conseguir, mas até doming...

— Eu pago a passagem, não se preocupe com dinheiro, apenas venha — oferece.

— Não precisa, eu tenho como pagar. — Recuso abrindo meu aplicativo do banco.

Trevor acena com a sacola da Apple.

— Vovô, eu tenho que ir, nos falamos depois certinho, tá bom? Mande um beijo pra vovó — peço.

— Mando sim, eu te amo, Mia.

— Eu também te amo.

Desligo e jogo o celular dentro da bolsa assim que Trevor se aproxima com um sorriso.

— Então está aí seu iPad Pro Dourado com 1TB de memória e todas aquelas tralhas todas. — Me imita mais uma vez e por mais que eu fique irritada quando faz isso, agora estou feliz demais para brigar.

Enrosco meus braços no seu pescoço, abraço seu corpo muito forte e lhe dou um beijo na bochecha.

— Obrigada, foi muito gentil me presentear, pode ter certeza de que vou usar muito mesmo. — Trevor passeia com as mãos pelas minhas costas e retribui meu aperto.

— Foi uma pura satisfação, Miranda — sussurra e beija minha testa.

— Fortaleza White? — brinco.

— Nossa fortaleza — ele corrige e segura minha mão enquanto caminhamos até a *marmitaria* de sorvete.



Me aconchego no sofá da casa dele amassando a sacola chique em que meu sonho está embalado. Mia, é real mesmo, você acabou de ganhar seu sonho. Respiro fundo e abro a caixa do aparelho, tiro o lindo e reluzente iPad das fitas e lacres. Louca, viciada e fanática pelo cheirinho de novo e riqueza.

— Mas o maldito é lindo — sussurro o elogio.

— Obrigado, tem cheiro de quê? — Trevor pergunta trazendo a marmita de sorvete e um pote de Nutella.

— Cheiro de eu amo Trevor! — Mordo meu lábio bajulando.

— O sequestrador não é tão ruim assim, não é? — ironiza exibido.

Eu consegui transformar aquela neblina escura que ele era quando nos conhecemos em uma pessoa gentil, engraçada e atrevida. Consegui trazer ele mesmo para si novamente. Fiz aquela neblina sumir. Eu sou uma refém, porque eu amo essa pessoa diferente da paz silenciosa de um umidificador. De fato, sou uma afastadora de neblina.

*Neblina Refém.*

— A refém tem síndrome de Estocolmo[8]. — Não conseguiria ficar muito tempo sem ele nem mesmo se quisesse.

— Bem engraçado, Mia. — Revira os olhos castanhos ao sentar ao lado envolvendo meu corpo com os braços robustos.

— Hoje eu vi o Thomas. — Lembro-me de contar enquanto ligo o tablet.

— E por que isso é bom? — O sarcasmo toma sua voz ao colocar uma colherada gelada nos lábios.

— Só estou dizendo que eu vi ele hoje. — Dou de ombros admirando a palavra “oi” em todas as línguas que aparecem na tela inicial.

Ele mantém a colher *chocolatuda* na boca, mas me fita com os olhinhos curiosos.

— Fofoca?

— Fofoca! — Roubo a colher de sua boca e mergulho no sorvete como um aperitivo para a novela. — Acho que eles estão juntinhos...

juntinhos mesmo porque vi o Thomas hoje na Scott Mídia e nunca aparece lá.

— Pra Sarah ter deixado ele chegar perto da empresa o sexo deve ter sido bom. — Lança um sorrisinho de canto.

— Acha que é pelo sexo? — questiono, lambendo a colher para provocá-lo.

— Acho, mas também se fosse outra coisa eu seria o último a saber. — Ele toma a colher de mim e a enfia na boca como se me provasse.

— Por que? Vocês não contam tudo um pro outro? — Ergo uma sobrancelha confusa.

— Sim, mas é meio... gradativo, principalmente com relações que não são a nossa. Quando ela decidiu que queria um relacionamento com o Tom, demorou um mês para me contar e enrolou ele pra caramba.

*Ela tinha dúvidas ou medo da opinião dele?*

— Mas ela era insegura? — *Como eu?*

— Não com ela mesma, mas queria ter certeza de tudo. Sarah não toma nenhuma decisão importante sem ter total certeza. É como se quando ela contasse para mim estivesse mesmo tornando aquilo real. Eu sempre sou a última etapa para que ela decida algo. — Gesticula com o talher de metal como um giz de professor.

— Hum...

— Resmungos, Miranda — limita.

— Você nunca me contou como era a sua relação com ela. — Lanço o desafio largando o iPad na mesinha de centro.

— Contei sim.

— Resumo do Google — ironizo e ele ri um pouco quando balança a cabeça concordando.

— O que quer saber? — cede e leva a colher cheia de sorvete para perto da minha boca.

— Sei lá... como foi a primeira transa? — Ele tosse e quase derruba o sorvete no sofá, mas eu abocanho o doce.

— Essa pergunta está específica demais para o meu gosto. — Engole em seco.

— Eu sou sua namorada, posso ser específica. — Imponho e por mais que não esteja tão confortável, concorda.

— Verídico. — Ele coça a nuca como se pesquisasse palavras no seu banco de dados mental. — É, foi bom… muito bom.

A palavra bom cria um novo significado, a complexidade se constrói como se aquela sílaba fosse tudo de incrível no mundo.

— Diferente?

— Sim... eu era mais fofinho, digamos assim, antes de conhecer a Sarah. Essa primeira transa me abriu para um mundo que eu não conhecia. — Brinca, abrindo os braços como um explorador.

— Fofinho como?

*Como ele é comigo? Não… ele é bem agressivo comigo quando quer.*

— Eu tirei a virgindade da Gabi quando era adolescente, então nós fazíamos as coisas bem diferentes. Posições como papai e mamãe e o famoso: *estou te machucando?* — Ele ri e sua risada me mostra o quão se achava ridículo naquela época.

Gabriela.

Primeira **namorada**.

— Eu tentava ser ao máximo agradável. Na verdade, acho que tentava não é palavra correta, eu só conhecia aquele estilo de sexo.

— Até a Sarah vir e te corromper? — brinco e me divirto com a oportunidade que está me dando de conhecê-lo um pouco mais.

— É, pode ser isso aí. — Seus lábios tremem para mais uma risada.

— Foi muito intenso?

— Sim, bom… eu queria ser normal e ela acabava me dando ordens sem que eu percebesse. Com fitas, depois foram tapas, depois algemas e daí pra frente só mais bizarro.

Nossa.

*O máximo que tentamos foram fitinhas.*

— Talvez por isso eu a amasse tanto na época, me fez gostar demais de sexo, coisa que eu não curtia antes dela.

*Trevor White sem amar sexo?*

Caramba, eu realmente não conheço as versões dele.

— Ela te mostrou um jeito que gostou de fazer? — questiono, me aproximando um pouco mais.

— Não que eu gostasse das tralhas promíscuas dela, mas eu sempre gostei de ser um pouco mais agressivo. E como eu só tinha a Gabi como base, eu queria quebrar qualquer padrão depois que deixei Londres.

Trevor mistura o sorvete na marmitinha como se buscasse algum conforto numa situação que julgasse sem saída.

— Não queria um relacionamento fracassado como com a Gabriela, por isso não queria admitir que gostava mesmo da Sarah, ou pelo menos não com palavras reais.

Ele sempre foi tão decidido comigo, nunca imaginei que algum dia teria dificuldade de se declarar. Em duas semanas já estava gritando na chuva para mim.

— Então você não tinha coragem de falar?

— Com tempo a gente se acostuma a ter uma relação de amizade colorida, não gosto muito desse termo, mas é a definição. Eu acho que sempre tive um bloqueio, uma espécie de dúvida que eu não entendia.

— Dúvida? — questiono e tiro o sorvete de suas mãos antes que ele transforme tudo em líquido.

— Era bizarro, só existia ela pra mim naquele tempo. Eu pensava: se for para ter um relacionamento com alguém, vai ser ela. A questão é que esse pensamento é errado.

— E se — complemento, tirando todos os plásticos de cima de mim.

— Exatamente, essa possibilidade… o que está fazendo? — ele questiona quando me vê limpando.

— Humm… isso aqui — resmungo, tirando minhas botinhas e sento no seu colo.

Suas mãos apertam minha cintura e eu mergulho meus dedos no seu cabelo massageando na tentativa de acalmá-lo. Sempre fica tão tenso quando conversamos sobre o passado.

— Quero que se sinta confortável comigo — murmuro beijando seus lábios. — Continue — peço, acariciando seu rosto e ele assente com um pequeno sorriso de carinho.

— Esse "e se" fez com que eu a magoasse mais quando fiz o pedido há dois anos, por medo de que ela voltasse com o Tom, depois para Porto e me abandonasse. — As batidas do seu coração diabético ficam tão aceleradas que posso sentir os espasmos no seu colo.

*Ele abomina a ideia de perdê-la.*

— Acha que ela moraria em Porto?

— Thomas sempre deixou claro que a casa dele é em Porto. Sarah ficava muito tempo em ônibus e trens só para ver ele, porque a fadinha nunca se permitia vir para cá. — O xingamento e a temperatura do seu tom e pele mostram o quanto ele sente Raiva Súbita.

*Então é por isso que ele não gosta do Thomas? Por não querer vê-la se humilhar.*

Mas também um homem que consiga fazer Sarah Scott se humilhar? Devem ter feito o Tom e jogado a fórmula fora depois.

— Então você não acreditava que ele pudesse ser um bom namorado? Não me contou isso, Ursinho. — Massageio seus ombros e ele envolve o meu pescoço como se pedisse desculpas. — Achei que fosse pelo o que ele fez há cinco anos.

— Aquilo foi o auge, eu sempre achei que ela fazia muito mais por ele do que ele por ela.

— Você disse isso pra mim semana passada. — Lembro-me da volta do hospital.

— Disse? — Ergue uma sobrancelha.

— Disse que achava que você sentia mais do que eu.

— Às vezes eu penso isso sim.

O olhar que brilhava para mim, agora vai direto para o meu vestido embolado no quadril. Eu te amo demais, Trevor, não consegue ver isso? Eu faria de tudo por você.

Mas não adianta dizer, eu preciso entender e mostrar.

— Humm... o que eu faço que te faz sentir amado? — Molho meus lábios piscando os olhos ansiosa pela resposta.

— Amado? — Ele pensa por alguns segundos. — Quando vai na minha sala porque está com saudade, me sinto importante.

— Eu faço por necessidade minha de saber que você está do outro lado do andar, não sabia que gostava. — Sorrio e ele me copia.

— O que eu faço que te faz sentir amada? — pergunta e eleva um pouco mais meu vestido até subir acima do meu umbigo.

— Quando você faz planos — falo baixinho.

— Planos?

— Quando diz: Olha, poderíamos ir nesse lugar, depois no mês que vem, ficar em tal local. Eu sinto que você me quer na sua vida — admito, arrepiando quando meu namorado aperta a pele das minhas costas.

— A longo prazo, então tem medo de um relacionamento curto?

— Claro que tenho, eu depositei todas as minhas fichinhas em você! — declaro e ele cai na risada.

— Por que está rindo? — Cruzo os braços não achando nada engraçado.

— Eu joguei fora minha relação com a Sarah, então provavelmente se me deixar eu vou ser galinha pelo resto da vida! — O seu sorriso é até de pena de si mesmo.

— Trevor! — Dou um leve tapa em seu peito e reviro os olhos.

— Minto, eu ficaria insistindo com você até me ceder de novo.

— Insistindo muito… até eu ceder? — sussurro e ele chega mais perto da minha boca respirando o mesmo ar que eu. — Igual quando ficou a noite toda na portaria do meu prédio? — Ele junta as mãos ao meu rosto como uma concha e não tira os olhos de mim por um segundo.

— Miranda, eu acamparia lá por um ano se tivesse a possibilidade de ser tão feliz com você quanto eu sou agora.

— Trevor, você… eu te…

— Esquece, eu mandaria construir uma casa em frente à sua, porque aquele banco do carro não é tão bom quanto o cara da concessionária disse que era, então...

— Trevor! — Rio, mesmo estando com raiva pela interrupção.

— Princesa?

— Está estragando o momento — digo, o que ressoa por seus ouvidos.

— Ah, sim, o momento. — Faz aspas com as mãos.

— Eu te amo. — Mordo o lábio me declarando mais uma vez para o homem que me faz suspirar todos os dias.

Seus olhos brilhantes de Amor Sublime me encaram e sinto seus dedos afagarem a minha bochecha com carinho.

— Eu também te amo, Princesa.



Eu vejo apenas a porta de vidro de frente para a piscina que nunca usamos aberta. Um frio digno de filmes que se passam no Alaska que me fazem agarrar ainda mais sua camisa branca. Estamos ainda lambuzados de sorvete, não aguentamos nem ir até o banheiro para nos limpar, em defesa, o sofá estava tão confortável que cochilamos. Configurei algumas coisas apenas no novo iPad, preferi me enrolar no meu namorado por mais um tempo do que a tecnologia.

Poderia dizer que acordei pelo frio congelante, mas não. Estou ainda pensando em como contar ao Trevor sobre o Brasil. Foi algo mais de última hora, mas… *ele pode entender isso, não pode?*

Me remexo e sento no sofá esfregando meus olhos com uma mão e afagando seu cabelo castanho bem devagar com a outra. Ele balança um pouco a cabeça com o olhar sonolento e dá um sorriso de canto ao me ver.

— Podemos conversar? — peço e levo sua mão até meus lábios.

— Mais? — Brinca e se espreguiça com o corpo inteiro. — Podemos sim.

— Então... meu avô me ligou. — Beijo a ponta de seus dedos na tentativa de preparar o terreno.

— Ah, foi ele quem te ligou? Eu ia perguntar, mas você resolveu me abraçar e deu um *pani* no meu sistema. — Ele ri dessa vez levando minha mão aos seus lábios trilhando beijos por meus dedos.

— Ele disse que vai fazer uma festinha pra mim com meus amigos. — Sondo a ideia.

— Mas como você vai se mora aqui?

*Ai... ele não ligou os pontinhos.*

— Eu pensei que talvez nós pudéssemos ir e...

Ele solta uma alta risada irônica.

— Você acha que eu? — interrompe a frase com a série de risos nasalados e me mantenho imóvel. — Acha que eu sairia de Portugal? — O que aparenta ser óbvio não é para mim e ele percebe quando diminui o humor. — Miranda, você realmente acha que eu sairia assim de repente do meu país? — A forma como pergunta, tão humorizada como se eu fosse tola, faz com que minha garganta esquente.

*Eu não sou tola, apenas pensei que poderia.*

— Eu sei que foi rápido, mas minha família disse que está com saudade, eles sentem minha falt…

— Que família? Seu pai preso ou seu ex abusivo que também está preso? — Ele inclina a cabeça fingindo confusão com o tom mais severo.

O que está acontecendo?

Por que está sendo agressivo comigo assim?

Eu… eu não mereço isso.

Meu rosto se sensibiliza com seu tom de voz grosso e prendo meus lábios na tentativa desesperada de não chorar.

*Como ele pode dizer algo assim?*

— Eu tenho meus avós, meus amigos… — Tento explicar com os poucos gestos que consigo expressar e ele já me interrompe.

— Pessoas incríveis, imagino, que não perceberam que você foi abusada por seis anos! — Arranco minha mão do seu aperto quando sua arrogância passa dos limites e me levanto do sofá.

— Você não sabe de nada! — Tomo uma almofada nas mãos e arremesso em seu peito com a maior força que consigo, mesmo que não faça nenhum efeito nele. — Você não faz ideia de como é difícil estar na minha situação e se abrir com as pessoas. Meu pai me afastaria de todos se soub...

— Miranda, pelo amor de Deus, eu não estou te cobrando! — Ele joga a almofada para o fim do sofá e levanta segurando meus pulsos. — Estava passando por um momento de misoginia e agressão pura, eu não cobro você. Eu cobro essas pessoas! Que você diz que quer ver, que sente saudade? Se sua "família", como diz, se importasse com sua segurança, perceberiam!

— Não é fácil assim, Trevor, você não pode entender isso. Nunca vai entender, você não pode. — Nego ainda mais com a cabeça escondendo o que realmente penso, a verdade sobre o homem que decidi amar.

— Entender o quê? — Fico em silêncio de imediato quando me questiona. — Miranda? — Eu não digo nenhuma palavra e ele larga meus pulsos por ter certeza de que estou quieta para não querer dizer algo ruim. — Entender o quê?

Eu não quero ter que dizer isso.

Mesmo ele tendo sido grosso comigo, sido arrogante e indiferente a minha situação.

Ele jamais poderá entender o que é isso.

— Até parece que estava feliz naquele lugar com esses seus avós, se teve que sair do continent...1

— VOCÊ NÃO TEM FAMÍLIA! — grito exasperada.

Eu cuspo as palavras sem qualquer pequeno aviso do meu corpo. O organismo que apenas jogou as palavras insensíveis de uma vez por ele ter ousado colocar a culpa da minha infelicidade nos meus avós. Foram as únicas pessoas que realmente se importaram comigo depois que meu pai mudou.

Trevor se fecha, se cala, silencia todo e qualquer movimento no corpo me fazendo arrepender de tudo que eu disse. Eu sei que ele não quis dizer aquilo, estava nervoso, eu… eu não deveria ter dito. Seus olhos voltam a ser frios como quando o conheci, não há brilho por mim nem por mais nada, algo mais acinzentado, nulo de cor. Não são os olhos castanhos do homem que se declara para mim. É aquele diretor calculista e arrogante comigo no início, aquele que nunca ria, que não tocava piano... ele está sombrio.

Neblina. Pura neblina.

— EU TENHO FAMÍLIA! — berra de volta, juntando todas as forças pelo ataque que lhe joguei para lançar em dobro em mim. — Sarah é a minha família, a única mulher que fez tudo por mim durante anos sem me pedir mais do que a lealdade em troca. — *A única? Não pode dizer mais isso, eu faço por você, eu fiz por você.* — Morgan e Rose são a minha família, que nunca me forçaram a fazer nada que me machucasse. — *Eu estou te machucando? Eu nunca quis isso, por que estou te fazendo sentir dor?* — HILLARY FOI MAIS MINHA FAMÍLIA DO QUE QUALQUER IMBECIL COM SOBRENOME WHITE! — Os gritos me invadem como bolas de canhão que perfuram meu corpo inteiro. Eu não disse que elas não eram importantes… me desculpe, eu não… eu… — E eu pensei que você também fosse.

Meu rosto dói inteiro. Minha garganta ferve. Meus membros tremem em repulsa para o ato que agora, nesse estágio, é inevitável. Choro. As lágrimas que caem sobre minhas bochechas são de tristeza pura por essas palavras. A única frase que poderia me fazer ser fraca nesse momento. *Eu me esforço, eu faço o que posso e não posso por você, Trevor. Eu escolhi você.*

Eu minto por você.

Eu morro por você.

Eu choro por você.

Não é essa a letra da nossa música favorita? Que cantamos juntos para todos os lados? Eu realmente sinto e faço tudo isso por você, Trevor, mas se você diz que eu não sou sua família depois de tudo o que eu fiz.

*Diga-me, o que você já fez por mim?*

— Miranda… — Ele mergulha os dedos no próprio cabelo castanho após respirar fundo algumas vezes. — Me desculpe, eu não dev… — Se aproxima um pouco de mim e me afasto, esquivo, saio de perto dele.

— Tudo bem. Quer saber? Eu não sou sua família mesmo, volte pra Sarah, a única mulher que faz tudo por você! Quem sabe ela ainda te aceite, já que é tão relutante com outro relacionamento. Eu vou ver a **minha** família no **meu** aniversário! — enfatizo tão firme que nem terremotos poderiam me derrubar agora.

Pego minha bolsa com a velocidade que nem mesmo eu reconheço e corro até a porta.

— Miranda — chama e não revogo minha decisão. — Volte aqui, por favor, vamos conversar… — Fecho a porta. — Miranda! — Assim que Trevor percebe que eu realmente saí da sua casa sua voz muda completamente. Olho para os dois lados sem conseguir achar uma solução, não posso deixar que venha até mim, não posso. Encaro um vaso pesado com plantas sem flores e arrasto às pressas o encostando na porta de entrada. — MIRANDA! — Ele esmurra a porta com força, socos que fazem a madeira tremer e que poderiam quebrá-la. — O QUE COLOCOU AÍ? MIRANDA, ABRA ESSA PORTA!

Corro até a esquina, peço um táxi e limpo meu rosto com as mãos que agora ficam sujas da minha maquiagem.

*Eu não sou a família dele.*

# 10




# Garotas Ross

*Eu só quero sentir algo*

*Algo realmente real*

*Para que eu possa realmente*

*Sentir-me como uma pessoa novamente*

***FEEL SOMETHING DIFFERENT – Bea Miller, Aminé.***

## TREVOR WHITE

Ceder. Transferir a alguém posse ou direito sobre algo, abrir mão ou renunciar. Eu me questiono. Eu me faço de paranoico, mas às vezes penso que posso ser. Por que? Porque eu me importo, não tenho um problema, não tenho que ceder, mas em nome de qualquer figura sagrada, por que eu quero ceder?

Meu trauma de cerâmica teve um *upgrade*.

**Ela estava errada.**

Ou eu estava? Estou com certeza, não tinha que ter dito nada, mas então eu deveria ser falso e não dizer o que penso? Não é isso que eu quero em uma relação.

Eu não posso aceitar isso, como é possível ela estar sofrendo por tanto tempo e ninguém perceber? A vítima não querer contar é compreensível, mas, *porra*, ninguém?

*Não é assim que a banda toca!*

Eu deveria estar puto. Deveria estar jogando mesas de vidro no chão de mármore, tomando *whisky*, me entupindo de doce e não estou.

ELA DISSE QUE EU NÃO TENHO FAMÍLIA!

Isso foi demais.

Como ela pôde dizer isso?

Como ela pôde balbuciar isso?

Como ela pôde sequer pensar isso?

E POR QUE EU QUERO PERDOÁ-LA?

Se Sarah Scott dissesse isso para mim, provavelmente ficaria pelo menos duas semanas irritado.

*Mas com Miranda Ross eu pedi desculpa?*

EU PEDI DESCULPA?

ELA ESTAVA ERRADA!

*Eu odeio compromisso.*

Ela me prometeu que ficaria e escolheu o avô sem nem pensar duas vezes. Ela achou que eu fosse fazer o quê? Dar uma de Victor e proibi-la de ir? Nem se eu quisesse conseguiria.

***Caralho*, mas por que esse vaso é tão pesado?**

*E como ela conseguiu colocar isso na porta tão rápido?*

Certo, Trevor.

Vamos pensar.

Respirar.

Deixo de empurrar a porta da sala, na verdade, desisto. Ela já deve estar longe a essa altura do campeonato, bato com minhas costas na madeira e meu corpo despenca aos poucos no chão, junto os joelhos e mergulho meus dedos no cabelo.

*Você pediu desculpa porque a ama.*

Mas eu a amo o suficiente para explicar os White? Para explicar a confusão que é a minha família? Meu trauma súbito de aeroportos? Ela entenderia?

*Meredith Grey me entenderia.*

*Como você se sentiu ouvindo que era uma pessoa comum mesmo sendo extraordinária?*

Pense na sua pessoa, *a pessoa* que te entende. Morgan. Tiro meu celular do bolso e disco seu número às pressas com a cabeça estourando de dor.

*Me atenda por favor, Alcoólica Extravagante.*

— Tigrão? — Graças a Deus.

— Acho que você venceu — falo com a voz rouca sem conseguir abrir muito os olhos.

— Venceu o que? Do que está falando? — O tom animado que sempre escuto diminui com o meu péssimo humor.

— Apostaram no fracasso do meu relacionamento, não foi? — questiono em um murmuro.

— Era uma brincadeira, sabe disso, o que aconteceu? Estou saindo da empresa agora, podemos nos ver se quiser — oferece, e um *déjà vu* passa diante dos meus olhos nervosos. O dia em que eu a contratei e tive certeza de que seria a minha melhor e fiel escudeira.

— Mia quer ir ver a família — exponho deitando sobre o tapete de pelinhos. É um tecido tão macio e aconchegante.

Não estava nem um pouco preparado para que a nossa primeira briga acontecesse agora. Estava sonhando com doces e a dispensa de cafeteria e quando reparei já estávamos gritando um com outro.

— O problema é ela ou você ir? — indaga quando a escuto ligar o veículo laranja.

— Eu.

— Contou a ela do aeroporto? Londres?

Se ela nem achou necessário me perguntar antes de tomar uma decisão, como ela estaria pronta para ouvir sobre Londres?

— Não acho que é a hora.

— Está chateado pela viagem mesmo ou vocês brigaram feio? Ela disse algo? — amacia a voz como uma terapeuta e sinto como se estivesse me abraçando pelo telefone.

— Eu disse coisas ridículas, estava com raiva por ela ter aceitado ir sem ter me dito, e eu...

— Certo, sua personalidade é essa, se defende com falas de arrogância, mas não pensa realmente isso e o que ela fez? — *Você me entende, Mor.*

— Ela disse que não poderia entender porque não tenho família.

Minha pele queima ao lembrar dos lábios rosados gritarem aquilo, essa atrocidade. Eu poderia ter abaixado a cabeça com qualquer coisa que tivesse dito, mas isso? E logo ela, que tem tantos problemas familiares, como pode achar que àquelas pessoas são as únicas decentes em sua vida? Eu não acredito no mito de que não escolhemos a própria família. Milhares de crianças são abandonadas todos os dias e após anos encontram a "família" como se fosse grande coisa. Com certeza essa criança criou relações mais fortes com pessoas sem o mesmo sangue do que as que tinham.

*Sangue serve para bombear, não para criar relações.*

Há um silêncio demorado e eu só o percebo quando acabo minha reflexão mental.

— Morgan? — chamo.

— Conte a ela sobre o aeroporto, conte o que sente, mas Trevor… não é apenas você o errado. Lembre-se que quando brigava com a Sarah você não pedia desculpa, não até ela admitir.

— Mia não é a Sarah.

— Não mesmo e até a Sarah, mimada do jeito que é, admitia quando errava. Analise o comportamento dela nessa situação, vai ser importante no futuro.

*É engraçado como as pessoas que nunca tiveram um relacionamento romântico podem ser tão sábias.*

— E se ela não admitir? — O meu medo é esse, o que eu farei a partir disso?

— Aí você vai parar de tratá-la como superior, você é incrível e ela também é, na mesma medida. Tudo bem ceder de vez em quando, mas não sempre — aconselha um pouco mais firme enquanto ouve uma música eletrônica.

— Você deve estar certa — admito, esfregando o rosto inteiro com as mãos.

— Já faça as malas, me traz pão de queijo? Nunca comi.

— Morgan, eu não disse que ia e não pretendo.

— Como diria o melhor amigo Teodoro, e eu sou Batman. — Reviro os olhos com força pela referência. — Ah, mudando de assunto rapidinho, esqueci de avisar. A Pandora ligou.

— Conseguiram o que eu pedi? — Levanto do tapete com um pequeno sorriso que escapa dos meus lábios sem qualquer aviso.

— Sim, posso pedir pra Miller buscar?

— Apenas ela, não vocês duas — restrinjo.

Não quero as duas juntas, Mor nunca conseguiu manter um relacionamento e a Camila é boa demais para perdê-la.

— Ridículo, Tigrão. — Bufa.

— O cachorrinho vai atrás da Princesa. Tchau, Morgan — dramatizo.

— Troque por cadelinha e Português. Tchau, Trevor. — Desliga.

Mantenho o telefone perto do ouvido admirando a sala por completo até que vejo seu iPad ainda com alguns lacres, a colher do sorvete de creme e o elástico de cabelo.

Poderíamos ter conversado se eu tivesse sido mais gentil e aberto ao que ela queria dizer. A minha arrogância ridícula criou essa briga imbecil, mesmo que ela esteja errada.

A droga do iPad que implorei para que aceitasse e agora está aqui largado.

*Isso não vai ficar assim.*

Arrumo as caixas plásticas em uma sacola e guardo o sorvete na geladeira, pego o controle central, abro a porta dos fundos e visto uma

jaqueta preta.

Esse lugar é assustador. Um corredor quase sem luz, mas pelo menos dá acesso para a garagem. Pego a chave pendurada na parede e entro em um dos carros.

Preciso relaxar, não quero brigar.

Mas em que ritmo?

*Feel Something Different – Bea Miller, Aminé.*



Depois de batucar a música no volante pelo trajeto inteiro, faço um gesto para o porteiro e estaciono em uma das vagas de visitante. Vou pela escada mesmo e procuro o apartamento dela.

Por que se chama assim?

Por que aperta?

Aperta + mento

Preciso pesquisar isso.

Dou pequenos soquinhos na porta à espera de uma abertura, mas para a minha não tão grande surpresa, Ted abre e me encara com o olhar verde estampado pedindo respostas.

*Esqueci que ela tem um guardião como eu também tenho a minha.*

— Posso entrar? — peço e assim que tento empurrar a porta ele faz força para mantê-la imóvel.

— Pode não brigar? — indaga franzindo o cenho.

Quem é esse homem?

Não é o mesmo Ted que tremia por ouvir minha voz.

— Eu quero resolver, ela te contou? — confesso, mergulhando as mãos no cabelo castanho.

— Tudo que acontece ela me conta — a voz firme me infiltra mais do que soro de hospital. Caramba, eu sei que errei.

*E já foi logo contand… se bem que eu também fui. Seu hipócrita.*

— E o que acha?

*E por que me importo com a opinião dele?*

Comecei a me importar assim que disse poucas e boas verdades no dia em que desmaiou.

— Como amigo dela, consigo ver que ela tentou fazer o certo.

— Sim, só que...

Interrompo e ele mete o dedo na minha boca sem qualquer aviso, me assustando com a ousadia.

— Eu não acabei — acrescenta, me liberta e eu assinto à espera da continuação. — Isso não quer dizer que torne o que ela fez certo. Eu acho que ela foi grossa e cometeu uma atitude não muito pensada, mas também foi ridículo o jeito que disse aquelas cois...

— Eu disse o que pensava, não queria ser fals…

— Disse o jeito, não o conteúdo. — É… ele realmente tem razão. — Você tem dificuldade de ouvir, não é?

— Desculpe, eu geralmente não tenho pessoas se metendo nas minhas brigas — lanço e me arrependo assim que digo. — Desculpe, eu fiz de novo, não foi?

— Fez, cara. — Ele ergue as sobrancelha julgadoras.

— Foi mal… então acha que eu estava certo?

— Acho que os dois erraram, mas como você voltou...

Ele acha que estou certo!

*Por que me importo com isso?*

Não sei, mas enfim.

— Voltar é resolver. Só não jogue na cara que ela errou, porque eu já tenho meus problemas. — Bufa e libera a porta.

— Posso perguntar quais? — configuro a voz mais mansa dando pequenos passos até a sala enquanto ele senta no sofá com o notebook.

*Dane-se, eu me importo sim.*

— Não vale o seu tempo — adia e aponta para o quarto da Mia.

— Eu perguntei — insisto.

— Trabalho — sua voz é quase nula de tão difícil de ouvir.

Eu já ouvi essa voz, mas não dele.

Morgan tinha essa voz quando me conheceu.

*O que aconteceu, Cortez?*

Ele geralmente é tão gentil e calmo, agora está agressivo e mais cínico.

— Ramirez não é tão duro.

E na verdade, eu acho que ele gosta bastante do Teodoro, é um homem difícil de agradar. Na minha época, passava dias apenas revisando antes de levar algo a ele, pois nem continuava lendo se encontrava erros. Se estão trabalhando juntos há tanto tempo, Ted deve ser um ótimo funcionário.

— Não é — confirma fixo na tela.

*Se não é o chefe do departamento... merda, foi o conselho? Eles faziam o inferno da minha vida também.*

— Ted, se aconteceu algo...

— Não preciso disso. Se eu...

Imponho passos firmes no chão e fecho a tela do computador fazendo com que seus olhos se assustem por alguns segundos fixos a mim. O olhar verde puro que não reflete nada além de angústia, então lhe dou meu olhar autoritário, mas de destreza.

— Lembre-se, eu sou o chefe. Eu tenho poder naquela empresa, bem mais do que imagina, se aconteceu algo, Você. — Afasto o notebook. — Me. — Toco seu ombro. — Diz — peço com a voz mais firme que tenho.

Mesmo após uns minutos de silêncio nos encarando ele finalmente aperta o meu braço de volta e assente.

— Ótimo — agradeço e coço a nuca saindo dessa intensidade. — Agora, sobre a Mia...

— Sugeri que ela tomasse um banho, mas acho que não foi ainda — informa e levanta indo em direção a geladeira. — Comprei um chocolate que vi na sua casa, Milka o nome, acho — puxa assunto e me entrega a embalagem.

*Isso é alguma forma de contato? Estranho, mas eu gostei.*

— Sem dúvida um dos melhores, prove a versão com Oreo! — Ele assente com um meio sorriso e guarda o papel.

*Espera… quando ele foi na minha casa? Ah, quem liga?*

Assim que termino com o homem estampado me aproximo do quarto e Mia abre a porta com um coque despojado, toalha dobrada e alguns produtos nos braços. Seus olhos de mel estão vermelhos e borrados, infratores do meu rosto. Ela toma um leve susto, seu busto sobe e desce de forma surreal que me faz encará-los por meio segundo molhando os lábios. Ainda me mantenho a meio metro de distância do seu corpo, embora agora gostaria de estar por cima.

*Foco, Trevor.*

— Você foi embora — digo e seu rosto sensível assente. — E eu voltei. — Ela pisca os olhos. — Quero conversar — admito mordendo minha própria boca na torcida para que aceite.

Seu olhar se dirige para a sacola do iPad que seguro em minha mão esquerda, encaro o *tablet* e logo após, ela novamente.

— Você esqueceu. É seu. — Mia engole em seco, mas abre a porta do quarto.

Coloca a toalha e os produtos em cima da cama e faz sinal para que eu sente.

Não venho muito aqui. O quarto dela é muito bonito, cheio de decorações, post-it e quadrinhos de séries. Nas cores dourado e azul escuro. Eu, particularmente, prefiro o Royal, mas essas definem bem.

Sento na colcha grossa escura sobre o seu colchão macio e ela cruza as pernas na cama ao olhar fixamente para as mãos. Contando os dedos, mordendo o próprio lábio, tal feição que não consigo decifrar se é culpa, raiva ou tristeza.

*Segundos. Segundos. Segundos.*

Sou eu a encarando sem parar tentando ao menos entender algum de seus atos. Eu quero ouvir sua voz, o sotaque brasileiro despojado que eu amo. Não precisa nem dizer que me ama, apenas um xingamento ou grosseria, uma palavra ou duas e eu já estarei melhor do que agora. Sufocado sem saber o que ela poderia fazer nos próximos segundos. Vai me perdoar ou vai furar meu pescoço com essas unhas femininas? São dois extremos que estão empatados na minha mente.

— Consegue dizer algo? — pergunto quando já não consigo mais aguentar de tanta ansiedade.

Miranda encara o teto de gesso do quarto e nesse exato momento fica mais claro do que nunca para mim o porquê não fala. Seus olhos estão lacrimejados e ela funga o nariz vermelho limpando seus cílios.

— Eu não quero chorar — sua voz sai de sua garganta como uma queimação rouca e eu me comovo mais rápido do que vitamina dissolve na água.

— Não quero te fazer chorar. — Penso em abraçá-la e consolar, mas precisamos conversar. Não quero deixar isso pendente como fazia com a Sarah, jogando sexo como terapia dos nossos problemas.

*Trevor… isso não é sexo, é carinho.*

— Tente falar comigo, eu não tenho medo das suas emoções.

*Minutos. Minutos. Minutos.*

Os segundos que me deixaram aflito agora quadruplicam minha ansiedade. Ela vai atender meu pedido? Ou apenas me deixou entrar porque não tinha outra opção? Ted estava relutante na porta porque ela não queria me ver? Eu tenho certeza de que posso enfartar nos próximos cinco segund…

— Desculpe pelo vaso — pede, esfregando os olhos.

*Ah, cacete, ela disse algo.*

Com a voz mais embargada da face do universo, mas ela balbuciou palavras.

— Acha que eu vim aqui pelo vaso? — questiono com a maior quantidade de gentileza que já pude desencadear na vida, mas ainda assim, a resposta sai um pouco grossa e ela nega com a cabeça. — Por que disse aquilo? — Está com tanta dificuldade de falar que prefiro ser mais direto.

— E-eu... eu… — assim que balbucia as sílabas seu rosto muda completamente e se transforma em vermelho vivo. Algumas lágrimas caem sobre suas bochechas e eu aperto minhas próprias mãos com a maior força que consigo para não ceder e 1abraçá-la. — Foi o calor do momento — ofega ao limpar o nariz.

— Eu sei disso, quero saber o que sentiu — explico agora, mordendo minha boca, mantendo a força.

— Você não costuma me contar o que sente — admite assim que uma mecha cai do seu coque.

— Como assim? Eu te conto muita coisa. — Inclino a cabeça confuso.

— Fala, mas não diz o que sente. — Aí você tem razão.

*Desculpe, isso não é meu... olá, vestígios da Srta. Thompson.*

— Posso melhorar niss…

— D-des... culpa. — Uma lágrima cai sobre o seu rosto corado e meus dedos agarram a colcha da cama para não tocá-la.

Não a abrace por favor.

Se fizer isso vai se perder a chance de resolver.

— Pelo quê?

*Lembre-se, você também é superior.*

— Eu não quis dizer aquilo... é mentira, eu sei que é mentira, T-Trevor. — A travadinha no meu nome me faz derreter por completo, caramba, Mia, como é difícil ser firme com você. Me conte o que sentiu, eu imploro, quero acabar com isso. — Você tem família, mas não o conceito da minha família.

— Família são pessoas que se importam e amam.

— Eu sei que esse é o conceito, só que... ai, Deus, como explicar? — Ela gesticula abanando o rosto procurando respirar para desabafar. — Nós relevamos em certos momentos, atos falhos dessas pessoas pelo único fato de ser família... você não perdoa a Sarah quando ela comete erros? — A melhora na sua voz faz com que eu largue a colcha.

— Sim, porque...

— Porque ela é sua família — conclui.

*Eu entendi isso, minha Princesa.*

O que está me matando, o que me mata mais rápido do que uma facada no coração é saber que eu fui tão fácil de ser trocado na sua mente. Eu quero ser o seu mundo, Miranda. Quero que tudo na sua vida gire em torno de mim, assim como a minha vida gira nas bolinhas das suas mangas bufantes.

— Por que foi tão fácil decidir? — lanço a pergunta que invadiu meus pensamentos desde que ela disse a primeira frase daquela briga.

— Como assim?

— Me prometeu que ficaria comigo e do nada revogou assim? Como se eu não significasse nada? — Eu quase que suspiro as frases soltando meus sentimentos como se escrevesse em uma página.

— Trevor, não foi isso, mas...

A frase termina e não consigo entender o porquê de respirar tão fundo, está se preparando? Me diga, o que é que está passando nessa cabeça que eu não decifro? Caramba, como é difícil um relacionamento novo.

— Mas o quê?

— Você também fez isso — murmura tão baixo que quase não ouço e era melhor não ter ouvido.

*Mas será possível?*

**O elevador? De novo?**

— Ah, Miranda! — Levanto da cama de imediato dando as costas para ela cobrindo meu rosto com as mãos em busca de paciência. — Achei que tivéssemos superado isso. — Bufo.

— Eu só estou dizendo que você me abandonou, não pode negar isso e me fazer a vilã! — Deixo o peso em meus ombros caírem e lhe encaro pelo canto dos olhos.

— Então quer dar o troco? Assim? — Eu acho errado e acho que também não posso ficar aqui ouvindo passado em nosso presente. Isso vai me fazer brigar com ela mais uma vez e não quero isso, eu quero resolver. — Miranda, eu não quero brigar — confesso e toco a maçaneta da porta.

— Espere, nem eu quero! — Ela levanta da cama com dificuldade e puxa o meu pulso com as duas mãos.

— Não é o que parece... olha, pense um pouco, amanhã conversamos melhor.

— Não. — Ela nega com o corpo inteiro segurando meu braço com toda a pouca força que lhe resta. Seus olhos brilham como os de pedido do Gato de Botas. *Como dizer não?*

No entanto, preciso de um motivo diferente de uma briga para ficar. Não podemos ficar com esse assunto aqui.

— Me dê um motivo pra ficar, me conte algo que eu ainda não sei — peço ainda fixo a maçaneta.

— Não é fácil assim contar tudo e para todos sobre o que pass…

Puxo sua mão e seu corpo inteiro vem junto para mais perto de mim. Mia quase bate contra o meu peito e inclino minha cabeça para baixo perto de tocar seu nariz. Acabe com isso, por favor, eu não aguento mais não poder beijar essa boquinha de mel. Ela respira fundo e segura meus dedos.

— Meu pai tinha minha guarda, podia me controlar como um pino para onde quisesse — ela fala baixinho e assim que diz largo a porta.

*Por que guarda?*

*Ele lutou no tribunal por ela?*

*Mas com quem?*

*A mãe dela está morta.*

— Depois que fiz dezoito, continuei sob o teto dele, porque queria fazer uma boa faculdade... a alegria que eu tinha era ficar com meus avós.

Se eu contasse ao Tony, ele iria querer fazer algo e se meu pai descobrisse, me levaria embora. Nunca gostou da proximidade que tinha com meu avô.

*Ele a afastaria da família dela?*

*Para proteger o idiota do ex?*

*Essa dupla dinâmica é o quê, afinal?*

*Ele é o filho que o pai dela nunca teve?*

Cada vez que conversamos fico mais confuso. É muita história, quando acho que terminei o primeiro livro, ela me vai e escreve outro cheio de surtos.

— E eu ficaria sozinha, Trevor, sei que dizem que é apenas denunciar.

A força com que aperta minha mão se multiplica e seus dedos abanam seu rosto com rapidez tentando ao menos parar com aquela chuva… *Mia, por que você chora tanto?* Saber que eu já te fiz chorar me destrói por inteiro. Eu fico imaginando as cenas do seu passado na minha mente me contando o motivo pelo qual é tão sensível e isso me dá tanta raiva. Eu poderia ser vencedor de uma luta de *kickboxing* tamanha é a raiva que sinto das merdas que passou.

As lágrimas caem abaixo de seus olhos, em suas bochechas, queixo, lábios e até seu pescoço se molha por completo. Respire, Princesa, por favor.

*Ah… mas eu não posso contra isso.*

Puxo sua cintura e abraço seu corpo transmitindo minha força como sinônimo de apoio. Eu não ligo para o que disse, não ligo mais. Ela envolve meu pescoço com os braços e funga o nariz tantas vezes que me obrigam a acariciar seu cabelo buscando formas desesperadas de acalmá-la.

— M-mas não é só denunciar… o que, o que eu faria depois, Trevor? Pra-pra onde iria? Na minha visão… eu apenas seria espancada de novo se Vic descobrisse.

As palavras dela são roucas e quase indecifráveis, mas há algo que posso compreender. Ela está se esforçando aqui, me contando algo que a machuca e me explicando um dos motivos pelos quais brigamos. E por mais que eu queira apenas confortá-la e esquecer tudo isso, lá no fundo, eu sei que ela merece mais.

— Eu não gosto de aeroportos — confesso e assim que digo ela se desmonta do abraço me fitando. Seus olhos quase não me enxergam por toda a maquiagem borrada e lágrimas em seu rosto. Permanece colada comigo e limpa um pouco o choro.

— O quê?

— Você me disse algo que ainda não sei e eu te disse algo que ainda não sabe — explico e resvalo minha mão por sua bochecha limpando o máximo que consigo.

Ela beija meus dedos e os puxa para a cama em que sentamos um ao lado do outro. Seus olhos de mel me encaram fixos atrás de respostas e respiro fundo.

— A última vez que pisei os pés em um foi na volta para Portugal — as primeiras palavras saem, mas por mais que eu consiga falar, ainda não consigo sentir e me abrir. Encaro o chão de seu quarto por alguns segundos até que ela puxa meu queixo para si. — Foi difícil fazer uma viagem internacional aos dezoito. Eu queria fugir, criar algo novo com alguém que se importasse comigo… — Respiro fundo mais uma vez buscando mais palavras, mas sei que ainda não é a hora de falar sobre isso. — Eu não gosto de aeroportos — repito.

— Desculpe pelo o que eu disse... você tem família sim, é óbvio, talvez até melhor do que a minha — admite e acaricia o meu rosto como se implorasse o meu perdão.

*Obrigado, Princesa.*

Por admitir, por ser ninguém menos do que a mulher por quem eu me apaixonei perdidamente. Eu sabia que você seria capaz disso. Sabia que nós seríamos capazes de resolver isso.

— Além disso, eu quero ser da sua família, então você precisa de uma. — Suas sobrancelhas se franzem um pouco em formato de pena e eu me comovo acariciando sua bochecha.

— Você *é* minha família, Miranda.

Os olhos que estavam mergulhados em tristeza pura, agora lacrimejam um pouquinho de alegria por seu sorriso de canto.

— Me trouxe de volta das *Trevas Azeviche*. Você é minha família e nunca se deixe pensar o contrário, mesmo que eu diga que não é — peço envolvendo seu rosto com minhas mãos em formato de concha.

— Eu devia ter falado com você sobre a viagem antes. E-eu… eu devia ter conversado, me desculp...

— Chega de pedir desculpas — lhe interrompo com meu polegar em seu lábio inferior. — Eu agi mal, fui indiferente aos seus sentimentos familiares só porque fiquei com raiva.

— Raiva de quê?

— Por ter mudado meus planos… e muito mais por te imaginar sofrendo na mão daquelas pessoas, ninguém te protegendo, livrando daquilo. Mexeu muito comigo na hora. Eu peço desculpas pelo modo como falei. — Eu não tive problemas em admitir minha culpa e realmente me exaltei querendo 1mporta-la e esquecendo que ela estava na minha frente precisando de mim.

— Trevor...

Seguro seus ombros com as duas mãos, com relutância para dizer o que vem forte, mas eu sei que ela merece isso. Eu sei que sim. Por mais medo que tudo isso me cause, eu ainda estaria preso ao meu passado se ela não tivesse me mostrado como mudar não é terrível. Então é agora que preciso mostrar que aprendi isso.

— Você me perdoa?

— Sim, se me perdoar também — condiciona ao morder o lábio.

— Então eu vou com você.

— O QUÊ? — Mia agarra o meu corpo e me joga na sua cama me abraçando tão forte que poderia me esmagar. — Você vai de verdade? Sair de Portugal por mim? — Ela trilha beijos por meu rosto inteiro e eu não deixo de sorrir como um idiota por fazê-la tão feliz.

— Não existe nada que eu não faça por você, Princesa — declaro, admirando seus olhos brilhantes enquanto quase todas as mechas do seu coque caem sobre meu rosto.

Mia impõe seu nariz gelado no meu pescoço e sinto as reações do choque térmico. O arrepio que passa por todo meu corpo sem que eu possa

me preparar é a sensação pura de carinho e importância.

— É o seu aniversário, tem que estar feliz, não quero ser um empecilho para isso — sussurro e retribuo seu abraço na mesma proporção.

— Você nunca atrapalhou nada, Trevor — ela ronrona.

— Mas eu decido quando ir — alerto, trazendo sua cintura para mais perto.

— Humm... decida tudo, Sr. Perfeito White — balbucia ainda com o nariz colado ao meu mostrando ser portadora de um sorriso exultante.

Sela nossos lábios com pequenos contatos, tentando com os poucos estímulos que lhe restaram tirar minha jaqueta que se enrosca. Eu a ajudo tirando por completo e a jogo no chão focando totalmente minhas mãos em suas costas que arrepiam ao meu toque. *Nossa, mas eu precisava tanto disso.* Eu queria tanto tocá-la assim, sentir a temperatura quente e seus lábios beijando devagar os meus.

Mia puxa a gola da minha camisa para si e vai me guiando para perto dos travesseiros. Acompanho seu caminho e ela joga meu corpo na cama por completo fazendo até com que o colchão pule um pouco. Monta no meu colo e roça brincando com a minha virilha que está começando a se atiçar. Aperta meu rosto com força instigando que eu a beije, *e isso?* Ela pode ter certeza que essa ordem eu obedeço com satisfação.

Apalpo cada uma de suas curvas enquanto Miranda mergulha os dedos no meu cabelo com fúria. *Sentiu minha falta, não é, Princesa? Eu sei que sim, porque eu também senti a sua demais.* Desabotoa cada parte da minha camisa e coloca uma das mãos em contato com meu peito, tal peitoral que ainda me lembro dos seus lábios boquiabertos babando na nossa primeira vez. *Você estava tão gostosa naquele vestido de veludo, Mia.* Poderia ter te fodido umas quatro vezes sem cansar. Resolvo copiar e apertar a pele das suas costas até sentir seu sutiã, tiro o fecho com um movimento preciso e ela sai do beijo por segundos para me dar um sorriso pelo ato.

— Achei que fosse tomar banho… — Ofego, desenroscando da sua boca.

— Humm... eu ia — resmunga e senta com mais força no meu colo.

*Ah, caralho… isso é jogar sujo.*

— Posso te acompanhar? — questiono com meu tom promíscuo tirando o lápis que segurava o seu coque e deixo as poucas mechas presas bem livres.

— Depende, vai se comportar?

*Que tipo de pergunta é essa? Óbvio que não.*

— Não. — Bufo franzindo o cenho.

— Bom menino. — Dou-lhe um sorriso de canto enquanto passa o indicador por minha testa e arrasta até a ponta do meu nariz. — Quando vamos?

— Se formos amanhã de manhã, chegamos a noite e teremos o final de semana — sugiro, mantendo minhas mãos em sua cintura.

— Eu ia no sábado...

— Tem razão, ia, porque se eu for, quero conhecer o local. Sabia que São Paulo é um lugar cheio de pontos turísticos? — Ela sorri e assente. — E você vai me apresentar todos eles.

— Eu posso tentar... ai, meu Deus! — Mia sai de imediato do meu colo, deita na cama, apoia o cotovelo no colchão e põe uma das mãos na boca surpresa.

— O quê?

— Se você for.

*Conjunção de condição não, por favor.*

— Eu vou — corrijo.

— Meu avô vai te conhecer. — Ela entrelaça os dedos no próprio cabelo bagunçado como se pensasse em um plano bem bolado.

— Claramente.

— Ele não vai gostar...

*Como assim?*

— Por que? Eu sou rico para te bancar até morrer, bonito para não assustar, engraçado para te fazer rir e leal para não te abandonar. O que mais o homem quer?

— Vovô? O ex-coronel da marinha americana? — *Isso era para me animar?* — Ele não gosta de homens como você. — Ela ri apontando para a minha camisa. Está achando engraçado? — Engravatados.

— Eu não uso gravata.

— É, mas usa roupa social, trabalha em uma empresa, é chefe... meu chefe, ai, às vezes esqueço que você é meu chefe.

— Miranda, está querendo me assustar? — *Está conseguindo.*

— Não! — A palavra na negativa vem em tom de humor.

— Meu avô esperou minha avó se tornar tenente para se casarem, porque não aceitava ela ser de uma classificação tão baixa.

— Sua avó também era do exército? Sua família inteira é do exército?

*Confesso, estou um pouco assustado.*

— Não toda. — Ótimo. — Meus padrinhos são policiais. — Ela solta uma risada cheia de personalidade quando vê minha feição de choque.

— Maravilha, eu não sei nem usar uma pistola.

— Ah... sabe sim. — Morde o lábio.

— Miranda! — limito e me animo rindo da sua promiscuidade. Ela está feliz, sempre brinca quando está feliz.

— Apenas seja muito educado, tente manter uma postura e acho que vai ficar tudo bem.

— Sutil. — Não há outra palavra.

Penso por um segundo em algo bizarro, mas bem possível aparentemente.

— E se ele não me aprovar?

— Não é ele quem tem que aprovar, sou eu, mas seria legal que ele não te odiasse. — Mia morde a boca com pena de mim.

— Sem pressão.

— Isso aí. — Beija meus lábios mais uma vez e a interrompo.

— Espera, volte um pouco a fita, seu avô era americano e como conheceu sua avó? — pergunto, porque a verdade é que amo saber os

pequenos atos que a levaram até mim um dia.

— Ele veio em uma viagem para o Brasil por trabalho, conheceu minha avó jovem, que tinha acabado de entrar no exército... já o Tony tinha um cargo bem avançado de tenente. Diz ele que foi enfeitiçado e decidiu ser brasileiro. — Antony Ross, eu te entendo.

*Eu conheço o feitiço das Garotas Ross.*

— Eles tiveram meu pai que seguiu os passos militares e começ…

— Como era sua mãe? — interrompo.

Não sei se ela se sente confortável em falar disso e vou descobrir agora.

— Meu avô disse que ela era terapeuta na prisão, foi assim que ela conheceu meu pai. — Mia ri negando com a cabeça sem ainda acreditar na história. — Ele era bem jovem, tinha sido preso pela enésima vez por coisas ridículas, então como os policiais não aguentavam mais ver meu pai lá, mandaram ele conversar com essa psicóloga.

— Pelo visto não deu muito certo.

— Não. — Sua boca e olhar ficam sérios por alguns segundos, mas volta a rir. — Meu avô diz que achava que minha mãe mentia nas análises para manter ele solto.

— Você é fruto de um lindo amor. — Assim que ironizo um tapa forte é dado em meu peito pela brincadeira de mau gosto.

*Mereceu essa, Trevor.*

— Ele manipulava muito bem todos, foi assim que me manteve nas melhores escolas, empregos e estágios.

— Então ele te ajudava? — continuo e amacio suas coxas com movimentos circulares.

— Sim, ele não era muito presente, mas fez muita coisa por mim.

Como se uma varinha de magia ruim batesse contra seu rosto animado, seu olhar fica fixo em suas mãos, seu sorriso morre aos poucos e a vejo até mesmo lacrimejar.

*O quê? O que aconteceu, Princesa?*

— Miranda? Não temos que falar sobre isso se não quiser, eu nã...

— Eu sou terrível? — interrompe, me encarando com toda a insegurança do mundo deixando em minhas mãos a função de defini-la. — Ele fez coisas terríveis, mas eu ainda sinto coisas por ele... isso, por que isso?

— Mia. — Me sento na cama e junto as mãos ao seu rosto. — Meu amor, não tem nenhum problema você gostar dele. Ele é seu pai. Sim, ele é terrível, mas também brincou com você, trocou suas fraldas, te apoiou na carreira... é um belo dilema.

— Antes de tudo isso com você, eu ainda...

— Eu sei que gostava dele. Quando saímos pela primeira vez no Mercato Páteo, lembra? — Mia assente limpando uma lágrima. — Lembro de você rir de contar que ele torcia para o Benfica, você o ama e isso não é um problema... só é difícil separar as coisas, os lados que ele têm.

— Você odeia ele? — a mulher que tem meu coração me questiona com os olhos marejados e por mais que eu quisesse concordar com ela, não posso.

— Ele ameaçou uma das pessoas mais importantes da minha vida. Se eu tivesse como matá-lo, mataria, a menos que você pedisse que não — digo com a maior sinceridade do mundo e lhe dou um pequeno beijo.

— Ele está preso — diz em voz alta, mas é como se falasse consigo mesma.

— Isso, pense nisso. Ele não é mais um problema e se for, vai ser da penitenciária, não nosso — explico, acariciando suas bochechas.

— Você não fica chateado que eu não o odeie? — murmura baixinho molhando os lábios.

— Não. É como se a Hillary fizesse algo terrível, eu continuaria amando-a, mesmo odiando o que fez.

— Hum. — Mia traz o dedo indicador aos lábios pensativa. — Tudo bem, então.

Beijo demoradamente sua testa e sinto seus dedos na minha barba enquanto ela brinca com carinho.

— Podemos arrumar as malas primeiro? — sugere abotoando o sutiã e franzo o cenho.

— Podemos, se tirar esse sutiã e me deixar apreciar os meus amiguinhos.

— Por que meus peitos são machos?

*Boa pergunta.*

— Porque tem algo aí embaixo que já ocupa demais a posição feminina.

— Justo — concorda e copio seu sorriso.

*Eu amo fazê-la rir.*

Ouço o som de *Lost in Japan – Shawn Mendes* sair do telefone e tiro o aparelho do bolso.

— Espera, lembrei de uma coisa — exclama e desligo o celular. — A Sarah pediu para que você a informasse sobre a folga. — Reviro os olhos por sempre estar tentando me comandar.

— Ela pediu, é? — murmuro.

— Estão brigados? — questiona erguendo uma sobrancelha.

— Não. — Rio. — Só não preciso dar satisfação.

— Na verdade, precisa, ela é a Presidente. — Reviro os olhos com ainda mais força novamente. — Por que faz isso? Achei que respeitasse mulheres no poder.

— Eu respeito! — Até entreabro os lábios com a ousadia. — Até demais, mas a Sarah? Cresceu comigo, na forma corporativa, ela não é mais importante que eu.

— Pode até ser, mas ela ocupa o cargo e o que custa avisá-la? Eu não falaria nada se você fosse o Presidente, mas não é. — Ela vai amaciando minha camisa e até mesmo a mim, até que eu realmente ache que está correta.

— Quer que eu ligue? Eu ligo, feliz? — cedo de uma vez.

— Sim, agora retorne essa ligação aí, porque vou pegar minha mala. — Mia puxa meu queixo para um selinho e sai do quarto.

Entro no registro e ligo para o último número.

— Sr. White, boa noite. — Me surpreendo ao ouvir a voz de Miller.

*Então não era a Sarah.*

— Camila.

— Gostaria de avisar que estou com a caixa da Srta. Ross e vou embrulhar, mas queria que aprovasse ant...

— Eu confio no trabalho deles, mas preciso de um favor, urgente na verdade — aviso, tirando meus sapatos com os pés, pois pretendo dormir nessa cama hoje.

— Sim, em que mais posso ser útil?

— Preciso que arrume minha mala para três dias... no Brasil.

— Não consigo um jatinho tão rápido e… o senhor não tem medo de aeroportos? — Até mesmo ela sabe disso.

— Não é medo, apenas relutância. Eu decidi que vou e agradeço pela preocupação, inclusive.

— Considere a mala pronta e posso colocar a caixa junto?

Mia vem até a porta e faz um mímica apontando para mim juntando as mãos como se fosse dormir.

— Sim, pode colocar, traga para mim hoje ainda. Adicione também uma troca de roupas, vou passar a noite na casa da Miranda — respondo as duas simultaneamente.

— Sim, Sr. White, até às dez e meia chegarei.

— Maravilha, muito obrigado, nunca me decepciona.

— É o meu trabalho. — Ela desliga.

Mia caminha até mim fingindo estar sobre um salto alto, desfilando como uma modelo que até me faz rir um pouco sem entender.

— Sim, Sr. White. É o meu trabalho, Sr. White, ah! Sr. White em que mais posso ser útil? — A mulher que me deixa louco cria uma nova versão da sua voz já muito *sexy* e ofega as palavras de bajulação bem perto dos meus lábios.

— Está com ciúmes, Miranda? — questiono sorrindo de canto.

— Eu não… — Se inclina ainda mais sobre mim e puxa a ponta do meu cinto de couro. — Só estou aqui para tudo que o Sr. White achar necessário — geme na minha boca como uma prostituta empresarial.

— Eu me lembro dessa frase, Srta. Ross. Tudo mesmo? — provoco, metendo as duas mãos na sua bunda que me pertence.

— Hoje eu sou sua bolsista, não sou?

Não consigo esconder meu sorriso por lembrar do nosso primeiro beijo.

*Você foi, é, e sempre será perfeita, Princesa.*



Mia está de volta com o coque, uma blusa de alcinhas bem marcadas e um short jeans que mais mostra do que cobre sua bunda enquanto arruma a mala grande verde escura. Ela se vira e consigo ver seus mamilos redondinhos pelo tecido fino.

*Caralho, eu sou hipnotizado toda vez.*

Não é à toa que não prestei atenção em literalmente nada do que me disse até agora, apenas encarando essa versão tão despojada e sensual dela.

— Acho que é isso, cinco trocas de roupa para dois dias. — Confere as mudas e acredita que está tudo correto com as mãos na cintura.

— Três, se contar o final de sexta e começo de segunda — corrijo, tentando ao máximo focar em seus olhos e não nos seus peitos.

— Acha que dá? Vai querer sair muito?

— Você decide. — Assim que digo recebo um olhar torto. — É seu final de semana de aniversário, se quiser ficar na cama o dia inteiro, eu vou ficar lá também te fodendo.

— Hum… — Recebo um sorrisinho safado seguido de uma mordida de lábios com preocupação.

*Não gosta de decisões, prefere que eu tenha planos.*

— Eu tenho um planejamento. — Ou vou criar um.

— Então vamos seguir o seu planejamento. — Decide um pouco mais aliviada. — Acha que é o suficiente?

— Sim, apenas leve mais lingerie. — O jeito que revira os olhos me faz pensar que ela acha que estou brincando.

— Estou levando seis e todas sem combinar, porque você rasgou todas as minhas calcinhas.

— Tadinha. — Finjo me comover, dramatizando, e Mia esbanja uma feição séria. — Foi mal — admito erguendo as mãos.

*Como se você não tivesse gostado…*

— Da próxima vez que for me dar calcinhas, lembre-se de dar a parte de cima também — ironiza com as mãos na cintura irritadinha.

— Anotado.

— Mas eu tenho uma combinando. — Molha os lábios com um sorriso.

— Qual?

*A curiosidade matou o gato, Trevor.*

— A lingerie dourada. — Tecido dourado? Eu nunca vi isso. Por que de repente parece que vou morrer se não ver o seu lindo corpo de mel cheio de dourado?

— Me deixe ver? — provoco, puxando sua cintura para mim.

— Deixo, no domingo — restringe, negando com o dedo indicador na frente do meu rosto.

*Estraga prazeres.*

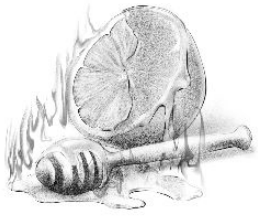
— Então o presente é pra mim? — questiono me sentindo sortudo.

— Não. O presente é para eu me sentir incrível e você pode se sentir beneficiado no processo. — Dá de ombros me provocando.

— Sutil, Srta. Ross. — Agarro seu corpo e a jogo na cama prendendo-a em um beijo.

*Trevor... é só a droga de um aeroporto, o que pode acontecer?*

11



# Picollé de Quatro Folhas

*Eu precisei da solidão*
*Para saber que não há nada que eu*
*Não possa transformar em confiança*
*Eu não consegui fingir*
*E sinto muito que você teve que*
*Sofrer as consequências*
***Mirror – Singrid***

## MIA ROSS

Entrevista. Diálogo entre duas ou mais pessoas com o principal objetivo de extrair declarações e informações sobre determinado assunto. Nunca tive dificuldade em entrevistas, acho que por entender o jeito de me portar, saber que cada local pede uma ação. Mas não vejo o Sr. Perfeito White mudando a personalidade nem para um *reality show*, então imagine uma entrevista com o Sr. Vovô Ross.

**20 de abril, seis meses atrás.**

Talvez. Talvez. Talvez.

E se eu pudesse?

Sair daqui. Ir embora. Me libertar.

Essa bolsa pode ser a chave para acabar ou pelo menos postergar meus problemas. Entretanto, não penso apenas nisso. Meu sonho é criar, receber para isso, que todos vejam minha junção de ideias e apreciem.

Fisgar toda a energia ruim que um ser humano pode sentir e retirá-la por um momento de anúncio, algo que eu proporcionaria.

Minha criatividade, as campanhas que poderia criar…

Um pensamento ridículo.

*Como posso ser tão iludida?*

Pensar que Vic aprovaria isso ou ainda pior, meu pai? Nunca deixariam eu sair daqui, muito menos para outro país. Sinceramente, não sei nem por que fiz a inscrição… *sei sim.* Queria saber se era capaz. E fui. Eu fui capaz de passar nessa bolsa.

A lógica é: Vic responde ao meu pai, então se meu pai aprovar, ele por consequência não vai questionar!

Juro.

Não sei mais quanto tempo aguento ser essa vítima maldita. Nem meus próprios erros posso cometer, minhas escolhas são as próprias deles.

*Só quero fazer algo por impulso.*

Viajar e escolher uma cafeteria sem pesquisar.

Morar e pintar um quarto sem preocupação.

Transar e fugir de um homem sem julgamento.

**Meu pai não é um monstro.**

*Ou pelo menos, não o tempo todo...*

Jogo soquinhos na porta de madeira da sua sala escura e mesmo que eu abra bem devagar o som é estridente. Coloco minha cabeça para dentro e dou-lhe um sorriso.

Meu pai é um homem bonito e acho que devo agradecê-lo por isso. Seu olhar é de concentração para alguns documentos que segura com os braços robustos de força bruta e está sempre acompanhado de um cronômetro para tudo. Cada ação, ele cronometra.

*“Todos têm tempo, tempo é conquista e perda, depende de como usa, Miranda”*

— Miranda. — Nota minha presença e joga as mãos no cabelo castanho com alguns quase imperceptíveis fios grisalhos.

— Não gosto quando me chama assim — digo pela enésima vez e me aproximo da mesa.

— Por que? Seu nome é muito bonito. Eu que escolhi. — Dá de ombros com um sorriso de canto exibido.

*Claro! Tinha que adicionar esse último comentário.*

— Sabe que prefiro Mia.

— Sabe que se não tivesse o nome não teria apelido. — Se recosta na cadeira com os braços cruzados.

— Não vamos discutir isso de novo, vamos? — ironizo com as mãos na cintura e ele nega com a cabeça.

— Você perderia.

Minha determinação veio desse homem.

— Pai, eu fiz uma coisa sem te falar — confesso e de imediato suas sobrancelhas se franzem junto aos seus dedos que tocam a barba mal feita. — Eu fiz uma prova faz algum tempo.

— Já saiu da faculdade — ressalta com a voz mais grossa.

— Sim! — Sorrio na tentativa de amaciar seu ego e puxo a cadeira para mais perto da sua mesa. — Eu sei disso, é uma prova de bolsa.

— Alguma editora? — chuta a hipótese por ter muitos conhecidos no ramo.

— Uma empresa de publicidade.

— Qual delas? Eu tenho alguns contatos que...

— Em Portugal. — Ele se cala e seus olhos que nem se distanciaram do papel agora estão fixos à mim como se eu fosse a protagonista de um teatro famoso.

— Qual é o nome da empresa? — indaga, apertando aos poucos a ponta de uma folha de papel.

*Por que isso importa?*

— Scott Mídia.

— Quando eu deixei você fazer essa prova?! — O tom de voz se exalta por completo e até consigo ver a veia pulsando em sua testa.

— Nunca me proibiu de participar de processos seletivos. — Ele até gosta de corrigir as provas comigo.

— Quem te levou? — assevera a questão como se fosse vida ou morte.

— Vovô Tony.

*Ele ficou muito feliz quando passei.*

— Claro que ele te levou! — Seus olhos se enfurecem e ele entrelaça os dedos no cabelo de raiva, como eu muitas vezes eu também faço.

— Pai, eu quero ir, acho que é uma grande oportunidade para a minha carreira, acompanho várias campanhas deles. O diretor criativo é muito 1talentos…

— Essa empresa tem hábitos que você não está acostumada.

*Hábitos? O quê? Eles gostarem de anúncios vermelhos não impacta em nada.*

— Não me interessa o que eles fazem, é importante que eu tenha um bom portfólio e eu já trabalhei muito aqui, além disso a CEO é mulher. Já viu isso por aqui?

— Ela não vai ser sua chefe — afirma tão convicto como se pudesse saber, e na verdade acertou.

É um homem, mas não estou preocupada, o senhorzinho meu chefe na banca, Sr. Silva, nunca me deu trabalho. E por mais que lá possa ser diferente não me imagino com dificuldade de trabalhar por questões masculinas.

— Sim, eu sei, mas é a suprema, enfim você entendeu. — Reviro os olhos.

— Não gostei da...

— E antes que diga não, pense que eu aceitei morar aqui, fiz a faculdade que o senhor queria e acho que agora é minha vez de ter um

pouco de liberdade — desabafo e me imponho com tudo que tenho no tom de voz e postura. Me choco, estou chocada que não me encarou furioso pela interrupção.

— Falou disso com o Vic?

*Não e não quero falar.*

— Ainda não. — Finjo me importar.

— Relacionamentos não sobrevivem à distância.

*Graças a Deus!*

— Sei que se estivesse no meu lugar escolheria o mesmo.

— Não, eu não. Sua mãe já estaria lá. — Ele nunca cita ela. Foram pouquíssimos momentos em minha vida toda que ouvi seu nome ou algo sobre ela. Desde que voltamos do funeral quando eu era criança, ele a excluiu da minha vida. — Mulherzinha determinada. — Ele ri de si mesmo nostálgico e até inclino a cabeça surpresa com o carinho.

Gostaria de tê-la conhecido.

Mesmo com oito anos quando faleceu, ela nunca estava presente, sempre viajando ou atendendo pacientes. Quem brincava e cuidava de mim era meu pai.

— Eu tenho alguns contatos em Portugal, posso conseguir um local para ficar, organizar a ter…

— Então eu posso ir? — Junto as mãos como um estalo e dou um sorriso enorme com a possibilidade.

— Vê se volta no Natal, meu, seu aniversário e não quero te ver com verbos enrolados do tipo aliviares — condiciona e brinca com o sotaque europeu.

— Eu prometo falar nosso português! — exclamo com um sorriso de orelha a orelha e me aproximo de sua mesa aos pouquinhos. Ele acompanha meus passos com o olhar e junto meus braços ao seu pescoço o abraçando com força. — Obrigada — sussurro.

— Disponha, Miranda — ele sussurra de volta.



*Já fechou os olhos tão forte com o único objetivo de cair no sono?*

Os aperta com tanta fúria para esquecer qualquer desejo, necessidade ou pensamento. Entretanto, na maioria das vezes, pelo menos para mim que sou bem emocional essa tática falha miseravelmente.

Trevor resolveu ceder. Vir resolver a briga que tivemos, mais uma vez me colocando acima dos seus desejos, como fez também no *Tempo de Creme.* Embora… percebi que estava relutante.

Relutante um tanto para comentar sobre seus sentimentos em relação ao aeroporto, Londres e a sua família. Pensei que seria fácil conversarmos sobre isso ou pelo menos, mais simples do que a Sarah.

*Bom e por que não seria? Passamos por coisa pior.*

Fico martelando em minha mente isso por muitos quartos de hora, enquanto deveria estar tentando dormir.

*Seria mais fácil dormir sem...*

Sabe aqueles desenhos em que sai uma trilha de cheiro irresistível de um bolo de chocolate? Deus, o corpo de Trevor é assim para mim!

Eu até pensei em parar de ficar me fazendo perguntas que ele não quer responder, mas se não penso nisso, penso em...

Nossa. Mas. É. Tão. Bem. Desenhado.

Tento redirecionar o olhar para o meu quarto, ao invés de observar seu corpo de bruços, apenas contornando forte minha barriga com seu braço robusto e falho. Mexo os pés com as meias de pelinhos e me sento na cama sem mudar muito a posição para não acordá-lo. Sinto um frio absurdo ao sair das cobertas, já ele dorme quase sem roupa numa boa.

*Ai, o cheirinho de novo... que se dane.*

Ele não vai acordar se eu tocar só um pouquinho. Maldito fogo, foi ele que deu a ideia do banho e acabou capotando.

Tomo coragem e deslizo o dedo indicador por cada milímetro de suas costas, desenhando círculos e ondas na sua pele. Desço mais e toco o elástico da calça moletom cinza. A sua temperatura está tão quente, como a minha costuma ficar. Se alia bem a definição do seu corpo musculoso, como… *como pode ser tão gostoso?* Escorrego um pouco mais e contorno sua cintura entreabrindo meus lábios já presumindo que minha boca está bem úmida. Calco minhas unhas com força mínima, mas suficiente para deixar um caminho por sua derme…

— Miranda, eu não vou negar se me pedir — declara rouco pelo cochilo, fazendo meu corpo arrepiar inteiro junto ao susto que levo.

— Ah, o quê?! Eu estou dormindo, você que está aí imaginando coisas...

Com um movimento rápido o seu braço que estava enrolado na minha cintura, agora me lança e encarcera seu corpo contra o meu. Me fita com o túnel castanho que são seus olhos e junta minhas mãos ao busto do meu pijama.

— Dormindo? — Ergue uma sobrancelha.

Reviro os olhos com um sorriso brincalhão, inclino minha cabeça para frente chegando perto do seu rosto e abro os lábios.

— Estou um pouco ansiosa — sussurro e ele franze o cenho entrando no meu jogo.

— Responda tudo que eu te perguntar e posso pensar em uma distração no banho — lança a condição mordendo meu lábio inferior.

— Perguntas? O que quer me perguntar?

Trevor se vira e espreguiça ao meu lado com o corpo inteiro contraindo todos os músculos atrativos que me fazem babar. Levanta da cama quase em um pulo e estende a mão para mim, mantenho o sorriso e ele me puxa pelo braço. Juntamos nossos corpos como em uma missão secreta e tenho certeza de que a qualquer momento ele pode fazer o impossível. Abre a porta devagar e me segura forte para segui-lo. Ele nunca se importou com barulho perto do Ted, *por que agora se importa?*

Entro no cubículo do banheiro escuro e me encosto na pia de mármore sorrindo. Eu não paro de sorrir nem por um segundo imaginando qual vai

ser sua próxima ação. Esse banheiro, naquela festa do pijama… *nossa, eu queria tanto dar pra ele.* Não aguentava mais vê-lo tão perto e não fazer nada. E ele? Um Ursinho me respeitando, porque eu pedi… mas minha boceta estava implorando por outra coisa. Puxo o elástico da calça moletom para mim e esfrego minha barriga na sua virilha.

— Psiu — cochicho quando me prende aos seus braços um de cada lado e traz o olhar para mim. — Por que não quer fazer barulho?

— Ted está dormindo — murmura.

— Desde quando liga pra isso? — Ele me fita de forma irritada e ergo uma sobrancelha. — Ele dorme com a televisão nas alturas, o pai era muito barulhento, então é acostumado, nem ouve.

— Ah, então por isso ele nunca reclamou? — Entreabre os lábios com a revelação.

— É, ele reclama quando eu grito. — Rio e ele me acompanha.

— Tem caixinha de som? — Saio da prisão por baixo dos seus braços e abro uma gaveta da pia.

— Serve essa? — Lhe entrego. — Só tem algumas antigas nesse *pen drive*, minha outra é *bluetooth*.

Ele liga o botão, uma luz roxa ilumina um pouco o banheiro e o som de *Dark Times – The Weeknd, Ed Sheeran* invade o cubículo.

— Gosto dessa. — Ergue e abaixa as sobrancelhas com cara de safado.

— Acho que gosta mais do que dá pra fazer ouvindo ela — provoco, molhando os lábios.

— Touché, Ross.

Enrola os dedos na minha blusa e levanto os braços para que suas mãos robustas tirem o tecido devagar. *É tão leve…* chega até a ser estranho essa simplicidade, estamos sempre tão desgovernados e agora é seguro e singelo. Eu sinto cada pequena sensação dos seus movimentos lentos, sinto até mesmo a etiqueta se arrastar por minha pele. Assim que retira, meu cabelo cria um volume inimaginável que ele não resiste em cravar as mãos formando um rabo de cavalo, feito por seus dedos ansiosos, que ele empurra para sua boca atrativa. Lança e entrelaça nossas línguas com mais

fogo do que eu estava na cama. Eu o beijo, me empino inteirinha só para conseguir um pouco mais dele para mim.

*Não respire, Trevor, não por alguns segundos, por favor.*

Resvala uma das mãos por meu corpo, devolvendo meu próprio ato no colchão enquanto enfia os dedos por baixo do meu short. *Eu sou tão sortuda…* devo ajoelhar todos os dias para ele e Deus por ter um homem que me satisfaz assim. Nem me lembro a vez que Victor fez algo pelo meu prazer. *Já o Trevor…* apalpa, aperta, calca minha bunda com um tapa forte em que hesito e saio do beijo ofegante.

Até sustos pela intensidade me dá. É tão diferente que chega a ser cômico, era isso? O universo quis que eu passasse pelo ruim para dar valor ao bom? Preme minhas bochechas e junta meus lábios como num assobio, ele passa o polegar na ponta do meu nariz e brinca de um lado para o outro.

— Responda minhas perguntas — ordena aumentando a força com que aperta o meu rosto.

— Uhum — resmungo assentindo e ele agacha no chão retirando meu short.

— Primeira vez — rosna e afasta o tecido da minha calcinha para o lado.

— Isso é mesmo necessário eu nem me lem… — Ele mete a boca na minha boceta e pulo para trás com um gemido alto involuntário. — Aaah! Eu tinha… e-eu tinha vinte e um. — Ofego, mergulhando meus dedos no seu cabelo castanho bagunçado.

— Me atrasei três anos… — se enraivece e preenche minha bunda com as duas mãos que me apertam furiosas.

— Acho… a-acho que você não gostaria de mim na época — gemo, forçando minhas pernas no chão para não gozar de imediato.

— Eu tenho certeza que gostaria de ser o único homem que te fodeu — garante, arranhando minhas coxas.

— Com certeza foi o que me fodeu mais gostoso. — Arfo as palavras e posso ver um sorriso exibido em seus lábios pelo elogio.

Antes que eu possa me divertir com a situação ele aumenta a velocidade dos movimentos como se me premiasse. Seguro minha mão na

barra de ferro das toalhas e continuo amassando seu cabelo em busca de forças.

— Trevor… aah, eu não quero agora, esper…

Ele obedece de imediato e deixa de me chupar para massagear meus lábios com o indicador. Respiro fundo, eu respiro tão fundo que meu busto se eleva para cima e para baixo de forma surreal. Posso sentir as gotas de suor escorrendo por minha testa, meu corpo não queria esperar, mas eu quero. Preciso sentir mais disso… essa massagem que me faz me contorcer na sua mão como uma… eu sempre fui uma vadia com ele. Essa é a verdade, antes era uma estudante que beijava e já se sentia errada. Eu nunca quis ser essa menina certinha que nunca xingava um palavrão ou elevava a voz.

*Eu amo gritar quando me fode para todos ouvirem.*

Passei tempo demais calada, sendo a que atrapalhava casais, o anjo que ninguém deflorava até conhecer você.

— Onde? — indaga, penetrando um dedo dentro de mim.

— Humm... meu quarto.

— Como estava? — questiona me encarando agachado pronto para me fazer explodir. O que eu respondo?

— Ansiosa...

— Apenas? — Ele não gosta da resposta e deixar de ser bonzinho.

Trevor me abre bem e chupa minha boceta investindo cada vez mais, a velocidade é tão rápida que… não, não, não me faça tremer assim. Estou tremendo, isso é maldade, eu quero aguentar mais, por favor.

— Aah, o qu… o q-que quer ouvir? — choramingo por baixo e por cima fazendo com que até mesmo os produtos na pia tremam.

— Como estava a sua boceta na primeira vez? — Resvala a língua por toda minha extensão e atinge meu clitóris.

— Molhada, molhada, eu estava molhad… aah, caralho…

— Era isso que eu queria ouvir — confessa e puxa minha cintura para chupar cada milímetro de prazer que estou prestes a liberar, apalpa minhas coxas, joelhos, pernas e centraliza dois dedos para me penetrar com fúria.

— Ter...vor... uhumm… — gemo seu nome deixando de aprisionar meu prazer e jogo meu peso nos seus ombros. Ele lambe uma, duas, três vezes e se lambuza inteiro de leite de canela, mergulho meus dedos no seu cabelo e desço para acariciar seu rosto de olhos brilhantes.

*Me disse que gostaria de usar uma coleira? Eu te prenderia nessa posição pelo resto da sua vida.*

Trevor levanta traçando a língua por meu quadril, barriga e até mesmo meus seios que mordisca até chegar a minha boca que envolve, me obrigando a sentir meu próprio gosto.

— Gostoso demais, não? Você é minha bebida favorita, Mia — fala baixinho enroscando minha língua na dele.

— O seu leite de avelã é a minha — gemo em seus lábios.

Ele contorna meu pescoço com a mão que aperta forte e me levanta até que o beije como deseja. Me esforço, dou tudo de mim, sem respirar ou me importar comigo mesma, apenas para satisfazê-lo. Justo, não? Ele me fez gozar na sua boca, o mínimo que posso fazer é beijá-lo pelo tempo que achar necessário.

— Pedir é mais fácil, mas gosto de provocações — admite, largando minha boca ao libertar meu pescoço.

— Eu… — Respiro fundo buscando ar depois de toda a ação e ele sorri. — Também gosto.

— Agora eu vou ter satisfação em te dar banho — informa, entrelaçando os dedos no meu cabelo.

— Mas quem disse que eu vou te deixar, como você disse? Me dar banho? Eu não sou criança — brinco, fingindo estar nervosa e ele se chateia.

*Adoro brincar com ele, sempre cai direitinho.*

Seguro o riso.

— Não esperava essa reação, mas posso pelo menos lavar seu cabelo? — pede com os olhinhos brilhando.

*Ah, meu Deus, claro que pode!*

— O que eu ganho com isso? — continuo o joguinho.

— Pode... lavar o meu? — oferece com um sorriso de negociação.

— Humm... fechado.

Agora entendo porque a Sarah gosta de manipulá-lo, essas reações são muito fofas.

*Mas essa não sou eu.*

— Música diferente então? — sugiro e ele assente passando várias músicas do pen drive.

Escolha. Escolha. Escolha.

*Mirror – Sigrid*

— Às vezes esqueço que nosso gosto musical é incrivelmente parecido — fala um pouco mais alto pelo som.

— Bizarro, porque no Brasil minhas amigas odiavam! — Me lembro do som alto das eletrônicas e o *funk* estourado.

— Sério? — Assinto com uma careta.

— Tenho certeza que a Sarah deve escutar música clássica. — Abro o box do banheiro e deixo a calcinha no chão.

— Quem me dera, eu escutei tanto Nicki Minaj e Jessie J que hoje parece até o hino nacional. — Ele revira com força os olhos e rio com pena.

— Sarah gosta da Nicki?

*Que choque!*

— E *Anaconda* está nessa lista. — Até mesmo ele ri dessa.

— Eu gosto de uma da Nicki, com a...

— Ariana, *Side To Side*?

**Eu escolhi o homem certo!**

— Sim! Essa música é muito boa — elogio, ligando o chuveiro.

— *Hey Mama* também. — Sem dúvida.

— Na pensão ainda tenho alguns CD's que posso te mostrar — conto e ele ergue uma sobrancelha.

— Pensão?

*Ah, eu não expliquei.*

— Meus avós são donos de uma pensão. Tem vários quartos, é bem grande, a maioria das minhas amigas ainda mora lá, não terminaram a faculdade.

— Seus avós moram em um hotel?

Trevor questiona tirando a calça moletom que até me faz travar um pouco. *Nossa, homem… que isso.* Mordo meu lábio e assim que ele entra no box percebendo meu atrevimento solta um riso nasalado.

— Sossega, Miranda — limita, beijando meus lábios.

— Hum… não é um hotel, estes são mais caros, a pensão é algo mais acessível.

— Deixa eu entender aqui rapidinho. — Ergue o indicador. — Eu achei que fôssemos ficar na sua casa que agora estaria vazia, porque os outros dois moradores têm ficha criminal.

*Mas que safado!*

— Não gosto de ficar lá — murmuro.

*Não me traz boas lembranças.*

Ele parece arrependido da frase e se aproxima do meu rosto com as duas mãos em formato de concha. Toca seu nariz no meu e beija minha cabeça.

— Certo, então na pensão? — Ergue meu queixo.

— É bem grande, tem alguns lugares de churrasco, piscina... não que nós iríamos usar, mas enfim. — Dou de ombros me molhando na água do chuveiro.

— Por que não?

— Não acho que meu avô vá achar legal para uma primeira vez.

— Sua família é meio rígida — expressa, encharcando o cabelo castanho.

— Você que é rígido — provoco, mergulhando meus dedos na sua cabeça.

— E você tem muitas amigas?

— Algumas e alguns, mas a única que é mais importante é a Júlia.

*Era minha melhor amiga.*

— Devo me preocupar com o ódio dela? — Franze o cenho.

— O quê? — Rio.

— Do jeito que pronunciou o nome, ela parece ser ciumenta — acusa, lambuzando a bucha de sabão.

— Não... é um pouquinho, tudo bem, ela é, mas é também uma pessoa boa. Me ajudou com o Vic quando mais precisei — confesso enquanto ele ensaboa meu busto.

— Ela sabia? — Seu movimento se exclui mantendo o sabão em minha barriga. Sua mão aperta a bucha com mais força a cada segundo que demoro a responder. Seus olhos estão tão fixos a mim que tenho certeza de que se eu fosse uma presa, seria detida agora.

— Sim, ela é estilista e a mãe é psicóloga, fiz terapia com ela por quase três anos — revelo, impondo com minha mão sobre a sua que continue o banho.

— Achei que ninguém soubesse desse passado — ronrona e deixa de enforcar minha buchinha para me obedecer.

— Eu precisava de alguém pelo menos. — Puxo seu queixo para explicar.

— Por isso parece mais... saudável em relação a isso, você fez terapia — conclui.

— Graças a Deus, se não provavelmente ainda estaria romantizando tudo que o Victor fazia comigo.

Do jeito que ele era um ótimo ator, sendo o super-herói para todos que eu conhecia, facilmente teria romantizado.

— Você é forte — elogia ainda bem sério.

— Por fazer terapia? — questiono, inclinando um pouco a cabeça sem entender.

— Eu não consegui fazer — fala tão baixo que tenho dificuldade de ouvir. Ele não se sente bem abrindo suas fraquezas.

*Trevor, ter problemas, não é uma fraqueza.*

— Acho que cada organismo lida diferente com trauma e só porque não fez há quatro anos, não quer dizer que não possa fazer agora. Nunca é tarde para esse tipo de coisa. — Afasto o cabelo molhado que cobre seu rosto e lhe dou um selinho.

Achei que meu beijo fosse fazê-lo melhorar, mas não. Ele continua amuado, então resolvo lhe dar algo que realmente ama desde que nos conhecemos.

— Então… — faço suspense e pego o frasco. — O *shampoo* de Limão e Mel quer conhecer as suas mãos! — exclamo bem animada e consigo lhe tirar um pequeno sorriso quando acaricia o produto como se fosse eu mesma.

— Vire-se — pede e obedeço. — Miranda… esse cheiro é divino — elogia, derramando o líquido nas mãos.

# TREVOR WHITE

Entrevista. Sinceramente eu apenas fiz uma entrevista na vida e pelo que vi, fui bem, já que trabalho na mesma empresa há dez anos. Agora, por que estou tão nervoso? Não sou mais um adolescente ridículo. Sou um homem com bons valores, esse homem vai gostar de mim... *será que vai?*

**17 de Maio. 10 anos atrás.**

Respire.

Expire.

Inspire.

Meu peito é tomado por adrenalina pura. Minhas células formigam, deixam cada centímetro vulnerável. Minha mente mergulha, ferve e transborda meio milhão de emoções. Minha visão não é mais minha, mas sim tomada por náusea e tontura da melhor qualidade. Minha pele não é mais minha, mas sim encarcerada por suor premiado. Meu pulmão não é mais meu, mas sim prisioneiro da minha maldita inimiga.

*Ansiedade.*

Eu não posso fazer isso.

Quem eu penso que sou?

Deus? Jesus?

Sou apenas um idiota adolescente passando por crises ridículas, não posso fazer isso, eu não deveria, eu não consigo.

*Eu não tenho coragem de abandonar tudo.*

Minha família é péssima, mas todas são, não?

Eu deveria estar apenas chorando em um desses banheiros e depois voltar para o jogo que é a vida.

MAS ATÉ QUANDO, SEU IMBECIL?

ATÉ QUANDO?

Eu vou aguentar julgamento da minha personalidade.

Eu vou aguentar julgamento da minha profissão.

Eu vou aguentar julgamento dos meus sonhos.

Não deveria ser assim.

Não quero que seja assim.

Não faça ser assim.

Não pare. Não seja covarde mais uma vez.

— TREVOR! — o grito estridente invade cada célula, de cada tecido, de cada órgão, de cada sistema do meu organismo.

Ela não fez isso.

Eu quero me virar e não vê-la.

Achar que é apenas um sonho.

Uma alucinação.

Eu prefiro estar doente a esse ponto.

Do que vê-la chorar por mim agora.

Deixo de andar pelo longo piso do aeroporto, deixo de segurar minha mala com as coisas que julgo serem necessárias. Deixo até o que é impossível. Ansiedade me esqueça por segundos.

Nicolle White.

Nic, me salve mais uma vez.

*Mas apenas mais uma vez.*

A minha irmãzinha corre com os tênis de luz piscando e a roupa inteira azul. Ela ama azul. *Azul Royal*. Os cabelos castanhos iguais aos meus, os olhos de túnel como os meus e a determinação que eu queria ter.

— Onde você vai? — Ela se cansa de correr, joga o peso nos joelhos, mas cria forças para puxar meu braço.

*Eu sei muito menos do que imagina.*

Agacho no chão liso, levanto seu queixo até que seu olhar encontre o meu e dou o sorriso mais falso que consigo. É o melhor que posso fazer depois de ter mergulhado em fraqueza aguada no banheiro.

— Eu vou embora — digo, enrolando meus dedos no seu cabelo. Nic franze o cenho como eu por não ter gostado da resposta.

— E quando volta?

*Respire, imbecil, ela não merece que veja sua insegurança.*

Ela merece um irmão forte.

Ela merece um homem digno.

Ela merece lembrar da minha melhor versão.

— Eu não vou voltar — afirmo e acaricio sua bochecha.

Como se ela tivesse culpa de algo.

Eu juro que se fosse por você.

Só por você, eu ficaria.

Seus olhos vão para baixo, pensantes e agora mais escuros do que nunca. A menina puxa minha camisa e agacha no chão comigo.

— Você está bravo comigo? — fala baixinho com os olhos marejados.

*Não, minha linda, eu nunca estaria.*

— Nic, eu nunca teria raiva de você. — Junto minhas mãos em concha ao seu rosto. — Você nunca me fez ter raiva de nada. Não tem culpa de nada.

— Eu não entendo, foi a mamãe? Papai? Eu posso falar com el...

— Eu tentei tudo que era possível, linda — confesso, enquanto suas unhas azuis mal pintadas brincam com o meu cabelo.

— Você vai ser *publicito*?

— Publicitário — corrijo com um sorriso de canto.

*É isso que eu vou ser.*

E era isso que eu queria ter dito todas às vezes que alguém me perguntou o que eu queria ser quando crescer.

— Eu vou ser publicitário em Portugal, minha casa, Nicolle — digo em tom tão sonhador que até mesmo eu tenho dúvidas disso.

— Vai me ligar?

— Claro! — Dou-lhe minha feição mais animada possível. — Eu vou te ligar, e mandar vários daqueles selos que você gosta, eu prometo!

E mesmo que esteja me esforçando ao máximo, ela continua olhando para baixo entristecida.

— E a Páscoa?

*É outra louca por doces como eu.*

— Eu vou fazer seu Ovo de Páscoa e enviar pelo correio, não se preocupe. — Assim que digo a criança se alivia.

*Sempre fiz todos os seus ovos de chocolate.*

— Eu vou esperar tudo que me prometeu. — Nicolle abraça meu corpo com as mãozinhas e eu a aperto com toda a força que tenho.

— Nic, não deixe ninguém te dar limites, te diminuir, dizer que você não pode ou não deveria ser ou fazer algo. A vida é sua, é você quem vai lidar com os problemas das suas escolhas, mas eu vou te contar um segredo. — Deixo de abraçá-la e seguro seus ombros. — Mais vale uma derrota tentativa, do que uma derrota frustrativa. Quem é frustrado parou de tentar.

Limpo uma lágrima sobre sua bochecha e beijo sua testa lhe lançando outro abraço.

— Eu te amo, Trevo de quatro folhas — fala baixinho.

— Eu te amo, Picollé.



Meu olhar está fixo.

Mais fixo do que o olhar de uma bailarina numa salva de trinta e duas piruetas.

Não é o *aeroporto*.

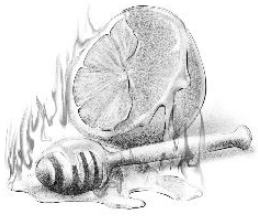
Mas o que ele significa, o *Adeus*.

— Trevor. — Ouço a voz de Mia me chamar. — Está tudo bem? — Acaricia o meu rosto com as mãos de mel.

— Sim, Princesa — assinto e ela sorri.

*Dez anos depois está.*

12



# Lobo Branco

*Observe-me trabalhar e trabalhar*
*Eu tenho suado em mim mesma*
*Todos os garotos, todas as garotas*
*Faço eles pararem*
*Como você conseguiu esse corpo?*
***Genetics – Meghan Trainor***

## MIA ROSS

Pensão. Hospedaria que abriga hóspedes provisórios ou permanentes e dispõe de fornecimento de recursos em domicílio. A pensão sempre foi um lugar de pura diversidade, desde pequena fazia amizade com todos os hóspedes, alguns ficavam meses ou dias, outros até anos. Onde viam uma cama provisória, eu via como meu lar, mas é como dizem, nada muda tanto e tão rápido. Com o tempo meu lar se tornou pensão.

Um lugar alegre com pisos de madeira.

Madeira daquela que faz muito barulho quando se pisa, impossível não acordar ninguém à noite ao pegar um copo d'água.

Madeira, aquela que se cria um eco gigantesco para qualquer palavra, conversa ou espirro que parece até tiro de canhão.

Entretanto, há um segredo para esse eco.

Como no Museu de História Natural em *How I Met Your Mother*, se você se localizar exatamente no ponto de eco, consegue escutar uma conversa inteira perfeitamente do outro lado do local.

*É mágico, porém muitas vezes... nem tudo eu quero ouvir.*

Trevor está pensativo, quieto demais, estranho ele não ter feito nenhuma piada ainda sobre o dia do meu aniversário. Queria que me contasse o que pensa, poderia ajudar se ele deixasse, mas é sempre tão fechado quanto ao passado. Embora esteja se esforçando por saber que essa viagem é importantíssima para mim, me colocando mais uma vez em primeiro lugar.

— Mia, são nove horas de viagem, isso vai demorar. Arrumei um panfleto com algumas paradas quando estivermos na sua terra. — *Sua terra? Chego a rir.* — Esse Castelo parece bom. — Aponta para um guia turístico.

CASTELO!

*A melhor parada de viagem do mundo!*

Às vezes meu pai me levava nas viagens que fazia, quando não queria me deixar com o vovô. Eles sempre brigaram muito. Nessas poucas idas eu amava o castelo, me sentia uma princesa brincando nos chalés.

O Castelo Plaza tem um ambiente histórico, sofisticado e repleto de pedras com mais de meio século.

*E agora é minha vez de fazer o tour.*

Tusso de forma exibida para chamar sua atenção.

— Quer dizer o Castelo Plaza? — Repito exaltando o local e ele ergue uma sobrancelha.

— Eu vou ser seu aprendiz, não é?

— Eu fui sua aprendiz portuguesa, agora vai ser meu aprendiz brasileiro — informo como uma ordem.

— Como desejar, Princesa — sussurra e beija minha cabeça.

*"— Última chamada Lisboa para Brasil, 12h, voo 4035, portão B-21"* — a voz robótica anuncia e nos levantamos.

— Nossa vez, ah… comprei umas máscaras. — Trevor tira do pacote plástico e me entrega com um sorriso.

Meus dedos tocam algo macio e quando desviro o tecido, encontro uma máscara de dormir bege com abelhinhas e flores. Como ele pode ser tão romântico? Tudo que me presenteia tem um significado, nunca me comprou nada que não fosse bem pensado e agora não seria diferente. Não consigo conter um sorriso bobo com essas atitudes fofas.

— Obrigada. — Lhe dou um selinho e acaricio sua barba. — E a sua? — questiono e ele coloca uma máscara peludinha de ursinho na cabeça. — Ah! Por que a sua tem pelinhos? — Meus lábios que estavam sorrindo murcham.

— Acho que porque não vendem abelhas com pelinhos.

— Isso é injusto! — reclamo, formando um bico em meus lábios que o faz rir.

— Tem razão, idiotas, podemos comprar o tecido e fazer! — sugere, focado em me alegrar e consegue.

*O que ele não faria por mim?*



Desabo minha cabeça em seu peito na espera da fila enorme para embarcar e Trevor massageia meu cabelo em movimentos parecidos com ondas circulares, um toque tão macio. Me traz paz. Enrola o indicador em cada mecha, contorna os cachos que fiz no *babyliss* e não deixa de sentir o cheiro de Limão e Mel.

— Está cheiroso assim porque eu lavei — sussurra exibido.

— Eu lavo muito bem também, senão você nem teria sentido o cheiro da primeira vez — provoco dando de ombros.

— Touché, Srta. Ross, mas minha limpeza foi superior.

— Se te fizer dormir melhor, Sr. White.

Olho ao redor e franzo o cenho não reconhecendo o local onde estamos, não se parece com a sala que estava no primeiro voo para cá. É mais sofisticada, tem até um bar.

— Por que essa sala é diferente?

— Pedi a primeira classe.

MEU DEUS!

— Quanto custou isso, Trevor?! — Me afasto do seu corpo e o confronto. *Como pode nem ter me avisado?*

— Para o bem do nosso tempo de viagem não vou responder — diz bem tranquilo como se eu não estivesse irritada.

*Mas que cretino!*

— Poderíamos ter ido na econômica, não tem diferença nenhuma!

— Mirandinha. — Estou pegando raiva desse apelido. — Você já viajou de primeira classe? — Droga.

— Não, mas tenh...

— Então, shh. — Ele invade meus lábios com o indicador e sorri.

*Gosta de me provocar.*

— Só acho que poderia ter me dito. — Bufo.

— Às vezes eu questiono a sua inteligência, sabia? Ganhou o campeonato da empresa, passou em uma das maiores bolsas de mídia portuguesa, mas não deduz que o diretor criativo iria de primeira classe?

— Às vezes eu questiono a sua inteligência, sabia? Conquistou o cargo de diretor criativo com vinte e quatro anos, fez várias campanhas de sucesso, mas não conhece a distração da mulher que massageou o cabelo por seis meses?

— Distração? Desculpe, Srta. Distraída.

Ele entrega as passagens e a aeromoça abre a catraca para o corredor depois de nos fiscalizar.

— Ah, Miranda! — Ele me proíbe de andar, totalmente dramático abrindo os braços. — Cuidado com o degrau.

— Eu vi o degrau! — Reviro os olhos com força.

— Só estou sendo cauteloso com a sua distração — debocha e tenho vontade de lhe dar um tapa.

Caminhamos até a escada de entrada do avião e Trevor puxa minha mão para subir. Uma mulher com um uniforme azul, um lenço no pescoço e um salto muito alto sorri para nós.

— Boa tarde, Sr. White e Srta. Ross, sou Andressa e vou ser sua aeromoça nessa viagem. — Ela caminha por dentro do avião e a seguimos. — Essa é a suíte escolhida, por favor se acomodem e para qualquer necessidade apenas apertem o botão de chamada que atenderei em minutos, obrigada por escolher nossa companhia, boa viagem! — Ela nos entrega um manual e com elegância volta para a cabine.

Trevor se inclina para direita bem perto dos meus ouvidos.

— Igualzinho a classe econômica, Miranda — provoca com um sorriso.

Só não dou um tapa forte em seu braço porque não seria elegante.

O avião só tem quatro suítes, é praticamente um voo exclusivo, as cadeiras são enormes muito bem almofadadas, vários botões e até a televisão está ligada. Sentamos na janela separados por uma mesa dobrável com revisteiros e luminárias.

Deus, retiro o que disse. Tem muita diferença. No meu voo para cá nem consegui dormir com um senhor roncando ao meu lado e aqui deve até ter música para dormir se depender dessas aeromoças.

— Vai, pode dizer. — Se recosta na cadeira com as mãos atrás da cabeça. — Dinheiro traz felicidade.

— Ah, você acredita nisso? — Ergo uma sobrancelha.

— Sinceramente, eu prefiro me consolar em um iate comendo camarão do que chorar no banheiro de casa.

— Concordo, mas prefere uma fortuna ou o amor da sua vida?

— Por que responder? Eu tenho os dois. — Se exibe tanto que escapo um sorriso.

— Exibido — murmuro baixinho e ele ri.

— Boa tarde, posso oferecer champanhe? — a aeromoça pergunta com duas taças e uma garrafa enorme.

— Sim, por favor, Miranda?

— Uhum, sim, quer dizer, obrigada... eu vou querer! — Vou enfiar minha cara no chão e Trevor está se divertindo com isso.

Ela despeja o líquido dourado nas taças devagar, com tanta classe que parece até dançar *ballet* para simplesmente encher um copo. Põe um pequeno pote de amêndoas sobre a mesa e guardanapos dobrados em formato de rosa ocupam os braços da cadeira.

— Boa degustação — deseja.

— M-muito obrigada — gaguejo, ainda sem acreditar no luxo que estou vivendo.

— Isso vai ser divertido — humoriza.



Confesso que dormi quase a viagem inteira, às vezes me odeio, poderia ter aproveitado tudo, mas aquelas poltronas eram tão confortáveis...

Trevor, por outro lado não dormiu um segundo, ficou lendo uma das bíblias do Stephen King. Não posso nem julgá-lo, amo o escritor, o admiro demais, mas sempre gostei de um bom romance ao invés dos suspenses.

Depois das longas nove horas de viagem, os funcionários do avião foram super educados, agradeceram a escolha e até me deram um pedaço da torta de chocolate belga para levar.

*Deus, se for para ser sempre assim, vou querer voar todos os dias.*

Trevor chama um táxi para aqueles lugares de locação de carros que chega mais rápido do que o Papa-léguas. Ele abre a porta do veículo para mim, dá o endereço ao motorista, coloca as malas no carro e volta a agarrar o livro.

— Psiu — cochicho e ele joga o olhar para mim.

— Qual é o livro? — pergunto brincando com a gola da sua camisa branca.

— Torre negra, o quarto volume.

— Falta muito?

— Posso terminar depois — sugere quase fechando o livro, mas adio com minha mão.

— Não! Eu gosto de ver você ler — admito, coçando a nuca.

— Ah, por quê? — Ergue uma sobrancelha.

— Sua concentração é atrativa — confesso, ele sorri e me traz para mais perto. — Pode ler um pedaço em voz alta? — peço e Trevor assente.

— "Sacudiu a fumaça para os lados com as mãos. Seus tiros tinham estilhaçado o encosto do trono, transformando-o em grossos cacos de vidro verde, mas a criatura em forma de homem, a criatura que se autodenominara Flagg, havia sumido. Roland percebeu que já começava a duvidar se ele — ou a coisa — estivera realmente ali..."

*Sua voz é uma mistura de suspense e conforto.*

Deito a cabeça em seu ombro e mantenho os olhos fechados, mas atenta ao ouvir a leitura com o sotaque que mais amo no mundo.

# TREVOR WHITE

Pensão. Acho que nunca pisei em uma, na verdade nem sabia que havia diferença para um hotel até ontem. Entretanto, os olhos da Princesa de Limão e Mel brilham ao falar do lugar... talvez, eu crie lembranças também.

Sempre que consigo costumo ler livros grandes, talvez um pequeno preconceito com os pequenos de trezentas páginas, sinto como se fosse

impossível desenvolver tudo em tão poucas, exceto quando falamos de sagas, essas estão salvas.

É claro que há exceções, livros minúsculos que causam impacto de um calhamaço, mas é raro, convenhamos.

Ainda restam cinquenta páginas para terminar a Torre Negra, fiquei até lisonjeado por Mia me pedir para ler, normalmente a Morgan faz barulhos de peido quando leio, Sarah sai até do local e Rose apenas revira os olhos.

*Elas não gostam muito de suspense e ficção.*

Na verdade nem sei se a Mia gosta, mas pareceu interessada o que me deixou mais exibido do que o normal.

Depois de alugar um Civic Sport, dirigi por mais ou menos uma hora até chegar no tão falado Castelo Plaza. Acordo Mia com um cafuné em seu cabelo e ela se remexe ao retirar a venda de abelhinha.

— Vai ser minha agente de turismo? — brinco, falando baixinho.

— Hum… vou sim. — Ela se espreguiça erguendo bem os braços. — Mas preciso consultar meu *co-agente*.

— Quem seria? — Franzo o cenho.

— Google — admite e escapo um sorriso.

Ela ajeita o cabelo, a jaqueta de couro ao olhar no espelhinho do carro e levanta um pouco a calça jeans justa para sair. Me puxa para fora do automóvel e se enrosca no meu braço sem deixar de olhar a matéria sobre a história do local.

Está um pouco chuvoso, o cheiro é gratificante e limpo e me chama atenção o letreiro enorme luminoso:

CASTELO

Entre a construção principal, há chalés com paredes feitas de pedra e telhados enormes, postes de luz por todos os cantos e várias lojinhas. Esse lugar parece até um retrato da idade média.

— Bom, Sr. Aprendiz Brasileiro. — Sorrio. — Aqui diz que o Castelo existe há bem mais do que meio século, com fiação subterrânea e telhados íngremes.

— Isso é visível — provoco. — Me conte quem fez os chalés.

— Humm… — Eu amo os resmungos de Miranda Ross. — Ah! — Encontra, erguendo o indicador. — Foram os canteiros espanhóis, de acordo com o site deles, foram trazidos pela habilidade especial no trabalho artístico com pedras... nossa.

— O quê?

— Eu não sabia que canteiro era um trabalho, achei que fosse apenas como um jardim.

— Serve para várias coisas na verdade, pense no canteiro como uma caixa de pedras, os jardins que pensou não tem essa caixa? — explico, mantendo-a perto de mim enquanto caminhamos.

— Sim, como aquelas hortas fechadas.

— Pois é, isso serve também para aquelas áreas de obra fechadas, são chamadas de canteiros de obra.

— Então os chalés foram feitos por esses construtores.

— Isso.

— Tá! Mas pare de falar, eu sou a professora agora. — Fica uma gracinha com o rosto emburrado.

— Prossiga, Professora Miranda.

*E como eu amei ser seu aluno…*

— Algumas datas importantes para a família e para o Castelo estão assinaladas em rosas dos ventos nos telhados...



Mia quis passar no mercadinho do Castelo, lhe dei o cartão com muita relutância da parte dela, claro, e resolvi esperar no carro. Tive que pesquisar como funcionava o dinheiro em outro país, fazia anos que não me

preocupava com isso, mas se o cartão for de débito e o local aceitar a bandeira do país, passa normalmente.

Leio mais algumas páginas do livro e ouço o telefone de Mia tocar, ela esqueceu. Deixo tocar. Me concentro novamente nas últimas linhas, mas há de novo a ligação.

Deve ser importante.

Devo atender?

Apenas diga que ela saiu.

Atendo no quinto toque.

— Mia! Está chegando? Seu avô comprou aqueles salgados que você gosta, já era para estar aqu...

— Oi, desculpe, ela saiu, quer eu deixe recado?

*Parabéns, Secretária Eletrônica.*

Um silêncio toma a linha e ouço alguns sussurros e risos.

— Aaah… — A garota com voz energética ri. — Você é o colega de quarto dela?

Devo responder? Deus!

Ela não contou da minha existência?

Pense rápido, White.

— Sou o namorado — respondo firme.

Nossa, falar isso chega até a ser estranho, mas é verdade.

*Eu sou o namorado de Miranda Ross.*

— Ah… — Mais silêncio e conversas baixas. — Oi, namorado! Sou a Ana Clara ou Aninha, pode dizer a Mia que estamos ansiosas para que ela chegue?

Aninha.

Parece um ninho.

Ninho de Ana.

Aninha.

*Caramba, eu estou tão nervoso que meus pensamentos estão bugando?*

— Aviso.

— Tá bom, tcha-tchau! — A garota desliga.

Tcha-tchau?

Duas vezes?

Mia abre a porta do carro com algumas sacolas de papel 1kraft.

— Olha, eu achei uma Nutella com palitinhos de bolacha! — Me presenteia com um sorriso enorme.

— O nome é Nutella & Go — entitulo.

— Ai, desculpa especialista, trouxe pra você. — Ela ri e abre um pacote com sonho de creme.

— Contou para sua família da minha existência?

— Não, você contou a sua? — ironiza.

— Espertinha — sussurro e ela ergue o nariz se sentindo inteligente pela resposta, sabe que não contaria aos babacas de Londres.

— Não sei para que contar, minhas amigas são muito afobadas, iriam ficar te analisando, fofocando sobre isso, eu prefiro pegar a surpresa e estar lá para ouvir.

**M.e.r.d.a.**

*Mas eu atendi a merda do telefone.*

— Hipoteticamente. — Ergo o indicador.

— O quê?

— Vou dizer uma situação hipotética.

— Ah, sim. — Ela se lambuza com o açúcar de confeiteiro.

— Hipoteticamente, se você tivesse esquecido o celular no carro, ele tocasse, duas vezes e eu tivesse atendid...

— Trevor! — ela exclama largando os pacotes.

— Eu disse hipoteticamente!

— Ah, então você não atendeu meu celular?!

— Eu sou obrigado a responder?

*Está em um tribunal?*

— É sim, eu sou sua namorada e exijo saber o que aconteceu com o meu aparelho eletrônico de chamadas na minha ausência. — Entrou na brincadeira.

— Certo, eu não ia atender, mas tocou pela segunda vez, pensei que fosse importante e atendi.

— Era meu avô? — Graças a Deus, não.

— Não, era uma tal de Aninha.

— Ah. — Mia coloca a mão na testa em negação. — O que você disse?

— Disse o que eu era... fiz mal? — me acanho a perguntar.

— Não! — Ela ri alto o que me conforta. — Só que elas devem estar analisando sua voz nesse segundo e me *stalkeando* por não ter contado.

— Que amizade saudável — murmuro.

— Olha quem fala! E a sua amizade super saudável? — Aponta o dedo para o meu peito.

— Primeiramente, não é amizade, é Amor Leal e você sabe muito bem disso. E em segundo, é saudável sim, o relacionamento romântico que é tóxico... eu acho, quer dizer, tenho certeza.

— Claro que tem. — Se irrita e se vira um pouco mais para a porta do carro se afastando de mim.

Franzo o cenho ao tentar entendê-la, prefiro usar a tática do carinho e conversa, brigar não resolve nada.

Tiro as sacolas do seu colo e desligo o carro, puxo seu corpo para mim e ela fica relutante.

— Mia? Por favor — peço, acariciando sua coxa.

Ela me fita com raiva e faço força para entender. Franzo o cenho e massageio mais sua pele na tentativa de conseguir um pouco da sua clemência. Talvez não seja apenas pelas amigas fofoqueiras, tem algo além

disso, minha Princesa? Por que não me diz e conversa comigo? Envolvo seu pescoço com minha outra mão e prendo seu olhar ao meu. Por mais relutante que estivesse, tão nervosa com a temperatura que confirma sua emoção, ela suspira e cede, deixando que eu a coloque no meu colo. Mia impõe seu nariz ao meu fazendo com que respiremos o mesmo ar e eu e eu seguro sua cintura mantendo-a fixa

— Tem vergonha de algo? — murmuro.

— Do que eu teria? Você é... você — fala baixinho com a voz tão rouca que acredito firmemente que está tentando não chorar.

Ultimamente ela tem estado bem mais sensível do que o normal e não posso dizer que não entendo, é muito para processar em tão pouco tempo. Eu me esforço para mostrar a parte sensual e carinhosa do relacionamento, mas também há a parte que assusta. Poucas horas atrás estávamos brigando e agora estou indo conhecer a família dela. Não desaceleramos ainda. O momento pode ser esse.

— Não respondeu. — Ela olha para baixo, fixa, sem fala. — Miranda, eu não vou te julgar — consolo, colocando uma de suas mechas atrás da orelha.

— Você não vai — sussurra.

— Por que alguém te julgaria? — Acaricio sua bochecha.

— Eu fiquei tão fora de mim. Saí do meu país, frequentei festas sexuais, menti no tribunal, transei com meu chefe na primeira seman...

— Esse chefe é legal? — brinco para descontraí-la.

— Trevor. — Tiro um pequeno e quase imperceptível sorriso de sua boca, o que me anima a princípio, mas logo depois uma lágrima cai sobre seu rosto.

*Minha Princesa…*

Abraço seu corpo de mel tão quente pelos sentimentos e a deito sobre meu peito enquanto ela batalha fungando o nariz ao tentar conter o choro.

— Não acho que está fora de você, acho que está *sendo* você. Uma pessoa que não havia tido a chance de ser quem é. Sim, foi impulsiva, mas quem nunca? Eu também tive culpa, te provoquei tanto que fiquei surpreso

de ter recusado da primeira vez — explico, afagando seu cabelo e a vejo limpar as lágrimas que despejam.

— Meu avô odeia essas relações, acha que é abuso de poder, promíscuo, ridícul...

— Avise a ele que é mais fácil você abusar de mim em questão de poder.

— Trevor! — Mia tenta mascarar o choro com um sorriso mas não dura muito.

— Eu saí de um namoro de seis anos, simplesmente mudei de país e transei com a primeira pessoa que vi na rua, sabe como vão me ver por essa atitude?

— Nossa, é isso que eu fui para você? — brinco, sabendo que não se refere a mim. — Estou brincando. Mia, quando eu terminei com a Sarah, no dia seguinte peguei a primeira secretária que vi no meu radar, fiz isso também quando a Hillary se foi. É errado, talvez uma terapia ajudasse a controlar esse impulso ridículo, mas foi a forma que eu consegui de superar as coisas e no seu caso foi também.

— Nossa, foi rápido, não é? Eu demorei duas semanas, calma aí — humoriza rindo um pouco e não resisto em copiá-la.

— Vai fazer piada? — ironizo e ela se acanha tentando fechar o riso. — O que eu estou querendo dizer é, quem liga? Desde quando tem que ser certinha o tempo todo? Posso ser ridiculamente promíscuo, mas ninguém nunca duvidou do meu trabalho, então o resto é problema meu.

— Acha que eles vão entender? — questiona fungando o nariz vermelhinho.

— Não sei, muito provável que te julguem, mas quando fizerem isso, lembre-se que eu vou estar lá e eu não te julgo, te admiro — declaro.

— Eu sei — sussurra, mais como se falasse consigo mesma.

— Então não chore, por favor, seu aniversário está tão perto, vai ser ótimo. — Limpo seu rosto com minhas mãos e beijo sua testa. — Pelo menos eu planejei várias coisas. — Finalmente ela sorri e procura um lenço na bolsa.

— Trevor — chama, e assim que lhe atendo recebo um selinho. — Obrigad… — tento interromper e ela coloca o indicador nos meus lábios para me calar. — Obrigada por me levar de avião, primeira classe, eu nunca tinha ido, gostei muito. — Impõe seu nariz no meu e fecha os olhos. — Obrigada por ter me deixado comprar as coisas no Castelo e... por ter vindo comigo.

*O mínimo, esse é o mínimo que eu poderia ter feito.*

— Eu quero te ver feliz, Princesa, e me desculpe por ter atendido — peço, cravando as mãos no seu cabelo cheiroso.

— Eu gostei. — Ela ri um pouco. — Só não foi um bom momento, mas sempre que quiser atender quando eu não estiver, está autorizado.

Recebi autorização.

Está vendo? É simples.

— Então, igualmente. — Libero enquanto lhe encaro completamente.

Miranda traz os dedos ao meu cabelo e massageia devagar, analisando cada fio, concentrada. Observo seu rosto que aos poucos deixa de ficar úmido, acaricio sua bochecha e me inclino para mais perto. Ela mergulha os dedos no castanho e se inclina para baixo tocando seu nariz ao meu mais uma vez. Consigo sentir sua respiração na minha pele, respira ainda com dificuldade, mas passa a língua entre os lábios e desce as mãos para o meu pescoço. Me inclino mais para cima e selo nossas bocas, de forma tão leve, porém demorada. Intenso, mesmo que não rápido ou forte, um outro conceito de intensidade que me encanta. Aos poucos ela destila de mim e permaneço imóvel, se afasta e um riso ofegante a domina. Se aproxima dos meus ouvidos e sussurra:

— Que horas são? — Esbanjo um outro sorriso ao lembrar o quanto essa frase pequena e fútil para muitos, para nós significa tanto.

Deixo de segurar sua cintura e levanto um pouco o braço para ver o horário.

— Em Portugal, meia-noite e quinze, Princesa.

— E aqui?

— Se o fuso for de menos quatro horas, são oito e quinze da noite.

— Hum... eu queria perguntar, por que trouxe o livro? — Ergue uma sobrancelha murchando os lábios.

— Ah, pensei que talvez ficasse ocupada com a sua família, não quero atrapalhar, então pensei em atualizar a leitura — confesso.

— Não vou te abandonar.

— Deveria, minha Torre Negra. — Beijo sua boca rapidamente.

— É o nome do livro, não é? O que significa?

— A Torre Negra é o centro de toda a criação, e para ser acessada é necessário uma prova, dizem que ela deu a espada para o Rei Arthur... gosto de pensar que se ganhasse essa prova uma Princesa estaria lá dentro.

— Princesa da Torre Negra — conclui.

— Exatamente.

— Pode ler mais para mim quando chegarmos? — pede, e como no mundo eu poderia lhe dar uma resposta negativa?

— Vai ser uma honra — digo lisonjeado e meu olhar é fisgado pelo pote de avelã. — Então... essa Nutella com bolacha como disse, vai ficar sozinha? — Ela ri, volta ao banco do passageiro e me entrega o pacote.



Depois de passar por um enorme túnel escuro cheio de luzinhas, chegamos a tal cidade natal de Miranda.

*A histórica São Paulo.*

O local onde o café tomou a economia brasileira. Repleta de diversidade e uma das cidades mais populosas do mundo. Além de vários pontos turísticos incríveis.

Sigo o GPS à risca, admirando a diferença das ruas e avenidas brasileiras. É bem diferente de Portugal, aqui são mais... atuais é a palavra?

Estou acostumado com uma arquitetura mais gótica, já essa cidade, pelos prédios, é claramente arquitetura moderna.

*São belas ruas*.

Estaciono em frente à um prédio elaborado onde o verde-água domina, confirmo o número e o letreiro me diz que acertei.

PENSÃO ROSS SALES

*Sales?*

Mia já está dormindo de novo, não devia ter concordado com a ideia do banho na madrugada. Desligo o carro e deixo o porta-malas já destrancado, me aproximo dela e toco seu rosto.

— Mia… — chamo baixinho e ela mexe a cabeça. — Princesa?

— Humm... estou acordada — ronrona.

— Detesto te acordar pela segunda vez, mas não vou entrar sozinho.

— Chegamos? — Ela tira a venda e o travesseirinho do pescoço.

— Não sabia que tinha Sales no seu nome.

— Ah, é o sobrenome da minha avó e por coincidência da minha mãe também, mas meu pai não quis colocar. Ele dizia que nomes grandes são bregas.

— Ele não devia gostar da monarquia.

— Provavelmente não. — Ela ri. — Vou tocar a campainha, traz as malas?

— Melhor. — Desço e abro a porta do carro para ela.

— Psiu! — chama e atendo de imediato quando puxa a gola da minha camisa. — Boa sorte com o vovô. — Deseja e toca seus lábios na minha boca.

— Não preciso de sorte, sou incrível. — Seus olhos se reviram. — É o que eu diria se soubesse pelo menos o básico de militares. — Assim que digo seu sorriso se transforma em pena.

— Vai se sair bem. — Segura o meu rosto e traz para um, dois, três selinhos.

*Três sortes então.*

Abro o porta-malas e tiro as bolsas, enquanto ela faz uma careta esperando a porta abrir.

— Querida, ah meu Deus, quanto tempo! — Mia abraça forte com uns pulinhos ao que me parece ser sua avó e entra na casa.

*Respire, fique calmo, ela disse que vai se sair bem e está certa.*

Trago uma das malas de mão e entro no hall da pensão com alguns sofás e uma grande escada central preta fosco.

Escuto latidos altos e extremamente ferozes que me fazem arrepiar e tremer o corpo inteiro de uma vez só. O suor, caramba, de onde surgiu tanto suor? Um cão de pelos grossos brancos que se iguala a um lobo me fita com um olhar de fúria sobre a escadaria. Mas o que, em nome de todas figuras santificadas, é esse animal? Ele pula. A criatura deu um salto quilométrico bem maior do que os saltos olímpicos. O cão pula os degraus e entra em uma maratona com as patas robustas até mim.

Seguinte.

Nesse estágio eu morri.

Foi isso.

Conheci a mulher da minha vida.

Tivemos um curto relacionamento.

E eu morri devorado por um *Lobo Branco* selvagem.

Eu posso correr.

Vai correr na frente da família de militares dela?

Seu frango!

Pense rápido!

Trevor!

— PUTA QUE PARIU! — grito desesperado.

Mas não.

Não foi um grito masculino.

Bem longe disso.

Minha respiração não é mais calma e meus pulmões agora são bombas industriais que trabalham de forma sagaz e intensa, uma gota de suor cai sobre a minha testa e tento firmar o corpo no chão.

— MAJOR, SENTA! — essa sim é uma voz masculina.

O cão para a milímetros de mim, obedece a ordem de forma imediata mas mantém o olhar de fúria contínuo.

— Tem medo de cachorro? — um homem robusto, alto e de fios com uma mistura castanha e grisalha pergunta e sinto de fundo uma ironia com desprezo.

— Não! É… claro que não tenho — escapo as palavras sem nem pensar antes de dizê-las.

Mia se aproxima de mim e agacha ao lado do lobo branco.

— Ele é mansinho, só quis te cheirar — sussurra acariciando-o.

— Só quis me matar — sussurro de volta, ela tenta conter a risada e falha.

— Respire, amor, por favor — fala baixinho no meu ouvido ao levantar.

Obedeço e ela puxa minha mão.

— Vovô, esse é o Trevor! — Se anima ao falar com um enorme sorriso.

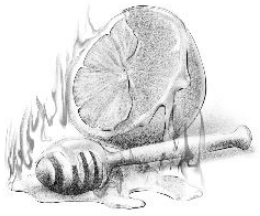
— Satisfação, Sr. Ross — me apresento lhe entregando minha mão.

*Agora virou o machão, não é?*

O homem forte e vigoroso como um touro franze o cenho e com os olhos de mel iguais aos da minha namorada, porém extremamente rígidos, ele me analisa de cima a baixo.

*Se eu não morri com o ataque do lobo branco, quero morrer com esse olhar.*

13



# Manequim Avelã

*Vamos voar para longe daqui*
*Eu preciso de férias*
*Decolar hoje à noite para Tóquio*
*Como se fosse teletransporte*
*Deixar todas as nossas*
*Preocupações em casa*
***Vacation - Johnny Stimson***

## MIA ROSS

Análise. Exame detalhado sobre determinada matéria ou assunto. Também conhecido como interrogatório dependendo do tom de voz. Em desfiles, desinformados vão apostar com certeza que os críticos analisam a roupa, quando na verdade tudo sempre se trata da postura do manequim realista.

*Major Floquinho.*

Cão da família Ross há quase onze anos, um Pastor Suíço Branco treinado por militares desde o primeiro dia de vida e o maior guerreiro de todos os tempos, pelo menos para uma garotinha como eu era.

Lembro do dia em que meu pai o trouxe para casa, em uma caixa de papelão com furos, o que para uma menina de treze anos que amava cor, era bem monótono.

Mas ele tinha duas personalidades, era o macho alfa Major para os militares da família e também o Floquinho para mim.



— Miranda, este é o Major. — Meu pai, jovem de cabelos castanhos puxados para trás com gel, o tira da caixa com uma das mãos.

— Major é meio... autoritário, não acha, papai? — questiono com um biquinho e mãos na cintura.

— Tem que ser, ele vai te proteger de tudo — explica colocando uma coleira no lobinho branco.

— Eu gosto de Floquinho — sugiro com um sorriso, juntando as mãos para que aceite.

— Floquinho? — repete e pensa por um minuto. — Major Floquinho então, Miranda.



Duas faces.

*Uma bela ironia, Coronel Mostarda.*

— PUTA QUE PARIU! — Trevor solta um grito quase como um falsete[9] da Ter[10].

*Deus, Trevor... onde está sua postura?*

— MAJOR, SENTA! — Meu avô ordena e meu lobinho para há poucos milímetros da camisa branca.

Chego a virar a cabeça para ver o olhar súbito nos fios grisalhos de Tony e um pequeno riso de minha avó Maria. Respiro fundo, me aproximo de Trevor que está quase tendo um infarto e acaricio o Major.

*Mia, sem rir!*

*Você tem medo de trovões!*

— Ele é mansinho, só quis te cheirar — sussurro na tentativa de acalmá-lo, está quase tendo um surto e tenho certeza de que seu coração pode pular para fora a qualquer minuto.

— Só quis me matar. — Escapo um riso sem me conter e ele revira os olhos.

Seguro sua mão fria pelo susto que acaba de levar e puxo para perto dos meus avós.

— Vovô, esse é o Trevor! — Sorrio.

*Por favor… eu juro que ele é incrível, Antony.*

— Satisfação, Sr. Ross.

*Amém! A voz que eu amo voltou.*

Ele lança um olhar penetrante e analisa Trevor por inteiro. Talvez a opinião dele importe muito para mim, porque esse olhar parece durar horas. Cruza os braços e respira com desgosto.

*Ah, droga.*

— Quem é esse cara? — afunila, apontando para o peito dele.

— Vovô — limito, segurando a mão de Trevor bem firme para acalmá-lo. — É meu namorado.

— Já tem um.

— Nós terminamos faz quase sete meses — explico pela enésima vez. Eu tenho tanto ódio pelo Victor ter se aproximado tanto da minha família.

— O que faz da vida? — Não é uma pergunta como se ele estivesse realmente querendo conhecê-lo.

*E começou o interrogatório…*

— Sou diretor criativo na empresa em que sua neta trabalha. — Isso, uma resposta adequada. Está se esforçando e não pense que não estou vendo isso, Ursinho.

— Teve um relacionamento com seu chefe? — assevera com o olhar de puro julgamento agora para mim, tal olhar que poderia tirar minhas tripas para fora de tanta intensidade.

— Espero que continue tendo — ele brinca para descontrair.

— A pergunta não foi para você — restringe, jogando o julgamento agora para ele.

— MIA CHEGOU! — Ana dá um grito de felicidade e se aproxima correndo junto as minhas amigas para me dar um longo e demorado abraço.

*Obrigada por isso, já estava enfartando, então imagine ele.*

— Ana, senti tanta... — Nos viramos enquanto nos abraçamos criando um círculo perfeito. — Tanta, mas tanta saudade — digo ao apertá-la demais da conta até que ela trava o movimento.

— Mi. Ran. Da. — Ela eleva os olhos ao Trevor e não posso vê-la, mas acredito que esteja boquiaberta. — Trouxe um vingador da Marvel com você? — Ela ri aguçada, é muito desavergonhada!

— Ana! — limito com um riso.

Ana, foi uma ótima amiga na faculdade, sempre muito energética, um lindo rabo de cavalo e não tem vergonha nenhuma de dizer e fazer coisas absurdas. Cabelos cacheados loiros.

Duda, conheci na aula de fotografia que tínhamos em comum, é mais tímida com seu estilo de camisetas largas e dá ótimos conselhos. Cabelos lisos castanhos.

Júlia, minha melhor amiga desde o ensino médio, a pessoa que mais confiei. É uma estilista talentosa, embora infantil às vezes, e arrogante. Cabelos curtos pretos.

— Trevor, essas são Ana, Duda e Júlia — apresento-as, apontando para cada uma.

Duda aceita com um sorriso simples.

Julia prefere não tocar sua mão.

E a Ana...

— Nossa! Arrepia assim mesmo? — Escapo uma risada junto a dela, completamente envergonhada quando toca sua mão. Trevor sorri de canto e já posso imaginar seus pensamentos exibidos.

— Minha primeira vez também foi assim — murmuro, apertando mais forte o braço do meu namorado.

— Querida, seus salgadinhos estão na mesa — minha avó chama da cozinha.

— Vão na frente — peço e elas obedecem, pois percebem que quero alguns minutinhos com ele.

Me viro para Trevor e puxo a jaqueta preta para perto do meu busto até que quase nossos lábios se toquem.

— Primeira parte já foi — sussurro na sua boca.

— A parte dois é um interrogatório? — Puxa minha cintura para si com um selinho.

— Quase isso... não fale do Victor, nem do meu pai, do tribunal, ninguém sabe de nada sobre isso aqui — alerto.

— Minha boca é um túmulo.

## TREVOR WHITE

Análise. Nunca gostei de provas, não podem definir sua capacidade com perguntas, apenas você sabe do que é capaz.

*Não pode ser tão assustador!*

O homem parece um assassino ou eu estou nervoso demais. É minha primeira vez nisso ou pelo menos com uma mulher que eu amasse tanto.

*Eu conheço a família da Rose, mas foi quase como um amigo, não conta.*

Apenas respire. São somente dois dias, depois já vai estar no conforto português, mas por enquanto.

*Seja um Manequim Avelã.*

A sala de jantar é bem grande, uma mesa de madeira rústica retangular toma o local quase por inteiro. Lâmpadas decorativas de vários tipos e muitos detalhes do verde-água. É a cor da Pensão pelo visto. Gostaria de ver a cozinha, deve ser muito bem equipada.

Puxo a cadeira para Mia que senta e já se apossa de um dos pacotes de salgadinhos com os olhos brilhantes de Amor Sublime, sim, amor por comida e nem posso julgá-la faço o mesmo com Nutella. Não sabia que ela gostava tanto dess... se bem que são bolinhas de massa com recheio, mas salgado, era meio óbvio, Trevor, parecem sonhos de creme.

Sento ao seu lado, coloco meu braço ao redor do seu pescoço e entrelaço meus dedos no seu cabelo.

*Só isso para me acalmar agora…*

— Então... aconteceu algo de interessante nesses seis meses? — Mia puxa assunto se lambuzando de sal.

*Com certeza conosco aconteceu muita coisa.*

As respostas parecem todas monótonas demais, me esforço para não revirar os olhos ao ouvir Ana falando sobre uma desilusão amorosa. Mergulho meu nariz no cabelo de limão e mel e dou lhe um selinho rápido na cabeça.

*Júlia está me encarando ou é impressão minha?*

Encaro de volta e ela bufa, não me importo, não é aprovação dela que interessa.

— Então Sr. Ross não tem perguntas ao... bem, esse cara? — Júlia acabou de entrar na minha lista de ódio.

— Atendo por Trevor ou Sr. White — cuspo as palavras sem pensar e Mia franze o cenho ao olhar para mim.

— Não é português? — a voz grossa me invade junto ao seu olhar.

*Só não vá ROSSnar para mim… Trevor, concentração!*

— Sou! Bem patriota inclusive, embora tenho descendência inglesa de onde veio o sobrenome — explico, agora conseguindo um sorriso sem ter que olhar para a garota que mais parece uma estilista parisiense de quinta categoria.

— Parece novo demais para ser vice-presidente de uma empresa. — Me fita como se estivesse escondendo algo.

— Sou. O cargo foi uma herança, mas não descarta meu mérito, trabalhei anos na empresa antes de assumir — explico e Mia aperta minha mão como se estivesse confortável com a resposta.

*Acertei? Ele gostou dessa?*

— Herança de família?

— Sim, ela era minha mentora, a antiga CEO — explico e posso sentir o suor nos dedos de Mia.

— Sua mãe?

— Vovô, por que não mudamos de assunto? — ela pede com a respiração um pouco mais acelerada.

Não se preocupe, Princesa, não é um assunto do qual não posso falar. Seu avô quer saber, eu posso explicar.

— Qual o problema de falar de família?

— Nenhum, Sr. Ross, eu apenas não sou próximo das pessoas que me criaram.

— Faz muito tempo que não os vê?

— Dez anos. — Os rostos da mesa ficam boquiabertos inclusive o de Mia, acho que não comentei sobre o tempo com ela.

— Acredito que a minha neta não fará isso. — Pareceu que eu queria isso? Me expressei mal, droga.

— Eu apenas ouvi maravilhas do senhor e sua família, ela tem muito carinho por todos, tenho certeza de que não será o caso. — Minha resposta o agrada, pois o olhar amedrontador some e Mia de imediato deixa de suar. Está tudo sob controle. — Mas... o senhor era Coronel?

— Sim, fui por longos anos, até passar ao Robert. — Ele empina o nariz ao falar do cargo, aparenta ter muito orgulho do que fazia.

E do jeito que o nome do pai dela soa em sua frase parece até que ele não é um monstro.

— Vamos ao que interessa. Você caça?

*Como é que é?*

— Estamos em que século? — escapo a risada, mas Mia e as amigas olham para mim muito sérias. — Não, eu nunca cacei. — Junto a postura com a voz mais masculina que tenho.

— Atira?

*Esse homem está tentando me desvalorizar?*

— Nunca nem cheguei perto de uma arma.

— Então o que você faz? — ironiza dando de ombros.

— Sou cozinheiro gourmet, toco piano, malho bastante, um pouco viciado no trabalho e nas horas vagas, eu danço. — Mia ri ao lembrar da nossa dança e me encara com os olhos brilhantes. *Você enxerga que sua filha me ama?* — Serve, Sr. Ross? — brinco.

O som de *Lost in Japan* sai um pouco alto do meu celular e desligo imediatamente.

— Eu fico preocupado com o que faria se a minha neta precisasse de proteção.

Minha namorada me encara e eu faço o mesmo, é algum tipo de pergunta telepática se devemos ou não nos abrir com ele?

*Devo comentar sobre as três acusações de agressão?*

E duas delas são de homens que ela já teve relações.

— Eu sei lutar um pouco — confesso.

— Nocaute, Lutador White — Mia sussurra no meu ouvido.

*Vai me provocar aqui, Srta. Ross?*

— Então já a defendeu?

— Algumas vezes — me exibo.

— Foi uma vez — ela corrige e eu jogo meu olhar em choque pelo o que acaba de dizer.

— O policial conta.

— Não conta, aquilo foi estupidez. — Revira os olhos.

*Está defendendo ele?*

— Mas foi por você de qualquer forma — insisto.

— Eu não precisava daquilo!

— É, eu sei que não, estava muito à vontade abrindo as per…

— Trevor — limita com os olhos esbugalhados e assim que diz percebo que estamos em público. Caramba, eu me esqueci disso por alguns segundos.

— Por resumo sim, Sr. Ross.

Meu celular toca novamente e desligo.

— Estão juntos há muito tempo? — A avó dela junta as mãos e pergunta de forma gentil.

— Faz… — Olho para Miranda em busca da resposta. — Diz quando nos conhecemos ou relacionamento sério?

— A última opção.

— Faz duas semanas.

— DUAS SEMANAS? — As meninas se chocam com os olhos que crescem nos encarando.

— Parece pouco tempo, mas é apenas quando fiz o pedid...

Meu celular toca novamente.

— Deus. — Desligo pela terceira vez.

— Trevor, atende — Mia mais ordena do que pede.

— Não, nós estamos conversando.

— Ela vai ligar de novo — murmura.

— E ela vai esperar — restrinjo.

— Desculpa, ela quem? — Júlia questiona erguendo uma sobrancelha.

*Não queria comentar sobre isso.*

O telefone vibra de novo.

— Princesa, dois minutos. — Puxo seu queixo para um selinho e peço licença.

Caminho até um corredor mais escuro mesmo que perto ainda da mesa e atendo.

— Sarah! Cacete, é o que, a centésima ligação? — assevero como se pudesse jogá-la em uma parede por me interromper com o Sr. Robustão Ross.

— ONDE VOCÊ ESTÁ? — ela grita tão alto que preciso afastar o telefone do ouvido.

*Ah, caramba, eu esqueci de contar sobre viagem.*

— Estou bem, pode se acalmar, por favor — peço com a voz mais mansa que consigo, porque realmente a culpa foi minha.

— TREVOR, SUA CASA ESTÁ ESCANCARADA! — ela berra no celular como se pudesse 1arremessá-lo longe de tanto medo e raiva.

— O quê? — murmuro quase que para mim mesmo tentando juntar os pontos do que aconteceu. Eu tranquei tudo. Eu tenho certeza disso. O bairro é extremamente seguro, não houveram assaltos há meses na minha região, o que aconteceu?

— Eu fui, e-eu fui te ter… encontrar…

— Sarah, respire, devagar, por favor — lhe interrompo com carinho. — Eu estou bem, não aconteceu nada comigo. Está tudo muito bem, respire comigo — peço e ela obedece expirando no alto-falante.

— Está… está b-bem mesmo? — questiona com a voz chorosa a qual me dá tanta raiva que eu poderia matar esse desgraçado que assaltou minha casa por tê-la feito ficar tão desesperada.

— Sim, estou ótimo, Loirinha — confirmo mais uma vez e posso sentir pelos sons que está um pouco mais calma. — Pode me explicar o aconteceu?

— Não tínhamos conversado sobre a festa da Mia, então fui levar alguns exemplos de decoração e a porta estava aberta, eu entrei apenas na sala e alguns vasos, bebidas e quadros estavam quebrados, e na cozinha...

— MINHAS PANELAS! — eu grito sem conseguir me conter amedrontado pelo o que podem ter feito com elas.

— Eu verifiquei, estão bem. — Assim que diz recupero o ar mantendo minha mão sobre meu coração que quase saltou para fora.

— Ah, graças aos céus, são edições limitadas — digo quando o alívio bate forte.

— Acho que ladrões não roubam panelas, Trevor. — Tenho certeza que agora revirou os olhos azuis.

— Ladrões com bom gosto sim — rebato.

— Está na casa da Mia? Eu quero te ver, me passa o endereço? — Me silencio de imediato ao ouvir a pergunta. — Trevor?

*Conte de uma vez!*

— Eu não estou na casa da Mia — admito.

— Então está na Morgan? — Fecho meus olhos buscando coragem para contar, porque sei que ela vai surtar.

— Estou fora...

— Fora de que? Trevor! — a voz que estava mais calma já voltou a se estressar.

— Estou fora de Portugal.

A linha fica silenciosa.

Totalmente sem som algum.

Se eu não morri com o Lobo Branco, poderia ser agora com a Dama Vermelha.

— Sarah? — chamo com um sorriso de desespero.

— Deixa eu entender aqui rapidinho, Sr. White. — Me chamou assim sem ser para sexo ou trabalho... já era. — Você me deixou entender que eu iria fazer uma festa para sua atual — e eterna — namorada e depois saiu sem me avisar para um aeroporto, o qual você odeia, onde viajou até o Brasil?

— Pois é, foi fácil, não é? Nem precisei explicar — brinco para descontrair até que…

— TREVOR! — ela grita quase estourando meus tímpanos. — E SE O AVIÃO TIVESSE CAÍDO?

— O avião não caiu, Sarah, meu Deus estou vivo! — Reviro os olhos.

— E desde quando vai até aeroportos? Quando decidiu isso?

— Sarah, eu decidi com a Miranda.

Silêncio.

Sarah, entenda, por favor.

Já conversamos sobre isso.

A relação é com ela…

Mesmo sabendo que errei em não contar sobre a viagem, ela não pode controlar o que decido no meu namoro.

— Quando vai voltar? — Ela respira fundo como se estivesse se contendo e pergunta. Ela sabe que estou certo.

— Segunda, não muito tarde. — Pare de ser otário com frases prontas, ela se importa com você. Está desesperada assim como você estaria por ela, seja o homem que ela ama, por favor. — Nós poderíamos tomar um café, faz um tempo que não conver…

— Enfia o café no seu...

— Certo, desculpe, podemos brigar o quanto quiser quando eu voltar, mas no momento eu estou tentando ter uma boa impressão com a figura paterna presente da Mia.

— Tomara que ele te odeie. — Bufa com ódio.

— Eu também te amo — provoco.

— Estou duvidando se eu sinto o mesmo. — *E eu sou o Batman, como diria o Ted.*

— Desculpe, é a mesma mulher que estava gritando desesperada há uns minutos ou trocaram o telefone?

— Cretino — murmura.

— Me desculpe por não ter avisado, o erro foi meu, me perdoe — imploro quase em um sussurro por querer estar lhe abraçando.

— Eu te desculpo, Trevor. Apenas fiquei preocupada, será que você conseguiria me…

— Eu te ligo sim e te informo como vão as coisas por aqui. Ou achou que eu faria diferente disso? — questiono, me encostando na parede cheia de quadros familiares.

— Esperava que não. Me desculpe pelo desespero, mas nunca nos afastamos tanto assim, o máximo foi uma cidade vizinha e você está em outro continente.

— Meu Amor Leal por você atravessa até galáxias, Sarah. Não se preocupe, em alguns dias já vou estar pronto para te irritar no trabalho — conforto e posso sentir que sorriu.

— Não tem porque o homem não te amar, Trevor, você é perfeito. Não se desespere, seja você mesmo. Eu te amo e boa sorte, Branquinho — elogia e faz com que eu volte a respirar depois do interrogatório que ameaçou minha confiança.

— Obrigado, Loirinha — digo e ela desliga.

Guardo o celular no bolso, respiro bem fundo antes de voltar ao interrogatório e me aproximo da mesa.

— Pois é! — as risadas dominam todo o ambiente. — E foram dançarinas de lá para cá!

— Devem estar comentando sobre o melhor pedido de todos os tempos? — Me exibir um pouco é bom... para mim.

— Não, é sobre um musical mesmo.

*Ah, claro, nossa...*

— Estou brincando. — Ela ri ao levantar e enroscar os braços no meu pescoço. — É óbvio que é disso, Trevor.

— Gosta de me provocar — sussurro, segurando sua cintura.

— Nasci para isso.

Ela está feliz.

Era isso que eu queria.

Apenas te ver feliz, Princesa.

— Onde estão seus avós? — pergunto rodeando a sala com o olhar.

— Foram dormir, pode deixar, vovô te humilha mais amanhã — debocha com uma careta.

*Está adorando brincar comigo.*

Imponho meu nariz ao seu e vou descendo até me encaixar na fervura do seu pescoço. *Ah, cacete… o cheiro de limão e mel que me invade, você tem ideia do quanto é deliciosa, Miranda?* Eu poderia te comer de quatro nessa mesa agora. Ignoro as três garotas, afasto seu cabelo e beijo sua pele, já que não posso fazer mais do que isso.

— Vamos então colocar um pijama no seu corpo de mel — falo baixinho e faço sua pele inteira arrepiar até que esbanja um sorriso envergonhada.

— Hum… vai colocar o moletom? Não precisa da parte de cima — provoca em um sussurro.

— Oi? O-oi? — Ana se aproxima e passa as mãos em frente o rosto de Mia.

Reviro os olhos e jogo o olhar para a garota de cabelos cacheados loiros.

— Arrumamos as camas juntas, queríamos um tempinho com a Mia.

*Eu preciso de um tempinho com ela também.*

Mas quem liga para mim, não é? Deixe-a decidir.

— Se importa? — O sorriso safado em seus lábios murcha, mas sei no fundo que gostaria de lhes dar atenção.

— Prometa sonhar comigo. — Agarro sua cintura com mais força e ela quase sela nossos lábios.

— Já faço isso sempre — balbucia pertinho da minha boca.

— Perfeito, Srta. Ross — eu digo provocativo, só até fechar os olhos por pensar no roubo.

*Sem esconder, Trevor.*

*Já viu como isso pode triplicar tempestades.*

— Princesa, quando acordar amanhã, preciso te falar uma coisa. Vá se divertir, não pense nisso, mas estou avisando porque se caso o Lauden vier

prender alguém e eu tiver que entrar em um elevador, saiba que iria te contar — ironizo e ela ergue uma sobrancelha desconfiada, mas me obedece para não pilhar com isso.

— Ah, obrigada por avisar, Sr. White. Para que eu não tenha que dizer *se você for acabou*.

— Eu não deixaria acabar. — Aproximo ainda mais de sua boca, quando Júlia se enfia no meio de nós e a afasta Mia de mim.

— Chega! Não é mesmo? Grudento demais — debocha.

*Quem essa garota pensa que é?*

— Ju, eu vou pegar algumas coisas na mala com Trevor e já vou — diz gentil, mas não deveria.

— Só não precisa de tanta melação! — Ri como se alguém ligasse para a opinião dela.

Vai ver o que vou deixar melado na sua frente.

*Trevor... mantenha a calma.*

— Nem o Vic era assim nos melhores dias.

**Chega, essa garota passou dos limites.**

— Eu decido como tratar a minha namorada, e prefiro sim exaltá-la e mimá-la o máximo que posso, porque para mim esse é um dos maiores significados de amor. Trate como quiser quem está em um relacionamento com você, mas comigo é assim — assevero, puxando a cintura da minha bolsista para mim.

A garota de cabelos curtos escuros se vira com amargura, faz o caminho de cima a baixo com os olhos raivosos, empina o nariz e sai da sala. Sorrio de canto pelo afastamento e Mia me encara boquiaberta.

— Tinha que falar assim? — Franze o cenho, mas não dura muito a encenação, sei que ela gostou do que eu disse. — Adoro quando usa essa voz autoritária — sussurra soltando um pequeno sorriso. — Mas tente ser legal com a Júlia, ela é difícil, mas também era a única que ouvia meus problemas.

— Sim, ela é assim mesmo — Ana afirma, rolando os olhos como se já estivesse acostumada, não por opção.

— Talvez tenha um motivo — penso em voz alta.

— O que quer dizer com isso? — Mia ergue uma sobrancelha.

*Não vá apostar em uma teoria que não tem certeza.*

— Nada, quando acordar amanhã me mande mensagem, por favor.

— Tente dormir mais, lembre-se, são quatro horas e... não gosto quando fica sem dormir — pede, beijando meu rosto.

Ela empina o nariz até a ponta do meu e faz um movimento para os lados, acaricia meu rosto e traz os lábios atrativos para mais perto. Sela por alguns longos segundos e ofega como alívio quando o ato que retribuo encerra.

— Boa noite, Português — balbucia baixinho na minha boca.

— Boa noite, Princesa.

# MIA ROSS

Confesso, gostei de ouvir Trevor respondendo a Júlia, às vezes ela é muito ciumenta, embora agora seja a vez dele de aguentar meus problemas de família. Eu aguentei a Loira Scott com Raiva Súbita, não é mesmo?

*E em nome de Deus, o que ela queria tanto para ligar cem vezes?*

Não quero pensar nisso, Trevor apenas disse que vai me contar depois, então eu vou esperar paciente. Mesmo que minha curiosidade bata forte.

Ana conseguiu arrumar o maior quarto da pensão e encheu de lençóis e travesseiros estranhos, sempre gostou muito da minha companhia quando Victor não estava me limitando.

Duda e eu amamos um jogo chamado *pontos*, no qual consiste em preencher vários pontinhos em forma de quadrado, depois cada uma tem uma vez para fazer uma barrinha e quem completar um quadradinho tem um ponto.

*Bem tosco, eu sei, mas é divertido.*

— Vocês não cansam desse maldito joguinho? — Ana debocha já enrolada no pijama sobre a cama.

— É porque não sabe jogar — Duda desafia.

— Mia, por favor, pare de enrolação, o que aconteceu? — a loira cacheada me confronta franzindo o cenho como se estivesse me interrogando mais fortemente do que o Vovô Tony.

— Não sei o que está querendo dizer com isso — me faço de desentendida dando de ombros.

— Também quero saber onde encontrou essa grosseria. — Júlia revira os olhos.

— Ah, chega de drama, Ju! — Canso e bato minhas próprias mãos nas pernas. — Ele só não gostou do que fez.

— Vic também não gostava — lança, me encarando como se o olhar me atingisse. Não tenho ideia do porquê ela está citando tanto ele, até parece que é alguma forma ridícula de nos aproximar. Ela deveria estar feliz com a maneira como Trevor me trata.

— Ah, mas que coisa, hein! Vic, Vic, Vic! Esse já foi, Júlia. Inclusive ótimo, Trevor parece ser bem melhor... pelo menos de corpo. — Ergue e abaixa as sobrancelhas promíscua.

— Ana! — limito com um sorriso, envergonhada.

Ela sempre foi bem atiçada, dezena de namorados e nenhum ao mesmo tempo, me empurrava para várias baladas quando a conheci.

— Me explica como foi que tudo isso aconteceu. — Minha amiga segura uma almofada com curiosidade, Duda larga a caneta e Júlia revira os olhos novamente. Deveria se tornar um bordão. — Deve ter demorado meses para um beijo, lerda do jeito que é e ainda com as políticas da empresa.

Como se a Scott Mídia tivesse medidas restritivas quanto a relacionamentos entre funcionários.

— Acho que... quebrei um padrão. — Mordo meu lábio.

*E que padrão, hein.*

— Dois meses?

*Quem me dera, nesse tempo já tínhamos brigado três vezes.*

— Um mês? — Duda chuta como em uma aposta de casino, e sinto lhe dizer, cara amiga, mas perderia.

— Estão perguntando o quê exatamente? — questiono as fitando.

— Sei lá, primeiro contato assim mais... quente. — Ana ri sozinha com as próprias frases.

— Primeiro beijo? — elas assentem. — Foi… no segundo dia de trabalho — admito, fechando os olhos como se uma bomba fosse explodir.

— MIRANDA! — as bocas de todas se entreabrem chocadas.

— Não sei o que está gritando, Ana, você já fez muito mais rápido — provoco, puxando a almofada de seu colo para mim. Preciso mais do que ela agora para liberar minhas emoções.

— Mas eu não fisguei meu chefe em dois dias! — Falando assim até parece ruim.

— Ele é um homem comum, só ocupa um cargo acima do meu. — Coço minha nuca tentando não fazer disso tudo grande coisa.

*Mas essa foi a maior tolice que já disse, Trevor não é um homem comum, é o melhor que já conheci.*

— Ah, claro, me arranja um comum desse aí também, por favor — ironiza rindo ao me dar um leve tapa no ombro.

— E a mulher que estava ligando? — Júlia questiona fazendo com que eu a encare.

— Ela é... a Sarah.

*Agora entendo a dificuldade de Trevor para defini-la.*

— Ex-namorada? — Duda pergunta rabiscando a folha dos pontos.

— Já foi, mas não é apenas isso... é difícil de explicar, eles são muito próximos. — Molho os lábios porque desde que Júlia questionou, estou engolindo em seco.

— Não vê problema nisso? — Caramba, mas que negatividade, não era para você ser minha melhor amiga?

*Ted tem feito muito bem esse papel.*

— Foi péssimo nos primeiros meses, mas estamos nos entendendo. Eu gosto dela — confesso, porque realmente é verdade. Ela não é má pessoa de forma alguma.

— Tem foto?

*Aí é muita humilhação.*

— Não tem necessidade. — Seus rostos são tomados por uma feição de curiosidade que me faz revirar os olhos e ceder. Tiro o celular da bolsa e entro no *Instagram*. Digito rapidamente *sarahscottoficial* e mostro a primeira foto que encontro fazendo com que um silêncio domine o quarto.

— Mia...

— Eu sei, ela é muito bonita — falo quase em um sussurro, me afastando de todo o tratamento da minha insegurança quando vejo o choque em seus rostos.

— Bonita? A bunda dela deve ser mais linda do que meu rosto — Ana caçoa de si mesma.

— Não exagera — peço ao guardar a foto, mordendo o lábio com tanta força que poderia matar alguém.

— Ela parece aquela atriz antiga, aquela Mer... Mar...

— Marilyn Monroe, Trevor a chamava assim — acrescento coçando a nuca.

— Nossa, Mia, como se sente sobre isso? — Duda me abraça e por mais que eu retribua sei que está brincando.

— Vai dar uma de psicóloga? Estou bem, até parece que sou feia — ironizo, um pouco grosseira, apenas como defesa dos pensamentos inseguros que dominam minha mente.

— Não é mesmo e além disso, não deve ser boa em tudo, aposto que é péssima na cama. — Ana tenta ajudar e Júlia assente concordando.

— Vamos mudar de assunto. — Fecho os olhos negando com a cabeça.

*Capaz de ser muito melhor do que eu.*

Às vezes me pergunto o porquê do Trevor estar comigo.

— E seu colega de quarto?

— Ele é ótimo, se tornou meu melhor amigo em dias. Cozinha, é maravilhoso com conselhos, inteligente e carinhoso! — sorrio ao falar de

Ted, ele realmente é meu anjo da guarda.

— Me passe o número dele por favor. — Caramba, mas ela não perde uma.

— Ele não joga no seu time. — Seu sorriso exultante morre aos poucos.

— G-grr, os melhores não jogam.

— E o trabalho, as reuniões? — Duda brilha os olhos por sempre ter amado empresas como eu.

Vai ser uma longa noite...

*Vou sentir saudade, Trevor.*

14



# Espelho Bufante

*Mesmo sem falar nada,*
*Vai ser confortável*
*Se você estiver comigo*
*Todo lugar pode ser meu lar*
*Você sabe que eu quero esse lar*
*Você sabe que você é meu lar*
***Home - BTS***

## MIA ROSS

Provador. Pequeno compartimento de uma loja de roupas com espelho, onde os clientes podem experimentar peças antes de comprar. Eu nunca gastei muitas horas escolhendo roupas, embora essas lojas sejam muito bem decoradas, música ótima e produtos que sempre chamam atenção. É um belo lugar para uma lista de turismo.



**5 de maio. Três anos atrás.**

Meus olhos inchados.

Meus pulmões esgotados.

Meus membros arranhados.

O quarto está escuro. Um verdadeiro breu intenso que apenas os pesadelos encontram, exceto por uma fresta da porta. Ali está. A minha liberdade. A qual é inalcançável. O significado é claro, porém oculto da minha vivência.

Parece amplo, o mundo terrivelmente enorme, o horizonte é com certeza um brilhante celeste. Mas para mim. É tomado pôr barras de ferro das mais lapidadas. Ou era eu a mais lapidada? O sentimento de vítima, ainda assim, era pior do que todas as dores que sentia.

O chão gelado incorpora meu rosto com precisão, essa geada me acalma, tão fria como flocos de neve do Natal. Me distraem do puro ardor que meus membros ainda quentes sofrem pela força que foram atacados.

Meus olhos não eram inchados por socos ou tapas como meu estômago, mas por um choro incontrolável, quantidade de lágrimas incontáveis, que transformavam minha pele em uma grande bolha fervente. Quem me dera a bolha me protegesse.

Levante.

Enxágue, respire e esconda.

Só mais uma vez, querida.

Um dia vai acabar. Já se passaram anos que não é mais amor... Como posso ser tão ingênua? O que eu poderia ter feito? Aberto a terceira ao invés da segunda porta? Provado um sorvete de sabor diferente? O que eu poderia ter feito para que hoje eu não estivesse tomada por dor?

*Pequenos gestos fazem grandes mudanças.*

Gostaria de saber qual mudaria essa minha vida sem fim.

— MIA! — Júlia corre até mim e me tira do chão com o máximo de força que consegue. — Há quanto tempo está aqui? Quem fez isso? Miranda? Está me ouvindo? — Ela sacode meus membros e permaneço sem conseguir reagir.

Faz tempo que não presto atenção.

— Mia, diga algo, por favor, um sinal, está conseguindo me ouvir? Eu vou chamar a polícia! — Junto a única força que tenho e seguro seu braço.

— Eu sei que não quer, mas precisamos falar com a polícia, isso... isso é demais!

— N-não existe polícia — murmuro.

Não uma que ele não controle.

Não alguém que possa me proteger.

Não algum que me ame.

— Mia, minha mãe é terapeuta, se concordar eu juro que faço ela aceitar! Por favor, eu... eu não sei o que fazer. — Aperto seus dedos a interrompendo, adiando as lágrimas que caem sobre o seu rosto e aceito com sinal de consentimento. Ela não merece que eu não tente.

Em alguns minutos consigo me levantar no box do banheiro, deixo a água cair sobre meu rosto, tentando ao máximo estourar a bolha. Júlia se aproxima com uma esponja verde e sabão.

— Posso? — pede para me limpar e assinto com a cabeça, o único movimento que ainda consigo executar.

Desliza a esponja por todo o meu corpo, minhas costas amarguradas, minhas pernas, braços em misto de cores dolorosas e meu rosto inchado. Ela entra no chuveiro com as roupas que agora pesam junto ao seu cabelo curto escuro ensopado, ensaboa meu pescoço, ombros e se aproxima do meu busto. Hesita por segundos me encarando, eu vejo seu olhar intenso, mas não a olho nos olhos completamente. O sabão escorre por minha clavícula e seu olhar permanece em mim, o líquido espumado chega aos meus seios e fica. Mais do que em qualquer parte do meu corpo, a esponja está a mais segundos me tocando aqui.

Por mais derrotada que eu esteja, consigo elevar um pouco a cabeça lhe dando um olhar fixo sem que meu coração sinta uma lasca de sentimento. Ela resvala para os lados provocando meus mamilos duros pelo toque e não por excitação. O contato visual não se abala, ela dá mais um passo, quase cola seu corpo ao meu, desliza as pontas endurecidas mais uma vez, fecha os olhos de cílios molhados pela água e entrega seus lábios aos meus em um beijo singelo.

*Ou seria um beijo se eu tivesse feito algo?*

Ela termina o ato e se afasta alguns centímetros, um pequeno sorriso de satisfação engloba seu rosto.

— Vai ficar tudo bem — sussurra.

*O que poderia ficar bem?*



Há três anos eu comecei a terapia que mudou meu olhar para tudo e todas as coisas na vida, me tirou do pensamento que àquilo que vivia era romântico e me salvou das reflexões melancólicas que tinha.

No entanto, estragos, abusos, e assédios de muitas pessoas me aconteceram. A questão é aceitá-los ou resisti-los. Eu sou capaz. Eu sei que sim... mas precisei de alguém para me exaltar. Alguém para me amar de verdade, alguém que lutou por mim para continuar.

— Querida, as meninas vão ao shopping? — Vovô me chama tirando os pensamentos reflexivos da minha mente.

*Essa pensão me traz muitas lembranças.*

— Sim, Duda queria ver umas roupas comigo — digo e me sento na banqueta preta da cozinha.

— Não voltem muito tarde, quero conversar com você. — Antony se encosta no balcão com os braços cruzados.

— Algum motivo em específico? — Ergo uma sobrancelha com os cotovelos sobre a pedra.

— Podemos ver isso depois... onde está o chefe com medo de cachorrinhos? — Ele ri debochando.

— Ah! — Me tira um sorriso. — Pare de implicar, ele é um bom homem, não o traria aqui se não achasse isso.

— Hum — resmunga.

— Humm — resmungo de volta.

— Hummm! — Trevor se aproxima brincando com a mania da minha família. — Posso interromper? — pede com um sorriso.

— Já interrompeu. — Meu avô desencosta e sai da cozinha.

*Poxa, Vovô, ele só está brincando.*

— Até que enfim você só pra mim — sussurra, afastando meu cabelo dos ombros e beija meu pescoço.

— Por alguns minutos. — Rio. — Vou sair com as meninas, mas...

Levanto da banqueta com um pulinho, encosto seu corpo com um empurrão no balcão e abro um dos botões da camisa puxando-a para mim. Caminho os dedos por seu peito e ele encara cada centímetro de movimento meu. Cheiro seu pescoço de lavanda e trilho beijos molhados por toda a sua pele.

— Eu estava aqui pensando — balbucio.

— Diga.

— Já faz alguns dias, não? — provoco, mordendo seu lábio.

Foi péssimo dormir sem ele na noite passada, incrível como minhas partes baixas amam mais o Trevor do que eu por inteira.

*Trevor não... Trovão.*

— Desde o jantar da Sarah, eu estou tão... humm... necessitada de algo — provoco, brincando com a língua no seu queixo.

— Necessitada? — Ele agarra meu cabelo e traz meu rosto para quase colar ao seu.

— U-uhum — resmungos são a minha maior arma contra ele.

— Sabe que não podemos — limita, negando com a cabeça.

**O quê?**

— Como assim? — Ofego surpresa e ele se aproxima do meu ouvido.

— Você resmunga, grita e geme alto demais. — Lança a frase que ressoa e arrepia meu corpo inteiro.

— Eu fico quietinha, é sério — insisto, quase choramingando ao puxar a gola da camisa.

— Aham, igual da última vez na festa do pijama em que a Morgan e o Ted acordaram. — Franze o cenho com um sorrisinho de canto para me negar desejos.

— Ah, mas aquela vez foi diferente — argumento, mais parecendo uma criança pedindo doce.

— Miranda, são mais dois dias, aguentou muito mais que isso, fora que estou tentando criar uma boa impressão. E eu acho, só acho, que te fazer gemer meu nome para a casa inteira ouvir não vai ajudar.

Faço um biquinho nos lábios porque sei que é verdade, mas…

— Pode me amarrar, tampar minha boca, pod...

— Miranda! — limita com o sorriso que molha minha calcinha.

*Ai, Trevor, pelo amor de Deus.*

— E no meu aniversário? Vamos dar as mãozinhas?

— Como um lindo casal cristão — ele caçoa e ri ao ver meu desapontamento.

— Se Trevor White pisar na igreja queima!

— Não vou discordar. — E nem poderia.

— Vamos? Já peguei alguns cupons do Burger King, podemos dividir um combo. — Duda se aproxima vestida com um blusão preto totalmente vidrada no celular.

— Uhum, podemos. — Pego minha bolsa e dou um selinho no homem de camisa branca.

— Trevor, não quer vir? — Ana convida com um sorriso gentil.

— Nós vamos em lojas de roupa, ele não vai gostar disso. — Júlia bufa.

— Quer vir, Ursinho? Não é a Rosa Clará, mas vai ser divertido — peço com meus olhos o mais brilhante possível.

— Se eu puder segurar as sacolas — condiciona envolvendo sua mão no meu pescoço.

— Ai, que príncipe! — Ana elogia enrolando o indicador no cabelo.

— Meu príncipe. — Penso em voz baixa.

— Totalmente seu, Princesa — sussurra e segura minha cintura.

— Trevor, está de carro? — Duda pergunta com o *App* do Uber na tela do celular.

— Sim, posso leva-las — ele oferece e as três, até mesmo a Júlia, sorriem por não pagarem a viagem.

*Em São Paulo até ir na padaria é caro.*

# TREVOR WHITE

Provador. Local onde os vaidosos passam horas sem ao menos perceber e vale a pena, não? Serve bem para sessão de fotografias. Ótimo item para riscar da minha lista.

Sinceramente, gosto de ser útil para Miranda, então fiquei feliz pelo elogio da Ana, eu acho que o que faço é o mínimo.

Abro a porta do carro e guardo algumas coisas da nossa viagem, as máscaras, alguns pacotes de sonho e pastas que trouxe para analisar no tempo livre. Escuto alguns risos e cogito a possibilidade de estarem comentando sobre a minha bunda, mas posso estar errado, então vou agir naturalmente.

— Pronto. — Indico a entrada e as três entram sincronizadas.

Mia toca com a ponta dos dedos minhas costas, o que me faz segurar arrepios enquanto desce o caminho e enfia uma das mãos no bolso da minha calça dando um pequeno aperto. Sim, agora tenho certeza que os risos eram por causa da minha bunda.

Me inclino para perto do seu ouvido.

— Quer que eu retribua? — provoco baixinho.

— Humm... não sei, você virou celibatário — resmunga dando de ombros.

*Engraçadinha.*

Abro a porta do carro, minha namorada entra e já liga o *1Spotify* assim que coloco a chave no contato.

— Já ouviu BTS? — Duda me pergunta com um sorrisinho de pedinte. Eu gostei dessa assim como a Ana, já a Júlia… apenas desprezo.

— Uma música na minha *playlist*, aquela *Home* — admito. — Música chiclete, por que não a coloca, Mia?

Miranda assente feliz por eu estar me enturmando, coloca para tocar e não resisto em cantar baixinho o refrão.

*"Ho-ou-ou-ome"*

— O que queria me dizer ontem? — *Ela quer falar disso com as amigas aqui?* Faço silêncio sem saber o que dizer até que percebe. — Elas não ligam, ligam? — pergunta às três.

— Não — respondem e então decido revelar.

— Antes de decidirmos que íamos visitar sua família, a Sarah estava planejando uma festinha para você, entã...

— Festinha é igual a debutar para Sarah Scott — brinca, me fazendo rir e não posso discordar.

— Verídico, então imagine meu aniversário?

*Gostaria de ver Mia em um vestido Azul Royal.*

— Enfim, ela foi em casa com alguns estilos de decoração como não sabe nada que gosta, mas a casa estava aberta e roubaram algumas cois...

— Trevor, espera aí, o quê? — ela pausa a música e me encara com os olhos esbugalhados junto as amigas. — Roubaram algo de valor?

Se acalme, o que importa está muito bem guardado em um cofre, não seria tão descuidado assim.

— Ela teria me falado, sabe o que é importante, fiquei preocupado com as Staub's — admito, fazendo o movimento da curva com o volante.

— Ah, Trevor, ladrões não roubam panelas. — Mia revira os olhos assim como a Dama Vermelha e até mesmo faz as amigas rirem.

*Não apreciam os equipamentos gastronômicos.*

— Foi o que ela disse, mas ladrões que se prezem roubariam, inclusive a Azul Royal que usou no brigadeiro da última vez foi mais cara do que meu notebook — revelo e faço as bocas femininas se entreabrirem.

— Já pensou em usar seu dinheiro em outra coisa? — Miranda sugere voltando a música.

— Fico feliz em usá-lo com você.

— Eu não quis dizer isso! — Bufa.

— Já invisto muito, Miranda. Acho que a Hillary ia querer que eu fosse feliz com as minhas panelas. — Empino meu nariz com um sorriso de canto.

— Ia mesmo?

— Não, provável que me xingaria por não deixar a varanda inteira feita de mármore. — Deixo de me exibir porque temos que cair na realidade.

Olho mais uma vez o GPS para não me perder.

— Iguatemi, esse, certo? — Mia assente, entro no estacionamento e pego o cartãozinho.

— E a Sarah?

— Ah… tranquila — minto, pois nem morto quero falar dela com as amigas aqui ou pelo menos tento evitar.

— Sério? — questiona erguendo uma sobrancelha, pois sabe que a última coisa que Sarah ficaria é tranquila.

— Não. Estava gritando, chorando, pensando que eu morri, por isso demorei para voltar à mesa, desculpe — confesso e lhe encaro pelo canto dos olhos.

— Estranho ter contato com a ex.

*Júlia, pelo amor de Deus, quantos anos você tem?*

— Estranho não ser da sua conta — lanço por já estar sem paciência para isso.

— Também fica difícil, não é? — Mia franze o cenho irritada comigo enquanto rola o *feed* do *Instagram*. — Não contou a ela que ia vir para cá,

eu também surtaria, depois de ver a casa quebrada.

— Sarah já surtou por muito menos, Mia.

*Bem menos.*

— E o que fez?

— Sugeri um café.

*Péssima ideia inclusive.*

— E ela?

— Mandou eu enfiar o café sabe onde. — Mia solta uma longa risada. — Tem graça porque não é você que vai escutar os gritos Scott.

— Quem mandou não contar a ela. — *Mas olha como está atrevida!*

— Achei que estivesse do meu lado, desde quando as duas estão assim? — questiono fazendo a baliza no estacionamento.

— Não era isso que queria, nós duas amiguinhas? — ironiza com uma voz adocicada.

— Só não queria que ela te enchesse o saco. — *E você, Trevor, está com tanta raiva assim? A mulher apenas se preocupa com você.* — Vou ligar quando puder. Mia, vou passar na praça de alimentação, pode usar esse aqui. — Lhe entrego o cartão prateado.

— Trevor, não vou falar sobre isso de novo. — Nega pela centésima vez e desligo o carro lhe dando meu olhar severo.

— Miranda, nem eu. São roupas, aceita o iPad e tecido não?

— Ele te deu um iPad?! — Duda e Ana exclamam esbugalhando os olhos e agarram o banco dela.

— Eu aceitei o iPad comum, não o Pro — rebate sem sequer olhar para mim.

*Quando, mas quando você vai começar a entender que aceitando ser minha eu vou te mimar?*

— Caderno dourado do mesmo jeito — solto para irritá-la mais ainda. Onde estão aquelas bochechas vermelhas de raiva que eu amo?

— Só porque não sabe usar — rebate.

— Vai me ensinar, Professora Miranda? — provoco e aperto sua coxa macia que já teria estraçalhado se as malditas amigas não estivessem presentes.

— Vai aprender, Sr. White? — balbucia me desafiando e agora ela me encara, virou a cabeça para mim tão rápida e determinada que me fez excitar em uma fração de segundo.

— Da última vez quem terminou a aula fui eu — murmuro envolvendo seu cabelo nas mãos.

— Ridículo — ela xinga baixinho.

— Fale de novo pra mim, Princesa, eu sou o quê? — Puxo seu queixo pronto para beijá-la.

— Saindo do carro! — Ana abre a porta com os braços erguidos por não querer presenciar nossas próximas ações e as duas acompanham.

— Nossa, Trevor. — Mia bufa molhando os lábios.

— O quê? — Envolvo seu pescoço trazendo-a para mim.

— Quer que eu monte em você? Já estaria cavalgando se elas não estivessem aqui, muita provocação. — Ela puxa a gola da minha camisa para si mordendo meu lábio.

*Sutil.*

— Desculpe, vou parar — digo colado na sua boca.

— Eu não disse isso. — A mulher sorri, tira o cinto e sai do carro me deixando plantado e excitado.

*E não é a minha Traficante de Emoções?*



Estou há uns quarenta e cinco minutos sentado no banquinho de espera do provador, as quatro entraram juntas e já não tenho mais distrações, devia

ter trazido o livro.

Eu disse que gostaria de segurar as sacolas, mas não tem sacolas se elas não escolhem as roupas. E o pior é que não tem nenhum ser que possa me fazer compan… *aquilo é uma camisa branca?* Um homem de cabelo e barba castanha usando camisa branca, mangas arregaçadas até os cotovelos e primeiros botões abertos está se aproximando de mim.

Eu estou me vendo no espelho?

Isso é um clone?

Não, eu sou mais bonito.

Não apenas se aproximando, ele tem a audácia de sentar ao meu lado bem tranquilo.

— Isso é meu. — Encaro minha cópia barata apontando para o meu tecido patenteado.

Ele vira a cabeça para mim e ergue uma sobrancelha me estranhando.

— Isso que é meu. — Aponta para a minha camisa branca.

Ousado.

Muito ousado.

Extremamente ousado.

É uma guerra? Eu sinto que é uma batalha cheia de emoção em que nos encaramos mais a cada segundo como se valesse nossas vidas. Seus olhos também castanhos estão até se misturando com os meus por tamanha intensidade brutal.

Eu franzo o cenho.

Ele franze o cenho.

Nós franzimos o cenho.

Nada poderá nos impedir agor…

— Isso é sorvete de avelã? — O cheiro invade meu olfato apurado e quebro a batalha.

— Ah, é sim, você quer? — A luta maníaca em seus olhos se desmancha, criando um sorriso tranquilo ao me oferecer o potinho.

*Ei, ele não é uma cópia barata, é um aliado gentil.*

— Trevor — me apresento lhe entregando minha mão.

— Rodrigo[11]. — Ele aperta meus dedos e me deixa provar o sorvete.

— Caramba, isso é espetacular — elogio.

— É da carrocinha na praça, divino de fato. Então, veio renovar o guarda-roupa?

— Só uso camisa branca, minha namorada está no provador, isso se já não tiver casado com o espelho e me largado.

— Entendo, minha esposa também está aqui. Me mandou sentar e esperar. — Ele bufa revirando os olhos.

*Ele também obedece mulheres? Esse cara é incrível.*

— Também sou adestrado — confesso, devolvendo seu pote e ele ri.

— Rodrigo! — uma voz ardente feminina o chama e sua cabeça se vira imediatamente para uma mulher de cabelo castanho.

Um vestido que realça seus seios que se protejam para frente, de forma que nenhum ser humano seria capaz de não dar no mínimo uma olhada. Sobrancelhas bem marcadas que se franzem de raiva pelo meu camarada não ter se levantado ainda. Mandona.

— Foi um prazer te conhecer. — Rodrigo levanta junto a mim e me dá um tapinha nas costas.

— Satisfação, porque prazer é só na cama. — Sorrio promíscuo e ele retribui surpreso ao rir da frase.

*É... durou pouco.*

Acho que já devo ter esgotado todas as opções possíveis de distração nessa loja, estou cogitando a possibilidade de voltar à praç… meu celular vibra.

Miarossoficiall

*Online agora*

**Trevor**

**Princesa?**

Para a minha salvação recebo uma mensagem da minha namorada, quem sabe diminui meu tédio nessa espera. Mia envia uma foto e clico para abrir quando meus olhos são aprisionados por ela. É um espelho que reflete a *porra* de um vestidinho branco de mangas bufantes extremamente colado, ela não me enviou isso… *era isso que queria, não é?* Minha mão coça para rasgar esse trapo que chama de vestido e fazer devolver onde pegou. O seu cabelo está até um pouco bagunçado, provou várias roupas, mas escolheu essa, justamente essa que me altera. E por mais que eu tivesse que encarar cada canalha que olhasse para a sua bunda, eu ficaria feliz em puxar sua cintura para mim enquanto usa esse vestido na rua.

Ela quer que eu banque o possessivo, quer me provocar até que eu a proíba de usar, mas escolheu o homem errado para provocar, Miranda. Eu não vou ceder.

Miarossoficiall

*Online agora*

**Gostou desse?**

**Com todo o profissionalismo, está belíssima, Srta. Ross.**

**E sem profissionalismo?**

*Ela me testa se fazendo de santinha, não é?* Essa era a hora em que eu deveria manter o pulso firme e não dar o gostinho de saber o quanto eu quero comer essa mulher atrevida agora. *Mas quem disse que meu pulso é firme com o decote desses?*

Miarossoficiall

*Online agora*

**Gostosa.**

**Gostosa de um jeito que eu te colocaria de quatro nesse provador pra te foder até gritar meu nome.**

**Hum…**

**Não resmungue, mesmo por mensagem.**

**E se for pra te provocar, Sr. White?**

Chega.

A minha noite sem ela já foi um fardo, ficar olhando para o teto liso quando queria estar deslizando o meu pau dentro dela. Eu me forcei a ser um homem adulto puro, porque não é isso que o avô gostaria que eu fosse? Queria que eu atirasse, eu vou me atirar para cima da sua neta. Queria que eu caçasse, eu vou caçar a sua neta como a gazela que ela sempre foi comigo. Queria que eu brigasse, eu vou brigar com qualquer um que entrar na minha frente agora. Ele não está aqui para me limitar e julgar, só estamos eu e ela… ou vai ficar.

Levanto do banco e cravo as mãos no balcão do funcionário do provador. Um homem bem arrumado de cabelos pintados de roxo e feição angelical lança um sorriso por mais que esteja um pouco assustado com minha ação.

— Quanto quer para me deixar entrar? — o encaro com a pergunta que o faz até soltar um riso nasalado.

— O senhor quer entrar no provador feminino? — questiona com sotaque paulista.

— Você me entendeu bem.

— Desculpe, são regr...

— Cinquenta? — aposto.

— Senhor!

— Cem?

— Olha… — Ele olha para cima pedindo aos céus a ética que lhe falta. Vamos, vamos, vamos. — Não, senhor, eu estou desconfortável. — Quase.

— Duzentos e nada mais — negocio e ergo as mãos.

— Mais cinquenta. Tem quinze minutos até o segurança da troca de turno chegar — sussurra e joga no meu peito uma ficha de número um.

*Só preciso de cinco.*

— Pegue uma peça pra não ficar na cara. — Arremessa um moletom em minhas mãos e eu sorrio.

— Satisfez uma mulher hoje.

Abro meu *direct* mais uma vez e procuro seu perfil.

Miarossoficiall

*Online agora*

**Miranda, erga os braços.**

**O quê?**

**Estou pedindo.**

**Por que? Isso não faz sentido.**

**Então estou mandando.**

**Eu virei a bolsista agora? Estão levantados.**

**Destranque a porta.**

**Trevor?!**

Percorro o corredor até encontrar suas mãos nos ares e dou uma pequena batida. Assim que a porta abre uma mínima fresta eu entro e a jogo contra a parede da cabine fazendo com que tudo trema em um estrondo.

— TER… — Tampo sua boca e prendo seus braços acima da cabeça.

— Vai ficar quietinha, não vai? — questiono, sentindo na minha mão a sua respiração ofegante e eu a encaro com toda a fúria que me fez sentir quando enviou aquela maldita foto. — Você acha que pode me provocar assim? — assevero em seu rosto, colando nossos corpos. — Eu posso ver os seus mamilos durinhos com esse trapo que chama de vestido, quer todos os homens nesse shopping babando por você? — me enfureço indagando o quão ousada quer ser e liberto sua boca. — Vamos, me diga, quer chamar a atenção de todos?

— Só a sua — ela murmura baixinho molhando os lábios.

— Não precisa vestir nada, Princesa, você nua já é um espetáculo.

Cravo meus dedos no seu cabelo puxando com tanta força que poderia arrancá-lo e a trago para chocar sua boca na minha. *Essa boquinha… caralho*, eu só queria beijar essa boca quente de mel. Enrosco e encaixo minha língua na dança do seu desejo desesperado. Você se faz de santinha, Miranda, mas a verdade é que quer que eu te deixe toda arregaçada, descabelada e estraçalhada. Senão, essa sua língua não estava tão fervente e energética me invadindo como se não houvesse amanhã. Minhas mãos percorrem todo o seu corpo ridiculamente saboroso, eu amasso como massa de pão e onde está a farinha? É esse vestido branco, admita, você viu esse trapo na vitrine e sabia o quão *puta* se tornaria se vestisse. *É tão simples…*

eu posso sentir a pele macia das suas curvas, é isso que eu quero e eu faço, estapeio sua bunda com um tapa forte.

— Ah! — A mulher leva um sustinho e interrompe o beijo ofegando mais do que nunca sem poder se mover pelas mãos que eu prendo.

Não a libero por mais desesperada que esteja sem ar pelo beijo que lhe dei, agarro seu pescoço apertando seus ossos e junto meu nariz ao dela.

— Quer se vestir como vadia? — afunilo.

— Eu quero ser a sua — geme na minha boca.

— Quer ser a minha vadia? Ah, mas pode ter certeza que vou te tratar como uma. — Sorrio por se entregar a mim.

Empurro-a contra o espelho que quase se quebra e antes que eu possa ordenar mais, ela pula enroscando as pernas em mim puxando a gola da minha camisa para me chocar na sua boca. E eu a beijo, lhe dou um beijo mais fervente que lava vulcânica a fazendo se viciar na minha língua. Eu tomo suas coxas e a poupo do esforço de se manter elevada, esse trabalho é meu. Te apertar assim gostoso enquanto sua única função é mexer essa boca. Eu beijo mais intensamente até sentir cada milímetro da sua pele arrepiar e me acomodo ao ouvir seus gemidos abafados em meus lábios.

Miranda mergulha os dedos no meu cabelo e arrasto o busto do vestido para baixo onde trilho e incendeio sua derme com a minha língua. *Cacete, Miranda, como você é quente…* Afasto mais o tecido branco liberando um dos seios que eu quase enforco com a mão para que minha boca possa abocanhar inteirinho. Com pequenos toques a temperatura dela aumenta ainda mais endurecendo seus mamilos que não resisto em chupar com força. Marca. Eu amo marcas. Ela geme baixinho se contorcendo e a cada movimento mais me excito, já devo estar lubrificada demais com essa cena. Mia cruza as pernas me puxando ainda mais para ela, e eu roço minha ereção no tecido da sua calcinha úmida.

Me deixe te marcar.

Mais forte.

Bem mais forte.

Sugo cada pequeno pedaço de pele até largar e encontrá-la marcada em tons de vermelho escuro. Só essa cor seria capaz de me satisfazer agora.

— Sabe o que faz com meu corpo quando me envia fotos assim? — Arfo, segurando seu pescoço, totalmente colado em sua boca.

— Humm... assim como? — provoca resmungando e mordo seu lábio inferior respirando o pouquíssimo ar que resta para nós dois.

— O seu corpo assim nesse vestido, gostosa demais, me deixa louco.

O elogio a faz sorrir impura e brilhar os olhos que caminham para baixo, eu acompanho até olhar para o meu pau quase estourando a calça. *É isso que você quer, sua vadia?* Miranda toca devagar o meu cinto, deslizo a mão que aperta seu pescoço para mergulhar no seu cabelo de mel e a fito promíscuo, enquanto ela leva o indicador a minha boca sem me deixar dizer o quão me deixa excitado.

— Agora é a sua vez de ficar quietinho — fala mais baixo, quase gemendo nos meus lábios.

*Oh, mulherzinha safada.*

Eu a deixo se desenroscar do meu corpo até que se ajoelhe completamente para mim. Ela tira a camisa branca de dentro da calça e apalpa devagar a minha ereção que já pode ser definida como enorme pelo sofrimento aprisionado. Mia desabotoa apenas um botão e meu pau bate contra o seu rosto com força fazendo com que eu sorria involuntário. *Caralho, como minha mulher é gostosa.* Ela me encara assim, de baixo, com a bochecha lambuzada do meu lubrificante e não é o suficiente. Massageia, ela massageia mantendo o contato visual fixo comigo com os olhos cor de mel enormes enquanto lambe o membro inteiro. Esse não é o sonho de qualquer homem? Ter uma mulher à sua mercê com o único objetivo de te fazer gozar na boca dela?

Apoio a mão quase como um tapa na parede já bamba da cabine para não gemer alto com essa provocação. E eu me encaro. O espelho do provador revela o que eu mais temo em admitir, sou vaidoso. O reflexo que mostra meu cabelo bagunçado, a camisa aberta e minha postura ereta apenas iluminada por poucas luzes amareladas enquanto vejo a minha namorada pagando um boquete, toda safada. Me desculpe, por essa visão? Eu sou vaidoso mesmo.

Ela enfia o membro na boca e chupa contornando a língua viciada em me tirar uma reação aos seus estímulos. Não é nem preciso se esforçar

muito, eu gemo abafado a cada vez que ela engole o meu pau todo fazendo sua garganta criar barulhos puramente sensuais. Eu poderia ouvir uma orquestra sua desses sons. Já não me cansava de vê-la nessa posição, então imagine ver por dois ângulos? Até confuso fico, não sei o que é melhor. Encarar sua boca me preenchendo e melando ou a sua bunda para fora que reflete no espelho enquanto ela vai para frente e para trás.

Ah, eu sei qual é a minha favorita, a que eu posso ver esses olhos lacrimejando e borrando toda sua maquiagem enquanto me chupa. *Chega de ser bonzinho, não?* Faço um rabo de cavalo com as mãos no seu cabelo e meto meu pau quase inteiro na sua boca atrativa, ela tosse e larga por segundos, mas seguro sua cabeça e continuo mais fundo.

*Sabe o que eu quero.*

*Eu quero te ver errar.*

*Erre para mim, Miranda.*

Movimento meu esse que soterra cada vez mais em seus lábios em um ritmo contínuo obcecado por cada milímetro da sua boca rosada. Sinto, eu posso sentir a sua garganta, finalmente ela tosse e engasga alto com os olhos mergulhados em borrões de rímel.

— Isso, assim, Princesa — gemo, acariciando sua bochecha por ter sido uma boa menina.

Cravo as mãos no seu cabelo mais uma vez e ergo seu corpo do chão para me obedecer. Eu quero mais de você. Beijo sua boca com ardor, não respiro e nem ela respira, totalmente a minha mercê. Largo seu rosto em sinal de piedade e deixo com que se acalme, ela limpa os lábios, olhos e funga o nariz. *Eu amo essa reação. Eu fiz isso, te deixei acabada... mas também não sou de ferro.* Beijo seus lábios devagar, apaixonado, provocando sua vontade. Mia junta as mãos ao meu rosto e retribui singela com o restante do fôlego.

— Quer que eu honre o que escrevi? — sussurro desafiando.

— Você é ótimo criador… — Ela respira fundo buscando ar. — Seria desfeita não honrar suas ideias prometidas — fala baixinho aparentando estar fraca, mas seus olhos mostram selvageria.

*Não se preocupe, eu vou cumprir minha promessa.*

Viro seu corpo de imediato jogando sua bochecha no espelho e mantenho minha mão cobrindo sua cabeça.

— Você vai obedecer cada ordem que eu der sem reclamar — condiciono. — Entendeu?

— Uhum — resmunga ainda aprisionada e eu a largo encarando seu reflexo no espelho.

As mechas do seu cabelo mel bagunçadas, o pescoço marcado por minha boca, a maquiagem borrada depois de chupar meu pau, as pernas longas brilhantes sobre o salto preto e o maldito trapo branco que já está embolado em sua cintura. Eu também me admiro no espelho, me vendo atrás dela tão mais alto que o ar de superioridade me invade. Deslizo minhas mãos por seu corpo e mantenho em seu quadril puxando-o para mim.

— Tire a calcinha — ordeno, fixo aos seus olhos e de imediato Mia me obedece erguendo um pouco a roupa.

Seus dedos tocam o elástico fisgando meu olhar para baixo e a acompanho ir tirando bem devagar a lingerie como se fosse uma *stripper* para um *show*.

— Isso… mostra essa bunda pra mim. — Ofego e dou-lhe um tapa fortíssimo que marca sua nádega fazendo o tecido cair em seus pés. — Ah, que delícia, Miranda — eu murmuro em seu ouvido lhe encarando no espelho e sorrio ao vê-la mordendo a boca de tesão. — Agora vai tirar esse vestidinho.

Assim que eu mando, ela segura a parte embolada em sua cintura e vai tirando toda a roupa por cima da cabeça enquanto se empina para roçar no meu pau. Assim que as mangas bufantes lhe abandonam, eu me hipnotizo pela mulher que posso chamar de minha namorada.

— E eu não disse que era um espetáculo? — Eu arfo em seu ouvido, a sentindo arrepiar inteirinha para mim. — Completamente pelada — eu murmuro para mim mesmo encarando seu seios e o conjunto da obra refletidos. — Você é linda demais, Princesa — elogio e a vejo me retribuir com um sorrisinho de canto.

*É minha missão de vida acabar com essa sua insegurança maldita.*

— Se incline e agarre as barras de metal — ordeno mais uma vez e ela obedece como uma cadelinha adestrada, dobrando o corpo até que joga o cabelo para trás me encarando no espelho.

Eu franzo meu cenho excitado demais vendo a minha funcionária de quatro para mim e tampo sua boca com a mão direita. Com a esquerda seguro o membro e vou provocando sua boceta lubrificada pronto para soterrá-la. Deslizo os dedos por sua bunda de pele macia e lhe dou um tapa ardente que a faz conter um grito mordendo minha mão.

*É... funciona.*

— Molhadinha, Miranda — provoco e ela geme baixinho com a boca presa.

Enrolo seu cabelo na mão esquerda como uma corda e meto com força bruta dentro dela. Atrativ… *ah, caralho, o que foi isso?* Atrativo foi o pulo que ela deu para frente, seu sustinho me excita demais, mulher. Recuo para trás e a penetro mais uma vez com toda a fúria que meu corpo destila. *Nossa... eu poderia fodê-la assim vinte e quatro horas de cada um dos sete dias da minha semana sem cansar.* Volto de novo e bato minha virilha contra a sua bunda metendo meu pau inteiro na sua boceta e ela morde. Mia morde tanto meus dedos para não gritar que mais um pouco vai fazer sangrar.

*É gostoso devagar, eu sei, mas acabou.*

Arranco seu quadril para mim e fodo. É apenas esse comando que minha mente entende e executa agora. O jeito que estou comendo Miranda Ross, me acompanhe, por favor. *Para frente... ela geme gostoso, e para trás... eu ofego aumentando a velocidade.* Não é uma surpresa, eu sempre fico hipnotizado por esse mel, tentando não fazer barulho ao sentir sua pele na nossa lista de lugares públicos. *É... isso mesmo, eu tento.* Encaixo sua bunda e crio o contato carnal alto que eu sou louco para ouvir, são nossos corpos, Princesa, você ouve? Esse é o som excitante que eles criam juntos, mas não adianta ouvir e não me ver.

— Miranda, olhos no espelho — ordeno, entrando e saindo de dentro dela até que obedeça.

Faço o mesmo, admirando a sua postura inclinada com meus dedos tampando sua boca, seus seios de mamilos endurecidos que se mexem na

mesma velocidade em que decido penetrá-la e o meu favorito, seu olhar promíscuo com os lábios apertados. Tudo isso por causa de um vestidinho de mangas bufantes, olha o que faz comigo?

*Goze pra mim, Miranda, porque sua visão nesse Espelho Bufante, me deixa louco.*

— Vamos, Princesa — incentivo seu prazer me tornando uma máquina que a fode cada vez mais rápido fazendo com que as paredes do provador tremam.

*Nesse momento aquele funcionário se arrependeu de ter me deixado entrar.*

Trago minha mão até a sua boceta contraída, atiçada e desesperada para se libertar, massageio com rapidez e ela se livra dos meus dedos em sua boca. Meto com ainda mais força aumentando o barulho carnal sem me importar mais com o público que nos escuta, essa cabine tremendo e as barras de ferro do espelho que poderiam entortar com a fúria que ela as agarra.

— Goze pra mim, Miranda. — Me inclino sobre seu corpo para enterrar mais fundo dentro dela e arfo em seu ouvido.

— A-ah… humm… aaah! — Isso, gema alto, eu quero ouvir seus gemidos enquanto estiver te comendo. Eu quero ouvir, não pare, nem por um segundo e esqueça que há um mundo além dessa sensação aqui e agora, eu imploro. — Ah, não pare… aah… Trevor! — ela choraminga chamando, arfando e deixa de agarrar as barras quase despencando ao chegar ao ápice se eu não a segurasse. Meu nome é um botão de autodestruição. Eu gozo, estou gozando dentro da sua boceta de mel e ela se alivia ao gemer rouca palavras que nem eu entendo.

*Segundos. Segundos. Segundos.*

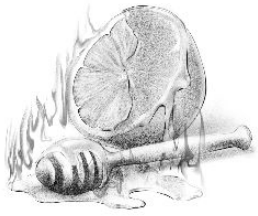
Puxo seu corpo de volta para mim e a beijo intensamente, aperto seu rosto com as duas mãos o amassando de paixão e ela faz o mesmo, liberando cada gota que sobrou do prazer acumulado. Enrosco nossas línguas agradecendo por cada ordem que obedeceu e a cada vez que me encarou sentindo o misto de Amor Sublime e desejo. Recuperando toda a emoção que joguei para dentro dela aqui e agora, enquanto mordisco seus

lábios. Só que eu preciso dizer… eu preciso. Lhe solto de uma vez e a sinto ofegando em minha boca.

— Posso adicionar o provador na lista? — Arfo com um sorriso e ela retribui me puxando para outro beijo.

*Acho que isso foi um sim.*

15



# Código White

*Quero sentir você na minha pele*
*Seus dedos elétricos*
*Eu deixaria você entrar*
*Se eu pudesse te amar*
***Concrete Heart – VASSY***

## MIA ROSS

Permissão. Trata-se de uma autorização ou licença concedida a alguém para executar algo. Por trás das barras de ferro a liberdade é nula, logo não há permissão para nada, o que te deixa à mercê de tudo e qualquer coisa fora do consentimento próprio. Você não aprende a dizer não, mas quando aprende… *é um caminho sem volta.*

Ofego. Arfo. Respiro.

Meu corpo ainda está enroscado no seu e os braços robustos me seguram contra a parede do provador que agora tenho bem mais intimidade do que sequer imaginaria.

*Vou conseguir ir a uma loja de roupas sem lembrar das Loucuras Sexuais de Trevor White?*

**Resposta: Não.**

O suor corre por cada centímetro do meu organismo, é quente, o ar condicionado não cobre essa temperatura, nunca cobriu a minha. Nossos narizes brincam um com o outro e ainda que de olhos fechados, amo sentir

essa sensação. A pele, cheiro, som da respiração é... *como Trevor diria? Sublime.*

Encarar esse espelho com ele fez minha autoestima subir horrores no gráfico. Eu pude me ver completamente nua e ainda ouvir seus elogios junto a olhares de desejo. Eu sou tão tola às vezes por achar que não há motivo para ele me amar. O homem me mostra todos os dias algo que ama em mim.

Ele cobre meu rosto de selinhos e me desce do seu colo aos poucos, até que consigo ficar ereta, porém não solto seus braços. Ainda não estou pronta para soltá-lo, quero mais desse contato, pois sei que não vai fazer isso na frente do vovô. *Foi por mim tudo isso, não foi?* Não teríamos outra chance de ficarmos tão próximos. Trevor coloca uma mecha minha para trás da orelha e se aproxima pertinho dos meus ouvidos.

— Que horas são? — sussurra e ri ofegante.

— Roubou minha frase de efeito, Sr. White — digo, entreabrindo os lábios com a ousadia.

— Não sabia que era patenteada. — Lança um sorrisinho de canto que me faz suspirar. — Mas você tem a minha *Patente Moderna.*

A clássica e inesquecível *Patente Moderna*, minha primeira campanha e mais um lugar da nossa listinha e talvez meu favorito, sua mesa.

Antes que eu possa responder, levo um susto ao ouvir batidas na porta do provador.

*Ferrou.*

Trevor dá uma risada sem som do meu desespero e tampo sua boca ridícula que amo beijar, mas agora poderia socar.

— Quem é? — pergunto, segurando ao máximo o riso junto com ele.

— Mia, provou o vestido branco? Deve ter ficado linda, posso ver? — Júlia pede ainda dando batidinhas na cabine e assim que sua voz é revelada meu namorado revira tanto os olhos que poderia matá-la.

*Caramba, Trevor, ela é minha melhor amiga ou pelo menos era.*

— Ah. — Ofego de alívio. *Ótimo, não é um segurança.* — Ju, estou... meio enrolada aqui com as roupas. — *Enrolada? Não tinha algo melhor?* — Daqui a pouco eu encontro vocês na praça de alimentação.

— Está com vergonha de mim? Sabemos que já te vi com muito menos roupa. — Ela solta uma risada como se tivesse achado minha negação engraçada e Trevor franze tanto o cenho que se iguala a assassinos antes de puxar o gatilho de arma.

Apenas diga **não**, por favor.

Mia, você consegue.

— Não é vergonha, daqui a pouco vou — falo com a maior gentileza que consigo.

*Não insista, por favor, eu odeio falar essa palavra.*

— Achei que fôssemos amigas, você volta de Portugal e nem me deixa ver vestidos?

*Vestidos? Vai chamar meu corpo assim?*

Meu peito arqueja pela insistência, mas respiro fundo mais uma vez apertando meus punhos. De novo, eu consigo.

— Júlia, não é isso — assim que digo minha garganta queima e uma pequena, quase imperceptível lágrima derrama sobre meu rosto.

Eu voltei por essa festa com a minha família, mas não imaginei que a minha vida antiga me deixasse tão fraca.

— Está bem claro que é, porqu...

— Caralho, ela disse não — Trevor altera a voz já nervoso e ela fica quieta de imediato.

*Graças a Deus!*

Ele abre a porta com os cabelos castanhos bagunçados, a camisa aberta e o rosto suado dando de cara com ela.

— Qual é a dificuldade? Consegue absorver a palavra não? Quer que eu soletre? — ironiza com Raiva Súbita por ter me questionado.

— Ah — Seus lábios entreabrem junto aos olhos esbugalhados que me julgam. — Mia… Mia, ele te obrigou a algo? Você está be…

— Pode ter certeza que eu não a fiz gemer de dor, Júlia. — Solta um riso nasalado ainda em minha frente sem deixar que ela me veja.

— Não falei com você! — Admiro pelo espelho sua feição raivosa e tenta empurrar a porta, mas Trevor a segura com tanta força que tenho medo que a quebre como no tribunal.

— Pois agora vai ser assim, se questionar uma decisão da minha namorada, a conversa é comigo — afunila, trancando o provador.

— Mais um homem que te afasta do mundo, seu dedo está podre mesmo — debocha e ele quase arranca a fechadura da cabine para confrontá-la, mas entro em sua frente e o abraço com toda a força que tenho para limitá-lo.

— Não vale a pena, Ursinho, por favor — peço baixinho e ele me retribui, enfiando a cabeça no meu ombro. Acaricio seu cabelo para acalmá-lo e ergo seu queixo para alguns selinhos.

— Essa garota precisa de limites, Miranda.

— Você roubou a única amiga dela, é normal que ela não goste do responsável por isso.

— Mia, ela não te respeita, se eu não estivesse aqui tenho certeza que ela insistiria tanto que você abriria a porta mesmo não querendo. Você enxerga isso? — Mantenho o olhar fixo com ele, observando cada detalhe do seu rosto furioso, que aos pouquinhos se torna preocupado ao ver que minha resistência à negação me faz mal. — Desculpe, eu não quero te magoar criticando sua amiga, talvez esteja certa e eu esteja implicando demais — ele cede, mesmo com o cenho franzido de raiva e eu o abraço com força mais uma vez.

Não conseguia, não consigo e não acho que conseguirei fazer isso. Meu corpo não está programado para dizer não ao Victor, Júlia, meu pai e minha família. Eu fico apenas quieta, deixo que passe e quando tento, se aproveitam para me manipular e insistir.

Mas isso acabou.

*Eu posso dizer não.*

Tenho alguém que pode dizer por mim.

— Princesa, está chorando? — ele murmura preocupado enquanto afaga meu cabelo.

— Hum... não. — Fungo meu nariz e limpo uma lágrima que escorreu em meu rosto sem que eu percebesse. — Já foi.

— Isso já aconteceu antes? — questiona, ajudando a enxugar minha bochecha.

— O quê?

— Essa insistência quanto ao seu corpo — diz, erguendo o meu queixo.

— Ela queria ver o vestido — corrijo, mesmo que nem eu mesma acredite nisso.

— Foi ela que sugeriu essa trapo, não foi? Você não costuma usar nada tão decotado assim.

— Eu achei as manguinhas bonitas — ronrono e ele franze o cenho.

— Quer usar mangas bufantes? Eu aprovo. Quer usar vestido curto? Eu reluto e aprovo, mas não vou aceitar que use algo que aquela ridícula quer que você use — ordena com a voz mais mansa que já ouvi sair dos seus lábios.

— Podemos ir embora? Estou cansada — peço, agachando no chão a procura da minha roupa. Não quero mais falar sobre ela, se eu ouvir mais é capaz que ele me faça concordar com sua opinião.

— Podemos… vai levar esse? — Trevor segura nas mãos o vestido branco.

— E-eu… eu não sei.

— Faça dele uma lembrança nossa, não dela. — Assim que diz, meu coração bate mais forte pela sugestão, é algo nosso, mesmo que ela tenha escolhido a princípio.

— Uhum — assinto com a cabeça e ele me presenteia com um sorriso de canto junto a um selinho.

Permissão. Acredito que essa seja a palavra mais fácil e menos respeitada de todas, hoje em dia é rotina insistência ser a falsa crença de autorização. Lutei para aprender a conquista de consentimento, é péssimo ouvir não ou apenas é nas primeiras vezes. Depois, é perceptível, estar com alguém que quer estar com você é sublime e certo.

*Dê atenção a palavra certo.*

O tal código moral que os homens prezam ter, que dispõe de algumas regras:

- Não fique com mulheres casadas.

- Não fique com ex-namoradas de amigos.

- Não ligue para mulheres antes do terceiro dia.

Todas essas regras são muito conhecidas.

E eu as acho ridículas.

Escuto muito todas por aí, já convivi com homens que estampam esse código escrito na testa, mas traem, insistem e mentem.

Então eu vou contar o meu segredo.

**Código White**

Só tem uma única regra.

*Insistência cedida não é consentimento.*

Arrepiou? Pois é, apenas uma única frase de uma folha em branco, sem capa dura, sem sumário ou capítulos de homens insistentes.

Se você insiste o amor, consente a dor.

Tudo se constrói com consentimento ou pelo menos tudo de bom.

Mia ficou amuada depois do shopping, mais quieta no caminho de volta e pediu para que eu ficasse com ela em um cochilo. O que não foi ruim, estava querendo um pouco de ar sem ninguém. Apenas eu e ela. Depois daquela desgraçada ter estragado nosso momento pós-provador. *Porra*, era o meu momento de beijar cada centímetro do seu rosto, sentir o suor nos dedos e a respiração ofegante na minha boca junto aos beijos de satisfação.

*Você me tirou isso, Júlia, e vou te fazer pagar.*

Embora a raiva ainda percorra minhas veias, me acalma vê-la dormir, é uma digna princesa de fato. Está debruçada no meu peito, agarrada na minha camisa enquanto eu enrolo meus dedos em cada mecha do seu cabelo de mel.

Estou procurando uma maneira de acordá-la há alguns minutos e finalmente ela se remexe na cama para outra posição me dando acesso.

— Mia — eu a chamo, acariciando seu rosto.

— Hum? — Ela ergue um pouco a cabeça esfregando os olhos.

— Gostaria de fazer uma pergunta e não precisa responder caso não se sinta confortável — digo com a voz mais gentil que consigo na tentativa de lhe passar segurança.

— É sobre a Júlia? — ela fala baixinho, quase rouca, quando diz o nome da ridícula que chama de amiga. Eu assinto com a cabeça e ela se ajeita sobre o colchão. — Pode perguntar.

— Já aconteceu algo entre vocês duas? Eu vejo como ela te olha e o jeito relutante comigo quando te toco. — Junto toda a minha coragem para lhe fazer a pergunta e a envolvo com meu braço trazendo-a para mais perto.

Sei que não seria da minha conta, mas essa mulher me irritou tanto que essa maldita dúvida não sai da minha mente.

Mia senta com as pernas dobradas na cama de solteiro em que estamos quase colados e vira o rosto para a parede impedindo que eu veja suas reações. O que você não quer que eu veja? É vergonha?

São longos minutos em que a textura do quarto da pensão recebe mais atenção do que eu. Fico encarando seu olhar fixo sem resposta alguma e a cada segundo crio mais teorias. Eu acredito que ela esteja se preparando, mas não quero que se esforce tanto ou se machuque só porque tenho dúvidas.

— Não precis…

— Há alguns anos. — Antes que eu desista da conversa, ela me interrompe ainda sem virar o rosto.

— Foi intenso, quanto tempo durou? — Eu confio em você. Se disser que acabou, está tudo bem.

— Não, não foi nada, apenas um momento. Eu estava com muita dor e ela m...

— Psicológica ou física? — Preciso adiar sua frase para saber do quê exatamente estamos tratando nessa conversa.

— As duas — Mia diz tão baixo que preciso inclinar minha cabeça para frente para ouvir.

Eu odeio. Eu sinto muito ódio. Eu tenho tanta vontade de esquartejar aquele canalha, despejar toda a minha raiva dando o troco de tudo o que ele já fez a ela. Mas do que adiantaria? Os traumas estão dentro dela, mesmo mudando de continente, permanecem. Eu apenas gostaria de ser útil, fazer algo por ela.

— O que aconteceu? — pergunto, puxando sua mão de pele macia na tentativa de lhe dar conforto. Eu faço que posso.

— E-eu estava muito machucada, mal conseguia abrir os olhos... ela chegou, conseguiu me tirar do chão. — Ela abana o rosto tentando afastar o choro.

*Se for o que acho que estou pensando, ela está tão ferrada se depender de mim.*

— Me ajudou a ir até o chuveiro, me limp...

— Ela te deu banho?

Só de imaginá-la tocando na minha mulher me dá asco, principalmente na situação em que estava.

— Uhum. — A confirmação me faz cerrar os punhos de ódio. — Depois, ela… ela me provocou.

*O que significa isso?*

— Como? Com palavras? — Estou me esforçando para entendê-la, mas fica muito difícil sem que me explique de forma clara e não posso cobrar mais do que o esforço que está tendo para se abrir. Antes que eu possa deduzir mais alguma coisa, ela passa as mãos na região dos seios.

**Essa cretina violou os seios dela enquanto estava espancada mal abrindo os olhos?**

— Ela tocou e você cedeu? — Torço para que diga que sentiu algo e que não estou ouvindo o relato de um assédio, mas ela nega com a cabeça.

Eu respiro fundo demais, engolindo em seco tentando manter a única lasca de calma que me resta para não xingar todos os palavrões existes até minha voz sumir.

— Então ela parou? — *Me diga que sim, eu imploro.* Negação de novo. — Ela te beijou? — Aceitação com a cabeça.

Tem razão, Júlia, ela tem o dedo podre. Tem o dedo mais podre do universo quando se trata de dar liberdade para doentes como você. Sente dor, não é? Deve ser muito doloroso saber que ela quer e implora que eu a toque quando você precisou esperar o momento mais terrível da sua vida para se aproveitar e assediá-la.

— Eu não pedi aquilo, não consegui processar! Apenas fiquei parada, eu não queria, só que...

Quanta merda Miranda já passou? Já não bastava o pai ausente, o namorado abusivo e ainda a merda da única pessoa que ela considerava vai e termina de acabar o serviço.

— Ela tentou me confortar. — Segura com mais força minha mão a defendendo.

**Como é que é?**

*Não, amor, ela não tentou te confortar de jeito nenhum! Você não enxerga isso?* Então é esse o comportamento que dizem que as vítimas dispõem, romantizam e defendem o abusador sem poder ver o quão terríveis são.

— Miranda, ela se aproveitou de você! — eu deixo de guardar meus sentimentos e ergo minha voz segurando sua cabeça com as duas mãos. Eu digo fixo aos seus olhos pedindo a Deus que me escute. — Conforto é o que estou fazendo agora segurando sua mão, isso que ela fez é assédio. — Franzo meu cenho para lhe mostrar o quão séria é a situação, mas sei que seus olhos de mel são inocentes.

— Eu deixei que ela me ajudasse. — Ela chora como se a culpa fosse sua. Chora como se tivesse escolhido isso em algum momento. Chora como se achasse que seu corpo é fraco.

— Você realmente vê isso como ajuda? — Mia se cala de uma vez mordendo a boca e percebo que estou passando dos limites e assustando-a. Ela deve saber, é tão inteligente, eu mesmo a elogio por isso. Mas se você consegue ver, por que não faz nada?

Sento na cama e a puxo para o meu colo apertando seus ombros e deixo que ela respire. Não quero que chore de novo. Ela não faz porque não consegue ainda e está tudo bem, estou aqui agora por ela e vou protegê-la.

**Se depender de mim ela não encosta mais um dedo na minha Princesa.**

— Desculpa — sussurra, mergulhando contra o meu peito.

**Se eu pudesse colocar as mãos em você, sua…**

— Princesa, como assim, desculpa? — questiono, acariciando seu cabelo com todo o apreço que gostaria de dizer umas verdades na cara dessa louca.

— P-por ser tão ingênua — a voz quase nula me faz morder a boca em uma mistura de ódio e tristeza. Mia não merece isso.

*Você não seria ingênua se as pessoas não se aproveitassem da sua gentileza.*

— Você vê o melhor nas pessoas, isso é bom, apenas te prejudica às vezes. — Lhe mostro o lado bom beijando sua testa.

— Eu queria ser como você! — Ela se ergue do ninho que era o meu abraço e aponta para o meu peitoral escorrendo lágrimas em suas bochechas. — Ninguém te engana, te faz de otári...

— Ah, isso acontece sim, Mia — corrijo, envolvendo sua cabeça em minhas mãos como uma concha. — Principalmente quando é alguém que amamos, ficamos cegos. Você confiou nela, ela te traiu. Mas me prometa uma coisa? — peço, impondo meu nariz ao dela enquanto seus dedos molhados pelo choro tocam minha barba. — Não deixe que ela faça de novo.

— Eu prometo. — Ela molha os lábios me tirando um sorriso de canto.

— Assim que eu gosto. — Arfo e Miranda se encaixa no meu colo entregando sua boca a minha em um beijo demorado, buscando conforto.

Ouço a porta abrir em um grunhido estridente e de imediato ela larga meu rosto se virando para trás. A avó de Mia, ela é bem conservada e parecida com ela, apenas alguns cabelos grisalhos, alta e de olhos castanhos mel envolventes. Bom, sabemos de onde veio o olhar.

Entra devagar com um pedido breve de licença.

— Trevor, querido, posso? — a senhora toca meu braço pedindo para que a solte.

*Querido? Nossa, me senti acolhido.*

Peço à Miranda com o olhar e ela assente se soltando.

— Aconteceu alguma coisa, Mia? — sua voz é suave de forma maternal.

*Minha mãe nunca me tratou assim.*

— Está tudo bem, estou melhor. — Enxuga o rosto.

— Ótimo, espero que sim. Tony quer te ver, posso dizer que já vai? — pede, colocando uma mecha atrás de sua orelha.

— É ruim, Sra. Ross? — eu questiono quando minha namorada aperta mais meu braço.

— Maria. É melhor eles conversarem — corrige, o que me faz finalmente me sentir dentro de algo por aqui.

— Tá bom, vovó, obrigada. — Mia levanta da cama e me puxa junto.

*Às vezes ela tem uma força…*

Andamos por alguns corredores escuros pelo dia chuvoso, até encontrar uma porta de madeira rústica.

*Ótimo gosto, Antony Ross.*

— Vovô, posso entrar? — As mãos de mel abrem a maçaneta até que enfia sua cabeça apenas na fresta. Assim como faz comigo em minha sala… *essa é sua forma de demonstrar respeito?* Bom, saber.

— Sim, por favor. — Ergue o olhar para nós analisando alguns papéis sobre a mesa com cheiro de álcool. — De preferência, sem o assustadinho. — Ele ri e acompanho, mas com ódio interno.

— Ele sabe de tudo da minha vida, se tem algo ruim para falar é ele quem vai ouvir cinco segundos depois que sair dessa sala. — Impõe, apertando minha mão com força.

Sutil

*Gostei, Srta. Ross.*

— Tinha que tentar, sentem — cede, levantando.

A sala completa é de madeira minimalista, medalhas militares e troféus, sofás e cadeiras de couro e alguns detalhes no verde-água. Julgo que pode ser sua cor favorita. Ele puxa uma poltrona para perto do sofá que estamos nos aconchegando e dá alguns estalos para que o *Lobo Branco* plantado ao lado do mini-bar fique onde está.

*Bom mesmo.*

— Eu vou tentar ser direto, sabe como funciona — avisa, tirando um cigarro do bolso.

— Sim, pode continuar.

*É uma bronca?*

— Os Ferreira vieram saber do filho há uma semana, pois não tiveram notícias. E antes de viajar à Portugal, ele disse que foi ver você — explica, acendendo a fumaça que joga para trás para não nos incomodar.

*O quê? O canalha ainda mentiu estar com ela?*

— Vovô, eu não sei por que ele disse isso, terminamos faz meses. — Mia nega com a cabeça já franzindo o cenho irritada por ter que repetir isso mais uma vez.

— Um dos meus contatos disse que ele foi preso. Tem ideia do porquê?

Ela se cala de imediato segurando minha forte mão e consigo ver seu peito subir e descer mais rápido do que as gotas de chuva pingam no vidro da janela. Não me chamou aqui para validar nosso relacionamento, chamou porque não está em condição de conversar com ele e não queria dizer não.

Grande responsabilidade eu tenho agora, não posso decepcioná-la como todos fizeram. Os olhos de mel se dirigem a mim.

*Ela quer que eu conte?*

— Miranda, estou falando com você — ergue o tom de voz dando mais uma tragada.

— Foi preso por agressão — respondo por ela.

— Agrediu quem? A briga que citou na mesa ontem foi essa? Você deu queixa? — Esbugalha os olhos com uma tosse seca.

*Por mim eu tinha é matado.*

Viro meu rosto para Mia na tentativa de entender o que posso falar, mas não é como se pudesse me guiar agora. Ela está aflita, pálida como neve, sua pele que sempre se igualou a desertos, agora é fria demais como cadáver. Eu não consigo ler seus pensamentos, o que sente, mas sei que contar ao avô o que aquele homem fez a ela, não deve estar sendo nem 1/8 do fácil.

*Não acho que eu seja a pessoa certa para contar.*

— Não vou dizer, sem me pedir explicitamente — instruo, porque preciso ter certeza absoluta do que deseja.

— Por favor. — Os olhos de mel me imploram para a deixar livre de dizer uma palavra sobre ele.

— Ele a agrediu, Sr. Ross — revelo, encarando seu rosto agora franzido em negação.

— Victor, como assim? Ele sempre foi um homem respeitado, nunca demonstrou nenhum comportamento agressivo.

*O pior é que realmente a maioria não demonstra, acredito em cada palavra que diz.*

— Com o senhor não — ressalto.

— O que está insinuando? — a pergunta vem em formato de ameaça, a raiva está o consumindo.

Não que eu possa julgá-lo, está em negação.

— Não insinuo, estou com aberta certeza afirmando que Victor Ferreira agrediu a sua neta por cada dia de relacionamento que já tiveram.

— Acha que vou acreditar nisso?

*Assusta, não é? Saber que poderia tê-la ajudado, minha raiva foi essa.*

— Não me importo se acredita ou não.

Ele foca o olhar totalmente nela que está fixa no chão de madeira, sem piscar, imóvel, apenas limpando as mãos suadas nas roupas.

— Miranda, olhe para mim, não é um pedido.

*Quero poder dizer algo, mas sei que não é minha posição.*

— MIRANDA ROSS, OLHOS EM MIM! — ele grita para todos os quadros ouvirem, fazendo os vidros tremem.

— Ela não é surda — o limito, mesmo que não me dê atenção mais.

*Força, Princesa.*

Ela respira fundo e o encara.

— Diga para mim que ele está mentindo — a voz abaixa o tom quando o obedece.

Ele é muito para ela, acredito que represente a verdade, torne real tudo o que sofreu. Contar a ele, a pessoa que ela considera autoridade e respeito, é forte, é lhe dar a certeza de falta de confiança. Mas é visível. Ela quer falar. Seu olhar pede para que sim, mas seu corpo é inimigo. Mia segura a respiração, entrando em uma briga com seu organismo para que seja obrigada a contar o que a sobrecarrega tanto.

— É verdade — ela quase cospe as palavras para fora e a falta de ar a domina. Seu rosto é mergulhado por choro e sua pele incha com rapidez. Seguro seus ombros sem lhe dar tempo para qualquer outra ação e trago para mim deixando que desabe em meu peito.

Ela.

Minha mais velha inimiga.

Ansiedade.

*Pode me derrubar, mas não vou deixar que faça isso com a mulher que eu amo.*

— Respire comigo, está tudo bem. — Ela tosse, uma série inteira de tossidas de desespero que a assustam a cada segundo. — Ele não está aqui, você está segura — eu digo e repito para que veja que não é um sonho, ela se livrou dele. Não pode parar agora, Trevor, nunca a viu tão pálida, precisa de você. — Seu avô te ama, eu te amo, só queremos o seu bem. — Miranda engasga com o choro e tenta abanar o próprio rosto. O homem ao meu lado traz um copo d'água com as sobrancelhas franzidas de desgosto consigo mesmo e preocupação. — Eu quero que respire comigo, já estive assim e você me acalmou, se lembra? — Ela assente se esforçando para me encarar nos olhos e obedecer meu pedido. Tenta, tenta demais respirar e funga o nariz várias vezes assentindo, ela está me ouvindo, está tentando. — Bem fundo, assim. — Coloco a mão sobre seu busto e ela toca por cima, me deixando sentir seu coração que quase solta para fora, diminuir o ritmo aos poucos. Normalizando cada milímetro de crise. Lhe entrego o copo e ela bebe devagar alguns goles. — Você é forte, Princesa — afirmo, convicto, beijando sua testa orgulhoso da sua respiração.

Antony está com uma feição de preocupação extrema, seus olhos que me assustaram agora só mostram medo e compaixão. Ela é como uma filha para ele e seu mundo está desabando, mesmo que ainda tente mostrar a postura robusta.

Traz alguns lenços de dentro de sua gaveta e coloca em minhas mãos. Ele acha que eu devo cuidar dela, você confia em mim? Entrego os papéis a ela.

— Ele fez de tu-udo comigo — sua respiração corta suas frases, mas não a deixa lhe derrubar. Está sendo a mulher forte que sempre foi. — Gritou, traiu, espancou, dopou e vezes que eu negava, me estuprou. E e-eu fui fraca, me senti impotente, porque a família dele do-omina tudo. Ele dizia que polícia não re-esolveria, que ele me encontraria e faria pior.

— Querida… — Lhe faltam palavras e não vou mentir que ouvir suas lágrimas e confissões também me fizeram calar.

Eu sofri, sei que sim. Os meus problemas são árduos, meus traumas são de faltar descrição, mas eu passaria por tudo um triplo de vezes apenas para que ela não sofresse como sofreu.

— Por que não me contou? Eu poderia ter feito algo! Poderia ter te protegido! — O homem agacha no chão pegando suas mãos devotado tentando entender como não foi capaz de fazer algo.

— Eu fui fraca, me d-desculpe. Poderia ter tentado, mas as coisas que me dizia... não funcionaria, eu t-tentei resolver sozinha...

É desesperador sequer pensar em viver em uma prisão como essa. O pior é que não tem grades ou algemas. É uma prisão psicológica.

— Como seu pai não o matou? — questiona consigo mesmo como se fosse uma ação simples.

— Sr. Ross, por que não a deixamos respirar um pouco? — sugiro para não piorarmos, mas está fora do meu controle.

— Ele sabia! Sabia e não fez nada! — ela junta as forças para exclamar e o fixa com os olhos repletos de ódio.

— Não, seu pai não sabia disso. Ele disse diretamente para você, com essas palavras, que sabia por tudo que passou? — Seus lábios até mesmo sorriem um pouco de canto, tem certeza absoluta de que não sabia.

*Ele acha que Robert vai fazer algo a partir de agora?*

— Ele... ele insinuou, deu a entender...

— Então eu te garanto que não sabia. Miranda, seu pai já fez de tudo, foi preso por inúmeros crimes. Robert sempre foi a parte mais problemática da família, mas eu posso te dar certeza que ele fez tudo por você, moveu montanhas para te deixar bem. Você foi a única pessoa por quem eu vi ele lutar tanto, nem mesmo sua mãe teve esse efeito sobre suas ações.

Antony quer tirar mais um peso... odiar alguém com força é trabalhoso, não quer que ela se desgaste em dobro.

— Vovô, ele confia no Vic, demais. — Limpa o rosto inchado tomando mais um gole da água.

— E é por essa confiança que não imaginou que fosse fazer algo com você. Eu te garanto que se ele soubesse… — Seus lábios sorriem mais uma vez como se estivesse pronto para uma carnificina. — Esse homem está com os dias contados, querida.

Não consigo vê-lo dessa forma, alguém protetor que mataria por amor. Mas ele ameaçou a Sarah, pode ser capaz de tudo...

— Sabendo ou não, ele fez coisas terríveis — as palavras começam a sair com mais facilidade de sua boca.

*Mas não significa que você seja terrível.*

— Não estamos defendendo seu pai, ele já tem advogados, agora eu quero saber desse... se eu pudesse pôr as mãos...

Pois é, eu tive a mesma reação. Meter um soco bem dado no meio do nariz dele foi uma satisfação de alívio extremo, pena que durou tão pouco.

— Minha advogada é a melhor da minha região, senão do país, se ele sair de lá, ela vai dar um jeito de jogá-lo de volta atrás das grades — digo para mostrar a ele que a neta está segura.

*Samantha é o meu dragão, que vai proteger a minha Princesa e eu garanto isso.*

— É melhor que tenha certeza. — Ele observa a neta um pouco mais calma e a abraça.

Acaricia seu cabelo e vejo, quase imperceptível, seus olhos lacrimejarem um pouco. Imagino que esteja pensando em cada momento que poderia ter feito algo, embora agora mostre alívio por saber.

— Diga para mim se esse outro aí te machucar, faça um sinal — ele sussurra, como se eu não pudesse ouvir, e a faz rir.

A conhece, sabe que precisa animá-la... já percebi isso também, quando fica atordoada e ninguém a ajuda, tranquiliza, ela se fecha. Foi exatamente o que aconteceu no elevador.

— Vovô, Trevor teve medo do Floquinho, acha que ele me machucaria?

— Bom ponto, querida.

— Quando vão esquecer isso? — Entro na onda do humor revirando os olhos para esquecer esse momento terrível.

— Aconteceu ontem, assustadinho. — Verídico. — E você surrou ele? — Joga o olhar para mim querendo sangue.

— Apenas um soco bem dado no meio da cara de canalha dele, antes que os policiais o tirassem de minhas mãos — respondo orgulhoso e ele sorri junto a neta que está achando um absurdo essa nossa conversa.

— Deixe-me perguntar, quem mais sabe disso?

— Júlia e a mãe, alguns amigos de Portugal e Trevor. — Ela funga o nariz e enxuga mais o rosto.

Meu telefone toca e desligo em seguida.

— Trevor, pode atender, eu vou falar com meu avô, pode ser? — Joga o olhar para mim enquanto aperta minha mão.

— Tem certeza? Eu posso resolver qualquer coisa depois — insisto.

— Tenho sim, Ursinho, pode ir.

— Nossa, Ursinho, sério? — Ele bufa achando ridículo.

— Que eu me lembre a vovó te chamava de outro bem mais meloso…

— Qual seria? — questiono e ela ameaça falar.

— Fique quieto no seu canto, homem — me restringe e Mia ri mais uma vez.

*As Garotas Ross são nosso ponto fraco, não é?*

— Pode ir atender, eu já te encontro — pede.

— Como desejar, vou estar no corredor. — Beijo sua testa, mas não é suficiente. A abraço com força e ela afaga o meu cabelo de leve, percebo de imediato o seu cansaço pelo esforço que fez. Junto meu nariz ao dela e acaricio sua bochecha com o polegar. — Não demoro.

Caminho para fora da sala e retorno o número.

— Sr. White? — um atendente chama.

— Isso, algo deu errado?

— Não, sua encomenda está confirmada e feita na medida que informou. Como pediu com urgência, achei bom informar, mesmo que a noite.

— Maravilha, pode fazer a entrega amanhã… — Me dou o trabalho de fazer as contas no relógio daqui. — Ás sete horas já estão abertos?

— Sim, combinado, obrigado e tenha uma boa noite!

— Igualmente. — Desligo.

*Miranda, espero que goste, me esforcei para o seu dia.*



Depois de uns vinte minutos em que estou encostado na parede quase dormindo pelo fuso horário, ela sai da sala e vira a cabeça para me procurar. Aceno e Mia caminha até mim.

— Oi. — Ela sorri com o rosto inchado.

— Está feliz? — Ergo uma sobrancelha confuso.

— Triste também! — diz com um sorriso ainda maior.

— Por que o sorriso enorme? — pergunto, sorrindo de volta enquanto agarro sua cintura.

— Eu não conseguiria contar sem você… — Ela enrosca os braços no meu pescoço. — A parte ruim é que não sei o que faria se não estivesse na minha vida.

— Ótimo então, que eu não pretendo sair do seu lado. — Imponho meu nariz ao seu, pois preciso desse contato físico. — Está melhor mesmo? Quer pedir algo para comer? Tomar um banho, talvez? — digo porque ainda a vejo pálida.

— Uhum, tudo isso... Trevor?

— Princesa — respondo, beijando seus lábios devagar, quentes pelo choro.

— Amanhã é meu aniversário!

*Ah, eu só queria ver essa animação... depois de tudo que ouvi.*

— Eu sei disso e saiba que se depender de mim esse será o melhor aniversário da sua vida. — Empino meu nariz com exibição porque

realmente me esforcei.

— E não vou precisar mentir nem fingir nada... porque meu avô sabe.

*Fingir? Você fingia felicidade nos seus aniversários?*

— Por isso está feliz?

— Aliviada, eu acho — admite, coçando a nuca.

— O que conversaram?

— Ah, não sei, pergunte a ele! — Ela ri. Mas em nome de Deus, o que aconteceu para ela estar tão feliz? — É só que meu avô quer... digamos assim, me ver caminhar.

— Te ver caminhar? — Franzo o cenho ainda mais confuso.

— Até você.

— Mas não acabou de caminhar até mim?

— É, isso aí! — Miranda me puxa sorridente para a sala.

*Caminhar até mim? Desde que chegue tudo bem.*

16




# Berloque Herói

*Você me trata como ouro, querido*
*Agora você quer me mimar*
*Você quer um troféu ou*
*Quer me ostentar, querido?*
*Você me quer no seu pescoço*
*Porque você deseja respeito*
***Motive - Ariana Grande, Doja Cat.***

## TREVOR WHITE

Aniversário. Comemoração anual de qualquer evento importante, como o nascimento, morte, fundação de um município ou batalha. Sou péssimo com datas. O típico publicitário que se acha invencível contra as ilusões da mente, posso ter a melhor ideia do século, se não anotar, ela some e nunca mais volta. Ou pelo menos não a mesma. Mas como tudo na vida, existem prioridades, e elas sim são lembradas.

Gosto de lembrar da frase de um professor de ciências na sexta série.

***"Não tem desculpa para não entregar tarefa programada"***

Era óbvio que depois disso eu fiquei tentado a encontrar todos os motivos possíveis e impossíveis para contrariar.

*Mas o maldito estava certo.*

NÃO HÁ.

Exceto distrações, a chamada procrastinação, eu pensei, mas até ela mesma é derrotada pela prioridade.

Então vou te ensinar algo, para quando se perguntar se aquele garoto ridículo gosta de você ou se aquela amiga mimada te considera mesmo.

Faça o teste do aniversário, não necessariamente seu nascimento, mas algo que é tão importante quanto. A pessoa esqueceu? Usou a típica desculpa da memória? Tire da sua vida, ou apenas aceite que é iludida.

*Prioridade é notória e nunca memória.*

Caramba, essa frase ficou boa, tenho que anotar.

Esses pensamentos só encontram minha mente quando estou ansioso mesmo.

Preparei o melhor café da manhã de todos para a Mia no dia dela. Tive vasculhar a cidade inteira na internet para encontrar uma filial decente de confeitaria e consegui. A caixa com seis sonhos diferenciados *gourmet*.

Estou apenas esperando chegar.

Andando em círculos na sala de estar da pensão, está um pouco escuro e chuvoso. A luz sóbria e o cheiro de matina me invadem transmitindo conforto.

Meu telefone vibra e atendo no primeiro toque.

— White! — Sorrio com o telefone ao lado do ouvido.

— Bom dia, Sr. White, sua encomenda está a caminho, mas liguei por um problema que ocorreu na confeitaria.

PROBLEMA?

NÃO PODE HAVER PROBLEMAS HOJE!

— Continue — finjo calmaria.

— Os sonhos gourmet foram feitos, apenas vai faltar o de creme simples, acredito que não fará falta por ser o mais comu...

— Ah, você acha? — cuspo a ironia sem nem pensar pela ousadia que teve de achar que eu não me importaria.

*Trevor, por favor, logo cedo…*

— Senhor...

— A avaliação está descrita como cinco estrelas, como é possível isso? Eu fiz a encomenda faz dois dias, não há desculpas!

— Fico feliz em mandar um diferente.

— NÃO QUERO UM DIFERENTE! ESSE ERA O MAIS IMPORTANTE DA MERDA DA CAIXA INTEIRA! — grito quase arremessando o celular da parede. *Respire… respire, Trevor.* — Deixe o espaço vazio na caixa e se não estiver aqui em quinze minutos, vai querer não ter fundado essa confeitaria. — Desligo.

*Você consegue fazer.*

*Não é a minha cozinha.*

*Quem liga?*

*Vai dar tempo.*

— Sempre acorda estressado assim? — ouço a voz robusta do ex-coronel que normalmente me assustaria, mas com a minha raiva nem mesmo ele conseguiria.

*Ótimo, acordou ele.*

*Como quer que goste de você?*

— Desculpe, Sr. Ross, não foi minha intenção acordá-lo — peço, mergulhando os dedos no meu cabelo na tentativa de me acalmar.

— Parece que sabe ser autoritário e não apenas medroso. Qual a razão de tudo isso? — questiona, se encostando no balcão da cozinha.

— Vai achar fútil. — Bufo.

— Nada que é importante para a minha neta é fútil.

— Procurei a melhor confeitaria dessa cidade, queria impressioná-la, pedi os sabores favoritos e alguns meus, mas ela não liga para essas coisas se não tiver o principal.

— Ah, claro — ele ri revirando os olhos. — O *Sonho de Creme*, ela ama tanto esse negócio que eu acabei ficando amigo do dono da padaria na esquina para ter descont…

— Tem farinha? — o interrompo já com a receita em mente.

— Sabe mesmo cozinhar? Achei que tivesse dito apenas para me impressionar.

— Se quisesse te impressionar, diria que sei atirar — admito e suas sobrancelhas se franzem com um pequeno sorriso. Isso é aprovação?

*E outras coisas mórbidas que ele parece dar atenção.*

— Posso usar sua cozinha? — peço e ele assente de imediato.

*Vamos lá, White.*

*Apenas 50 minutos.*

**O Livro de Receitas White:**

*78. Sonho de Creme*

MASSA

- 1 envelope de fermento para pão
- 1 xícara de açúcar
- 1 xícara de óleo

*(Gostaria de deixar aquele corpo de mel muito oleoso)*

- 2 ovos
- 1 pitada de sal
- 500 ml de leite morno

*(Espero não experimentar apenas esse leite morno hoje)*

- 1 kg de farinha de trigo

RECHEIO

- ¾ xícara de farinha de trigo
- 1 litro de leite
- 1 lata de leite condensado

*(Será que aceitaria se lambuzar? Sempre tive curiosidade de testar prazer condensado)*

- 2 gemas

- 1 colher (café) de essência de baunilha

*(Até em receitas lembro da Fada de Baunilha)*

- Óleo para fritar

- Açúcar e canela

*(Canela?... Não precisa de descrição)*



O difícil dessa receita é esperar, literalmente, quarenta minutos apenas para mimar a massa. Estou fritando a última remessa com um avental azul e balbucio sem pensar a letra de *Motive – Ariana Grande, Doja Cat.*

— Ela gosta dessa música.

*Quem seria o alienígena que não gosta de Ariana Grande?*

— Temos o gosto musical parecido — explico, após uma série de olhadas em cada pitada diferente que coloco na receita.

*Está me fiscalizando como um urubu.*

— O que mais tem de parecido?

Ele está mesmo conversando comigo?

Me conhecendo?

Isso tem a ver com a conversa que tiveram ontem à noite?

Responda o homem!

— Piano, estilo de campanha, amor por comida... temos muito em comum — digo enquanto borbulho o creme no fogão.

— Trabalha há muito tempo na Scott Mídia?

— Trabalhei até antes quando o nome era Thompson Mídia.

— Hillary, certo? — acerta e eu franzo meu cenho de imediato.

— Mia te contou sobre ela?

*Como ele pode saber disso?*

— Não. Eu conhecia o trabalho dela, era internacional, não apenas português.

— Eu sei disso... é apenas curioso — analiso, finalmente colocando o recheio no saco de confeitar.

— Como assim?

— A Mia conhecer a empresa, o pai dela ter feito o que fez, não parece acaso... se bem que é realmente uma empresa conhecida. — Penso comigo mesmo enquanto junto o pãozinho ao creme.

— Hum. — Ele se fecha com o resmungo típico da Família Ross.

*Por que se fechou?*

Antes que eu possa questioná-lo, meu despertador toca em cima do horário em que termino a receita.

*Hora de acordar a Princesa.*

Coloco no lugar vazio da caixa entregue pela confeitaria ridícula e escrevo na plaquinha.

*Creme Ross*

Fecho com a fita dourada e limpo a cozinha fazendo com que Tony entreabra os lábios mais uma vez. *É, eu sei limpar casa também.* Por mais exibido que eu esteja em mostrar meus dotes culinários ao homem que até ontem me odiava, preciso seguir meu cronograma.

*Desse bom dia, você não irá esquecer, Miranda.*

Abro a porta do seu quarto escuro devagar e deslizo a chave na fechadura trancando. Ela está dormindo tão profundamente que até mesmo me reluto em continuar, mas sei que vai gostar de acordar hoje. Mesmo que a luz esteja quase nula sobre a cama, eu posso observá-la. Tão tranquila, dispersada, despreocupada como sempre e… *gostosa*. Os seios sobem e

descem fornecendo a respiração que precisa para se manter sonhando e eu admiro, vejo os cabelos mel sobre seu rosto e suas mãos puxarem a fronha do travesseiro onde eu estava.

*Me perdoe por ter sumido.*

Com passos curtos e firmes vou me aproximando até sentar no colchão. Retiro o lençol de cima das suas pernas longas que me enlouquecem e acaricio com a ponta dos dedos sua pele lisa que me enfeitiça com o cheirinho fresco. Miranda se remexe um pouco sem a coberta e me imponho ainda mais ousando brincar com a renda da sua calcinha preta.

*Caralho… já está molhada?*

Posso até mesmo ver uma mancha úmida no tecido, o que anda sonhando, Princesa? Você sabe como esse cheiro de sexo me deixa louco… Eu poderia ser mais lento, a torturando por mais tempo, *cacete, tinha que estar tão melada na minha frente?* Separo suas coxas e trago seu quadril para mais perto, afasto a renda e me entrego a sua boceta de mel com movimentos leves. Nossa… *porra*, eu só precisava senti-la na minha boca, tão meladinha e pronta para mim. A cada toque, mais brilhante fica; à espera de mais provocação, ela se inclina para direita e tira uma mecha castanha do rosto. Passa uma das mãos pela barriga até sentir meu cabelo nos dedos e sorri sem abrir os olhos envergonhada, mas isso não a impede de erguer o quadril.

*Hoje seus desejos são todos ordens das mais autoritárias.*

Chupo cada centímetro dela sem me dar limites, lambendo, provando e provocando como um sorvete... *meu favorito com certeza.* Passeio os dedos por baixo da camiseta massageando seus seios que acompanham a respiração ansiosa dela para chegar ao ápice. Brinco com seus mamilos duros como pedra os apertando com força recriando um dilema. Apalpar e resvalar. Eu faço os dois enquanto ela geme tão gostoso que eu poderia gozar só com essa sinfonia. Você gosta quando eu meto a boca na sua boceta, não gosta? *Ah, caralho, faça assim, eu quero ouvir esses gemidos…* Exponho e deixo seus lábios encharcados abertos tendo visão clara do seu clitóris que pulsa para mim, jogo meu olhar para ela que me retribui com um pequeno sorriso e olhos sonolentos.

Mergulho mais uma vez e ela pula para frente mais sensível do que nunca, puxa, calca, quase arranca meu cabelo bagunçado transferindo todas as emoções. Escapa um gemido rouco e abafado e escorre o leite de canela como uma pequena cachoeira que eu insisto ser onde desaba. *Delícia… você é deliciosa demais, Miranda.* Esse seu líquido que me deixa inteiro lambuzado e que não resisto em limpar com a língua sentindo seu gosto... *sim, é morno.*

Desloca a força com que puxava meu cabelo e respira fundo se recuperando do esforço de se contorcer inteira para mim. Termino de limpá-la e subo até quase tocar seus lábios com um sorriso. Mia brinca e acaricia meu rosto completamente vermelha envergonhada pelo o que acabo de fazer.

— Bom dia, Princesa, acordou bem? — Sorrio promíscuo.

— A-ah... Trevor — Ela balança a cabeça sorrindo constrangida. — Uhum... você é muito louco às vezes.

— Os gemidos que ouvi não tinham tom de reclamação. — Ergo e abaixo as sobrancelhas a fazendo rir, mas seus olhos brilhantes estão esperando para que eu a parabenize pelo seu...

***Espera!***

Aniversário + Mia = .....

— Por que está rindo? Ai, meu Deus, por quê? — questiona, já sabendo o que vem pela frente.

— Eu não estou rindo — minto descaradamente pois meus lábios tremem por um sorriso.

— Trevor!

— Miranda, eu gostaria de te desejar um feliz aMIAversário! — Solto a risada caindo ao seu lado fazendo com que o colchão pule. Essa pode ter sido uma das melhores. Lhe encaro pelo canto dos olhos e a vejo morder a boca para não ceder, mas não consegue, está rindo também por pena.

— Isso foi...

— Entendeu? Mia e aniversário que juntos formam aMIAversário, porque a Mia está fazendo aniversário. — A explicação sempre torna melhor.

— Criou uma piada de presente pra mim? — Por mais decepcionada com meu humor quebrado, suas bochechas se tornam vermelhas honradas pelo meu carinho.

— Era o mínimo, não? — Ela sela nossos lábios por alguns segundos demorados e sorri animada. Nunca a vi tão sorridente.

— Fez uma programação?

— Que tipo de namorado acha que eu sou? Óbvio. — Mia monta em mim esfregando a boceta ainda encharcada no meu moletom e eu engulo em seco surpreso pela manobra rápida.

— Cite-a, por favor, Sr. White. — *Ah, caralho… vai me chamar assim com essa voz sexy?* Mantenho minhas mãos na sua cintura e obedeço.

— Primeiro, vamos tomar café da manhã com algo que fiz especialmente para você. Segundo, marquei um horário no salão que pelos meus informantes é seu favorito e pode ficar mais linda do que já está, se é que isso é possível.

— Você vai comigo? — Se você me olha como uma cachorrinha abandonada assim, eu não tenho como dizer não.

— Quer que eu faça escova? — humorizo.

— Uhum — resmunga e leva o indicador aos lábios.

— Faço tudo que quiser, se me pedir para tingir o cabelo de rosa, hoje eu farei.  Terceiro, vamos até a biblioteca de vidro do Vila Lobos, onde vou te entregar seu presente digno.

— Tenho certeza que vou amar tudo o que o Sr. White julgar necessário. — Morde o lábio promíscua e eu forço seu quadril para roçar ainda mais na minha ereção.

*Foi você quem provocou, Trevor.*

— Quarto, vamos almoçar onde quiser, quinto e último, iremos para a sua festinha onde terminaremos a noite com o bolo que vou fazer questão de te admirar se lambuzando.

Termino o planejamento e ela fecha o sorriso emocionado.

Ela não gostou?

Merda.

O que fiz de errado?

— Não gostou de algo? Pode escolher, é seu dia, eu estou apenas suger…

— Não, é que... eu só estou procurando o horário que você separou para me foder.

Você esquece às vezes, Trevor, esquece como corrompeu essa bolsista dos fios de cabelo mel até a bunda empinadinha que sempre amou admirar.

— Isso eu posso fazer o dia todo. — Imponho e enfio minhas mãos por debaixo da sua camiseta.

— Qualquer lugar? — Eu já te disse o quão *sexy* fica dormindo assim sem sutiã, mostrando esses peitos pelo tecido quase transparente?

— Onde quiser.

— No meio da praça de alimentação? — Seria um desafio… vai estar assim montada em mim com carinha de safada? Eu obedeceria.

— É seu dia, eu faço tudo.

— Vamos ser presos! — Ela morde o lábio excitada pelo crime imaginário.

— Eu pago a fiança.

— E se não tiver fiança?

— Suborno não é tão ruim.

— Trevor! — exclama e eu a jogo na cama prendendo-a contra meu corpo.

*Eu quero sentir esses mamilos durinhos no meu peitoral.*

— Hoje é seu dia, Princesa. Não apenas por isso, claro que merece ser tratada como realeza todos os dias, mas quero estar presente em todos os seus aMIAversários — brinco, mas falo a verdade, por mim transaria com ela vinte e quatro horas de todos os seus aniversários se pedisse.

— Se for me acordar assim… — Miranda ri puxando meu lábio e isso é o combustível que faltava para eu beijá-la liberando o meu tesão acumulado.

— Vamos ao primeiro item. — Ofego na sua boca.



Espero que Mia tome seu banho pacientemente escutando músicas das minhas favoritas cantadas pela sua voz. Não é nada mal, até que é bom ouvi-la cantar.

— TREVOR! — berra do banheiro e levanto da cama.

— Do que precisa, Princesa?

Ela abre a porta e a vejo mordendo a boquinha de mel vestida com o trapo branco do provador. *Ah, caralho, mas é muito safada.* Empurro seu corpo nos azulejos cheios de vapor e me perco na sua boca atrativa, animada e com certeza, agora aguçada. Apalpo sua cintura, mas não é suficiente, subo a saia, ou seja lá o que chamo isso, e encontro com as duas mãos sua bunda que não resisto em dar um tapa forte. Mia se esquiva do beijo como um sustinho pelo ato. *Deus, eu amo esses sustinhos.* Seguro seu pescoço e a controlo dançando com sua língua provocativa e quente. É sempre tão quente.

— Miranda... agora, tem certeza? — questiono baixinho.

— Humm... eu decido, eu mando, não é? — geme nos meus lábios.

— Ordena.

Deslizo as mãos por suas coxa, ela pula e encaixo seu corpo no meu para sentá-la sentada na pia… *se lembra da pia na sua festa do pijama?* Doce pia de mármore. Eu poderia te comer agora, Miranda, do jeito que me implora com esses gemidos. Ela se esfrega na minha virilha e agarro seu pescoço decidindo ceder o que mais deseja de mim.

— MIA! — A voz estridente de Ana junto as batidas sem limites na porta fazem com que minha namorada se assuste. — A ANIVERSARIANTE ACORDOU?

Ela bufa ao sair do beijo com Raiva Súbita pela interrupção. Tento não sorrir, mas falho, eu amo ver o quanto ela me deseja... *é ótimo ser recíproco.*

— Podemos continuar depois, não se preocupe. — Puxo sua cintura antes de abrir a porta.

— Eu ordeno isso — reverencia, apontando para o meu peito e me dá um selinho.

Destranca para as amigas intrometidas e puxa minha mão me levando junto como se estivesse amarrado, uma digna Coleira Ross.

*Não sei nem qual é a minha surpresa, sempre fui um maldito cachorrinho.*

— Bom dia! — Mia sorri para a família e as amigas sentadas na sala de estar e me abandona por minutos para abraçá-los.

Ana quase lhe levanta no colo e a sacode. Duda mantém um abraço demorado e forte sussurrando desejos à ela. Sua avó, Maria, lhe aperta de forma maternal e acaricia seu cabelo. Antony, aperta seus ombros, lhe dando parabéns fixos, porém emocionado com um beijo na testa.

— Estava esperando que acordasse, dorminhoca! — A estilistazinha de quinta categoria sorri caminhando até a sala.

Meu peito arqueja.

Meu coração quase salta para fora do corpo.

Minhas mãos suam.

Minha cabeça ferve.

*É puro instinto de proteção.*

Ou se parece com desejo súbito selvagem para matá-la pelo que fez com a minha Princesa de Limão e Mel. Se eu pudesse machucá-la, eu faria. Gostaria muito, em um nível quase patológico de vê-la sangrar por segundos, como fiz com Victor. Mas não posso. Ela é mulher. Nunca fiquei tão enojado de pensar isso, mas se não fosse eu daria um jeito de acabar com cada centímetro daquele rosto maldito. A deixaria irreconhecível. Para que Miranda nunca tivesse que se lembrar dela novamente.

Profundo.

Preciso fazer algo.

Não vou deixar que a toque.

Júlia se aproxima com passos bem tranquilos achando que venceu a batalha. Uma cena em câmera lenta para mim, com certeza. Em um estalo de dedos pensei em todas as formas de machucá-la e no outro...

— Então é minha vez? — atravesso a sala com mais rapidez e com certeza mais firmeza do que ela jamais terá.

Mia que mostrava o início de uma preocupação, agora é momentânea quando agarra com os braços no meu pescoço deixando que abrace sua cintura.

— Obrigada — murmura nos meus ouvidos o agradecimento rouco e beijo sua cabeça.

— Acho que é minha vez — a garota insiste.

— Meu primeiro presente esfria, tem o dia todo! — exclamo com a maior falsidade de simpatia que já adquiri na vida.

*No dia de São Nunca eu vou deixar que a toque novamente.*

Puxo seu corpo e a trago para o balcão com a caixa branca de fita dourada.

— Espero que goste, Princesa — o sussurro promíscuo que lancei em sua orelha a faz arrepiar e sorrir. Faz tempo que não sentia sua pele arrepiar assim por minha causa.

Ela tira a fita aos poucos destilando o laço em mais pura câmera lenta, maldade eu diria, para quem está ansioso demais com as mãos suando como eu. Finalmente o espetáculo desamarra e a caixa se abre.

— Trevor! Você não fez, ah! Meu Deus, são... são? — Miranda quase pula em cima de mim me agarrando com os braços de aperto forte sorrindo.

Retribuo lhe presenteando com um sorriso também, não posso negar que essa reação foi bem melhor e maior do que eu esperava. Tenho certeza de que meus olhos estão brilhando e solto o ar que estava prendendo de alívio pelo esforço e sucesso do primeiro presente.

— Eu amei, amei, amei — repete milhares de vezes e cobre os meus lábios com selinhos desgovernados.

A caixa gastronômica com sonhos bem decorados, recheados e de cheiro irresistível. Sabores que representam nosso relacionamento.

Canela que adocica minha boca.

Pistache que lutou em nossas brigas.

Avelã impura que nos atrai e lambuza.

Morango que nos dividiu e uniu.

Limão que exala fragrância sublime.

Creme temporário que nos ensinou a amar.

*Eu te amo em forma de cheiros e gostos, Miranda.*

— Mas o que é? — Ana e Duda se aproximam empinando o corpo para bisbilhotar a caixa.

— Nossa, isso é só pão. — Júlia bufa revirando o olhos.

*Lei da Maria da Penha*[12] *existe por um motivo. Respire fundo, Trevorzinho. Por favor.*

— Não são só pães, Júlia! São sonhos *gourmet* dos meus sabore... Trevor, isso é pistache? — Ela sorri com os olhos esbugalhados de amor gastronômico.

— Um passarinho vermelho me contou que devorou o bolo de pistache da Anita em uma degustação.

— Acho que naquele dia eu queria matar você e o seu passarinho vermelho. — Morde a boca rindo ao lembrar como nossas brigas naquela época eram intensas.

— Não durou muito. Não resistiu ao Charme White. — Dou de ombros.

— Tinha que se exibir, Sr. White. — Ela faz uma careta assentindo. Não pode negar mesmo. — Ah... esse parece diferente dos outros. — Aponta para o meu sonho.

— A confeitaria não entregou o de creme que você ama, desculpe, eu tentei fazer de manhã com o Anton…

Mia coloca o indicador nos meus lábios e me cala com um beijo singelo, enquanto brinca com o nariz no meu, sem se importar com todos olhando.

— Meu favorito sempre vai ser o que você cozinha — anuncia e não resisto em sorrir envergonhado... ela me deixa assim por me amar tanto.

Retira o meu sonho com cuidado da caixa e o morde quase inteiro sujando o rosto todo de creme e açúcar de confeiteiro.

*Como pode isso?*

*Essa mulher é minha.*

*Essa linda mulher perfeita é minha.*

Miranda sorri e aproxima o doce de mim em câmera lenta o qual eu abocanho de forma veloz em uma mordida do mesmo tamanho e me lambuzo inteiro de creme amarelo. Ela ri demais e tenta limpar os lábios com a língua.

**Essa imagem deveria ser proibida para menores de dezoito anos.**

*Porque o que esse ato faz com o meu pau...*

Público. Está em PÚBLICO, Trevor.

— Posso provar? — Ana e Duda falam quase que juntas babando em cima da caixa.

— Fez mais, Sr. White? — Me chame assim de novo e não vou me importar em inclinar seu corpo nesse balcão com ou sem público.

— Fiz mais cinco... Sr. Ross, estão no forno? — Procuro o homem robusto com o olhar.

— Antony, primeiro nome, estão sim. — Ele chama as meninas para a cozinha e nos deixa a sós.

Bato a mão no peito como se levasse um tiro.

— Trevor! — Mia ri do meu drama.

— Seu avô não me odeia, mesmo eu não matando ursos! — Entreabro os lábios surpreso com a aprovação.

— Não gostaria que matasse sua família de Ursinhos Diabéticos! — Sorri animada.

— Realmente, eles me criaram — brinco.

— O que você fez?

— Digamos que demonstrei autoridade e meus dotes culinários. — Empino meu nariz me exibindo.

— Humm… irresistível mesmo — resmunga mordendo meu lábio.

— Segundo item, *amiaversariante*? — questiono e ela assente.



Estou quase que... quase não. Completamente entediado de ler as revistas da sala de espera do salão de beleza.

Eu trabalho em uma empresa que faz propagandas para revistas e estou cansado de ler revistas?

*Contraditório.*

Levanto e vasculho uma diferente no revisteiro até encontrar uma lombada vermelha. *Vamos, Sarah, me salve.* Não me decepcionou, uma série de páginas de receitas que são até boas.

— E o garanhão está na espera ainda? — Uma senhora de pele preta brilhante com roupas de oncinha cheia de carisma senta ao meu lado.

— Obrigado. — Sorrio. — Esperando mia... minha namorada. — *Acho que isso vai virar hábito.*

— Seu sotaque é forte. — Morde a boca com um sorriso exultante.

— Sou português e a senhora?

— Senhorita, por favor, ainda quero ser chamada assim por homens como você! — Escapo a risada e fecho a revista. — Sou muito brasileira e estava me perguntando se não posso mexer nesse seu cabelo maravilhoso.

— Ah… eu gosto do meu corte assim. — Nego com um sorriso de canto.

— Sei e se a sua namorada concordar? — *Esperta.*

— Em um dia qualquer eu mandaria no meu cabelo, mas hoje é...

— Ah, meu Deus, Rute, já está se engraçando com Trevor?! — Mia brinca e a abraça com força. *Se conhecem?*

— Menina, como está grande, e... Deus me perdoe, que homem é esse? — sem restrição nenhuma ela fala com as mãos sobre o busto.

— Pois é... os homens portugueses. — Ela ri coçando a nuca envergonhada.

Me dou conta de como seu cabelo está brilhoso, solto, natural, livre em mechas castanhas mel enroladas em espirais perfeitas. *Ela está linda demais.* O cheiro que me fisga mais do que meu prato predileto, é doce e ácido simultaneamente, Limão e Mel. Eu poderia passar o resto de todos os meus dias sentindo esse cheirinho e enrolando meus dedos no seu cabelo irresistível.

Percebe que estou admirando e estala os dedos no meu rosto. Não deixo de franzir o cenho e lhe dar um sorriso de canto.

— Está linda, Princesa. — Levanto da cadeira e puxo sua mão para o meu encontro.

— Eu vou fingir que não arrepiei — a senhorita de oncinha provoca.

— Rute! — Sorri brincalhona.

— Não vai mesmo me deixar mexer nesse cabelo? — Faz um biquinho insistente.

— Eu gosto assim — Mia responde por mim, mergulhando os dedos nos fios castanhos.

— Vou aceitar chorando, mas por favor, toda vez que vier traga ele junto — pede atiçada.

— Uhum — Mia resmunga animada e ela sai em busca da recepção.

Miranda senta no meu colo e afasto as revistas porque é óbvio que ela é um milhão de vezes mais interessante.

— Ás vezes eu esqueço como você é lindo, sabia? — murmura agarrada no meu pescoço.

— Sério? Me vê todos os dias — digo, apertando de leve uma de suas coxas.

— Me acostumei, mas as outras meras mortais não.

— Está aumentando meu ego, Srta. Ross? — questiono lisonjeado franzindo o cenho.

— Não deveria ser você a fazer isso?

— Para mim, você é a mulher mais linda do mundo. — Brilho meus olhos lhe roubando um selinho.

— Impossível, Trevor! — ela ofega rindo, como se fosse a maior mentira que pudesse contar.

— Minha opinião é a que importa, aos meus olhos e aos de espertos, você é sim — insisto e acaricio sua bochecha.

*Aceite o elogio, Princesa.*

*Eu só digo a verdade.*

Mia olha para baixo e remexe os dedos, morde o lábio inferior e afasta o cabelo dos ombros junto a insegurança que lhe dominava.

— Obrigada.

*Perfeito, Princesa.*

# MIA ROSS

Aniversário. Não há dia no mundo mais importante do que meu aniversário. Todos são complacentes nesse dia, gentis, receptivos e até mudam para trazer alegria a mim. Até os mais temidos, em comemoração anual, se tornam amáveis.

MEU ANIVERSÁRIO!

Ou como Trevor diz:

AMIAVERSÁRIO!

*Não consigo acreditar na sua criatividade.*

O dia parece estar mais solar, mais bonito, mais alegre. Tudo por minha causa. Até a natureza sabe e me recebeu perfeitamente.

Estou tentando processar até agora o jeito que fui acordada... eu não sabia que era meu sonho ter o Trevor como despertador entre minhas pernas, até hoje. Má sorte para ele, me deixou mal acostumada.

*E... os sonhos!*

Sei que cada um daquela caixa custa uma refeição, sempre tive vontade de provar, mas a coragem de entrar em confeitarias *gourmet* desse estilo nunca me dominou. Mas não é apenas isso… cada um deles tem um significado no nosso relacionamento e não poderia esperar menos de um homem perfeccionista como Trevor White.

Meu cabelo está brilhoso, cheiroso e enrolado como eu amo. O que mais pode acontecer? Eu sei, ele sempre dá um jeito de me fazer mais feliz.

Vila Lobos é um lindo parque cheio de atrações das quais quando era criança brincava por todos os lados. Trilhas, pistas de ciclismo e as melhores lanchonetes da cidade, mas é claro... a melhor parte sempre foi a *Biblioteca de Vidro*.

Um prédio gigantesco feito completamente de vidro, rodeado por um pequeno rio urbano e pontes de madeira para explorar as prateleiras literárias. Cheio de andares recheados de gêneros variados e uma linda cúpula com almofadas, bancos coloridos, realmente é digna do maior conforto para qualquer leitor.

*Um dos meus lugares favoritos no mundo.*

Trevor entrega sua mão à minha nos enroscando e depois de fazer um cadastro na recepção, entramos com um crachá para ir na cúpula. Ele me traz para o meio da atração e senta sobre um dos banquinhos coloridos repletos de conforto. O acompanho e não consigo parar…

Estou sorrindo o tempo todo.

Como é possível?

Minha boca já está doendo e o dia nem chegou na metade!

Ele tira do bolso uma caixa retangular lisa de veludo preto e coloca sobre seu colo. Segura minhas mãos e me lança o olhar de *Charme White*... eu não resisto a isso, ele sempre esteve certo.

— Miranda, nossa relação começou nas paredes de uma empresa criativa, então nada mais justo do que lhe mostrar como você é a mulher perfeita dos meus sonhos mais criativos. A princesa linda, cheirosa, inteligente e carinhosa que eu tenho a satisfação de chamar de minha. Sei que ama livros e filmes de romance e hoje eu decidi tentar ser um dos heróis literários da sua estante — a voz galante e romântica o domina e encanta o meu coração.

— Trevor... são belas palavras, mas sabe que uma leitora verdadeira apenas aceitaria um relacionamento com o homem que mais se aproximasse da sua maior paixão literária.

— Saiba então que sou muito grato por ser o cavaleiro que te salvou da torre do dragão, Princesa — referencia, enrolando os dedos no meu cabelo.

Meus lábios sorriem demais e ele se concentra como se estivesse em um espetáculo coordenado em que eu sou a estrela.

— Eu procurei por dias na minha mente o que poderia te presentear. Nos conhecemos pouco ainda e quero que isso mude, mas pensei em algo simples que me fez apaixonar por você em questão de segundos.

Ele entrega a caixa preta e coloca em minhas mãos. Seguro, tiro o fecho e abro o veludo.

*Ah... Trevor.*

Uma pulseira em prata da Pandora ocupa o espaço com pequenos e brilhantes berloques de Limão e Mel.

*Ele sempre foi meu herói literário favorito.*

*Berloque herói.*

Eu não quero.

Por favor.

Eu não quero.

Não chore.

*Ah, que inferno!*

Meus olhos lacrimejam e minha pele é dominada por pura fervura em que necessito abanar meu rosto.

— Trevor, é o melhor presente e o mais carinhoso que já ganhei. Esse… esse cheiro te cativa tanto assim? Significa tanto para mim, eu me sinto especial demais por isso — confesso com ódio de mim por estar me mergulhando em lágrimas e ele limpa minha bochecha com o polegar.

— Não, Miranda. Uma junção de muitas coisas me fazem te amar incondicionalmente, mas sim, você me tornou viciado nesse cheiro. Porque ele é seu.

— Eu… eu te amo demais, mais do que tudo. — Junto minhas mãos ao seu rosto e entrego meus lábios aos seus me mantendo colada, trancada, presa a ele por pura vontade e paixão.

*É o melhor presente de... amiaversário.*

17




# Cafeína Militar

*Talvez eu não tenha dormido o suficiente*
*Devo dizer, aleluia?*
*Talvez eu esteja muito sozinha*
*Fingindo que nunca precisei de amor*
***Hallelujah - Bea Miller***

## TREVOR WHITE

Uniforme. Conjunto de vestes e instrumentos usados de forma padronizada. A minha alma é totalmente de feito original, ser igual, parecido, semelhante, não me atrai. Independente se estou uniformizado, dou um jeito de ser único.

Militares têm a fama autoritária.

Uma autoridade envolvente e provocante na minha opinião ou não haveriam tantos livros em romances de guerra. O pensamento que tudo pode acabar em segundos com uma bomba ou uma AK-47, é no mínimo excitante.

Estou rodeado de pequenas bexigas coloridas e alguns festões dourados. Todos estão se esforçando para terminar a declaração da festa e eu… acho que nunca enchi uma bexiga.

*Sarah diz que balões sem gás hélio são apenas plástico e ar sem o significado.*

Eu acho que é só assoprar.

Assopre, Trevor.

Seguro o balão nas mãos e aproximo dos meus lábios copiando as outras meninas que conseguem fazer com tamanha facilidade. Impossível que eu, o diretor criativo de uma empresa de mídia internacional, não consiga encher uma bexiga.

Tento e falho miseravelmente chamando a atenção de Mia que para de encher o quinto balão para olhar com pena e uma risada cheia de personalidade. Ela engatinha no chão repleto de decoração e senta ao meu lado.

— Você sabe como fazer isso, não é? — questiona, erguendo uma sobrancelha.

— Claro que sei, quem é o imbecil que não sabe encher um... eu não sei, Miranda — admito me sentindo um fracassado, sensação essa que nunca tive.

— É só respirar bem fundo e jogar o ar para fora. — Ela enche bem o peito de ar elevando seus seios e solta gesticulando instruções para que eu entenda.

*Ela quer me excitar?*

Por mais que a sensação de invalidez me consuma, algo chama muito mais minha atenção, ouvir seu pulso fazer barulhos com os gestos pela pulseira que lhe dei. Mia amou meu presente e agora posso localizá-la a metros com esses berloques.

— Assim? — Assopro, mas o balão murcha. — Droga.

— Sim, só que mais vezes e não pode soltar, espera… — Ela se aproxima e chega perto do meu ouvido. — Você sabe como controlar o ar, Trevor, fez isso muito bem hoje de manhã chupando a minha boceta — sussurra e escapo um sorriso surpreso pela promiscuidade. — Vai assoprar, segurar, assoprar...

— Subir, descer, subir...

— Trevor! — me limita com um tapa forte em meu braço e eu a puxo para o meu colo.

Seguro o balão mais uma vez e obedeço as instruções enchendo meu peito de ar e lamben… assoprando a bexiga. Assoprar e segurar. Repito

uma, duas e agora são três vezes e... *ah, deu certo!*

— Poderia ter dito antes!

— É que normalmente aprendemos o balão primeiro e não… — Mia ri balançando a cabeça em negação. — Tenho que me trocar, espera?

— Ansiosamente. — Puxo seu queixo para um beijo rápido e volto a encher as bexigas.



**19h15m**

Vaidoso.

Eu?

Não sei, sou?

Sim.

Eu sou.

Brinco, desafio e admiro o homem bonito do espelho. Não é que minha autoestima seja baixa, *é só que esse blazer...* abotoo o resto da camisa branca e deixo que o astro do show Sr. Blazer Cinza Escuro contraste com o reflexo.

— Humm... que homem lindo nesse espelho — Mia sussurra e abraça minha cintura.

— Só não mais lindo do que a mulher atrás de mim. — Me viro e a encaro da cabeça aos pés.

*Nossa…*

Suas madeixas mel estão presas em um lindo rabo de cavalo reluzente com duas pequenas mechas sobre seu rosto que me hipnotiza. *Um penteado de deixar meu queixo no chão.* E ainda assim chamam menos atenção comparado aos seus olhos dominados por um delineado preto e uma linha

dourada, que combinam de forma assertiva com o vestido extravagante e bufante dourado como ouro. Um tecido que lhe enrola de forma espetacular, evidenciando suas curvas e mostrando sua fofura nas mangas longas que ultrapassam seus pulsos. Tão brilhante quanto seu sorriso que me faz esquecer o tamanho curto e apenas admirar encantado.

Eu não estou respirando, caramba… parei de respirar enquanto admirava. É assim que é amar alguém?

— Miranda, está linda, mais do que todas as vezes que já te vi, exceto...

— Exceto pelo o quê? O vestido menta é o seu favorito? — entreabre os lábios curiosa e eu puxo sua cintura para bater contra o meu corpo.

— A Blusa Branca de Bolinhas Pretas — murmuro e ela franze o cenho.

— Ah, mas nem uso maquiagem quando estou com ela.

— Vocês, mulheres, não entendem, não é? Produtos são acréscimos, por baixo de tudo isso é igual e acho maquiagem algo executivo como saltos e gravatas — explico, impondo meu nariz ao seu.

— Saltos e gravatas — repete baixinho.

— Mas é óbvio que te valoriza, assim como esse Blazer! — exclamo e me admiro mais uma vez no espelho junto a ela.

*Formamos um lindo casal, Miranda.*

— Não sabia se ia gostar do penteado, costumo deixar solto — sussurra.

— Mais fácil de puxar e controlar — brinco promíscuo.

— Trevor! — Ela abre a boca chocada com a minha ousadia.



Assim que descemos do carro, Miranda se enrosca no meu braço e lhe guio até a entrada do *buffet*. É aberto, apenas uma pequena parte coberta com mesas de toalhas douradas, o maior espaço é um gramado com luzes. A mesa principal bem decorada com docinhos simples e balões de gás hélio de 25 anos.

O segurança abre a porta de madeira rústica e nos apresenta no alto-falante chamando a atenção de todos que batem palmas quando a veem. Palmas e mais palmas que realizam uma sinfonia de comemoração. Deus… são muitas pessoas, chutando baixo umas cem, no mínimo. Eu não tinha ideia do quão querida era na sua cidade, esse é o significado de família para você, Mia?

— Trevor. — Ela me puxa para mais perto após a série de palmas e o sorriso de sua parte. — Não se assuste, a maioria não sou tão próxima. Se quiser ficar na mesa com meus avós, isso vai demorar um pouco. — Ela revira os olhos e ri por ter que cumprimentar todos.

*Ou talvez uma família não tão grande.*

— Te espero então, Princesa. — Roubo um selinho e ela segura o meu rosto para mais dois criando mais algumas palmas entre o público.

*Cuidem dos beijos de vocês.*

Ela se afasta de mim aos poucos por relutância minha, claro, e procuro a mesa quando um homem esbarra em mim derrubando a bebida em si mesmo.

— Desculpe, a culpa foi minha! — ele pede perdão segurando minha mão, enquanto me encara fixamente como se eu fosse até mais importante do que a aniversariante. Alto e de cabelos puramente ruivos junto a um rosto com uma cicatriz evidente no olho. — Sou Enrico, amigo da família.

— Sem problemas. Trevor, o namorado dela. — *Eu amo tanto dizer isso*. Aperto sua mão de volta e ele franze o cenho me analisando.

— É… — Coça a nuca.

— Algum problema? — questiono sem entendê-lo.

— Não, nenhum, geralmente ela entra com Robert.

*Seu pai te acompanhava nas festas?*

— Bom, ele não está aqui — falo o óbvio e ele assente com a cabeça.

— Aproveite enquanto não. — *O que isso significa?* — Desculpe novamente, boa festa. — Sorri, retribuo com um sorriso de canto e encontro à mesa.

Talvez eu pergunte se ela o conhece depois. Encontro meu lugar, mas antes que eu possa sentar meu celular toca e atendo no segundo toque me afastando um pouco das mesas.

— White.

— Scott — a voz cítrica domina a linha e sorrio por saudade.

— Do que precisa, Loirinha?

— Nada, está tudo bem? — Quem nada são os peixes, Sarah.

— Sim, mas nunca me ligou para perguntar isso.

— Tem razão… mas talvez, dessa vez eu tenha ligado apenas para isso.

— Se for saudade, eu também estou sentindo — admito esperando um riso nasalado, mas não ouço nada na linha.

*O que está acontecendo?*

— Podemos conversar quando voltar e fingir que não liguei? — Poderia apostar que está batendo as unhas vermelhas na mesa arrependida.

— Seria mais fácil se me contasse o que está te incomodando, assim eu não fico ansioso.

— A Hills sempre foi muito rígida e nos moldou perfeitamente em todas as áreas para que hoje nos tornássemos bons chefes.

— Concordo, mas onde essa conversa vai dar? — questiono, deixando até que minhas mãos suem.

— Você quer mesmo saber?

— Sarah, está me deixando nervoso.

— Eu vou ser direta, antes que não consiga dizer. — A frase me faz erguer uma sobrancelha e fechar o sorriso por sua ligação. — Se lembra de quando éramos bolsistas e no segundo semestre começamos a trabalhar naquele andar das red...

— Não — respondo frio.

— Trevor, é uma regra, sabe que faz parte da grade dela ter a formação em todas as áreas esse ano, caso contrário não vai se tornar redatora ano que vem. — Ela se esforça para me explicar o que já sei e discordo enfiando minha mão no cabelo castanho em busca de paciência.

— Eu posso ensinar tudo a ela.

— Sinto que pensou que fosse uma pergunta, mas é uma ordem, estou apenas te informando que na terça-feira a Mia vai para o sétimo andar.

— Não vou discutir isso agora, ela não vai sair do meu andar — assevero.

— Você responde a mim!

— Boa noite, Srta. Scott — desligo.

**Minha resposta é não.**

# MIA ROSS

Uniforme. Entre militares e executivos, eu sempre preferi as gravatas e camisas. Exalam um ar sofisticado, embora às vezes, uniformes no verde-escuro camuflado são tão mais… *atrativos*.

Minha boca está seca. Seca demais por ouvir e agradecer repetidas felicidades de muitos parentes que alguns nem me lembro o nome. Meu pai sempre sussurrava o nome de cada um no meu ouvido e agora… ele não está mais aqui. E ainda sinto raiva por estar com fome, mesmo que rodeada de comida, e saudade. Consigo driblar uma outra família sentada que se dirigia a mim e procuro a mesa dos meus avós. Trevor está lambuzando os dedos de açúcar com alguns docinhos sozinho em outra mesa afastada.

*Meu Ursinho Diabético.*

— Ei, isso era para depois do bolo! — exclamo com um sorriso e sento ao seu lado, mas ele está franzindo o cenho com os olhos sem brilho algum. — Eu estava brincando se quiser eu trago um cento inteiro pra você, amor. — Ele sorri de canto. Acaricio seu rosto e o viro para mim. — Meu avô disse algo? Parece triste, eu demorei demais?

— Princesa, por favor não se importe comigo. Aproveite sua festa, eu estou bem.

*Bem que nem eu nos dias de Cólica Turbo.*

— O que está me pedindo é impossível, Trevor, eu me importo demais com você. — Franzo minhas sobrancelhas de preocupação e lhe dou um pequeno beijo de carinho.

— Só uma ligação do trabalho — murmura.

— Temos que voltar mais cedo? A Sarah precisa de você? Não tem problema, podemos sair hoje à noite, não precisa ficar ass…

— Quando chegarmos em casa conversamos, pode ser? — Ele segura minhas mãos com os olhos que me imploram para que eu aceite.

— Se quer assim, eu assino embaixo — digo e imponho meu nariz no seu quando tenho uma grande ideia. — Pode esperar aqui mais um pouquinho? — peço e ele assente.

Levanto e corro até a organização da comida do *buffet*. Depois de andar alguns passos entre panelas a todo vapor, encontro uma das cozinheiras e toco seu ombro.

— Oi, tem algum doce com Nutella?

— São para depois do...

— Eu sou a *amiaver*... aniversariante. — Sorrio na tentativa de que se comova.

— Ah, desculpe, Miranda. Temos sim, leite ninho e Nutella — diz, apontando para algumas caixas rosa.

— Pode separar uns dez ou quinze? — A senhora assente, abre algumas caixas e coloca vários em um pratinho de plástico dourado. — Obrigada!

Volto para a mesa com rapidez e quase derrubo alguns, Trevor vira a cabeça um pouco para o lado ao me avistar desequilibrada e diminuo a velocidade para não preocupá-lo enquanto sento na mesa.

— Esses são com Nutella! — Lhe dou o maior sorriso que consigo e ele me admira erguendo as sobrancelhas.

Seus olhos voltam a brilhar e posso sentir os dedos rodopiarem meu cabelo fazendo com que todo meu corpo arrepie. *Nunca mais foi uma surpresa desde que toquei sua mão quando nos conhecemos, você sempre teve um efeito imediato em mim, Trevor*. Ele envolve meu pescoço com uma mão e se aproxima tanto que nos obriga a respirar o mesmo ar. É como uma bolha, sei que há barulho e música alta, mas aqui, nesse momento, não escuto nada. Seu polegar aperta o meu queixo e entreabro os lábios, seu nariz toca o meu, singelo, simplório, movimentos para lá e para cá. E o prêmio principal… beija minha boca rosada e escuto os sons de encontro. Eu ofego, eu expiro, arquejando meu peito sem poder cometer outro ato senão me entregar por inteira, o deixando preso a mim. Nós queremos isso, eu posso sentir que sim quando ele crava os dedos no meu cabelo e copia minha intensidade.

*Não imagino como seria ficar mais de uma semana longe dele agora que estamos tão próximos, teria um colapso.*

Aos poucos nossos lábios descolam, nos afastando apenas o suficiente para nos olharmos e recuperar a respiração.

— Você é como café, sabia? — diz baixinho. — Me acorda, anima e inspira.

— Você é como açúcar, sabia? — Ele sorri. — Me cativa, alucina e motiva.

— Eu te motivo? — Ergue uma sobrancelha lisonjeado.

— Eu te admiro muito, quando vejo seu sucesso, me sinto motivada a te dar orgulho.

— Como se fosse possível ter mais orgulho de você, Princesa — elogia, acariciando meu rosto.

— Desculpe interromper! — Ana ri envergonhada por ter que nos atrapalhar por um instante. — É hora do parabéns.

— Está linda, Ana! — digo e ela dá uma voltinha com o longo vestido florido.

— Concordo — Trevor assente a deixando completamente vermelha até que se retire da mesa.

— Queria que nem todas as mulheres corassem quando fala — murmuro.

— Queria que nem todos os homens sentissem seu cheiro, mas é a vida, não? — Ele dá de ombros e entrelaça nossas mãos me levando a mesa decorada.

— Espere o *com quem será* — sussurro em seu ouvido.

— Com quem o quê?

Me afasto com relutância dele e me coloco no centro da mesa em frente, há um bolo de creme e chocolate gigantesco bem iluminado por uma vela.

— PARABÉNS PRA VOCÊ, NESSA DATA QUER...

Eu sempre fico em dúvida do que fazer quando é meu amiaver... ah, quer saber? É *aMIAversário* sim! Não sei se bato palmas, se canto, se fico parada. Prefiro olhar para as palmas de desespero do Trevor que parece não saber a letra. Bem estranho.

— MIA! MIA! MIA!

Sou eu.

Agora com 25 aninhos.

Uma festa tão animada recheada de decoração e muitas pessoas como todas as outras que meu pai organizava. Por mais feliz que eu esteja de estar passando essa data no Brasil, ainda com Trevor que se esforçou demais para vir… ainda sim, ele me faz falta.

*Você tinha que errar tanto, Papai?*

Onde está você para ser meu primeiro pedaço de bolo?

Onde está a sua câmera cheia de luz em mim?

Onde está a nossa máquina de sorvete?

— COM QUEM SERÁ? COM QUEM SERÁ? COM QUEM SERÁ QUE A MIA VAI CASAR?

Trevor franze o cenho sem entender.

— ELA VAI CASAR COM QUEM? ELA VAI CASAR COM QUEM? ELA VAI CASAR QUANDO O TREVOR SE FORMAR! — Ana

e Duda quase berram para o quarteirão.

Solto a risada batendo uma palma e ele se aproxima de mim todo envergonhado, enquanto os convidados deixam que apenas a música domine o ambiente.

— O que foi isso? — sussurra e me entrega a espátula.

— Pois é, a maioria vence, agora vai ter que se casar comigo.

— Ah. — Ele se cala.

— É brincadeira! É só uma música que cantamos aqui. — explico, segurando a espátula enquanto o admiro processar.

— Claro, uma brincadeira com música… mas por quê? — questiona, erguendo uma sobrancelha.

— Por que a música?

— Por que teria que ser brincadeira? — a pergunta me faz gelar o corpo inteiro em uma fração de segundo.

— MIA, CORTA LOGO! — o grito me assusta e afundo o talher no bolo de cima para baixo.

*Nada de tradições que eu mesma não criei.*

Coloco uma fatia no pratinho de plástico dourado e lhe entrego.

— O primeiro pedaço é seu, Ursinho — presenteio e um riso nasalado junto ao seu sorriso de canto me faz tremer as pernas.

— É nosso, Abelhinha — sussurra a frase que aquece meu coração.

*Meu pai pode não estar aqui, mas não deixei de me sentir amada.*

Encho o prato com mais docinhos para a satisfação do meu namorado e trago para a mesa. O bolo volta para a cozinha e logo alguns funcionários trazem para todos.

Me lambuzo de açúcar e creme do bolo, enquanto Trevor me admira hipnotizado com os olhos que brilham mais do que meu vestido. Ele ama demais me ver comer… mas gostaria de saber se o pensamento é carinho ou impuro. Seguro um brigadeiro e levo aos seus lábios, e a pobre bolinha açucarada dissolve na sua boca junto aos meus dedos que ele enrola a língua me provocando.

— Eu amo docinhos de festa — confessa o óbvio, beijando a ponta dos meus dedos.

— Estou vendo — murmuro, mordendo o lábio.

— Posso tirar uma foto? — um fotógrafo se aproxima e pede gentil.

— Uhum, claro — resmungo e me assusto quando Trevor me puxa para o seu colo. Sorrio e vejo o flash dominar nossos rostos. — Me mande depois, por favor! — O homem com a câmera abre um sorriso pela foto ter ficado boa imagino e se afasta.

— Princesa, está acabando? — ele questiona apertando minha coxa.

— Está com pressa? — pergunto, colocando mais um docinho em seus lábios de avelã.

— Quase isso — assume, abocanhando mais açúcar nos meus dedos.

— Eu só vou ao banheiro, tá bom? — aviso e ele assente relutante em me tirar de seu colo.

Encontro a plaquinha com um vestido na porta e entro em um lindo e pequeno banheiro espelhado, cheio de produtos de higiene e com ótimo cheiro. Entro na cabine e enquanto me alivio, penso. Apenas penso em quanta coisa vem acontecendo na minha vida. Em como tudo mudou em tão pouco tempo e como eu evoluí de certa forma em meses.

*Sempre fico pensativa no banheiro.*

— Mia, é você quem está aí? — Ouço a voz de Júlia e estremeço. Poxa, mas nem na hora do meu xixi.

— Já vou sair — digo, mantendo a respiração tranquila ou pelo menos me esforço para que assim fique.

Trevor estava certo, ela se aproveitou de mim em um momento em que eu estava vulnerável. E por mais bons momentos que tivemos, não apagam esse acontecimento. Eu posso ser gentil com ela, mas não posso deixar que faça de novo.

*Eu prometi a ele.*

Saio da cabine e já me direciono para a torneira molhando minhas mãos.

— Não falei com você o dia todo. — Ela abraça minha cintura forte e permaneço na mesma posição, imobilizada, apenas molhando meus dedos mesmo sem sabão. Meus movimentos param diante do afrontamento e me encaro no espelho juntando toda a força que desenvolvi nesses meses.

Eu não sou mais a mesma. Sou a mulher que teve a coragem de terminar com o homem que ama para que evoluíssemos em um relacionamento saudável e está acontecendo. Ele me ama demais e quer demais meu bem para que eu não faça o mínimo. Você consegue limitá-la, Mia, então faça.

— Talvez eu queira assim. — Chacoalho as mãos afastando a água.

— Talvez seu namorado queira assim. — Bufa e de imediato reluto ao abraço, mas não consigo sair.

— Júlia, ele tem nome. É Trevor ou Sr. White — restrinjo, secando com as toalhas de papel em minha frente.

— Senti falta do seu cheiro. — Ela toca o meu cabelo ainda agarrada ao meu corpo e fecho os olhos buscando paciência.

*Eu quero que ele toque o meu cabelo, não você.*

— Nem me deixou te parabenizar — murmura perto dos meus ouvidos.

— Júlia, pode me soltar? Estou me sentindo um pouco sufocada — peço, mesmo que minha mente na verdade esteja implorando.

— Ah, claro, desculpe… — Ela diminui a força, mas ainda segura meus braços. — Parabéns, Mia. — Ela está próxima demais de mim. Perto demais. Posso sentir sua boca quase tocando meu ombro. Chega, faça parar, Mia, por favor. Chega.

— O QUE ESTÁ FAZENDO? — grito e me afasto imediatamente assim que seus lábios molham minha pele.

— Calma, não precisa gritar, é só carinho. — Ela ergue as mãos assustada com a minha reação.

*É você que me assusta.*

— Olha, eu vou sair daqui, obrigada pelos parabéns. Vou encontrar o Trevor. — Decido e toco o puxador da porta do banheiro.

— Sempre vai pelo visto.

*Não responda, por favor, Mia, não…*

Ah, que se dane.

— Sim, porque estou em um relacionamento e a companhia dele me agrada. — Viro minha cabeça fixando meu olhar a ela mostrando o quão estou decidida a ficar com ele.

— Está com esse cara há o quê? Meses? Pelo visto é pouco, já que ele disse que fez o pedido semana retrasada, o que aconteceu em todo esse tempo? — se irrita e eleva o tom.

— O tempo não importa, é a conexão. — Ergo meu queixo assim como ele faria comigo agora, querendo que eu seja a mulher determinada que ama.

— Foi o que ele disse enquanto estava te comendo na mesa dele? Que chefe profissional, *hein*! E ainda tem uma ex, loira, gostosa, que com certeza dá em cima dele, você não percebe onde se enfiou? Isso é só uma diversão pra ele, Mia, nunca te dará um pingo de amor como fez com a out…

— O QUE VOCÊ SABE SOBRE AMOR? — berro batendo a porta que minhas mãos seguravam. — Sim, Júlia, nós transamos na mesa dele e no carro dele, em dispensa de cafeteria, elevador e até em tribunal. Podemos sim ter começado de forma carnal, mas isso não significa que não era amor. Sempre foi Amor Sublime Romântico, tivemos nossa cota de brigas e é óbvio que a Sarah foi dificílima de lidar, mas ela é diferente de você. Ela pode ser mimada, abusada e ciumenta, mas nunca deixou de respeitar o Trevor, nunca o violou sem o consentimento dele e nunca pediu para que ele me abandonasse. Ela o amou o suficiente para deixar que ele fosse feliz comigo e eu a respeito e a admiro demais.

— Mia, escut…

— Trevor me trata como uma princesa e nunca levantou a mão para mim ou me violou como você e aquele cretino fizeram comigo. Ele moveria montanhas para me fazer feliz e eu sou feliz, nunca achei que voltaria a ser depois do Victor, mas ele insistiu tanto que conseguiu fazer um milagre para uma mulher completamente quebrada e insegura.

— Não pode estar falan…

— Me escute com atenção — eu assevero minha voz e imponho meus passos até encostá-la na parede sem nem mesmo precisar tocá-la. — Da próxima vez que fizer qualquer comentário provocativo com ele ou ousar me tocar como ele, eu juro. Eu juro que eu dou um jeito de te excluir da minha vida — afunilo em seu rosto.

— Eu sou sua melhor amiga, Miranda! — ela mareja os olhos e exclama a frase como se ainda significasse algo.

— Você foi uma pessoa que eu dei liberdade demais, mas isso acabou — eu confesso, jogando tudo que um dia senti e guardei quando escuto pequenas batidas na porta.

— Miranda, sou eu. Está tudo bem? — a voz de preocupação de Trevor exala o cubículo.

— Sim, eu já estou saindo. — Pego minha bolsa e a largo sozinha como já deveria ter feito há anos.

Saio do banheiro e encontro meu namorado encostado na parede ao lado esperando paciente.

— Pode falar, me desculpe a demora — peço seu perdão tentando normalizar minha respiração e meu coração que não para de disparar após tudo que disse à Júlia.

— Ela fez algo com você? — as palavras saem de seus lábios com Raiva Súbita e um olhar sombrio tão profundo que tenho certeza de que poderia matá-la.

— Tentou, mas eu a limitei — Ele franze o cenho desencostando da parede indo em direção ao banheiro com fúria no corpo todo, mas eu o seguro toda a força que tenho. — Eu já disse tudo que ela precisava ouvir e não vou deixar que estrague meu primeiro aniversário com você. — Com meus braços fracos eu imploro que pare, porque sei que se quisesse poderia se soltar de mim com muita facilidade, mas não o faz. — Por favor — eu insisto mais uma vez e ele finalmente cede deixando de se aproximar de onde aquela mulher está.

— Eu não vou deixar que estrague, não quando ainda temos a melhor parte da noite. — Trevor puxa minha cintura para si e meu coração

normaliza os movimentos desregulados por estar no calor do seu abraço seguro.

— Tem mais surpresas? — murmuro molhando meus lábios.

*Era disso que eu precisava… que você me fizesse ver que existe um mundo além dela.*

— Agora que você colocou aquela vadia no lugar dela, eu vou ficar muito mais satisfeito em lhe mostrar a surpresa final. — O jeito como fala me faz até arrepiar e suar a pele.

— Eu amo… quando fala autoritário assim — elogio e ele ergue uma sobrancelha um pouco surpreso por estar tendo pensamentos mais impuros e se aproxima dos meus ouvidos.

— Eu amo quando se impõe assim — sussurra, fazendo com que meus membros tremam.

*Ele ouviu nossa conversa?*



O caminho até o local da surpresa desconhecida foi mais musical do que conversação. Talvez isso soe ruim, mas não foi. Cantamos baixinho as letras de nossas músicas favoritas, enquanto ele acariciava minha coxa e eu o admirava dirigindo.

Eu dou valor demais a essa calmaria… nossa vida sempre foi tão turbulenta repleta de tempestades que nos separavam. E agora? Passamos por uma que eu estava aos prantos como no elevador, mas dessa vez era ele a me confortar. Eu vejo você reparando suas ações, Trevor, mudando-as por mim.

— Pode fechar os olhos? — ele quebra o silêncio pedindo com carinho.

— Uhum — resmungo como consentimento, porque talvez eu esteja tentando provocá-lo…

*Essas manobras no volante me fazem ficar mais molhada do que chuva.*

Foi tão *sexy* o jeito que ele estava indo até o banheiro, tive certeza por um segundo que poderia matá-la apenas com o olhar… eu amo quando me protege assim.

Fecho os olhos e suas mãos robustas de avelã me guiam até a entrada de algo, subimos pelo elevador por alguns longos andares e por um momento meus joelhos até tremem quando aperta minha cintura.

— Pode abrir. — Me liberta, retirando os dedos do meu rosto.

TERRAZZA ROOFTOP

Me surpreendo ao ver o letreiro imenso do meu lugar favorito no mundo, encantando meus olhos com a vista mais bela de todos os tempos. *Como ele encontrou esse lugar?* A luminosidade hipnótica das janelas dos prédios que contrastam com cada milímetro da noite escura e das estrelas, as cadeiras aveludadas coloridas por luzes em tons de roxo e mesas muito bem decoradas com flores. É lindo. Essa poderia ser a definição de lindo.

*Mas... o lugar está totalmente vazio.*

— Trevor, como? Como você sabia qu...

— Faz alguns dias que postou algo sobre o lugar no *Instagram*, então eu o aluguei por alguns minutos. — Entreabro meus lábios chocada e seguro sua mão admirando cada pequena parte do terraço.

Eu estranho, meus olhos estranham ver um local tão luxuoso sem nenhuma alma viva a não ser as nossas. O que você fez? Até onde você iria apenas para me tirar um sorriso?

*Isso… isso é incomensurável.*

— É quase impossível conseguir uma cadeira aqui, quanto mais todas elas, Trevor — digo dando passos lentos, porém fixos a sacada dona da vista de maravilhar qualquer um.

São luzinhas intermináveis que rodeiam tudo abaixo dos meus pés mostrando o quão o mundo pode ser imenso. O som é limpo e baixo de um

jazz antigo com trompetes, melodia essa que me faz suspirar.

— Eu quero que seu dia seja perfeito, Miranda — ele sussurra, abraçando minha cintura enquanto admiramos o horizonte escuro.

— Você enxerga? — Me viro puxando seu queixo para mim. — Você estar aqui torna tudo perfeito — murmuro beijando seus lábios devagar provando o açúcar que ainda resta na sua boca. É por esse gosto que eu me apaixonei, ainda posso sentir o mesmo de quando me beijou pela primeira vez.

Ele retribui o beijo enroscando minha língua nos seus movimentos lentos que me deixam aproveitar cada segundo. Quando a respiração nos falta, paramos e nos olhamos completamente fixos um ao outro.

— Faz algum tempo que eu te perguntei se gostaria de usar uma aliança minha. — A palavra de compromisso me faz travar a respiração, suar as mãos e engolir em seco ansiosa para o que irá fazer. — Eu acho que aquela maldita secretária estava certa, uma mulher como você não deveria sair sem uma.

— Eu? Acho que ela se referia a você. — Ele me tira um sorriso e o consigo fazer rir, fica tão nervoso por querer me agradar que esquece que podemos ser descontraídos.

— Então resolvi dois problemas. — O homem segura uma caixinha preta nas mãos abrindo-a e consigo ver duas alianças de prata idênticas, exceto pela minha ter uma pequena pedra bem reluzente. — Procurei algo minimalista, se não gostar podemos trocar.

*Ah, Trevor, trocar?*

Agarro e mergulho em seu peito com força o abraçando. Meus braços o envolvem como se esse fosse nosso último contato antes que o prédio despencasse. Eu queria ser forte e não ligar para tudo que vem acontecendo, o tempo em que estamos juntos, o afastamento daquela mulher que eu considerava tanto, a revelação para o homem que respeito e o nosso relacionamento. Essa é a parte mais fácil, tudo que é com você parece tão fácil que me faz esquecer, mas ainda está aqui. Tudo ainda está aqui, mas não me sinto mal. Eu me sinto protegida. Meu rosto queima, implora e exala fogo dos mais quentes que invade toda a minha pele até a garganta. É choro, mas de felicidade.

Como eu posso ser tão sortuda assim?

Ser tão feliz assim?

Eu jogo para fora a raiva, a paixão com desejos tórridos, o medo, a angústia, os problemas que tivemos e todo o amor que sinto por esse homem em lágrimas. Soluço. Eu soluço de tanto chorar enquanto ele acaricia o meu cabelo limpando meu rosto em desespero por não me entender.

— Miranda, Princesa, eu não quero que chore. — Junta suas mãos em volta da minha cabeça e puxa meu queixo para si. — Eu fiz isso para te ver feliz.

Ele arrasta uma cadeira para que eu sente me instruindo respirar, expirar e sugar toda essa emoção que me domina.

— Você não gostou? — questiona, franzindo o cenho de preocupação e eu lhe entrego um sorriso gigantesco em meu rosto fazendo com que bufe de alívio.

— Você sabe como sou fraca e choro por tudo — admito, limpando as bochechas com as costas das mãos.

— Nada no mundo que te faça chorar é fraco. — Sorri de canto com a frase que me disse antes de me deixar entrar na sua vida.

O dia em que decidiu tentar.

***"O mundo demora anos para sentir uma vírgula de sentimento, quando eu não precisei de mais que um beijo com você para sentir um turbilhão."***

**—** São lindas, esse lugar é lindo, tudo hoje está perfeito, Trevor — elogio e amasso seu rosto beijando os lábios de açúcar mais uma vez. — Eu venho guardando tantos sentimentos e aqui eu me senti tão segura em uma fração de segundo…

— Assusta essa calmaria, não? Chega a ser estranho sentir que não está chovendo mesmo que pouco depois de tantas tempestades — ele sussurra nos meus lábios.

— Sim, eu… eu acho que é exatamente isso — concordo, brilhando os olhos para ele lhe tirando um pequeno sorriso.

— Eu gravei a data em que nos conhecemos — revela enquanto desliza a aliança prateada no meu dedo anelar.

— Hum, dia dois, depois do feriado, não é? — resmungo, erguendo um pouco minha mão exibindo nosso compromisso.

— Foi depois da festa da Sarah, no dia do trabalho e eu me lembro o quão entediado estava. — Bufa revirando o olhos.

— Até eu chegar? — Mordo uma risada em minha boca me sentindo lisonjeada.

— É... você me entreteu muito.

— Eu poderia entreter de novo. — Provoco cruzando minhas pernas.

— Deixe-me adivinhar, Srta. Ross. Está pensando no item que eu esqueci no seu planejamento de *amiaversário*?

— Humm… um item tão importante, Sr. White — resmungo, puxando a gola da sua camisa.



Trânsito maldito.

Veículo maldito.

Calçada maldita.

Todas as coisas que me atrapalharam até agora de *dar* para o meu chefe. Eu quero mais de você, Trevor. Eu entrego meus lábios ao seus com fervura, tenho certeza de que posso entrar em erupção a qualquer momento com o jeito que ele me apalpa. Não é apenas isso, ele me aperta tanto, minhas coxas, pescoço e até mesmo minha boca que mordisca. A respiração me esqueci assim que me jogou contra a porta de entrada da pensão. *Ah… não pare, por favor, eu esperei por isso dia inteiro.* Eu quero sentir o seu pau entrando e saindo de dentro de mim. Aquele som de sexo que sei o

quanto você ama e quero ouvir seus gemidos abafados satisfeitos quando te fizer gozar.

*Você acha que pode me fazer tão feliz assim e eu não? Muita ousadia, Sr. White.*

Destranco a fechadura com ele puxando minha boca ainda para si, não me deixa nem olhar para onde estou indo. Nossos passos são desgovernados sem espaço de tempo para raciocínio. Esbarrando em quadros nas paredes, mesas que se arrastam e até as chaves penduradas caíram quando ele me lançou no balcão da cozinha. Beijando, enroscando minha língua na sua provocando… que delícia, eu precisava disso, senti-lo me desejando, fazendo do meu vestido mais uma vez seu inimigo.

Toma minhas coxas esbarrando em uma banqueta ao lado da pia que cai criando um barulho estridente e por mais que não queira interromper, faço para não quebrarmos a pensão dos meus avós. Eu me afasto da sua boca e ele ainda mantém os olhos fechados como se os apertasse.

*O que está acontecendo, Sr. White?*

— Amor, está tudo bem? — chamo a atenção de seus olhos que se abrem com dificuldade.

— U-uhum — ele resmunga assim como eu, arrancando para si a minha cintura envolvendo minha boca, mas me retiro mais uma vez.

— Não parece, tem algo errado? — Seguro seu queixo e ele esfrega os olhos. — Ursinho, está com sono?

— Não, não estou. — Nega impondo outro beijo que me esquivo.

— É o fuso horário, não é? — sussurro acariciando sua barba.

— Eu quero isso tanto quanto você, Miranda, pare de me negar — afunila, apertando o meu pescoço.

*Ele nunca irá admitir que está com sono.*

— Humm… e se me deixar fazer um café? — pergunto, mordendo meu lábio.

— Nessa cozinha? — questiona, colocando mais força no aperto da minha garganta.

— Sabe que sim — respondo em um suspiro por estar quase sufocada.

— Faça — Trevor ordena largando meu pescoço enquanto tira a camisa branca de dentro da calça. Meu corpo arrepiou todo com a palavra autoritária, ele pensa que pode mandar assim?

— Acha que sou sua empregada? — provoco, o afastando de mim enquanto coloco uma cápsula na cafeteira.

— Eu acho que você quer sexo, é isso que eu acho. — Ele me empurra contra o balcão e dobra meu corpo sobre a pedra me deixando de quatro. Eu sorrio tanto, ah, cacete, eu tenho que ser tão óbvia? — Você nem ao menos tem vergonha na cara para esconder isso na frente da sua família. — Ele abre minhas pernas com um movimento veloz. — Ou acha que eu não reparei os seus olhares para o meu pau a noite inteira? — Enrola meu cabelo nos dedos e mete a mão na minha boceta massageando. — Eles não sabem o quanto você queria ser fodida pelo seu chefe, sabem? — Eu gemo rouca apertando a torneira da pia me esforçando para não lhe dar a satisfação rápida de me ter a sua mercê, mas falho. — O quanto você queria que eu te penetrasse bem fundo gritando para todos ouvirem. Onde está ela, Miranda? — questiona, puxando as mechas para trás me obrigando a encará-lo colada ao seu corpo. — Onde está a minha bolsista safada?

Eu me solto do seu aperto com toda a força que tenho e o empurro contra a parede segurando a xícara.

— Humm… eu te fiz um café, Sr. White, me importo tanto com a sua energia empresarial — provoco com a voz mais atrativa que posso fazer massageando o seu ego e ele toma o café de minhas mãos o bebendo em uma golada só.

— Energia para te foder nunca me faltou, Srta. Ross.

Trevor arremessa a xícara na pia quebrando-a em milhares de pedaços estridentes, toma minhas coxas e me prende na sua boca como uma prisão de segurança máxima sobre o balcão. Eu não posso escapar. E nem gostaria da liberdade nesse momento, eu abro mão dela por você. Mergulho meus dedos no seu cabelo e quase os arranco quando ele afasta minha calcinha e penetra dois dedos fazendo com que eu pule enroscada no seu colo. Por que você não me ordena mais? Eu sou tão sua, não percebe? Aqui e agora, poderia rolar e dar a patinha como uma cadel… ou a gazela que você ama ouvir gritar seu nome? Eu gemo entre seus lábios e choramingo pedindo mais, eu quero mais, faça mais.

— Ter-evor — eu murmuro mordendo sua boca. — Eu… hum… — esquivo palavras dos poucos espaços de ar que me cede. — Eu quero ordens — imploro baixinho e ele segura minhas bochechas me limitando.

— Quer ordens como a sua família de militares? — indaga, envolvendo meu pescoço com a mão furiosa que tenho certeza de que poderia me enforcar de prazer.

— Por que você não… se veste como um? — Mordo meu lábio inferior com força afastando qualquer vergonha que poderia sequer um dia ter na cara.

— Você quer que eu me vista como um militar? — ele questiona, tomando para si a tarefa de morder minha boca.

— Uhum, por favor — choramingo implorando. — Ordene como um.

— Mostre o uniforme — afunila, largando o meu corpo, enquanto enfia as mãos nos bolsos na espera.

— Quinta gaveta no escritório do Tony — instruo e Trevor franze o cenho por um momento provavelmente por respeito ao meu avô, mas assim que respiro fundo elevando meus seios ele sai da cozinha às pressas.

*Humm… um belo incentivo, não?*

É tão contraditório, senhoras e senhores, eu me excito vendo como ele me obedece, mas também fico molhada com cada comando dele quando eleva a voz. De onde veio isso? Será a convivência com esses homens autoritários que me fizeram sentir impurezas pela cor verde?

Coloco o indicador nos lábios apenas imaginando besteiras em minha mente enquanto caminho desgovernada até meu quarto. Eu peço, eu penso, eu imploro que seja rápido, meu corpo já estava pronto assim que me deu a aliança. Tão brilhante e grossa em nossos dedos afastando qualquer indesejada assanhada louca que pensar em olhar meu namorado. É isso mesmo, Trevor White é *meu* namorado, convivam com essa. Sento nos lençóis da minha cama e os aliso com os dedos apenas para sentir a temperatura gelada na tentativa de esfriar um pouco meus estímulos. Essa espera está me matando, ele não sabe o quanto estou exci…

Ouço as botas de couro baterem no chão e meu corpo estremece quando a porta se abre.

***Caralho*.**

Admiro de cima a baixo cada centímetro do seu corpo robusto no uniforme verde exército. As mangas estão dobradas até os cotovelos assim como costuma ficar com a sua camisa branca, mas agora me passa a essência pura de guerra. O cinto que o envolve faz o mesmo comigo, me hipnotiza com simplicidade pelo volume desesperado da calça camuflada. Esse peitoral tão musculoso que quase estraga o tecido se alguns botões não se abrissem. *Você não faz ideia do quanto é gostoso, Trevor, faz?* Vestido assim eu deixari… eu imploraria para que me fodesse até não sentir minhas pernas. Não há defeitos, por mais que eu procure, até mesmo seus cabelos bagunçados excitam quando caem sobre seu rosto.

Ah, ele sabe o quanto me afeta, o cretino está franzindo o cenho sorrindo de canto como se fosse a *porra* do centro das atenções… *e ele é mesmo.* Minhas pernas cruzadas se contorcem na tentativa de aquietar a minha boceta encharcada que não para de latejar. Percebo até mesmo que estou mordendo o lábio com força extrema e o solto colocando o indicador para sentir a pele da minha boca, sangrou um pouquinho.

*Você me faz sangrar de tanto tesão, Trevor.*

Ele caminha até mim com passos firmes e a cada centímetro de aproximação eu me mantenho mais paralisada e hipnotizada por ele. Não consigo parar de prestar toda atenção em cada movimento seu. O homem toca devagar a ferida vítima do líquido vermelho e desliza para os lados manchando os próprios dedos.

— Sej... seja autoritário — sussurro e ele ergue o meu queixo como se perguntasse com o olhar se tenho certeza. — Muito autoritário.

Trevor crava as mãos no meu pescoço e me choca contra a sua boca, sua língua me provoca, excita e vibra meu corpo inteiro com um só deslize. Quero beijá-lo mais, sentir mais, embora seus dedos camuflados prendam meu cabelo para trás me deixando apenas movimentar os lábios, enquanto ele é o *ditador*. Deixa de apertar minha garganta e enrola o rabo de cavalo me puxando com força para me restringir.

*Isso… mostre quem manda.*

— Eu quero te ver errar. Apenas errar — afunila a ordem no meu rosto. — Entende o que eu digo?

— Uhum... sem parar.

*Você quer eu engasgue pra você?*

— Sem respirar, apenas errar. — A voz que me dá carinho, agora dá arrepios promíscuos de tão ordenada.

— Apenas e-errar...

Trevor joga meu corpo no chão, acabo me desequilibrando com a força e quando acho que recuperei um pouco da minha dignidade. Ele arranca o cinto em questão de milésimos se libertando da tortura militar e bate o pau grosso na minha cara. Eu normalmente ficaria com raiva, eu tenho que ficar com raiva, eu quero, mas não consigo. Presto atenção, eu nunca tinha prestado tanta atenção em cada ação, meus olhos acompanham as veias dilatadas e a cada visão, mais úmido o tecido da minha calcinha fica. *Ele tem um pau tão gostoso...* eu poderia facilmente ajoelhar implorando para que foda a minha boca. Eu não sei se é o fato do membro estar quase encostando em meus lábios, mas é tão grande, me faz questionar como eu conseguiria engolir inteiro de tão volumoso. Poderia admirar e elogiar mentalmente para sempre, mas acabou meu tempo, foi bom enquanto durou.

Ele segura com força a minha nuca e minha língua se transforma em um imã para tocá-lo. *Ah, mas era só isso, eu quero senti-lo.* Chupo a cabeça rosada e me vejo provando o gosto do homem militar, ergo o olhar e ele está com a boca entreaberta gemendo rouco a cada vez que o lambuzo com os olhos fixos em mim. *Está amando isso, não está?* Me ver aqui como uma puta bem animada para dar prazer ao coronel. Eu sei que ama se sentir superior a mim, mas vou te dar orgulho agora. O poupo de guiar e aumento a velocidade provando, degustando, lambuzando, é só nisso que consigo pensar, como se fosse um banquete de Natal, deslizo a mão por debaixo do uniforme e apalpo os gominhos do seu abdômen trincado.

Eu amo esse corpo.

Eu sou louca por esse corpo.

Eu venero esse corpo.

Minha degustação dura pouco, só até ele querer mostrar quem manda e me fazer implorar para chupá-lo mais uma vez. *Ah, cacete, o gosto dele estava tão delicioso na minha boca.* Antes que eu possa me lamentar mais,

Trevor quase enforca meu pescoço com uma mão me obrigando a jogar a língua para fora enquanto ele bate o membro. Uma, duas, três… *ele quer me fazer gozar só batendo o pau nos meus lábios?* A raiva toma meu corpo, mas some na mesma velocidade que entrou quando o faço escapar um gemido abafado.

Era isso.

Eu fiz isso.

Esse som fervente.

Você gosta de me ver prontinha para te chupar? Eu quero tanto o seu pau na minha boca, Trevor, eu pensei nele aquela festa toda. Eu sorrio, um sorriso promíscuo por ter vencido uma batalha, mas então ele mostra que só consigo perder quando segura a minha cabeça e mete o pau inteiro na minha boca, respiro, apenas respiro. Ele tira e bate contra a minha bochecha, penetra meus lábios de novo e me mantenho imóvel, praticando respiração quando o homem tampa meu nariz sem piedade alguma. Eu lacrimejo completamente sufocada desesperada, mas ele não se importa, me preenche mais e mais até que eu não aguente mais. Abro bem minha boca com a língua para fora e o membro bate contra a minha garganta me fazendo engasgar tanto que tenho que cuspir no chão.

— Não queria autoridade, Princesa? — assevera com um sorriso de cretino e quase arranca meus cabelos.

Não satisfeito, nem me deixa respirar e já fode a minha boca tão rápido como se fosse a minha boceta. Provocando a minha garganta como um brinquedo que faz os barulhos que o excitam e me maltratam.

— Ah, essa boquinha é tão gostosa, puta que pariu…

É como se enfiasse uma garrafa de água e apertasse contra a minha boca, mas essa água é muito mais deliciosa. Trevor me obriga a engolir, apertando meu nariz fazendo com que uma enxurrada de saliva o lubrifique mais e mais fazendo uma bagunça na maquiagem que eu achava que tinha.

— Tão obediente pagando boquete pra mim, pena que vou te sufocar. — Enrola meu rabo de cavalo nas mãos e me arrasta pelo chão apoiando as costas da minha cabeça em uma escrivaninha. Eu abro minha boca antes que ele mesmo faça e o membro entra na minha garganta com força bruta me fazendo quase vomitar de tanta fúria. — Engasgue mais uma vez e tudo

isso acaba. — Tão ousado e se eu não quiser? O que você fará? A minha demora traz a reposta violenta em que ele empurra minha cabeça.

Empurrando cada vez mais, centímetro por centímetro e eu me esforço demais para não ser a garota *facinha* que vai lhe dar o que mais quer. Mas é demais… ah, aguente, por favor.

— Não me faça piorar — alerta, controlando cada movimento meu e não obedeço. Eu teimo.

O pau dele penetra a minha boca tão fundo que alcanço limites de uma garganta profunda que nunca imaginei atingir. Posso até mesmo sentir os pelos da sua virilha em meu rosto e fico orgulhosa de mim, só até ele dar tapas na minha nuca me fazendo tossir inúmeras vezes e engasgar cuspindo litros de saliva para fora.

— Ah, caralho, assim… muito bem, Princesa — aprova, acariciando o meu queixo.

Seguro e limito seu pau com as mãos ao me virar de lado para respirar completamente inteira lambuzada. Ele sorri. Um sorriso maléfico. Expiro quase sem tossir e junto ar.

— Me viu errar? — Arfo com o coração quase saltando para fora do peito. Ele me tira do chão pelos cabelos e me prende nos lábios de cafeína.

*Cafeína Militar.*

Segura com fúria o meu pescoço e tenho dificuldade para continuar o ato, ele percebe e renuncia a força com que aperta. Mas não o impedindo de levantar meu vestido até a cintura, onde ele me mostra que é capaz de estapear, calcar e estraçalhar a minha bunda. *Eu não vou sair daqui sem marcas, com certeza, e você não pediu por isso?* Puxa o elástico da minha calcinha e solta com rapidez, está árduo, como se quisesse fazer tudo isso já faz tempo. Me guia para trás e empurra meu corpo na cama, puxa e abre minhas pernas, fazendo com que meu cabelo esparrame pelos lençóis, já que meu penteado foi para o espaço. Segura o tecido, mas para e me admira por alguns segundos hipnotizado, engolindo em seco.

— Que foi? — Eu junto todas as minhas forças para ter fôlego o suficiente para perguntar. Ele não me responde, apenas deixa por um segundo a autoridade e puxa meus lábios para um beijo singelo.

Trevor segura minha mão e leva até o colarinho militar do uniforme. Ah, ele quer que eu puxe a gola da camisa? *Deus… como pode quase me matar em um boquete e querer carinho depois?* Eu beijo sua boca de forma gentil distribuindo selinhos. Essa é a diferença entre todos os militares da minha família, meu namorado tem trégua temporária.

— Você me deixa louco, Miranda — ele confessa nos meus lábios apertando minhas coxas me atiçando muito mais do que quando estava com seu pau na boca. O jeito com que aperta mostra o quão selvagem deseja ser, marcando a silhueta vermelha dos seus dedos em minha pele. Você não vê? Eu só quero mais de você.

— Não pare, por favor… — eu imploro e ele sorri surpreso por eu ainda não ter dado um basta nisso.

— Você quer mais ordens? — Franze o cenho, controlando o meu queixo.

— Uhum — resmungo, mordendo o lábio e ele me presenteia com um último selinho carinhoso, pois agora já posso ver o olhar de verdade dele.

O olhar de chefia promíscua de Trevor White. O mesmo que me encarava me despindo em todas as reuniões, o mesmo que encarava a minha bunda em todos os lugares em que passava e o mesmo que me encarava antes de me foder gostoso em qualquer lugar público que ele queria me ouvir gemer seu nome.

— Eu quero te ver inteira, tire o vestido — afunila e arranca meu quadril para si. — Me deixou excitado horas por essa maldita lingerie dourada — rosna e desabotoa a camisa verde camuflada.

Sorrio como uma vadia idiota e seguro o vestido embolado na minha cintura o deslizando para cima em câmera lenta. Deixando que se mergulhe no suspense para me encarar seminua da minha cor favorita. Tiro de uma vez por cansar da espera, jogo no chão e depois de soltar algumas mechas presas. Giro a cabeça para os lados deixando meu cabelo entre os seios e volto a encarar o homem excitado sobre mim.

— Como pode um olhar tão ingênuo em uma mulher tão safada? — Nega com a cabeça questionando com um sorriso impuro nos lábios.

*Quem me ensinou foi você, Sr. White.*

— Se eu fico com o uniforme, você fica dourada — condiciona e me arranca da cama me chocando contra o seu corpo.

Trevor enfia a cabeça no meu pescoço sentindo meu cheiro como se fosse uma flor rara e aperta.

— Miranda, você é tão gostosa… — sussurra impuro, fazendo tudo em mim arrepiar. — Que porra de lingerie é essa? — assevera, arrancando meu sutiã.

Ele aperta cada pequena parte da minha pele como se fizesse controle de qualidade, apalpando minhas coxas, meus peitos, e minha bunda que se torna seu brinquedo em que faz inúmeros apertos sem limites e até mesmo um tapa acompanhando de um susto eu levo. *Ah, e por que só você pode me tocar?* Empurro o peitoral dele com força nos lençóis e quando ele cai sentado, monto em seu colo e mantenho as mãos em seus ombros.

Trevor desliza os dedos por minhas coxas até chegar perto do tecido dourado que me desequilibra e me vejo caindo em cima do seu peito respirando o mesmo ar que expira. Ele solta um riso nasalado, me encaixa e roça meu quadril na sua ereção.

— Vinte e cinco anos, Princesa?

— Uhum — resmungo quase em um gemido na sua boca.

— Então eu quero ouvir o som de você cavalgando vinte e cinco vezes. — A fúria domina sua voz e me faz entreabrir os lábios chocada e excitada com o que acabo de ouvir.

— O som? — repito, mordendo um sorriso safado na boca.

— Eu quero que a casa ao lado, o quarteirão em frente, a cidade inteira escute você cavalgando vinte e cinco vezes — afunila, apertando a minha cintura.

*Ah... minha boca ficou seca, não tenho o que dizer, senão como esse homem é sexy.*

*Ouvir o som?*

*Eu vou te fazer ouvir, Coronel White.*

— Vamos, Princesa. Número um. — Trevor desliza o tecido da minha calcinha para o lado direito e me penetra fazendo meus lábios em reação

criarem um gemido sem som.

*Número um*.

Me equilibro nos seus ombros e sento mais uma vez, mais duas, são três, ele quer mais que isso. Segura meu quadril privando seus próprios movimentos e apenas me deixa rebolar gostoso no seu pau. São sete. E para baixo são oito, nove e dez. *O barulho é alto, como um estalo, não paro. São vinte e cinco vezes*. De novo. Sem pensar. Ou penso apenas em como ele está gemendo abafado a cada vez que eu dou uma boa sentada no seu colo. *Você ama isso, não ama?* Minha derme está vermelha, eu sinto. Cada batida que deveria me cansar só dá partida na fervura que me domina. São quinze.

O jeito agressivo e *sexy* que ele controla o meu quadril deixa a minha boceta encharcada. Cacete, que delícia, sentir devagarzinho o pau dele entrando e saindo de dentro de mim. Eu quero aguentar, mas o peitoral dele exposto, o cabelo bagunçado, o sorriso de canto safado e os movimentos que faço me deixam… *caralho, Mia, não goza, não agora.* E para cima dezesseis e dezessete. Meu peito arqueja, furioso e egoísta por querer parar, mas meu fogo grita diferente.

— São vinte, não me decepcione, Miranda — ele incentiva, dando um tapa estridente na minha bunda que me faz sorrir por sua atração.

Junto todas as forças, tudo que resta, me esquente mais, já estou encharcada por você, amor. São vinte dois e vinte e três. Eu não aguento mais, senhor, eu vou… antes que eu possa pensar em desistir, Trevor, se levanta do colchão e choca nossos corpos um no outro. Meus mamilos durinhos tocam o seu peitoral, ele envolve os meus braços em seu pescoço e controla com força o meu quadril. *Vamos, Mia*. Já consigo sentir o lubrificante dele me lambuzando mais ainda e puxo seu colarinho para um beijo apaixonado. Eu uso de combustível e enrosco minha língua aos seus estímulos de avelã. São vinte e quatro. Na última descida ele segura e me mantém inteiramente preenchida, seus braços se enroscam e forçam minha cintura para baixo.

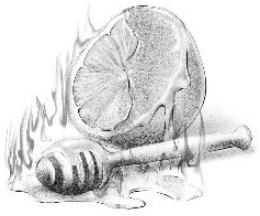
— São vinte e cinco. Parabéns, Miranda — ofega nos meus seios, jorrando leite fundo dentro de mim. Ele está dentro, inteiro dentro de mim, liberando o líquido melado enquanto ainda estou preenchida.

*Cacete, que delicia senti-lo…* ele massageia com rapidez a minha boceta, me fazendo tremer as pernas que até agora não fizeram escândalo. *Caralho, não pare, por favor…* ah, me faça gozar aqui agora. Beija e suga meu pescoço ao perceber que minha força se esvaiu.

— A-aah… ah… Trevor, por favor — choramingo na sua boca implorando e entre seus dedos e o membro que me penetra fundo, minha boceta contrai como luz de pisca-pisca. Me liberto inteira gozando, melando, lambuzando o homem de leite de canela fervente, prêmio de cada ritmo.

*São vinte e cinco vezes.*

18



# Catálogo Misto

*Você poderia ser minha professora*
*Você poderia ser minha chefe*
*Você poderia ser minha amante*
*Você poderia ser meu carro*
*Baby, eu posso te levar*
*Onde você quiser*
***Teacher – PRETTYMUCH***

## MIA ROSS

Novidade. Condição daquilo que se conhece pela primeira vez, qualidade do que é inédito, original e que atrai atenção. Vamos falar sério, quem não ama surpresas? Claro, as boas, mas as ruins também testam nossa mente para desafios inéditos.

Cordinhas.

Na casa de uma parente, quando eu tinha por volta de uns sete anos, havia uma espécie de cortina feita de finas faixas de tecido. As Cordinhas.

Sinto como se meu corpo, meus vasos sanguíneos, fossem cordinhas daquela cortina, transportando sangue por todos os lados com excelência.

Exceto.

Quando se extrapola, desmancha, aniquila essas cordinhas vinte e cinco vezes.

Fico imaginando como vai ser repetir nossa comemoração com vinte e seis ou quarenta.

Quarenta? Estou me vendo com ele aos quarenta?

Chego a sorrir sozinha.

Ele seria um chefe de quarenta anos com os cabelos castanhos pouco grisalhos, seus traços estariam mais fortes e se ele continuar malhando quando sente raiva... *eu terei sorte.*

Ótimo que me distraí com essa imagem para não pensar nas minhas pernas que nem se mexem direito, a cada passo meu corpo pede para que pare, sente, descanse, mas quem disse que posso obedecer? Minhas mini férias acabaram.

Me despedi de todos na madrugada mesmo após refazer toda a minha maquiagem, pois a primeira se mergulhou em saliva e lágrimas e já corremos para o aeroporto.

Correção.

Trevor correu e me carregou.

Brincadeiras à parte, mas quase chegou a isso!

Pedi que ele me deixasse em casa para desfazer todas as minhas malas e nem consegui deitar em uma cama ainda. Dormimos no avião mesmo, já que Trevor estava um pouco ranzinza, parecia querer voltar para empresa a qualquer custo.

*E eu não sou louca de questionar quando ele está puto… mesmo que seja um tesão.*

Ted não estava em casa quando cheguei e nem atendeu minhas ligações, acho que deve estar com a Morgan, mas posso ver isso em outro momento. Depois de muito custo consegui dirigir até a Scott Mídia, indo em uma velocidade quase nula intercalando os pés. Abro a porta do carro e coloco uma das pernas para fora.

**Deus, como dói!**

*Mas que valeu a pena... com certeza.*

Caminho muito devagar, uma tartaruga poderia me ultrapassar facilmente, um passo de cada vez até a porta de vidro e mármore. Assim que chego, consigo ver Rose deixar os óculos deslizarem em seu nariz para

baixo, me observando, fecho meus olhos na tentativa de excluir o julgamento dela.

*Ela não fala, mas deve pensar muito.*

Retribuo o olhar e demoro alguns longos segundos para chegar ao seu balcão, ignoro as pessoas apressadas e algumas sentadas lendo e foco em não cair no chão. Os lábios da ruiva tentam segurar um sorriso, mas falham miseravelmente quando tropeço em mim mesma sem querer e apoio as duas mãos no balcão.

— Bom dia, Srta. Ross — fala sarcástica, enrolando os dedos nas mechas ruivas. — Devido aos seus movimentos, imagino que seu aniversário tenha sido no mínimo bom.

— Vinte e cinco vezes muito bom — sussurro para mim mesma.

— Mia, já recebeu seu novo cronograma? — Ela confirma algo que não tenho ideia enquanto se vira para o computador.

— O quê? Mudou algo? — assim que questiono seus lábios sorridentes murcham qualquer espécie de alegria.

— Certo, tudo bem, então, correto...

— Por que está falando assim? — Ergo uma sobrancelha desconfiada.

— Por nada, vá para a sua sala comum, depois vou me informar melhor. — Nega com a cabeça e por dentro também compartilho da sua confusão.

— Tem certeza? — confirmo, fungando o nariz quando uma fragrância invade meu rosto, posso estar com as pernas ferradas, mas meu olfato funciona bem.

*É cheiro de baunilha.*

— Srta. Braga, honra encontrá-la novamente. — Thomas encosta o terno cinza no balcão. — Miranda — cumprimenta, me encarando com os olhos que me parecem completamente cinza.

É tão intenso que me deixa atordoada, o ar que ele exala como se não pertencesse a esse lugar. Eu senti como em Porto tudo é gelado e ordenado; *me diga, Thomas, você sente adrenalina aqui?* Talvez seja isso que o seu sorrisinho irônico em meio as covinhas tenha vindo buscar em Lisboa.

*Adrenalina Vermelha.*

— Tom, veio ver a Sarah? — quebro o silêncio após o olhar profundo que troquei com ele por segundos.

— Depende do humor vermelho. — Engole em seco.

— Me acompanha no elevador? — chamo gentil já iniciando a caminhada, pois sei que vai demorar sem que eu caia dos saltos.

— Pelo menos uma da família que não me odeia — motiva e joga o olhar provocativo para a Rose que bufa baixinho.

*Ela não gosta dele?*

Meus passos embora pequenos são firmes, mantenho o foco até as portas de metal e consigo chegar. Aperto o botão do elevador e para a minha não surpresa minha bolsa cai esparramando milhares de coisas no chão com o som estridente.

— Merda — xingo baixinho. — Eu sou muito desastrada, desculpa! — Agacho e ele faz o mesmo, educado, ao deixar cair uma caixinha vermelha no chão. — AH! ISSO É UM TER… — grito completamente chocada e animada quando Thomas tampa meus lábios na velocidade na luz e com tanta fúria que poderia marcar meu rosto.

*Nossa, que força, Sr. Foster.*

— Você não viu isso, certo? — questiona, franzindo o cenho com os lábios entreabertos de preocupação, assinto com a cabeça e ele solta minha boca.

Terminamos de pegar as coisas e quando entramos no elevador, o terno de baunilha cinza se inclina até perto dos meus ouvidos para quebrar o silêncio.

— Desculpe ter te tocado, foi reflexo — sua voz que há alguns segundos era irônica, agora é fria em tom de culpa.

— Eu que tenho mania de gritar.

*Pelo menos é o que Trevor diz.*

O homem mergulha os dedos no cabelo loiro escuro como se buscasse coragem e aperta o botão de emergência do elevador nos parando no quinto andar.

— Aceitaria? — indaga firme me encarando com o túnel cinza. Os olhos dele me lembram os da Sarah de tão profundos.

— O quê? Espera, está sugerindo que eu e você...

— Não! — Ele solta um riso nasalado como se aliviasse um desespero. — Trevor me mataria antes que eu pisasse o pé fora do prédio.

*Não duvido...*

— Mas o White não é o único que transa no elevador ou deixa pernas bambas como as suas — provoca, franzindo o cenho. A voz dele é tão autoritária, mas ao mesmo tempo tão atrativa.

*É um dilema.*

— Aceitaria? — insiste em tom mais baixo se aproximando do meu rosto.

Eu aceitaria? Trevor não me faria um pedido desse tamanho agora, acabamos de começar o namoro, mas... *eu aceitaria?* Passaria o resto da minha vida com ele? Vivendo com todos os seus problemas? Na saúde e na doença? Na alegria e na tristeza?

*Ele aceitaria?*

— Eu te assustei? Está calada. — Engole em seco.

— Ah, não, claro que não... eu apenas não sei a resposta do que me perguntou. — Coço a nuca negando com a cabeça.

— É preferível até mesmo um não do que o silêncio em perguntas como essa ou ao ultrapassar limites rígidos.

— Limites rígidos? — Ergo uma sobrancelha.

— Vejo que o Sr. White não trabalha as práticas vermelhas com você, era de se esperar, ele nunca teve culhões[13] para isso. — O difama na minha frente com um sorrisinho maldito.

*Péssima escolha falar mal do meu namorado na minha frente, Sr. Foster.*

— Mas teve culhões para te espancar — rebato e ele me fita surpreso com os olhos cinza.

— Então é isso que ele gosta em você? A boca atrevida? — Impõe que eu responda asseverando o tom.

— Então é isso que ela gosta em você? A competição?

Ele junta as mãos aos bolsos e respira fundo, como se quisesse dizer algo, mas se limita. Não por muito tempo quando se aproxima um pouco mais respirando o mesmo ar que eu.

— Se você não fosse você e eu não fosse eu, te deixaria ganhar a competição — sussurra promíscuo.

*Ele não disse isso, disse?!*

— E o que te faz pensar que eu entraria nessa suposta competição? — Empino meu nariz o suficiente para bater no seu.

— E também controlaria a sua boca com boas maneiras.

*Não consigo acreditar que essa conversa está realmente acontecendo.*

— Eu prefiro ficar livre para escolher como falo. — Dou de ombros.

— Então escolheu certo.

— A Sarah não parece o tipo de mulher que quer ser... domada — penso em voz baixa.

— Ficaria surpresa. — Ele sorri provocativo.

*Não sei se quero imaginar isso.*

— Sabe que estou só brincando, não é? — Ri um pouco ajeitando a gravata no espelho do elevador.

— Você está com uma aliança no bolso e flertando comigo? — Ergo as sobrancelhas chocada e acompanho sua risada sabe se lá por que.

— Eu? Faz alguns segundos que pensei que fosse pular no meu colo.

— Ah, mas você não tem...

— Limite? Tenho, mas em um contrato assinado.

Me calo ao ouvir a frase.

— Está quente aqui, não?

Não sai nada da minha boca.

— Certo. Anotado, não brincar com a Mia, porque ela leva a sério. — Ele se afasta e sorri vitorioso alisando a caixinha vermelha. — Mas, então, aceitaria?

— Acho que você está em um ponto diferente da vida, eu acabei de começar — digo, sincera, ou pelo menos é o que eu gostaria que meu corpo acreditasse.

— Exatamente por isso que não acho repentino, agora, acha que o seu diretor açucarado pensa o mesmo?

*Ah! Agora eu entendi porque todo esse show.*

Ele é literalmente igualzinho a Sarah, manipula até conseguir o que deseja. Mas a diferença é que ele deixa o adversário desconfortável e fraco antes de impor poder.

*Caiu sentado, Chefe de Baunilha, saquei a sua.*

— Pretende contar isso ao Trevor? — Rio imaginando o quão essa conversa poderia ser gravada para um *reality*.

— Por que é engraçado? — Ele franze o cenho irritado por eu não parar de rir.

— Eu só estou imaginando ele como uma espécie de pai da Sarah, porque do jeito que está nervoso...

— Eu não estou nervoso — rosna, asseverando o tom da voz e o olhar cinza que me invade exigindo limitação.

— Teve que flertar comigo para conseguir a confiança branca? — Ergo meu nariz mais uma vez me impondo e não abaixando a cabeça aos seus estímulos.

— Eu não...

— Thomas, ela gosta de você. Eu mesma vi o jeito que ela erra as palavras quando fala de você, mas acho que temos algo em comum — confesso e aperto o botão de emergência mais uma vez voltando o funcionamento do elevador.

— E o que seria?

— Você é inseguro.

Ele se cala.

*Peguei no ponto fraco de baunilha?*

— Sei disso porque quando se trata da Sarah, eu me sinto inútil e é isso que você sente, mas com Trevor.

— Ele não te acha inútil.

— Ela não te acha inútil — repito e ele dá um sorriso de canto.

— Se ela disser sim, gostaria de ser madrinha? — Sorri oferecendo o convite como uma espécie de prêmio pela sua aprovação.

— Acho que não é para mim que deveria estar fazendo essa pergunta. — As portas de metal se abrem e viro minha cabeça para encará-lo. — Saiba que eu acho que ele aceitaria ser seu padrinho — solto e saio do elevador.

Gosto de pensar que Tom é um reflexo meu... mas ele tentou lutar a batalha contra a relação leal e teve uma derrota.

*A guerra, no entanto, acho que ele vence.*

Agora, onde está o homem que faz minhas pernas ficarem bambas?

## TREVOR WHITE

Novidade. Não gosto de surpresas. Na verdade gosto, mas quando são boas e eu que venho a planejar. Ou gostaria de saber de um ataque ao reino nos últimos minutos do segundo tempo?

Eu estou com raiva.

Espera, talvez eu não esteja.

Sim, eu estou.

*Por que ela não pode aprender tudo comigo?*

Eu sou o melhor profissional, vivo, na área dela. Sei tudo sobre marketing, propaganda, clientes, campanhas, audiovisual e sou formado em comunicaç...

Chego a rir.

Eu sou formado em Comunicação Social e não consegui conversar com ela para resolver nossos problemas.

Sutil.

*Mas voltando, por que ela precisa sair do meu andar?*

**Trevor.**

Está sendo possessivo?

Não.

Está sim.

*Eu odeio meu subconsciente.*

Não posso voltar a maldita *Obsessão de Fogo,* não agora que estamos indo tão bem com a nossa *Relação de Fogo*.

Me permito sair dos pensamentos e observar a sala vermelha. A cadeira Scott é confortável demais, fazia um tempo que não sentava no trono. É um cômodo enorme decorado em mármore branco e vermelho, quadros Pop Art, tapetes felpudos e *1bourbom*.

*É a essência dela.*

Só que essa sala também já foi decorada em cinza, dourado e preto. Já cheirou *whisky*, casacos de pele caríssimos e xícaras azeviche. E o legado dela sempre vai prevalecer.

Escuto o destrancar da porta e me preparo para recebê-la.

— Atrasada, Srta. Scott — assevero, girando a cadeira de forma dramática até encontrar seus olhos azuis profundos.

— Linda atuação, só faltou um felino para acariciar, Sr. White. — Ela esconde o riso e deixa a bolsa de couro vermelho no sofá enquanto caminha com os saltos altíssimos até mim. — Está na minha cadeira.

— Sabe que teoricamente é minha cadeira também. — Entrelaço as mãos e ergo meu nariz exigindo poder.

— O quê? Eu não estou vendo ela coberta de Avelã — ironiza.

— Hills deixou uma diferença mínima de cargos. — Franzo o cenho ditando o óbvio.

— Mínima? Presidente e vice-presidente tem muita diferença. — Ela ri e faz meu sangue ferver.

— A empresa também é minha, Sarah! — Levanto e cravo as mãos na mesa de vidro vermelho perdendo a paciência. *Deus, até o vidro.* A loira me copia, muitíssimo mais dramática, como se pudesse fincar as unhas na mesa de tanta fúria.

— Tecnicamente, é minha — assevera com os lábios vermelhos.

— Sarah, não me faça usar minha porcentag…

— Você não aguentaria um dia sendo eu, Trevor! Você odeia a vida de CEO, odeia regras e limites. — Ergue as mãos me diminuindo e lança uma pilha de papelada no meu peito fazendo que todos os papéis caiam no chão.

— Isso há quatro anos, eu sou diferente agora, porra. — Amasso quatro folhas e jogo no seu pescoço albino fazendo com que uma prenda em seu cabelo. Ela cria um biquinho estressado na boca vermelha pela brincadeira e arranca o papel do loiro.

— Ah! Muito diferente, está agindo como criança porque a sua princesinha vai trabalhar um andar abaixo do seu! — grita estridente e assim que eu me calo seu sorriso desmancha.

**Wow.**

— Retira o que disse — afunilo, tomando seu pulso puxando seu corpo para quase debruçar sobre a mesa pela ousadia.

— Vem retirar — provoca, agarrando a gola da minha camisa fazendo com que eu respire o mesmo ar que o seu. *Caralho*. Assim que as palavras saem da sua boca, ela se culpa por tê-las dito. — Desculpe, não quis dizer isso… eu quis, mas não para te provocar.

Mantenho o silêncio puro.

Alguns segundos.

Alguns minutos.

*Se ela tivesse dito essa frase há seis meses...*

Sento na cadeira sobre as folhas amassadas me controlando e ela contorna até se encostar na mesa ao meu lado juntando as mãos vermelhas.

— Trevor, se for grosso, eu vou retribuir, mas se me contar o porquê disso, posso te ajudar — cede em tom manso enrolando seu salto na minha perna.

Ela sabe como cedo fácil com contato físico e a verdade é que me senti um otário por fazê-la ficar desesperada e não poder abraçá-la. Esse toque vai servir.

— Odiávamos aquele andar — confesso, enfiando os dedos em meu cabelo.

— Sabe que foi onde mais aprendemos, não adianta deixá-la trancada em uma sala de porcelana. Ela precisa correr atrás de clientes, investidores, criar as próprias campanhas e *slogans*. Trevor, não queira protegê-la de algo bom.

— Aquelas redatoras são terríveis. — Bufo, amassando a pele macia da sua panturrilha.

— São invejosas, isso sim — corrige.

— Sarah, eu quero que ela seja incrível como você e eu, não me leve a mal, mas tenho medo que a minha reputação a prejudique.

Eu devo ter fodido pelo menos 70% de todas elas e ainda a chefe que fez uma queixa contra mim. Nunca me importei com isso, porque a minha parceira sempre foi muitíssimo respeitada.

*Ninguém enfrenta Sarah Scott, mas a Mia?*

— Ah, claro! Trevor, você trouxe a maioria dos clientes da empresa, se ela puder dizer que foi sua bolsista vai estar no lucro.

— Pare de ser irônica, sabe do que estou falando.

— Ela é adulta e também não é responsável pelas suas merdas... mas se for te fazer ter uma boa noite de sono. Se algo acontecer tem minha permissão para fazer o que achar necessário — cede e senta sobre o meio do tampão da mesa colocando os joelhos entre minhas pernas. — Aceita assim? — fala mais baixo e eu puxo sua mão acariciando enquanto penso na resposta.

— Aceito — digo, ela leva as unhas ao meu rosto e levanta meu queixo. — Eu amo quando brigamos — sussurro a fazendo sorrir.

— Também senti sua falta… voltou bem de viagem? — sussurra.

— Sim, passei em casa inclusive, não mudou muito.

— Coloquei um vaso vermelho na sala.

— Estragou a decoração. — Ela revira os olhos e sorrio. — Tem certeza de que não levaram nada?

— Peguei o catálogo do seu testamento e verifiquei tudo, cada item, está tudo bem — garante.

— Não sei nem porque temos testamento. — Somos tão novos.

— Quando se ganha uma herança dessa, é bom sempre atualizar.

— Verdade, colocar tudo no nome da Mia — provoco e ela franze o cenho imediatamente largando o meu queixo. — Brincadeira, *hein?* Relaxa, Loirinha!

— Vou atualizar o meu também, deixar tudo no nome do Monarca. — Sarah emburra e eu solto uma risada alta.

— O gato vai ficar mais rico? Leve o dinheiro no túmulo, mas não deixe pro felino. — Reviro os olhos.

— Está tudo no seu nome — afirma convicta.

— Sabe que o meu também — retribuo, puxando sua mão de volta para o meu queixo. Não seria diferente.

— E se morrermos juntos?

— Estilo Romeu e Julieta? — Ela ri e assente. — Acho que a Rose e a Morgan não vão se importar de cuidar da grana.

— Fiquei assustada — murmura, jogando o olhar para baixo.

*Eu também ficaria se tivesse chegado na sua mansão devastada.*

— Estou bem e sabe que não vou te abandonar. Por mais raiva que um dia possa ter, não vai ficar sozinha, até porque a Hillary me perseguiria — garanto e ela acaricia a minha barba.

— Se quebrar sua promessa a ela, eu começo a acreditar em fantasmas.

Ouço algumas batidas na porta e me inclino um pouco para a esquerda deixando as unhas vermelhas.

— Srta. Scott, desculpe interrompê-la... Ah, o diretor criativo está aqui! — Ouço a voz de mel nervosa aparentemente por estar me procurando. — Nossa, que bagunça é essa? — Ri surpresa.

— Mia, eu já estava indo te encontrar — respondo, encarando as mangas bufantes arroxeadas.

— Tudo bem, é que eu não encontrei meu cronograma, geralmente recebo por e-mail — ela explica confusa.

Troco olhares com a Sarah e me volto a ela.

— Vamos conversar sobre isso. — Levanto da cadeira.

— Mas hoje pode continuar com esse. — A loira me interrompe tirando uma folha da pasta vermelha e estende-a se virando para Mia. — Aqui.

— Ah, sim. — Minha namorada permanece imóvel deixando o braço de Sarah elevado a espera.

*Por que não se mexe, Princesa?*

Ah… rio sozinho.

— Deixa, eu levo. — Tomo a folha de sua mão e dou a volta na mesa indo em direção a porta.

— São dez passos — questiona, erguendo uma sobrancelha.

— Acho que são vinte e cinco passos — brinco e Mia ri baixinho.

*Imagino um aniversário de quarenta anos, sentaria, Princesa?*

— Sarah, está livre na quinta? — pergunto, envolvendo minha mão na cintura da minha bolsista.

— Acho que sim.

— Marcamos um café na Nata? Atualizar esses papéis — digo e Miranda me encara confusa.

Deixar meu testamento... não gosto dessa palavra, sei que remete a morte. Deixar meu catálogo mais variado, partes de Morango e outras de Mel.

*Catálogo Misto.*

— Já que tem mais uma herdeira… aceito sim. — Assinto com a cabeça me despedindo e saio da sala.

Mia se enrosca no meu braço de forma firme e lhe guio até o elevador, ela encosta a cabeça no meu ombro e me lembro de andar na calçada da LX Factory ao seu lado. Temos que voltar mais vezes e também preciso pegar mais leve, ela está dolorida demais.

— Tomou analgésico de manhã? — falo baixo com objetivo que se aproxime mais do meu rosto para ouvir.

— Uhum.

— Prometo ir mais devagar dá próxima. — Sorrio e ela se aproxima para ouvir quando lhe roubo um selinho.

— Mas eu não disse isso — murmura, me roubando mais dois beijos.

*É minha Princesa mesmo.*

— Precisamos conversar — digo quando chegamos ao meu andar nos dirigindo a sua sala.

— É sobre o que te deixou mal na minha festa? — questiona, acendendo as luzes e eu seguro seus dedos os limitando até que ela as apaga novamente.

— Sim, Mia. No segundo semestre da sua bolsa começam outros desafios, e vai ser importante para a sua formação que consiga ser apta em todas as áreas. — explico e ela aproxima o corpo do meu brincando com a gola da minha camisa.

— O que quer dizer? — indaga baixinho.

— A partir de amanhã, você começa a trabalhar em uma das mesas do sétimo andar com as redatoras, não é muito tempo, eu prometo — garanto, envolvendo seu pescoço quente nas mãos.

— Mas por que ficou estressado? — questiona, mordendo o meu lábio.

— Possessividade. — Miranda entreabre a boca franzindo o cenho. A mulher puxa minha mão me jogando no sofazinho e monta no meu colo embolando o vestido na cintura.

*Ah, caralho… está vendo do que eu vou sentir saudade?*

— Trevor, eu sou sua. Estando aqui ou até mesmo em um prédio diferente, claro que vou odiar não poder mais andar cinco passos para te encontrar, mas não é para sempre — explica, me acalmando com beijos leves enquanto desabotoa minha camisa.

— Quando foi que disse isso? — sussurro, segurando seu quadril.

— Hum? — resmunga entre meus lábios.

— Sou sua, não é do seu feitio.

— Eu tive uma conversa de baunilha hoje — confessa e eu me esquivo para trás imediatamente.

*A Fada de Baunilha veio até aqui?*

— O que ele disse pra você? — Franzo meu cenho impondo uma resposta.

— O que a Sarah disse pra você? — Dá de ombros mordendo o lábio.

— Justo — cedo, perdendo a postura com um riso que não contenho pela inteligência dela.

— Não precisamos saber cada detalhe, eu confio em você — diz baixinho, encarando a minha boca.

— Ah, Miranda, se você fala assim tão…

— Hum, tão o quê? — ronrona se esfregando na minha virilha.

— Tão… — Puxo seu pescoço e beijo os lábios de mel. — Eu confio em você — digo rouco.

*Nunca duvidei nem de uma vírgula que Miranda Ross dissesse.*

— Ótimo. — Ela sorri tocando meu rosto com a ponta dos dedos.

— O que faria se esse lugar fosse seu? — indago e ela franze o cenho.

A pergunta que um dia minha mentora me fez, mas eu não imaginava que realmente fosse ser meu.

— Nada, ele é seu... por que está me perguntando isso? — Mia se afasta de mim entreabrindo os lábios.

— Calma! Foi só uma pergunta. — Começo a rir e ela não acha graça.

— Se você estiver omitindo algo de mim e não contar eu te mato. — Usa as mãos femininas para fingir meu enforcamento e eu enfio meus dedos por debaixo do seu vestido a fazendo se desequilibrar.

— Vai me matar de tesão com essa carinha de brava antes de eu dizer qualquer coisa, só se for — provoco e a jogo no sofá prendendo-a na minha boca.

19




# Andar Adoçante

*Beijo você todas as manhãs*
*Com céus de morango*
*Eu fico tão perdido nos*
*Seus olhos de mirtilo*
***Blueberry Eyes - MAX, SUGA (BTS)***

## TREVOR WHITE

Delegar. Consiste em ceder algo, alguém ou responsabilidades para outra pessoa. Confesso que nunca fui a pessoa que se apega no primeiro olhar ou pelo menos me apegar a algo além de sexo. Porém, quando me acostumo a ter todos os dias aquela pessoa, se torna difícil delegar.

Não é que eu seja possessivo.

*Tá! Às vezes eu sou, mas ninguém é de ferro!*

Deixe eu me explicar melhor, é como café. Você toma todas as manhãs no mesmo horário, mesma quantidade de açúcar e quando algo muda, seja a gota do adoçante ou a cafeteira que mudou a temperatura, percebemos. No meu caso, meu trabalho é repleto de ideias, criatividade e mudanças.

*Exato, as famosas mudanças.*

Então se eu já as aguento 80% do meu dia, sou um monstro por querer minha vida pessoal, digamos assim, imóvel?

Deus, como era bom andar dez passos e observá-la mexer no cabelo enquanto lia documentos ou quando molhava os lábios ao fazer um resumo

no iPad.

E agora, além dela ter que ficar em apenas uma mesa preta. Sim, não é madeira, nem mármore negro. Está longe de mim.

*Não está sendo muito dramático?*

E o que seria do mundo sem o drama?

Ah, essa eu respondo!

Chato. Muito chato. Terrivelmente chato.

Eu queria ficar pensando em drama e café, mas preciso parar de olhar para o retrato da minha mentora na estante e crescer um pouco.

*"Você é um carrossel, só crianças andam de carrossel, Trevor, cresça!"*

Ela se foi há anos e ainda escuto sua voz gritando comigo.

— Eu nunca te dei meus pêsames pela sua mentora. — A voz de baunilha me invade logo cedo dispersando meus pensamentos.

— Thomas, o que faz aqui? — advirto, balançando um pouco a cabeça para cair na realidade. Eu não sou grosso, é só que ele não merece minha voz mansa.

— Eu preciso conversar com você. — Ele entra aos poucos na sala com passos firmes e as sobrancelhas franzidas de preocupação.

— Não vou voltar a ser seu amigo. — Sacaneio com um sorriso.

— Não ia falar isso. — Meus lábios murcham.

*Não ia? Hum...*

— Pelo menos não hoje. — Sorri de canto — Só gostaria de pergunt...

— Eu vou parar todo o meu trabalho aqui. Ah, não, sente-se, por favor! — Aponto para a cadeira lançando sarcasmo em cada palavra. — Me conte o que sente, deixe eu ser seu terapeuta — dramatizo juntando as mãos.

— Por que tem que ser tão otário?

Reviro os olhos e ele tira do bolso uma caixinha aveludada vermelha. A tal caixa que as revistas da moda branca e joalherias não desgrudam

como *slogan*.

Meus lábios tremem, mas seguro um riso para não magoá-lo, uma coisa é sacanear, outra é acabar com o cara sem piedade.

*Ele acha que ela vai considerar algo sério?*

*Ele deve estar chapado.*

— Eu quero pedir a mão da Sarah — diz, estufando o peito com a confiança alta que até aparenta que estou me enxergando no espelho.

Baunilhinha, ela deu uma vez.

Uma única vez.

— Como é que é? Thomas, existem uns trinta passos ant...

— Antes de quê? Quem criou esses passos? — interrompe, se recostando na minha cadeira respondendo na ponta da língua como se já tivesse minhas respostas gravadas.

— Não sei, Deus?

*Essa é realmente uma boa pergunta.*

— Estávamos juntos há um ano, eu não vou fazer um pedido de namoro, se posso tê-la como noiva.

*Parece até que ele está no mercado querendo levar dois pelo preço de um.*

— Certo e onde ela entra nisso? — digo, tendo que fazer o papel de sensato nisso, o que me irrita, porque geralmente eu não sou o sensato.

— Como assim?

*Ele é realmente CEO do reino da mídia em Porto?*

— Não sabe o que ela pensa, se quer ou não, até onde eu sei ela nem cogita sair com você em público, quem dirá aceitar ser sua noiva! — Thomas se cala imediatamente quando elevo meu tom. Está quieto como um garoto recebendo bronca. — Ela pode dizer não e deve estar preparado para isso.

— Eu não ligo. — Sutil. — Eu soube que ela tentou me procurar faz mais ou menos um ano e meio. — Assim que diz a frase sai em ataque profundo contra o meu peito e me desespero por dentro.

Como ele sabe?

É impossível, Sarah não tinha contato nenhu… não, ela tentou ligar pouco antes do nosso relacionamento começar.

— Não tem como saber disso. — Aperto meus punhos molhando os lábios na tentativa de que não continue.

— Não sabia.

— O quê?

— Até agora, com essa sua cara pálida de quem viu o *Pennywise* da sua estante. — Tom ri alto e fecho a cara irônica que estava zoando com ele até agora.

*Ás vezes eu questiono minha inteligência.*

— Idiota. — Bufo.

— Eu sabia! Começou o relacionamento por medo de que ela voltasse pra mim, admita isso! — Levanta da cadeira e crava as mãos na minha mesa franzindo o cenho como se fosse alguma espécie de rei. *Você não é mais o rei.* — Admita que você molhou as calças quando ela me conheceu.

Molhei as calças? Só se foi do quanto ela deixava o meu pau lambuzado, antes, durante e depois de ter te conhecido. Ele não sabe da missa a metade, se eu não tivesse aprovado, ela não teria aceitado aquele maldito pedido há seis anos.

— Thomas, eu não vou admitir nada que não seja verdade. — Encaro os olhos de cor cinza que me invadem profundamente.

*É, isso não mudou, ele ainda é bem intimidador.*

— Então, por que pediu? — Me fita indagando a questão que não quero aceitar a resposta verdadeira.

Quando Sarah me disse que ia aceitar um relacionamento com ele, eu achei que fosse acabar em um mês e não que fosse durar um ano. E o pior, teria durado mais se eu não tivesse acabado com ele naquele dia. Então, sim, é óbvio que eu sei que se ela voltasse a abrir a caixa de Pandora cinza dele e eu não tivesse conhecido a Miranda entraríamos naquele maldito triângulo mais uma vez.

*E eu não iria aceitar perder mais uma vez.*

Hoje eu posso apenas sentir Amor Leal pela Sarah, mas não era a mesma coisa há um ano e meio.

— Porque achei que daria certo. — Dou de ombros.

— Aaaaah, Trevor, conta outra! — Ele lança uma pasta azul royal no meu colo desacreditado com a minha resposta.

— Talvez eu não quisesse que ela se humilhasse indo atrás de você! E... pode não acreditar, mas eu realmente tentei fazer dar certo. — Arremesso a pasta de volta e ele a rasga no meio fazendo com que meus lábios se entreabram surpreso pela força.

*Sarah, o que esse homem fazia com você?*

— Então sabe o que eu sinto agora. — Seu cenho franzido com o olhar furioso cinza me faz calar a boca. — Eu quero fazer dar certo, e esperei muito mais do que deveria, eu a amo demais. Você sabe o que é amar, eu soube o quão derrotado ficou quando a bolsista da boca atrevida te deixou por quatro meses. Isso doeu? Então imagine cinco anos cheirando as coisas que ainda tenho dela, fiscalizando cada evento e foto que postava e me perguntando o que o cara que está comendo ela tem que eu não tenho. — Meus braços enrolados na camisa branca estão completamente arrepiados e meu olhar de competição ridícula dopado de testosterona some.

Eu sempre me importei demais com a Sarah e nunca parei para pensar em como ele ficou.

Eu sei o que é amar, Tom, e eu não esperei nem um único segundo com a Mia quando soube.

— Não estou pedindo que entenda, nem mesmo que volte a ser meu amigo, mas não seja contra isso, porque eu não quero te enfrentar mais uma vez. — A força com que segurava as metades da minha pasta diminui junto a mudança de emoção. Não é raiva, é medo.

*E eu também tenho medo.*

Empurro um pouco minha cadeira para trás, dou passos demorados e firmes até me colocar em sua frente. Encarando o cabelo loiro escuro penteado para trás com gel que já não aguenta mais seu turbilhão de sentimentos e o seu maxilar mais travado do que seus olhos em mim. Eu sei porque éramos tão bons amigos, porque sempre sentimos intensamente.

Abro meus braços e o envolvo apertando seus ombros ao sentir o cheiro forte de baunilha.

— O que caralh…

— Cala a boca, porra — assevero e ele obedece largando a pasta no chão para retribuir o abraço. — Eu fui ao inferno por quatro meses, cinco anos deve ter sido difícil — confesso, tendo empatia por suas palavras emotivas.

— Foi — ele murmura.

Antes que eu possa largá-lo a porta da minha sala se abre e puxa nossa atenção como um imã.

— Trev… ai, o qu… o que vocês estão fazendo? — Morgan entreabre os lábios completamente surpresa com um sorriso ridículo estampado na cara.

— Dois homens não podem se abraçar, porra? — questiono e ela ri coçando a nuca da gola do vestido azul celeste.

— Podem, claro, Tigrão — zomba e já sei que vai me infernizar por isso no mínimo uma semana. Largo o homem acinzentado e ele acena para ela. — Não tem mais o que fazer, Morgan?

— Tenho. — Ri baixinho fazendo meu sangue ferver. — Se precisarem de camisinh…

— MORGAN! — grito alto o suficiente para que todos os andares do prédio escutem e ela fecha a porta rindo como uma palhaça.

— Sabe, eu ainda tenho a cópia do contrato de boas maneiras das minhas funcionárias. — Caçoa com um sorriso maldito.

— Tudo com você é contrato? — Bufo e volto a sentar na minha cadeira e ele na sua.

— Minha advogada insiste nisso.

— Samantha quer te livrar mais fácil das duas merdas, isso sim. — Rio um pouco por lembrar de quando me defendeu por quebrar a porta do tribunal. — Thomas, por mais tocado que eu esteja, não sabe se ela te ama.

— Mas não é esse o sacrifício? — Ergue uma sobrancelha determinado.

— Não se pede compromisso a uma mulher sem saber a resposta. Eu não pediria sem ter certeza. — Não recebo um não desde o quarto ano de bolsista, exceto pela minha *Traficante de Emoções*.

— E se fosse a Mia?

*Se vamos pegar no meu ponto fraco pelo menos avise antes.*

Me ajeito no encosto e levo minha mão ao queixo.

— Se um dia eu achar que chegamos nesse patamar, teria certeza da resposta diante de todos — respondo firme, mesmo nunca tendo pensado na ideia de me casar.

— Eu não vou pedir no meio de um shopping! — Ele ri e ergo uma sobrancelha.

— Por que não? Julga pedidos em público?

— Não sou fã. — *Essa doeu.*

— Ah! Claro, esqueci que está em um relacionamento com si mesmo. — Caçoo.

Thomas revira os olhos tão fortemente que quem ri agora sou eu.

— Sua suposta noiva é bailarina, ela ama palco, o idiota é você.

— Esse é seu jeito babaca de me dar uma dica? — Eu odeio quando ele percebe meus planos e se vangloria por isso.

— Obviamente não. — Nunca irei admitir nada. — Só me faça o favor de esperar o Halloween passar, se ela estiver estressada com decoração vai jogar esse anel na sua cara — digo e sua boca sorri mais que criança abrindo chocolate na Páscoa.

— Então, apoia?

— Está aqui para a minha aprovação? Eu não sou o pai dela.

— Não, mas é meu...

— Eu sou o quê? Você ia dizer amigo? — Rio alto debochando.

— Por que você é assim? Até parece que não quer isso.

*Não quero mesmo.*

— Thomas, por acaso esqueceu que eu te odeio? — relembro, apontando para a minha cabeça em sinal de memória.

— Ah, então, por isso está falando comigo até agora?

— Você é um otário. — Bufo.

— Falou o imbecil!

Jogo meu olhar de Raiva Súbita e os olhos cinza de baunilha tentam copiar em um silêncio profundo, mas logo ele desiste e corta. Bom mesmo, ele iria perder.

— Será que podemos agir como mocinhas maduras? — Cruza os braços amarrotando o terno.

— Mocinhas maduras tomam *whisky*? — Estava com saudade de álcool e não refrigerante de festa.

— Eu tomo vinho.

Óbvio, as Vinícolas Foster. Porto é o centro de vinho, e também por causa da cor imagino. Vermelho.

— Não está nervoso apenas pela minha chegada, está? — Derramo o líquido em dois copos de vidro escuro.

— Não vale o seu tempo, e eu não confio em você para contar — digo, tomando um gole e entregando o veneno alcoólico para ele.

— Houve um tempo em que eu era a primeira pessoa a quem contava suas conquistas. — Dá de ombros como se fosse importante.

Contava mesmo e daí? Só ele ligava para a minha lista de profissões de mulheres que eu gostaria de transar antes de morrer.

— Porque não é educado falar de quantas mulheres tracei com a Sarah.

— O que tem a perder me contando?

Parando para pensar, nada, mas isso dá abertura a minha vida a ele de novo, o que é ruim, mas eu preciso falar, preciso desabafar…

*Ah, que se dane!*

— Mia vai trabalhar no sétimo andar, não é tão distante, eu sei, só que é uma mudança e ela nem foi ainda e estou com dificuldade. — Ele ri e me

arrependo imediatamente de ter dito qualquer coisa. — Quer saber? Esquece!

— Desculpa! Espera, desculpe rir. É só que eu moro há mais de alguns passos da Sarah, entende? — Coça a nuca.

— Não pedi uma comparação.

— Vamos parar de fingir que é apenas pela distância? Não é a Beca que trabalha no sétimo andar? — *Memória boa, hein.*

— É. — Apenas isso sai da minha boca.

— Antes de você quase me mat...

— Dia glorioso! — Levanto um dos braços em sinal de conquista e ele revira os olhos.

— Não estava com ela?

— Não necessariamente.

Tínhamos algo aqui e ali, os seis meses juntos mesmo vieram após o luto… caramba, eu não tinha percebido há quanto tempo já conheço essa mulher.

— Ela significou algo pra você? Às vezes parece casual, mas não é.

— Eu sou feliz com a Miranda — corto qualquer possível fala dele que duvide da minha decisão.

— Eu não perguntei isso, você gosta da Rebeca? — repete, enrolando o dedo na gravata cinza.

— Ela me fez uma queixa de assédio e depôs contra a Sarah — digo para mim mesmo.

— Mas você tem dificuldade de responder perguntas simples, não é? Perguntei se gosta dela! — eleva o tom, tirando a gravata do colarinho como se esticá-la o acalmasse.

— Eu gosto — confesso o que nunca quis admitir e na verdade nem pensar nisso. — Acho que se não gostasse a teria demitido.

— A Sarah sabe disso? A Morgan? Ou até mesmo a Mia?

Três mulheres me odiando ao mesmo tempo não é vantajoso.

— Para quê eu contaria? Elas a odeiam e não faz diferença para mim. Eu apenas não a odeio, ela me ajudou demais no luto e eu a tratei muito… muito diferente do que costumo tratar as mulheres na minha vida — admito, esfregando os olhos com uma mão. Não me orgulho do que fiz.

— Eu não estou entendendo a raiz do problema. — Franze o cenho.

— Rebeca é uma líder nata, tem uma espécie de tribo... eu tenho medo que elas façam algo com a minha namorada, é isso. Essas redatoras são um inferno, na minha época só consegui trabalhar naquele andar depois de cantar todas. E a Sarah? Até hoje não sei o que ela fez para ter o respeito delas. — Assim que cito o nome da Dama Vermelha ele dá um sorrisinho idiota.

— Sarah é a mulher que todos têm inveja, ela sabe disso e usa contra esses ataques. Se ela não liga, as outras não vão também. — Deixo que se declare como cachorro e quando ele percebe que estou esperando, balança a cabeça saindo dos pensamentos vermelhos. — Tribo? Essas mulheres não são adultas?

— Às vezes me surpreendo com a idade mental das pessoas... o que faria no meu lugar?

— Trevor. — Ele ri. — Eu sou CEO. Se não quisesse ela nesse andar. Ela não estaria lá — responde, bêbado de poder.

O pai entregou o império a ele, nunca teve que se preocupar em conquistar território como eu.

— Eu não tenho esse poder.

— Olha, eu não teria esse problema com a Sarah, ela é muito forte — fala como se a minha namorada não fosse, ela pode ser muito fofa, mas também é uma guerreira.

— A Miranda é forte — afunilo, franzindo o cenho pela insinuação ridícula.

— Então, deixe ela lutar a guerra.

— Ela já perdeu muitas batalhas. — *E como essa mulher sofreu.*

— Se colocá-la em uma caixa de vidro, ela nunca vai se tornar alguém importante nessa empresa. E eu acho, me corrija se estiver errado. Miranda

não veio do outro lado do mundo para te conhecer, está aqui para trabalhar. Deixe que ela faça sozinha.

— Quando fala assim eu me sinto uma besta. — Bufo e ele ri alto.

— Trevor, você sofre demais porque é altruísta. Eu sou egoísta, não me importaria tanto.

— Egoísta é aquele que pensa apenas em si mesmo, você pensa na Sarah, Sam e eu. Não sei se essa palavra te define — defendo sua própria honra.

— Eu finjo muito bem. — Dá um sorriso como se escondesse dor.

— Eu vou apresentá-la ao andar das redatoras... foi uma *dessatisfação* te ver. — Concordar com ele é demais, preciso ter um pouco de amor próprio e fazê-lo se colocar no lugar do homem que eu odeio.

— Foi uma *satisfação* te ver, Fada Branca. — Estampa um sorriso em meio as covinhas do seu rosto.

Talvez, eu sinta falta dele, mas só talvez.

## MIA ROSS

Delegar. Eu perdi muitas coisas na vida, acredito que isso me deixou mais propensa a não sofrer tanto ao delegar. Quando se perde a mãe aos oito anos, começa a ter outra figura de inspiração e assim por diante.

*Estou em fase de mudança.*

Empacotando algumas coisas da minha sala, ou antiga sala, para levar comigo no meu próximo ninho. Soube que é apenas uma mesa, fiquei um pouco chateada, mas sei que vou me acostumar.

— Mia, por que está empacotando suas coisas? — Minha carruagem portuguesa chega e já questiona minhas ações. Me viro para ele que está encostado no batente da porta como um cachorrinho perdendo o dono e resolvo explicar o óbvio.

— Trevor, eu vou me mudar, não posso deixar minhas coisas aqui e alguém pode precisar da sala — digo, colocando meus quadrinhos na caixa de papelão quando ele atravessa a sala raivoso segurando meu pulso.

— Tem razão. Eu preciso, deixe aqui, leve só o necessário — ordena ríspido, franzindo o cenho, mas sei que por dentro é um Ursinho sofrendo por não poder estar tão perto dele o tempo todo.

— Não sei quanto tempo vou ficar lá embaixo, não posso ficar subindo e descendo. — explico, acariciando seu queixo e ele coloca a palma de sua mão sobre meus dedos.

— Não pode? Achei que pudesse, fez tão bem vinte e cinco vezes — a voz autoritária e promíscua que eu amo me invade criando um sorriso sem graça em meus lábios. — É apenas até o Natal, depois volta a ser minha.

*Acho que essa situação engatilhou a possessividade dele.*

Estende uma das mãos como se me convidasse para dançar, seguro e ele me puxa para si colando nossos corpos. Eu o abraço e ele me envolve inteirinha com um aperto forte cheirando minha cabeça.

*Ele ama me cheirar.*

— Eu sei que você é forte — ele murmura quase que para si mesmo.

— Eu não malho muito — brinco e consigo tirar um sorriso dele.

Caminhamos até a caixa de metal e enquanto ele leva minha caixa como um cachorrinho adestrado, fico nostálgica quando se coloca atrás de mim e traz o nariz ao meu pescoço me atiçando. Eu me lembro da primeira vez que conversamos nesse elevador, você me encarava com tanto desejo, Trevor, e eu ficava bobinha só de imaginar que você poderia me beijar.

*E hoje? Eu te beijo todos os dias quando eu quero.*

— Acho que pelo menos o contato no elevador vai ficar mais excitante — sussurra, beijando meu ombro.

— Hum… sem dúvida. — Ofego, arrepiando o corpo todo.

**7° andar**

Local não muito explorado por mim, casa de redatoras, que dizem ser azedas e um pouco grossas. Detalhes em muito vidro e as cores base da empresa, dourado, preto e cinza.

Trevor abre a porta transparente de uma sala ampla com diversas mesas pretas com computadores e mulheres executivas que param de

trabalhar pela abertura. Ele as ignora e me guia até a terceira mesa perto da parede.

— Essa era minha mesa — diz apontando para um TW meio sujo sobre uma plaquinha na superfície. Muitas pessoas já usaram, aparentemente. — Não vai ser tão novo sentar em mim... nela, na mesa! — Ele ri, tento segurar a risada, mas falho.

*O que é ruim já que a sala entrou em silêncio e só se ouve meu som.*

Trevor me entrega a caixa e vou colocando as coisas sobre o meu mais novo ninho enquanto ele encara cada ação minha enrolando os dedos no meu cabelo.

— Eu te vejo no almoço? — os olhos brilhantes castanhos me pedem. Sei que está sendo difícil para ele.

— Eu vou ver com o Ted, mas acho que sim. — Minha resposta o faz sorrir. — Trevor, meu cronograma contin...

— A Rose te enviou por e-mail — interrompe ágil antes que eu termine.

Estou me sentindo mal por esse silêncio todo ainda mais com ele ainda está parado olhando para mim.

— Já pode ir! — Rio colocando as mãos na cintura.

— Sim! Eu vou... Princesa, se precisar de mim é só chamar — ressalta, dando passos de tartaruga até a porta.

— Eu sei.

— Para qualquer coisa — acrescenta o óbvio.

— Eu sei.

— Se o papel emperrar na impressora, eu posso tirar — oferece e nego com a cabeça.

— Trevor, nem vai reparar que saí, vai ver! — digo para tranquilizá-lo.

— Espero que sim, embora saiba que não é verdade. — Quando acho que vai embora de vez, volta puxando meu queixo para si e me dá um selinho que retribuo.

*Ele literalmente não liga para toda essa sala.*

— Até o meio-dia, Srta. Ross.

— Até o meio-dia, Sr. White.

Assim que ele sai da sala escuto algumas risadas e tento ignorar, pensar que não é por minha causa. Até porque, como poderia ser por mim? Nem me conhecem.

Termino de arrumar a mesa e desligo o computador, já que não uso tanto.

— Não sei como pretende trabalhar sem notebook — uma voz perto da minha mesa diz.

Me viro para responder e encontro uma mulher de cabelos pretos com pele bem branca.

— Eu uso mais o iPad, gosto do deslizar da caneta, faz anotações melhor e...

— Eu não pedi uma biografia! — Ela ri e outras acompanham.

Dou um curto sorriso e volto ao e-mail da Rose.

Talvez eu preferisse trabalhar sozinha na minha sala, mas sei que posso aguentar isso.

— Eu preciso dos textos para avaliação ainda hoje. — A porta de vidro se abre novamente e a Líder da Tribo é quem fala.

*Ódio dessa mulher.*

Ela dá uma pequena pausa quando me vê, encarando meu corpo de cima a baixo. É, ela também parece me odiar.

— Bem-vinda, Srta. Ross. Espero que tenha o talento que tanto ouço falar. — O rabo de cavalo oxigenado da Rebeca deixa algumas pastas em um gaveteiro e sai.

Essa mulher precisa de um pouco de açúcar, parece tão grossa. Na verdade acho melhor adoçante, açúcar está mais para alguém carismático de verdade como Trevor. Ela precisa de adoçante, assim como esse andar.

*Andar Adoçante.*

Algum tempo depois de quase me cansar de ouvir murmúrios fofoqueiros, Teodoro abre a porta transparente da prisão.

*Deus, já chamo assim?*

— Oi, Mia. — Ele agacha perto da minha mesa. — Não sabia que já tinha descido, como está indo? — pergunta gentil, alisando a camisa estampada com flores verdes.

— Acho que bem — respondo o fazendo erguer uma sobrancelha, mas não deixa de se concentrar no que veio falar.

— Eu vou viajar por alguns dias, então, por favor, avise ao Trevor para que você não morra de fome. — Ele ri da minha falta total de aptidão gastronômica.

— Para onde vai? — questiono segurando sua mão, odeio ficar longe dele, é meu melhor amigo, conto tudo a ele.

— Visitar aquela minha tia... só preciso me desligar um pouco. — As palavras saem como de costume, mas seus olhos estão frios. O que não é comum para um homem tão alegre e risonho.

Eu me lembro dela, foi a única da família que o apoiou quando se assumiu gay.

— Eu apoio, estou aqui para te ajudar, humm... posso pelo menos ajudar nas malas? Poxa, acabei de voltar, nem conversamos direito sobre o Brasil — peço, mordendo meus lábios esperando que sinta pena.

— Podemos, aí você pode me contar. E relaxe, é pouco tempo, você aguent… — Ele ri e se cala antes de terminar a frase. — Acho que eu mesmo vou pedir ao Trevor que te ajude. — Caçoa e reviro os olhos.

— Ei, posso muito bem me virar sem um homem — me defendo, mesmo o vendo quase explodir de risadas. — Te vejo em casa, então?

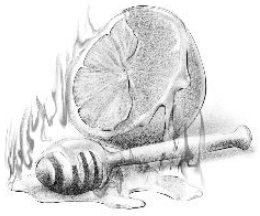
— Ansioso para as malas. — Ted dá um beijinho na minha cabeça e caminha para fora da sala.

Estava meio amuado, será que está doente? Febre? Vou investigar mais depois.

— Acho que precisa de horário de visita. — A mesma mulher solta e reviro os olhos para mim mesma fingindo que não ouvi.

*Espero que seja apenas hoje esse falatório.*

20



# Bacon Desinfetante

*Mal posso esperar*
*Para levá-lo a este quarto*
*Você nunca quer sair do meu quarto*
***1501 - Dinah Jane***

## MIA ROSS

Desinfetante. Produto usado contra micro-organismos causadores de doenças, utilizado em superfícies e objetos duros para eliminar fungos e bactérias. Sinto no fundo do meu peito que sou inconveniente no *Andar Adoçante*, como se todas quisessem me desinfetar por Raiva Súbita. Eu sou tão ruim?

A semana foi relativamente boa.

*Ah! Quem eu quero enganar? Foi péssima.*

Eu era feliz trabalhando com Trevor e não sabia. É aquele ditado ou frase, só vai dar valor depois que perder. Eu o perdi, para ficar com essas integrantes da tribo. Pelo menos a líder delas não apareceu muito nesses dias, deve estar com raiva de mim também.

Teodoro, vulgo meu anjo protetor, saiu de casa.

*Foi aí que percebi que sou inútil.*

Era ele quem cozinhava e comprava coisas como papel higiênico. O que claramente está faltando e nem tempo eu tenho para ir ao mercado, porque essas mulheres me olham como abutres prontas para me criticar.

*Diferente do Sr. White... que olhava para mim por outro motivo.*

Juntei minhas coisas e deixei o iFood aberto para não morrer de fome, enquanto volto para pegar meu carregador que esqueci na sala.

*Está dando mais motivo a elas?*

Conforme vou me aproximando da porta xingando mentalmente por ter me distanciado do paraíso de avelã, ouço algumas delas conversando.

— Ah! Tina, sabe que é temporário. Ele vai voltar pra loira e essa garotinha não vai aguentar ficar na empresa.

*Ah, mas só pode ser brincadeira.*

*Já não basta implicarem comigo a cada cinco minutos, agora vão falar da minha vida pessoal?*

— Eu nem entendo por que estão juntos.

*Por que ele me ama?*

— E alguém entende? A Sarah é tudo mais que ela.

*Mais que vocês todas também, ridículas.*

— Eu soube pela secretária do segundo andar que ele traiu ela com a loira em uma conferência.

*Se tivesse me traído, não estaria com ele.*

MAS QUE FOFOQUEIRAS!

— Acho que tinham terminado.

**Obrigada!**

— E ele é culpado? A Sarah é a rainha e ela é o quê? — Risadas, são muitas risadas, elas riem de mim. — A boba da corte.

*Princesa… ele me chama de princesa.*

Meu coração acelera e consigo senti-lo bater com força a cada segundo, deixando meu rosto mais quente. Quente como fogo, a Relação de Fogo que temos. Por que me importo com essas besteiras? Não é verdade. E meu corpo sabe disso? Não chore. Você é melhor do que isso. Não deixe que elas tirem conclusões.

— Soube que ele deu uma aliança a ela?

— De plástico só se for!

*Mia, por favor, segure…*

Antes que eu me mergulhe em fraqueza profunda, o cabelo ruivo entra na sala por outra porta de vidro e agradeço aos céus pela interrupção. Rose caminha até o gaveteiro de pastas escutando as besteiras como se fosse algo normal dessa tribo. E talvez seja.

— Plástico ou papel!

— Do que estão falando? — a ruiva pergunta se inclinando totalmente sobre as pastas procurando entre as letras.

*Não queira saber.*

Se bem que todas parecem gostar dela, como se a respeitassem.

— E qual assunto seria? O surto do diretor criativo com a bolsista da favela.

— Brasil não é apenas favela. E por que surto? Ele gosta muito dela. — Suas palavras aquecem meu coração.

*Eu não tinha ideia de que ela gostava mim.*

— Ah! Rose, você também? Não odiava ela?

— Eu dou apoio a Sarah. Se derem uma chance a ela vão ver que é uma boa pessoa, Trevor tem bom gosto.

*Tem mesmo, escolheu colocar você também na vida dele.*

— Só se for por gostar dele mesmo. Deus, já viu aquele peitoral? — a voz de assanhada brinca com o cabelo como se tivesse alguma chance.

— Tina, deixe de ser ridícula, só um pouco — a ruiva pede irônica, como se debochasse dela.

— Só porque você nunca viu! — provoca e Rose ri sozinha.

*Trevor disse que ficaram por um tempo.*

— Ele foi meu primeiro e único namorado, então sim, eu já vi. — Assim que revela todas se calam.

COMO ASSIM NAMORADO?

ELE NAMOROU A ROSE?

FICAR NÃO É NAMORAR.

POR QUANTO TEMPO?

*Mia... pode não ter um surto?*

— O quê? Antes da Sarah? Mentira?!

— Não falo disso com ninguém.

*Pelo visto nem ele.*

— Nem com ele mesmo? Por que tanta descrição?

— Já faz quase nove anos, essa história é mais antiga que museu... e não deveria ser contada.

— Você tinha o quê, dezoito?

— Dezessete.

*Ela era nova demais.*

— Está aí! Se ele ficasse com você, não falaríamos nada.

— Por que tem que falar alguma coisa? Ele ama ela. Ama mais do que a Sarah, senão aquela merda do projetor não teria acontecido. Cuidem da vida de vocês.

*Obrigada, Rose, me deu a coragem que faltava.*

Entro na sala, me dirijo a minha mesa e no mesmo segundo as risadas e sussurros param.

— Rose — cumprimento.

— Mia.

— Esqueci meu pen drive — digo, segurando o pequeno objeto nas mãos.

— Ah, sim… Trevor te deu o convite da festa de Halloween? — Lança o assunto antes que eu suma da prisão.

— Não, mas provável que eu vá com ele, por quê? — Ergo uma sobrancelha enquanto ela alisa uma pasta vermelha nos dedos.

— Queria saber se posso colocar seu nome nos jogos da Sarah. — Morde o lábio quase sem batom me encarando com os olhos verdes profundos.

— Trevor… ele costuma jogar? — Coço a nuca sem saber o que responder.

— Alguns. — Ela ri. — Essência Luminosa.

— Hum, esse eu lembro! — Acompanho a risada e as outras reviram os olhos. E como eu me lembro do meu chefe me fodendo na sala de espelhos. — Olha, se a Sarah quiser, posso ir, acredito que ela planeje tudo.

— Como sempre. O Cortez viajou, está tudo bem em casa? — *Ela se importa comigo de verdade?*

— Ah, sim... só a comida que tenho pedido de restaurante — admito com um sorriso sem graça.

— Trevor é um ótimo chefe de cozinha.

— Eu sei... ele já faz tanta coisa por mim, prefiro me virar nisso. Foi bom te ver, Rose— me despeço e assim que me aproximo da porta de vidro ela acena.

— Igualmente.



Confesso que chegar em casa sozinha é muito solitário, porém mais independente.

Eu não sou a boba da corte.

Posso cozinhar algo.

Penso bem confiante comigo mesma até que tropeço em algumas roupas no chão e caio no sofá. Certo, a casa está uma bagunça, Ted também arrumava tudo. Quando ele volta? *Mas que merda!*

Faço um coque enquanto tiro minha roupa e jogo na pilha com as outras.

Depois vou cuidar disso.

Posso fazer comida.

Eu consigo.

Basta escolher a receita.

O que estou com vontade?

*Batata! Aquela batata com Bacon e cheddar.*

*Poderia pedir no iFood...*

**Mia!**

Procuro na internet as instruções e encho uma panela com água quente e sal, de acordo com esse site, tenho que ferventar as batatas. Seguindo assim os passos já não parece mais um bicho de sete cabeças, é uma tarefa comum, posso até ouvir música. Ligo a caixinha de som e coloco para tocar *1501 – Dinah Jane*.

Depois de um tempinho sinto até um cheiro bom, o que deve indicar que estou no caminho certo. Estou cozinhando algo certo, o pensamento é tão novo e animador que meus lábios sorriem de orgulho. Pego meu celular para tirar uma foto da panela, na intenção de guardar uma recordação desse momento inédito. Aproximo da panela, tão próximo que a câmera pega o vapor, mais perto e...

MEU DEUS!

O CELULAR CAIU LÁ DENTRO!

O QUE EU FAÇO?

Tento tirar com a mão e me queimo levando meu dedo à boca para alívio. *Sua burra, desligue a droga do fogão!* Faço e o vapor aumenta, mas consigo ver algo através da neblina… desligou, a tela está desligada, tinha que ser eu!

*Mas que droga, droga, droga…*

Abro a gaveta de talheres e aposto todas as minhas fichinhas no pegador de salada… funcionou, ah, graças a Deus! Não, não, não, tinha vinte euros na capinha? Sério isso?

*Tenho que ser tão desastrada?*

Dizem que o celular tem mais germes do que a tampa da privada, ou seja, minhas batatas já eram. Eu quero gritar. Eu quero gritar muito alto. Mais alto do que quando meu namorado me pega de jeito. Seguro com força uma almofada largada no chão e enfio meu rosto como se não houvesse amanhã.

— AAAAAAAAAH!

Uso toda a voz que tenho, cada pequena lasca de som que poderia sair da minha boca saiu por puro ódio de mim mesma. Sento no chão gelado derrotada e abraço meus joelhos pensando em como sou inútil. Eu entendo o porquê daquelas redatoras malditas ficarem surpresas por Trevor me escolher. A Sarah sabe até fazer bacalhau e eu? Nem uma água consigo ferver sem quebrar meu celular.

*Eu vou morrer de fome e talvez até sozinha, é isso.*

Deixo de me martirizar por um instante e levanto dando passos firmes até a geladeira na espera de encontrar algo diferente das pedras da rua que eu possa comer.

- Ketchup

- Limão

- Mel

- Manteiga

- Leite

- Queijo

**Queijo!**

*Dá para comer queijo.*

Um sorriso se abre em meus lábios com a ideia de abocanhar um bom pedaço, mas minha alegria dura pouco quando vejo que está vencido.

Foda-se. Quem precisa comer? É tão ultrapassado, emagrecer é bom.

Desisto da vida de cozinheira *gourmet* e cogito assistir a terceira temporada de *YOU*, lançou agora dia quinze, mas a protagonista cozinha, me daria fome demais. Quem se importa? Melhor do que rever Grey's Anatomy pela sétima vez.

# TREVOR WHITE

Desinfetante. Miranda é uma espécie de desinfetante para mim. Desinfetou as merdas da minha vida ou pelo menos a maioria delas. Ela acha tão pouco de si mesma, gostaria que se visse como eu a vejo.

Prometemos ligar toda noite um para o outro, já que ficamos longe no trabalho. Eu nem sei como ela está sem o cara de estampa no apartamento. Queria tanto que Mia ficasse comigo, pelo menos até o Cortez voltar.

*Sonho seria eu poder alimentá-la todos os dias.*

Eu não estou nervoso… talvez eu esteja sim, martelando milhares de paranoias ridículas, porque já liguei duas vezes e ela não atendeu. Duas vezes é razoável em um tempo de trinta minutos, por isso não há motivo para surtar.

*Só que agora já faz uma hora.*

Vou ligar de novo, pela terceira vez e última ligação que irei fazer para ela, porque a próxima vai ser para a polícia. Qual é o seu problema? Ela deve ter dormido.

Ligo mais uma vez.

Só escuto chamar.

E nada.

**Nada.**

E se ela desmaiou de novo?

E SE ELA DESMAIOU DE NOVO?

Chega. Eu não vou ficar aqui perdendo cabelo por tamanha preocupação, nós somos namorados e adultos, eu tenho direito de saber como está. Tenho o endereço e posso sim vê-la.

Corro com o carro, passando as ruas, luzes, lojas e a arquitetura que tanto amo, mas que infelizmente não tenho tempo de analisar. Estaciono em frente ao prédio e faço um sinal para Simão, o homem que me deixa nostálgico e com vontade de poder conversar mais uma vez. Meus pés jogam impulsos no chão como se fosse a última vez que caminhariam tão

exaltados. Encontro seu corredor na velocidade da luz e conforme vou me aproximando da porta…

*Que cheiro é esse? Ela queimou algo?*

ELA QUEIMOU A CASA?

*Pare. Ela não queimou a casa, seu desesperado. Pare de pensar no pior.*

Fecho o punho com toda a força que tenho e transfiro os pensamentos negativos e pessimistas todos para a madeira que espanco sem parar.

— Miranda! Mia, está me ouvindo? — eu elevo meu tom, nunca interrompendo o ritmo contínuo das batidas, mas apenas escuto a televisão. Não, não, não. Empurro meu dedo sem piedade sobre a campainha apertando tantas vezes seguidas que minhas mãos até doem.

— JÁ VOU! — a voz de mel grita alto o suficiente para que o prédio inteiro escute, acabando de vez com meu desespero e os sons que causo para chamar sua atenção.

**Ela está viva.**

O som doce e estridente repleto de limão e mel inicia um processo de relaxamento para com a minha respiração. A cada segundo me deixando mais calmo com o barulho das chaves que mostram que está aqui comigo.

— Qual é mesmo? — pergunta a si mesma baixinho. — Essa não. Espera, acho que essa é da lavanderia... achei! — Depois de algumas tentativas falhas ela abre a porta entreabrindo os lábios surpresa com a minha presença. — Ah, oi. — A mulher sorri com o coque desajeitado junto a uma blusa tão transparente que posso ver a *porra* dos seus mamilos durinhos me chamando para chupá-los.

*Trevor, se comporte.*

— Está brava comigo? — eu murmuro, enfiando as mãos nos bolsos com os mesmos pensamentos que tive no veículo. O que eu poderia ter feito de errado?

— O quê? Não, por que eu estaria? — Ergue as sobrancelhas confusa.

— Não atendeu minhas ligações, achei que tivesse acontecido algo, por que não atendeu? Fiquei preocupado, sabia? Você não pode fazer isso

do nad...

— Ei, calma! Eu... assim, eu estava tentando cozinhar. — Coça a nuca e logo se esconde de mim cobrindo o rosto com as mãos.

— O que tem a ver?

— É que eu fui ferver uma panela, aí... aí eu fui tirar foto, porque não cozinho muito, só que aí... Trevor, eu derrubei o celular dentro da panela.

— Fez o quê? — repito na tentativa de confirmar o absurdo que ouvi sem conseguir segurar o quão alto estou rindo.

— Ah! Vai rir de mim? — Se enraivece e ameaça fechar a porta.

— Não, desculpe... desculpe! — peço, segurando a risada com todas as minhas forças. — Como fez isso?

— Nossa, Trevor! Super normal, fui tirar uma foto e caiu, mas que saco. — Coloca as mãos na cintura, completamente vermelha de estresse.

— Não ligou mais?

— Coloquei no arroz.

— Posso entrar? — Mordo minha boca tentando comovê-la por não aguentar mais ficar sozinho em casa.

*Me deixe entrar, por favor.*

— Eu tenho que lavar banheiro e não acho isso muito sexy, sabe? — Nega com a cabeça.

— E por que tudo que fazemos tem que ser sexy? — Lhe dou um sorrisinho de canto.

*As melhores partes de um relacionamento são as comuns.*

— Ah! Sei lá, você tem faxineira, essas coisas.

— E quem acha que lavava o banheiro quando eu morava com a Sarah? — questiono e assim que digo ela cai na risada por pura pena.

— Não revezaram?

— A Sarah não era muito de negociar... nós tentávamos, em parte.



***— Poderíamos revezar, Sarah! — Me irrito, jogando o balde no chão tão estressado que meu sangue ferve como lava.***

***— Eu não vou lavar banheiro, você que urina fora da privada, cachorro. — Revira os olhos lixando a unha sobre o nosso sofá preto.***

***— Isso não é verdade. E os seus batons? A pia fica imunda de vermelho! — Tomo seu pulso e tiro a lixa ridícula de seus dedos fazendo com que seu rosto inteiro enraiveça franzindo o cenho enquanto me encara com os olhos azuis.***

***— Quer transar hoje? — Ergue a sobrancelha junto a saia vermelha que embola no seu quadril.***

***Porra, mulher, assim não…***

***— Então lava a merda do banheiro — ordena e pega de volta a lixa.***

***— Eu sou o quê? Um escravo? — Nego com a cabeça, obedecendo, ao arrumar os produtos no balde.***

***— Nisso podemos revezar. — Os lábios vermelhos sorriem com malícia.***



Mia não para de rir e abre a porta por completo aceitando a minha entrada.

Ca. Ram. Ba. Essa casa está uma desordem, completamente bagunçada, seus vestidos criam pilhas enormes em todo o cômodo, bolsas,

pastas e até algumas sacolas de *delivery* estão largadas. Miranda, você é tão limpinha, como pod… *e esse cheiro de queimado?*

— O que estava tentando fazer? — enfatizo o *estava* porque com certeza não conseguiu.

— Batata, aquela com cheddar e bacon — diz, jogando a panela na pia.

— Por que não pediu no *iFood*? Daquele lugar que você gosta — questiono, retirando alguns vestidos do chão e dobrando sobre o sofá.

*Ela chama todo delivery de iFood, demorei a entender isso, é algo brasileiro. Aqui temos Uber Eats e Glovo.*

— Eu não sou inútil! — Ela se vira para mim e franze o cenho irritadíssima, como se eu a houvesse ofendido profundamente.

— Mas eu não disse… — *Espere um pouco, como chegamos nesse assunto?* — Quem te disse isso? — Deixo de dobrar e me aproximo exigindo uma resposta.

— Ninguém, eu só acho. — Dá de ombros, me deixando com raiva por estar se diminuindo.

— Da noite para o dia, decide cozinhar e fala que é inútil? — Ergo uma sobrancelha.

— Olha, eu estava vendo série e você está me atrapalhando. — Bufa, pegando o controle embaixo de algumas camisas do Cortez.

— Desculpe. — Levanto as mãos em defesa. — Se importaria se eu arrumasse um pouco sua sala e terminasse a receita? Imagino que ainda esteja com fome — digo e volto a encará-la após verificar o queimado na cozinha.

Miranda fica boquiaberta, seus lábios se entreabrem e os olhos de mel lacrimejam emocionados como se eu tivesse feito a declaração de amor mais romântica da face da Terra.

— Pode… se você puder, por favor — diz baixinho, fungando o nariz ao limpar o rosto.

— Mia, está chorando? — questiono, puxando seu queixo sem acreditar ou sequer entender o que está acontecendo.

— Não… é que... obrigada. — Coça a nuca sem graça, irritada consigo mesmo por chorar. — Só tinha queijo vencido, não tinha como eu pedir comida, e as batatas? Pelo visto sou incapaz. — Cobre o rosto em negação e escapo um sorriso.

— Miranda, você não é incapaz de nada. Só não foi prioridade aprender, está morando sozinha há alguns meses, trabalha muito, é normal errar — explico, beijando sua testa.

*E na verdade, sozinha não, Teodoro está com ela.*

— Tenho certeza que você não derrubava celular em panela ou deixava as coisas queimarem. — Bufa, revirando os olhos.

— Talvez não, mas deixava minhas camisas brancas da cor vermelho vivo, porque ninguém tinha me ensinado a lavar roupa separada. E também já me queimei com ferro de passar, então não é só você.

— Aquela cicatriz na lateral da sua mão é isso? — questiona, apontando para o meu maior acidente doméstico. Eu desesperei tanto quando isso aconteceu, minha pele ficou em carne viva, podia ver até mesmo os tecidos celulares cada um com uma cor. Tudo por causa de uma gravata, por isso nunca mais usei.

— É. — Ela ri tão alto que nem mais lembro que há dois minutos estava chorando.

— Achei que tivesse uma história com ursos em florestas!

— Engraçadinha. — Ofego, beijando sua boca chorosa.

# MIA ROSS

Também tenho que adicionar na lista do confessionário que Ted sempre ajudava no banheiro, mesmo quando não era sua vez.

*Onde ele foi mesmo?*

Peguei um balde e coloquei todos os produtos que julguei necessário. O meu favorito, o *Desinfetante*, tem um cheiro tão bom de... lavanda! Deve ser por isso que gosto do cheiro do Trevor, é tão confortável e carinhoso. Ele passou em um mercadinho aqui perto faz um tempo e comprou algumas

coisas para a receita. Já consigo sentir o odor de bacon e o cheddar derretido.

*Preciso de mais tempo com ele na cozinha.*

— Ela matou mais alguém? — Trevor pergunta sobre a série, enquanto mexe salgado na panela.

— Ainda não. — *Love*[14] *é louca, pode matar a qualquer instante, diferente do Joe que planeja tudo.* — O clima está tão... de Halloween com essa série.

— Verídico, mas ainda falta meio mês. Falando nisso... você vai comigo na festa da Sarah?

— Acho que quando se está em um relacionamento já fica explícito que vou — digo, ajeitando os paninhos para a lavagem da pia.

— Desculpe, só quis fazer um convite! — Levanta as mãos em defesa mais uma vez largando a colher.

Estou estressada? Claro, aquelas redatoras me fazem querer chorar e isso me deixa com muita raiva, porque são como *haters* da internet, totalmente desocupadas disseminando coisas que não são verdade. Elas não sabem nada de mim ou do meu trabalho e insistem em me diminuir, deve ser por isso que continuam medianas na empresa.

*Poderia contar ao Trevor...*

Para quê? Preciso lidar com meus problemas de trabalho sozinha.

— Terminei! — Ele sorri limpando as mãos e se aproxima dos produtos que seguro nas mãos. — Tem que esfriar um tempinho, enquanto isso podemos limpar o seu banheiro.

— Ah... qual parte você quer?

— Qual você não gosta de fazer?

— Poderia ficar com o box, as 1pastilh... só trouxe essa camisa? — questiono porque sei que com certeza vai sujar.

— Sim, por quê?

— Acho melhor tirar, sabe. Ela pode sujar. — Sugiro, mordendo o lábio sem nem perceber.

*Ou também porque é uma ótima visão…*

— Melhor assim, Srta. Ross? — Trevor desabotoa cada botão da camisa aos poucos me encarando. Desliza o tecido para fora de seus ombros e braços revelando o peitoral que me dá água na boca e me entrega o tecido.

— Uhumm…

— E por que você não cuida do chão? Vai ser bom te ver empin... limpar — se corrige envolvendo meu pescoço nas mãos e meus lábios soltam um sorriso involuntário pelo seu humor promíscuo.



Cansada.

Estou exausta de tanto esfregar cada centímetro daquele banheiro, mas ver Trevor usar a esponja para cima e para baixo nos azulejos me deu incentivo... o abdômen dele se movimentava tão firmemente.

*Mia, até parece que lavar banheiro é sexy!*

Ele termina de secar o box e me inclino na pia quase despencando e se eu fechasse os olhos por alguns segundos?

*Um, dois, três...*

Adormeço por alguns segundos quando sinto um jato de água molhar meu rosto inteirinho. Minha maquiagem borra, minhas bochechas ensopam e permaneço imóvel desacreditada.  Abro os olhos com dificuldade e fico boquiaberta pela ousadia.

— JOGOU ÁGUA EM MIM? — grito, dopada de ódio enquanto limpo meu rosto na camiseta.

— Disse que lavar banheiro não era sexy, pronto, te deixei molhada. — Ele ri alto ecoando pelo box, enquanto brinca com o chuveirinho.

— Nossa, Trevor… você já fez piadas melhores! — Nego com a cabeça enraivecida.

Enxugo o rosto com as mãos mais uma vez, porque ainda não foi o suficiente para me secar quando percebo que ele ainda está sorrindo. Um sorriso familiar. Não tão grande como quando eu disse sim para a nossa *Relação de Fogo*, mas maior do que quando vamos à Fábrica.

*Miranda, já não devia reconhecer o sorriso de "quero transar" do seu namorado?*

— Trevor — restrinjo, erguendo as sobrancelhas desacreditada no que está sugerindo.

— Estou ouvindo — diz, sem parar de sorrir por um segundo.

— Lavar banheiro não é sexy — proclamo quando ele dá de ombros e desabotoa deixando que a calça jeans caia na água limpa do box. — Trevor! Não, não... o que está fazendo? — *Estou rindo?* Eu fico tão boba com esse sorriso dele.

— Me despindo. É agradável, deveria tentar — provoca como se não estivesse sugerindo o absurdo.

— Quer transar em meio a cheiro de desinfetante e bacon frito? — Sorrio de canto colocando as mãos na cintura.

*Bacon Desinfetante.*

— Está pensando demais, Princesa — diz, dando alguns passos até enrolar os dedos no meu cabelo.

— Desculpe estar tão chata… ando com muita raiva ultimamente — murmuro e coço a nuca. — Não é culpa sua — admito, enquanto ergue meu queixo.

— Vamos distrair sua mente — fala baixinho, quase tocando meus lábios.

— Humm, acho difícil...

Resmungo, mas com o indicador pressiono o membro duro dentro da sua cueca azul, e chego a prender a respiração mordendo o lábio inferior quando meu movimento não muda a posição do seu pau. *Úmido...* uma pequena mancha úmida que me faz repetir o ato com o indicador. Ele está me observando. Seus olhos sempre brilham por me ver tocá-lo.

— Não tão difícil assim — sussurra perto dos meus ouvidos.

Trevor levanta meu queixo mais uma vez e faz com que meu coque desmanche quando crava as mãos nas mechas mel. Deus, como é bom deixá-lo no controle. Apenas aceitar e obedecer.

Onde está meu feminismo? Cacete, é isso que a Sarah sente? Domina o mundo de manhã e deixa ser dominada a noite, parece atrativo.

Ele aperta forte meu lábio com o polegar se segurando para não me atacar, eu sinto isso, é o que a respiração ofegante dele grita para mim. *Não resisto, quando foi que eu consegui resistir a tudo isso?* Passeio com os dedos no seu abdômen, subindo para o seu peito que me faz grudar uma mão inteira fazendo meu cérebro entender que isso é meu.

*O peitoral que elas chegam a babar.*

Me odeiem.

Podem me odiar.

Mas eu tenho o que nenhuma delas vai ter.

Ele sela nossos lábios com um beijo simples sonoro, ecoa som por todo o banheiro, mesclando toques que me deixam ainda mais molhada. Esse som é tão *promíscuo*. Beijar não seria beijar sem esse som carnal tão excitante. A cada junção me contorço mais, minhas pernas não se desgrudam, elas sentem a minha temperatura e se unem. As veias da escultura do seu corpo se dilatam, todas. É tão devasso. Aquela mão que ele usa para escrever campanhas, agora usa para apertar meu pescoço. Forte. Firme. Farto. É doloroso, mas pouquíssimo quando comparado a escala de prazer que sinto.

Cansa de selinhos e eu também. *Eu quero senti-lo.* A língua que ele usa nas falas elegantes da reunião, agora usa para um beijo abafado. Não respiro. Eu amo esse extremo. Não precisar de ar. Ou pelo menos deixá-lo em segundo plano, porque o prêmio tem que ser o clímax.

Ele me aperta, calca, segura minhas curvas como uma trilha, uma trilha de arrepios causada pelo seu sorriso entre os beijos. Ele quer falar. *Eu amo quando fala besteiras...* sacanagem, essa que parece ridícula quando não está molhada, porque nesse estado qualquer merda só aumenta o calor.

— Essa pia... essa pia me lembra aquela maldita festa do pijama — sussurra, beijando o meu pescoço com a língua quente.

— Humm...

— Maldita porque você me deu limites quando eu apenas queri...

— Fala... fale mais, por favor — imploro baixinho, apertando a tira da sua cueca.

— Eu conseguia ver seus mamilos por baixo da camiseta, durinhos de tensão pura, o seu cabelo cheirava limão e mel a metros e o seu olhar... ah, aquele olhar era como um desafio.

Minhas pernas se contorcem tanto que meu short fica frouxo e desliza por minhas coxas como manteiga derretida. Trevor me tira do chão e arranca o jeans da minha bunda. Segura minha cintura, enquanto mergulho os dedos no cabelo de lavanda... *cheirinho de desinfetante.*

— Fale mais... não deixe de falar, eu imploro. — Arfo contra a sua boca.

— Eu lembro como se fosse ontem o quanto me provocou, difícil te entender, dizia não pra mim, mas quando era meu corpo? Esse eu nunca te vi negar. — Abre minhas pernas e esfrega a ereção na minha calcinha com mais facilidade do que sabonete escorrega no banho.

*Como? Alguém conseguiria?*

— Você pediu... pediu e eu te coloquei ajoelhada pra mim. Só me lembro do seu rosto borrado, sufocada... teria feito mais se não tivesse me dado tantos limites.

— Eu odeio limites… — murmuro, mordendo meu lábio.

— O quanto você me quer agora, Miranda? — afunila, puxando meu cabelo para trás me deixando a sua mercê.

— Eu... eu quero demais — confesso rouca, machucando meus lábios de tanto apertá-los.

— No final, quando gritar meu nome, vai achar banheiro o cômodo mais afrodisíaco de todos.

*Perdendo apenas para o elevador...*



Eu admito... não há nada no mundo que Trevor White não possa deixar *sexy*. É como vírus, infecta tudo sem piedade.

*Como eu vou lavar banheiro de novo sem ficar excitada?*

É a pergunta que me faço deitada em seu peito, enquanto ele brinca com os dedos da minha mão mostrando carinho após as sacanagens que não cansou de me dizer.

— Está fresco — ele quebra o silêncio.

— Foi um bom banho... vai passar a noite aqui? — digo enrolada na toalha com um pequeno sorriso.

— Quer que eu fique? — Vira-se para mim me encarando com os olhos castanhos profundos que fariam tudo por mim.

— Sim, por favor… — digo, acariciando sua barba um pouco úmida. — A noite sozinha, sem o Ted, tem sido meio assustadora. Eu fico criando paranoias de assalto e sequestro.

— Eu também me sentia assim no antigo apartamento, menos quando a Sarah estava em casa. Não sei por que, já que ela não me protegeria. — Nega com a cabeça como se achasse tolo o que acaba de dizer.

— Hum, não sei não, ela tem uns saltos e unhas bem afiadas! — brinco e ele ri junto comigo. — Vocês moraram juntos por muito tempo?

— Sim, acho que uns cinco anos seguidos e depois alguns meses, mas entre casas — explica, cobrindo minha mão com a sua.

— Entre casas? — Ergo uma sobrancelha confusa.

— Eu ficava um tempo na Mansão Scott, ela ficava um pouco comigo, não sou muito fã da casa vazia.

— Acho que eu também não — confesso.

— Mia, escute… — ele pede, envolvendo meu pescoço com a mão enquanto acaricia minha bochecha. — Não é uma ordem, não posso te

obrigar a nada, mas gostaria que considerasse a possibilidade de ficar comigo até o Teodoro voltar.

— Hum… eu posso pensar? — pergunto, mordendo minha boca.

— Claro! É só isso que peço, mas adiantando… pense como seria comer o que quiser todos os dias, ter elogios brancos ao seu dispor e acordar ao lado de um cara... eu diria muito bonito, que cheira lavanda e avelã. — Se exibe com um sorriso.

*Realmente, o Hotel White é… muito atrativo.*

— Muito bonito? Eu diria um colírio aos olhos. — Ele sorri lisonjeado. — Trevor, eu sei que você me faria muito feliz, mas vamos devagar. Lembra quando apressamos as coisas no início do ano?

— Sim, eu sei. — Assim que digo fecha o sorriso.

— Não estou dizendo não, apenas estamos conversando — ressalto, fazendo o contorno de seus lábios.

— Me daria a resposta até domingo? — pede, enrolando os dedos no meu cabelo.

— Alguma data especial?

— Só pensei em um plano. — Dá de ombros com um sorriso por saber o quanto amo seus planos.

— Domingo eu te darei a resposta, Português — digo, lhe dando um selinho.

— Agora, mudando de assunto. Thomas… o cara vai pedir a mão da Sarah. — Nega com a cabeça desacreditado.

— Eu sei.

— O quê? Como assim? — Ele levanta do encosto do sofá boquiaberto.

— Ele me contou — admito e meu namorado franze tanto o cenho estressado que me faz revirar os olhos.

— Quando foi que conversaram sobre esse negócio de casamento? — assevera.

— Eu estou achando o seu tom de voz meio ciumento, Sr. White — ressalto, apontando para o seu peito.

— Não vou deixar esse homem me roubar duas mulheres. — Bufa.

— Para o seu governo eu nunca te trairia, também não sou fã de algemas e, Trevor, esse homem não te roubou a Sarah, ela ainda continua muito firme ao seu lado. Acho até que ele sente medo de você — confesso, desencostando das almofadas.

— Por que sentiria medo? — Franze as sobrancelhas agora confuso.

— A mulher que ele ama, te ama muito mais do que ele. Já parou para pensar o quanto isso deve ser difícil? — digo e ele inclina a cabeça pensativo.

— Caramba, ele deve chorar no banho. — Caçoa e escapo um sorriso batendo em seu peito.

— Eu também chorei e muito, mas eu sei que você me ama, já ele...

— Está dizendo que você é um reflexo dele?

— Ah... a situação é um pouco parecida, é só uma inversão de papéis.

Eu amo essas inversões. São como jogos de tabuleiro com as mesmas peças, mas quando modificadas, criam um jogo totalmente diferente.

*E se me permite, muito dramático.*

— O que acha? — pergunta como se eu fosse importante.

— Importa o que eu acho? É você a atração principal! — Ele tem a autoridade de um pai para a Sarah, sem a aprovação dele nada acontece. — Eu não aceitaria, muito repentino — confesso sem sorrir.

— Eu acho que ela diz não.

*Nossa, Tom vai ficar péssimo.*

— Sério?

— Uns dez por cento de dizer sim. — Nega com a cabeça como se não houvesse chance.

— Só isso?

— Ela é muito orgulhosa e ele é egoísta demais.

— Vocês são o oposto — murmuro.

— Hum? — questiona. Adoro quando usa meus resmungos.

— Você raramente pensa em si mesmo, se importa demais comigo, Sarah, Morgan, Rose... todos, menos você, já o Tom é egoísta. Ele quer as pessoas que ama apenas para ele com uma ambição sem limites.

— Isso me lembr...

— Sarah também é assim, mas tem você como ponto fraco nesse egoísmo, você não a deixa ser assim. Thomas precisa de alguém que mostre a ele que pode ser altruísta.

Mesmo eu achando que o melhor aprendizado vem das piores situações e não dos conselhos de mais experientes. As pessoas são muito teimosas.

— Não funcionaria com a Sam, ela é egoísta como ele, por isso se dão tão bem.

*Eu imaginei mesmo, os dois são bêbados de poder.*

— Amor Leal — concluo.

— Exatamente! — Trevor sorri e puxa minha boca para um selinho. — Ainda me sinto muito feliz quando entende a Lealdade.

— Demorou, mas eu me esforcei. — Sorrio de volta, retribuindo seu selinho.

*E ainda me esforço...*

# 21




*Eu só quero beijar seu pescoço*
*Porque eu sinto falta do jeito*
*Que você dança comigo*
*Você me puxa de volta*
*E eu não deveria implorar por mais*
*Mas não quero que acabe*
***Wave - Meghan Trainor***

## TREVOR WHITE

Insegurança. Dúvida constante em relação a si mesmo, sobre suas capacidades e competências. É um estado emocional de inferioridade. Acredito que a insegurança pode ser controlada com doses altas de confiança, no entanto abusar desse remédio, cria um caminhão de emoções internas.

*Hoje é um dia de questionamentos.*

Dia esse que você questiona quanto tempo durou para todas as rodovias existirem, ou não é surreal poder viajar de lá para cá de carro?

Dia esse que você questiona como colocam flores dentro de garrafas decorativas.

Dia esse que você questiona os pequenos detalhes da vida que são simplórios demais no comum.

Eu me pergunto hoje.

Por que Miranda tem medo de se entregar para mim? Morar junto com seu par romântico é um grande passo? Talvez para os casais normais, sim, mas para mim? É simples como dividir um *sundae* de avelã.

*Tudo bem... um de caramelo.*

Eu imagino mil coisas. Penso que ela sente medo por ter apostado as fichas em mim da primeira vez, e ter quebrado seu lindo rostinho de mel com nossas tempestades intensas.

*Mas... eu mudei.*

Ou pelo menos voltei a ser quem era.

Alguém melhor que não a decepcionará de novo!

Agora o desafio é fazer com que ela confie em mim e se sinta bem para dividir o mesmo banheiro.

*O banheiro é tão solitário de manhã.*

Segundo questionamento?

Morgan... eu sinto tanto a falta daquela extravagância. Essa mulher tem sido alvo de diversas empresas de mídia e por que não? Ela é uma profissional incrível e jovem demais. É o que o mundo procura agora, profissionais jovens mais inteligentes.

*Isso é um problema? Não deveria ser.*

Eu deveria estar feliz por ela, incentivá-la a correr atrás do seu sonho.

No entanto, o sonho dela é o meu cargo.

E todos sabemos que não posso dar isso a ela.

Eu queria ter uma forma mágica de fazê-la ficar, ser minha melhor amiga, a pessoa que me faz rir e xinga minhas manias.

Daqui a pouco vou precisar de um absorvente tamanho GG para esse turbilhão de emoções.

Ouço algumas batidas na porta que atrapalham meu pensamento e por obra do destino, Morgan está ao lado de Ramirez. *O que meu antigo chefe está fazendo aqui?* O homem está dopado de nervos acalorados como se pudesse matar alguém com o blazer marrom mais antigo que os anos 70.

— Posso ajudar? — pergunto, desviando o olhar dos papéis.

— O Ramirez queria falar com você, na verdade eu também, sobre o Ted. Sabe se a Mia tem alguma informação? — Mor entra na sala vestida em um limão verde humano extremamente chamativo.

*Onde o homem de camisa estampada se meteu?*

— Ele apenas a avisou que viajaria.

— Não é do feitio dele sumir assim. — Ramirez está tão preocupado que poderia criar rugas permanentes na testa, eu também ficaria se fosse a Mor, mas que eu saiba ele e o Cortez só sabem brigar.

Se bem que nunca ouvi uma reclamação sobre o Teodoro da boca dele.

— Ele ficou mal por algum motivo que vocês tenham notado? — minha redatora chefe aponta.

— Não... a última vez que falei com ele foi após a reunião do conselho.

*Conselho Ridículo.*

*Essa empresa já tem a mim e a Sarah, precisa de mais? Não.*

— Eu vou ver o que consigo descobrir — digo na tentativa de tranquilizá-los, mesmo que não possa fazer muito enquanto se aproximam novamente da porta. — Ah, Morgan.

— Tigrão? — responde com um sorriso.

— Está recebendo muitas ofertas?

— Uma ou duas. — Ela morde o lábio com força me encarando com a pele escura mais brilhante do que nunca. Está se cuidando mais para as entrevistas?

*Pare, Trevor, ela não vai te deixar.*

— Quando uma alcoólica diz beber uma ou duas doses, sempre bebe mais. — Ergo uma sobrancelha querendo arrancar a verdade dela.

— Trevor, ainda não recebi nada que me faça brilhar os olhos. Mesmo que seja atraente não ter que te aguentar todos os dias! — Faz uma careta.

— Sutil — digo, jogando meu olhar ao chão.

— Sabe que mesmo se eu não trabalhar mais aqui, seremos a Alcoólica e o Tigrão, não é? — Aperta meu ombro com força.

— Sim, eu sei. — Tento mostrar uma feição tranquila, mas sei que o afastamento é o primeiro passo para o esquecimento.

— Ótimo! — Ela sai com os saltos cintilantes.

Com passos leves escuto *Chopin* ao chegar no elevador à procura de respostas de estampa. Me inclino no balcão da secretária do terceiro andar e ela automaticamente dirige os olhos a mim.

— Em que posso ser útil, Sr. White?

*Frasezinha maldita.*

— Miles, eu quero vê-lo. — Ela morde o lábio com a força do meu tom de voz e disca alguns números.

— Sr. Miles, o Sr. White gostaria de conversar... sim, Trevor... não, eu não sei o porquê... obrigada. — Ela desliga, puxando meu olhar quando enrola os dedos no cabelo. — Ele vai recebê-lo.

— Obrigado — agradeço e recebo um sorriso.

*Deus, Miranda, ainda bem que você me tirou desse vício em secretárias.*

Bato algumas vezes na porta do homem que mais odeio na empresa inteira e entro na sala do dinossauro ridículo.

— Olha o bolsista aí! — Caçoa, rindo como se tivesse mais poder do que eu. Um velho de merda que já deveria estar apodrecendo jogando bingo em asilo, mas não, continua aqui. Me infernizando desde que pisei os pés nessa empresa, se não fosse a Hills, eu teria envenenado o café desse otário.

*Eu odeio esse cara.*

— Chefe, Miles. Seu chefe, diretor criativo — corrijo com passos firmes ao entrar na sua sala.

— É tão recente, estou me acostumando. — Dá de ombros com sorrisinho de canalha.

Não tem noção de como foi uma delícia comer sua esposa vinte anos mais nova que você no meu quinto ano.

— Já faz quatro anos — ressalto, mais uma vez tentando não furar seu pescoço com a caneta que segura.

— O que te traz aqui?

— Teodoro Cortez esteve na sua última reunião? — Franzo meu cenho a todo momento em que falo com ele.

Os olhos sarcásticos que adoram me importunar, agora me fitam, enquanto vejo uma gota de suor percorrer a sua testa enrugada.

— Por quê? — Fecha a cara totalmente erguendo uma sobrancelha.

— Eu não te devo satisfação, eu sou o chefe, te faço uma pergunta e você responde — assevero, cravando as mãos na sua mesa que treme com a força que a toco.

— Sim, "Sr. White" — ele obedece com uma vozinha fina.

— Aconteceu algo fora do comum?

— Não que eu me recorde.

— Sua memória anda bem? — Ele assente. — Porque se estiver escondendo algo de mim e eu descobrir. E eu *vou* descobrir. Essa sala e a cadeira aveludada não vão ver mais a sua bunda jurássica.

— Precisaria de votos do conselho para me tirar daqui e sabemos que eles não gostam muito de bolsistas. — Dá de ombros, dopado de poder falso.

— Você me subestimou uma vez e agora ganho o dobro do seu salário, vai querer mesmo brincar com fogo? — afunilo com um meio sorriso, porque é gostoso demais ter superado ele.

— Já disse que não fiz nada que eu julgue errado.

— Melhor que seu julgamento seja o mesmo de um juiz do supremo tribunal — finalizo, encarando até mesmo suas entranhas e deixo a sala.

Volto a ouvir *Chopin* no elevador torcendo para que as notas calmas e profundas me acalmem.

*Ele fez algo ou sabe de algo, tenho certeza.*

Mas o quê? Ted, fica difícil te ajudar se não me conta as merdas que esse cara faz.

Por ora, melhor me concentrar em outro problema, pelo menos esse é fácil de resolver.

*Miranda quebrou o celular.*

Chego a rir.

Tadinha, se esforçou para cozinhar, embora eu ainda também não tenha descoberto o porquê dela querer virar o MasterChef da noite para o dia.

Ligo para Miller, peço que compre algo na Apple e que deixe na mesa de Mia depois do almoço. Tomara que ela aceite, vai fazer o quê sem celular? Eu estaria muito entediado.

Disco o ramal da sua mesa me recostando na cadeira como um adolescente ansioso e espero que atenda. *Será que essa coisa antiga funciona?*

— Centro de Redação, Scott Mídia, Miranda Ross, em que posso ser útil? — *Que fofa!*

— Mil e uma utilidades, Srta. Ross — brinco promíscuo.

— Trevor! Achei que fosse alguém importante — ela sussurra e posso imaginar que revirou os olhos.

— Essa doeu. — Bato a mão contra o meu peito como se ela pudesse presenciar meu drama.

— Ah, para, você entendeu! — Se defende e imagino que esteja sorrindo.

— Como vai a vida de *telemarketing*? — zombo.

— Não é *telemarketing*! É só uma chamada que conta sobre o trabalho da empresa — corrige, estressadinha.

— E isso é... deixa eu ver... qual é a palavra mesmo? *Telemarketing*.

— O que você quer? — Agora imagino que se irritou e está inteira vermelha.

— Vou ficar até mais tarde hoje, amanhã cedo podemos tomar algo na Fábrica? — digo, enrolando os dedos no fio do telefone.

— Hum... eu me lembro de quando fiquei até mais tarde com você. — *Está mordendo essa boquinha de mel, não está, Princesa?*

— Pena que agora a sua mesinha é tão longe — provoco.

— É uma mesa grande, tá bom?

*Claro. Com certeza. Afirmativo.*

— Certo, Princesa. Eu te amo, às sete te busco amanhã — declaro.

— Também te amo — retribui e sorrio, mas ouço algumas risadas, o que é isso? — E não ligue mais nesse ramal.

— Não vou precisar — desligo. Vou te dar um celular novinho.

*Já estou sentindo saudade, sete da manhã parece tão longe.*

# MIA ROSS

Insegurança. É um estado emocional de inferioridade. Não é uma escolha, é apenas um sentimento que rasga o peito com força emocional. Alguns tem o antídoto de confiança, mas outros, eu para ser mais exata, derramo as mais puras lágrimas quando me sinto insegura.

**2 de Maio. Dois anos atrás.**

Meu corpo está congelado. A sensação de flocos de neve formigando minha pele, são arrepios, além de ter um grande martelo perturbando minha mente com paranoia.

Meu pai e Victor estão conversando de novo na sala fechada. Na verdade nem tão fechada, a porta está entreaberta. Sei que não posso interrompê-los, mas preciso falar com Vic. Ele tem que servir para algo.

Ultrapasso meus limites e coloco a cabeça para dentro da sala.

— Pai — tento falar o mais alto que posso, mas não é muito.

Ele acaba a conversa como um sinal final de maestro e me dirige o olhar castanho.

— Posso falar com Vic? — Coloco uma mecha atrás da orelha e pisco os olhos como pedido.

— Claro — consente e dá um tapinha nas costas do meu namorado.

Espero fora da sala, quando meu braço é tomado por força bruta e sou levada para o quarto ao lado quase me desequilibrando.

— No que estava pensando? Deveria estar estudando ou coisa do tipo, não bisbilhotando! — Seus olhos são frios e as palavras ríspidas.

— Eu precisava falar com você, urgente.

— Como algo vindo de você pode ser urg..

— Eu atrasei — murmuro.

Ele se cala. Não ouço nada por alguns minutos, apenas um olhar fixo no meu rosto que não consigo decifrar. Não sei se está com raiva, surpreso ou até mesmo feliz.

— Seu pai quer um neto?

***O quê?!***

— Do que isso importa? — Solto o ar que nem percebi que estava prendendo.

— Responda a pergunta — afunila, impondo passos até colar meu corpo na parede.

— Eu não sei. Eu não quero, penso na minha carreira e...

— Miranda, sua opinião não importa. — Nega com a cabeça, cobrindo o rosto com a mão nervoso como se fosse eu a única responsável por isso.

— Victor, o corpo é meu. — Ergo um pouco meu queixo na tentativa de mostrar algo.

— VOCÊ NÃO TEM VOZ! — ele se altera completamente pela minha tentativa de imposição, como um doente bipolar gritando.

*Por que ele é assim?*

*Em que momento ele se tornou esse monstro?*

*Ele era meu melhor amigo e ficou assim.*

*O que eu fiz para você, Vic?*

*Para me odiar tanto como odeia?*

Eu odeio tanto o meu corpo por não aguentar, jorrando lágrimas como uma máquina bem treinada, queimando minha garganta com lava grosseira

dele, fazendo meu peito quase explodir de tanto desespero, quando foi que me tornei isso? Talvez ele esteja certo. Eu não deveria sentir tantas emoções por essa frase, mas é a verdade. Eu não tenho voz. Não aqui... não perto dele. Respire, Mia. Tente acalmá-lo. Eu só queria um abraço e um *vai ficar tudo bem*, deveria ter procurado a Júlia.

— Eu ainda não fiz o teste, só queria que você me desse... m-me desse...

— O quê? Carinho? Abraços? Você não se previne, é descuidada, fraca, insegura como uma viciada em drogas e ainda quer algo? — afunila, zombando de mim. Ele mete a mão no meu rosto sentindo minhas lágrimas e me encara como se aquilo fosse sinônimo da fraqueza que acha que eu transbordo.

— E você é arrogante, bruto e desleixado! Deveria se prevenir também, eu não sou a única nessa relaçã...

— Quieta — manda ao respirar fundo.

— Não pode me mandar ficar quieta agora! — elevo meu tom arrancando sua mão de mim.

— QUIETA! — ele grita pertíssimo do meu rosto, tão perto que a adrenalina percorre todo o meu corpo até chegar em forma de outra lágrima assustada na minha bochecha.

— Algum problema? — ouço a voz de meu pai enquanto abre a porta. Limpo o rosto imediatamente e não faço contato visual.

— Nenhum, Robert. A Mia só queria um abraço, está chateada, certo? — a voz mansa entra em cena e ele me lança um olhar restritivo. Se eu negasse isso, saberia o tamanho da surra que levaria a noite.

*É um ator que merece um Oscar.*

— Isso — assinto, suspirando fundo para que meu pai não veja o rubor em meu rosto.

— O abraço é exclusivo? — Ergue a sobrancelha com sorrisinho de canto.

— Não. — Escapo um sorriso, esse jeito dele sempre me fez rir.

— Victor, vá dar uma volta. — Ross ordena franzindo o cenho e ele obedece como um cachorrinho sem nem relutar, nos deixando a sós.

Robert estende a mão e me puxa para sentar na cama.

— Vocês brigaram? — questiona, colocando uma mecha minha atrás da orelha. Faz tempo que não converso com ele, demais, ainda mais depois que suas viagens ficaram mais frequentes a Portugal.

— Casais brigam — falo baixinho.

— Sem dúvida, mas sabe que pode me contar seus problemas também, não sabe? — inclina a cabeça franzindo as sobrancelhas de preocupação.

— Uhum.

— Uhum — ele resmunga e aperta meu nariz. — E o abraço? — assinto e ele puxa minha cabeça para o seu peito. Algo que nunca relutei, seus abraços me tiravam do mundo sombrio quando era pequena e não é diferente agora. Ele sempre foi o meu herói. — Sabia que a sua mãe usava o mesmo shampoo que você? — pergunta, cheirando meu cabelo.

— Achei que fosse seu.

— Doce demais para mim, mas Limão e Mel me cativou desde a primeira vez.

Ficamos em silêncio por um tempo. Consigo sentir as batidas do seu coração e o aperto dos seus braços por longos minutos. Apenas apreciamos o tempo juntos como se fosse algo raro, e na verdade, ultimamente tem sido.

— Desculpe ter ficado ausente esse ano — ele sussurra.

— E o ano passado — acrescento, limpando uma lágrima na sua camisa.

— E o ano passado — ele confirma. — Acho que a última vez que te abracei foi no ano novo… adoro te abraçar — confessa, aumentando o aperto que retribuo com a pouca força que tenho.

— Pai, você me acha fraca? — murmuro contra o seu peito.

— Isso é algum tipo de insulto? Se você é fraca, eu também sou. E sabemos que nenhum de nós é, ninguém dessa família. — Deixa de me apertar e encara meus olhos da mesmíssima cor dos seus.

— Estou falando sério.

— Filha, você é o círculo de pessoas com quem convive. Se são fracos, você também irá aparentar ser, tem que procurar ser a mais forte do círculo — aconselha.

— Não vou ser medíocre se for a mais forte o tempo todo de um grupo ruim? — questiono, erguendo uma sobrancelha.

— Sim, por isso tem que mudar. Sempre haverá um círculo mais poderoso — explica, desenhando um círculo na minha mão aberta.

— Acho meu círculo fraco e ficar perto de pessoas fortes me assusta — confesso o encarando.

— Às vezes as pessoas são fortes por fora e fracas por dentro e vice-versa.

*É isso que penso. Vic é um covarde, forte por fora e fraco por dentro.*

— Está dizendo que sou forte? — Sorrio.

— Estou dizendo que precisa de um *Círculo de Poder* e se tornar a mais poderosa dele.

Assinto como se estivesse em uma sala de aula.

— Quando era pequena, eu te dava um sorvete e você dizia que me amava, comprei uma máquina de sorvete, acha isso manipulação? — Ergue uma sobrancelha com um sorriso de canto que me faz cair na risada.

— Acho!

— Você quer um sorvete?

— Não preciso de doce pra dizer que te amo, Pai. — Respiro fundo como suspense fechando os olhos. — Eu te amo — declaro, abrindo novamente meu olhar para ver seu sorriso exultante.

— Mesmo assim eu compraria todas as sorveterias. — Dá de ombros se exibindo. — Sabe que eu faria tudo por você, não sabe?

— Uhum. — Sorrio.



Hoje é oficialmente o dia das emoções.

Enquanto dirigia até a empresa, vi um cãozinho vasculhando uma lata de lixo e chorei.

EU CHOREI POR ISSO!

É óbvio que eu parei e dei um pedaço do meu pão, já que não tive tempo de tomar café. Eu sou uma boa pessoa... eu acho. Depois liguei o jornal e a cada acidente me senti um bebê lacrimejando por cada situação. Poderia ser TPM, mas já passei da data e geralmente não é nada tão forte.

Acordei com uma sensação estranha que algo ruim vai acontecer. Algo que faz embrulhar meu estômago quando penso, e quadruplicar as paranoias já comuns em minha cabeça. Meu sonho também foi fora do comum, sonhei a noite inteira com dois carros, vermelho e preto, em uma estrada de terra.

Tentando esquecer isso, saí para almoçar no restaurante em frente. Eu não gosto de comer sozinha, mas Trevor parece ocupado hoje pelo visto, então resolvi não incomodá-lo.

Enquanto caminho até minha sala, penso na proposta dele, morar na Fortaleza White até o *Estampinha* voltar. Não acho que seria má ideia, só que martela na minha mente:

Não está indo rápido demais de novo?

Não foi assim que deu errado da primeira vez?

Essa rapidez absurda?

Ele não vê assim. Acha simples, até boba a minha relutância, eu vejo. Bom, não vou me arriscar, o amo demais para isso.

*Melhor prevenir do que remediar.*

Passei o dia no departamento de arte. Os meninos são gentis lá, me trataram como um anjo, estou até ansiosa para trabalhar com eles ano que

vem. Mas infelizmente, tive que voltar para o *Andar Adoçante*, pelo menos já estou indo para casa. Está tão tarde.

Abro a porta de vidro e já escuto os cochichos e risadas que me dão arrepios ao mesmo tempo que fazem meus olhos se revirarem.

*Isso tudo é tão mais difícil do que precisa ser.*

— Mas era só o que faltava mesmo! As regalias só aumentam.

*Não quero nem saber do que estão falando.*

— Chegou! A Rainha da Apple! — o excesso de exclamações na voz de uma mulher de cabelos pretos fazem meu peito bater mais rápido.

Ela está falando comigo. Diretamente comigo, olhando para mim, me encarando. O rosto de completo deboche e irônico, como se tivesse feito algo para merecer isso. Meu corpo está imóvel não me mexo e sei que a cada segundo que permaneço assim mais gasolina ao carro da destruição de adoçante vou estar dando.

— O quê? — questiono rouca pela voz que me falta.

— Ontem à noite deve ter sido de quebrar a cama pra conseguir isso, hein, garota. — afronta, jogando palavras que nem ao menos entendo. Não raciocino. Não penso. Não compreendo. Eu sei que falavam muita merda de mim pelas costas mas é diferente ver isso na minha cara.

— Isso o quê? — murmuro, erguendo uma sobrancelha, forçando para que meus olhos já marejados não abram a torneira.

— Ah, não finge que não sabe! Garganta profunda, foi? Esse aqui é de última geração.

Pisco os olhos de forma tão rápida e ríspida, que em algum momento param e se esbugalham ao ver a caixa de um iPhone na minha mesa em um laço dourado. É um presente, Mia. Deveria estar feliz.

Feliz? Minha respiração acelera. Ele sabe quantas discussões já tivemos sobre esse tipo de presente. Feliz? Minha pele esquenta. Eu mereço isso? Eu não mereço isso ou é a minha insegurança me diminuindo mais uma vez. Feliz? Meus pulmões são como bombas. Essas mulheres me sugam e por que não? Tudo parece fácil para mim, como eu consegui ter o namorado que elas sonham? O motivo, no mundo delas, é sexo. Puro sexo sem pausas e limites. Começou assim, mas acabou, estamos melhorando.

Não estamos? Não é uma obsessão. Acredite em mim, eu me esforço, mas por que todas acham que sou uma prostituta? Ou pior, por que eu ligo?

PARE COM ISSO, MIRANDA!

Você é tão ridícula, poderia ser mais forte do que isso, parar de lamentar essas ofensas. *Onde está seu Círculo de Poder?* Não foi por isso que foi embora? Que se mudou? Parece que não acaba, são tantos momentos, tantas tempestades, por que eu sou obrigada a passar por tudo isso? Abandono paternal, violência doméstica, rivalidade feminina que eu mesma criei sozinha, perjúrio. Eu já não sofri demais?

Molhado. Úmido. Água. Eu torço para que seja um incêndio e os jatos sejam do teto. Não posso fugir, não é real. Sou apenas eu. Chorando de novo. Por algo ridículo. Na frente dessas mulheres que tanto me criticam. Parabéns! Está dando mais motivo a elas. Não sou forte por dentro, e sim fraca dos dois lados.

Coloco a mão em minha testa fervente, eu sinto a fervura da minha pele sem parar, como uma dor de cabeça absurda que projeta latejos. Pare de pensar, por favor.

— Ou talvez ele só queira uma menininha chorona pra cuidar, mas vou avisar que pra isso existe creche.

Eu poderia cair no chão agora, minhas pernas já não funcionam mais, estou tonta. Eu só quero sair daqui, esquecer que entrei, voltar ao início do dia ou talvez nem ter levantado da cama. Faça sumir, por favor.

— Tina, não precisa disso — ouço a voz de alguma redatora.

— Qual é o seu problema comigo? — cuspo as palavras como se fossem armas, mas elas saem em voz de choro pela minha incompetência.

— Eu só tenho é curiosidade, em meio a todas as funcionárias. Por que você? Não tem nada de especial! É só mais uma morena, ou não… uma prostituta, isso sim! — Ela ri alto sem parar. O barulho da risada ecoa por todo o cômodo fazendo com que penetre em casa tecido do meu corpo. Pare, por favor, eu imploro.

— Eu... eu...

— VOCÊ NÃO TEM VOZ? — ela grita pertíssimo do meu rosto.

É como se uma máquina do tempo me trouxesse para a briga com Victor de dois anos atrás. **Você não tem voz**. Eu não tenho voz. O que eu fiz para ela me odiar tanto como odeia?

— Mia, está vermelha, está tudo bem? — outra redatora chega ao meu lado.

Minha cabeça está girando. Queimando. Essa palpitação. É falta de ar. Por que estou assim? Saia daqui, apenas saia. Sem pensar. Por favor.

Não pego nada em minha mesa, apenas corro para o elevador e peço um táxi.

# TREVOR WHITE

Miranda está... atraente de um jeito Royal. Isso deve ser um sonho com certeza. Não me conformo em vê-la dançar assim para mim. Subindo e descendo. Essa imagem vai marcar minha mente.

***"Está gostando disso, Sr. White?"***

— Am… ando… — murmuro.

O vestido é volumoso em vários tons de azul. É meu aniversário? Ela solta o coque, suas mechas caem sobre os ombros e seu olhar é mais determinado do que corrida de fórmula 1. Ah, não pare com essa determinação, sabe que é assim que eu amo.

— TREVOR! — um grito estridente ecoa por meus ouvidos.

Ela já está gritando? Mas estou parado. Nem a joguei em paredes ainda. Poderia rasgar esse vestido inteiro.

— TREVOR, ACORDA! — ouço ainda mais gritos e sou sacudido com uma força que até mesmo desconheço.

Pulo do travesseiro com um susto que faz meus membros até arrepiarem e esfrego os olhos. Droga. Não era real. Por enquanto!

— Mia… você… caralho, você atrapalhou um sonho incrível, sabia? — Abro os olhos com dificuldade soltando um bocejo longo.

Ela está de cabeça baixa com o cabelo um pouco úmido no rosto. Não consigo enxergar nada com toda essa cortina de mechas que a está

escondendo de mim. O que aconteceu?

— Mia? — Toco suas mãos segurando com carinho e firmeza. — É madrugada, se soubesse que queria vir, eu teria te levado comigo, como veio para cá?

Ela não responde.

Nem mesmo me encara.

Permanece completamente imóvel.

— Miranda, eu fiz algo que te chateou? — pergunto mais uma vez, mas é inútil, ela continua paralisada em frente à minha cama. — Sente-se, vamos conversar. — Peço, puxando seus dedos com uma força mínima.

— Por que fez aquilo? — ela sussurra baixíssimo.

— Fiz o quê, Princesa? — questiono colocando uma mecha sua atrás da orelha para enxergar seu rosto.

— POR QUE ME DEU AQUELE CELULAR? — ela grita tão alto que faz um vaso em minha escrivaninha tremer e deixa meus lábios entreabertos.

Levanta a cabeça tão rápido, que as mechas saltam e não a cobrem mais. Seu rosto está inchado, as bochechas vermelhas e seu olhar... eu não consigo decifrar isso. Parece vulnerável. Me parece eu, entre os gatilhos do luto.

*Mas por que a droga de um celular fez isso com ela?*

— Mia, não precisa gritar. Podemos conversar, quer água? Você parece sem fôlego. — Tento me aproximar, mas ela se esquiva para trás como se eu fosse machucá-la de alguma maneira. — Miranda. — Estendo a mão e ela se encolhe no chão.

O que é isso?

Ela acha que vou bater nela?

*Puta que pariu,* que *porra* é essa?

— Mia! — Agacho no chão e não deixo que se afaste. — Miranda, eu não sou o Victor. — Agarro seu corpo e a abraço forte. Ela reluta por alguns segundos, batendo contra o meu peito, tapas e tapas que machucam e

estralam na minha pele, até mesmo suas unhas me arranham. Mas eu aguento. Deixo que me machuque, que me bata e me inflija dor, porque está claro que o sangue que me faz soltar não é uma vírgula do que está sentindo por dentro.

Isso é claro, está mais claro do que cristal para mim, quando ela me encara profundamente e desiste chorando no meu ombro. Chora demais. Nem a ouço respirar.

— Me des...culpa — ela solta as palavras semeadas.

— Meu amor, se acalme, está tudo bem. — Acaricio seu cabelo sussurrando tudo que posso com a voz mais mansa que consigo expressar. — Por favor, respire — eu não peço, eu imploro.

— Você… — Miranda suspira forte, mas sua tosse a interrompe. — Conhece algum… — a tosse continua a interrompê-la, várias vezes, inúmeras e incontáveis vezes, não deixando que sua voz saia sem obstáculos. — Terapeuta? Eu prec-ciso, eu pre...

— Eu tenho certeza que posso arranjar o melhor. — Ela tira a cabeça dos meus ombros e tenta limpar o rosto completamente inchado.

— Eu... eu parei de fazer. — Seu nariz está escorrendo tanto que mancha até mesmo seus lábios. Puxo um lenço na gaveta da escrivaninha e a limpo devagar com todo o cuidado para que não se assuste e me restrinja. — Eu não sei o que está acontecendo comigo, eu acho que estou engatilhada, eu chorei muito hoje — Mia cospe as palavras abanando o rosto. — Você deve estar me achando maluca! — Seus olhos que parecem duas esferas inchadas se mergulham em lágrimas novamente tendo certeza do meu julgamento.

— Miranda, eu não te acho maluca. As pessoas têm transtornos, crises, eu mesmo tive na sua frente, existem dias ruins. Eu quero que você respire. — A mulher mantém o olhar pequeno, baixo, em mim e respira aos poucos, o quanto a tosse permite. — O que está sentindo?

— Minha cabeça dói... meu peito p-parecia que ia explodir.

— Eu tenho um calmante, uso em crises de ansiedade. — Abro a gaveta ao lado da cama mais uma vez e lhe dou o comprimido.

Ela aceita, engole e volta a me olhar. Demorado, fixo, ela respira fundo, seus seios sobem e descem. Seu nariz não consegue fazer sua função principal, parece um mar de soluços intermináveis. A puxo para o meu colo e a abraço com toda a força que consigo expressar. Como se cada declaração que já disse para ela se tornasse combustível para apertá-la. Seguro e colo seu corpo contra o meu, Miranda deita a cabeça no meu ombro e se normaliza aos pouquinhos.

— Não quer tomar um banho? Vai te relaxar. Está com fome? — sugiro, entrelaçando meus dedos na sua mão segurando firme, lhe mostrando apoio.

*Estou aqui para tudo que precisar.*

Mia olha para baixo e firma os olhos na minha calça moletom.

— Está… e-está excitado em me ver chorar?

***O quê?!***

— NÃO! EU… — Me assusto com a frase completamente maluca, mas baixo a voz respirando fundo. — Eu estava sonhando, desculpe. Eu nunca ficaria excitado com isso, nunca, Miranda. — Puxo um lençol e cubro o membro com uma coberta a fazendo rir um pouco.

Mesmo com o rosto roxo e avermelhado, solta um pequeno sorriso.

— Disse que estava tendo um sonho, era erótico? — questiona, quase sem abrir os olhos fazendo um coque no cabelo.

— Não deu tempo de ser erótico — confesso. *Infelizmente*.

— Desculpe atrapalhar… o que sonhou? — Inclina a cabeça para a direita se culpando.

— Nada... não cabe a essa conversa, você está mal — repito para ela e na verdade para mim mesmo.

— Me conta — insiste.

Por que está insistindo nisso? Você sabe que não é certo para o momento… está fazendo como eu, não é? Tentando esquecer?

— Você... estava dançando em um vestido azul royal. Acho que era meu aniversário, não sei. Você ia montar em mim e acordei — digo de uma vez para acabar com seus olhos brilhantes de curiosidade e a faço rir.

— Você sonha comigo? — fala baixinho.

— Frequentemente — admito.

Mia agarra o meu corpo e me abraça com mais intensidade do que a pouquíssima força que fazia aos prantos. Deixa as mãos abertas cobrirem minhas costas e deita no meu ombro como uma almofada.

— Você me ama — diz assertiva, confirmando o óbvio para si mesma.

— Amo — eu reafirmo o que penso todo dia de manhã e todas as noites em que vou dormir. Levanto do chão com ela nos braços e a levo para o banheiro. Chega de esperar que Mia decida se cuidar, ela precisa de ajuda. — Mas amo mais quando está bem, então tome um banho, vai se sentir melhor.

— Vai vir comigo? — Morde a boca.

— Essa eu deixo passar, mas posso ficar aqui ao seu lado — sugiro para não magoá-la, porque realmente não quero ter relações com ela nesse estado, nem que me implore.

— Pode me ajudar? — pede quando a deixo no chão e apoia de imediato na parede para não cair. Está completamente tonta.

Seguro a parte de baixo de sua blusa e retiro aos poucos pelo caminho do pescoço deslizando com carinho por toda a sua pele. Mia ergue os braços ao alto para me auxiliar e os desce quando termino. Agacho no chão e retiro a saia devagar deixando que se apoie no meu ombro.

— Não acabou… — murmura, tocando a tira da calcinha.

*Miranda…. Realmente me quer agora? Não me sinto bem em fazer nada com você assim.*

— Mia...

— Por favor, eu prometo que vou tomar banho — implora baixinho, segurando meu rosto.

Coloco as mãos em seu quadril e tiro a calcinha de renda preta sem muita enrolação, não quero excitá-la, quero apenas que melhore escorrendo água nos membros. Isso é tortura. Solto o sutiã e Mia ergue um pouco os braços para que eu deslize até que o tecido não a cubra. Está nua. É um corpo que deveria ser pintado em obras de arte, sem dúvida.

Solto seu cabelo e envolvo seu rosto com as mãos em concha. Beijo sua testa, nariz, bochecha, queixo, até que chego aos seus lábios com um selinho.

— Obrigada — agradece se virando para ligar o chuveiro me surpreendendo. Espera, era só isso?

*Ela só precisava de carinho.*

Aquele homem deveria ser um monstro sem tamanho.

— Trevor — chama, enfiando a cabeça debaixo da água quente do meu banheiro.

— Princesa?

— Pode devolver aquele celular? — o pedido sai rouco, embora com o máximo de empoderamento que poderia ter nesse momento.

— Podemos conversar depois — sugiro, a convencendo a assentir e fecho a porta lhe dando privacidade.

*Eu vou descobrir que merda aconteceu.*

22




# Show de Patinha

*Eu não quero ficar sozinho*
*Já passei muito tempo isolado*
*Há tantas coisas que eu ainda não sei*
*É hora de seguir em frente*
***More Of My Life - BLAEKER, Jaslyn Edgar.***

## TREVOR WHITE

Competência. Processo em que se implementa estratégias para entender e gerenciar as emoções para alcançar um determinado resultado. Ninguém nasce competente, é um crescimento no qual vários participam e acreditam no seu potencial. No entanto, às vezes ser competente é sufocante.

Ontem tive preocupações tão fúteis de manhã. Se ela ia ou não ficar mais tempo na minha casa, o melhor emprego para Morgan, paradeiro do Ted.

*São coisas importantes, mas...*

Miranda estava devastada, como naqueles filmes com atrizes que recebem prêmios pela interpretação cheia de maquiagem. Maquiagem porque é surreal chegar naquele estado e é necessário o uso. Só que Miranda não é atriz, ela estava mal mesmo, de forma vulnerável, e eu? Quem deveria saber tudo sobre ela, nem me passa pela cabeça o porquê dela estar assim. A única pista que tenho é a raiva pelo celular.

*Eu imaginei que fosse ficar feliz.*

Confesso que talvez um pouco relutante, mas não assim.

Meu telefone vibra, tiro do bolso e atendo.

— White — quase que murmuro sobre a tela fria do aparelho por ainda estar raciocinando tudo que ocorreu e como o mundo continua mesmo quando ela está devastada.

— Scott — a voz do meu Porto Seguro domina a linha fazendo o impossível que é me acalmar nessa situação. — Trevor, está chegando? Temos uma reunião às 10h30 com o Sr. Boer.

— Eu me lembro. Tem como remarcar? — peço, fechando os olhos com força pedindo para que dê certo.

— Não acho uma boa ideia, ele é estressado e vai levar a filha dessa vez — insiste.

— O que ela tem a ver com o negócio dele? — questiono, elevando o tom insatisfeito por não poder dar toda a atenção completamente para a minha namorada.

— É herdeira, está aprendendo o ofício — explica, enquanto imagino que esteja assinando alguns contratos pelo som da caneta.

— Eu vou chegar, desculpe o atraso — informo, bufando no celular com ódio das minhas responsabilidades.

— Tudo bem, aconteceu algo?

— Eu conto quando chegar. — Desligo ao ver Mia esfregar os olhos.

Me aproximo aos poucos feliz por vê-la se esforçando para sair da cama, sento ao seu lado do colchão e acaricio sua bochecha brilhando meu olhar.

— Bom dia, Princesa. Acordou melhor? — sussurro quando ela enrola o lençol em seus peitos.

— Era a Sarah? Está atrasado? Pode ir, por favor, nem pense em se atrasar para algo por minha causa, por fav…

— Eu decido quando ir e te fiz uma pergunta — interrompo, apertando de leve seu lábio inferior a silenciando.

— Estou bem — ela diz baixinho, segurando o meu braço com uma força mínima.

— E a dor de cabeça? — Ameaço tocar sua testa e Mia me proíbe.

— Melhor. Trevor, são dez horas! — Espia o relógio acima da minha cama e surta.

— Eu sei e vou começar a pensar em sair quando me contar o que aconteceu — condiciono, a fazendo entreabrir os lábios com o cenho franzido como se achasse um absurdo.

— Hoje não tem uma reunião de conta?! — Larga o meu braço e lança a questão.

— Sr. Boer.

— O do liquidificador? Eu escrevi umas ideias, se quiser olhar, espera… — Ela nega com a cabeça se achando tola. — Que boba, você já deve ter coisa melhor! — Sorrio ao vê-la se importar.

— Eu vou ver seu trabalho sim. — Assinto, lhe admirando na espera da resposta.

— Vou procurar um terapeuta, parei quando me mudei, achei que já estivesse melhor, mas obviamente só estou te fazendo enlouquec…

— Miranda, eu não tenho medo de você e não te acho maluca como disse ontem — interrompo de imediato, sua voz está tão acelerada e culpada que até parece que cometeu um crime por sentir emoções. Eu fico pensando o aquele canalha fazia quando ela chorava. — Estou dizendo isso porque quando fala assim parece que estou te julgando, só quero saber o que te engatilhou.

— Eu não quero chorar… não de novo — confessa baixinho.

— Eu preciso saber — insisto, colocando uma mecha atrás de sua orelha.

— Por quê? — Bufa, apertando o lençol em seu colo.

— Porque eu me importo. — Beijo sua testa sentindo a temperatura fervente, junto meu nariz ao dela e suspiro ao receber a carícia de seus dedos de mel no meu pescoço.

— Só estou tendo dificuldade no novo andar. As redatoras conversam e cochicham entre si, ouvi coisas... elas não gostam de mim e não tem problema.

— Alguma delas disse algo pra você? — Franzo meu cenho com toda força que meus punhos queriam bater na mesa para assustar a filha da puta que elevou a voz para ela.

**Só pode ser brincadeira, são um bando de crianças antiprofissionais.**

**—** Acho que tudo faz parte da adaptação, tenho certeza que depois vou me acostumar. — Gesticula tentando me explicar o inexplicável.

— Miranda, não pule detalhes — ordeno e me afasto um pouco do seu rosto segurando sua mão.

— Uma… uma delas disse uma frase que o Victor dizia várias vezes em brigas nossas, foi isso, nada… Trevor, não foi nada demais, eu juro. — *Está tentando amenizar a barra delas? Você é uma pessoa muito melhor do que eu.*

— Linda frase imagino — ironizo. — Qual foi?

— V-você… você não tem voz — sussurra rouca, marejando os olhos quando sua garganta engasga a frase.

Me silencio completamente com o absurdo.

Como pode tamanha mediocridade? Até parece que a Mia é ruim no que faz, que é mimada ou mal educada. Não. A culpa é minha, é sempre minha. Ela já teve problemas com a Sarah e como se não bastasse está sofrendo, porque aquelas *menininhas* sentem inveja dela. Não deveria ter deixado que saísse do meu andar.

E o pior de tudo.

É que Miranda não percebe o poder que tem...

Ela está de cabeça baixa, mexendo nas mãos, magoada, chateada, culpada e com vergonha de sentir essas emoções na minha frente.

— Miranda, elas sentem inveja de você. Você tem voz. Muito mais do que imagina e eu não vou deixar que te tratarem assim, isso é um absurdo, está lá para trabalhar e não aguentar essas besteir…

— Tem mais — cochicha algo que mal ouço.

**Mais?**

**Tem ainda mais?**

**Como pode haver mais do que isso?**

— Elas me chamaram de...

— Do quê? Ingênua? Medíocre? Você não é nada dess...

— Prostituta — Miranda murmura tão baixo e aos poucos que percebo apenas pela voz que o choro vem forte avermelhando seu rosto inteiro.

Isso é bem pior do que eu imaginava. Ser chamada assim? Eu não desrespeito a profissão, o problema é chamá-la disso, por qual razão? Por eu ter dinheiro? Como se eu fosse um idoso e ela quisesse a minha fortuna? *Elas têm autoestima tão baixa para ter que rebaixá-la assim?* Eu vou descobrir o nome dessa desgraçada e chutá-la dessa empresa. Eu tenho poder para isso e pode ter certeza que vou usar.

Me afasto dos pensamentos balançando um pouco a cabeça quando enxergo água em suas bochechas.

— Princesa, tudo, cada beijo, olhar e carinho entre nós é amor. Sempre foi *amor*. Eu nunca fiz sexo sem sentimento com você, nunca te deixei na madrugada e nunca te ignorei. Você é uma agente infiltrada que domina o meu coração. Eu te amo e digo essas palavras dramáticas porque eu sou louco por Limão e Mel — declaro, elevando seu queixo.

— Trevor… — Mia limpa o rosto com o lençol que se suja.

— Eu sei do seu caráter. Sei que você nunca ficaria com ninguém por dinheiro e cacete, muito menos aguentaria todas as merdas que passamos. Aguentar Sarah Scott não é para qualquer uma! — Sorrio lhe exaltando e consigo arrancar um sorriso mesmo enquanto chora.

— Talvez umas… três fortunas da sua — brinca, fungando o nariz e sorrio por vê-la se distrair. — Eu... eu sempre fiz amor com você também — balbucia, tocando os meus ombros.

— Eu nunca tive dúvida disso. — Abraço seu corpo e entrelaço os dedos no seu cabelo. *Prometo que esse sofrimento vai acabar.* — Estou honrado por ter confiado em mim — agradeço em um sussurro.

— Vai para a sua reunião! — fala altíssimo, fazendo meu ouvido zunir pela ordem de mel, Mia levanta da cama e aponta para porta.

— Mulher, estávamos no momento fofo e você ainda está chorando — ressalto e ela tampa meus lábios com a boca.

— Eu já parei de chorar, estou bem, porque suas declarações são muito... *boas*. — Sorrio exibido e a faço revirar os olhos.

— Eu volto às seis. — Puxo sua cintura a derrubando sobre mim na cama.

— Ah é? Eu também, porque vou trabalhar. — Dá de ombros como se não houvesse chance de fazê-la mudar de ideia.

— Miranda, pelo amor, vá ver filmes de pijama! — Nego com a cabeça inconformado.

— E o que vão dizer se não for? Já imaginou? — diz em tom de brincadeira, mas sei que tem fundo de verdade.

— Ninguém mais vai dizer uma única vírgula para você.

**Eu vou garantir isso.**

— Trevor, eu vou resolver isso — ordena, como se pudesse, ao levantar à procura das roupas de ontem no banheiro, enquanto me aproximo da porta de fininho. — Você ouviu?

— Eu te amo — digo alto o suficiente para que escute e fujo para a sala quando a escuto correr atrás de mim.

— É sério! Não faça nada! — exclama, franzindo o cenho ao puxar a gola minha camisa. Seus olhos de mel me encaram profundamente, posso até mesmo me ver dentro deles, o olhar que me implora para que eu não faça nada. Pena que não há como me fazer mudar de ideia.

— Eu te amo — digo com um sorriso, fugindo completamente da ordem que me deu.

— Trevor!

— Não vai me dar um beijo? E se eu for atropelado? — Ergo as sobrancelhas sorrindo de canto para provocá-la e consigo uma revirada de os olhos. Seguida de uma carícia em meu rosto juntando nossos lábios com uma mistura singela de amor. Respirando e me provando devagar. Choco

seu corpo contra o meu e Mia se entrega entrelaçando os braços em torno do meu pescoço.

É tão doce, tudo que você faz, Miranda.

É fogo doce.

— Humm... vai se atrasar — resmunga baixinho descolando os lábios.

— Tentador te deixar aqui com a minha calça moletom — digo, ainda entre um beijo melado que não consigo me distanciar.

— Eu coloco de novo depois. — Ela sorri promíscua. — Vou depois do almoço, peço um táxi.

— Não, tem mil carros na garagem, as chaves estão na gaveta da entrada — ordeno, envolvendo seu pescoço nas mãos.

— Eu peço um táxi, não tem problema — insiste e franze o cenho.

— Tem uma chave com um laço dourado que estava pensando em conversar com você depo...

— TREVOR WHITE! — Miranda grita altíssimo jogando os braços na cintura me afugentando da sala.

— É brincadeira — murmuro saindo na garagem. — OU NÃO! — berro de volta sorrindo ao imaginar sua raiva.



*Vamos reunir os fatos.*

Essas redatoras malditas são subordinadas a uma vadia. *Certo...* ela não é uma vadia, mas é bem chatinha. *Rebeca Diaz*. Mulher na qual eu desabei meu luto em sexo puramente sombrio. A qual eu nunca senti uma vírgula de sentimento, remorso por lhe infringir dor ou até mesmo teria dado importância caso na época fosse atropelada… *talvez eu a atropelasse.*

E não era assim? Ela sabia muito bem da minha situação, o homem que mal se aguentava em pé mergulhado em *whisky*, quem dirá seria capaz de amar alguém. Mesmo a Sarah eu afugentei com a minha arrogância, então quem seria ela para mudar algo? Mudou. Rebeca foi extremamente louca e ainda me pergunto como pôde aguentar tudo que fiz com ela. As chantagens, gritos, forçadas e como eu sempre bolava um jeito de piorar para que se afastasse de mim, mas sempre voltava mais forte. Essa foi a única mulher em toda a minha vida que tratei como um objeto.

E antes que me critique, ela pediu.

*E pediu demais.*

E mesmo com esse comportamento selvagem e machista ela ficou comigo por seis meses. Eu não entendo as mulheres. É como a Hillary dizia, as mulheres podem ser classificadas, umas merecem respeito, outras nem tanto. Depende sempre do respeito que a mulher dá a si própria.

*Deixe eu me explicar melhor.*

É como se eu te desse um soco no braço. Forte. Com a mesma força de jogador de futebol ao gol. E você sentisse dor, mas me pedisse para fazer de novo. Não uma, nem duas, mas por seis meses.

*Foi isso que Diaz fez.*

Se eu me sinto culpado? Não muito. Eu não a obriguei a nada, mas pensando bem nas minhas atitudes... é de sentir um pouco de pena.

Até mesmo a Sarah testava muito meus limites, mas as marcas que deixei nessa mulher? Nunca chegaram nem perto.

Eu a algemei na própria cama e a deixei nua sozinha por horas. Nunca convidei para jantar e a abandonava todas as madrugadas.

Eu literalmente via ela como um pedaço de carne e boa editora. Pelo menos a droga do trabalho dela eu reconhecia. Essa mulher pode ser maluca, mas é ótima no que faz.

O que me consola é pensar que estava de luto, os primeiros seis meses virei um fantasma. O otário de livros de relacionamento abusivo, não era por mal, eu juro.

Eu não via felicidade em nada.

Eu não via cor em nada.

Eu não via sentido em nada.

E não vou mentir, eu gosto dela. Acho que não teria ficado tanto tempo com ela se não gostasse... mas é um amor doentio. Não é nem tóxico. É psicopata.

Enfim, minha mente está borbulhando em pensamentos, porque quero tomar coragem para entrar em sua sala.

*Como se eu pudesse exigir algo.*

Ela fez uma queixa de assédio contra mim, acredito que para chamar atenção e nem liguei. Depois ela deu um *showzinho* para a Mia em uma reunião falsa e ainda como se não bastasse, quis prejudicar a Sarah no tribunal.

Rebeca, sinto muito se percebeu que eu fui um otário com você apenas agora. Só que tentar resolver isso? Depois de quatro anos?

Chega de pensar. Faça.

Abro a porta de vidro do andar das redatoras e as vejo levantarem o olhar para mim como pequenas patinhas surpresas.

*Devo ter dormido com metade delas.*

Atravesso o corredor cheio de mesas, mas não resisto ao ver ainda a caixa de presente que dei para Miranda. Ela nem tirou o laço, nem deve ter lido o que escrevi.

*Ah, mas quando eu descobrir quem foi...*

Aperto a maçaneta para baixo com força e sem bater, entro na sala de Diaz quando eleva os olhos verdes escuros até mim. Sua feição é de surpresa a princípio, após isso, sua arrogância predomina.

Me aconchego na cadeira em frente à sua mesa sentindo o silêncio mais profundo que reza em igreja. As paredes são de vidro e bem visíveis para aquelas patinhas ridículas nos admirarem e fofocarem.

Não resisto em observá-la. Não tive a chance e nem interesse de fazer isso antes. Sua pele está mais pálida, o rabo de cavalo da mistura castanha e loira ondulado, o lábio mordido… Ela adora morder essa merda. Não mudou muito de quando a conheci. Preciso falar algo, eu sei, mas esse

suspense é tão bom… Trevor, está querendo a fazer sofrer de novo? Não veio para machucá-la mais uma vez, embora quisesse por ter deixado que essa palhaçada acontecesse.

— Rebeca — afunilo, franzindo o cenho.

— É sobre a sua bolsista? — Antes que eu possa continuar ela me interrompe ansiosa. Lhe mando um olhar ríspido por ter me cortado e a vejo se encolher de imediato.

*O que está fazendo?*

*Você não é assim.*

*Seja você.*

— Desculpe — peço, balançando um pouco a cabeça. — Não quis te assustar.

— Você nunca me assustou — confessa, cobrindo os braços como se sentisse frio aos arrepios que estou lhe causando.

— Mas deveria. — Morde a boca de novo. Não cansa de morder essa merda? *Caralho*, foi um sacrifício me afastar dela e agora entendo por que, é viciante demais foder com a vida dela enquanto a *fodo*. — Rebeca, eu vou fazer uma pergunta e quero sua resposta sincera e direta. — Assente com a cabeça como se lhe desse o mesmo comando para ajoelhar e enfiar o meu pau na boca. Deus, eu agradeço por ela não poder ler meus pensamentos. — O que caralho aconteceu aqui ontem?

— Eu não estava no andar. — Ergue o nariz se escondendo da culpa.

— Sabe o que aconteceu?

— Sim, eu soube.

— Eu quero que me diga quem foi — assevero, franzindo ainda mais o cenho.

— Ela não te disse? — *Não é da sua conta.*

— Rebeca — advirto.

— Vai demiti-la? — a voz sai rouca enquanto mela os lábios.

— Se for preciso. — *É um pensamento atrativo.*

— Na minha opinião, talvez não seja motivo para demissão — fala, ela sempre falou como se pudesse escolher.

— Entendi, qual é o seu cargo mesmo? — Ergo a sobrancelha ironizando com a mão no queixo.

— Trevor...

— Sr. White — corrijo ríspido e quando acho que vai se encolher, seu rosto se franze e quando abre a boca retocada de batom claro sei que o *show* vai começar.

— Eu queria entender por que contrata dançarinas para ela e me faz te tratar como senhor. — Se levanta da cadeira e crava as mãos na mesa mostrando o decote longo dos seus seios que não me atraem mais.

— Quer ouvir o quê? Em que ela é melhor que você? — Sorrio devasso.

— Ah… não, eu não preciso disso. — Nega com a cabeça, suspirando.

— O quê? Decidiu ter amor próprio agora? — Trevor, *caralho*, o que está fazendo? Veio aqui por um motivo, não desfoque. — Até parece que uma mulher que se humilha como você fez, queria receber algo como aquilo. — Eu não paro de falar, por quê? Faça parar, eu não sou mais assim, você mudou, está melhor, longe do lut… — Você teve o que mereceu devido ao valor da nossa relação, e como nunca significou nada, você teve o mesmo destino. — Um canalha, você é um tremendo canalha desgraçado.

A mulher que lacrimeja um pouco os olhos destila as mãos da mesa e se aproxima de mim se inclinando com ângulo de noventa graus com a mão na minha coxa e outra no meu ombro chegando perto dos meus ouvidos.

— Se eu não significo nada, então por que não me demitiu? — Abro a boca para responder, mas impõe ainda mais o rosto ao meu e me calo. — Você quer ser esse homem severo e grosso quando é comigo, me dilacerando com frases dolorosas, mas saiba que por mais vezes que me fez chorar, eu nunca senti medo de você. — Arrepio os pelos dos meus braços ouvindo cada palavra ridícula. — Me maltrate se quiser, mas eu leio os seus pensamentos e sei que gosta de mi…

— Satisfeita? Eu gosto — admito com a voz acalorada me virando para o seu rosto quase tocando seu nariz. — Mas eu gosto um milhão de

vezes mais dela — confesso sobre seu rosto, encarando-a molhar os lábios. Seus olhos me invadem como se sentisse cada palavra minha como uma facada, mas é de manteiga, porque vejo um pequeno sorriso.

— Tina — sussurra.

— Hum? — resmungo quando ela quebra o contato visual e físico comigo se sentando na cadeira ao meu lado.

— O nome dela… era só ter pedido por favor, Sr. White. — Sorri, dobrando as pernas lisas.

— Obrigado — assinto com a cabeça.

— No entanto, me permite fazer uma observação…

— Você fala. Eu não te permito mais nada — interrompo com a correção.

— Se demiti-la vai parecer que a sua garota é fraca. — Impõe.

— Miranda — corrijo. — E ela não é fraca, só não precisa passar por mais.

— Ela parece uma flor delicada. — Revira os olhos.

— Antes fosse. — Escapo um sorriso e me lembro de ouvir Mia gritar de manhã pela chave do carro. Quando vejo que ela me olha hipnotizada, percebo o quanto sorria pouco perto dela.

*Sorria pouco? Eu nunca sorria.*

— Deveria sorrir mais, Sr. White. — A boca dela vai precisar de uma consulta, como morde, meu Deus.

— Sorrio muito, ela me faz feliz — confesso, entrelaçando minhas mãos.

— Não vai me perguntar o porquê fiz a queixa? — Enrola os dedos no rabo de cavalo.

— Se sentiu melhor? — pergunto erguendo a sobrancelha.

— Ah... acho que sim — murmura.

— Então faça dúzias dessa. Rebeca, eu não tenho como consertar nossa relação, se é que ela ainda existe, mas te falar um bom dia de manhã sem pensar nas marcas que deixei em você facilitaria minha vida. Eu fui

muito... eu fui muito ruim com você. E não sou assim, talvez se tivesse me conhecido em outra época como a Sarah, entenderia, mas eu espero que me perdoe, em nenhum momento quis te machucar — desabafo, tocando de leve as costas de sua mão a fazendo arrepiar o corpo todo franzindo o cenho como se eu estivesse cometendo um crime ao tratá-la com respeito.

Ela fica em silêncio por longos minutos, apenas olhando fixamente para mim. Como se processasse cada sílaba que saiu da minha boca.

— É assim que é com ela? — Encara para cima na tentativa de não aumentar a água que lacrimeja seus olhos.

— Esse sou eu.

— Desculpe… — Rebeca se levanta da cadeira e se vira de costas para mim, enfiando o rosto na mão em que não a toquei.

Eu não vou abraça-la.

Oferecer apoio é diferente.

Levanto também e me coloco ao seu lado, apenas esperando o momento certo para tocar seu ombro, acerto, eu acerto o tempo exato, pois ela segura com força meus dedos como se transferisse dor.

— Beca, ela ser a mulher para mim, não te faz inferior — sussurro, confortando-a.

— Eu sei. — *Sabe mesmo?* — Eu tenho namorado… *caramba*, não sei porque estou te falando isso.

— Ele te trata bem? — Só isso que me importa.

— Sim, na maior parte do tempo. — Isso não me convenceu muito, mas ela não faz mais parte da minha vida.

— O que sugere que eu faça? — mudo de assunto me referindo a situação com a Mia.

— Bom, Sr. White. — Ergue as sobrancelhas e vira a cabeça para mim, encarando meus olhos castanhos.

— Trevor — corrijo e ela sorri.

— Acho que assustá-las um pouquinho... não faz mal. — O sorriso se torna maléfico. Mas é uma masoquista mesmo.

— Sem demissão, mas elas não precisam saber disso. — *Acertei?*

— Isso. — Consente, mordendo o lábio de novo.

— Sua boca não rasga? — provoco.

— Sua camisa não suja? — rebate, me tirando um riso nasalado.

— Sutil. A propósito, está convidada para o Halloween, caso queira ir — digo, me afastando do seu lado.

— A festa não é sua — ressalta, cruzando os braços.

— A essa altura já deveria saber que o que é da Sarah, é meu. Pelo menos é o que diz no testamento — brinco, me aproximando da porta.

— A Miranda deve ser forte mesmo — admite e franzo o cenho sem entender.

— Por que diz isso agora?

— Aguentar Sarah Scott não é para qualquer uma.

*Eu disse isso hoje de manhã.*

— Elas se gostam, eu acho — digo, quase que para mim mesmo e balanço um pouco a cabeça voltando a focar nela. — Foi bom, esclarecer algumas coisas, Srta. Dias.

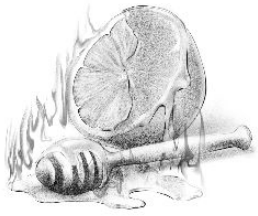
— Igualmente, Sr. White — consente, voltando ao *Trono das Patinhas* e saio da sala.

Essa conversa foi mais fácil do que eu temia por muito tempo. Acho que se você cria uma grande expectativa com o tempo ela se torna real na sua mente, mas não verdadeira.

Ainda a vejo como patinha, como todas as redatoras. E não é melhor assim? Do que sentir culpa ou raiva toda vez que a ver?

Desde que ela não faça o *Show de Patinha* vai ficar tudo bem.

23



# Cisne Dourado

*Você não consegue sentir*
*O brilho no painel da janela?*
*Eu posso sentir o sol*
*Sempre que você está perto*
*Toda vez que você me toca*
*Eu simplesmente derreto*
***Love On Top – beyoncé***

## MIA ROSS

Empoderar. Atribuir domínio ou poder sobre determinada situação, condição ou característica. Na indústria do cinema é inteligente atribuir poder a uma mulher. É moderno, diferente das ordens patriarcais, mas não pode ser qualquer uma. A figura feminina tem que exalar segurança em tudo, senão poderia ser subordinada a um homem.

O guarda-roupa da Morgan está repleto de cores. Como se fosse algum tipo de surpresa. Acho gentil da parte do Trevor ter feito um quarto só para ela em sua casa. Ele tem essa necessidade de querer cuidar dela.

*Às vezes imagino se ele não tenta amá-la com o amor que sentiu falta da Hillary.*

Chega de pensar em coisas tristes.

Vou focar no fato de que estou bem chamativa e um pouco exagerada com uma saia rodada amarela da Mor e minha blusa preta de ontem. *Pareço*

*um girassol.* Pego a fita dourada da chave do carro que Trevor citou e amarro no cabelo, uso alguns produtos na penteadeira e arrumo um pouco o rosto. Estou apresentável.

Saio do quarto e conforme vou andando meus olhos são fisgados por uma porta preta com a maçaneta dourada. Acho que nunca entrei… pare de ser curiosa, casa é dele!

*Humm… mas é só uma espiadinha.*

Tento flexionar para baixo e me decepciono ao estar trancada. O que está escondendo de mim? A casa toda está aberta, menos essa porta?

Meu relógio apita.

*Não tenho tempo agora, Sr. Misterioso White.*

Peço o táxi.

Por quê?

Talvez porque eu gosto de provocá-lo.

O taxista me admira de cima a baixo e penso que pode ser por alguns motivos. Me achou bonita, me achou extravagante ou quis saber o que alguém como eu, simples, está fazendo em um bairro de alta classe como esse.

— Scott Mídia, sabe onde fica? — pergunto com um sorriso, me aconchegando no banco de trás.

— O prédio dourado de vidro? — rio um pouco por como minha empresa é conhecida e confirmo com a cabeça.

— Esse mesmo.

— Você mora aqui? — questiona, erguendo a sobrancelha enquanto me encara pelo retrovisor.

*Sabia que era o bairro.*

— Meu namorado.

— Ele é velho?

*Em nome de Deus, que intrometido!*

— Tem vinte e oito anos — revelo, como se fosse da conta dele ainda com os lábios entreabertos surpresa com a pergunta.

— Desculpe, a maioria nesse bairro são velhos ricos ou filhos mimados. — Revira os olhos fazendo uma curva.

— Ele não é nenhum dos dois.

— Seu chefe?

*Me arrependi de não ter ido com o carro do Trevor.*

— Sim, sou bolsista dele — digo com orgulho e ele ri baixinho.

*Caramba, até o taxista ri de mim.*

Pelo menos o resto do trajeto foi apenas silêncio.

— Tenha um bom dia — deseja com a gentileza tão alta que nem aparenta ter se intrometido tanto.

— Obrigada — agradeço quando estaciona em frente a empresa, lhe entrego o dinheiro e saio.

*Nesse momento preciso ser esperta.*

Meu rosto está inchado, mas mascarado de maquiagem. Minhas roupas estão fora do comum, porém causam poder. Estou sensível e vou melhorar.

Preciso de ajuda. Não vou conseguir lidar com elas sozinha. Preciso da mulher que mais admiro...

Eu a odiei, demais, com força bruta. Em alguns momentos queria enforcá-la.

*Mas passou.*

Embora sentisse todo esse ódio, ainda não conseguia parar de admirá-la. Hillary deu a chefia a ela, entregou todas as ações, a responsabilidade, o prédio. Fico imaginando o tamanho da confiança para isso. Geralmente são heranças para filhos... ou talvez era isso que Sarah era para Hillary. Uma *filha*.

Eu sei tão pouco. Quando penso que começo a entender como toda essa história funciona, surgem mais capítulos. São mistérios que não consigo decifrar... *ainda*.

Escuto Chopin no elevador invadindo cada fibra do meu ser até chegar ao nono andar. Repleto de decorações vermelhas, quadros Pop Art e tapetes felpudos. É um lindo andar, exatamente como uma casa de boneca da Barbie, se claro a loira que as crianças veneram usasse vermelho e não rosa.

Avisto o balcão em frente a enorme sala Scott e o choro de uma secretária domina todo o ambiente, enquanto a Rose tenta amenizar a situação conversando e aconselhando.

— EU DESISTO! NÃO ESTUDEI PRA ISSO! — a moça bem magra e de pele raivosa inchada grita saindo aos prantos para o elevador que acabo de sair.

Entreabro meus lábios completamente surpresa com o que acaba de acontecer e dou pequenos passos me aproximando da ruiva com curiosidade.

— O que aconteceu? — sussurro e ela cobre o rosto repleto de sardas com a mão de tatuagens minimalistas. São tão lindas, não poluem seu corpo como muitas que já vi, parecem fazer parte dela.

— A Sarah é difícil às vezes. — Bufa, revirando os olhos.

— Achei que você fosse a secretária dela. — Ergo uma sobrancelha.

— Eu sou gerente das secretárias. Até fui por um tempo de Scott White quando eram redatores. — *Todos chamam eles assim?* — Era mais fácil do que demitir uma a cada mês, outras não duram nem uma semana.

— Acho que ela gosta de você. — Sorrio sem graça.

— Ela lembra muito a Hillary, não tem muitas pessoas que são próximas e também ela não faz força para se aproxim…

— ROSE! — Ouço um grito estridente que até mesmo me assusta e meus olhos são fisgados pela Loira Vermelha que sai da sala sobre os saltos altíssimos. — Já demitiu essa imprestável? — questiona, com as unhas vermelhas que agarram sua cintura e ela joga o olhar para mim. — Ah, boa tarde, Miranda.

— É boa tarde mesmo? — falo baixinho, escapando um sorriso.

— Trevor teve sorte com a Morgan, essas só me dão raiva. Como é possível não conseguir cuidar de um gato por cinquenta minutos? — Bufa batendo a pontinha do *scarpin* vermelho no chão.

— Sarah, ela não é veterinária. — A mulher de cabelos ruivos como fogo não passa a mão na cabeça dela, fala a verdade e o que realmente pensa.

— Ótimo, porque se fosse estaria passando fome. — E óbvio que a Dama Vermelha faz o mesmo.

*Como Trevor gosta de mim e dela ao mesmo tempo?*

— Rose, arranje outra até amanhã — ordena severa e mesmo que não ache que a mulher ao meu lado concorde, faz uma força respirando fundo por amá-la demais.

— Pode deixar e se acalme — pede e a loira assente. Realmente tem amor nessa relação.

— Miranda, posso te ajudar em algo? — a voz se dirige a mim juntamente aos olhos enormes azuis que me invadem.

— Pode, será que teria dez minutos? — peço, mordendo a boca.

— Tenho — ela assente, pegando o Monarca, que brinca girando na cadeira da antiga secretária, e pede que eu a siga para sua sala.

Eu entrei aqui duas vezes em seis meses, por isso acredito que me surpreendo com a quantidade de vermelho que ela consegue colocar em tudo. Salvo o branco, a cor mais branquinha possível, tapetes, sofás, é o bom gosto. Esse contraste é hipnotizante, acho até que é narcisismo, já que ela é branca e vermelha.

— Já tiveram a primeira briga? — a pergunta sai em tom irônico e me choco.

*Nossa.*

— Sim, mas se resolveu rápido. — Suas unhas afiadas colocam um líquido escuro em um copo de vidro e o estende para mim.

— Imagino como resolveu. — Sorri promíscua. — Toma *bourbon*?

— Tomo — minto descaradamente.

Por que disse isso? É super amargo. Eu… só quero me aproximar dela, por isso faço o sacrifício de aceitar o copo, mas não tomo, diferente dela.

— Como foi o aniversário? Parabéns, a propósito — as palavras saem dos lábios vermelhos como uma dança bem coordenada.

— Ótimo, obrigada. Quando é o seu? — a pergunta que faço é tão sem sentido, a verdade é que não sei falar com ela, eu me assusto. O jeito que ela ergue o nariz, a confiança a cada passo e o olhar furioso me assustam.

— Vinte e nove de março. — *Ela ser ariana não me surpreende nada.*

— E o Trevor? — digo e ela ergue uma sobrancelha.

— Vocês não conversam muito, não é? Trinta de abril. — O tom da voz mostra o quão absurdo acha eu não saber algo tão básico.

*Ainda não tivemos tempo para isso…*

— Estamos conversand…

— E precisa de mim para alguma campanha? — A interrupção me faz perceber que não acredita no que falo, mas é óbvio que ela não vai me dizer isso.

— Tive um problema com as redatoras ontem. Não quero prejudicar ninguém, mas… — Eu respiro muito fundo e a encaro com ela me encarando de volta. Trocamos olhares em que eu tomo coragem e ela me despreza sem uma sílaba. Caramba, fale logo. — Você é a mulher que eu mais admiro aqui dentro, então queria um conselho.

A boca extremamente vermelha como sangue se entreabre mostrando que a surpreendi, mas logo seu cenho se franze mergulhado em soberba.

— Eu sei que muitas pessoas me admiram ou sentem inveja, mas não imaginei que você fosse uma delas — confessa, encostando o quadril sobre o tampão da mesa.

— Sou — admito, bebo um gole do *bourbon* e engasgo.

Engasgo demais, minha garganta se inflama mais do que caso de urgência do hospital, os sons que faço não são agradáveis e poderia estar inteira vermelha de vergonha como a sala dela e não pela falta de ar.

— Miranda, respire! — exclama com as sobrancelhas franzidas que acredito terem uma lasca de preocupação. Ela vai até o bar, coloca um líquido transparente em outro copo com rapidez e me entrega.

— É água com gás. — Assinto e bebo imediatamente, como se tudo o que ela me pedisse fosse ordem. — Você não gosta de *bourbon*, não é? — Dá um meio sorriso.

— Não queria dizer não — confesso, a fazendo sorrir com pena e me dá honra de ser a mulher que está sentada ao seu lado, pois ela toma a cadeira à minha direita dobrando as pernas muito flexíveis.

*Cacete, ela tem uma facilidade para mexer essas pernas…*

— Você gosta de massa, Trevor já me disse — acrescenta, empurrando aos pouquinhos uma caixa branca com um laço vermelho sobre a mesinha que nos divide. Suas unhas desfazem a fita e ela abre.

Meus olhos até brilham por ver quatro bolinhos vermelhos com creme branco. Não resisto, eu não poderia resistir nem por um segundo, o que me faz esquecer do comportamento que me forço a ter ao seu lado. Seguro o açúcar nas mãos e me lambuzo com um deles a fazendo rir. Ela está rindo. A imagino sempre tão séria em minha mente.

— Eu entendo — admite em um riso nasalado.

— O quê? — questiono entre as mordidas.

— Isso que você faz. — Indica os meus lábios. — É excitante, por isso ele te leva a muitos restaurantes. — Os olhos azuis que geralmente me fazem tremer as pernas de medo agora me encaram de forma completamente diferente.

Como se ela estivesse me explorando fitando cada segundo de ato que cometo, buscando e encontrando um motivo para validar a atração dele por mim e até… *a dela.*

*Como respondo a isso?*

— Ah... obrigada? — digo, tentando limpar a boca sem nenhum sucesso, apenas me sujo mais.

— Sim, foi um elogio, mas agora voltando as vadi… perdão, redatoras. — Um sorriso de provocação domina sua boca.

— Você não gosta delas? — Isso… na minha mente me surpreende, mas no fundo sabia que se ficaram incomodadas comigo, a chefe delas incomodaria muito mais.

— São quase as mesmas patinhas que eu e Trevor trabalhamos. As julgadoras de todos menos delas mesmas — acusa, entrelaçando as unhas.

— Julgavam você de quê? Não posso imagin…

— Loira burra, pele azeda, patricinha, *stripper* e vários mais baixos do que esses. — A cada palavra minha boca mostra mais surpresa.

— Nossa! — E por mais tocada que eu esteja, me lembro que com certeza isso parou em algum momento, o que me faz rir de pena delas. — E quando virou chefe?

— Engraçado que não escutei mais nenhum apelido! — Franze o cenho, fingindo não saber o motivo. — Brincadeiras à parte, eu tive meu jeito de lidar com elas e Trevor... ele teve o dele também.

— Dormiu com elas, não é? — Nego com a cabeça sorrindo e deduzindo o que meu namorado faria. Sempre resolveu tudo assim.

— Todas. Quanto mais xingavam, mais ele tinha vontade. — Revira os olhos desaprovando.

— Vocês não namoravam na época? — questiono enfiando mais um bolinho na boca.

— Ele morava comigo, dormia comigo, cozinhava comigo, transava comigo, mas não. — Ergo as duas sobrancelhas extremamente confusa com o que acabo de ouvir.

— Meu Deus, mas por quê?

— Éramos como adolescentes com cargos em uma grande empresa, ou seja, irresponsáveis com grandes responsabilidades.

— Mas ele disse para mim que te amava nessa época. — Inclino minha cabeça para o lado tentando entender.

— Ah, sim. — Sorri, revirando os olhos. — Mas não te contou quando ele disse isso, não é? Passei quatro anos lhe dando todas as chances do universo, depois quando o CEO milionário me chamou para jantar, ele disse que me amava. Mais sutil que isso impossível.

*Nossa, Ursinho…*

— Ele sentia ciúmes do Tom? — Ele devia odiá-lo demais por ter roubado a garota que amava na época.

— Demorou muito até eu convencê-lo que o homem era uma boa pessoa e acho que até hoje ele se sente inferior ao Tomy, mas não admite.

— Acho que admite do jeito dele… jogando as coisas na cara do Tom! — Rio e ela me acompanha por segundos breves.

— Tem razão. O que disseram para você ter me procurado? — volta ao assunto principal tomando um gole da bebida que me fez engasgar.

— Eu estava muito sensível ontem — alerto, na tentativa de que não me ache maluca.

— Acontece. — E a sua palavra me deixa mais confortável.

— Elas já cochichavam, mandavam indiretas, e me encaravam com desprezo. Estava aguentando isso, poderia aguentar isso, mas ontem... e-eu quebrei meu celular essa semana, tentei cozinhar, eu não sou muito boa...

— Ele te deu um novo. Ah... Trevor. — Sarah coloca uma das mãos na testa em negação.

— E-elas começaram a me chamar de Rainha da Apple. — Junto forças para me confessar e abano o rosto o máximo que consigo por estar me sentindo quente. — Que a noite passada foi… de quebrar a cama. — A respiração que sai de dentro do meu corpo não é mais regulada ou saudável, é desgovernada sem limites. Estou me afobando, pare com isso, por favor. — Que não entendiam por que ele me escolheu tendo voc...

— Chega, respire — a loira me interrompe de imediato quando percebe a mudança do meu corpo e ordena, colocando a mão no meu ombro não me dando outra alternativa senão obedecê-la.

— Me chamaram de prostituta — murmuro tão baixo que ela inclina um pouco para mais perto da minha boca para ouvir. E assim que sua mente processa a palavra, seu cenho se franze de fúria como se estivessem xingando o Trevor e não eu, deixando-a em silêncio por alguns segundos.

— Elas não conhecem a sua relação — afirma convicta. — Escute bem, elas têm inveja, pura inveja. Você tem o emprego que elas sonham, o homem que elas desejam e a vida que imploram. — Cada sílaba gentil avermelha ainda mais meu rosto quase explodindo choro.

— Sarah...

— Você precisa mostrar isso a elas, se deixar que te transformem em patinha, vai ser uma.

— Mostrar como? — O tom de voz da minha pergunta revela a exata insegurança que sinto. Como se não fosse possível mostrar… não parece ser. — Já disseram que não tenho voz... meu ex dizia isso pra mim.

Eu confesso, digo e admito, mostrando o que minha mente e corpo têm certeza. A verdade que tomo e tomei todos os dias para mim que diz sempre o mesmo: você não é páreo para ele.

— Eu vou te contar algo pessoal meu, já que eu sei algo de você. — Sarah desenrola a frase na boca como se bem ali tivesse decidido ser diferente da chefe que sempre me assustou. O que me faz tentar respirar mais fundo para não chorar em sua frente.

*Por favor, Mia.*

— Quando eu era adolescente minha mãe me dava aulas de *ballet*, ela era rígida o tempo todo e mais ainda quando eu errava. Ela me espancou por anos, por isso ainda me sinto mal por ir em recitais e principalmente encarar as piruetas. Eu e você temos um passado ruim e ele nos engatilha. Não é culpa nossa, é um trauma, não se deixa invisível e nos condena, mas… pode condenar menos — a confissão me faz erguer uma sobrancelha completamente surpresa.

*Essa não é a mulher que eu imaginava.*

Eu imaginei que algo pudesse tê-la traumatizado sim, mas… *ah, quem eu quero enganar?* Quando a conheci, a imaginei em minha mente como a mulher mais perfeita da face da Terra. Tal figura feminina tão poderosa que seria impossível sequer entrar em uma batalha com ela sem sair aos prantos. E agora? Eu me sinto culpada por tê-la julgado mal, escorrendo uma lágrima que limpo rapidamente. Como se a beleza e o poder incomensuráveis dela fossem um bilhete para a montanha russa da perfeição sem nenhum problema.

— Eu não poderia imaginar — balbucio.

— Isso porque eu não quero que as pessoas me tratem como coitada. Eu sou forte, não preciso de pena, meu passado me trouxe a ser quem sou hoje. Não conte a elas sobre seus traumas, porque é melhor ser temida, do que ser amada. Quem ama perde, e como perde…

Uma frase sábia na minha opinião, se você sente medo de perder amor significa que tem um a perder. Acho que não é terrível fazer de tudo para não perdê-lo mesmo que o caminho seja ser temida.

— Sarah, você é uma boa chefe — elogio e o que digo sai mais para mim mesma do que para ela em voz alta.

— Ah, isso eu já sei. — Sorri, exibida como o meu namorado.

Isso é surreal, ela sai do sombrio e ri exibida. É meio psicopata, mas achei divertido.

— Sobre o Trevor, não o condene. Ele ficava meses guardando dinheiro para me presentear, mesmo eu não pedindo nada. Ele é assim, gosta de demonstrar amor com presença e material. E agora está bem mais fácil, já que ele limpa a bunda com euro. — Ela ri e acabo acompanhando.

*É verdade.*

— Pensando nisso, eu vi em um catálogo essa semana, um papel higiênico de dinheiro. Queria encomendar vermelho para uma festa de cassino, o que acha? — inclina a cabeça deixando a cachoeira loira de um lado das alças finas do vestido apertado vermelho. Ela está realmente se importando com a minha opinião?

— Ah… acho extravagante e engraçado. — Coço a nuca.

— Isso é bom… ah — chama e eu fixo minha completa atenção ao seu rosto. — Só por aviso, eu conheço seu namorado e imagino que ele já descobriu qual delas mexeu com você e vai querer demiti-la. Isso vai fazer com que pareça fraca, então sugiro que mostre poder logo, porque se ele quiser demiti-la, eu assino embaixo — alerta, erguendo a sobrancelha.

— Eu te conto como foi... pode me passar seu número?

*Eu pedi o número dela?*

*Eu realmente pedi o número dela?*

— Claro. — Seus dedos deslizam sobre a gaveta da sua mesa segurando um cartão vermelho. Ela volta com passos firmes em cima da salto e estende para mim.

— Eu tenho o mesmo número faz uns sete anos, o cartão é antigo, porque sabe que não posso dar meu número para qualquer pessoa na rua —

explica e me encanto com as cores vivas vermelhas que colorem sua identidade visual.



**Sarah A. Scott, redatora júnior.**

Thompson Mídia

+351 (21) 919 392 444

“A mídia é uma marca própria.”



— Lindo cartão, a frase é sua? — elogio com um sorriso.

— É sim — confirma e volta a se sentar no trono vermelho, deslizando os óculos de leitura sobre o nariz albino.

*Agora é a Sarah que eu conheço.*

— Obrigada… muito obrigada — agradeço dando meus passos até a sua porta quando a vejo assentir com um leve movimento de cabeça.

— Sempre que precisar.

Saio da sala abandonando a chamativa decoração vermelha e me encosto no balcão vazio tentando processar tudo que aconteceu. Eu respiro… respiro tão fundo como se pudesse sentir toda a nossa conversa em menos de um minuto. Eu vejo, eu vi e eu sei que precisava dessa turbulência. Até mesmo a mulher que mais admiro nessa empresa passou

por isso, e é claro, que todo esse ódio só a deixou mais forte. É isso que ela faz, suga todas as energias ruins e transforma em mais combustível de poder. Faço um rabo de cavalo com a fita dourada. E é isso que eu vou fazer também.

Mais uma peça do quebra-cabeça, Sarah. Teve um passado ruim que a machucou... assim como eu e isso me faz pensar em um padrão.

*Trevor, você gosta de mulheres machucadas?*

Chego a rir da ironia.

E ela pensa que não ouvi, mas chamou o Thomas de *Tomy*. Pelo o que conheço dele, estaria pulando por isso. Eu espero de verdade que fiquem juntos, porque sinceramente... a Sarah pode ser lindíssima, mas só o Thomas para aguentar os gritos dela.

Desço até o andar das redatoras e me coloco atrás do corredor onde não podem me ver. Tomando coragem mais uma vez, respirando fundo mais uma vez… eu sei, Mia, não é assim que lidamos com nossos problemas na vida, mas talvez esse tenha sido nosso erro. Respiro, eu respiro o mais fundo que consigo. Eu vou conseguir e quero me sentir poderosa, o poder pede uma música, mas o que cantaria?

*Love On Top – Beyoncé*

*Se acalme, Mia.*

Escute Trevor e a Sarah, eles são experientes, se dizem que você tem voz, tem voz.

*Elas são patinhas e eu sou um Cisne Dourado.*

É apenas um jogo, elas venceram o primeiro tempo, mas não vou deixar que vençam o segundo. Eu sei que chorei, me mostrei fraca, mas um momento, apenas um momento de fraqueza, porque agora...

TENHO VOZ!

Abaixo a maçaneta de vidro e caminho pelo chão de mármore escutando as batidas dos meus saltos chamarem atenção. Todas elas olham para mim, algumas de bocas entreabertas e outras com as feições ridículas de nojo. Não me importa as outras e sim a Tina. Eu a encontro sem dificuldade, fixa a tela do computador, se fazendo de sonsa que não me viu

entrar, já está com medo? Ah, mas ela não deve ter dormido a noite de medo, tenho certeza.

Tomo a cadeira em frente a sua mesa e me apoio na madeira preta que divide as mesas admirando cada pequena ação dela. O corte de cabelo ridículo, a maquiagem bem feita, embora seca demais e o vestido decotado, porque acredito que se não fosse isso, ela não teria literalmente nada a oferecer. Eu a encaro, não deixo de encarar nem mesmo por um segundo. Observo tão fortemente e profundamente irritando-a até que não aguente mais.

— O que está fazendo? — Franze o cenho me encarando com nojo e me ajeito na cadeira.

— Hoje de manhã eu comi um sonho de creme e tomei leite de canela, estava doce e quente como sempre. Eu até poderia ter vindo com um dos carros da garagem do meu namorado, mas preferi ir de táxi, para provocá-lo, sabe como é. O taxista bem intrometido inclusive, entrei na empresa sentindo aquele cheirinho de essência de sândal…

— Por que está me falando isso? Endoidou? Criou intimidade assim do além foi? — ironiza, fazendo que todas riam pelo deboche.

— Não sei, é que você parece tão interessada na minha vida que eu resolvi fazer um compilado pra facilitar sua intromissão. — Assim que respondo a altura todas as redatoras se silenciam completamente, inclusive ela.

Esbugalhando os olhos antes tendo a certeza de que eu nunca na vida teria a coragem de enfrentá-la.

— Por que eu não continuo? — pergunto com um sorriso falso nos lábios. — Eu poderia falar, hum… minha cor favorita? Talvez o nome do meu cachorro de infância? Ah, não, o que vocês realmente querem saber é sobre o Trevor. Meu namorado que além de ridiculamente gostoso, é meu chefe e de todas vocês, acredite. — Chego mais perto dela cobrindo um pouco minha boca. — Isso deixa tudo mais excitante. — Rio e quando ela ameaça elevar a voz sou eu quem levanto e cravo as mãos em sua mesa. — Cristina, se eu fosse você, tomava cuidado. Trevor não me dá presentes porque enlouqueço ele na cama, mas porque me ama. E um homem apaixonado faz até o inimaginável, então, demitir você? — Rio mais uma

vez. — Vai ser apenas um item básico na lista de afazeres dele. Me diga, você gosta do seu emprego?

A encaro mais firmemente me inclinando na sua mesa, me aproximando mais a cada vez que revira os olhos com mais força.

— Gosta? — repito, erguendo a sobrancelha.

— Estou aqui há muito mais tempo que você. — Bufa, franzindo o cenho com superioridade.

— E os dois chefes sabem meu nome e o seu não sabem nem a primeira letra. Eu sugiro que pare de destilar veneno dessa naja suprema que acha que é, porque na verdade é uma cobra-cega que não vê o processo que posso mover por assédio moral.

Dessa vez fecho meu sorriso e a observo séria, sem mexer um músculo, apenas com o olhar furioso e satisfeito por seu silêncio. E o que diria além disso, não é? Impossível.

— Mas sabe? — Rio mais uma vez irônica, abandonando a mesa de interrogatório para encontrar minha cadeira, enquanto ligo o iPad. — Eu odeio falar da minha vida pessoal, é um caos, então vou trabalhar. Tenham um bom dia — desejo, abrindo minha agenda.

Eu penso que finalizei muito bem, mas elas continuam focadas em algo, o que está me deixando um pouco nervosa, já não disse o suficiente? Elas estão olhando para mim ou…

Viro minha cabeça seguindo o olhar de todas e escapo um riso nasalado de vergonha pura ao ver Trevor encostado no batente da porta de vidro junto a Sarah que me dá um sorrisinho de aprovação e larga o ombro dele.

— Sobre a parte do ridiculamente gostoso, obrigado. — Mordo minha boca a cada palavra pronunciada pela voz que arrepia meu corpo. — A outra que você me enlouquece na cama? A mais pura verdade. — Os passos firmes fazem minhas mãos suarem e acredito que de todas dentro da sala. — E ah… você tem toda razão, ser seu chefe deixa tudo mais excitante — fala mais baixo apenas para mim, fincando as mãos nos braços da minha cadeira. — Confie em mim quando digo que tem poder — ordena, erguendo o meu queixo.

— Eu confio… — murmuro tirando um sorriso de canto dos seus lábios. — Eu vim de táxi hoje — acrescento, tentando não sorrir para não estragar minha surpresa quando ele me encara sem entender.

— Falei que poderia usar meu carro — afirma confuso.

— Eu sei, mas não teria como voltar com você — explico, molhando os lábios.

— Vai passar a noite comigo? — Ergue a sobrancelha.

— Não, eu vou passar algumas — corrijo e o vejo inclinar a cabeça para direita processando o que acabo de dizer. Trevor franze o cenho entendendo meu enigma e não aguento mais esbanjando um sorriso.

— Vai morar comigo até o Cortez voltar? — O homem sorri de orelha a orelha.

— Sim, para tudo o que o senhor julgar necessário — provoco, mordendo a boca.

— Ah… — ele ofega com um riso nasalado e aperta com força os braços da minha cadeira se segurando para algo que deseja. — Miranda Ross, eu não posso te dar mais do que um selinho aqui, mas quando chegarmos em casa vão ser bem mais que vinte e cinco vezes. — sussurra tão perto do meu rosto nos fazendo respirar o mesmo ar que eu puxo a gola da sua camisa chocando nossas bocas.

Fecho meus olhos forçando sentir cada pequeno segundo do beijo e triplico os arrepios quando ele envolve o meu pescoço.

— Hum… — Desloco de seus lábios o fazendo sorrir. — Estou ansiosa, Sr. Perfeito White — confesso, sem mais me importar com o público, ele nunca se importou.

— E eu mais ainda, Princesa de Limão e Mel.

Elas são patinhas.

Eu sou um Cisne Dourado.



Acordo enroscada no corpo de Trevor que me abraça com a força de um urso robusto, porém dopado de carinho. Nunca dormi tão desengonçada na vida, mas não me arrependo nem por um segundo de cada gemido que ele fez ofegar. Seu rosto está mergulhado nos meus seios que ele faz de travesseiro e não resisti em acariciar seu cabelo de lavanda por quase a noite inteira.

Fiquei relembrando várias e várias vezes o beijo singelo que dei na frente das redatoras... mas pode me culpar? Ele parecia um bolo de chocolate que todas queriam um pedaço e eu não sou boba nem nada e experimentei.

Pareceu até cena de filme.

E se fosse, teria trilha sonora da Beyoncé.

Tento sair da cama sem acordá-lo e consigo a proeza até pegar um copo d'água na cozinha. Ouço o telefone fixo tocar alto e corro para atender para não fazê-lo levantar.

— Alô — minha voz quase nem sai pelo sono.

— Trevor, eu sei que não conversamos faz anos. Mas antes que desligue quero que saiba que precisamos nos falar, é sobre a Nicolle, sei que se importa com el…

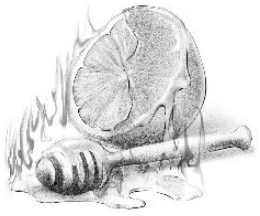
— Desculpa, quem fala? — interrompo sem entender uma vírgula do que a voz feminina cansada diz no telefone.

— Cassandra White.

Desligo imediatamente.

Se ele disse que não fala com a família há dez anos, por que, em nome de Deus, iria atender essa ligação?

24



# Chocolate Quente

*Me sentindo tão bem*
*Até você rasgar meu coração*
*Não consigo mais cobrir as cicatrizes*
***Bad Drugs - King Kavalier, ChrisLee***

## MIA ROSS

Dissimulada. Oculta reais sentimentos ou intenções, age como uma voz na sua cabeça tentando mudar a forma como você vê os outros e como atua. Não é como se nunca tivessem mentido para mim, pessoas mentem, é do ser humano, mas em determinado momento a máscara mentirosa cai. No entanto, com dissimuladas, digo manipuladoras, você é enganado sem nem perceber.

Minha mente está como um queijo suíço repleta de pequenos furos que tento desesperadamente preencher com respostas. Eu não era assim, ao menos não até conhecer o amor profundo. É a famosa linha tênue, amor e obsessão, caminham de mãos dadas.

Não posso voltar a pensar nele vinte e quatro horas do meu dia, foi assim que terminou da primeira vez, porque eu não consegui vencer a batalha contra a minha mente curiosa.

A pergunta é:

COMO?

*Vamos reunir os fatos.*

As pouquíssimas vezes em que Trevor citou a família foi para criticar e não quero acreditar que ele não vê a família há mais de dez anos, isso era para ser normal?

Sei que já brigamos por esse assunto, mas o que eu posso fazer? Não posso viver com uma pessoa que não conheço, ele precisa confiar em mim para me contar as coisas.

Para eu não ter que ficar terrivelmente confusa quando recebo essa ligação bizarra.

No tribunal, a advogada perguntou a ele sobre a mãe e deu para perceber que não a considera nada. E não me entenda mal, não estou obrigando ele a se resolver com a família estranha, mas que me explique.

Óbvio que não posso chegar de repente. Tenho que ir com calma conversando sobre outros assuntos que o deixam desconfortáveis, mas que sejam mais simples para testar sua reação. Testar se tem a capacidade de fazer o básico de um relacionamento: conversar.

Me pego olhando fixa para cada detalhe do meu rosto no espelho do banheiro, não consegui nem dormir pensando nisso e agora muito menos, mesmo precisando urgentemente trabalhar.

Caminho até a cozinha descalça, vestida e maquiada. Encosto no balcão e o observo cozinhar algo que o cheiro é sempre bom, mas nunca faço ideia do que seja. Trevor ergue o olhar para mim, também vestido, com um sorriso exultante como se a minha presença fosse ilustre.

— Bom dia, Princesa — fala ainda rouco pela matina, remexendo algo em uma frigideira colorida.

Fico pensando como seria acordar todos os dias com isso… *seria sempre incrível assim?*

— Bom dia, Português — murmuro, mordendo minha boca, admirando o seu peitoral pela camisa branca ainda aberta.

— Não quis te acordar, estava dormindo muito… fofinha. — Ri da própria palavra.

— Entendi que se dependesse de você eu chegaria atrasada no trabalho. — Bufo e ele revira os olhos.

— Um bom motivo, eu diria. — Corta um quadrado de massa amarelada na frigideira e leva os meus lábios sem qualquer prévia. Experimento limpando o óleo que escorreu para o meu queixo e provo os temperados açucarados, enquanto ele me admira vidrado. Chupo meus os dedos a princípio para provocá-lo, mas a verdade é que realmente está uma delícia.

*É um cozinheiro nato.*

— Perfeito.

— Ah, eu sei, mas gostaria de saber da comida — brinca exibido e acompanho com uma careta.

— Posso fazer uma pergunta constrangedora? — questiono e seu cenho de franze de imediato.

— Ótima maneira de acordar, Srta. Ross — ironiza, recheando a massa com um creme branco. — Sim, pode.

— Eu quero que seja sincero, não é nada que eu tenha pensado muito, apenas quis perguntar depois de ontem — explico, preparando o terreno na tentativa de acalmá-lo e acho que funciona pois ainda está sorrindo.

— Isso tem cheiro de pergunta vermelha — deduz.

— Acha que a Sarah ainda te ama?

A minha frase me transforma em uma das vilãs mais temidas da *Marvel* que acaba de atacá-lo. Seu sorriso morre de imediato, as sobrancelhas mostram preocupação extremamente franzidas e tenho certeza de que sua pele está fria.

— Por que a pergunta? — rebate, desligando o fogão como a chama que o alegrava.

*Está defensivo, por quê?*

— Pode responder? — insisto, deixando transparecer em meu rosto o quão irritada estou pela sua dificuldade.

— A minha primeiro — firma a posição das palavras como em um campo de golfe para dar a tacada.

— Eu perguntei primeiro — afirmo convicta.

— Quer que eu responda ou não? — ergue a sobrancelha vencendo o jogo, enquanto eu bufo e me sento em seu sofá.

— Ontem conversei com ela sobre as redatoras e senti que talvez... ela fala muito de você, Trevor — resolvo falar de uma vez para não prolongar com uma conversa maior do que realmente deveria ser sobre esse assunto.

— Eu sou seu namorado — diz, como se fosse o motivo.

— Já foi dela também — ressalto.

— Sutil, eu… apenas quis dizer que é um assunto em comum. — É uma sutileza a forma como tenta me livrar de assuntos importantíssimos.

— Ela ainda te ama? — repito mais uma vez, surpresa pelo segundo impacto que a pergunta faz.

— Por que acha que eu tenho como saber isso? — Trevor, por que não facilita? Achei que já tivéssemos resolvido. Se está relutante com algo que julguei simples… imagine sobre a família.

— Você sabe — insisto pela enésima vez.

— Posso estar errado. — A possibilidade se cria e entreabre minha boca. *Espera, o quê?* Eu não estava preparada para isso, imaginei receber um belo não, desde antes do julgamento ela disse a mim que não sentia mais nada romântico.

— Isso é um sim? — interrogo de novo já com a voz mais baixa e rouca, processando que a resposta pode ser positiva.

— O que isso mudaria na nossa relação? — Inclina a cabeça lançando mais uma jogada e me estresso torrando a paciência dessa série de ataques sinuosos.

— Responda como gente! — Franzo meu cenho, jogando uma almofada em seu peito.

— Vai começar a me atacar? Eu sou um ótimo atacante. — Ergue a sobrancelha promíscuo, como sempre fazendo tudo ao seu alcance para fugir da minha pergunta. Mas está certo, educação em primeiro lugar.

— Por favor — peço, mesmo que fervendo de raiva, voltando a me sentar sobre o almofadado.

— Eu vou dizer o que eu acho. — Meu pedido faz efeito quando ele cede sentando ao meu lado.

— É só o que eu pedi, Trevor. — Fecho meus olhos buscando calma e o enrolar de seus dedos no meu cabelo auxilia no processo.

— Eu acho que relações de longa data não morrem rápido, principalmente os sentimentos — explica manso, puxando o meu queixo, mas não deixo que termine o ato, ainda não sei se quero olhar para ele.

— Ela me disse que não te amava romanticamente — repito, quase que para mim mesma fixa aos pelinhos do seu tapete.

— Se eu colocar três *drinks* na frente de um alcoólico e ele disser que tomou apenas um, vai acreditar? — A metáfora enche o tanque que faltava de combustível para que eu o encarasse furiosa.

— Está dizendo que ela mentiu pra mim?! — elevo meu tom, franzindo o cenho e ele percebe mantendo a temperatura de suas frases para me acalmar.

— Estou dizendo que a Sarah é muito boa em manipular e nisso quando ela é dissimulada, as pessoas tendem a não perceber — mascara.

— Então ela mentiu — concluo, batendo uma palma alta com um sorriso nervoso nos lábios me sentindo a maior idiota do planeta.

— Miranda, eu não disse isso, quer se acalmar? — A feição calma já não está tão longe assim.

— Trevor, eu vou perguntar pela última vez. Você acha que ela ainda te ama? — O encaro com toda a fibra do meu ser não lhe dando chance para me enrolar mais uma vez. Eu quero a verdade, sem estratagemas e truques de distração, ele sabe a resposta e continua calado! — Mas que mer…

— Sim, eu acho.

— E COMO DORME COM ISSO? — grito estridente, levantando do sofá para lançar outra almofada em seu peito. Não é juvenil, é apenas a única forma que tenho de dispersar minha raiva, porque agora queria 1mporta-lo por tê-la deixado me enganar.

— Da mesma forma que dormi por dez anos ao lado dela. — O homem franze o cenho achando um absurdo minhas emoções.

*Como pode achar normal?*

— Isso não é saudável. Não sente... Trevor, não se sente mal por ela? — Tiro o peso de meus ombros usando a pouca empatia que me resta e ele dá de ombros. *Qual é o sentido disso?*

— Você não liga? — Tento confirmar porque nem em um milhão de anos esperava essa resposta.

— Ela não se importou quando eu a amava e ficou com o Thomas.

**Como é que é?**

— Isso é uma vingança? É isso que eu sou? Vocês brincam com as pessoas, não é? Thomas e eu somos vítimas des... desse complô de vocês dois! — Envermelho e aumento a temperatura do meu rosto cuspindo as questões que martelam ódio em minha mente e ele ri.

ELE RIU?

— É, Miranda, fomos elencados para uma série de drama. — Caçoa revirando os olhos só até perceber que não achei graça alguma e se ajeita no sofá fechando o sorriso. — No início, sim, após a *Inspire* não.

— Está admitindo que me usou para causar ciúmes? — questiono, chocada com suas confissões tocando os ombros robustos na tentativa de mostrar o quão louco está sendo.

— Sim — ele assente, confirmando toda a insanidade.

— C-como pode dizer isso? — murmuro rouca.

— Você queria que eu fosse sincero, estou sendo. — Ele sorri de canto achando tudo muito engraçado. Uma completa piada e eu sou a palhaça, mas não a que ele teme e sim a que debocha.

Antes que eu possa gritar mais sobre o absurdo que ouço, quando abro minha boca já não sou mais adepta de cometer minhas próprias decisões. Trevor arranca o meu quadril para si e me puxa, encaixando em seu colo com uma força bruta que usou contra mim poucas vezes. Eu faço esforço para me soltar, mas ele envolve o meu pescoço limitando qualquer saída minha e embola meu vestido na cintura. Respiro o mesmo ar que ele, o homem me obriga a isso, apertando minha garganta quase chocando nossos lábios triplicando o meu ódio por me deixar molhada agora.

— Para… para com isso — eu imploro baixinho na sua boca só fazendo com que seu cenho se franza ainda mais.

— Eu amo quando fica vermelha — sussurra com um sorrisinho de canto.

— Pelo visto você ama vermelho. — Ele ri, mordendo a minha boca.

— Minha Princesa, eu não ligo se ela sente algo, porque não vai voltar a acontecer nunca mais. Se ela sente e quer guardar? O que eu posso fazer? Você me perguntou e eu respondi com base na minha relação com ela — explica com a mesma voz de melar minha calcinha em *tour* pelo país e eu coloco meus braços em torno do seu pescoço cogitando aceitar a resposta.

— Hum — resmungo e ele mete os dedos na minha boceta me fazendo pular para frente tocando meu nariz no seu. *Ah, mas que desgraçado.* — E… e a parte que me usou? — murmuro.

— Foi um uso muito bom.

— Trevor! — ameaço gritar mais uma vez e ele tampa minha boca desfazendo o úmido, porque agora é riacho.

— Ah, Mia, você não vê? Eu quis te usar e no fim das contas quem me usou foi você. Sim, fiz isso e não me orgulho, mas não me arrependo. Esse ciúme ridículo me fez mais próximo de você — confessa, cravando com força a mão no meu cabelo e por mais forte que puxe estou gostando.

— Hum — provoco mais uma vez. — Não se importa mesmo?

— Se ela me dissesse isso na cara talvez sim, ficaria mal por ela. Na verdade, nem tenho certeza disso, ela voltou a ficar com Tom e quero que fique feliz. — Eu concordo com cada palavra, mas ultimamente está sendo difícil saber o que é ou não é manipulação.

— Thomas tem medo desse amor que ela tem por você. — *E eu também tenho.*

— Eu teria também — confessa e ameaça deixar de tocar a minha calcinha, mas seguro sua mão o fazendo franzir o cenho com um sorriso. — É um amor doentio e intenso demais — desenrola as sílabas explicativas e massageia a minha boceta… *ah, conversar assim é tão mais gostoso.* — Me fez espancá-lo quase até a morte e fez ela te infernizar por meses, mas acabou.

— Pra você acabou. — Ofego, tentando não gemer na sua boca.

— E não é o que importa? Você confia em mim? — Com você quase me fazendo gozar fica difícil falar que não.

— Eu confio, fico lembrando de você inteiro marcado de vermelho naquele maldito balcão, mas eu confio — confesso, raspando sua barba nos dedos.

— Sutil, eu também fico lembrando da sua boca colada no policial — rebate e eu entreabro os meus lábios já não sabendo se quero continuar essa conversa ou dedicar minha atenção aos seus afagos que me esquentam e enlouquecem.

— Você sabe que não fui eu qu...

— É o que eu tenho gravado na mente, já que não vi você transar com ele. — Franze o cenho com mais força dopado de ciúme.

— Tudo bem, essa conversa está estranha — digo, tentando me retirar do seu colo, mas ele segura firme me prendendo.

— Eu sou o melhor?

— Hum, melhor em quê?

— Eu sou o melhor homem com quem já transou? — questiona, erguendo a sobrancelha completamente promíscuo.

— Ah — escapo um sorriso surpresa.

— Fez uma pergunta constrangedora e agora é a minha vez. — Seria injusta se não aceitasse.

— Humm… — Resolvo brincar. — Eu teria que fazer uma análise de prós e contras.

— Como? — Fecha o sorriso safado com raiva pela brincadeira.

*Achou que eu fosse dizer que é o melhor assim de mão beijada?*

— Os outros caras são bons e não rasgam minhas roupas. — Dou de ombros mordendo minha boca.

— Eu sou melhor e compro cinquenta de qualquer roupa que rasgar.

*Ele tem resposta para literalmente tudo, mas que chato, vou ceder.*

— Se você já se diz o melhor, então está decidido.

— Eu quero ouvir da sua boca. — Impõe, autoritário, não apenas no tom de voz, mas na sua mão que aperta com força minha pele por baixo da saia.

Seus lábios se entreabrem de forma quase imperceptível, ansioso para a minha resposta enquanto franze ainda mais o cenho. É essa imagem, eu o amo por muitos motivos, mas a primeira coisa que me fez apaixonar foi esse olhar ansioso. Ele me olhava assim quando nos conhecemos, obsessivo, compulsivo, um verdadeiro animal que me rasgava inteira.

— Trevor, você é o melhor — murmuro, elevando seu ego.

Contagem. Olhos fixos. Não são mais fixos. São estrelas. São olhos brilhantes. Mas não é apenas Amor Sublime. Mas não é apenas Raiva Súbita. É o belo dilema. Contagem. Três. Dois. Um.

Meu pescoço é tomado pelo seu aperto e meus lábios se chocam com os dele. Não respiro. Ele não respira. É assim. Eu gosto assim. Me aperte, Trevor. Você me deseja? Como me desejava? Acho que falei em voz alta, porque ele manobra o meu corpo como ginasta de circo até que me vejo presa embaixo dele com as pernas enroscadas. O seu cabelo. Lavanda. Eu sinto o cheiro. Avelã. Seus lábios são doces, mas cheios de fogo. É o digno *Chocolate Quente*. Mergulho nos seus cabelos castanhos e puxo, aperto, prenso com o único objetivo de que ele me beije mais, me prove mais.

O homem trata minha pele como gelo deslizante, é isso que ele faz, desliza por cada centímetro, meu pescoço está quente por sua mão colocar força. Eu chorava por Victor tocar por medo de me enforcar. *E Trevor... eu imploro.* Eu imploro que me aperte mais. Ele desliza até pressionar os lábios contra o meu pescoço, é pressão demais, é uma bola de demolição caindo na minha derme. Ele pausa, singela calmaria voraz, e pressiona mais forte do lado direito. Está mapeando meu pescoço. É doloroso. É prazeroso. Só ele me faz amar esse maldito dilema. Minhas mãos percorrem o seu corpo, mas mantenho os olhos fechados e os lábios abertos propensos a gemer por tudo que ele faz, quero sentir todas as sensações. Arranho suas costas, dor. Arranho seus ombros, prazer. Arranho seu peito. *Eu posso te causar dor e prazer também.* Ele larga o meu pescoço e puxa meu queixo para admirar seu estado selvagem.

— Sim, eu sou seu melhor — rosna promíscuo.



Sou uma soldada ferida. Eu tentei testar o terreno para questioná-lo sobre a ligação e só ganhei duas marcas enormes dos dois lados do meu pescoço. Ainda estou pensando em como cobrir isso, peguei um lenço do quarto da Mor, mas está calor, ficar com isso o dia inteiro vai ser um desafio.

Me enrosco no seu braço coberto pela camisa branca e caminhamos sem uma única palavra até o balcão de Rose.

— Bonito lenço — Trevor sussurra em meu ouvido, beija minha cabeça e entra no elevador sozinho.

*Engraçadinho.*

Já que a Ruiva resolveu estar mais curiosa hoje admirando meu lenço e tentando decifrar o comentário do meu chefe, resolvo unir o útil ao agradável e puxar assunto.

— Posso fazer uma pergunta constrangedora? — Debruço na sua superfície.

— Eu tenho alguma escolha? Faça, Mia. — A mulher azeda revira os olhos esverdeados com um pequeno sorriso.

— O que sabe sobre a família do Trevor?

— Melhor não brincar com isso. — A feição brincalhona pela fofoca se fecha de imediato com o alerta.

— Ele matou alguém da família? Escondeu o corpo? Por que essa relutância? — brinco, mas tem fundo de verdade na minha mente por ter tanto mistério assim.

— Eu o conhecendo há dez anos sei pouquíssimo, não é um assunto que ele fale com alguém, excet...

— A Sarah. — Se dissesse que me surpreende seria mentira. — Ela sabe algo?

— Miranda. — Solta um riso nasalado. — A Sarah sabe de tudo.

— Então ele contou a ela. — Bufo sem ao menos perceber, jogando meu olhar para baixo.

— Eu senti uma gota de ciúmes nessa frase. — Rose aponta para o meu rosto franzindo o cenho.

— Achei que não fosse mais sentir isso — digo e ela ri.

— Acho quase impossível que isso pare um dia e muito menos tão rápido — assinto lhe dando razão e conto meus dedos buscando paciência.

— Você foi namorada dele também e não sabe de nada? — Ainda me choco com isso, tem alguém dessa empresa que você não tenha fodido, Trevor?

— Ele te disse isso? Como sabe disso? — E acabei de me lembrar que eu não deveria saber.

Apenas sei dessa informação porque ouvi uma conversa escondida.

— Não... eu… — Tento pensar em uma desculpa pronta para que não me ache maluca, mas desisto. — Ouvi você falando com as redatoras.

— Ah… ótimo, prefiro que seja isso. Achei que ele tivesse dado importância para àquilo. — A ruiva nega com a cabeça, desvalorizando totalmente a relação com ele.

— Não entendi, foi um relacionamento curto?

— Sim, acabou quando a Sarah se ajoelhou pra ele pela primeira vez — confessa com um sorriso que não tenho a mínima ideia do por que existe.

*Nossa.*

*Trevor, as suas versões chegam a me assustar, hoje você nunca faria isso, mas há alguns anos…*

— Que Deus me perdoe, mas como viraram amigas? — me intrometo de uma vez mesmo.

*Ah, que se dane, ela já me disse que quer transar com o policial, tenho uma pequena intimidade.*

— Nem eu me lembro direito para falar a verdade, Sarah deve ter praticado hipnose. — Ela ri sozinha. — Roubou meu namorado e no outro dia sou a melhor amiga dela.

— Ele nunca falou nada disso pra mim.

— Pelo visto tem muita coisa que você não sabe. — O telefone de sua mesa toca. — Me dê licença, Mia, bom dia — deseja e atende.

— Bom dia, Rose.

Pelo visto tem muita coisa que eu AINDA não sei.

*Vai ser temporário.*

# TREVOR WHITE

Dissimulada. Eu costumo desconfiar das pessoas, acredito que seja pelo meu passado, mas essa desconfiança não vence da manipulação dissimulada vermelha.

*Essa manhã foi um tanto estranha.*

Mia acordou estranha. Achei que teríamos um ótimo café da manhã, já que estamos morando juntos, ou quase, até o Cortez voltar. Pelo menos é o que ela acha, porque meu plano é deixá-la o mais confortável possível para não querer sair de casa.

Não que essa manhã não tenha sido produtiva, foi… *gostoso* demais deixar marcas naquele pescoço de mel e ainda tão aparentes que me enlouquecem. Consegui ver sua veia pulsar entre o roxo e vermelho, me fazendo conhecer de verdade a sensação da palavra gratificante. E ela também não se conteve, minhas costas estão ardendo.

*Tirando isso... que merda de pergunta foi aquela?*

Se a Sarah ainda me ama? Eu sabia que não tinha sido tão fácil sumir com isso em apenas uma conversa como a Mia pensou. Agora… por que ela mentiu? Poderia ter dito que não ia interferir, mas não, ela tinha que mentir e atrapalhar meu relacionamento.

*Trevor, você não sabe se ela mentiu, seu narcisista ridículo.*

Vamos perguntar e vou saber para criticar com mais procedência. *Andar Vermelho*, vou te visitar. Saio do elevador com as mãos socadas nos bolsos que talvez mostrem um pouco do meu nervosismo. Nada está diferente, exceto a secretária trocada ou devo dizer temporária trocada que não está no lugar. Onde está a contratada da semana passada, já a demitiu?

*Loirinha, precisa aprender a lidar com pessoas novas.*

Conforme vou caminhando com passos firmes até a porta a mulher intrometida se levanta.

— Desculpe, o senhor não pode entrar, tem que marcar horário! — eleva tanto o tom de voz que me faz revirar os olhos.

*Eu mereço.*

— Sou Trevor, o diretor criativo — me apresento com o primeiro nome para que associe que somos próximos, mas ela parece não entender que não preciso de autorização.

— Mesmo assim. — *Mas que teimosia.*

— Quer saber, dane-se. Ligue pra ela e peça autorização. — A moça sorri discando os números.

— Srta. Scott, tem alguém querend...

— Te falei para cancelar minhas reuniões, não tenho ninguém para ver — a voz grosseira vermelha quase desliga, quando a subordinada eleva o tom para chamar sua atenção.

— Sim, desculpe.

— Sarah, me deixe entrar — puxo o microfone para a minha boca.

— Ah, Trevor, é você, entra. — Sorrio quando desliga e a secretária entreabre os lábios surpresa.

— Eu não entendi. — Coça a nuca confusa.

— Acredito que seja seu primeiro dia, então vou te dar apenas uma regra. Você não questiona a mim, Sarah Scott e Rose Braga — afunilo e ela assente desajeitada.

*Ah, Miranda, eu sempre amei o fato de você desafiar a minha inteligência diferente das outras.*

Entro na sala de decorações, peças, móveis vermelhos e o cheiro cítrico recheado de *bourbon* invade meu nariz por completo.

— Essas secretárias são um zero à esquerda, acho que vou começar a fazer meu próprio serviço de secretariado — critica com os óculos de leitura vermelho, que escorrega por seu nariz albino fixa em assinar papéis.

— Tentou dar um treinamento básico? — questiono e caminhando até a frente de sua mesa.

— Não é para isso que a Rose serve? — Ela ri sozinha.

— Preciso fazer uma pergunta, pode me dar um minuto? — Contorno o vidro vermelho com os papéis espalhados e estendo a mão para ela.

— Um? Para você. — Aponta para o meu peito largando os documentos. — Eu dou até dez. — Assim que sorrio pela demonstração simples de carinho, ela segura minha mão e lhe indico o sofá branco. Antes que eu possa me acomodar direito, já posso sentir sua ansiedade a corroendo. — Mas pode falar logo, porque está me deixando ansiosa com esse susp...

— Você ainda me ama?

Sarah se cala. Silenciada. É censura de ditadura. Os olhos azuis que me admiravam até poucos segundos atrás, agora estão fixos no tapete branco de pelinhos. Não faça ser difícil, por favor, eu te imploro. Você é o meu reflexo, mulher, diga e tudo isso acaba de uma vez. Imponho minha mão para perto de seu rosto por não aguentar o silêncio e puxo seu queixo para mim fazendo com que o azul agora me observe assustado. É… óbvio que eu me importo, caso contrário não teria lutado tanto para que a minha bolsista aceitasse essa relação. Mas eu também sei que não mudaria nada, não poderia mudar…. O lábio inferior vermelho é mordido e uma mecha loira cai sobre seu rosto quase albino.

— Sarah — quebro a falta de som.

— O que isso mudaria? — Franze o cenho loiro e responde como eu, em uma dupla dinâmica de fórmula um.

— Eu quero a resposta da minha pergunta — assevero.

— Eu só não entendo… p-por que está perguntando isso? Você não está feliz? — Em anos de convivência raramente a vi gaguejar assim.

Eu quis esconder isso dos meus pensamentos? Talvez assim não vendo, eu pudesse seguir.

— Sim, eu estou feliz e quero que responda — insisto, forçando minimamente o polegar em seu queixo.

— Não. — Bufa baixinho e franzo o cenho fitando-a, pressionando o que tenho certeza ser verdade, mas ela se esquiva. *Porra*, Sarah, só temos eu e você dentro dessa sala, não há mais ninguém parar te jugar. Eu nunca te julguei. A loira respira e ergue o olhar profundo entreabrindo os lábios vermelhos. — Talvez… pouco, não tant… sim, eu amo — confessa em um suspiro, deixando de me privar dos seus sentimentos.

— Imaginei — falo tão baixo quase que para mim mesmo, mas mesmo se eu apenas pensasse, ela leria.

— Se você já sabia por que perguntou? — questiona, negando com a cabeça na tentativa de entender aonde quero chegar.

— Você não se sente mal? — interrogo sua pergunta a qual já sei a resposta, mas meu corpo insiste. *Quer que ela diga que não para te confortar?* No fundo você sempre saberia.

— Eu tenho outra escolha? — murmura, flexionando as sobrancelhas preocupadas e sinto suas unhas arranharem o meu braço.

— Por que nós só fazemos perguntas? — faço a questão mais uma vez para descontrair e consigo fazê-la rir.

— Trevor, eu prometi a ela que não faria mais nada. — O jeito com que fala, desse jeito mais baixo, como uma dança coordenada, me faz achar que eu faria, mas já faz muito tempo que a resposta sempre será não.

— Não, você disse que não sentia nada romântico e mentiu pra ela — corrijo, franzindo o cenho, porque se tivesse realmente dito isso não estaríamos aqui.

— Espera, você contou a ela isso? Ela sabe que eu menti? — A mão albina delicada larga o meu braço e ela se afasta de mim quando meu olhar vai para baixo. Não consigo esconder nada dela. — Trevor!

— Era isso ou eu mentiria pra ela também! — elevo meu tom estressado, como se ela tivesse culpa de algo.

— Ela te perguntou na lata? Se eu te amava, assim do nada?

— Claro, ela vem na sua sala e você só sabe falar de mim! — Bufo revirando os olhos e agora sou eu quem me afasto dela. — Não pode fazer isso, vai me causar problemas, sabe como foi difícil ela aceitar você na minha vida?

Foram meses de trabalho árduo e muitos acontecimentos traumáticos para que Mia finalmente entendesse Amor Leal e quando eu acho que está tudo be…

— Era o mínimo — sussurra para si mesma, mas eu escuto.

**Como é que é?**

— Mínimo?! Sarah se olhe no espelho, por favor. — Cubro o rosto com a mão buscando paciência como se ela não soubesse o problema.

— Não entendi. — Ergue as sobrancelhas soberbas cruzando os braços.

*Quer que eu diga? Eu digo.*

— Você é linda. Belíssima, o tipo de mulher que ganha aqueles concursos de Top Model — confesso o elogio mais óbvio e cansativo que já escutou milhares de vezes, mas quando foi para sair da minha boca eu nunca a ouvi reclamar.

— Já ganhei uma vez.

— Entend… Ah, sério? Parabéns. — Ela me distrai com a informação que nunca soube me fazendo fugir do assunto e seus lábios sorriem. — Voltando. — Balanço a cabeça caindo na realidade. — Entendeu? Ela é insegura, Miranda te admira e fica achando que quantidade de beleza me afeta.

— Você não me ama porque sou Top Model. — Dá de ombros, empinando o nariz convencida.

— Não mesmo, mas ajuda — brinco, sorrindo de canto. — Estou dizendo que ela não era obrigada nem de longe a te aceitar. Não quero ter

problemas com isso de novo, a primeira vez já rendeu um bom drama mexicano.

— Não sei porque essa preocupação repentina, eu apenas a ajudei. — Eu queria ser um mosquito entre a conversa que tiveram.

— Eu disse a ela que não me importava. — Eu ofego, mas sei que eu queria que fosse verdade, não disse isso a ela querendo mentir.

— Não se importa? Por que veio aqui então? — Inclina a cabeça loira para o lado querendo arrancar outra confissão de mim.

— Chega, vamos parar com esse assunto — limito, fechando os olhos já enraivecidos.

— Trevor, você já não sentia o mesmo que eu faz tempo, por que está tão pilhado com isso agora? — Suas unhas voltam e puxam o meu queixo para si.

— Não sei, eu não sei, apenas quero que dê certo. — É só o que eu penso, sempre, o dia todo, fazer dar certo com a Mia, fazer de tudo para não errar de novo.

— Por que não relembramos um pouco? Para relaxar sua mente, quando foi que parou de me amar? — Acaricia a minha barba e eu encaro os olhos azuis fazendo força para respondê-la.

*Sarah, não me faça perguntas assim.*

— Não me lembro — minto, mesmo sabendo que ela quer me ajudar a parar de me estressar com esse sentimento ridículo.

*Por que faz isso? Se machuca para me deixar bem?*

— Lembra sim, eu sei que lembra — insiste, segurando mais firme ainda o meu queixo.

*Mas que merda…*

— Quando a Hillary se foi — balbucio.

— O quê? Mas o que isso tinha a ver? — A resposta que lhe dou não agrada e suas sobrancelhas se irritam.

— Eu não sei o porquê, mas sei que foi nesse momento — confesso, fico tentando dizer para mim mesmo que não foi por não ter me chamado

no hospital naquele dia, mas meu corpo grita que sim. — Não é culpa sua — ressalto, engolindo em seco.

— Fico pensando qual foi a merda que eu fiz que te fez me odiar. — Morde a boca marejando o azulado profundo.

— Não… não, não faça assim — murmuro, juntando as mãos ao seu rosto, amassando o cabelo loiro e respirando o mesmo ar que ela. — Eu não te odeio, nem quando quis odiar consegui — minha voz é baixa que quase não escuto, mas afirmo com certeza.

— Não é justo te contar as coisas que eu penso, você não vai voltar pra mim, então por que pergunta? Por que faz isso? — Suas bochechas se ruborizam e eu imponho meu nariz ao seu.

— O que pensa?

*Pare com isso, por favor.*

— Eu penso em te beijar, sempre que te vejo e odeio ter que me limitar por causa dela. — As palavras são tão absurdas e atrativas ao mesmo tempo.

*Eu não achava loucura, achava normal, até saudável, antes de te conhecer, Mia.*

— Sarah — restrinjo e seus dedos puxam a gola da minha camisa branca chamando minha atenção como se já não tivesse completamente voltada para ela.

— Eu não a odeio e sei que ela te faz feliz, nunca atrapalharia isso, não me faça ser a vilã — implora baixinho, flexionando as sobrancelhas como a vítima que na verdade eu cogito que seja.

— Sarah, eu quero que escute bem… — Envolvo seu pescoço e a encaro profundamente. — Eu nunca vou trair a Miranda — afunilo.

*Infidelidade não tem perdão.*

— Nunca achei que faria isso, mas não me pergunte mais, não faça isso, porque da próxima vez que vier com essa merda de novo, eu vou te amarrar e não vai ter escolha. — Morde a boca pintada de vermelho enfurecida e larga minha roupa junto ao meu rosto.

— Eu prometo.

Me deixo admirar o quadro vermelho em frente ao sofá que estamos e ela deita a cabeça em meu ombro. Encaramos a pintura por longos minutos relaxando nossos sistemas nervosos. É uma relação que apenas uma mente aberta poderia entender.

*Não é racional, comum ou fácil, mas é de fato, sublime.*

— Achei que amasse o Thomas — balbucio, quebrando o silêncio.

*Eu realmente acho isso, caso contrário não teria tido tanto ciúme anos atrás.*

— Eu amo, mas não mais que você.

*Por que mente para si mesma assim?*

— Não acho que seja verdade, já me deixou por ele, lembra? — digo, acariciando seu cabelo reluzente loiro.

— Isso foi antes. Antes da lealdade, antes do velório, antes de tudo — sussurra.

— Tempo não é importante, o que importa é a conexão.

— Só se for com a sua... como chama ela mesmo? Garota de Mel?

— *Princesa de Limão e Mel* — corrijo, chegando a rir um pouco.

— Gosto mais de Loirinha. — Dá de ombros.

— Claro que gosta. — Reviro os olhos com um sorriso. — Sarah, dê uma chance ao homem, ele largou a vida para te ver no tribunal, pense o quão evoluído teve que ser. Voltar aqui depois de o ter abandonado quase morto em um hospital? Eu não faria isso, meu orgulho é bem maior, e digo mais, te odiaria no lugar dele.

Ela se silencia por alguns minutos e abraça a minha cintura.

— Com você é tudo mais fácil, com ele? Sabia que a mãe dele me detesta? E a Samantha? Vejo o rancor dela nos olhos, fora a distância, a único ponto a favor é…

— Química?

— Química… — fala baixinho e vejo pelo canto dos olhos o seu sorriso. *E ainda tem coragem de dizer que não o ama mais?* — O beijo encaixa certinho… — o jeito mais imerso em sonhos que fala me faz até

sorrir por ela, eu sempre amei vê-la assim dispersa e não com a postura grosseira.

*Se o beijo encaixou da primeira vez… não tem mais volta.*

— Se tem química, você tenta. Química não é com qualquer pessoa, aquela conexão quase obsessiva é rara. Eu tenho isso com você, mas muito mais com a Miranda, não tenho nem palavr...

— Sublime.

*Perfeito, Loirinha.*

— Eu já vi você o observando com o olhar sublime. Isso não some, e as dificuldades? Sarah demorei nove anos para te dar uma aliança! Se isso não é dificuldade, eu não sei o que é. — Ela ri, negando com a cabeça, sentindo ódio e acompanho o humor porque realmente é rir para não chorar.

— Eu tento, mas se der errado vou colocar a culpa em você — cede, erguendo a cabeça para puxar meu queixo mais uma vez.

— Se der errado, acho melhor você procurar um daqueles namorados de aluguel, porque nem com uma secretária você consegue fazer amizade. — Sarah me dá um tapa forte no peito que até faz arder.

*Oh, mulherzinha da mão pesada.*

— Eu sou muito linda, sabia? Uma Top Model! — Empina o nariz se exibindo.

— E também é bem chatinha — provoco e ela entreabre a boca chocada com a ousadia.

— Eu te odeio. — Bufa, me encarando com Raiva Súbita.

— Mentir é pecado.



**20h00**

Acredito que ficar pensando nos problemas que causo à Dama Vermelha não vão tornar meu dia mais produtivo. Ela é adulta, poderia ter se afastado se quisesse, não fez. O que estou fazendo? Tentando arranjar desculpas para não me sentir mal?

*Não vou mais pensar nisso.*

Trouxe a Mia até o apartamento para pegar algumas roupas e outras coisas que precisar.

Eu deveria comprar mais vestidos e fazer um closet como a Morgan tem. Odeio que elas tenham que dividir, é minha namorada, merece algo exclusivo e só dela.

Debruço no sofá e me distraio no celular por alguns segundos quando o sono começa a bater após algumas passadas no explorar do *Instagram*. Talvez eu esteja cansado, dormir uns dez minutos não mataria ninguém, ela nem notaria…

Adormeço.



— Trevor. — Mia afaga meu cabelo e abro os olhos sonolento. — Se quiser passar a noite aqui posso pegar uns cobertores — sugere, beijando minha bochecha.

— Não! — Sento no sofá com um movimento tão rápido que fico atordoado. — Vamos pra minha casa, quero cozinhar — digo, esfregando o rosto.

Elevo o olhar afastando o sono e a vejo com uma blusa preta de alcinhas e o short jeans. Caseira. Eu a quero assim em casa, não que não ame ver seus vestidos bufantes, mas essa Mia? De fim de noite despojada é a que eu realmente vou ver na maior parte da vida... e estou ansioso para ver mais.

— Está linda — elogio, mas ela nem ao menos me encara, concentrada no chão. *Por que está olhando para o chão?* — Mia?

— É agora, Mia, vai — fala baixinho para si mesma.

— Miranda? — questiono, erguendo uma sobrancelha.

— Posso fazer uma pergunta? — Essas perguntas estão começando a me assustar, mais uma?

— Qualquer coisa. — Lhe dou um meio sorriso.

— Você pode me contar sobre sua família? — Após demoradas respiradas e o encarar profundo melado de mel, minha curiosidade é sanada.

*Ah, isso? Fácil.*

— Conto. Uma loira vermelha, uma alcoólica extravagante, uma ruiva azeda, uma princesa de Limão e Mel, formam uma família perfeita. — E o Teodoro até que pode entrar se for se comportar.

Miranda ri negando com a cabeça.

— Você entendeu. — Revira os olhos.

— Você me ama? — Franzo meu cenho e questiono, o que a faz morder a boca.

*Não vou falar sobre isso agora.*

— Mais do que tudo.

— Então vai entender que eu não me sinto bem com esse assunto e me respeitar — explico com calma na voz.

*Foi uma boa resposta, Trevor.*

— Hum — resmunga fazendo beicinho.

— Hum o quê?

— Acontece que você sabe tudo de mim, as piores coisas, momentos, fraquezas e eu não sei nada de você. — Impõe o tom e o nariz como se estivesse defendendo um país em guerra.

— Como assim? Eu te contei sobre a Hillary.

Essa conversa não está fazendo sentido para mim de forma alguma, até minha cabeça está começando a doer.

— Aquela conversa não tinha sentimento nenhum. — As palavras saem da boca dela de forma tão simples… *como se fosse real.*

— Mas é claro que tinha, eu me abri com você! — Sento no sofá deixando o celular de lado para encará-la com mais atenção, porque isso não está mais parecendo uma conversa.

*Isso não foi suficiente?*

— Trevor, eu não sei o que ela foi pra você, não me conta porque ela era tão importante, parece que todos entendem, sabem, menos eu. Poxa, eu não sei nem do que ela morreu exatamente, o que aconteceu nesse dia, nada!

Silêncio. Eu me calo completamente para ouvir os absurdos que não concordo de forma alguma e mesmo que estivesse certa, eu tenho meu próprio tempo para contar o achar necessário. Não sei o que dizer, minha boca nem mesmo tem força para abrir.

— Não sei por que saiu de Londres, nem por que foi para lá, por que terminou com a sua primeira namorada, nem por que não tem contato com ninguém, eu nã...

Eu não preciso me deixar a mercê de julgamentos mais uma vez. Não foi por isso que deixou tudo para trás? Para nunca mais ter que pensar no que diziam para mim? Eu sou um bom homem ou pelo menos me tornei. E eles não entendem, querem que eu seja diferente, não me aceitam, nunca vão me aceitar. E eu nem quero isso, se não me veem como parte da família, eu não preciso estar lá. Se preferem a minha irmã, tudo bem. Ela é realmente maravilhosa, deve estar certo. Eu sou o errado nisso... e é por isso que fui embora.

Minhas mãos suam, meu peito arqueja, minha cabeça está quente. Eu odeio essa sensação ridícula. Essa ansiedade maldita que não me esquece, quando essa merda vai acabar? Já faz dez anos.

*E se eu não consegui lidar em dez anos por que eu tentaria em menos de um mês?*

— Miranda, estamos juntos faz 1 mês. — Bufo sem ao menos pensar, transferindo palavras da mente para a fala.

— COMO É QUE É? — ela grita altíssimo se afastando de mim boquiaberta.

**Merda, não saiu do jeito que eu queria!**

— Eu não quis dizer isso! — Levanto do sofá e tento me aproximar negando com a cabeça.

— Ah, mas você quis dizer cada palavra, é isso então, tem uma contagem de tempo? Os dez anos de novo? — Cruza os braços possessa de Raiva Súbita já marejando os olhos.

*Por que sempre isso?*

*Essa comparação ridícula com a Sarah.*

— Eu não comparei você com a Sarah! — Elevo meu tom e logo após me arrependo cobrindo o rosto com as mãos.

*Não se exalte, Trevor, por favor.*

— O fato de estar me dizendo isso, já prova que pensou! — *Mas que merda.* — Eu quero que vá embora. — Ela não me encara mais nos olhos e estende o braço com a ponta do indicador apontado para a porta.

— Miranda, o que aconteceu?! — Franzo meu cenho enfurecido por não estar entendendo *caralho* nenhum do que estamos passando. — Por que isso agora? Do nada?

Ela me assusta as vezes. Ela é pequena comparada a mim, mais fraca e vulnerável, mas me assusta. Meu corpo desenvolveu essa sensação depois de tantas brigas, o elevador, a avenida, o projetor... eu não sei o que dizer, como melhorar, eu só quero que dê certo.

*Faça dar certo, por favor.*

— Nada. Eu não posso ter curiosidade sobre você? A pessoa que diz que me ama todos os dias... uma, uma pessoa estranha que eu não sei nada. — As últimas palavras já saem roucas chorosas.

*Caralho, eu odeio fazê-la chorar e nem mesmo entendo o que fiz.*

— Isso não é verdade, Princesa, por favor — imploro tentando tocá-la, mas se esquiva com uma rapidez que desconheço.

Se eu pudesse agarrá-la e a colocasse no meu colo como hoje de manhã, eu tenho certeza que resolveríamos isso na velocidade da luz, mas não me deixa chegar perto.

— Se fosse um assassino eu não ia saber.

Meu Deus!

De onde saiu isso?

Como começou?

Eu dirigi até aqui escutando as melodias da Ariana Grande, apertando sua coxa com força, entrei no apartamento com sono, eu estava dormindo com sonhos adocicados e agora… *e agora que porra é essa?*

— Pare com isso — peço, flexionando as sobrancelhas.

— Trevor, vá embora — ordena e tira minha camisa de dentro da calça puxando para a entrada do apartamento.

— Eu não quero ir, sinto sua falta, não quero brigar — imploro mais uma vez, tentando enrolar meus dedos no seu cabelo, mas afasta as mechas mel para trás dos ombros me restringindo.

**Ela nunca fez isso.**

— E eu não quero ficar perto de uma pessoa que se aproveita de mim.

SE APROVEITAR DELA?

AH, PELO AMOR DE DEUS!

— Como é que é? Eu me aproveito de você? Miranda, essa foi a pior merda que já saiu da sua boca! — Me estresso jogando toda a calmaria para o quinto dos infernos.

— EU TE CONTO TUDO DA MINHA VIDA! — berra com os braços abertos.

— QUER DIZER OS PROBLEMAS QUE APARECEM NA MINHA CARA? — grito a altura, impondo meus passos até encostá-la na parede. Seus olhos de mel dopados de fúria agora se assustam. Foi você que pediu.

É só isso mesmo.

Merdas que aparecem na minha vida.

— O quê? — murmura baixinho.

— Seu pai apareceu de bandeja na minha vida, ele foi um problema pra mim. — Franzo o cenho travando o maxilar de ódio.

— Pra Sarah! — corrige, impondo o rosto quase para se tocar no meu, eu poderia beijá-la e acabar com tudo isso, mas não pode ousar dizer que toda essa confusão foi apenas da Sarah.

— É A DROGA DA MESMA COISA! — Jogo minha mão aberta na parede fazendo com que minha pele chegue até mesmo a arder.

— Ah, claro, porque vocês dois são um só, juntinhos — a voz sai irritante, como se imitasse um ursinho carinhoso bem falso.

— Miranda — restrinjo de imediato, mas ela não para.

— Os primogênitos Thompson! A Hillary estaria tão feliz, não é? — Empurra o meu peito para trás, mas nem em milhão de anos a sua força seria capaz de sequer desequilibrar minha postura.

— O que deu em você? — *Essa não é a mulher que eu amo.*

— Não importa como descobriu, mas você sabe tudo da minha vida e eu nada de você. Só sai… sai da minha casa, por favor! — Aponta novamente para a porta e me recuso a obedecer.

— Eu não...

— Eu não quero te ver, ouviu? Está escutando? — Gesticula apontando para o ouvido. — SAIA DA MINHA CASA! — berra mais uma vez dopada de fúria.

Ela me encara, os cabelos de mel bagunçados, o rímel borrado, os olhos lacrimejados, as duas marcas roxas no pescoço, a pele vermelha, tudo isso está apontando para a porta. Ela não para de apontar a maldita porta, mas não vai ficar assim. *Eu não quero brigar*. Me aproximo dela com passos firmes, perto do seu corpo singelo, o qual hoje de manhã apalpei com força enquanto ela me implorava.

Levanto uma das mãos como permissão. *Faça isso, recue.* Acaricio sua bochecha devagar e uma lágrima cai sobre os meus dedos.

— Mia, por favor, o que aconteceu? Eu quero resolver, odeio brigar com você — falo baixinho.

— A briga começou quando você resolveu omitir as coisas de mim. — Seu tom de choro me afeta de forma surreal como um tiro em meu peito.

— Eu vou te contar sobre isso, mas quando estiver pronto.

— E quando é isso? — ergue o olhar junto as sobrancelhas.

— Mia — limito.

— Trevor, por favor, vai embora, respeite o meu pedido.

*Droga, não funcionou…*

Junto todas as minhas forças e toco seu nariz no meu preenchendo seu rosto com minhas mãos, a famosa concha, empurro devagar seu corpo até sentir novamente a parede. E posso encarar seus olhos fecharem, eu sei que ama quando faço isso. Esse jeito de amassá-la e focá-la apenas em mim, é por isso que não quer me ver, não é? Não conseguiria não me beijar assim. Miranda tenta limpar o rosto e não permito, eu mesmo limpo.

— Amanhã vai me ver? Temos uma reunião juntos, depois de tanto tempo, é seu dia de ficar comigo, você vai me ver? — balbucio o pedido, esperando a voz doce me responder.

— Você é meu chefe, vou te ver. — Bufa.

— Eu não quis dizer isso. — As minhas palavras causam um olhar súbito, ela está me encarando com tanto ódio que pareço ter virado um ditador. *De onde saiu isso?*

— Eu já disse que vou. — Seu tom de voz é áspero ou pelo menos tenta deixar áspero, é difícil segurar o choro e eu nunca pedi que fizesse isso. Sempre a deixei livre para me mostrar suas emoções.

— Olha, se acalme, não chore, eu obedeço. Se quer que eu vá embora, eu vou — cedo, envolvendo seu pescoço de temperatura fervente.

— Obrigada — sussurra ao suspirar fundo.

*Respire, Princesa.*

Eu não te julgo.

Nunca fiz isso.

— Mas lembre-se que eu te amo e tempo nunca foi importante para mim quando se tratou de você — esclareço e beijo sua cabeça.

Largo seu corpo, saio do apartamento e fecho a porta. Penso em ir direto embora, mas meu corpo não consegue se mexer. Volto devagar, silencioso e a escuto chorar. Um choro baixinho. Eu não quero deixá-la assim, muito menos sabendo que tenho culpa disso, mas ela me pediu.

Ela não pediu.

Ela mandou.

Ela gritou.

Ela ordenou.

Como o dia chegou até aqui? Minha cabeça está girando, não consigo entender.

***"Sabe o que homens de negócios fazem em desilusões, Trevor?"***

*Não, por favor.*

***"Eles bebem, se mergulham em bebida, e o Whisky vence todas as vezes."***

*Hillary, não faça isso comigo.*

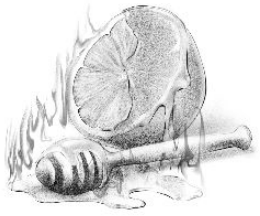
***"É amargo, a tristeza é amarga, combina bem, não? Vamos, Trevor! Quando vai crescer?"***

*Só um drink, não vai fazer mal.*

***"A melancolia sóbria é a pior inimiga do escritor."***

*A melancolia me domina, mas sóbrio não vou ficar, nunca fiquei.*

25



# Boneca Cítrica

*Você é o cadeado e eu sou a chave*
*Eu tenho tudo que você precisa*
*Bem, só um gênio*
*Poderia amar uma mulher como eu*
***Genius - Sia, Diplo, labrinth, LSD.***

## TREVOR WHITE

Ressaca. Conjunto de sintomas causados por excesso de álcool, inconstância e volubilidade. O álcool é bem mais eclético do que as pessoas imaginam, serve para tristeza, felicidade, raiva, amor... e a minha pior inimiga: a desilusão amorosa. As emoções não me derrubam, o álcool já faz essa tarefa esplendidamente bem.

Minha visão está turva, diferente do meu olhar brilhante. Meu equilíbrio está desastrado, diferente do meu andar confiante. Meu coração está machucado, e dessa vez é igual como das outras mil vezes em que achei que tivesse conserto.

Eu construí um império, não apenas a empresa, que me deu clientes poderosos, habilidade, um cargo do qual me orgulho que as pessoas admiram, mas sim a minha personalidade. Eu cresci, não sou mais aquele garoto ridículo de dezoito anos que se jogava no chão por loiras vermelhas.

*Ou pelo menos não me joguei ainda.*

Eu evolui tanto desde que deixei Londres, tinha medo, amargura, insegurança e não me conhecia. E tudo isso era culpa do ambiente sombrio que estava, onde não me aceitavam como eu sou e nem como poderia ser.

Agora ao lado da minha família verdadeira, estou sendo pressionado mais uma vez a fazer coisas das quais sinto repulsa. É por isso que sempre vai ser difícil, esse dilema ridículo que achei que já tivesse passado.

Eu amo a Miranda.

Eu a amo demais.

Eu a amo com o corpo inteiro todos os dias.

E esse é o problema. Eu quero ser o Porto Seguro dela. Quero ser a pessoa que ela procura para ajudá-la, entre as tempestades que vamos ainda passar, eu quero ser tudo que ela precisa.

Mas não tenho como fazer isso se ela me achar fraco. Eu não sou, Mia não vê assim por agora, por enquanto. E não vou deixar que veja esse lado ridículo meu, eu priorizo os sentimentos dela.

A Sarah me entende, sabe as merdas que passei e não me pressiona, nem mesmo quando não sabia. Ela me deixou livre para contar quando eu estivesse pronto. Isso é amor e empatia. Amor Leal.

*Eu quero isso, Miranda.*

*É tão difícil de entender, Senhor dos Céus?*

Sei que não deveria estar dirigindo, mas não posso ficar sozinho e preciso me locomover. Meus pés pisam no acelerador com força para sair desse bar ridículo, preciso de alguém que me respeite. Na mesma velocidade que paro o carro, subo as escadas do prédio e bato com força na porta de Morgan. A escuto destravar a fechadura e logo aparece em minha frente vestida de verde, entreabrindo os lábios surpresa com meu estado.

— Trevor, cacete, está péssimo! O que aconteceu? Quer entrar? Você tem que entrar. — Seus olhos claros febris me encaram preocupados e suas mãos tocam meus ombros com ternura.

Minha redatora chefe segura o meu corpo porque estou tão desequilibrado que poderia desmaiar sobre o seu tapete de entrada. Ela é tão linda, provável que seja a bebida mas o contraste da sua pele preta no meu braço branco me faz lembrar a trufa mezzo[15] da Cacau Show que vi no

Brasil. O cabelo dela é tão bufante e cheiroso, como se eu pudesse ser abraçado por cada fio escuro. Eu vim para isso, Mor, me abrace.

— Tivemos uma briga, pode… hum, pode? — balbucio, apertando os olhos.

— Posso o quê, homem? — Ela ri, achando engraçado meu estado.

— Pode me subs… s-subs… que palavra dos infernos! — xingo chutando a parede.

— Substituir — corrige e eu sou sorrio pela ajuda.

— Pode isso aí na reunião amanhã? Eu? — aponto para o meu peito e ela ergue as sobrancelhas quando pego sua mão e junto ao meu busto também. — Eu gosto de… de fazê-la gozar nas reuniões, mas acho que se eu tocá-la amanhã… a esquentadinha vai me bater.

— Aham. — Seus lábios tremem para rir ainda mais.

— Nã… EU! — grito e a mulher esbugalha os olhos. — Eu quero deixá-la desconfortável... não quero, é não, desculpe.

— Trevor, consegue ficar ereto? — pede e eu obedeço fingindo a postura de um soldado em posição de sentido.

Até parece que eu vim aqui apenas por trabalho, ela não é apenas a pessoa que tenho confiança em contar meus problemas, mas também minha aliada em todos os serviços. Ela é para mim, o que eu era para Hillary. É gratificante saber que estou passando o legado dela.

— Trevor? — chama e eu me fixo a ela. — Precisamos conversar. — Seu sorriso bobo com minhas estripulias bêbadas some e o tom de voz se torna sério me fazendo parar de brincar.

— Sobre o quê? — questiono e seguro suas mãos que estão quentes como lava vulcânica. — Ei, não precisa ficar nervosa, pode me contar qualquer coisa — digo, respirando bem fundo parar terminar uma frase completa.

— Acho melhor entrar, precisa sentar — sugere, mas meu corpo impede de obedecer pela curiosidade.

— Conte logo — insisto, sacudindo seus dedos.

— Eu aceitei um emprego na Companhia Lopes — suas palavras saem afobadas da boca, as mãos ficam imperativas, suadas e seu olhar se torna mistura de profunda tristeza depressiva e, profissionalismo? É como se ela estivesse me demitindo.

Meu cérebro entra em pausa. Como *stand-by* das máquinas, como se após suas palavras fosse tirado das minha lembranças todos os momentos que tivemos juntos. Com apenas um estalo.

**Estalo.**

Isso não pode estar acontecendo.

Ela vai me deixar?

**Estalo.**

Eu nunca faria isso com a Hillary, ela era minha mentora, isso é um absurdo, ela não pode... ela não vai.

**Estalo.**

— VOCÊ FEZ O QUÊ? — grito tão alto que os pés de sua mesinha de centro tremem, eu poderia quebrá-la sem me importar com o vidro que me perfuraria, não controlo mais minhas emoções.

— Trevor, por favor, tente entend...

— VAI ME DEIXAR? DEPOIS DE TUDO QUE EU FIZ POR VOCÊ? — os gritos fazem até mesmo meus ouvidos cantarem junto a garrafa de *whisky* em minhas mãos que implora para ser consumida. — Tod… Todo o tempo que passei te ensinando, as vezes que te defendi de todos aqueles velhos brancos que te desprezavam, te promovi mais cedo, era para você ser meu apoio, meu… meu braço direito. — Engulo goles enormes de uma vez e a bebida desce por minha garganta queimando. — VOCÊ É MINHA MELHOR AMIGA, PORRA! — Cada nota alta que sai da minha boca é dolorosa. Meu peito não bate mais com ritmo saudável, é mais do que show de rock desgovernado, eu nem mesmo estou respirando. O que está acontecendo? Ela… ela fez. Nunca achei que faria, ela está indo, porque… *por que eu confiei?* — E você me traiu, eu já devia saber, os próprios filhos da Hillary a traíram, por que com você seria diferente? Faça isso, trabalhe para àqueles otários e aproveite e nunca mais pise no mármore da minha empresa. Você não é bem-vinda.

— TREV… — Calo sua boca jogando-a na parede.

— Sua lealdade não vale nada — afunilo e a mulher me empurra tão forte que me bate contra a outra parede. Droga de bebida que me deixa fraco.

— EU NÃO TE TRAÍ! — berra no meu rosto, franzindo as sobrancelhas como uma fera. — Eu tenho que priorizar a minha carreira! — se defende com os olhos lacrimejados.

— E eu achei que fosse minha amiga, mas é só mais uma interesseira ridícula que me usou para conseguir o que queria — acuso, impondo meu rosto ao seu querendo sentir essa cara falsa dela.

— Eu nunca te usei, deixe você de ser ridículo! Eu amo trabalhar com você e sempre vou amar, mas existem limites que não posso atingir nessa empresa e eu sou muito maior do que sua redatora. — Cruza os braços como se tivesse o direito de me dar aulinha básica de cargo.

— Eu nunca duvidei disso, mas quero que saiba que eu iria preferir ter sido redator por dez anos do que perder a minha mentora. A carreira é um trabalho, você pode arrumar quinhentos, mas pessoas leais, Amor Leal? Não existe igual — afunilo e suas mãos encontram o meu rosto com carinho e dor. Ela sente carinho e eu apenas dor.

— Eu não estou te deixando — sussurra com a voz falha.

— Espero que veja como é trabalhar com alguém que te despreza, porque é isso que vão fazer com você. E não vou estar lá para te dar liberdade, apoio e defesa. Quer ser a chefe? Seja, mas veja as consequências disso e não me ligue quando perceber a merda que está fazendo — desabo os sentimentos em forma de palavras como uma cachoeira. Arranco suas mãos de mim a fazendo aumentar as lágrimas sobre sua bochecha escura. Não quero que ela me toque. Aperto a garrafa de *whisky* e saio com passos firmes da frente do seu apartamento.

— Trevor! Não pode dirigir assim, por favor, me deixe te levar, me odeie se quiser, mas não se mate! — implora preocupada ao puxar meu braço. Isso não é preocupação, se ela se importasse não teria me deixado.

— Não me interessa a sua opinião, não mais. — Me solto com força de suas mãos e tomo meu caminho como foco enfurecido por estar me seguindo até as escadas.

— Escute, podemos continuar saindo, não é o fim de nada, eu não morri, sei que você tem problemas com perda, mas não existe perda aqui. — Desço os degraus tentando com todos os meus esforços ignorá-la. — Você é incrível no seu trabalho, nunca precisou de mim, apenas se apegou, porque estava com você após o luto. — Deslizo meus dedos pelo corrimão fingindo não ouvir nada, mas a verdade é que escuto os absurdos que diz enquanto desço ainda mais rápido, a velocidade mais alta que posso e ela continua correndo atrás de mim. — TREVOR, ME ESCUTA! — Morgan grita mais uma vez chamando a atenção de alguns funcionários, mas não ligo, chego a recepção do prédio e vejo as portas fechadas pela chuva forte.

Merda de chuva. É sério? Tudo está dando errado? O céu está chorando comigo? Mas não mesmo que vou chorar pela traição dela.

Abro as portas com um empurrão fortíssimo e saio na tempestade que fez da minha vida. Minhas roupas ficam ensopadas, mergulhadas, transbordadas, meu cabelo molhado como uma piscina e não paro, continuo. Eu não vou parar.

— EU NÃO VOU ME MOLHAR POR VOCÊ, SEU CRETINO! — a mulher grita segurando a maçaneta e nem mais a encaro nos olhos, apenas dou passos largos em direção ao meu carro.

— ÓTIMO, JÁ NÃO FAZ NADA POR MIM MESMO! — rebato ainda mais alto, erguendo os braços para o céu e a escuto me xingar da portaria.

Antes que eu possa virar e xingá-la de volta, ela já está correndo raivosa atrás de mim com o pijama colorido verde e seus cachos se tornam lisos pela água. Encontro o carro, abro a porta quase batendo no veículo ao lado e ela aparece em minha frente enquanto abraça o meu corpo com força.

O que me faz parar.

Aquelas palavras ridículas de afeto não me fizeram parar, mas isso? Esse aperto maldito? *Mas que merda!* Ela não merece meu carinho. Ela me deixou. Me abandonou.

— Foi uma decisão difícil, a proposta é mil vezes melhor do que o meu trabalho atual, a única razão para não aceitar era você. — Seus braços me apertam como se estivesse lutando pela vida, força bruta, quer mesmo que eu a entenda, mas não percebe o quão tola está sendo.

— E NÃO ACHOU QUE ERA MOTIVO SUFICIENTE? — Arranco seu aperto de mim e ela me dá tapas fortíssimos nas costas.

— Não diga merda pra mim. É a minha vida e não vou te obedecer por estar chateado, você precisa crescer! — A acusação ridícula me faz virar e encará-la mesmo com dificuldade pela chuva árdua.

— Morgan, você quem é a criança ambiciosa e vai perceber que amor é mais importante do que trabalho, mas quando perceber vai ser tarde — assevero entrando no carro, engato a chave e dou ré.

— TREVOR, POR FAVOR! — Ela bate as mãos no veículo com tanta fúria que sou obrigado a parar, abrir o vidro e deixar que segure a janela do carro tão ensopada que até engasga com a água dos céus. — Tigrão, sou eu, eu não te deixei — murmura baixinho chorando.

— Tem razão, eu estou te deixando agora — afirmo convicto, empurro o acelerador e canto o pneu pela rua.

***"Você tem que ser leal, Trevor. A lealdade é a mais pura defesa mundial, entre as tragédias que cometer, o Amor Leal te salvará"***

*E onde ela está, Hills?*

Eu construí um círculo de Amor Leal, fui ganancioso demais, deveria ter me contentado com a Dama Vermelha que nunca me abandonou. Quis ter pessoas além dela, mesmo sabendo que quando preciso, nas minhas maiores tragédias, é ela quem me defende.

**Podia ter me contado, mas aceitou sem nem mesmo me avisar, eu merecia mais do que isso.**

Não consigo ter a visão correta dos carros, eles apenas me ultrapassam, são poucos, já é muito tarde, deveria ter passado menos tempo naquele bar ridículo. Entre um momento e outro consigo ver luzes de prédios ou são faróis? *São faróis, Trevor.* Piso com mais força no acelerador, são mais algumas quadras, estou perto. Não me limito pelos semáforos, parar, pensar e agir, que vá para o inferno. Mais uma rua, vamos, está chegando. Ela vai te salvar. Só precisa chegar. Viro o carro de forma brusca, chego na portaria e coloco meu cartão sobre o identificador. Os portões se abrem, canto o pneu na rotatória da fonte e deixo o carro no meio do jardim. Desço do veículo e subo as escadas de mármore. Bato na

porta. Bato com força na porta. Bato com toda a força que meu corpo é capaz de produzir na porta.

— SARAH! — grito sem conseguir parar de bater.

# SARAH SCOTT

Ressaca. Álcool é sinônimo de fraqueza quando há exageros, mas não me exclua dessa fraqueza, entre as tragédias que cometo, o álcool é tranquilizador. Porém, lembre-se de ter um Porto Seguro para te salvar dos efeitos alcoólicos, caso contrário vai se odiar ao acordar de manhã.

Posso ainda estar deslocada por aquela maldita pergunta do Trevor, com certeza a Garota de Mel o pressionou para que ele respondesse se me amava.

*Já não está feliz, Miranda?*

Tem nas próprias mãos o que eu não consegui em dez anos.

Na verdade, consegui, não por muito tempo. Ela não tem apenas o corpo dele, mas tem amor romântico, ele a pediria em casamento, eu o conheço. Embora ache que não pense nos objetivos da vida adulta e quem sou eu para julgar? Na minha idade as mulheres já estão acabadas em um tanque de roupa cuidando de três crianças.

*É, prefiro ser eu.*

— Srta. Scott? — ouço a voz feminina de uma das minhas possíveis clientes.

— Ah, me desculpe, Lina — peço, balançando um pouco a cabeça voltando a realidade maldita longe dele. — Estava pensativa, acredito que posso dar um novo estilo a sua campanha — afirmo convicta me esforçando para focar.

Lina é dona de uma das maiores marcas da moda portuguesa, tento conseguir sua conta para a empresa há anos. A mulher de cabelos encaracolados loiros e muito azeda.

— Recebo muitas ofertas de empresas de mídia, seu trabalho não é minha única opção.

*Eu disse, azeda.*

— Lina, acredito que meu trabalho é superior às suas opções, tenho experiência com desfiles e premiações, conheço modelos importantíssimas. Prometo que vai se impressionar, podemos marcar uma reunião com o meu diretor criativo, ele vai encantá-la — garanto ao tomar mais um gole da taça de vinho.

*Ele encanta qualquer uma.*

— Há rumores que está envolvida com Thomas Foster, é verdade? Ele também tem experiência com desfiles e a empresa é muito tentadora. — Ergue a sobrancelha como se me assustasse com ofertas cinza.

Sim, ele já foi meu jurado em uma premiação e por ter levantado a plaquinha com o número 10 para mim, também consegui uma nota 10 cavalgando.

É ridículo, mas eu sinto saudade da atenção dele, há cinco anos o homem encontrava tempo até mesmo para me levar rosas no meio da tarde, e agora? Está agindo estranho. Faz uma semana que não temos contato, está me forçando a transar com meus cachorrinh… digo, funcionários estritamente profissionais que frequentemente beijam o chão em que meus saltos pisam.

E não quero reclamações, até porque não somos exclusivos um do outro.

Diferente do Trevor que deu uma aliança para a Garota de Mel… sei que chama de Princesa, mas não acho que seja tudo isso. Não que eu queira uma aliança de baunilha, não quero... *talvez*. Não preciso disso, mesmo guardando a antiga...

*Sarah!*

— Thomas tem experiência como jurado, mas acredito que vai preferir uma *Top Model* premiada do que um homem do patriarcado.

*Segure essa, Tomy.*

— Seu diretor criativo tem experiência? — Com modelos? Com certeza se quisesse foderia com uma seleção inteira.

— Trevor já me acompanhou em alguns desfiles e é dono da maior conta de beleza cosmética da empresa.

*Tenho orgulho de você, Branquinho.*

— SARAH! — o grito altíssimo robusto invade nossos ouvidos junto a batidas fortíssimas.

— O que é isso? — ela questiona franzindo o cenho.

— Nada que vá atrapalhar — respondo fingindo tranquilidade.

— SARAH, ABRE A PORTA! — *como vou abrir se a porta já está destroçada?*

— Por favor, me dê um minuto, Lina.

Respiro fundo transparecendo calmaria, sorrio falsamente, descruzo as pernas e me dirijo para a entrada com os seguranças.

— Jorge — assevero, franzindo meu cenho para o chefe de toda a equipe. — Pode me explicar que patifaria é essa? Lina pode ser nossa próxima grande cliente, não posso ser interrompida. — Agarro o queixo do homem enorme e puxo para mim. — Resolva isso — ordeno.

— Sim, Srta. Scott — obedece como um cachorro adestrado assentindo.

Volto para o salão principal e derramo mais vinho na taça da mulher azeda. É por isso que prefiro minhas festas, é tão mais fácil fazer negócios entre dançarinas, drogas e bebida.

— O que tem em mente para a campanha? — Cria um bico de interesse nos lábios.

— Apenas de início acredito que incorporar modernidade é a chave para identificação do público atual, além d...

— SARAH! — as portas do salão são empurradas e quase quebradas batendo nas paredes como o início de um show. Meu sangue está fervendo tanto que nem ao menos estou com paciência para ver quem é o infrator. — Por que não abriu a merda da porta?

Assim que escuto a voz mais baixa me viro imediatamente, me sentindo a maior megera de todas por não saber que era *ele*.

Meus olhos não se limitam, a camisa branca está fora do aperto do seu cinto, as mangas não estão arregaçadas aos cotovelos como sempre, estão soltas. Os cabelos castanhos bagunçados, encharcados, juntamente com a sua roupa. A sobrancelha marcada que ele ama franzir está preocupada,

*triste*. Seus olhos não estão brilhantes e sim devastados. Ele veio dirigindo até aqui? Quer se matar?

*O que fizeram com meu Castelo Branco?*

Obrigo Lina a segurar minha taça e corro para alcançá-lo antes que tropece.

— Meu Deus, o que aconteceu? Está bêbado? — pergunto, flexionando as sobrancelhas dopadas de preocupação, enquanto acaricio seu rosto e ele cobre minha mão quase se desequilibrando.

— Eu... p-posso ficar aqui? — as palavras mal saem dos seus lábios de avelã.

Esse cheiro é *whisky*. Hillary tinha que ter ensinado ele a tomar essa merda, faz um estrago no sistema nervoso dele. Mas não toma isso faz um longo tempo, desde que começou a ser mais ele, por que voltou?

— É claro que pode, Branquinho. A casa sempre foi sua, por que não senta um pouco? — Tento empurrá-lo no sofá, mas seu corpo está tão pesado que mais parece um chumbo que apenas se mexe para onde ele quer.

— Esse é seu diretor criativo?! — a voz de julgamento ocupa a sala e tenho vontade de quebrar a taça de vinho na mesa e matá-la com vidro perfurado por sequer pensar em desvalorizar o meu Amor Leal.

Respire, Scott, essa venda é importante.

— O quê? Não… — Droga, Trevor, teria a deixado babando por você se não estivesse tão bêbado. — Ele é o irmão gêmeo dele. — Sorrio nervosa.

— É a Lina da Mod-das... Lina? — balbucia, se apoiando totalmente nos meus ombros.

Ele conhece todas as marcas portuguesas, isso geralmente é útil, mas não agora.

— Em pessoa e você? — Tento segurá-lo limitando, mas o homem é forte demais e se solta do meu aperto.

— Trev-vor White, diretor criativo. — *Tinha que se apresentar com o cargo?*

— Embora você tenha um rosto extremamente lindo, não acho que vá me convencer a contratar sua empresa.

*Desgraçada.*

— Eu duvido muito, Lina. Amanhã mesmo podemos marcar uma reunião e prometo que ele vai estar muito mais galante — elogio e um sorriso domina os lábios do bobão. — Tenho certeza que seu marido deve estar preocupado — sugiro para sair.

— Vai encerrar uma possível cliente por causa de um homem bêbado?

*Eu encerraria tudo no mundo por ele.*

— Acredito que seja mais produtivo nos encontrarmos na empresa. Soube que gosta de massa, Trevor é amigo de um dos melhores chefes italianos da cidade, podemos almoçar no Mercato Páteo. — Mantenho o sorriso extremamente falso.

— Saiba que vou apenas vou pela comida. — Deixa as taças em cima da mesa e sai da sala.

Assim que tenho certeza que saiu, corro para agachar ao lado de Trevor que está largado no meu sofá branco. Retiro o cabelo de seu rosto e sinto a temperatura da sua testa.

— Você parece uma... uma b-boneca, já disse isso? — aponta para o meu nariz me encarando com os olhinhos que agora brilham, encaro essa frase sempre como elogio.

— Sim, muitas vezes, apenas quando está bêbado, mas seria de pano ou porcelana? — tento distraí-lo enquanto procuro o kit médico ao lado do bar.

— Pano não seria porque você é linda demais. — Sorrio sem perceber, vasculhando as gavetas. — Mas você é forte não quebraria fácil, então não pode ser porcelana. — Ele gesticula com os braços para o alto e sua voz ainda não perde o charme.

— Sabia que a boneca mais cara do mundo é feita de diamantes e roupas da Dior? — Encontro o termômetro, uma bolsa de gelo na cozinha e volto a agachar ao seu lado.

— Bonequinha mimada, eu vou comprar pra você, quanto custa? — Chego a rir, fica muito engraçado bêbado.

— Foi vendida em um leilão por cinco milhões de euros. — Ele tosse com o susto e coloco o termômetro embaixo do seu braço.

— Caramba, isso é muito dinheiro até para nós.

— Quem sabe se conseguirmos a conta da Modas Lina, não damos um lance no próximo leilão. — O aparelho apita e vejo o número 38.5º gigante.

*Trevor, como ainda não desmaiou?*

— Eu só compraria se ela fosse loira, branquinha, vestida de vermelho e com cheiro cítrico — murmura sorridente.

— *Boneca Cítrica* — sussurro.

— Uhum... hummm... eu odeio resmungos. — Já está começando a falar besteiras.

— Por que, Trevor? — Deixo que ele fale a vontade até pegar uma aspirina.

— Porque ela resmunga. Aqueles resmungos ridículos que me excitam para um caralho, ela tinha que ser tão gostosa e fofa, não é?

*Eu mereço.*

Devo estar pagando meus pecados agora, pelo menos é longe do inferno.

— Vai me contar o que aconteceu?

Volto ao sofá e o puxo com a maior força que consigo para que sente, mas não me obedece, permanece imóvel agora em pé em minha frente.

— Trevor, precisa sentar — digo e aparenta ouvir minhas frases apenas ignorando-as. — Trev… — Antes que eu possa terminar a frase ele se desequilibra me puxando para bater em seu peito e caímos juntos um sobre o outro no sofá luxuoso branco.

— Desculp… desculpa — pede enquanto me encara, apertando a minha cintura com força. Acredito que por não conseguir se manter são, não controla muito seus movimentos.

Eu acho que a última vez que estivemos tão perto assim foi na sua última conferência na Avenida dos Aliados. Trevor, eu te queria tanto que teria sido capaz de te sequestrar. *Tão perto*... eu posso estar sonhando,

alucinando que esteja me olhando brilhante assim como eu para ele. Franze o cenho como se estivesse se segurando para não fazer algo de que vá se arrepender e eu apenas observo sem pestanejar. Ele inclina a cabeça para frente e permaneço imóvel.

— Sarah — chama baixinho e me aproximo.

— Trev… — antes que eu termine seu nome ele vomita, ensopando meu ombro direito inteiro.

VÔMITO? TREVOR WHITE?

Entreabro a boca completamente chocada com o líquido terrível que invade meu cabelo que fiz no salão de manhã, minha pele cheia de perfume cítrico e o vestido vermelho que está inteiro manchado. Não, ele não fez isso. Mordo minha boca fazendo força para não sentir o cheiro horrível dos seus fluidos, mas é inútil.

Se qualquer outro homem fizesse esse absurdo comigo eu o enforcaria com minhas fitas de mechas loiras e nunca mais ousaria dar o privilégio de me olhar nos olhos, mas…

*Não é um homem, é o Trevor.*

— Eu te amo demais mesmo — sussurro para mim mesma e tento encostá-lo no sofá para respirar, mas não me deixa soltá-lo.

— Ah, caralho, Sarah, me perdoe — implora, já conseguindo formular frases inteiras, enquanto eu tento me retirar mais uma vez. — Nã-ão, não vai — pede com os olhinhos de cachorro. — Me abraça.

— Trevor, estou inteira suja de vômito — recuso falando o óbvio.

— Eu também estou — fala com a voz mais apelativa do mundo inteiro. *Como eu digo não a você?* Nunca me ensinou isso. Obedeço agarrando seu pescoço sem me importar com o líquido horroroso que se mistura entre nossos corpos. — Me perd…

— Tudo bem, Branquinho, é só vômito — digo e beijo sua bochecha marcando de vermelho. Ele envolve meu corpo apertando como se estivesse com medo de alguém me raptar e franzo meu cenho intrigada pelo motivo do apego mais profundo.

— Não me abandone, por favor — murmura, fungando o nariz.

— Eu estou literalmente coberta do seu vômito, Trevor, eu nunca vou te deixar — declaro, dando combustível para que use muito mais força. — Eu te amo, vai ficar tudo bem, está seguro — sussurro em seu ouvido, porque sei o quanto deve ter ficado devastado e assustado para ter bebido tanto.

O jeito que me abraça, tão firmemente lança contra mim o desejo de poder cuidar dele mais uma vez. Pode ter certeza que irei fazer meu melhor.

— Trevor — balbucio e depois de alguns segundos ele cede diminuindo o aperto. — Por que não vamos tomar um banho? — sugiro limpando um pouco do suor em sua testa.

— Eu não posso fazer isso. — Nega com a cabeça.

— Ah… — Rio. — Estou dizendo eu e você separados tomando banho! — corrijo e ele sorri mais uma vez. — Podemos usar o do ex-marido dela.

Hillary mandou projetarem uma casa de banho com dois box separados, um ao lado do outro praticamente, pelo seu casamento fracassado. Pelo o que entendi, ela não queria ter contato com ele, mas tinha que manter as aparências para a mídia, filhos e família. Pelo menos tinha um pouco de privacidade no banho. Eu e Trevor nunca nem chegamos perto desse toalete… *até hoje.*

— Sarah, por que elas me abandonam? É sempre assim, eu tento amá-las e elas me deixam. Por que eu não me contento com você? — quebra meus pensamentos desabafando e me sinto feliz por finalmente se abrir.

*Com ele não adianta forçar, tem que esperar.*

— No plural? Ambição é uma qualidade. — Seguro seu braço e com muita força consigo tirá-lo do sofá lhe guiando para subir as escadas. — São loucas por te abandonar, sabe disso — evidencio, atravessando a enorme mansão.

— Ela não morou comigo nem por um dia inteiro, morar comigo é tão ruim assim? — Empurro suas costas até jogá-lo na minha cama de lençóis carmim. — Veja bem, eu cozinho, deixo tudo limp...

— Vai fodê-la por todos os cômodos da casa, é incrível morar com você. Não entendo porque ela não aceita — concordo com a cabeça e

procuro algum moletom dele. Ainda tem muitas roupas de avelã aqui, encontro um preto e arrumo sobre o colchão o puxando para continuar a caminhada ao banheiro de divórcio.

— Exatamente e a mulher prefere se importar com… com contar coisas? Acho que ela não quer ser feliz, é isso. Queria ver se tivesse morrido atropelado, ela se culparia por ter me mandado embora.

Meu corpo treme em arrepios por ouvi-lo citar a própria morte. Sacudo as mãos que ficaram suadas de repente e respiro fundo. Eu sobrevivi a perda dela, mas a sua, Branquinho? Eu morreria junto. Meu corpo não aguentaria todo aquele trauma mais uma vez.

*Sarah, é apenas uma frase jogada.*

*Nada vai acontecer com ele.*

— Trevor, está com um cheiro fortíssimo, tome um belo de um banho, coloquei o champô[16] de lavanda nesse banheiro. — Procuro mudar de assunto assim que entramos no cômodo inteiro decorado de mármore branco, exceto pelas cortinas vermelhas dos boxes.

— Acho que foi meio pesado o que falei, eu não queria que ela sofresse com a minha morte, não desejo isso, mas sinto que ela não valoriza o amor que eu dou a ela.

*Foi pesado mesmo.*

— As pessoas têm diferentes jeitos de amar, Branquinho.

— Eu saí de Portugal por ela! POR ELA! E ela vem se preocupar com a minha família? Eu fiz tanto por ela, quando vai parar de criar problemas onde não existe?

*Ela. Ela. Ela.*

Ela quer saber sobre a família dele? Ah, Miranda, péssimo assunto para pressioná-lo em tão pouco tempo de relacionamento. Trevor se sente fraco por ter saído de Londres, acha que foi fraqueza, que deveria ter aguentado pela Nicolle, mas ele não vê que foi um ato de resistência.

— Para ela é importante e você vai dizer a ela que não está pronto para conversar, simples — aconselho.

— EU DISSE ISSO! — Arranca a camisa do corpo e enfia o tecido na cara gritando o que me faz tremer os lábios para soltar uma risada.

*Mas é muito idiota mesmo!*

— Vamos, Trevor, tire toda essa roupa logo que vou me virar. — Apresso e enquanto me obedece encaro os detalhes do toalete. Um box à esquerda e outro à direita, uma enorme pia que une os dois e um espelho gigantesco. — Terminou?

— Isso é tão estranho — confessa e o escuto ligar o chuveiro como a deixa para que eu comece a tirar meu vestido. — Como tudo mudou em tão pouco tempo. — Realmente, penso largando os saltos e acessórios sobre a pedra.

— Eu também não gosto de mudanças — digo, sem conseguir não fazer uma careta de nojo quando uma mecha vomitada toca minha pele. — Ai… nossa.

— O quê? Não posso te ver.

— Nada, é só nojo mesmo — explico e o imagino revirar os olhos. Entro no box completamente nua e ligo a água que encharca todo o meu corpo com apenas um jato potente.

Essa cena é tão nostálgica, me lembro de ouvi-lo reclamar dos foras que levava das mulheres no banho. E hoje... *é o Rei da Conquista.*

— Está tudo bem por aí?

— Pode olhar se quiser, está tudo coberto — explico e seus olhos castanhos encaram apenas a minha cabeça molhada, porque o resto está escondido pela cortina.

— Eu fui até a casa da Morgan antes de vir aqui...

— Ela não estava em casa? — questiono, entupindo meu cabelo de champô com cheiro de morango para que não sobre nem um pingo desse vômito.

— Ela aceitou outro emprego — ele murmura baixinho e deixo o frasco cair no chão imediatamente.

— O QUÊ? — grito espantada e nem penso mais no respeito à sua namorada molhando e caminhando pelos poucos metros de chão que nos

distanciam. — Cubra os vinte e um centímetros! — alerto e puxo a cortina o encarando surpresa. — Trevor, se ela quiser mais dinheiro podemos dobrar o salário dela, não se preocupe, vou fazer uma nova proposta e tenho certeza que não vai recusar. Deus… tem todo direito de estar assim! — Dou-lhe um leque de opções para tranquilizá-lo por não poder abraçá-lo ainda escondida atrás da cortina dele.

— Sarah, ela quer ser chefe, não quer dinheiro — explica, transmitindo a pura melancolia em cada palavra como se fosse o fim. Até agora não tinha conseguido falar corretamente, acho que o efeito da bebida está passando. Seus olhos não têm brilho algum, a postura confiante agora foi trocada por ombros caídos e cheios de desilusão.

Fecho a cortina e volto para o meu box.

— Não pode dar seu cargo a ela — afirmo, pensando comigo mesma.

— Ela me traiu. A lealdade dela não vale porra nenhuma. Eu a treinei, ensinei... eu a amei e ela me traiu por um cargo de merda. — Eu me cortaria com todas as minhas facas de cozinha se pudesse tirar um pouco da dor que está sentindo. Ele nunca mereceu ter a lealdade traída, ainda mais por ser nosso único valor. — EU SERIA BOLSISTA POR DEZ ANOS SE ISSO TROUXESSE A HILLARY DE VOLTA! — Gritos dolorosos que apenas trazem à tona o luto profundo para o meu corpo e o dele.

***“A melancolia sóbria é a pior inimiga do escritor”***

Foi isso então... se mergulhou na bebida favorita dela por estar pressionado e se sentir traído.

Morgan não faz ideia do quanto ela significa para ele, eu entendo a ambição dela como mulher, mas também vai perceber que a maioria das empresas são patriarcais e não vão dar a voz que Trevor dá a ela.

Infelizmente o mundo é assim. O mundo é preconceituoso, te julgam pela cor da pele, por sua escolha sexual e até mesmo o órgão entre as pernas.

Ela não sabe o que é ser rebaixada assim, quando entrou na empresa tinha apenas uns vinte anos, foi o primeiro emprego... espero que não sofra, mesmo sabendo que não há escolha.

— Sabe que eu estaria com você sendo bolsista por quantos anos fosse.

— Ela não é leal a mim como você… ninguém é — murmura tão baixo que apenas escuto pelo eco do cômodo.

Não escutei a abertura do *champô* em nenhum momento, apenas a água escorrendo por seu corpo, o que não me surpreende. Em nossas tempestades, as piores e mais assustadoras, era eu quem lhe dava banho. Principalmente o cabelo que o relaxava dos problemas, ele dizia que era como uma massagem das nuvens. Eu quero ajudar, poder aliviá-lo, mas não posso fazer o papel de namorad… ele é o seu Amor Leal, Sarah, não importa se está comprometido ou não.

— Trevor — chamo deixando apenas a cabeça para fora da cortina, mas ele não me responde. Apenas vejo a sua sombra, a cabeça abaixada deixando que a água o ensope e na posição que está poderia até engolir engasgando. — Trevor, fale comigo, por favor — peço e o silêncio permanece me fazendo ter a certeza do porquê não está respondendo. Desligo meu chuveiro e seguro nas mãos algumas toalhas, uma enrolo meu corpo e outra o loiro. Dou passos pouco invasivos e a ofereço colocando dentro do box com uma mão, mas não há resposta.

*Se eu pudesse tocá-lo seria tudo mais fácil.*

— Sarah — quando sua voz pronuncia meu nome logo solto o ar que nem percebi que estava prendendo. — Pode lavar meu cabelo? — pede aceitando e enrolando a toalha que ofereci.

— Posso, Branquinho. — Estendo minha mão e quando ele segura o puxo para sentar na privada.

Trevor nem ao menos me encara nos olhos, como se estivesse fora de órbita processando cada segundo do dia que passou. Talvez não apenas dias, mas os meses que foram tão repentinos para nós.

Despejo o *champô* com cheirinho de lavanda nas mãos e massageio seu cabelo com a ponta dos dedos ouvindo arfadas de satisfação. Eu sei que o estou relaxando, mas o jeito que prende a respiração, os ombros largos junto do peitoral musculoso totalmente caídos e a fungada que acaba de dar com o nariz me faz arder a garganta. Ele se recusa a se mostrar fraco,

segura até mesmo os próprios sentimentos ao limite para não demonstrar um pingo de franqueza.

Eu odeio vê-lo nesse estado, dou respiradas fundas olhando para cima enquanto faço os movimentos, tentando ao máximo não chorar. Ele não merece que eu chame atenção agora. Eu quero que me deixe ajudar, por favor, não posso pressionar, preciso que confie em mim.

— Trevor, só estamos você e eu aqui — digo adiando a lavagem, mas ele não responde. — Eu já te vi ch…

— Eu não vou fazer isso — afunila tão ríspido que me faz morder a boca e segurar ainda mais a lágrima que pede para cair em minha bochecha.

Não precisa me deixar ver.

Agacho na altura de seu tórax e o abraço sem me importar com o sabão que mancha minhas bochechas. O escuto fungar o nariz mais uma vez relutante e aperto com mais força até que finalmente cede, colocando a cabeça no meu ombro. Não se permite chorar de maneira alguma, mas desaba.

— O que eu fiz de errado? — a voz sai rouca melancólica.

— Nada, Branquinho, você não fez nada de errado, acredite em mim — imploro em seu ouvido.

— Eu não fui suficiente, não bastei nem mesmo para a Miranda, não consigo me abrir como ela faz.

— Você faz o que pode — sussurro, massageando seu cabelo lambuzado de sabão. — Eu tenho certeza que ela estava com raiva, essa mulher te ama demais é por isso que quer tanto se aproximar de você, é só isso.

— Estou decepcionando, uma atrás da outra, você viu o celular — ronrona, apertando a ponta da minha toalha.

— Eu aposto minha vida que ela não acha isso, você nunca decepciona, faz sempre seu melhor e todos veem seu esforço, confie em mim.

— Eu não sei o que fiz para me amar tanto… — Assim que diz nego com a cabeça, porque a verdade é que amá-lo é fácil.

— Sou eu quem te digo isso, você mesmo diz o quanto eu sou chat…

— Eu estava brincando — corrige imediatamente, sem nem me deixar pronunciar a última sílaba. — Eu sempre amei sua companhia, Sarah, você é minha pessoa favorita — declara e eu mordo minha boca forçando para não chorar. — Só estamos você e eu aqui — repete minha frase, mas me recuso a ceder assim como ele. — Imaginei.

— É você quem precisa de mim agora — afirmo convicta e deixo de abraçá-lo para segurar seu rosto. — Eu não vou a lugar algum, serei leal a você até o fim dos meus dias, eu prometo. Não importa o cargo, dinheiro ou o tipo de amor que estejamos sentindo um pelo outro.

— Eu não quero dormir sozinho — ele murmura finalmente me dando a atenção de seus olhos.

— Eu vou cozinhar algo e arrumar a cama, estarei ao seu lado, apenas um metro de distância, pode ser? — sugiro e Trevor assente com a cabeça. — Por que não tira um cochilo?

*É melhor que descanse para se organizar.*

*Estou aqui sempre, Branquinho.*



O deixei bem acomodado ao lado esquerdo da cama, o lado dele do colchão, que já vem desnivelando desde que terminamos. Eu acho que o último homem que dormi ao lado sem ser o diretor criativo foi o Thomas. Chega a ser triste pensando, mas não me sinto sozinha, melhor só do que mal acompanhada… não que ele não fosse boa companhia.

Era ele quem cuidava de mim, diferente dos cuidados que sempre prestei ao Trevor.

Fiz um rocambole de carne e queijo provolone às pressas na cozinha, por saber que poderia ter a mínima chance de animá-lo agora. É seu favorito. Subo as escadas mais uma vez, além das outras dez que subi para

verificar se estava vivo, e enquanto levo a bandeja abrindo a porta o encontro largado na cama sorrindo. A alegria dele repentina me faz sorrir junto.

— O que aconteceu? — questiono, deixando o prato sobre a escrivaninha.

— Estou melhor, não se preocupe. Esse pijama. — Aponta e aliso o busto da seda vermelha rendada. — Eu já tirei muitas vezes — relembra e tenho certeza absoluta de pode até estar melhor após o cochilo, mas ainda bêbado. Nego com a cabeça achando um absurdo seus pensamentos promíscuos, mas um único milésimo de segundo encaro o volume abaixo da toalha sem seu quadril. — Ah, eu vi isso! — Fecho meus olhos xingando mentalmente.

— Não viu nada — restrinjo, revirando os olhos e corto um pedaço do rocambole lhe entregando sobre um prato de vidro.

— Eu te desculpo, é melhor aproveitar antes que a Mia me aprisione de novo. — Bufa como se estivesse irritado, mas a verdade é que fica besta com apenas um resmungo dela. Roubaria três bancos para que a garota o aprisionasse.

— Não era você que estava chamando ela de gostosa uma hora atrás? — questiono, erguendo uma sobrancelha e ele revira os olhos enfiando a cara no travesseiro vermelho.

— Não precisa me lembrar — afunila, tirando rápido o almofadado do rosto. — Acha que eu penso em outra coisa? Que eu não estou puto por ela não me deixar tocar o cabelo de limão e mel? Que eu não estou péssimo por ter ido embora mesmo ela me expulsando aos gritos? Que eu não queria estar metendo naquela maldita boceta de mel? Não, Sarah, não precisa me lembrar o quanto a minha namorada ocupa meus pensamentos.

— Sutil — digo e lhe tiro um sorriso sofrido dos lábios.

Trevor puxa o lençol para cobrir a virilha e encaro os cabelos brilhantes bem limpos jogados sobre o rosto contrastando com o peitoral reluzente.

*Tentador, Sr. White.*

Ele esconde como se eu não tivesse visto e engolido aquele pau milhares de vezes, mas eu entendo, também me sentiria mal se a Samantha colocasse os olhos no pau do Thomas.

Tenho que parar de fazer comparações de baunilha. Ele não me liga faz uma semana, sete dias e ainda perco tempo pensando no homem?

— Sarah, Fada de Baunilha está te ligando. — Ele se joga inteiro no colchão se esticando para me entregar o celular.

*Isso aí foi destino ou a mais pura coincidência do século.*

— Mande ele ir a merda. — Bufo sentando na cama.

— Posso atender? — Expressa um sorriso quilométrico na boca ansioso para assustar o homem.

— Pode. — Rio pela animação.

— Oi, Fadinha. — Atende e faço gestos para que deixe no viva-voz.

— Trevor?! Está fazendo o quê na casa dela essa hora? Onde está a Miranda? — a voz geralmente dopada de poder e seriedade some e o que aparece é apenas desespero.

*Morre de medo de ser corno.*

— Pois é, terminamos, não era pra ser. — Coloca no silencioso e solta uma risada alta me fazendo tremer os lábios de ódio por sempre conseguir me fazer rir.

— Ótimo, quase fodi ela no elevador semana passada, agora posso continuar de onde paramos. — Mas é um cretino mesmo, não sabe brincar.

— VOCÊ FEZ O QUÊ, SEU MERDA? — ele berra no telefone, franzindo o cenho enfurecido de puro ciúme.

— Estou brincando como você... ou não. — Escapo um sorriso por ouvir sua voz mais atraente.

***Sarah!***

— Se colocar os olhos nela de novo, vai desejar ter morrido cinco anos atrás. — Os dois não sabem brincar.

— Trevor, me deixe falar com ela — ordena, fazendo com que meu diretor revire os olhos estendendo o celular para mim.

— Lembrou que eu existo? — dramatizo, cruzando as pernas.

— Todo banho de manhã. — *Mas é sujo demais…* — Por que não me acompanha no desfile de Halloween? Vai ser dia vinte e nove.

— Depois de uma semana sem dizer uma palavra, acha que vou aceitar te ver? E ainda mais te acompanhar? — Entreabro meus lábios chocada por achar que tenho falta de amor próprio.

— Me perdoe, andei meio ocupado, até comentei com Trevor sobre algo que está tirando meu tempo. — Jogo o olhar para o homem que cheira avelã e ele concorda se lambuzando de queijo.

*O que esses idiotas estão tramando?*

— Eu vou pensar, vai vir na minha festa de Halloween? — Estou organizando isso há mais de um mês. Contratei dançarinas para se vestirem de múmia, nunca achei que gaze enrolada no corpo pudesse ser tão *sexy*, além dos *drinks* temáticos, o sangue vermelho por todo o chão, a minha fantasia que está incrível e até encomendei uma para o Monarca, ele vai ficar tão fofinho.

— Vou ter um compromisso, podemos marcar no dia seguinte? Talvez viajar no final de sema… — Desligo a ligação antes que termine e Trevor franze o cenho.

— Poderia explicar que a presença dele é importante pra você — sugere, abocanhando mais um pedaço.

— Funcionou explicar o óbvio com a Miranda? Vamos morrer sozinhos, Trevor. Se o homem não sabe o quanto Halloween é importante pra mim, prefiro que não me veja mais.

— Está send...

— Se disser mimada vai dormir na Fonte Scott — ameaço e ele levanta as mãos em defesa.

A minha mente é um dilema ridículo. Amor Leal ou Amor Romântico. Trevor sempre está aqui para mim e Thomas nem em minhas festas está presente. Mas não posso me enganar, quando Tom era presente... eu o escolhi. Eu queria ficar com ele.

*Então por que digo que amo Trevor?*

Ele me entende, é mais fácil. Nossos problemas eram diferentes, mais fáceis. Meu corpo arrepia apenas por vê-lo sem camisa e ainda me lembro da primeira vez que disse que me amava... como se fosse mudar algo. Ele ama a Garota de Mel. Um amor absurdo. E às vezes me pergunto se quero mesmo o amor dele ou apenas quero porque não posso ter.

Ficar solteira de novo me fez refletir tanto, acredito que nunca tinha me sentido tão sozinha. Trevor e eu tivemos apenas um relacionamento de um ano, mas nove anos juntos indo de lá para cá. Ficar realmente sem ele, saber que não poderia fazer mais nada nunca, me deixou maluca, cometi erros que me arrependo. Odiei a Miranda com força e não pela personalidade dela, mas porque senti que fui trocada.

*E esse sentimento foi muito doloroso.*

Mas também não posso negar que já sentia falta do Tom há anos... não apenas as práticas agressivas que me fazem ser dominada, mas o carinho. As declarações que ele fazia de manhã e o olhar cinza dele, aquele olhar como se sugasse as luzes de Paris inteira.

*É assim que ele me olhava... e me olha*.

Quando era redatora, o homem comprou trezentas e sessenta e cinco rosas e pediu ao florista ao lado da empresa que me entregasse uma a cada dia, todas com bilhetes diferentes.

Thomas se importa comigo, sempre fui a única no coração dele... e acho que o problema não é o amor que sinto. Porque eu o amo, embora às vezes odeie isso, eu amo, amei desde a primeira vez que me chamou de Gatinha. Mas porque o magoei profundamente pela minha Lealdade ao Trevor.

**E ele não entende isso.**

Não posso ficar com um homem que não entende o Amor Leal que tenho pelo Trevor.

Fecho os olhos com força sentindo as emoções do organismo, abraço meu próprio corpo e arrepio com a temperatura gelada do ar-condicionado. Chego a lacrimejar por pensar tanto em como minha vida é confusa, eu deveria ser mais forte e decidida. Não ficar entregando meu amor à alguém que não me ama da mesma forma.

— Sarah? Está tudo bem? — Trevor questiona e senta ao meu lado da cama.

— Sim, apenas estou pensativa. — Limpo o rosto rapidamente.

*Não seja egoísta, é ele quem precisa de ajuda agora.*

— Acreditaria se eu fosse qualquer um — afirma convicto, apertando o meu corpo contra o dele. — Me desculpe — sussurra, massageando meu cabelo.

— O quê? Não tem que pedir desculpas por nada. — Me recuso a ouvir o absurdo.

Ele puxa o meu queixo para mais perto e me deixa encarar seus olhos que ainda estão um pouco melancólicos, mas ainda vejo o carinho que sempre me deu.

— Me desculpe por ter te perguntado se me amava, me desculpe por ter ido ao Brasil sem te avisar, me desculpe por estragar nossa festa de dez anos, me desculpe por ter transado com você pensando na Mia, me desculpe por ter demorado a te escolher no elevador e... me desculpe por ter partido seu coração quando terminamos. Eu nunca quis te magoar, mas percebi que faço isso muito, enquanto você sempre me prioriza. Eu não fui um homem bom com você e eu peço desculpas, porque quero que saiba que nas horas sombrias da minha vida, você é a única que me salva — confessa, apertando meu rosto e eu me xingo internamente por ser tão fraca chorando como uma idiota em sua frente.

Eu não achei que fosse ouvir isso. Nunca tivemos a necessidade de nos dizer o que sentíamos, estava claro em trocas de olhares sublime, mas ouvindo agora me faz pensar que senti falta. Nós não conversávamos como adultos, apenas resolvíamos tudo no sexo e parecia tão certo. Uma conexão única de corpo em meio a Raiva Súbita e Amor Sublime.

Ele pede desculpas me encarando com os olhos que brilham implorando meu perdão, como se eu não tivesse feito o inferno em sua vida desde que me conheceu. Eu nunca deixei ser fácil, sempre buscava te irritar, provocar, manipular e atrair mais. Quando no fundo, eu só não queria cair na sua rotina para me tornar apenas a mulher bonitinha insuportável. Mesmo que você sempre demonstrasse Lealdade a mim.

— Trevor. — Abano o rosto com as mãos rapidamente e ele sorri com pena pelo meu choro ridículo. — Não peça desculpas, eu erro demais, eu errei demais com você. E ainda está aqui... vai sempre ter meu perdão, por tudo que fez e ainda vai fazer. — Puxo seu corpo para mim e o abraço com força. — Por favor, não deixe que ela te pressione, eu não quero te ver sombrio de novo.

— Eu prometo — sussurra, beijando minha cabeça.

— Tem um motivo para querer saber tão de repente, tudo tem motivo, a Hillary dizia isso e não ouse se abrir sem saber o motivo. Explique os seus sentimentos, o porquê se sente mal e se ela não entender então tem algo errado — aconselho ao massagear seu cabelo.

— Eu vou descobrir o motivo.

— Sobre a Morgan, ela vai cair em si, mas caso não, eu vou encontrar a melhor redatora chefe do país. Tente não se magoar com isso, se ela não percebe que trabalhar com você é um privilégio, o problema é dela. — Seguro seu rosto nas mãos lhe invadindo com meu olhar.

— Será que eu te amo por que sempre concorda comigo?

— Eu esperava que fosse pela Lealdade ou meus peitos, mas serve isso também — brinco, o fazendo rir. — Trevor, vá tomar uma aspirina, porque amanhã já estou te vendo xingando até o teto pela ressaca.

— Vai me perdoar se eu chutar o Monarca? — Ergue uma sobrancelha.

— ISSO EU NUNCA PERDOARIA! — grito estridente, empurrando seu peito na cama e ele ri sem parar.

26




# Surra de Sal

*Foda-se os meus amigos*
*Porque eles só vão me decepcionar*
*Agora eu estou pensando*
*Através desta multidão*
*Eu não preciso do amor deles*
***Fuck My Friends - Eddie Benjamin***

## TREVOR WHITE

Confiança. Sentimento de segurança ou a firme convicção que alguém tem relativamente a outra pessoa ou a algo. Como toda emoção tem um preço, essa não seria diferente, ser confiante aos olhos de invejosos pode se tornar arrogante e exibido. É arriscado apostar tudo sem ter certeza absoluta, no entanto, ver o investimento confiante dar certo é gratificante e muito viciante.

*Em quem você confia?*

*A quem você entrega todo o seu investimento?*

*Como é o seu processo seletivo de confiança?*

O meu é simples de explicar, mas difícil de conquistar. Lealdade é a junção de todas as virtudes e qualidades decentes. Deixe-me explicar com uma comparação.

Pense comigo, de imediato, a pessoa que você mais confia, quem cogitaria até mesmo dar sua vida em momentos de desespero, alguém que

seria quase impossível viver sem. E imagine que essa pessoa roubou um mercadinho, tem seus motivos, mas cometeu um crime.

*Você contaria a polícia ou ajudaria a encobrir?*

**A velha disputa entre Honestidade e Lealdade.**

Seja sincero, ninguém é ridiculamente honesto, isso não existe. Seja a maior ou menor mentira, o ser humano é programado para mentir. E eu, apenas escolho o que desejo mentir.

Mentiria para encobrir o furto no mercadinho.

E se eu tivesse roubado a Nutella no corredor adocicado, não ia querer ser preso e sim que alguém me encobrisse, porque eu tenho meus motivos. Preciso de apoio e a Lealdade é o apoio infinito e absoluto.

*Ou pelo menos era.*

Até que eu quebrei a cara mais uma vez. Não é à toa que a avareza é um pecado capital, seja ganancioso demais e perca tudo. Eu me entupi de álcool e emoções destrutivas por não conseguir lidar com meu erro. Claro que errei, minha confiança geralmente é sempre correta, foi o que aprendi.

***"Prática. Covardes não domam, Trevor, esteja disposto a errar que provavelmente vai acertar."***

Eu fui confiante, não tive medo de errar, mas o provável é como cara ou coroa e agora a coroa venceu o cara diabético.

Mais um trauma para a lista quilométrica. Como vou conseguir entregar minha Lealdade novamente se a perdi tão fácil em um dia? O que você fez comigo, Morgan? Me deu apoio, disposição e esperança. Você acreditava em mim. Éramos a dupla dinâmica.

***"A melancolia sóbria é a pior inimiga do escritor."***

Você me deixava bêbado de inovação. Fazia com que eu me sentisse incrível, mesmo depois que perdi tudo, desmoronado, tive você ao meu lado até que me reergui e me tornei a *porra* do diretor criativo.

Mas o que será do tigre sem confiança, coragem e esperança?

Mas o que será do Tigrão sem a Alcoólica?

*Pois é, responda por si mesmo, porque eu não sei.*

Meu corpo se encosta com força na cadeira aveludada da minha sala. O blazer cinza preenche meus braços fortes para a barra de malhação, mas fracos para abraçá-la. Me forço a observar a garrafa de *vodka* no bar ao lado da minha estante pela enésima vez. Eu nunca tomei aquela merda, sempre comprava porque ela bebia, é ridículo como a minha sala faz referência a ela. É tudo tão escuro, amadeirado com o digno mármore negro. Eu gosto assim e as roupas extravagantes contrastavam nesse luto extremo.

Posso não estar bêbado, mas a ressaca me consome por inteiro. *Deus, como dói.* O pior é que não existe um antídoto a não ser o tempo e já nem sei se estou pensando na ressaca ou no abandono.

Eu uso camisa branca porque odeio ser comparado aos engravatados arrogantes. Não preciso ser elegante puro com ternos de marfim. Posso ser melhor que eles, de forma tranquila e sutil, fresco e mergulhado no sucesso com o tecido branco que me deixa confortável. Porém, nunca achei que o blazer fosse uma peça dos engravatados, imagino que seja o meio termo. A camisa me faz suspirar e o blazer coloca meus pés no chão.

As batidas na porta de madeira distraem meus pensamentos e logo lanço o olhar para a interrupção. Os cabelos ruivos aparecem na fresta de ar da minha sala com medo e muito cuidado. Rose é uma daquelas mulheres misteriosas que te fazem apaixonar e odiar na mesma proporção. Sarah sempre se exibiu por me conhecer mais do que si mesma, já a Rose, nunca achou grande coisa aquela Lealdade mais íntima, o digno Amor Leal. Ela sabe quando aparecer, o que fazer, e como transformar problemas em fumaça ou pelo menos mascarados por fumaça.

— Trevor — a voz é apenas suficiente para que eu escute. Ela caminha até minha frente, quase tocando seus saltos nos pés da minha cadeira. — Sarah pediu para que eu te entregasse essa caixa, é da sua confeitaria favorita. — Ela sorri sem jeito com uma caixa branca em cubo e uma fita de cetim vermelho.

Abre a tampa e deixa exposto um bolo de diâmetro pequeno, mas com cinco camadas entupido de Nutella e leite Ninho em pó.

— Talvez neutralize seu sistema nervoso. — Aponta rapidamente e alisa o vestido ansiosa. — E eu... trouxe pão de mel, de um vendedor caseiro do meu prédio. Não sei se vai gostar, mas amei e logo lembrei da

Mia — exclama ainda sem jeito, alisando com mais força o vestido após colocar doces enrolados em plástico na mesa. — Pode dizer algo?

— Obrigado — agradeço com uma das mãos no queixo e a outra estendo para que ela segure, obedece e acaricia minha pele. — Significa muito vindo de você que me deu um total de três coisas na vida.

— Mentira! Eu já te dei muito presente... de aniversário.

— Sabe que acabou de fortalecer meu argumento, não é? — brinco ainda sério e a Ruiva puxa o banquinho ao lado do bar para sentar mais perto de mim.

— Eu vou encontrar a melhor redatora chefe que já viu, não precisa dela, Morgan não é como nós, sabe disso. A ganância vai voltar contra ela quando menos esperar. — Seus dedos repletos de tatuagens minimalistas apertam com força minha mão e acabo de perceber que estamos sozinhos.

Não fico totalmente sozinho com ela desde que terminamos há nove anos. É isso que eu invejo nela, essa maturidade, sabe quando abrir mão de frescuras e ser adulta. Eu não a tratei do jeito que merecia, se pudesse voltar no tempo teria mudado as coisas, talvez tivesse até tentado de novo. Mas eu era um garoto de dezoito anos que não entendia como o amor funcionava e era hipnotizado por uma Loira Vermelha. E aquilo me deixou cego, sem me preocupar com as pessoas que magoaria. Após todo aquele drama, que daria um bom livro inclusive, eu a vi como vejo hoje.

*Com Amor Leal.*

Não consigo dizer o que penso a ela, pelo menos não sobre esse assunto, é vergonha. Vergonha pelas coisas que fiz e ainda por ela ter me perdoado e transformado a Sarah em sua melhor amiga depois de tudo. Essa mulher deveria ser de um convento.

— Sei que não é o melhor momento, mas o que quer fazer com as coisas dela? Jogar fora ou mandar pra ela? Eu resolvo. — Empina o nariz com o olhar furioso de uma tenente de guerra.

— Pegue um saco de lixo, coloque tudo dentro e mande alguém deixar na porta da nova sala de chefe dela — ordeno, retribuindo sua feição maligna.

— Isso foi… como você diz? Sutil. — Seus lábios se entreabrem surpresa. — Mas considere feito.

— Espera, esqueça essa ideia, se fizer isso vai parecer que eu me importo. — Tiro a mão do queixo pensativo, abro o pacote do pão de mel e coloco quase inteiro na boca. Provo limpando os lábios com a língua e ela me encara com um sorriso. — É bom — digo ainda com a boca cheia de massa, casca de chocolate e mel.

— Fico feliz — sorri. — Eu posso colocar tudo em uma caixa e enviar — sugere, mas seria muito carinhoso da minha parte.

— Deixe naquele depósito, se ela vier pegar não diga em qual caixa está, a faça procurar em todas. — Minhas palavras soam como um plano bem elaborado de vingança. Engulo o outro pão de mel e pego a espátula na caixa branca para cortar o bolo.

— Deixa comigo. — Rose levanta do banquinho e puxa o meu rosto sem qualquer aviso, o que me faz franzir o cenho e arrepiar. Me dá um beijo simples na bochecha e aperta o meu ombro. — Essa vai ser apenas mais uma coisa que vamos rir daqui alguns anos, porque vai ter superado.

— Espero que esteja certa, Ruiva. — Torço, lambuzado de creme de avelã.

— Estou, Branco. Mas antes da reunião das nove, vá se limpar porque embora o cheiro de avelã seja cativante, abaixa um pouco sua credibilidade — sugere e eu assinto observando-a sair da sala e esbarrar em outra mulher.

*Não outra, a minha.*

— Ah, desculpe, Rose! Estão ocupados? — A voz de mel exala minha sala gentil.

Outra que me chutou na noite passada.

*Fala sério, qual é a tara das pessoas em me abandonar?*

— Estava de saída, pode entrar.

A mulher de mangas bufantes tem uma feição de raiva, porém mascarada de profissionalismo. Embora ainda me hipnotize com as mechas mel enroladas caídas sobre os seus ombros e a maldita boca rosada que eu amo beijar, vejo que a nossa briga, que ela mesma criou, está longe de acabar.

— Bom dia — as palavras saem baixas dos seus lábios e é como se seus braços segurassem o iPad em forma de escudo.

*Está com medo de mim, Princesa?*

Acredito que a minha cara de fantasma mergulhado em ressaca não deve estar muito atraente mesmo.

— Você bebeu? — murmura e indico um copo com meia dose de *whisky* em minha mesa. — Sonhei com dois carros de novo ontem... fiquei preocupada que talvez tivesse dirigido bêbado.

— Dirigi — minha voz sai arrastada e ela entreabre surpresa e morde o lábio com força na mesma velocidade como se quisesse me matar. Tenho certeza de que se tivesse uma faca na mão faria exatamente isso.

Mas respira fundo, juntando toda a lasca de paciência que há no seu corpo de mel.

— Se quiser... podemos tentar resolver aquele assunto na minha casa hoje — oferece como se fosse a Madre Teresa de Calcutá.

*É, por que eu não ia querer resolver? Se não quisesse terminava essa merda.*

Ainda bem que só pensei e não disse isso.

Só consigo pensar em como ela é egoísta em estar falando disso, sem nem me perguntar como estou depois do abandono... *ou ela não sabe.*

— Você não sabe? — Franzo meu cenho lhe dando a chance de não ser ainda mais otária.

— Tem algo que eu deveria saber? — A bolsista dá um passo à frente mostrando interesse em continuar a conversa pelo máximo de tempo.

— A Srta. Johnson aceitou a posição de diretora criativa na Companhia Lopes. — *Falando assim não parece tão ruim.*

Minha melhor amiga me abandonou pelo meu próprio cargo em uma empresinha mediana.

*Agora sim doeu.*

— O quê? Mas ela não faria isso, ama trabalhar aqui e vocês são tão próxim...

— É, Miranda. Eu me enganei, a viu na sala dela, porra? — afunilo, dopado de ironia. *Certo, dei uma de otário.* Ela se silencia rapidamente e aperta com mais força o iPad.

— Vou ignorar isso, está chateado. — Respira fundo mais uma vez fechando os olhos por alguns segundos em busca de calma.

*Talvez seja melhor assim.*

— Chateado? Isso eu fico quando você resolve não dormir comigo. Está mais para traído, estou com tanta raiva que poderia despedaçar esse seu *tabletzinho* com uma mão, mas não posso me dar o luxo de beber mais porque já estraguei muita coisa ontem com a Modas Lina, então vou trabalhar. Veio aqui para me dar bom dia? De bom não tem nada.

Ótimo, Sr. White.

Descarregou tudo em cima dela.

Mia fecha os olhos com força novamente e quando abre aparenta ter absorvido minha arrogância e a superado no mesmo instante.

— Em que posso ajudar, Sr. White? — Ela é mais madura do que eu, com certeza.

*O que não é muito difícil, convenhamos.*

— Comece tirando as suas tralhas do sétimo andar e volte para a sua sala que é o seu lugar — assevero, viro a última dose de *whisky* e bato o copo na mesa.

Minha grosseria a faz me fitar completamente fixa ao meu corpo, suas pernas chegam a tremer por segundos, eu vejo, o que está te afetando? E óbvio que não posso deixar de reparar na *porra* do lábio que morde com força absurda após pigarrear.

— O que foi? — questiono travando meu maxilar.

— Sim, Sr. White. — A bolsista atrevida se vira e obedece minha ordem anterior.

— Eu perguntei o que foi — repito e ela continua de costas para mim como se respirasse e contasse até dez para me responder ou não me matar. — Miranda — chamo e finalmente cede me encarando com raiva nos olhos.

— Essa sua voz autoritária de merda me excita demais e não posso ficar assim agora, porque preciso trabalhar, então pode, por favor, me tratar como gente?

*Sutil.*

E eu achando que ela estava com raiva pela minha arrogância, a mulher está excitada. Estou influenciando-a demais, penso em jogá-la na parede, abrir suas pernas e mergulhar na sua boceta molhada e chego a soltar um sorriso de canto. Ninguém me impediria.

*Trevor, pense na Modas Lina.*

— Desculpe — peço baixando a guarda, fingindo zero interesse em fodê-la de quatro na minha mesa. — Apenas quero que volte para a sua sala.

— E por quê? — insiste, cruzando os braços.

— Porque eu preciso de você — as palavras saem como teclas automáticas de computador sem sentimento algum. Ela volta a se encolher como se minha frase a atacasse, mas ainda não está convencida. — Porque eu confio em você. — É a verdade, não confio em mais ninguém para trabalhar comigo, apenas a Sarah e ela não pode ser minha redatora chefe e muito menos a Mia, pelo menos não tão cedo... mas se eu pudesse daria o cargo em um piscar de olhos.

— Confia em mim no trabalho? — balbucia.

— Sim — afirmo convicto.

— E na vida pessoal? — Ergue uma sobrancelha.

— Miranda, sim, eu confio. Quer mesmo discutir isso agora? — Reviro os olhos quase amassando uma pilha de papéis em minha frente.

— Não, eu queria que você se importasse e viesse discutir os assuntos que eu acho importante.

Como isso foi acontecer? Eu estava tão bem no início da semana, sem problemas e apenas feliz por ter colocado uma aliança no dedo da minha Princesa de Limão e Mel.

*E agora?*

Perdi minha redatora chefe, minha melhor amiga, estou me sentindo pressionado a mergulhar novamente no meu trauma de infância e ainda estraguei uma conta da empresa por causa do *whisky*.

*Pode piorar?*

Não vamos brincar com o universo, é melhor resolver parte por parte antes que piore ainda mais.

*Trevor, sua namorada precisa se sentir amada, ela quer que você se importe com as paranoias que ela cria na cabeça, então faça isso. Na medida do possível.*

— Busque suas coisas, você vai me acompanhar nas reuniões e estudar minhas campanhas atuais até eu encontrar outra redatora que preste. Depois do expediente... você vai me falar o que precisa e eu vou fazer. Está bom assim, Srta. Ross? — ordeno pelo parágrafo inteiro, mas amacio no final.

— Ficaria melhor sem os verbos no imperativo autoritário, mas eu vou aceitar assim, Sr. White — incita e caminha com os saltos finos para o elevador.

*Como era mesmo a reza?*

Não caia na tentação.

Ou era algo como não deixais cair em tentação... quer saber? Eu nunca fui religioso, não caindo na tentação já está ótimo.

# MIA ROSS

Confiança. Fechar os olhos e cair para trás com a certeza de que alguém vai te segurar, é um teste antigo e até infantil, mas representa bem a confiança. É como fé, você não vê, não sabe se vai te honrar, mas acredita... porque encarar um mundo onde está sozinho é bem mais assustador.



Treme. Minhas mãos, pés, pernas, joelhos, braços tremem. Enquanto eu piso no acelerador e viro o volante para um lado e outro. A estrada não acaba. Não sei para onde estou correndo tanto, mas acredito que no final tem uma luz e vou estar segura.

São estradas de terra, uma cidade que desconheço, não é Lisboa. O carro não é meu. É vermelho e o outro é preto. Corremos sem parar e não avisto linha de chegada, porém a linha dos perdedores está prestes a me alcançar, é só parar e vai cair de novo. Não pare, Mia. Vai ficar tudo bem. Acelere. Acelere mais.

*Não está correndo apenas por você.*



Acordei inteira suada, tremendo de medo puro do mesmo pesadelo. Já é a segunda vez que sonho com esses carros, mas agora eles têm cor. Vermelho e preto, será uma metáfora para as Festas Scott? Mas eu não tenho medo delas.

Pensei em ligar para o Trevor umas dezessete vezes a noite, madrugada e na manhã. O que me impediu foi aquela vozinha em minha cabeça que dizia que eu deveria me tratar melhor. Ele deveria se importar e me contar.

*Eu não estou pedindo muito, estou?*

O pior de tudo é que não me arrependi de nada que disse na noite passada, ele merecia ouvir aquilo. Ver que eu faço muito por ele. Por que eu devo ficar no escuro? Viver de migalhas dos sentimentos dele? Eu sinto raiva, essa é a emoção. Porque eu conto tudo a ele, nem preciso pensar, mas quando tento entender o porquê de não confiar em mim, me lembro que eu tenho apenas *ele* na vida... mas *ele* não tem apenas eu na própria vida.

Eu esperava mais.

E eu vou conseguir mais.

Às vezes me vejo como masoquista, não é por querer, juro, mas vê-lo sombrio, arrogante e grosso nas palavras me deixa maluca, bem mais do que quando me conta piadas. Devem ser os traumas de ter sido criada por militares que me façam excitar por frases de grosseria.

Eu já devia saber que não seria fácil voltar a trabalhar com ele em meio às nossas brigas, da última vez que me vi entrando em sua sala, pisquei e já estava nua.

Miranda Ross, você não vai ceder, até ele confiar em você.

*Ceder o corpo ou carinho?*

*Ele precisa de carinho...* assim que sua frase fria saiu dos lábios explicando que a Morgan o abandonou, foi como se tivesse terminado com ele mais uma vez, no sofazinho da minha sala, em que tentava respirar na luta contra a ansiedade. O corpo dele sente repulsa de abandono, o que me faz pensar nos traumas dele, apenas sei que tem ansiedade, mas qual tipo? O que mais engatilha? Trevor, me deixe te amar, me deixe te dar carinho e me importar.

Eu não quero te pressionar, mas não vejo um caminho diferente, não tenho a vida inteira ou dez anos para que confie em mim. Preciso disso agora, caso contrário não vejo motivo para continuar.

Agora que as redatoras estão levando desaforo para casa e não jogando na minha cara, até tive uma conversa civilizada com algumas delas, então Trevor foi e me tirou da mesinha.

GRAÇAS A DEUS!

Por favor, não me leve a mal, eu sei que preciso aprender em todos os departamentos, que é importante para minha formação e *blá, blá, blá*. Como eu odeio aquela mesa, minha sala é muito mais confortável, além de ter porta e ficar mais perto do meu chefe...

O ruim é que vou me acostumar por coisa de um mês? Vão achar algum substituto ou Morgan vai voltar, eu espero que volte, não só para o bem de Trevor, mas porque ela é um dos corações dessa empresa.

Minhas mãos carregam uma caixa enorme com todas as minhas coisas dentro, e caminho pelo andar tentando não cair pelo peso absurdo. Eu sou

levada para lá e para cá, sem ser fixa. Esse é meu estado físico e também mental.

O elevador se abre e volto ao meu andar de origem, onde conheci o diretor criativo. Minhas mãos estremeceram ao primeiro toque e quando o admirei pela primeira vez... aquilo afetou meu organismo inteiro e ainda passo por isso.

Todos. Os. Dias.

*Mia, quem quer enganar?* Se as pessoas lessem o livro que é a minha vida, veriam que eu sou a cadelinha e não ele.

Enrosco o salto no tapete de pelinhos sem querer, me sacudo para tirar e meus quadrinhos balançam fazendo um barulho estridente na caixa pela moldura ser de ferro. Me remexo mais quando o peso sai de meus dedos sem qualquer aviso.

— Me dê isso — a voz robusta de avelã me assusta e ajuda. Ele arranca a caixa de minhas mãos e carrega com apenas um braço, agacha no chão e desprende meu salto do tapete. — Devia ter pedido ajuda — incita, me encarando ajoelhado.

Meus dedos coçam, pedem, imploram para tocar seu rosto. *Ah, homem, não me olhe assim.* A barba mal feita que me espeta, os cabelos castanhos que quase arranco quando está entre minhas pernas e o olhar nervoso dele que molhou minha calcinha desde o bom dia. *Miranda, pelo amor de Deus, seja profissional…* Com o indicador toco a ponta do seu nariz perfeito e contorno seu queixo de forma inocente até chegar em seus lábios. Ele morde devagar a ponta do meu dedo e minha boca contorce por essa maldita posição, imaginá-lo apalpando a minha bunda com muito mais força do que usa agora me faz tremer todos os membros. Cacete, eu amo ver ele à minha mercê ainda mais tão puto assim. Apenas a mim, eu o controlo. Ele me escolheu entre todas as outras, e esse corpo inteiro é meu.

— Achei que quisesse trabalhar, Srta. Ross — desafia com o sorriso de canto que se forma nos lábios após largar meu dedo.

Eu não entendo.

Ele está com raiva?

Está excitado?

Está chateado?

Está bêbado?

Minha cabeça não entende, e eu? Estou com raiva? Eu sinto raiva, minto, eu quero sentir raiva.

MAS ELE É TÃO LINDO!

Isso faz minha mente tremer de tão confusa, é esse sorriso, é essa posição, é essa frase, eu já nem sei mais. *Mia! Foco, fique focada, você está com raiva, precisa pressioná-lo para que dê o mínimo de confiança.*

*Isso, é isso que preciso fazer.*

— Eu quero — respondo em um murmúrio. Trevor levanta do chão aos poucos e mantém uma mão na minha perna direita que sobe junto ao seu corpo arrepiando cada célula minha. Ele se inclina para frente perto dos meus ouvidos e morde o lóbulo da minha orelha.

— Sabia que a primeira coisa que me fez querer te foder foram essas suas pernas? Lisas e longas, pele macia que arrepia fácil comigo... como estão arrepiadas agora. — Arfa as palavras e fecho os olhos engolindo seco. — Deixe de me provocar com esses dedinhos, porque sabemos que o que realmente quer é me dar uma surra.

— Eu quero — sussurro e sua mão preenche meu pescoço.

— O que você quer? Te deixe me socar ou que eu te incline na minha mesa e te foda? — Arqueia a sobrancelha com o tom promíscuo.

— Eu...Trevor, por favor, eu...

— Vamos trabalhar, então — corta quando não consigo decidir, larga a pele de temperatura quente que sempre tive e puxa minha mão para segui-lo até sua sala.

*Ele sabe o que é melhor.*

Entramos, ele tira o blazer e arregaça as mangas da camisa. *Ah, caralho… profissionalismo, Mia.* Me mantenho sem reação e apenas obedeço enquanto aproxima outra cadeira perto da sua e volta a me puxar para sentar ao seu lado. Tira meu iPad da caixa e a caneta, põe sobre a mesa e coloca os óculos de leitura de lentes quadradas. Abre a gaveta ao lado e

espalha gráficos, desenhos de propaganda, textos anotativos e matérias, todas com uma logo de moda.

— Modas Lina é uma marca de roupa local, é pequena, mas em lugares bem localizados com ótimas vendas. O que chama atenção são as modelos premiadas da Lina, há alguns anos, quando ainda era bolsista, fomos em um dos desfiles e vimos a influência que ela tinha sobre os patrocinadores. A partir daí tentamos pegar a conta dela para a empresa, mas a mulher é azeda e bem esnobe, o que dificulta. — Ouço a explicação e anoto os pontos principais no bloco eletrônico.

— Plural? Você e a Sarah?

— Sim, na época trabalhávamos juntos — confirma enquanto faz desenhos e marcações em textos.

— Eu não tenho um companheiro bolsista — analiso com um bico involuntário nos lábios.

— A Hillary nos contratou juntos para o mesmo cargo, é como se eu colocasse duas de você na própria sala, então fazíamos tudo juntos. Eu prefiro trabalhar com uma só... uma não, eu prefiro trabalhar com você — declara me encarando com os olhos castanhos brilhantes, largo a caneta e cruzo os braços. — O que foi? — Ele sorri sem graça se fazendo de sonso, mas sabe muito bem o que acabou de aprontar.

— Não disse que íamos trabalhar? — Ergo minha sobrancelha questionando suas atitudes antiprofissionais.

— Vamos, eu prometo, se acontecer algo pode me surrar — insiste para me tranquilizar, mesmo que eu não acredite em nem uma pequena sílaba que pronuncie.

— Humm…

— Ah, mas você não disse que era para trabalhar? Sem resmungos então, porra. — A voz dele volta a me atacar com o autoritarismo e arrepio minhas coxas.

— Desculpe — peço e escapo um sorriso.



**18h30m**

Meu cabelo está preso em um coque despojado e ao mesmo tempo que escrevo, faço contas na calculadora para os gráficos, já que meu chefe odeia exatas. Trevor não escreve, mas grifa de marca-texto azul vários papéis e alterna entre pesquisar e ler notícias da moda atual para completar nossa apresentação.

Vasculho na minha caixa de pertences e encontro uma batata em tubo laminado, abro e minha boca prova o gosto e o barulho crocante. Ao mesmo tempo que me delicio, Trevor se paralisa e joga o olhar para mim mesmo que longe em sua mesa.

— O que foi? — pergunto com a boca um pouco cheia. — Estou com fome, almocei faz horas, você quer? — Como mais uma e estendo o pacote para ele.

— Não — responde frio, recostado no seu trono segurando o notebook nas mãos.

Ele está tão quieto faz tempo, geralmente rimos e conversamos em nosso tempo juntos, mas hoje está parecendo o Zangado dos sete anões. E se dissesse que não está muito atrativo com essa pose de vilão, estaria mentindo. Pareço uma criança apaixonada por um doce… ai, caramba, e o doce percebeu meu olhar faminto. Trevor ergue uma sobrancelha grossa pelo meu atrevimento e sai da mesa em que eu o admirava a cada cinco segundos para sentar no mesmo sofá em que estou, porém a um metro de distância.

Eu trabalhava muito melhor quando ele enrolava os dedos e cheirava meu cabelo. Aquele jeitinho de me parabenizar quando acertava algo, um sorriso e um beijo leve em meus lábios que agora sinto falta demais. Deve ser a quinta ou sexta vez que falo algo inteligente e a reação é apenas *“Bom trabalho, Ross”* e não foi isso que pediu? Profissionalismo da parte dele? Agora aguent… *ah, mas não consigo ficar nesse silêncio maldito!*

— Trevor, desculpa, se o barulho estiver te atrapalhando eu posso pedir algo diferente no *iFood* — sugiro, cansada de saber que o nome do *App* aqui em Portugal não é esse, mas irritá-lo está sendo meu melhor passatempo.

— Não é o barulho — confessa, esfregando o rosto em busca de paciência e me intrigo largando a calculadora para sentar ao seu lado com o pacote.

Antes eu trabalhava em sua sala sentada no colo dele e agora eu luto para chamar um pouco da sua atenção me aproximando.

— É o cheiro? É forte mesmo, mas é gostoso. — Levo outra batata aos lábios e chupo o sal nos dedos.

— É a sua boca lambuzada de sal que eu acho gostosa demais. — As palavras me fazem engasgar de imediato pela ousadia, mas ele nem ao menos se importa em me ajudar, dando um sorrisinho de canto fixo ao computador.

Não paro de tossir, estou tossindo demais, respire, Mia! Finalmente o homem percebe que não foi algo passageiro e toma uma atitude. Trevor joga o aparelho às pressas sobre algumas almofadas e bate nas minhas costas, enquanto abana o meu rosto. Consigo me normalizar depois de inúmeras batidas, quando na verdade eu gostaria de estar batendo outra coisa…

— Essas batatas querem me matar. — Bato no peito e seguro a garrafa d'água que me oferece tomando mais um gole.

— Ou meus desejos querem te matar. — Continuo com a boca na ponta da garrafa e ele me fita com os olhos ainda sombrios, mas completamente atraídos.

Trevor puxa o pacote da minha mão e joga no chão espalhando todo o sal no tapete sem se importar. Tira a garrafa da minha boca, fecha e deixa ao lado de uma almofada. Ele se aproxima aos pouquinhos, devagar, como câmera lenta e engulo em seco sem conseguir processar. Seu polegar toca minha bochecha e acaricia, enquanto fecho os olhos para apreciar. Mais perto, sinto o cheiro de Lavanda e Avelã e suspiro, mais perto o cabelo castanho bagunçado me atrai, ele está mais perto, seus lábios quase tocam os meus. Espera. Ele está fazendo algo, esse não era o acordo. Ai, meu

Deus, o que eu faço? Continuo? Não! Raiva. Estou com raiva. O que eu faço?!

Viro um tapa forte contra o seu rosto e o sujo inteiro de sal do pacote.

*Surra de Sal.*

— Caralho, Miranda! — ele xinga alto, dopado de ódio e se afasta.

— Ai, meu Deus! Desculpa, me desculpe, por favor, foi muito automático! — exclamo preocupada, agarrando seu rosto fazendo carinho.

— Não, tudo bem, eu disse que poderia me surrar, mas que mão pesada, mulher. – Ele ri um pouco e copio sem graça, terrivelmente espantada com o que fiz. Me aproximo ainda mais e dou beijinho em sua bochecha.

— É pra sarar — falo baixinho.

— Precisaria me dar uns quinhentos desse para me machucar, Miranda — diz e puxa o lápis que segura o coque no meu cabelo espalhando minhas mechas sobre meus ombros. — Você é linda de todas as maneiras, mas de cabelo solto, é uma Deusa, Mia. — Ele dá um beijo rápido em minha bochecha, tira o celular do bolso, aperta e segura o número um na discagem rápida.

— Você é... você é também, obrigada.

Também o quê, Mia? Bonito de cabelo solto? Ele nem tem cabelo longo.

Vejo na tela do celular que é a Sarah a atender e o fito com o rosto sério. Assim que meu olhar amedrontador o afeta, tira imediatamente o celular do ouvido e deixa no viva-voz.

— Branquinho, está melhor?

— Sim, estou. Como foi o almoço com a Lina? Eu e a minha substituta chefe estamos quase acabando a apresentação. — Chego a rir com o apelido.

— Complicado, sabe como ela é. Acho que o Thomas está por trás de algo, ela disse que recebeu uma proposta melhor que a minha. — Tom gosta de moda? Não me surpreenderia, se veste muitíssimo bem.

— Eu vou conseguir a conta para você, prometo e se o Tom estiver fazendo merda, vai perder — afirma desafiador.

A conta é para Sarah? Ele está trabalhando tanto para isso? *Não... ela é a chefe, é por isso.*

— Estou pensando em convidá-la para o Halloween, sabe como festas abrem o bolso.

— Pode até ser, mas eu vou fazer a apresentação da campanha e isso abrirá qualquer coisa dela.

*Mas é muito safado e convencido mesmo.*

— Você tem o poder, Trevor, faça como quiser.

— Obrigado pelo bolo, estava divino — ele agradece, rolo os olhos pela sala e encontro uma caixa com uma fita vermelha.

Enquanto ele estava sofrendo pela perda... eu estava longe e a Sarah estava ao lado dele.

— Não tem que agradecer. Conversou com a Mia? Se não, pode vir jantar comigo de novo... se quiser, claro!

*De novo? Ele foi vê-la ontem?*

— Melhor não, outro dia? Vou trabalhar muito ainda.

*Melhor mesmo, porque agora vai me explicar toda essa merda, cretino.*

— Tudo bem, bom trabalho. — Desliga e o meu chefe volta a mexer no computador como se nada tivesse acabado de acontecer.

— Pelo visto a apresentação vai esperar um pouco, mas podemos terminar essa e ver outras marcas, isso se não estiver cansad...

— Você não consegue sofrer sozinho? — lanço a frase enfurecida por ele não ter me contado o que aconteceu. Talvez sim eu esteja mergulhada no ciúme, mas eu não queria outra mulher consolando o meu homem. Seus olhos me fitam confusos como se procurasse uma resposta.

— Já tive minha cota de momentos solitários.

— Quais momentos? Quando? — Eu quero que ele me conte o que sente. Me explique, me fale, me deixe entrar.

— No luto — a voz sai rouca.

— A Sarah não te ajudou? Não queria ninguém perto? Estava grosseiro demais e assustou as pessoas?

— Miranda — ele limita e a raiva domina cada veia do meu corpo sem mais paciência por me sentir a única que não sabe nada sobre ele.

O homem diz me amar e me esconde seus maiores segredos.

— É sempre assim! Você não se abre comigo, apenas joga sílabas misteriosas, eu não sou detetive, Trevor. — Levanto do sofá e gesticulo abrindo os braços porque é terrível me sentir excluída da vida dele.

— Miranda, eu posso contar o que aconteceu ontem, por favor, não fique brava — ele pede com os olhos mais baixos como se estivesse com medo. E deve mesmo, volte a olhar para ela como quando nos conhecemos e nossa relação será mais curta do que minha estadia no sétimo andar.

— Então comece a falar.

— Saí da sua casa depois que me expulsou e fui beber no *Cinco Lounge*, bebi demais, estava com dor de cabeça, então fui até o apartamento da Morg...

— VOCÊ DIRIGIU BÊBADO! TEM NOÇÃO DO QUE FEZ? PODERIA SER PRESO OU MORTO! — grito, arremessando a lata de sal em seu peito porque minha calma se esvaiu por completo. — Você não pensa em mim? Como eu ficaria se você batesse aquele carro?

— Eu sei, desculpe, eu pedi desculpas, Mia. — Repete sem querer me atacar de forma alguma, apenas arrependido.

— Nunca mais dirija bêbado, porque se fizer isso, eu juro que...

— Nunca mais me expulse, porque se fizer isso, eu juro que não volto mais — assevera e os olhos agora me encaram com a mesma raiva que sinto. É um espelho.

— E depois? — Esfrego meu rosto com ódio.

— A traidora me abandonou por uma merda de empresinha mediana, estava chovendo, brigamos, não queria vê-la por nem mais um segundo. Não estava em condições de ficar sozinho, então fui até a casa da Sarah, ela estava com a Lina e eu estraguei tudo. Eu vomitei no vestido vermelho, ela

lavou meu cabelo, óbvio que não tomamos banho juntos antes que surte, cozinhou meu rocambole favorito, dormimos sim na mesma cama, mas não nos tocamos em nenhum momento. Ela não era a minha ex ali e sim o meu Amor Leal. Eu acordei com ressaca e vim trabalhar.

Entreabro meus lábios surpresa e assim que ouço o depoimento meus olhos ficam marejados de ódio.

— Deix… d-deixou ela lavar seu cabelo? — entrecorto as palavras lutando para não chorar mais.

— Mia, não aconteceu nada sexual eu jur…

— NÃO INTERESSA! — berro, jogando uma das cadeiras nele que segura forte para impedir o impacto. — DEIXOU ELA COZINHAR? EU DEVERIA SER A ÚNICA MULHER A COZINHAR PRA VOCÊ!

— Só se for com um extintor do lado para todos os incêndios. — Bufa com o riso que ao invés de causar o triplo da raiva, me faz chorar ainda mais e o afeta.

— Você me… e-escolheu, não escolheu? — murmuro, tentando desesperada limpar as lágrimas e ele levanta do sofá obrigando a me deixar envolver meu pescoço.

— Sim — sussurra, acariciando minha pele mais quente do que fornalha.

— E-eu não q-quero mulher nenhuma cozinhando p-pra você — choramingo ameaçando bater em seu peito, mas ele segura meu pulso me puxando para um beijo.

Por mais irritada e dopada de ciúme eu retribuo, forçando meus olhos para sentir cada segundo da junção de nossos lábios. O jeito que larga e mordisca a minha boca com carinho me faz suspirar.

— Eu sofreria de intoxicação alimentar por uma dúzia de vezes sem pensar se quisesse cozinhar para mim e ainda sorriria com cada pedaço se isso te deixasse feliz — declara e minhas lágrimas agora caem por amor. Ele coloca uma mecha atrás de minha orelha e ergue meu queixo. — Eu te escolhi sabendo das suas falhas e nenhuma delas me impediram de amar você.

— Nunca mais deix…

— Eu não deixo, eu prometo. Pronto, é isso que queria saber? — O jeito como pergunta é tão simples ignorando todas as minhas imposições.

Por mais apaixonada que eu seja nas suas declarações de carinho, eu sei que não posso continuar cedendo a isso sem que ele me dê algo digno de uma relação romântica.

— Não, Trevor. Isso é o mínimo do mínimo. — Arfo, limpando todo o meu rosto sem me importar com a maquiagem que se borra inteira.

— Eu sei, não me referi a nossa briga, me expressei mal. — Ele tenta segurar minha mão, mas me afasto.

Não referiu a nossa briga, mas também não faz nada para mudar o motivo pelo qual brigamos. Até quando vai esconder as coisas de mim? Até quando eu vou ser só a garota que beija e declara, mas não deixa entrar totalmente em seu coração? Até quando acha que eu vou aguentar isso?

— Sabe o que às vezes eu acho? Que você é lindo, Trevor — digo, normalizando minha respiração, porque agora não choro mais, estou pronta para fazê-lo cair na realidade.

— Obrigado? — Ele arqueia a sobrancelha sem entender.

— É só isso que você é. Você é um rostinho bonito e isso me afeta tanto que eu faço loucuras. Você não está pronto para um relacionamento, não divide sua vida comigo, nem quando eu imploro. Deveria se tratar, fazer terapia ou algo assim, eu não sei e sabe por que não sei? Porque eu não te conheço! Mas tenho certeza que até mesmo a Morgan, ou vamos para menos, até mesmo a Rebeca, a vadia que te fez uma queixa de assédio falsa, sabe mais da sua vida do que eu, porque com elas você abre o seu coração, e pra mim? — Seguro seu queixo com força e ele me encara com Raiva Súbita, franzindo o cenho, afetado por cada mísera sílaba que sai dos meus lábios. — E pra mim, Trevor?

— Eu que te pergunto, Miranda — afunila, impondo passos firmes para frente me encarcerando contra a mesa. E já não tenho mais controle do meu andar ou até mesmo a postura robusta que estava adquirindo. Não me assuste assim, por favor. — É isso que eu sou pra você? Um rostinho bonito? Pode estar certa em muita coisa, minha cabeça é fodida, talvez eu precise mesmo de um centro psiquiátrico. Mas que eu sou apenas um rosto?

Ah, você vai repetir isso na minha cara de novo, agora — assevera e aperta o meu pescoço com a mesma força de quando me beija, mas não é amor.

Meu peito arqueja tão forte que meus seios sobem como balão de ar quente e descem escadaria abaixo. Engulo em seco quarenta vezes e minha garganta queima demais implorando para que eu volte a chorar, porque sabe que não falo verdade. Ele não é isso para mim.

— Vamos, Miranda! Minta pra mim, diga mais uma vez que eu sou só um rostinho bonito, estou esperando. — A feição do seu rosto me encara com ofensa e fúria pura mandando, ordenando, exigindo que o responda.

Meus olhos chegam a arder por eu estar indo contra todos os meus instintos sem soltar uma única lágrima nesse momento.

— Porra! Diga que eu fui um otário por acreditar que você seria a mulher pra mim, que ficaria ao meu lado pelo resto da vida, diga que eu investi errado, que deveria ter te esquecido e não tentado te fazer feliz todos os dias desde que te conheci. Fale, Miranda. Eu quero ouvir.

Minha mente é uma jogadora e meu corpo é um time inteiro que vence. Meus olhos lacrimejam ao ouvir uma declaração mergulhada em Raiva Súbita, mesmo quando me odeia diz isso. As lágrimas caem sobre meu rosto e não consigo dizer uma palavra. A postura fria que ele dominava, agora já não é mais a mesma, fecha os olhos por alguns segundos e respira fundo, como se estivesse magoado como eu por dentro. Puxa o meu pescoço com força e choca nossos corpos com um abraço forte, encaixo minha cabeça em seu ombro e contorno com os braços seu peitoral que me aperta. Sua outra mão acaricia meu cabelo devagar e ele enrola os dedos nas mechas de mel. E eu choro. Choro demais e as veias do meu corpo que estavam raivosas por ele, agora estão fracas e ardendo, esvaindo meu corpo aos poucos. Chego a soluçar e engasgar com minhas próprias lágrimas e isso só faz com que ele me aperte mais.

— E-eu só queria... te afetar — choramingo, sento na mesa, enrosco as pernas na sua cintura e meu rosto se encobre no seu peito.

— Miranda, se queria isso conseguiu, e na verdade já tinha conseguido ontem. Eu escuto e dou atenção a tudo que sai da sua boca — ele sussurra, segurando meu queixo que me obrigando a encará-lo.

— V-você não é só isso...

— Eu sei disso, você chora porque me ama, Princesa. E eu não te conto as coisas pelo mesmo motivo... mas não quero brigar mais agora. — As palavras saem em uma voz mansa que demonstra carinho e ele beija minha testa.

27




# Corrida de Vidro

*Fora de controle*
*Eu quase cheguei ao céu*
*Foi mais perto do que você imagina*
*Jogando com o inimigo*
*Apostando a minha alma*
*É tão difícil dizer não*
*Quando se está dançando com o diabo*
***Dancing With The Devil - Demi Lovato***

## TREVOR WHITE

Vidro. Material inorgânico, cujo elemento básico é a sílica, encontrada em abundância na areia. Pode ser belo e narcisista quando colocado ao reflexo de um espelho ou sangrento e sombrio quando quebrado e fincado na pele. É um dilema, mas sempre gostei de estraçalhar vidro no chão em meio aos momentos de fúria.

Desde que conheci a Miranda venho contendo os estímulos sombrios que meu corpo implora para liberar. Eu quero que ela me veja como um príncipe que vai tratá-la como princesa. E isso, às vezes, é sufocante.

Naquele momento em que ela cuspiu as palavras da boca dizendo que eu precisava de terapia, que eu não estava pronto para um relacionamento e, a cereja do bolo da destruição, que eu sou apenas um rostinho bonito, o meu corpo ferveu. Como se uma corrente elétrica passasse por cada veia do meu organismo impondo que eu quebrasse a sala inteira. Eu queria ter jogado as

garrafas de *whisky* no chão, queria ter quebrado a nossa foto em frente a abelha plástica na LX Factory, queria ter virado a mesa de ponta cabeça e rasgado todos os papéis em minha mesa.

Eu queria. Se a Sarah dissesse aquilo para mim, teria quebrado a sala inteira, mas com a Mia eu me contenho, porque eu a amo demais além de qualquer limite e me importo. Me importo com tudo que sai da boca dela, cada sílaba me afeta por completo. Eu a abracei e consolei, mas antes quis magoá-la ainda mais. É verdade, ouvir aquilo dela me fez sentir o atleta burro da escola.

E EU NÃO SOU ESSE MERDA!

Eu construí com muito esforço a vida que tenho, o meu cargo, a minha casa, a minha família e se eu sou esse rostinho bonito que ela ama beijar é porque eu me cuido, e me importo com a aparência assim como minha mentora me ensinou. Você pode ser o homem mais lindo da Terra, se não cuidar de si, não será mais que um mendigo na rua.

A minha exibição costuma ter limites, o limite de piadinhas e algumas frases promíscuas. Eu gosto de exibir minhas qualidades, quem liga? Se eu conquistei, posso fazer o que quiser. E é exatamente por esse limite que eu não descarreguei uma montanha na cara daquela mulher de mel. Eu poderia ter dito muito mais. Ela diz que eu não estou pronto para um relacionamento? Mas e ela está?

Se olhe no espelho, Miranda. Somos dois espelhos quebrados com mais traumas que um centro psiquiátrico inteiro, mas nos esforçamos para esconder e conviver. E essa... é uma das razões pelas quais somos perfeitos um para o outro.

Quando a conheci, Mia queria me mostrar o novo, tudo que o mundo poderia oferecer e que eu esquecesse o passado. Foi difícil, confesso que até hoje e pelos próximos anos não esquecerei, ainda me assombra, mas me esforcei por ela. Deixar a *Xícara Azeviche* de lado e focar na *Primavera Mel*. E não foi suficiente, ela me fez chutar o passado para longe e depois pede que eu mergulhe nele de novo chorando aos prantos para contá-la?

Eu quero esquecer toda essa merda e recomeçar do zero, assim como fiz há dez anos. E preciso que ela aceite, porque eu a quero na minha vida.

*Mas, porém, entretanto, todavia...*

Ela parece não estar disposta a me respeitar. E isso não faz o tipo dela, as poucas vezes em que me abri, ela foi gentil, empática e mostrou que não sou um monstro. O que me faz chegar à conclusão que algo aconteceu.

Eu não sei o quê, mas preciso descobrir o mais rápido possível, antes que mais brigas aconteçam... e ela comece a perceber que não estou valendo o esforço.

Ela já terminou comigo uma vez e aquilo me destruiu. E se terminar de novo…

*Eu não sei se me recomponho.*

Até agora imaginei que estivesse longe da maldita *Obsessão de Fogo*, mas acho que não estou obsessivo e sim dentro de uma *Relação de Fogo* que ainda sinto queimar e ferver muito mais do que antes.

Se quero continuar nessa relação, preciso ser forte e maduro. E um adulto, agora, na minha situação, pararia de contar os minutos no relógio em frente a sala da empresa escura e tomaria coragem para ir até a sala da namorada para ter uma conversa civilizada.

Miranda não desistiu, então não dê chance para que ela pense em desistir mais uma vez.

Ontem, depois daquele abraço caloroso, após ultimatos e palavras horríveis que nós dois dissemos, eu a levei para casa. Ela não disse uma palavra e muito menos eu. A deixei em frente ao prédio e hoje só a vi por minutos entre reuniões, idas e vindas do elevador e passei algumas vezes em frente sua porta de vidro, mas Mia nem reparou na minha presença.

Não quero passar mais um dia dormindo sozinho na minha cama, era para ser nossa cama, ela devia acordar comigo sempre. Se isso não está acontecendo, é culpa minha e agora vou resolver.

As luzes estão apagadas, apenas alguns abajures iluminam o andar devido ao horário avançado. Meus passos são firmes e silenciosos, dou duas batidas em sua porta, e ela levanta o olhar com um coque despojado se fixando a mim.

— Srta. Ross, tem um minuto? — indago singelo.

— Sr. White, estou sempre disponível. — A atenção que ela me dava, agora se concentra na tela do iPad.

— Tem um minuto para o seu namorado?

— Isso é questionável. — Bufa. Essa não é a minha Princesa de Limão e Mel, ela está sombria, raivosa, como se tivesse mergulhado em um poço de frieza.

Seja forte, Trevor, houve muitos momentos em que você estava assim, ela não teve medo e te enfrentou.

Meus sapatos pisoteiam o chão até que puxo a cadeira à frente de sua mesa e me sento ao seu lado. Me inclino para frente e junto as mãos disposto a conversar, embora ela nem mesmo me olhe nos olhos, fixa ao aparelho dourado em cima da mesa.

— Mia, eu pensei muito sobre nosso desentendimento, eu gostaria de conversar.

— Estou ouvindo — anuncia, como se o diálogo fosse um ataque e eu começasse com as peças brancas.

— Não quero apenas que ouça, quero que olhe para mim. Essa aliança na sua mão é minha, e enquanto usá-la vai estar em uma relação comigo e isso me dá o direito de impor que converse. — Viro a tela do iPad para baixo e seguro suas mãos juntas às minhas.

Ela demora alguns segundos quieta como se não gostasse do que eu disse, mas percebe que estou certo e isso faz com que se vire e olhe para mim.

— Eu me lembro de quando tinha vergonha perto de mim, que suas bochechas ruborizavam por cada frase minha e tinha dificuldade de me olhar fixamente. Se lembra disso? — Ofego, acariciando sua pele.

— Uhum — ela resmunga e aperta minhas mãos em consentimento. Isso, assim, está voltando a ser a minha Princesa.

— E hoje... faz muito mais do que me olhar sem nem pensar. Porque uma relação é assim, Miranda. Passamos por desafios e depois que olhamos para trás, até parece ridículo. É isso que eu quero, resolver e esquecer que brigamos por esse motivo. Você quer conversar e resolver? — Deixo que as rodinhas da cadeira se aproximem mais dela e puxo o lápis que segura o coque mal feito. Suas mechas mel caem sobre os ombros e ela sacode um

pouco a cabeça para estabilizá-las. *Ah... essa é a minha mulher, a mais perfeita de todas.*

— Trevor, é óbvio que eu quero isso também. — Coloca uma perna sobre a outra e responde determinada.

— Eu não estou pronto para conversar com você sobre os assuntos que me perguntou. Tento falar e não saem palavras, é como se mandasse meu corpo correr e em resposta apenas andasse. E sei que se eu não te explicar o que sinto, você pode achar que não quero por quantidade de tempo, mas não é verdade, eu sempre digo e volto a dizer. Tempo nunca foi importante quando se tratou de voc...

— Acha que as palavras saíram fácil quando te contei sobre o Victor? — A frase dela me invade como se sacasse uma arma da gaveta.

— Mia — limito, para que eu possa me explicar.

— Ou sobre a Júlia?

Eu nunca tinha visto essa feição no rosto meigo dela. As sobrancelhas se franzem como se estivesse em um tribunal, as narinas se dilatam raivosas, os lábios se prendem para dentro mostrando o quanto ela está... não é raiva, é decepção. Eu me vi assim quando Morgan me deixou, essa é a cara da traição. *Eu não estou te traindo, Mia.* Preciso que me entenda e respeite, não quer dizer que nunca vou tocar nesse assunto. A verdade é que acho nosso relacionamento muito instável, morro de medo de te assustar e fazer você correr de mim mais uma vez.

— O que eu estou vendo aqui, e só você não percebeu, é que estou fazendo sacrifícios por você, o homem que diz me amar, e não faz nada por mim. — Ela se solta do aperto de minhas mãos e a voz autoritária me abomina.

— Mia, isso é injusto, eu saí de Portugal porque você pediu.

É sério, Trevor? Diga a ela as coisas que fez por ela, não cite um momento isolado, cite os meses que passou melhorando por ela!

— Você mesmo disse que era o mínimo por ser meu aniversário! — O timbre das palavras aumenta.

— Miranda, eu não consigo entender como isso surgiu. Aconteceu algo? Você encontrou algo na minha casa ou alguém te disse algo do meu

passado que te assustou? Não faz sentido estar tão mal por causa diss...

— Falando em viagem, você disse que tem trauma de aeroporto e eu não tenho a mínima ideia do porquê! Essa é só mais uma das cenas traumáticas da sua vida que não sei o mínimo.

— Mia, eu vou te contar, mas preciso de tempo para me preparar para isso, não é algo fácil. Você fez terapia, passou por um tratamento e eu me recusei a isso no passado.

— Engraçado que pra transar oito vezes por dia quando nos conhecemos, tempo nunca foi importante. Agora me contar o mínimo da sua vida? Aaah, não, isso é demais! — dopa ironia em cada sílaba.

— Sexo não é preciso um nível altíssimo de intimidade, apenas troca de olhares e tesão. Você sabe muito bem que nem naquela época que te via como um corpo, era capaz de te tratar como as secretárias que abandonava na madrugada!

— É, tem razão, fazia pior, me usava para atingir sua Loirinha, não é? Foi por isso que me levou na Inspire, porque estava desesperado para mostrar a ela que tinha superado.

*Trevor, respire, nã…*

— É isso que pensa? Sério? Eu poderia ter levado qualquer vadia dessa empresa para fazer ciúme! Mas não, eu escolhi você, por total acaso? Não foi por que não estava suportando ficar sem te ver e abominava a ideia de qualquer outro homem te tocar? Te mostrei a sala de espelhos, sala essa que apenas usei com a última mulher que amei, eu toquei piano por você e quando dei as costas por um segundo, você já estava se engraçando com o policial que te assediou! Foi assédio mesmo, Miranda? Porque você parecia muito interessada em dar pra ele naquela festa!

— RETIRE ESSA MERDA QUE ACABOU DE FALAR, TREVOR WHITE! — berra, jogando o estojo no meu peito que deixa cair todas as canetas no chão.

— Eu retiro. Retiro porque sei que NAQUELE momento, NAQUELE dia, NAQUELE minuto você não queria que ele te beijasse, mas não duvido que em outro momento quisesse!

— Você é tão exibido o tempo todo, mais confiante do que um cavalo de guerra. Esconde sua insegurança assim, não é? Você diz ser charme, mas é porque MORRE DE MEDO DE ALGUÉM SER MELHOR DO QUE VOCÊ! — grita, empurrando o meu peito e seguro suas mãos como se meu corpo implorasse que parasse de me ofender.

— Não, Miranda. Eu nunca tive medo de conhecer alguém melhor do que eu até perder. Até perdê-la. Volte a fita em todos os momentos que passou ao meu lado, qual foi o dia em que te deixei achar que eu era melhor que você? Vou te poupar do trabalho, nenhum. Em um relacionamento tem que haver evolução, se você não agrega nada na minha vida, não preciso de você.

— Eu não disse isso, Trevor...

— Eu te admiro, porra! Admiro porque consegue chorar, você vê isso como fraqueza e eu como força. Não tem medo de sofrer, aceitou ajuda médica quando precisou, seguiu em frente, mas não abandonou sua família. Você não percebe? É tão cega assim? O que é simples pra você, não é pra mim! Eu fujo, Mia. Eu fugi da minha família, fugi da Sarah quando a Hillary morreu e fugi de você naquele elevador porque estava tremendo de medo de te amar.

— Chega. — Ela se afasta de mim e enlaça a bolsa no corpo enquanto arruma suas coisas.

— O quê? Vai embora? Está vendo! Estou te assustando, não é? Queria que eu falasse, estou falando! — Levanto da cadeira e abro os abraços achando puro absurdo essa fuga. — DE QUE SERVE ESSA ALIANÇA SE VOCÊ NÃO CONVERSA COMIGO? — berro, batendo na mesa de vidro fazendo com que todos os seus materiais tremam.

— Nada, não serve de nada — afirma, parada na porta com a franja sobre o rosto. Miranda levanta o queixo como se tomasse coragem para fazer algo. Se aproxima de mim com passos firmes e empina o rosto olhando para cima focada em mim. — Não serve de nada. — Ela tira a aliança da mão e empurra contra o meu peito.

*Ah, ela não vai fazer isso comigo mais uma vez.*

Ela tenta se afastar de mim e seguro seu pulso com força bruta fitando-a com severidade.

— LARGUE JÁ A MINHA MÃO! — ela grita autoritária como se estivesse limitando Victor Ferreira de maltratá-la mais uma vez. Engulo em seco e a saliva passa por minha garganta como se fosse *whisky* queimando. Não largo, a puxo. Puxo sua mão e ela bate contra meu peito mais raivosa do que nunca. As mãos abertas dela tocam meu peitoral e por um segundo sinto que ela vai me beijar e esquecer tudo que disse e o que eu disse porque sabemos que não importa, dizemos essas coisas na raiva.

Mas não.

Não é um conto de fadas.

A solto esperando que seja a minha Princesa, mas ela me limita com o olhar e se afasta, os saltos pisoteiam o chão e aos poucos não escuto mais o seu som. Nem sinto mais o seu cheiro forte, apenas o leve odor que ficou na minha camisa por ela ter me tocado. Me pego olhando fixo à mesa que ela deixou a aliança que eu demorei horas para escolher na joalheria, pensando em todos os detalhes para criar uma noite perfeita e ela jogou fora agora. Quando simplesmente deslizou o metal pelos dedos e o deixou sobre o vidro do móvel com um som estridente.

Seja forte, Trevor, ela vai perceber o erro que cometeu... mas talvez *eu* não esteja pronto para perdoá-la por isso.



Água quente. Fervente. Ela ferve caindo sobre o meu corpo, água de vulcão em erupção queimando cada célula do meu tecido epitelial. Estraçalhando minha pele, é culpa, culpa por ter dito aquelas merdas na cara dela. Mesmo sendo verdade, eu deveria ter apenas pedido desculpa e abaixado a cabeça, seria mais fácil assim. O jato do chuveiro bate contra o meu peito e incendeia, escorrendo o líquido por cada parte do meu organismo. Encosto a mão no azulejo e deixo meu cabelo mergulhado em mares cair sobre o rosto. *O que está fazendo, Trevor?* Vai desistir? Deixar que ela arremesse nossa relação pela janela? Não, eu vou tentar mais uma

vez. E vou tentar com força, confrontá-la e implorar para que me conte o que a fez ficar assim e se ela não me contar...

A conversa vai ser diferente, Miranda.

Não vou te tratar como Princesa.

E sim como a mentirosa que vai se tornar.

Vai conhecer o Trevor bruto, arrogante e sem coração que amarrava, algemava, vendava, espancava a Sarah sem sentir remorso algum. Porque se você mente para mim, não me ama. E se eu não te amo, não faço amor. Faço algo que vai te machucar e não apenas fisicamente, pode ter certeza. Veja esse lado meu, vai se assustar, continue procurando onde não deve e terá o que merece.

Respire e expire.

*Dê a ela o benefício da dúvida, pode ser que ela diga a verdade e vou torcer por isso.*

— Sr. White, tem visitas em sua porta de entrada, devo receber? — a voz robótica de Marta exala todo o banheiro.

— Não, eu recebo — respondo perto do alto-falante à prova d'água.

Abro o box e enfio minha cabeça na toalha grossa como se estivesse secando todo ódio que sinto e melhorasse o humor para atender. Esse horário pode ser que seja a Sarah ou Miller que esqueceu algo. Enrolo a mesma toalha na cintura e caminho por toda a casa até destrancar a fechadura.

— Oi — a voz de Mel me invade com puros arrepios no meu corpo inteiro.

O rosto está inchado com borrões pretos abaixo dos olhos, bochechas tão coradas que se igualam ao vidro de pimenta premiada. Seus cabelos ondulados caem sobre a... *A Blusa Branca de Bolinhas Pretas*, a droga da minha blusa favorita. Agasalho gélido que protege até mesmo mais do que seus pulsos a deixando puramente meiga e fofa. Seus lábios se mordem para dentro e suas mãos estão imperativas, puxando os pequenos fios da calça jeans apertada que realça suas curvas.

— Oi — respondo após alguns segundos e percebo que ela se distrai, vidrada ao meu peitoral assim como eu fico em lojas de doce.

Não é só o rostinho que é bonito, não é, Mia? O corpo inteiro te atrai.

— Em que posso te ajudar, Miranda? — Bufo.

— Ah, eu trouxe alguns produtos meus para cá quand...

— Quando você aceitou morar comigo até o seu coleguinha voltar, e eu fiquei tão feliz que comprei uma cômoda nova, porque sabia que poderia se sentir mal usando algo da Sarah ou da Morgan, mas só foi outra mentira, certo?

— Você comprou uma cômoda? — questiona baixinho.

— Eu tinha planejado montá-la com você antes da nossa briga, mas pode levar, coloque no seu quarto e também encomendei uns vestidos na internet, porque mangas bufantes aparentemente não são fáceis de encontrar em lojas físicas, entã...

— Trevor, eu posso entrar? — Ela interrompe e dá um passo à frente tão perto de mim que os pelinhos da blusa tocam meu peito.

Eu assinto com a cabeça e ela caminha devagar pelo corredor, enquanto me deixa paralisado alguns segundos antes de trancar a porta.

— Eu deixei uns lencinhos, não consegui tirar a maquiagem, meu *shampoo* acabou e não encontro o frasco. É um cheiro incomum, então costumo levar a amostra na farmácia, que está fechada agora.

— Está comigo — admito como se tivesse cometido um crime e sim cometi mesmo, mas foi por amor.

— Você pegou meu *shampoo*? — assinto envergonhado por ter pegado sem que ela percebesse. — Por que, Trevor?

— Existe uma resposta perfeitamente razoável para essa pergunta… — Enrolo as palavras para responder, porque a verdade é que eu queria que ela ficasse aqui e se sentisse bem com suas coisas. — Quer saber? Eu vou te devolver, desculpe, me perdoe por ter pegado sem qu...

— Espera. — Deixo de me aproximar do banheiro do meu quarto e mantenho o olhar fixo a ela quando chama. — Você pegou meu *shampoo*, porque queria que eu me sentisse confortável aqui?

— Talvez — murmuro.

— E não porque é um cachorro psicopata viciado no meu cheiro? — Ela dá um meio sorriso.

— Pode ser que seja isso também — confesso ao coçar a nuca.

— Então seja um bom cachorrinho e me devolva, por favor — ironiza enquanto me segue até o banheiro.

Me inclino nas prateleiras do box seguro o frasco amarelo ouro que só por tocar já infesta minha mão de Limão e Mel e me aproximo dela.

— É todo seu. — Estendo-o e ela segura a ponta da embalagem. Fixa os olhos a mim, íris de mel bem brilhante e por um momento até esqueço que brigamos tanto nos últimos dias e seguro o frasco com força. Ela tenta puxar da minha mão e franze o cenho quando não consegue pegar. — Você jantou? — pergunto na esperança de que aceite me deixar alimentá-la.

— Não te interessa. — Bufa raivosa como se soubesse minhas intenções.

— Você comeu, Mia?

— Não, eu vou pedir algo quando chegar em casa.

— Qual restaurante vai te atender perto da madrugada? — questiono e ela revira os olhos.

— Eu tenho uma pizza congelada que eu ach...

— Mulher, me deixe te alimentar — a interrompo e se cala pensativa. — Jante comigo e depois pode ir embora com todas as suas coisas e nunca mais me ver, pode ser?

*Dramático, hein, Sr. White.*

— Só jantar? — pensa sobre em voz alta.

— Apenas isso — minto descaradamente, porque essa é uma mentira boa. Vou tentar resolver, de novo, nossa relação.

— Eu fico, mas você vai colocar algo nesse peitoral e aí também. — Ela indica a minha virilha, assinto e largo o frasco que ela pega e o observa como se sentisse falta do cheiro. Tiro a toalha, libero o meu pau duro por vê-la bravinha e deixo que o tecido deslize por meu corpo secando, enquanto procuro um moletom na gaveta. — NA MINHA FRENTE NÃO, TREVOR! — grita estridente e cobre os olhos.

Confesso, essa eu fiz de propósito. Ah, me dê um desconto, já faz dias que eu não a beijo direito, nem sinto aquela maldita boceta de mel bater contra a minha virilha.

— Desculpe, esqueci que nunca viu o Trovão — ironizo e ela ri com os olhos fechados por usar o apelido que criou, mas logo se fecha mantendo o ódio. — Me espere na cozinha — peço e se afasta sem ver nada ao bater em uma parede. — Miranda, abra os olhos já terminei — minto e ela abre.

— CRETINO! — berra após olhar fixa por alguns segundos para o meu membro e foge para a sala.

Me visto com a calça moletom preta e camiseta branca simples. Caminho até a cozinha e giro o termômetro do forno para esquentar um pouco a assadeira.

— Eu fiz lasanha, você ainda me ama? — Junto os dois assuntos de uma vez.

— Sim, eu... espera! — Mia flexiona a sobrancelha confusa. — A resposta é sim, tanto para a lasanha, quanto para você.

— Mesmo?

— Uhum.

Abro a gaveta de talheres e coloco a aliança sobre o balcão que está sentada.

— Então coloque de volta. — Imponho.

— Não, obrigada — ela afirma decidida como se quisesse me provocar e suspiro furioso. Me deixa louco saber que ela tirou a aliança apenas para me irritar.

*É isso que significa para você, Mia?*

Após o forno apitar, tiro a assadeira com as luvas protetoras e coloco sobre a pedra do balcão. Corto um retângulo com cerca de vinte centímetros, porque quero que ela se alimente, não a vi comer hoje. Sirvo no prato branco mais pesado, deixo o azeite e uma taça com gelo e vinho tinto ao lado.

— Você não vai comer? — questiona se lambuzando de queijo, ato que faço força para não reparar tanto para não jogá-la no meu sofá, mas é

inútil.

— Jantei faz um bom tempo.

— Me convidou para jantar com você, não sozinha — pontua e por eu não querer brigar, pego outro prato e me sirvo.

Me hipnotizo ao vê-la enrolar o garfo na massa e levar até os lábios de mel que ficam lotados de queijo e molho. Ela os limpa com a língua e chupa o último fio de provolone. Provando, abocanhando, deslizando a lasanha na boca. Engulo em seco quando Miranda passa a língua no talher e me endireito na cadeira.

— Algum problema? — Ela faz um biquinho com o olhar determinado.

— Nenhum — afirmo, tentando ao máximo controlar meu corpo.

— Ótimo. — Dá de ombros e continua deslizando a lasanha nos lábios.

Espero alguns minutos até que ela se alimente mais para me pronunciar. E nesse tempo, percebo que até o momento atual, ela está me provocando.

Me provocou quando questionou se a Sarah me amava, quando me ofendeu dizendo que eu era apenas um rostinho bonito, quando disse que eu sou inseguro e me escondo, provocou quando tirou a aliança, não porque não me ama, mas porque quer me ver sofrer e agora está aqui na minha frente chupando o garfo como se estivesse com a boca no meu pau para me provocar.

*Deus, Miranda.*

O que você quer de mim? Por que saber da minha família é tão importante que te fez mudar até sua personalidade? Tem motivo. Tem sim.

— Por que está me tratando assim? — Tiro o talher de sua mão e ela entreabre os lábios por minha ousadia.

— Hum?

— Por que está tão determinada a fazer coisas para me ver sofrer? Quer que eu me magoe? Irrite? Ou te odeie? Está no caminho para tudo isso e não consigo entender o porquê.

— Eu concordei em jantar — limita.

— Os planos mudaram.

— Trevor! — restringe, franzindo o cenho.

— Eu estou cansado de brigar, Miranda, ou você resolve comigo agora ou...

— Ou o quê? — Ela levanta do banquinho, pisoteia os pés no chão e se aproxima de mim. — Ou o quê, Trevor? — Segura o meu queixo com força e assim que ela me toca, não vejo a Mia. Vejo a Sarah me limitando e desafiando no relacionamento tóxico que tínhamos. — Você vai me obrigar a resolver? Vai me acorrentar como fazia com a sua ex? — Engulo em seco. Uma corrente forte de ódio passa por toda minha espinha e me energiza por essas perguntas. — Não, você não vai. Não vai dizer nada e vai esperar que eu te abandone, porque não tem coragem de ter um relacionamento que preste. Você quer a parte linda da relação, sexo, presentes e acordar junto de manhã, mas esquece que a vida não é assim.

— Está me chamando de fraco, Miranda? — afunilo e seguro com força seu pulso que me toca. — Você vai sentar nesse sofá e vai me contar agora qual foi a porra que aconteceu que te fez ficar assim.

— Trevor.

— Eu cansei de ser bonzinho com você, Miranda, de tentar consertar e conversar quando só quer brigar mais. Eu não sou idiota, não nasci ontem e você vai me contar o que está escondendo. — Seguro sua mão e a guio para a sala. — Senta — peço e ela fica parada me desafiando ainda mais. — Senta na merda do sofá! — ela obedece relutante com o rosto franzido e segura uma almofada. — Vamos, me conte.

— Não aconteceu nada — murmura.

— Ainda vai teimar? Continuar negando, isso é sério?

— Você está parecendo um louco.

— Louca é você se acha que vou acreditar no que está me falando. Eu sou tão imbecil, não é? Você veio me questionar se a Sarah me amava e eu fiquei preocupado, até fui conversar com ela, pedindo e implorando algo a ela que humanamente não pode me dar! Ela não pode parar de sentir amor

porque a minha namorada mentirosa quer, mas mesmo assim eu fui até lá querendo fazer com que ficasse mais confortável.

— Eu não tenho que aguentar isso — sussurra revirando os olhos.

— NÃO MESMO! Quer sair? A porta está aberta, eu não sou seu ex, Miranda, não estou te prendendo, saia quando quiser, mas se sair verá as consequências disso. Eu vou descobrir, pode ter certeza, mas se eu descobrir antes que me cont...

— Está me ameaçando, Trevor? — Assim que ela pergunta tento acalmar meus nervos e respirar mais fundo.

— Não, estou dizendo que a conversa vai ser diferente — *Se acalme, por favor.* Você não precisa gritar, tem argumentos. — Eu nunca menti pra você como está fazendo comigo. Você nunca me perguntou diretamente sobre seu pai naquela época. Mas eu estou te perguntando agora da forma mais direta possível e você está mentindo pra mim.

— Eu já disse que não aconteceu nada.

— Quatro meses — sussurro, esfregando o rosto dopado de ódio por suas mentiras.

— Trevor, melhor parar por aí...

— QUATRO MESES! Você me fez de otário e cachorrinho por meses! Não um, nem dois, mas MESES! Eu desisti das minhas próprias necessidades por você, que me obrigou a isso quando simplesmente me deixou. Disse que me amava e me deixou. E eu não vou deixar você me obrigar a me abrir sobre os meus traumas.

— EU NUNCA TE OBRIGUEI A NADA! — ela grita, levanta do sofá e empurra o meu peito com força, embora não cause muito efeito. — Mas você sim! Você me obrigou a aceitar uma mulher linda, gostosa, que te ama e que brilha os olhos por você, você me fez aceitar a SUA vida. — Mete o dedo no meu rosto e descarrega. — Você me obrigou a ver ela todos os dias na minha cara dizendo e dizendo que sempre vai ser ela! Você contou a ela não foi? Ela sabe sobre o seu passado e sua família, não sabe?

— Miranda, eu nunca te obriguei a isso, puta merda!

— Você disse pra mim, em frente ao meu prédio, até antes de terminarmos. Você disse que não estaria disposto a abrir mão dela, e eu, só

queria ficar com você e pronto, eu te amo como uma idiota, uma menininha ridícula e aceitei. Porque você disse que eu sou a prioridade na sua vida. Então me diga, ela sabe? Ela sabe o que eu estou há dias implorando que me conte?

*A verdade vai doer.*

— RESPONDE PRA MIM, INFERNO! ELA SABE?

Me silencio ao vê-la como um exército em guerra, o peito arquejante, os olhos lacrimejando que eu não havia percebido enquanto discutia. Seus braços estão abertos, mas não para me abraçar e sim para criticar. Entendendo enfim a raiz do problema, a Sarah saber e ela não...

Não é isso. Já passamos por essa merda uma vez, se chateia sim com certeza. Mas está mudando de assunto, está fugindo de me contar o que realmente aconteceu.

— Sim.

— Está vendo? E ainda tem coragem de gritar comigo quando... Trevor White, você ainda escolhe ela!

Se ela entendesse o quanto eu a escolho todos os dias pararia de dizer essas merdas. Demorei nove anos para sequer pedir uma relação com a Sarah e cinco meses com a Mia. Ela não percebe o quanto eu me entreguei rápido.

*Uma ideia surge em minha mente.*

Ela está negando que existe algo para contar, então vou fazê-la admitir que está mentindo.

— Tudo bem. Você quer saber, é isso? — Ergo uma sobrancelha questionando.

— SIM, É SÓ ISSO, TREVOR!

— Então se me contar o que está escondendo, eu conto tudo o que quiser saber — condiciono, a encarando com toda a esperança que caia no meu plano.

*Vamos ver o que responde.*

— Não vou fazer essa troca. — Nega com a cabeça rindo.

*Touché, Ross.*

— Então admite que está escondendo algo de mim?

Ela faz silêncio. Não escuto nada de sua boca de mel, nem uma sílaba, resmungo ou palavra. *Pois é, Mia, eu te peguei.* E acho que deveria estar comemorando, mas não estou feliz, isso apenas confirma que ela está mentindo.

A ficha cai. Exatamente agora. Como naqueles baldes gigantes de água em parques aquáticos, pancadas de água estão caindo sobre minha cabeça. Eu não quero aceitar que investi em uma relação sem futuro. Não sou o homem mais honesto do mundo, tolero algumas coisas, mas isso? Eu estar implorando pela verdade e ela se recusar? Não tem como conviver assim. Meu corpo sabe disso, pois ferve, incendeia minhas mãos as fazendo formigar de Raiva Súbita. Minha respiração é desregulada e acelerada ao máximo, ordenando que meu peito suba e desça como maratona da cidade. Ela mentiu. Se humanos pudessem derreter de fúria, eu não existiria mais.

ELA MENTIU, *PORRA*!

É, Miranda... você fez sua escolha, pedi, implorei e impus que me contasse a verdade várias vezes e você escolheu mentir.

*Então não me cobre amor, porque eu não vou mais fazer amor.*

Ela me distrai, em meio a toda a minha raiva ela me distrai quando tira a blusa de frio e joga no sofá. Liberando as alcinhas de uma blusa fina colada que aperta seus seios como se fosse uma princesa da idade média prensada por um espartilho. E sua feição não está mais de uma mulher louca por poder e respostas, mas sim de preocupação. Se preocupe mesmo, Mia, porque agora está ferrada.

— Trevor? — chama e lanço o olhar furioso.

Eu quero ouvir meu nome da sua boca, Miranda, mas não assim. Quer me ver aos prantos, detonado, traumatizado, não é? Então vamos ver se aguenta o que vou fazer com você.

Me atiro como bola de canhão prensando seu rosto com as mãos e beijo. Beijo essa boca de mel fervente com o único objetivo de sentir alívio. Ela não recusa, faz o mesmo. Aperta o meu rosto como se estivesse louca para fazer isso desde que entrou. Não deixo que respire, mantendo-me fixo

a ela. *Seja obediente, Srta. Ross, eu não te vejo mais como a Mia*. Meu sistema respiratório e o dela aparentam não ter limites, calcando um ao outro como se não houvesse amanhã. É isso que eu quero. Sexo. Sexo carnal. Tomo suas coxas e seguro seu corpo todo sobre meu colo, roçando contra a calça jeans apertada e seus mamilos contra o meu peito. Ela veio sem sutiã. *Foi apenas pelo shampoo, Ross?* Ou veio por que queria que eu me enterrasse dentro de você mais uma vez? É quente. Preciso que seja quente, quero suar tanto que vou precisar de mais um banho, dois ou três.

A guio até o meu quarto, jogo seu corpo na cama e me inclino o suficiente para não largar sua boca atrativa e poder meter a mão na boceta molhada protegida pelo tecido jeans. Não por muito tempo. Se fosse há alguns dias atrás, eu rasgaria. Rasgaria toda essa maldita calça deixando os pedaços largados por todo o quarto, mas isso seria *amor*. Pelo menos para mim é *amor*. Imponho meus dedos em sua virilha com mais força e ela vai se esquivando do beijo soltando gemidos roucos de prazer.

— Não sou só um rostinho bonito, não é? Também sei te fazer implorar. — Arfo entre seus esquivos.

— Eu, hum... eu pedi desculpas por isso — ofega.

— E eu deveria aceitar. — Desabotoo o jeans e enfio a mão por dentro da calça, sentindo a calcinha de renda em meus dedos agora encharcados.

Brigas te excitam? Não vou mentir, a mim também.

— Sabe por que os casais não se matam de ódio, Miranda? — questiono e ela geme algo como um não, prenso mais minha mão para dentro dela, embora esteja limitado pela calcinha ridícula. — Sexo, fazem sexo carnal, e isso faz com que sobrevivam.

Mordisco seus lábios autoritário até que causo uma ferida e um pouco de sangue mancha minha boca enquanto insiro mais para dentro dela. Chega. Hora de ver o quanto ela aguenta. Viro seu corpo de uma vez, veloz, e ouço se assustar arfando pela surpresa. Está linda de quatro para mim, mas pode ficar melhor. Deslizo por sua bunda e tiro a calça apenas liberando a calcinha enfiada, uma pele lisinha e cheirosa demais que atiça o meu corpo inteiro me fazendo lubrificar o moletom.

Abro a terceira gaveta da escrivaninha e puxo uma fita vermelha e a algema metálica. Sabia que não deveria ter me livrado dessas merdas. Puxo

sua cabeça para trás, não me importando com suas reações e vendo seus olhos com a fita, fazendo com que enxergue apenas vermelho. Desloco e algemo suas mãos juntas às costas deixando-a vulnerável e quanto mais limitada fica, mais poder eu tenho.

Enrolo seu cabelo nas mãos e puxo com força para trás o que a faz grunhir em recusa. Arrasto seu quadril até senti-lo no meu moletom molhado, mas antes, me inclino para frente e me coloco ao lado dela. Mordiscando sua orelha, encantado por vê-la boquiaberta, presa, louca de ansiedade e pavor.

— Quer ser como a Sarah? Saber tudo da minha vida, ter poder sobre minhas ações e limitar meus desejos, então veja como é ser a Loira Vermelha — rosno em seu ouvido.

Arranco seu quadril para trás e libero meu pau duro da prisão do moletom úmido, é uma parte independente de mim, com veias pulsantes obcecado pelo o que vê em sua frente. Não espero. Nem ao menos vou devagar de início. Enterro. Me enterro dentro dela com força bruta. Sem me incomodar com o fato dela estar apreciando ou não e o grito de repulsa que que libera e exala a casa inteira. Mais uma vez. Aprofundo o membro tão fundo que suas pernas amolecem pela falta de apoio, mas não vou dar apoio. Soterro sobre cada parte da sua vagina, com o intuito de 1mpor-la assada, inteira vermelha para que se lembre o preço de mentir para mim. Penetro sua boceta encharcada sentindo o limite como rua sem saída, o que me faz escapar um sorriso satisfatório e sombrio.  Sombrio e promíscuo.

— Teve coragem de jogar a aliança que te dei no meu peito, não foi? Então não vou fazer amor e você vai aguentar cada batida — afunilo.

Ela está gritando tanto a cada batida. Preciso de mais. Meto um tapa forte em sua bunda e a mulher pula para frente em resposta, consigo até mesmo ver a marca perfeita dos meus dedos em sua pele. Estapeio a derme mais uma vez e ela grita exasperada, é tão estridente. Preciso de bem mais. Meu pau a invade sem nenhum resquício de piedade, louco, eu estou louco por essa cena, socando com mais força a cada ritmo completo, veloz e rápido, agora é rápido. Ouvindo o barulho carnal do bater de palmas da mão, mas não é comemoração, é punição. Esse som é por ter feito o que fez. Me enterro mais uma vez e não escuto mais gemidos e gritos, ela está choramingando e com isso termina minha provação. Saio de dentro dela e

puxo suas mechas para trás a deixando de pé em minha frente, relando as mãos algemadas no meu pênis. E os lábios entreabertos que me procuram, deslizo a mão por seu pescoço levantando seu queixo para cima e prendendo, para que sinta a prisão da minha mão feroz.

— Não aguenta, não é? É muito para a Princesinha. Se não aguenta isso, então imagine me ver transtornado, ver por dentro o meu lado traumático, o meu passado ferido. Não consegue, Miranda. É só pedir, quer que eu pare? — Ofego, o que ressoa por seus ouvidos. Ela arfa, respira e expira como se estivesse se recuperando do meu ataque.

— Precisa disso? — murmura em meio às sílabas cortadas.

— Como é que é? — assevero, franzindo o cenho.

— Você precisa de algemas e vendas para me mostrar que é forte? — Ela morde o lábio inferior e chega a suar frio. — No *Veludo Musical* não precisou dessas fitinhas.

— Eu não preciso de porra nenhuma, Miranda — afunilo, apertando seu pescoço com ódio por me diminuir.

— Tem medo de não conseguir me fazer gritar a moda antiga, Trevor? — provoca e tremo de Raiva Súbita.

Viro seu corpo, tiro as algemas e arremesso para o outro lado do quarto com o barulho aprisionado estridente liberando suas mãos com marcas circulares. Retiro a venda devagar, e seu rosto está bem mais borrado do que quando chegou, resultado dos meus desejos punitivos. Caminho a passos largos e furiosos para a sala. Paro. Meu peito arfa de Raiva Súbita. Ela me fita com os olhos de mel, enquanto a observo franzindo o cenho ainda furioso pelo desafio que ela propôs. Eu não preciso dessas merdas para mostrar poder. Seu olhar desce e se torna fixo ao meu membro dolorido por ter interrompido o ato. Deveria ter continuado, mas vê-la quase chorar vai contra os meus instintos.

— Não toque se não quiser que eu foda a sua boca — afunilo e ela ajoelha.

ELA AJOELHOU?

Eu não estou vendo isso. Não posso estar vendo isso. Seus joelhos tocam o chão e as mãos cobrem as coxas como se estivesse me esperando

naquele banheiro da festa do pijama. Em que eu fiz a maquiagem dela virar borrões no rosto de tão fundo. Meu corpo fica burro vendo-a assim, tanto que quase esqueço o porquê estou fazendo toda essa merda. Minha respiração é aguçada e meu membro acompanha cada suspiro. Ela se inclina para frente devagar e estou vidrado em cada pequeno ato que ela comete. Estende a língua e toca a cabeça rosada que me faz tremer inteiro de excitação e libido. A mulher coloca o membro na boca, roda a língua me circulando e fecho os olhos com um gemido abafado que ela não deixa de encarar.

— Porra, Miranda — gemo relutante.

Ela larga e passa o indicador nos lábios, em câmera lenta, limpando o líquido lubrificante que liberei. Me contorço com a cena maldita e me permito tocar seu queixo acariciando por um mísero segundo. Pouco. Bem pouco. Agarro e enrolo seu cabelo nas mãos, empurrando meu pau para dentro da sua boca fervente. Não são batidas carnais, mas o som é gratificante como tal. Ver sair e entrar ao meu comando, provocando a garganta dela ao máximo. Me enterro dentro da sua boquinha e ela chega ao limite, mas não paro. Ela bate no meu peito com a mão aberta, forte, a mão pesada, mais de uma vez implorando. E paro. Liberto-a e ela engasga tossindo alto com a mão sobre o peito procurando respirar.

Ainda com suas mechas na mão a puxo para cima e Mia me fita relutante ofegando, arfando, respirando em busca de recuperação. Arrasto sua cintura e bato seu corpo contra o meu lhe dando um beijo demorado que ela retribui enquanto contorna os braços por meu pescoço. Ela me beija como se agradecesse por algo. Está achando que isso é uma reconciliação? Está muito enganada. Aperto seu pescoço e puxo para trás limitando.

— Eu não preciso dessas merdas. — Nego severo.

— Mostre pra mim — sussurra com a voz tão rouca que apenas escuto por estar perto demais. — Na nossa primeira briga, eu te abandonei na sua sala e ouvi algo se quebrar. Está com raiva de mim?

— Bem mais do que imagina.

— Hum… eu não ouvi nada se quebrar — ronrona entre meus lábios. — Mostre pra mim — desafia.

Ela se aproxima com selinhos e a princípio retribuo, mas não me satisfaz. Ela está me desafiando? Acha que não posso ser mais forte do que isso? Está enganada.

Tomo suas coxas com um beijo prensado e controlo a *Corrida de Vidro*, não tem nada mais satisfatório do que quebrar vidro. Ela está com as mãos livres que agora estraçalham meu cabelo desesperadamente enquanto me beija dançando sua língua com a minha. A bato contra a parede com o interruptor e a bunda dela deixa a sala inteira escura, um total breu. Não quero respirar, apenas beijar e interromper esse ato é um crime. A jogo contra a parede e um quadro despenca no chão, barulho grave no mármore. Aperto com força suas coxas marcando minha mão em cada centímetro de pele e ela se empina para frente roçando no meu pau duro. Desliza uma das mãos por meu peito e segura nos dedos o membro com dificuldade por não querer deixar de me beijar um segundo. Impondo e procurando que eu a penetre. Está louca para gozar também, não é? Esses estímulos machucam e irritam se exagerados, eu sei bem, mas eu vou decidir.

— Não adianta implorar, eu vou decidir quando vai poder gozar, Miranda. — Arfo entre os beijos e a ouço bufar de raiva.

Em resposta, a jogo sobre uma mesa e arremesso todo os enfeites e miniaturas no chão, deixando que o barulho estridente nos domine e energize. Eu estou energizado, inteiro, dos pés à cabeça, e você? Ela me agarra roçando ainda mais forte e geme entre meus lábios implorando. Agora ela me quer? Quando eu quis conversar e resolver, eu era o errado, o vilão da história, mas você me implora, Miranda. Quer que eu te penetre tão fundo que geme antes mesmo de me deixar tocar.

Aperto seu pescoço com força, fúria e a pele fervente me recebe limitando-a até mesmo para me beijar. Enforcando-a de leve, enquanto ela me observa fixa como se desafiasse ainda mais.

— É… é isso... só isso que consegue? — murmura as sílabas por cima do aperto. E essa merda. Essa merda faz com que eu flexione o maxilar fortemente deixando a raiva percorrer minhas veias apenas me instigando ainda mais.

— Não, Miranda.

Largo seu pescoço e a jogo sobre a mesa de centro de vidro. Vidro puro que se quebra inteiramente em cacos geométricos de várias formas. A vejo sangrar um pouco pelo pó de vidraça e sorrio. Sorrio com o corpo todo e rolamos pelo tapete encharcado de vidro, sem pensar nas consequências e os rasgos. Eu não penso, mas penso nela, por isso a encosto no chão longe dos cacos e a penetro. Ela geme alto, arfando nos meus ouvidos a cada vez que inicio um novo ciclo. Apoio o braço com força no tapete servindo de combustível para soterrá-la com mais força. São batidas. Batidas que fazem seu corpo ir para trás como furadeira industrial quebrando solo, ela treme. Treme com um sorriso enorme. Rasgo a blusa de alcinhas ao meio e agarro seu seio direito, puxando o mamilo e contorcendo até que ela grite mais.

— NÃO PARE! TREVOR, POR FAVOR! — ela grita exasperada e segura no pé de uma cadeira que acompanha a trepada. Indo para frente e para trás com um som que qualquer um reconheceria de longe.

— Não ousaria. — Ofego.

Puxo seu quadril mais rápido, apenas hipnotizado em ver a boceta avermelhada pelas batidas e estrondos que levou. Se abrindo ainda mais a cada vez que vou socando o meu pau dentro dela. Saindo e entrando. Deslizando como patins em gelo pelo tremendo lubrificante natural que nós dois soltamos. Ela grita, mas não é um grito comum.

— Aaah! A-AH! — é pausado, alto e agora rouco. — Ter-evor… — quase como um suspiro em sussurro que a faz segurar meu braço fortemente me passando todas as sensações.

*Isso foi a porra de um orgasmo?*

Não um comum. É um orgasmo múltiplo.

O líquido escorre a medida que diminuo a velocidade, lambuzando o meu pau que goza ao mesmo tempo quando percebo o que fiz, na minha vida inteira presenciei mínimos desse tipo de orgasmo. Me faz sorrir como um idiota.

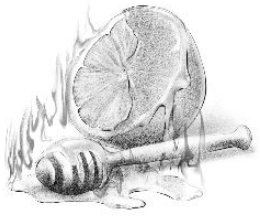
Despenco ao seu lado e ela deixa uma das mãos sobre minhas costas, como se me parabenizasse por não conseguir dizer uma sílaba, por ainda estar atordoada de prazer extremo.

Algo está errado, não estou conseguindo raciocinar. Algo está me perfurando, é sangue. Estou zonzo. Meus olhos falham e apenas vejo o breu

noturno da madrugada me exalar.

*Não sinto meu corpo, estou dopado?*

28



# Ninho Castanho

*E se eu te disser todas as coisas que fiz?*
*Você fugiria de mim?*
*Amor, todos nós temos bolsas*
*Cheias de merda que não queremos*
*Mas eu não posso esvaziá-las*
*Por você, amor*
***Honesty - Pink Sweet$***

## MIA ROSS

Admitir. Reconhecer e aceitar algo que se faz evidente e incontestável. Na infância, a maioria das crianças já chegou a sentir desejo por algo que não poderia ter e, às vezes, rouba. Esse ato por ser errado causa discórdia se descoberto e a criança sabendo disso tem duas opções: esconder ou admitir. A pequena com liberdade de escolher os brinquedos, admitirá, já a outra que é presa no quarto sozinha, esconderá.

Eu era a criança que brilhava os olhos pela chance de ir ao shopping, teatro, circo ou sequer visitar as amigas uma vez ao mês. Era como uma espécie de prêmio por comportamento, mas isso não durou muito. Depois, mesmo que eu trouxesse a Lua do Universo, a minha liberdade para qualquer coisa era nula.

Eu era sempre a errada.

E não podia discutir esse fato.

Fugir não era uma opção, apenas ser obrigada a ouvir gritos e palavras de grosseria que me acusavam de coisas que eu não concordava.

Isso mudou, assim que eu pisei meus pés em Portugal, tudo isso mudou.

As pessoas se importaram magicamente com a minha opinião, fiz amigos, colegas e até aí pareceu tudo normal. Parecia normal. Até que eu fosse colocada na situação de ouvir novamente os gritos que me ofendiam. E, naquele momento, eu poderia agir de duas formas.

Ouvir e aceitar.

Fugir e esconder.

Se você passa a vida inteira comendo um bolo de limão quando todos dizem que o de avelã é melhor, na primeira oportunidade de experimentar o mais amado, você aceita. Aceita porque já sofreu demais com limão e quer avelã.

*Mas não imaginei que fosse me dopar de avelã.*

Uma vez que pude fugir, aquilo me deixou viva e ativa como se eu pudesse ter minhas próprias escolhas. Hoje, eu sei que tenho.

*Mas de quem está fugindo, Mia?*

De alguém que apenas quer resolver, entender e ajudar você.

Eu não tenho dificuldade de admitir meus erros quando sei que errei. Porém, todo erro tem uma história, não apenas se comete, tem motivo e propósito.

*Eu me abri porque quis fazer isso.*

Eu quis abrir meu coração para o Trevor, contar minhas inseguranças, traumas e sentimentos, porque eu o amo. E nunca vi problema nisso, em uma relação não deve haver segredos e sim pura sinceridade. Ou pelo menos foi isso que aprendi a vida inteira nas relações que deram certo em filmes e séries.

*Mas isso me fez sentir uma otária.*

Como quando você se esforça para fazer uma festa surpresa gigante para a pessoa que ama e ela não lhe agradece. A culpa é sua, você quis fazer tudo para agradá-la e a pessoa responde com:

***“Eu não pedi isso, você fez porque quis.”***

E dói.

*A dor é insuportável, porque é verdade.*

Eu fiz porque quis e não aceitei o fato de Trevor não fazer o mesmo por mim, então estive disposta a fazer tudo ao meu alcance para instigá-lo a fazer o mesmo. E, quando não funcionou, tentei mais, pressionei mais, até que não me reconheci ao olhar no espelho.

Tudo porque a verdade é que eu morro de medo que Trevor se canse. Sempre foi assim desde o início, minha obsessão doentia não era por ele e sim a possibilidade de ser abandonada por ele. Deixar de sentir o cheiro, aperto e elogios que faz toda manhã.

*Eu disse que o amava primeiro por medo.*

E fiz isso quando ele decidiu tomar café com a Sarah, naquela época eu me entupi de ciúmes imaginando as teorias mais malucas. E eu tinha certeza que ele me deixaria, tinha que fazer algo.

Mas de que adiantou tudo aquilo se agora o medo é o mesmo? Ele não confia em mim. E não porque não me ama, mas porque eu menti.

*Precisava saber. Preciso saber.*

Não posso esperar dez anos até que ele resolva que é a hora certa, a quantidade de tempo que julgar necessário para no final encontrar outra mulher que ame? Ele confia na Sarah e a trocou.

A Sarah esperou, fez tudo certo, sabe até mesmo os pensamentos mais obscuros dele. Mesmo assim não deu certo, nem com esse tipo de conexão absurda deu certo. Então como, em nome de todos os santos mais sagrados, daria certo comigo que não sei o mínimo?

Eu queria mostrar a ele que pode confiar em mim, conversando de outros assuntos que superamos, sobre a Sarah, por exemplo.

*Deu errado.*

Eu queria mostrar a ele que pode ser capaz de me contar as coisas que o assombram, porque eu consegui contar a ele por ter sido carinhoso, genti...

*Ah, Deus.*

**O que estou fazendo?**

ELE FOI CARINHOSO E GENTIL!

E eu fui agressiva e manipuladora.

Exatamente como a figura da ex que ele sentia medo, em que obedecia como um cachorrinho treinado, longe de ser ele mesmo.

Eu não sou assim, sempre quis deixar Trevor livre para ser quem quiser ser. Eu posso esperar e quando ele estiver pronto para me contar sobre seja lá o que está escondendo, contarei da ligação.

Sem pressionar e ameaçá-lo.

Consegue fazer isso, Mia?

Espero que sim.

Meus dedos amaciam o tapete de pelinhos da sala despedaçada dele. O frio arrepia minha pele nua deitada sobre o chão fazendo com que eu abra meus olhos e observe ao redor. Escuro, é madrugada, silêncio absurdo e ainda consigo sentir o cheiro da lasanha que ele cozinhou. Viro minha cabeça para direita ainda deitada e consigo vê-lo capotado no chão assim como eu.

O cabelo inteiro bagunçado com cheirinho de avelã e os músculos das costas aparentes como uma escultura antiga grega. Debruçado sobre o braço esquerdo, pois nem tempo para se ajeitar teve. Assim como eu, quando chega ao limite, despenca.

*E que limite...*

Tento me sentar no tapete, mas algo em meu corpo implora para que não, pois solto um grito rouco, dolorido e involuntário. Tento mais uma vez e consigo encostar no sofá abrindo as pernas.

Meu Deus, não.

Não pode ser possível.

Não pode ter sido tão forte.

A minha vagina está inteira vermelha e dilatada. Mal consigo me mexer, é o dobro da dor das cólicas menstruais, essa ferida está bem mais

funda do que consigo tocar. Estou rasgada, literalmente inteira rasgada, como os vestidos que ele destroçava.

Ele não fez amor.

Ele estava furioso.

Ele estava desesperado para que aquilo acabasse.

Ele queria alívio.

Ele queria, acima de tudo, me mostrar que ser como a Sarah é terrível.

Era assim que ele suportava ficar com ela. Toda vez que brigavam, Trevor acabava com ela no sexo e a Sarah nunca viu problema porque a dor não é problema para o corpo dela.

*Tóxico, ele queria que eu visse o quanto era tóxico.*

Precisamos conversar urgentemente.

— Trevor — chamo com a voz cortada pelo cansaço e ele nem ao menos se mexe.

Certo, ou está mesmo dormindo ou decidiu me ignorar.

— Trevor, por favor, está acordado? — repito com o máximo de carinho que consigo, mas ele continua imóvel.

Bufo raivosa por estar sendo ignorada, engatinho até o seu corpo e cutuco suas costas sem nenhuma reação. Decido levantar, caminhar até a cozinha e acender a luz.

— Acorde, Ursinho. Eu não quero ter que colocar *funk* brasileiro para te... MEU DEUS, TREVOR! — grito exasperada.

O corpo dele está debruçado em uma poça de sangue vermelho escuro. A pele branca manchada. O rosto inteiro pálido. Imóvel e paralisado. O meu grito criou ecoa pela casa inteira, fez janelas vibrarem e até mesmo vejo algumas luzes de casas ao lado se acenderem. Corro até ele desesperada, sem conseguir respirar, meu coração está quase explodindo meu peito e nenhuma dor que sentia física é pior do que essa. Minhas mãos e pernas tremem exasperadas e lágrimas caem do meu rosto involuntariamente.

— TREVOR! FALE COMIGO, POR FAVOR! ESTÁ ME OUVINDO? FIQUE COMIGO POR FAVOR! POR FAVOR! — minha voz

cria força inimaginável para gritar o mais alto possível.

Tento empurrar seu corpo, mas o peso dele é enorme, faço com mais força e consigo virá-lo de peito para cima. Um estilhaço enorme de vidro perfurou o braço esquerdo dele, o triângulo laminado infiltra a pele como adaga do inimigo de filmes medievais. Meus membros não param de tremer medrosos como ter visto uma arma apontada para minha cabeça.

MIRANDA, PORRA!

RESPIRE!

Ele vai ficar bem.

Ele tem que ficar bem.

Me inclino, pego o celular dele na poltrona e desbloqueio a senha com meu apelido. *Ambulância, Mia.* Qual é o número, um, nove e zero… espera. NÃO! Está em Portugal sua burra, ridícula, imbecil, qual é o número? Pesquiso no Google na velocidade da luz. Cento e doze. Digito e ouço chamar.

— Centro de Orientação de Doentes Urgentes, meu nome é Álvaro, qual é a emergên...

— Oi! Por favor, eu não sei o que fazer, meu namorado está deitado em uma poça de sangue, pode enviar uma ambulância? Como isso funciona? Eu sou brasileira, aqui não tem SUS, é pago, certo? Ele tem convênio, precisa de carteirinha? — despenco as palavras tremendo os dedos que querem derrubar o celular do meu ouvido.

— Moça! Qual é seu nome?

— Miranda, Mia, meu nome é Mia. — Ofego, ouvindo as batidas do meu coração quase perfurarem meu peito.

— Mia, eu preciso que respire fundo, se acalme que vamos resolver, está bem?

— Uhum — resmungo, batendo contra o meu peito para que eu consiga respirar.

— Ele está inconsciente?

— S-sim.

— Qual é a morada? — ele pergunta e demoro alguns segundos para perceber que está falando do endereço.

— Bairro de Belém, quarenta e oito, duas quadras da torre.

— Estamos encaminhando a ambulância. Por favor, não mexa no corpo, pois pode agravar a lesão. O que ocorreu?

— Ele deitou em um estilhaço de vidro, o braço está perfurado! Uma poça de sangue, não é pequena! Não é pequena! — minha voz se exaspera mais uma vez junto ao suor que percorre todo o meu corpo, estou completamente suada.

— Mia, lembre-se do que combinamos, respire, a ajuda está à caminho, seis minutos.

— E-eu sei, estou respirando.

— Aguarde — assim que ele repete desligo.

Desligo porque não aguento mais ouvir essa palavra.

Aguarde. Aguarde. Aguarde.

Eu aguardei seis anos para um homem desse me amar.

E NADA VAI ACONTECER COM ELE!

Minhas mãos socam o chão e se mancham de sangue que eu limpo no meu próprio corpo lembrando que estou nua. Preciso de roupas. *Tem cinco minutos, Mia.* Levanto do chão, corro até o quarto dele e visto um moletom masculino que aperto demais na cintura para caber, mas mesmo assim está largo. Encontro uma fita, amarro no quadril para fechar e visto uma camiseta preta socada para dentro da calça. Entro no closet dourado com chão de mármore negro e abro as gavetas procurando roupas dele para levar no hospital. Encontro uma bolsa de couro e enfio tudo dentro. Volto a cozinha, abro a geladeira, jogo todos os doces que consigo e tiro um pote de Nutella da pilha para quando ele acordar.

Abro a gaveta da cômoda da sala, onde costuma guardar coisas importantes, chaves de carro, carteira, documentos e... *a aliança*. A culpa me consome por inteiro como se uma espada apunhalasse meu coração.

Eu. Nunca. Deveria. Ter. Tirado.

Coloco em meu dedo e por poucos segundos esqueço toda a situação, me imaginando no Terraza com a vista incrível e luzes lilases que ele reservou para me entregar a aliança. Nesse dia, nada estava ruim, meu aniversário que ele fez de tudo para me deixar feliz. Aniversário não...

*aMIAversário*

*O homem criou até uma piada... várias piadas.*

Acordo do sonho maravilhoso e fecho a gaveta depois de socar todos os documentos possíveis na bolsa. Busco um pano de chão na lavanderia e volto a sala para me sentar ao seu lado sobre o pano. Puxo sua cabeça para o meu colo e acaricio cada centímetro do seu rosto pálido.

— Vai ficar tudo bem, Ursinho. A ajuda já está chegando — sussurro e beijo sua testa.

Mergulho os dedos no cabelo castanho de lavanda dele procurando um pouco de paz nessa situação maluca. Minha ansiedade é tão grande que chego a roer minhas unhas e imagino meio milhão de cenários para acontecer. E em todos o final é péssimo.

*Mia, por favor, se acalme, respire fundo.*

O cabelo castanho sedoso dele sempre foi um ninho onde eu me abrigava e tinha paz. Puxava para todos os lados e ele deixa porque não liga, me ama, não se importa com a bagunça que faço.

*Ninho Castanho.*

Ouço as sirenes da ambulância na rua ao lado e não demora muito para abrirem a porta com força. Dois paramédicos, uma mulher robusta de olhos frios e um homem ruivo cuidadoso. Eles falam comigo, mas não consigo ouvir, apenas massageio o cabelo de Trevor sentindo nos dedos as mechas quando a mulher segura meu braço e saio do feitiço.

— Mia, preciso que solte ele — ela instrui. — Vamos cuidar bem dele, preciso que o solte. — A frase não me atinge, pois ainda seguro com força cada fio do cabelo dele como se o protegesse de tudo. — Você pode ir na ambulância com ele, pode continuar dando conforto, peço que o solte apenas, agora. — A voz tranquila informa, acima de tudo pede, e obedeço me distanciando.

Os paramédicos o colocam sobre uma maca amarela e o prendem com fitas de velcro. Deslizando as rodinhas no chão com rapidez e eu os sigo com a bolsa colada ao corpo. Entro na cabine e meus olhos se atordoam com a quantidade de remédios, cilindros de oxigênio e luzes. Me sento no banco ao lado da maca e seguro a mão dele com força, enquanto colocam a máscara de oxigênio e informam o hospital. Trevor está apagado, não faz ideia do que está acontecendo, eu queria poder ajudar mais, conseguir falar com ele mesmo sabendo que é impossível.

O trajeto foi rápido, passando por sinais vermelhos e ultrapassando filas de carros. As portas da ambulância se abrem e o levam para dentro da emergência enquanto eu corro atrás sacudindo a sacola de coisas para cima e para baixo. Uma enfermeira me aborda e segura meu braço pedindo para que eu aguarde na sala de espera, mas não quero. Não quero deixá-lo sozinho. Preciso saber como está.

— Eu não posso ir com ele? Vou ficar quietinha, prometo. Ele precisa de alguém, deve estar com medo — imploro, mas ela apenas me responde com palavras frias e repetidas com o protocolo do hospital.

Ela me obriga a abandoná-lo e sentar nas cadeiras de almofadas azuis da salinha junto a outras pessoas preocupadas, esse lugar é o inferno. Puxo o celular de dentro da bolsa e percebo que estou apenas com o dele. Penso em não futricar, mas preciso me distrair. Vasculho os *App's* e encontro apenas coisas de comida, receitas, lojas, marcas e… Candy Crush Saga!

*Por que ele jogar isso não me surpreende nem um pouquinho?*

Entro na última fase e apenas passo raiva, ele é viciado! Nível 6.265, eu nem sabia que esse jogo tinha tudo isso. Trevor deve ter essa conta faz milênios. Uma mensagem surge na tela e não resisto em olhar.

**Loirinha**

Oi, branquinho, se resolveu com a Miranda?

// 21:17

Estou preocupada.

// 23:53

Não costuma demorar para me responder, está tudo bem?

// 00:48

Está bravo comigo? A briga foi por minha causa?

// 01:26

Droga, Trevor, me responda!

// 02:29

Visualizo as mensagens e me culpo por ter visto, não deveria ler nada no celular dele, mas depois que começo não paro mais... subo as mensagens de meses atrás e comparo. Vejo que ele está mais frio com ela, desde o final de setembro. A última mensagem com algo mais carinhoso foi no julgamento.

*Mia, você é cega?* Às vezes eu acho que sim. Ele realmente está me tratando como prioridade.

Trevor é totalmente diferente comigo no celular, manda uns mil *emojis* de coração cada vez que se despede.

Ele ter contado os traumas a ela não significa nada. Apenas que ele confia profundamente nela... e eu quebrei a confiança que tínhamos.

**Loirinha**

Deixe de ser criança, depois a mimada sou eu, está visualizando e nada? Tomará que seja um fantasma lendo minhas mensagens agora.

// há um minuto

**Chamada de voz de Loirinha...**

*Senhor! O que eu faço? Atendo?*

A enfermeira se aproxima com o uniforme azul e desligo.

— Sra. White?

— Ah, eu sou a namorada, não somos... não somos, não — afirmo com a voz desregulada. — Ele está bem? Posso vê-lo?

— Pode sim, está para acordar segundo nosso especialista. Me siga, por favor. — Ela caminha e eu dou passos largos atrás dela.

A enfermeira se afasta e deixa com que eu me acomode na cadeira ao lado dele. O quarto é inteiro azul, cheiro puro de hospital e comida sem sal. Uma cama larga preenche o quarto e bolsas de soro e sangue estão ligadas ao braço suturado. Trevor está dormindo ainda sem camisa e com o moletom, mas limparam seu braço e peito. O cabelo bagunçado que eu puxei exasperada cobre o rosto bem desenhado dele e a cor da pele está mais viva. Admiro por mais alguns minutos, vidrada em cada detalhe, sem conseguir respirar normalmente de ansiedade.

**Ele abriu os olhos!**

Um sorriso enorme preenche meus lábios e levanto veloz para abraçá-lo, mas ele segura com força meu pulso com o braço direito, me repreendendo.

— Trevor. — Ofego, surpresa com a reação.

— Não quero que toque em mim. — A voz rouca afirma e no mesmo segundo meu rosto inteiro se franze e puxo meu braço de volta. — O que caralho aconteceu?

— V-você caiu... no vidro. — Minha boca tem dificuldade de pronunciar sílabas pela frase que ele acaba de dizer.

Ele está me fitando com o olhar baixo, ainda mal consegue ver direito, mas mostra raiva. Como se ainda estivéssemos brigando, mas pior, porque ele nunca me restringiu assim.

— Trevor, podemos conversar — murmuro.

— Cansei de conversar, Miranda. Eu tentei três vezes e você pisou em mim com os seus gritos e ofensas. — Esfrega os olhos com a voz rouca que me assusta.

— Eu sei que não agi de forma correta, mas agora eu...

— É fácil sentir culpa quando eu vou parar no hospital, não é? A perda assusta. Isso que você sentiu agora, esses minutos na sala de espera, é o que eu sinto já faz quatro anos.

— Eu queria conversar após tudo aquilo que fizemos, mas cai no son...

— E se fosse vidro no coração? Ou no abdômen? Talvez essa conversa nem estivesse acontecendo. E você levaria a culpa e os últimos momentos comigo como aquela merda de briga ridícula! Você não tem ideia do que é lembrar das últimas palavras de alguém — assevera, fazendo com que meus olhos se encham de lágrimas mais uma vez.

— Eu fiquei muito assustada e não me perdoaria nunca caso isso acontecesse, tem que acreditar em mim — imploro.

— Acreditar em você? Como, Miranda? Como eu posso confiar em alguma palavra que sai da sua boca?

Meu peito arqueja. Minha respiração não é mais minha e sim tomada por emoções loucas que dominam. Meus olhos doem e minha garganta queima com cada sílaba dele. Meu cérebro entrou em surto por esse momento ser diferente do que imaginava. Era para ser um momento de resolução e carinho... mas não está sendo.

— Não ouse chorar na minha frente! Sabe que não consigo ver você assim e imagino que não queira minha pena agora. — Ele vira o rosto para a janela e remexe o braço infiltrado de agulhas.

— Eu não vou chorar, eu prometo — garanto rouca, fazendo uma promessa que não posso cumprir, mas vou tentar ao máximo, porque ele está certo.

Não devo chorar para amolecer a raiva dele, isso é manipulação e eu não sou a Loira Vermelha.

— Por favor, não se acanhe, eu mereço sua raiva. — Ele se vira aos poucos, mas a feição não é mais tão séria. — Eu te pressionei, manipulei, menti, tudo por medo de não me aproximar o suficiente de você, medo de que acordasse um dia e tivesse percebido que investiu errado. Eu me senti inferior por não querer me contar e agi errado, me desculpe — desabafo um pouco do que sinto, mas isso não é nem o início, preciso que ele me ouça.

— Aaaah... que merda! — Limpo minhas lágrimas e me viro para a parede com intuito de que ele não veja, mas sua mão puxa minha calça moletom. — Não tem mesmo que confiar em mim, acabei de mentir de novo, estou chorando.

— Fique quietinha, por favor. — Ele acaricia minha mão e eu aperto a dele com força, chorando em meio a soluços. — Respire, Mia.

Trevor tenta com força, eu vejo isso, não me abraçar e esquecer tudo que aconteceu, mas é uma luta que ele trava consigo mesmo. Não quero que me perdoe por pena.

Um médico entra na sala com uma prancheta.

— White, tudo bem? Como está se sentindo? — O homem retira o soro e o sangue do braço dele.

— Bem. — Bufa.

— O seu soro e a transfusão foram bem sucedidas, seus sinais vitais estão ótimos. Vai precisar ficar de repouso por três dias e após isso, pode ir aos poucos movimentando seu braço. Escrevi os procedimentos com o curativo na receita e vai precisar usar uma tala. Tem alguém para ficar com o senhor esses dias?

— Sim, minha assistente pessoal.

*O que? A Miller? Não mesmo!*

— Eu! Eu vou ficar com você. — Limpo os olhos chorosos e faço força para respirar.

— Não — ele assevera.

— Eu quero ficar — insisto.

— Não consegue nem passar um dia na minha casa sem fugir — afunila, revirando o olhos.

— Eu vou passar todos os dias até se recuperar — prometo.

— Eu disse não.

— EU VOU FICAR E VOU AJUDAR EM TUDO QUE EU PUDER! — grito e ele se cala junto ao médico. — A culpa foi minha de toda essa

raiva que quebrou a sala inteira. Eu vou ficar, você goste ou não, porque ninguém te ama mais do que eu.

— Olha...

— E se pensou na Sarah, eu juro por Deus que pego o ferro da prancheta dele e enfio no seu peito, aí vai precisar de cirurgia de verdade! — exclamo com os olhos loucos de fúria.

— Ela não falou sério, doutor. — Trevor dá um leve, quase imperceptível, nulo, sorriso de canto com meu surto.

— Vou passar as instruções a ela, quando estiverem saindo me procurem. — O médico sai do quarto e fecha a porta, pois reparou a intensidade que exaltamos.

Volto a sentar na cadeira e respiro fundo, para cima e para baixo, inflando meu busto a procura de paz nessa situação.

— Colocou a aliança — o homem murmura ao ver minha mão com a feição mais calma.

— E nunca mais vou tirar — afirmo convicta.

— Não sei se posso dizer o mesmo.

29




# Escorpião de Madeira

*Onde você está se escondendo?*
*Eu só quero que você entre*
*Onde você está?*
*Dando tudo o que posso*
*Para encontrar você*
***Where Are You? - Elvis Drew, Avivian***

## TREVOR WHITE

Complacência. Tendência usual para concordar com outra pessoa, buscando agradar. O amor faz com que nossas ações sejam pensadas com emoções jogando a mente para escanteio sem nenhuma piedade. Desafia a lógica e nos faz ser gentis quando é necessário gritaria e discussão. Complacência anula punição.

*Eu invejo egoístas.*

Penso como deve ser incrível apenas se importar consigo mesmo sendo indiferente aos sentimentos de pessoas ao redor.

Eu sei, é errado. Espere, por que você acha que é errado ser egoísta? Pense comigo, focar apenas nas suas conquistas, emoções, sonhos e crenças. É errado porque alguém te disse que é errado.

*Ser egoísta é um privilégio.*

Apenas pessoas que não amam podem ser egoístas por completo. O amor é a mais literal palavra poética da face da Terra, ele anula todos os

pecados capitais e falta de virtude, transforma o ser humano em alguém melhor.

Mas o que seria alguém melhor?

Felicidade?

Gentileza?

Cortesia?

Seja lá qual foi a palavra que me respondeu como melhoria, acredite, é mentira. Você não é assim, apenas deixou que a complacência te dominasse para que cedesse e se tornasse feliz, gentil e cortês.

É verdade, a complacência é uma das minhas inimigas mais antigas. O meu coração é de manteiga e derrete fácil com as lágrimas e palavras certas. Eu gostaria de ser mais frio, calculista e amedrontador como um *Urso Sombrio*, essa forma me habita poucos minutos de tela.

*Se Shakespeare escrevesse um drama sobre mim, eu seria o amante, com toda a certeza.*

O amante está condenado a sofrer com ataques sinuosos do amado, mas ele não vê ou pode ser que não ligue, pois está dopado de amor tóxico que o obriga a aceitar ações que não deveria.

Não me interprete mal, por favor, tente entender que é como criação de filhos. Se os pais não brigarem, a criança vai crescer malcriada e assaltar uma Nutella quando crescer.

*Certo, talvez não uma Nutella.*

A questão é simples, eu preciso ser egoísta e não cair na tentação amorosa, porque essa vai me deixar complacente. E se eu perdoá-la apenas vai se repetir mais.

*Ou, pelo menos, é assim que penso.*

— Colocou a aliança — murmuro, quando a raiva que incorporava meu corpo inteiro dá uma lasca de alívio ao ver o anel em seu dedo.

Mas é passageiro, sei porquê ela está usando agora. Sentiu medo, Mia, de me perder e estar com as mãos nuas do meu posse.

— E nunca mais vou tirar. — O nariz dela chega até a se empinar um pouco, decidida.

— Não sei se posso dizer o mesmo — assevero.

Essas frases são máscaras egoístas que estou me esforçando para vestir. Preciso ser firme. E, tenho que confessar, é bom lançar a fúria de dentro para fora.

As palavras a mantém quieta por alguns segundos, são longos segundos, pois a boca dela procura sílabas para responder ao que a fez se assustar.

— Não pode estar dizendo isso — murmura.

— Miranda, você tirou aquela aliança tão rápido e tão facilmente que me assustou de forma profunda.

E mesmo depois desse ato absurdo, eu ainda a segurei com força, implorando para que colocasse de volta como um cachorrinho ridículo.

*Foda-se, Miranda.*

Era isso que eu deveria ter dito, xingado aquele comportamento. Se ela não quer estar comigo, caramba, saia da minha vida então! É uma fila, uma enorme fila de mulheres que dariam tudo para que eu as amasse como amo essa mulher que pisa em mim.

— Eu estava com raiva, escut...

— Odeio ter que comparar vocês duas mais uma vez, nunca quis isso, mas é inegável. Você me manipulou, pressionou e como se não bastasse, mentiu. E duas dessas coisas, Sarah Scott não faria nem com uma arma apontada para cabeça.

— Trevor, se me deixar falar, podemos nos entender, eu sei que sim.

Sabe? Não, querida, você não sabe o tamanho da merda que fez.

— Eu fico pensando, meu relacionamento com a Loira Vermelha era tóxico? Eu saí daquilo para entrar em algo o triplo mais absurdo?

*Em que mundo, é possível que um relacionamento exista sem confiança?*

— Não compare essa briga com toda a sua relação romântica com a Sarah, não faz sentido. Está com raiva? Eu aguento.

Ah, você não aguenta nem me ouvir falando um pouco mais alto, quem dirá a punição que merece.

— Raiva? Acha que estou com raiva? Eu nem sei o que sentir sobre você. E não é nenhuma surpresa, nunca fui capaz de puni-la. No trabalho, se você cometesse algo inaceitável, eu não conseguiria nem de longe te dar uma punição adequada. Por isso cirurgiões não operam pessoas importantes em suas vidas, o coração atrapalha.

Se ela assaltasse a Nutella, eu iria encobrir. Não me importo com os erros que comete, me dopo de mel, me permito ser complacente e me enfiar no pecado.

— Me lembro que conseguiu me punir, quando fui grosseira com a Sarah na minha segunda semana. — As mãos dela apertam com força o braços na poltrona ao lado da minha cama hospitalar.

Minha risada alta invade a sala inteira, não me contenho, mesmo com os lábios secos, porque ela é engraçada demais.

— Acha que aqueles gritos no elevador foram uma punição? Se me lembro bem, logo após a gritaria você estava de quatro pra mim. Não consegue perceber?

— Você não me pune porque não quer, eu aguentaria. — Empina o nariz, cruzando os braços.

O pior de todo esse desastre emocional é que ela não acha que errou ou pelo menos não tanto. E a culpa é minha, eu a mimei demais.

— Miranda, acredite se quiser, eu vou te punir. — A fúria consome minhas veias que se dilatam na pele.

Chega.

Chega de ser bonzinho e aguentar a sola do sapato dela no meu rosto.

Quem ama, educa? Não, quem ama, pune severamente.

— Olha... podemos dar um tempo nisso? Você está com pontos e acabou de sair do soro — sugere, como se tudo aqui fosse um conto de fadas em que um estalo resolve todos os conflitos.

Assim que ela diz, todas as cenas passam em minha mente como vultos. A briga, o sexo, o vidro e pequenos flertes de uma luz branca me chamava, mas a mandei para *puta que pariu.*

*Não vou morrer sem puni-la.*

O meu braço está dormente, mesmo com a transfusão ainda não consigo nem ao menos levantá-lo por mais que alguns graus. É temporário, segundo o especialista, mas assusta não poder fazer tudo sozinho.

— Ah, claro. Vamos dar um tempinho de meia hora ou quer mais?

Ela acha que é uma discussãozinha sobre sabor de pizza, não vejo arrependimento, apenas medo por não saber como resolver.

Seu olhar é familiar. Essa ansiedade, o desespero para resolução. É o que eu senti naquele maldito *Tempo de Creme*.

Antes que alguma frase possa sair dos lábios de Mia, um furacão vermelho entra no meu quarto.

Sarah mostra ódio e preocupação nos olhos azuis cansados. É madrugada e mesmo assim ela veio de pijama até o hospital. A venda branca com pelinhos bagunça seu loiro estonteante para cima da testa. E o pijama vermelho de frio que cobre suas longas pernas e mãos chamam minha atenção, pois se aproximam aos poucos. Seus passos são leves sobre a pantufa bem marcada combinada com o traje noturno.

Ela senta ao meu lado da cama e enrosca os braços no meu pescoço com zero preocupação sobre qualquer opinião da minha, por enquanto, namorada. Não é surpresa, ela não se importa. Como eu disse, é impossível ser egoísta por completo quando se ama alguém. Egoísmo com o mundo, menos com o amado.

Pessoas têm medo de aranhas, tsunamis ou até mesmo de escuro. Mas Sarah, mais do que eu, tem medo súbito de perda, não consegue imaginar uma vida sem mim.

E carregar esse peso geralmente é fácil para mim, menos quando a vejo tão devastada a ponto de se calar e apenas me abraçar como um felino medroso. Uso meu outro braço para acariciar suas costas tentando ao máximo passar conforto, porque não ouço nem mesmo sua respiração.

— Meu Deus — ela sussurra contra o meu peito e chama outros nomes de santos tentando se acalmar.

— Estou bem, foi apenas um corte. — Imponho, ela larga meu pescoço e limpa algumas lágrimas que caem no rosto albino.

— Me deixe ver — murmura pedindo, tiro o braço debaixo do lençol e estendo sobre sua coxa.

As unhas vermelhas deslizam com leveza extrema entre os pontos e a cada segundo que ela encara meu ferimento, mais o silêncio me incomoda.

— Não quero você na empresa até que esteja melhor, trabalhe remoto, você e a Miranda. — Ela tenta com força engrossar a voz chorosa, mas falha.

Indico Mia com a mão direita e ela se assusta ao vê-la na poltrona ao meu lado. Não tinha percebido que estava no quarto, claramente, pois se afasta um pouquinho do meu corpo.

— Desculpe — ela pede e Mia assente como se achasse bobagem o pedido.

*Como ela pode ser madura com a Sarah e uma criança comigo?*

— Como me achou? — questiono, esfregando os olhos.

— Depois da décima mensagem visualizada sem responder, liguei para o hospital mais perto da sua casa, achei que pudesse ter acontecido algo e estivesse imóvel... eu não pensei direito, apenas liguei. — A loira se enrola nas palavras e faz gestos confusos.

*Eu estou confuso.*

Tenho até um toque diferente quando a Sarah me envia mensagens, justamente porque ela fica maluca quando não respondo. E, não me lembro de ter...

*Ah, mas só pode estar brincando comigo.*

**Miranda teve a coragem de fiscalizar meu celular?**

Não é possível. Eu não sei mais o que fazer, essas atitudes estão desafiando o absurdo. Não existe mais nada ao meu ver que eu possa fazer para que ela confie em mim, nunca a trairia, mas pelo visto ela suspeita de

algo para ter visto minhas mensagens. A lista só aumenta, não para, não termina, não se extingue.

*É isso, Mia? Acha que eu te trairia?*

Percebo que não posso me dar o luxo de ficar irritado nesse momento, pois a loira está me olhando fixa a espera de uma resposta.

E eu posso dizer que a minha namorada ciumenta fiscalizou minhas mensagens ou que a ignorei por horas.

*Por favor, não seja complacen...*

— Me desculpe, devo ter deixado o aplicativo aberto quando tudo aconteceu.

Eu sou a *porra* de um covarde quando devo me impor, apenas a protejo mais.

— Sarah? — chamo quando ela ergue o olhar para cima. — Esta pálida, muito mais do que o normal. — Tento me levantar da cama e ela abre a mão em sinal de pare.

— Eu vou vomitar — murmura e corre para o banheiro de paciente em minha frente fechando a porta com rapidez. Apenas escuto o som péssimo que me diz o quanto o corpo dela é frágil quando se trata de mim.

— Eu posso explicar, Trevor, não quis ver nada, precisei ligar para ambulância no se...

— Calada. Eu quero que fique calada — ordeno e Mia obedece por alguns segundos.

Não estou conseguindo raciocinar, quero gritar, mas nem de longe quero que Sarah escute brigas minhas com a Miranda. Me daria mil motivos para terminar o relacionamento agora se contasse o que aconteceu. Eu preciso pensar. Meu olhar se fixa na porta do banheiro em que a loira deve estar debruçada no vaso liberando toda a ansiedade. Arranco as agulhas do braço e levanto para ajudá-la, mas Mia puxa meu pulso para que volte a cama.

— NÃO TOQUE EM MIM! — berro exasperado.

É uma espécie de bomba relógio, meus pensamentos são estáveis e quando um mísero ponto sai da costura eu explodo. Eu não quis gritar, não

quis assustá-la. Eu quero que isso acabe, mas como pode terminar se a presença dela está liberando ações como essa?

Sarah abre a porta do banheiro com rapidez e intercala o olhar entre mim e Mia. Procurando entender de todas as formas a situação, ignorando os impulsos do seu corpo. Seus lábios se entreabrem surpresos e ela tira a máscara noturna do rosto, amassando-a com força como se estivesse contendo raiva.

— Miranda, pode nos dar licença? — Sarah pede amável e força um sorriso no rosto que faz com que Mia obedeça saindo do quarto ao fechar a porta.

A loira espera. Espera com as mãos juntas entrelaçadas até que Mia esteja longe o suficiente para iniciar.

— Você me fez aceitar essa mulher por meses para terminar com ela depois? — Ela franze o cenho se segurando para não me bater.

— Não trabalhe com deduções — afirmo convicto.

— Ah, eu devo pensar o que? Você não deve ter se ouvido agora, porque se ouvisse ia ver um monstro no espelho.

— Sarah — limito.

— O que ela fez? — a pergunta é acompanhada de passos vermelhos investidos.

Conte, Trevor, conte a ela e vai acabar destruindo todos esses meses de mel. Não posso me deixar influenciar pelas opiniões vermelhas.

— Deus do céu, é tão ruim assim? — esbugalha os olhos por meu silêncio. — Ela te traiu?

— Não, claro que não — respondo de imediato, revirando os olhos.

— Então o quê? — Ergue a sobrancelha loira que está começando a se estressar.

— Não posso te dizer — nego e ela fecha os olhos raivosa.

— Trevor — chama em tom de pedido.

— Não posso te dizer porque vai me dar quarenta razões para terminar e talvez quando estiver na trigésima nona, eu comece a concordar. Não

quero terminar, eu a amo demais. E sei que você tem o dom de me fazer mudar de ideia, então estou implorando para que entenda.

Sarah cruza os braços e se aproxima aos pouquinhos do meu corpo empinando o nariz ao meu queixo.

— O que está fazendo? — murmuro baixinho.

— Não pediu, mas sei que precisa de um abraço. — Respiro fundo três vezes, inflando o pulmão com força e na segunda vez ela se enrosca no meu corpo me instigando a fazer o mesmo.

— Sarah, eu preciso que seja o meu confessionário. Quero que me escute, mas não dê sua opinião, apenas ouça — imploro e puxo sua cintura.

— Estou ouvindo, Branquinho — sussurra.

— Estou com medo — confesso e o peso em meus ombros se extingue de forma veloz. — Eu a amo demais e isso me assusta. Estou tremendo de medo porque se ela piscar os olhinhos diferente, chorar ou pior, tocar em mim, eu sei, eu tenho certeza que vou perdoá-la. — Enrolo suas mechas loiras na minha mão direita e puxo, aperto, chego a espremer nos dedos como um brinquedo para derramar força emocional. — Estou desesperado para voltar ao normal, esquecer tudo isso, mas sei que se deixar passar mais uma vez, nossa relação se tornará tóxica. — Minha garganta queima como se meu medo fosse *whisky* fervendo tudo. A loira acaricia meu cabelo e massageia minhas costas me acalmando aos poucos. — Eu queria ser egoísta, deixá-la meses sentindo cada sensação péssima que me fez sentir naquele tempo que pediu, mas não consigo. Por que eu não consigo, Sarah? Por que tenho que ser tão fraco, *porra*?

— Fraco? Trevor, por favor, não diga isso. Existem pessoas frias e você é sensível. Não é um problema, significa que é humano e sente as coisas da vida mais intensamente — explica com a voz mansa.

— Eu sou terrível por querer puni-la? Mesmo meu corpo dando quarenta sinais negativos para isso? — jogo as perguntas me enfiando no seu pescoço cítrico.

— Não, isso é sobrevivência, não pode deixar que te ataque mais — consola.

— Me diga o que fazer, por favor — imploro.

— Disse que não queria minha opiniã...

— Tenha empatia — acrescento, lhe dando a chance de falar.

— Seguindo seus sentimentos, eu acho que deve ser firme, não ceder até que ela esteja mesmo arrependida. Eu sei que já deu seu perdão a ela, te conheço, você e eu somos assim, perdoamos quem amamos até antes de acontecer. Tem que ser forte e... não pode beijá-la, carinho vai te fazer esquecer tudo.

— Não sei se consigo fazer isso — confesso.

— Quando sentir vontade de beijar, vire-se, saia do cômodo ou até seja grosseiro, dê um jeito de afastar o desejo — aconselha e se solta do meu aperto segurando meu queixo com força, enquanto me encara. — Eu posso ver de forma clara sua raiva, mesmo sem saber o que ela fez, mas, acima de tudo, sei que está chateado. Saiba que você não é obrigado a fazer nada que não queira, e também não deve se chatear por não ser capaz de fazer seja lá o que ela estiver pedindo.

— Como sabe que ela está me pedindo algo?

— Foi palpite, tive certeza agora. — Um pequeno sorriso escapa de seus lábios um pouco avermelhados mesmo sem batom, um sorriso de pena. — Miranda não é uma mulher que se importa com o material, aposto que quer apenas se aproximar de você. Então quero que pense e reflita sobre algo.

Assinto em resposta.

— Por que não quer contar a ela? Por que não se sente confortável em contar a ela? Responda para si mesmo e se não souber, procure saber a resposta o mais rápido possível — aconselha.

— Sarah — chamo e ela me encara com os olhos azuis enormes entre a pele albina. — Obrigado por não me condenar.

— Se você soubesse quantas brigas dessa tive com Thomas há cinco anos, ficaria surpreso. Parece o fim do mundo, mas não vai te destruir, mesmo que pareça.

— Não tivemos brigas assim no nosso relacionamento.

— Acho que é porque não tivemos um. Não havia desafios na nossa relação porque já havíamos superado todos e isso é errado. O amor tem que

nos desafiar sempre, integralmente, vinte e quatro horas por dia. Caso contrário, não é amor romântico, qualquer outra coisa, menos romance.

— Andou lendo muita poesia — provoco com um sorriso de canto.

— Culpa das rimas de Thomas Foster. — Ela ri brincalhona e fico pasmo por não perceber o quanto ama esse homem.

Ah, Sarah, vai ser um choque quando perceber que o ama bem mais do que a mim.

Mas não estamos preparados para essa conversa, ainda.

— Seja firme e não ceda, mesmo que tenha que ser grosseiro. Se ela não aguentar as consequências, não é a mulher certa. — Impõe fixa e me dá um beijo no rosto. — Me ligue de manhã, quero saber se a dor melhorou — pede e se aproxima da porta.

— Vai dirigindo? — pergunto preocupado.

— Motorista, se eu dirigir agora destruo os postes. — Assinto porque é verdade. Sarah se vai e em alguns segundos Mia aparece silenciosa no quarto.

*Vão ser longos dias, Miranda.*

*Espero que aguente e não me decepcione.*

# MIA ROSS

Complacência. O amor restaura qualquer lasca de perdão que existe no ser humano. E, não apenas perdão, mas o pedido de desculpas, te faz travar o cérebro, esquecer qual era o motivo da briga quando o amado se chateia.

Entre os jogos de dama e xadrez sempre há o estilo próprio do jogador. Eu sou a pessoa passiva a partida inteira, no entanto, quando ataco, é impulsivo e se iguala a uma avalanche. Podem ser decisões boas ou ruins. E, dessa vez, foi muito ruim.

*Eu tinha motivo para atacar.*

Ou pelo menos foi o que pensei entre os gritos e pressão que coloquei em Trevor, sem pensar nas consequências, porque ele sempre voltava para conversar e resolver tudo. Eu me acostumei com algo ruim, abusei do

carinho e sensibilidade que ele tem por mim até que o irritei profundamente.

Eu tenho motivo para reivindicar.

Ataque e reivindicação tem uma diferença brusca.

Talvez eu mereça pagar o preço pela confusão que fiz, mas... quero resolver, conversar e me desculpar. E agora, ele não quer me escutar.

Irônico, não é? As vezes que ele tentou consertar, eu quebrei e quando tento consertar, ele vem com a marreta.

*Seria cômico se não fosse trágico.*

Não vou mentir, a cada grosseira que sai de seus lábios meus olhos se enchem de lágrimas e eu as rebato fortemente. Porque não quero que ele me perdoe por choro, não sou criança, posso conquistá-lo de volta de muitas outras formas.

Pensei em milhares de versões para a conversa que Trevor teve com a Sarah na minha ausência. Ele teria contado tudo a ela? Dito como me odeia e deveria terminar... ou apenas escondeu como fez com o celular?

É verdade, eu subi as mensagens mesmo sendo errado, mas não estava procurando nada. No entanto, interpretando a situação com empatia e devido às minhas ações atuais, brincar com o celular não foi uma boa ideia.

*Mesmo assim.*

Aquele grito me assustou severamente, me deixou imóvel e perplexa. Minha pele se tornou pálida e cada célula do meu corpo indicava medo.

*Fuja, Mia, você pode fugir.*

Essa frase se repetia várias vezes, mas eu disse não. Eu já fugi demais, muitas vezes que deveria ter ficado e conversado como adulta, eu fugi. O deixei sozinho para lidar com problemas que na verdade eram meus também. Eram nossos. Eu não tenho sido uma boa namorada e não que ele seja um santo, não é, mas estava sendo um namorado melhor do que eu. Simplesmente, pelo ato de querer resolver e não me pressionar. Não existe relação com pressão... e muito menos sem confiança.

Vou reparar meus erros com carinho e ficando cabisbaixa, porque sejamos sinceros não posso irritá-lo mais uma vez. Tenho que agradecer por

conseguir ficar na mesma casa que Trevor, pois longe fica tudo mais complicado.

Acordei em um pulo de circo, pronta para sorrir e me redimir. Mesmo que a minha virilha ainda esteja assada e me faça mancar às vezes, estou ignorando e focando no objetivo. Depois de me arrumar com um dos vestidos da cômoda que Trevor ia montar para mim, percebi que ele já havia acordado faz tempo.

Saio do quarto mais cheirosa do que nunca e com um sorriso estampado quando o vejo abrir a porta de entrada chegando de algum lugar.

*Droga, acordei tarde demais, deveria tê-lo ajudado a se vestir.*

— Bom dia! — exclamo animada, mas ele apenas caminha para frente deixando uma sacola sobre o balcão. — Onde você foi? — questiono e ele me ignora fortemente quando continua andando pela cozinha como se eu fosse um fantasma. — Trevor? — chamo e nada de resposta o que me instiga a me aproximar. — Ei! — exclamo e ele dirige o olhar para mim depois de várias tentativas. — Obrigada, onde você foi? — Ele aponta para a logo de uma sacola. — Foi na Fábrica? Como, se não pode dirigir? — Trevor ergue a sobrancelha e deduzo a resposta. — Táxi... você vai ficar mudo assim? Não pode fazer isso. — Imponho, mesmo sem crédito para impor nada e ele apenas me lança um olhar de limitação que me lembra de me colocar no meu lugar. — Trouxe pra mim? — pergunto, quando o cheirinho me encanta.

— Não — a resposta sai com uma voz extremamente fria e nenhuma feição no rosto a não ser o cenho franzido.

— Ah… — Minha animação é gradativa, a felicidade com que exclamei o bom dia some, porque uma das coisas que amo na nossa relação, é o café da manhã que ele sempre traz ou faz para mim.

*Tudo bem, Mia, é só comida...*

— Chegamos tarde ontem e não tivemos tempo de conversar. Não podemos continuar nos tratando assim. — Assim que digo o que imagino, algo em seu olhar se acende e o faz erguer uma sobrancelha como se eu acabasse de ter lhe dado uma ideia.

— Tem razão, vai haver regras, já que você resolveu colocar sua bandeira de colonizadora na minha casa.

*Fala sério, colonizadora?*

*Ele não percebe a ironia disso.*

— Eu não quero você dormindo ao meu lado — ele afirma convicto e me faz abrir os lábios em repulsa.

— O quê? Isso é ridículo! — A frase escapa da minha boca, deveria ser passiva...

— Eu não vou dormir com você — afunila e algo em meu corpo se revira como se ele estivesse tirando meu brinquedo na creche ou roubando meu carro.

*Eu amo dormir enroscada com ele.*

— Trevor, somos um casal e casais dormem em camas de casal.

— Agora somos um casal? Que eu saiba casais não mentem um para o outro — joga sarcasmo como uma bomba em meu rosto.

*Respire, Mia.*

— Eu concordo, por isso quero me desculpar e conversar.

— Eu tentei conversar e você me chutou como uma bola de golfe para o abismo. — Ele bate na pedra do balcão e meus olhos se fecham com o susto.

— Sei que errei e se me deixar falar vai ver que estou arrependid...

— Eu estou cagando se você está arrependida ou não. — Meu sorriso, se é que ainda existia algum, morre com as palavras.

*Ele está com raiva e tem razão, releve.*

— Trevor — limito com a voz mais dócil que consigo expressar.

— Você escolhe, pode ficar no sofá ou na cama — fala como se fosse um sabor de bolo.

— O quê? Ficou doido? Eu não vou dormir no sofá.

*Talvez, eu esteja falhando em me manter calma e passiva.*

— Ótimo, a cama é sua.

*Nossa, Trevor, como você é um cretino quando está com raiva.*

— Não! Você precisa dormir bem para se recuperar — lembro-o, cedendo o colchão.

— Vamos revezar, então — conclui com um sorriso desafiador, como se estivesse se divertindo com a situação.

— Isso vai te deixar feliz? — questiono, pois meu objetivo é agradar para que assim ele aceite me ouvir e ver que mereço seu perdão.

— Quanto mais tempo sem te ver, melhor.

Essa frase. Essa frase me atinge como um canhão de navio mergulhado em pólvora. De repente minha garganta queima, meus lábios se contraem e minhas pernas se tornam bambas prontas para cair com esse ataque. Por favor, Mia, respire, ele não está falando sério. É só raiva... *Raiva Súbita*.

— Eu vou tomar um banho — informa, se dirige ao quarto e vou atrás para ajudá-lo com a tala.

— Eu ajudo. — Puxo a ponta do tecido de sua camisa.

— Não toque em mim — sussurra, mas não obedeço, pois está sendo inconsequente, precisa de ajuda.

— Trevor, não vai conseguir sozinho. — Apalpo seu braço demonstrando gentileza, mas ele arranca meu pulso com fúria.

— Eu disse para não tocar em mim, porra, entendeu? Não quero sentir sua pele em contato com a minha, nenhuma relação. Acha que vai ser assim? Usando toques e voz gentil que vai se redimir. Não vai ser assim, não mais — assevera.

Meu peito se infla e desaba como uma bomba industrial sem parar. Horrorizada com as coisas que me disse. Ele não quer sentir nada comigo? O cheiro, a fervura, os selinhos de matina. *Acabou assim rápido, Trevor?* Tento me soltar do aperto do seu punho que chega até suar minha pele e ele solta veloz quando me fita, quando me olha, quando me encara. Não consigo esconder tudo que sinto, sou uma pessoa transparente, está claro que não sou de ferro. E ouvir que o homem que mais amo no mundo, o homem que eu sou apaixonada e queimo de amor e tesão não quer nem se aproximar de mim. Me quer longe. Faz com que meu corpo libere emoções,

mesmo que não queira e implore para que aguente. Engulo o choro que vem forte e respiro fundo.

— Se precisar, eu chamo. — Trevor abaixa o tom da voz por piedade e entra no banheiro.

— Tá. — A única coisa que saiu da minha boca entre a luta com o choro foi essa sílaba. — Eu vou pedir alguma comid...

— Trouxe seus sonhos e o leite — ele interrompe enquanto desliza a camisa branca pelo peitoral expondo o corpo no espelho. E não sei se me torno mais vidrada pelo peito ou em como ele pode ser forte. A ponto de deixar a raiva de lado e me fazer feliz, sabe o quanto essas manhãs me alegram.

Ele não quer que eu veja que ainda há o meu Ursinho dentro dessa frieza.

*Eu prometo, Trevor, vou fazer de tudo para que não precise se esconder de mim.*

— Obrigada — agradeço com a voz baixa entrecortada e ele tranca a porta.

Se fosse uma semana atrás, eu estaria entrando com ele no chuveiro e talvez até sentindo a língua quente aguçada na minha boceta.

*Ah, Mia, que merda você foi aprontar...*

## TREVOR WHITE

A manhã foi tranquila.

*E depois é ela a mentirosa?*

Tudo pareceu fácil no caminho até a Fábrica, tomei meu café açucarado, uma bomba de chocolate e o plano era ignorar. Pensei comigo mesmo, se não a responder não há briga. Só que essa política funcionou apenas na minha mente porque na realidade a fiz chorar mais uma vez.

Eu não tenho que me importar com choro.

A culpa é dela.

Ela fez tudo isso.

Tem que haver punição.

MAS POR QUE EU ME IMPORTO TANTO?!

Sentimento não some, é real, voltamos a *Avenida Vermelha*, Miranda. Em que eu dizia todo santo dia que odiava te amar... mas nunca deixei de admitir que te amava.

Essa casa se tornou uma prisão, em que não posso caminhar entre os cômodos, pois ela está sempre ali. Que inferno! Miranda, será que você sabe o quanto é difícil não te beijar de manhã? Sentir o seu cheirinho e brincar com seu cabelo? Eu te odeio por me fazer sentir raiva de você, a ponto de não poder te beijar.

Esse banho que tomei agora deveria ser com você, lavando suas mechas mel enquanto brinca apalpando meu peito.

Senhor! A minha vontade é pegar uma almofadada, enfiar a cabeça e fazer:

AAAAAAAAAAAAAAH!

Eu nunca senti tanta *Raiva Súbita* na vida, como pode? Meus olhos devem estar brilhando de puro ódio.

Abro a porta do banheiro cheio de vapor e enrolo a toalha na cintura quando a encontro sentada na cama abraçando os joelhos à minha espera.

— Está me esperando, por quê? Tem uma dezena de banheiros nessa casa — questiono, sem deixar a arrogância de lado.

— Eu não tenho medo de você. — Mia se impõe e levanta do conforto dos lençóis.

*Sou eu que tenho medo de você, não sou o vilão.*

— Não quero ser um escorpião, Miranda, sabemos que você é muito mais perversa. — As frases que saem da minha boca me lembram até peça teatral de drama.

— Como?

— O seu rostinho de mel, suas lágrimas que te deixam corada e o corpo encolhido não funcionam mais comigo. Nem adianta usar isso contra mim — aviso, deixando claro que conheço suas táticas e não vão funcionar.

— Acha que quando eu choro estou te manipulando? — Ela ergue as sobrancelhas surpresa.

— Obviamente, sabe que essa merda me afeta e faz mesmo assim.

Assim que digo pego outra toalha e mergulho para secar meu cabelo ensopado.

— Não posso controlar meus sentimentos, Trevor — murmura.

— Claro que pode! Eu consigo, não é assim? Se eu consigo, você consegue também. Sua lógica é essa, não é? Se você superou seu trauma, eu também supero no mesmo tempo — ironizo sorrindo mostrando os benefícios de sua abordagem.

— Eu nunca disse isso. — A frase baixa me faz largar a toalha e jogar na cama ao seu lado, mesmo molhando o colchão.

— A madeira apenas cresce no seu nariz. Você que é um *Escorpião de Madeira* pronto para me envenenar.

— Trevor, nunca disse que você tem que superar seus demônios no mesmo tempo que eu. Disse que fiz um esforço para me abrir, e pedi isso de você, nada mais! — exclama tão determinada a justificar que me surpreendo com tamanha ousadia.

— Então, acha que está certa? — pergunto, só querendo ouvir mais absurdo da boca dela, se já não ouvi demais.

— Não, a forma como fiz foi errada — admite.

*Finalmente percebeu!*

— Isso mesmo! Quer uma estrelinha pela descoberta? — dramatizo com um sorriso falso.

— Trevor — tenta limitar, mas não está com crédito para isso.

— Eu deixei passar muitas coisas que você fez, Miranda, e dessa vez vai ser diferente — informo, impondo meu corpo para frente o que a faz sentar na cama de novo se afastando.

O que me deixa confuso... ela está se afastando mesmo? Sim, Trevor, está respeitando seu desejo.

Desejo ridículo que só existe porque ela fez merda. Meu real desejo era jogá-la nessa cama e amassar sua bunda com meu pau.

*Respiração, Trevor. Já ouviu falar? Pratique.*

— Tudo bem, você está com a razão. Mais alguma regra? Além de eu não poder te tocar, nem dormir ao seu lado.

A frase cria mais um dilema em minha mente, essas não são regras minhas... na verdade são, mas eu não as quero, existem porque são necessárias para a punição dela.

— Por hora, é isso — concluo.

— Quanto tempo? — A frase me faz escapar um sorriso de canto.

*É para rir, Mia?*

— Eu não me lembro de você ter colocado data no seu Tempo de Creme.

Ela se cala por longos segundos como se estivesse tocando em uma ferida.

— Deve estar pensando: "Ah, Trevor, mas não é a mesma coisa", tem razão, é bem pior. — A imito com a voz mais fina e assevero.

— Correu atrás de mim porque quis — sussurra, o que me faz franzir meu cenho de imediato.

— E você está aqui por quê? — Cravo minha mão direita no colchão e me aproximo o suficiente do seu rosto para que ela sinta minha respiração.

Mais silêncio.

— Foi o que imaginei. — Me afasto dela e caminho de volta para o banheiro para estender a toalha.

— Porque eu te amo — declara baixinho.

Meu corpo paralisa como se a própria medusa tivesse me transformado em pedra.

— Ter você para mim sempre compensou todos os nossos problemas. Não importa quais sejam, vale a pena porque você compensa.

Algo em meu peito quer explodir como se fosse uma válvula de escapatória das palavras que eu sinto. Querendo perdoá-la por essas

malditas palavras que me afetam.

*Ela nunca tinha dito isso.*

Sempre achei que deveria fazê-la sofrer o mínimo possível por medo de que fugisse, já que a minha vida é uma bagunça... quando na verdade ela estava pronta para todos os problemas.

*Ou pelo menos é o que está dizendo agora.*

— Te esperei sair, porque queria saber se correu tudo bem no banho. E ficar de prontidão, caso precisasse de mim... mas também quero fazer xixi.

Mia levanta da cama como uma abelhinha fofa que eu maltratei e se coloca em minha frente esperando para que eu dê permissão para o seu xixi.

*Palavra fofa essa quando falada por ela.*

— Xixi — sussurro para mim mesmo de forma involuntária.

— Isso, pode me dar licença? — A voz passiva dela me faz afastar do caminho e deixar que tire a calcinha sentando no vaso.

O barulhinho exala todo o cômodo criando um eco por nosso silêncio absurdo. E eu, o idiota perplexo, apenas fico olhando para ela. Como pode ela ser fofa até fazendo a *porra* de um xixi? Trevor, onde está a postura? Precisa ser firme, por favor! Ela termina, se limpa com o papel e coloca a calcinha preta novamente, o que me permite ver por alguns segundos a sua bunda no processo. Aperta o botão da descarga que é silenciosa e lava as mãos devagar. Esfregando os dedos meigos no sabonete líquido, após isso se seca e sai andando pela casa me deixando boquiaberto.

Ofego, minha boca saliva por não saber como essa cena nada sexual me excita tanto. Chego a franzir o cenho e mergulho as mãos no cabelo procurando paciência, porque a única palavra para descrever isso é...

*Sutil.*

30




# Assadura de Manteiga

*Desligue o telefone, garota*
*Não precisamos de interrupções*
*Oh, amor, porque eu*
*Eu preciso de você ao meu lado*
*Quero você em cima de mim*
*Nade garota quando eu terminar*
***Slow - Vedo***

## TREVOR WHITE

Sentido. Termo utilizado para caracterizar o processo de receber e reconhecer sensações e estímulos. Eu gostaria de não sentir absolutamente nada e ser frio como gelo. Gelo transparente que apenas reflete os sentimentos de outros, mas eu sempre fui o fogo que queima e aflora os sentimentos dos outros.

Eu sinto.

*Eu sinto raiva.*

*Eu sinto amor.*

*Eu sinto desejo.*

Por consequência, o desejo.

Mas do que eu sinto desejo?

Desejo puni-la ao mesmo tempo que desejo amarrá-la na minha boca. A fúria punitiva é racional, mas a fervura amante… essa é completamente

irracional. Eu não penso para querer que fique comigo, mais perto, por que não se aproxima?

*Eu pedi que se afastasse.*

E contra todas as hipóteses, ela obedeceu. Não deveria estar feliz? Estou? Eu sei no fundo do meu coração recheado de avelã que é o certo. Eu a amo demais para deixar que o desejo nos destrua.

O mel brilha amarelo de conquista amável.

O vermelho reflete sangue de perda irracional.

Embora as ações atuais dela me façam ver opala, tons de amarelo que se misturam no vermelho e criam o rosa. Rosa essa que eu sinto o cheiro de longe e… que cheiro desgraçado.

Não poderia ser mais fácil fingir que não sinto? Será que ela percebe que isso é mais tortura para mim do que para ela?

*Não, Trevor, ela te acha um monstro.*

Até porque estou agindo como um. Eu grito, eu xingo, eu restrinjo por querer que dê certo, tudo que eu faço é para dar certo.

*Já parou para pensar que eu me sinto terrível pelo meu relacionamento vermelho, Miranda?*

Eu investi tanto tempo, amor e confiança. Óbvio que isso compensou, hoje ela é o meu amor leal, mais sublime dos leais, mas nunca foi isso que eu pedi, quis e desejei. Ou pelo menos era o que eu dizia para mim mesmo, eu queria que a Sarah fosse a mulher da minha vida, romanticamente. Fazia sentido, eu a amava demais, desejava demais, confiava demais, o único problema eram nossas brigas.

Brigas que quebravam móveis, sentimentos e aos poucos nossa própria relação. Sabíamos que perdoaríamos um ao outro, então por que fingir que não? Já perdoávamos logo, e como perdoávamos?

Sexo.

Puro sexo selvagem.

Parecia certo, sexo é uma conexão inimaginável que te faz esquecer todo e qualquer sentimento e focar no desejo. Subindo e descendo, faça mais uma vez, mais uma, você consegue? Sente de novo, talvez mais três e

eu perdoe você. Continue, não pare porque quando o clímax chegar todos os motivos dessa briga serão completamente esquecidos pelo líquido que nos mistura.

*São esquecidos mesmo?*

Apenas pelo consciente louco para gozar, porque o subconsciente amante de sentimentos não esquece e se apresenta. Ele se apresenta nas horas mais inoportunas como uma *stripper* bem iluminada com aquela música atrativa, mas não toca em show, toca em explosões.

Se tivéssemos conversado mais, aberto nossos pensamentos, imposições e dito não ao desejo… Talvez a mulher com a aliança não seria feita de mel. Mas eu gosto de acreditar que o universo faz tudo por um motivo, eu sei no fundo que se eu realmente quisesse a Sarah como romântica, não teria demorado tanto para torná-la minha como fiz com você, Princesa.

Se sinta privilegiada, por favor.

*Já vai começar com a exibição, Trevor?*

Desculpe, minhas reflexões estão tão sombrias ultimamente que preciso descontrair.

Eu estou investindo tempo, amor e por mais que duvide, Miranda, também estou investindo confiança em você. E eu juro por tudo que é mais sagrado que não vou deixar acontecer como a relação vermelha… a nossa, é a pura *Relação de Fogo* que queima e acalora a minha vida.

*Mas não me teste…*

Suas provocações sempre me afetaram desde o dia em que te conheci, aquele *não* que me deu no nosso primeiro beijo só me fez ficar ainda mais obcecado por você.

Está na minha direção, uma linha imaginária nos une, mas não há toque. Eu acordei mais puto do que nunca por ter que vê-la enrolada no lençol do sofá, quando eu queria tê-la deixado nua enrolada no lençol da minha cama.

Estou eu, com o braço em uma tala preta que o deixa em noventa graus, encarando-a após suas espreguiçadas. Miranda me encara também? Sim, ela me encara com os olhos de mel brilhantes que me gritam que está

arrependida só depois de uma noite sem mim. O seu cabelo bagunçado grita para mim: *"ei, me enrole, me sinta, me cheire"*. Maldito cheiro de limão e mel, por que não para de me encarar? Pare com isso.

Foi você que começou, acordou e a primeira coisa que fez foi admirá-la dormir ao invés de ignorá-la.

Ela levanta.

*Caralho.*

*Cacete.*

*Merda.*

A mulher está se aproximando de mim aos pouquinhos com passos leves, tão devagar que aparenta que eu sou um animal selvagem que poderia matá-la a qualquer momento ou ceder aos seus estímulos.

Não chegue perto de mim.

Por que não para?

Eu pedi, não estava respeitando?

— Bom dia. — A voz de mel pronuncia rouca, bem baixa. Tão atrativa, essa voz tão fofa e *sexy* ao mesmo tempo… eu quero essa voz entre os meus lábios gemendo meu nome. Tão gostoso, por que não se aproxima?

**O quê?!**

*Longe, longe, longe.*

Está fritando meu sistema nervoso apenas com duas palavras e suas roupas de dormir.

— Estava me vendo dormir? — murmura, ainda a um metro de distância de mim que é o correto.

— Não — minto descaradamente.

— Hum… — *Caralho*, resmungue de novo e vou te jogar nesse sofá e te fazer soltar barulhos diferentes e muito atrativos também. — Parece que estava.

— Eu menti, não é assim que nossa relação funciona? — digo arrogante e ela entreabre os lábios da boca que estou louco para beijar, surpresa.

— Eu me lembro apenas da regra de não poder te tocar. — Morde o lábio e chama a atenção do membro que está fazendo volume no meu moletom.

— Essa é a mais importante — confirmo.

— Tocar apenas, estou certa? — fala baixinho e eu assinto. — Então outros sentidos… tudo bem? — *O quê?*

— Quais sentidos? — questiono erguendo uma sobrancelha.

— Você me vê? — Molha a boca com a pergunta que me faz encará-la ainda mais.

Eu vejo o seu corpo enrolado em um projeto de pijama, porque isso não pode ser um pijama ou pelo menos não um aceitável. O jeito com que os seus mamilos ficam visíveis nessa blusinha preta me faz perder o raciocínio, o busto é de um rendado tão sensível que eu poderia rasgá-lo até mesmo sem querer de tão frágil. Tão sem escrúpulos que se ela corresse um pouco, já cairia e revelaria os seios perfeitos que já tenho desenhados na minha mente. Suas pernas estão completamente nuas, apenas o short preto de seda cobre um pouco abaixo de sua virilha, tal que eu poderia massagear enquanto ouviria as arfadas da sua boca.

Eu vejo o seu rosto com a feição mais inocente do mundo para qualquer pessoa, mas para mim, eu sei que essa feição é pura promiscuidade. Ela me quer e sabe que eu a quero, mas não quer ter a culpa de começar algum ato. Estaria livre se fosse eu a chocá-la contra o meu corpo e beijá-la até não ter mais fôlego. Ela quer isso mais do que tudo é por isso me pede para vê-la mordendo essa boca esfregando as pernas umas nas outras.

— Eu vejo — respondo após um exame do seu corpo inteiro e ela sorri aproximando um passo.

— Você me ouve? — sussurra, o que mal consigo decifrar e dou um passo mais à frente para escutá-la melhor.

Essa voz tão atrativa e perversa que sempre me fez de tolo. As suas explicações em reuniões poderiam até ser bem inteligentes, mas eu confesso, tudo que sai da sua boca me atrai atenção imediata. O jeito com que as palavras deslocam na sua língua e saem pronunciando frases me

deixa louco. Eu já não sei mais se prestava atenção no conteúdo da fala ou em você propriamente.

— Eu ouço — digo e ela leva os dedos ao cabelo brincando com cada mecha me fazendo esquecer do mundo ao redor, agora, nesse momento eu vejo apenas ela.

— Você me cheira? — questiona, dando mais um passo que faz com que estejamos menos de dez centímetros um do outro.

Eu quero sentir esse cheiro, por que não me ajuda? *Ah... já está fazendo isso, não é?* Está se aproximando de mim facilitando meu acesso a uma das minhas partes favoritas do seu corpo. As mechas que suavam em sua testa quando eu a fodia nos lugares públicos e até hoje não sei se era a adrenalina junto ao medo ou o quanto eu te fazia perder o fôlego com meus beijos acalorados. O jeito que todos os fios se enrolavam na minha mão quando puxava como uma rédea, você me trata como animal agora? Posso até estar parecendo mesmo, mas eu te tratava como uma gazela malcriada e eu amava te educar. *Trevor, é cabelo... apenas cabelo, não vai fazer nenhum mal.*

Inclino minha cabeça para esquerda e aproximo meu nariz das mechas do seu cabelo, não a toco em nenhum momento, mas… ah, eu cheiro, eu sinto o turbilhão cheiroso de limão e mel invadir meu corpo inteiro. Eu sinto ácido e doce ao mesmo tempo. Ela é ácida com essas estripulias promíscuas e ela é doce com essas demonstrações de puro carinho. A combinação perfeita que me fez apaixonar.

— Eu cheiro — admito e ela molha a boca engolindo a saliva que se formou a cada pequena ação minha.

— Você me prova? — sussurra chegando ainda mais perto de mim, não são nem mesmo centímetros que nos distanciam agora.

Ela me provoca sentindo o próprio gosto porque sabe que eu quero sentir. Eu quero mergulhar nessa boquinha de mel nos meus lábios, fazer com que arfe, ofegue e gema coisas que não posso decifrar apenas dando mais combustível para continuar. Eu não posso prová-la nesse exato momento, mas eu já provei. Eu conheço esse gosto de limão e mel da boca atiçada e quente dela. Eu me apaixonei por esse gosto.

— Eu provei — murmuro e ela fecha os olhos mordendo os lábios com raiva por minha resposta, mas não desiste.

Seus dedos suados pela tensão que estamos criando há minutos que nem ao menos conto mais ameaçam se aproximar. Eu deveria limitá-la agora, nesse exato momento, agarrar seu pulso e restringi-la com um grito grosseiro, mas eu só quero agarrá-la e beijá-la. Como posso deixar que continu… o indicador enrola a cordinha da minha calça moletom e puxa de leve com o estímulo que acompanho. Eu deixo que me puxe, ela não está me tocando, está tocando o meu moletom. É inocente, eu disse, ela não estava desrespeitando, está seguindo as regras.

*Isso significa que eu posso… seguir as regras também.*

Inclino mais minha cabeça para a esquerda enquanto ela para direita criando o encaixe perfeito. Ou quase. Ainda falta e ficará faltando a união. Eu a vejo me implorando ação, eu a escuto suspirando de emoção, eu a cheiro me enlaçando no aroma de limão e mel, eu a provo projetando o gosto em minha mente que deriva e despeja na minha boca e eu a …

— Você me toca? — murmura baixinho, quase tocando meus lábios enquanto me encara os olhos de mel que brilham como estrelas.

Eu não devo.

Eu não posso.

Eu não quer…

*Eu quero demais.*

Imponho apenas o meu indicador e toco a tira da sua calcinha de renda preta a fazendo escapar um pequeno gemido da boca quase colada a minha. Estou dentro da sua calcinha, mesmo que com apenas a ponta do dedo, mas estou e eu deslizo sentindo sua barriga. Cada pequeno centímetro do seu abdômen imaginando como seria se eu pudesse lambê-lo. Eu quero muito mais do que tocar, Miranda, você sabe muito bem disso. Mas agora é apenas o errado que já estou cometendo: o toque. Eu a toco resvalando agora minha mão por seu tórax, sua pele quente como fornalha que ferve o suor da minha palma e facilmente transformaria em vapor. Continuo, nada pode me parar agora, não consigo mais, não penso ou raciocino mais. Ergo meu toque até chegar mais perto do seu seio esquerdo, sentindo aos poucos o pequeno volume do peito que eu gostaria de estar abocanhando inteirinho.

Eu quero senti-lo durinho, você deixou assim para mim? Meu ato a faz gemer mais uma vez um pouco mais alto, som esse que faz o meu pau ficar tão duro que poderia fodê-la agora só com o suor de nossos corpos pela pura tensão. Eu elevo ainda mais e quando posiciono a ponta do meu dedo para finalmente tocar seu mamilo a porta de entrada é destrancada.

— Bom dia, Branquinho! — A voz animada matinal da Dama Vermelha exala o ambiente inteiro e me faz largar imediatamente o corpo dela.

— Porra… não… — Miranda xinga baixinho fechando os olhos com força e tenho certeza que poderia atirar uma flecha na cara da visitante.

— Opa, estou atrapalhando algo, Sr. White? — Sarah franze o cenho como se me restringisse ao ver a cena que acaba de ser separada.

— Não, Srta. Scott. — Sorrio de nervoso por minha incompetência. — Bom dia, Loirinha — retribuo e ela vem ao meu encontro vestida no terninho vermelho curto e o salto quilométrico. Seu rabo de cavalo loiro balança a cada passo e Sarah toca o meu queixo virando para direita para beijar meu rosto.

Assim que toca o meu corpo de forma imediata Miranda me encara com Raiva Súbita. Seus olhos poderiam derreter a loira em poucos minutos se tivesse um maçarico, não gostava dela? Agora a odeia de novo, não é? Porque *ela* não mentiu para mim, sendo assim pode me tocar o quanto quiser diferente de você.

Como se sente, Miranda?

Você sente essa tortura?

— Eu tinha certeza de que não tinha se alimentado, sei que odeia aquelas comidas de aplicativo e como não consegue fazer, eu vou cozinhar. — Sarah decide sem ao menos me perguntar e na verdade eu não vejo problema algum. É melhor, assim não passo fome.

— Eu conheço um restaurante muito bom por aplicativo aqui perto. — Miranda eleva a voz muito mais alta do que quando estava sussurrando sacanagem para mim.

Se você me decepciona, eu te decepciono também, por que eu deixaria você me alimentar se mente para mim?

— Por aplicativo? — Sarah ri sem nem ao menos olhar para ela enquanto arruma as panelas sobre a bancada da cozinha. — Acho difícil, me disse que comeu lasanha anteontem, não é? Posso fazer strogonoff, sei que ador…

— Já tínhamos combinado de pedir nesse lugar. — Mia a desafia na minha frente e ergo as sobrancelhas surpreso assim como a loira.

— Eu não vejo problema em mudar um pouco os planos — provoco e me aproximo mais da pia fazendo com que a mulher vestida de vermelho sorria.

— Trevor — me chama pedindo a atenção que não merece e decido ignorá-la, fazendo com que Sarah franza o cenho presenciando nossa briga passiva. Abro a geladeira encarando os alimentos e retiro o vídeo de mostarda. — Você disse! — me viro pela ousadia de elevar o tom de voz. — Disse que preferia ter intoxicação se isso me deixasse feliz ou foi mais uma das suas declarações falsas?

*Porra, ela não disse isso.*

Me silencio por alguns segundos sem saber o que poderia sair da minha boca que fosse ser aceitável. Eu não ia deixar a Sarah cozinhar, mas queria provocá-la e deixá-la sentir dor, porque eu sinto dor por não poder fazer tudo que desejo com ela.

— Eu não menti, esse papel é seu — rebato e fecho a geladeira.

— Então prove que sou eu apenas a mentirosa. — Franzo meu cenho ainda mais por sua frase fazer sim total sentido. Eu a critico e então não posso fazer o mesmo, seria hipocrisia.

— Sarah, eu estou bem, se precisar de algo vou te ligar. — Jogo o olhar para ela que morde a boca um pouco nervosa, mas assente se aproximando do meu braço.

— Posso ver? — questiona e eu assinto abrindo o velcro da tala. Sua unhas vermelhas passeiam pela extensão do corte com o máximo de cuidado e assim que termina de analisar, fecha tudo com carinho. — Está cicatrizando bem mesmo, bom… eu vou indo então, mas de verdade não hesite em me ligar, por favor — pede e eu assinto lhe dando um beijo na bochecha de despedida.

Assim que a loira sai da casa, seguro nas mãos a chave e tranco a porta.

— Obrigada — Mia agradece e eu volto meus passos até ficar frente a frente com ela mais uma vez.

— Não que você mereça — murmuro perto do seu ouvido sentindo sua pele arrepiar e saio da sala.



A tela do computador era tão mais atrativa do que agora. Por mais coloridas que minhas pesquisas de moda para a possível nova conta possam ser, não chamam mais tanto minha atenção. É ridículo comparar trabalho com desejo, óbvio que o segundo triplica o prazer do primeiro.

Estou em um belo dilema, posso continuar fingindo que estou conseguindo trabalhar ou…

**Ou eu a ajudo a não colocar fogo na minha cozinha!**

*Porra, Miranda, como pode você não conseguir fazer nem ao menos um ovo?*

Chego a rir e esfregar o rosto de tão engraçado que está sendo vê-la arrumar os ingredientes por ódio de não conseguir cozinhar como a Sarah.

Princesa, eu sirvo para cozinhar e sempre vai ser assim, nunca pediria isso de você, mas está insistindo e isso dificulta.

Espio pelo canto dos olhos sentado no sofá e a vejo sofrendo para ligar o fogão. O fogão que é o mais prático de todos, segundo o cara da loja que comprei, e ele está certo. É tão simples de ligar que até uma criança consegu…

— Ai! — ela grita e de imediato a encaro fechando os olhos de susto com a mão aberta sobre o peito assustada com a chama. — Está tudo bem,

desculpe, pode continuar, estou me virando aqui! — Mia cospe as palavras desesperada para que eu não a ache incapaz de cozinhar.

*Tarde demais.*

— Miranda — chamo e ela me encara com um sorriso nervoso. — Ontem eu encomendei uma torta, está na geladeira, por que você não a coloca em uma assadeira e esquenta no fogão? — sugiro na tentativa de auxiliar.

— Hum… parece mais fácil.

— Isso — confirmo e volto a fixar no computador.

Digito algumas anotações para a campanha no *Docs* enquanto a escuto quase derrubar a assadeira e a torta juntas no chão. Se acalme, ela vai conseguir, está conseguindo. Quando ouço o silêncio já ergo uma sobrancelha, crianças quando estão quietas geralmente é porque tem algo errado. Mas não é possível que…

— Trevor — ela chama com a voz quase inexistente, dopada de pura vergonha.

— Hum — resmungo como ela.

— Como liga o forno? — a pergunta totalmente séria me faz rir.

Eu rio demais esfregando o rosto sem acreditar na pergunta que acaba de me fazer.

— Está rindo? Ah, que lindo, nunca mais te peço ajuda! — Se estressa cruzando os braços e eu largo o notebook para me aproximar dela e da torta. — Não ri assim, estou me esforçando, poxa… — Ela cobre o rosto com as mãos. — Vou acabar chorando com essa humilhação.

— Só me diga uma coisa. — Me inclino para perto dos seus ouvidos a fazendo largar o rosto. — Você aprendeu a transar antes de ligar o forno? — provoco promíscuo e ela me encara vermelha de raiva, mas vejo um sorrisinho.

— Você aprendeu a chupar boceta antes de encher balão? — retribui a provação revirando os olhos e abaixa a cabeça. É… isso foi bem sutil. — Eu te odeio. — Bufa baixinho.

— Você me ama — corrijo, encarando sua boca enquanto ela encara a minha. *Ah, caralho... que tortura.* Balanço minha cabeça voltando a realidade das regras. — Eu vou te ensinar — digo e Mia se vira de costas para mim e de frente para o fogão. — Está vendo esses botões?

— De pressão? — questiona com o indicador na boca que estou louco para beijar.

— Isso, servem para pressionar.

— Mas eles ligam a chama e nã…

— O que você apertou não mesmo, mas esse aqui. — Indico. — Controla a temperatura do forno.

— Hum… e quantos graus eu coloco?

— Cento e oitenta.

— Mas… já está certo. — Ela percebe e eu escapo um riso rápido que já lhe deixa em alerta para me xingar de novo. — Então é só ligar?

— Exatamente nesse botão. — Indico mais uma vez e ela aproxima o dedo como se fosse uma bomba prestes a explodir apertando-o de leve, mas o resultado a decepciona completamente.

— Está ligado mesmo? Não tem nada quente.

*Eu mereço.*

— Sim, porque precisa pré-aquecer.

— Então está ligado e é só colocar aí dentro e tirar quando ficar pronto? — Sorri, achando tudo inovador.

— E desligar para não queimar a casa, por favor — aviso e ela revira os olhos.

— Pegue a assadeira — peço. Mia dá alguns passos estranhos e quase tropeça me fazendo erguer a sobrancelha de imediato.

— Está com dificuldade de andar? — questiono e ela se vira com a cara inteira pálida.

— Não. — Demora a dizer a sílaba, mordendo a boca mais do que criminoso em interrogatório.

— Vai mentir de novo? — Franzo meu cenho e ela se silencia. Não sai uma única palavra de sua boca me obrigando a me aproximar, forçando-a a falar a verdade. — Vamos, você vai mentir? — assevero.

— Estou com um pouco de dificuldade, mas não é nada demais. — Diminui sua própria dor e flexiono ainda mais minhas sobrancelhas.

— Eu te machuquei? — digo, como se a resposta positiva pudesse lançar uma adaga em meu coração.

— Sim, mas é normal.

— Não é normal não conseguir andar, ainda mais depois de dois dias, Miranda. — Nego sua frase completamente ridícula e percebo o quão está começando a ficar desconfortável contando os dedos como se fosse explodir.

— Estou seguindo suas regras! — exclama com as mãos na cintura.

— Você vai abrir as pernas pra mim — assevero, tomo a assadeira de sua mão, jogo dentro no forno e ligo na temperatura correta.

— Não mesmo, isso não faz parte do nosso acord…

— E está muito dentro do acordo me implorando para te tocar de manhã, não é? — ironizo, já enfurecido por ter negado, mas ela permanece firme na sua decisão. — Abra as pernas pra mim — ordeno me aproximando ainda mais dela.

— Trev…

— Você vai sentar naquele sofá, vai abrir as pernas e me deixar ver a sua boceta, eu preciso ser mais claro ou você quer que eu te pegue a força? — afunilo, respirando o mesmo ar que ela, que já está assustada com meu tom de voz, mas assente.

Ela concorda com a cabeça, se aproxima das almofadas e senta no sofá preto enquanto eu puxo um banco baixo me colocando em sua frente.

— Você… você quer tirar? — balbucia.

— Eu não vou tocar em você — restrinjo mais uma vez.

Mia desliza o short jeans por suas pernas e por mais que eu esteja franzindo o cenho sério com a situação, na verdade estou louco para fodê-la e esse *striptease* está massageando o meu pau sem ao menos tocá-la. Ela

segura a tira da calcinha de renda preta que eu toquei por milésimos de segundos de manhã e a resvala por suas coxas, mas para.

— Porra, por que parou? Eu te mandei tirar tudo — assevero e mesmo com seus lábios entreabertos que parecem ser safadeza, não é. Ela não quer me mostrar o que fiz mesmo que eu implore. — Continue — ordeno, mas mesmo que meu tom esteja no limite ela permanece imóvel. — Então eu tiro — tomo o tecido com minha mão direita e arranco de suas pernas a fazendo morder a boca, era isso que você queria, não é? Você queri…

Antes que eu continue lhe julgando encaro a sua boceta completamente aberta e ergo minha sobrancelha ao encontrá-la inteira vermelha. Minha raiva na voz, olhos e até mesmo meu maxilar que estava travado some. Tudo some quando vejo o que fui capaz de fazer com o corpo dela. A vagina está dilacerada, há um rasgo tão visível que aparenta que eu a penetrei com o vidro que quebramos pela casa inteira de tão forte. Meu coração bate mais rápido quase explodindo o meu peito por ver o que fiz. Eu não apenas a machuquei emocionalmente, fiz muito pior fisicamente. Posso até mesmo ver leves marcas vermelhas do quanto a apertei naquele dia. Eu estava louco. Um doente fodido que não pensou nela em nenhum momento. *Você pensou em você seu otário de merda, acha que está em posição de exigir alguma regra dela depois disso?* Olhe, encare, veja o monstro que você foi.

Acha que ela é a sua ex ninfomaníaca louca por força? Não, ela é a sua bolsista doce que sempre tratou com amor, você sempre fez amor, isso… isso foi punição.

Me desculpe.

Me perdoe.

Não me condene.

— Trevor?

E agora? A obrigou a arrancar a roupa como se a tivesse comprado no mercado árabe e vai deixá-la sem resposta? A mulher está com a boceta aberta para você se sentindo completamente exposta porque você mandou.

— Ei, o que está pensando? — sua voz com carinho me chama e eu não consigo olhá-la nos olhos com pura vergonha do meu ato. — Ursinho, olhe pra mim, por favor — implora e eu cedo encarando a vítima do meu

crime dopado de loucura. — Eu consenti tudo que fez comigo, está tudo bem, vai sarar.

— Eu te machuquei, Miranda — afunilo para mim mesmo, brigando comigo mesmo.

— Foi um pouquinho, apenas — murmura, me encarando com pena como se eu merecesse isso. Ela devia me bater na cara tantas vezes até que dilacerasse meu rosto e eu sentisse um terço do que posso ter feito na parte mais sensível do seu corpo.

— Não me deix… você não pode me deixar fazer isso, não pode, não deixa, não deix… — Ofego as palavras com pura culpa consumindo meu organismo todo.

— Não deixo, eu prometo, está bem? Nunca mais eu deixo — garante e vejo que gostaria de estar me abraçando, mas está se esforçando para seguir a regra que impus. — Nem está mais doend…

— Sente dor aqui? — Meto a mão perto do rasgo com raiva por estar mentindo para mim mais uma vez e ela pula para frente em desespero.

— Um… ah, um pouco — confessa com falta de ar por meu movimento repentino na sua vagina inteira assada.

— E aqui? — questiono, colocando um pouco meu indicador na parte dilacerada e Mia escorre uma lágrima na bochecha o que me faz não aguentar mais a tortura que estou lhe dando.

**Trevor, você precisa priorizar a relação.**

Não pode ceder completamente, isso vai te assombrar depois, vai ver, não faça isso, seja fort…

— Sente dor aqui? — aproximo meus dedos do seu clitóris mandando todas as regras para o inferno.

— Aah, eu… não, eu não sinto — geme, arfando todo o ar de susto que levou pela dor que causei. Eu massageio devagar e ela escorrega no sofá dopada de prazer por estar lhe tocando depois de dois dias inteiros. — Trevor… você disse… temos regr…

— E assim te machuca? — questiono e meto a boca na sua boceta encharcada desde a matina a fazendo pular mais uma vez para frente, mas não de dor.

— Humm…

Os resmungos são acompanhados de ofegadas em um ritmo coordenado, eu te devo isso, acredite, Princesa. É verdade, você foi uma péssima namorada. Deslizo minha língua para os lados e ela geme alto quase rasgando a almofada ao lado que usa para controle. Mas isso não significa que eu também não tenha sido um péssimo namorado. Arranco seu quadril para mim e espremo sua coxa na única mão que posso apertá-la sentindo nos dedos aquela pele lisa e cheirosa que me faz perder o raciocínio. Por que não somos péssimos juntos? *Você é tão gostosa, Miranda*… o jeito que geme baixinho a cada vez que eu resvalo é viciante. Eu te deslizo como manteiga, você fica molhada como manteiga e só a manteiga que escorrega agora na sua boceta poderia dar uma folga a essa assadura.

*Assadura de Manteiga.*

Está tão fácil, não é? Eu tenho certeza que poderia já ter gozado apenas com aquela tensão de manhã. Você me perguntou se eu vejo? Ah, eu vejo você se contorcendo implorando por mais da minha boca. Você me perguntou se eu escuto? Ah, eu escuto os seus gemidos altos que poderiam trazer os vizinhos na minha porta. Você me perguntou se eu cheiro? Ah, eu cheiro esse aroma de sexo tão promíscuo e molhado dopado de limão e avelã. Você me perguntou se eu toco? Eu estou te tocando como você quase chorou me pedindo, estou aqui chupando a sua boceta bem melada, metendo a minha língua para todo os lados em movimentos circulares que fazem você ter um surto. Está surtando, não está? Ela est…

*Porra*, ela está arranhando meu sofá quase o perfurando… você não a deixou te tocar.

Arranco sua mão do almofadado e a obrigo a mergulhar os dedos no meu cabelo. *Você vai gozar arregaçando o meu cabelo, Princesa.* Miranda sorri por meu ato de misericórdia e não deixa que seja em vão bagunçando, puxando e quase estraçalhando cada fio castanho. Apenas me dando mais combustível para aumentar a velocidade. Me perdoe. Chupo com mais força engolindo e mordiscando seus lábios. Me desculpe. Ela joga as pernas que tremem sobre meus ombros e me prende entre suas coxas pressionando minha cabeça para não parar nem por um segundo. Eu não ousaria nunca.

Você me perguntou se eu provo? Ah, eu provo o seu leite de canela lambuzando a minha boca.

*Os cinco sentidos de Miranda Ross que eu jamais esquecerei.*



**22h15m**

Meus olhos já estão cansados de encarar vestidos bizarros em desfiles. Caramba, Thomas, como você gosta disso? O último que vi a modelo usava um cone de trânsito como saia, como eu posso entender o sentido disso? O mais legal até agora foi uma que usou uma rosquinha para cobrir os seios e o quadril.

Pelo menos essa passarela está me distraindo do deslize que eu tive com ela. Chega a ser bizarro como esses desfiles, em como chegamos naquele ponto. Ontem eu estava gritando com ela, jogando palavras terríveis para magoá-la, o que convenhamos é o correto. Ela merece ser punida, mas… no final desse dia eu já tinha baixado a guarda por ela ter feito um mísero xixi.

***"Mas também quero fazer xixi"***

*Xixi.*

Que palavra mais ridícula, a mais traiçoeira de todas que me fez baixar um pouquinho a guarda… e esse foi o estímulo que faltava para a minha complacência. Foi aí que eu comecei a deixar com ela suas mordidas na boca, olhares promíscuos e os resmungos começassem a me afetar mais uma vez.

*Fala como se em algum dia isso tivesse parado.*

Deixe de ser idiota, Trevor, você se afeta porque a ama, não adianta ficar negando isso. O difícil é aceitar o quão isso foi me afetando aos poucos. Começou com os cinco sentidos, depois a briga na frente da Sarah, então me pedir para ensiná-la a cozinhar e quando percebi já estava metendo a boca na boceta dela.

Está sendo fraco.

Mesmo que eu tenha errado profundamente em tê-la machucado, esse tem que ser meu único, primeiro e último deslize.

— Trevor — a mulher me chama tirando a minha atenção dos desfiles e agacha ao lado da minha mesa do escritório. — Você está com fome? — questiona com um sorriso e eu ergo minha sobrancelha.

— Estou.

— Eu fiz um franguinho. — Entreabro meus lábios completamente chocado com a frase e a faço revirar os olhos.

— Franguinho? — repito, porque é impossível não imitá-la.

— Uhum… — resmunga e antes que eu possa me animar um pouco mais vejo que está com o avental por cima dos seios.

— Não está usando blusa, por quê? — questiono franzindo meu cenho. — Aquilo não foi uma reconciliação, Miranda, foi apen…

— Ei, esquentadinho, eu sei o que foi aquilo. Se fosse reconciliação teria me beijado. — Isso é verdade, não beijei mesmo, beijos são carinhosos e para namoradas que não mentem. — Eu só me senti mais confortável assim, está calor, mas não dá pra ver nada.

— Não pretendo.

— O quê?

— Não pretendo te beijar tão cedo. — Fecho o notebook e caminho até a sala de jantar enquanto ela me segue. — Mas o que é…

— O Restaurante Ross! — Ela sorri estendendo o braço para apresentar a mesa bem arrumada com uma vela acesa que preparou.

*Um jantar à luz de velas, Miranda?*

— Foi… foi você que fez tudo isso? — até balbucio as palavras em completo choque por seu esforço. Está sendo romântica como eu costumava ser com ela.

*Isso… isso significa muito para mim.*

Eu acho que nunca recebi um gesto romântico assim de uma mulher, a Sarah demonstrava com festas enormes e sim, ela fazia muito por mim. Mas eu acho que nunca se esforçou para fazer algo que não sabia só para me agradar.

— Foi sim, por favor, sente-se, Sr. White! — Mia me empurra de leve e puxa a cadeira para mim, outra ação que nunca recebi de uma mulher, isso sempre foi obrigação masculina.

— Ah, obrigado — agradeço sem jeito.

— O prato principal dessa noite é o *Franguinho* com…

— Batata palha — completo com uma pequena risada admirando o prato decorado, ou pelo menos que ela tentou decorar.

— É… — Ela ri sem graça coçando a nuca. — O restaurante estava sem o chefe principal e então a sub-chefe teve que assumir, ela não sabe muito, mas aprendeu a assar o Franguinho.

Sua analogia me faz sorrir, mas não por pena do prato e sim por me sentir lisonjeado.

— Miranda, por que fez tudo isso? — questiono, procurando todos os motivos para entendimento.

— Para que veja que posso me adaptar.

— Como? — Ergo uma sobrancelha confuso.

— Eu posso aceitar as coisas que me pede… mesmo que eu não concorde com tudo. — Enquanto diz penso comigo mesmo na resposta e seguro um dos talheres. — Não! Eu sirvo. — Mia toma os talheres da minha frente e corta um pedaço. — Você está se recuperando, sua mão ainda está muito franca. — Morde o lábio com um sorriso.

— Não tão fraca assim. — Me refiro aos apertos na sua coxa e ela aproxima o garfo dos meus lábios. Abocanho o frango admirando seus olhos que se animam e hipnotizam com minha degustação. Antes que eu

possa relembrar nossos momentos em restaurantes algo diferente toca minhas papilas gustativas.

— O que foi? Está ruim? — Seu sorriso morre aos poucos e franzo o cenho tentando engolir de uma vez, mas não consigo.

— Com o que você temperou? — questiono e seguro um guardanapo para cuspir.

— Sal, cebola e alho, eu fiz algo errado, Trevor? Eu segui certinho a interne…

— Você usou açúcar — admito com pena por ter que estragar sua animação, mas ela perceberia de qualquer maneira quando fosse comer.

— Ai, mas que merda! — Ela senta na cadeira e cobre o rosto com as mãos furiosa com si mesma. — Cacete, eu não consigo nem fazer um franguinho pronto, como você me escolheu? Sério mesmo, não faz sentido. — A voz fica cada vez mais baixa como se estivesse se segurando para não desabar em lágrimas de desgosto.

*Você não entende, não é?*

— Eu não estou procurando uma empregada, eu quero uma mulher — admito e Mia tira as mãos do rosto. — Eu nunca me importei com nada que não conseguisse fazer, eu te amo por quem você é, mesmo que não soubesse ligar um forno. — Sorrio de canto e a faço rir enquanto limpa uma lágrima, tento me aproximar mais com a cadeira, mas bato sem querer meu braço na quina da mesa.

— Ai, meu Deus! Trevor, está tudo bem? — Ela levanta da mesa imediatamente se aproximando. — Me deixe ver.

— Não — restrinjo sem pensar duas vezes e a mulher franze o cenho enfurecida.

— Por que não?

— Miranda, eu estou bem e as regras continuam independente do deslize de hoje — limito.

— O que mais você quer que eu faça?! — eleva o tom, colocando os braços na cintura mais puta do que nunca. Não entendo o porquê dessa reviravolta.

— Mirand…

— Não me vem com isso de *Miranda,* não. Eu já me desculpei, estou seguindo suas regras e mostrei que posso aceitar o que está me pedindo. Quer o quê? Quer que eu me ajoelhe aos seus pés implorando perdão? — Franzo meu cenho pela ironia e seu surto me segurando para não falar o que penso. — Isso é um absurdo.

— Eu quero que fique arrependida. — Bufo, segurando a toalha da mesa para controlar minha raiva.

— Eu já estou arrependida, Trevor! Eu te disse que errei, admiti e estou tentando melhorar, mas não posso mais aguentar essa sua birra.

— Birra?! — Levanto da mesa e dou passos até que a encosto na parede fazendo com que seus olhos que brilhavam pelo ato romântico se tornem medrosos. — Você não aguentou nem uma noite naquele sofá, e você não está arrependida. Ontem mesmo suas palavras me fizeram ter mais certeza disso, você acha que está certa e apenas a execução estava errada. Isso significa que se eu tivesse cedido, você continuaria me pressionando para conseguir o que deseja. Eu não sou obrigado a te contar nada e eu vou contar quando eu achar necessário — assevero, até mesmo me perdendo nas palavras por estar descarregando tudo que sinto, a fazendo morder a boca para segurar o choro. É só isso que estou conseguindo fazer com ela ultimamente, fazê-la chorar.

— Achou necessário contar a Sarah? — Impõe o nariz quase batendo contra o meu, perdendo completamente o juízo e me faz perder o meu também. Envolvo seu pescoço na mão direita e aperto com força lhe dando a liberdade de puxar a minha camisa para si quase batendo nossos lábios.

— Se compare com ela mais uma vez e eu te jogo no chão e arrasto para fora dessa casa — afunilo.

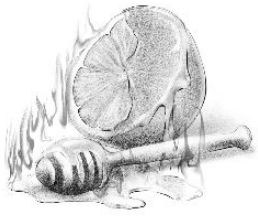
— Não precisa jogar no chão, Sr. White, eu ajoelho — provoca e eu largo seu pescoço.

— Chega — corto a atração e saio da sala de jantar.

— Ah, você vai embora?! — ela exclama dopada de raiva. — Vai fugir?

— Eu estou fugindo de você — confesso e tranco o quarto.

31



# Melado Trovão

*Eu preciso de um pouco*
*De amor esta noite*
*Me abrace para que eu não desmorone*
*Só um pouco, mas espero que*
*Seja o suficiente para talvez ressuscitar*
*Eu e meu coração partido*
***Me and My Broken Heart - Rixton***

## MIA ROSS

Trovão. Fenômeno sonoro gerado pelo movimento de cargas elétricas na atmosfera. Som que ocorre após o ato em si, é estranho pensar que o céu já aceitou o trovão mesmo antes de mostrá-lo. Não é assustador? Saber que o seu maior medo já está ao seu lado, apenas não se revelou.

Troveja.

Eu sinto trovejar meu corpo inteiro, arrepio, suo e tremo com as emoções do trovão. Um som que gela o organismo inteiro e o deixa completamente vulnerável por não saber o que virá em seguida.

*Como eu posso me defender de algo que não sei quando vai chegar?*

A resposta é estar pronta para qualquer movimento de tempestade, mas então é assim que devo viver? Mergulhada em ansiedade sem saber quando vou poder ser feliz mais uma vez? Isso não pode ser justo, eu sei que mereço mais do que essa série de barulhos amedrontadores.

*Por que você não me diz quando vai atacar, Trevor?*

Talvez eu esteja pronta para dizer o que deseja ouvir, porque até agora eu só declarei versões erradas que apenas te fazem ter certeza da minha incompetência. Se eu não sei nem ao menos cozinhar um jantar, quem dirá ser capaz de ser sua namorada. A tal namorada que você projeta perfeita em mim. Eu não sou perfeita, você enxerga isso? Talvez eu esteja me enganando e todas as suas declarações sejam para a mulher errada.

Talvez não seja você o trovão, talvez ele esteja melado de mel, talvez seja eu que te assusto e ataco a qualquer momento sem que saiba para poder se defender. Eu te melo com o turbilhão de emoções raivosas sem te avisar quando o barulho emocional do trovão virá.

*Melado Trovão.*

O sofazinho dele pode ser até confortável, mas a falta de sua presença torna tudo o mais detestável possível. Eu não acho que posso aguentar mais um dia assim. Meus sonhos são sobre ele, meus pensamentos são sobre ele e meus desejos são sobre ele.

Ele me chupou. Contra todas as hipóteses que fossem possíveis de acontecer por não estar nem ao menos respirando o mesmo ar que eu nos últimos dias. Ele fez. E não apenas fez, ordenou que eu o obedecesse e confesso que todo o meu corpo estremeceu e se molhou ao mesmo tempo. Eu não queria mostrar a ele, sabia que se sentiria culpado, mas a verdade é que eu sei que naquele momento Trevor precisava dispersar a raiva. Eu merecia uma punição por ter mentido… e eu a aceitei, mesmo que me desse prazer também, sabia que era uma punição.

Ou pelo menos eu soube quando me fez chorar acamado, então eu percebi que aquilo não era uma reconciliação e sim uma briga sexual que me colocou nessa prisão.

*Prisão que teve uma visita conjugal.*

Durou pouco, mas foi o suficiente para transbordar o meu corpo inteiro em milésimos de segundo em um ciclo infinito. Ele sentia culpa, eu vi e quis acalmá-lo dizendo que foi pouco e que é normal mesmo sabendo que não é. Eu te amo, Trevor, você enxerga as coisas que eu faço e digo por amor? Eu te obedeci, relutei em te mostrar e aceitei seu ato de misericórdia sem tocar seu cabelo até que permitisse porque eu te amo.

*Estou me esforçando, você enxerga isso?*

Eu preciso que enxergue, porque caso não… eu já não sei mais o que fazer. E o sentimento que meu coração bombeia e quase estoura meu peito é o mesmo de quando terminamos em um sofazinho como esse.

— Quer café? — a voz grossa exala a sala inteira com o cheiro de cafeína pura junto ao corpo dele já vestido, porém sem fechar a camisa.

Antes eu recebia o:

*Bom dia, Princesa.*

Hoje eu recebo o:

*Quer café?*

Você sente tanto ódio de mim a ponto de se trancar no quarto na noite passada, largar o jantar romântico que fiz e ainda perguntar se quero café de manhã? Eu sou um animal que você bate, chupa, maltrata e depois finge que nada aconteceu?

— Vou interpretar isso como um não. — Ele bufa.

— Eu quero — solto minha voz rouca que quase não emana nada.

Trevor se aproxima com passos firmes, porém bem restringidos por não querer cometer mais nenhum deslize. Meu pijama te afeta, não é? Eu queria ver se ia resistir se eu decidisse andar pelada pela casa. Você se faz de forte, mas ainda não viu o que sou capaz de fazer.

— Pode deixar na mesinha — sugiro e ele obedece se dirigindo à porta.

— Onde vai? — murmuro, segurando a xícara quente nas mãos.

— Escritório.

— Fique aqui, por favor — eu imploro, molhando meus lábios. Por mais que eu esteja me sentindo péssima por não me tocar, a presença dele ainda me faz um pouco mais feliz do que apenas odiá-lo e amá-lo em meus pensamentos.

— Estou bem no escritório — nega e toca a maçaneta para ir embora.

— Trevor — chamo com meu coração, porque minha mente já não aguenta mais ser fritada por nossas brigas.

*Me dê uma chance de consertar tudo mais uma vez, eu vou me esforçar eu juro.*

— Miranda, o que você quer? — Ele franze o cenho já irritado e não o culpo, o provoquei demais com minhas palavras ontem, mas também sei que aquilo foi uma tentativa de perdão.

— Você, eu sempre quis você — confesso, abrindo meus sentimentos, esquecendo todo e qualquer orgulho.

*Não é assim que fazemos?*

*Como Charlie dizia?*

**Eu mentiria por você, amor.**

**Eu morreria por você, amor.**

**Eu choraria por você, amor.**

Nossa música favorita diz o que fazemos um pelo outro, eu apenas levei a sério demais a primeira frase, mas isso não significa que eu não te ame intensamente. Eu menti por amor.

Ele fica em silêncio com a camisa aberta como se eu o tivesse atacado com a pior adaga dos contos mais sombrios. Você disse que me amava ontem, por que eu dizer a mesma coisa te machuca?

*Deixe de torturá-lo, Mia.*

— Como está o braço? — quebro o silêncio lhe dando uma folga de nossas conversas ou brigas intensas.

*Podemos ter uma conversa normal.*

— Bem. — Talvez conversas mais longas.

— Não conseguiu fechar a camisa? Eu ajudo. — Pulo do sofá o mais rápido que consigo ao acordar e tento tocar a tala só para me decepcionar mais uma vez quando se afasta de imediato.

— Estou bem assim. — A frase me ataca e agora já não sei mais quem é o trovão.

*Somos eu e você?*

Volto a sentar no sofá e junto minhas mãos para expressar o que já havia sentindo há algum tempo. Não posso mais aceitar essas regras e

limites, não é assim que um relacionamento funciona.

— Trevor, vamos resolver isso? Por favor, ontem eu disse tanta coisa que me arrependo, quero retirar uns noventa por cento do que falei, eu te amo, mas não sou perfeit…

— Você me suporta. — O homem que dizia apenas sílabas curtas sem sentimentos agora pronuncia como frase dopada de emoções que me faz travar os lábios sem entender o que significa.

*Eu o amo de verdade e isso não é suportar.*

— Como é? — questiono, erguendo uma sobrancelha mais confusa do que nunca.

— É isso que você faz — afirma mais uma vez, se aproximando de mim para que eu ouça mais do ataque.

— Não estou entendendo. — Eu quero achar que estou completamente confusa e ele não está me dizendo isso.

— Você suporta a Sarah e as pessoas importantes na minha vida, suporta o meu passado. — A cada palavra seu pulso se fecha mais e meus lábios não cansam de demonstrar surpresa.

— Isso não é verdade, Trevor.

Eu aceitei tudo por ele, mas não… isso não é suportar, aprendi a amar tudo que se refere a ele, isso não é verdade, Trevor, pare de mentir para mim.

— Suportou um relacionamento abusivo por seis anos, é isso que faz, você arranja um abrigo e suporta, não preciso de um suporte na vida.

*Como pode estar comparando meus anos na prisão abusiva com o que temos?*

— Trevor, suporte? Se estamos falando disso, carregar as coisas, é isso que você é para mim. Você me carrega nos piores e melhores momentos, me inspira e cuida, eu não quero te perder, não fale assim, por favor — imploro quando sinto que meu corpo já está pedindo a mim que libere emoções.

Eu acho que nunca chorei tanto em tão poucos dias, não me faça chorar mais uma vez, você acha que eu gosto de mostrar o quão fraca sou

na sua frente?

— Você é uma criança — ele afunila, negando com a cabeça como se sentisse desgosto.

— Trevor! — exclamo chocada com o que acaba de falar.

Meu organismo entra em choque batendo meu coração mais rápido até que ache atrativo estourar meu tórax, meus olhos se enchem de lágrimas, mas eu faço força, toda a força que tenho para não soltá-las.

— Eu achei que quatro anos não eram tanta diferença, já que eu e a Sarah temos o mesmo, mas é isso.

*Você diz que eu faço comparações, mas aí está você fazendo-as agora.*

— Você não consegue aceitar ela na minha vida, o jeito como a tratou ontem desafiou o absurdo, ela só queria me ajudar e você a usou de palco para o seu drama.

— Eu me esforço para aceitar, Trevor! Não pode dizer que aquilo foi um absurdo, você me prometeu que não a deixaria cozinh…

— Quando eu não estava com o braço inválido, Miranda! E mesmo assim, eu cumpri minha promessa, mas e você? Mentiu, pediu desculpas, mas continua repetindo o mesmo erro. Sabe o significado de desculpa ou quer que eu te dê uma aula básica?

Eu forço, eu me esforço demais, mas não é o suficiente, eu nunca vou ser o suficiente para ele. Não me culpe por querer que me ame, que me conte seu passado, que se abra comigo e me deixe ser a mulher que cuida de você. Está me condenando por querer isso?

*Eu não sou perfeita, mas eu me esforço.*

— É claro que ela é pessoa a quem eu procuro, são dez anos, porra! — Ele toma a caneca de minhas mãos e engole todo o café como se fosse *whisky* para dopá-lo e fazê-lo esquecer a situação que não para de nos rodear.

— Trevor, por fav...

— Por isso o nome dela está em contato de emergência, testamento, ela é o meu porto seguro e você quer ser isso dá noite para o dia! Isso é

muito infantil, porque mesmo que eu me esforçasse para dizer que é, seria mentira. E eu não vou mentir mesmo que faça isso comigo.

— Eu não pedi nada disso, apenas queria que me contasse sobre a sua família.

Eu não sei como tudo isso se tornou uma tempestade quando eu só tive consciência de jogar uma bolinha de neve nele.

— Exato, você diz "*família*" quando sabe que eles não tem esse significado para mim.

— Eu entendo que não é próxim...

— Você diz "*família*" quando sabe que é um trauma para mim. Porra, Miranda, acha que TEPT[17] é brincadeira? Que eu gosto de ter isso? — As interrupções em cima da minha palavra não param nem por um segundo e a cada vez algo mais forte vem me atacar.

Eu sei e respeito seus transtornos, Trevor, assim como respeita os meus. Apenas queria que visse que o que estou pedindo é por amor, eu sei que se não consegue se abrir comigo neste momento, em outro também será difícil e como posso ter certeza da importância que tenho para você já que pode me cortar a qualquer momento da sua vida, como agora por exemplo. Eu sinto que você pode acabar com tudo, mas não poderia acabar tudo com a Sarah, já que você não tem segredos com ela.

*Não vê como isso me assusta?*

— Eu quero que confie em mim, que me trate como a mulher que diz amar e eu entender seus traumas, é necessário. Você contou a Sarah, por que não se esforça para fazer o mesmo comigo? — Junto todas as últimas lascas de esforço que tenho em meu corpo para balbuciar as palavras.

*Eu não aguento mais, por favor, ceda.*

— Eu detesto ter que comparar vocês duas, eu odeio isso, mas é a verdade, Miranda. Eu contei a Sarah, porque ela é a pessoa que eu mais confio, é a pessoa que eu cairia de costas com a certeza que me seguraria a qualquer momento.

— E eu sou o quê?!

Não posso mais me conter e ser a garotinha que pede desculpas como ele deseja. Quer me maltratar assim? Eu tenho limites, Trevor, não vai dizer

na minha cara que ela é mais importante do que eu. Eu questiono e exclamo já não conseguindo conter uma lágrima que escorre por minha bochecha. É chuva que escorre, você diz isso, mas eu ouvi me dizer que era eu a mulher certa, a mulher da sua vida, a mulher que você ama.

*Você se lembra?*

A primeira vez que disse que gostava de mim, sentia tantas emoções que não pôde guardá-las e se encharcou na chuva gritando na fria noite o quanto você sentia por mim. Não se importando com nada além do amor que sentia por mim. Você implorava para que eu te amasse no *Tempo de Creme*, você mudou por mim, onde está esse homem? O homem por quem me apaixonei que nunca se importou com ninguém além de mim.

*Onde está você se declarando em Paris dopada de chuva?*

— Você é a mulher que tem mentido para mim — afunila e eu lhe arremesso uma almofada em seu peito não podendo mais sentir a dor que me causa e não poder fazê-lo sentir o mesmo.

— TREVOR, EU NÃO MENTI PRA VOCÊ! — berro, impondo meus passos até sentir o mesmo ar que ele respira. Encarando cada fibra do seu ser com meus olhos furiosos por estar tão focado em me torturar quando eu só quero consertar.

**Eu sei que foi tarde, mas eu estou aqui e você?**

— TALVEZ SE ME CONTAR AGORA SEJA APENAS OMITIR! — grita sobre o meu rosto e assim que voz grosseira invade meu organismo minha ficha cai.

É esse o problema, ele não apenas quer que eu me desculpe, quer saber o que estou escondendo. Eu poderi… *como posso contar a ele?* Sabendo que essa é minha única chance de poder saber o mínimo sobre seu passado? Por que você não me conta e acaba com isso? Se me contasse e se abrisse, eu também me abriria com você, esse era o plano.

— Mas não. Você se encolhe e fica quieta. Ainda tem a audácia de dizer que me ama? Que eu deveria contar meus traumas? Eu posso amar doces e drama, mas a criança aqui é você — assevera, lançando a caneca de café no chão que se quebra em milhares de pedaços.

*Talvez… seja eu a errada para ele.*



É vidro.

Eu apenas vejo vidro.

Já faz tempo que é vidro.

Nos encaramos no espelho do provador e você elevou minha autoestima, um vidro que me fez me amar. Depois o vidro da tela fria daquele celular me deu arrepios, me tornou insegura mais uma vez e impotente. Após isso eu nem ao menos me lembro como conseguimos chegar naquele ponto, mas destruímos uma mesa de vidro. Pedaços que cobriam o tapete de pelinhos que misturava seu sangue e meu desespero ao mesmo tempo. Eu já tinha decidido consertar antes dessa *Tempestade de Vidro,* mas como você poderia saber do meu arrependimento se estava apagado? Eu juro que não decidi voltar a te amar apenas por estar lutando pela vida.

*Pena que nada do que eu disser agora, você acreditará.*

Eu tenho mentido demais e sei que deve estar me odiando subitamente por isso, mas você não se pergunta o motivo pelo qual eu minto?

A mentira foi um ato de sobrevivência ao nosso relacionamento que eu sabia que futuramente passaria por problemas se eu não pudesse te conhecer melhor. Se eu não tivesse escondido, teria me contado? É o que eu quis testar, se você confia mesmo em mim e acho que a resposta negativa me fez surtar.

Tem razão, eu quero que me ame mais do que ela de um dia para o outro, isso é infantil, mesquinho e até mesmo irracional, mas é o que eu sinto.

Eu sou a errada.

Não adianta tentar justificar meus erros como estava fazendo, explicar o motivo para que não me ache uma monstra quando no fundo eu sei que

fui. Eu venho sendo uma mulher horrível com ele, o magoando com as mais terríveis palavras e cometendo ações que poderiam ter o peso de um crime.

**Eu nunca poderia ter tirado aquela aliança.**

Essa ação não teve perdão para ele, foi após isso que ele se tornou sombrio e com razão, eu joguei tudo que tínhamos no peito dele sem me importar, por eu achar que estava certa.

E por mais que meus motivos tenham sentido, nunca poderiam ter passado dos limites que ele mesmo me implora para aceitar.

Isso me faz refletir, agora nessa chuva horrorosa que espanca o teto da casa dele, barulhos altos de queda aguada, mas que estou suportando enquanto os trovões não iniciam. Me faz refletir que eu peço demais dele, coisas que ele não pode me oferecer e também não posso dizer que não sabia dos seus demônios, eu sabia e estava muito ciente, mas também estava cega. Cega de amor obsessivo por ele.

*Trevor, eu só queria ficar com você e pronto.*

Não fui capaz de pensar nos problemas que poderíamos ter, eu estava cega e deixei você voltar para a minha vida quando eu sabia que já não tínhamos dado certo uma vez. Você ficou assustado ao ver aquela assadura, sentiu-se culpado de me machucar, mas sou eu que te machuco. Estou com você te magoando mais a cada dia e isso não pode ser saudável.

*Talvez seja hora de parar.*

O homem teve misericórdia por mim e eu devo isso a ele.

Os cacos do vidro da caneca dopada de cafeína que ele arremessou no chão ainda mergulham o tapete de pelinhos. Manchando de algo quente e amargo no momento, mas agora é frio. Nós éramos algo quente que se tornou frio. A chuva está tão fria que poderia me matar de hipotermia e eu ficaria grata por isso se fosse tirar um pouco do sofrimento dele, porque é só isso que consigo fazer. Apenas lhe dar mais e mais sofrimento.

Aguente, Miranda, não pode deixar que seu último ato com ele seja de fraqueza.

Os trovões iniciam.

O medo inicia.

Os tremores iniciam.

Meus membros tremem demais, não consigo fazer parar nem por um segundo por mais que eu respire fundo. Até mesmo o ar que expiro treme junto aos meus dentes. A única que ainda não cedeu a tremedeira é a minha mente. Essa ainda tenta ser forte, não por mim, mas por ele, eu não quero que me veja mais como a mulher fraca que não aguenta trovões.

Por favor, aguente.

Por favor.

Aguente.

Já está acabando… o que está acabando? Os trovões ou o nosso relacionamento que não consegui manter? Você é mesmo fraca, não conseguiu ser a mulher que ele precisa e acabarei com tudo para fugir.

Não é um ato egoísta, eu juro, é um ato de amor eu não querer machucá-lo e me afastar para que ele seja feliz.

Não é assim? Estou fazendo isso por ele? E então sua última lembrança vai ser essa? Enrolada no lençol sobre o sofá dele enquanto treme todos os membros?

Não, Miranda, você merece um último momento com ele.

Largo o cobertor e já não me importo mais com o que vai pensar de mim, se vai me limitar, brigar ou gritar ainda mais comigo. É nosso último momento e não posso passar longe dele. Empurro a porta do seu quarto e arrasto o lençol no seu chão aos poucos deixando que a pouca luz crie uma linha iluminada apenas pelo pouco que entreabri seu quarto.

Trevor está dormindo tão profundamente, uma coberta cobre metade de seu corpo, o braço que está invalidado até o fim dessa noite preenche seu abdômen e ele respira e suspira como Ursinho dorminhoco.

Eu gostaria de poder ter nossa última noite enrolados um no outro, você me concederia isso?

*Por favor, eu imploro.*

*Me deixe ser a mulher que ama mais uma noite.*

# TREVOR WHITE

Trovão. Nunca foi algo que me assustou, na verdade até mesmo me relaxava junto ao barulho disperso e calmo da chuva. Até mesmo facilitava meu sono, antes dela me fazer odiar trovões. É engraçado como podemos gostar e odiar algo simplesmente porque alguém que amamos pede.

Eu não aguento mais.

Não acho que todas essas regras sejam racionais… podem até fazer sentido para continuar nosso relacionamento da forma correta como eu queria. Mas o que é correto? Quem foi que te ensinou isso, Trevor? Você por acaso sabe como uma relação saudável funciona? Não, você não sabe, apenas está chutando como funciona.

Criando regras com base nos seus princípios que desenvolveu sem uma prova de que funcionaria. Afastando-a, maltratando-a, assustando-a. Isso não é amor, não é carinho, não é romance e eu digo que meu amor por ela é romântico, que o que temos é um relacionamento romântico.

*Como pode ser classificado assim?*

Se eu chego a quebrar vidro por puro ódio dela, eu sei que disse que na minha frase a Miranda sempre foi a mistura entre Amor Sublime e Raiva Súbita. Mas a quebra dessa caneca que despedaçou vidro por todo o chão foi o estopim. Não é assim que o amor tem que ser, eu não posso culpá-la de algo que sei que também é culpa minha.

Eu estou certo, não errei em nenhum momento.

Só se pode errar quando se tenta e eu não tentei me abrir com ela o suficiente por medo. Eu não queria que ela visse meu lado sombrio e então me fechei, mas você não percebe, Trevor? Ela viu seu lado sombrio, você a machucou, a magoou e pior do que ela o achar fraco é ela ter medo de você.

Miranda está se esforçando, por mais que ainda erre, tenta. Ela sempre foi a minha bolsista determinada que não desistia nunca e comigo não foi diferente. A mulher fez aquele jantar mesmo sem saber direito como ligar o forno, arrumou tudo e fez um bela apresentação mesmo que falha com sabor de açúcar.

*Ela não é perfeita para o mundo, mas é perfeita para mim.*

A porta do meu quarto se entreabre e por mais que não abra meus olhos posso ouvir o barulho rangendo. Mia está aqui? Está lendo meus pensamentos, Princesa? Ah, como eu quero te chamar assim em voz alta mais uma vez.

— T-Trevor… desculpe te acordar. — A voz dela está chorosa, eu a escuto sofrer pelo entrecorte de suas palavras. Abro meus olhos com um pouco de dificuldade pelo remédio que me deu sono e a encaro. — P-posso ficar aqui? Está t-trovejando, não preciso te tocar, só q-queria ficar perto.

Franzo meu cenho de imediato a cada sílaba que pronuncia escorrendo lágrimas por seu rosto como uma cachoeira. O que eu fiz com você, Miranda? Fui eu que te deixei nesse estado, não foi? Me perdoe, por favor, eu cansei. Não quero mais ficar longe de você, mentindo ou não para mim. Seguro a ponta de seus dedos e os sinto tremerem mais do que motor de carro, ela está tremendo demais, terrivelmente assustada. Assim que a todo ela me encara sem entender minha ação e não retribui. Por que não aperta minha mão? Eu estou nos libertando da prisão que nos coloquei.

— Você pode sim, Princesa. — Deixo e a puxo pelo braço a jogando na cama ao meu lado.

Seus soluços pelo choro não param mesmo que eu a chame pelo apelido, na verdade a fazem chorar ainda mais o que me deixa confuso. Eu disse algo errado? Você não queria estar aqui comigo? Ela está cobrindo o rosto com as mãos como se estivesse envergonhada quando um trovão faz até mesmo nossos próprios ouvidos entrarem um eclipse de som que não nos deixasse ouvir nada durante o processo. Assim que volto a abrir meus olhos a vejo agarrada no meu tórax limpando as lágrimas que me culpam mais a cada segundo na minha camiseta de dormir branca.

— Por que está chorando, Mia? — questiono, acariciando seu cabelo para lhe dar conforto, mas não há resposta como se ela estivesse se preparando para dizer algo ou que chorasse a falta de coragem. — Mia, por favor, fale comigo — eu peço com a voz mais mansa que consigo tentando limpar seu rosto.

— E-eu sou terrível, T-Trevor… estou te manipulando, v-você não vê? — ela choraminga sem querer nenhum ar.

— Você nunca seria terrível e como assim, manipulando? — digo confuso e coloco uma mecha dopada de água atrás de sua orelha.

— Você não quer m-me tocar, só está f-fazendo isso porque estou chorand…

— Miranda, não é por isso, mas é óbvio que eu não te deixaria nesse estado sem te confortar, eu te amo demais para ser tão frio — confesso, erguendo seu queixo com carinho para encarar o rosto todo inchado.

— M-me deixa falar, não d-diga nada — implora em meio às lágrimas e por mais que eu queira dizer a ela que não aguento mais essa tortura, prefiro obedecer. Está pedindo com tanto ardor e tristeza que não posso negar.

— Não direi nada — prometo e ela se esforça para respirar fundo pegando todo o ar que tem para não entrecortar as palavras.

Antes que possa começar eu a puxo para cima do meu corpo fazendo com que misture seu tórax no meu. Eu posso vê-la melhor assim… não que esteja sendo uma imagem feliz. Seus olhos estão avermelhados, sua pele inteira inchada, o suor e lágrimas molham seu rosto delicado o transformando em uma esponja que estufou. Não é que não esteja linda… ela sempre está, mas agora é uma beleza sombria que me assusta. Eu odeio vê-la tão melancólica assim, ainda mais por minha causa.

*Não temos mais motivo para nos afastar, Princesa, chega de brigar.*

— Trevor — ela chama meu nome após respiradas bem fundas. — Eu te amo demais.

— Eu também te amo — interrompo sem querer e seus olhos se fecham. — Desculpe, continue.

— Eu te amo tanto que cometo loucuras, pensei tanto sobre isso quando quebrou aquela caneca e foi aí que percebi que eu também te faço cometer loucuras. — Não estou gostando de onde essas palavras estão levando. — Isso… esse ódio que sente de mim é compreensível. E-eu fui uma monstra com você e ficava dizendo para mim mesma que era por amor. Porque eu queria me aproximar de você. — Sim, eu entendo isso, eu quero que se aproxime, só tive dificuldade de aceitar isso. — Mas eu n-não poderia ferir seus sentimentos e te obrigar apenas porque para mim estava cometendo um ato de amor. Eu fui maldosa e não pude lhe dar o que pede

de mim… naquele jantar você disse que gostaria que eu me arrependesse e não consigo. Você tem razão, eu sou tão louca que teria sim seguido com manipulações se tivesse cedido e me contado na primeira briga. — Você não é louca… ou se for é apenas por mim, assim como eu sou por você. — Você entende mais dessa relação do que eu, posso até me esforçar, mas n-nunca vou conseguir ser o suficiente pra p-pra você…

— Não, não, não, espera, o que está dizendo? — interrompo porque agora não é mais uma questão de respeitar, e sim, sobrevivência do nosso relacionamento.

— Eu entendo a sua relação com a Sarah, ela é realmente uma mulher incrível. — Assim como você, enxerga isso? — Uma pessoa que não mede esforços para te ver feliz… ela te conhece e nunca teria f-feito o que eu fiz, talvez você devesse reconsiderar tudo que passou com ela… — Assim que diz a última sílaba seu corpo não aguenta mais e cai em lágrimas absurdas que não param de cair sobre seu rosto. Ela se torna uma cachoeira de culpa e palavras tolas. — E-eu entend-deria se ficasse c-com el…

— Miranda, cale essa boca de mel, por favor — ordeno e me sento no colchão a arrastando para o meu colo mesmo que não haja mais força e na verdade… aparenta que nem mais vida há em seu organismo.

Ela está completamente pálida como se não comesse há semanas e não bebesse água há dias queimada pelo sol de um deserto e eu sou a fervura que a vem queimando tanto que chegou ao seu limite.

— Eu queria que você sofresse, é verdade, foi masoquista da minha parte e eu confesso que isso são resquícios do meu relacionamento com a Sarah. Eu quis tanto que nossa relação fosse uma coisa linda que não dispusesse de falhas como as vermelhas que tive, que fiquei cego de ódio e amor por você. — Seguro seu rosto com minhas duas mãos e limpo suas bochechas com meus polegares. — Você quer me conhecer e eu entendo o motivo pelo qual fez tudo que fez, nunca tive dúvida disso, mas eu queria que visse que errou e o mais importante se arrependesse. E até hoje de manhã você realmente não tinha sentido uma vírgula de arrependimento, até agora.

— E-eu nã-ão estou arrep-pend…

— Está, minha Princesa, você se arrependeu de tudo que fez no minuto em que me colocou em primeiro lugar no seu coração. No minuto em que parou para sentir um pouco do que eu senti. E isso te fez sentir tanta dor, essa sensação de me ter causado sofrimento, eu conheço bem isso, senti imediatamente quando te vi chorando. Foi tão forte, você se importou tanto que chegou a achar que a Sarah seria a solução de tudo porque ela me faria feliz. Isso foi empatia da sua parte, sugerir e ter certeza absoluta nas palavras de que ela é a certa. — Imponho meu nariz ao seu e fecho meus olhos sentindo até mesmo seu coração bater, batida por batida mais rápido. — Ela não é a certa, Miranda, sempre foi você pra mim. Desde o dia em que toquei sua mão eu já sabia, e nunca deixei de lhe dizer o que sinto porque é puro Amor Sublime. E esse amor nos faz cometer loucuras mesmo, mas está tudo bem se formos capazes de conversar e resolvermos. Não desista de nós assim por estar com medo como dos trovões, não somos um desastre natural como o meu antigo relacionamento. A nossa relação é o sol que queima após essas tempestades, eu garanto. Você confia em mim? Pode me perdoar pelo o que eu fiz com você?

— E-eu…

— Respire, eu tenho todo o tempo do mundo apenas para você. — Abro meus olhos acariciando seu cabelo e limpando ainda mais cada pequena parte da sua pele, cuidando dela como já deveria ter feito há dias.

— V-você acha que eu m-me arrependi? — murmura baixinho lutando contra os soluços.

— Eu tenho certeza, minha Princesa, está tudo bem, certo? Acabou aqui, toda essa prisão, cada segundo de tempo dela acabou. Eu perdoo você, se me prometer que nunca mais vai mentir — digo, envolvendo seu pescoço quente nas mãos pedindo a Deus que ela aceite ficar.

— E-eu te amo m-muito — confessa e volta a chorar, mas posso ver um pequeno quase imperceptível sorriso de alívio. — Você me faz u-uma pessoa melhor, não desista, por favor. E-eu posso aprender, juro que e-eu nunca mais mentirei… eu juro…

— Você jura pra mim? — repito, impondo meu nariz ao dela sentindo o cheirinho de limão e mel que invade e apaixona meu corpo inteiro.

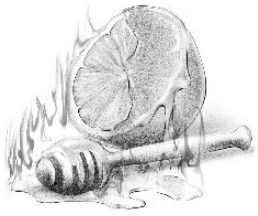
— Uhum… eu juro, juro, jur…

Interrompo seu juramento com um beijo que cola nossas bocas de forma tão intensa que nem ao menos respiro mais. E por que eu respiraria? Eu senti tanto a falta dela, esse carinho que faz no meu cabelo, o cheiro, o som, o olhar, o toque, o gosto… são os cinco sentidos de Miranda Ross que sempre me deixaram louco e agora não seria diferente.

Eu te amo tanto, Miranda, que me lembra fogo, você queima a minha boca e eu fervo de amor por você, porque essa é a nossa…

*Relação de Fogo.*

32



# Ponteiro Chuvoso

*Porque eu nunca estou*
*Perdido em seus sonhos*
*Quando eu perder meu coração*
*Traga de volta para mim*
***Bring It Back To Me - Martin Luke Brown***

## MIA ROSS

Prostração. Sentimento de um conjunto de sensações desagradáveis como cansaço excessivo e exaustão. Às vezes nos obrigamos a continuar com uma briga por puro orgulho, sem nem ao menos nos lembramos mais o motivo. Não é fraqueza desistir por exaustão emocional, é um ato de sobrevivência.

Você se sentiu exausto?

Nós dois nos sentimos exaustos, brigando sem parar, sem mais se importar com as palavras, sem nos lembrarmos do porquê nos amamos. Ficamos tão cegos de Raiva Súbita para provar um ponto que chegamos a nos desrespeitar ao extremo. A palavras que eu disse que lhe ofenderam e as ações que chegaram a destruí-lo não foram por amor. Por mais que eu dissesse e repetisse para mim mesma que era por amor… eu estava fazendo por mim.

E não poderia deixá-lo com uma pessoa egoísta como eu, até que ele me surpreendeu mais uma vez. Em meio ao meu choro de soluços em que não respirava mais por sequer achar por um segundo que sou um peso na

vida dele, ele me perdoou. Me fazendo chorar mais ainda porque eu tinha certeza de que o estava manipulando com meu choro e eu não queria isso… eu quero que me perdoe se achar certo.

*Ele achou certo.*

Assim como eu, estava exausto e cansado de brigas sem sentido já que o que realmente faz sentido é o nosso amor. Lembrar porque estamos juntos e porque começamos tudo isso para início de conversa. Naquele momento eu quis que ele fosse feliz, e não percebi que estava colocando a felicidade dele acima da minha até que me dissesse. Isso me fez sorrir mesmo que mergulhada em lágrimas. Eu não percebi o ato mais amoroso que fiz por você, mas ainda bem que te tenho para abrir meus olhos, Ursinho.

Eu sou grata todos os dias por me amar incondicionalmente assim como eu te amo.

*Não há mais motivo para esconder nada.*

Por mais que tenhamos dormido agarrados um no outro como nos velhos tempos e o beijo de fim de noite tenha sido… *incomensurável*. Ele ainda está um pouquinho relutante em voltar a me tocar, posso entender mesmo, não queria se aproximar de mim para não resolvermos no sexo… mas está tudo bem agora.

*Por que não me beija mais?*

*Eu vou te dar um empurrãozinho.*

Já que não posso mais aguentar vê-lo em minha frente tão parado. Estamos dentro do banheiro dele juntos há alguns minutos em um silêncio total apenas nos encarando. Estou quase caindo na risada confesso, mas me esforço para decifrar o motivo do seu olhar.

Molho meus lábios e os mordo encarando seus olhos castanhos para qualquer ação dele. Você está me exergando? Eu quero que me beije, sinto muito que tenhamos brigado e nos afastado, mas agora eu vou querer te beijar a todo momento.

*Você que lute, Sr. White.*

— Ah... Miranda, o que está fazendo? — ele ofega, negando com a cabeça mesmo sabendo a resposta. Estou te provocando, eu quero um beijo, homem e você está aí me torturando.

Antes que eu possa reclamar mais Trevor segura minha cabeça e crava as mãos em meu cabelo me deixando a mercê do seu controle. *Ah, não pare, eu imploro.*

— Me conte, por favor. — Então é por isso, Ursinho, que não está me beijando? — Não vou te condenar, acha que sou um tipo de carrasco?

— Não — falo baixinho para instigá-lo a se aproximar da minha boca e ele cai como um patinho. — Não vai me condenar, eu sei, cedeu comigo ontem e eu cedo agora, não é assim que funciona uma relação? — Mordo minha boca e lhe tiro um pequeno sorriso de aprovação. — Apenas prometa que não vai ficar bravo? Estamos bem de novo, não quero estragar isso — condiciono.

— Eu prometo — jura e acaricia as mechas mel com mais intensidade.

— Sua mãe ligou falando sobre a Nicolle, não entendi muito bem e na verdade nem poderia porque desliguei na cara dela — confesso; de imediato seu sorriso se torna nulo e por mais que ainda segure meu cabelo é como se eu tivesse ligado um modo *stand-by* em que ele se silencia processando o que acabei de dizer. — Trevor? — chamo, acariciando sua barba.

— Desligou na cara dela? — Franze o cenho e me culpo por ter feito assim que questiona.

— Uhum — resmungo, flexionando as sobrancelhas de preocupação.

— Bem feito. — Bufa e me surpreendo com a reação entreabrindo meus lábios. — Essa mulher é desprezível e não merece que briguemos por ela nem mais um segundo — Mas o quê? O que ela fez? — Eu não sou um robô que tem as reações que você julga, Mia, não ficaria bravo com você por isso.

— Eu sei, desculp..

— Deus, o que ela quer? — fala consigo mesmo baixinho, esfregando o rosto ao largar meu cabelo.

— Ela não ligou mais, não deve ser importante. E sobre o jantar que brigamos, olha, eu sei que a Sarah é mais importante, não sou crianç...

— Espera aí, eu não disse isso — me interrompe e ergo uma sobrancelha confusa.

— O quê?

— Miranda, você é a pessoa mais importante da minha vida agora. É quem eu dou o primeiro bom dia e o último boa noite, porque dorme ao meu lado — declara e mordo meu lábio inferior tocada por cada palavra.

— Eu achei que…

— Achou errado, confiança é algo que se constrói e a Sarah e eu construímos isso. Com o tempo vamos ter a nossa também, mas demora um pouco.

— Humm… — resmungo, usufruindo a explicação.

*Eu… eu sou a pessoa mais importante da vida dele?*

— Mia, eu te dei uma aliança, acha que fiz isso porque eu curto você? Não mesmo. — Ele solta um riso nasalado que me faz sorrir de alívio. — Eu te amo, mulher. É por isso que brigamos e transamos intensamente.

— Trevor — interrompo, molhando minha boca.

— Miranda.

— Me ajuda a chegar no chuveiro? — murmuro.

— Ah, bem lembrado, temos trabalho hoje. — Como se eu acendesse uma luz em sua mente ele responde.

— Hum… pode? — peço mais uma vez e ele franze o cenho me guiando para trás ao lado do box.

— Assim, Princesa? — ronrona.

— Me ajuda mais um pouquinho? — falo baixinho, puxando a gola da sua camisa branca e ele encara meu pijama de cima a baixo mais íntimo do que um exame médico.

Eu queria saber o que você pensa de mim, como se excita comigo, o que te atrai, seria pedir muito poder ler seus pensamentos? Eu sei que sim, mas pelo menos nunca tive dúvida de que esse olhar de Trevor White é pura promiscuidade. Mesmo que eu consiga exerga uma lasca de nossas brigas ainda em seus olhos.

— Não estou a fim… — Nega com a cabeça, mas o volume que eu vejo se formando na sua calça diz outra coisa. Estamos bem, Ursinho, nos resolvemos, você vê que fomos capazes e fortes o suficiente para isso?

— Eu só quero um beijo — insisto, impondo meu nariz ao seu e um sorriso se forma em seus lábios.

*Sabia, gosta de me ver implorar, não é?*

*Aumenta o seu ego, Sr. White?*

— Mia, com você nunca é apenas um. — Segura o meu queixo limitando minhas ações.

— Eu estou dizendo um, se você quiser continuar, aí é por conta própria. — Dou de ombros e ele me puxa para sentir o mesmo ar que expira.

— Parece justo.

Envolve meu pescoço nas mãos que agora fervem mesclando nossas bocas em um beijo leve. Eu posso ouvir o som do encontro dos lábios se provando e eu não me canso de fechar meus olhos com força pronta para mais dele. Selinhos que fazem meu corpo inteiro arrepiar e cria chuva na minha calcinha, tão úmida que poderia ser deslizante como um sorvete derretido. Tudo que você faz comigo é tão gostoso, Trevor, eu já não sei mais se você é um mestre em beijos ou se eu te amo demais a ponto de amar qualquer ação sua. Eu sei que sinto intensamente com você, eu sinto amor, impureza e carinho quando sua língua se enrosca na minha.

Deslocamos um do outro, mas permaneço de olhos fechados molhando meus próprios lábios como se pudesse lamber o gostinho de avelã que deixa em mim. Não pare, por favor, você vê que eu te imploro? Minha boca está pronta para você, apenas para te satisfazer se quiser me dar um pouquinho de prazer. Antes que eu possa pedir com palavras ele me encosta no azulejo do banheiro e controla meu queixo para beijá-lo sem mais leveza. Começamos sempre mais leves que uma pluma e depois mais atiçados que uma fogueira. Ah… eu só pedi por isso, eu só senti falta disso, eu só pensava nisso. Enrolo seu cinto em minhas mãos e puxo para bater sua ereção na minha barriga me fazendo sorrir pelo volume. Eu te excito assim como você me faz mergulhar em águas ferventes.

— Humm… achei que fosse parar — gemo entre seus lábios.

— Me deixe calar sua boquinha em paz — sussurra rouco e sorrio pronta para recebê-lo mais uma, duas ou até três vezes.

*Se for me calar assim… eu nunca irei recusar.*

# TREVOR WHITE

Prostração. A pior exaustão que se pode sentir, sem dúvidas, é a que depende de nós mesmos. A prisão que nos colocamos por algo ou alguém sem nos priorizar acima de tudo nos obrigando a sofrer. Não é lindo o sacrifício por amor? Apenas quando a prostração não te dopa.

Eu fico enjoado ao ver os ponteiros de um relógio antigo dando a volta ao mundo das horas, não é algo que eu possa controlar, mas contava os minutos do pior ano da minha vida como se fosse a vítima de uma cela.

A prisão que os White me colocaram.

E na verdade nem sei ao certo se posso com certeza mergulhá-los na culpa, eu decidi sofrer por todo aquele tempo. Poderia ter aberto mão mais cedo, mas essa foi uma das loucuras que fiz por amor.

*Você foi o meu primeiro amor, Nicolle.*

Desde que você nasceu com os olhinhos castanhos enormes que pareciam enxergar a alma de todos. Desde que você errava a primeira sílaba do meu nome e se irritava por isso. Desde que você me implorou pelo primeiro chocolate que te dei escondido de nossos pais.

Para você eram pais, para mim? Eram carrascos que me dão asco.

Eu fiquei o máximo que pude por você, mas houve um momento em que não poderia mais me submeter àquela situação. Eu juro que tentei, enfrentei a prostração com a toda a força que o meu eu adolescente poderia ter, mas não fui forte o suficiente como você merecia.

Independente do que eu fiz ou deixei de fazer por ela, não era da conta de Cassandra White e muito menos poderia ter tido a ousadia de descobrir meu número.

Não deve ter sido difícil, não é? Você sempre arrancou tudo das pessoas, vasculhou as coisas dela para achar meu número, não foi? Não se cansa de ser uma péssima mãe, quando acho que não poderia errar duas vezes, você gabarita. Se a Nicolle precisasse de mim eu ajudaria, mas você?

*Você pode queimar no fogo do inferno por ter me visto em desespero e fechado aquela porta como se eu merecesse o que seu marido fazia comigo.*

Você o trouxe para aquela casa.

Você o deixou fazer aquilo comigo.

Você o preferiu tendo seu filho na escolha.

*Sangue serve para bombear, não para criar relações.*

Miranda deve estar certa, se fosse realmente importante teriam ligado novamente mesmo que eu não fizesse questão alguma de atender. Apenas se estiver falando a verdade e a Nic precisar de mim.

*Agora... por que eu não me concentro nessa bolsista safada que não para de olhar para mim?*

Não o suficiente naquele banheiro, não é? Eu te entendo, foi uma digníssima tortura ter que encarar seus pijamas por três dias inteiros na minha vida e não poder fazer literalmente nada… bom, nós brincamos um pouco com os cinco sentidos.

— Quer que eu cale sua boca de novo?

— Hum! — ela resmunga surpresa com meu atrevimento como se não estivesse me despindo com os olhos nesse elevador. — Eu quero… — sussurra baixinho e morde o lábio.

Sorrio, negando com a cabeça sem acreditar no quanto eu tenho sorte por namorar um reflexo da minha promiscuidade. Jogo seu corpo na parede metálica sem qualquer aviso e escuto o som dos seus tremores junto aos da caixa de metal.

— Não morda esse lábio, deixe que eu te ajudo com isso — sugiro e Mia assente, impondo seu rosto ao meu.

Está tão desesperada que está elevando meu ego e minha ereção às alturas. Eu queria poder ler os seus pensamentos, saber o que eu faço que te excita, o que te atrai e como eu poderia satifazê-la ainda mais. Mais do que provar sua boca com intensidade em meio a adrenalina de esperar as portas abrirem. Vamos, por quanto tempo você acha que pode me beijar? Temos poucos minutos, consegue tirar meu fôlego?

Um beijo que me invade e tira toda a impureza do meu corpo se é que ainda existe alguma. Dois beijos que dilaceram meu coração o fazendo quase sair do peito. Três beijos que enrolam minha língua na sua me fazendo provar seu gosto de limão e mel.

*Você sabe como deixar louco, sempre soube.*

— Me perdoe pelas coisas que eu disse… — ofega nos meus lábios.

— Só se me perdoar também. — Arfo, controlando seu queixo quando ela sorri e escapa do beijo.

— Vai me contar? — murmura.

— Eu vou na hora certa — restrinjo, franzindo o cenho e ela se encolhe, mas para a minha surpresa sorri como se não se importasse mais com o tempo que demorarei e puxa a gola da minha camisa.

Ela acabou de ceder mais uma vez? Bom, se você cede, eu cedo também, não é assim que uma relação funciona?

— No final de semana, posso cozinhar, vemos algum filme e eu te conto, pode ser? — sugiro e antes que eu possa sorrir ela quase pula em cima de mim me abraçando com tanta força que poderia me asfixiar.

— Obrigada, obrigada, obrigada — agradece milhares de vezes e amacio suas costas enquanto beijo seu cabelo. Eu faço tudo por você, Princesa. — Trevor, eu entendo a Sarah, as pessoas da sua vida e o seu passado, vou te mostrar isso.

— Então eu vou acreditar e confiar que vai fazer isso — confesso a soltando para sentir o mesmo ar que respira pronto para beijá-la mais uma vez quando as portas metálicas se abrem e o cheiro cítrico invade o elevador.

A mulher de cabelos loiros reluzentes presos em um coque bem elaborado entra mergulhada em um vestido vermelho apertado que, com certeza, seria proibido em um casamento.

— Parece que os pombinhos se acertaram — humoriza, se colocando ao meu lado.

— Bom dia, Srta. Scott. — Sorrio sem jeito, arrumando minha camisa.

— Bom dia, Sr. White… e Srta. Ross. — Esquiva um pouco a cabeça para encontrar os olhos da Mia.

— Oi, Sarah — murmura rouca ainda pelos beijos.

— Seu melhor amigo voltou à empresa — informa com os lábios vermelhos.

— O quê? Nossa, mas ele nem ao menos me cont…

— Fica difícil se não configurar o celular que te dei — provoco lhe encarando e ela revira os olhos.

— Hum, verdade, vou resolver isso e vê-lo imediatamente. — A bolsista ameaça sair mas jogo minha mão na parede metálica em sua frente para proibi-la.

— Você vai buscar o restante das suas coisinhas no sétimo andar — ordeno.

— Trevor, não trabalho mais…

— Eu sou o chefe, Miranda. Eu decido e hoje estou mandando você trabalhar comigo.

— Eu, e-eu... sim, Sr. White — balbucia e tira um sorriso promíscuo dos meus lábios.

*Ah, caralho como eu quero morder essas boquinha agora.*

— Se você for beijar sua namorada pode me avisar para que eu saia antes, gigolô?

Reviro os olhos com força lembrando da presença dela e Mia ri da provocação.

— Falou a freira — rebato, me afastando da bolsista. — Eu saio então, vou ver seu coleguinha estampado. — Decido, dando um sorriso para a minha namorada quase saindo do elevador, mas me recordo das duas mulheres que estou deixando sozinhas. — Não vão se matar, vão? — brinco e as duas erguem as sobrancelhas como se eu não fosse motivo o suficiente para isso.

*Que audácia!*

— Tudo bem, então — Finjo tranquilidade, mas antes que as portas se fechem adio com a mão e volto a 1fitá-las mostrando que estou bem atento.

— Não sei qual é a preocupação — Sarah cria um biquinho nos lábios. — Já conversamos várias vezes.

— Duas vezes que eu saiba.

— Que você saiba e todas correram muito bem. — Mia defende sua relação vermelha o que me faz erguer uma sobrancelha, mas confio e saio.



Confesso, eu não poderia esconder por muito tempo que gosto do Cortez. Ainda acho que algo aconteceu a ele para ter fugido, por mais que eu não tenha contado a minha suspeita a Mia para não se assustar.

Sei que não tenho muito tempo para conversar a sós com ele sem a presença da minha namorada ou que me fizesse perguntas. Então inventei a desculpa do andar para que eu pudesse encontrá-lo antes e parecia um ótimo plano.

*Se eu conseguisse entrar na sala.*

Estou parado faz alguns minutos encostado no batente de sua sala mergulhada em verde mais claro e óbvio, que não percebeu minha chegada. O cabelo mais loiro está bem bagunçado, o que é mais anormal para ele do que eu não comer Nutella. Sua camisa estampada com flores está bem amarrotada e seus olhos esverdeados estão bem cansados, quase exaustos não tendo motivo para isso já que acaba de chegar.

*Tome coragem, Trevor.*

Bato de leve na porta e o assusto sem querer me sentindo culpado por atrapalhá-lo.

— Trevor, precisa de algo? Acabei de chegar ainda não consegui me atualiz…

— Eu gostaria de conversar com você se não for te incomodar muito — digo sem dar um único passos antes que permita e ele arruma os papéis que voaram pelo susto assentindo minha entrada.

Tomo a cadeira em sua frente e me aconchego no estofado lhe encarando firmemente até que a coragem invada meu corpo.

— Eu soube da Morgan, sinto muito. — Presta condolências à minha funcionária traidora e… que estou sentindo muito a falta.

Por mais que a raiva dela me consuma, penso que posso usá-la para chegar onde desejo com ele.

— Sabe, quando a Morgan se inscreveu para a bolsa fui eu a entrevistá-la. Eu já não aguentava mais tantas mulheres iguais passando por aquela cadeira, até que ela entrou na minha sala e começou a me fazer rir sem qualquer esforço — conto nostálgico e lhe tiro um pequeno e quase imperceptível sorriso. — Ela foi extremamente criativa e não tinha medo de dar as ideias mais loucas que um ser humano pudesse ter. No entanto, você sabe bem que ela era a única mulher negra e lésbica naquela fila e que isso seria um problema para mim.

— Ela é muito expressiva, nunca escondeu nada do que realmente é como eu ainda faço, eu a admiro demais — admite e inclino minha cabeça para esquerda surpreso com o carinho que tem com ela.

*Eu também sempre tive, apenas se perdeu.*

— Ela não era o padrão que o conselho constituído de uma geração bem mais antiga em sua maioria estava adepto a aceit…

— Você a defendeu? — me interrompe, melando um lápis verde de puro suor.

— Eu te defenderia se deixasse — respondo, apertando o braço da cadeira torcendo para que assentisse.

— O que aconteceu com ela? — pergunta, manipulando o madeira entre os dedos.

— Um membro do conselho, que já não trabalha mais aqui, a assediou fisicamente e lhe disse que só era lésbica porque um macho de verdade não a tinha fodido com força ainda. — Não jogo eufemismos em minhas falas

na tentativa de que consiga se abrir comigo independente da gravidade do que tenha acontecido.

*Acredite, Teodoro, eu já vi e senti de tudo.*

Ele se silencia, não diz uma sílaba e como conseguiria se eu joguei um balde de água fria na situação que ainda bate quente em seu peito, caso contrário não estaria mal assim. Seguro a ponta da minha cadeira e levo para o mais perto possível de sua mesa.

— Ela também demorou a me contar exatamente o que ocorreu, mas me deu certeza de que tinha algo errado e a Hillary o demitiu de imediato quando eu informei — explico e sua mão aperta com muito mais força o objeto. — Eu não preciso que me dê detalhes, o seu silêncio me diz algo, eu só preciso saber quem foi e a escala… foi o Miles?

Assim que pronuncio o nome do canalha que fez da minha vida um inferno, o lápis se quebra no meio de sua mão encharcada de suor e ele se desespera com a força que teve. Antes que possa me expulsar pelo atrevimento eu seguro sua mão não me importando com a madeira que quase perfura minha pele e o encaro. Encaro os olhos verdes destruídos e cansados de se verem como vítima. Eu também sempre me odiei ver dessa forma, eu me vejo nos seus olhos enquanto estava em Londres e jurei que não deixaria mais ninguém viver assim enquanto eu pudesse impedir.

— Eu vou resolver isso, obrigado por ceder — digo e Teodoro aperta com força meus dedos.

— Não ad-dianta processar — a voz já tímida que estou acostumado sai completamente rouca em um fio de som.

— Eu não vou processá-lo, vou destruí-lo. — Sorrio, cobrindo sua outra mão.

— Ele t-tem o conselho inteir…

— O conselho sabe dos crimes que aquele desgraçado comete, mas a esposa dele não. — Revelo meu plano e por mais que sinta sua pele queimar de desespero por lembrar da situação, um pouco de alívio ofega de sua boca. — Não se preocupe, garanto que nunca mais vai vê-lo. — Declaro e levanto da cadeira quando ele puxa meu pulso.

— Obrigado — fala o mais firme que consegue me encarando ao criar o misto de castanho e verde que exala pura confiança.

— Acredite, você fez muito mais por ela que eu ainda tenho que retribuir. — Consigo tirar um pequeno sorriso de seu rosto e saio da sala.

Antes que eu possa pensar, realizar ou sequer dar qualquer passo, uma força inimaginável me lança contra a parede ao lado da sala do Cortez e as mãos robustas quase estragam minha camisa. Fixo meus olhos e encontro a feição enfurecida e preocupada de Ramirez. Ah, eu te entendo, me vejo nos seus olhos de chefe.

— O que estava fazendo na sala dele?! — afunila no meu rosto e ergo minhas mãos em defesa encarando sua barba mal feita que poderia me tocar a qualquer momento se eu demorar a responder.

— Ei, eu só conversei com ele, vai me bater? Me deixe me preparar para ser um duelo justo então — brinco, mas seus olhos estão dopados de Raiva Súbita. — Foi alguém do conselho e vou resolver isso agora — informo e assim que revelo ele larga minha camisa me deixando respirar.

— Eu sabia que tinha sido isso, sou um otário mesmo, dei gritos absurdos para que voltasse à empresa assustando até leão de selva. — Ele esfrega o cabelo em busca de paciência e me guia até sua sala.

*Comparação interessante, porque foi exatamente o que me atacou agora, um leão.*

— Eu imagino que apenas estava preocupado, ele vai entender isso, faria o mesmo com a Morgan. — Tento lhe dar uma folga de culpa quando me empurra em uma das cadeiras amadeiradas e toma o seu trono juntando as mãos para me encarar.

*Esse cara me assustava demais quando era meu chefe.*

— O que está planejando fazer? — solta a pergunta com a voz tão robusta que me lembra o avô da Miranda. Talvez porque eu sempre encarei como figura de respeito.

— Ele tem uma esposa, eu acho que é a única forma de demiti-lo sem que haja um processo para comprovar o assédio e se a demissão vier por conta dele não devemos nenhum benefício. — Revelo e ele franze o cenho pensativo entre a sala completamente escura como um matadouro.

— Eu nem sabia que ele tinha mulher, quem aguentaria um…

— Canalha? Nem eu sei. O nome dela é Maribella é uns vinte anos mais nova que ele e cuida de todo os filhos da ex-esposa — digo e Ramirez ergue uma sobrancelha.

— Como é que você sabe disso? — me silencio com a pergunta e ele nega com a cabeça rindo um pouco. É bizarro como sai da raiva para a risada. — É por isso que o homem te odeia, você comeu a esposa dele, Trevor.

— Em minha defesa, eu não sabia que ela era mulher dele, mas tenho que admitir que saber dessa informação só aumentou meu ego. — Sorrio de canto e ele revira os olhos como se me achasse tolo.

— Ligue agora — ordena.

— Eu sou o chefe, sabia? — provoco e seus olhos me invadem com restrição.

— Uma vez Presidente é sempre Sr. Presidente.

*Tem razão.*

— Sim, Sr. Ramirez. — Assinto com a cabeça me lembrando da época de redator. Ele foi um dos únicos que aceitou e respeitou meu cargo de diretor.

Tiro o celular do bolso e encontro o número dela deixando no viva-voz sobre a mesa.

— Alô? Aaaaah, Tiago! Desça já dessa escada! — a voz atarefada e fina invade a sala. — Oi, perdão.

— Eu falo com a Maribella?

— Ela mesma — confirma com a voz ofegante.

— Bella, se lembra de mim, Trevor? — Assim que digo ela ri no telefone e imagino que tenha se lembrado da nossa pequena aventura.

— Sim, o redator.

— Sou o diretor agora.

— Não é o que o meu marido gosta de admitir, mas eu acho que merece muito. — Caramba, obrigado?

— Agradeço, será que você poderia me encontrar na sala do conselho hoje o mais rápido possível? — peço e ela fica em silêncio por alguns segundos folheando algo.

— Eu vou levar os meninos no caratê e depois posso passar aí, é perto, uns dez minutos. — Assim que se dispõe eu sorrio e Ramirez também, como se uma peça do plano já estivesse pronta.

— Isso seria perfeito.

— Não há de quê, Sr. White. — Desligo.

Subimos pelo elevador os dois em total silêncio, não porque não gostamos um do outro, mas por pensarmos a mesma coisa acredito. Antes de querer matar o canalha que encostou no Ted, não sai da cabeça a cena e como fomos tolos de não perceber. Ele ainda mais do que eu por trabalhar todos os dias ao lado do Cortez. Eu critiquei a família da Miranda por não enxergar o abuso que sofria e por mais que a situação seja completamente diferente, eu não vi e o Ramirez não viu.

*Isso chega a ser assustador.*

Nossos olhos encontram o canalha segurando um copo de café enchendo na cafeteira. Uma feição tão tranquila como se não tivesse feito o inferno de alguém e traumatizado a ponto de 1obrigá-lo a viajar por medo e fraqueza. Como você dorme a noite, Miles? Eu gostaria muito de perguntar isso na sua cara. Você tornou minha vida empresarial detestável por anos e eu nunca havia feito nada. Bella veio anos depois das grosserias que fazia comigo o que me faz ter certeza que você só é desprezível mesmo. Você arruinar a vida das pessoas apenas para sentir poder.

*Você se sente poderoso tornando os outros de inferiores, mas agora eu vou te fazer sentir muito inferior.*

Nossos passos coordenados e firmes chamam a atenção e assim que encontra nossos olhos dopados de fúria e sem qualquer limite, não há mais salvação. Agarro a gola da camisa do homem e o puxo até entrar na sala de vidro do conselho ouvindo seu xingamentos que resolvo ignorar. Empurro seu corpo de animal na cadeira fazendo-o bater contra a parede e tremer todos os itens da grande mesa. Seguro com força os braços da cadeira e o encaro profundamente, ainda tendo dificuldade de soltar palavras pelo

crime absurdo que cometeu. Ramirez permanece encostado ao meu lado sem dizer uma única sílaba, respeitando o que eu desejar fazer.

— Estão loucos os dois?! — a voz jurássica sai de sua boca seca amaciando o colarinho que deixei uma marca. — Em que mundo isso seria permitid…

— Miles, você tem duas opções. — Junto todo o ar que consigo para expressar a frase na calmaria que meu corpo permite.

— E para você o mesmo quando levar esse absurdo aos outros membros do conselho, demitir ou se demitir! — Ri alto, se divertindo com a minha raiva.

— Você tem duas opções a partir do que fez com Teodoro Cortez. — Assim que digo o nome ele estremece o organismo inteiro em uma fração de segundo. Seus olhos mostram pavor, mas ainda mantém o sorriso falso na cara.

— Eu não sei do que está falando — mente descaramente.

— Eu sei que você me acha um idiota, mas não sou, caso contrário não seria seu chefe hoje. — Quando penso que irá me interromper pela provocação, não escuto nada. Está com medo, não é? Era isso que eu queria. — Opção um, você se demite como um homem que preste ao menos um pouco faria. — A palavra *demite* cria uma risada alta que até mesmo escorre uma lágrima por sua cara velha o que me dá ainda mais nojo.

— Ou o quê, redatorzinho?

— Ou eu vou convidar a sua esposa parar tomar o mesmo café que está tomando bem aqui, nessa sala conosco. Tenho um grande assunto para contar a ela, o que acha? — Assim que cito sua mulher até mesmo o sorriso falso some, ele aperta os braços da cadeira e posso sentir as batidas do coração de pedra dele batendo mais rápido.

— Você não tem provas. — Bufa, tremendo de medo. — Na Scott Mídia não tem câmeras em salas. — Agora ele que me faz rir e afastar do ar que expira para me encostar no tampão da mesa de madeira.

— Não mesmo, mas se lembra daquele seu amigo que foi demitido por mexer com a minha redatora chefe? — Ergo uma sobrancelha perverso por estar gostando de assustá-lo. — Depois disso foram colocadas câmeras

apenas na sala do conselho e é claro que isso não foi informado a vocês. — Eu juro, poderia tirar uma foto do mijo que está escorrendo por suas calças, tenho certeza que logo vai começar a feder.

— Você não tem contato com a Mari. — Bufa negando com a cabeça.

— A Bella? Somos velhos amigos, olhe ela ali. — Aceno para a moça de cabelos longos pretos com uma lancheira infantil nas mãos. E assim que ele a encara é aí que percebe que não há mais volta, posso perceber pelo suor que escorre em seu pescoço cheio de rugas. — Se não se demitir, pode ter certeza que vou mostrar essas imagens a ela e finalmente essa mulher pedirá o divórcio e ficará com metade de tudo que você tem e nunca mereceu — aumento meu tom de voz e o transformo no mais sério possível.

— Você se acha todo poderoso por ter descoberto isso, não acha? — Para ser sincero, sim e muito. — Quando você usava fraldas o mundo empresarial já funcionava assim, isso é normal.

**Normal?**

**—** COMO É QUE É? — um berro sai de trás de mim e o homem segura a gola da camisa de Miles o jogando tão forte na parede que poderia quebrar o vidro. A esposa se levanta e o susto compartilhamos. — REPITA ESSA MERDA AGORA PRA MIM! — o grito exala o andar inteiro e faz o velho se fechar instantaneamente, tremendo as pernas. — VAMOS, NÃO É MACHO O SUFICIENTE? AH, VOCÊ FOI MUITO MACHO TOCANDO NO MEU FUNCIONÁRIO, NÃO FOI? REPETE CARALHO, ANDA! — A autoridade é tão profunda que uma adaga cortando o pescoço de Miles seria mais misericordiosa. — Trevor, a mocinha aqui está com vergonha de falar, pode me passar a folha de demissão, por favor?

*Cara, eu amo o Ramirez, sério mesmo.*

Obedeço sem conseguir tirar um sorriso da cara lhe entregando a caneta e o papel. Ele o joga de volta na cadeira e o empurra contra a mesa de madeira obrigando-o a segurar a caneta.

— Assine isso em silêncio se não quiser que eu seja preso por te arrastar por todo esse mármore e te empurrar na frente do primeiro carro que aparecer na rua — assevera e Miles obedece assinando o papel que nos deixa livres de qualquer benefício. — Agora suma daqui, seu doente de merda.

Ramirez me entrega o papel e o obriga a sair da sala para ter uma conversa constrangedora com a esposa que ouviu cada palavra.

— Está olhando o quê? — o homem me questiona e sorrio nervoso.

— Nada — afirmo e ele revira os olhos bufando como um touro. — Só acho que o Cortez vai ficar lisonjeado por defendê-lo.

— Não vai, porque não vai contar nada disso a ele… me entendeu bem?! — ergue o tom e assinto de imediato. — Ótimo, bom trabalho descobrindo, White. — elogia como na minha época de redator e sai da sala.

*Teodoro… será que você sabe que tem a sua própria Hillary?*



Os sachês de chá no carrinho da cafeteria são ótimos, acho que nunca tinha tomado, o que é um ultraje levando em conta que são os mesmos sachês durante os dez últimos anos.

Engraçado como às vezes existem coisas que você nunca reparou e outras que abandonou que não fazem mais parte da sua vida.

Eu quis provar esse chá, mas não sei se quero dar vida às coisas que abandonei.

O copinho feito de papel esquenta minha mão o suficiente para passar conforto, o cheiro também é bem agradável junto, é claro, com as notas de Chopin da caixa metálica. O dia foi bom, independentemente dos problemas que tive e foram vários, são águas passadas. Acredito que só tenho a agradecer por poder segurar um copinho de chá no fim do dia.

As portas do elevador se abrem para o meu oitavo andar, hoje eu posso dizer que é meu, e o admiro por alguns segundos. Os funcionários trabalhando a todo vapor em salas de reuniões, o cheiro de café fervente e a minha secretária que está conversando com um casal.

Ergo minha sobrancelha por não reconhecê-los como clientes e assim que a visão se concretiza, os olhos igualmente castanhos como os meus me encontram. A mulher inclina a cabeça para a esquerda apertando o olhar não reconhecendo a mim.

**Você se lembra apenas da minha versão fraca.**

É ela e está junto com *ele*.

O copinho de chá escorrega de minhas mãos e esparrama por todo o metal, meus lábios estão entreabertos buscando o ar que não entra mais, meus pés já não são capazes de obedecer a minha mente. Você vai fechar a porta, eu estou te vendo fechar a porta, não feche a porta, eu imploro. Meu peito dilacera em questão de segundos, o coração que bombeava sangue em minhas veias agora se demitiu e a respiração está atrasada. Eu a chamo e não chega, está atrasada demais. Você sabe o que ele vai fazer comigo, não esconda, não finja, não saia e acima de tudo, não feche a porta. As tossidas dominam minha garganta desesperada pelo atraso do carro Fusca que minha respiração está vindo. A sua respiração está no horário, não está? Ela veio de conversível, você não sente o mesmo que eu.

Desequilibro meu andar permitindo que as portas do elevador se fechem automaticamente. A privacidade não deixa máscaras aparentes, não é um baile no quão eu posso esconder agora. Eu tusso sem parar cobrando minha respiração que não chega, minhas mãos tremem em desespero pelo atraso, por que você não chega? Ele vai fazer de novo, você vai deixar fazer de novo? Você está de complô com a minha respiração, eu sinto isso.

**Não consigo respirar.**

Não consigo inspirar, expirar e respirar. Faça parar, faça isso parar, faça adiar. Onde está? Onde está você para me salvar? Esse não era o seu papel? Meus membros inteiros tremem como apenas o frio do Alasca poderia causar tal efeito. Eu sinto frio congelante em meus dedos ao mesmo tempo que sinto calor vulcânico subindo por minha garganta. O suor está escorrendo por minha testa, é suor demais. Eu estou suando muito mesmo. Meu corpo inteiro está dopado de suor. *Saia, você tem que sair daqui*. Eu não consigo me mexer, eu quero, estou tentando, mas não saio do lugar, pois meus pés estão presos no chão. É chumbo que me prende a Londres.

**Eu não vou voltar a essa cidade.**

Imponho toda a força que tenho para apertar o quarto andar e a luz se acende circular no número que apertei por anos. Foi minha primeira sala, após toda a tragédia. A minha fuga completa, a minha fraqueza completa, a minha incompetência completa. Você sempre me exergou assim como um fracassado. Mas eu mudei, você enxerga? A caixa de metal se abre e junto todas as forças para atravessar o andar sem escutar as chamadas. Secretárias me cumprimentam e não digo uma palavra, não por falta de respeito, mas porque não sairia nada e não estou aqui por opção. É sobrevivência contra os ponteiros de Londres. Eles contam as horas e minutos da minha prisão. Eu não deveria ter guardado, nunca foi sinônimo de força.

A porta está trancada, não há uma chave que eu possa usar, minha primeira sala. Eu preciso dela agora. Faça abrir, eu imploro, não posso mostrar minha fraqueza. Demorei anos para me reconstruir e não posso fracassar agora. Abra agora. Eu bato com força na porta feita de madeira antiga, são batidas dessincronizadas furiosas, primitivas. Elas ignoram as vozes que chamam explicando que está fechada. São muitas pessoas que me encaram, eu só quero abrir a porta, apenas isso. Eu não sou um monstro, eu juro. Apenas abra a porta. Espanco o amadeirado com inúmeros socos que fazem o trinco cair no chão com um barulho estridente. Você nunca pôde quebrar uma porta por mim, mas eu não preciso de você.

Meus passos me levam para dentro e minhas mãos batem a porta na cara de todas as pessoas que agora presenciaram a minha fraqueza. A minha primeira sala, o meu Porto Seguro trabalhava aqui comigo. Eu posso enxergar sua mesa vermelha, você me salvou de uma depressão profunda, eu apenas nunca lhe contei isso. Eu me sinto fraco por não ter sido capaz de ser o suficiente para te fazer feliz assim como eles. Eu não consegui fazê-los felizes. Não fui motivo de orgulho, nunca na cidade com o relógio sombrio.

Meus dedos puxam a gaveta da minha primeira mesa e no fundo, bem lá no fundo há ponteiros. São pequenos e grandes que dão a volta ao mundo uma tragédia atrás da outra. A culpa é sua. Seu relógio maldito.

Seu traiçoeiro de merda, a culpa foi inteiramente sua do meu fracasso, eu não queria sentir o ar daquela cidade. O ponto turístico que me obrigaram a visitar, a culpa é sua. Seguro nas mãos o pequeno relógio em formato de caixa que conta cada segundo da minha incompetência. Eu não deveria ter guardado, não é símbolo de sobrevivência como você dizia,

Sarah. Isso é uma constante lembrança do fracasso que eu sou, você não enxerga isso, mas eles sim. Por que você acha que eu sou digno de ser seu Amor Leal ou amor romântico da mulher que eu digo amar, se eu sou um fracasso?

Arremesso o relógio no chão que exala um barulho gigantesco por todo o andar silencioso. Esses ponteiros me fizeram ser insuficiente. Eu não sou o certo. Eu não ajo como os outros. Eu sou diferente demais. Isso é errado. Jogo a luminária direto no mármore que se quebra em milhares de pedaços de vidro e rouba a luz da sala. Está escuro assim como a minha vida em Londres. Me faça parar. Amasso as folhas de papel em minhas mãos e destruo a cadeira que um dia me deu conforto. Descolando o almofadado das rodinhas que me levavam para todos os lados, eu mereço mesmo ter essa liberdade?

**Não.**

Arranco o que restou da cadeira e jogo sobre as persianas que cobrem a janela criando uma rachadura no vidro que um dia pareceu irresistente. Eu nunca mereci essa sala. Eu a abandonei quando precisava de mim. A respiração, a maldita respiração não chegou, está mais atrasada do que nunca e meus membros tremem. A culpa é sua. Não é minha. Você deveria cuidar de mim.

Você é o ser humano mais detestável que já tive o desgosto de conhecer. Seus olhos me dão asco, seu rosto me dá nojo e seu caráter dispensa xingamentos, pois precisaria de horas para sequer chegar a uma definição plausível.

— TREVOR! O QUE ESTÁ FAZENDO? — um grito exala toda a sala, mas sai em um pequeno e insignificante sussurro aos meus ouvidos.

Agarro as bordas da mesa e a viro arregaçando, estraçalhando, destruindo todo e qualquer pequeno objeto que construa o que não é meu por direito.

— OLHE PRA MIM, ESTÁ ME OUVINDO? — As mãos tocam meu rosto, mas as arranco de mim para jogar os quadros que despedaçam no chão.

**Eu não mereço nada disso.**

**Eu sou um verme por ter nascido do ventre dela.**

— TREVOR, É A SARAH ESTÁ ME OUVINDO? OLHE PRA MIM, POR FAVOR! — gritos estridentes que chegam mais altos à minha mente, mas não me faz respirar ou parar de tremer.

A mulher agarra meu rosto e me joga na parede da sala com toda a força que consegue usufruir de seu corpo. Eu vejo seus olhos azuis, são tão profundos, eles me enxergaram como um sucesso quando ninguém mais via.

— Trevor, você consegue me ouvir? — ela baixa o tom quando consigo lhe encarar. Não consigo me mexer apenas ofegar, ofegar demais, ofegar muito tentando desesperadamente respirar. — Eu estou aqui com você, só eu e você. Está me vendo? Está me sentindo? Está aqui comigo?

*Você a vê? Você a sente? Você está com ela?*

— S-Sarah… — cuspo o nome em ofegadas dopadas de suor, eu estou inteiro mergulhado em suor dos mais escaldantes. — F-faz p-parar — eu imploro, despencando meu corpo inteiro em seu ombro e ela me segura com uma força inimaginável. Minhas palavras se entrecortam quando sinto uma agulha me perfurar. — Tir… tire e-ela daqui… — desabo sem mais conseguir conter a água que dispersa em meu rosto.

*A terrível chuva de fraqueza.*

*O ponteiro faz chover.*

*Não sou eu, eu juro.*

*É o ponteiro que me faz chover.*

*Ponteiro Chuvoso.*

33




# Programa Londrino

*Agora que meu amor está ligado*
*Todo o caminho para você*
*Eu não vou desligá-lo*
*Você faria o mesmo?*
*Quando tudo estiver dito e feito*
*Eu vou te ver?*
***Will I See You - Poo Bear, Anitta***

## TREVOR WHITE

Dedução. Processo de raciocínio lógico que parte de uma certeza para a interpretação de fatos. Você deduz mesmo eu te dando minha palavra de que não é verdade. A dedução é apenas um processo que se apaixonou à primeira vista e me esqueceu. Sou mais do que uma lógica, eu sou um ser humano.

**20 de maio. Dez anos atrás.**

São apenas saias coloridas de garotas que forçam animação a cada passo, pulo e sorriso. Coreografias bem ritmadas que chegam a me encantar, é a voz da minha cantora favorita entre os saltos das líderes de torcida.

Eu sempre fui o homem que amavam ou odiavam. Todos os homens me odeiam em sua maioria, mas as mulheres? Essas eu sempre me dei

muito bem, veja como não conseguem me deixar faltar a um único ensaio. Deveria estar escrevendo para o jornal que ainda permaneço auxiliando após a formatura, mas tive que ir a última apresentação depois de três líderes de torcida terem me implorado.

E teria sido apenas isso.

Parecia ser apenas isso.

Se ele não soubesse seria apenas isso.

*Como você descobriu?*

Como se houvesse algo terrível a descobrir, são apenas passos, eu apenas estava dançando com elas. O que você vê de tão terrível nisso? Por que me condena tanto se eu nunca fiz nada a você?

O porão é tão escuro que chega a desacostumar minha visão, é como entrar em um eclipse que não acaba nunca. Eu quero sentir o sol em meu rosto, mas ele parece nunca chegar. O que você está esperando? Poderia fugir, simplesmente ir embora, era uma apresentação antiga, não há mais aulas ou provas. Estou formado e não deveria ter que me submeter às loucuras que ele me faz sofrer.

As goteiras fazem um barulho que a princípio não me assustava, mas agora? São tão singelas que aparentam ser inofensivas só até meus ouvidos adotarem o silêncio. Já não são mais gotas e sim tiros no chão que me atacam a cada batida no piso amadeirado.

*Você me tranca e me esquece, mas eu não esqueço cada segundo nesse inferno.*

Me deixe sair daqui, eu prometo que nunca mais te deixarei ver qualquer passo ou nota de voz cantante, apenas me deixe sair daqui.

A porta range um barulho que exala o cômodo inteiro, paredes de madeira que constroem um ambiente de filmes assustadores com sequestradores. Você está sequestrando a minha liberdade, enxerga isso? O que eu te fiz? Apenas me diga isso e não reclamarei mais.

— Senta. — A voz é mais séria do que notícia mórbida em sala de espera hospitalar.

Eu obedeço, me sentando na única cadeira antiga no cubículo inteiro. Junto minhas mãos que suam por medo do que fará dessa vez, mesmo que

já saiba qual é a resposta. O quanto você me socará dessa vez? Quantos chutes você dará em minhas costas? O quanto você me deixará mergulhado naquela água suja do barril de vinho?

Faça o que tem que fazer, já não me afeta mais como imagina, eu te suporto como fiz todos esses anos. Suas surras dopadas de poder falso só serviram de combustível para que eu malhasse mais e então ainda mais. E esses músculos se tornaram escudos para os seus surtos de raiva e ódio da minha existência. Não adianta se enfurecer comigo, eu cheguei antes de você sequer olhar para a mulher que me deu a vida. Posso não ser o favorito, nunca serei o favorito de ninguém, mas não pode me fazer sumir como sei que desejaria. Você é apenas um padrasto de merda que nunca vai se comparar ao meu pai.

— Eu quero que admita. — O jeito como ordena me faz sentir um fracasso por não fazer a mínima ideia do que está falando. — Eu quero que me diga a verdade do que você é.

*Ah, sim… é sempre sobre esse assunto, você não cansa de ouvir minha resposta negativa?*

— Eu não sou — murmuro.

— O quê? A mocinha está falando baixinho? Fale como homem, porra! — assevera, batendo a mão aberta na estante que segura apenas uma televisão antiga movida a fitas de vídeo.

— Eu não sou — elevo meu tom o máximo que consigo e ele franze o cenho irritado por não pronunciar a palavra e a frase que deseja.

— Não cansa dessas mentiras, não é? Eu sei o que você é, todos sabem o que você é, só falta admitir. Eu vou te dar mais uma chance — repete e fecho meus olhos buscando toda a fibra que resta pela minha falta de paciência em responder esse carrasco.

— Eu não sou gay! — Minha exclamação é interrompida por um soco fortíssimo em meu rosto que me derruba da cadeira.

Meu corpo está estendido sobre a madeira fria e posso sentir o gosto do sangue vermelho na minha boca só até ele cravar as mãos em meu cabelo e me puxar de volta para a prisão que sento.

— Você me obriga a ser assim — confessa, ofegando e respirando o mesmo ar que eu de tão perto. — Me fale agora que homem de verdade dança? Que homem que preste canta? Que homem que é macho é rodeado de garotas? Onde estão os caras que você deveria andar?

— Eu não sou g…

Outro soco impacta meu olho direito com a força de um atropelamento que escorre uma lágrima junto ao líquido vermelho que derrama e mancha meu pescoço.

— VOCÊ É UMA MOCINHA QUE NÃO SE ASSUME! — ele berra sobre o meu rosto, me obrigando a sentir o bafo alcoólico dopado de cigarro. — Essa família sente nojo de você, eu tenho vontade de vomitar olhando pra essa sua cara de covarde — assevera, me fazendo inspirar o ar poluído que solta a cada arfada. — Me diga, você tem noção do fracasso que é? O quão merda vai ser essa sua vida? Vai morrer sendo um fracassado, mas talvez isso possa mudar se admitir. Se falar como homem agora.

— Eu tenho uma namorada, porra, você está tendo alucinações! — elevo o meu tom cuspindo sangue na camiseta polo verde escura dele. — Eu gosto de mulher.

— Gosta mesmo? — Franze o cenho com um sorriso maléfico que não tenho a mínima ideia do que significa.

— Eu já disse que gosto — confirmo, tremendo todos os meus membros quando segura uma fita de vídeo nas mãos machucadas que acabaram de me surrar.

*Mas está pouco demais… onde está a surra de sempre?*

— Então vai me provar — afunila, me fazendo mergulhar em pura confusão.

O homem desprezível caminha pela madeira rangente do porão e enfia a fita dentro de um aparelho que liga a luz da televisão de tubo antiga. A luminosidade que ofusca meus olhos e até chega a machucar de tão perto que me coloca a frente da tela.

— Vamos ver se gosta mesmo — sussurra para si assim que ouve o barulho do início do programa inglês.

*Programa Londrino.*

*Isso… não, não pode ser o que estou vendo.*

Eu não posso contra isso, o que está fazendo? Acredite em mim, não trabalhe com deduções, por favor, não me faça fazer isso. Meu peito se torna refém das batidas do seu sapato de couro no chão, são rápidas e sem ritmo algum, eu apenas escuto e repito. Minha respiração está atrasada, onde foi? Volte, por favor, eu preciso para provar a ele. É sexo. Uma preliminar sexual. Uma mulher de cabelos pretíssimos com óculos redondos que está se despindo na minha frente. O suor escorre por minha testa, rosto e pescoço, me encharcando de puro desespero. Me tire daqui, por favor, eu não consigo assim. Não consigo respirar. Eu vejo peitos enormes descobertos que são amassados e provocados pelas mãos de unhas cor-de-rosa enormes. Eu vejo o sorriso do homem adorando cada segundo do meu desespero e da apresentação pornográfico que me obriga a assistir.

**Eu não sinto nada.**

**—** Gostosinha demais, não? Uma puta safada mesmo. — Eu fecho meus olhos tentando me tirar daqui, tentando fingir que tudo que está acontecendo é um sonho e não estou passando por isso. — ABRA OS OLHOS, PORRA! NÃO GOSTA DE MULHER? — grita, abrindo minhas pálpebras para enxergar a calcinha lubrificada que escorrega pelas pernas de meias arrastão da atriz. — VAMOS, ELA ESTÁ DANÇANDO PRA VOCÊ!

Não consigo me mexer, não consigo respirar, não consigo nem ao menos balbuciar qualquer sílaba e isso o deixa louco. Eu não posso me defender disso… não, não, não, pare com isso, não me amarre. Minhas mãos são completamente amordaças atrás da cadeira de madeira me deixando imóvel. Por favor, eu faço o que quiser, não me amarre assim.

— Se você não vai fazer, eu faço — assevera, abrindo o zíper da minha calça e me esforço com toda a minha força para derrubar a cadeira e limitá-lo, mas não há mais como impedi-lo, estou imóvel.

O homem arranca metade da minha calça e tira o meu pau completamente desprovido de qualquer estímulo sexual. Não há excitação em lugar algum e ele se irrita com isso.

— VOCÊ ACHA QUE ISSO É GOSTAR DE MULHER? — berra, tirando o próprio pênis duro para fora da calça. — Isso é ser homem, sua mocinha de merda.

Eu estou zonzo com a visão mais turva do que efeito de anestesia cirúrgica, já não sei mais há quanto tempo estou encarando aquela atriz ser fodida. Os gemidos que penetram na minha mente sem efeito algum. Me tire aqui, me espanque, eu imploro, mas não me obrigue a isso. A porta do porão se entreabre e o canalha está tão vidrado em gozar que nem ao menos percebe.

**Ela está ali! Mãe!**

Eu sei que ele nunca deixou transparecer isso, eu vejo o susto em seus olhos, a tragédia que está presenciando, mas fixe os olhos em mim. Ele é um homem desprezível, você enxerga agora? Depois de tudo que tentei te avisar e explicar, eu nunca consegui fazer com que acreditasse que ele é horrível, mas agora você vê do que ele é capaz. Você merece mais do que ele.

**Mãe?**

Ela está me encarando com os olhos castanhos idênticos aos meus, eu sou seu filho, eu fui expelido do seu ventre e veja o que o homem que diz te amar está fazendo comigo. Eu sei que você me salvará disso, sei que você me ama, mesmo não tendo demonstrado tanto isso nos últimos anos. Eu consigo te perdoar, sou capaz disso se me tirar daqui. É a sua chance de destruir esse homem e me salvar, faça, eu imploro, faça.

Minha mãe firma as mãos na maçaneta amadeirada com força demais, ela a aperta tanto que posso ver a vermelhidão de pressão em seus dedos. O homem ao meu lado lança gemidos altos que se misturam com a pornografia, enquanto goza como um animal selvagem. Me tire daqui. Faça isso. Eu mereço que me salve.

Seus olhos se fecham para não me enxergar mais, não posso mais ver suas pupilas, nem a cor castanha e aos poucos a vejo sumir junto ao fechamento da porta.

**NÃO!**

**VOLTE AQUI!**

**NÃO ME DEIXE!**

**ME SALVE!**

— CASSANDRA! — eu berro com toda a força que consigo dispor e recebo um soco tão forte que derruba a cadeira amadeirada batendo minha cabeça no chão.



**<u>Dias atuais.</u>**

Minha visão está muito turva, não consigo enxergar nada com precisão, posso apostar que vejo o tapete vermelho da nossa primeira sala, Sarah, estou certo? Ou é apenas um borrão? Não, eu reconheceria esse tapete em qualquer lugar.

Meu cabelo está recebendo puro carinho, as mechas se movem para todos os lados e pareço estar nas nuvens. O céu que some quando começo a sentir o cheiro de suor puro em minhas roupas e sobre meu corpo inteiro que está grudando. Eu tive uma crise, não tive? Mais uma. A mesma sensação de impotência que senti quando a Hillary me abandonou, não escutava mais nada além do apito que dopava meus ouvidos.

*Eu destruí essa sala.*

A sala que ela me deu com tanto carinho e eu a destruí por ódio daquela mulher desprezível. Eu sei que não foi racional, nem mesmo certo ou vai ser fácil de entender, mas pelo menos eu arranquei o ponteiro. Aquele relógio sumiu, está quebrado em milhões de pedaços, não há mais lembranças de Londres… pare, pare de se enganar, você sabe que é falso e isso ainda assombra seus pensamentos, mas eu tentei, você enxerga isso? Me perdoe, Hills, mas sei que você conseguiria me entender agora.

Você também se escondia dos problemas ou os quebrava como eu fiz desesperada para que sumisse.

Franzo meu cenho conseguindo tirar forças do completo além para virar minha cabeça. Aperto os olhos com dificuldade e quando a visão se concretiza enxergo Miranda fazendo carinho no meu cabelo. Mergulhando os dedos que me dopam de conforto e amor. As suas mechas de limão e mel tiram o fedor alcoólico e cigarro dele que me invadem com gentileza pura.

O que está fazendo aqui?

Eu não mereço isso de você.

Eu te envergonhei na frente de todos.

Você não fugiu de mim, como?

Você não tem medo de mim?

Você não me acha fraco como eles?

***Eu não te assustei? Eu deveria ter te assustado.***

Você está aqui, não deveria, mas está. Isso não faz sentido para mim, você viu o que eu mais temia um dia que visse. Eu quero ser um príncipe para você, por que não deixa? Me deixe te dopar de contos de fadas mais um pouco ou nossa linda história da Disney já terminou?

— Oi — ela sussurra baixinho com um sorriso por me ver acordar em seus braços.

— O-oi — minha voz sai rouca e pigarreio apenas a deixando mais concentrada em acariciar minha cabeça. — Você… é real, não é? Eu sinto o seu cheirinho tão gostoso — jogo palavras que nem mais penso para soltar e a faço rir um pouco, o que me alegra profundamente.

*Você está sorrindo em me ver? Eu amo o seu sorriso, mas eu o mereço?*

— Eu sou real, Ursinho, estou aqui com você — confessa, beijando a minha testa inteira suada sem se importar. — Está dopado ainda do calmante, mas está tudo bem, já vai passar — instrui e forço meus olhos para continuar enxergando sua boca mexer.

— A S-Sarah…

— Sim, foi ela quem injetou. — Mia morde a boca passando o indicador por cada pequeno detalhe do meu rosto.

— Foi certo… e-ela sempre sabe o que fazer — ronrono com um sorriso como se estivesse bêbado de pura tequila. — Você me perdoa? — Junto minhas forças para expressar a frase.

— Pelo o quê, Ursinho? Não tem que me pedir desculpas por nada. — Nega com a cabeça beijando devagar meus lábios que sorriem ainda mais.

— Por te deixar me ver fraco — sussurro e ela franze o cenho como se eu a tivesse ofendido.

— Eu não vi um homem fraco, eu vi um homem humano que precisava de carinho e aqui estou eu. Você cuidou de mim em vários momentos que eu precisei, foi um príncipe comigo e só estou retribuindo — ela declara, beijando minha boca com tanta leveza que me sinto mergulhando em águas apaziguadas. Ondas tão calmas que me confortam e diminuem a pressão que sentia.

**Eu ainda sou seu príncipe?**

— Miranda.

— Hum.

— Eu não quero seu desespero, eu não mereço isso. — Por mais dopadas que minhas palavras estejam, eu sei que o que digo é genuíno e sóbrio.

— Ah, meu amor, você merece tudo de mim, eu garanto que vai ficar tudo bem. — Sorri mais uma vez, escorrendo uma lágrima por sua bochecha.

— Tudo está bem até que se prove o contrário com a sentença final.

— Eu acho que o meu Ursinho está começando a delirar em versos de poema — Mia brinca me dando a honra de mais um selinho. — Eu vou cuidar de você, está bem? Não se preocupe com nada, apenas em melhorar. A Sarah passou horas aqui com você, mas faz um tempo que foi para a sua casa preparar uma ceia natalina com tudo que você gosta.

— Não, nã… e-eu te prometi que não deixaria.

— Ei, eu estava com muito ciúme. — Ela ri, negando com a cabeça. — Eu sei que você me ama do jeitinho que eu sou e se ela quiser ajudar você a ficar bem, então é muito bem-vinda.

— Você me surpreende mais a cada dia — confesso, acariciando as costas de suas mãos que massageiam minha barba.

Eu sou amado por ela, estou sentindo me retribuir amor, mas isso é tão errado, por que você ainda me ama?



O cobertor enrola meu corpo como um casulo recheado de pelinhos que trazem a falsa sensação de conforto. Porque não sinto conforto. Esse sentimento é inexistente por mais que minha casa se esforce. O cheiro é de panquecas, um cheirinho doce que invade meu nariz o fervendo de vontade, o dia está chuvoso mais uma vez e deixa as luzes sóbrias naturais. Eu viro minha cabeça para todos os lados em câmera lenta buscando entendimento.

Estão tentando me confortar, mas eu não me sinto assim, comida, luz e falta de frio não são suficientes. Eu tusso alto quando minha garganta enrosca extremamente seca e como um passe de mágica, Mia aparece enrolada em um avental de cozinha. Eu poderia me preocupar com minhas panelas, mas nem minhas edições *gourmet* estão sendo capazes de me confortar agora. Eu nunca senti conforto em Londres.

— Bom dia, Português. — Ela sorri singela ao me ver e senta na beirada do meu lado no colchão. — Está um pouquinho melhor? — questiona, mas estou muito confuso ainda.

Ela não deveria estar aqui, mas está… com minha receita favorita. Eu me lembro de fazer panquecas para você, me senti confortável naquele dia.

— Eu fiz panquecas, liguei pra Sarah e ela me instruiu tudo bem direitinho — informa e a decepciono, pois não toco na comida mais uma vez. — Trevor, você mal tocou na comida ontem, por favor, coma só um pouquinho. Faça isso por mim, não quero te ver passando mal. Eu trouxe esse pacotinho também. — Antes que eu possa fugir de alimento mais uma vez, meu corpo se nega inteiro por ver uma Nutella b-ready[18]. Eu não poderia recusar isso.

Seguro o pacote, mas meus dedos estão fracos, na verdade minha cabeça também está, todos os meus membros e o organismo inteiro está debilitado. Miranda ameaça me ajudar e eu afasto o pacote de suas mãos imediatamente.

*Eu consigo abrir um pacote, sou capaz disso.*

— Por que está aqui? — Bufo e ela se aproxima um pouco mais.

— Eu quero te deixar confortável, as panquecas fizeram parte do nosso primeiro almoço, se lembra? Você disse que se sentia confortável. — Em cada palavra posso ver através de sua mente que apenas quer me fazer um pouco feliz.

— Foi um dia bom.

— Se sentiu confortável?

Sim, foi nesse almoço que me apaixonei por ela, estava no meu restaurante favorito com a minha garota favorita.

— Eu sinto conforto… estou sentindo conforto — confesso para mim mesmo estranhando minha reação.

Ela não fugiu, está aqui comigo contra toda a lógica que já criei em minha mente. Está me mergulhando nos meus gostos favoritos, se esforçando para me apoiar. Você está me apoiando? Eu não te pedi isso.

*Mas você me pediu para que eu me abrisse contigo e eu falhei.*

Porque eu não estava sentindo esse apoio sem lógica alguma, eu ainda não entendo o porquê não fugiu e como… e como está me fazendo me sentir confortável. É alguma bruxaria? Eu quero falar com você, o fato de não ter fugido me assusta e muito, mas assusta menos do que estar sozinho.

*Talvez seja a hora de não fugir dela também.*

— Eu não gosto de aeroportos — confesso enquanto ela mela com creme todas as panquecas.

— Eu sei disso, mas por quê? — Ergue uma sobrancelha.

*Por que, Trevor?*

*Você consegue contar a ela?*

*Estou me esforçando, você enxerga?*

— Eu estava indo embora — murmuro e ela se aproxima um pouco mais relando seu quadril na minha cintura.

— De onde?

— Londres — A cidade me faz estremecer o corpo inteiro de imediato. É algo tão forte que não me deixa seguir em frente, mas até quando?

Até quando vai deixar que isso te domine? Te controle? Te faça sofrer? Os dez anos que fingi esquecer não foram suficientes, porque eu nunca tive a coragem de enfrentar a situação de frente.

**Chega disso.**

Eu quero finalmente me libertar disso, pare de me atrasar com esse relógio maldito, já não basta o quão traiçoeiro foi comigo.

— Eu estava indo para Portugal, mas a minha irmã me encontrou — eu conto como se pudesse segurar suas mãozinhas pintadas de azul. Não deixe que isso te pare, Trevor, não está acontecendo mais uma vez.

Você está confortável.

Você está no Mercato Páteo.

Você está com ela.

— Ela chorou por não querer que eu fosse embora, mas eu a abandonei, deixei ela sozinha com ele. — Arrepio meus membros e por mais que eu me esforce a tremedeira não me esquece.

— Ele quem?

Me silencio completamente.

Eu não queria te deixar sozinha, eu juro que não, mas não poderia aguentar mais e não seria justo cobrar de uma criança que entendesse. Ele era desprezível comigo, mas para você era um pai amoroso, ele realmente te ama, Nicolle, mas nunca me mostrou esse amor.

— Coma um pouquinho — Mia pede e tento deslizar os dedos no pacote, mas não há abertura. Ela se aproxima mais uma vez e agora não vou ficar quieto.

— Eu consigo sozinho — insisto em mostrar força e ela inclina a cabeça para a esquerda como se houvesse um jeito mais fácil de resolver.

— Mas não precisa fazer sozinho — sugere com uma voz gentil e cobre minhas mãos com as suas mostrando carinho e mais de seu apoio.

Eu encaro o pacote por alguns segundos como se pudesse ver todo o meu passado em uma fração de segundo e voltar ao presente. Eu sou fraco por querer agir assim com ela? É apenas uma ajuda, não significa que eu não consiga.

Estendo devagar o pacote como se fosse um felino analisando uma pessoa desconhecida. Estou testando um terreno proibido, você me acha louco por não querer que me veja fraco?

*Você não parece me enxergar com alguma fraqueza.*

— Ele era meu padrasto. — Lhe dou a única confiança que resta dentro do meu organismo junto a embalagem.

*Eu já estou quebrado demais, você poderia me ajudar como abrir um pacote?*

Miranda parece ler meus pensamentos quando abre revelando o cheirinho de avelã enquanto me entrega. *É assim que é confiar?* Ela me trouxe mais conforto agora, eu gosto da confiança que a Nutella mergulha em meu corpo.

— E o seu pai? — questiona, fazendo círculos em meu peitoral a procura de mais carinho.

— Minha mãe se divorciou quando eu ainda era bem pequeno, mas ele me levava em alguns lugares legais.

*Ele me apresentou a Pensão de Sinos.*

— E o seu padrasto levava?

Ele não se importava comigo. Eu não sou seu filho legítimo, é por isso que me odiava tanto? Eu não tinha culpa disso, eu era apenas uma criança que precisava de um pai e você me culpou. Eu não era o suficiente para você? Eu não era o filho que desejava? Por que você me vê como fracassado?

**O que eu fiz para você?**

**O que eu fiz para você?**

**O que eu fiz para você?**

Faça parar, a minha respiração está atrasada, ele não me levava, por que todos levavam e eu ele não levava? O ponteiro não passa no relógio, onde está minha respiração? O relógio de Londres roubou.

*Mas não vai me roubar dela.*

Seja forte, mesmo que isso te machuque, ela já fez o mesmo por você uma vez. Ela já fez sacrifícios por você. Você sabe o quão isso é importante para ela, você diz que a ama? Ama mesmo? Então mostre, mesmo que seja vítima do *Ponteiro Chuvoso,* se ela te amar de verdade vai entender.

— Ele não levava — cuspo a frase perdendo totalmente o controle, não respiro mais e isso dói demais, está doendo muito.

Por que você me faz sentir tanta dor? Eu não fiz nada para que me odiasse tanto assim… para que me fizesse fraco perto dela.

Miranda envolve meu corpo e deita minha cabeça em seu peito acariciando meu cabelo. Ela não está fugindo, está aqui, você enxerga? Ela não está fugindo da chuva que cai sobre meu rosto dopado de puro medo daquele canalha. Ela não sente medo, então por que eu estou sentindo?

— Não pare, por favor, Ursinho. Eu estou aqui com você, não estou com medo, não pare agora — ela fala baixinho em meu ouvido, limpando minhas bochechas aguadas de derrota e eu ergo minha cabeça lhe encarando.

Seus olhos de mel são puramente gentis e com as intenções mais genuínas do mundo inteiro, embora mostrem preocupação. Ela se preocupa comigo, está vendo? Isso não é medo, ela não vai fugir, isso é amor.

— Eu cantava, dançava e tinha muitas… muitas amigas — digo puxando o ar enquanto me aconchego no seu colo recheado de segurança.

— Ele não gostava?

— Não gostava. — Eu nego com a cabeça e ela franze o cenho entreabrindo os lábios.

— Ele te machucava? — a pergunta sai rouca de sua boca e o meu silêncio a destrói.

Ela sabe a resposta, está estampado em meu rosto e isso a machuca como se as surras tivessem as costas dela como alvo. Miranda cobre o rosto com a outra mão que não me acaricia e deixa com que uma lágrima caia sobre minha testa, sobre minha camiseta, sobre meu pescoço. Ela está se odiando por isso, eu sinto que estava se esforçando demais para não chorar, mas não poderia aguentar saber que alguém me machucou.

*Eu te entendo, Princesa.*

A minha linda princesinha da Disney por quem me apaixonei instantaneamente, eu a vejo com um pouco do cabelo cheiroso grudado em sua testa pelo choro. E os olhos de mel vibrantes se fixam no teto à procura de resistência.

— Você também não está sozinha, eu estou aqui contigo. Somos um casal, lembra? — digo, acariciando seu pescoço com carinho e ela limpa o rosto imediatamente respirando fundo. — Não chore, por favor, eu me acostumei.

— Você… s-sabe que eu também me acostumei — choraminga pela última vez voltando a me honrar com seus olhos fixos e mais fortes. — Eu entendo.

— Você entende — repito, sentindo sua pele em contato com a minha. Você me deixa confortável, Miranda. Eu estou aqui com você e você comigo. — Mas depois daquilo não deu mais — sussurro rouco pelas palavras que ainda fazem parte da minha mente que sente medo. Aquela que não quer se abrir, mesmo sabendo que nos machuca. Minha mente traumatizada está machucando a mim aos poucos e não posso deixar que continue.

— Aquilo o quê?

Ela está te perguntando, fez uma pergunta séria e quer uma resposta sincera sua. Você é capaz de ceder isso a ela mesmo que te faça sentir dor? Ela vale esse esforço? Desde o dia em que apertei sua mão que arrepiou meu corpo inteiro valeu.

— Ele achava que eu era gay — confesso, a fazendo erguer uma sobrancelha completamente confusa, mas em uma fração de segundo liga os pontinhos das minhas atividades favoritas e faz uma feição de nojo.

*Eu sinto nojo dele também e logo você o abominará.*

— E você disse que não? — Consigo sentir sua Raiva Súbita só com a entonação da pergunta.

Você entende agora como ele é louco? Esse foi o motivo para tanto sofrimento desnecessário, isso não é frustrante? Eu sinto isso com meu corpo todo e se eu não dançasse naquele dia? Estaria em Londres ainda? Eu não conheceria você, nem a Sarah e muito menos a Hillary. Eu não poderia viver assim.

**Mostre a ela o quão louco ele é.**

— Disse mas ele deduziu, não acreditava em mim, ele… ele queria ver. — Por mais que a última frase demore a sair eu digo, tomando o turbilhão de sensações de angústia e medo para mim mais uma vez.

— Mas como ele poderia ver… como? O que… — ela respira fundo mais uma vez odiando a lágrima que escorre por sua bochecha por saber que a resposta não poderia ser boa de nenhuma forma. — O que ele fez com você? — seu rosto inchado que implora para que seja tudo mentira me faz tremer os membros sem qualquer aviso. Ansiedade traiçoeira, hoje você não vai vencer, sou eu que estou no comando. — Eu estou aqui, me fale, pode me falar, não importa o que disser eu vou estar aqui, não vou fugir, eu prometo. — Miranda descarrega em mim me dando mais certeza do sacrifício que estou fazendo por ela.

— Eu não me masturbo com pornografia, eu não vejo isso — admito como se um vulto trouxesse a luz que machucava meus olhos me obrigando a enxergar a atriz de cabelos pretos. Eu não me excito assim, nunca mais desde àquele dia, eu nunca mais quis ver nada que fizesse relação a isso.

— Por que não? Isso é comum. — Ergue uma sobrancelha confusa.

Todos os homens fazem isso, dizia ele, mas eu nunca fui um homem comum, não é? Eu tive que ser sua cobaia de merda que fodeu meu psicológico.

Eu sinto a raiva percorrer minhas veias como nunca havia sentido antes, ele é louco, não você.

*Você não é um fracasso, Trevor.*

— Porque ele me fez ver — eu revelo e encontro a boca entreaberta da minha namorada mais uma vez horrorizada. — Ele me fez ver, mas eu não

consegui ficar excitado, eu não consegui. — E como conseguiria? A culpa nunca foi minha por não lhe dar orgulho, a culpa foi da sua pressão absurda que jogou com tudo em cima de mim. — Então ele fez, ele queria me mostrar como ser um homem e ela apareceu, ela viu, ela estava ali…

— Ela quem? — Miranda questiona, limpando o rosto pela enésima vez e segura com força meus dedos em busca de transferir o mínimo de conforto para mim.

*Não se preocupe, eu estou sentindo seu conforto em cada célula do meu corpo.*

— Minha mãe. — A palavra materna não faz sentido em meus lábios, eu nunca tive uma que se importava e pudesse representar a honra dessa junção de sílabas.

— Ela viu?

*Sim, Miranda.*

Aquela mulher desprezível escolheu o homem doente ao invés do próprio filho e isso doeu mais do que qualquer trauma que o louco pudesse causar. É saber que eu não pude ser o suficiente para que me escolhesse. Eu poderia ter aguentado mais surras, até mesmo o *Programa Londrino,* mas não sem o apoio dela. Você o teve algum dia? Algum dia ela realmente te amou? Ou ela só servia para fechar a *porra* da porta?

— Ela fechou a porta, ela fechou a porta, ela fechou a porta e me deixou sozinho com ele, eu estava completamente sozinho, estava sozinho com ele…

— Você não está sozinho! — Miranda me abraça com toda a força que seus braços podem liberar. Poderia até mesmo explodir meu peito de tão furiosa que me aperta. Ela se esforçou demais, esteve aqui por mim, não fugiu e eu posso fazer por você. — Você não está sozinho.

Chega de esconder meus sentimentos da mulher que eu amo, ela merece me ter por completo e se até agora não conseguimos confiar um no outro é por esse motivo. Por eu ter medo de que ela veja meu pior lado; por que achei que não poderia me amar sendo uma fera e não o príncipe vestido de azul royal?

Você me ama inteiro.

Você ama todas as minhas versões.

Você me ama assim como eu te amo.

E isso não me machuca, eu não sinto mais dor alguma.

Não, eu não sei como pude achar que você seria capaz de me abandonar, Princesa. Eu te amo tanto, incondicionalmente, que me faz ficar inseguro, a sensação que mais odeio sentir em meu corpo. Eu tenho tanto medo de te perder que faço loucuras, mas eu não preciso me desesperar e fazê-las. Porque você está aqui por mim.

— Não está doendo. — Eu ofego com um sorriso enorme por não sentir mais nenhum tremor, falta de ar ou sombra de *achismo* de fracasso.

— Hum? — Mia larga um pouco meu corpo e me encara sem conseguir não copiar meu sorriso enquanto a água jorra em seu rosto.

— Eu não sinto dor — afirmo mais uma vez, tirando todo o peso que um dia senti.

O que senti durante esses dez anos que guardei à sete chaves, o que me aterrorizava e vinha me dilacerando aos poucos. Não há mais dor, tudo sumiu assim que enfrentei meu medo.

*Você me faz um homem mais forte, Miranda.*

— É pura calmaria — sussurra com um pequeno sorriso.

— Como assim? — Ergo uma sobrancelha.

— Eu me senti assim quando me ajudou a contar ao meu avô — admite, me explicando o sentimento, a nova emoção que meu organismo está conhecendo.

— Pura calmaria — repito para mim mesmo.

— Pura calmaria — afirma mais uma vez e por mais que o choro ainda inche as bochechas macias dela, seus lábios tremem com uma risada que não contém.

— O que foi?

— É por isso que você ama lugares públicos e não se contém nas reuniões. Você nunca dispensou prazer sozinho, então quer tê-lo em todos

os lugares com alguém real — diz e a hipótese me faz refletir como nunca havia feito arregalando os olhos.

*Caramba… isso faz total sentido.*

— É… eu acho que sim — concordo, acompanhando um pouco do seu riso.

— Desculpe, foi para descontrair — pede meu perdão como se tivesse cometido um crime enquanto olha para baixo mordendo o lábio. Você está tentando me animar e colocar leveza nesse trauma que me abominava tanto.

Eu entendo, você é assim… e confesso que agora acho que somos um só, porque eu também não vejo mais motivo para sofrimento se você estiver comigo.

— Você está tão linda — eu elogio sem nem pensar, envolvendo seu pescoço quente nos dedos admirando a bela mulher que aceitou ser minha. Ela não é apenas linda, também se importa comigo a ponto de cometer loucuras.

Minha frase a faz rir, exalando o cômodo inteiro afastando o silêncio mórbido que nos atacava. Eu sempre amei ouvir sua risada.

— Hum, eu estava com saudade do meu Trevor — resmunga, acariciando a minha barba.

**Eu sou seu.**

**—** Eu acho que voltei… ah, Miranda, você não tem ideia do quanto eu te amo — declaro impondo meus lábios aos seus, buscando mais do seu carinho que deixou meu corpo nulo de sofrimento.

*É a sensação de alívio e melhora na pressão após descarregar tudo.*

Eu demorei anos para conseguir aceitar que não era um fracassado e que nada do que fiz na vida foi um fracasso.

*Você me salvou de tudo isso, Hillary.*

*Você me salvou de tudo isso, Sarah.*

Eu devo a minha vida a vocês duas por terem investido em mim quando ninguém mais acreditava que eu poderia ser mais do que um inútil.

*E agora, acho que também devo a você, Miranda, por ter acreditado em mim quando eu não conseguia.*

Eu sinto pena daqueles dois, sinto asco e nojo do que fizeram comigo por anos e principalmente o tempo terrível de Londres. Mas chega de me invalidar por suas ações, a culpa não foi minha e eu sobrevivi a todo o horror que me fizeram passar.

Eu sou um homem adulto bem sucedido com um cargo de respeito, trabalho com o que amo, tenho amor em minha vida e o sucesso que jamais imaginariam que eu pudesse ter.

É incrível como as tempestades que passamos na vida nos fortalecem se não desistirmos. O fim não está próximo só porque está escuro, a noite é um breu que dura pouco comparado a luz do dia. Não desistir foi a melhor decisão que já tomei.

34




# Cafeteria Financeira

*E não é justo*
*Eu continuo escrevendo*
*Uma sequência de histórias*
*Que eu sei que não estão lá*
*Eu não quero morrer*
*Mas eu não quero viver assim*
***Feel Something - Bea Miller***

## TREVOR WHITE

Anestesia. Ausência temporária da sensibilidade durante um procedimento. Por mais contraditório que pareça, acredito que a anestesia cause foco. Borra toda a sua dor te deixando imóvel para focar no sentimento.

O centro cirúrgico insiste em dizer em alto e bom tom que a anestesia destrói a dor do paciente, mas estão errados ou pelo menos não completamente certos.

Borra a dor física, mas borra a dor emocional?

Os vidros e farpas da madeira que destruí em minha primeira sala ficaram mascarados. Eu não sentia a dor que me causavam por estar dopado, mas as minhas emoções não tiram folga.

Eu penso e quando penso me confundo e quando acho que estou seguindo o caminho certo, volto ao mesmo lado do labirinto.

A verdade.

A pura verdade.

A verdade que não quero admitir.

**É que não sei o que sentir.**

Um dos maiores sucessos de Bea Miller é a música intitulada *Feel Something,* entrevistaram a cantora com o intuito de entender tamanha originalidade de sons e da própria letra. Então ela os respondeu dizendo que havia chegado no estúdio para gravação e não sabia o que fazer. Ela não conseguia pensar em nada e enquanto isso a estava frustrando. Um membro de sua equipe lhe disse:

*Por que você não escreve sobre isso? Sobre não estar sentindo nada?*

E assim nasceu uma música melancólica, aprisionada em um cativeiro sem emoção alguma. Ela estava assustada por não saber como prosseguir, quando o caminho estava em sua frente.

*Você fez isso por mim, Miranda.*

Você foi o membro da equipe da Bea Miller que abriu meus olhos para literalmente o "nada" que era a minha resposta, porque *nada* é alguma coisa.

Você teve a coragem de conversar com àqueles humanos desprezíveis no meu lugar e marcou esse café. Uma cafeteria que nunca fui na verdade, o que chega a me assustar, mas sei que se fosse em um lugar confortável, essa situação estragaria.

Seus olhos de mel estão me encarando a cada cinco minutos como se eu pudesse me atirar na frente dos carros, mas só estou admirando o jardim. O belo jardim em frente a minha casa mergulhado em grama verde escura e apenas uma única flor.

*A Orquídea Branca.*

O cheiro que me lembra a minha mentora e por alguns segundos se eu fechar bem os olhos posso senti-la aqui em formato de flor. Eu iria até você e sei que resolveria tudo.

*Mas se você resolver tudo como eu vou poder crescer?*

Você quer me proteger, mas está me privando de evoluir porque não quer que eu sofra.

Então eu estou aqui admirando essa linda e magnífica flor não buscando ser a vítima que você protege, mas sim a sua força para resolução. Eu sei que você iria até aquela cafeteria e enfrentaria mesmo sentindo medo.

Você nunca me deixou perceber que sentia medo… até que eu tive a certeza de que sentia com aquela carta recheada de carinho no Castelo Branco.

Meus dedos estão formigando ou coçando? Uma sensação estranha que ainda não tenho certeza ao certo do que seja por estar anestesiado pela orquídea azeviche. Balanço um pouco minha mão sem querer cortar o contato visual com a mãe natureza, mas não para. Inclino minha cabeça para direita e me surpreendo, franzindo o cenho, ao encontrar um cachorrinho lambendo meus dedos.

*Não é apenas um cachorrinho, é um beagle.*

O mesmo beagle que encontramos no nosso primeiro encontro no Belcanto.

— Caramba, amiguinho, como está sujo — falo mais manso acariciando suas orelhas caídas.

O cachorro é uma mistura de três cores, preto, marrom e… bom, era para ser branco se ele não tivesse se sujado inteiro. Até parece mais um porco que pulou em uma poça de lama.

— Como você achou essa casa? — questiono quando rola o corpo estendendo a barriga para que eu acaricie.

— Ursinho, temos que ir, você está pront… ai, meu Deus! — Miranda agacha na grama sem se importar com o vestido limpinho de mangas bufantes pretas. — É o mesmo beagle? — Sorri quase o enforcando de tanto apertar com carinho.

*Ela ama cachorros.*

— Eu acho que sim — digo, levantando do chão de pedras. — Vamos sim, estou pronto.

— Humm… eu estou vendo que está. — Se ergue nos saltos abandonando o canino para puxar minha camisa e meu queixo para um beijo leve. — Está querendo chamar a atenção da sua ex indo tão bonitão assim? — Ri mordendo minha boca. — Eu sou muito ciumenta, Sr. White.

— E eu sempre te disse que quando sentir ciúme era para se lembrar de quem eu escolhi estar agora. — Agarro sua cintura e retribuo o beijo.

Por mais que até chegue a doer em meu peito deixar o cachorrinho na rua, sei que temos que sair agora. Miranda vai dirigindo, o que é completamente estranho para mim, eu sempre gostei de dar um *show* no volante enquanto apalpava suas coxas e agora sou apenas o passageiro.

Pelo menos posso escolher a música… você me salvou hoje, Bea Miller, estão essa vai ser por você.

*Feel Something.*

A sua voz é tão egocêntrica e maluca que chega a ser bizarro sentir conforto com suas ideias dopadas de loucura. Seus versos são melancólicos ao mesmo tempo que o ritmo é animador e transfere poder.

Eu estou precisando desse poder, acabei me perdendo de mim mesmo e isso não está me agradando nem um pouco.

*Vamos reunir os fatos.*

Estou indo encontrar Cassandra White com intuito de entender o grande motivo que a fez sair de Londres para Lisboa em questão de dias. O objeto da ação eu sempre sei, é a Nicolle, que na verdade estou ansioso para ver depois de tantos anos. Por mais que conversássemos em datas especiais não chego a abraçá-la com força desde o aeroporto.

Eu vou enfrentá-la, quando a caixinha intitulada medo em meu organismo grita para que eu apenas ligue. Você precisa mesmo encontrá-la e se ela levar o canalha?

*Trevor, o problema que realmente te fez abandonar Londres nunca foi ele e sim ela.*

Você me abandonou, Cassandra.

Mesmo que diga que não por ainda estarmos na mesma casa após dias daquele episódio, você chamava assim, episódio. Você pode ter cozinhado

meu almoço e me perguntado se já estava acabando o banho no mesmo dia, mas não estava ali.

Na verdade, já não estava ali há anos, eu só não queria admitir porque era apegado demais a você. Precisou cometer um ato extremo para acabar com todo o amor falso que eu sentia pela sua pessoa que chamava de mãe.

O abandono não é apenas o que eu fiz, fugindo da cidade que me obrigou a morar sabendo que Portugal sempre foi a minha paixão. O abandono também pode ser diário e presente, por mais contraditório que pareça.

Você me abandonou quando deixou de me dar o primeiro bom dia, quando faltou a minha colação de grau, quando fez festas enormes para a Nicolle e nenhuma para mim. A culpa é sua de eu não ter aprendido a encher um balão de aniversário até os vinte e oito anos. A culpa é sua pelas pessoas mais importantes da minha vida terem que lidar com a minha constante síndrome de abandono. A culpa é sua por eu ter ido embora e a sua filha não merecia isso.

Me enoja ter que chamá-la de irmã por saber o que significa. Ela ser minha irmã significa que temos a mesma mãe e eu não sou mais seu filho.

E ainda, como se não bastasse todos os traumas que cometeu que foderam minha mente por anos…

VOCÊ TRATA MINHA EX-NAMORADA COMO FILHA!

Você enxerga o quão isso é problemático? Eu não ser o suficiente, mas ser capaz de escolher e trazer para a sua casa uma nova filha.

Eu não acreditei quando a Mia me contou que ela viajou junto com eles.

*Uma linda viagem de **família**.*

Vocês não sabem o que é o conceito de família, nem em um milhão de anos um casal desprezível poderia ser chamado desse nome tão sagrado.

Eu entendo que não fui o namorado do ano abandonando a garota em Londres sem nem mesmo uma carta, mas *porra*. Ela sabia que eles me maltratavam, podia não saber a parte mais sombria, mas sabia que me machucavam.

*Ainda bem que eu te abandonei, porque de fato eu vejo agora que nunca me amou.*

Pensar sobre tudo isso parece até errado ou estranho, não? Pensar nesses desgraçados não foi uma tarefa que ocupou minha vida após o afastamento da cidade do relógio.

Mas… é um suspiro de ar fresco, me sinto mais leve por poder pensar o quão desprezíveis são.

— Eu pensei em algumas opções para começarmos a conversa, caso queira ouvir — Mia sugere, estacionando em frente ao estabelecimento.

— Eu gostaria muito… eu não consigo pensar em nada. — A pausa em minha fala foi resquício do nosso relacionamento Pré Tempestade de Vidro em que eu apenas falava, mas não abria meus sentimentos.

*Estou me esforçando para mudar, espero que veja.*

Sou bem sincero de fato, eu vim até aqui, me arrumei, acordei no horário e estou pronto para entrar, mas sem conseguir pensar em nada para dizer. Porque, ora, como se inicia uma conversa com alguém que deveria ver todos os dias e não vê há dez anos?

— Eu imaginei que estivesse confuso, mas não se preocupe, vou estar do seu lado o tempo todo e pode ter certeza que vou te defender. — Ergo uma sobrancelha surpreso por seu empenho e um pequeno sorriso preenche meus lábios pela importância que tenho para ela. — O que foi?

— Só estou feliz de estar me acompanhando — admito e ela tira a chave da fonte para puxar meu queixo pertíssimo de seu rosto para um selinho.

— Eu também estou feliz de ter confiado em mim — confessa e eu envolvo com carinho seu pescoço. — Antes de tudo eu gostaria que soubesse que eu apoio qualquer decisão sua e eu gostaria de saber se está cogitando conversar a sós com a Cassandra.

Eu não estou pensando em nada, Mia, gostaria de ter a resposta para a sua pergunta, mas não há. Pelo meu eu, ainda estaria jogado naquela sala mergulhado em suor.

— Não pensou, entendi… eu…

— Por que não me conta o que faria no meu lugar e partimos daí? — Nesse momento existe apenas você para mim. — Se fosse o seu pai… sei que a comparação é muito bruta.

— Eu tentaria entender o lado dele, mas acho que ele nunca me pediria nada diferente da sua mãe.

— Não diga isso — restrinjo e ela tampa os lábios com as sobrancelhas preocupadas.

— Perdão, a Cassandra, quer pedir algo, vejamos o que é antes de você gastar seu tempo? — sugere, assim que assinto saímos do carro juntos e permanecemos juntos em frente à porta de vidro com um sininho da cafeteria. Miranda aperta minha mão com força quando me faltam passos, mostrando mais do seu apoio. — Você é mais forte do que imagina — sussurra em meu ouvido.

É um local bem simples, um balcão longo cheio de cafeterias e equipamentos a todo vapor com baquetas verdes. Várias mesas com bancos almofadados e o som dos talheres batendo, por mais estranho que pareça, acalma meus nervos. Ultimamente o silêncio constrangedor que tem me destruído.

*Pelo menos eu não ouvi nada enquanto destruía aquela sala.*

Ao fim do corredor longo, a última mesa é tomada apenas pela mulher que hoje tem ocupado meus pensamentos. Não é a minha namorada mergulhando prazer e carinho ou o meu amor leal que fascina. É o meu passado sombrio que agora me encara nos olhos e se antes eu não sentia nada e não sabia nada que poderia fazer, nesse exato momento, o nada se multiplicou em milhares de vezes.

Ela usa um cardigan cinza escuro e uma blusa de um rosa mais claro que poderia até significar maternidade se eu não a conhecesse. Seus cabelos são castanhos idênticos aos meus e enrolados com cachos que chegam a enrolar meu cérebro. A mulher nem ao menos mexe os lábios para cumprimentar, apenas encara, assim como eu, mas não tenho obrigação de estar aqui e muito menos de iniciar tudo isso.

Miranda aperta minha mão com força e já não sei se é por apoio ou se está tentando me dar um toque de que já faz muito tempo que estamos nos

encarando. Poderiam ser minutos ou horas, como eu disse, estou anestesiado e não sinto nada.

*Mas eu não te fiz me acompanhar para me ver fracassar.*

— Bom dia — digo com um leve movimento de cabeça e deixo Mia sentar primeiro como sempre até que eu me aconchegue ao seu lado e em frente a mulher. Não há resposta, apenas olhar fixo, não está me ajudando. — Essa é minha namorada, Miranda — apresento.

— Desculpe, achei que fosse vir sozinho. — A voz rouca de som mais grave, mesmo que feminino, invade meus ouvidos criando arrepios em meu corpo inteiro. Estou ouvindo a voz dela mais uma vez.

— Achou errado. — Mia sorri, entrelaçando seus dedos nos meus por debaixo da mesa e lhe retribuo com um olhar de agradecimento.

Estamos tendo uma conversa telepática como as de How I Met Your Mother.

*Eu sei que ela não parece estar interessada em conversar, embora ela tenha começado tudo isso.*

*"Você fala agora e inicia o assunto."*

É como se eu ouvisse sua voz doce acariciando meus ouvidos do impacto londrino.

— Cassandra, você ligou para a minha casa dizendo que tinha algo urgente a respeito da Nicolle, a Miranda que atendeu o telefone. Será que poderia nos adiantar o assunto? — falo pacientemente.

*Meu Deus, eu acho que nunca fui tão falso em toda a minha vida.*

Eu queria xingá-la de todos os palavrões de todas as línguas, mas aqui estou eu sendo o adulto educado, como se ela merecesse alguma educação.

— Uma secretária disse que você é diretor daquela empresa, é verdade? — questiona com um meio sorriso que aparenta ser orgulho e não posso estar acreditando no que minhas orelhas estão escutando.

*O que caralho ela está fazendo?*

— Trevor é diretor criativo já faz quatro anos e já recebeu muitos prêmios, eu mesma me mudei do Brasil pelo currículo espetacular dele. — As palavras saem como demonstração pura de carinho e eu até esbugalho

meus olhos, o mais discreto possível, lisonjeado por cada palavra que sai dos seus lábios de mel.

*Você está enxergando que não estou conseguindo fazer muita coisa, não é? E está me ajudando.*

— Eu fiquei encantada com a empresa, é muito bem decorad…

As palavras que se deslocam de sua boca a partir de certo momento, não são mais traduzidas a entendimento em minha mente. Ela está forçando ou querendo criar uma proximidade que não existe, eu poderia ter facilmente essa conversa com um estranho na rua, mas você não é isso. Não é nem mesmo uma tia de terceiro grau que posso fofocar sobre a semana. Você é a mulher que me abandonou e que não pronuncio uma sílaba ou troco olhares há dez anos. E como pode ela estar tão tranquila? Tão dopada de calmaria, parece até que usou drogas, porque não é possível que só eu me sinta um merda aqui.

Você tem ideia do que fez? Dos traumas que desencadeou em mim? Do peso que sua presença tem aqui?

Se sabe, não aparenta saber e não vou admitir isso. É verdade, eu concordei em falar com ela, contra todos os meus instintos, mas não concordei em comentar sobre a minha vida profissional e muito menos pessoal.

Não é o momento em que diz “ei, como cresceu”, porque é óbvio que eu cresci, que tenho um emprego, que tenho namorada e dinheiro próprio. Isso é o que acontece quando se é adulto e se tem uma vida. Eu não me matei porque você fechou aquela porta, mesmo que na época a ideia poderia ter passado por minha mente.

Eu já estou fazendo demais enfrentando-a assim e uma pequena parte de mim tinha certeza de que ela agiria diferente. Talvez me abraçasse quando cheguei, por mais que eu fosse bloquear de imediato, por que você não se importa comigo? Eu não me importo com você também e sim com a Nicolle.

— Cassandra, desculpe se me entendeu de maneira errada, eu não estou aqui para dividir minha vida. Eu vim pela minha irmã, será que pode me dizer o motivo? — Assim que corto suas palavras mergulhadas em falta

de empatia e puro esquecimento de nossa vida, é como se eu estivesse em um palco. A luz foca somente em mim e há palmas pela minha coragem.

Estou começando a sentir o poder novamente e confesso que senti falta disso.

Mia me encara com um sorriso de leve e lábios entreabertos como se erguesse a mão para um bate-aqui.

— Eu não achei mesmo que fosse ter coragem para iniciar uma conversa madura, então podemos ser diretos. — A mulher junta as mãos e a palavra *coragem* diminui não apenas todo o poder que eu achei que tinha, mas me joga no fundo de um poço.

— Vá me desculpar, mas o meu namorado é muito ocupado e deveria é estar lisonjeada por ele sequer lhe dar a chance de vê-lo pessoalmente. Falta de coragem tem a senhora que não deixa a filha cuidar de sua própria vida. Mas eu concordo em um ponto, vamos ser todos diretos. — Miranda fala tão bem, é tão determinada que pareço estar lhe avaliando em uma apresentação empresarial de tão impecável.

Eu sou um homem ocupado… não sou algo pequeno que ela possa diminuir.

— A Nicolle gostaria de fazer faculdade aqui em Lisboa, nós ainda estamos em processo de mudança para cá após a aceitação de sua vaga, mas seria muit…

Seus lábios se mexem, mas é como se estivéssemos em um jogo. Estou usando um fone altíssimo e tenho que ler sua boca, mas a verdade é que não há jogo. Apenas tudo se borrou de imediato e meus ouvidos só escutam apitos por ter a certeza de algo que não apenas me joga no poço, mas no fim dele, o mais fundo possível.

**Ela me fez mudar para Londres contra a minha vontade. Sabendo; ela sabia que eu amava Portugal e me obrigou a ir. Eu recebi inúmeras propostas de faculdades incríveis portuguesas e nenhuma brilhava seus olhos, nem mesmo uma bolsa de mídia internacional que me levou a minha fortuna atual pôde te impressionar. Mas quando a Nicolle precisa, você vem correndo? Nem ao menos pensa direito ou planeja, eu odeio te chamar assim Nic, mas quando é a filha daquele canalha, você vem.**

— Sabem como é, fiquei tão nocauteada com a notícia da vaga que não pensei duas veze… — a voz volta a soltar som e vejo pelo canto dos olhos que Mia está me encarando firmemente tentando, acredito, decifrar o jeito como estou agindo. Eu não sei se estou agindo, existindo ou apenas estou encarando e ouvindo o absurdo que presencio. — A Nicolle hesitou em te pedir, ficou com muita vergonha, ela é uma menina de ouro. Mas está precisando de ajuda 1financeira assim como nós para nos manter aqui ao lado dela. Deve se lembrar como foi difícil começar do zer…

Eu acho que não me surpreende a coragem dela, porque talvez nem o mínimo de senso tenha, de me pedir dinheiro.

"Foi difícil começar do zero."

Mas eu tive que começar, você me obrigou a isso. Obrigou um jovem de dezoito anos que mal sabia abrir uma conta no banco a se virar completamente sozinho em um país diferente. Eu reconheço que foi uma decisão minha, mas eu não tinha nem onde morar e você se preocupou com isso?

Eu sinto o cheiro de café e cheiro de dinheiro bem sujo, ele se sujaria assim que tocassem suas mãos desprezíveis, mas cá estamos nós nessa Cafeteria Financeira.

— Tem que ser muito cara de pau para vir até aqui depois de dez anos com esse discursinho de quinta categoria pra pedir 1dinheir…

— Estou falando com o meu filho! — a mulher quase grita chamando atenção de outros clientes e cala a boca de mel.

**Agora você ultrapassou todos os limites.**

Soco a mesa de madeira de imediato fazendo com que se assuste e arregale os olhos.

— Eu não sou a porra do seu filho! — assevero, sentindo suas pernas tremerem abaixo da mesa. — E se erguer a voz com a minha namorada mais uma vez, eu vou te apresentar a ponte aqui ao lado e quem sabe já não conhece seus vizinhos, porque não vai ver a cor do meu dinheiro — afunilo, calando não apenas a desgraçada, mas todos os funcionários e clientes da cafeteria

Miranda permanece calada, mas posso enxergar um pequeno e quase imperceptível sorriso por minha defesa. Eu garanto que uma coisa é ela achar que pode me diminuir e outra é ter a audácia de fazer o mesmo com Miranda na minha frente.

Chega de ser passivo e educado, eu vou continuar sendo um adulto maduro, mas juro que com muito mais pulso firme.

— Eu vou transferir uma grande quantia para a conta bancária da Nicolle e terei acesso aos gastos. Irei indicá-la para alguns colegas da área de Engenharia e bancarei os estudos dela até que arranje um bom estágio.

— Eu não tenho palavras para agradecer sua gentil…

— Eu não terminei, não me interrompa — me enfureço ordenando. — Se me responder uma única pergunta.

— Estou de acordo — assente.

Vamos, Trevor, essa tortura vai acabar assim que ouvir a resposta e depois jamais a verá novamente.

— Por quê? — questiono, lhe dando o olhar que poderia ser um túnel de lembranças de cada mísero momento de sofrimento.

— Vai ter que ser mais específico.

— Todos esses anos eu fiquei me perguntando o motivo pelo qual eu não fui suficiente para que lutasse por mim — desabafo, sentindo os dedos de mel apartarem minha mão com a força bruta que serve de combustível para a minha coragem. — Por que você o trouxe para dentro daquela casa e deixou que ele fizesse o que fez comigo?

Finalmente junto minhas forças para interrogá-la da forma que nem nos meus melhores sonhos ou pesadelos durante anos pude fazer. O medo, desespero e angústia não tomam mais meu corpo e na verdade, nem mesmo a anestesia. Estou muito sóbrio e são das minhas palavras, mas ela não se apresenta.

A mulher desvaloriza a chance que lhe dei se recusando a pronunciar sequer uma palavra me fazendo ter a certeza do quanto é desprezível e não merece mais um segundo do meu tempo.

— Quer saber? Não vou te obrigar a nada como fez anos comigo, eu vou ajudar a minha irmã e tenha um bom dia. — Desisto e ajudo Miranda a

sair do sofá enroscando minhas mãos em sua cintura.

— Espere! Gabi e a Nicolle já vão chegar, tem que vê-las. — A mulher levanta às pressas como se eu tivesse cometido um crime.

— O que eu faço ou deixo de fazer, quando e onde eu vejo a minha irmã não é da sua conta — assevero, mais uma vez tomando posse de nosso próximo passo coordenado, quando a mulher franze a testa enrugada baixando seu corpo.

— Eu queria que você tivesse um homem como exemplo — confessa me fazendo virar o rosto. — Ninguém nunca pôde substituir o seu pai, mas eu tentei e na época achei que ele soubesse o que era certo para o seu crescimento. Eu me importava sim com você. — Ouço cada palavra absurda de sua boca e me aproximo para sentir o mesmo ar que respira levando Mia pela mão.

— Não, e eu agradeço por me fazer ver a pessoa nojenta que você realmente é. Você diz se importar, mas presenciou as surras, uma a uma, e mesmo eu indo embora não se preocupou em ligar para ver como eu estava nem uma única vez em dez anos. Eu tenho que te agradecer, Cassandra, ao seu lado eu teria sido um fracasso pelo resto da vida, assim como você. Eu apenas desejo que tudo que fez comigo, um dia venha em dobro de volta para você. Tenha um bom dia enquanto ainda tem o amor dela. — Desejo e já não me importo mais em deixar que meus olhos a encare pagar pelos próprios pecados.

*A partir de agora eu tenho certeza de que o problema nunca fui eu.*



O carro está estacionado em frente a minha casa, mas ainda não conseguimos nos levantar dos bancos como se houvesse alguma espécie de peso que nos afunda.

Eu sempre tive dificuldade de aceitar aquele tratamento terrível e até mesmo hoje forcei minha mente para ter um roteiro do que poderia falar na

conversa que inconscientemente esperei por anos. E na verdade, sem que aquela mulher tivesse dito suas últimas palavras, eu continuaria sem minha resposta quebrando minha cabeça para descobrir a raiz do meu sofrimento e hoje eu descobri.

Eu senti essa dor absurda e deixei que o trauma me controlasse, porque eu sempre me importei demais quando nenhum deles nunca se importou comigo. Aquela última mentira que saiu da sua boca me libertou de toda prisão que me coloquei todos esses anos.

Cassandra nunca se importou comigo e por isso foi tão fácil me deixar ir e ter a audácia de pedir minha carteira.

Mas agora acabou, eu posso finalmente me sentir em paz sabendo que eu fiz o que pude e a minha parte de me importar o quanto meu eu pôde aguentar.

— Eu estou muito orgulhosa de você. — A voz de mel quebra o silêncio e me faz dar um pequeno sorriso ainda fixo ao vidro do veículo. — Como se sente?

Por incrível que pareça essa resposta está na ponta da minha língua, mesmo que hoje de manhã não sentisse nada.

— Eu sinto como se tivesse transformado uma pequena bola de neve em uma nevasca pavorosa e que, agora, derreteu completamente — confesso, normalizando minha respiração que agora não é mais vítima de atrasos e a faço me presentear com um sorriso de calmaria.

Desço do carro e agarro sua cintura me sentindo sortudo por tê-la ao meu lado após ver minha versão mais sombria. Caminhamos bem devagar um ao lado do outro e a cada passo tenho mais certeza de que investi na mulher certa que hoje me defendeu.

Inclinamos nossas cabeças ao mesmo tempo para a direita e entreabrimos nossos lábios surpresos com o que sujou meu tapete de entrada inteirinho. O cachorrinho tricolor está sentado esperando que voltássemos.

— Miranda, acho que temos um cachorro.

— Uhum — ela resmunga, acompanhando o riso que escapo de meus lábios.

*Mas qual será o seu nome?*

35



# Bodytella

*Querida, você parece bem*
*Mas você fica melhor em mim*
*Você tem um rosto bonito*
*Eu tatuaria em mim*
*Você poderia ser minha garota*
***She Do - Real Life***

## ROBERT ROSS

Sentença. Decisão, resolução ou solução dada por uma autoridade. O anjo Lúcifer era condenado aos olhos do céu por ter posse do dom raríssimo de sentenciar sem sentir. Tão criticado quando a verdade é que ele era firme e bom demais para as nuvens frágeis. Não me condene por saber decidir, resolver e solucionar algo que você não tem pulso.

Eu costumo validar pessoas para uma vida inteira e invalidar sabores de sorvete um por dia.

O critério é bem simples:

***Ceda ao meu poder e respeite meus gostos.***

Não me veja como egocêntrico, eu apenas sou realista, você não encara um crocodilo de dentes assassinos, cede ao poder dele e respeita seu alimento e primogênito. Assim como o réptil eu protejo quem cede e assassino quem desrespeita, é assim que a lei da natureza funciona.

Eu amo sentenças, mas amo mais ainda quando o gosto do gelo doce dopa minha boca.

Gosto de definir o congelamento por sorvete como um convite a insanidade, sua mente trava e não pensa como deveria, seus olhos param e não veem limites como deveriam e suas ações desafiam a lógica do normal e triplicam as leis da loucura.

Não há misericórdia no excesso de gelato e se você realmente merece ser punido, pouco importa como está o meu estado mental.

— Sr. Ross, desculpe incomodá-lo sabendo que não quer ser interrompido, mas Antony Ross já está ligando pela quarta vez — a voz do meu braço direito, Enrico, invade minha sala amadeirada escura para torrar minha paciência.

Meu pai é a única autoridade que ainda tenho que admitir que existe, por dever um pouco do meu poder atual a ele. As milhares de vezes que me deixou apodrecendo atrás das grades com motivo de aprendizado, realmente fizeram efeito. Agora eu controlo não apenas a prisão, mas os prisioneiros e guardas.

É simples, jogue uma laranja podre e ela fará um exército em questão de minutos.

Você apenas subestimou o poder que eu tenho e eu não me importaria com isso se me respeitasse.

A Miranda sempre foi minha filha, logo as obrigações que a envolvem são minhas e você não tinha o direito de brincar de papai no meu lugar. Não que eu não ache que foi um ótimo pai, olhe bem, eu sou um ótimo *feedback* para o seu portfólio.

Você não poderia ter deixado o primogênito dela ter se aproximado da minha filha quando sabe que nenhum deles irá respirar por muito tempo.

*Por que dificulta tanto as minhas juras de amor e vingança?*

— Mais uma vez, Robert. — Frita a pouca calmaria que me resta e dou um sinal para transferir ao telefone central.

Se encontrarem minhas linhas de comunicação, vou fazer questão que pague os honorários da Diana.

— Senhor — respondo firme, atendendo o desespero das suas águas marinhas.

Nunca entendi o fascínio pelas águas para ter sido Coronel por anos sem se enjoar nos barcos.

— Robert, é a terceira vez que pago para te rastrearem, onde está? — A firmeza na voz tremeria meus dedos se já não tivesse aprendido seu truque autoritário.

— Quando foi que voltei a ter quinze anos? — ironizo.

— Com quinze você já roubava carros.

*O primeiro clipe de papel você nunca esquece.*

— Treze, então. — Rio me recostando na cadeira aveludada.

— Assaltava lojas.

*Tecnicamente não é crime se ninguém percebia para sentenciar.*

— Dez? — Tento mais uma vez mergulhando a mão direita no cabelo castanho.

— Não me faça continuar, onde está? — Reviro os olhos enrolando os dedos nos fios.

— Lisboa.

— Ela sabe que está solto?

— Ela vai saber quando eu tirá-la daqui — informo, derramando o líquido alcoólico em vidro.

— Vai ter que alterar um pouco seus planos.

— Eu não altero meus planos e muito menos os que envolvem o bem-estar da minha filha — respondo ríspido, deixando que o gole queime minha garganta.

— O Ferreira está com você? — questiona e ergo uma sobrancelha.

— Está na terceira partida de pôquer com os chineses, por quê?

— Eu não te diria isso se não tivesse absoluta certeza, não duvide da minha palavra. — O jeito com que prepara minha ansiedade chega a ser torturante.

— Eu soube da agressão no tribunal, brigou com o chefe dela. — Não foi muito inteligente da parte dele, mas todos dispõem de defeitos.

— Foi o que ele te disse? — Franzo meu cenho de imediato apertando um pouco o corpo do *whisky*.

— Eu confio na palavra dele — restrinjo, antes que diga algo que vá se arrepender.

— A agressão não foi masculina, pode conferir no relatório. — Assim que desafia meu corpo ferve em questão de um estalo suando minha mãos.

— Não havia relatório — afirmo convicto.

— Não o teriam prendido se não tivesse, Robert! Não vá se entregar a tolice, se tem algo que nunca pude me envergonhar de você é a inteligência.

— Antony, o que está insinuando do meu soldado? — resolvo questioná-lo enquanto meus dedos marcam o vidro alcoólico.

— Não foi uma vez, foram inúmeras, diversas, eu não percebi até ela e o chefe contare… — Desligo.

Minhas mãos estouram o copo de *whisky* de imediato fazendo com que meus olhos esbugalhem, fixos e bem abertos, recebendo o vidro que perfura meus dedos. O sangue escorre por cada bolha de carne ao mesmo tempo que escorrem lembranças e detalhes que me entreguei a tolice. Você não tem ideia do tamanho da merda que fez e eu garanto com todas as fibras do meu ser que vou te mat…

**O cartão de acesso, *porra*.**

**—** ENRICO! — grito, arremessando o telefone no chão o quebrando em pedaços estridentes da madeira.

— ROSS! — O homem ruivo quase escorrega chegando às pressas a minha sala. — O que aconteceu, caralho?!

— O cartão de acesso da festa está com o Ferreira? — interrogo, jogando seu corpo na parede pela gola da camisa.

— Está, está sim, cacete — responde, o que torna meu peito refém de batidas descontroladas quando o barulho de uma ficha de pôquer grita no chão. — Mas o qu… — Tampo sua boca imediatamente nos silenciando por completo.

Rolo meus olhos pela sala sem dar um único passo fora do lugar até que encaro a fresta da porta de saída. Inclino um pouco minha cabeça só o suficiente para enxergar a sua sombra que treme sem parar. Victor perde toda a inteligência básica, vira a cabeça me encarando na *porra* dos olhos e tem certeza de que está morto. Ele sabe disso. Não dificulte, soldado, faça como homem e aceite o seu destino. Não fuj… o canalha foge correndo tão rápido que desafia meu raciocínio.

— FERREIRA! — berro tão alto que até mesmo as garrafas do bar tremem, solto a gola de Enrico e o empurro contra a mesma porta que o morto-vivo saiu. — TIRE O CARTÃO DELE AGORA, ELE VAI USÁ-LA DE REFÉM, SEU IMBECIL!

O homem robusto ruivo que geralmente me passa pura força agora está suando como um porco e inicia a maratona assassina.

**Eu não posso sentir agora.**

*Não se desespere, filha, papai vai chegar.*

MIA ROSS

Sentença. Eu aprendi a ceder ao poder das que são impostas e respeitar a autoridade de quem as decide. Por mais dolorosos que os castigos sejam, servem para nos limitar e ensinar. Se você não tem limites e abomina aprender com seus erros não terá uma vida muito longa… ou talvez possa testar a sorte.

**23 de junho. Dezoito anos atrás.**

Minha visão está começando a parecer frestas da minha persiana rosa, tão fina que a qualquer momento poderia se fechar. O sono está dominando cada mínima parte do meu corpo enquanto meu pai acaricia minha cabeça. Seu ombro tem sido meu travesseiro para encarar as estrelas pelo vidro do carro e meus ouvidos tem sido sua terapia. Ele fala e explica de forma tão divertida a anatomia de uma arma que aparenta estar até escolhendo as cores das minhas massinhas.

Suas mãos robustas manuseiam o revólver como um brinquedo de ioiô, não é apenas uma arma qualquer, ele a chama de *Vero* e diz que termina um verão iluminado e começa um inverno congelante em questão de segundos.

— Posso segurar? — Bocejo, apertando sua cintura encantada com o brilho que reluz.

— Apenas comigo — restringe e deixo de abraçá-lo pela animação em me deixar tocá-la. Meu pai indica a janela aberta ao meu lado e encaro um galho quase solto de uma árvore. Ele se posiciona atrás de mim e ensina meus dedos minúsculos quando comparados aos seus a tocarem o gatilho. — Vai sentir um tranco, por isso sempre segure bem firme com as duas mãos. Vamos acertar o galho, está visualizando?

— Uhum — assinto, fechando um pouco meus olhos para focar totalmente na pequena rachadura que quase derruba a madeira e sorrio animada. Meu indicador quer demais apertar e destruir de uma vez o alvo, mas por algum motivo que não entendo minha mão treme demais. — P-pai.

— Eu estou aqui. — Ele segura firme minha mão sobre o gatilho e faz com que não haja mais ansiedade, destruindo qualquer resquício de tremor. — Conte comigo, um.

— Dois — sussurro.

— Três e…

— Já! — Aperto com força juntando toda a minha coragem e fecho meus olhos.

*Espera.*

**O galho continua intacto.**

Deixo de fechar meu olhar e balanço a cabeça sem entender coisa alguma quando meu pai dá uma risada alta tirando o revólver de minhas mãos.

— Eu só queria ver se conseguia. — Reviro meus olhos de imediato e cruzo meus braços fazendo bico. — Ih, sem chorar, Miranda. — Aperta minhas bochechas, o que triplica minha raiva.

— Quando vou poder atirar? — Bufo.

— Quando lembrar de destrancar a trava da arma — fala o óbvio e guarda a *Vero* embaixo do meu banco entre o acolchoamento e o puxador de regulagem. — Guarde sempre onde mais veem e menos esperam — instrui e beija minha testa.



**31 de outubro.**

Trevor sempre me disse que uma das coisas que mais se surpreendeu ao transar comigo é como minha fofura não reflete nem um oitavo da minha promiscuidade. Isso me faz rir todas as vezes que conta como se chocou com essa revelação, mas agora estou de cara muito fechada.

Já deve ser a quinta ou sexta fantasia que tentamos vestir nesse cachorro e ele simplesmente…

DESTRÓI!

Um cãozinho tão puro e inocente quando brilha os olhinhos, mas sua fofura não reflete nem um oitavo da sua capacidade de bagunçar um jardim inteiro em questão de segundos.

— Ainda tem a múmia? — questiono, me jogando no sofá ao seu lado sem aguentar mais correr atrás da peste.

— Só se for enrolada no estômago dele. — Trevor caçoa já tendo desistido bem antes de mim a tentar pegá-lo, mas mesmo assim procura fantasias simples caninas no *Pinterest*.

— O que acha de uma abóbora? — penso comigo mesma ao lembrar das poucas que restaram na caixa que pedimos do *petshop*.

— Ele não aguentou ficar enrolado em gase nem três minutos, acha que vai vestir aquela bolota? — ele fala sério a princípio, mas logo ri da nossa desgraça esfregando o rosto de desgosto.

— Seríamos péssimos pais. — Bufo, acompanhando sua risada.

— Nem nome demos a ele e já faz três dias.

— O que acha de Bóris? — sugiro e o homem enfia a cabeça em uma almofada.

— Lembra boi, não temos um boi — discorda pela enésima vez e reviro meus olhos.

— Achei que seria mais fácil ter um cachorro — digo para mim mesma e ele retira a cabeça do estofado franzindo o cenho como se achasse algo estranho. — O que foi?

— Está ouvindo isso? — questiona e me esforço para escutar, mas não há nada que minhas orelhas captam.

— Não — murmuro.

— Exato, está quieto demais — afirma e levanta, rodando a sala sem encontrá-lo.

*Merda, onde se meteu?*

Procuramos por toda a sala sem sucesso algum, embaixo de mesas e cadeiras e até mesmo dentro dos vasos e gavetas que possa ter se enfiado, porque o bicho não tem limites. Antes que eu possa começar a xingar vejo que Trevor dá uma longa risada de ódio na cozinha e corro para encontrá-lo.

*Ah, mas ele não fez.*

O cachorro está inteiro, completamente lambuzado de pó de canela, vasculhando o resto do vidrinho como se já não bastasse estar todo empoeirado do cheiro adocicado.

— Pelo menos *ele* está tendo contato com canela — provoco, mordendo minha boca fazendo referência ao nosso *Leite de Canela* por não estarmos tendo uma vida sexual muito ativa.

Ele está extremamente puto esses dias, tão nervoso e estressado que quase demitiu a Jane ontem por ter esquecido de remarcar uma reunião.

Trevor franze o cenho entreabrindo os lábios, completamente surpreso com a minha ousadia e escapo um sorrisinho quando arranca minha cintura para si.

— Não me provoca, Miranda — ordena com o tom autoritário que me faz tremer um pouquinho as pernas.

— Humm… isso era para me incentivar? — Molho minha boca puxando seu cinto para me esfregar um pouco nele.

— Não quero descarregar raiva em você mais uma vez — assevera, triplicando os litros que escorrem entre minhas pernas e pega o beagle no colo para limpá-lo.

São os sinais do trauma: medo, vergonha, culpa e raiva.

*Trevor… você está me fazendo perder o fôlego com essa raiva.*



O reflexo do espelho está mais belo ou pelo menos mais lambuzado de mel, com certeza. Eu não costumo ser a mulher com a maior autoestima do planeta, mas essa fantasia…

*Como você me exerga, Trevor?*

Minhas longas pernas que te fazem perder o raciocínio estão aprisionadas por uma meia arrastão tão fina… que se você quisesse rasgar seria tão fácil. O *body* de listras amarelas e pretas envolve minha bunda, cintura e meus seios como uma fita adesiva extremamente agressiva realçando cada curva. As mangas bufantes pretas não me deixam sair do meu eu e me tornam mais confiante para usar um salto tão alto como esse. Balanço minha cabeça para os lados apenas para ver a tiara com bolinhas amarelas dançar e não poderia faltar uma pequena, mas linda coroinha de princesa. E minhas asinhas? De fato me lembram o Halloween de infância, mas a maquiagem amarelada que uso me faz lembrar que o lugar para onde estou indo não é nem um pouco infantil.

*Eu me superei nessa fantasia… mas é óbvio que não quero ficar muito tempo com ela.*

Caminho com passos firmes ouvindo o barulho dos saltos e dizendo para mim mesma que não é apenas por mim, mas por ele. Toda essa confusão dos White o fez mergulhar em um turbilhão de emoções que eu não desejo a ninguém.

*Mas confesso que essa raiva pode vir de vez em quando…*

Trevor está sentado de pernas abertas no sofá me fazendo brilhar os olhos como se estivesse me esperando para cavalgar no seu colo. A calça está inteira recheada de tufos de pelos amarronzados mais claros, seus pés estão bem quentes com as pantufas idênticas às das patas do animal e por mais que a fantasia não esteja completa é isso que mais me chama atenção. Ele não cobriu seu peito com o colete ainda e não se importa nem um pouquinho comigo que estou com água na boca por esse peitoral musculoso.

Deixo de admirar, passeio em sua frente até que decida me encarar em câmera lenta dos saltos a cabeça com antenas. O cenho se franze imediatamente, mas eu sei que por mais furioso que esteja também deixa que algo aperte seu cinto.

— Está tão estressado… — digo agora mais baixinho, me encaixando no seu colo que me recebe como uma enorme almofada sensual. — Assustou a Jane ontem com aquela advertência… — Amacio seus ombros robustos e deslizo meus dedos por seus braços repletos de músculos implorando para que me toquem.

— Se não marcar minhas reuniões não será a última vez — assevera, empurrando minha cintura para baixo e eu não resisto em lamber seu pescoço louca para ouvir o gemido abafado da sua boca.

— Humm… eu fiquei toda molhada te ouvindo gritar com ela — sussurro em seu ouvido, roçando meu *body* na sua calça.

— Miranda — restringe, envolvendo meu pescoço e eu não contenho uma arfada involuntária que sai assim que me dá a honra de sentir seu toque.

— Eu já te disse como fica sexy quando fica nervoso? — questiono, mergulhando os dedos no seu cabelo e ele espanca minha bunda com as duas mãos forçando meu quadril para baixo para esfregar na sua ereção. —

Ah, caralho, era só disso… — choramingo em sua boca e ele mantém o cenho franzido amando me ver implorar.

— Eu já te disse como fica gostosa nessa fantasia de abelha? — indaga tão autoritário, marcando minhas nádegas com apertos que não resisto e imponho minha boca na sua, mas o homem segura com força meu queixo restringindo meu ataque.

— Mas assim eu vou ficar com medo desse urso nervoso me agarrar e roubar meu mel — provoco, lambendo os dedos dele que me limitam de tentar soltar seu estresse.

— Não é roubar se você quer dar — afunila sem me beijar, apenas mordendo meu lábio inferior.

*Porra, Trevor, me beije logo, eu vou gozar assim.*

— Nossa, Miranda, está tão melada assim? Estou sentindo o cheiro de canela. — Larga meu queixo e mete a mão na minha boceta, umedecendo seu indicador.

— Ah, é… — gemo assustada com o movimento repentino, mas rebolo na sua mão. — Esse body é bem fino… e além do mais você não ama leite de canela? — provoco, jogando meu cabelo para trás quando ele sorri sem qualquer aviso.

— O que foi? — questiono, esperando que finalmente esteja pronto para me beijar.

— Canela — sussurra, diminuindo a pressão.

— Uhum… cheiro de canela — resmungo quase em um gemido.

— Não, o cachorro pode chamar Canela. — Me apoio nos seus ombros deixando de provocá-lo e por mais irritada que fico por ter interrompido, eu sorrio por ser um ótimo nome.

— Ah… eu gostei, Canelinha — digo baixinho.

— Gostou?

— Eu amei — confesso para agradá-lo mais uma vez e quando acho que vai me atacar como um urso ele me arranca de seu quadril e me joga no sofá.

*Porra.*

*Caralho.*

*Cacete.*

— Eu vou vestir o canela de vampiro — informa, como se eu estivesse ligando para a fantasia do cachorro a essa altura do campeonato.

Ah, Trevor, se você não me *foder* em uma sala privativa daquela festa, hoje vai ser uma noite sangrenta, porque vou te matar.



Eu não sei se existem mais palavrões para o meu namorado xingar no trânsito, sinceramente acho que já se excluíram todos, daqui a pouco vai criar palavrão com o meu nome. Acaricio o pelo brilhoso do Canela em meus braços sem acreditar que ele realmente está limpinho e com a fantasia de vampiro. Só Deus sabe o quanto foi difícil agradá-lo, mas confesso que por mais que nos dê muito trabalho, o cachorrinho é bem fofo.

Trevor faz a curva com o carro na Fonte Scott ultrapassando a fila quilométrica de veículos com os faróis bem acessos impacientes. Ele ama chamar atenção, se sentir o maioral e se eu dissesse que não estou babando em cada ação dele estaria mentindo.

— Miranda, o cartão de acesso está no porta-luvas — ele afirma desligando a chave, batendo os dedos no volante enquanto eu vasculho e para a sua decepção, não encontro.

— Amor, não está aqui — digo com a voz mais mansa que consigo, mas ele triplica a carranca na cara e tira todos os itens do porta-luvas jogando para os bancos de trás.

— Caralho, eu sempre deixo no mesmo lugar, como vamos entrar nessa porra sem a merda do cartão? — Esfrega o rosto em busca de paciência e eu puxo seu colete de pelos animalesco quase batendo sua boca na minha.

— Trevor — chamo e ele franze o cenho bufando. — Está começando a me irritar, cala essa boca e vamos entrar porque é óbvio que você não precisa desse cartão — elevo o tom da minha voz tentando chegar a metade da sua autoridade.

— Irritada e molhada pelo jeito — provoca, me fazendo revirar os olhos por saber que é verdade e sai do veículo.

O homem revestido por pelos de um urso robusto abre a porta do carro e por mais nervoso que esteja não perde a educação e estande a mão para que eu saia. Seguro seus dedos e me enrosco no seu braço completamente nu para que todas vejam seus músculos que geralmente são protegidos pela camisa branca. Estou começando a ficar com ciúme e nem entramos, esse colete mostra o peitoral inteiro dele, é capaz que eu escorregue na baba dessas secretárias. Por mim, ele poderia usar apenas as orelhinhas em seu cabelo castanho e os bigodinhos fofos que me deixou desenhar.

*Mas se as coisas funcionassem assim ele não me deixaria vir só de body com meia arrastão…*

Subimos as escadas de mármore inteiras decoradas com teias de aranha, máquinas de fumaça, litros de sangue falso escorrido pelos degraus e esperamos na fila para a entrada principal. Trevor me encara pelo canto dos olhos de cima a baixo e bufa como um animal nervoso.

*Mas o quê?*

— O que eu fiz agora, Sr. White? — Ergo minha sobrancelha, acariciando o Canela.

— Está linda — elogia ainda enfurecido, mas não consigo conter um sorriso idiota em meus lábios. — Se comporte e eu cogito tirar esse *body* — ordena, assinando os formulários sobre o balcão.

— Hum, eu vou pensar no seu caso — provoco e ele franze o cenho pelo desafio, segurando firme minha mão antes de entrarmos.

— Pronta mais uma vez? — questiona, me encarando com os mesmos olhos brilhantes que me enlouqueceram na primeira Festa Scott.

— Com você eu sempre estou pronta. — Sorrio determinada e ao invés de manter um amável aperto de nossas mãos, ele arranca meu quadril

para si apertando minha cintura, mostrando a todos que mal entramos e Trevor White já tem sua posse.

*Não se preocupe, eu nunca tive dificuldade de me entregar ao meu chefe.*

Meu olhar é fisgado sem qualquer piedade por um salão incrivelmente luxuoso decorado por alta sofisticação de horror. As luzes avermelhadas ofuscantes contrastam pelos tapetes, sofás, bares todos vermelhos e até mesmo nos vidros alcoólicos espalhados por toda a extensão é possível ver o brilho carmim. O sangue molha meus saltos e cria rastros sangrentos por todo meu caminho enquanto admiro, louca por cada pedaço do local. Dançarinas mergulhadas em tinta vinho provocam os convidados completamente expostas, exceto por pouquíssimas faixas de múmia que protegem suas partes. Há doces temáticos por todas as mesas como *cupcakes* cerebrais, petiscos de dedos humanos, covas de *brownie* e era o óbvio que a anfitriã não deixaria de agradar o seu Amor Leal entupindo o lugar inteiro com potes de Nutella com marcas de sangue.

As entradas e saídas estão lacradas por fitas policiais mergulhadas em ferimentos e me sinto ainda mais presa por não encontrar cadeiras como na Festa de 10 anos. Ela não quer ninguém sentado a não ser que seja em colo. *Acha que não percebo suas táticas, Sarah?* O cheiro cítrico é dominante de todo o aroma adicionado a enormes canhões de fumaça vermelha que borram a mente. Te deixa turvo e sem raciocínio apenas para focar no sensual. De fato a Sarah entende muito de manipulação, até em suas próprias festas a usa para o próprio prazer. E falando na anfitriã…

**Cacete.**

A Dama Vermelha hoje está com um figurino diferente que me obriga a chamá-la de *Rainha Vermelha.* Espetacular, não há outra palavra para descrever a quantidade de detalhes e a sensualidade do seu vestido bufante recheado de naipes de cartas e realeza. O jeito com que empina o nariz para mostrar a coroa e como manobra o cetro para apresentar aos convidados seu reino sexual é hipnotizante. Está lindíssima com um coração vermelho em seus lábios e no olho direito, que com certeza contrastam bem no loiro reluzente. Mas não seria Scott se não usasse uma fenda extremamente aberta e meias promíscuas que enrolam suas coxas.

E é óbvio, lógico, é explícito que seu fiel escudeiro recheado por uma camada grossa de pelos branquinhos estaria ao seu lado. O gato mais mimado de Portugal, Monarca, que está dopado de fofura em uma fantasia de *reizinho vermelho*. Imaginei que ela não fosse mesmo o transformar em um flamingo como do desenho, prefere exaltá-lo ao máximo, assim como a si mesma.

— Finalmente! Já estava achando que iam me deixar surtar e cortar mais cabeças que o normal — ela brinca, sorrindo ao nos encontrar e dá um abraço demorado no Trevor que retribue apertando o corpete real. Lhe dá um beijo na bochecha e massageia rapidamente minhas costas enquanto me envolve no seu corpo.

*O cheiro dela é muito viciante mesmo.*

— Está lindíssima, minha rainha — ele elogia com um sorrisinho de canto que a faz tocar seu peitoral com o cetro.

— E eu nunca achei seus pelos tão atraentes como agora, Sr. Urso — provoca e joga o olhar para mim. — Um urso que é louco pelo mel de abelha, não podia esperar menos do departamento criativo.

— Está muito linda, Sarah — digo com um sorriso que ela retribui imediatamente.

— Igualmente, Miranda, pode deixar o cachorro no chão, contratei funcionários especializados — instrui e deixo com relutância o Canela que já parece nem me amar mais, pois já se enfia dentro de um vaso vasculhando o que pode quebrar.

*Cachorrinho bagunceiro.*

A loira é dopada por uma fumaça que nos atordoa e quando conseguimos focar a visão suas unhas vermelhas apontam para seringas em um pote de vidro.

— Mais um jogo, Srta. Scott, sua criatividade me encanta — elogia e ao mesmo tempo erguemos a sobrancelha na espera de que nos explique.

— As seringas contêm essência de groselha vermelha alcoólica que poderão ser consumidas em doses durante a festa. Usem como acharem que devem, mas eu… testei oral e funcionou muito bem. — Os lábios

vermelhos sorriem promíscuos. — Sugiro que comecem a colocar álcool nesse sistema nervoso porque o primeiro *blackout* começa em meia hor…

— Srta. Scott, por favor, uma foto para a *Revista Sintonia*! — Fotógrafos a interrompem, mas é óbvio que a anfitriã ama os *flashs* de luz e logo nos abandona fazendo com que Trevor sorria consigo mesmo.

*O que é engraçado?*

— Veja só! O estressadinho está rindo de quê? Se for uma piad… — Ergo uma sobrancelha puxando os pelinhos de seu colete.

— Mia, você lê minha mente? Por que acho que estamos em perfeita 1sintoMIA! — O homem urso se mergulha numa alta e longa risada me deixando sem reação pela décima oitava piada com meu nome. — Entendeu? Seu nome é Mia e adivinhou meus pensamentos, estamos em 1sintoMIA! — Arfa, buscando ar pela nova revelação cômica e acabo lhe satisfazendo por nunca aguentar segurar o sorriso quando finalmente explica.

*Trevor, se você não fosse ridículo de gostoso suas piadas não teriam a menor graça.*

Sarah elogiou nossas fantasias porque de fato nos superamos, a maioria do público utiliza genéricas como *bruxa sexy, múmia sexy, vampiro sex*… para falar a verdade, tudo que se veste em uma festa como essa se torna *sexy*. Mas relembrando as falas vermelhas…

*O que será esse blackout?*

# TREVOR WHITE

Sentença. Palavra de fácil entendimento, mas de difícil cumprimento. Seja pela sentença vir de uma autoridade que não respeita ou pelo teor sentenciado. A verdade é que ninguém gosta de ceder controle a uma sentença, mas vamos ver como lida com o gosto da própria decisão.

Ela está me sentenciando a admirá-la, encará-la e observá-la como um gavião. Suas pernas longas e lisas são aprisionadas por uma meia arrastão tão fina que eu poderia estraçalhar em segundos de tensão. Elas caminham para lá e levam meu olhar, elas caminham para cá e elevam minha ereção. O jeito com que suas coxas grudam uma na outra é viciante, eu gostaria de

estar com a cabeça entre suas pernas ou entre essas listras que me roubam seus seios. Apenas admirar? *Porra*, a mulher está me obrigando a despi-la com os olhos.

Ela sabe, está ciente de que a última vez que estava com raiva eu a machuquei e ultimamente tenho acordado nervoso, trabalhado estressado e dormido enfurecido. Mas parece não se importar nem um pouco, pois fica me encarando com aquela cara de safada mordendo a boca e… *caralho*, o jeito que ela rebolou na minha mão hoje, poderia ter gozado só de sentir seu lubrificante nos dedos. Eu acho que nunca foi tão difícil recusá-la como hoje e fica cada vez mais complicado quando outros homens encaram a sua bunda empinadinha no *body* de abelha.

*E quem não olharia, não é?*

Essa fantasia é completamente impura por mais que as asinhas enganem, a verdade é que são asas traiçoeiras que a qualquer momento te manipulam e quando percebe já está voando para cima da tentação.

Tome mais um copo de *whisky* e sossegue, *porra*, pare de ficar imaginando ela pelada. É impossível, pareço um adolescente como se nunca tivesse *fodido* a mulher milhares de vezes. Eu quero tanto te *foder* agora, Miranda, o jeito que eu poderia arrancar essas listras e o quanto eu poderia bater nessa bunda de meia arrastão te fariam implorar por mais. É isso que você fazia horas atrás, gemendo na minha boca desesperada para um beijo meu e eu te neguei. Te sentenciei a entender que a minha raiva é um limite rígido nosso e deverá ser seguido. Você fala, fica dizendo que é um limite, mas já está imaginando a boca da mulher engolindo seu pau.

**Chega.**

Viro o líquido alcoólico de uma vez e bato o copo na mesa o encarando como se pudesse me salvar quando enxergo pelo canto dos olhos, a abelhinha pedindo uma bebida.

— O que deseja? — um garçom lhe pede e nem ele mesmo consegue deixar de fazer a curva certa de sua cintura com o olhar.

— Vodka com limão — decide, colocando os cotovelos sobre o balcão, deixando a bunda tão empinada que minha mente já surrou cinco vezes.

— Miranda, que eu me lembre seu par sou eu — restrinjo, porque não aguento mais vê-la intercalar conversa com o Cortez Frankenstein e a Rose de Hera Venenosa do Batman.

*Isso é muito irônico.*

— Hum? — Ela ergue uma sobrancelha me encarando com os olhos de mel. — Desculpe, eu te conheço? — brinca, mordendo a boca.

— Que palhaçada é essa? — assevero, franzindo meu cenho e ela ri se divertindo só até eu agarrar sua cintura e bater contra o meu peito calando a brincadeira ridícula.

Uma risada de bruxa estridente exala o salão inteiro e as luzes se apagam no primeiro *blackout* restando apenas canhões vermelhos luminosos e os rastros dos convidados no chão que brilham em cor neon. *Nossa…* rolo meus olhos pela extensão e até as dançarinas de múmia estão florescentes, aquela tinta vermelha brilha. *Sarah, você se supera sempre mais.* Antes que eu possa elogiar mais mentalmente, Mia puxa o meu queixo para si.

— Ah… você me ajuda? — ela murmura, abrindo as mãos com luvas sobre o meu peitoral. — Eu estou procurando um cara. — Por mais estressado que eu esteja por já estar duro para um *caralho* e não poder *fodê-la* e sem paciência para nada, decido entrar no jogo.

— Como ele é? — Bufo.

— Ah, ele é um homem sem limite algum e muito… ele é…

— O quê?

— Ele é muito gostoso. — Entreabro a boca surpreso por como a língua dela está solta. — E fode muito gostoso também… eu fiquei obcecada por ele depois de só uma transa. — Escapo um sorriso idiota.

*A minha autoestima já é alta, Miranda.*

— E ele… gosta de você? — questiono, forçando sua barriga a se esfregar na minha ereção.

— Humm… ele arrancava e rasgava as minhas roupas me fazendo gemer como uma puta, mas ele sumiu. — Ouço cada sacanagem com os olhos brilhando e tenho motivos para achar que posso estar com água na boca.

*Caralho, Miranda…*

— Eu acho que ele está mais perto do que imagina — instigo, apertando sua cintura e ela descola do meu corpo para apalpar a minha ereção com a própria mão por cima da calça. *Porra, mulher, assim não.* — E o que você diria se encontrasse ele agora? — Arfo a cada vez que meu pau lateja pela sua provocação.

— Eu diria que a abelhinha está melada de mel e sem calcinha. — A frase me faz travar o maxilar para não fazer o que realmente desejo, arrancando essa meia arrastão.

— Sem calcinha, Miranda? — Franzo meu cenho segurando com força seu braço delicado para que não pare de me estimular.

— Sem nadinha — fala baixinho, molhando os lábios com a língua enquanto obedece meu comando e isso é a minha perdição.

— Você quer que eu te foda? — Envolvo seu pescoço levando até quase esbarrar em minha boca e ela sorri com um gemido involuntário.

— Eu quero… eu quero demais — implora rouca.

— Se eu for te foder vai ser aqui — condiciono com um sorriso de canto autoritário e sua coragem impura some com a minha imposição.

Se metade desse *caralho* de festa já está se pegando no escuro florescente, por que a minha mulher não pode cavalgar nua na frente de todos?

— Aqui, Trevor… na frente de todo mundo? — murmura baixinho, envergonhada.

— Eu não conheço esse cara — continuo o jogo apertando sua boquinha.

— Para… para de brincar — pede e ameaça largar a minha calça, mas a proíbo.

— Eu não estou entendendo. — Ofego no seu pescoço. — Você não queria o cara que não tem limites e que te rasga inteira? — questiono e quando beijo sua pele, seu corpo inteiro arrepia com força de imediato.

— Uhum… eu quero — confirma, colocando quatro dedos dentro da tira da minha calça.

— Então mostre pra mim, eu quero você rebolando no meu colo, gemendo e beijando a minha boca em público — ordeno e quando um sorrisinho ocupa sua boca eu a seguro firme e puxo sua mão.

Encontro um sofá vazio e tomo suas coxas encaixando seu quadril no meu colo quando sento no almofadado. Mas não começa, *cacete*, se isso fosse na minha sala ela já teria tirado o vestidinho bem antes de eu tocá-la. Amacio suas coxas e Mia faz o mesmo com meus ombros deixando que eu veja, mesmo que no escuro avermelhado, o quão nervosa está. Eu envolvo seu pescoço com as duas mãos e a trago para mais perto do meu rosto.

— Olhe pra mim — sussurro e coloco uma mecha mel atrás de sua orelha. — Coloque os olhos em mim, Princesa — repito e ela obedece, me encarando com os olhinhos assustados junto as bochechas coradas. — Somos apenas eu e você, continue olhando apenas pra mim — tranquilizo e me inclino para a direita enquanto ela para esquerda de forma que respiramos o mesmo ar. Ela respira o ar que eu expiro de tão perto. — Eu queria tanto beijar essa sua boquinha de mel. — Ofego e ela fecha os olhos entreabrindo os lábios se esforçando ao máximo para se entregar, pronta para mim. *Quer demais me satisfazer, eu sei.* — Você quer que eu te beije, Miranda? — sussurro, completamente hipnotizado prestes a tocá-la. Sentindo cada segundo de emoção por ainda estarmos tão distanciados, mesmo que tão colados. Esses poucos milímetros parecem metros, Mia. Eu te quero demais, diga sim, diga que quer a minha boca te beijando.

— U-uhum…

Bloqueio seu resmungo colando nossos lábios em um beijo leve em que sinto cada pequeno detalhe. O som do selar é mais alto para mim do que qualquer música sensual, agora, nesse momento, eu vejo apenas você, Mia. O seu cheiro me enfeitiça e eu fico dopado me tornando seu refém, quando me toca assim… *ah, caralho, eu amo quando toca a minha barba enquanto me beija.* Tão carinhosa e safada ao mesmo tempo fazendo desenhos com seus dedos soltando aos poucos seu quadril que estava travado de nervosismo.

*Está sentindo soltar? Eu sinto soltar.*

Você me beija de volta, não apenas retribui acanhada, a sua língua está provocando a minha e eu não me aguento parando para mordiscar seus lábios. *É tão gostoso, tão úmido, tão quente.* Uma sensação que eu só sinto

com você, Miranda. Puxo seu pescoço com mais força e já não preciso mais guiar, ela mesma segura meu rosto e joga o cabelo para a direita desarrumando a tiara de abelhinha. *Isso…* faça assim, desarrume todo esse cabelo de limão e mel por mim, eu só deixaria desarrumar por mim. Eu te quero toda descabelada. Ela já não está mais se importando com o público e eu largo seu pescoço para controlar seu quadril no meu colo. Segurando firme usufruindo cada mísera sensação dos toques, tirando e colocando, se esfregando todinha em mim.

— Eu gosto de você assim mais fácil. — Arfo, sentindo sua pele fervente macia nos meus dedos.

— Eu sou *facinha* pra você, Trevor — geme rouca na minha boca e não paro de latejar com o diminutivo.

*Você quer me enlouquecer, Miranda?*

— Facinha? — repito, batendo forte na sua bunda a fazendo sorrir demais como uma vadia safada.

— O que você deseja, Sr. White? — pergunta roçando de novo na minha ereção enquanto segura minhas patas de urso em suas nádegas.

— Eu quero sentir você. — Ofego, encarando os seus olhos de mel completamente impuros e entregues ao inferno. A mulher obedece de imediato e arranca a luva da mão com a boca. *Caralho, isso foi extremamente sexy.* Enfia devagar os dedos de mel dentro da minha calça e tira o meu pau tão duro para fora da fantasia que lubrifica sua mão, não, estou lambuzando sua mão inteira. Ela morde a minha boca enquanto solto arfadas sem parar a cada vez que massageia e tira o fecho do *body* acendendo meu corpo por completo.

Miranda ergue o quadril e roça a bocetinha melada no meu pau não me dando outra escolha se não agarrá-la. Eu a beijo tão intensamente que nem ao menos paro para sequer pensar em necessidades básicas, o que é respiração? Você me faz esquecer quando rebola assim no meu colo, tão gostoso, se misturando e nos molhando um com o outro. Esse cheiro, esse líquido é a nossa mistura, Miranda. Uma mistura tão quente que nos ferve de fora para dentro ou você não está com o coração disparado desde que mandou esse fecho para o quinto dos infernos?

Você me disse que estava melada de mel e sem calcinha e eu projetei a imagem na minha mente, é verdade, mas isso? *Caralho*, essa sua boquinha mel me beijando, os seus gemidos nos meus lábios, essa rebolada sincronizada tão encharcada… *você está encharcada, Miranda, está sentindo?* Esse é o poder do público, estão olhando para nós, eu vejo entre os poucos espaços que damos nos lábios por pura obrigação para continuarmos vivendo.

— Essas mulheres querem tanto ser você, Miranda… — Estapeio a sua bunda mais uma vez e ela pula para frente mais ofegante do que nunca finalmente voltando ao mundo real, rolando os olhos pelo salão em que inúmeras pessoas nos encaram. — Estão com inveja sua, Princesa, sentem mais tesão a cada vez que dá uma sentada ou geme mais alto, você exerga o quão atraente é? — Já não tenho mais limite algum, divagando meus pensamentos enquanto admiro-a como um bobo apaixonado.

— Eu… eu quero — sussurra, abrindo bem a boceta esfregando na cabeça do meu pau.

— Ah, caralho, Miranda, que porra é essa? — gemo, quase enforcando seu pescoço de ódio por me fazer quase gozar na frente desse público maldito apenas com uma esfregada.

— Eu quero que esses homens queiram ser você. — Me encara determinada com um sorriso mais desafiador do que Helena de Tróia pronta para enlouquecer qualquer um. Não era você que estava vermelha de vergonha e agora fala assim? Essa mulher me deixa louco e completamente confuso, mas ela me confunde de um jeito tão gostoso que eu deixo.

Você era uma bolsista tão inocente… eu me lembro de ter que te ensinar a me beijar sem que eu pedisse. Como o seu rostinho foi se aproximando do meu e como eu estava excitado e ansioso para saber seu próximo passo.

— E o que você vai fazer? — Franzo meu cenho com o mesmo sorriso de pura ansiedade, apenas esperando e encarando cada pequena ação. Não importa o que deseje, tudo que você faz, eu venero. Suas mãos deslizam pela própria cintura até que chegam ao quadril em que…

**Ela vai arrancar esse body?**

*Porra*, eu não penso mais, eu não respiro mais, eu não cometo mais uma ação sequer completamente, totalmente, extremamente fisgado por estar se despindo inteirinha para mim como um *striptease*. *Caralho*, Miranda, quem precisa de um *show* inteiro de *stripper* se você com um mísero minuto já massacra qualquer dançarina? O jeito com que vai tirando o *body* aos poucos revelando cada parte proibida sua me deixa tão ansioso que começo a suar as mãos que aperto e espremo sua bunda.

A mulher arranca o *body* e o lança longe mergulhando os dedos no meu cabelo. Me. Paraliso. Por. Completo. Admirando os seios durinhos da minha namorada que me dão água na boca. Ela não está nem aí para o meu surto com seu corpo incrível, me puxa com força para chupar seus peitos. *Mas isso vai ser um imenso prazer.* Eu sugo cada pequeno milímetro do seu seio esquerdo o lambuzando inteiro apenas anestesiando para morder de leve seu mamilo.

— Aahh… Trevor, isso… ai, caralho, não para…

Eu amo, eu sou completamente apaixonado pelo jeito que me implora xingando por prazer. A forma como a sua boca dança pronunciando um palavrão abrasileirado, tudo no seu português é tão mais sensual. Espremo seu outro seio até que eu veja a marca da minha mão enfurecida e mordo mais uma vez a fazendo voltar a rebolar e lambuzar o meu pau de puro lubrificante. Eu chupo com a minha língua e ela se esfrega em mim, não tenho mais ideia de quem está sentindo mais prazer. Antes que eu possa dar atenção ao outro ela empurra o meu peitoral contra o sofá com uma força inimaginável me fazendo escapar um sorriso malicioso. E retribui meu ato mordendo minha boca como se me anestesiasse para me largar.

Miranda levanta do meu colo sobre os saltos pretos apenas vestida com a meia arrastão. *Puta que pariu, que mulher.* O seu cabelo esparrama todo bagunçado em seus ombros e ela não se importa mais com o público. Ela xinga o público. Ela massacra o público a cada passo firme com os peitos durinhos expostos, junto a parte da sua boceta que a maldita meia já não é mais capaz de esconder tanto. Eu juro que não sei para onde ela está indo, mas acompanho com o olhar cada centímetro do seu caminho até que suas mãos seguram um pote de Nutella na mesa de doces.

**Não.**

**Você.**

**Não.**

**Pode.**

**Estar.**

**Falando.**

**Sério.**

Miranda, se fizer isso eu vou te *foder* tanto que vou fazer parecer que aquela porta quebrada do tribunal foi um passeio frágil.

Ah, *caralho*, ela está vindo até mim com um sorriso tão desafiador e poderoso que eu poderia gozar só assim, tão fácil apenas te admirando toda dona de si, Miranda. Eu sou louco, fanático, viciado em você.

Ela nem termina de caminhar até mim e eu agarro sua cintura louco de excitação, encaixando sua boceta no meu colo mais uma vez. Mia sorri como uma prostituta de luxo e enfia os dedos no pote de Nutella apenas para chupá-los na minha frente.

*Porra, minha mulher é um espetáculo.*

Está engolindo os próprios dedos deixando que eu me hipnotize com cada movimento da sua língua. Está degustando o creme de avelã aos poucos, ela não tem pressa, como se pudéssemos ficar aqui apresentando essa loucura gastronômica por horas.

— Você me deixa com água na boca, Miranda — gemo, eu só sei gemer abafado, não consigo mais afirmar, asseverar ou afunilar. Não estou mais são, apenas refém de qualquer ação que deseja fazer que envolva esse creme.

— Humm… — resmunga, latejando o meu pau que já está doendo tanto, dopado da sua tortura, que tenho certeza que um tiro doeria menos que isso. — Eu ainda nem comecei, Sr. White — provoca com a boca lambuzada, coloca o indicador nos meus lábios e o *Urso Diabético* não aguenta abocanhando-o inteiro a fazendo sorrir, mas só até me limitar totalmente com o dedo bloqueando qualquer ação. — Shh… me escute — ela sussurra.

— Fala, eu faço, eu faço o que você quiser. — Arfo, totalmente dopado por seu feitiço.

— Não goza — ordena.

— Ah, Miranda, puta que pariu — xingo, bufando com ódio do que está me pedindo.

— Não goza — ela repete mais uma vez como um alerta.

— Eu não gozo — obedeço como a *porra* de um cachorro adestrado e ela abre mais meu colete de pelos.

*Miranda me encara mais uma vez com um sorriso perverso*, enfia a mão completa dentro do pote e bate com força contra o meu peito lambuzando o meu abdômen, minha virilha e meu pau inteiro de Nutella.

**Eu paraliso. Eu travo. Eu imobilizo.**

Meu corpo inteiro só sabe venerá-la e eu só não estou ajoelhado beijando seus saltos porque ela me quer imóvel. Mia está apaixonada pela minha reação ou a falta dela, eu vejo em cada segundo do seu sorriso exultante mergulhado em pura promiscuidade.

*Miranda me encara mais uma vez com um sorriso perverso* e ela me lambe. Ela está lambendo o meu peitoral inteiro me fazendo tremer de puro alívio e não posso olhar, não posso encarar essa visão, eu observo qualquer coisa, eu cubro meu rosto com as patas aveludadas tremendo, eu estou tremendo e fazendo tanta força para não estourar que poderia mover prédios com tamanho esforço.

— Olhe pra mim, Ursinho — pede, melando o meu tanquinho.

— Miranda, se eu olhar, eu gozo. — Ofego alertando, mas ela ignora meu apelo e segura com força o meu queixo.

— Não, você não vai gozar, porque eu mandei não fazer, olhe pra mim — ordena, franzo meu cenho respirando o máximo que posso e obedeço.

*Ah, caralho, eu obedeço.*

Eu obedeci para ver a língua da minha mulher fazendo a *porra* de um *Bodyshot*[19]... Não, Trevor, ela está fazendo um ***Bodytella***.

Está descendo cada vez mais me fazendo perder todo o resquício de pureza que tinha em meu corpo relacionado a creme de avelã. Eu já não conseguia olhar para o meu creme favorito dias após a cena na minha cozinha, mas agora? Miranda, você acabou com a Nutella pura para mim e

agora eu a exergo como item *gourmet* da nossa própria *1gastronomia1* pornográfica.

Você sabe que a cada centímetro que lambe me enlouquece, mas não está satisfeita, não quer apenas dar longas lambidas em cada gomo do meu abdômen. *Você quer…* você quer pagar um boquete lambuzada de Nutella mais uma vez.

*Miranda me encara com um sorriso perverso* e ela chupa. Ela está chupando o meu pau como um sorvete em que a calda é pura Nutella misturada com o meu lubrificante que você implorava por mais, rebolando no meu colo. Eu ofego, arfo e gemo mais do que nunca, sem poder pensar no público, esse eu já assassinei na minha mente, porque se o público visse o quão adestrado eu sou pela minha mulher… Ela não cansa ou descansa, apenas continua engolindo o meu pau para cima e para baixo sem parar e a cada vez que sua boquinha de mel chupa, eu tenho mais certeza do que quero fazer com ela.

*Vamos, Miranda, deguste, eu sei que você ama pagar um boquete para o seu chefe.*

As minhas veias estão dilatadas e meu membro não para um segundo de jogar lubrificante na sua língua aguçada, mas quero mais. *Eu quero te ver errar.* Agarro seu cabelo sem qualquer aviso e forço sua cabeça para baixo para engolir meu pau inteiro de uma vez. Eu a vejo em puro desespero procurando formas de respirar completamente preenchida, mas não largo. Mia bate as mãos lambuzadas de Nutella nos meus braços sujando meus músculos, mas não paro. Eu não vou parar até você errar.

— Engasgue — afunilo, pressionando com mais força ainda e ela obedece engasgando como se eu tivesse enfiado uma garrafa inteira em sua boca. Mas é uma garrafa de álcool, não é? Para você estar tão viciada assim no meu pau querendo tudo na sua boca, só pode ser álcool.

A mulher cospe saliva no chão sangrento e para a minha maior surpresa, se recupera limpando os últimos resquícios de creme de avelã.

— Miranda, termine — ordeno e ela beija a cabeça rosada.

— Hum? — resmunga com a maquiagem amarela borrada.

— Miranda, acabe logo com isso, porque eu vou te comer de quatro naquela mesa — assevero, ela entreabre os lábios com a minha autoridade e

não aguento esperar.

Agarro sua cabeça e choco sua boca recheada de avelã na minha mordiscando, enrolando, beijando seus lábios sem parar. Degustando sua língua perdendo todo e qualquer raciocínio que me resta. Eu não respiro, inspiro ou expiro, porque ela fez. Ela rebolou no meu colo. Ela arrancou o body. Ela ficou pelada. Ela fez um *Bodytella*. E ela me deixou vê-la errar.

*Agora, Miranda, eu vou cumprir a minha palavra.*

Largo sua boca sem qualquer aviso e a jogo de uma vez e com força sobre a mesa de doces de Halloween. Retiro sua meia arrastão revelando a sua bunda branca demais para o meu gosto, mas não seja por isso, eu estapeio. Lanço um tapa fortíssimo em sua nádega e ela pula para frente agarrando as bordas de madeira.

— Trevor, por fav… por favor, faça — choraminga apertando a toalha vermelha com os dedos e eu obedeço. — Eu não aguento mais… é séri… é sério.

— Seu desejo é uma ordem. — Ofego.

Entreabro às pressas suas pernas, enrolo seu cabelo em minha mão direita e meto. Eu meto o meu pau dentro da sua boceta encharcada já faz horas e ele desliza como calda de sorvete. *Para frente…* ela geme tão alto que chama o resto da atenção do público que ainda não estava hipnotizado. *Para trás…* empina mais a bunda me implorando para não deixá-la. É um movimento viciante que treme a mesa, copos, talheres sem parar.

*E, Miranda, uma vez que começa…*

Arranco seu quadril para trás e a *fodo* com força, *fodendo* sem me importar com qualquer outra coisa no mundo, como se não houvesse amanhã, porque se eu morresse aqui, após esse *show* já teria valido a pena. Você me deixou dopado, viciado e fanático por você, Miranda. Eu não consigo parar, me soterrando dentro de você cada vez mais fazendo dos seus gemidos uma melodia que eu só quero ouvir mais uma, duas, três… quantas vezes mais, você aguenta? E com força bruta, você aguenta mais uma?

Abro sua bunda para me lembrar muito bem da última vez que vou enterrá-la. Encaro meu pau extremamente duro com veias pulsantes que já não aguentam mais e a sua boceta encharcada toda aberta pronta para mim.

Cravo as mãos no seu cabelo, puxo sua cabeça para trás e a penetro tão fundo que seu grito estridente de susto é o suficiente para fazer nós dois gozarmos misturando *leite de canela* com *leite de avelã.*

*É... o Urso Diabético se lambuzou do mel da Abelhinha.*



Estou totalmente, completamente, inteiramente adestrado. A partir de hoje eu tenho medo das minhas ações, eu tenho muito medo de perder minha postura forte masculina que a atrai. Porque eu não consigo mais comer, andar e até mesmo respirar sem venerar Miranda Ross. Já estou me lembrando de quando era obcecado por ela, a sensação parece ser a mesma. Eu nunca, em toda a minha vida, senti tanto prazer.

Eu já transei demais na vida, acredite.

Loiras, ruivas, morenas de todo tipo, algumas me levaram ao extremo e outras me fizeram apaixonar por dez anos, mas nunca. Nunca em toda a junção dos meus dias, eu gozei tanto. Chegou a me surpreender de forma bizarra o quanto eu continuava jorrando na boceta dela sem parar. É como se tivesse me feito acumular por horas a cada lambida no meu peitoral. E essas cenas não saem da minha mente, eu a vejo conversando com outras pessoas e a enxergo ajoelhada engolindo o meu pau lambuzado de Nutella. Isso é tão promíscuo e ninfomaníaco, mas é a verdade.

— Está pensando de novo, não está? — A voz de mel me chama enquanto estou encostado no bar bebendo goles de *whisky* admirando o público se esfregando.

— O quê? Eu? Não… — minto e ela ri um pouco puxando meu rosto para si. Acaricia aos pouquinhos a minha barba e sela nossos lábios com beijinhos leves que sou viciado. Eu ouço atentamente cada som que soltamos um no outro, o toque na minha boca e o carinho de seus dedos. — Eu te amo, eu sou tão apaixonado por você, Miranda. — Ofego, lhe

encarando com meus olhos mais brilhantes do que nunca como o Gato de Botas admirando sua amada *Kitty.*

— Humm… — Ela sorri corando as bochechas lisonjeada. — Parece que não está mais estressadinho, não é?

— Me quer estressado? Eu estresso. Me quer calmo? Eu acalmo. Me quer aos seus pés? Eu ajoelho, basta pedir, Princesa — declaro e ela nega com a cabeça rindo mais ainda.

— Eu também te amo, Trevor — Retribui, beijando minha boca mais uma vez.

— Parece que a bolsista inocente que o senhor dizia ter, não é mais tanto assim. — A voz vermelha invade nossos ouvidos e traz o cheiro cítrico com um sorriso malicioso.

— Nunca foi, Loirinha — confesso e puxo a cintura das duas para mim as fazendo rir de susto pelo movimento. — Vocês duas não são nada inocentes. — Imponho, beijando a boca da minha namorada e o ombro da rainha vermelha. — E eu amo as duas.

— Eu acho, Sarah…

— Que tem alguém bêbado aqui, Miranda? — Se comunicam caçoando de mim, embora retribuam meu aperto.

— Mas que ultraje, eu não posso dizer que amo as duas sóbrio? — questiono, negando com a cabeça.

— Claro, Ursinho — Mia cede.

— Sem dúvidas, Branquinho — a loira concorda.

— Ótim…

Antes que eu termine minha palavra ouvimos toques de um talher em uma taça de vidro chamando a atenção de todos.

— Mas que porra é essa? — Sarah se estressa de imediato, franzindo as sobrancelhas claras dopada de ódio por algo estar acontecendo que não tenha planejado.

Nós três damos passos firmes para onde as batidas chamam e não param de tocar até que encontro um… um homem de lata? Ah, nossa,

Foster. Tenho que admitir, *puta que pariu*, ideia genial, o coração vermelho espetacular.

— Aaaah, que criativo, Trevor — Mia elogia, mordendo a boca com um sorriso.

— Criativo? Isso é doentio, ele não pode aparecer assim do além sem me consultar, mas que desgraç…

— Loirinha, vamos respirar? — peço, virando seu queixo para mim e minha namorada assente pedindo o mesmo. — Eu acho que o Thomas quer que vá até ele.

— Vai ficar querendo, como pôde fazer isso em público? — ela se questiona e de imediato é como se chutasse com força a minha virilha mostrando que a culpa é minha.

*Caralho, fui eu a dar a ideia do público.*

— Você não gosta de público? Eu sempr…

— Eu gosto quando você faz em público, Trevor, porque você gosta de públic… espera.

**Fodeu.**

— Você sabia disso?! — Me encara com os olhos azuis ferventes de raiva.

— Veja bem, eu não tinha ideia de que ele faria isso nesse exato momento — explico e ela respira muito fundo como se estivesse prestes a infartar e caso não fizesse o ato, morreria de tanto ódio.

— Sarah — Mia chama e a loira a encara fervendo. — Você gosta dele? — questiona a pergunta que sei que ela odeia demais responder, enquanto o homem vestido de cinza prateado nos encara sem poder ouvir.

— Ele é um egocêntrico, um egoísta e ele… ele me enlouquece — confessa baixinho surtando, apenas encarando os olhos de mel.

— Seria errado se não enlouquecesse, tem mais algum homem aqui que consegue te irritar tanto assim? Mais algum que te faz errar as palavras? Eu nunca vi gaguejar uma única vez com Trevor, só com ele.

— Porque ele é um idiota… um idiota que…

— Que te ama demais — completa e me surpreendo com a comunicação entre as duas. — Basta saber se você o ama demais.

A voz da minha bolsista a faz paralisar de imediato como se estivesse cogitando as centenas de possibilidades que poderiam acontecer.

Ela casaria com ele para sempre?

Ela o magoaria para sempre?

O que você quer saber, Loirinha?

Como quer prosseguir?

— Isso não é real — ela afirma convicta e caminha até o homem que um dia me fez sentir tanta raiva que cometi loucuras por ciúme. O homem que eu nunca quis entregá-la de maneira alguma, mas que hoje não parece ruim, parece certo.

As palavras que ele declara, as rosas que trouxe para todos os lados, o jeito que o gato mais traiçoeiro do universo o encara sem ódio, até mesmo o gato dela gosta dele, como isso é possível? Você enxerga, Sarah? Porque eu apenas te vejo ouvindo o quanto ele te ama, mas não sei se está escutando. Enquanto todos estão completamente maravilhados, os homens se sentem inferiores e as mulheres desejam o que você tem agora.

*Você ama o Thomas?*

36



# Lareira de Groselha

*Vejo você ligando no meu telefone*
*Se você sentir minha falta*
*Compre um ingresso para o meu show*
*Eu finalmente estou aqui*
*Comece os aplausos*
*Vamos deixar mais alto*
*Este é para a mulher da hora*
***Woman Of The Hour - Stela Cole***

SARAH SCOTT

Consentimento. Acordo de vontade das partes para se alcançar um objetivo comum. O poder é superestimado ou talvez seja apenas mascarado demais. A parte do elevar de ego, autoridade respeitada e brincar de Deus e Carrasco é divertida. Só até se dar conta de que o poder sobrecarrega, mente e te manipula, enfiando uma estaca no coração até que se humilhe e peça arrego. E você vai ceder, porque até mesmo os mais viciados em poder precisam delegar.

Meus saltos vermelhos são masoquistas.

Não sentem uma lasca de piedade e abominam a misericórdia, loucos, malucos, doentes por dilacerar meus pés. Me torno refém de seu aperto que penetra cada epitelial dos meus calcanhares albinos enquanto estou imobilizada.

A dor que os masoquistas me causam é a única razão pela qual ainda estou viva, se eu não sentisse me degradarem segundo a segundo eu me

mataria. Perfuraria meu pescoço com meu cetro deixando que minha cabeça rolasse pelo chão de mármore sangrento e mesclaria o líquido falso com o real.

O julgamento está ao meu redor, pares de olhos maravilhados com o homem acinzentado que está ajoelhado aos meus masoquistas. Em todos esses anos eu nunca o vi ajoelhar para mim uma única vez, mas ele me arrastava na lama ralando meu rosto com um sorriso dopado de poder. Suas írises mergulhadas em puro cinza metálico me encaram, veneram e esperam uma resposta constituída por três letras. O seu terno enlatado e as manchas brilhantes no seu peitoral estão me exigindo uma resposta, e não apenas uma resposta.

**Thomas quer que eu consinta isso.**

Declarando palavras definidas como meigas e amorosas em frente a todos para me fazer de tola. Ele deve me achar muito inocente se acha que não decifrei seu plano inteiro fase por fase, mesmo que sua humilhação me agrade. O homem não errou em nenhum único detalhe, guerreando com a arma mais brilhante e premiada, o rubi vermelho sangue.

A pedra preciosa mais esbelta de todos os minerais universais. A gema valiosíssima que poucos dominam e suas almas desejam pelos benefícios que a cultura grega nos ensinou: eles diziam que o rubi traz o mais puro amor sincero.

Eu finalmente encontrei uma falha na sua mansão conjugal arquitetada pelo Diabo Acinzentado que habita dentro de você. O nosso amor nunca foi sincero e é por isso que agora manterei a tradição.

Mas antes de cometer qualquer mísero ato, minha mente e corpo me obrigam a buscar a opinião do meu Amor Leal. Afinal, ele me conhece mais do que eu mesma. Meu azul profundo encontra seu castanho e nos encaramos por quase imperceptíveis frações de segundo.

*O que eu faço?*

Trevor se choca com meu desespero não visto pelo público, mas completamente visível para ele. Como se fosse uma espécie de absurdo deixar que ele decida por mim, é o que consigo enxergar, mas ignoro, porque nossa relação sempre foi assim. E por mais que ele não goste de ter nas mãos o poder de minhas decisões, assente com a cabeça.

*Esse será o último espetáculo que deixarei meu figurino vermelho presenciar, Sr. Foster.*

— Sim. — Ofego, mordendo minha boca com um sorriso exultante que lança uma salva de palma incomensurável por minha mansão inteira.

— Casa comigo? — Thomas repete deixando de ajoelhar sorrindo tanto que suas covinhas desmancham deixando apenas a pura e mais sincera reação de felicidade em seu rosto.

Não finja que não sabe que isso tudo é falso, homem, até parece que você é doente o suficiente para achar que daríamos certo.

— Eu caso com você. — Balanço meus cabelos loiros para os lados imitando sua atuação e ele segura meu pulso pela primeira vez em anos com uma força mínima.

Espera, onde está a força?

Deslizando o anel de ouro legítimo premiado com o rubi falso no meu dedo anelar como se houvesse ensaiado essa cena milhares de vezes e realmente se importasse. Você só quer me machucar mais, é apenas mais um jogo nosso, não está levando isso a sério, está? Tudo que você sempre foi é um Rei do Drama que é viciado em atenção e venceu essa batalha porque eu nunca negaria um pedido seu.

**O quê?**

*Eu… eu nunca negaria um pedido em público.*

Me reconstruo imediatamente com medo do que minha mente acaba de pensar. Você não aceitaria um pedido como esse, você não quer aceitar, você não o ama de verdade. Pare de ceder ao sorriso dele com sua resposta, é mentira, ele só vai te machucar mais uma vez. Vai te fazer de tapete pisando sem parar e quando menos esperar, vai estar louca novamente implorando por sua atenção. Eu não vou voltar a ser a sua *redatorazinha* que passava horas em ônibus e trens para te ver quando você não desmarcava uma única reunião por mim.

Eu sou CEO agora, assim como você era na época e eu sei que poderia ter feito mais. Mas a verdade é que você sempre gostou de me ver sofrer, de me ver gritar de dor por seus espancamentos e as ofensas que me faziam chorar horas no banho. Qualquer mínimo defeito que você encontrava em

mim, eu mudava em um estalar de dedos querendo que você me amasse. Porque seria injusto.

*Seria injusto eu te amar tanto e você não sentir o mesmo…*

**Não. Não. Não.**

O que está acontecendo comigo?

Sarah, ele está te manipulando.

Estou perdendo o raciocínio por estar se aproximando de mim, passos firmes e olhos de cor cinza que me devoram. Eu tenho que fugir. Eu preciso fugir daqui, porque eu sei que quando me beijar não vou mais conseguir parar. Thomas me dopa, alucina e educa para seguir apenas suas ordens, não vou conseguir deixá-lo quando me acorrentar e me fazer lembrar como a sua mão pesada me deixa encharcad…

Não, esse não é o seu sentimento por ele. Você o odeia por estar te submetendo a esse horror de ter que fingir amá-lo, o que parece tão simples, porque eu não cogitei negar, mas é falso.

Não se aproxime mais.

Pare agora, não prossiga.

A porta principal está ao nosso lado, eu posso fugir agora, posso abri-la e correr para o meu quarto fingindo que nada disso está acontecendo. Fingindo que o anel dele não está incrivelmente brilhante em meu dedo, fingindo que meu coração não está disparado assim que respira o ar que eu expiro, fingindo que minhas pernas não estão tremendo por debaixo de todo esse vestido bufante vermelho, fingindo que eu não quero beijá-lo…

**Eu quero.**

**Eu quero demais.**

Agarro a gola do homem de lata e choco sua boca contra a minha apenas para ser lembrada de que esse será meu primeiro e último ato de escolha. Thomas toma minhas coxas com uma força sem proporções e me faz encharcar em segundos quando doma o peso absurdo do meu vestido. Amasso seu rosto como se pudesse excluí-lo, asfixiá-lo e 1matá-lo com minhas próprias mãos; eu poderia matar. Aos olhos de todos estamos apenas nos beijando, apaixonados pelo pedido entupido de algodão doce, mas não. Não é doce, é amargo, é *bourbon* dos mais antigos que ferra meu

raciocínio. Eu quero te matar por me fazer não saber como agir. Sou eu sempre que decido e dito as ordens, mas com você? Nem se eu quisesse conseguiria, minhas decisões se tornam burras como essa de estar enroscando minha língua com você, o Diabo. O homem me lança na porta quilométrica abrindo-a e nos trancando para dentro da minha mansão.

*Agora que já conseguiu o que desejava pode excluir o público da equação, não?*

Você vai sofrer tão profundamente quando eu te negar que ver sua decepção vai ser a imagem da minha masturbação. Não é assim? Você se excita com meu sofrimento e… e eu me *excito* com a *dor* que me causa. Parece uma combinação perfeita, mas não é, nunca foi ou talvez pode ter funcionado por um ano por *minha* causa. Ele me carrega pelas escadas de mármore nos esbarrando nos corrimões e paredes com passos totalmente desgovernados. Transar na escada é muito desconfortável não vamos fazer aqu… *e nem em nenhum lugar, porra!*

Eu preciso parar, faça parar… suas mãos espremem a minha bunda marcando cada fibra de seus dedos na minha pele branquinha e eu gemo. Gemo na sua boca louca de ódio e tesão apenas por segundos de dor, então imagine se me desse as palmadas por horas que dominam meus sonhos. Por mais que meus seios já estejam duros com minutos de contato, não está tão autoritário como de costume, como se estivesse fazendo… *amor?*

*Thomas, você fez esse pedido de verdade?*

Realmente é louco o suficiente para achar que daríamos certo? Isso é tão doentio que me dá asco, parece não enxergar o quanto foi traumático cada dia do nosso relacionamento. Eu nunca deveria ter me entregado para você, nunca deveria ter aceitado aquele jantar romântico e nunca deveria ter deixado que me desse o primeiro tapa. Isso foi a minha perdição, mas é só para isso que você serve, para me infligir dor e o fato de você ver algo romântico nisso é loucura.

*Sarah, deixe de mentir para si mesma, a dor, o sexo e os encontros nunca foram o problema, e sim, a* ***dedução****.*

Ele deduz que eu aceitaria por estar em público, deduz que eu transaria com ele no tribunal, deduz que eu o beijaria no jantar, deduz que eu o quero

de volta, deduz que eu não tenho amor próprio, deduz que eu me casaria com ele em um mês simplesmente porque ele deseja?

ELE DEDUZ QUE EU O AMO!

Junto todas as minhas forças para escorregar do seu colo, firmo meus saltos no chão e viro um tapa fortíssimo em seu rosto que marca cada milímetro de sua pele com minhas unhas vermelhas. Ainda com a face virada quando acho que vai surtar, ele sorri.

**Ele está sorrindo com o meu tapa?!**

— Já começamos assim? — Franze o cenho com um sorriso tão malicioso que poderia converter três freiras ao pecado por minuto. — Eu vou deixar apenas porque disse sim.

— Você acha que isso é real?! — confronto, erguendo minhas sobrancelhas completamente chocada que realmente está achando que vamos nos casar. — Acha que eu me casaria com você? — repito me afastando para trás enquanto ele permanece imóvel me encarando perplexo. — Ah, meu Deus, você é… — Bufo para mim mesma esbugalhando os olhos com tamanha insanidade. — Ah, meu Deus… — sussurro, na tentativa de me acalmar e recuperar meu fôlego.

— Eu sou o quê?

— VOCÊ É LOUCO! — grito, fazendo com que todos os vidros tremam, o fogo da lareira ofusca por um instante e o silêncio dopado de culpa consome meus braços abertos de indignação. — VOCÊ É MALUCO! — Minhas cordas vocais superam todos os limites e cada passo que me aproximo dele é combustível para atingir mais níveis. — VOCÊ É DOENTE, DEVERIA ESTAR EM UM HOSPÍCIO! — berro com toda a minha força no seu rosto fazendo com que seus olhos acinzentados me encarem assustados. — Realmente acha que eu sequer cogitaria namorar com você de novo? Ou pior, que eu me casaria com você? Eu não sinto nada por você, seu cretino! Eu não te quero e teve sorte que resolvi te usar de brinquedo esse mês, espero que tenha aproveitado, porque nunca mais vai me ver depois de me humilh…

— Te humilhar? Eu declarei meu amor por você e me ajoelhei por você, como isso pode ser te humilhar, Sarah? — Ameaça tocar meu pescoço

como se fosse me calar com seu carinho e empatia e eu me esquivo para trás. É falso, você só se importa consigo mesmo.

— SAIA DA MINHA CASA! — berro, apontando com meu cetro a porta sem querer ouvir mais das suas mentiras.

— Por que disse sim? — questiona, erguendo a sobrancelha manipulativa ignorando minhas ordens.

— Precisa de um aparelho auditivo?! Eu mandei sair, saia agora! — xingo, ordenando mais uma vez e ele dá passos firmes e lentos até mim acelerando meu coração.

Não se aproxime mais, eu estou gritando, asseverando, afunilando que obedeça, mas ele nunca cedeu a um sequer comando meu. Não vai ser assim agora, eu posso te matar, eu tenho certeza de que se quiser eu posso. Enfiaria minhas unhas na sua clavícula, te asfixiaria entre minhas coxas e poderia bater tão forte em sua cabeça com meu cetro que teria um traumatismo. Eu só quero que pare de me obrigar a me afastar, porque a cada passo mais perto… eu não quero admitir, pare de me perguntar, pare, pare, pare.

— Por que disse sim? — A interrogação invade minha mente como um ataque súbito e retribuo lançando meu cetro contra sua cabeça, mas ele segura o cabo tão forte que treme minhas pernas, elas fraquejam por estar mostrando mais uma vez quem manda.

Antes que eu possa fugir, Thomas firma as mãos no cabo e o empurra contra o meu pescoço dificultando minha respiração. Não, *porra*, está rápido demais, não, não, não. Ele bate meu corpo contra a parede e o baque do objeto contra a minha garganta me fez ver a luz do inferno por milésimos de segundo. Está pressionando cada vez mais com ódio das minhas palavras, mas não vou ceder. Eu morro antes de lhe dar o que tanto deseja.

— Você vai falar — ordena, me penetrando com os olhos cor de cinza sombrio que seriam capazes de qualquer ato para conseguirem a minha resposta.

— Eu nã…

— FALA! — berra no meu rosto fazendo com que meu organismo inteiro estremeça e me calo completamente sem soltar mais nenhum som

que o desafie. Mordo minha boca e já não sei mais se é por estar tremendo de medo do que poderá fazer comigo ou por sua autoridade ter me transformado em uma gatinha mansa que se encharcou com uma única ordem em voz alta do homem. Eu te odeio tanto, eu odeio subitamente o efeito que tem sobre mim. Trevor nunca ousaria gritar tão louco de raiva assim e muito menos quase me enforcar.

*É isso que me fez apaixonar uma vez por esse cretino?*

Esse tom severo que me faz temer seu próximo ato, você me mataria realmente como todo o seu corpo estimula que deseja fazer ou faria questão de me *foder* antes de cortar minha cabeça?

Eu sei, eu tenho ciência de que sua ordem foi para que eu falasse, mas tenho a intuição de que me ver sentindo medo, como um efeito ao seu grito. Você ama se sentir superior a mim, não ama? Seu machista de merda, eu te odeio tanto porque não consigo resistir a esse sentimento meu que impulsiona para me entregar. Por que não delega poder mais uma vez a ele? Onde estão suas algemas que me faziam quase gozar só com o jeito robusto que as fechava em meu pulso. Deixando tão apertado com o objetivo claro de me presentear com duas novas pulseiras, mas não são de prata, ouro ou bronze, são de sangue.

*A constante lembrança de que ele é e sempre será o meu dominador.*

Ele aumenta a força com que me ataca cada vez mais é verdade, mas isso não o impede de impor o nariz em minha bochecha corada sentindo todas as fibras do meu aroma cítrico. Thomas me cheira como se pudesse me comer com o olfato e a cada vez que me sente, mais minhas pernas se contorcem.

— Tem razão, minha Rainha Vermelha, talvez eu seja louco, maluco, doente… — assevera, o cetro contra minha respiração, mas ofega no meu ouvido as palavras que quase fazem líquido escorrer em minhas coxas. — Eu sempre estive em um hospício quando se tratou de amar você. — Ele lambe o meu rosto queimando minha pele com a língua que eu imploro, mas não confesso que gostaria que estivesse minha boca.

— P-para… pare de mentir. — Arfo, lutando bravamente por um resquício de respiro.

— Eu minto? Ou você mente? — questiona, rolando o bastão para baixo ralando minha pele e a fúria com que movimenta é suficiente para arrastar meu decote para baixo fazendo dos meus mamilos endurecidos suas novas vítimas de sufoco. — Você diz que não sente nada? Então eu acho que a bomba que bate dentro do seu peito discorda, faça parar de bater tão forte assim com meu toque e eu acredito — desafia, sorrindo vitorioso por minha raiva estar queimando a traqueia com tanto ardor que não respiro mais, apenas ofego desesperada. — Você diz que não me quer? — arranca o cetro dos meus peitos e o enfia com força entre minhas pernas fazendo deslizar com facilidade para frente e para trás por tamanho líquido que estou emanando. — Então eu acho que a sua boceta encharcada discorda, faça parar de molhar tanto assim com minhas palavras e eu acredito — assevera apertando, cravando, espremendo o meu pescoço.

— Cretino — gemo de ódio, engolindo a saliva que se forma em minha boca por não conseguir parar de encarar seu peitoral exposto se contraindo pela fúria de seus movimentos.

— E ainda acha que não me ama? Ah, você conseguiu mentir para todo aquele salão, então vai mentir para mim agora. Diga que não me ama — ordena, aumentando a força que pressiona o bastão na minha calcinha.

*Ah, ele acha que vou obedecer? Só por que ele quer que eu diga isso? Nunca.*

Eu. Morro. Antes. De. Lhe. Dar. Esse. Gostinho.

— Não me faça esperar — afunila e tenho certeza de que se evoluir mais o aperto, meu rosto trocará de cor para roxo de asfixia. — Não me teste, Sarah, não vou hesitar em te punir por isso. — Ergo ao máximo meu rosto e imponho contra o dele aprofundando nosso olhar em uma mistura de cinza azulado sombrio. Sua mão coça, eu vejo, está coçando demais, ele quer me fazer sentir dor assim como eu o fiz sentir com minhas palavras. — DIGA QUE NÃO ME AMA! — ele arranca o bastão de minhas coxas e bate na parede com tanta força que um buraco se forma escorrendo farelos de demolição junto aos descascos de tinta.

Mas eu não faço.

Mas eu não digo.

Mas eu não obedeço.

Thomas larga o meu pescoço, crava as mãos no meu cabelo e me arrasta pelo chão como se eu fosse uma das malditas secretárias submissas dele e me empurra sobre a cama de bruços. Antes que eu possa cometer qualquer ato de fuga, ele arranca a saia bufante da fantasia me despindo e me condenando a ficar apenas com o corpete avermelhado. Ele se inclina o suficiente para ressoar perto de meus ouvidos e amacia a minha bunda albina como se me anestesiasse.

— Diga, é sua última chance — alerta, mas nem morta eu vou ceder às suas orden… *Ah, caralho!* Ele lança um tapa fortíssimo na minha nádega e me obriga a arranhar os lençóis com os lábios completamente abertos pela força de seu ataque. Eu não obedeço, não vou obedecer. Thomas recua por milésimos e estapeia mais uma vez estalando e desafiando os níveis sonoros, porque tenho certeza de que os convidados poderiam ouvir essa surra, mas eu? Eu só consigo ouvi-lo ofegar de puro prazer ao me ver mais uma vez marcada. — Vamos, não é a vadia manipuladora, Sarah Scott?

— Ah! — grito com ódio do meu corpo inteiro por não ter se aguentado e lhe ajudado ainda mais a se sentir superior. Eu não estou gostando disso… eu não quero gostar disso, eu não devo gostar disso.

— Não me faça piorar — alerta e antes que eu possa desafiá-lo, ele piora dando uma palmada tão furiosa que desafia qualquer limite rígido, tatuando o formato de sua mão em minha bunda.

— Aaah… não, não me faç… — gemo, arranhando os lençóis.

— Não te faça gostar disso? — Estapeia mais uma vez e arranca meu cabelo para trás impondo seu rosto no meu quase selando nossos lábios. — Você gosta, não gosta? — Mais um tapa e eu fecho meus olhos tentando ao máximo não ceder. — Gosta, você ama apanhar, sua vadia malcriada. — Thomas junta todos os estímulos e me lança um tapa tão forte que arrepia chocando meu corpo inteiro com tamanha ousadia em desafiar as leis do absurdo e eu sorrio. Eu sorrio exatamente como a vadia malcriada que ele diz que eu sou.

*Tem razão, Tomy, eu amo apanhar e amo ainda mais quando é você quem me bate.*

— Admita, confesse, diga que não me ama, Sarah! Vai ser difícil com essa sua boceta encharcada com meus tapas, acha isso muito? Eu faço pior

— alerta, mas eu não acredito que vá fazer.

— Aah… e vai fazer o que se eu não quiser? Não estamos no seu palácio sadomasoquista — eu digo e ele me larga falando sozinha se aproximando da lareira. — Não há nada aqui que poderá ser pior que seus tapinh…

O homem me cala enfiando um pano vermelho em minha boca e eu tenho vontade de esfaqueá-lo por isso. Arranca minhas mãos para trás e contra todas as minhas hipóteses do que poderia ser capaz de fazer, eu escuto o som das algemas com cheirinho de baunilha.

Não. Ele. Não. Trouxe. Essa. Merda.

*Desgraçado!*

Não apenas me algema, ele as fecha nos meus pulsos no aperto ao máximo e como se não bastasse, testa a trava fazendo dos meus braços a rédea de uma égua pronta para seus desejos. Eu te odeio tanto e faço esforço para sair, mas não há a menor possibilidade disso acontecer agora. Eu posso aguentar mais que isso, já aguentei mais que isso, não ser…

— Essas seringas servem para o que mesmo, minha rainha vermelha? — Reviro os olhos de puro ódio por seu tom de deboche e ele retira o pano dos meus lábios. — Se desafiar mais uma vez, pode ter certeza que eu enfio esse pano goela abaixo e te largo algemada nessa cama — afunila e antes que eu possa mandá-lo para o quinto dos infernos, ele coloca a seringa de groselha na altura dos meus olhos.

Parece perfeitamente comum, exceto pela ponta que está deformada, saindo fumaça, quente, aparenta estar fervendo e se o plástico derreteu, a groselha deve estar como lava vulcânic…

— AH! THOMAS, PORRA! — grito com todas as minhas cordas vocais quando pinga a groselha fervente sobre a pele das minhas costas dilacerando, queimando, aniquilando minha derme.

— Grite, quanto mais gritar mais eu faço pior ou… eu posso parar, se disser que me não me ama — condiciona, mas eu permaneço calada, usando todas as minhas forças para aguent…

— AH! FOSTER, ISS…

— Isso é demais? — questiona, mordendo a minha orelha e eu arrepio ainda mais o corpo inteiro de puro prazer por finalmente estar sentindo sua força, por estar sentindo sua língua me tocando e eu imploro por mais, me machuque mais sem parar, não ceda aos limites. — É melhor que diga, antes que eu deixe cicatriz nessa sua pele branquinha. — Nego com a cabeça me contorcendo na cama a cada vez que a gota adocicada furiosa me atormenta. — Se bem que… uma cicatriz não seria ruim, talvez uma com as minhas iniciais. — Ele ri perverso.

— THOMAS, SE VOC…

Ele cala minha boca com um tapa fortíssimo e arranha minhas costas desenhando a primeira letra do seu nome. Desenhar? Ele está queimando, cicatrizando, tatuando, dilacerando, torturando cada célula de pele minha para mostrar quem manda em mim.

Ele foi capaz de flamejar groselha vermelha na minha própria lareira para me torturar.

*Lareira de Groselha.*

A quem está querendo enganar, Sarah? Seja sincera consigo mesma, você está mentindo, não está? Você ama demais cada pequeno e minúsculo resquício de dor que ele te causa. A primeira letra do seu sobrenome é iniciada e eu tenho certeza de que fui ao inferno e voltei três vezes sem que a tortura terminasse e minha pele parasse de queimar. ***Você gosta, não gosta?*** Eu amo suas surras, eu amo as suas palavras, eu amo a sua força. E você sabe disso, sabe que eu gritaria de prazer por cada tapa e que mesmo que eu estivesse te odiando não seria capaz de mentir que não gosto. Meu sorriso mostra que eu amo, minha boceta molhada por ele mostra que eu amo e o fato de não ter falado ainda para que deixe de me torturar mostra isso… *você quer a mentira?*

— Thom-mas… ah, por fa-avor… eu não poss… — choramingo, escorrendo lágrimas de pura dor, aflição e agonia.

— Não pode? Ah, mas eu vou fazer poder — assevera e finca a seringa perfurando minha pele.

— AH! THOM… T-Tomy, eu te amo… e-eu te amo, pare, chega, por f-favor… — minhas cordas vocais desistem, são incompetentes demais e

me obrigam a gemer de dor implorando para que encerre a tortura pela verdade que digo.

Ele arremessa a seringa para queimar na lareira, crava as mãos na minha cabeça e puxa tão forte para trás que quase arranca meu cabelo. Sorri, ele está sorrindo demais ao meu lado impondo o nariz em minha nuca, pescoço e por fim a bochecha que invade cheirando cada fibra do meu ser.

— Você me ama? — questiona ofegante, tão vitorioso que poderia me dar ódio, mas agora apenas consigo arfar demais. Eu ofego, arfo e quase gemo virando um pouco minha cabeça para tocar de leve seus lábios sentindo o suor da sua excitação misturar com o meu. — Não precisa casar… apenas diga mais uma vez, diga que você me ama. — Thomas implora com as sobrancelhas que não são mais perversas, ele realmente quer que eu o ame e seja capaz de dizer para que ouça e não esqueça. Ele abre mão do que mais planejou ajoelhado na frente de todos, só para me ouvir dizer mais uma vez. E ainda diz que não é insanidade?

*Sarah, ele disse que é louco, maluco e doente... por você.*

— Eu amo você, Tomy — cedo, abrindo mão de todo o meu orgulho e minhas forças, pois ofego fraca pela surra quando ele me segura ainda firme pela cabeça.

— Eu amo… eu sempre te amei demais, Sarah — sussurra nos meus ouvidos e deixa de quase arrancar meu cabelo para envolver meu pescoço sentindo a fervura da minha pele. — Me desculpe, Gatinha — murmura alisando as letras T e F que cravou em minhas costas. — Eu teria parado antes de deixar cicatriz se tivesse aceitado.

— Não interessa mais se queimou minhas costas com seu nome… se só você vai me foder de quatro pelo resto da vida. — Arfo, engolindo em seco dúzias de vezes por falta de fôlego, mas não deixo de confessar que não me incomodaria. Não me incomodaria se fosse um homem como você a me foder até o fim dos meus dias.

— Isso é um sim? — Ele lança um riso nasalado lisonjeado e me arranca da cama jogando meu corpo no chão ajoelhada para ele. Minhas mãos estão presas para trás imobilizadas e estufo meus peitos já revelados duros como pedra pelo bastão que quase me asfixiou. Estou entre suas

pernas como a submissa que era cinco anos atrás, a mulher que o obedecia como uma escrava a noite e fazia de sua vida um inferno de dia. Porque até mesmo você, Thomas…

*Porque até mesmo os mais viciados em poder precisam delegar.*

— Isso é um sim, Sarah Scott? — pergunta mais uma vez segurando meu rosto com as mãos trazendo para quase selar nossos lábios.

— Eu caso com você, Thomas Foster — eu gemo assentindo e ele amassa minha cabeça com uma força absurda como se transferisse a pura e mais genuína paixão chocando nossas bocas.

Ele mordisca meus lábios fazendo-os sagrar por tamanha satisfação, o jeito que me beija apaixonado se sentindo vitorioso por cada tapa, queimadura e grito que dei. Eu valho a pena para você, Tom? Você diz me amar tanto, mostre que valho mesmo a pena. Me faça chorar mais uma vez de dor, me foda até dilacerar a minha vagina, faça do nosso casamento o contrato que assinei cinco anos atrás, mas que nunca cumprimos. Eu aceitei ser sua e assinei aquela linha pontilhada louca, maluca, doente de paixão por você. Eu te amava tanto… e me dói demais admitir agora que isso não mudou. Porque é só você chegar mais perto que eu lembro, me apertando um pouco mais, beijando com mais intensidade como agora me fazendo implorar e apenas dançar minha língua com a sua, porque não posso mergulhar no seu cabelo loiro escuro. Você me limitou, quer apenas você ter o poder de me tocar e controlar e eu deixo. Eu deixo porque só a você eu confio inteiramente o meu corpo. Só você sabe destruir e cuidar dele como ninguém.

— Tomy — eu chamo rouca e ele descola dos meus lábios acariciando meu pescoço que já tem uma tatuagem de sua mão nervosa.

— Gatinha — ofega na minha boca o apelido que eu sempre odiei, mas também nunca deixei de arrepiar e molhar minha calcinha quando dizia.

— Me faça sentir dor — imploro, sacudindo meu corpo como uma criança fazendo birra e ele sorri erguendo meu queixo.

— Será uma enorme satisfação — declara e o aperto de carinho que cedeu por apenas um beijo apaixonado se exclui totalmente quando

espreme meu pescoço me arrastando para perto da cama de lençóis de seda vermelha.

Thomas roça a minha bunda na sua ereção e impõe seu rosto em meu ombro afastando meu cabelo para lamber minha nuca inteira.

— Eu poderia comer todas as suas partes que cheiram cítrico, tem ideia de como esse cheiro é viciante? Gosto puro de morango na minha língua — provoca, me fazendo gemer involuntária com cada sílaba de elogio. — Quer que eu te faça gritar? Então use essas unhas vermelhas para abrir a minha calça — ordena e larga minha pele para admirar minhas mãos que o obedecem.

Minhas mãos completamente algemadas que obedecem a sua ordem desabotoando a calça prateada como lata e puxando o zíper que faz seu pau saltar para fora e bater inteiro melado na minha bunda. Ah, cacete, eu poderia gozar só com batidas do pau dele na minha bunda.

— Massageie — afunila e envolve meu pescoço com a mão direita enquanto a esquerda controla meus pulsos que o obedecem de imediato. Massageando o seu membro para frente e para trás tão devagar que a câmera lenta me faz apreciar cada segundo do som gostoso entre minhas unhas e o seu lubrificante.

— Ah, caralho… faça assim, não pare, Gatinha — geme abafado e eu quase gozo ouvindo seu palavrão de puro alívio com o movimento que apenas *eu* faço. — Vamos, você gosta, não é? Gosta de masturbar o seu dominador. — Inclino minha cabeça e deixo que meu cabelo inteiro caia por não aguentar ouvi-lo falar tão gostoso no meu ouvido. Eu preciso de ar e nem elevar minha cabeça consegue apagar esse fogo. — Você casa comigo? — Arfa.

— Eu… e-eu caso, Tomy.

— Então você vai gozar primeiro — declara e me empurra com força contra a cama fazendo com que o colchão pule de puro impacto. *Eu? Eu vou gozar primeiro?*

Ele arranca meu quadril para trás e lubrifica ainda mais a minha boceta brincando com a sua cabeça rosada. Por favor, deixe de brincar comigo, eu preciso de força. Eu quero sentir dor.

— Fale, admita pra mim que já me queria te fodendo bem fundo desde o primeiro tapa — ofega no meu ouvido enquanto enrola meu cabelo em suas mãos preparando o terreno albino cítrico.

— Eu já queria desde que entrou pela porta — confesso em um gemido rouco e ele sorri.

Seu sorriso foi a última coisa que vi antes da minha visão ficar turva, embasada, borrada como o coração em seu peito de lata. Eu não vejo mais nada com precisão desde que me penetrou profundamente pela primeira vez. Eu ouço, eu ouço seu gemido de pura satisfação, eu sinto, eu sinto a minha boceta dilatar por tamanho impacto, eu gemo, eu gemo como a vadia malcriada que para ele eu sempre fui. Mais uma vez, Tomy, não pare. Ele extirpa meu quadril ainda mais para bater em sua virilha e me soterra.

— Aaah! Aah… por favor — minhas poucas palavras são gemidas entrecortadas por ele estar me usando como jogo de martelar dos fliperamas.

Thomas me faz de brinquedo batendo, batendo, batendo sem parar um único segundo criando uma sinfonia muito mais excitante do que *Beethoven.* Não são batidas simplórias, ridículas ou bobas dos meus funcionários cachorrinhos, esse homem sabe *foder* com força uma mulher. Sabe como dilacerar uma vagina, sabe como exigir gritos de altas notas por cada penetrada e sabe como fazer implorar. Eu imploro, estou implorando com as mãos que pulam sobre minhas costas a cada vez que soterra. Meus mamilos já estão explodindo mergulhados em tesão, estão tão duros que poderiam competir com os músculos incríveis do seu tanquinho.

— Onde estão os gritos da minha noiva? Estou fraco demais? — questiona, perguntando o absurdo.

— Thom… ah! — Ele toma meus pulsos e usa como rédea metendo com força o seu pau dentro da minha boceta vermelha encharcada. — Ah! Ah! Eu estou… eu quero… ah!

Mordo os lençóis tão forte como se de alguma maneira fosse fazê-lo parar. É força… é tão bruto, tão gostoso o jeito que me fode sem escrúpulos. Thomas arranca meu cabelo para trás e quase enforca meu pescoço fodendo sem parar. Não respiro mais, não inspiro mais, não expiro mais. Como eu pude viver tanto tempo sem você, homem? Sem sentir a

cama tremendo, a escrivaninha tremendo, a porta tremendo pelo seu ritmo coordenado. Eu não aguento mais, eu não posso mais, eu gemo tanto, mas tanto e grito com tanta altitude que qualquer convidado agora pode ouvir e que ouçam.

*Eu sou a noiva de Thomas Foster!*

— Goze pra mim, Sarah — ordena, segura o meu quadril posicionando o membro e me soterra tão fundo que o seu pau encontra o limite mais profundo da minha vagina. Eu sinto acabar, não há mais onde ele possa alcançar e eu gozo. Estou inteira mergulhada no líquido vermelho de verdade, porque não tenho dúvidas que gotículas de sangue escorreram pela força bruta. — E a boceta vermelha está melada, encharcad…

— Lambuzad…

— Lambuzada de baunilha — completa e eu engulo em seco tentando recuperar o fôlego.

Tom me liberta das algemas de imediato assim que gozo e me lança no chão mais uma vez aos seus pés, me fazendo encarar o seu pau extremamente duro.

— Abra a boca e estenda a língua, Gatinha — exige e crava as mãos no meu cabelo, esfregando meus lábios no seu membro melado. Eu obedeço abrindo, estendendo e seguro nas mãos massageando com toda a velocidade que consigo para satisfazê-lo. Ele aperta ainda mais minha cabeça e geme abafado me encarando sujá-lo de batom. — Eu vou gozar na sua boquinha vermelha, Sarah, e você vai engolir — ordena e eu engulo seu pau inteiro apenas para fazê-lo jorrar mais rápido na minha garganta. — Aah… caralho, mulher — ele geme xingando, pulsando as veias que liberam sem parar. Eu sinto na minha língua o leite quentíssimo de baunilha que eu sempre amei degustar. Abandono seu membro por segundos e apenas volto para limpá-lo completamente. — Não deixe de engolir uma única gota, vai beber isso até que a morte nos separe — afunila e acaricia a minha bochecha com um sorriso perverso.

*Conseguiu o que mais queria, não é, Sr. Foster? Eu sou sua noiva e se estiver se comportando… sua submissa mais uma vez.*

37




# Tigre Alcoólico

*As coisas que eu quero*
*As coisas que eu preciso*
*Duas coisas diferentes*
*E eu não acho que seja você*
***Complicated – Raiche***

## TREVOR WHITE

Complicado. Característica daquilo que não é simples, daquilo que se mostra complexo, confuso e com falta de clareza. Você nunca foi a mulher que me exaltou e sempre apontou meus defeitos rindo e caçoando de mim. Eu demorei anos para entender que essa era a sua forma de amar. Você não viveria sem me xingar e brincar comigo, você diz que eu sou o pior de todos, mas não vive sem mim. É essa sua forma complicada de me amar.

*Você sabe o por quê da sala de cinema ser escura?*

Se nunca lhe contaram, agora eu conto. O cinema é uma arte derivada do teatro extremamente dramático, modéstia à parte, meu gênero favorito. O drama transforma pura simplicidade em intensidade majestática em uma fração de segundo.

Um elevador se transforma em um dilema absurdo, uma avenida se torna angústia profunda, um projetor forma exposição pecadora e um julgamento mostra os sacrifícios do amor.

São apenas lugares ou coisas que marcam de alguma maneira louca nossa vida inteira, simplesmente porque alguém dramatizou. Você se confunde, fica confuso e acha complicado demais entender as emoções que estão te atacando como batalha em guerra. Mas eu vou te contar um segredo que me fez aproveitar cada um dos meus dias mais intensamente:

**Se permita sentir.**

Não importa se a emoção é raiva, amor, humor ou tristeza, o que você perde se permitindo sentir? Perder, você não perde nada, mas tem muito a ganhar. Eu garanto, se deixe emergir, me escute, me dê uma chance e eu prometo que não te farei esquecer.

Porque o cinema só é escuro para forçar seus espectadores a focarem e sentirem as emoções.

***Dramaticamente,***

***Sr. Perfeito White.***



Estou me sentindo sentado sobre as poltronas do cinema emergido em mil e uma emoções de uma vez em um único evento. Eu senti raiva acelerando veículo, eu senti prazer recheado de avelã, eu senti amor por duas mulheres, eu senti medo pelo meu amor leal e eu senti falta.

Não é algo racional e também se fosse eu não estaria sentindo, não é? Ou você quer pensar nela? Eu pensei assim que entrei… éramos você e eu nas aventuras alcoólicas. Era a você que eu perguntava se estava pronta antes de entrar, era a você que eu contava minhas estripulias promíscuas e minhas desilusões amorosas.

Eu não sou uma criança, eu sei que você merecia muito mais do eu poderia te oferecer, mas eu dei meu melhor. O meu melhor não significa nada para você? Saber que não importou quantos anos passamos juntos, as brigas, risadas, declarações, bebidas e o nosso amor. A sua caneca que dizia "melhor ***só que não*** chefe do mundo" ainda está na minha prateleira, mas está empoeirada, porque sou fraco demais para usá-la. Fraco ou sinto ódio demais? Talvez eu não sinta ódio de você especificamente, mas da sociedade, por valorizar tanto o trabalho e o dinheiro esquecendo que são *apenas* o trabalho e o dinheiro.

*Eu não consigo escutar Raiche sem me lembrar de você.*

A sua voz e a dela são a mesmíssima coisa em minha mente, as letras que você canta sempre com um significado especial. Como você faz isso? Encaixa uma letra da cantora de voz intensa em qualquer situação que deseje. Eu nunca entendi e na verdade pouco me importa, porque você não está aqui para cantar essa música.

— Trevor! — a voz de Mia me chama alto me tirando dos meus pensamentos melancólicos e alcoólicos.

— Desculpe, diga, Princesa — peço após receber uma mensagem da Sarah já xingando o próprio noivo por ter escapado da festa.

*Mas é um cretino mesmo, não é? Conseguiu o que queria e já está saindo.*

— Está ouvindo a música? — questiona, tocando meu rosto com as mãos em luvas de abelhinha.

— Raiche, sim — confirmo e ela puxa o meu braço para o meio de todos que estão emergidos no palco extremamente luminoso de vermelho.

— Não é a Raiche… não é ela cantando ao menos — explica e me força a olhar para a mulher que me fez sentir Raiva Súbita por dias.

Como ela teve a coragem de vir aqui?

Como pode achar que eu não a expulsaria?

Como acha que pode me desafiar tanto?

Você escolheu abandonar a nossa família, escolheu um cargo, tendo a mim, você escolheu um cargo.

— Ela é maluca, eu vou matá-la por entrar aqui, como acha que pod…

— Ouça a música, Trevor! — grita em meio aos instrumentos altíssimos me fazendo calar a boca e eu obedeço.

Eu obedeço encarando os olhos claros que me aprofundam. Ela está olhando para mim enquanto canta. A mulher de cabelos volumosos como o globo mundial que sempre me fisgou para conhecer todos os países. Eu quis conhecer cada parte sua, suas qualidades, seus defeitos, seus gostos e desgostos. Você escolheu um pavão, mas não um pavão comum de corpo azul com cores esverdeadas. Você escolheu se fantasiar de pavão noturno, algo escuro como a sua pele que reflete o brilho das luzes como nenhuma mais. Você escolheu o pavão escuro para poder abrir sua calda multicolorida. Eu posso estar te odiando em níveis inimagináveis, mas estaria mentindo se dissesse que você não está lindíssima.

*Mas o que você está cantando, Morgan?*

**Complicated (Complicado)**

*Raiche*

**Complicated, love is overrated**

*(Complicado, o amor é superestimado)*

**Don’t mean that I don’t think about you, I do love you**

*(Não significa que eu não penso em você, eu te amo)*

**The things I want, the things I need, two different things**

*(As coisas que eu quero, as coisas que eu preciso, duas coisas diferentes)*

**And I don’t think that it’s you**

*(E eu não acho que é você)*

**I won’t live in no lie for you**

*(Eu não vou viver sem mentir para você)*

**I miss you, I miss you, I do**

*(Eu sinto sua falta, eu sinto sua falta, eu sinto)*

**But I got pride too**

*(Mas também tenho orgulho)*

**Used to call you, even 1when we argue, hadn't said our default**

*(Costumava ligar para você, mesmo quando discutimos)*

**Everything was my fault**

*(Tudo foi minha culpa)*

**You cry, you cry, you cry almost 1every night**

*(Você chora, você chora, você chora quase todas as noites)*

**Why do I keep it inside**

*(Por que eu guardo isso dentro)*

**When I could just pull up**

*(Quando eu poderia apenas puxar para cima)*

**Should really just hold up, so I could just glow**

*(Deveria apenas aguentar, então eu poderia apenas brilhar)*

**I miss the little things**

*(Sinto falta das pequenas coisas)*

**Going shopping and little sprees**

*(Indo às compras e pequenas farras)*

**All kind of things, passion you bring**

*(Todo tipo de coisas, paixão que você traz)*

**I won't live in no lie for you**

*(Eu não vou viver sem mentir para você)*

**I miss you, I miss you, I do**

*(Eu sinto sua falta, eu sinto sua falta, eu sinto)*

**But I got pride too**

*(Mas também tenho orgulho)*

Eu estou em choque.

Completamente chocado, paralisado, imobilizado sem conseguir acreditar nas palavras cantadas na sua boca colorida.

*Você sente minha falta?*

*Porra*, Morgan, eu sinto demais a sua falta!

É claro que eu sinto, você sabe que eu sinto, quando encaro sua sala vazia, quando as garrafas de *vodka* estão cheias e não vazias com a sua cor de batom, quando nossas músicas tocam e sempre que alguém usa algo colorido me enfureço por não ser você.

Você é a única mulher que eu quero ver colorida, dopando todos de extravagância e alcoolismo, eu sinto sua falta.

E você sabe bem lá no fundo… que eu também tenho orgulho e nunca te diria isso, na verdade não achei que você me diria. Nunca diz que me ama, que se importa comigo, você apenas comete ações que remetem a isso como agora. Você canta alto em meio a falsetes de voz perfeita e instrumentos que arrepiam meu corpo inteiro.

A sua voz sempre foi a minha favorita.

— *I miss you, I miss you, oh, oh…* — Você canta me encarando, canta segurando firme o microfone completamente vidrada nos meus olhos que pedem perdão. Eu enxergo, Morgan. — *I do, I do…* — Eu sinto também e não vai ser isso que vai nos derrubar.

Dou passos firmes não deixando nem que por um segundo de encará-la, seus olhos claros em meio a toda a pele escura refletida no vermelho vêm me admirando a cada ação. Eu subo as escadas com pequenos aplausos que acompanham a minha caminhada e puxo o microfone para os meus lábios mesclando nossas vozes.

— *I miss you, I miss you, oh, oh, oh…* — eu declaro e ela declara para mim. — *I do, I do…* — Nossos olhares não se cansam um do outro misturando brilho sublime e o carinho que nunca deixamos de ter, mas que o ódio nos consumiu e nos fez esquecer. — *BUT I GOT PRIDE TOO!* — gritamos juntos rindo das atitudes, xingamentos e brigas que tivemos. Foi o

orgulho, ela sempre quis ser mais, queria se orgulhar demais, mas esquece que eu sempre tive orgulho dela.

O orgulho não deveria ser nosso problema, Mor, deveria ser nossa união.

Baixinho, baixinho, baixinho.

Cantamos em sussurros que completam os murmúrios e falas quase nulas.

— *I miss you.* — Ela puxa o meu colete tão forte que toca nossos narizes.

— *I miss you.* — Retribuo, fechando meus ombros para o turbilhão de emoções que nos ataca, mas os abro novamente quando os instrumentos se excluem.

Nos encarando sem parar mesmo que os aplausos invadam todo o local e ultrapassem as leis sonoras de limites. Palmas e palmas intermináveis para a sua voz, Mor, a sua voz incomensurável que eu sempre amei.

— Não podia ter me dito que me ama? Achou mais fácil planejar um show pra mim? — provoco com um sorriso brincalhão que a faz franzir o cenho de imediato.

— Está se achando? Essa música poderia ser para qualquer um. — Dá de ombros largando a minha fantasia, rindo perversa, enquanto se dopa de alto ego com os aplausos.

— Então você não sente minha falta, Srta. Johnson? — Ergo uma sobrancelha.

— Eu não disse isso. — Empina o nariz cruzando os braços.

— Então você não me ama, Morgan? — repito a fazendo sorrir de nervoso.

— Eu te amo sim, Tigrão — confessa, escorrendo uma lágrima por sua bochecha e entreabro meus lábios em choque.

— Eu também te amo, Alcoólica — retribuo de imediato com todo o meu coração recheado de avelã e a puxo para um abraço apertado. Tão forte que poderia quebrar nossos ossos, mas se isso não ligaríamos porqu…

Antes que eu possa terminar minha declaração alcoólica um som estrondoso domina o Halloween inteiro. É extremamente alto, uma acústica de milhares de notas insubordinadas assustadoras, efeito de um disparo. Um disparo? Um disparo?!

**ISSO É UM TIRO?**

Seu corpo estremece de imediato, assim como o meu quando ouvimos o barulho de um alvoroço terrível ensurdecedor. Nos arrepiamos juntos, cada célula do corpo vibra em desespero ao ouvir o som inconfundível de um tiro.

Os gritos dominam o salão inteiro, vozes estridentes que correm para todos os lados sem parar. As luzes de emergência acendem e o vermelho perde a força para mais um som altíssimo do revólver que ataca os gessos góticos da Rainha Vermelha.

Ataca as garrafas de *whisky* da minha mentora.

Ataca os tapetes quilométricos vermelhos do meu Amor Leal.

Ataca a minha ansiedade cedendo ao medo absurdo de perder a *minha família.*

Eu e Morgan nos encaramos por milésimos de segundo como se nos déssemos forças um ao outro.

Respire, Alcoólica.

Respire, Ruiva.

Respire, Loirinha.

Respire, Princesa.

**Não se preocupem.**

**Eu morro.**

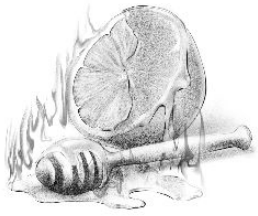
**Mas não deixo.**

**Nada acontecer.**

**Com a minha.**

***Família.***

38



# Cavalheiro Espelhado

*Cavalheiro Espelhado*
*Na vida, no amor*
*Não posso me dar ao luxo de perder*
*Por um, por todos*
*Eu farei o que tiver que fazer*
*Você não consegue entender*
*É tudo parte do plano*
***Love and War - Fleurie***

## MIA ROSS

Misericórdia. Sentimento de dor e solidariedade com relação a alguém que sofre uma tragédia. Eu não cresci com pessoas misericordiosas, minha família nunca hesitou em punir quando necessário e nada em minha vida consegui pela possibilidade dessa palavra. O homem que mais me odiava nunca a teve comigo e eu deveria ter com ele? Eu seria uma pessoa ruim se não tivesse?

Não é um som que eu jamais havia escutado, na verdade, minha infância inteira foi constituída por casas de tiro e alvos vermelhos que eram sempre acertados. A família Ross sempre foi rígida ao extremo e eu espero do fundo do meu coração, que seja lá quem estiver segurando essa arma, que tenha misericórdia.

Trevor está em completo desespero, seu corpo está mergulhado em suor sem mais a possibilidade de definir uma contagem de litros. Seus olhos mostram medo. Uma vez alguém já me disse que não há como não sentir

medo se você tem algo a perder. E ele tem muito a perder, é por isso que não está respirando. É por isso que seu coração está acelerado. É por isso que as mãos que protegem a minha cabeça e a da loira vermelha nos apertam com tamanha força. Ele não se importa com si próprio, apenas com nós duas, ele nos agarra na mesma proporção.

Corremos, corremos sem parar em meio a diversos convidados aos prantos gritando estridentemente e esse fato não faz com que os tiros parem. Como se o atirador quisesse tirar todos do salão para enfim achar o que deseja. O que você deseja?

Eu não tenho a mínima ideia de onde estamos indo, Trevor apenas nos guia e obedecemos porque não há nada mais terrível do que estar em desespero e não saber para onde ir. Por isso nos ferramos tanto ao confiar em qualquer pessoa que nos guie em situações difíceis, mas é diferente. Eu confiaria a minha vida a você e sei que faria o mesmo comigo.

Me esforço para não partilhar da sua ansiedade para que se sinta mais calmo. Ele estar vendo que estou me sentindo segura em seus braços o tranquiliza mesmo que não acredite que possa fazer muito por nós.

Aos poucos, bem poucos minutos mesmo, já não ouvimos mais nada. Nem música, nem gritos e nem mesmo tiros. E é assim que chegamos a uma sala familiar, a *Sala de Espelhos.* Você queria, desde aquela época, fazer de mim alguém especial e é por isso que essa sala significa tanto. Embora não tenha a mínima ideia do porquê estamos aqui.

Trevor aciona e destranca a porta com a digital e abre a porta com seus dedos que tremem junto ao olhar desesperado para que entremos. Seu corpo está em *stand-by*, eu vejo, eu sinto, como se tomasse para si a culpa de tudo que está acontecendo. Não há nada aqui que seja sua culpa, Ursinho. É uma tempestade, está nos assustando e nos fazendo fervilhar sem parar, mas eu preciso que mantenha a calma. Eu não irei te decepcionar chorando para que se sinta impotente. Está sendo nosso herói, foi assim que agiu e não está permitindo que o medo te paralise. Eu admiro você. Eu amo você. Mesmo nos piores momentos de nossas vidas e nos mais assustadores você estar priorizando a minha segurança.

A loira, por outro lado, deixa transparecer cada vírgula de ação que deriva de suas emoções. As lágrimas encharcam suas bochechas coradas borrando cada pequena partícula de maquiagem. Seus seios apertados pelo

corpete quase explodem jorrando o coração para fora de sua pele, a pele mais albina do mundo, bateu recordes assim que ele preferiu proteger nossas cabeças e não a ele. A semelhança entre os dois é que se importam mais um com o outro do que consigo mesmos, porém o desespero é retido e o outro exposto.

Eu não vejo mais as orelhinhas da sua fantasia sobre seu cabelo, já que até mesmo o castanho está inteiramente bagunçado com o impacto. Tudo está acontecendo tão rápido que não estou conseguindo processar, eu deveria estar chorando, eu deveria estar como a Sarah, mas eu sei que meu corpo não está permitindo tal reação.

Por quê?

Porque ele me disse uma vez, que todas as minhas ações tem um efeito imediato em seu cérebro que faz com que pare de raciocinar.

Eu seria egoísta, se estivesse me preocupando comigo agora, sendo que você já está uma pilha de nervos. Os tiros pararam, tudo está acabado e sabemos o quão heroico você foi, Trevor. Não se preocupe, estamos bem.

Tento me aproximar de seu corpo, mas como mesmo pensei, não é ele ali. Não é o meu namorado, é um cavaleiro que tem o objetivo de salvar uma Princesa e uma Rainha. Ele é extremamente honrado e focado em nos salvar protegendo entre as paredes de seu castelo espelhado. Cavaleiro Espelhado. Eu quero poder fazê-lo sentir que acredito que estou segura em seus braços e tento. Toco como movimento mais lento possível sua bochecha e ele recua estremecendo todos os membros. Se acalme, Trevor, por favor. Consigo lhe dar um beijo em sua bochecha de leve, mas minha teoria estava certa, nada nesse momento será suficiente para acalmá-lo se ele sente que está desmoronado.

— Os tiros acabaram, Ursinho — sussurro mais uma vez tentando acalmá-lo.

— Eu quero que vocês entrem, agora. Sarah, você sabe a passagem para a saída secreta, Miranda, eu preciso que você dirija o carro, saia daqui e não pare até chegarem a uma das propriedades da Hills. No porta-luvas tem instruções de como chegar e se escondam até que eu volte para buscá-las, por favor. — Por mais que eu e a loira tenhamos muitas objeções o

deixamos falar e ainda que esteja indo bem em seu plano, algo não pode acontecer.

*Ele não pode ficar aqui sozinho.*

— Trevor, eu prefir… está ficando louco?! Não vai ficar aqui, eu não deixo, eu não posso deixar, eu nunca deixaria. Você vai comigo e com a Miranda, não importa mais ninguém que esteja aqui, além de nós — Sarah começa como sugestão, mas logo se torna ordem com alta dose da mistura entre pura angústia e raiva. Ele sente pura raiva por ele não se importar consigo mesmo e para ser sincera, eu também. Chega a ser sufocante preocupar tanto com a vida de quem ama e a própria pessoa não ligar pra isso.

Ele não se importa com nada do que ouve, já está decidido. Na verdade, eu acho que ele não está escutando nada do que dissemos, está em choque. Toma nossos quadris e nos lança para dentro da sala pronto para fechar a porta, mas antes a loira segura seu pulso com forças inimagináveis finalmente chamando sua atenção.

Seus olhos castanhos a encaram e o brilho não permaneceu, e não acho que vá voltar até que tenha certeza que está bem. Eu queria poder dizer isso, *vai ficar tudo bem,* mas não posso mais mentir para você. Eu jurei nunca mais mentir para você.

— Eu estarei bem atrás de vocês, eu juro. Não encontrei a Morgan ainda e não vou sair daqui sem ela — nos explica, segurando o meu pescoço e o queixo da loira como se a restringisse para não retrucar mais uma vez.

— Eu não concordo, eu não vou concordar com isso, Trevor! Não vai dar uma de herói, eu não quero um herói, não queremos um herói, queremos você vivo e bem. — Impõe exclamando mergulhada em Raiva Súbita e ele a fita com os olhos repletos de indignação como achasse bobagem o que diz.

*Você acha bobagem se importar com você mesmo?*

— Eu não perguntei se concorda, eu mandei fazer para o bem de vocês duas — assevera calando a boca da rainha com palavras que a afrontam. Ele não costuma ser grosseiro, mas ela está saindo do plano.

— Mas e você? — questiono, já sentindo o aperto em minha garganta, o revirar do estômago, não é mais apenas ele quem sua, mas eu suo frio e ainda assim me esforço ao máximo para que não veja meu estado de preocupação.

Ele disse que vai sair com a Morgan.

Então eu confio que vá sair com a Morgan.

Sarah ainda está puxando sua atenção por não conseguir soltá-lo de forma alguma e apenas cede quando Trevor lhe dá um beijo na testa transmitindo os últimos resquícios de calma se é que ainda existem. Sua mão esquerda recheada de pelos que amam mel puxam meu queixo o mais rápido possível e ele me beija mesmo que de leve. E posso sentir em seus lábios, mesmo que quase imperceptível, um alívio. Se há tempo para beijar, é porque há muitas chances de já estar tudo resolvido. A loira finalmente aceita dando passos em direção a tal passagem, nos dando um pouco, mesmo quase nula, chance de privacidade.

Eu permaneço encarando um pouco mais a porta e seu brilho castanho que sou apaixonada, como se conseguisse acalmá-lo, antes que feche.

Uma fresta. Uma única fresta de ar foi o suficiente para que eu encontrasse os olhos do meu ex-namorado atrás do homem que eu amo.

Não. Não. Não.

Você não viu ele.

É alguma alucinação.

Victor Ferreira está preso.

Miranda, não seja tola, no fundo você sabe que trouxe tragédia atrás de desgraça para a vida dele.

Já não consigo mais manter a sanidade por você, amor. Esse canalha tira todo o meu conforto e o arranca sem misericórdia. O que ele está fazendo aqui? Já não bastou quase dilacerar meu rosto naquele tribunal? O que mais você quer de mim e da minha nova família? Minha respiração se altera e meu coração tem dificuldade de permanecer dentro do peito.

Não mostre a ele, Mia.

Ele não merece sofrer mais por você.

Não adianta mais esconder.

Ele ainda sabe que não sou capaz de esconder emoções.

Antes que possa gritar para avisar, Trevor tranca completamente a sala à prova de som e um pequeno barulhinho de confirmação exala o ambiente me calando. Um silêncio que me assusta por não sentir mais seu cheiro e nada que remeta a ele. Exceto a lembrança da sala espelhada a roubá-lo de mim. Eu posso não estar ouvindo, mas eu sinto no fundo da minha alma que houve mais um disparo. São como os trovões que meu corpo treme de imediato suando de medo súbito, acontecem antes mesmo que você possa ouvir e se defender.

*E Victor sempre foi o homem mais covarde da história.*



Sabe, Sr. Perfeito White? Eu sei que começamos completamente obcecados um pelo outro, nos amando carnalmente sem pensar em qualquer consequência a partir disso, mas eu não sei se sabe. Eu já me importava muito com você, eu prestava atenção nas suas manias, suas emoções e o que abalava. Acho que é assim que o amor funciona, essa admiração é involuntária.

Uma das minhas admirações que logo se tornou uma pesquisa árdua foi o seu luto. Assim que me contou toda a história da sua herança, os anos de lealdade e a morte que te derrubou, eu pensei muito comigo mesma. Você foi derrubado, um homem que eu vejo como o mais forte de todos, isso era muito confuso na minha mente. Entender o porquê você ficou anos sofrendo sem parar e então encontrei um estudo científico especialista em pacientes de luto.

O estudo era detalhado demais, centenas de itens e entrevistas para confirmar os dados que comprovam a existência dos estágios do luto.

*Primeiro Estágio: Negação*

*Segundo Estágio: Raiva*

*Terceiro Estágio: Negociação*

*Quarto Estágio: Depressão*

*Quinto Estágio: Aceitação*

Eu passei horas lendo páginas e páginas de relatos de pacientes que lembram algumas ações suas, mas o que realmente me surpreendeu é que esses estágios não servem apenas para o luto.

Eu acredito, pelo menos, que sirvam para qualquer trauma de grande natureza em que há o sentimento de perda e possibilidade de perda.

Eu neguei para mim mesma. Me neguei a acreditar que minhas írises focaram e enxergaram a imagem do homem que fez da minha vida um inferno. Eu neguei tanto, porque não achei que a vida pudesse ser mais sacana comigo do que já havia sido. Eu pensei comigo mesma, eu já não sofri demais? Ou estou travando uma aposta com o Diabo em que a felicidade vem e depois é cobrada pela tristeza, desilusão e depressão.

Eu me neguei a acreditar, porque não era possível que tínhamos acabado de passar por um trauma fortíssimo com a família dele e ainda não bastou. Foram dias até eu vê-lo conseguir rir um pouco e isso para um homem que cria inúmeras piadas ruins é quase morte. Então eu me esforcei, dei tudo de mim, tudo ao meu alcance para ajudá-lo. Estivesse ao seu lado na batalha contra *Desprezível White* e fiz uma promessa a mim mesma que lhe faria se sentir melhor. Criei humor, dei amor e consegui tirá-lo da melancolia lhe dando as duas coisas que me diz amar tanto: Nutella e eu.

Eu fiz tudo isso querendo o bem da nossa relação, pois agora eu cuido dela com carinho e o cuidado redobrado por sermos como um castelo de cartas que já havia sofrido muito.

*Havia?*

Não, somos como um castelo de cartas que vai sofrer muito ainda.

Tenho que adicionar no meu relatório que além da negação, algo está mesclando meus sentimentos, o famoso: medo.

*Mas por que eu sinto?*

Eu sinto medo no meu corpo inteiro, todos os meus membros agem a partir do medo mais agoniante. Talvez seja essa a palavra que defina tudo isso, toda essa situação. Agonia. Meus pés apertam o acelerador com a maior força que um ser humano seja capaz de expor. Meus braços viram e desviram o volante sem parar um único minuto sequer. Minhas mãos seguram o couro da peça que não paro de girar, mas até que ponto seguram? Apenas resvalam, pois estão encharcadas de puro suor que meu dedos melados soltam. Meu olhar, por mais atento que esteja encarando o horizonte para acabar com essa angústia, também está sofrendo. Meu olhos sofrem demais por serem os responsáveis pela direção, era você que sempre dirigia e isso está evidente que não mudou, pois a Sarah não parece querer aprender realmente a dirigir.

Eu nem sequer estou lhe encarando muito, não é como se fosse mudar o sentimento que eu sinto e o que ela está projetando em sua mente. Nós temos um objetivo em comum.

**Trevor.**

É ele que nos faz cometer inúmeras loucuras e apenas ele é capaz de nos deixar tão preocupadas a ponto de travar nossas gargantas. Sarah já está chorando e limpando o rosto desde que saímos com o seu carro vermelho e eu? Faço o mesmo, como se estivéssemos de alguma forma ligadas. É um sentimento de culpa por tê-lo deixado sozinho, mesmo tendo nos implorado para isso.

— M-Miranda — a loira vermelha me chama flexionando as sobrancelhas e os olhos diretamente no retrovisor do carro. — Esse carro preto está nos seguindo faz um tempo — ela analisa e assim que diz faço os mesmos movimentos para tentar enxergar o veículo com mais precisão.

— Estamos em uma rodovia, talvez esteja em rota de viagem — digo para tranquilizá-la e a vejo assentir por um dos espelhos. Eu não sei se consegui mesmo acalmá-la, mas a vejo remexendo o anel de rubi em seu dedo anelar como se tocasse o homem que lhe deu. — Orgulhosa? — puxo uma conversa por não aguentar mais o silêncio constrangedor que só me faz criar inúmeras paranoias.

— Culpada — os lábios com o coração vermelho balbuciam.

— Por ter aceitado o pedido? — Ergo minha sobrancelha.

— Por ter deixado ele sozinho tempo demais e vê-lo desesperado me machuca — confessa, arrumando a saia bufante da fantasia que ocupa quase o carro inteiro.

— Mas o desespero para um *sim* é normal. — Assim que digo a mulher vira a cabeça para mim de imediato e não entendo.

— Eu falo do Trevor — esclarece.

— Ah. — Choco entreabrindo meus lábios porque nem quando está acariciando o anel de outro homem ela para de pensar no meu namorado. — Entendi.

— Eu te aborreci? — questiona, se sentando mais adequada no banco.

— Ah, não. — Diminuo a velocidade agora por duas razões, trocaremos de rota e sairemos da rodovia e por não querer bater o carro com a mulher falando sobre o Trevor.

— Eu te aborreci — confirma e saio da pista. — Geralmente eu penso muito no que digo a você, não sei por que disse isso. — Nega com a cabeça chamando minha atenção para o retrovisor que aperto meus olhos para ver com clareza.

*Porra.*

*Puta que pariu.*

*Caralho.*

*Cacete.*

O carro está nos seguindo mesmo, são altas horas e estamos entrando em um bairro de luxo, não há motivo no mundo que me convença de que não significa algo ruim.

— Eu apenas me preocupo demais com el…

— Sarah — interrompo, tentando apressar a velocidade do veículo, mas parece que quanto mais aumento menos diferença faz, pois o perseguidor continua nos encontrando.

— Em uma conversa há momentos de falar e escutar, agradeceria se não me interrompes…

— SARAH, O CARRO ESTÁ NOS SEGUINDO! — grito exasperada e ela se assusta imediatamente batendo a coroa no teto. Respira e se recupera rápido para encarar quem está nos seguindo e assim que consegue visualizar, vejo que seus lábios vermelhos se entreabrem surpresos junto aos seus olhos que se igualam a um mar sombrio em tempestade.

— Miranda, pise fundo, velocidade máxima, anda, vai, já! — Ela lança inúmeras ordens o que acabam me desesperando ao suar ainda mais minhas mãos no volante. Obedeço sem pestanejar fazendo tudo que o carro consegue prosseguir, mais uma curva à frente. É humanamente impossível fazer essa virada brusca sem diminuir a velocidade.

Está logo em frente.

A casa que Trevor disse que seria nosso Porto Seguro e que nos buscaria.

Está tão perto.

Apenas uma única esquina.

— Me perdoe — eu imploro, já tendo a certeza absoluta de que o veículo nos alcançará e de quem está o dirigindo.

— Deixe disso, nada aconteceu, estamos juntas, você não está sozinha — conforta e aperta a minha coxa com a meia arrastão. — Ele vai ter que se esforçar o dobro para tentar nos machucar. — Ela puxa o meu queixo me encarando com o olhar mais desafiador que pude presenciar em minha vida.

— Se essas forem minhas últimas palavras, eu quero que saiba que eu gosto de você — murmuro com dificuldade já diminuindo a quilometragem. Declaro lhe dando meu olhar mais sincero que está mergulhado em lágrimas de desespero pelo o que nos espera.

— Eu não apenas gosto de você, Mia, você faz parte da minha família. E sou eu quem te peço perdão por tudo que te fiz. — A voz que desde que conheci sempre me abominou, agora me traz conforto. Esbanjo um pequeno e sofrido sorriso nos lábios já molhado pelas lágrimas que escorrem e ela retribui com as sobrancelhas flexionadas de pena.

— Sarah. — Seguro sua mão branquinha e suas unhas vermelhas me agarram. — Saiba que você também é minha família — confesso quando a

sinto limpar a enésima lágrima que escorre amarelada por minha maquiagem.

— Agora ele é um homem de sorte — afirma em forma de elogio assim que consigo frear completamente o veículo.

— Ele sempre foi um homem de sorte — retribuo e fechamos nossos olhos implorando com todas as forças para que consigamos sair vivas dessa tempestade.

Em certo momento das palavras que dizia ao Universo pedindo misericórdia, eu paro. Paraliso lembrando de cada mísero momento importante que passei. Dizem que quando se está prestes a receber a morte em sua sala de estar é educado lhe situar de quem levará ao seu mundo.

Eu sou uma mulher, filha de um Coronel e uma terapeuta que se apaixonaram perdidamente, eu cresci sem mãe a maior parte da minha vida. Ainda posso ouvi-la cantar músicas de ninar, mas nunca foi presente o suficiente para que me fizesse amá-la. Todas as crianças tinham uma mãe para ir em todas as formaturas, reuniões da escola ou que fazia questão de se preocupar com o casaco e guarda-chuva nas tempestades. Eu aprendi a lidar com os comentários ruins, a pena no olhar de cada um quando eu revelava ser vítima materna e quanto mais tempo, mais eu me adaptava. Eu sentia falta dela, mas a verdade é que meu pai fez um trabalho esplêndido desde que ela morreu. Nunca me deixou faltar nada e se preocupava absurdamente comigo. Nossos problemas começaram quando se afastou, as viagens à Portugal que não me contou até hoje do por que fez. Eu não fui suficiente para você ficar? O que eu poderia ter feito de diferente que te fizesse me amar mais? Todos os dias eu sonho com o homem que eu mais admirava e que hoje se perdeu.

Eu fui vítima de um relacionamento abusivo por seis anos, um amigo que eu julgava ser perfeito para mim e após o primeiro tapa se tornou um monstro. Eu escondi de quase todos por anos, sem poder desabafar ou cair aos prantos no colo de alguém que entendesse. Eu chorava sozinha em meio as surras que inúmeras vezes não me lembrava o motivo. As únicas coisas que me alegravam eram minhas ideias, as quais fiz de profissão. Uma válvula de escape de uma prisão controladora e misógina[20]. Eu poderia ter vivido assim? Poderia, mas não sendo feliz e esse é um preço alto a pagar que eu nunca aceitaria. Eu nunca aceitei e tomei coragem para vir a

Portugal e conhecer o amor da minha vida inteira. Um homem perfeito que me ama incondicionalmente e apesar de nossos inúmeros problemas e desavenças, nada disso importa depois de uma boa conversa com o carinho que sempre tivemos um pelo outro.

Eu achei que poderia ser feliz, que esse resumo de violência teria chegado ao fim, mas acho agora que eu realmente fui condenada a morrer melancólica.

Ouço seus passos se aproximando cada vez mais do nosso veículo, após os pneus cantarem e cada milímetro que caminha admiro no retrovisor. Ele está vindo te surrar mais uma vez, está vindo de marcar, chutar e xingar novamente. Uma câmera lenta de momentos terríveis que passam em minha mente escurecendo as cores que minha visão projeta. Para mim, agora, está tudo completamente escuro. Preto e Branco. Cores que mostram a minha incompetência por não ter me prevenido mais, conhecido-o melhor antes de me entregar, porque agora é tarde. O revólver está em suas mãos o acompanhando sem a menor chance de escorregar, pois suas mãos robustas o agarram como se fosse sua única chance de continuar em pé.

Passos tão cambaleantes que me fazem pensar que pode estar bêbado, eu tenho medo do que o álcool faz com ele. O cheiro de tequila ainda invade minhas narinas lembrando do dia que quase quebrou meu braço por rir de uma piada no seu grupo de amigos. Dizia que eu estava o humilhando e acho, na verdade, que não teria ficado tão nervoso, se um dos homens a rir comigo não fosse meu pai. Ele sempre priorizou agradá-lo acima de tudo, um amor doentio, se apegou a ele mais do que a mim, como isso pode ser possível? Toda a máscara que usava para enganar meio mundo com a mentira de que ele era bom, foi por meu pai. Eu enxerguei isso no tribunal quando ficou enfurecido por eu ter mentido. Por que isso seria da sua conta? O que eu faço ou deixo de fazer com meu próprio pai?

Eu acredito que no fundo da sua mente egocêntrica, Robert também seja o pai que ele nunca teve.

Mas por que a raiva de mim? Não poderia tê-lo feito se apegar a você sem ter que me desvalorizar? Não, isso seria uma ação de alguém com caráter e você nunca teve meia sílaba dessa palavra no corpo todo. Você quis roubar o meu pai de mim e ainda me punir quando agia diferente do

que você achava que ele merecia. Mas eu te pergunto, Victor, ele mereceu que a filha fosse espancada por anos?

Eu estou focada.

Eu quero estar focada.

Eu quero não desesperar.

Eu estou conseguindo afastar o desesper…

Batidas fortíssimas espaçam o vidro do nosso carro vermelho e fazem com que meu corpo seja vítima da falta de ar extrema. Eu não queria admitir que estava sendo vítima das consequências das emoções, mas essas batidas foram a gota d'água para que eu me igualasse à Dama Vermelha. A cada soco furioso o vidro se destila mais da porta metálica que nos protege e as lágrimas não param de escorrer por meu rosto. A água queima minha pele lançando umidade vulcânica em minha derme por saber o fim de tudo. O meu destino assusta meu coração e ele quer ir embora, quer pular fora do meu peito e voltar ao sofá de hoje no fim de tarde em que tudo estava bem. Mas nada vai ficar bem, não existe o bem, existe apenas o mau e ele está batendo na porta para te matar, você não irá abrir?

Esperei o tempo que pude, o quanto meu corpo foi capaz de resistir aos seus estímulos doentes e assim que a força cria uma rachadura no insulfilme, eu cedo. Com meus membros fervilhando, minha pele transbordando de fervura e o choro que incha meu rosto cada vez mais, eu aperto o botão do vidro o fazendo descer. O meu indicador apenas se mexe para obedecê-lo e quando pensei que não poderia piorar, o homem se inclina e se encosta na abertura da porta colocando o revólver ao meu lado. Seus cabelos castanhos estão bem maiores do que o correto, posso ver em sua face algo brilhante, é água de fraqueza. Ele chorou. Mas se você está tão determinado que vai nos destruir, por que está com medo? Por que está angustiado? Ou devo me perguntar o porquê de ser hoje.

Por que você escolheu hoje para me destruir?

Por que esperou *até* hoje?

Por que já não atirou em nossas cabeças quando os carros estavam em movimento?

— Destranque a porta — a voz amedrontadora domina nossos corpos saltando e devolvendo nossos corações para dentro. Permaneço imóvel apenas admirando o breu da madrugada, as poucas luzes que restam nos postes e o silêncio mórbido que ele quebra. — DESTRANQUE A PORTA! — ele grita, horripilando cada fibra do meu ser, arrepiando as células do meu organismo como uma bala de canhão que atinge e desmorona todos os resquícios de força que nós duas tínhamos. As unhas da loira vermelha perfuram a minha pele enquanto as minhas machucam a sua albina. Trememos sem parar em um ritmo desgovernado decidindo o que será pior, ceder ou resistir, se no fim o destino será o mesmo.

Ele não nos dá mais tempo para decidir e atira no pneu do carro escavando a borracha que agora nos presenteia com o barulho estridente do ar se esvaindo. O barulho apavorante, altíssimo e gravíssimo, que domina nossas ações. É melhor ceder. Retiro meu dedo do botão do vidro tremendo a cada instante como se estivesse morrendo de frio no Alasca e pressiono a tranca das portas que o fazem sair do meu lado.

Espera.

Onde está indo?

É comigo.

Não vai tocar nela.

Você sempre foi problema meu.

Não se aproxime dela!

Pare, pare, pare!

O homem quase extirpa a maçaneta do carro exalando a melodia horrenda dos ferros se entornando e crava as mãos no cabelo loiro quase arrancando todas as mechas do cabelo de Sarah a fazendo gritar de desespero.

— VICTOR, SEU PROBLEMA É COMIGO! — berro, puxando o braço da mulher vermelha para mim segurando seus ombros, mas ele não larga os fios dourados de sua cabeça. — ELA NÃO TEM NADA A VER COM ISSO! — Acabo com minhas cordas vocais usufruindo todo o esforço em meu organismo para proteger o Amor Leal *dele*.

— Você se acha inteligente demais, não acha? — Inclina a cabeça para a esquerda como um doido hospedado no hospício arregalando os olhos para mim. — Nada do que aconteceu foi coincidência, sua vadia ingrata! Você realmente é tão burra para achar que ela não tem nada a ver com isso? — atira perguntas que me invadem como os tiros que poderiam estar me esburacando. *Do que ele está falando?* — ELA! — fortifica o aperto em suas mechas e a arrasta para fora do carro lançando seu vestido bufante na terra amarronzada. — É A VINGANÇA DELE! — esbraveja espantando toda e qualquer lasca de coragem que havia em minhas mãos para segurá-la.

Vingança?

Mas que *porra* de vingança é essa?

De quem está falando?

Meu pai está se vingando de alguém?

A Sarah é um peão do jogo?

Mas contra quem estamos jogando?

Ferreira reboca o corpo da loira como um guincho que a transporta sem escrúpulos, manchando todos os seus membros com a terra do jardim. Um jardim escuro. Com apenas uma única flor. Uma orquídea. Uma orquídea branca. Eu cheguei onde me pediu, Trevor, mas não fui capaz de impedi-lo, eu sou fraca, você me acha fraca? Você confiou em mim para nos salvar? Para dirigir sem parar e nos salvar desse tormento e eu falhei. Não me odeie, não me odeie, não me odeie.

**Eu não vou te fazer me odiar.**

Flexiono a maçaneta do carro e ameaço sair para ajudá-la quando um tiro dilacera a pintura vermelha do veículo quase perfurando meu pulso.

— FAÇA MAIS UM MOVIMENTO E EU ESBURACO A CABEÇA DAS DUAS! — esgoela, completamente descontrolado lançando outro tiro direto no céu. Fazendo com que meus olhos ofusquem com a luz da pólvora estourando da boca da arma inúmeras vezes.

Fecho a porta devagar fingindo obedecer e encaro cada pequena e mínima ação dele. Pense, Miranda. Você precisa pensar e analisar a situação. Não adianta chorar, surtar e disparar crises, porque isso não

poderá nos salvar. Você confiou a mim a responsabilidade de nos proteger, Trevor.

***"Miranda, eu preciso que você dirija o carro, saia daqui e não pare até chegarem a uma das propriedades da Hills. No porta-luvas tem instruções de como chegar e se escondam até que eu volte para buscá-las, por favor."***

Ele vai chegar.

Ele prometeu que chegaria.

Ele garantiu que chegaria.

Você não precisa ser a heroína aqui, basta distraí-lo até que o nosso herói chegue.

E a melhor maneira de distrair um maluco é provocando a raiz da maluquice.

— Sabe, nós já brigamos inúmeras vezes! — O homem começa a rir como um doente dando passos que amedrontam cada membro da loira largada no jardim se esquivando dos seus estímulos. — O que sempre nos uniu novamente foi o sacrifício. Minha lealdade validada mais uma vez em forma de sacrifício e vocês até facilitaram! — *Você nunca entenderá uma única letra do que significa lealdade.* — Bom, vocês não, o chefe foi burro demais colocando vocês duas juntas. — O xingamento ao Trevor faz com que Sarah aperte o cetro em suas mãos como se pudesse perfurar o pescoço dele e fazê-lo se arrepender do que disse. — Devia ter escolhido uma e talvez agora, pelo menos uma estaria a salvo. — *Ele ama as duas incondicionalmente, não há escolha.* — Mas do que adianta sentir pena de um otário que ficou com medinho e abandonou vocês? — *Ele não nos abandonou, ele vai chegar.* — Eu só preciso mostrar o sacrifício — afirma convicto e chuta com uma força inimaginável as costas da Rainha Vermelha a fazendo rolar na terra com o impacto que poderia quebrar suas costelas.

**Chega.**

**—** Ele vai me perdoar quando eu completar a vingança dele. — Ri alto mais uma vez exalando o som da mais pura loucura em meio ao breu noturno pavoroso e eu me resvalo pelos bancos do carro. Tiro meus saltos altíssimos sem dar um único pio, coloco meus pés protegidos pela meia arrastão na grama pela mesma porta que ele a jogou na terra. — Vamos, sua

puta desgraçada, ajoelhe! — ele ordena a posição que deseja para machucá-la e quando se inclina para obedecer se entregando ao destino horrendo trocamos olhares por milésimos de segundo. O olhar que eu lhe digo para aguentar firme, porque irei dar um jeito. — Ajoelhe! Você é meu passe mágico para nos reconstruirmos, seremos uma família de novo — divaga entrecortando as palavras, deixando que a bebida fale mais alto.

— Que tipo de família doentia é essa que acha que tem?! — Sarah o afronta ainda com as bochechas na terra o provocando.

— QUE PORRA VOCÊ DISSE? — o homem berra, soltando um tiro na saia bufante vermelha que atinge apenas tecido, mas poderia ter sido sua perna.

Eu consigo dar passos silenciosos sobre as plantas e para a minha salvação minha teoria estava correta, eu reconheceria essa lata velha preta em qualquer lugar. É carro do meu pai.

**Ele foi burro o suficiente para usar o carro do meu pai para nos sequestrar!**

— SOMOS UMA FAMÍLIA E ELE ME AMA COMO UM FILHO! — grita altíssimo, mostrando que a loira o atingiu no ponto em que mais dói, pois mente descaradamente. *Ele não sente nada por você, seu doente, é apenas um dos soldadinhos dele.*

Entro pela porta do veículo preto que deixou aberta, me mexendo o mínimo possível e enfio minha cabeça abaixo do banco do carona sorrindo ao encontrar a *Vero*. Ele nunca a tirou do lugar mesmo após anos e tenho a impressão de que um dia me contou seu esconderijo para que eu me salvasse. Eu só acho que não imaginou contra quem eu estaria lutando.

— AJOELHE, VADIA! — Victor esgoela e a loira me encara mais uma vez sem deixar que o maluco perceba para que lhe dê um sinal, pois já é mais tarde do que nunca. Apanho a Vero na mão direita e sinto o gelo do aço mesclando sensações com a minha pele inteiramente suada, o medo vem forte junto ao frio congelante, mas não paro. — MÃOS NA CABEÇA! — berra mais uma vez a ordem e assim que meus passos me colocam atrás de seu corpo covarde, a loira o obedece o mais devagar possível me dando tempo.

É agora, Miranda.

Você já atirou dezenas de vezes, não é a primeira vez, mesmo que eu espere que seja a última. Você não está machucando ninguém que seja inocente, esse homem fez o inferno da sua vida por anos. Esse homem te surrou, te humilhou, te assediou, te diminuiu, te estuprou e ainda roubou a aprovação de todos te fazendo de tola. Esse homem me aprisionou em uma cela que não havia guardas praticantes da lei, apenas um carrasco, ele mesmo. Ele enganou a todos com excelência pura e me fez achar que era o fim antes mesmo que eu começasse a minha vida. Atire, Miranda, atire agora e ele morrerá. Ele nunca mais chegará perto de você, nunca mais tocará um dedo em você e nunca mais causará discórdia para a sua 1família.

**Atire, atire, atire.**

Posiciono meu indicador sobre o gatilho que treme, *porra*, mulher, não deixe tremer agora. Você tremeu de medo dele por seis longos anos, onde está o seu poder agora? Mostre, por favor, não fraqueje, ele merece morrer, ele merece ter o corpo degradado nesse jardim, apreciando a chegada da morte. Eu tenho que conseguir, não pare, faça, você consegue. Junto as duas mãos na arma e flexiono minhas sobrancelhas fitando um alvo em que posso atirar, mas minha visão está turva, confusa e borrada. A sensação de enjoo abrasa minha traqueia e implora ao meu estômago que se revire pelo absurdo que estou cogitando. Você está matando um ser humano.

**Você é essa pessoa maluca?**

**Você irá viver com isso quando a bala o dilacerar?**

**Você conseguirá dormir sabendo que é uma assassina?**

— EU QUERO QUE SE LEMBRE QUE SUA FAMÍLIA MEXEU COM O HOMEM ERRADO! — grita altíssimo, ameaçando ser suas últimas palavras, mas minhas mãos tremem quando ele aperta o pescoço de Sarah e aponta a arma para a sua cabeça.

Faça, faça, faça, Miranda, ele irá matá-la, se você não matá-lo antes!

Eu estou com medo, estou tremendo meu corpo inteiro de puro desespero, escorrendo suor por cada membro sem conseguir respirar. Eu não respiro, inspiro ou expiro nem mais um segundo, não há ar para entrar em meu corpo. A pressão em minha cabeça está subindo, a dor está quase explodindo minha testa de fervência ultrapassando todos os limites de

qualquer dor que já tive. Eu acho que vou desmaiar, minhas pernas não me aguentam mais, a visão se encharca com o choro em meus olhos e eu caio…

Ou deveria ter caído no chão, mas algo está me segurando ereta. Alguém está segurando a minha cintura contra seu corpo com uma força inimaginável que desafia até mesmo a física e contra todas as hipóteses do que meu organismo poderia ser capaz de fazer, eu viro minha cabeça. Junto todos os esforços para virar minha cabeça e de imediato sentir o alívio da minha segurança quando encaro os olhos castanhos do meu pai. Ele não pode ser real, está realmente aqui? Ele está me salvando? Ele está me protegendo? Ele nunca deixou de me proteger, não foi? Independente dos afastamentos e brigas que tivemos, grosserias e o controle absurdo, ele nunca deixou de me proteger quando via que eu estava em perigo. Você nunca me deixou atirar naquele galho e agora eu sei o motivo, não importa o quão quebrado estivesse e me incomodasse sua presença, eu estaria o matando. E ele nunca quis que eu sentisse essa culpa.

Robert segura com fúria e um aperto dos mais ilimitados como se não fosse soltar jamais a arma em minha mão. Posicionando seus dedos à frente dos meus, posicionando seu indicador à frente do meu no gatilho, posicionando seu nariz contra o meu como se estivesse me protegendo dos trovões em minha infância e ele atira.

Meu pai dispara a bala que atravessa o coração do homem mais doente, misógino e amedrontador que já conheci provando seu amor por mim. Ele está provando que o Victor nunca significou nada quando comparado a mim. **E isso prova… isso prova que ele não sabia.** Eu não consigo abrir meus olhos ainda, apenas o som, eu escutei o som ensurdecedor que fez com que meus ouvidos parassem de funcionar escutando apenas um ruído altíssimo e agudo, mas esse não me assusta como as trovejadas. Esse som me agrada, esse som me enfeitiça a sentir segurança e poder, esse som me obriga a voltar a respirar mesmo depois do tranco ter revirado meus membros.

Victor largou a arma no chão de imediato assim que a bala o penetrou, mas ainda está consciente. Ele consegue se virar ao despencar no chão batendo a mão aberta no peito ensanguentado. E percebe. Ele finalmente percebe quem o matou. O homem que você tanto venerava e implorava atenção te assassinou. Você foi um iludido de merda por todos esses anos, porque ele só se aproximou de você por minha causa. Por mim. Ele quis te

amar por mim. Porque achava que eu te amava. Tudo o que ele fez por você, ele fez por mim. E agora dilacerou seu coração por saber o que fez comigo.

**Ele fez por mim.**

Meu pai destila aos poucos a força com que segura o meu corpo tendo certeza absoluta de que consigo ficar sozinha e eu lhe cedo flexionando meus pés no chão.

— R-rober… — A voz arquejante do desgraçado ainda consegue sair de seus lábios mergulhados em sangue pelas veias estouradas. — E-eu… melh-horo… nã-ã… — implora com palavras quase indecifráveis e meu pai agacha ao seu lado franzindo o cenho dopado de ódio, e vejo em seus olhos o sentimento puro da dor de uma traição.

— Vai melhorar, Ferreira — afunila em seu rosto e o agarra pela gola da camisa elevando o corpo para se juntar aos seus passos.

— Nã-ã… me dê out-tra chan-nce… — Os pequenos fragmentos de voz não fazem do Sr. Ross um homem misericordioso e eu nunca achei que fosse.

O corpo do misógino é arrastado pelo chão às pressas, as mãos do homem que acabaram de me salvar abrem o porta-malas de seu próprio carro. A força com que puxa quase o asfixia antes da morte pelo tiro, a fúria está tão fervente que o arranca do chão e o empurra contra o carro. Seus dedos tiram do bolso uma granada que me faz entreabrir os lábios de imediato pela atitude horrenda e ele lança no compartimento antes de fechá-lo por completo e explode.

O ser humano desprezível explode dentro do porta-malas nos deixando presenciar a fumaça da tragédia que esvai pelas frestas de ar do veículo. Meu pai mantém a mão sobre a extensão metálica preta e sorri de canto.

— Agora melhorou — diz para o cadáver, se vangloriando de ter vencido uma batalha. O soldado o desafiou e teve o que merecia.

Eu apenas o encaro perplexa ainda, sem conseguir acreditar muito que está aqui, mesmo que os acontecimentos provem sua existência. Alguém precisa me beliscar, pareço estar em um sonho em que o universo teve misericórdia de nós e enviou meu pai para nos salvar. Tal homem que se aproxima de mim aos poucos com passos firmes e eu admiro cada fio de

cabelo escuro, as rugas em sua testa extremamente pulsantes e flexionadas e a barba nula que raspou desde o último dia que nos vimos. O dia em que ele estava vestido de laranja e terrivelmente mal cuidado em uma prisão da qual não era dele. Se fosse no Brasil estaria sendo tratado como rei, mas o pouco tempo que passou aqui borrou a imagem dele em minha mente. E agora eu posso admirá-lo como sempre fiz, pois esse é o meu pai.

— Eu vou voltar para te buscar — assevera a informação sem que eu tenha como retrucar. — Querendo você ou não, eu voltarei para te buscar — promete se aproximando do meu rosto para tocar minha bochecha com as costas de sua mão direita. — Acredite, eu não vou deixar que ela tire mais de mim — jura com a frase que não consigo entender de maneira alguma mesmo que me esforce. Uma lágrima escorre por minha pele e ele a limpa colocando uma mecha de cabelo atrás de minha orelha. — Eu te amo, Miranda — declara, beijando a minha testa com o carinho paternal que senti muito a falta.

— Ross. — Desviamos nosso olhar para um de seus soldados, o único de cabelo ruivo em toda a sua equipe. É o Enrico, penso comigo mesma, relembrando as minhas festinhas em que ele cantava *karaokê* comigo. Chega a ser bizarro imaginá-lo tão dócil quando seus olhos mostram terror e medo do que pode vir. — Polícia em três minutos — alerta.

Robert acaricia meu queixo pela última vez mostrando em seus olhos que apenas eu enxergo além do que realmente mostram, a sua dor por não poder ficar.

Os passos dele são firmes e instruem cada ordem ao soldado muito eficiente, pois quando escuto a sirene, já não há mais resquícios de que estiveram aqui.

O carro ensurdece meus ouvidos com o barulho altíssimo e um policial sai às pressas batendo a porta do veículo com força, mas deixa que todo o ar que estava prendendo se esvaia ao me encarar. *Eu estou bem, Chris.*

**Robert Ross fez por mim.**

39




# Pluma Avelã

*Quando o mundo estava acabando*
*Nós nos agarraríamos ao passado*
*Porque é tudo o que*
*Pensamos que veríamos*
***To Begin Again - Ingrid Michaelson, ZAYN***

## TREVOR WHITE

Sacrifício. Ato de dedicação absoluta a algo ou a alguém que pode levar a consequências. Os altruístas sempre saem perdendo na batalha sem fim contra os egoístas. Os que se importam com algo além de si mesmos tendem a realizar diversos sacrifícios. Podem até estar cientes dos problemas a partir disso, mas preferem escurecer em sua mente para não atrapalhar o altruísmo.

*Eu detesto egoístas.*

Entre nossas brigas recheadas de assaduras de manteiga e vidro, eu cheguei a dizer que invejava os egoístas. Porque parecia tão atrativo se importar apenas consigo mesmo e dar tudo de si apenas para o próprio benefício que eu caí nessa tentação.

Mas agora, no exato momento em que o tiro exalou o salão vermelho inteiro transformando o Halloween justamente em algo assustador, eu tive certeza que detestava egoístas.

Quem você pensa que é para se importar apenas consigo mesmo?

Por que os seus desejos são mais importantes do que os meus?

Se acha tão cheio de poder para assustar dezenas de pessoas para seu próprio benefício?

O atirador é traiçoeiro.

Mas só há como ser traiçoeiro se o mundo em que vivemos permitir. Não chega a ser bizarro quantas notícias o jornal revela toda manhã de mortes, sequestros e roubos? O que é esse mundo em que vivemos? É um mundo em que qualquer pessoa tem o poder de destruir a outra em um piscar de olhos, basta planejar e burlar a lei.

É interessante o quão a expressão "terra sem lei" domina meus pensamentos agora. Geralmente é utilizada quando os atos não têm consequências, mas eu sempre interpretei diferente. Eu acho que todas as terras são sem leis, por que do que adianta ter uma lei se algum dia alguém vai se achar Bruce Lee e ultrapassá-la? A expressão deveria ser "terra sem consequência", porque as leis servem para serem quebradas e eu enxergo isso mais do que nunca agora.

Passar pela crise dos White foi um passeio no parque perto das sensações que dominam meu corpo agora. E eu sei a razão para isso. Eu nunca me importei muito comigo mesmo, a minha família sempre foi um problema meu e eu resolvi, mas um tiroteio? Não é um problema apenas meu, não é algo que eu possa resolver, não é algo que eu possa controlar e isso é assustador.

Se eu senti desespero antes, agora sinto pavor. Se meu corpo estava mergulhado em suor antes, agora estou me afogando. Se minha respiração estava atrasada antes, agora não há mais chance de chegar, houve adiamento.

E o pior de toda essa situação é que não posso me permitir sentir nada, não posso me dar ao luxo de sofrer, porque pessoas que eu amo dependem de mim.

**E eu morro, mas não deixo nada acontecer com a minha família.**

Por mais que eu quisesse ser um polvo com tentáculos infinitos para proteger as inúmeras pessoas que sinto apreço, eu não sou um polvo. Eu tive que fazer uma escolha e delegar uma responsabilidade gigantesca. Entreguei a uma pessoa que já traiu minha confiança e isso me consome ou

pelo menos eu gostaria que consumisse, eu ainda confio a minha vida a ela. Morgan irá conseguir tirar todos que eu amo de dentro desse inferno, mas eu… cuidarei das duas mulheres mais importantes da minha vida.

Minha reação foi imediata, com o tempo que demorei para encontrar as duas poderia ser premiado em livro de recordes. Miranda foi mais fácil já que fez questão de me admirar cantando com a minha melhor amiga, por outro lado, a Sarah havia sumido. Depois de longos minutos vasculhando quarto por quarto a encontrei encolhida em um banheiro. Se estivéssemos em uma situação normal eu a questionaria até me contar, mas não podemos perder tempo.

Agora eu apenas percorro o salão com passos que se igualam a pneus de fórmula um extremamente premiado. A corrida está bem cheia, são diversos carros premiados, na verdade e só o meu que conhece a linha de chegada secreta.

Minhas mãos só servem para proteger os cabelos que me enlouquecem, limão e mel castanho e o cítrico loiro. Eu não largo nem por um segundo, porque nunca me perdoaria se levassem uma bala perdida, não posso viver sem as duas.

Eu não posso aguentar mais uma perda.

Eu não sobreviveria a outra perda.

Eu não sei se continuaria após outra perda.

Meus dedos estão tremendo demais e tenho vontade de me esfaquear por deixar que Mia perceba o medo profundo em meus olhos. Eu não quero que me veja assim, eu quero te proteger, eu vou ser o seu herói agora, confie em mim. Não se preocupe comigo e sim com você, porque estou me preocupando com você.

Eu acho que ela está seguindo o meu conselho, é isso que estava fazendo, Princesa?

***“Eu não quero seu desespero, eu não mereço isso. Tudo está bem até que se prove o contrário com a sentença final.”***

Não esqueça disso, eu imploro.

— Os tiros acabaram, Ursinho — a minha abelhinha sussurra em meu ouvido massageando o meu rosto com carinho.

E só me dou conta de que está certa quando diz, meu cérebro está tão fodido, minha mente está tão poluída de medo súbito que nem a falta das ações amedrontadores foram capazes de perceber.

Mas não significa que esteja tudo bem porque as balas terminaram, o atirador tem um motivo para ter entrado aqui e não faria esse massacre em vão. É tão bizarro como ele conseguiu entrar na festa, os seguranças da Sarah são robustos como touros e experientes como águias. Enfim, não adianta chorar a Nutella derramada agora, eu tenho que focar na segurança delas. A segurança da Mia que aparenta estar suportando a situação de forma mais passiva e a segurança da Sarah… que não me surpreende estar completamente diferente da minha Princesa.

A Dama Vermelha tem o mesmo radar que eu, que apita fácil para qualquer mínimo risco de perda. Eu sei que sua boca desenhada de coração vermelho já está mais machucada do que o normal. Eu sei que seu nariz albino não trabalha como deveria, está desesperado, mas espero que não seja por férias, pois não posso perdê-la. Eu sei que seus membros além de tremerem também estão mudando de cor se esbranquiçando ao máximo. O medo em seus olhos amedrontados azuis mostra que aparentou ser atingida por uma bigorna de quilos absurdos. Pois está completamente afetada e tenho pavor de que não consiga se defender… mas para a minha sorte, ela não estará sozinha.

— Eu quero que vocês entrem, agora. Sarah, você sabe a passagem para a saída secreta, Miranda, eu preciso que você dirija o carro, saia daqui e não pare até chegarem a uma das propriedades da Hills. No porta-luvas tem instruções de como chegar e se escondam até que eu volte para 1buscá-las, por favor — eu imploro, minhas palavras são as mais puras de pedidos, porque sei que as duas não ouviriam ordens agora, eu digo com o maior carinho que posso, mesmo que esteja com vontade de surtar bem alto.

— Trevor, eu prefir… está ficando louco?! Não vai ficar aqui, eu não deixo, eu não posso deixar, eu nunca deixaria. Você vai comigo e com a Miranda, não importa mais ninguém que esteja aqui, além de nós — Sarah inicia com uma sugestão, mas logo tem a ousadia de me questionar, desafiar e irritar. E o pior de tudo é que não posso culpá-la por me amar demais e querer a minha segurança, mas tente entender. Tente entender, Loirinha, que o seu bem-estar sempre superou o meu.

Eu, infelizmente, tenho que ignorar seus estímulos contrários à minha decisão correta, eu nunca as calei em toda a minha vida, mas agora é necessário. Seguro seus quadris e empurro para dentro da sala pelos arrepios em meu corpo que criam paranoias de que esse maldito atirador pode voltar. E como se não bastasse meu pavor, Sarah ainda segura o meu braço com toda a força que pode me obrigando a lhe dar atenção.

Eu não posso te dizer que vai ficar tudo bem, Loirinha, eu não mentiria, mas eu posso dar tudo de mim para que fique.

Eu sei que não estou te encarando com o brilho confiante que está acostumada, mas que escolha você tem? Você precisa confiar em mim, confie mais uma vez.

— Eu estarei bem atrás de vocês, eu juro. Não encontrei a Morgan ainda e não vou sair daqui sem ela — explico e resolvo tocá-la para transmitir o máximo de conforto. Envolvo o pescoço de Miranda que ferve meus dedos suados me tranquilizando por um instante e seguro o queixo albino do meu Amor Leal com carinho, embora com limitação, pois preciso que me obedeça.

— Eu não concordo, eu não vou concordar com isso, Trevor! Não vai dar uma de herói, eu não quero um herói, não queremos um herói, queremos você vivo e bem — me desafia pela terceira vez, exclamando mergulhada em Raiva Súbita e a fito refletindo seu ódio como um espelho. Eu não sou o importante aqui, vocês são, sempre foram, deixe de pensar que eu valho mais do que a si mesma. Eu não viveria sem você.

— Eu não perguntei se concorda, eu mandei fazer para o bem de vocês duas — assevero finalmente, calando sua boca vermelha atrevida e dopada de pavor. Eu odeio ter que ser grosso e fingir que não me importo com o que está sentindo, mas se eu não te tratar assim, não irá me obedecer. Desde já eu peço que me perdoe.

— Mas e você? — a voz de mel me questiona passiva, ela nunca quis me obrigar a ser quem eu não sou e sabe que vou me sentir melhor sabendo que as duas estão seguras, mas ainda assim… seu desespero existe, Mia, pode não querer mostrá-lo para não me preocupar, mas ainda assim existe.

Eu não consigo responder ou acho que não quero dar uma resposta vaga a ela. Eu não sei o que acontecerá comigo, mas vou seguir o plano e

encontrar a Morgan. Sarah permanece segurando meu colete sem ceder nem mesmo a minha grosseria. Estou agindo errado, não? Puxo uma das camadas de sua saia e beijo sua testa sentindo o cheirinho cítrico e pedindo aos céus que ela se acalme e me obedeça com isso. Seus olhos azuis deixam de refletir fúria e me liberam. E assim que se tranquiliza, puxo o queixo da minha Princesa e lhe dou um beijo leve. Simplório aos olhos de qualquer pessoa, mas são em beijos assim demorados e sem qualquer ato escaldante que se sente. Eu posso sentir nos seus lábios um conforto absurdo, mesmo que tão rápido e simples.

Sarah me obedece procurando as chaves da saída de emergência para nos dar privacidade e eu encaro Miranda enquanto fecho as portas. Encaro mais e então ainda mais usufruindo todo o resquício de Amor Sublime que me resta e tranco ouvindo o som da trava por digital.

O som tecnológico que chega a me acalmar profundamente, é como se me trouxesse uma sensação de alívio, eu não sei o que acontecerá, mas sei que ficaram seguras. Deixo de encarar a telinha com a inicial do meu nome e me viro à procura de Morgan quando meus olhos se esbugalham em pura paralisia.

Se houvesse algo em minhas mãos eu teria derrubado, se ainda houvesse respiração eu teria asfixiado, se ainda houvesse batidas de coração eu teria infartado.

— Tinha que ser. — Eu bufo perdendo completamente o juízo pelo ódio que me domina.

Eu encaro o maldito canalha, o ex-namorado espancador dela, admirando essa postura de covarde dele. *Puta que pariu*, você não cansa de ser um merda na vida? Já não bastasse traumatizar por anos a mulher, ainda não esquece, retorna milhares de vezes. É a *porra* de um dragão de sete cabeças, você corta uma e aparecem duas no lugar.

O atirador traiçoeiro é ele e não sei como demorei tanto tempo para ligar os pontos. Eu sabia, eu sabia que não tinha acabado, por mais que eu quisesse acreditar que finalmente teríamos o nosso relacionamento saudável em paz. Era e sempre foi mentira. Essas desgraças nos perseguem, Princesa. Talvez ele seja apenas um peão de jogo do dragão místico, porque o que sinto é que quando superamos uma tempestade, crescem duas no lugar.

Eu queria sentir medo, posso até estar sentindo sim, mas é tão lá no fundo que fica imperceptível. O que me domina agora é a Raiva Súbita da *maldita* empresa armamentista que usou o *maldito* aço na *maldita* máquina para vender em um *maldito* dia para esse *maldito filho da puta.*

Você se acha o todo poderoso por segurar um trinta e oito na mão?

Eu ainda consigo ver um menininho, porque homem de verdade não bate em mulher, querendo o quê? Vingança? Como se ela fosse fazer algo contra você, a mulher nem quer tocar no seu nome, te deu a sorte de escapar e não aproveita. Por mim você já estaria em uma prisão de segurança máxima e eu gastaria minha fortuna inteira sem pensar para te manter em uma solitária pelo resto dos seus dias. Te matar seria muita misericórdia, você merece arder de tortura pelo triplo dos anos que a fez sequer escorrer uma única lágrima.

— Abra a porta — ele ordena com a voz grossa que eu apenas escuto como um tampinha do colégio. O jeito como franze o cenho achando que poderia me assustar chega a ser cômico, tão engraçado que me faz escapar um sorriso. — Acha que estou brincando, porra? Abra a porta! — O palavrãozinho que sai de seus lábios nem em um milhão de anos teria a mesma entonação do que um pronunciado por mim. Eu bocejo bem devagar cruzando meus braços e ele se enlouquece de raiva disparando mais uma bala altíssima em uma das abóboras temáticas de Halloween, que ensurdece meus ouvidos.

*Mas agora que sei que o atirador é um corno retroativo fica difícil temer.*

— A próxima vai ser no caralho da sua cabeça se não abrir essa porta, eu falo sério, de homem pra homem! — *De corninho para homem.*

— Victor. — Franzo meu cenho mergulhando os dedos no cabelo castanho em busca de paciência. — Apenas três pessoas podem abrir essa porta, uma acabou de sair, a outra está debaixo da terra e eu? Nem por cima do meu cadáver — assevero, firmando meu corpo no chão como chumbo.

*Eu preciso ganhar tempo.*

— Eu entendi, você quer bancar o herói — ironiza, remexendo a arma nos dedos como um doente louco por assassinato, o jeito como segura o objeto aparenta ser normal, isso sim é assustador. — Você venceu, ficou

com ela, mas boa sorte para conseguir a aprovação do Robert. — Ergue uma sobrancelha castanha como se eu me importasse com o que o pai criminoso dela pensa ou deixa de pensar de mim.

Ele é parecido comigo, claro que uma versão extremamente pirata desgastada, mas lembra sim, é o tipo dela. Ainda não sei o porquê de estar o admirando tanto, acho que minha mente fica projetando como seria poder socar esse rostinho de canalha mais uma vez.

— A única aprovação que me interessa é a dela — afunilo, dando de ombros achando que o canalha vai atirar mais uma vez, mas não, ele dá mais atenção ao seu relógio que apita. Um apito simplório até mesmo irritante que o deixa em completo desespero escorrendo uma gota de suor pela testa.

*Por que o horário importa?*

— Do que vai adiantar aprovação com seus miolos estourados?! — lança a ironia pura elevando o tom do mais completo além e flexiona a posição da arma direto na minha testa mesmo que a dois metros de distância. — Se você quer assi…

— TREVOR! — a voz estridente de Morgan exala o salão inteiro, um grito tão eloquente que atravessa níveis sonoros absurdos, poderiam facilmente ser a definição de nota de quebrar vidro.

Eu poderia passar o dia inteiro caçoando desse canalha, eu juro que não me incomodaria porque é decisão minha colocar ou não minha vida em risco. Mas eu não poderia viver mais nenhum único dia sabendo que coloquei a vida dela em perigo. Que a culpa seria minha. Você tinha que chegar agora, Morgan? Mais um pouco e a polícia chegaria, os seguranças nos encontrariam e ficaria tudo mais do que bem, mas você chegou. Você gritou aterrorizada. Você acaba de mostrar a ele meu ponto mais fraco. Quem sente medo é por ter algo a perder. Você acabou de virar minha possível perda.

E agora…

Agora sim eu estremeço o corpo inteiro, as células dos tecidos dos órgãos dos sistemas do meu organismo se reviram, arrepiam e queimam. Eu estou sentindo tudo queimar. É lava vulcânica que me ferve por dentro e não é a temperatura que eu amo sentir em beijos, essa é de puro desespero.

Ela entreabre os lábios terrivelmente assustada ainda vestida de pavão colorido assim como eu de urso. Mostrando, retratando, exemplificando a minha maior fraqueza.

A gravidade zero invade o ambiente inteiro, é como se estivéssemos flutuando no mais nulo sonoro, um silêncio tão horripilante que seria possível escutar um fio de cabelo tocando o chão. As decorações de abóboras, teias de aranha, seringas de groselha, doces mumificados se transformam em um borrão. Embaçando a minha visão completamente, mas eu me esforço, meus olhos visualizam apenas a minha melhor amiga e o atirador. O olhar doentio do Ferreira desvia de mim. Não, não, não, por favor. Você sabe que o seu problema é comigo, ela não tem nada a ver com isso. Deixe-a ir. Faça, resolva ao menos em toda a sua vida um único problema como um homem que preste. Não a use.

É tarde. Morgan colocou doses de álcool em frente a um alcoólico que está sempre fugindo das reuniões. O revólver atravessa a minha posição e logo após a de Mor, está apontando diretamente para a sua testa e eu mergulho inteiro em puro suor. A minha cabeça ferve para pensar em uma solução plausível, mas não há nenhuma opção.

— ABRA A PORRA DA PORTA! — ameaça em um berro que faz meus ouvidos zunirem. A voz continua sendo de um desgraçado, mas já não consigo ouvir mais como um louco que eu pudesse socar como no tribunal. Eu o escuto com o desespero de Morgan.

Seus olhos claros estão febris e se enchem de lágrimas de imediato, assim que vê a boca da arma apontada para mim e a dor triplica agora que a ameaça é para ela. Eu jurei que não deixaria nada acontecer com a minha família, Morgan, você faz parte da minha família. É a única que eu tenho e a melhor que eu poderia ter, sem dúvida.

— ELE NÃO VAI ABRIR! — ela grita, perdendo completamente o juízo, o desafiando a surtar e matar de uma vez nós dois.

— CALADA, MORGAN! — assevero, dando passos lentos até ela, são passos tão curtos e acho que o atirador não percebe, mas faz seu papel, ele atira. Dispara mais uma bala ensurdecedora no pouco espaço de um metro entre nossos corpos.

— NÃO ME MANDA CALAR A BOCA! — esgoela fervendo de raiva, medo, angústia e ansiedade. Eu queria tanto poder tapar sua boca agora, fazê-la ficar quieta para ganharmos o máximo de tempo com a burrice dele, mas ela está desesperada demais.

— É MELHOR DECIDIREM OU OS DOIS VÃO VER O INFERNO JUNTOS! — afunila, louco de raiva pelo relógio apitar mais uma vez.

— Eu não vou deixar você sacrificar seu amor romântico e leal por mim, pode ter certeza que eu prefiro morrer a isso! — Ela me encara com toda a determinação do planeta Terra, como se tivesse usufruído toda gota de coragem universal.

— Você não entende, não é? — questiono, franzindo meu cenho lisonjeado ainda com o coração que pode saltar do peito a qualquer segundo.

— FERREIRA! — a voz robusta invade o salão Scott com o grave de uma onda sonora que nos molha de confusão, mas encharca de suor o atirador.

— ABRAM AGORA! AGORA! AGORA! — repete inúmeras vezes e eu só consigo encará-la admirando cada pequeno detalhe do seu rosto colorido que contrasta na pele escura como a noite. A boca da arma se posiciona mais uma vez, mas ela está tão vidrada em mim que não repara, sou eu quem exergo pelo canto dos olhos e me sinto feliz por não ter escolha.

— Sou eu quem prefere morrer do que perder você mais uma vez — declaro e a bala dispara atordoando o cano balístico deixando cada mísero milésimo de segundo congelado no tempo.

A água melancólica molha a pele de suas bochechas com a minha frase junto à melodia infernal que a ataca. Eu não controlo mais meu organismo deixando entrar em modo de puro denotativo, não há pensamentos racionais e apenas cedem a loucura. Seria uma loucura perder uma única pluma colorida da sua cauda. Meu organismo cede à completa insanidade e se atira na frente dela tomando o tiro que atravessa meu abdômen.

— TREVOR! — o grito de choque aciona notas vocais que nunca havia tido o desprazer de escutar. Ecoando a melancolia, desespero e medo

em uma melodia de culpa.

Perco todo o controle dos meus membros de imediato com o impacto que me lança para trás como um canhão. Eu caio. Meu corpo cai. Minha cabeça cai no tapete vermelho batendo com uma força incomensurável que me atordoa. Está me perfurando, penetrando, soterrando cada tecido carnal meu e dilacerando minhas células uma a uma com nula possibilidade de misericórdia. Minha melhor amiga pula sobre meu ferimento usando todas as plumas de sua fantasia para pressionar o ataque que lambuza tudo com sangue, o meu sangue com essência de avelã.

*Pluma Avelã.*



*"Tudo que é sólido desmancha no ar."*

Em meio ao giz que empoeirava meus dedos e aulas de filosofia que eu julgava incríveis, embora o resto da turma detestasse, eu aprendi a frase.

Eu ouvi a frase.

Eu refleti a frase.

Eu senti a frase.

Significa que tudo tem um fim.

Riqueza, prazer e poder são sensações que buscamos a maior parte da vida. Trabalhamos como condenados anos e anos para termos, quem sabe com sorte, algumas junções de semanas felizes junto a essas palavras.

Mas e se eu te entregasse tudo isso agora?

Dinheiro para comprar tudo o que deseja, o parceiro que almeja perfeito para te satisfazer e um manual de regras que estivesse livre para quebrar.

Ainda sim trabalharia? Ainda ficaria ao lado das pessoas que julga família? Ainda seria humilde? A disputa é muito acirrada, acredite. Eu acho

que as pessoas idealizam um padrão de vida e lutam sem parar por ele, sem pensar nas consequências. Há outros milhares de problemas além de pobreza, solidão e insegurança.

Desculpe te emergir em algo um pouco melancólico, mas apenas gostaria de lembrar que assim como nós, os bens também desmancham no ar.

É apenas essa frase que minha mente turva consegue projetar para mim pelo visto. Imaginando se tudo o que fiz nessa vida valeu a pena para desmanchar no ar agora.

Eu ignoro, junto todas as minhas forças para ignorar o ferimento que aos poucos suga mais dos meus esforços, personalidade e eu por completo. Eu não quero pensar na dor surreal que a cada segundo me invade ainda mais sem nem um pingo de compaixão. A minha visão já está falhando miseravelmente e flexiono por diversas vezes meus olhos para conseguir encará-la com precisão.

Meus cabelos são amaciados em um ritmo coordenado que me emergem no conforto e minha cabeça é presenteada por uma almofada de plumas de pavão noturno. Já faz alguns minutos que o atirador sumiu correndo de medo da voz que gritou seu sobrenome. E a única coisa que eu realmente espero é que as duas estejam a salvo aos cuidados azeviche. Eu quero que tenha valido a pena não abrir essa porta nem por cima do meu cadáver que já não parece uma expressão tão irreal assim.

— Eu chamei a polícia tem alguns minutos, Chris já deve estar chegando. — A voz mansa da minha melhor amiga exala o pouco da audição que ainda me resta.

— Nã-ão tinha outro policial, não? — questiono a fazendo rir um pouco de pura pena de mim, mas mal sabe que seu sorriso é o que ainda está me mantendo consciente.

— Você é idiota demais! — A pouca risada se transforma em lágrimas mais uma vez, ela chora sem parar molhando o meu peito com água borrada de maquiagem. — Idiota, muito idiota, eu não tenho nada na vida, diferente de você.

— S-sou eu o idiota ou você já respondeu o motivo p-pelo qual você merece viver mais? — argumento e a tosse vem forte bloqueando a pouca

fala que ainda consigo balbuciar.

— Deixe de falar, por favor — pede, mas eu tiro estímulos de lugares inimagináveis para negar com a cabeça.

— Eu tenho uma cois… o testamento, atualizei faz pouco tempo, t-tem uma boa quantia p-pra você — murmuro, me esforçando para apertar sua mão.

— Cala a boca, feche essa boca, eu não quero nada, eu não preciso de nada. — Nega imediatamente e contra todas as hipóteses do que sou capaz de fazer eu reviro os olhos.

— O meu carg… — Antes que eu possa terminar a palavra, ela tampa meus lábios intensificando ainda mais o choro. A sensação de estar lhe fazendo sofrer tanto invade meu peito e chega a doer mais do que o próprio tiro.

— E-eu… só quero você, e-eu nã-ão quero cargo nenhum. — Despenca as lágrimas agarrando o meu pescoço. — V-você estava certo, é ap-penas um trabalho.

A minha visão já não é mais a mesma e um peso absurdo parece cair sobre minha cabeça me atordoando. Eu me esforço, eu quero, eu preciso ouvir o que tem a dizer, mas meu corpo batalha com a minha mente. Eles lutam bravamente, guerreando, fazendo… me fazendo de ansioso.

— T-Trevor? — a voz alcoólica me chama e já não consigo mais manter meus olhos abertos. — Não me deixe, fique aqui, fique acordado! Trevor, não, não, não! — Por mais que implore não é uma escolha minha.

*Essa foi a sua sensação ao me deixar, Hills, pura impotência?*

# MIA ROSS

Sacrifício. Não é algo que eu desconheça, na verdade poderia até mesmo realizar consultoria de como se sacrificar. Pessoas inseguras se sacrificam todos os dias por não serem sua melhor versão.

As sirenes da polícia colorem a grama do jardim, a orquídea branca, a tinta lascada do carro vermelho e os rastros de terra que contam histórias pavorosas. Foram acontecimentos tão rápidos e tão horripilantes que minha

mente ainda está processando a sorte que tivemos. Eu posso sim odiar meu pai por muitas razões, mas hoje, apenas por hoje, eu só tenho a agradecer e amá-lo mais do que nunca. É estranho pensar que lutamos contra a morte e vencemos, nada indicava que venceríamos, em jogos de apostas teriam apostado contra nossa vitória, mas demos a volta por cima.

Eu só quero abraçar e beijar o meu namorado até não aguentar mais. Eu só penso em você, Trevor, em como eu quase perdi a oportunidade de continuarmos nosso relacionamento que tanto estamos lutando para construir. Me alivia saber que agora está tudo bem, embora a feição do policial em minha frente seja um tanto curiosa.

— Está bem mesmo, Mia? — o homem loirinho pergunta pela enésima vez enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta azul.

— Estou mesmo — repito lhe dando um pequeno sorriso que o espero retribuir, mas não chega.

— Precisamos ir ao hospital. — A voz sai mais grave como se estivesse ordenando algo que não desejasse. Seus olhos azulados perdem o brilho genuíno e agora entendo o porquê de estar me questionando o bem-estar inúmeras vezes. Ele quer me contar algo, nunca deixou de me contar nada e agora não seria diferente, seria?

— De quem estamos falando? — questiono de uma vez, sem enrolação, para preparar meu corpo. Teodoro tem que estar bem, já não basta o que acaba de sofrer na empresa, não merece de maneira algum…

— Trevor — afirma convicto.

Nunca em todos os meus dias em Portugal eu odiei ouvir seu nome. Mesmo entre nossas brigas as quais tinha certeza que poderia matá-lo, nem mesmo assim eu sentia ódio do seu nome. Sempre foi amor e pura satisfação em ouvir as sílabas que formam saírem de meus lábios lambuzados, mas agora... Mas agora meus membros tremem imediatamente e os seguro com força abraçando meu próprio organismo quando o policial me auxilia por alguns instantes a regular meu sistema nervoso, mesmo sendo uma missão impossível.

Eu sabia.

Eu sabia bem lá no fundo.

Eu sabia que algo ia acontecer.

Assim que vi o marginal atrás do meu homem, eu já sabia que ele nunca abriria a porta que nos trancou. A honra e a lealdade dele sempre ultrapassaram todos os limites e não via muito problema nisso até agora. Até que isso machucou você. Até que isso está tirando você de mim.

— A Morgan estava em perigo e o atirad…

— Ele tomou o tiro por ela? — questiono entreabrindo meus lábios, mas não é um choque, é ódio quando o policial confirma minha hipótese fazendo com que uma lágrima escorra por minha bochecha ao imaginá-lo heroico.

Eu não odeio mais apenas a pronúncia do nome, eu odeio ele. Quando nos conhecemos eu te dei o apelido "Sr. Perfeito White", na época eu apenas te achava lindo demais, inteligente demais, safado demais e carinhoso demais… mas eu nunca, em toda a minha vida pensei que esse apelido seria ruim. Nunca pensei que a perfeição seria tão dolorosa.

**Trevor, por que você tem que ser tão perfeito?!**

Por que você não peca?

Por que você não erra?

Por que você não deixa de ser maravilhoso?

Você acha certo que sua perfeição ultrapasse a sua segurança? Até onde você está disposto a ir pelo o que você ama? E se isso significar perder a vida, isso não te assusta?

— E-ele…

— Está em cirurgia e está estável. — A voz me tranquiliza e coloco de imediato a mão aberta em meu peito sentindo o coração bater forte. Sentindo a sensação amarga na minha boca, o estômago revirar e a vontade de vomitar que não me deixa. Minha cabeça está explodindo de tamanha dor, é demais para mim, já não é demais por hoje?

— Ond… onde foi? — sussurro a frase que quase não sai dos meus lábios.

— Abdômen — informa o mais baixo possível.

*Porra*, faz poucas horas eu estava lambendo o abdômen inteiro dele recheado com Nutella e agora está recheado de sangue?

Não aguento, eu não posso aguentar isso, *cacete*, é demais.

— A bala s-saiu? — questiono com a última lasca de esperança que resta no meu corpo todo, mas o policial nega com a cabeça triplicando a dor que eu achava ser a pior de todas na minha cabeça. — O-o que v-você acha? — Só me resta perguntar a ele, porque apenas ele se dispôs a me contar mais uma vez. Eu preciso ouvir de alguém que está visualizando e talvez até muito melhor do que eu.

— Eu acho que ele sai dessa. — Sua opinião serve como um alívio extremo ao meu peito, como se enlatasse sua opinião em ar e oferecesse ao meu nariz que está debilitado. O homem toca o meu ombro esquerdo com o maior cuidado do mundo, mostrando bem antes sua mão para que eu possa ver, mesmo eu já tendo dito que não sinto medo dele, eu sinto conforto. — Eu não diria isso se não achasse.

— E-eu sei — cuspo as palavras, segurando o choro que vem forte e limpo uma única lágrima que escorre por minha bochecha.

— Eu estou contando a você, porque eu sei que consegue manter a calma, mas a Sarah tem um histórico absurdo de surtos e o único que conseguia tirar ela desse estad…

— Não contamos até chegarmos ao hospital, até porque pode ser que não tenhamos que contar nada, não é? — Ergo uma sobrancelha esperançosa e respiro fundo por saber que não sou apenas eu a passar por essa situação e preciso ser forte mais uma vez.

Após os paramédicos examinarem os ferimentos da Sarah, ela já está sorrindo perversamente por ter processado a situação por completo.

— Sarah, temos que ir ao hospital — Chris informa com um meio sorriso tentando transparecer pura tranquilidade, mas a loira franze o cenho de imediato e entreabre os lábios pensando o pior dos piores cenários. Alguém precisa dizer algo.

— Deve cuidar desses hematomas, tem alguns sangrando um pouco ainda — digo para acalmá-la e toco sua testa ralada. Os olhos azuis me encaram profundamente e por mais que comprem minha história, ainda assim não esquecem o próprio Amor Leal.

— E o Trevor está bem? — A pergunta vem de lábios vermelhos que se mordem e um coração avermelhado que quase explode seu busto já enorme.

— Ele já está te esperando. — A resposta nada mentirosa do policial a faz sorrir e assentir com a cabeça entrando no carro.

*Eu realmente acredito que ele esteja nos esperando.*



Eu ainda não sei se tudo isso está fazendo parte da negação. Será isso? Eu não quero aceitar que tudo está dando errado mais uma vez? Eu me sinto naquele filme do Hércules em que ele luta contra um dragão místico de sete cabeças, e quando se alegra por matar uma, crescem duas maiores no lugar. Talvez eu não queira sentir, e eu sou a errada? Eu já não senti demais intensamente sempre?

Eu já chorei tanto...

Eu choro demais.

Eu estou sempre chorando.

Eu nem sempre fui assim, me lembro de ser uma menina que se ralava inteira de bicicleta e não soltava uma única lágrima. As tragédias da vida me tornaram mais sensível e tem lógica, já que uma criança não tem medo de nada e zero preocupações.

Ele quer que eu seja uma criança.

***"Eu não quero seu desespero, eu não mereço isso. Tudo está bem até que se prove o contrário com a sentença final."***

Em meio aos destroços da sala que ele surtou com os traumas da própria família ele me disse isso. De primeiro momento eu pensei ser uma frase tola, porque é óbvio que ele merece tudo de mim. Foi aí que eu

percebi que não é uma frase insegura e sim uma imposição do que ele realmente merece.

Ele não quer que eu me desespere por já estar sofrendo demais, já estar lutando demais e isso apenas o magoaria. Mas não é como na *Tempestade de Vidro* em que ele se recusava a me ver chorar para não ceder, ele não quer que eu não sinta. Apenas quer que eu sinta quando tiver algo a sentir. *Porque tudo está bem até que se prove o contrário com a sentença final.*

O caminho até o hospital foi bem angustiante, é claro que a possibilidade do amor da minha vida morrer em uma cirurgia já é extremamente sufocante, mas estou tentando confiar no que Chris me disse. Agora, o que está causando uma agonia extrema é a Sarah. Eu sinto como se tudo que ela segura, toca e respira pode explodir a qualquer momento. Mas talvez o policial tenha exagerado, ela pode entender, assim como eu, e deixar os médicos trabalharem, porque afinal, é nossa única opção.

Nossos pés tocam o chão da sala de espera e encontramos todos em cadeiras azuladas. Ted já está com o rosto limpo da maquiagem de Frankenstein e suas sobrancelhas se flexionam tanto de preocupação que poderiam perfurar sua pele. Rose ainda está vestida como Hera Venosa, mas a roupa provocante verde de folhas é coberta por uma blusa de frio rosinha que mostra fraqueza. Morgan está totalmente parada mergulhada na fantasia de pavão, posso ter chegado agora, mas apostaria que não sai dessa posição há horas. Suas pernas estão abertas e suas mãos pressionam o meio da cadeira, seus olhos claros estão fixos no chão e se observarmos bem ela se mexe um pouquinho para os lados como se relembrasse cada cena.

Antes que possam me cumprimentar, Sarah chega atrás de mim e encara a situação precária de todos, inclusive eu. Seu olhar azul de imediato já não está mais ansioso como se fosse abraçá-lo e sim reflete medo. Ela encara a todos como se contasse algo que não quer acreditar, as feições, o cansaço e a angústia que estampa cada face não podem esconder a situação por muito tempo.

— Onde está o Trevor? — ela pergunta com uma voz mínima dando pequenos passos em frente a eles, mas ninguém a responde. Isso a faz ferver de raiva, suas bochechas se avermelham e posso ver bem claramente a mudança do seu estado desde o carro. — Por que estão calados? — questiona e mais uma vez sem resposta, até eu estou ficando nervosa com

esse silêncio, mas eu não tenho coragem de contar. E é aí que caiu a ficha vermelha em seu rosto albino de que tudo não está muito bem. — ONDE ESTÁ O TREVOR? — Sarah grita estridentemente penetrando o ouvido de todos com a voz de susto e pura ordem, mas ninguém ainda aí a responde.

— Tem alguma Sarah… Sarah Scott aqui? — um atendente com o rostinho mais angelical do universo pergunta conferindo uma prancheta e assim que a Dama Vermelha o encara um gota de suor escorre por sua testa como se tivesse certeza de que iria morrer hoje. — É a senhorita o contato de emergência de Trevor White? — Após longos minutos em que o jovem morde a boca quase lacrimejando pelo silêncio, a loira se aproxima com passos curtíssimos até ele e assente com a cabeça. — Conseguimos retirar a bala que perfurou o abdômen dele e os sinais vitais estão estáveis, se a senhorita quis…

Ela arranca a prancheta das mãos do atendente e passa a unha vermelha por toda a extensão do papel até que o caminho para sobre o número do quarto. A loira lança a objeto contra o peito dele e quase o faz cair no chão por tamanha força. Ela está calada, totalmente calada e seus passos são firmes, a mulher quase corre, mas não perde a elegância transmitindo puro poder. Nós a seguimos e eu já consigo voltar a respirar por saber que o policial estava certo, ele saiu dessa, mas estou com muito medo dela agora.

— A senhorita não me deixou terminar! — o residente hospitalar corre atrás de nós às pressas, mas nada nesse mundo pode pará-la agora.

A Rainha Vermelha joga seu peso inteiro contra a porta do quarto dele e apenas por um segundo sorri por vê-lo deitado na maca. Eu me alivio de imediato, mesmo que esteja vestido com o roupão que não reflete sua confiança, ele está bem. Apenas dormindo com alguns aparelhos, mas seu cabelo castanho continua intacto para que eu possa mergulhar meus dedinhos, seu peitoral sobe e desce com a respiração que significa vida e seus lábios estão ressecados.

*Não se preocupe, Ursinho, eu vou beijar tanto esses lábios quando acordar que serão lábios recém molhados, você teria rido dessa.*

— Quando a anestesia vai passar? — Sorrio genuinamente apertando minhas mãos, ansiosa para vê-lo abrir os olhinhos brilhantes e beijá-lo, eu só quero beijá-lo demais.

— Já passou — o atendente afirma e todos sem exceção, todos na sala, Chris, Rose, Ted, Morgan, Sarah e eu o encaramos extremamente confusos.

— O QUE DISSE? — a loira berra avançando no jovem o jogando na parede e usando o cetro da fantasia para quase asfixiar seu pescoço.

— Sarah, por favor, se acalme! — Rose tenta puxar a cintura dela para trás, mas ela permanece inteiramente focada em matá-lo.

— SEJA HOMEM! O QUE DISSE? — esgoela na cara dele o fazendo tremer de desespero escorrendo agora riachos de suor e não gotas.

— A cirurgia correu muitíssimo bem, mas o paciente havia batido a cabeça com força e isso quase levou à morte cerebral, mas contornamos o efeito e salvamos a vida dele. Porém, devido o trauma, o paciente entrou em coma.

— Meu Deus. — O sorriso em meus lábios morre instantaneamente e coloco meus dedos sobre meu coração tentando normalizar meu batimento que agora explode meu *body* de Abelhinha. Eu ainda estou vestida de Abelhinha como você queria. Estou sofrendo de Abelhinha. Estou chorando de Abelhinha, mas onde está o meu Ursinho?

**Meu Ursinho está em coma.**

Sarah o larga imediatamente e o atendente tosse pela falta de ar do aperto do bastão. Os olhos azuis se esbugalham tanto, mas tanto que aparentam poder pular fora de seu rosto. Perde o movimento elegante dos saltos vermelhos e desequilibra quase caindo no chão, mas consegue se segurar na maca dele. Ela não está respirando, estou vendo, mas não posso crer que é realmente verdade, sua pele está mudando de cor. **A pela albina dela está ficando azul?** Não, isso não pode estar acontecendo, ela está sufocando. A tosse vem fortíssima e seus dedos formam e batem inúmeros socos contra seu busto, mas nada funciona. É o corpete. *Puta que pariu*. Eu e Rose nos encaramos e de imediato nos atiramos para cima dela como bola de canhão, tentando arrancá-lo de qualquer maneira, mas não sai. O tecido está grudado na sua pele pelo suor que veio escorrendo por horas de tensão, ela não está respirando, não sai absolutamente nada de ar. A ruiva quase desequilibra caindo no chão, mas logo se recompõe abrindo trezentas gavetas metálicas, ela lança todos os instrumentos no chão e não encontra.

São inúmeras divisórias que ela destrói e após segundos de mais desespero, encontra uma tesoura enorme extremamente afiada.

Eu seguro o corpete ficando meus dedos para dentro do seu busto e tento ao máximo esgarçar para conseguirmos invadir com o metal. Mas assim que a tesoura corta o último milímetro de tecido, ela grita.

Um grito escaldante altíssimo que faz os ouvidos de todos zunirem, um grito tão estridente que nos horripila e arrepia por inteiro, um grito tão desesperador que cria suor e medo onde não temos.

**Um grito de agonia.**

**—** VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO COMIGO! — Ela se atira para o corpo dele sem qualquer aviso tão rápido que tenho certeza de que não levou mais que o tempo de uma única piscada. — EU NÃO VIVO SEM VOCÊ! — berra nos ouvidos dele como se pudesse escutá-la, mas ele não escuta. Se amarra em cada parte do seu corpo o tocando, deslizando, resvalando as unhas vermelhas por toda a extensão do homem como se de alguma forma pudesse senti-lo e trazê-lo de volta. — VOCÊ NÃO PODE ME DEIXAR, NÃO POSSO PERDER VOCÊ, EU MELHORO, EU JURO QUE EU MELHORO! — Sarah derrama meio milhão de lágrimas que molham seu roupão hospitalar, seu rosto mais pálido e completamente borrado pela maquiagem que em algum momento existiu ali. — EU NÃO DEVIA TER TE ENTREGADO, EU TE AMO, EU NUNCA AMEI NINGUÉM COMO EU TE AMO! VOCÊ NÃO PODE ME DEIXAR! — A declaração causa um aperto forte em meu peito como se lançasse uma ameaça para mim. Ela está se arrependendo de tudo que fez? De tudo que construímos? Você não nos aceitou? Você não quer vê-lo feliz?

A porta do quarto é escancarada por uma batida fortíssima e nos viramos para encontrar os olhos acinzentados de Thomas que aparenta ter chegado de uma viagem, pois ainda segura uma mala pequena nas mãos. Assim que ele a vê estremece, eu estremeço, todos estremecemos por sentir bem que por um segundo a dor de ver a mulher que ele ama. A sua própria noiva se agarrar ao peito de outro homem e dizer não viver sem ele, dizer não poder ficar sem ele, dizer que poderia ter tentado mais e dizer que nunca amou ninguém como ele. Eu vejo. Eu vejo no fundo do cinza em suas pupilas um turbilhão de emoções. Angústia, ele se sente angustiado e sem ar por estar presenciando o pior estado, o estado mais patológico da

mulher que ama. Insegurança, ele se sente inseguro como se apertassem o coração da fantasia que usava no Halloween e o destruíssem por não ser o suficiente. Medo, ele está medroso, sente o medo percorrer por suas veias, mas toma coragem.

Thomas se aproxima dos gritos e declarações desgovernadas doentias de Scott White e tenta tocá-la, mas ela se esquiva amedrontada em enxergá-lo ao seu lado. Ela agarra com todas as forças o pescoço dele e se afasta do seu toque.

— NÃO TOQUE EM MIM! SE AFASTE DE MIM! SAIA DAQUI! — ela berra tão alto amedrontada como se ele fosse machucá-la, mas só quer ajudar. O homem está desolado sem saber o que fazer, como prosseguir por amar uma mulher como ela. Ele sofre, eu sinto, eu vejo, todos somos capazes de ver. — VOCÊ ME ENFEITIÇOU, VOCÊ ME TIROU DELE, A CULPA É SUA! — esgoela, lançando frases que até mesmo a mim fazem chorar, eu não consigo deixar de sentir empatia por ele, por ele ser eu de uma certa forma. É isso que eu fiz com você, Trevor? Eu te enfeiticei, eu te tirei dela, a culpa é minha? Eu choro, finalmente minhas lágrimas percorrem minhas bochechas sem parar assim como as dela. Thomas dá um único passo para frente e contra todas as hipóteses do que poderia piorar, piora, ela surta. — EU NÃO QUERO VOCÊ, EU ODEIO VOCÊ, EU QUERO QUE VOCÊ SAIA DAQUI! — Sarah grita tão alto que chama a atenção de outros pacientes e médicos que vêm ao nosso encontro, inclusive Rose que segura uma agulha enorme nas mãos, todos chegam para ver o que ela acaba de fazer. Ela não teve essa coragem… teve.

Sarah deslizou o anel de rubi pela derme de seu dedo anelar e o lançou com a força de um tiro contra o peito de Thomas.

E esse foi o fim para ele.

O homem não sente mais angústia, insegurança ou medo, o sentimento é outro.

**Raiva Súbita.**

O homem arranca a agulha das mãos com tatuagens minimalistas da melhor amiga dela e se atira para o corpo vermelho, segurando enquanto ela dá tapas fortíssimos nele com gritos horripilantes para que deixe ela em paz,

mas ele não a respeita mais. Envolve o pescoço dela para trás com força bruta quase a enforcando, pois só assim ela para de gritar e Foster finca a agulha mergulhada em sedativo abaixo do seu quadril arrancando a saia da sua fantasia e ela desaba. Sarah desmaia completamente com últimos sussurros pedindo para que ele não a deixe até que não consiga mais mover um único membro ou exale sons de sua boca vermelha.

Thomas joga seu corpo por cima do ombro escorrendo a cachoeira loira que balança para todos os lados e a tira do quarto sem fazer contato visual com nenhuma alma viva.

***Por dilema, você escolheria ser o amante ou amado?***

40



# Rosas Alcoólicas Estampadas

*Eu nunca irei sair do seu lado*
*Você não sabe que tem*
*Lealdade até o fim?*
*Mesmo quando eu sentir*
*Sua falta na estrada*
*Você deveria saber que*
*Sempre estou no controle*
***Test Drive - Ariana Grande***

## TED CORTEZ

Recordar. Trazer de volta à memória experiências vividas. Eu poderia me lembrar de que, se em toda a minha vida eu fui o figurante? As minhas memórias são conquistas alheias derivadas de outros e nunca minhas. E não é algo que eu possa culpar alguém, sou eu que nunca quis ser o centro das atenções.

Eu me sinto culpado.

A sensação de culpa me domina na maior parte do tempo, na verdade para ser bem sincero. Eu me sinto na necessidade de retribuir sempre em dobro tudo e todas as coisas que recebo. Isso nunca foi sufocante, eu faço porque amo retribuir ajuda e ver as pessoas que eu amo felizes.

Mas agora eu vejo um espelho recheado de avelã e hortelã.

Eu posso não ser tão confiante, atraente ou até mesmo tão amado quanto o homem acamado à minha frente, mas temos uma semelhança. Nós

dois somos altruístas. E pessoas altruístas que fazem de coração, sem nunca querer algo em troca, acham terrivelmente bizarro quando são retribuídas.

*O que eu fiz para você gostar de mim?*

Em meio a tantas pessoas na sua vida, mulheres incríveis que eu admiro, seres tão talentosos que eu nunca conseguiria alcançar nem mesmo um terço do sucesso. Em meio todas essas maravilhas, você escolheu se importar comigo.

Eu nunca te pedi apoio.

Eu nunca te pediria nada.

Eu nunca te pedi ajuda.

Eu nunca te pediria ajuda.

Eu nunca te pedi nada em troca.

Eu nunca te pediria nada em troca.

Eu via a minha melhor amiga chorando derrotada no sofá, sem comer, sem dormir, sem parar de chorar um único segundo.

E pensava:

*Caralho, mas o cara é o Batman para estar chorando tanto assim?*

Desculpe, White, eu te julguei sim.

E como poderia fazer diferente? Eu só via você magoá-la uma tragédia atrás da outra, fiquei com raiva é verdade, mas quando terminaram eu enxerguei. Não era você o problema e nem mesmo ela. A obsessão é algo louco e doentio demais para se compreender e poderia ter destruído a relação de vocês dois se ela não tivesse terminado.

Foi no Tempo de Creme, acho que é assim que a Mia chama, que eu percebi que você realmente valia a pena.

Por que antes? Eu teria apostado uma grande quantia que você desistiria dela, então foi nesse momento que eu quebrei minha cara.

Você não desistiu.

Tiveram um começo de verdade, em que há xícaras de café, almoços, flertes e pequenos beijos em meio a fim de encontros. Você a respeitou e mudou a forma como agia por anos apenas porque achou que ela valia a

pena. Acredite, eu sei como você era, as pessoas naquela empresa falam e é por isso que odeiam tanto a Mia.

Você não desistiu dela assim como eu.

Eu nunca cogitei abandoná-la mesmo não concordando com diversas decisões que tomava. Eu acho que esse é o significado da amizade verdadeira, você não julga e sim aconselha, apoia e ama acima de tudo. O respeito em não obrigar a agir como você agiria faz toda a diferença. Eu e ela temos opiniões completamente diferentes sobre milhares de coisas. O que mais me irrita ainda é o fato de odiar hortelã.

*Quem odeia hortelã? É o cheiro e gosto mais refrescante do universo.*

A minha amizade nunca foi com você propriamente, mas ver que estava fazendo ela muito feliz, me fez gostar de você…

Eu gosto muito de você.

E pode me agradecer, viu? Puxei seu saco algumas vezes em que ela estava fervendo de raiva, porque a verdade é que eu não ia aguentar outro idiota na minha casa que não fosse você. Trevor cozinha, sabe limpar casa, o único problema é não saber calar a boca no sexo, mas eu já me acostumei.

Eu ajudei ela a ver que te amava, nunca te pedi nada em troca, mas você fez mais por mim do que qualquer pessoa que já conheci.

Foram longos dias em um grupo de apoio com a minha tia até que eu começasse a querer comer novamente ou querer abrir a janela. Eu me vi desolado como ela, mas não por dor amorosa e sim, dor pavorosa. Foram longos dias pintando camisetas com flores e plantando mudas no jardim para que eu me sentisse eu mesmo novamente.

Eu fiz de tudo para me sentir melhor depois do assédio, porque nunca quis ser o centro das atenções e não pretendia nunca contar a ninguém sobre isso se eu pudesse lidar sozinho.

Mas você não deixou isso acontecer, não é? É incrível como conseguiu me decifrar sem que eu dissesse uma palavra, sendo que eu nunca achei que reparava nas minhas atitudes, apenas eu nas suas.

— Ainda está bravo comigo? — Assim que ouço a voz maldita do meu chefe reviro os olhos imediatamente me recostando na cadeira ao lado do Trevor.

— É o Sr. Ramirez me perguntando? — questiono, ironizando sem encará-lo enquanto amacio um pouco a mão do paciente.

— Henrique — corrige e eu cedo admirando o mais zangado do universo. É isso que ele é, aquele anão da Branca de Neve, é frio, uma carranca no lugar da cara e usa roupas antigas terrosas. É um minerador que não cansa de minerar a minha vida.

— Não era da sua conta, Henrique — restrinjo e não resisto em deixar um bico em meus lábios.

— Se tornou da minha conta assim que saiu por dias e não me avisou quando voltaria — afronta, como se tivesse poder fora do departamento que coordena.

— Você sabe muito bem o porq…

— Deveria ter me contado. — Bufa, encostado no batente do quarto azulado hospitalar.

— Pra quê? Pra virar um touro de novo? — Ergo uma sobrancelha e ele desabotoa o blazer de tons terrosos como se estivesse ofendido.

— Eu não seria um touro com você — abaixa o tom de voz amaciando a barba mal feita.

— Não deveria ser um touro com ninguém — corrijo, revirando meus olhos mais uma vez, eu sempre reviro com ele, me faz perder a paciência.

— Eu não entendo, o Trevor fez o mesmo, mas não está brav…

— Trevor não foi um touro! — corrijo mais uma vez elevando meu tom pela comparação absurda que acaba de fazer. — Ele agiu como adulto, com calma, lhe ofereceu a demissã…

— Que o canalha só aceitou depois que eu massac…

— Não poderia ter machucado ninguém, muito menos por minha causa — interrompo assim como ele já ficando estressado com essa conversa maldita.

— Mas ele te machucou! — Desencosta do batente e crava aos mãos no apoio da maca dele me encarando com Raiva Súbita.

Me silencio completamente e pesquiso palavras para respondê-lo, mas não encontro nada. *Porra*, não era da conta dele, mas também como posso

condená-lo por se importar comigo? Isso é estranho, eu não costumo ser o centro das atenções e é por isso que essa conversa tem que acabar.

— Eu não quero mais falar sobre esse assunto, será que pode me respeitar ao menos uma vez? — eu peço, sem mais conseguir pensar em outra alternativa senão pedir com educação e torcer para que o *Toumirez* aceite.

— Só estou esperando minha vez no velório. — Deixa de forçar a maca dizendo a frase mais insensível do universo.

— Cara? Por que você é assim? — Tampo minha boca com ódio por ter escapado um riso. — Não é um velório, ele vai acordar. — Eu tenho certeza que vai, o mundo ainda não está preparado para continuar sem Trevor White.

— É o que está parecendo com todos saindo chorando daqui, até parece que gostavam mesm…

— Eu gosto mesmo dele e acho que está louco se acha que cada uma dessas pessoas a entrar aqui não o amam demais — afronto contra todos os meus instintos, mas é ridículo ele pensar isso.

— Gosta mesmo dele? — Ergue uma sobrancelha.

— Eu gosto muito e espero que volte porque o mundo não vai ser o mesmo sem ele zoando minhas camisas estampadas — brinco, amaciando mais uma vez sua mão enquanto os aparelhos lhe ajudam a respirar.

— Por que não zoa as camisas brancas dele? — questiona, mergulhando os dedos nos cabelos castanhos meio grisalhos.

— Eu vou zoar de quê? Papel?

— Eu só sei que acho muito mais bonito o Havaí. — Dá de ombros com um sorrisinho de canto.

*Esse é seu jeito otário de me pedir desculpas pelo surto, Ramirez?*




*Eu nunca irei sair do seu lado*
*Você não sabe que tem*
*Lealdade até o fim?*
*Mesmo quando eu sentir*
*Sua falta na estrada*
*Você deveria saber que*
*Sempre estou no controle*
***Test Drive - Ariana Grande***

# ROSE BRAGA

Relembrar. Trazer de volta à memória experiências vividas. Dez anos com você foram pouco para tão grandes lembranças. Você sempre foi o homem que todas amavam, o cara que fazia todos rirem e se estivéssemos em jogo de futebol do colégio, você seria o primeiro a ser escolhido em todos os times.

*Você é um idiota.*

Desde o dia em que ergui meu olhar esverdeado para encontrar o seu castanho, eu soube que não seria apenas um homem insignificante. Eu não sei se foi essa sua cara de idiota sem vergonha que me fez rir em menos de dez segundos, mas eu gostei de você.

Nos meus dezessete anos de vida, eu nunca tinha gostado de ninguém, eu era a menina mais chatinha da turma, a amiga da mais popular. Essa personagem nos filmes e séries que não tem sua história contada, entende? É apenas uma mera figurante e eu acho que acabei sendo isso para você. Mais um dos seus relacionamentos fracassados, mas você foi diferente para mim.

Para mim, você foi o meu primeiro namorado.

Para mim, você foi o único homem que respeitei.

Para mim, você foi último que deixei entrar no meu coração.

E por mais figurante que seja… eu realmente te dei tudo de mim. Você foi o garoto popular que me notou nos filmes clichês de romance adolescente que ninguém aguenta mais. Eu confiei em você para entrelaçar minha mão nas ruas, confiei para contar meus segredos e confiei que fosse o certo para tirar a minha virgindade.

Acredite em mim, você foi o certo, independente do que aconteceu depois. Eu não me arrependo nem por um segundo de ter escolhido você.

Você me fez… e me faz sentir segura. Você me fez sentir a garota mais amada do universo pelos meses que ficamos juntos. Eu faria tudo mais uma vez, mesmo que o nosso término tenha sido o início da minha fase obscura, você me ensinou a amar.

*Mas também me estragou para amar.*

Não me ache egoísta ou mesquinha por não amar de paixão a sua Garota de Mel, eu me esforço por você, mas ainda é difícil processar que a Sarah não era a certa. Ou talvez nem seja por esse motivo… eu só fico um pouco irritada por ela conquistar todos os homens do mundo.

Você me fez questionar o que a Sarah tinha que eu não tinha… e essa resposta foi bem fácil, convenhamos, é a Sarah. Eu entendo seu amor por ela, porque eu a amo incondicionalmente por ser minha primeira e única amiga verdadeira.

Mas a Mia? O que você tem, Miranda?

Eu fico encarando os seus cabelos castanhos bagunçados e imagino que se estivesse lendo meus pensamentos, diria: *Você acha que engana quem?*

Eu não posso te enganar, você me conhece demais e sabe no fundo do seu coração de avelã que eu estou confusa.

*Eu não sei amar, mas acho que estou amando.*

— Ah, desculpe, Rose. — Estremeço minhas mãos que agarram sua maca assim que escuto a voz do policial. Inclino um pouco minha cabeça

tirando o cabelo ruivo do meu pescoço para encará-lo. Meus lábios se mordem e eu admiro os olhos azuis e o cabelo loiro angelical protegidos por uma jaqueta… *a maldita jaqueta.* Ele coça as costas das mãos um pouco nervoso quando o observo atentamente e não resisto soltando um pequeno, quase imperceptível, sorriso. *Eu gosto de te deixar nervoso, Lauden*. — Não queria atrapalhar, só vim buscar a bolsa da Mia. — Chris entra na sala vasculhando uma caixa plástica.

Meus lábios deixam de se morder para entreabrirem surpresos pela frase. As feições agradáveis que lidei de início somem e só consigo encará-lo com Raiva Súbita. *Porra*, por que ele está com ela? Ela tem namorado, seu cretino, ele não morreu. E por que ela não está com o amiguinho estampado dela? Ele é um policial ocupado, deveria estar trabalhando e não sendo o cachorro dela.

— Algum problema? — O anjo loiro que já não é tão anjo assim questiona erguendo uma sobrancelha quando repara minha mudança de humor.

— Não — digo de imediato empinando meu nariz.

— A cada vez que eu converso com você eu não sei se me odeia mais ou gosta de mim. — Ele ri por alguns segundos, mas só até manter o olhar completamente sério focado em mim por estar em silêncio. Fica difícil gostar de você, se você tem trezentas mulheres te pedindo para pegar a bolsa. Não vou responder mais, ele que se *foda*, iludido. — E se acha que eu não vi a sua chamada na minha caixa postal está enganada.

**Como é que é?**

**Não tinha como ele ver isso.**

**Desliguei antes de atender.**

— Foi engano — encontro a saída perfeita e dou de ombros fazendo com que perceba que não é tão importante assim como pensa.

— Qual das três vezes? — ***Filho da puta.*** — É, isso mesmo, eu consigo ver as que desliga antes tambe…

— Vai foder ela? — me estresso de uma vez e lanço a *porra* da pergunta que fica martelando minha mente a cada cinco segundos. Você já a quis uma vez e por que não agora que não tem nada no seu caminho? Eu

penso assim, mas ele… ele ainda está paralisado com o meu questionamento. Consigo até mesmo ver uma gota de suor que escorre pelo pescoço que me dá vontade de ir limpar com a língua.

***Porra, Rose!***

— Não, óbvio que não, ela precisa de apoio e nã…

— Ah, desculpa, esses são seus velhos hábitos, não? — lanço sem pensar por estar com raiva e me arrependo assim que ele entreabre os lábios terrivelmente ofendido. *Ai, caralho, não era para afetar tanto assim.* O policial respira fundo segurando a bolsinha preta e ameaça ir embora, mas não vou deixar sair assim.

— Ei, vai me deixar falando sozinha? — Desloco da maca sem raciocinar meus movimentos e puxo a ponta do zíper da sua jaqueta azul. Meus dedos suam por estar tão perto dele, acho que nunca cheguei a tocar algo dele assim. Ele havia me convidado para um almoço algumas vezes, mas nunca me deixou tocar nada.

Por mais nervoso que esteja, Chris repara nos meus olhos mais baixos como se percebesse que me arrependi do que disse e deixa de pisar o pé para fora da sala. Me assusto por estar se aproximando ainda mais e arrepio meu corpo inteiro quando ficamos apenas meio metro de distância um do outro. Eu não quis dizer aquilo ou apenas não quis te magoar com os meus ataques ácidos.

— É melhor isso do que dizer o que eu penso — afirma convicto sem mexer um músculo para me deixar ainda tocando sua jaqueta.

— Pois eu quero saber — rebato, franzindo meu cenho enquanto ele franze o dele estressado pelo rumo da conversa.

— Não quer — repete.

— Eu quero — insisto.

— Não é da sua conta, Rose, o que eu tenho ou deixo de ter com a Mia. Eu cometi um erro gravíssimo sim, mas estamos reconstruindo nossa relação e eu sei que consigo ajudá-la, e eu vou até o Trevor se recuperar. Eu não sou o monstro que acha que eu sou e ela me fez perceber isso, depois de me culpar por meses, ela me fez perceber que eu nunca violaria mulher nenhuma e aquilo foi um deslize por eu me importar com ela e estar uma

situação de merda. — O desabafo me faz calar minha boca imediatamente e a cada mínima força que adiciono ao lábio que mordo mais me sinto culpada por ter insinuado que ele a violaria.

*Eu sei que não faria isso, Christopher.*

— Eu nunca disse que te achava um monstro — murmuro, remexendo o zíper da jaqueta que brilha para mim como um brinquedo novo que não consigo largar.

— Mas insinuou. — Ergue a sobrancelha e toma a cordinha da minha blusa rosa para os seus dedos que a enrolam. Minha respiração se entrecorta com o afrontamento, mas não posso limitá-lo se estou fazendo o mesmo. Estamos apenas brincando com as blusas um do outro quando eu sei que gostaria de estar brincando com nossas bocas.

*Talvez eu devesse ter aceitado o pedido do almoço… Rose! Porra, Trevor odeia esse homem.*

— Eu… só perguntei se ia foder ela. — Coço minha nuca com a outra mão e ao invés de apenas segurar o zíper da jaqueta, estendo meu indicador e toco com a pontinha do meu dedo um dos gomos do seu abdômen protegido por uma camiseta cinza escura.

— Então eu interpretei errado… — Ele franze o cenho surpreso por meu movimento e me copia impondo o indicador para tocar as plantinhas da minha fantasia. — A realidade é que está querendo me dizer que está com ciúme? — sussurra, o encaro com os olhinhos azuis brilhando e me afasto imediatamente negando com a cabeça.

— O quê?! Não, interpretou certo sim, você é um monstro mesmo — confirmo, tentando regular minha respiração debilitada.

— Se esforce mais para enganar um policial, Rose Braga. — Lança um sorrisinho de canto e sai do quarto com a bolsinha preta.

*E ainda diz ser o Policial Certinho.*




*Eu nunca irei sair do seu lado*
*Você não sabe que tem*
*Lealdade até o fim?*
*Mesmo quando eu sentir*
*Sua falta na estrada*
*Você deveria saber que*
*Sempre estou no controle*
***Test Drive - Ariana Grande***

# MORGAN JOHNSON

Recordar. Trazer de volta à memória experiências vividas. Eu não fiz questão de criar memórias com ele quando o conheci, até porque a forma como o conheci dando em cima de mim com cantada barata só me fez ter pena. E nunca, em toda a minha vida, achei que um cafajeste que molhou a mão na empresa inteira seria o meu melhor amigo.

**27 de março. Quatro anos atrás.**

— *Vodka* — decido com um sorriso por já estar me encarando com o brilho da embalagem transparente.

— Alguma preferência?

— *Absolut*, inteira — acrescento e de imediato os olhos do *barman* se arregalam. — Não sabia que os portugueses eram tão puritanos — ironizo, mas logo rio comigo mesma pela frase ter feito um total de zero sentido levando em conta que estou na *porra* de uma festa sexual temática.

Talvez, só talvez, o fato dessa empresa sem escrúpulos oferecer festas dessa magnitude tenham me feito escolhê-la em meio a tantas.

E não que eu precisasse me submeter a uma entrevista, minhas indicações são incríveis, mas quem seria eu se não gostasse de um bom desafio? Duvido que meus concorrentes tiveram a grande ideia de invadir essa festa.

— Trabalha na TM? — ele questiona abrindo a garrafa.

— Eu vou — afirmo convicta, o que o faz rir.

— Sabia que são dezenas de concorrentes? Qual vaga vai prestar? — questiona como se pudesse me assustar. Podem ter milhares de concorrentes, nenhum deles, é Morgan Johnson.

— Assistente, por enquanto, depois seguirei como redatora júnior e um dia serei diretora criativa — respondo, revelando o maior sonho da minha vida e ele ergue uma sobrancelha.

— Sua determinação… — Antes que termine somos interrompidos por uma entrada triunfal que chocaria até mesmo um circo.

E não é isso que essa festa está parecendo? Na verdade, circo não, uma verdadeira selva.

As luzes apontam para um casal que exala uma química fervente, tão quente que acredito que poderiam pular um em cima do outro em segundos e todos iriam pagar um ingresso para ver. Um homem de cabelos e barba castanha, alto e com um sorriso confiante vestido de tigre. Uma mulher loira lindíssima de olhos azuis com o nariz mais empinado do universo vestida de tigresa.

— Ei — chamo passando a mão aberta na frente no *barman*. — Quem são?

— Ah… Scott White, são os filhos protegidos da dona da empresa — ele explica e ergo uma sobrancelha analisando cada ação dos dois. — A loira de vermelho é Sarah Scott, essa aí… gostosa demais.

— Isso seria pouco para descrever — digo salivando minha boca. Sem dúvidas, uma mulher como ela merece o poder que exala. — E o cara?

— Trevor White, esse aí comeu a empresa inteira. — Ele ri revirando os olhos.

— Mas ele não namora a loira? Mas que otário. — Faço questão de expor meu pensamento, a mulher é linda demais e pelo jeito que olha para ele, é amor.

— Eles ficam, mas não namoram, moram juntos e não namoram. — A confusão em seu olhar é a mesma que a minha.

— E eles são…

— Redatores Seniores, o seu chefe será o Trevor se for tão boa quanto diz que é.

— Porra, ele? Esse cara deve exibir as conquistas com uma faixa na testa! — ironizo, completamente decepcionada em trabalhar com um *hétero top*[21].

— É, e nunca recebe um não, mas é gente boa. — Por mais que tenha elogiado no final eu só consigo pensar no início da frase.

**Ele nunca recebe um não.**

Se é então um publicitário, se for um bom pelo menos, vai tentar até conseguir.

— Você acaba de me dar uma ótima ideia. — Sorrio perversa.



Após três garrafas que já nem queimam mais minha garganta, eu me forço a prosseguir com meu plano. Qual é o plano? Humilhar o novo chefe até que fique com vergonha o suficiente e me contrate.

Tá, talvez o plano não tenha muito sentido, mas pelo menos terei um contato com ele, diferente das inúmeras candidatas. Eu penso serem mulheres, porque o homem como ele parece amar comer a assistente.

*Pena que você não fará isso comigo, Tigrão.*

Estou há uns vinte minutos olhando fixamente para ele, e estou até me sentindo mal, nunca fui tão falsa em toda a minha vida. Eu o encaro assim

como faço quando flerto de verdade, mas geralmente meu tipo não é esse confiante, eu faço esse papel. Depois de cansar de admirar, eu me viro para o balcão novamente e tomo mais um gole quase desistindo da ideia.

— Oi. — Estremeço meu corpo inteiro de susto e arregalo meus olhos quando o vejo pelos vidros de bebida do bar luminoso vermelho.

*Cacete, é só virar a bunda que você vem?*

— Oi — respondo com uma voz de "quero dar" para chamar sua atenção.

Nossa, depois desse cumprimento quase em formato de gemido, eu poderia ser atriz.

— Será que eu posso beber com você? — questiona, ele não toca em mim, mas se coloca atrás do meu corpo enfiando aos poucos a cabeça no meu ombro.

— Essa garrafa é minha — restrinjo, tomando um gole.

— Eu não me importaria de beber uma dose na sua boca — provoca, esbanjando um sorriso promíscuo nos lábios.

*Caralho, mas esse é muito atacante!*

— Você é nova? — pergunta se inclinando no balcão. Eu entendo a atração das mulheres por ele, o cara é realmente lindo e tem uma voz gostosa de ouvir.

— Já me viu por aqui? — Ergo uma sobrancelha.

— Não. — Nega com a cabeça.

— Então acho que sim — ironizo e ele solta um riso nasalado.

— Trabalha aqui?

— Eu vou. — Trevor ri mais uma vez da minha confiança.

— Então veio aqui a trabalho? — questiona, franzindo o cenho e eu assinto. — Talvez esteja trabalhando demais e precise relaxar. — Impõe e aproxima o nariz do meu, me obrigando a baixar meu olhar e prestar atenção em cada atitude dele. — Eu poderia te ajudar nessa diversão.

*Cacete, é agora!*

— O meu parque de diversões tem ingresso — restrinjo, aproximando meu nariz do seu, nos tocando como se realmente eu pudesse beijá-lo, mas nem morta eu encosto minha boca num *hétero top.*

— Ah… e como eu consigo esse ingresso? — murmura e eu molho meus lábios para responder quando aproxima o braço musculoso com manchas de tigre.

— Dois mil — sussurro e ele se esquiva de mim imediatamente boquiaberto com os olhos arregalados.

***Puta que pariu*, Morgan, não ria!**

**—** Você é pros… você é…

— Algum problema com a profissão? — questiono, franzindo meu cenho fazendo mais força do que quando tive pedra no rim e não saía do banheiro para não rir.

— Não, claro que nã… não! — Chega a ser cômico como é fácil desestabilizar a pose de macho dele em segundos.

*Você é mesmo um hétero top?*

— Eu não pago por sexo.

— Eu não cobro por sexo — afirmo, rodando meus olhos pelo salão em que os convidados se pegam por todos os lugares sob luzes avermelhadas e como se fosse obra do destino minha anja chega.

Uma mulher já beijada por muitos se considerar o batom borrado em seus lábios e como sua saia está na cintura.

— Espera, não? — Ele ergue uma sobrancelha extremamente confuso me seguindo com o olhar e eu puxo o queixo da mulher borrada, lhe encarando de forma tão impura que poderia ser eu a arrancar o resto desse vestidinho.

*Mor, foco.*

— Morgan. — Me apresento, colocando uma mecha solta atrás de sua orelha e ela sorri pela minha coragem, enquanto coça a nuca.

— C-cléo. — Entrecorta o nome e eu lhe dou um beijo simplório, apenas para sentir e ouvir seus lábios borrados nos meus. Eu sinto o cheiro

puro de sexo exalando na sua pele e acredite, eu continuaria, se não estivesse muito ocupada. Termino limpando sua boca com meu polegar.

— Estava borrado aqui. — Dou a desculpa e ela sorri completamente vermelha dando a deixa perfeita para que eu volte a encarar o cara que está com o queixo no chão.

— Para você, o ingresso é cobrado — concluo, engolindo goles desgovernados da minha garrafa.

— Você é lésbica — ele conclui negando com a cabeça como se estivesse se achando um completo idiota.

— Muito lésbica, Tigrão — acrescento e o apelido o faz rir.

— Muito criativa também, Alcoólica — apelida de volta ainda sem graça quando um cheiro cítrico invade meu nariz me guiando, sem qualquer escapatória, para a loira de fantasia de tigresa vermelha.

— Trevor, sexo, balcão, agora — ela ordena, puxando o queixo dele e me surpreendo em como ele a encara com os olhinhos brilhando iguais aos de um cachorro.

*Mas também quem não seria cachorro de uma mulher dessa.*

— Como quiser, Srta. Scott… eu acabei de cantar uma lésbica. — Se humilha para ela que nem aparenta estar escutando.

— Desde que me faça cantar agora eu não ligo — responde promíscua e ele sorri puxando a cintura da loira para si quase lhe beijando, mas antes se inclina para mim.

— Foi quase um prazer te conhecer, então, satisfação, Trevor. — Estende a mão e eu aperto com relutância ou pelo menos começo relutante até que percebo que ele não parece ser tão ruim.

*Ele é engraçado.*

— Satisfação, Morgan. — Assinto com a cabeça antes que a loira vermelha o devore.



**Dias atuais. 1 de novembro.**

**Você não é assim.**

Você é confiante.

Você é engraçado.

Você é safado.

*Você não é assim.*

Todos entraram nesse quarto hoje relembrando os melhores momentos com você e eu te evitei. É verdade, eu fui a última a vir, mas foi justamente porque eu não poderia vir como todos.

*Mas a sua namorada é persistente assim como você e não me deixou fugir.*

Eu te encaro respirando por esses aparelhos malditos e me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse ido para um corredor diferente naquele momento. Se eu não tivesse a necessidade patológica de saber se você estava bem, eu deveria ter seguido o plano e ido embora, mas eu nunca fui de seguir suas regras.

Eu te odiei tanto quando nos conhecemos, Trevor. Você sempre foi muito folgado e me passava pilhas de trabalho que era seu, simplesmente porque achava chato e eu te xingava demais. Só até perceber que fazia isso também para que eu fosse forte, para que eu soubesse e aprendesse mais do que todos e mais rápido. Todo o seu trabalho compensou, Tigrão. Se hoje eu me olho no espelho e tenho orgulho de mim mesma profissionalmente, foi por você.

Por todas as vezes que investiu em mim.

Por todas as vezes que me defendeu.

Por todas as vezes que se importou.

O dilema do trabalho e amor vem me perseguindo já faz muito anos, você bem sabe que não consigo manter nenhum relacionamento. E quando eu recebi a proposta do seu cargo, o cargo dos meus sonhos desde que você me entrevistou, o trabalho venceu o amor mais uma vez. Não achei que fosse me afetar, já que eu estava sempre chutando a bunda do amor. Eu nunca admitiria na sua cara, mas nenhuma das minhas namoradas durante a vida inteira que larguei por cargos chegou a um oitavo da dor que eu senti em te deixar.

Você não me deixou te contar, quis ficar falando de dinheiro naquele momento como se eu me importasse com isso. Eu só queria te dizer, eu só queria cantar para você, eu só queria que soubesse que eu pedi demissão.

Eu idolatrava o seu cargo como sendo a representação pura da minha felicidade, mal sabia eu que já era feliz. Você me fazia feliz todos os dias com as suas cantadas e piadas ruins, seus surtos de raiva com perfeccionismo e como estava sempre relendo minhas campanhas elogiando cada linha. Por mais que eu tenha demorado a admitir, você estava certo. Assim como você trabalharia como redator pela Hillary por toda a sua vida, se isso a trouxesse de volta, eu também trabalharei como redatora para você por toda a minha vida, se isso fizer com que me perdoe.

*Eu te amo, Tigrão.*

E eu só queria que pudesse dizer que ama a sua Alcoólica.

41



# Nuvem Avelã

*Sinto muito se pareço desinteressada*
*Ou se eu não estou ouvindo*
*Ou se estou indiferente*
*Perdoe os meus modos*
*Eu espero que você entenda*
*Que eu vou estar aqui*
***Here - Alessia Cara***

## SARAH SCOTT

Lembrança. Ato mental pelo qual a memória reproduz um fato passado. Todos os momentos são importantes, até mesmo aqueles que aparentam ser fúteis. Quando perdidos se tornam um conforto, embora melancólicos.

*Imóvel.*

Estou completamente imobilizada. Meus braços, pernas, todos os meus membros estão completamente imobilizados por mim mesma. Pelo menos acho que por mim mesma, pois ainda não abri meus olhos, apenas sinto.

*Eu venho sentindo demais.*

Após horas, muitas, dezenas de horas eu acredito, mas que não consigo saber o número ao certo. Horas que estou imobilizada nessa cama sem conseguir me mexer, minha visão está turva e borrada, agora que

flexiono para enxergar o teto azulado. Essa não é a minha mansão, não é a minha sala ou algo confortável. Não é nem mesmo o seu azul royal, Trevor. Eu não vejo nada seu aqui, exceto os resquícios de lembrança do meu… surto, eu surtei mais uma vez. Não me lembro de quase nenhuma cena daquele dia, apenas que meu último ato consciente completamente insana, foi agarrar seu corpo chorando para que voltasse para mim.

**Eu não posso viver sem você, Trevor.**

*Você é a minha vida.* Eu vivo as conquistas e sobrevivo as desavenças por *você*, por saber que *você* estará sempre ao meu lado. Eu não sorrio sem *você*, eu não rio sem *você*, eu não amo sem *você*, eu até mesmo não choro e sinto raiva intensamente sem *você*. *Você* é a minha vida desde o dia que nos conhecemos, eu me lembro como se fosse ontem do nosso primeiro beijo, nosso primeiro encontro e a nossa primeira vez.

Momentos até mesmo fúteis que não esqueço jamais e que voltaram com tudo quando te vi inconsciente naquela cama. Seus olhos castanhos brilhantes não me encaravam, seu sorriso safado exibido não me encontrava e a sua camisa branca havia sumido. Colocaram algo horrendo em você, algo hospitalar que te faz parecer fraco e isso me assusta, porque você nunca foi fraco. Sempre foi o meu maior herói e o homem que eu sempre admirei e amei incondicionalmente. Eu odiei te ver assim e a sensação, nem que por um segundo, de ter que enterrar o seu corpo ao lado da terra azeviche dela me fez surtar.

**Eu não posso passar por isso mais uma vez e eu prefiro me matar do que perder *você*.**

A minha vida não faria sentido sem *você*, Branquinho, eu não posso viver sem *você*, acorde, *você* vai acordar, não vai? *Você* é leal a mim, não me deixe, porque eu nunca mais vou te deixar, eu juro.

— Sarah. — Ouço meu nome, mas não é *você* me chamando. Eu daria tudo para ouvir sua voz mais uma vez.

Por mais desinteressada que eu esteja em qualquer voz que não seja a *dele*, eu viro minha cabeça, porque eu posso perguntar sobre *ele* e talvez me levem até *ele*.

São olhos acinzentados que me encaram mais sombrios do que nunca. Não decifro se é pena ou ódio, mas nada me importa, eu nunca mais quero

vê-lo em toda a minha vida. Você é um egoísta de merda, Thomas. E eu sabia que não deveria ter aceitado me casar com você, eu sabia que seria um erro absurdo, mas você insistiu e eu cedi, porque *ele* também achava que você valia a pena. Não vai acontecer de novo. Eu juro que agora, para mim, só existe você, Trevor. Se voltar para mim, eu juro que nunca mais vou sequer pensar em outro homem, isso trará você de volta?

Porque eu não aguento mais ver o corpo dele sentado nessa cadeira hospitalar franzindo o cenho com os braços cruzados.

— O-onde… onde está o Trevor? — pergunto, mais rouca do que nunca sem mexer nenhuma única parte minha exceto a boca.

— Em coma ainda — responde a frase que lança uma adaga imediata em meu coração, mas que é retirada em uma fração de segundo por ter a oportunidade de vê-lo. Me leve até ele.

— Eu vou ver o Trev… — Decido, tirando forças inimagináveis para movimentar meu corpo quando algo me limita. Puxo mais uma vez e ainda estou presa, eu estou… ah, não, não, não.

*Estou amordaçada!*

*Me tirem daqui, agora!*

*Eu tenho que ver o Trevor!*

É a primeira vez em minha vida que a mordaça não é algo que me agrade e sim que traz pura angústia.

— Thomas, me tire daqui! Chame alguém, tire isso de mim, eu preciso vê-lo agora! Thomas? — Ele permanece calado me observando da cadeira agora com a mão no queixo com um olhar súbito de desgosto completo. — Thomas Foster, me tire daqui! — eu exclamo mais uma vez e suas pernas se descruzam como se estivesse pronto para se abrir comigo.

— Você diz que eu sou louco, maluco e até doente, mas olhe só você agora. — Impõe as sílabas que me fazem contorcer todos os meus órgãos por pensar que está com nojo de mim. Ele nunca tinha me encarando dessa maneira, sempre me admirou e sentiu desejo. — Está doente, ultrapassando todos os limites de insanidade sofrendo por um homem que ama outra. — O homem ri, negando com a cabeça como se estivesse tão nervoso que a risada é o único meio de se dispersar.

— Ele é o meu Amor Leal — afirmo convicta.

— Acha que quando ele acordar vai querer ver você primeiro? — questiona e o silêncio domina o quarto inteiro fazendo com que minha cabeça quase exploda por tamanha pressão. — Você é a segunda opção, Sarah, sempre vai ser isso ao lado dele.

— Não importa qual opção eu seja, ele é leal a mim e eu vou estar lá por ele para o que der e vier. — Empino meu nariz e tento com força sair das mordaças, mas nada é capaz de vencê-las, exceto você, Thomas.

Dependo do homem acinzentado que emana o cheiro de baunilha, mas não está doce, está sentindo asco de mim, eu vejo. Mas como se fosse um toque de mágica, ele respira fundo como se pudesse esquecer tudo que aconteceu, meu surto… e o fato de minha mão não estar brilhando com o rubi vermelho que representou nossa união.

— Você tem duas opções — afunila, chegando pertíssimo do meu rosto. — Número um, eu te solto, você vira uma adulta normal, coloca meu anel de volta, vamos para casa e você poderá voltar nos horários de visita — cogita e eu arrepio furiosa por ouvir que tenho que limitar o tempo que tenho com ele. Isso é uma absurdo. — Número dois, eu te abandono aqui e você continua sendo uma adolescente sofrendo pelo cara que não a ama.

— ELE ME AMA! — grito estridente, quase arrancando as algemas hospitalares que me prendem. — Você não sabe de nada, porra. É um egoísta de merda que não consegue entender a lealdade que tenho por ele. Trevor é mil vezes mais importante do que ser uma adulta normal. Eu vou estar ao lado da cama dele pelo resto de minha vida se for necessário. — Desafio sem mais me importar com as possíveis consequências, não há joguinhos aqui, eu estou sendo sincera e séria.

*Você não significa nada para mim agora, Thomas.*

Ele respira fundo demais, inspirando e expirando como se estivesse engolindo saliva e orgulho.

— Se não fizer isso, nunca mais vai me ver — assevera, alertando algo que não chega aos pés do que seria deixar de ver o Trevor.

— Eu nunca mais quero sequer pensar em você, quem dirá te ver. Se é tão covarde para não aguentar uma crise, então eu sempre estivesse certa e sua força é apenas com algemas — digo, o que o ataca como inúmeras facas

bem afiadas e isso é suficiente de alguma maneira para que já não esteja mais com o olhar sombrio, restou somente a pena.

— Eu espero que um dia você se trate — afirma me encarando com puro desgosto e dá passos para fora da sala.

*Quem precisa se tratar é você.*

Não me dou o trabalho e muito menos tenho vontade de encarar sua covardia, mas pelo vidro escuro da janela o vejo me encarando como se eu pudesse mudar de ideia. Pensamento mais insano e absurdo que esse não existe.

Eu *nunca* vou abandoná-lo, desculpe se subestimou meu Amor Leal, sempre foi maior que o Romântico, Thomas.

# TREVOR WHITE

Lembrança. Ato mental pelo qual a memória reproduz um fato passado. O luto é uma série de lembranças dolorosas intermináveis. Até mesmo momentos felizes se tornam tristes por serem vítimas do passado, mas… e se você pudesse voltar no tempo e então ser a vítima do futuro?

**Nuvem Avelã, 8 de novembro.**

Esse cheiro tem cor e lembrança.

Eu sinto o cheiro invadindo não apenas meu nariz, mas meu corpo inteiro me introduzindo nas nuvens de uma sala. É familiar? Sim, eu vejo quadros em preto e branco protegidos por vidro e molduras douradas bem decoradas. Sim, os meus pés tocam os pelinhos de um tapete escuríssimo brincando com o meu sapato de couro. Sim, eu sinto cheiro queimar minha garganta, não é racional, mas é alcoólico forte que dilacera benéfico por meu organismo. Sim, eu vejo uma pequena pluma colorida no chão… eu reconheço essas plumas, pelos e tufos de cores poderosas.

Não são as cores que são dopadas de poder e sim você.

Eu toco meus braços, deslizando por minha pele sentindo meus pelos eriçarem por baixo da camisa branca arregaçada até meus cotovelos. O meu

cabelo está um pouco bagunçado, pois enxergo uma mecha sobre meus olhos, eu estava trabalhando, só fico assim após trabalhar demais. Sem controle do meu organismo, apenas da mente. Meus dedos seguram uma campanha, um slogan mediano que provavelmente levarei uma bronca… não há mais ninguém para me dar bronca, eu sou o chefe. Mas por que seguro isso? Meus pés flexionam no chão como chumbo, não consigo me mexer como se estivesse condenado a esperar. Eu quero apenas saber o que fazer a partir dessa frase, o que eu mudaria? Às vezes ter que saber todas as respostas se torna sufocante. Ser chefe é sufocante, às vezes, no meio da noite escura com gotas intercaladas de chuva fria, eu apenas gostaria de ser um redator.

Não existia um departamento inteiro que exigia o meu controle, o estresse era tão menos intenso, o salário era mais valorizado porque eu nunca recebi muito. Às vezes eu só queria não ter que dar ordens e sim, recebê-las, às vezes eu só queria delegar as crises de raiva, às vezes eu só queria contar as moedas para um café entupido de açúcar.

Sensações essas que representavam o meu tempo de amante e admirador da minha chefe. Eu queria demais poder ser seu subordinado mais uma vez, você resolveria os problemas escabrosos da minha vida? Sempre foi minha heroína, cuidando de mim quando eu sequer podia perceber. Eu queria que voltasse, eu queria poder sentir o seu cheiro, eu queria as ordens, eu queria me sentir seguro, eu queria…

— Há quanto tempo parado, Carrossel?

A voz azeviche cria arrepios múltiplos por cada célula do meu tecido epitelial, engulo em seco milhares de vezes junto ao ritmo acelerado do meu coração para processar as palavras. É poder irônico sarcástico vocal. É a voz dela… ou eu estou ficando louco? Não, não, não, eu a escutei me chamando.

— Hillary? — chamo ao me virar, esbugalhando meus olhos castanhos ao encontrar os seus desafiadores.

**É… é ela? É ela.**

A mulher que metade do mundo detesta sentada em seu trono com as pernas cruzadas entupida pelos tufos dos seus casacos de pele coloridos, mas esse é de agora é preto. Os cabelos curtíssimos que trocam de cor de

acordo com seu humor, agora são castanhos assim como os meus. A pele queimada de suas mãos seguram um copo com dose tripla de uísque, líquido esse que escorre por sua garganta, mas não queima como a minha, ela sempre foi imune.

— Voc… você é real? — questiono, esfregando meus olhos quando encaro suas longas pernas sobre um salto doze se aproximarem do meu corpo. — Eu sinto o seu cheiro, eu escutei sua voz, eu… — Ela vira um tapa fortíssimo no meu rosto e arranca meu queixo para si me fazendo soltar um sorriso enorme.

— Sentiu isso? — Ergue a sobrancelha dopada de ironia.

— Eu senti… eu senti demais a sua falta. — Agarro sua cintura ignorando todos os limites que me colocava, porque não posso aguentar, eu a agarro com toda a minha força. E contra todas as hipóteses ela cede, acariciando minhas costas. — Eu senti, senti demais…

— O que fez a partir desse sentimento? — pergunta, como em um dos interrogatórios de aprendizado, se afastando do meu aperto para arrumar meu cabelo.

— Eu não te esqueci nem por um segundo em minha vida, eu juro a você que sou leal mesmo que estejamos separados — eu declaro devoto, brilhando meus olhos deixando que me toque como deseja.

— Mas não encontrou a resposta — afirma convicta e eu franzo meu cenho imediatamente.

**O que eu não fiz por você?**

**O que eu posso fazer por você?**

**O que eu fiz de errado?**

— Eu não entendo, eu fiz de tudo por você, o que… no que eu falhei? — indago, ainda afetado pelo soco imaginário em meu estômago por ter sequer por um segundo lhe decepcionado.

— O tempo não para e se para há algo errado, Trevor. — Impõe me abandonando com os passos mais uma vez, mas não deixo e seguro seu pulso fazendo com que me encare.

— Não me deixe, me diga no que eu falhei e eu juro que farei melhor. Eu juro a você — imploro, faltando ar em meu peito.

— Não há como consertar o passado, Carrossel — proclama.

— Eu conserto, eu faço tudo que quiser, mas não me deixe, eu estou sentindo você… não, não me deixe. — Os meus murmúrios a fazem ter pena, tal sentimento que nunca a vi demonstrar, e toca meu rosto com a palma da mão. — Me deixe ficar com você, eu não quero mais nenhum cargo, amor ou conquista, eu quero você. — Seguro com força seus dedos sobre minha bochecha sentindo tudo que posso dela quando meus joelhos tocam o chão. Eu ajoelho abraçando suas pernas com cada fibra do meu ser implorando para que fique. Meu peito arqueja tão forte com a sensação de perda que pode ocorrer em segundos que começo a arfar e suplicar. — Por favor, não me deixe mais uma vez, eu não quero viver sem você, eu não consigo viver sem você, eu…

— Fique — ela cede, erguendo o meu queixo ao enxugar uma pequena e quase nula lágrima que escorre ao canto do meu olho.

— Me deixa ficar com você? — questiono baixinho, beijando cada ponta de suas unhas afiadas que me perfuraram e ensinaram por todos esses anos.

— Pelo tempo que quiser — consolida.

*Eu nunca vou te abandonar a não ser que você me abandone, Hills.*

# MIA ROSS

Lembrança. Ato mental pelo qual a memória reproduz um fato passado. Eu recapitulo em minha mente sempre que posso os momentos em que me fez feliz e até mesmo os ruins. Não me importa a minha emoção, se é uma lembrança sua, eu não esqueço.

Confesso.

Eu não posso fingir que a cada segundo que enxergo você respirando por esses aparelhos não é como se cravasse facas no meu coração. Eu detesto cada segundo em que não está usando a sua camisa branca, em que não me encara com seus olhinhos brilhantes, em que não me faz rir com as piadas do meu nome. Encarando e massageando o seu cabelo castanho que eu tanto amo pedindo, implorando, suplicando que por algum milagre hoje seja o dia que vai voltar.

São horas e horas que passo nessa cadeira apenas te encarando e esperando. Não aguento mais me entupir de artigos científicos sobre coma, eu pesquiso mais e então ainda mais sem conseguir parar de cogitar todos os cenários possíveis. Mas não se preocupe, não se importe como voltará, tudo que você fez comigo eu lembro. Eu não esqueço e não importa se voltar com alguma dificuldade que seja, não te abandonarei. Eu farei da minha vida apenas devota a cuidar de você, eu faria tudo por você assim como você fez por mim todos os dias desde que me conheceu.

*Não importa como volte, apenas volte.*

— Ursinho… — eu lhe chamo segurando e deslizando meus dedos por sua mão que não usa nossa aliança. Eu quero que acorde e possa colocar mais uma vez mostrando a todos que nada vai te derrubar. Nada pode derrubar tudo que construímos com tanto esforço. Eu sei que você sempre lutou mais por mim do que eu por você. Me perdoe por isso… é o meu jeito ridículo de me proteger dos traumas que um dia tive, mas você não desistiu de mim. Mesmo eu não cedendo sempre as suas ideias românticas. — Eu estou aqui — murmuro, beijando cada parte do seu antebraço implorando que hoje seja o dia. Reverteram a traqueostomia[22] ontem… e eu só conseguia pensar na sua risada alta com o fim dessa palavra. Eu sei que pode ser o dia, os sinais dele tiveram alteração nessa madrugada e já faz oito horas que não vejo a cor de comida, apenas a cor de seus lábios ressecados. Acorde, Trevor, acorde e me deixe molhar esses lábios com o mel que você ama. — E eu não vou sair daqui.

— Nã… nã-ão me d-deixe…

— AH! MEU DEUS! — eu grito estridente quase enforcando sua mão se houvesse como. — TREVOR, EU ESTOU AQUI! — berro, não me importando com minhas cordas vocais que se acabam a cada sílaba. O médico principal chega às pressas junto a uma enfermeira que toca meu ombro. — Eu… eu ouvi! Ele falou comigo! — exclamo com o batimento do meu coração tão rápido que venceria todas as corridas de fórmula um e meu sorriso bateria recordes em livros como o maior do universo.

Em poucos segundos todos estão na sala com os olhos cheios de esperança para que ele acorde. E se chegam em segundos, o carro de fórmula um *vermelho* atravessa barreiras chegando em milésimos com um sorriso que compete com o meu, lágrimas escorrem. Água de emoção

escorre por nossas bochechas e aguardamos. Cada pequena fração de tempo que parece uma eternidade para a ansiedade que nos domina. Ted entrelaça sua mão na minha transmitindo o máximo de conforto assim como Rose faz com a Sarah e Morgan suando o apoio da maca dele.

Ele abre os olhos.

ELE ABRIU OS OLHOS!

Eu estou encarando os seus olhinhos castanhos, eu vejo, olhe para mim, meu Ursinho. Estou aqui, a sua Princesa está aqui te esperando. Olhos que apenas se abrem o mínimo enquanto franze o cenho como se tivesse sido vítima de uma bigorna na cabeça.

— Trevor, consegue nos ouvir? — o médico pergunta impondo que seu olhar siga a caneta luminosa e ele obedece perfeitamente.

Os reflexos estão ótimos, ele está enxergando e é muito bom que enxergue, homem, porque o jeito que eu vou fazer essa maca tremer… você tem que estar com os olhos bem abertos para ver.

— Muito bem, pode apertar minha mão? — Mesmo com muita dificuldade ele pressiona os dedos. — Excelente, qual o seu nome?

— Trev-vor White — responde com a voz mais rouca do que nunca e por alguns minutos me encara franzindo o cenho.

Está me vendo, eu estou aqui, eu não saí daqui um único segundo. Eu tive fé assim como me orientou, você não merecia meu desespero antes que soubéssemos o que realmente iria acontecer. E você está bem, assim como me disse que ficaria.

Antes que eu possa pedir para me aproximar dele, o homem desvia o olhar de mim para a Sarah. Meu peito aperta um pouco com corte em nosso momento, mas aperto meus punhos repetindo em minha mente que ela também é importantíssima em sua vida.

— Reconhece essa moça, Trevor? — pergunta apontando para a loira vermelha e mesmo relutando sua cabeça se mexe assentindo. Não apenas a valida em sua mente, mas seus dedos se elevam um pouco chamando-a. — Pode se aproximar.

— Eu… ah, eu estou aqui, Branquinho — ela choraminga tocando seu rosto enquanto senta ao seu lado na maca. — Eu não saí daqu… — Antes

que ela termine de falar, Trevor puxa seu queixo e a beija.

**ELE BEIJOU ELA?**

Meus olhos se esbugalham e minha boca se abre completamente chocada sem ar com o que acabo de presenciar. Os lábios dele estão colados nos dela, o batom o suja em meio ao que prende, eu vejo prender, ele prende comigo. Pare. Pare. Pare. Trevor, o que está fazendo? E ela… ela não para! Sarah! A loira o empurra para trás sacudindo a cabeça chocada com o ataque e para, ela parou e isso normaliza meu sistema nervoso, mas ela, ela…

**ELA DEMOROU!**

**O que está acontecendo?!**

**—** Ter… Trevor, você, você… — murmura incrédula. O médico vê seu desespero e o de todos boquiabertos no quarto e puxa a atenção dele.

— Trevor, está um pouco confuso? — questiona e ele aperta os olhos, mas nega com a cabeça.

**Você está confuso sim!**

**—** Sarah — sussurra.

— Sim, essa é a Sarah, mas ela não é a sua namorada — explica. Eu estou suando tanto, meu corpo com ódio de não poder pular em cima dele e dar tapas até que olhe para mim. Ninguém me deixa fazer nada. Trevor, eu estou aqui!

— Nunca foi — murmura coçando a nuca.

— Namoraram por um ano, Trevor. — Rose se aproxima e segura a mesma mão que a loira.

***Caralho*, só eu que não posso tocá-lo?**

**—** Ruiva — fala baixinho e ela sorri lhe dando um beijinho no rosto por ter lhe reconhecido.

Eu vou matar alguém, eu tenho certeza de que posso pegar o bisturi sobre a bandeja metálica e assassinar cada mísera pessoa que está o tocando sem ser eu. Eu sou a *porra* da mulher dele! Sou a namorada, não elas! Trevor, olhe para mim!

— Onde está a Hillary?

A pergunta sai de seus lábios e imediatamente todos se silenciam, até mesmo eu com a raiva que meu coração quebrado agora está sentindo, eu paro. Sarah se choca por completo e na velocidade da luz uma lágrima escorre por sua bochecha por ele lhe encarar como se ela soubesse onde está. A lágrima é por não poder dar o que ele precisa, e todos queremos dar tudo o que ele desejar nesse momento. O jeito como encara o teto, lençol e os olhos azuis dela, ele não está entendendo o que está acontecendo, está confuso demais e apenas mantém a feição de cachorrinho abandonado à procura da dona. Ele não se lembra que ela morreu. Ele… ele não lembra e se não lembra disso…

— Trevor, você reconhece essa moça? — O médico aponta para mim e ele segue com a cabeça finalmente me encarando de cima a baixo.

Você me conhece, Trevor.

Você me conhece, Ursinho.

Você me conhece, Sr. Perfeito White.

Você me ama incondicionalmente, você me diz isso todos os dias até mesmo quando sente ódio de mim, você me ama. Você é meu namorado. Você me pediu em namoro em meio a dançarinas, cantoria e cada detalhe importante da nossa história. Você investiu em mim mesmo quando eu não queria mais.

**Você me conhece!**

**—** Linda — a voz do amor da minha vida me elogia, ele flexiona todo o rosto tentando ao máximo me encarar com mais força. É quase um murmúrio, é um elogio, ele te acha linda. Mas ele já me achava linda, já me achou linda, já me disse que sou linda inúmeras vezes. Em meio ao roupão de hospital, os olhos castanhos que me admiram, a força com que aperta o lençol azulado, ele inclina a cabeça para a esquerda como se estivesse voltando a si e eu sorrio. Eu sou sua. Eu sou a sua Princesa linda. Você sabe disso, não sabe? — Linda, mas não.

Eu paraliso.

Todos os objetos, pessoas e o ambiente ficam borrados, somem completamente. Minha boca entreabre, mas não consigo puxar ar. Meus

olhos estão abertos, mas não enxergo nada. Minhas pernas estão no chão, mas eu não me sinto me pé. Eu não me sinto em pé, porque estou caindo. Ele não lembra de mim. Ele não sabe quem eu sou. Ele não me ama mais.

— Mia! Está me ouvindo?

— Miranda, olhe para mim!

— Acho que ela não está ouvindo, alguém pode trazer um copo d'água?

— Mia, me escute.

Eu ignoro todas as vozes que nem consigo mais distinguir de quem são, porque estou caindo. Eu estou desabando de um penhasco. Eu não paro de querer pular. Ele não se lembra de mim. Eu não sei o que está acontecendo. Estão me tocando, mas eu não sei quem. Estão me levando para longe dele. Eu não quero ficar longe dele… mas não é ele. Porque ele me ama e esse… onde está ele? Estão tocando meu rosto, estão me abraçando, medindo minha pressão, testando minha temperatura e passam as mãos em frente aos meus olhos querendo que eu responda. São muitas vozes que dizem que ele vai lembrar, muitas que dizem coisas reconfortantes, muitas…

— Miranda, está tudo bem.

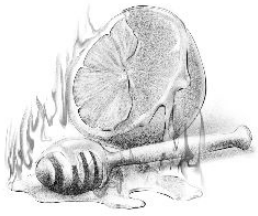
A voz da loira vermelha eu consigo ouvir, eu sei que é ela falando. Ela está dizendo que vai ficar tudo bem? Não, ela disse que está tudo bem. Como pode dizer que está tudo… tudo bem?

— PRA VOCÊ ESTÁ TUDO BEM! — eu berro, assustando todos ao meu redor voltando a conseguir enxergar, ouvir e sentir meus pés. — ELE LEMBRA DE VOCÊ! — grito, dando passos que se aproximam cada vez mais dela que se esquiva de mim. Seus olhos azuis pela primeira vez na vida, eu vejo com medo de mim. — CONSEGUIU O QUE QUERIA, NÃO É? VOCÊ SURTOU E DISSE QUE SE ARREPENDEU DE TER DEIXADO ELE, E AGORA? — Meus olhos estão cegos de raiva, porque eu não consigo me importar com a sua feição de susto e culpa, eu não consigo ter empatia agora, eu não consigo vê-la com os olhos dele. — ELE NÃO LEMBRA DO SUFOCO QUE ERA VIVER UM ROMANCE COM VOCÊ! — esgoelo, amedrontando todos que nem ousam se aproximar de mim, exceto um único homem, o policial. — VOCÊ NÃO VAI TIRAR

ELE DE MIM! — eu grito tão alto que os vidros poderiam se quebrar, que paredes poderiam rachar, que tímpanos poderiam estourar. E eu levanto minha mão, sem mais ter controle dos movimentos, eu quero matá-la, eu quero bater nessa cara dela por ter beijado o meu homem na minha frente, enquanto ele não sabia o que estava fazendo. Ela demorou. Me atiro para cima e minhas mãos tocam seu cabelo loiro por segundos até que uma força inimaginável me puxa para trás, me pegando no colo, me apertando para longe dela. Eu forço, eu me esforço para chegar até ela, mas não consigo. — ELE ME AMA! — berro pela última vez quando já não consigo mais enxergar e minha visão está turva, borrada, encharcada de água dos meus próprios olhos. Eu despenco. Eu desabo. Eu caio nos braços do homem com a jaqueta azul.

*Eu tentei não te dar o desespero que você merece, Trevor, mas eu fui fraca mais uma vez, porque essa é a sentença final.*

42



# Trevorsseiro

*Eu sinto que tenho falhado*
*Chorado demais*
*Todo mundo parecia dizer*
*Que tinha sido tão ótimo*
*Mas eu perdi algo*
***Prom Dress – mxmtoon***

## MIA ROSS

Memória. É o processo em que o cérebro humano armazena e, depois, recupera informações. Sempre foi algo que me faltou, eu me esforçava para anotar tudo sempre, mas a verdade é que apenas lembrava das coisas que eram realmente minha prioridade.

Eu não como.

Eu não durmo.

Eu não choro.

*Eu não choro pouco.*

Perdi a noção, talvez até a memória como ele, de quanto tempo estou agarrada nos lençóis pretos da sua cama. A cama que eu dormia agarrada ao seu corpo. A cama que você me acordava com beijos e um “Bom dia, Princesa” que sempre foi a primeira e a melhor parte do meu dia inteiro. A cama em que brigamos, transamos e nos amamos. A cama que você sofreu por mim. A cama que eu agora sofro por você. Eu não aguento mais não enxergar você ao meu lado dormindo. Eu não aguento mais não poder

passear meus dedos pelo seu abdômen até que acorde com um sorriso promíscuo. Eu não aguento mais ficar aqui sozinha.

Eu sei que você não está aqui, mas aqui está o seu cheirinho de Lavanda e Avelã e é nesse cheiro que eu me agarro e não solto mais.

Não me veja como covarde, por favor.

Eu te amo e é por te amar incondicionalmente que eu não consigo te encarar sem que saiba que me ama. Voltar aos dias em que eu tinha medo de te encarar por ser meu chefe, você nunca foi apenas meu chefe. Eu não posso voltar ao início em que eu não era sua prioridade, em que você deixava com que a Sarah te manipulasse, em que ela era a sua preferência. Eu não posso voltar ao dilema do elevador e àquela avenida vermelha maldita. Eu não posso voltar ao nosso Tempo de Creme em que me forçava a ficar longe de você por achar que não daríamos certo. Nós damos certo juntos, Trevor. Nós fizemos dar certo. E vamos fazer dar certo… esse é o espírito que querem que eu acredite.

Viro um pouco minha cabeça sentindo os lençóis me agarrarem e pelo canto do meu olho esquerdo vejo o Canela me observando quietinho. Esse bicho nunca fica quieto. Sempre faz muita bagunça, mas nos últimos dias… ele tem me dado uma folga como se soubesse o que está acontecendo com o seu dono. Ele me admira com esses olhinhos chorosos que me chamam para brincar, ele quer que eu fique feliz e brinque, mas não estou em condições.

*Eu queria, Canelinha, mas eu queria que brincássemos junto com ele.*

— Miranda — a voz do policial invade o ambiente e não faço esforço para encará-lo, permaneço de bruços na cama do meu homem. — Mia, o Teodoro acabou de sair e deixou várias opções de comida pra você, por que não vamos até a cozinha? — Quando não respondo nada, ele se agacha no chão ao lado da cama e inclina a cabeça na direção do meu rosto para me encarar. — Oi.

— Oi — murmuro baixinho fungando meu nariz.

— Quem é aquele travesseiro? — questiona e eu cubro meu rosto com vergonha da resposta.

Eu não aguentava mais dormir sozinha então enlouqueci como a Lily em *How I Met Your Mother* e vesti o travesseiro com a camisa branca, apenas para me sentir mais pertinho dele.

*Trevorsseiro.*

— É ele — sussurro e ele ri um pouco colocando uma mecha solta do meu cabelo atrás da minha orelha, mas logo fecha o sorriso.

— Ele não morreu, Miranda, ele está vivo e você precisa vê-lo. — O sermão se inicia e me viro para o outro lado da cama em que agarro o *Trevorsseiro*.

Eu sei que preciso.

Assim como todos estão sendo perfeitinhos.

Todos estão lá tentando o fazer lembrar.

Todos menos eu.

*Eu fui a namorada louca ciumenta que o abandonou.*

A Sarah não saiu do lado dele um minuto, segundo minha fonte estampada e Rose tem levado doces de muitos tipos. Elas são a família dele, ele lembra delas. Sou eu a mulher que ele não lembra.

— O Pedro é o médico titular do caso do Trevor, ele queria muito falar com você.

— Chris, eu não quero ver ninguém — assevero e abraço mais a camisa branca.

Esse homem está sendo um santo comigo, já faz dias que não consigo nem levantar da cama direito e ele tem me ajudado a comer, dormir mesmo que pouco e junto ao Ted, tem me mantido sã para continuar vivendo sem pegar a faca afiada da cozinha.

*Sã, Mia? Você vestiu um travesseiro como seu namorado e está dormindo com ele.*

— Ele já está lá fora há alguns minutos, insistiu demais em falar com você. — Que tipo de médico é esse? Não tem mais o que fazer? Pacientes para cuidar?

— Chri…

— Eu não vou deixar que se mate nessa cama, Mia, eu me importo demais com você e quero que àquele homem lembre o quanto te ama, mas se não ajudá-lo, ele não vai lembrar sozinho. — Ele dá a volta na cama até

chegar ao meu olhar novamente e toca os botões da camisa dele que eu não deixo de apertar. — Eu sei que você quer tirar essa camisa dele mais uma vez, faça isso por você e por ele. — Os olhos azuis me imploram junto ao cabelo loiro de anjo e eu assinto mesmo que relutante.

Eu não me mexo, não quero fazer sala para ninguém, o médico com certeza deve saber que estou mais me arrastando do que vivendo, não vou fingir.

Após alguns minutos escuto a porta se abrir novamente e o homem alto de cabelos pretos e óculos retangular agacha ao meu lado da cama junto ao Chris.

— Miranda, meu nome é Pedro, sou o médico do seu namorado — ele se apresenta estendendo a mão, ignoro o que o faz desistir do aperto por um segundo, mas logo aponta o dedo para *Trevorsseiro* que estou agarrada. — How I Met Your Mother? *Marshvesseiro*, eu ri muito nesse episódio — diz e ergo uma sobrancelha.

— Eu ri, mas agora tenho dó da Lily — murmuro.

— Que eu me lembre o Marshall estava muito mal e ela não quis encará-lo. — Tira e limpa os óculos como se buscasse na mente as memórias do episódio.

— Ela tentou pedir que não fosse, mas ele quis ficar com a mãe e a família dele longe dela — acrescento.

— É verdade, mas depois ela pegou um avião e foi encontrá-lo — ele rebate e me calo instantaneamente. — Ele precisa de você, Miranda, a cada dia que você o deixa emergido nessa bolha será mais difícil de fazer com que lembre.

— Ele não quer me ver — balbucio.

— Ele não sabe que quer te ver — corrige.

— Ele não sabe nada de mim, não me conhec…

— Ele sabe um pouco.

— Hum?

— Morgan e o Teodoro encheram a cabeça dele com muitas histórias, levaram umas fotos, uma blusa… uma blusa branc…

— A Blusa Branca de Bolinhas Pretas — completo com um sorriso bobo por terem lembrado.

— Essa e levaram também um vestido *chantilly*, chamaram assim, disseram que ele levou para todos os lados na empresa quando estavam separados. — Nego com a cabeça rindo um pouco depois de dias sem nem a sombra de um sorriso.

— Ele é muito tonto.

— Ele é apaixonado e um homem que leva o vestido da mulher que ama para todos os lugares quer se lembrar dela a todo momento. — O pensamento realmente tem sentido… eu sei que ele está certo, eu sinto no meu coração que ele quer se lembrar de mim, mas ainda assim é um sacrifício vê-lo daquela maneira.

É um fogo que queima meus olhos todas as vezes que abre a boca para não me chamar de Princesa.

Mas… ninguém disse que a nossa *Relação de Fogo* não teria problemas. Você o ama o suficiente para encarar isso?

*A camisa branca enrolada no travesseiro diz que sim.*

— Eu vou — murmuro baixinho limpando algumas lágrimas e enxergo o sorriso dele e do policial.



Eu nunca fui a garota que tinha medo de hospitais, pelo contrário, eu até gostava. Na minha mente era o local em que eu sabia que ia entrar mal e sair bem. Mas eu também nunca fiz uma cirurgia de grande porte e nunca passei mais que dois dias nesse *mundaréu* branco esterilizado.

Chris está muito preocupado comigo, arrumou uma troca de roupa, o melhor vestido de mangas bufantes que eu tenho, o clássico de bolinhas pretas que estava usando quando conheci o meu homem. Fez questão de me ajudar com algumas coisas para levar que talvez o fizessem lembrar, dirigiu

até o hospital e almoçou comigo na velocidade de uma tartaruga, que é como estou conseguindo me alimentar.

Ele foi pegar alguns papéis na recepção para autorizar minha entrada e decidi ir esperar na salinha em frente aos quartos quando encontro Sarah sentada com as pernas cruzadas fixa a um ponto na parede. Ela não sorri, apenas segura um copo de café da Fábrica que amacia aos poucos, mas mesmo com carinho a qualquer momento acho que pode enforcar o copinho.

Eu fui uma monstra com ela na semana passada. Por mais que ela tivesse surtado e dito absurdos que eu me choquei ouvindo, eu também fiz a mesma coisa quando meu mundo desabou. Eu tenho ciência de que ela não quis me magoar ou provocar naquele dia, sei que estava tentando me ajudar a focar no positivo em que ele está vivo, mas naquele momento eu só consegui odiá-la. Sem pensar que ela também está sofrendo muito, mesmo que lembre dela, porque ele não lembra que a Hillary está morta. Me disseram que ele pergunta por ela a cada uma hora, querendo saber onde está e porque ainda não veio visitá-lo. Estão mentindo para ele por terem medo de encarar a reação do luto.

*Eu nunca mentiria assim para você, Ursinho, mas sei que não acreditaria em mim se eu contasse.*

Você só vai acreditar se ela te contar.

Engulo meu orgulho e na verdade, me aproximo dela também por me sentir culpada pelas coisas que eu disse. Ela não merecia ouvir nada daquilo. Me sento ao seu lado e ela me encara surpresa pelo canto do olhar azul.

— Oi — murmuro, encarando o mesmo ponto preto na parede.

— Oi — ela responde engolindo em seco e amacia mais o copo respirando fundo. — Eu gostaria de me desc…

— Sou eu que tenho que pedir desculpas, por favor — interrompo e ela entreabre os lábios vermelhos. — Eu surtei, Sarah, fiquei guardando tudo para mim querendo consertar e surtei. Eu fiquei com muita inveja de você, porque ele estava te tocando, lembrando de você quando eu só queria que ele fizesse isso comigo.

— Eu deveria ter parado imediatamente quando me beijou, eu sei que foi um reflexo do nosso relacionamento sufocant…

— Não, espera… — Toco seu ombro impondo que me encare ao invés do ponto na parede. — Eu disse àquilo na hora da raiva, Sarah, ele não acha sufocante ficar com você — digo dessa vez a verdade.

— Você não sabe disso. — Nega envolvendo o pescoço albino como se medisse a temperatura.

*Ela está alucinando?*

— Mas é claro que eu sei! Se ele não te amasse incondicionalmente não teria me feito te aceitar, ele nunca cogitou a possibilidade de se afastar de você e não faria isso se te achasse sufocante.

Ela se silencia de imediato, completamente calada com as palavras que desabafo, porque sabe que no fundo é verdade, só está um pouco perdida. E quem não está perdido agora? Imagino que o que está sendo sufocante é criar mentiras todos os dias.

— E eu entendo porque não parou, estávamos todas nervosas e só queríamos que ele ficasse bem, não poderia negar um impulso de carinho dele dessa maneira — cedo meus pensamentos empáticos, no momento do meu surto eu apenas consegui ver como a *Avenida Vermelha* mais uma vez, ridícula a comparação.

— Me desculpe por ter dito que me arrependo de tê-lo entregado, eu não me arrependo de vê-lo feliz… e ele é muito feliz com você. Eu nunca faria nada para prejudicá-lo — pede meu perdão após deixar o copinho de lado para segurar a minha mão. Não faz tanto tempo… eu acho que começou quando lhe pedi ajuda com as redatoras, que ela começou a ser mais gentil comigo. Em que temos contato carnal e não apenas palavras frias. Eu não acho que ela está me manipulando, pois até as palavras não são pensadas.

E se ela está sendo sincera, eu deveria ser também.

No caminho até aqui eu li que às vezes pacientes com traumas psicológicos se apegam a uma situação passada e fazem de tudo para permanecer dentro dela, mas inconscientemente. E se ele está se forçando a ficar nessa prisão, eu prefiro que seja não sendo enganado.

Tomo coragem ao respirar bem fundo por saber que não será algo fácil de ouvir, mas também sei que é necessário.

— Está fazendo agora — desabafo e logo ela franze o cenho quase largando minha mão.

— O quê?

— Está mentindo para ele, Sarah — reafirmo com a voz mais mansa que consigo para que não saia de uma forma crítica. Não é uma crítica e sim uma sugestão. Bom… por mais que eu queira que não a afetasse, é como perguntar sobre os meus anos abusivos no Brasil, não há como não se emocionar. Assim que digo e ela entende do que falo as gotas de café que ingeria, agora são gotas quentes que caem de seus olhos por saber que estou certa. Ela sabe que é o certo, mas está fugindo, querendo 1mporta-lo a qualquer custo.

— Voc… você não sabe do que está falando, não viu o quanto ele sofreu. — Funga o nariz e mordo minha boca usando todos os resquícios de força que meu corpo ainda tem para continuar vendo o seu estado.

— Adivinhe? Ele vai sofrer. Ele vai sofrer e muito mais quando descobrir sozinho, ele pergunta por ela o tempo todo, o homem é inteligentíssimo e vai ser muito pior quando souber que você sabia e escondeu.

Minhas palavras a fazem descarregar todas as emoções que estava guardando, eu ouvi, me disseram que ela estava parecendo a mulher maravilha cuidando dele para todos os lados sem parar. O que ninguém percebeu, é que ela não estava bem.

— Eu não sei se consigo fazer isso de novo… eu nã-ão sei se aguento ele me odiar de novo. — Eu não me aguento e deixo de entrelaçar minha mão na sua para limpar uma lágrima em sua bochecha.

— O Amor Leal de vocês é mais forte do que a morte, Sarah. O amor dele por você superou términos, brigas e todo tipo de drama bem mais mexicano, mas a mentira pode destruir aos poucos. Você mesma viu que o único momento em que brigaram de verdade foi por ter mentido no dia em que ela morreu. Eu quase o perdi por mentir, não faça o mesmo que eu — confesso, segurando seus ombros e meu desabafo sincero a faz me encarar profundamente com os olhos azuis.

— Eu te odiei tanto no início, Miranda — admite ao rir enquanto nega com a cabeça. — Mas eu não posso negar que ele tem um gosto incrível. — seu elogio me faz sorrir.

— Ele diria que tem mesmo e você é um deles. — Dou de ombros empinando o nariz como faria e ela solta um riso nasalado acompanhado do choro.

— Exibido como sempre?

— Exibido como sempre — confirmo, acompanhando o cômico até que percebo que ela está me admirando de cima a baixo.

— O que foi? — Ergo uma sobrancelha.

— Está linda — elogia e eu me choco entreabrindo os lábios sem conseguir deixar de coçar a nuca.

— Ah… obrigada — agradeço em um murmúrio.

— Ele vai achar também.

*Eu espero que esteja certa, Dama Vermelha.*



Eu acho que a última música que escutamos juntos bem descontraídos foi *Test Drive – Ariana Grande* e eu fico lembrando da voz dele sussurrando a letra em minha mente. Eu escuto várias e várias vezes a música por medo. Medo de entrar nesse quarto e encarar o que não consegui há dias. Eu sei que ele merece a mulher forte que acha que sou… talvez eu seja, se entrar agora e enfrentar vou ser.

Ele preza a lealdade mais do que qualquer pessoa que já conheci em toda a minha vida e diz:

***"A lealdade é validada entre tempestades."***

Essa é apenas mais uma tempestade que vamos ultrapassar com muito Amor Sublime, eu prometo, Ursinho. Não importa quanto tempo você

demore ou mesmo que não lembre eu vou me esforçar para criar novas lembranças com você.

Dou algumas batidas e apenas coloco minha cabeça para dentro da porta de seu quarto.

— Sr. Whi… ai, merda. Trevor, eu posso entrar? Não sei se lembra de mi… desculpe, não lembra mesmo, estou me enrolando. — balanço minha cabeça completamente decepcionada com a minha capacidade de fazer algo simples como dar um oi.

— Acalme-se, Miranda. — Ergo meu olhar e o encontro sentado na cama com o roupão do hospital como se já estivesse me esperando. A voz grossa e reconfortante imediatamente me acalma e me deixa nervosa na mesma proporção. O seu cabelo está um pouco bagunçado e seu rosto pálido pelos dias em que ficou imóvel, mas permanece com as feições exibidas e sarcásticas do meu namorado.

— Ah, já sabe meu nome — digo, dando vários passos com meus saltos que dão um show no chão até perto da sua cama.

— Está linda — elogia com um sorriso de canto e eu derreto.

Toda a coragem e o ar que tinha colocado dentro do peito para entrar, perdi aqui. A voz é idêntica, é ele, está falando comigo e se não fosse ele não teria esse efeito louco no meu corpo de me deixar até suando.

— É… — Coço a nuca sem conseguir não lhe dar um enorme sorriso. — Obrigada.

— Não precisa agradecer, mulher linda só um sorriso já basta. — Lança a frase que já me faz lembrar das atiradas quando nos conhecemos.

*O jeitinho é o mesmo.*

Sou eu que estou nervosa por estar me transformando na bolsista que o conheceu há meses atrás. Eu era mais inocente, mais tímida e extremamente mais insegura. Depois de conhecê-lo eu me soltei, mudei tanto e agora consigo perceber mais do que nunca.

*Miranda, o homem está olhando para você!*

— Desculpe, eu já vou conseguir pensar em algo para te falar, é que quando me encara assim eu fico nervosa… o que te disseram? — questiono, desesperada para iniciarmos uma conversa. Nunca tivemos problema em

desenrolar assuntos, gostávamos tanto da boca um do outro que na verdade o assunto era a língua.

*Mas eu não posso te beijar… ainda.*

— Mais nervosa e confusa que eu não está, garanto. Me disseram que eu esqueci umas coisas, que eu conheci você e nós tínhamos um relacionamento — explica, gesticulando enquanto mexe a pulseirinha do hospital. Não sabe como eu vou ficar feliz em arrancar isso do seu pulso quando voltar para casa comigo.

— Você acredita nisso? — questiono, porque acho que não devemos forçar nada, eu quero falar sobre isso, apenas se ele quiser, pode ainda estar apaixonado pela Sar…

— Se levar em conta o quanto eu te acho atraente, eu acredito muito.

*É, Mia, ele está afim de conversar com você.*

— Você se lembr… ai, meu Deus. — *Cacete, mulher, de novo errando?*

— Por que não senta aqui comigo? — oferece um espaço na cama afofando o lençol. — Não precisa ficar tão nervosa, não me contaram quase nada. Então você pode me contar o que desejar, melhor assim? — sugere e eu assinto devagar com a cabeça.

— Sim… sim, melhor — digo, coçando um pouco a nuca ansiosa, eu não o toco desde que acordou há dias e ele não estava consciente. Dou mais um passo enquanto ele encara cada movimento meu e me sento na beirada da cama.

— Como nos conhecemos? — ele inicia por perceber que estou com dificuldade e quase caio da cama com a pergunta.

*Nos conhecemos com você querendo me foder.*

— Essa é fácil, eu me mudei para Portugal por uma oferta de emprego, e você era… você é meu chefe — explico e estremeço meu organismo inteiro quando coloca o braço ao meu redor.

— Se importa? — questiona, eu nego imediatamente e ele me arranca para mais perto fazendo com que eu estenda a mão sobre o seu peitoral, mas retiro, pois ainda não quero tocá-lo dessa maneira.

— Ah, bem…

— Eu dei em cima de você? — me interrompe e não me aguento tremendo os lábios em uma risada que ele encara hipnotizado.

*Ele se conhece, Mia.*

— Uhum. Na verdade, uns meses depois eu descobri que fez uma aposta com a sua melhor amiga para ver quem ficava comigo primeiro — conto pensando que vou chocá-lo, mas falho miseravelmente.

— Isso é bem minha cara. — Ergue e abaixa as sobrancelhas exibido.

— Sim…

— E eu consegui? — A pergunta me faz morder lábio assim como ele mordeu o meu naquele dia.

*Foi o melhor beijo da minha vida, porque foi com o homem certo.*

— Conseguiu, voc… você sempre consegue, até porque foi bem antiprofissional. — Reviro os olhos provocativa.

— É mais fácil contar as vezes que eu fui profissional. — Rebate, enrolando os dedos nas minhas mechas e me surpreendo pelo ato ser o mesmo de quando consciente. Ele sempre amou fazer isso.

— É verdade.

— E a nossa primeira vez? — a pergunta me faz quase se engasgar pelo quanto está sendo direto, mas não posso mentir e dizer que não pensei nisso umas cinco vezes antes de entrar.

— Ahh… — arfo, brilhando meus olhos buscando ar para colocar a sensação em palavras.

— Nossa, eu queria me lembrar disso. — Ergo um sobrancelha impondo meu indicador para contornar as bolinhas do roupão hospitalar. Se ele me toca, eu também o toco.

— Hum, por quê? — Solto um pequeno riso.

— Do jeito que você arfou parece que foi muito bom — deduz com um sorriso promíscuo e não está errado.

— Foi… muito, muito bom.

— Vou te poupar de me dar os detalhes para não me deixar mais excitado — revela e eu entreabro meus lábios completamente chocada, ou nem deveria, e lhe dou um tapa forte no peito que o faz rir.

— Já está excitado?!

— Você trabalhava do meu lado com esses vestidinhos e queria que eu ficasse quieto? — provoca e eu me calo com a risada entalada, porque está certo. Eu queria sim provocá-lo e não é à toa que usei esse vestido hoje.

— É… depois, nós transamos muito — confesso sem mais medir as palavras já que estou sabendo o que há abaixo desse lençol.

— Muito?

— Muitas vezes em muitos lugares — confesso já vermelha de vergonha.

— Eu não costumo fazer isso. — Nega com a cabeça e franzo meu cenho sem entender.

— Transar muito?

— Transar muito com uma mulher que eu acabei de conhecer, eu devia gostar mesmo de você — corrige e de novo um pequeno sorriso escapa dos meus lábios.

— É, bom… é o que dizem por aí, Sr. White. — Dou de ombros empinando o nariz o fazendo rir.

— E depois, Mia? — Ele está realmente interessado em saber e a conversa está fluindo… ah, por que achou que não fosse ser assim? Vocês não teriam um drinque juntos se ***Tremia*** não combinasse muito bem.

— Você me levou a uma festa.

*A famosa Inspire.*

— Uma das festas da Sarah imagino… — completa e do maior além seus olhos esbugalham como se uma ficha tivesse caído em sua frente. — Caralho, eu não fui com ela? Nunca fiz isso.

— Não foi com ela — confirmo, prendendo minha boca e como eu queria beijar de novo o Trevor que fez essa proeza por mim.

— Brigamos depois? — Realmente se preocupa demais com ela, bem mais do que quando nos conhecemos.

— Eu não sei… mas fiquei muito brava com você por ter ido falar com ela por horas e quando voltou estava com uma mancha de batom no seu colarinho, eu achei que tivesse beijado-a — admito, levando meus olhos para baixo lembrando da situação de merda.

— E eu beijei? — Trevor puxa o meu queixo e eu estremeço pelo toque tão repentino.

— Não beijou — murmuro.

— Se surpreendeu? — *Para falar a verdade sim e muito.*

— Foi quando eu comecei a confiar em você e então foi me deixando entrar na sua vida aos pouquinhos. Me levou em muitos lugares como a Fábri…

— Fábrica? É minha cafeteria favorita! — Sorri de orelha a orelha por reconhecer algo que digo.

— Humm… é, eu passei a gostar mais dela também — resmungo, fazendo com que minha pele se avermelhe ainda mais.

— Por que exatamente, Srta. Ross? — provoca, erguendo a sobrancelha sabendo que o teor da conversa é promíscuo.

— Nada, Sr. White — minto para instigá-lo e ele me encara profundamente com os olhos castanhos enquanto eu faço o mesmo sem parar e sem piscar nem por um segundo até que ele abre os lábios.

— Em que posição eu te fodi?

***Nossa.***

— A-ah! — Me atrapalho completamente pela pergunta mais atirada de todas. — Nós acabamos de nos conhecer, tecnicame…

— Tecnicamente. — *É, porque você não me conhece.*

— E você já está excitado e sendo mais promíscuo do que nunca! — acuso, metendo o dedo na sua cara e ele toma meu pulso avisando minha pele, fazendo com que eu sue mais ainda. Ah, Trevor, se você soubesse o quanto eu te quero, o quanto eu queria ter fodido nessa maca quando acordou.

— Ah, me diz, você deu aquela arfada de novo, me deixe imaginar pelo menos — implora, beijando de leve meus dedos e sentir sua boca em mim me faz ficar mais derretida.

— Não mesmo. — Nego ainda e na mesma velocidade cedo por colocar meu indicador na boca estando tão pertinho do meu rosto. — Pernas abertas sobre as sacas de café.

— Ah… caralho. — Ele ofega, enfiando o nariz no meu pescoço como se pudesse se inserir na cena e eu arrepio meu corpo todo completamente em choque por estar cheirando o meu pescoço com a mesma intensidade de quando acordávamos de manhã. Eu queria tanto que não apenas cheirasse… mas que beijasse, lambesse e até chupasse.

— Seu cheiro é muito gostoso… bom demais — confessa em uma arfada que não me deixa escolha a não ser tocar nem que seja uma pequena parte de seu cabelo castanho.

— Voc… você sempre dizia isso, é Limão e Mel — sussurro.

— Limão e Mel — balbucia.

— Uhum.

— Continue, então, Garota de Mel — pede, voltando a se sentar na maca como um cachorrinho comportado.

*Quase esse apelido…*



Meus lábios ainda estão mergulhados em muito café que tomamos da Fábrica por horas, dei um jeito de mandar entregar também um cardápio grande para nos confortar. Eu estava com tanto medo dessa conversa não sei porque… claro que eu sei, mas agora depois de tantas histórias e risadas eu me sinto segura assim como sempre me senti com ele. É claro que estou cortando inúmeras partes da história em que citam a Hillary ou algo muito intenso entre ele e a Sarah para deixar a conversa mais leve. E está

funcionando, ele está mais leve… leve e já hipnotizado assim que coloquei um sonho de creme nos lábios.

*Acho que algumas coisas nunca mudam.*

— Espera, espera! — Ele ri alto se lambuzando com uma bomba de chocolate. — Essa foi qual das vezes que terminamos? — se confunde pela quinta vez.

— Segunda, segunda vez — reafirmo, tomando mais um gole do seu café puramente adocicado.

— Terminamos tanto. — Aponta e franzo meu cenho me sentindo ofendida.

— Ah, se você não fizesse tanta merda… — provoco.

— Aham, só eu — rebate e faz um gesto com o indicador para que eu continue enquanto engole uma rosquinha.

— Eu venci o campeonato da empresa e fiz uma fest…

— Eu já venci esse campeonato. — Aponta, erguendo o nariz exibido.

— É, eu sei, você fez questão de enfatizar isso muitas vezes, humm… — resmungo, buscando na memória o que fizemos e mais uma vez escapo um sorrisinho por estar me encarando com os olhinhos brilhando por meus resmungos. Algo que ele sempre amou em mim. — Depois fomos para um bar e você foi muito ciumento.

— Alguém tentou chegar em você? — questiona, como se fosse desculpa plausível para suas atitudes.

— Uhum e você foi um crápula! — xingo.

— Crápula? — repete, negando com a cabeça e um riso.

— Jogou bebida nele inteiro e disse que foi sem querer. — Eu quis te matar na mesma proporção que queria te beijar nesse dia.

— Pelo menos fui educado.

— E possessivo — acrescento.

— Talvez, porque eu não suportaria um homem te despindo com os olhos que não fosse eu — lança sem qualquer aviso e fecho meu sorriso encarando a boca que acaba de me afrontar com a frase. Sim, você diria

exatamente isso. — Continue, Mia — pede e eu balanço minha cabeça voltando a história.

— Eu… eu dei uma festa do pijama.

Assim que explico ele dá o sorriso mais sem vergonha que já vi na minha vida inteira. *Mas que safado!*

— Ei, era uma festa séria! Fomos como amigos — explico bem séria, porque é verdade, nós tentamos. Conseguimos? Não, mas tentamos.

— E eu acreditava nisso também ou só fingia? — Ergue a sobrancelha achando um absurdo toda a amizade falsa.

— Por incrível que pareça você estava se comportando. — O que me fez perceber que ele era capaz de tudo por mim.

— Então a safada foi você? — afronta e eu entreabro meus lábios terrivelmente ofendida.

— Eu acho que já estou te dando intimidade demais! — Fecho a caixa de rosquinhas e roubo dele.

— Foi você? — insiste na questão com um sorrisinho, enquanto limpa o açúcar das mãos.

— Foi… eu não aguentei te ver dormindo ao meu lado. — O peitoral dele me chamava como cheirinho de bolo de chocolate na janela.

— E começamos a conversar? — Abaixa o tom de voz tirando os doces das minhas mãos também e não entendo, mas cedo.

— Uhum… bem baixinho aos poucos — murmuro e ele volta a enrolar os dedos no meu cabelo se aproximando cada vez mais do meu rosto.

— E eu te beijei? — arfa na minha pele e não consigo mais mexer um músculo apenas paralisada para pequena atitude que poderá tomar. Era isso que eu queria desde que cheguei nesse hospital, na verdade desde que me deixou naquela sala de espelhos, eu queria ter te beijado mais, eu queria que você tivesse me beijado mais.

— Não… isso não. — Nego em um sussurro, nervosa para que decida repetir o ato que fez naquele dia. Está tão perto, você vai refazer o ato ou vai inovar? Você qu… você quer isso tanto quanto eu?

— Quer que eu te beije, Miranda? — provoca com a frase idêntica à que me disse milhares de vezes e eu travo. Travo minha boca mordida, meus olhos nos seus, meus membros que não ligo se ficarem dormentes. Nesse momento eu estou concentrada nel…

— Ah. — Antes que eu possa respondê-lo, Trevor agarra o meu queixo e puxa para o seus lábios me prendendo na prisão que nunca quis sair, da sua boca quente adocicada com avelã. Enroscando nossas línguas como se fosse a primeira vez em que estivéssemos nos chocando ferventemente. O jeito como amassa o meu rosto quase sem respirar, porque sempre foi assim, o dilema entre beijar mais ou respirar um pouco, parece igual, é o mesmo homem que está me beijando, mas eu não sinto. Meu coração não está arquejando de pura paixão como se eu não pudesse mais ver meus movimentos. Ainda consigo respirar, eu posso não querer, mas é diferente de nem pensar para isso. E a resposta está clara: *Não é o meu Sr. Perfeito White me beijando.*

— Ah, entendo… — descola da minha boca ofegando mais do nunca com um sorriso.

— O q-quê? — murmuro ainda com os olhos fechados e as mãos no seu pescoço.

— Encaixa — geme baixinho na minha boca, o som que eu suplicava em ouvir, mas que não é o mesmo do seu, Ursinho. — Não encaixa pra você? — Ergue o olhar para mim e franze o cenho quando me encontra fora da mesma sintonia que a sua.

— É que não é você… desculpa — confesso, balbuciando as palavras e empurro seu peito para trás descendo da cama às pressas. Ele tenta me puxar, mas faço força até que me solte deixando que eu saia do quarto.

— Mia! — exclama com a culpa na voz.

*Não é culpa sua… apenas, não é o meu homem.*



# 43

# Gelatina Memorial

*Eu estive procurando*
*Por uma garota como você*
*Porque nenhuma garota*
*Me fez passar pelas coisas*
*Que você me fez passar*
***Used To Be - AJ Mitchell***

## SARAH SCOTT

Honestidade. Qualidade própria do ser humano que tem uma estreita relação com os princípios da verdade. A mentira conforta, mas acaba, é como uma droga viciante que o Diabo nos empurra sempre que pode. A verdade é desconfortável, mas infinita, é como uma pílula amarga que tomamos na gripe.

*Eu nunca, em toda a minha vida, pude sequer pensar que aprenderia algo com Miranda Ross.*

Talvez porque no fundo eu bloqueasse algum tipo de sentimento real de admiração por ela, por medo de me invalidar de alguma forma, mas agora eu entendo. Entendi de forma imediata como se uma ficha tivesse sido lançada em frente ao meu rosto, o porquê dela ter te feito um homem melhor. Te mudado para a sua melhor versão.

Ela enxerga o correto das situações e por mais que eu e você achemos completamente insano, Mia faz parecer fácil. Faz dias que estou aqui mentindo para você por ser fraca demais, nunca achei que fosse me chamar

disso mais uma vez desde as aulas de balé, mas eu sou. Eu sou fraca demais para magoá-lo novamente.

***"Vai ser muito pior quando souber que você sabia e escondeu."***

Eu não estou pronta para sentir você me odiar de novo, Trevor. Não estou pronta para me olhar com desgosto quando a única pessoa que me restou foi você. Não estou pronta para te ver engolir o choro quando finalmente perceber que ela morreu.

Mas eu sei, ela mostrou isso para mim, que amar também é fazer sacrifícios por quem amamos, mesmo que vá doer demais. Porque esconder não é a chave, isso mascara e afunda relações.

*Eu te amo demais para continuar mentindo para você, Branquinho.*

Estou lhe observando deitado na maca vestido com um roupão hospitalar acordando de um longo cochilo. Espreguiçando com um sorriso tranquilo de quem não tem nenhuma preocupação. O mesmíssimo sorriso de quatro anos atrás que eu destruí em uma fração de segundo. Mas você superou, Trevor, passamos por isso juntos, porque nos amamos demais e iremos ser fortes mais uma vez.

*Eu espero no fundo do meu coração avermelhado que sejamos fortes.*

— Ah… — Ele se sacode inteiro na cama. — Eu poderia dormir nessa cama por horas por tamanho tédio. Será que pode me dizer algo do trabalho? — pede assim que me admira com um sorriso e eu assinto apenas com a cabeça encarando seu cabelo bagunçado. *Se já está alterado, como ficará quando souber?* — Não se preocupe, não vou roubar suas estratégias para a campanha do Fontana, sou um homem honrado. — Pisca um dos olhos empinando o nariz se orgulhando de fazer o mínimo. Geralmente isso me faria rir, mas permaneço em completo silêncio por não haver mais alegria em minha mente por pensar no que virá a seguir. — Eu disse algo errado, Loirinha? Está mais pálida do que o normal. Se você quiser pode ficar com o Fontana, eu dou um jeito de encontrar outro. — Trevor senta na cama, enrolado em lençóis brancos e azulados juntando as mãos de preocupação.

— Se lembra quando a Hills passou mal na conferência de Braga? — Ergo meu queixo e uso todas as minhas forças para encará-lo nos olhos firmemente sem parar. Antes que eu possa continuar, o homem pula da

cama e se encontra em minha frente. Sem se importar em arrastar tudo pelo chão no processo, pois nada ultrapassaria a importância que dá a nossa família.

— Eu me lembro sim, foi assustador vê-la completamente inconsciente, mas ficou tudo bem, lembra disso também? Não é culpa nossa — consola, jogando suas mãos em meus ombros sem nem saber o motivo pelo qual perguntei. Ele já está pronto para me acalmar e buscaria a estrelas para me fazer feliz, eu vejo isso em seus olhos.

*Ah, Trevor, sou eu quem vou precisar te acalmar.*

— Ela… ela passou mal, de novo — digo de uma vez, porque meu corpo se sentiu traindo-o de forma absurda quando tocou minha bochecha. O jeito como segura meu rosto achando que sou a mulher mais perfeita do mundo, não me deixa mais ser a megera que continuará mentindo e fazendo você acreditar nisso. Eu já sou terrível e serei mais terrível se não mudar agora.

— O quê? Hoje? Agora? Sarah! O que ainda estamos fazendo aqui? — Ele cospe uma série de perguntas e a cada interrogação menos seus olhos castanhos estão brilhando. O homem procura como louco os próprios sapatos e roupas, desesperado para sair do quarto o mais rápido possível como se já se sentisse culpado por não estar ao lado dela sendo que acabei de contar. — A internaram? Ela desmaiou? Temos que ir agora, Sarah, não há tempo. Ela só tem a nós, eu e você, somos os únicos que a entende, não podemos deixá-la sozinha! — Cada palavra que sai dos seus lábios me ataca com tiros muito mais fortes do que a bala que levou no abdômen, porque não é físico e sim emocional. E esses demoraram muitos anos para cicatrizar e não meses.

*Ele sente tanta culpa por tudo.*

Eu me aproximo do meu Amor Leal aos poucos com passos leves para tocar seus ombros, e mesmo que eu os segure, não deixa nem por um segundo de se arrumar vasculhando uma mala, pronto para ser leal a ela. Seu coração está batendo tão forte que poderia explodir o peito e quando consigo um pouco de atenção, seus olhos se revelam sutilmente marejados. Algo que ele abomina fazer, ele odeia, detesta, repele qualquer possível lágrima que um dia poderia escorrer por seu rosto. Ele tem para si que chorar é o ato mais falho e medíocre que um homem poderia cometer, mas

esquece completamente de que um homem, também é humano. Ele quer fingir que não sente nada para continuar se mantendo no meu patamar de herói?

*Trevor, você será sempre meu herói independente das lágrimas que um dia soltar.*

E é por te amar tanto que vou ser forte agora.

— Trevor, a Hillary sofreu um ataque cardíaco muitíssimo severo, os médicos tentaram reanimá-la na minha frente e conseguiram trazê-la de volta, mas apenas por algumas horas. — Assim que inicio a contagem regressiva para oficializar o pior dia de sua vida, eu tenho a impressão absoluta de que não está mais me ouvindo com tanta clareza. Como se seu organismo inteiro tivesse congelado por completo, apenas deixando que a vida passe diante de seus olhos melancólicos. — Ela teve outra parada e os especialistas a reanimaram por quase quarenta minutos ininterruptamente, mas após diversas tentativas, foi declarado o óbito. — A última palavra pronunciada por meus lábios vermelhos o faz derrubar todas as roupas no chão, a bolsa que havia aberto louco para vê-la e os sapatos que estava prestes a calçar estão agora todos abandonados pelo piso do quarto hospitalar. — A Hillary está morta — repito por saber que minhas palavras robóticas não têm efeito real no cérebro de um familiar. Eu mesma tive que ouvir inúmeras vezes a palavra *morte* para associar a ela e sempre detestei eufemismos[23].

O silêncio domina o ambiente por minutos tão demorados que aparentam ser horas. O seu coração bombeia tão forte que tenho certeza que em alguns segundos poderá literalmente explodir. Sinto como se fosse saltar para fora por tamanho desespero e falta de ar. Ele tosse como louco sem conseguir ser digno de uma sequer respirada funda e quando tento tocá-lo para ajudar, os seus olhos castanhos me encaram sombrios. Trevor segura o meu pulso com força bruta e transfere todos os sentimentos dolorosos e dilacerantes que estão destruindo seu corpo, para mim.

Está acontecendo de novo, faça parar, por favor, não me olhe assim. A culpa não é minha, você enxerga isso? Eu apenas segui as ordens dela, eu queria ter te dado a chance de se despedir, eu queria, tem que acreditar em mim. Não me olhe assim com desgosto e ódio profundo, por favor, eu imploro.

— Por que você não me ligou? — a frase sai tão grosseira e bruta que uma lágrima escorre por minha bochecha já vermelha por tamanha pressão. — POR QUE? CARALHO, ME RESPONDA! — ele berra no meu rosto, apertando meu braço com tanta força que poderia quebrá-lo fazendo a pura transfusão de tristeza por ela para raiva de mim.

— E-ela me p-pediu para não lig…

— SUA EGOÍSTA! — grita de maneira tão estridente que de forma imediata a porta de seu quarto é aberta por Rose e Miranda. — Como… como você pôde fazer isso comigo… — fala consigo mesmo indignado, chocado e terrivelmente traído por mim.

— Trevor, p-por favor, foi seu último pedido que não te ligass…

— VOCÊ MENTIU PRA MIM! — Usa as cordas vocais tão firmemente que os vidros tremem. — Disse… você disse que ela estava bem e eu acreditei em você, fiquei trabalhando, eu acreditei em você, eu acreditei em você.

*Como se lembra disso? Ele não poderia lembrar disso agora! Trevor, está se lembrando de algo?*

— Ela não queria que a visse frac…

— NÃO INTERESSA O QUE ELA ACHAVA, ERA O MEU DIREITO VÊ-LA E VOCÊ FOI EGOÍSTA COMO SEMPRE! — berra mais uma vez me roubando litros de lágrimas que escorrem e borram meu rosto inteiro. Ele está gritando comigo na frente delas, sendo um monstro comigo na frente delas. — Eu tenho nojo de você — afunila, jogando o meu corpo na parede fazendo que os quadros caiam e se quebrem em milhares de pedaços de vidro. — Eu sempre achei que a nossa competição era um jogo, mas você realmente me odeia desde o dia em que nos conhecemos. Você venceu, Sarah, está feliz? É a *porra* da favorita dela. Você me odeia demais para ter me tirado isso e a culpa é sua. A culpa é toda sua e eu nunca irei te perdoar por isso — assevera, quase quebrando meu pulso por tamanha fúria, mas eu deixo me machucar o quanto desejar se isso estiver lhe trazendo sequer uma pluma de sentimento de paz.

— Trevor, eu não te odeio, eu te am…

— EU NUNCA MAIS QUERO OLHAR PRA VOCÊ! SAIA DA MINHA FRENTE, SUA EGOÍSTA MENTIROSA! — grita em meu rosto

pela última vez e lança o meu corpo para os braços da Rose que está paralisada junto a Garota de Mel. — Eu nunca irei te perdoar por isso — afunila, bate a porta na minha cara e esse ato é o suficiente para me fazer despencar na cachoeira melancólica do luto mais uma vez.

**Ele não te odeia, Sarah.**

**Ele te ama, Sarah.**

**Ele te perdoou, Sarah.**

**Ele superou isso, Sarah.**

**Ele não é esse monstro, Sarah.**

Você fez isso por ele, por amor e poderá viver em paz sabendo que não há mais mentiras nessa relação.

*Eu te amo incondicionalmente, lealmente desde o dia em que te conheci, Branquinho, embora você agora me deteste.*

MIA ROSS

Honestidade. Eu sei… atualmente, devido aos últimos acontecimentos não posso me considerar uma pessoa muito honesta, mas estou me esforçando para mudar. Só não achei que a honestidade pudesse doer tanto, mesmo sabendo que é o melhor.

Eu insisti com a Sarah para que contasse a ele, argumentando que era o certo, que Trevor merecia isso e merece, mas o jeito que ele a tratou… eu chego a pensar como era a relação deles se ele tinha crises como essa. Mas se na nossa Tempestade de Vidro ele disse que ia me tratar como a Sarah e eu acordei dilacerada, então o que você fazia com ela?

*Ah, Mia, pare de pensar assim, quem ensinava ele era a Sarah.*

Não posso ficar criando paranoias sobre a vida antiga deles se eu tenho a minha com muitos problemas para cuidar. Só que tem um probleminha… eu criei muita empatia pela Dama Vermelha e ela está chorando tanto entre os banheiros do hospital que é impossível não se preocupar.

Eu pensei em ir me desculpar com ele pelo beijo interrompido de ontem, mas não consegui ainda. Me senti culpada demais por tê-la pressionado, eu, Rose e Morgan falamos demais com ela explicando que

isso foi há anos, não que adiantou de algo. Não vai adiantar, ela quer ouvir dele que a perdoa.

Deixei que a Ruiva ficasse com ela faz alguns minutos para dar atenção a ele.

A sensação de beijá-lo e não sentir nada foi terrível e bizarra. Eu sentia excitação, eu estava atraída e eu queria, mas não senti o Amor Sublime. Aquele sentimento do peito parar de bater por segundos e voltar apenas porque os lábios se chocaram nos meus. Independentemente do que eu senti, não poderia tê-lo deixado sozinho, eu preciso me abrir assim como deveria ter feito da primeira vez, quando nos conhecemos.

Eu bato na porta do quarto algumas vezes e assim que meus dedos tocam a madeira azulada a culpa me domina. Você quer que ele te perdoe? O homem está devastado pelo luto, foi largado excitado e ainda está condenado a comer a gelatina daqui que fez questão de me dizer ontem que odiou umas quinhentas vezes.

Tomo coragem para entrar no ambiente por inteiro, junto minhas mãos à frente do corpo e mordo minha boca antes de qualquer coisa pensando no que falar.

— Trevor, será que nós podemos conversar? — questiono, erguendo meu olhar o encarando cutucar a gelatina verde como se estivesse fazendo um experimento científico seríssimo. — Trevor? — chamo mais uma vez, tentando não escapar o sorriso o admirando tão fofo e bobo com o negócio gelatinoso.

— Ah, podemos — responde com a voz mansa e me surpreendo com a reação, mas sei também que será uma conversa ruim explicar que não sinto nada o beijando. — Eu não aguento mais esse hospital fazendo um memorial pra essa gelatina péssima. — Talvez a *Gelatina Memorial* seja para o bem da sua saúde. — Princesa, será que pode pegar meu creme de avelã na mala? — pede e eu assinto de imediato indo até a mal…

**Espera.**

**Um.**

**Pouco.**

**Aí.**

**Ele me chamou de Princesa?**

**—** O que disse? — questiono, mordendo meus lábios o mais forte que consigo para não me iludir e criar esperanças.

— Da minha Nutella?

— Não! Você me chamou de…

— Princesa, eu sempre te chamo de Princesa. — Franze o cenho achando minha observação totalmente confusa.

— AI, MEU DEUS! — eu grito tão alto que os quadros na parede que ainda restam poderiam se quebrar. Tampo minha boca com as duas mãos lacrimejando, marejando, mergulhando meus olhos em lágrimas e me atiro para cima dele como bala de canhão o agarrando como um urso de pelúcia que eu não solto nunca mais. Eu beijo. Eu beijo sua testa, nariz, bochecha, queixo, pescoço, até mesmo as pálpebras dos seus olhos castanhos e antes que eu pudesse chegar lá, ele envolve o meu pescoço me arrepiando inteirinha para me puxar para um beijo simples.

Seria simples se eu não estivesse esperando por isso há semanas. Amasso seu rosto sem me importar com os médicos e nossos amigos que chegam sorrindo como loucos. Eu amasso tanto que não respiro mais, eu apenas enrosco minha língua na dele sentindo o cheirinho de lavanda e o gosto de avelã na minha boca. Sem respirar, inspirar ou expirar, nunca… com ele nunca houve tempo para isso. Trevor não me larga nem por um segundo em pura sintonia e encaixa meu quadril no seu colo erguendo a saia do meu vestido para a minha cintura. Eu sei que é você. Eu senti assim que meus lábios tocaram a primeira parte do seu rosto. Amor Sublime inconfundível. Eu não quero largar, mas já não consigo mais pegar ar, meu fôlego máximo já foi perdido há segundos e com relutância nos deslocamos um do outro arfando, ofegando e quase gemendo.

— E-eu sou sua namorada? — murmuro baixinho e ele me presenteia com outro selinho.

— Eu me lembro de ter dito sim em meio a cantoria, dançarinas e nossas comidas preferidas. — Aquece meu coração ouvi-lo falar do próprio pedido e volto a beijá-lo apenas para sentir o som e gosto dos seus lábios.

— Eu acho melhor sairmos… — Ted sugere a todos na sala e os médicos riem nos deixando a sós.

— Fala… fala de novo? — imploro, me esfregando no seu roupão de hospital.

— O quê, Princesa? — Ele ofega, brincando com o polegar na minha boca com os olhinhos que me encaram brilhantes.

— Me chame de Princesa, não pare de me chamar de Princesa nunca mais. — Nego com a cabeça deixando que a cachoeira encharque meu rosto e ele me encara preocupado, limpando tudo que pode.

— Eu te amo, Princesa — declara, apertando de leve o meu pescoço com as duas mãos. — Eu te venero, Princesa. — Ser idolatrada *por ele* arrepia meus membros e fecho meu olhos para escutar cada frase. — E agora… eu te quero demais, Princesa — Trevor fala baixinho entre meus lábios alisando as minhas coxas que aprisionam seu colo.

— A-ah… aqui? — Sorrio avermelhada, mas não por vergonha, por amor, por saber que só o meu homem iria sugerir um absurdo desse.

— Eu sei, fico bem mais gostoso sem esse roupão de hospital. — Revira os olhos me fazendo rir boba ainda que estou realmente falando com ele e eu puxo seu queixo.

— Você fica gostoso de qualquer jeito, Trevor. — Mordo minha boca encarando o peitoral escondido pelo trapo hospitalar.

— E eu vou ter que dizer que tudo com você é mais gostoso. — Retribui, puxando minha mão para tocar seu peito.

— Humm… até essa gelatina? — brinco e penso que vai ficar nervoso por odiá-la, mas ele me encara com um sorriso promíscuo e me entrega o potinho esverdeado.

— Até essa maldita gelatina. — Eu rio negando com a cabeça, mas retribuo sua impureza e na verdade… quer saber? Foda-se o hospital maldito.

Deixo sobre seu peito, seguro a saia que ele embolou na minha cintura e deslizo aos poucos o tecido por todo o meu corpo até arrancar o vestido por minha cabeça esparramando meu cabelo sobre os ombros. Eu sorrio por encará-lo me admirando e seguro o pote que tem xingado faz dias, pego um pouquinho com a colher e bato a massa gelatinosa contra o meu busto deixando escorrer por meus seios.

— Caralho, Miranda — Trevor xinga rouco e arranca meu quadril para si me fazendo quase esfregar os peitos lambuzados de gelatina na sua cara.

— Humm… assim ela continua ruim? — Rio, colocando o indicador nos lábios e desço minhas mãos para massagear recheando tudo de verde na sua frente.

— Assim… é uma delícia. — Arrasta meus dedos e mete a boca no meu seio esquerdo mordiscando meu mamilo me obrigando a arfar, gemer e implorar que não pare de me chupar toda melada da gelatina verde que ele odeia… hum, odeia mesmo?

Eu aproveito cada estímulo que faz meu corpo liberar, mas eu quero mais, eu quero muito mais do que só a língua dele. Afasto seu roupão um pouco úmido e não resisto em massagear o seu pau duro enquanto me devora. Deslizando minha mão para cima e para baixo molhando meus dedos de lubrificante de avelã. Ah… chega de esperar. Empurro seu corpo contra a maca e esfrego a minha boceta na cabeça rosada junto aos meus seios que melam o seu peitoral.

— Cacete… não para — ele geme baixinho tão rouco que quase me faz gozar e envolve meu pescoço nas mãos.

— Eu estou aqui para tudo que o Sr. White julgar necessário. — O encaro com fogo nos olhos e não me surpreendo ser um reflexo. Um espelho que eu não resisto em chocar a boca beijando seus lábios a cada esfregada. — Não me esquece — imploro gemendo nos seus lábios.

— Você é dona da minha mente desde que eu te conheci, Miranda, eu não esqueço — declara, mordiscando a minha boca e como me satisfaz, resolvo satisfazê-lo aumentando a velocidade.

— Promete? — peço baixinho com os mamilos tão duros que ele não resiste e volta a puxá-los como um brinquedo. Mas sou eu que não consigo parar de brincar com ele deslizando no seu membro tão gostoso que o faz enlouquecer.

— Promet… porra, Miranda, só senta — implora e eu sorrio por saber o quanto me deseja, abandono por segundos a posição para arrumá-lo e me abro inteirinha para ele. Rebolo um pouco para provocá-lo e sento escapando um gemido involuntário da minha boca assim que o pau dele penetra a minha boceta encharcada.

— Humm… assim? — resmungo, mordendo seu lábio e repito o movimento estendendo minhas mãos abertas sobre o seu peitoral.

— Ah, você sabe que sim… — murmura na minha boca e arranca meu quadril para si controlando minhas ações. — Você ficou aqui por mim? — questiona, enfiando a cabeça no meu pescoço cheirando cada pequeno aroma de limão e mel que exalo.

— Eu ficaria todos os dias pelo resto da minha vida te esperando acordar — declaro, mergulhando meus dedos no seu cabelo buscando formas desesperadas para não explodir tão rápido.

— Isso… é Leal — conclui, alisando minhas coxas até meter as duas mãos na minha bunda com tanta força que me derreto inteirinha.

— Hum? A-ah… me aperta assim. — Não resisto e gemo alto, mais alto a cada vez que ele controla a minha boceta para satisfazer o seu pau gostoso… eu amo, Trevor, você não tem ideia do quanto eu amo o Trovão.

— Só mais uma vez, Princesa, senta mais uma vez — ele implora rouco segura a minha cintura para cima e me soterra enquanto eu sento ao mesmo tempo nos fazendo estourar juntos. Juntos ofegando, juntos arfando, juntos tremend… *ah, não, é ele quem me faz tremer as pernas, caralho, que delícia.* Eu entrei nesse quarto para pedir desculpas, mas ele não aceitou e me deu… uma *surra*, digamos assim. Beijo seus lábios devagar usufruindo cada pequena sensação que o Amor Sublime dele me causa e brinco com nossos narizes indo de um lado para o outro. — Você foi leal a mim — confessa, massageando o meu cabelo castanho e eu sorrio sem entender muito a proporção do que isso significa, mas tenho certeza que não é ruim.

44




# Batom Scott

*Porque eu achei*
*Que tinha sido o nosso fim*
*Você me fez achar*
*Que os sentimentos tinham acabado*
***Over - Lucky Daye***

## TREVOR WHITE

Sequela. Resultado sofrido por uma doença, trauma ou acidente. Eu tive a sorte de permanecer com meu corpo intacto, mas a minha mente não teve a mesma sorte. Talvez eu nem me importe muito com a minha própria e sim com a das pessoas que eu amo.

Choque.

Eu entrei em estado de choque completo quando começaram a me explicar tudo que havia acontecido na minha ausência mental. Quanto mais os médicos explicavam menos eu entendia e, para ser bem sincero, acreditava. Porque eu não senti nada a não ser o tiro e esse acabei me recuperando enquanto, aparentemente, eu estava em coma, foi como um passeio nas nuvens de avelã.

E eu acordei do sonho muito bem, se levarmos em conta que minha namorada cavalgou em uma maca de hospital lambuzada de gelatina.

Eu tive fisioterapeutas, neurologistas e até terapeutas enchendo minha cabeça de termos que mal processava o primeiro e já jogavam outro. O lado

bom é que estou curado quase que inteiramente, mas o lado ruim é que não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo e não pude ajudar.

Morgan me contou quase tudo sobre a parte do coma e como todos vieram me visitar, e me contou algo que nunca na minha vida quis que acontecesse e muito menos na minha ausência. Sarah e Miranda brigando por minha causa. Eu entendi a *porra* do lado das duas e eu se estivesse ali eu conseguiria adiar aquilo, mas não estava. Achei que após isso estariam brigadas por meses e errei mais uma vez. Elas fizeram as pazes.

Elas realmente fizeram as pazes como pombas brancas adultas.

Isso me acalma? Sim, na verdade me tranquiliza muito saber que gostam uma da outra, mas ainda assim mexe demais comigo.

Eu não tenho ideia de quem sofreu mais ou não quero admitir para mim mesmo para não desvalorizar nenhum sofrimento. Mas… saber que a Sarah terminou o noivado com Thomas fez com que eu me odiasse tanto. *Porra*, o cara planejou aquilo por tempo demais e quando ele consegue um *sim,* a Fada Branca vai e estraga tudo. Eu tenho ciência de que ele não curte muito minha relação leal com ela, mas isso ser motivo para término?

Como se não bastasse isso e a Mor já não estivesse cansada e com sede, me disse que a época que voltei nessa máquina do tempo que não tem cheiro de limão e mel, eu era redator.

Isso significa que a Hillary não tinha morrido, o que me faz pensar porque a minha mente voltou justo nessa época.

E se eu achava que ela estava viva e na verdade, estava morta, alguém precisaria me dar a pior notícia da minha vida mais uma vez. Esse foi o papel da Sarah.

Até hoje eu me arrependo de cada palavra que disse a ela conscientemente naquele dia. Eu precisava culpar alguém, fui capaz de lidar com a minha incompetência de não ter percebido antes. Algum sinal na minha mente eu teria que ter percebido e o fato dela ter escolhido a Sarah para levá-la ao hospital me destruiu. Fiquei tão mergulhado no ciúme e inveja que a tratei como um monstro e foram meses para que eu sequer lhe desse *bom dia,* quem dirá o perdão.

Ela está agarrada na minha cintura já faz uma hora, eu acaricio seu cabelo com todos os movimentos possíveis tentando lhe dar algum

conforto, mas é difícil. Sarah apenas me segura com todas as forças e já chorou tanto que tive que trocar o roupão hospitalar. Eu peço, digo mais uma vez e então outra que eu a perdoei faz anos. Ela assente com a cabeça, entende, compreende ou pelo menos quer isso, mas continua agarrada.

— Loirinha — chamo, tentando lhe acordar com a voz mais mansa que consigo. Coloco diversas mechas loiras para trás de sua orelha e massageio até mesmo seu pescoço que ferve como vulcão. — Já passamos muito do horário do almoço, por que não come algo comigo agora? — sugiro e com relutância ela vira a cabeça para cima sobre o meu colo. — Eu odeio te ver mais branca do que o seu albino comum — admito e mais uma vez assente abrindo tão pouco os olhos que mal consigo enxergar as írises azuis, nem mesmo o batom vermelho está usando e isso é bizarro.

Tenho… eu sempre tive a necessidade de fazê-la feliz desde o dia que nos conhecemos, não posso ficar parado ou pelo menos não mais vendo e revendo essa cena dela derrotada. A minha Sarah não é derrotada.

Vasculho sua bolsa ao lado da minha maca sem sair da minha posição para não atrapalhá-la e encontro o batom vermelho.

*O famoso Batom Scott.*

— Psiu — cochicho e a loira abre apenas um olho azulado para me enxergar totalmente. — Posso? — Seguro a caixinha nas mãos e assim que visualiza um pequeno, quase imperceptível, sorriso domina seus lábios. — Fique quietinha — ordeno e ela obedece agora abrindo o olhar totalmente admirando cada ação dos meus dedos para lambuzar sua boca.

*Caralho.*

*Isso é muito difícil.*

Por que a boca humana tem essa falha no lábio superior? Parecem duas montanhas que não consigo passar direito… *porra*, ela está inteira borrada. Não consigo fazer nada direito. Volto a vasculhar a bolsa e enfio meu dedo na ponta de um lenço umedecido para ir limpando tudo que sujo. Quando acho que estou conseguindo acertar percebo que além de, sem querer, ter esbarrado o lenço na parte certa e borrado todo o contorno, manchei minha mão inteira.

— Hm, quer ajuda, Branquinho? — ela sussurra rouca, rindo um pouco do meu desespero.

— Agora está rindo, não é? Eu sou capaz de passar um batom, Sarah. — A fito com os olhos semicerrados e ela ergue as unhas vermelhas em defesa.

Tento mais uma vez contornando a boca que eu encarei sempre perfeita e nunca imaginei o quão difícil era ficar tão linda para mim. Nós homens temos que dar mais valor quando as mulheres se arrumam, estou sofrendo por um batom, quem dirá todo o resto que nem imagino que existe. Fecho o cilindro vermelho e lhe ajudo a sentar na cama segurando uma bandeja laminada hospitalar para enxergar minha obra de arte.

— Nossa… — Ela ofega tentando manter um sorriso idêntico ao meu para não me magoar, mas está claro que tudo está uma merda. — Bom, o que importa é a intenção.

— Sutil. — Meu sorriso morre, abaixo a bandeja, mas ela me anima beijando meu rosto apenas para sujá-lo inteiro com a minha lambança. É justo. — Não sabe o que é ser beijado por você, eu sofri muito todos esses anos.

— Ah, sim, muito sofrimento, Sr. White. — Revira os olhos rindo como se eu estivesse fazendo drama. Seguro o batom mais uma vez e lhe entrego.

— Passe em mim — ordeno e a loira solta uma risada alta que aquece meu coração.

— Trevor, isso demora para sai…

— Não foi um pedido — interrompo e Sarah ergue as unhas novamente em defesa me obedecendo.

*Cacete, isso é estranho.*

Parece uma pasta que lambuza a minha boca e o pior de tudo, sinto secando nos meus lábios como uma prisão.

— Faça assim, humm. — Ela morde os lábios para dentro fazendo uma dancinha os remexendo e eu copio.

— Mas já foi? — Ergo uma sobrancelha surpreso.

— Prática, Branquinho — explica e me mostra a bandeja laminada.

— Estou lindo — me *autoelogio* e ela ri mais uma vez revirando os olhos. — Agora veja como é ser beijado por você. — Agarro seu rosto e beijo sua bochecha albina lambuzando tudo de batom vermelho.

— Mas o que está acontecendo aqui? — Mia ri entrando no quarto com algumas sacolas minhas.

— O Sr. White disse que sofre muito sendo lambuzado de batom e está me fazendo entender a dor — Sarah explica dramatizando mais do que deveria.

— Ah, muito sofrimento mesmo, deveríamos parar de beijar, então, não acha, Sarah? — E minha namorada entra no jogo.

— Certamente, Miranda.

— Muito engraçado as duas, eu só queria que ela soubesse como é ser beijado por ela. — Dou de ombros ainda estranhando a tinta na boca quando Mia agarra o meu queixo.

— Humm… — Beija os meus lábios demoradamente sujando a boca de vermelho. — Agora eu também sei.

Eu e Sarah nos olhamos, porque a verdade é que somos tão promíscuos assim e tenho certeza que a mesma imagem passou por nossas mentes ao mesmo tempo.

— Trevor, o Ted te desejou melhoras umas cinco vezes antes de sair — informa, guardando mais alguns itens meus.

— Deseje em dobro para ele.

— Morgan já te avisou sobre a demissão?

ELA SE DEMITIU?

*Porra*, finalmente, eu não aguentava mais viver sem ela naquela empresa. Tudo fica uma bagunça, fora que eu odeio as palestras de autoajuda e estou com saudade do cheiro de Vodka.

— Ela se demitiu? Já estava mais do que na hora. — Finjo ser algo simples, mas a verdade é que estou dançando samba por dentro.

— Disse que vai cuidar de todas as suas campanhas até voltar e a Rose te deixou muitos doces, mas saiu estressada agora não sei por que.

Rose é uma mulher bem azeda mesmo e todos são acostumados com isso, então o fato de estar mais azeda assusta um pouco.

— Ela está muito nervosa ultimamente — revela, penteando o meu cabelo que está extremamente bagunçado.

— Eu também achei, principalmente quando o Chris vem e vai. — *Até você, Loirinha?*

— Ele deve ter feito alguma merda, aquele desgraçado. — Bufo fechando meus punhos, está sempre fazendo merda com as minhas mulheres.

— Mais fácil a Rose errar do que ele, Trevor. — A frase vermelha me faz ficar boquiaberto.

— Está do lado dele também? — Ergo a sobrancelha e as duas se entreolham.

— Chris me ajudou muito enquanto estava debilitado. — Mia revela e no mesmo segundo da frase meu sangue ferve ao imaginar o tipo de ajuda que ele poderia ter dado. *Filho da puta*, eu estava vulnerável!

— Ah, claro, abriu suas pernas de novo? — Franzo meu cenho ironizando com a cara mais fechada que Zangado dos sete anões.

— Trevor! Não, ele realmente me ajudou muito e estava torcendo para que você acordasse, me ajudou a comer, dormir, me levou e buscou no hospital várias veze…

Antes que ela termine a frase, como obra do destino o policial aparece em frente à porta do meu quarto. O homem angelical que coça a nuca desconcertado por me ver.

— Oi, eu só queria me desped… — entrecorta a frase mordendo um sorriso nos lábios ao ver meu batom. — Nossa, é um batom bonito, Trevor.

O encaro com meus olhos castanhos brilhantes e já não sei mais se é mesmo Raiva Súbita ou Amor Sublime. Eu odiava muito esse canalha, mas… *porra*, se ele ajudou mesmo tanto assim a minha namorada sem segundas intenções, talvez não seja tão canalha assim.

— Pois é, então eu já vou ind…

— Christopher — chamo para que desista de ter medo do meu olhar. — Obrigado — agradeço e por mais que esteja muito surpreso, um sorriso toma sua boca, lisonjeado.

— Foi uma imensa satisfação. — Assente com a cabeça e acena para Mia que retribui com mais um sorriso que o leva embora do quarto.

— Eu já vou indo também — Sarah avisa levantando da cama, mas de imediato puxo seu pulso franzindo minhas sobrancelhas de preocupação.

— Sozinha?

— Eu posso ir com a Rose se for se sentir melhor — sugere e eu solto o ar que nem percebi que estava prendendo.

— Eu prefiro sim. — Assinto com a cabeça e ela segura o meu queixo com as unhas vermelhas.

— Ótimo, muito obrigada… pelo batom — agradece e me presenteia com mais um beijo borrado na minha bochecha. — Eu te amo, Branquinho, melhoras.

— Eu também te amo, Loirinha — retribuo e acompanho sua saída com o olhar a cada passo.

*Quanta confusão eu arrumei, hein.*

— Humm… — Mia resmunga limpando o meu rosto e lábios com o lencinho umedecido. — Agora vamos pra casa? — sugere feliz por estar dizendo a frase.

— Casa? — Ergo uma sobrancelha com um sorriso de orelha a orelha.

— Sua casa. — E meu sorriso morre.

— Ah, pelo amor de Deus. — Bufo erguendo os braços pelo absurdo que acabo de escutar, não pode estar falando sério.

— Trevor, não começa. — Mia revira os olhos.

— Eu levo um tiro, fico em coma, perco a memória, sobrevivo e a minha namorada ainda não vai morar comigo? — argumento, puxando sua cintura para mim e ela mergulha os dedos no meu cabelo.

— Você é muito dramático, sabia, Ursinho? — murmura baixinho, beijando meus lábios.

— Miranda, você vai morar comigo, anote minhas palavras. — Franzo meu cenho e ela aponta com o indicador cada pedacinho do meu rosto.

— Vou escrever de lápis — brinca, dando uma piscadinha.

— Caneta permanente. — Retribuo a piscada, mas puxando para o meu lado. — E o seu ex-namorado, prenderam aquel…

— Está morto — ela fala com uma naturalidade que até me assustaria se não estivesse sorrindo como uma criança e não merecesse mesmo até pior que a morte.

— Porra, será que vai ter velório pra fazermos uma festa ao lado? — brinco e ela ri alto. — Quem matou? O policial?

— Meu pai — revela agora com o tom já não tão sorridente e sim mais acanhado puxando os dedos de mel.

— Antony disse que ele não sabia — relembro para tranquilizá-la e envolvo seu pescoço puxando para um beijo simples.

— Agora eu sei disso… eu quero ir pra casa, Ursinho, podemos? — pede mais baixo e eu assinto com certeza.

*Vamos ter todo o tempo do mundo para conversar sobre esse assunto.*



A chuva é um dos meus fenômenos naturais favoritos, às vezes, eu até coloco no *Spotify* episódios de gravação de chuva de verão para me acalmar. O barulho é tão tranquilo e ao mesmo tempo tão grosseiro, porém sempre reconfortante. Eu a escuto cair nas telhas, janelas e até mesmo na grama do meu jardim. Eu não abro meus olhos, apenas sinto cada som como uma orquestra chuvosa.

No entanto, o fato de eu estar consciente me faz ouvir tudo e não apenas a chuva. Eu sei quando minha namorada não dorme, porque ela fica ronronando baixinho entediada.

— Miranda. — Abro meus olhos e a pego no pulo assustada me encarando dormir.

— Hum? — resmunga fingindo naturalidade, mas sei que não está dormindo faz horas. E não que o ambiente não estava perfeito, escuro, muitas cobertas, lençóis e travesseiros.

*Inclusive um, vestido de camisa branca.*

— Não consegue dormir? — questiono, dobrando meu cotovelo para apoiar minha cabeça na mão assim como ela.

— Não… e-eu vou virar aqui e consigo sim. — Balança a cabeça negando.

— Você não dormiu no hospital ontem — lembro e a encaro ficar bem quieta, porque é verdade. Como se ela precisasse ter vergonha do que está passando. — O Pedro disse que você poderia ter sequelas do trauma.

— De novo ele? — Mia bufa revirando os olhos e eu puxo para se enroscar em mim.

— Ele gosta de você.

— Não está com ciúme? — Ergue uma sobrancelha.

— Não, porque sei que só quer ajudar. — Até porque sei que ele nunca faria seu tipo.

— Eu não quero que se preocupe comigo, você tem que cuidar de si mesmo — murmura apontando o indicador para cada parte do meu rosto, ela está gostando de fazer isso e eu adoro, me sinto amado.

— Miranda, eu estou bem. — Ergo a camiseta do pijama e mostro a cicatrização perfeita que o cirurgião plástico mereceria um prêmio por deixar idêntico ao original. Só aceitaria um *Mark Sloan*[24] mesmo. — E por que você não facilita e conversa comigo? — lanço a pergunta de uma vez, acariciando seu rosto com as costas das mãos, por saber que já passamos do ponto de ficar com joguinhos e ela sabe disso.

— Eu… eu tenho medo — fala baixinho e eu aperto com meu polegar seu lábio inferior.

— De quê, Princesa?

— De dormir e quando eu acordar você não lembrar mais de quem eu sou — sussurra a frase entrecortada que me lança outro tiro. É sufocante demais saber que estou atrapalhando o seu sono por algo terrível. Eu entendo, eu consigo entender e me odeio por isso.

— Ah, Mia, isso não vai acontecer — digo sem conseguir resistir e lhe dar um pequeno beijo para confortá-la.

— Você não sabe, o cérebro humano é cheio de surpresas e quando eu beijei você naquele estado não encaixou.

*Acho muito difícil de acreditar nisso, provavelmente porque eu ainda amava a Sarah.*

— Se isso acontecer, o que não vai, mas *se* acontecer, eu me apaixonaria por você de novo assim como faço todos os dias — declaro, envolvendo seu pescoço apenas para sentir a temperatura fogosa da sua pele.

— Você não lembraria de mim — balbucia e eu ergo seu queixo.

— E você não foi forte para lutar por nós dois quando eu não pude? — Ergo uma sobrancelha exaltando-a.

— Uhum — resmunga, mas não sei se realmente concorda que fez muito por nós.

— Mia, o problema foi um beijo? Ah, mas se eu estivesse apaixonado eu desenhava até um quebra-cabeça nos seus lábios e fazia encaixar — brinco e a faço rir um pouco.

— Eu amo… eu amo você demais, Trevor — confessa e quando seus olhos marejam eu limpo sua bochecha aguada.

— Eu também te amo, Princesa — declaro e rolo seu corpo para cima do meu sobre a cama nos enrolando nos lençóis.

— Eu posso te pedir duas coisas? — murmura, beijando devagar os meus lábios.

— Sim — sussurro, colocando uma mecha atrás de sua orelha.

— Você pode ficar comigo? — Ergo uma sobrancelha sem entender.

— Eu já estou sempre com você.

— Eu venho sentindo muito a sua falta, não quero que me ache louca ou ciumenta, apenas que fique comigo. — Acredite, Miranda, esse vai ser o pedido mais fácil que já concedi a você.

— Anotado, qual a segunda coisa? — digo, mas seu sorriso dura pouco enquanto faz desenhos com o dedo no meu peitoral.

— Quando você acordou, nós fomos rápido demais…

— Sexo? — questiono de imediato a poupando de explicar muito.

— Eu sei que você ama transar comigo, mas eu não estou conseguindo separar as versões de você muito bem e isso me confunde. — O jeito como me conta até parece achar que eu não viveria sem isso.

— Miranda, eu amo você. — Beijo seus lábios mais uma vez provando sua boca de mel. — Transar com você é um extra que eu posso sim viver sem por um tempinho, se você estiver comigo.

— Hum…

— Hum… — copio e ela sorri lisonjeada. — Por que não vemos um filme? — sugiro, agarrando o controle na escrivaninha.

— Não está com sono? — Ergue uma sobrancelha preocupada.

— Não — minto.

— Podemos ver *A Princesa e o Sapo*? Soube que estão gravando a adaptação e queria muito rever.

— Miranda, eu sei todas as músicas de cor! — Rio alto por encontrar mais uma semelhança entre nós e puxo seu queixo para mais um beijo.

— Você lembra muito o Naveen[25], preguiçoso e lindo — provoca com uma careta.

— E você lembra a Tiana[26], trabalha demais e é muito determinada e… caramba, a Sarah seria a Lottie[27]! — Penso me surpreendendo inclusive por nunca ter visto a pura semelhança e a faço rir.

— Vamos ver — decide e levanta da cama para pegar a minha Pasta Diabética no escritório voltando às pressas. Me apaixono mais por você por querer me agradar tanto sempre.

— Agora por que não me mostra o tal do *Trevorsseiro*? — provoco e ela revira tanto os olhos que poderiam ir para trás da cabeça.

*Não precisa ter vergonha, Mia, eu achei super romântico, ainda mais por ser referência a How I Met Your Mother.*

— Ah, mas ele te contou isso? — Acho que ela detestou o médico por se intrometer tanto.

— Colocou uma camisa branca nele? — Sorrio lisonjeado.

— E cheirinho de avelã — murmura, beijando os meus lábios.

*Ah, Miranda, você não faz ideia do quanto eu te amo… eu amo demais mesmo.*

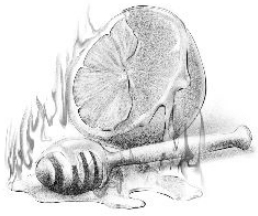
Enquanto ela liga o *Disney Plus* não consigo parar de encará-la por alguns minutos. Minha namorada sentada na minha cama lambuzada de doce enquanto assistimos filme de princesa. Eu não quero deixar de fazer essas coisas nunca. Eu quero que ela more comigo. Eu quero que ela durma comigo. Eu quero que viva ao meu lado para sempre.

*Começamos a namorar no dia vinte e sete… talvez quatro meses seja um número bom.*

**Nota da autora:** Para acompanhar as festividades do Natal após os acontecimentos do Halloween, leia o conto "FIRE CHRISTMAS", disponível aqui na Amazon e gratuito para os assinantes do Kindle Unlimited.



45



# Nutella Porfica

*Estou pronto para sair e comprar*
*Qualquer coisa que ela goste*
*Comprar o que vier em sua mente*
*Gastando dinheiro o tempo todo*
***Dinero - Trinidad Cardona***

## MIA ROSS

Benfica. Clube de Futebol de Portugal sediado na cidade de Lisboa. O time que resumiu a minha infância inteira, assistindo os jogos na televisão desde criancinha pulando e gritando por um gol.

**15 de janeiro**

*Eu sempre amei futebol.*

Mesmo quando era excluída dos outros meninos por não entender muito das jogadas. O que eu gostava era a torcida, os vários jogadores alinhados subordinados ao técnico e como aquela bola ia de um lado para o outro e o simples ato de tocar uma rede fazer um alvoroço.

Eu já fui em alguns estádios como o Maracanã no Brasil para a copa de 2014, mas nunca fui em um estádio do Benfica.

*Por que estou lembrando disso?*

Hoje é a final do Benfica e Porto, os grandes rivais portugueses que se matam por cada chute de cada jogador daquele campo. Eu me preparei para assistir com Trevor hoje à tarde, já planejei o que vamos comer e também deixei uma lingerie vermelha pronta.

Porque mesmo se ele ganhar vai se sentir fraco por perder para mim.

Estou tão ansiosa que não paro de olhar para a televisão e os anúncios do jogo que passam a cada intervalo. A primeira vez que vou ver um jogo deles no país de origem.

Tudo bem que vai ser na sala de um *portista*, mas eu vou representar muito os *benfiquistas* gritando para estourar os tímpanos dele a cada gol.

Passo diversos canais tentando me distrair do jogo que é só às cinco quando Trevor sai do quarto já vestido com a jaqueta do Porto azul e uma camisa branca por baixo. Ah, mas que atrevido!

— Acha que vestir isso em casa vai te fazer vencer? — Cruzo meus braços provocando com meu olhar de desafio.

*É, eu sou bem competitiva quando se trata do Benfica.*

— Não acha que vestir esse pijaminha em casa vai envergonhar seu *timinho*? — rebate dando de ombros.

*É, ele também é bem competitivo quando se trata do Porto.*

— Desculpe, mas o meu time não precisa nem se vestir já que está aqui há muito mais tempo que o seu! — Dou de ombros rindo perversa e caminho, até ele caçoar ainda mais.

— Desculpe, se o meu time veio depois e já conseguiu derrubar todos os seus títulos e faz sua torcida borrar as calças. — Puxa minha cintura para si e franze o cenho impondo o nariz no meu. Semicerro meus olhos o encarando com ódio.

— Você é portista em Lisboa, sabe que oitenta por cento da cidade deve te odiar, não é? — lanço o argumento patriótico e ele impõe ainda mais o rosto no meu quase tocando nossos lábios.

— Ah, eu amo irritar as benfiquistas, tiram a roupa mais rápido quando estão com raiva — provoca promíscuo e não resisto em amassar seu rosto o puxando para um beijo demorado em que não respiro. Não por Amor Sublime apenas, mas por Raiva Súbita também por estar certo.

*Tão certo que eu deixei uma lingerie pronta.*

— Humm… até que o portista tem uma boa pegada, achei que não pela falta de agilidade ao dominar a bola — murmuro, competindo com a língua dele.

— Até que a benfiquista sabe torcer sem fazer escândalo e suar… ah, me enganei, já está toda molhada. — Morde a minha boca falando baixinho e por mais nervosa que eu esteja não sou capaz de recusar quando mete a mão na minha boceta. — Olha como sabe ficar quietinha — sussurra, agarro seu pescoço e ele enrosca minhas pernas no seu quadril me carregando pela casa enquanto enrosco minha língua na dele. — Você… você me disse que nunca tinha visto o Benfica jogar em Portugal. — Ofega nos meus lábios.

— Uhum, nunca até hoje — confirmo baixinho.

— E gostaria de ver ao vivo? — questiona com um sorriso enorme e eu largo sua boca imediatamente boquiaberta.

— Trevor, o que você fez? — pergunto sem acreditar quando ele puxa uma caixa vermelha na mesa da sala.

— Lembrando que temos algumas regr…

Interrompo sua frase o beijando com tanta força que poderia matá-lo asfixiado.

— VOCÊ VAI ME LEVAR NO ESTÁDIO DO BENFICA? — grito com um sorriso de orelha a orelha sem conseguir parar de me sacudir no seu colo.

— Tecnicamente não é do Benfica, porque o Porto vai ganhar, mas sim, eu planejei nossa tarde do estádio oficial — provoca mais uma vez sem conseguir parar de me desafiar.

— Trevor, é a Catedral[28] ou o Dragão[29]? — Ergo uma sobrancelha porque ele não vai admitir que é oficial do Benfica.

— Sim, Princesa, é o seu Estádio da Luz, Catedral. — Bufa revirando os olhos, mas logo escapa um sorrisinho ao me ver vibrando de felicidade. — Eu te odeio por não me fazer odiar completamente o Benfica.

— Eu te odeio por não me fazer odiar completamente o Porto — digo algo como odiar, mas a verdade é que não consigo nem pensar nisso agora.

**Ele está realizando meu sonho de criança!**

*E eu nem pedi…*

— Você disse que tinha regras, Ursinho? — murmuro, deixando de discutir.

— Estava brincando, Princesa… apenas quero que use a jaqueta vermelha que comprei.

— Você entrou em uma loja do Benfica por mim? — Abraço com mais força seu pescoço e ele revira os olhos assentindo.

— Quando duvidar que eu te amo, lembre-se disso — declara e eu lhe dou um beijo demorado.

# TREVOR WHITE

Benfica. Clube de Futebol de Portugal sediado na cidade de Lisboa. O Porto é o time que me orgulho torcer, mas que grande parte da minha cidade abomina por amar o vermelho benfiquista. Chegava a levar surras quando pequeno dos meninos maiores por ser competitivo. Mas não podem negar que antes do azul ninguém batia de frente com o vermelho.

Talvez.

Só talvez.

Eu só talvez esteja querendo agradá-la.

Eu não tenho a mínima ideia do que essa mulher pensa sobre casamento, nenhuma mesmo e não quero ser como o Thomas e ter a chance real de levar um *não*.

Venho planejando e pensando em uma forma digna de pedir a mão dela desde o Halloween junto ao meu fiel escudeiro: Canelinha.

É, eu acabei falando muito com ele quando ela não estava em casa sobre a surpresa. Ele achou legal, tudo bem que eu meio que subornei o cachorro para abanar o rabinho com alguns petiscos, mas não tem como não gostar. E até chegar a data vou me esforçar para tratá-la ainda mais como a Princesa que já é.

Cumprimento diversos colegas de trabalho meus em meio às casas de apostas. Tais apostas que ela brilhou os olhinhos me implorando para participar e é óbvio que eu dei uma quantia inimaginável só para deixá-la feliz. Eu literalmente joguei dinheiro fora, porque apostei contra ao meu tipo, mas vamos focar na felicidade dela.

*Ou a tristeza porque felizmente o Benfica vai perder.*

Primeiro é o que diz o primeiro tempo que o time azul jogou espetacularmente e por mais que eu a queira feliz, vê-la bufar a cada boa jogada do meu lado foi muito satisfatório.

Miranda encosta a cabeça no meu ombro após diversos gritos em meio a toda a multidão e envolvo seu corpo massageando sua jaqueta vermelha.

— É muito lindo, obrigada por me trazer, Trevor — agradece, inclinando a cabeça para mim e eu sorrio beijando sua testa. *Está calminha apenas agora porque antes…*

Ela tem razão, não é muito pela competitividade, mas pela torcida amante das cores dividida pelo estádio, pelo estádio bem iluminado chamativo, pelos jogadores e suas estratégias boas e péssimos, a comida com embalagens temáticas e o meu favorito, a acompanhante.

— Eu vi que está usando o meu chaveiro — informo, a fazendo sorrir sacudindo a logo do Benfica em prata. — Foi meu primeiro presente na nossa *Obsessão por Fogo.*

— Eu prefiro usá-lo na nossa *Relação de Fogo.* — Assinto com a cabeça por não ter motivo para discordar e antes que eu possa beijá-la uma cachoeira de pipoca cai sobre o meu ombro me fazendo ferver de raiva.

— Ah, meu Deus, me desculpe, eu… Trevor? — A voz entra de forma familiar aos meus ouvidos e assim que me viro encontro o cabelo longo e olhos castanhos da morena mais terapêutica de Lisboa.

— Veronica? Quanto tempo! — Sorrio ao reencontrá-la e lhe dou um abraço apertado que faz com que Mia se acanhe. — Miranda, essa é a Vero, muitíssimo próxima da Hills na minha época de redator — explico, lembrando das broncas que levava das duas.

— Ela é lindíssima! — elogia, segurando a minha mulher de mel por meio de um aperto de mãos. — E torce para o time certo — me provoca

enrolada no vermelho.

— Ah, obrigada. — Mia coça a nuca envergonhada.

— Ainda tem uma clínica aqui? — puxo assunto faltando pouco para o jogo iniciar novamente.

— Está precisando, Sr. White? — Sorri brincando e eu reviro os olhos.

— Humm… talvez ele precise sim — Mia afronta, fico boquiaberto com a ousadia e como se não bastasse isso, Veronica lhe entrega o próprio cartão.

— Ligue se ele tiver um surto, é bem capaz que tenha quando o Porto perder — provoca dando uma piscadinha voltando para o seu banco.

— Estamos vencendo o primeiro tempo! — enfatizo.

— Por enquanto! — *É determinada como a minha mentora.*

— Ela está certa, portista. — Mia dá de ombros e puxo seu queixo para beijá-la pela última vez antes de nos tornarmos competidores estranhos que apenas gritam um com outro.



— FALTA! ESSA MERDA FOI FALTA, JUÍZ! — eu berro com as mãos em formato de funil em minha boca possesso de raiva desse desgraçado comprado pelo time vermelho, com certeza.

— Hum, o portista faz drama até no jogo? — Miranda ergue o bastão com o grito de guerra dos malditos e reviro os olhos.

**“Até morrer.”**

*Vão morrer derrotados pelo Porto só se for.*

— A benfiquista está tremendo com medo de perder? Estamos na frente.

— Estou achando que nã… AAAAAH! ATÉ MORRER, MASSACREM ESSE DRAGÃOZINHO DE MERDA!

*Sutil.*

— GOLAÇO DA ÁGUIA[30]! — Mia grita tão alto quando o Benfica faz um gol que meus tímpanos vibram junto ao meu corpo sentindo medo de verdade de perder. Empate.

— Dragão[31] é muito mais bonito e forte. — Bufo cruzando os braços.

— Vai chorar com as lágrimas azuis? *Buá, buá, buá!* — me provoca ao extremo fechando os punhos imitando um choro.

— É, é, é, vá cantando vitória porqu… AH! CARALHO, É DO SUPER DRAGÕES! CHORE AGORA ÁGUIA FROUXA! — faço questão de gritar nos seus ouvidos e ela os tapa franzindo o cenho de ódio.

Faltam três minutos.

Apenas três.

— OOOOHHHH!!!!! ATÉ MORRER, SEDE DA LUZ! — os gritos me fazem ferver de raiva e encarar com tanta precisão cada vez que a bola é jogada que meus olhos poderiam explodir de tamanha pressão. Foi quase, só mais um e desempatamos, está indo para o gol deles, é só chutar, *porra*… quase! Espera, não, não, esse lado não, volte, volte.

**Ah, mas *puta que pariu*.**

**—** AAAAAAAH! TREVOR PORTINHO PERDEU! — o berro invade cada pequena célula dos meus ouvidos quando o último gol é feito é o apito não atrasa. — *Aham, aham, aham, perdeu!* Perdeu! Perdeuuuuuu! — Minha cara está tão franzida de ódio que aparento ter pedido minha fortuna e não a merda de um jogo contra a minha namorada.

— Não precisa desse escândalo, Miranda, muito infantil. — Bufo revirando os olhos.

— Eu? — Ela ri alto beijando minha bochecha marcando a cor do Benfica.

# MIA ROSS

Estamos há tanto tempo nessa fila que minhas pernas estão começando a doer pelo motivo errado. Trevor está com uma cara de *bulldog* desde que saímos da arquibancada, terrivelmente *puto* pelo Porto ter perdido por apenas um gol nos últimos minutos.

E confesso que não estou ajudando a se animar pelo sorriso enorme que mantenho estampado em meus lábios.

Mas nossa…

Ele sabe ou faz de propósito? Não, ele sabe o quanto me deixa excitada quando fica nervoso. Esses braços cruzados com força enrolados na jaqueta enorme azul do Porto o deixam tão *macho* e *gostoso*. O cabelo suado de tanto torcer alto, a camisa meio aberta pelo calor e o ódio do meu time colado em sua cara… *quando eu queria colar a minha boceta na cara dele.*

— Trevor — chamo e ele nem me responde com palavras, apenas me encara pelo canto dos olhos.

*Ai, Ursinho, você estressadinho é tão gostoso.*

— Aquela sala ali é o quê? — Aponto para uma espécie de cubículo metade azul e metade vermelho.

— Sala com alguns troféus de apostas, fotos, tinta, camisetas no geral, acho que já fecharam, está escuro — informa e anda mais um lugar na fila.

— Eu queria ver. — Sorrio abraçando sua cintura.

— Miranda, sossega, estamos na fila para o autógrafo do seu jogador — restringe.

*Ele está muito puto mesmo.*

Mas também, Mia, está obrigando o homem a ficar na fila para autógrafo de um jogador que ele odeia do time rival ao dele.

— Hum… — Faço beicinho e largo sua cintura na tentativa de comovê-lo.

— Não faça isso, é sério — limita mais uma vez e ignoro o fazendo ferver de raiva. — Será que poderia guardar nosso lugar na fila? Muitíssimo obrigado — ele pede ao torcedor da frente e sorrio. — Cinco minutos no máximo, Mia. — Toma minha mão e me puxa tão rápido que até desequilibraria se não fosse tão forte para me segurar.

A salinha está completamente escura, mas ainda consigo ver diversas caixas e armários enormes de vidro com vários tipos de itens de cada time. Não apenas itens comuns e sim também históricos, ficam expostos ao centro da sala sobre uma bancada com vários potes de tinta vermelha e azul.

— Nada demais. — Bufa e mente, pois está sim olhando algumas fotos de times antigos do Porto.

— Pensei que fosse desestressar se visse algo histórico — digo, mas na verdade não foi por isso mesmo. Ninguém mandou me levar ao Estádio da Luz para ver meu time vencer, ganhar me excita e eu sei que ele quer me foder com essa carinha de mau.

Enfio minha mão inteira na lata de tinta vermelha enquanto ele está vidrado nos itens e mancho sua Nutella do Porto inteirinha ou talvez não seja mais do Porto e sim *Nutella Porfica*.

*É, chamar a atenção dele para mim com certeza eu chamei.*

— VOCÊ NÃO FEZ ISSO! — ele berra possuído de Raiva Súbita com as veias do rosto que até chegam a pulsar. Está furioso e se esforça ao máximo para não relar em nada vermelho.

— O que você vai fazer, Portista? — provoco, mordendo a minha boca e ele me encara.

Eu vejo todos os estímulos passando por seu corpo, da cabeça aos pés, nervoso por ter perdido a aposta, nervoso por ter perdido o jogo e nervoso por ter perdido para mim. Trevor fecha e abre o punho buscando paciência, mas seus olhos não vão deixar que tenha algo parecido com essa palavra. O olhar dele desce, vai descendo para a abertura da minha jaqueta do Benfica que revela por trás de uma blusinha fina branca o volume dos meus mamilos durinhos. Desde, vai descendo para a calça jeans apertada que fiz questão de usar para levantar meu bumbum e marcar todas as curvas. Sobe, vai subindo, mas não admira meus olhos cor de mel, ele está vidrado no meu pescoço. Está brilhando os olhos pelo menos pescoço.

— Vai me enforcar? — chamo sua atenção e gelo meu corpo inteiro quando ele larga o pote de Nutella sobre a bancada e enfia a mão inteira na tinta azul.

*A tinta do Porto.*

Deslizando os dedos uns nos outros sentindo a textura com cheiro forte, ele quer me fazer esperar por sua decisão. E eu espero, porque já o desafiei demais, mas, Trevor, não me condene tanto assim por ter vencido de você. Ele dá pequenos passos, começam bem lentos até aumentaram a velocidade me obrigando acompanhar cada estímulo e me encostar em um dos armários de vidro. Eu encaro, eu ainda encaro sua mão inteira manchada de tinta azul salivando pelo que poderia fazer com essa raiva toda.

— Você quer que eu te enforque? — assevera em um tom mais baixo, quando ergo meu nariz sem ter medo do que pode fazer.

— Depende, vai me asfixiar com a sua boca no processo? — murmuro e finco meus dedos dentro da sua calça chegando até a me melar um pouco com o seu lubrificante. — Perder te excita, Sr. White? — provoco e com a mão livre ele enrola meu cabelo e puxa para trás me deixando a sua mercê ainda aguardando que faça algo com a tinta.

— Eu não perco — afunila, torturando os meus lábios que imploram pela sua boca de avelã.

— Hum… tem razão, você sempre me ganha — arfo, abrindo mão da nossa disputa, mas ele franze o cenho com um sorriso de canto vitorioso.

— Então massageie o ego do vencedor, Benfiquista — ordena e eu obedeço enfiando as mãos dentro da sua cueca azul envolvendo o membro que lambuza todos os meus dedos. Eu poderia negar, ser a jogadora que não cede nunca, mas *cacete*… ele fica tão gostoso nervoso e me dando ordens que eu perco o raciocínio fazendo tudo que manda. Massageio como uma escrava para cima contorcendo minha pernas, e para baixo ofegando como se fosse ele a me dar prazer. — Ah… que torcedora determinada — geme baixinho e mordisca a minha boca me torturando por saber que eu quero a sua língua. — Admita a derrota, Miranda, diga que você quer o azul. — Impõe e eu não me aguento quase choramingado enquanto me coloco na ponta dos pés para beijá-lo e não cede. — Eu não te beijo enquanto não

implorar azul. — Lança a condição e eu tento manipular seu interesse massageando mais rápido, mas ele está decidido demais e eu não posso mais aguentar.

— Eu q-quero…

— Mais alto, o que você quer? — interroga e me empurra ainda mais contra o vidro se esfregando na minha jaqueta a sujando completamente de líquido.

— Eu quero que me lambuze inteirinha de azul — gemo como uma vadia implorando pelo dono e ele sorri metendo a mão no meu pescoço, colorindo cada pedaço de pele minha com a cor do seu time e choca contra a sua boca. — Humm… — eu resmungo me deliciando com cada mísero segundo do seu beijo entrecortado. Trevor enrola nossas línguas queimando o beijo a cada movimento e me enforca mais a cada vez que não aguenta e solta um gemido rouco.

— Não para — manda e eu obedeço, para cima e então para baixo sem parar. Masturbando o seu pau duro, gemendo junto com ele, me odiando a cada segundo por estar gostando de lhe ceder a vitória.

— Eu vou te torturar de vermelho na minha vez. — Engulo em seco diversas vezes por estar sem fôlego beijando e massageando sem parar o ego desse torcedor quando o vejo sorrir.

— A sua vez foi vencer naquele campo, os benfiquistas não vão *até morrer*? Você vai até gozar — ordena mais uma vez brincando com a honra do meu time, mas acho que a essa altura do campeonato, ninguém nessa sala tem mais um pingo de honra.

Eu obedeço, continuo, mais um pouco e mais ainda até perceber que estou contraindo minha boceta cada vez que mordisca minha boca. Eu faço mais rápido e então aumento a velocidade até que nós escutamos o som dos meus movimentos com o lubrificante dele. Um som gostoso de sexo que invade o meu corpo inteiro me implorando para terminar. Trevor enforca ainda mais meu pescoço e começa a arfar sem parar na minha boca não me deixando outra escolha se não acompanhar seus estímulos até que sinto o líquido lambuzar minha mão. Ele goza nos meus dedos ofegando mais a cada segundo metendo a cabeça no vidro ao meu lado pulsando as veias do seu pau na minha mão.

Ah. *Caralho*. Não. Acredito.

**Eu gozei?**

Minha boceta está encharcada de leite de canela puro e mal consigo mexer minhas pernas que trabalharam dobrado para se contorcerem tanto.

— Miranda… eu estava brincando. — Ele ri sem fôlego deslizando a mão sem tinta por minha coxa, mas interrompo seu movimento. — Não vou te deixar sem…

— Eu gozei — confesso em um sussurro e ele sorri como se eu lhe desse uma poção de elevação máxima de ego.

— Você gozou me masturbando, Miranda? — questiona o óbvio e antes que eu responda flexiona o azul no meu pescoço mais uma vez enroscando sua língua na minha. — Você sabe que isso é uma prova de amor, não é? — diz e eu reviro os olhos com um sorriso. — Também vou provar meu amor e pegar o autógrafo na camiseta daquele maldito jogador — afirmo decidido, mas antes que me largue puxo a gola da sua camiseta branca com minha mão vermelha.

— A única camisa de jogador que eu quero é a sua, mas só se for para arrancar do seu peito — arfo e ele me admira com os olhinhos brilhantes de Amor Sublime junto à promiscuidade me prendendo na sua boca.

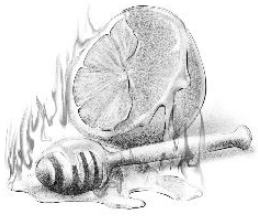
Eu poderia ir a jogos como esse pelo resto da minha vida, mesmo que passasse raiva e quisesse matá-lo, porque no fim ele sempre cede com carinho e afinal… Trevor é o amor da minha vida, o que eu não faria por ele?

**Amor da minha vida…** eu quero uma vida com ele, bem mais do que jogos, festas e reuniões no trabalho, eu quero o pacote completo.

Eu estou afobada? Fui eu quem disse que o amava primeiro e agora estou com essa ideia maluca?

*Ele me pediu em namoro dia vinte e sete… talvez quatro meses seja um bom número.*

46



# Fogueira Sublime

*Dizem que tudo vale*
*No amor e na guerra*
*Mas eu não vou precisar lutar*
*Nós vamos acertar*
*E vamos estar unidos*
***Haven't Met You Yet - Michael Bublé***

## MIA ROSS

Sublime. Adjetivo que qualifica aquilo que dispõe de excelência e perfeição. Acredito que a perfeição pode ser alcançada por todos, mas não vista por todos. O que é sublime para mim, para você pode ser horrendo, depende sempre do ângulo.

**27 de janeiro**

Eu nunca fui a namorada perfeita.

Aquela namorada criativa que passa horas recortando corações a mão e escrevendo papéis de amor encartado não sou eu. Não era eu, mas acredito que tudo depende sempre da pessoa a qual você quer presentear. Quando se ama, não se finge amar com palavras diárias e noturnas em mensagens frias do celular, mas quando se ama *incondicionalmente*, você faz sem pensar. Não se importa com as consequências ou quanto tempo aquilo demorará.

*Você faz porque ama.*

O amor é sofrido ao mesmo tempo e quantidade que é amável. É assim que distinguem o amor da paixão. O amor ultrapassa todas as barreiras e falhas por ser um sentimento tão forte recíproco que se torna incomensurável. A paixão é limitada ao desejo e qualidades atraentes e não consegue vencer as desavenças de um relacionamento.

Eu amo.

Eu sei que amo.

Eu acho que só faria tudo que fiz por ele se amasse. Escutei tanto para todos os lados nesses meses, opiniões ridículas, sobre a minha relação. Críticas e até caçoadas pelo que me submeti a fazer, mas o quê de tão horrendo eu fiz?

*Cedi.*

As pessoas morrem de medo de ceder algo do conforto delas para deixar que uma relação sobreviva. E é por isso que nunca conhecerão o amor, porque no amor você cede sem pensar, por isso dói demais quando se recapitula as atitudes. O amor nos faz cometer besteiras assim como nos faz felizes na mesma proporção.

Porque amar é a melhor coisa que fazemos.

Se você não ama, se não se arrisca por quem ama, então o que está fazendo?

Eu não quero descobrir como é a vida sem riscos, em que eu me importo e controlo cada mínima ação. Porque a verdade é que se pararmos para pensar nos pontos negativos de amar desistimos sem antes pensar em ler os positivos. Assusta e muitos fogem, muitos mesmo.

É por isso que o Amor Sublime é tão diferente dos outros, por ser diferente do comum, é o amor mais perfeito e excelente já criado.

*É por isso que eu vou pedi-lo em casamento.*

É, eu já ouvi mil vezes como isso é incomum, mas também não é incomum ter sido obcecada por ele? Há milhares de pequenas partes do nosso relacionamento que o tornam incomum, mas isso não o torna menos do que qualquer outro e talvez até mais digno.

O significado do casamento para mim é amar incondicionalmente e querer uma vida ao lado da pessoa independente das falhas. Eu nunca me importei muito com o grande significado que faz com que as pessoas surtem com essa união. Para mim é simples, eu o amo e quero me casar com ele vivendo o resto dos meus dias ao lado dele se ele quiser.

Mas é claro que não poderia chegar com uma aliança vagabunda em uma terça-feira aleatória e pedir a mão dele. Eu me planejei, ouviu isso? Eu fiz como ele, me planejei dos pés à cabeça com muitíssimo esforço e consegui fechar a Fábrica por algumas horas para fazer o pedido.

Eu sei que parece ser apenas uma cafeteria fechada em uma sexta à tarde, mas para ele significa o mundo.

Ted está me ajudando desde cedo montando uma mesa só com doces vendidos pela cafeteria e inúmeros tipos de café, agora só basta ligar e trazê-lo até aqui.

*Parece tão simples, não?*

Parece porque não é, já faz mais de uma hora que não consigo contato com ele. Justamente porque não queria conversar e sim apenas que viesse e encontrasse a surpresa, por isso estou pedindo para que o Teodoro ligue para não haver nada suspeito.

— Mia, me disseram que ele está LX Factory — meu melhor amigo me informa depois de muitas tentativas e apenas a Mor atendeu.

— Mas o que ele está fazendo lá? Peça para te encontrar aqui. — Reviro meus olhos já estressada por meu pedido não estar indo como planejado. Já não consegui uma aliança, sou apenas eu, ele, café e palavras bonitas.

*Bom, agora somos eu, Ted, café e palavrões.*

— Ele não quer sair de lá, Mia, eu digo que é você que está pedindo? Se eu disser isso com certeza ele vem — me questiona também não contando a Mor nossos planos.

— Não, eu vou até lá e vou trazê-lo comigo — decido, desencostando de uma das cafeteiras.

Arrumo minhas mangas bufantes com bolinhas pretas no espelho e enrolo mais uma vez as mechas com meu próprio dedo. Retocando o batom

e me admirando pela enésima vez para ter certeza de que estou digna de receber um *sim*.

Ele vai dizer *sim*.

Se eu o encontrar.

# TREVOR WHITE

Sublime. Adjetivo que qualifica aquilo que dispõe de excelência e perfeição. Buscamos a perfeição, mas não queremos lidar com as desavenças que a mesma traz. É difícil demais ser sublime em tudo que faz, é por isso que quase ninguém é. Essa definição se iguala a autenticidade e persistência.

***"Amar não é aceitar tudo. Aliás, onde tudo é aceito, desconfio que há falta de amor."***

Hillary me disse essa frase quando eu estava com preguiça de terminar uma campanha no domingo à tarde. Ela elogiava o homem que a disse, pois acreditava e agradecia pelo mundo ser tão comum e aceitar de tudo para que seres humanos especiais como nós, nos destacássemos. Se todos fossem sublimes, não haveria sublime, *capiche*[32]?

Após aquela lição eu comecei a realmente levar a sério tudo que eu dizia relacionado a amor. Se eu dizia amar meu trabalho, eu teria que fazê-lo com Amor Sublime e isso implica em não aceitar qualquer coisa que o mundo coloca em nossa frente. Aceitar tudo torna seu trabalho mediano e mesquinho.

O Amor Romântico também se dá a partir dessa lógica. Para validar um relacionamento que terá futuro é preciso que o amado te faça evoluir de alguma forma para uma pessoa melhor. Se você aceita seu companheiro exatamente como é, o que ele vai estar evoluindo por você?

O Amor Sublime não aceita amantes que dizem que amar basta e vivem no comum. Esse tipo de amor pede evolução diária e ser adepto a loucuras das mais insanas, porque só assim você aprenderá o que é sentir o amor te guiando para a perfeição. É claro que a palavra perfeito tem significados diferentes para milhares de pessoas, mas para mim um amor

perfeito é aquele que se ama incondicionalmente e se aprende com os erros buscando evolução.

Miranda me ama como eu sou, é verdade, mas ela me fez liberar a minha melhor versão e há uma diferença gritante nisso. Não acredito que as pessoas mudem por ninguém, apenas por si mesmas, mas acho que às vezes elas têm um empurrãozinho.

Ela me faz querer ser melhor e eu evoluo mais a cada dia ao lado dela. Eu amo quem sou com ela e quero passar o resto dos meus dias aprendendo a amar com ela. Não me importando com as desavenças que passarmos, porque essas trabalhamos e resolvemos como fizemos inúmeras vezes nesses últimos meses.

Você aceitaria casar comigo sabendo que não somos perfeitos e isso nos torna perfeitos um para o outro?

Eu te amo por você me deixar mais perfeito do que eu já me cobro ser diariamente. Você enxerga algo melhor em mim e torna missão de sua vida me fazer ver.

*Eu sempre fui o namorado perfeito.*

Me mergulhando em cartas, chocolates de variadas caixas e flores sentimentais. Eu era o cara que ficava horas do dia dos namorados em filas para presentes por amar a data e acabei trazendo isso para a minha vida. Eu sei que ela espera algo grande devido ao meu último pedido e ela terá algo enorme. Não são apenas coisas básicas de qualquer casal.

**Eu fechei a LX Factory.**

Sim, está completamente vazia apenas para nós caminharmos e relembrarmos cada pequenos momento juntos provando dos mesmos sabores e sensações. Separei o menu dos restaurante que comemos, os itens que comprei para ela como a *Orquídea Branca* de macramé e quero refazer a nossa foto na Abelha Plástica. E em meio a alguns músicos locais que estarão tocando baixinho nossas músicas favoritas, eu me ajoelharei e farei com que se sinta a mulher mais amada do universo e implorarei para que me deixe fazê-la ainda mais feliz.

*É lindo, não?*

Seria se ela estivesse aqui para ver, já faz bem mais de uma hora que estou ligando e não atende. Um bom início de noivado, Sr. White.

Morgan, Sarah e Rose estão decorando a entrada com fitinhas azul royal e dourado como se estivesse sinalizando nossa chegada ao mundo de compromisso. Me encosto no poste de entrada e aos poucos escuto os saltos vermelhos baterem no chão.

— Está nervoso, Branquinho? — A loira toca o meu ombro e lhe encaro com meus olhos brilhantes em um misto de Raiva Súbita por ela não estar chegando e Amor Sublime por imaginá-la balbuciando a palavra *sim.*

— Eu? Não… eu me planejei bem — *ou pelo menos essa frase deveria fazer sentido, mas estou sim com o coração na boca.*

— Não se preocupe, ela com certeza não irá resistir e tudo o que está pensando aqui — aponta com a unha vermelha a minha testa —, vai se realizar, confie em mim, pode ser? — Sorri com os lábios pintados e eu lhe dou um sorriso de canto.

— Vai ser minha madrinha? — peço e ela dramatiza batendo a mão aberta sobre o busto como se não soubesse que eu a chamaria.

— Eu? Mas nós nos conhecemos há tão pouco tempo, eu não sei se deveri…

Antes que termine de brincar eu a abraço com toda a força que posso e por mais que esteja acostumada com minhas demonstrações de afeto, se surpreende se calando.

— Nada do que eu sonho e realizo com ela seria possível se você não tivesse cedido meses atrás. Eu não teria investido se não tivesse me apoiado e acreditado que eu merecia mais com ela. — Amacio suas costas e a ouço fungar o nariz agarrando o meu pescoço. — Eu tenho ciência do quanto você abriu mão pela minha felicidade, saiba que eu serei leal a você até o fim do meus dias e nunca me esquecerei do que fez. — Deixo de apertá-la e imponho meu nariz no seu albino respirando o mesmo ar que ela. — Eu te amo, Loirinha — declaro e ela envolve o meu pescoço negando com a cabeça a sensação chorosa que a domina.

— Saiba que te ver feliz com ela vale um milhão de vezes cada um dos meus dias não tão bons por te deixar ir. — Lhe dou um sorriso de canto que ela copia. — Eu também te amo, Branquinho.

— Trevor, segundo minhas fontes ela está na Fábrica! — Morgan nos interrompe e com relutância nos distanciamos um pouco.

— Mas o que ela está fazendo lá sem mim? Peça para me encontr… não, ela vai achar muito suspeito, eu vou até lá e a trago. — Decido de uma vez beijando a testa do meu Amor Leal, dou passos apressados até o carro.

*Maldito café esse que decidiu tomar hoje, Miranda.*



— Trevor, eu sinto muito, ela acabou de sair! — O atendente me faz xingar mentalmente até as pedras da calçada de tanto ódio.

Como assim saiu? Me disseram que ela estava aqui. Miranda, onde você se meteu? Como vou pedir sua mão se não encontro sua mão?

Volto ao carro e a cada segundo que o motor treme à espera que eu dê uma direção mais meu corpo é tomado por nervosismo.

*Não seria amor se eu não estivesse nervoso.*

E se ela descobriu tudo e está fugindo de mim? Eu nunca perguntei a ela se gostaria de casar, o que pensava sobre casamento e se ela for contra? Ou se achar que está nova demais?

São perguntas que martelam minha mente sem parar, mas que não me impedem de continuar. Piso fundo no acelerador voltando a Aldeia Criativa para pensar melhor junto ao resto da minha família o que devo fazer.



Estaciono na vaga em frente e bato a porta do veículo possesso de raiva por nada estar saindo como planejado no dia em que estava planejando há mais de dois meses. Entro mais uma vez nos portões de ferro e as três me encaram com os olhos esbugalhados como se soubessem de algo chocante e ergo minha sobrancelha.

— Eu posso saber qual é a super revelação que fez com que ficassem tão paralisadas? — Bufo guardando o óculos de sol, mas nenhuma delas me responde. — Agora vão fingir que não estão me escutando? Bem adulto e empático com o Trevorzinho que está uma pilha de nervos por encontr…

— Trevor — lábios vermelhos chamam.

— Volte — a Ruivo balbucia.

— Pra Fábrica — boca alcoólica determina.

— Eu acabei de chegar de lá, vocês beberam a vodka da Mor? — Franzo o meu cenho estressado com toda essa confusão.

— Ela veio te procurar aqui, mas voltou, vocês se desencontraram. — Assim que a loira revela meu coração quase salta para fora do corpo. Ela sabe que estive aqui, sabe que eu não faria nada disso à toa, você está fugindo? Ou apenas quer que eu tome mais coragem na cafeína da Fábrica para fazer o pedido?

— Ela disse que ia voltar para a cafeteira? — questiono para ter certeza e as três assentem de imediato me deixando até mesmo tolo.



Oficialmente hoje eu estou sendo feito do meu maior medo:

*Um palhaço.*

Ela sumiu de novo!

Depois de perdê-la pela segunda vez entro no carro com ódio e o *Spotify* inicia sozinho a minha playlist no aleatório.

*Haven't Met You Yet – Michael Bublé*

Melodia romântica que só assim poderia me acalmar, encosto minha cabeça no banco e fecho meus olhos por alguns segundos pedindo para que eu consiga encontrá-la.

**I might have to wait**

*(Talvez eu tenha que esperar)*

**I'll never give up**

*(Eu nunca desistirei)*

**I 1guess it's 1half timing**

*(Eu acho que metade é tempo)*

**And the 1other half's luck**

*(E a outra metade é sorte)*

**Wherever you are**

*(Onde quer que você esteja)*

**Whenever it's right**

*(Quando for certo)*

**You'll come out of nowhere and into my life**

*(Você virá do nada e entrará na minha vida)*

**And I know that we can be so amazing**

*(E eu sei que podemos ser tão maravilhosos)*

**And baby your love is gonna change me**

*(E, querida, o seu amor me mudará)*

**And now I can see every possibility**

*(E agora eu posso ver cada possibilidade)*

**And somehow I know that it'll all turn out**

*(Mas de alguma forma eu sei que tudo vai melhorar)*

**And you'll make me work**

*(E você vai me fazer funcionar)*

**So we can work to work it out**

*(E podemos trabalhar juntos para as coisas funcionarem)*

**And I promise you kid I give so much more**

*(E eu te prometo, criança, que te darei)*

**Than I get**

*(Muito mais do que recebo)*

**I just haven't met you yet**

*(Eu só não te conheci ainda)*

Eu sempre soube no fundo do meu coração recheado de avelã que eu ainda não tinha conhecido o meu Amor Sublime Romântico. Eu me enganei mais vezes do que posso contar, mas quando é com você, parece ser tão fácil, tão leve e… *sutil*. Quando eu te conheci, depois de muito tempo e com um pouco de sorte, eu investi. Não sabendo muito bem o motivo pelo qual eu sentia tanto por você, eu apenas via possibilidades como nunca vi com ninguém. Planos que encaixava sua presença querendo te dar muito mais do que eu já recebi na vida. É engraçado como o amor pode nascer simples como quando toquei sua mão pela primeira vez e sentimos arrepios, mas ser tão profundo a ponto de nos fazer reféns um do outro sem conseguir viver sem.

Eu não vou desistir e eu prometo te dar muito mais do que eu recebo, Miranda. Eu apenas não te *encontrei* ainda.

Antes que eu ligue a chave do carro mais uma vez meus olhos são abertos por pequenas batidas na porta do veículo. *Ah, graças aos céus*. Desço o vidro imediatamente encarando a minha Princesa sorrir ao me encontrar e envolvo seu pescoço nas mãos lhe puxando para um beijo sem pensar em minhas ações. Eu só quero senti-la comigo. Ela apoia a mão no volante e com a outra massageia a minha barba mal feita com o carinho que eu sempre amei receber dela.

— Humm… — ela resmunga descolando nossos lábios. — Onde você estava, homem?

— Onde você estava, mulher? — repito e a faço rir negando com a cabeça.

— Eu gosto dessa música, pode deixar tocando? — pede e eu assinto de imediato, um dos nossos gostos em comum que mais amo com certeza é a música. — Pode descer do carro rapidinho? — brilha os olhinhos de mel molhando a boca. O seu cabelo está tão reluzente, mais cheiroso do que o normal e o vestido de mangas bufantes com bolinhas pretas encanta meu olhar ao ficar nostálgico de quando a conheci.

— Está linda — solto sem pensar e franzo meu cenho com a resposta sem sentido que escapa da minha boca. — Eu posso — corrijo.

— Obrigada. — Ela ri do meu nervosismo e se afasta para me deixar sair, mas manter a porta aberta com a voz do Bublé. — Eu tenho algo importante…

— Eu também — interrompo e ela ergue uma sobrancelha.

— Mas o meu é muitíssimo importante — insiste mordendo a boca. — Mas pode falar primeiro se quiser, eu deixo.

— Ah? As damas primeiro, Srta. Ross. — Franzo meu cenho ofendido e lhe cedo a vez.

— Os cavalheiros primeiro, eu insisto, Sr. White. — Sorri, entrelaçando as mãos suadas de nervosismo.

*O que está a deixando tão nervosa?*

— Eu…

Ela está acanhada demais, então decido iniciar de uma vez antes que eu enfarte.

— Eu quero casar com você! — eu falo.

— Eu quero casar com você! — ela fala.

JUNTOS?

**Nós falamos juntos?**

Esbugalho meus olhos enquanto ela os dela completamente chocada com a coincidência.

**Miranda Ross quer me pedir em casamento?**

Eu fiquei mais de dois meses paranoico tendo a certeza de que ela nem sonhava em usar um vestido branco comigo. Ela não apenas quer casar, mas quer me pedir, ela preparou um pedido assim como eu. *Ela… ela quer casar comigo.*

— Por isso me deixou sozinha na Fábrica! — Mia exclama rindo ao ligar os pontos.

— Por isso me deixou sozinho na LX Factory! — retribuo e seus lábios se entreabrem surpresa pela minha escolha enquanto eu pela dela. — Escolheu minha cafeteria favorita e eu estraguei isso? — Cubro meu rosto em decepção por alguns segundos.

— Mas… mas, Trevor, você quer casar comigo? — *Por que eu não iria querer?*

Eu poderia fazer minha declaração agora, mas não posso perder a chance de aproveitar o fato que a mulher que eu amo quer se declarar para mim.

— Nossa, mas esse é seu pedido? Eu ia ajoelhar e tudo aquilo romântico — brinco e ela revira os olhos ajoelhando aos meus pés com o vestido bufante que arrasta nas pedrinhas.

Meu Deus, ela realmente está com os joelhos no chão por mim, isso… isso… eu nunca recebi nada como isso. Ninguém nunca me tratou como eu trato.

Mia segura minhas mãos e as acaricia como nuvens de algodão com muito carinho. Sorri, ela me presenteia com um sorriso enorme erguendo seu rostinho de mel, jogando seu cabelo que me encanta para trás e molhando os lábios completamente ajoelhada por mim.

— Trevor — chama com a voz valente que me faz franzir as sobrancelhas lisonjeado.

— Miranda — retribuo, puxando o máximo de ar em meu peito para continuar respirando e aperto com força seus dedos delicados.

— Trevor, você cuida de mim quando eu preciso e não preciso, você me exalta quando eu não me enxergo, você coloriu a minha vida quando eu só conseguia ver cinza, você me faz sentir um turbilhão de emoções quando

eu achei que isso não existisse. Você é minha pessoa favorita, Ursinho, eu quero viver todos os meus dias ao seu lado… quer casar comigo?

Cada letra de cada sílaba, de cada palavra, de cada frase, de cada parte dessa declaração me invade profundamente. Nunca foi um trabalho para mim cuidar dela e sim uma necessidade minha de querer seu bem-estar acima de tudo e todos. Exaltá-la é apenas transferir os elogios que minha mente transborda a cada vez que a vejo. Sua vida não tinha cor? A minha havia parado no tempo antes de te conhecer, eu vivia amarrado a algo que foi embora há anos por medo. Um medo que você me fez enfrentar por sentir esse turbilhão junto comigo e ser incapaz de nos deixar cair no esquecimento do passado.

— Pode pensar se quiser. — Morde a boquinha de mel suando um pouco meus dedos nervosa pelo meu silêncio e eu tiro sua ansiedade com um sorriso em meus lábios.

— Eu nunca precisei pensar para ter certeza com você, Princesa. — Arranco seu corpo do chão e envolvo seu pescoço apenas para sentir seu cheirinho de limão e mel, porque não quero beijá-la ainda. Mesmo que ela imponha o rosto me implorando por isso, me afasto. — É minha vez — informo e ela sorri de orelha a orelha assim que seguro suas mãos macias ajoelhando aos poucos nas pedrinhas por ela.

Eu admiro.

Admiro a mulher lindíssima que está tão feliz quanto eu em se sentir retribuída e abro a caixinha de veludo com o anel que troquei seis vezes até achar digno dela. Não poderia ser diferente, eu escolhi o Quartzo de Limão, porque ela sempre foi o mel que me adocica. O jeito que seus lábios erguem, uma felicidade chega a ser como um refresco após uma longa caminhada sem fim no deserto. Eu nunca tive dúvidas com ela, essa é a verdade, eu me apaixonei perdidamente assim que a toquei. O amor à primeira vista que eu não quis admitir na época. Talvez não fosse a quantidade de sentimento que sinto agora, mas já era amor. Eu nunca me atraí tanto por pequenos detalhes de ninguém, os resmungos, o cheiro, as roupas e manias como eu me atraio pelos dela. Não foi difícil admitir que gostaria de passar toda a minha vida ao seu lado e isso me faz ter mais certeza ainda.

Dizem que sentir borboletas no estômago é sinal de uma paixão avassaladora e sentir a calmaria e conforto de uma praia é sinal de um amor eterno.

— Miranda, o amor não é algo fácil, você mesma sentiu as barreiras dele comigo, mas saiba que não importa o que nos aconteça. Eu não desistirei de te amar e eu juro nunca te dar menos do que você merece. Não importa o quão quente nos queimem, a nossa *Relação de Fogo* estará pronta para ferver os carvões em nosso caminho, porque não há temperatura no mundo que incendeie o nosso Amor Sublime. Eu quero que seja a primeira que eu vejo quando acordo e a última que deixo de enxergar quando durmo. Eu quero sentir o seu cheiro de limão e mel todas as minhas manhãs, tardes e noites pelo resto da minha vida, não por amar o aroma, mas por ele ser seu. Você me faz sentir intensamente a minha vida e eu só quero essa intensidade contigo. Quer casar comigo, Princesa?

Meu peito arqueja não pela falta de fôlego com a dúzia de frases que fiz e refiz em minha mente milhares de vezes até esse dia, mas pela ansiedade. Eu sei no fundo do meu coração recheado de avelã a resposta, mas ouvi-la afirmar a certeza de que me ama a ponto de aceitar ser minha noiva, essa sensação domina todo o meu corpo à espera.

— Sim, Sr. Perfeito White, eu caso com você. — Esbanja um sorriso brilhante ao assentir tanto com a cabeça com os olhos fechados que antes que volte a realidade, eu levanto e a puxo para bater contra o meu peito. Suas mãos abertas tocam o meu peitoral e eu me inclino para esquerda enquanto ela para direita torturando nossos lábios que desejam um ao outro. Respirando, ofegando, arfando com nossos olhos semicerrados apenas o suficiente para nos enxergar. Envolvo seu pescoço com minhas duas mãos, imponho meu nariz ao seu e suspiro sobre seu rosto.

— Sim, Princesa de Limão e Mel, eu caso com você — declaro e corto seu sorriso com um beijo intenso.

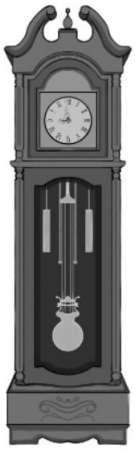
*Intensidade de uma obsessão.*

*Intensidade de uma fogueira.*

*Intensidade de uma palavra sublime.*

*Intensidade de uma* ***Relação de Fogo****.*

*Fogueira Sublime.*



47

# Acasalamento Polar

*O médico diz que eu fui diagnosticado*

*Com dias de merda*

*Mas eu vou ficar bem*

*Porque você é meu analgésico*

***Painkiller - Ruel***

## TREVOR WHITE

Tempo. Duração relativa das coisas que cria no ser humano a ideia de presente, passado e futuro. Palavra que pode ser intensa e simplória simultaneamente, tudo depende do valor concedido. A linha temporal não para e se você parar estará perdendo o fio da meada.

**28 de janeiro**

Nós somos como ursos polares, a paquera entre esses animais é feita por um jogo de sedução em que se provocam com roladas e corridas, mas só até se apaixonarem e acasalarem em um lugar tranquilo.

Nós rolamos um em cima do outro pela casa inteira e agora com o frio da matina, o quarto destruído, apenas com um lençol que nos enrosca um no outro, acasalamos com tranquilidade. Eu me enrosco na minha mulher e ela em mim como se fôssemos uma parte só. Uma de suas pernas lisas e macias envolve meu quadril, enquanto uso meu joelho para provocar sua calcinha ainda mergulhado nos seu busto fazendo dos seus peitos um travesseiro. O cabelo dela desmancha fios que grudam sobre sua testa e enrolam em sua boca mostrando o quão dorme sem se importar com o estado que a deixei. Eu a vejo como uma digna princesa dopada de realeza despojada.

*Essa linda princesa é minha noiva.*

Amacio a pele de suas coxas sentindo a fervura e o cheiro do seu hidratante penetrar em meus dedos enquanto dou beijos demorados em seu pescoço. Mia se remexe um pouco com resmungos e abre os olhos o mínimo possível apenas para sorrir ao me enxergar agarrando-a. Envolve meu pescoço com seus braços fracos pelo tamanho *Acasalamento Polar* e impõe os lábios nos meus para um beijo demorado e preguiçoso.

— Bom dia, Princesa — murmuro e ela desliza o nariz brincando com o meu sonolenta. — Ou devo dizer… Bom dia, Mia Noiva. — Dou um largo sorriso e quando acho que vai revirar os olhos, me engano, ela sorri e me beija com inúmeros selinhos.

*É… noiva deu um toque especial?*

O jeito como segura o meu rosto com tamanho cuidado e carinho me apaixona, os movimentos circulares na minha barba e queixo mostrando tranquilidade. Eu a rolo pelo colchão nos esfregando mais uma vez a fazendo sorrir até que a prendo sob meu peito. Mia ergue o braço no alto abrindo bem a mão para admirar o meu anel e sorrio, deitando ao seu lado para admirar junto. Ficou incrivelmente perfeito na sua mão.

— Parece ter uma pequena luzinha verde dentro, não acha? — questiona, tocando com a pontinha do indicador como se fosse um vagalume.

— É quartzo de limão — explico alisando seus dedos.

— Humm…

— Porque você é o mel adocica — declaro e Mia entreabre os lábios surpresa com o meu carinho e me enche de selinhos.

— Aaah… Trevor, eu amei — fala baixinho entre meus lábios.

— Amou? — digo, massageando seu cabelo.

— Uhum — resmunga e eu seguro sua mão beijando a pedra limão. — É muito chamativa, vão falar que eu te dei o golpe do baú — brinca e eu reviro os olhos.

— Toda vez que insinuam que está comigo por dinheiro eu me sinto um velho de oitenta anos, Miranda.

— Você ainda seria gostoso — elogia promíscua e eu mordo sua boca. — Eu quero que chame a empresa, inteira até aquelas redatoras. — *Já está começando as ordens que estou gostando de obedecer para ser bem sincero.* — Eu quero que elas me chamem agora de *prostituta de luxo* por caminhar até o altar no meu vestido bufante.

— Ah. — Me choco, escapando uma risada e puxo sua cintura. — Então já está pensando no seu vestido? E nos convidados?

— Sim… — murmura, abaixando o olhar. — Você acha bom esperar um ano, não é? — Se acanha entrecortando a voz e eu rio, a fazendo ficar confusa.

— Miranda, por mim eu casava com você amanhã, não vou esperar um ano — digo e ela dá um sorriso gigantesco puxando o meu pescoço para um beijo demorado.

— Humm… poderíamos dar pão de mel de lembrancinha.

— E o bolo seria de creme Ninho com Nutella?

— Tudo no azul royal e dourado?

— É, eu iria querer ir nessa festa — brinco e ela ri aquecendo o meu coração por estar tão animada.

— Está vendo como é fácil? Já decidimos cores, bolo e lembrancinha em uma única conversa.

— Se fosse difícil eu estranharia — afirmo, acariciando suas bochechas. — Miranda… eu gostaria de ir à igreja — confesso o que foi meu monólogo noturno.

Não que eu tivesse pensado demais nisso… talvez eu tenha, mas por querer que *ela* estivesse no meu casamento. Ela seria a primeira pessoa a

qual eu contaria e estaria arrumando minha gravata que com certeza estaria desarrumada. Me consolaria quando eu surtasse e diria que estou fazendo o certo.

— Você tem religião? — questiona, mergulhando os dedos no meu cabelo.

— Não — respondo de imediato. — E você?

— Também nunca me identifiquei com nenhuma… por que quer ir? — Ergue uma sobrancelha.

— Eu quero falar com a Hills — confesso, sem mais esconder meus pensamentos e percebo o quão maluco isso saiu da minha boca. — Isso saiu meio insan…

— Não, Trevor, a igreja é o único lugar em que você pode falar sozinho que ninguém te critica. — *Sábia frase.* — Gostaria que eu fosse com você e esperasse no carro até terminar? — pergunta com beijinhos no meu rosto inteiro.

— Eu gostaria. — Lhe dou um sorriso de canto pelo carinho e apoio.

*Nosso primeiro dia de noivado está indo muito bem.*



Não é como se eu tivesse sentado em um banco de igreja… certo, eu realmente nunca vim a uma igreja, quem dirá me sentar nos bancos. É uma construção muito bem iluminada, decorada e ambientalmente falando, matrimonial.

Estou há alguns minutos sem saber como começar, mesmo que não haja ninguém nesse espaço sagrado hoje para me julgar. Por onde eu começo?

— Hillary, eu vou me casar.

Isso saiu péssimo, ela deve estar me criticando, continue…

— Eu conheci uma mulher maravilhosa que sei que você provavelmente teria odiado se conhecesse. — Reviro meus olhos lembrando das altas críticas dela com qualquer mulher que me relacionasse que não fosse a Sarah. — Mas por ela, eu te enfrentaria.

*Isso, mostre a ela que desafia sua autoridade, imbecil.*

— Eu te respeitaria o suficiente para conversarmos sobre ela se quisesse e mesmo sabendo que odiaria tudo isso. Eu gostaria que estivesse lá, você… você foi a mãe que eu nunca tive em tão pouco tempo e eu me apeguei a você. Eu sei que não é algo que seja sua culpa, tenho que arcar com a responsabilidade de cuidar dos meus sentimentos, mas você não iria querer me ver? Não iria querer me ver casando?

Já não me importo mais com o silêncio e o quão alto minha voz está, pode ser que de acordo com essas religiões ela está ouvindo.

— Se eu fosse a noiva pediria a você que me levasse até o altar, entende? Você entende a gravidade disso? Você seria a pessoa que confiaria para não cair diante da maior caminhada da minha vida. Foi você quem moldou esse homem que ela ama e não vai estar lá para ver ele crescendo?

Não há nada que me pare agora com meu peito arquejando, isso… isso… está funcionando mesmo?

— Isso não é justo. Ter investido tanto em mim e no fim, eu não poder estar ao seu lado em cada mísera conquista. Embora no fundo eu saiba que não me acha digno de nada de grande porte. Você escolheu a Sarah para cuidar do seu maior patrimônio, o que me fez querer ser incrivelmente melhor que ela para poder me superar. — Bebo um gole da garrafa que Mia deixou comigo. — Eu me tornei o melhor diretor criativo dessa região, senão do país, e você sabia que isso aconteceria, mas deu a chance a ela. E agora eu já nem lembro mais o por que estou aqui.

Coloco minha cabeça entre meus joelhos e antes que eu possa desistir completamente sinto os dedos de mel acariciarem meu cabelo. Eu ergo meu olhar por perceber que foi mais tempo do que imaginava e ela massageia a minha barba.

— Já passamos da hora, não? Me desculpe te fazer esperar tanto. — Tento me levantar, mas ela me empurra de leve sobre o banco.

— Hoje não temos trabalho, podemos ficar aqui até a madrugada. — Me sugere sentando ao meu lado, mas não é mais algo que quero fazer. — O que estava dizendo a ela? — Mia questiona cruzando as pernas encarando as decorações que alguns minutos atrás era eu a admirar.

— Não é algo importante, já faz muitos anos…

— Eu gostaria de saber. — Insiste e eu bufo encarando-a, mas cedo por não querer mais discutir isso e muito menos voltar aqui.

Meu peito já quer jogar o coração para fora, meus pés já estão formigando há uns minutos e minha cabeça quer explodir por ter que pensar nessa pressão do luto mais uma vez. Por que não poderia se casar quieto? Sente essa necessidade absurda de querer a aprovação dela. Ela te deu a fortuna, já não basta? Minha boca seca, meus olhos fervendo de Raiva Súbita e minha respiração anormal me dizem que não. Para quê esconder? Conte a ela.

— Não é justo que ela não veja o que me tornei, Miranda, ela não achava que eu seria capaz de ser um adulto responsável como a Sarah é no trabalho, mas eu sou. O casamento mostra maturidade e ela não vai estar aqui para que eu a faça mudar de idei…

— Ursinho, por que você acha que ela pensaria que não é capaz de algo? Ela sempre te exaltou pelo o que eu sei — me interrompe, erguendo as sobrancelhas.

— Ela não achou que eu fosse capaz de algo maior como a Sarah, ela escolheu e me deixou como segundo plano. Eu não sou criança, sei que uma escolha precisava ser tomada, mas então foi isso, entende? Todas as campanhas, os conselhos, noites sem dormir, até o maldito relógio que não funciona eu limpava querendo a aprovação dela! — Descarrego sem mais me importar com nada além do que sinto e ela franze o cenho. — O que foi, Mia? — Bufo tentando recuperar o fôlego.

— Por que ela guardava um relógio quebrado? — questiona e eu nego com a cabeça como se a pergunta fosse tola devido ao meu surto, mas a respondo.

— Ah, ele nem sempre esteve quebrado — explico, amaciando minha própria nuca na tentativa de trocar a temperatura.

— Se lembra quando quebrou?

— Miranda, por que isso é importante? Não é como se fosse mudar algo que ela sent…

Inclino minha cabeça para esquerda perdendo minha fala completamente quando encontro sentido em sua fala. Ele funcionava sim, deixava o tempo passar as estações dos meus momentos com ela. Uma vez até quando bêbado cheguei a achar que ele teria me congelado na época em que estava viva, porque ele quebrou depois.

— Ele estava funcionando quando ela estava viva — sussurro para mim mesmo e Mia se aproxima me encarando como se eu pudesse surpreendê-la a qualquer instante.

— E parou quando ela morreu — completa.

— A última conversa que eu tive com ela foi sobre a empresa, o que eu faria com a empresa se fosse minha, eu me lembro da minha resposta, foi ótima, mas não o suficiente. Foi a última vez que vi o relógio funcionando. — Lembro-me suando as mãos a cada segundo que penso.

— Trevor — chama como se me tirasse da bolha do passado.

— Ele não parou por acaso — concluo.

— Não mesmo — ela murmura com um sorriso e me arranca do banco com uma força inimaginável.

— Miranda! Pode ser que não seja nada ou pior que seja ruim. — Travo meu movimento e ela se aproxima de mim contornando meu rosto com as mãos em formato de concha.

— E você não quer saber? — questiona, me amassando como se transferisse força. — Nem se ela quisesse que soubesse?

— Se ela quisesse, eu não perderia tempo — falo baixinho e ela puxa meus lábios para um pequeno beijo.

— Então o que ainda estamos fazendo aqui? — Dessa vez sou eu quem copio seu sorriso, mesmo sabendo que posso me decepcionar profundamente.

*Você nunca fez nada por acaso.*



O relógio é altíssimo, bem construído, recheado de quartzo e madeira antiga com grandes ponteiros que cronometravam minhas ações até pararem. Estou dando atenção demais a um simples contador de horas, quando sei que pode simplesmente ter chegado a sua data de validade.

Mas eu não posso decepcionar a minha noiva e na verdade… não decepcionaria você se achasse que eu deveria fazer algo aqui.

Encaro os olhos de mel que brilham para mim mais uma vez apoiando cada segundo de atitude minha e me estremeço. Meu corpo tem essa reação assim que toco o vidro que protege o grande objeto por sentir a poeira. É uma crosta enorme de poeira, não apenas no vidro, mas quando abro, há crostas e crostas de poeira em que não paro de enfiar minha mão. Retiro os tufos enormes fazendo força para não espirrar e mostro a Mia que está completamente vazio, até mesmo os ponteiros estão intactos sem nad…

Estão completamente intactos, não há rachaduras ou até mesmo ferrugem, apenas pararam por um… enfio mais minha mão forçando para girar por completo no sentido horário quando sinto sangrar com uma ponta afiada.

— Trevor! — Mia se aproxima de mim e tenta tirar meu braço dessa busca, mas já não é mais uma busca perdida.

É algo branco, parece uma pedrinha ou uma bolotinha branca que está ocupando a engrenagem dos ponteiros e faz com que parem. Enfio com toda a minha força e precisão conseguindo segurar, seja lá o que for, e coloco sobre a mesa. Mia ergue a sobrancelha completamente decepcionada e eu me sento na cadeira dela que hoje é vermelha com um bufo alto.

— Quer ver você? — Sorrio caçoando dela por ter nos levado a uma causa perdida.

— Ah, é uma pedra bonitinha. — Ela segura nos dedos, mas amassa, não é uma pedra, isso é papel.

**Papel?**

— Miranda, me dê isso — peço e ela me entrega imediatamente para que eu desvire e abra. São inúmeras camadas que não param de se abrir criando um papel digno e maior, mesmo que imundo.

Termino de abrir elevando no alto e não há nada, apenas papel branco sem nada escrito, deixo de segurar em frente a ela e abaixo quando a encontro boquiaberta.

— O que foi? Não tem nada escrito. — Miranda desvira o papel que apenas ela conseguiu ver e coloca em frente ao meus olhos.

**WM**

Meu corpo inteiro entra em puro estado de choque. Não há como respirar muito, o fôlego foi perdido há tempos e cada célula do meu organismo apenas se paralisa com as iniciais. Não querendo acreditar no que minha mente tem certeza absoluta que é, mas que contrariou por diversas vezes assim como há minutos atrás. Ela não me quis aqui, não quis que eu fosse o chefe, não achou que eu fosse cap…

— Isso é…

— White Mídia — completo.

*Hillary não me achava incapaz, ela apenas achava que esse não era o meu lugar.*

*Ela sempre disse que eu era… melhor.*



THOMPSON MÍDIA

**Cinco anos atrás.**

Os meus neurônios poderiam fritar só com o olhar de puro poder e deboche dessa mulher. Toda vez que ela me encara assim eu me sinto a pessoa mais burra da sala inteira e isso que ela não disse nem uma única palavra ainda. Os casacos de pele criam volume sobre suas costas e os óculos de sol mergulham em seu cabelo quando ela junta as mãos acima da mesa.

— Sabe por que todas as calças masculinas têm bolsos e as femininas não dispõem ou são falsos? — interroga e eu franzo meu cenho imediatamente sem entender qual é o intuito da pergunta, mas engulo em seco abrindo minha boca para responder. — Porque o mundo quer que as mulheres comprem bolsas, Trevor.

— Achei que era porque seria tarefa minha segurar as coisas — confesso com um riso nasalado.

— Bom menino. — O elogio me faz sorrir como uma criança recebendo uma cesta de chocolates, quando somos interrompidos por batidas na porta.

— Hills, está pronta para a seção? — A voz determinada e mandona domina a sala.

A minha mentora franze as sobrancelhas encarando a mulher ousada e vira o relógio de pulso.

— Ainda faltam cinco minutos, Veronica — informa, lançando o olhar que me faz tremer, mas não assusta a ela.

— Sou muito competente, Thompson, faço muito em cinco minutos. — Rebate e a mulher que admiro com todas as minhas forças e respeito me encara.

— Eu vou, eu vou agora. — Me enrolo nas palavras e sorrio para a terapeuta.

— Futuro Sr. White — brinca, exalando o cheiro forte de seu cabelo castanho ao bater os saltos no chão de mármore.

— Srta. Sales. — Me despeço, lisonjeado pelo apelido.



Nem tudo que você ouve, lê ou deduz é verdade, acredite em mim, até mesmo açúcar parece ser sal.

FIM


SUPER DRAGÕES 1986
ATÉ MORRER
nutella

EM BREVE

# FIRE AFFECTION

# AGRADECIMENTOS

Satisfação, Princesas e Diabéticas, sejam muito bem-vindas ao pós-fire com grande predisposição a uma longa ressaca literária.

Primeiramente, eu gostaria de sempre agradecer a mulher mais dramática e amante do próprio trabalho que habita dentro de mim.

Esse não foi um livro fácil de se escrever como “Fire Obsession” que escorreu da minha mente como sorvete de creme. Por mais que estivesse no meu conforto com minhas analogias gastronômicas, cenas dramáticas e principalmente o meu Trevor, foi uma experiência completamente… destrutiva, por assim dizer.

Antes de escrever “Fire Relation” eu era uma autora que amava brincar com situações bobas e transformá-las em tempestades, e não se engane eu ainda amo, mas não é mais a mesma sensação. Eu nunca havia sentido medo de fazer minhas leitoras chorarem, porque isso nunca me impactou (isso soa egoísta, não? Desculpe, é o Thomas falando). Ao mergulhar em Londres com o meu Ursinho Diabético, pela primeira vez na história dos meus parágrafos lambuzados, eu tive medo. Dizem que os personagens têm vida própria e eu nunca neguei isso, é verdade, eles nos controlam, mas eu nunca ouvi dizerem que uma autora teve medo de fazer seu personagem sofrer. Eu me vi trocando o meu roteiro perfeito há mais de um ano, por não querer fazer o meu Trevor sofrer mais do que já tinha se traumatizado.

Eu disse para mim mesma:

“Chega, ele não merece isso, eu não posso fazer isso, ele… ele já sofreu demais e eu não vou fazê-lo reviver isso mais uma vez.”

Foi aí que pela primeira vez na vida, eu escrevi parágrafos que tive que apagar. Eu estava com tanto medo de senti-lo sofrer mais em meus dedos que quis terminar antes e teria terminado pela minha teimosia se não fosse a minha melhor amiga. Uma garota sincera que nunca me exaltou

quando eu realmente não mereci. Ela leu aquelas palavras do *Programa Londrino* e disse:

“Eduarda, isso não é seu.”

Imediatamente o meu corpo criou quarenta defesas para que o Trevor não precisasse sofrer e como eu estava certa em fazer o que estava fazendo… até que eu mesma me perdi na mentira como a Mia.

*Eu estava protegendo ele.*

Então, eu percebi o quanto eu amo incondicionalmente o meu personagem a ponto de querer poupá-lo. Então, eu percebi, chorando naquela madrugada junto a ela, o porquê de eu não ter desistido após inúmeros transtornos nessa minha carreira tão curta e promissora.

Eu nunca vou desistir, porque faço por ele.

Eu nunca fiz o Trevor por mim, e sim, por ele.

Eu sempre perguntei a ele se algo estava digno e por ele eu sabia que nunca deveria parar de fazer o que faço. Porque, exibido do jeito que Trevor é, sabe o quão meio mundo é apaixonada por ele.

Eu não saí a mesma desde a última modificação no *Docs*, e podem ter certeza que em “Fire Affection” também não serei, mas é como a Hillary sempre disse ao Trevor. *“Você é melhor.”*

Eu vou ser ainda melhor.

Agora, vamos parar de marejar os olhos com experiências passadas e fazer desse texto o que ele realmente é: Agradecimentos… espera, deixe passar a parte da Juliana, porque aqui será uma grande declaração.

Eu gostaria de agradecer à minha melhor amiga, Juliana Otelo, chamada também de Julian, *best friend forever everybody*, acortana e meia. Julian, você sabe, você tem ciência de tudo que fez por mim nesse lançamento, mas eu preciso escrever isso mesmo que vá chorar. Eu não teria terminado esse livro sem você, eu afirmo sem ter sombra de dúvida isso. A quantidade de surtos inimagináveis que eu tive foram incontáveis e de intensidade louca, você mesma viu o quão eu posso ser obscura, mas você não fugiu. Você nunca fugiu de mim. Nem conhecendo meus piores segredos como o episódio do banheiro de guarita e meus melhores benefícios como poder comprar o que desejar no mercado. Você me ama

incondicionalmente lealmente e só alguém assim poderia viver ao lado de uma autora tão nova, dramática e surtada como eu. Me perdoe por te apresentar aos problemas desse meio literário, você não merecia sofrer nem uma grama de Nutella e muito menos por minha causa. Mas eu fico feliz acima de tudo por ter te ensinado o quanto as pessoas podem ser más. Um dia, Julian, que não está tão longe agora, não é? Estaremos morando juntas e você poderá me abraçar mais vezes pessoalmente do que agarrando a tela do celular. Uma vida que você vai dividir comigo, com meus defeitos e perfeições que eu sei que ama. Eu não posso me estender mais aqui, você sabe, mas queria apenas que soubesse o quão falar com você todos os dias me faz uma pessoa melhor, mais feliz e eu sou completamente leal a você. Obrigada por não me deixar proteger o Trevor, sabemos que ele precisava disso para ser melhor. Eu te amo, Julian.

P.S.: Até minhas leitoras te amam.

Agradeço à Mari Vieira, minha assessora, por sempre me proteger e acima de tudo me ensinar a ser uma autora melhor a cada dia. Eu sei o que fiz para merecer você? Não, mas pode ter certeza que só te darei mais orgulho.

Agradeço à Andréia Maravilhosa White Idalgo, minha revisora, que me trata com muito carinho, não tem medo de chorar em meio às correções e aceita o meu estilo louco de escrita.

Agradeço à Senara, minha capista, a mulher não para de me surpreender com esse talento.

Agradeço à Fabi, minha social media, que recheou esse lançamento de postagens com a minha essência, nunca desistindo de me agradar sempre ao máximo. Obrigada pela linda caixinha da Sarah para todas e não ouse desistir, você tem um talento incrível.

Agradeço à Carol, minha fiel leitora de anos e dessa vez minha beta, você me fez continuar entre as madrugadas dramáticas no Wattpad, com textos intensos que só alguém realmente amante de Fire poderia escrever. Você fez desse livro, um calhamaço melhor.

Agradeço à Gabriela, minha fiel ilustradora desde 2021, lambuzando meus personagens de tinta e Nutella com muitíssimo carinho e dedicação.

Agradeço à Vitorinha, minha Princesa, que por mais que me deixe louca de várias emoções, eu não consigo viver sem. Uma linda influenciadora que tem os resmungos mais fofos do mundo e é extremamente leal a mim. Eu quero te ouvir cantando *Complicated* e usando camisa branca nesse diário de leitura. Obrigada por ser capaz de me tirar da zona de conforto, acredite, apenas você tem esse poder.

Agradeço à Fran, minha *Franboesa*, que vem se provando mais leal a mim a cada dia. Uma mulher forte, linda e independente que eu admiro e agradeço por se preocupar tanto comigo. Faça desse livro uma música na sua balada luminosa e não esqueça de se lambuzar de Nutella. Fire é mais amado por você e ah… *você me ganhou no olá.*

Agradeço à Fabi, minha artesã, que vem dando vida aos meus personagens nos bonecos mais lindos desse universo sublime. Você tem um talento incrível e sempre está me ajudando em tudo desde que te conheci, obrigada por não desistir de mim.

Agradeço à Thalya, minha assistente virtual, que só falta enlouquecer com a minha falta de organização, mas sei que no fundo ela me ama demais e só quer o meu bem. Eu quero ver você brilhando nesse meio literário e vou fazer questão de ajudar.

Agradeço à Isa, a minha Refúgio, que vem se aproximando a cada dia mais de mim e tem me feito gostar mais da Alemanha por fotos em bibliotecas. Obrigada por quilos de vídeos incríveis, saiba que mais leitoras conhecem Fire por você.

Agradeço à Genevieve, minha amiga autora e diagramadora, que além de ceder seu tempo precioso para ajudar essa obra a ficar linda aos olhos do Kindle, também cedeu seu Rodrigo para nós um pouquinho.

Agradeço à Isa White, minha leitora árdua, seus vídeos, áudios e mensagens de carinho ficarão guardados no meu coração para sempre. Eu te amo por amar tanto Fire e a mim.

Agradeço ao Eduardo, meu namorado, que só pode ser mesmo um anjo (como o Chris Lauden) para aguentar namorar tanto tempo com uma autora nacional tão ocupada e loucamente apaixonada pelo próprio personagem. Obrigada por se orgulhar de mim toda vez que fala minha

profissão, eu te amo. Nossa, eu juro que dessa vez é sério, vou te dar mais atenção!

Agradeço a todas as integrantes da minha Família Limão e Mel, vocês fizeram desse lançamento incrível para mim. Por todas as mensagens de ansiedade, milhares de conversas sobre Fire que travam o grupo, por imprimirem ilustrações e mandarem fotos de doces todos os dias. Vocês me fazem querer continuar trazendo calhamaços dramáticos a esse mundo.

Agradeço à Luísa, minha leitora, pela Piada White intitulada sintoMIA.

Agradeço ao Original Burger, Las Quecas Estrogonofes por me manterem alimentada e ao Red Bull que me manteve acordada nessas noites.

E, finalmente, agradeço a mim mais uma vez porque como eu mereço dormir por horas em sonhos de Nuvens Avelã após páginas e páginas de drama escritas em tempo recorde. Eu me amo mais hoje por poder trazer o turbilhão de emoções a todas vocês leitoras desse texto. Você viu o quanto é capaz agora? Caso não, a Juliana vai te dizer mais umas trocentas vezes. Esse é seu segundo livro gigante, veja as grandes mudanças desde o primeiro e encontrará sua força de vontade, resiliência e lealdade estampadas. Fire Obsession está há mais de cinco meses nos mais vendidos da Amazon Kindle BR, como se sente? Ah, bem exibida como o Trevor.

*Dramaticamente,*

**BRITS.**

---

[1] **Fantasiar de madeira:** referência a uma fantasia que Mia usou no conto Fire Christmas.

[2] **TOC:** Transtorno Obsessivo-Compulsivo é um transtorno psiquiátrico de ansiedade que tem como principal característica a presença de crises recorrentes de obsessões e compulsões.

[3] **Porras:** é o mesmo que “churros” no Brasil.

[4] **Christian Grey:** personagem que protagoniza a trilogia de sucesso “Cinquenta Tons de Cinza” de, E. L. James. CEO de sucesso, uma de suas características é encher de presentes caros a sua amada, Anastácia Steel.

[5] **MasterChef:** é uma franquia televisiva de competição de culinária criada por Franc Roddam, que se originou com a versão do Reino Unido em julho de 1990.

[6] **Suits:** série de TV norte-americana, criada por Aaron Korsh e estrelada por Gabriel Macht e Patrick J. Adams; mostra situações jurídicas bastante sérias, mas que unidas a acontecimentos hilários a torna ainda mais interessante. A abordagem inovadora, ainda ausente em séries de televisão, revela o cotidiano dentro do escritório, com as diversas diferenças entre os personagens que trabalham no local.

*[7]* **How I Met Your Mother:** ou "Como eu conheci sua mãe" é uma série de comédia que se passa no "passado". O protagonista Ted Mosby (**Josh Radnor**) narra ao seus filhos, do ano 2030, os eventos que o levaram a conhecer a mãe dos meninos.

[8] **Síndrome de Estocolmo:** quando a vítima de agressão, sequestro ou abuso desenvolve uma ligação sentimental ou empatia por seu aproveitador.

[9] **Falsete:** o mesmo que registro vocal ou voz mais aguda que a normal.

[10] **SIA:** *Sia* Kate Isobelle Furler é cantora, compositora e produtora. Iniciou sua carreira em meados dos anos 90 em uma banda de *acid jazz* chamada Crisp. Permaneceu na Crisp até 1997, quando a banda encerrou as atividades. Sia então decidiu partir para a carreira solo, lançando seu primeiro álbum, OnlySee, em 1997.

[11] **Rodrigo:** personagem do livro "Uma aposta irresistível", da autora nacional, Genevieve.

*[12]* **Lei Maria da Penha:** (Lei nº 11.340/2006 – no Brasil) define que a violência doméstica contra a mulher é crime e aponta as formas de evitar, enfrentar e punir a agressão.

[13] **Culhões:** são os testículos em linguagem chula. O termo também é usado no sentido de ter coragem para fazer algo.

*[14]* **Love:** (Love Quinn) personagem da série de tevê, *You*, interpretada pela atriz Victoria Pedretti.

[15] **Trufa Mezzo:** trufa de chocolate ao leite e chocolate branco com recheio de trufa ao leite e branca, vendida nas lojas Cacau Show.

[16] **Champô:** o mesmo que xampu, no português de Portugal.

[17] **TEPT:** transtorno de estresse pós-traumático.

[18] **Nutella b-ready:** é uma deliciosa casquinha de wafer crocante recheada com Nutella e com flocos crocantes de trigo.

*[19]* **Bodyshot:** é uma brincadeira que é muito comum nos Estados Unidos, e consiste em tomar uma dose (um shot), geralmente de tequila, no corpo de outra pessoa.

[20] **Misógina:** vem de misoginia, palavra usada para definir sentimentos de aversão, repulsa ou desprezo pelas mulheres e valores femininos.

*[21]* **Hétero top:** o *hétero top* é, basicamente, aquele indivíduo que tem a necessidade de mostrar para a sociedade o quanto ele é *hétero.*

[22] **Traqueostomia:** a traqueostomia consiste na abertura cirúrgica da parede da traqueia, com possibilidade de passagem do ar entre o ambiente e os pulmões sem passar pelas vias aéreas superiores.

[23] **Eufemismo:** é uma figura de linguagem, ou de pensamento, caracterizada por suavizar a informação de um enunciado. Portanto, é usado, principalmente, em contextos formais ou nas situações em que o enunciador pretende ser agradável, preocupado em não ofender interlocutores ou ouvintes.

*[24]* **Mark Sloan:** Mark Everett Sloan, M.D., F.A.C.S. é um personagem fictício da série de televisão de drama médico da ABC, Grey's Anatomy, interpretado por Eric Dane.

[25] **Naveen:** ou Príncipe Naveen, é o deuteragonista do filme de animação, A Princesa e o Sapo (Walt Disney Studios, 2009). Ele é o príncipe da Maldonia.

[26] **Tiana:** é a protagonista do filme de animação A Princesa e o Sapo (Walt Disney Studios, 2009). No início do filme, ela é uma garçonete de um restaurante que vive no bairro francês de Nova Orleans durante a Era do jazz.

[27] **Lottie:** *Charlotte* "Lottie" La Bouff *é* uma bela *e* extravagante sulista, a filha de rico Eli La Bouff *e* melhor amiga de Tiana, na animação de Walt Disney Studios (2009), A *Princesa e* o *Sapo*.

[28] **Catedral:** o Estádio da Luz ou Estádio do Sport Lisboa e Benfica (nome oficial) é um estádio de futebol localizado na freguesia de São Domingos de Benfica, cidade de Lisboa, em Portugal. O estádio é também conhecido pelos benfiquistas como "A Catedral".

[29] **Dragão:** o Estádio do Dragão é um estádio de futebol, localizado na freguesia de Campanhã, cidade do Porto, propriedade do FC Porto, sendo neste recinto que a equipe de futebol joga as suas partidas em casa.

[30] **Águia:** a Águia Vitória é a mascote do Sport Lisboa e Benfica.

[31] **Dragão:** Draco e Viena são os dragões mascotes do time Futebol Clube do Porto.

*[32]* **Capiche:** gíria que vem do italiano "capisce", que significa "entendo".